

ELEANOR CATTON

OS LUMINARES

LIVRO VENCEDOR DO MAN BOOKER PRIZE 2013

BIBLIOTECA AZUL

Eleanor Catton

Os Luminares

Tradução
Fábio Bonillo



BIBLIOTECA AZUL

Copyrigth © Eleanor Catton, 2013
Copyrigth da tradução ©2014 Editora Globo S. A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *The Luminaires*

Editor responsável: Ana Lima Cecilio
Editor assistente: Erika Nogueira Vieira
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Preparação: Mariana Delfini
Revisão: Vanessa Carneiro Rodrigues
Projeto gráfico de miolo e diagramação: Jussara Fino
Capa: Luciana Facchini
Imagens da capa: Jay M. Pasachoff/ Science Faction / Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C36L

Catton, Eleanor, 1985-
Os Luminares / Eleanor Catton ; tradução Fábio Bonillo. - 1. ed. - São Paulo : Biblioteca Azul, 2014.

Tradução de: The Luminaries
ISBN 978-85-250-5760-0

1. Ficção neozelandesa. I. Bonillo, Fábio. II. Título.

14-13271 CDD: 828.99333
CDU: 821.111(931)-3

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 — 05346-902 — São Paulo / SP
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Nota ao leitor
Mapa
Quadro de personagens
PARTE UM - Uma esfera dentro de outra esfera
- Mercúrio em Sagitário
- Júpiter em Sagitário
- Marte em Sagitário
- Saturno em Libra
- A meia-noite desponta em Escorpião
- Lua em Touro, crescente
- Sol em Capricórnio
- Medium coeli
- Nó verdadeiro em Virgem
- Vênus em Capricórnio
- Conjunções
- Mercúrio em Sagitário

PARTE DOIS - Augúrios
- Eclíptico
- Áries na terceira casa
- Júpiter em Sagitário
- Mercúrio em Capricórnio
- O mal menor
- Sol em Aquário
- Saturno em Libra
- Marte em Capricórnio
- Terra cardinal
- Um mês sem lua
- Vênus em Aquário

PARTE TRÊS - A casa da autodestruição

- Mercúrio em Aquário
- Sol em Peixes
- Saturno em Virgem
- Vênus em Peixes
- Júpiter em Capricórnio
- Lua crescente em Áries
- Marte em Aquário
- Nga Potiki a Rehua
- O mal maior
- Equinócio

PARTE QUATRO - Paenga-wha-wha
- Mapa 2
- Primeiro ponto em Áries
- Mercúrio em Peixes; Saturno em conjunção com a Lua
- Vênus é uma estrela matutina
- Exaltado em Áries
- A Casa dos Muitos Desejos
- Cruzeiro do Sul
- Combustão
- Mercúrio se põe
- Sol e Lua em conjunção (Lua Nova)

PARTE CINCO - Fardo e ganância
- Prata
- Ouro
- Cobre
- Wu Xing
- Ferro
- Estanho
- Alcatrão
- Contrapesos

PARTE SEIS - A viúva e os lutos
- Terra fixa
- Marte em Câncer
- Te-Ra-o-Tainui
- Decência acidental
- Áries regido por Marte
- Sol em Gêmeos

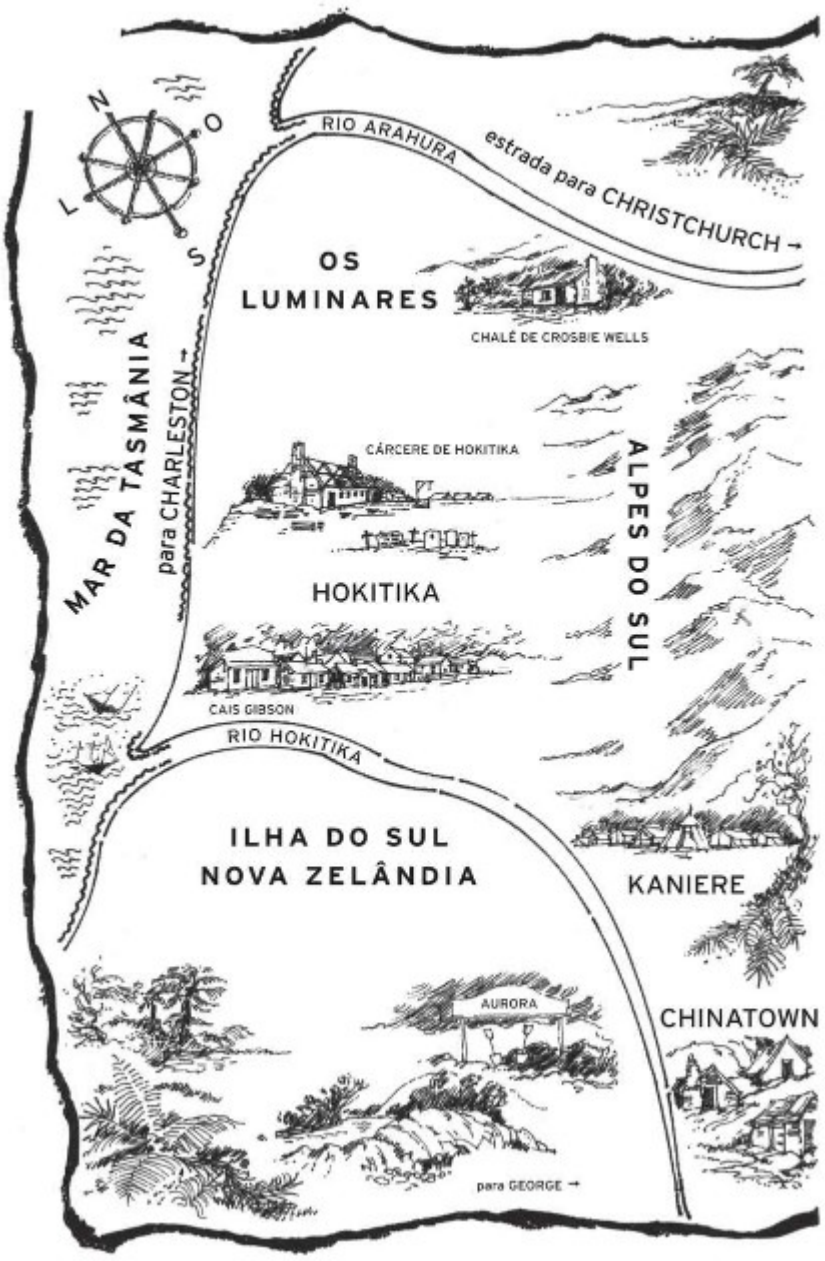
Escorpião regido por Marte
PARTE SETE - Domicílio
Câncer e Lua
O Sol de Leão
Aquário e Saturno
A longa regência de Júpiter
Decência inerente
O ascendente
PARTE OITO - A verdade sobre a Aurora
Saturno em Virgem
Júpiter em Sagitário
Lua nova em Leão
Sol em Leão
Outro tipo de alvorecer
PARTE NOVE - Terra mutável
Lua crescente em Virgem
Sol em Virgem
Um eclipse parcial do Sol
Papa-tu-a-nuku
PARTE DEZ - Questões de sucessão
Prejuízo
Queda
O descendente
PARTE ONZE - Órion se põe quando Escorpião ascende
Lua em Touro (domínio de Órion)
Sol em Escorpião
PARTE DOZE - A velha Lua nos braços da jovem Lua
Os luminares
Agradecimentos
Notas

Para Pop, que vê as estrelas
e Jude, que ouve sua música

Nota ao leitor

As posições estelares e planetárias mencionadas neste livro foram astronomicamente determinadas. Isso significa estarmos cientes do fenômeno celestial conhecido como *precessão*, o qual levou o equinócio vernal, o equivalente astrológico do meridiano de Greenwich, a mudar de posição. O equinócio da primavera (do outono, nos países do Hemisfério Sul) antes ocorria quando o Sol se encontrava na constelação de Áries, o primeiro signo. Ele agora ocorre quando o Sol está em Peixes, o décimo segundo signo. Por conseguinte, e como irão notar os leitores deste livro, cada signo zodiacal "começa" cerca de um mês depois do que as fontes populares costumam dizer que eles começam. Essa correção não tem o menor intuito de desmerecer as fontes populares. Observamos, no entanto, que o erro supracitado contradiz a realidade material de nosso firmamento durante o século xix, e nos atrevemos a conjecturar que essa convicção possa ser chamada de pisciana em sua qualidade — emblemática, de fato, como as pessoas nascidas durante a Era de Peixes, uma era de espelhos, tenacidade, instinto, fraternidade e coisas ocultas. Essa noção nos satisfaz. Ela afirma ainda nossa profunda crença na notória influência exercida por esse

céu infinito.


N
O
L
S
RIO ARAHURA
estrada para CHRISTCHURCH →
OS
LUMINARES
CHALÉ DE CROSBIE WELLS
MAR DA TASMÂNIA
para CHARLESTON →
CÁRCERE DE HOKITIKA
ALPES DO SUL
HOKITIKA
CAIS GIBSON
RIO HOKITIKA
ILHA DO SUL
NOVA ZELÂNDIA
KANIERE
AURORA
CHINATOWN
para GEORGE →

Quadro de personagens

ESTELAR:

Te Rau Tauwhare, *um caçador de jade.*
Charlie Frost, *um bancário.*
Benjamin Löwenthal, *um jornalista.*
Edgar Clinch, *um hoteleiro.*
Dick Mannering*, um magnata dos garimpos de ouro.*
Quee Long*, um ourives.*
Harald Nilssen, *um negociante comissionado.*
Joseph Pritchard, *um boticário.*
Thomas Balfour, *um agente portuário.*
Aubert Gascoigne, *um funcionário da Justiça.*
Sook Yongsheng, *um faiscador.*
Cowell Devlin, *um capelão.*

CASAS RELACIONADAS:

Chalé Wells (vale do Arahura)
Banco Central (rua Revell)
Escritório do jornal *The West Coast Times* (rua Weld)
Hotel Gridiron (rua Revell)
Jazida Aurora (Kaniere)
“Oficina Chinatown” (Kaniere)
Nilssen & Cia. (cais Gibson)
Antro de ópio (Kaniere)
Godspeed (reg. Port Chalmers) (uma barca)
Tribunal de Hokitika (Corte dos Magistrados)
The Wayfarer’s Fortune (rua Revell)
Cárcere de Hokitika (Seaview)

PLANETÁRIO

Walter Moody
Lydia (Wells) Carver, *née* Greenway

Francis Carver
Alistair Lauderback
George Shepard
Anna Wetherell
Emery Staines

I NFLUÊNCIA:

Razão
Desejo
Força
Comando
Reserva
Externa (ex-interna)
Interna (ex-externa)

TERRA FIRMA:

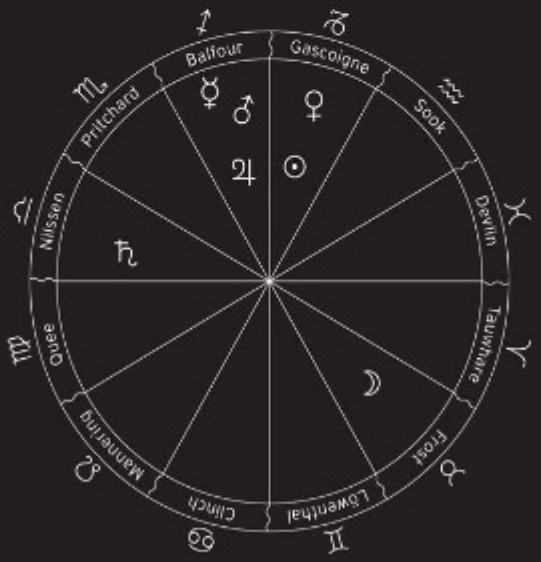
Crosbie Wells (falecido)

PARTE UM

UMA ESFERA DENTRO DE OUTRA ESFERA

27 DE JANEIRO DE 1866

42° 43' 0" S / 170° 58' 0" L



Mercúrio em Sagitário

Em que um estranho chega a Hokitika; um conselho secreto é perturbado; Walter Moody esconde sua memória mais recente; e Thomas Balfour começa a contar uma história.

Os doze homens reunidos no salão de fumantes do Crown Hotel davam a impressão de terem se encontrado ali por acaso. Pela diversidade de suas roupas e comportamentos — túnicas, fraques, casacos Norfolk com botões de chifre de boi, gabardinas amarelas, cambraia e brim —, eles poderiam ser tomados por doze estranhos em um comboio de trem, cada qual rumando a um destino de uma cidade imersa em névoa e marés suficientes para separá-los; de fato, o isolamento estudado com que cada um daqueles homens se debruçava sobre seu jornal, se inclinava para bater as cinzas na lareira ou apoiava as mãos sobre a baeta para dar sua tacada no bilhar, contribuía para formar aquele clima de silêncio físico que domina, tarde da noite, uma ferrovia pública — silêncio cá amortecido não pelo rumor e pelo baque dos vagões, mas pelo robusto retinir da chuva.

Tal foi a percepção do sr. Walter Moody, parado junto à soleira, com a mão apoiada na moldura da porta. Não lhe ocorreu que ele poderia estar perturbando uma conferência privada e que os homens ali reunidos se tivessem calado assim que ouviram seus passos pelo corredor; quando ele abriu a porta, cada um dos doze homens havia retomado suas atividades (de maneira assaz atropelada de parte dos jogadores de bilhar, pois estes haviam esquecido suas posições) com tamanha demonstração de absorção que ninguém sequer olhou por cima dos ombros quando Moody adentrou na sala.

O rigor e a constância com que todos aqueles homens o ignoraram despertariam a curiosidade do sr. Moody caso ele estivesse mesmo ali, de corpo e alma. Como ora se encontrava, ele estava enjoado e perturbado. Ele sabia que a viagem para West

Canterbury seria, na pior das hipóteses, fatal, um eterno rolar pela água e pela espuma branca que terminaria no cemitério destruído do banco de areia de Hokitika, mas ele não tinha se preparado para os horrores peculiares daquela jornada e encontrava-se ainda incapaz de falar sobre eles até consigo mesmo. Moody era por natureza intolerante à qualquer eventual deficiência em sua própria pessoa — o medo e a doença o fizeram introverter-se —, e era por essa razão que ele falhou atipicamente em captar o clima daquela sala em que acabara de adentrar.

Moody tinha uma expressão natural de atenção e presteza. Seus olhos acinzentados eram grandes e quase não piscavam, e sua boca, elástica e masculina, sempre se fixava em uma elegante expressão de preocupação. Seus cabelos tendiam para um encaracolado bastante cerrado; os cachos lhe caíam pelos ombros, na juventude, mas agora ele os cortava bem rente ao crânio, partia-os ao meio e penteava-os, lisos, com uma pomada de aroma adocicado que tostava naturalmente os fios até um tom amarronzado e oleoso. Sua testa e bochechas eram quadradas, o nariz era reto, e a cútis, suave. Ele nem bem tinha vinte e oito anos, ainda era ágil e preciso em seus movimentos e detinha aquele tipo de vigor brejeiro e imaculado que não transmite ingenuidade nem malícia. Ele apresentava-se à maneira de um mordomo, com discrição e raciocínio rápido, e por conseguinte conquistava a confiança dos menos volúveis dos homens e era constantemente convidado a intermediar relações entre pessoas que mal havia conhecido. Tinha, em suma, uma aparência que denunciava muito pouco de sua essência, mas uma aparência que imediatamente atraía a confiança dos demais.

Moody não era nada indiferente às vantagens que sua inescrutável graça lhe proporcionava. Assim como a maioria das pessoas sobejamente bonitas, ele passava longas horas estudando a própria imagem no espelho, e de certa forma conhecia melhor o seu exterior que seu mundo interior; encontrava-se sempre em algum compartimento de sua mente, dedicando-se a pensar na sua aparência. Ele passara muitas horas em seu quarto, onde o espelho triplicava sua imagem, mostrando seu corpo ao mesmo tempo de frente, de perfil e de meio perfil: um Carlos i retratado no quadro de

Van Dyck, embora muito mais atraente. Essa era uma prática íntima, que ele provavelmente negaria manter — pois quão severamente condenada pelos profetas morais de nossa época é a autoanálise! Como se a personalidade nada tivesse a ver com a essência, e ele apenas se olhasse no espelho para confirmar a própria arrogância; como se o ato de examinar a própria aparência não fosse tão sutil, pleno e em constante mudança quanto qualquer vínculo entre almas gêmeas. Em seu deslumbramento, Moody procurava antes dominar a própria beleza que elogiá-la. Decerto, toda vez que via seu próprio reflexo numa janela ou numa vitrine após o anoitecer, ele sofria um arrepio de satisfação — mas uma satisfação comparável à do engenheiro quando examina uma obra que ele mesmo criou e constata que ela é esplêndida, brilhante, bem-conservada e que funciona exatamente como ele previa.

Ele podia ver a si mesmo nesse momento, escorado na soleira da porta do salão de fumantes, e ele sabia que a imagem que talhara para si era a da perfeita impassividade. Quase tremia de tanta fadiga; o terror que sentia pesava em seu corpo como se estivesse sendo acossado; estava completamente apavorado. Examinou o quarto com um elegante ar de indiferença, embora respeitoso. Aquela sala parecia um lugar reconstruído pela memória depois de um longo tempo, quando muito já havia sido esquecido (atiçadores de fogo, cortinas, uma moldura adequada para cercar a lareira), mas pequenos detalhes persistiam: o retrato do falecido príncipe consorte, por exemplo, recortado de um periódico e afixado com tachas na parede que fronteava o jardim; a costura no centro da mesa de bilhar, que fora partida ao meio, nas docas de Sydney, para que melhor sobrevivesse à travessia; a pilha de grandes jornais velhos em cima da escrivaninha, com suas páginas adelgaçadas e manchadas pelo toque de muitas mãos. A vista através das duas pequenas janelas que ladeavam a lareira dava para o pátio dos fundos do hotel, um lote alagadiço, repleto de caixas e tambores enferrujados, apenas separado dos terrenos vizinhos por trechos de arbustos e samambaias baixas, e, ao norte, por uma fileira de poedouros cujas portas estavam acorrentadas para evitar roubos. Para além dessa periferia imprecisa, avistavam-se varais balançando ao vento por trás das casas que ficavam a um bloco de

distância do lado leste, feixes de ripas de madeira bruta, chiqueiros, pilhas de sucata e ferro-velho, berços quebrados e calhas — tudo abandonado ou exigindo algum conserto. O relógio havia parado naquela hora em que o crepúsculo chega ao fim e todas as cores parecem subitamente perder sua vivacidade, e chovia forte; pelo vidro texturizado entrevia-se o quintal desbotado e esmaecido. Dentro do hotel, os candeeiros não haviam ainda sucedido à oceânica luz do dia que se dissipava, e sua palidez parecia acentuar a melancolia geral da decoração do aposento.

Para um homem acostumado ao seu clube em Edimburgo — onde tudo possuía tons calorosos de vermelho e dourado, e os sofás cravejados brilhavam com uma fartura que refletia a circunferência dos senhores que neles se sentavam; onde as pessoas recebiam, na entrada, um paletó que cheirava agradavelmente a anis ou a menta, e bastava levantar o dedo em direção ao sino para uma garrafa de vinho clarete se materializar em uma bandeja de prata —, o panorama era bastante brutal. Mas Moody não era o tipo de homem que se deixava abater pelos padrões ofensivos daquele lugar: a simplicidade grosseira do local fez com que ele recuasse apenas por dentro, como um homem rico que se afasta rapidamente para o lado e mantém uma expressão vítrea quando confrontado por um mendigo na rua. A expressão compassiva não saiu de seu rosto enquanto ele examinava o local, mas, por dentro, cada novo detalhe — os restos de cera sujos acumulados sob aquela vela, o montinho de poeira em torno desse vidro — o fazia se voltar ainda mais para dentro de si, enrijecendo seu corpo mais e mais diante de tal cena.

Esse recuo, embora inconscientemente desempenhado, se devia menos aos preconceitos comuns que acompanham os muito ricos — na verdade, Moody era apenas modestamente abastado e frequentemente dava esmola aos indigentes, embora (é preciso reconhecer) esse gesto viesse acompanhado de pequenas ondas de orgulho de sua própria generosidade — do que ao desequilíbrio pessoal contra o qual esse homem vinha lutando invisivelmente então. Afinal, essa era uma cidade de ouro recém-construída entre a selva e arrebentação na fronteira meridional do mundo civilizado, e ele não esperava nenhum tipo de luxo.

A verdade é que, há menos de seis horas, a bordo da barca que o levara de Port Chalmers à parte selvagem da costa, Moody testemunhou um evento tão extraordinário e impactante que colocava qualquer outra realidade sob suspeita. A cena permanecia em sua cabeça — como se uma porta tivesse sido aberta ruidosamente em sua mente e exibido uma área iluminada de tal forma que ele já não conseguisse querer de volta a escuridão. Ele teve que se esforçar muito para que essa porta não se abrisse ainda mais. Na condição de fragilidade em que se encontrava, qualquer heterodoxia ou inconveniência parecia uma afronta pessoal. Para ele, era como se aquela cena sinistra diante de seus olhos fosse um eco das provações pelas quais passara há pouco, tendo portanto recuado para evitar que sua própria mente fizesse essa conexão e voltasse ao passado. O desdém foi-lhe útil. Deu-lhe uma percepção constante de proporção, uma legitimidade à qual ele poderia sempre recorrer e sentir-se seguro.

Ele classificou o cômodo como desafortunado, pobre, enfadonho — e assim, com sua mente já fortificada contra a decoração, voltou-se aos doze presentes. Um panteão às avessas, pensou amargamente, e mais uma vez sentiu-se um pouco mais estável por ter cunhado tal pensamento espirituoso.

Os homens eram todos bronzeados e resistentes, como verdadeiros exploradores de uma terra nova, seus lábios, rachados e esbranquiçados, seu porte, testemunho da privação e perda. Dois deles eram chineses e se vestiam de forma idêntica, calçados com alpargatas e de túnicas de algodão cinza; atrás deles estava um nativo maori, o rosto tatuado com espirais metade azuis, metade verdes. Moody não conseguiu adivinhar a procedência dos outros homens. Ele ainda não conseguia entender como as escavações podiam envelhecer um homem em questão de meses. Olhando ao redor da sala, pensou ser o mais jovem do grupo, quando na verdade vários ali provavam-se ainda mais novos ou coetâneos. O brilho da juventude já lhes tinha sido varrido. Eles seriam para sempre intratáveis, inquietos, arrebatados, com o corpo esbranquiçado, tossindo poeira nas linhas amarronzadas de suas mãos. Moody achou-os abrutalhados, até exóticos demais; achou-os homens sem nenhuma ascendência; não se perguntou por que

estavam tão quietos. Ele só queria um brandy e um lugar para se sentar e fechar os olhos.

Permaneceu à porta por um momento depois de entrar no aposento, esperando ser notado. Quando viu que ninguém faria um gesto de boas-vindas ou de rejeição, deu um novo passo adiante e fechou a porta suavemente atrás de si. Fez uma vaga reverência em direção à janela, em seguida outra reverência em direção à lareira, julgando-as suficientes como forma de apresentação, depois encaminhou-se até o aparador e ocupou-se em preparar um drinque nos decantadores que estavam ali para essa finalidade. Escolheu um charuto e cortou-o; colocando-o entre os dentes, voltou os olhos para a sala e examinou os rostos ali presentes mais uma vez. Ninguém parecia remotamente afetado por sua presença. Isso lhe convinha. Sentou-se na única cadeira disponível, acendeu seu charuto e se acomodou com o suspiro íntimo de um homem que sente, pela primeira vez, seu conforto diário ser bastante merecido.

Seu contentamento foi breve. Bastou esticar as pernas e cruzar os tornozelos (o sal em sua calça havia secado, quase que provocantemente, em ondas de branco) e o homem exatamente à sua direita curvou-se um pouco para a frente na cadeira, espicaçou o ar com o toco do charuto e disse:

— Ouça, está a negócios aqui no Crown?

Isso foi dito abruptamente, mas a expressão de Moody não registrou-o assim. Reverenciou-o com polidez e esclareceu que, de fato, havia reservado um quarto no andar acima, e que acabara de chegar à cidade naquela mesma noite.

— Acabou de pular do barco, então?

Moody curvou-se novamente, e sim, era exatamente isso que ele dissera. A fim de que o sujeito não lhe julgasse ríspido, acrescentou que vinha de Port Chalmers, com a intenção de tentar a vida no garimpo de ouro.

— Muito bom — disse o homem. — Muito bom mesmo. A novidade está na praia, ela está repleta do que procura. Areias negras: é exatamente isso o que você vai ouvir; as areias negras a caminho de Charleston. Fica bem a norte daqui, é claro, Charleston. Ainda que os negócios no desfiladeiro sejam mais garantidos… Trouxe um amigo ou veio só?

— Apenas eu — disse Moody.

— Sem associações! — disse o homem.

— Bem — disse Moody, surpreso de novo com seu próprio fraseado —, pretendo fazer minha própria fortuna, apenas.

— Sem associações — repetiu o outro. — E nenhum negócio; não veio fazer nenhum negócio aqui no Crown?

Isso foi impertinente — pedir a mesma informação duas vezes —, mas o homem parecia cordial, distraído até, e ficava dedilhando as lapelas de seu colete. Talvez, pensou Moody, ele só não esteja sendo claro o suficiente. Ele disse:

— Meu negócio aqui neste hotel é apenas descansar. Nos próximos dias vou começar minhas investigações sobre as escavações, saber que rios estão dando lucro, que vales estão secos e tentar me familiarizar com essa vida de mineiro, do jeito que é. Pretendo me hospedar aqui no Crown por uma semana e, depois disso, avançar rumo ao interior.

— Você nunca escavou antes, portanto.

— Não, senhor.

— Nem nunca viu a preciosidade?

— Apenas na joalheria, num relógio ou na fivela dum cinto; puro, nunca.

— Mas suponho que já tenha sonhado com isso, com o puro! Sonhou, sim, ajoelhado na água, peneirando o metal do cascalho!

— Bem, acho… acho que não, não exatamente — disse Moody. O estilo expansivo da fala desse homem lhe parecia muito peculiar: apesar de sua aparente distração, falava com veemência, com uma energia tal, que era quase inconveniente. Moody olhou ao seu redor, esperando trocar um olhar de simpatia com algum dos outros por ali, mas não encontrou os olhos de ninguém. Ele tossiu e completou:

— Suponho que eu já tenha sonhado com o que vem depois, ou seja, até onde o ouro pode levar, no que pode se transformar.

O homem pareceu deleitar-se com essa resposta.

— Alquimia inversa, é assim que o chamo — disse ele —, o negócio todo, por assim dizer, a prospecção. Alquimia inversa. Veja você, a transformação não *em* ouro, mas *do* ouro…

— Eis um bom conceito, senhor — e refletiu, somente mais tarde, de que esta era a exata noção de sua própria fantasia de um

panteão às avessas.

— E suas investigações todas — disse o homem, assentindo vigorosamente —, suas investigações, você irá consultar as pessoas, creio eu, sobre pás, caixas de eclusa e mapas e tudo o mais.

— Precisamente. Pretendo fazer a coisa direito.

O outro homem se acomodou de novo em sua poltrona, evidentemente divertindo-se.

— Uma semana no Crown Hotel, apenas para sair perguntando por aí! — Ele soltou uma pequena risada. — E depois mais duas semanas com os pés na lama, para concretizar o negócio!

Moody cruzou novamente os tornozelos. Não estava disposto naquele momento a retribuir toda a energia daquele homem, mas fora educado com rigidez demais para sequer cogitar uma indelicadeza. Poderia simplesmente ter-se desculpado por seu embaraço e alegado algum tipo de mal-estar — o homem parecia suficientemente simpático, mexendo os dedos para lá e para cá, sua crescente risada gorgolejante —, porém Moody não tinha o hábito de falar tão candidamente assim com estranhos, e menos ainda de confessar qualquer indisposição a outro homem. Recompôs-se por dentro e, num tom de voz bastante claro, disse:

— E quanto a você, senhor? Bem estabelecido por aqui, suponho…

— Oh, sem dúvida — respondeu o outro. — Balfour Remessas, você vai nos ver, logo depois do estábulo, localização privilegiada, rua Wharf. Balfour, esse é meu nome. Thomas é o meu de batismo. Você vai precisar de um nome desses nas jazidas: nenhum homem se refere como “senhor” no desfiladeiro.

— Então devo começar a praticar o meu — disse Moody. — É Walter. Walter Moody.

— Sim, e eles vão te chamar de tudo, menos de Walter, aqui — disse Balfour, batendo seus joelhos. — Walt, o Escocês, talvez. Walt Duas-Mãos, também. Walt Pepita. Rá!

— É um nome assim que precisarei fazer por merecer.

Balfour riu.

— Não é caso de merecimento — disse ele. — Alguns nomes são enormes, tão grandes quanto a pistola de uma senhorita,

algumas que eu já vi. Tão grandes quanto, mas lhe digo uma coisa: grandes, mas não tão difíceis de botar as mãos.

Thomas Balfour beirava os cinquenta anos, tinha corpo compacto e robusto. Seus cabelos já estavam parcialmente brancos, penteados para trás a partir da testa, e lhe cobriam as orelhas. Tinha uma barba comprida, pontuda, que servia para ser cofiada de cima para baixo sempre que ele ria — acabara de fazê-lo agora, em apreciação à própria pilhéria. Sua prosperidade caía-lhe muito bem, pensou Moody, reconhecendo no homem aquele descontraído senso de arrogar-se certos direitos, conquistado por anos de um otimismo ratificado por sucessos evidentes. Ele estava em camisa de mangas longas; sua gravata, embora fosse de seda e bem-acabada, estava respingada de molho e já afrouxando no pescoço. Moody tomou-o por um libertário — inofensivo, renegado em espírito e alegremente efusivo.

— Estou em dívida com você, senhor — disse ele. — Este é o primeiro de muitos detalhes dos quais sou completamente ignorante, garanto-o. Decerto cometeria o erro de usar meu sobrenome no desfiladeiro.

Era verdade que sua concepção das escavações da Nova Zelândia era extremamente imprecisa, formada principalmente a partir de esboços de minas de ouro da Califórnia — choupanas, vales profundos e planos, vagões na areia — e de uma fraca percepção (ele não lhe conhecia a origem) de que a colônia era uma espécie de sombra das Ilhas Britânicas, o informe e selvagem anverso da base e do coração do Império. Ficou surpreso, ao percorrer os topos da península de Otago duas semanas antes, por se deparar com verdadeiras mansões espalhadas pelas colinas, cais, ruas, jardins planejados — e mais surpreso ainda, agora, ao notar um cavalheiro muito bem-vestido passando seus fósforos a um chinês e então se curvando para recuperar seu copo.

Moody era par de Cambridge, nascido em Edimburgo e herdeiro de uma modesta fortuna de uma família de três pessoas. Os círculos sociais que costumava percorrer, em Trinity e depois no Inner Temple, nos últimos anos, não tinham esse aspecto rígido do pariato, no qual a história e o contexto de uma pessoa diferem da outra apenas em grau; não obstante, sua formação fizera-o bastante

insular, uma vez que lhe tinha ensinado que a maneira correta de entender qualquer sistema social era vê-lo de cima. Com seus companheiros de faculdade (todos usando capas e embriagados de tanto vinho do Reno) ele defenderia a união de classes com toda a agonia e vitalidade dos jovens, mas se surpreendendo sempre que a deparava na prática. Ele não sabia ainda que uma mina de ouro era um local repleto de imundície e riscos, onde cada camarada era estrangeiro ao outro, e estrangeiro também àquele solo; onde a caixa de eclusa de um vendeiro podia estar repleta da preciosidade, enquanto a de um advogado podia estar vazia; onde não havia distinções. Moody era quase vinte anos mais novo que Balfour, e por isso lhe falou com deferência, mas ele tinha consciência de que Balfour era um homem menos culto e também da estranha miscelânea de pessoas a seu redor, cujas condições e origens não teria sequer como supor. Sua educação tinha, portanto, uma natureza um pouco desajeitada, assim como um homem que não costuma falar muito com crianças fica sem saber o que é apropriado dizer ou não a elas, tentando então controlar-se, manter-se em sua rigidez, por mais que deseje ser agradável.

Thomas Balfour sentiu essa condescendência e, por isso, ficou lisonjeado. Tinha repulsa a homens que falavam, como ele mesmo dizia, “bem até demais”, e adorava provocá-los — não até às raias da raiva, a qual o entediava, mas à vulgaridade. Ele encarava a rigidez de Moody como um colar elegante, inteiramente aristocrático, confeccionado especialmente para quem o vestisse — ele julgava como ornamentos inúteis todas as convenções de uma sociedade educada —, e divertia-o o fato de que o refinamento do outro o deixasse tão pouco à vontade.

Balfour era de fato um homem de origens humildes, como Moody supusera. Seu pai havia trabalhado em uma selaria em Kent, e ele poderia ter seguido esse mesmo curso caso um incêndio não lhe tivesse tirado tanto o pai quanto o estábulo, quando tinha onze anos — mas ele era um garoto inquieto, pronto para briga e com uma impaciência que traía sua expressão habitual, onírica e desatenta, e aquele ofício obstinado não seria para ele. De todo modo, um cavalo não pode competir com um carro, como sempre gostava de dizer, e aquele ofício não resistiria ao rebuliço dos

tempos modernos. Balfour muito se gabava de se sentir sempre na vanguarda de uma era. Quando falava do passado, era como se cada década anterior àquele ano fosse uma vela fraca demais que queimou e se consumiu. Ele não sentia nenhum tipo de nostalgia por qualquer detalhe de sua infância — as bebidas escuras daqueles tonéis curtidos pelo tempo, os cavaletes com as peles, a bolsa de couro de bezerro onde seu pai guardava suas agulhas e seu furador — e quase nunca se lembrava deles, exceto quando os comparava aos novos ofícios. Minério: eis onde estava o dinheiro. Minas de carvão, siderurgia e ouro.

Ele começou com vidraçaria. Depois de anos como aprendiz, montou sua própria oficina, uma modesta fábrica que mais tarde venderia para comprar sua parte em uma mina de carvão, que, com o tempo, expandiu-se em uma rede de várias outras, revendidas a investidores em Londres por uma ótima quantia. Ele nunca se casou. Em seu trigésimo aniversário, comprou uma passagem só de ida em um veleiro para Veracruz, a primeira parte de uma jornada que duraria nove meses e que o levaria até as minas de ouro da Califórnia. O lustro da vida de mineiro logo perdeu o encanto, mas não o perderam a esperança e a corrida incansável pelos garimpos; com seu primeiro ouro, comprou ações em um banco, construiu três hotéis em quatro anos e prosperou. Quando a Califórnia se esgotou, vendeu tudo e partiu para Victoria — um novo investimento, uma nova terra inexplorada —, e então, ouvindo novamente o chamado que corria pelo oceano tal qual o som de uma flauta de faz de conta numa rara brisa, foi até a Nova Zelândia.

Durante seus dezesseis anos na crueza dos garimpos, Thomas Balfour encontrou muitos homens como Walter Moody, e foi graças a seu temperamento ao longo de todo esse tempo que guardou uma profunda afeição e respeito pelo estado virginal desses homens ainda não testados pela experiência, ainda sem provações. Balfour era simpático a qualquer tipo de ambição e heterodoxo, como um *self-made man*, na generosidade de seu espírito. Empreender o agradava; o desejo o agradava. Estava disposto a gostar de Moody somente porque o outro homem seguia um objetivo sobre o qual evidentemente sabia muito pouco e do qual devia esperar grande retorno.

Nesta noite em particular, contudo, Balfour tinha compromissos. A entrada de Moody fora como uma surpresa para aqueles doze homens ali reunidos, que haviam tomado consideráveis precauções para garantir que não fossem perturbados. O salão principal do Crown Hotel estava fechado naquela noite para um evento privado, e um garoto havia sido colocado debaixo do toldo para vigiar a rua, evitando que qualquer um tentasse entrar para beber ali — o que era improvável, já que o salão de fumantes do Crown não era muito célebre por sua sociedade ou por seu charme, e de fato quase sempre vivia vazio, mesmo aos fins de semana, quando os mineiros desabavam em massa das colinas para gastar seu pó em bebida nas vendas da cidade. O garoto de plantão era um empregado de Mannering e tinha consigo uma boa quantidade de entradas para distribuir. A performance — *Sensações do Oriente!* — era uma peça nova, garantia de satisfação geral, e havia caixas de champanhe prontas no foyer da ópera, cortesia do próprio Mannering, em honra da noite de estreia. Com esses desvios todos, e crentes de que nenhum bote arriscaria ancorar-se nesta noite tão lúgubre de um dia tão inclemente (as chegadas previstas nas páginas do *West Coast Times* já tinham sido computadas, naquela altura), aquele grupo reunido não pensou que fosse contar com um estrangeiro acidental que teria chegado ao hotel cerca de meia hora antes do cair da noite, e que já estivesse lá dentro do edifício no momento em que o garoto de Mannering tomou o posto debaixo do toldo gotejante defronte à rua.

Walter Moody, apesar de seu semblante tranquilo, e apesar de certo distanciamento cortês com que se controlava, era, não obstante, um intruso. Os homens ali estavam sem entender como persuadi-lo a deixar o local sem parecer que ele o havia *invadido*, assim expondo a natureza subversiva de sua assembleia. Thomas Balfour tinha assumido a tarefa de examiná-lo apenas pelo mero acaso de estar a pouca distância, próximo à lareira — uma feliz conjunção, pois Balfour era tenaz, com toda a sua turbulência e sua rapsódia, e deveras acostumado a reverter qualquer cenário a seu favor.

— Sim, é verdade — disse ele agora —, costuma-se aprender esses costumes imediatamente, e todos têm que começar de onde

você está, um aprendiz, quero dizer; alguém que ainda não sabe nada. O que então plantou-lhe esta semente, se me permite a pergunta? Isso é de meu interesse pessoal, saber o que traz um camarada para esses lados, você sabe, a este fim de mundo, saber o que lampeja um homem.

Moody deu uma baforada em seu charuto antes de responder.

— Meu objetivo é bem complicado — disse ele. — Uma questão de família, dolorosa de relatar, que explica que eu tenha seguido esse caminho todo sozinho.

— Oh, mas nisso você *não* está sozinho — disse Balfour alegremente. — Todo garoto novo aqui está fugindo de algo, esteja certo disso!

— De fato — disse Moody, considerando a perspectiva alarmante do que acabara de ouvir.

— Todo mundo aqui vem de algum lugar — prosseguiu Balfour. — Sim: esta é a essência do negócio. Todos somos de algum lugar que não daqui. E quanto à família: você achará aqui entre nós irmãos e pais suficientes pelos desfiladeiros.

— O senhor está sendo muito gentil em me confortar.

Balfour sorria abertamente agora.

— Eis uma frase e tanto! — disse ele, balançando o charuto com tanta ênfase que espalhava as cinzas por seu colete. — *Conforto*! Se chama isto de conforto, vejo que é muito puritano, meu amigo.

Moody não conseguiu pensar em uma resposta apropriada a esse comentário, curvou-se de novo — e então, como que a repudiar qualquer implicação de puritanismo, virou o copo e ingeriu a bebida de um só gole. Do lado de fora, o vento interrompia as rajadas constantes da chuva e trazia uma camada de água contra as janelas a oeste. Balfour examinou, ainda a rir, o toco de seu charuto; Moody cravou-o entre os lábios, virou o rosto e refletiu melhor.

Foi então que um dos outros onze homens silenciosos levantou-se, dobrando seu jornal em quatro partes, e dirigiu-se ao canto da sala para pegar outro. Usava uma sobrecasaca preta sem colarinho e uma gravata branca — a roupa de um capelão, percebeu Moody, com certa surpresa. Isso era estranho. Por que um

clérigo escolheria ler as notícias no salão de fumantes de um hotel ordinário e tão tarde da noite de um sábado? E por que ele não falava absolutamente nada ao fazê-lo? Moody observava enquanto o reverendo remexia na pilha de jornais, rejeitando várias edições do *Colonist* em favor de uma do *Grey River Argus*, que ele retirou com um murmúrio de prazer, segurando-a a certa distância de seu corpo e inclinando-a, com consideração, em direção à luz. Afinal, raciocinou novamente Moody consigo mesmo, talvez não fosse tão estranho assim: a noite estava úmida, e as salas e as tavernas da cidade deviam estar lotadas. Talvez o clérigo tivesse sido obrigado, por alguma razão, a buscar refúgio temporário da chuva.

— Então você teve um entrevero com alguém — disse Balfour em seguida, como se Moody lhe houvesse prometido contar uma história empolgante e, depois, se esquecido de começá-la.

— Fiz parte de um entrevero — corrigiu-o Moody. — Quero dizer, de uma disputa que não principei.

— Com seu pai, suponho.

— É doloroso relatá-lo, senhor — Moody virou-se para o homem, desejando assim silenciá-lo com um olhar austero, mas Balfour respondeu inclinando-se ainda mais para frente, encorajado, pela gravidade da expressão de Moody, a crer que aquela história era ainda mais apetitosa aos ouvidos.

— Ora, vamos! — disse ele. — Tire o fardo das costas.

— Não se trata de aliviar um fardo, senhor Balfour.

— Meu amigo, eu nunca ouvi algo assim.

— Podemos mudar de assunto, por gentileza?

— Mas agora você me provocou! Chamou minha atenção! — Balfour sorria-lhe sem parar.

— Insisto que pare — disse Moody. Ele estava tentando manter um tom de voz baixo, protegendo a conversa de todo o resto da sala. — Insisto que respeite minha privacidade. E isso simplesmente porque não desejo causar má impressão ao senhor.

— Mas você é o injustiçado, você mesmo disse, a disputa, não foi você quem a começou.

— Exatamente.

— Pois então! Não há muito de privado *nisso*! — exclamou Balfour. — Não falo a verdade? Não é preciso ter tantas reservas

assim sobre os erros de outro camarada! Não é preciso sentir vergonha dos… feitos de outra pessoa! — Ele já falava muito alto.

— Você descreve a vergonha pessoal — disse Moody em voz baixa. — Eu me refiro à vergonha que cai sobre uma família. Não desejo manchar o nome do meu pai; o nome dele é também o meu nome.

— Seu pai! Mas o que eu acabei de lhe dizer? O senhor vai encontrar pais o suficiente no desfiladeiro, eu já lhe disse! Não é modo de falar: são os costumes e também a necessidade. É assim que as coisas são! Deixe-me contar-lhe o que é vergonha de verdade nos garimpos. Anunciar uma jazida falsa, *isto* sim. Reivindicar o que não é seu numa concessão de mineração, *isto* sim. Roubar um homem, enganá-lo, matá-lo, *isto* sim. Mas família? Diga-o aos pregoeiros, para que o anunciem para cima e para baixo na estrada de Hokitika. Eles vão se espantar com uma coisa dessas! Vergonha da família, quando não mais se possui uma família?

Balfour terminou sua exortação com uma pancadinha de seu copo vazio no braço de sua cadeira. Ele sorriu para Moody, abriu a palma de sua mão, como que assumindo que seu ponto havia sido tão persuasivamente colocado, que nem se faziam necessários novos desdobramentos, mas que mesmo assim gostaria de algum tipo de aprovação de sua contraparte. Moody deu uma sacudida automática de cabeça e respondeu, num tom que pela primeira vez traía a exaustão de seus nervos:

— O senhor fala de maneira muito persuasiva, de fato.

Balfour, ainda sorrindo, deixou de lado o elogio.

— A persuasão nada mais é do que truques e tramoias. Eu, no entanto, falo francamente.

— E lhe agradeço por isso.

— Sim, sim — disse Balfour agradavelmente. Ele parecia se deleitar muito consigo mesmo. — Mas agora você me contará mais de seu entrevero familiar, senhor Moody, para que eu possa julgar apropriadamente se o seu nome está, de fato, manchado.

— Perdão — murmurou Moody. Ele olhou ao redor, notando que o clérigo havia voltado ao seu assento e agora já estava completamente absorvido em seu jornal. O homem mais próximo a

ele, um tipo corado com um bigode imperial e cabelos ruivos, parecia tirar um cochilo.

Thomas Balfour não sairia dali dissuadido.

— Liberdade e segurança — exclamou ele, balançando os braços novamente. — Não é a isso que tudo se resume? Veja, já conheço esse argumento! Conheço a sua forma! Liberdade em favor de segurança, segurança em favor de liberdade… provisões para o pai, liberdade para o filho. É claro que o pai pode ser do tipo controlador, isso pode acontecer, e o filho pode ser um esbanjador… um pródigo… mas é sempre a mesma contenda, sempre. O mesmo acontece com os amantes — acrescentou ele, quando Moody não interveio. — É a mesma coisa com os enamorados, também: no fundo, sempre a mesma disputa.

Mas Moody já não o ouvia mais. Ele havia esquecido, por um instante, o rastro de cinzas em seu charuto e o brandy morno que se acumulava no fundo de seu copo. Ele havia esquecido que estava ali, no salão de fumantes de um hotel, em uma cidade construída não havia nem cinco anos, no fim do mundo. Seus pensamentos então deslizaram para aquele mesmo ponto: a gravata ensanguentada, a mão prateada e cerrada, o nome arquejado na escuridão, de novo e de novo, *Magdalena*, *Magdalena*, *Magdalena*. A cena voltava a ele em lampejos, involuntariamente, como uma sombra cruzando friamente a face do sol.

Moody havia partido de Port Chalmers a bordo da barca *Godspeed*, uma embarcação pequena e robusta com uma proa levemente inclinada e um acrostólio de carvalho — uma águia, em homenagem a são João. Em um mapa, a jornada adquiriria o formato de um grampo de cabelo: a barca seguiria primeiro ao norte, atravessaria o estreito entre os dois mares e então se voltaria novamente ao sul, às minas. A passagem de Moody lhe garantia um lugar estreito debaixo dos deques, mas o cheiro ali era tão forte que ele preferiu passar a maior parte da viagem do lado de fora e em cima, debruçado por sobre as amuradas com sua pequena valise de couro, já molhada, apertada firmemente contra o peito, e com sua gola voltada contra os esguichos d’água. Agachado, de costas para toda a vista, ele enxergava bem pouco do litoral — as arenosas planícies do leste, que por uma sutil inclinação davam lugar às mais

verdejantes altitudes, e às montanhas, azuis a distância, acima delas; mais ao norte, os virentes fiordes, em meio às águas calmas; a oeste, as trançadas correntes que se manchavam quando chegavam à praia, esculpindo fissuras na areia.

Quando a *Godspeed* deu a volta pela restinga norte e começou a passagem ao sul, o barômetro começou a baixar. Não estivesse Moody tão mal e abatido, teria ficado com medo e feito seus votos: o afogamento, como ouvira dos garotos nas docas, era a grande enfermidade da costa Oeste, e se ele podia pretender-se ou não um sujeito de sorte era uma questão que seria resolvida muito antes de ele chegar às minas de ouro, e muito antes de lá se ajoelhar para tocar as pedras com a ponta de sua bateia pela primeira vez. Havia tantos desaparecidos quantos havia desembarcados. O capitão da barca — Carver era o seu nome — já havia visto, a partir de seu tombadilho, tantos marinheiros labregos serem arrastados pelo mar, que um navio inteiro seria mais apropriadamente chamado de *cemitério errante* — alcunha a ser endossada com a mais grave solenidade e com os olhos arregalados.

A tempestade viera arrastada pelos ventos esverdeados. Nascera como um gosto amargo, de cobre, no céu da boca, uma dor metálica que se amplificava à medida que as nuvens escureciam e avançavam, e quando precipitavam, era com a mão firme de uma fúria insensível. Do deque tumultuado , observavam-se as luzes e as sombras se ricocheteando pelas velas que estalavam e se tensionavam contra o vento, e o medo vivo dos marinheiros enquanto lutavam para manter a barca em seu curso — era o ingrediente de um pesadelo, e Moody teve a impressão, digna de um pesadelo, conforme a embarcação se aproximava mais e mais das minas de ouro, de que algo havia atiçado aquela tempestade infernal por sobre ela.

Walter Moody não era supersticioso, ainda que se divertisse com as superstições das outras pessoas, e não era facilmente iludido pelas impressões, embora tomasse bastante cuidado ao formar as suas próprias. Isso, no entanto, se devia menos à sua inteligência do que à sua experiência — que, antes de sua partida rumo à Nova Zelândia, não poderia ser classificada de vasta nem de diversificada. Em toda sua vida, ele havia conhecido somente o tipo

de dúvida que pode ser chamada de calculada ou segura. Ele havia conhecido apenas a suspeita, o cinismo, a probabilidade — jamais o temeroso desenlace que surge quando se perde a confiança em seu próprio poder de confiança; jamais o pânico a que isso se segue; jamais o fastidioso vazio que vem depois de tudo. Dessas últimas classes de incerteza ele permaneceu, pelo menos até pouco tempo atrás, felizmente ignorante. Sua imaginação raras vezes divagava ao fantasioso e raras vezes teorizava, a não ser com um propósito prático em mente. Sua própria mortalidade guardava para ele apenas um fascínio intelectual, um lustro seco; e, não tendo religião alguma, ele não acreditava em fantasmas.

O relato completo do que de fato sucedeu durante essa última parte da viagem cabe somente a Moody e a ele deve ser reservado. Cremos ser suficiente dizer, nesta conjuntura, que havia oito passageiros a bordo da *Godspeed* quando ela saiu do porto de Dunedin e que, quando ela aportou na costa, havia nove. O nono não era um bebê, nascido em trânsito; nem era um passageiro clandestino; nem fora avistado pelo vigia do navio, boiando na água, agarrado a alguns destroços, trazido então a bordo. Mas dizer tudo isso é tirar de Moody sua própria história — e injustamente, pois ele ainda não era capaz de reconstituir aquela aparição nem mesmo em sua mente, que dirá construir uma narrativa para o deleite de terceiros.

Em Hokitika, chovia há duas semanas sem descanso. A primeira impressão que Moody teve da cidade foi a de uma mancha em movimento, que ia e vinha conforme o humor da neblina. Havia apenas um corredor bastante estreito de terra firme entre a costa e os repentinos alpes, golpeado pelas ondas intermináveis que viravam fumaça na areia; parecia ainda mais plano e mais contido em virtude das nuvens que cortavam as montanhas bem abaixo, pelos flancos, e que formavam um teto todo cinza por sobre os telhados acotovelados da cidade. O porto ficava mais ao sul, preso na foz torta de um rio, rico em ouro, que virava espuma quando encontrava a salina do mar. Aqui na costa era tudo turvo e estéril, mas rio acima a água ficava mais fresca e límpida, quase a brilhar. A foz do rio em si era calma, com um laguinho salpicado de mastros e chaminés de barcos a vapor aguardando um dia mais claro; e era

melhor permanecer assim do que correr o risco de dar com o banco de areia oculto debaixo d'água e que mudava a cada maré. O enorme número de embarcações naufragadas ali se espelhava como um testemunho infeliz dos riscos das profundezas. Havia aproximadamente trinta destroços no total, muitos deles ainda bastante recentes. Seus cascos estilhaçados forjavam uma estranha barricada que parecia fortificar, melancolicamente, a cidade contra o mar aberto.

O capitão da barca não ousou aportar até que o tempo melhorasse e, em vez disso, ordenou uma alvarenga para que transportasse os passageiros por entre aqueles recifes pontudos até a praia. Na alvarenga cabiam seis pessoas — conduzidas por um homem carôntico que não olhava para ninguém nem emitia palavra, enquanto os passageiros eram descidos, em cadeirinhas, da lateral arfante da *Godspeed*. Havia sido horrível apertar-se no pequeno bote e olhar, dali debaixo, todo o cordame do navio acima — que sombreava tudo conforme se movia, e quando o último da fila desceu e eles avançaram diretamente em mar aberto, Moody sentiu-lhe a leveza em sua pele. Os outros passageiros pareciam alegres. Berraram uns aos outros sobre o tempo e sobre quão esplêndido era avançar assim em uma tempestade. Indagaram sobre cada naufrágio por que passaram, procurando saber seus nomes; falaram dos garimpos e das fortunas que lá encontrariam. A alegria deles chegava a ser odiosa. Uma mulher estendeu contra o quadril de Moody um frasco de carbonato de amônio e disse: "Não espalhe, senão os outros vão querer também", mas Moody recusou a oferta. Ela não havia visto o que ele vira antes.

O aguaceiro parecia piorar quando a alvarenga chegou à costa. Os esguichos dos recifes traziam uma quantidade tão grande de água do mar pelos flancos, que Moody foi obrigado a ajudar a tripulação a escorar o bote, usando um balde de couro que lhe foi entregue por um homem sem nenhum dente na boca à exceção de seus pré-molares. Moody não estava disposto a recuar agora. Então eles foram levados até a calma foz do rio pela violência de uma onda. Ele sequer fechou os olhos. Quando a alvarenga atracou, foi o primeiro a sair do bote, tão encharcado e zonzo que tropeçou na escada e fez com que o bote se afastasse violentamente dele.

Como um homem que está sendo acossado, cambaleou, mancando um pouco, pelo desembarcadouro até a terra firme.

Quando voltou as costas, pôde somente divisar a frágil alvarenga se debatendo contra a atracação no fim do desembarcadouro. A própria barca já se perdera na neblina, envolta em placas nubladas que obscureciam os navios afundados, os vapores na enseada e o mar aberto bem mais além. Moody continuava cambaleando. Mal pôde ver o resto da tripulação tirando malas e valises do bote, correndo desnorteados, com os carregadores e estivadores gritando instruções em meio à chuva. A cena lhe era velada, somente com contornos se movimentando sob a névoa — como se a jornada, e tudo o mais relacionado a ela, houvesse sido tomada pela cinzenta neblina de sua mente tão incerta; como se sua memória, recuando sobre si mesma, tivesse encontrado seu anverso, o poder de esquecer, e então evocado a neblina e a tempestade como uma espécie de pano de fundo, espectral, que o projetasse a partir das formas de seu passado mais recente.

Moody não se demorou ali. Voltou-se e correu até a praia, passou pelos abatedouros, pelas latrinas, pelas cabanas ao longo da orla, com as barracas pendidas sob o peso cinzento de três semanas de chuva. Com a cabeça abaixada, sua pequena valise apertada contra o corpo, ele nada viu: nem os currais, nem os frontões dos armazéns, nem as janelas de treliça dos escritórios ao longo da rua Wharf, por trás das quais se moviam corpos indistintos em salas iluminadas. Moody lutava ainda, metido até as canelas na lama, quando a fachada do Crown Hotel lhe surgiu e, largando a valise, ele precipitou-se em direção à porta para abri-la com ambas as mãos.

O Crown era um desses estabelecimentos de espécie aproveitável e desadornada, recomendado apenas pela sua proximidade do cais. Se essa característica era uma conveniência, contudo, mal podia ser considerada uma virtude: aqui, tão perto dos currais, o odor sangrento da matança se misturava ao cheiro amargo e salgado do mar, fazendo lembrar, perpetuamente, um refrigerador esquecido no qual uma peça de carne se estragou. Por essa razão, Walter Moody até poderia ter mudado de ideia com

relação ao local, resolvendo aventurar-se pela rua Revell na direção norte, até onde as fachadas dos hotéis se mostravam mais largas, mais coloridas, com pórticos recém-adquiridos e que pareciam comunicar, com suas altas janelas e suas delicadas ornamentações, os privilégios da riqueza e do conforto com os quais ele estava acostumado, sendo ele um homem de posses… mas Moody já havia abandonado todas as suas faculdades de discernimento no ventre da *Godspeed*. Ele queria apenas um abrigo e um pouco de solidão.

A calma do hall vazio, uma vez que ele havia fechado a porta atrás de si, emudeceu o som da chuva, teve um efeito imediato e físico em Moody. Já observamos que Moody tirava um benefício pessoal considerável de sua aparência, e que isso era um fato do qual ele estava absolutamente consciente: ele não faria uma primeira apresentação em uma cidade desconhecida parecendo um homem aterrorizado. Varreu a água de seu chapéu, deslizou uma das mãos por seus cabelos, firmou seus pés no chão para que seus joelhos parassem de tremer e exercitou a boca de um modo vigoroso, como se testando sua elasticidade. Ele desempenhou esses movimentos todos suave e desembaraçadamente. Quando a criada apareceu, ele já havia devolvido ao rosto a sua habitual expressão de benigna indiferença, enquanto examinava a junção pontuda da quina do balcão da recepção.

A criada era uma menina de aparência tola com cabelos descorados e os dentes tão amarelos quanto sua pele. Recitou de cor os termos referentes ao quarto e à alimentação, tirou dez xelins de Moody (que foram jogados com um estrépito sombrio em uma gaveta trancada abaixo do balcão) e o conduziu entediadamente até seu quarto. Ele percebeu o rastro de água que ia deixando atrás de si e a considerável poça que criava no chão do hall, então deu a ela meio xelim de gorjeta; ela o aceitou compassivamente e preparou-se para se retirar, mas então de repente pareceu desejar ter sido mais gentil. Ela corou e, depois de um momento de pausa, observou que talvez ele pudesse querer cear em seu quarto. “Para te aquecer por dentro”, disse, afastando seus lábios num sorriso amarelo.

O Crown Hotel havia sido construído recentemente e ainda trazia o vestígio poeirento e adocicado da madeira recém-aplainada,

as paredes ainda transparecendo as peroladas bolhas de seiva em cada sulco, as lareiras ainda intactas de cinza e manchas. O quarto de Moody era mobiliado de modo tão parco quanto, como em uma pantomima em que um pródigo lar é representado por uma única cadeira. A almofada era fina em relação ao colchão, e acolchoada com o que pareciam ser rolos de musselina; as cobertas eram excessivamente compridas, a ponto de suas bordas se acumularem no chão, dando à cama um aspecto assaz encolhido, apertada demais por sobre o declive acidentado do beiral. Esse desguarnecimento dava ao lugar uma qualidade espectral e inacabada, que poderia ser perturbadora caso o panorama além do vidro bambo da janela fosse o de outra rua e de outra era, mas para Moody esse vazio era um bálsamo. Ele acondicionou sua valise ensopada no aparador ao lado da cama, torceu e secou suas roupas o máximo que pôde, bebeu um bule de chá, comeu quatro pedaços de pão de grãos com presunto e, após espreitar pela janela a impenetrável chuva na rua, resolveu adiar seus negócios na cidade até a manhã seguinte.

A criada havia deixado o jornal do dia anterior debaixo do bule — e como era fino, para um jornal tão caro! Moody sorriu enquanto o tirava dali. Ele tinha uma queda por notícias fúteis, e ficou surpreso ao ver que a “dançarina mais atraente” da cidade também divulgava seus serviços como a “parteira mais discreta” da cidade. Uma coluna do jornal era inteiramente dedicada a garimpeiros desaparecidos (“Se isto chegar aos olhos de Emery Staines, ou qualquer um que saiba de seu paradeiro…”) e toda uma página a classificados de “Admite-se garçonetes”. Moody leu o jornal inteiro duas vezes, incluindo as notícias das encomendas, anúncios de quartos e cotações, além de vários discursos entediantes de campanhas políticas, impressos na íntegra. Descobriu então o seu desapontamento: o *West Coast Times* mais parecia um boletim paroquial. Mas o que ele esperava? Que uma mina de ouro fosse um fantasma exótico, feito de brilho e promessas? Que os mineiros fossem notórios e astutos — em cada homem, um assassino; em cada homem, um ladrão?

Moody dobrou o jornal lentamente. Sua linha de pensamento fez com que voltasse à *Godspeed* e àquela caixa ensanguentada no

porão, e seu coração disparou novamente.

— Basta! — disse ele em voz alta, e imediatamente se sentiu estúpido por isso. Levantou-se e jogou de lado o jornal dobrado. De todo modo, pensou, a luz do dia já estava esmaecendo, e ele detestava ler na escuridão.

Deixando o quarto, voltou para o térreo. Encontrou a criada retirada na alcova embaixo da escadaria, esfregando com graxa um par de botas de montaria, e lhe perguntou se havia algum salão onde ele pudesse passar a noite com tranquilidade. Sua viagem tinha sido dura demais, e ele precisava de um gole de brandy e um lugar calmo para descansar a vista.

A criada parecia mais prestativa agora — as pratas que recebera devem ter feito diferença, pensou Moody, o que lhe poderia ser até útil depois, caso precisasse dela. Ela explicou que o salão do Crown estava reservado naquela noite para uma festa privada, “Os Amistosos Católicos”, esclareceu ela, sorrindo novamente, mas que o levaria até o salão de fumantes, se assim desejasse.

Moody então voltou ao presente com uma sacudidela e viu que Thomas Balfour ainda estava olhando para ele, com uma expressão de expectativa intrigada no rosto.

— Peço perdão — disse Moody, confuso. — Acho que me perdi em meus próprios pensamentos. Por um momento…

— E no que você estava pensando? — disse Balfour.

No que ele estava pensando? Apenas na gravata, na mão prateada, naquele nome engasgado na treva. A cena era como um mundo minúsculo, refletiu Moody, dono de dimensões próprias. Uma quantidade qualquer de tempo podia passar quando sua mente por lá perambulava. Havia este mundo maior, que avançava no tempo e pulava espaços, e aquele mundo imóvel de desconforto e terror; eles cabiam um dentro do outro, uma esfera dentro de outra esfera. Que estranho, Balfour a observá-lo assim; o tempo real devia estar passando — revolvendo em volta dele, ao mesmo tempo…

— Não estava pensando em nada em particular — disse ele. — Apenas enfrentei uma longa e dura viagem, essa é a verdade, e estou muito cansado.

Atrás dele, um dos jogadores de bilhar deu uma tacada de mestre: um duplo estalo, um “chape” no veludo e um burburinho de apreciação dos outros jogadores. O clérigo balançou ruidosamente seu jornal; outro homem tossiu; outro espanava o pó de suas mangas e se ajeitava na cadeira.

— Eu lhe perguntava sobre sua contenda — disse Balfour.

— A contenda… — começou Moody, e então parou. Ele de repente se sentiu exausto demais até para falar.

— Sim, a disputa — instou-o Balfour. — Entre você e seu pai.

— Desculpe-me — disse Moody. — As particularidades são delicadas.

— Particularidades de dinheiro, certo? Não acertei?

— Perdoe-me: você não acertou — Moody correu a mão pelo rosto.

— Se não é dinheiro… Então... uma questão passional? Você está apaixonado… mas seu pai não aprova a garota que escolheu…

— Não, senhor — disse Moody. — Não estou apaixonado.

— É uma pena — disse Balfour. — Bem! Então concluo que você já seja casado!

— Não sou casado.

— É um jovem viúvo, talvez!

— Nunca me casei em minha vida, senhor.

Balfour irrompeu em gargalhadas e jogou suas mãos ao alto, em sinal do quanto considerava a reticência de Moody uma experiência alegremente exasperadora e assaz absurda.

Enquanto ele ria, Moody apoiou-se nos pulsos e se virou para olhar a sala além do alto encosto de sua poltrona. Ele tencionava atrair os outros à conversa de algum modo e talvez demover seu interlocutor de seu propósito. Mas ninguém cruzava o olhar com ele; eles pareciam, pensou Moody, intencionalmente evitá-lo. Isso era esquisito. Mas sua postura era esquisita e ele estava sendo rude, então ele relutantemente voltou à sua posição na cadeira e cruzou suas pernas outra vez.

— Não gostaria de desapontá-lo — disse ele, quando a gargalhada de Balfour cessou.

— Desapontar? Não! — exclamou Balfour. — Não, não. Você realmente sabe guardar seus segredos!

— Você me toma por outra pessoa — disse Moody. — Não se trata de ocultar algo. O assunto me perturba num nível pessoal, apenas isso.

— Oh — disse Balfour —, mas é sempre assim, senhor Moody, quando se é jovem ainda. Perturbar-se por sua própria história, veja você, tentar mantê-la lá atrás e nunca dividi-la com ninguém, quero dizer, com outros homens.

— Eis uma sábia observação.

— Sábia? E nada mais?

— Não o compreendo, senhor Balfour.

— Você está mesmo determinado a frustrar minha curiosidade!

— Confesso que estou confuso demais com isso tudo.

— Esta é uma cidade de ouro, senhor! — disse Balfour. — Aqui é preciso certificar-se de seus camaradas, confiar em seus camaradas, de fato!

Isso foi ainda mais esquisito. Pela primeira vez — talvez devido à sua crescente frustração, que servia para focar sua atenção mais precisamente nesta cena que tinha em mãos —, Moody sentiu seu interesse começar a surgir. O estranho silêncio da sala não atestava o tipo de fraternidade em que tudo era compartilhado e tudo se facilitava… Além disso, Balfour falara muito pouco de si mesmo e de sua reputação na cidade, conhecimento que levaria Moody a se sentir mais seguro em relação a ele! Seu olhar deslizou para o lado, para o gorducho mais próximo da lareira, cujas pálpebras fechadas tremiam com o esforço de um sono maldisfarçado, e então para o homem loiro atrás dele, que passava neste momento o taco de bilhar de uma mão para a outra, mas que parecia ter perdido completamente o interesse no jogo.

Algo estava acontecendo: disso Moody teve certeza subitamente. Balfour estava representando um papel, em nome de todos os outros: sentindo o terreno, refletiu Moody. Mas com que propósito? Havia um sistema por trás dessa bateria de perguntas, um desenho muito obscurecido pelo excesso das maneiras de Balfour, por sua prodigiosa simpatia e por seu encanto. Os outros homens ouviam tudo, embora casualmente virassem as páginas de seus jornais ou fingissem dormir. Ao perceber isso, a sala lhe pareceu iluminar-se num repente, como quando uma dispersão de

estrelas assenta-se em uma constelação diante de nossos olhos. Balfour não mais parecia alegre e efusivo, como Moody achara antes; em vez disso, ele agora parecia exausto, tenso; desesperado, até. Moody perguntou-se se a indulgência com aquele homem seria melhor ou pior do que continuar negando-o.

Walter Moody possuía bastante experiência na arte das confidências. Ele sabia que, ao se confessar, ganhava-se o sutil direito de, por sua vez, ser o confessor do outro. Um segredo merece um segredo, assim como quem conta um conto aumenta um ponto; a cortês expectativa de uma resposta dada nessa mesma moeda era uma pressão com a qual ele sabia lidar. Ele aprenderia mais parecendo confiar em Balfour do que suspeitando dele assim abertamente, simplesmente porque, se ele pusesse sua confiança no outro homem, espontaneamente e sem reservas, então Balfour seria obrigado a conferir-lhe sua própria confiança em troca. Não havia razão para não lhe relatar a história de sua família — por mais vexatório que fosse lembrá-la — a fim de granjear a confiança do outro. O que havia acontecido a bordo da *Godspeeed*, isso ele não tinha a intenção de divulgar, é claro; mas em relação a essa outra história ele não tinha nada o que dissimular, porque não era essa a que Balfour desejava ouvir.

Tendo refletido sobre isso, Moody mudou de rumo.

— Vejo que ainda preciso ganhar sua confiança — disse ele. — Nada tenho a esconder, senhor. Contarei minha história.

Balfour acomodou-se novamente na poltrona com grande satisfação.

— Se você a chama de história… — disse ele, ainda radiante. — Pois estou surpreso de não ser nem de amor nem de dinheiro!

— Talvez sobre a ausência deles, infelizmente — disse Moody.

— Ah, a ausência, sim — disse Balfour, ainda sorrindo. Ele gesticulou para que Moody continuasse.

— Primeiro preciso pô-lo a par dos particulares de minha história familiar — disse Moody, e então caiu em silêncio por um momento, com seus olhos se estreitando e sua boca se crispando.

A poltrona na qual estava sentado dava para a lareira, de modo que quase metade dos homens na sala estava atrás dele, sentados ou de pé em suas imposturas diversas. Nessa suspensão de poucos

segundos que conquistou, fazendo parecer que estava reunindo todos os seus pensamentos, Moody deixou seu olhar percorrer da esquerda à direita, para tomar nota de sua audiência sentada mais perto dele, em volta do fogo.

Mais próximo da lareira estava sentado o gorducho que fingia dormir. De longe, era o que estava vestido mais ostensivamente na sala: uma corrente maciça de relógio, tão densa quanto seu próprio dedo, estava pendurada em seu peito, entre o bolso de seu colete de veludo e o peitilho de sua camisa de cambraia, e, afixados à corrente, em intervalos, havia caroços de ouro do tamanho dos nós dos dedos. Próximo a ele, do outro lado de Balfour, havia outro homem, oculto parcialmente pelo braço de sua cadeira, de modo que tudo o que Moody podia ver dele era um reflexo em sua testa e a ponta brilhosa de seu nariz. Seu terno era feito de um tecido de lã grossa, quente demais para aquela proximidade do fogo, e sua transpiração traía a postura de aparente conforto com que se sentava à cadeira. Ele não tinha charuto; apenas ficava girando uma cigarreira de prata sem parar, de lá para cá, com as mãos. À esquerda de Moody havia outra poltrona, tão perto da sua que ele podia até ouvir o assobio nasal da respiração de seu vizinho. Esse homem tinha cabelos escuros, era magro de constituição e tão alto que parecia estar dobrado em dois, sentado com os joelhos juntos e as solas de seus sapatos plantadas firmemente no chão. Ele lia um jornal e, em geral, fingia bem melhor a indiferença do que os outros, mas, ainda assim, seus olhos estavam um pouco vidrados, como se não estivessem focados nas letras impressas, e ele havia muito tempo não virava página alguma.

— Sou o mais novo de dois filhos — começou Moody finalmente. — Meu irmão, Frederick, é cinco anos mais velho. Nossa mãe morreu quando estávamos para sair da escola. Voltei para casa apenas por um breve período, para sepultá-la, e logo em seguida meu pai se casou novamente. Sua segunda esposa era-me então desconhecida. Ela era, ou melhor, ela é uma mulher quieta e delicada, das que se assustam facilmente e que com frequência adoecem. Com toda sua delicadeza, é bem diferente do meu pai, abrutalhado em suas maneiras e muito dado à bebida.

“O casal não combinava; acredito que ambos os lados viram o casamento como um erro, e sinto relatar que meu pai tratava a nova esposa muito mal. Três anos atrás ele desapareceu, deixando-a em Edimburgo sem nada para viver. Ela podia ter se tornado indigente, ou até pior, tal era a repentina destituição na qual se encontrava. Apelou a mim (por carta, digo; eu estava fora do país), e voltei imediatamente para casa. Tornei-me seu protetor, no sentido mais modesto do termo. Ajeitei todas as coisas para ela, o que ela aceitou, ainda que amargamente, já que sua sorte havia mudado um bocado. — Neste momento, Moody soltou uma tosse seca e estranha. — Garanti a ela uma vida simples, uma ocupação, percebe? Então viajei a Londres, com o propósito de encontrar meu pai. Lá esgotei todas as possibilidades de localizá-lo e gastei um bom dinheiro no processo todo. Enfim, comecei a perceber que minha formação poderia ser um ganha-pão, pois sabia que não era mais possível viver de minha herança como garantia, e meu crédito na cidade tinha se tornado muito baixo.

“Meu irmão mais velho nada sabia do abandono de nossa madrasta: ele havia deixado o país atrás de fortuna nas minas de ouro de Otago, algumas semanas antes de meu pai desaparecer. Sempre foi inclinado a caprichos deste tipo; um espírito aventureiro, suponho, embora jamais tenhamos ficado próximos depois da infância, e confesso não conhecê-lo muito bem. Meses se passaram, anos se passaram; ele não voltou, sequer mandava notícias. Minhas cartas ficavam sem resposta. Na verdade, nem sei se um dia chegaram às suas mãos. Por fim, também reservei minha passagem em um navio para a Nova Zelândia, com a intenção de informar meu irmão de tudo o que havia acontecido com nossa família e (se ele estivesse vivo, é claro) talvez me juntar a ele nas minas, por um tempo. Meu dinheiro já tinha acabado e os juros de minha renda perpétua há muito já se haviam exaurido, sem contar todas as dívidas. Em Londres eu havia estudado no Inner Temple. Achei que pudesse ficar por lá, até ser chamado para a Ordem dos Advogados… Mas não dedico paixão alguma ao direito. Não é para o meu estômago. Em vez disso, vim para a Nova Zelândia.

“Quando desci em Dunedin, não faz nem duas semanas, soube que o ouro de Otago fora eclipsado por novas descobertas aqui na

costa. Hesitei, sem saber por onde me aventurar de início, e fui recompensado da maneira mais inesperada por essa hesitação: encontrei meu pai."

Balfour murmurou, mas não o interrompeu. Ele olhava fixamente para o fogo, com a boca entreaberta judiciosamente entre o charuto e a mão frouxa na base de seu copo. Os outros onze quedavam igualmente imóveis. O jogo de bilhar devia ter acabado, pois Moody não ouvia atrás de si nenhum barulho de taco na bola. Havia certo peso nesse silêncio, como se os ouvintes estivessem esperando que ele revelasse algo muito particular… Ou temendo que ele o fizesse.

— Nosso encontro não foi dos mais felizes, contudo — continuou Moody. Ele falava mais alto, para encobrir o tamborilar da chuva; alto o suficiente para que cada homem da sala pudesse ouvi-lo, mas não tão alto a ponto de parecer que estivesse consciente da atenção deles. — Ele estava bêbado e extremamente nervoso por eu tê-lo descoberto. Soube que tinha ficado extraordinariamente rico e que se casara de novo, com uma mulher que sem dúvida não conhecia seu histórico ou o fato de que ele ainda era legalmente casado com outra. Eu não fiquei surpreso, lamento admitir. Minhas relações com meu pai nunca foram intensas, e essa não era a primeira vez que eu o flagrava em circunstâncias questionáveis… Ainda que nunca numa situação dessa magnitude criminal, apresso-me em dizer.

"Minha real surpresa veio quando lhe perguntei sobre meu irmão e fui informado de que ele havia sido o agente do meu pai desde o início: eles haviam orquestrado o abandono juntos e partido para o sul como parceiros. Eu não esperei encontrar Frederick, não poderia suportar vê-los assim juntos, e então preparei-me para partir. Meu pai ficou agressivo e tentou me deter. Escapei e, de lá, tomei imediatamente este caminho para cá. Eu tinha algum dinheiro para voltar diretamente para Londres, se quisesse, mas minha dor era de um tipo que… — aqui Moody fez uma pausa e, com os dedos, fez um gesto de desesperança. — Não sei. Acreditei que o trabalho duro das minas iria me fazer bem, por um tempo. E não quero ser advogado.

Houve um silêncio. Moody balançou a cabeça e inclinou-se mais à frente em sua cadeira.

— É de fato uma história triste — disse ele, mais vivamente. — Tenho vergonha de meu sangue, senhor Balfour, mas prefiro não pensar muito nisso. Pretendo começar do zero.

— Triste, de fato! — exclamou Balfour, tirando enfim o charuto da boca e sacudindo-o com os dedos. — Sinto muito por você, senhor Moody, e também o louvo. Mas o seu caminho é o das minas de ouro, não? Reinvenção! Ouso mesmo dizer: revolução! Que um homem possa recomeçar, que possa fazer de *si mesmo* algo novo, agora, de verdade!

— Muito me encorajam, essas palavras — disse Moody.

— Seu pai... também se chama Moody, suponho.

— Sim — disse Moody. — Seu nome de batismo é Adrian; talvez já tenha ouvido falar dele?

— Não ouvi — disse Balfour, e, percebendo o desapontamento de seu interlocutor, acrescentou: — Quer dizer, muito pouco, é claro. Estou atualmente no ramo de entregas, como lhe disse; hoje em dia não topo mais com os mineiros. Mas estive em Dunedin. Estive lá por três anos mais ou menos. E se seu pai fez sua fortuna nas minas, certamente estava mais para o interior. Interior adentro mesmo. Bem, ele pode ter morado em todo lugar, Tuapeka, Clyde, qualquer lugar. Mas, ouça, vamos falar de aqui e agora, senhor Moody. Você não teme que ele o tenha seguido?

— Não — disse Moody concisamente. — Tomei todo o cuidado para dar a impressão de que estava voltando imediatamente para a Inglaterra no dia em que o deixei. Nas docas encontrei um homem em busca de uma passagem para Liverpool. Expliquei a ele toda a história e, depois de uma breve negociação, trocamos de documentos. Ele deu meu nome ao fiscal e vice-versa. Caso meu pai pergunte sobre mim na alfândega, os oficiais vão mostrar-lhe provas de que deixei essas ilhas e já voltei para casa.

— Mas talvez seu pai e seu irmão venham até a costa de comum acordo. Para escavar.

— Isso já não posso prever — concordou Moody. — Mas do que pude compreender da situação deles hoje, já haviam feito ouro suficiente em Otago.

— Ouro *suficiente*? — Balfou pareceu rir de novo.

Moody deu de ombros.

— Bem — disse ele friamente —, devo me preparar para a possibilidade da chegada deles, é claro. Mas não creio que vai acontecer.

— Não, é claro, é claro — disse Balfour dando um tapinha no braço de Moody com sua manzorra. — Vamos falar agora de coisas mais felizes. Diga-me, o que pretende fazer com a sua extração, assim que acumular uma quantia decente? Voltar à Escócia, gastar lá o seu dinheiro?

— Assim espero — disse Moody. — Ouvi dizer que é possível fazer um bom dinheiro em quatro meses ou menos, o que me levaria de volta antes dos piores meses de inverno. O senhor julga plausível, essa expectativa?

— É bem plausível — disse Balfour, sorrindo para os carvões —, bem plausível, de fato. Sim, pode-se esperar por isso. Então, nenhum colega na cidade? Gente para recebê-lo no cais, juntar-se a você, sujeitos da Escócia também?

— Ninguém, senhor — contou-lhe Moody pela terceira vez naquela noite. — Vim para cá sozinho e, como já lhe disse, pretendo fazer minha própria fortuna, sem a ajuda de outros homens.

— Oh, sim — disse Balfour —, fazer a sua própria fortuna, bem, *correr atrás* dela, como se diz hoje em dia. Mas o colega de um mineiro é como sua sombra, eis algo que você precisa saber, sua sombra ou sua esposa…

Após esse comentário, houve certo rebuliço divertido por toda a sala: não uma comoção de risos, mas uma expulsão de ar discreta e silenciosa, solta de vários pontos de um só golpe. Moody olhou ao seu redor. Ele pressentira um abrandamento no ar, um alívio coletivo no momento da conclusão dessa sua narrativa. Os homens estavam com medo de algo, pensou ele, e sua história lhes motivara a deixar o medo de lado. Ele perguntou-se pela primeira vez se a trepidação daqueles homens estava conectada de algum modo ao horror que ele havia testemunhado a bordo da *Godspeed*. O pensamento era estranhamente desagradável. Não queria acreditar que sua memória privada pudesse ser aberta assim a outro homem, e, menos ainda, que outro homem pudesse compartilhá-la. (O

sofrimento, pensou depois, podia tirar a empatia de um homem, torná-lo egoísta, depreciar quaisquer outros sofrimentos. Essa percepção, quando lhe veio, o surpreendeu.)

Balfour sorria abertamente.

— Pois sim — sua sombra ou sua esposa — repetiu ele, acenando como que em agradecimento a Moody, ainda que o gracejo tenha sido dele, e não de Moody. Com a mão em concha ele cofiou sua barba algumas vezes e riu um bocado.

Pois ele estava de fato aliviado. Uma herança perdida, um casamento de aparências, uma mulher nobre *tendo que trabalhar* — essas traições todas pertenciam a um mundo completamente diferente, pensou Balfour; um mundo de salas de estar, cartões de visita e vestidos. Encantava-lhe que tais mudanças de sorte pudessem ser contadas como tragédias — que o jovem homem as *confessasse*, com o embaraço austero e controlado de um homem que havia sido ensinado a acreditar, desde o momento em que nascera, que sua condição jamais mudaria. E falar disso ali — na vanguarda do mundo civilizado! Hokitika crescia mais rapidamente que San Francisco, de acordo com os jornais, e crescia a partir do nada… da apodrecida vida ancestral da selva… dos pântanos de maré, das ravinas cambiantes e da neblina toda… das águas furtivas, ricas em minério. Aqui os homens não eram *self-made*; eles estavam *self-making*, enquanto se agachavam por entre a sujeira para peneirar a pureza. Balfour tocou suas lapelas. A história de Moody era patética e lhe provocara um sentimento indulgente e paternal — pois Balfour gostava muito de ser lembrado de que ele era moderno (empreendedor, livre de amarras), enquanto outros homens ainda naufragavam nas armadilhas de uma época antiquada.

Isso, evidentemente, era um veredicto que dizia menos sobre o prisioneiro do que sobre o juiz. A determinação de Balfour era forte demais para admitir qualquer filosofia, a não ser que fosse do mais sólido tipo empírico; sua liberalidade não compreendia o desespero, que era para ele como um eixo insondável, com profundidade mas não largura, sufocado em seu próprio isolamento, navegável apenas pelo toque e faminto por qualquer tipo de curiosidade. Não dedicava real fascínio pela alma e a via apenas como um pretexto para os

maiores e mais vivos mistérios do humor e da aventura; sobre as noites escuras da alma, não tinha opinião. Costumava dizer que o único vazio interior ao qual prestava o mínimo de atenção era o do apetite, e embora risse quando o dizia e parecesse muito contente, era também verdade que sua simpatia raramente se estendia às situações em que se esperava estender a simpatia. Ele era indulgente com os buracos a serem preenchidos dos futuros de outros homens, mas impaciente com aqueles do passado que já haviam se fechado.

— De todo modo — prosseguiu ele —, guarde isto como um segundo conselho, senhor Moody: ache um amigo para si. Há muita gente por aí que ficaria muito feliz com um par extra de mãos. É assim, você sabe, encontra-se um amigo, e então se forma uma parceria. Nunca conheci nenhum homem que tenha se mantido isolado na jornada. Está equipado com seu traje e seu embornal?

— Infelizmente, dependo completamente da meteorologia nesse assunto — disse Moody. — Minha valise ainda está no navio; o tempo estava perigoso demais para arriscar cruzar o banco de areia hoje à noite, e me disseram para esperar por meus pertences na alfândega amanhã à tarde. Eu mesmo cheguei numa alvarenga, uma pequena tripulação remou muito bravamente para trazer os passageiros.

— Oh, sim — disse Balfour. — Só no último mês, vimos três naufrágios, batendo no banco de areia. É uma coisa atemorizante. E há muito dinheiro nisso, veja você. Quando os navios estão chegando, as pessoas não dão muita importância. Mas quando estão partindo... Quando estão partindo, há ouro a bordo.

— Disseram-me que o desembarque aqui em Hokitika é notoriamente traiçoeiro.

— Notoriamente, oh, sim. E não há nada que possa ser feito se uma embarcação chega a ter trinta pés de comprimento. Ela pode chegar com toda a potência e ainda assim não terá força suficiente para mudar sua rota. Um baita espetáculo de pirotecnia, com chamas para todos os lados. Mas, novamente, não acontece só com os vapores. Não só com os grandes. É cada um por si neste banco de areia de Hokitika, Walter. A areia afunda até uma escuna numa maré errada.

— Bem o acredito — disse Moody. — Nosso navio era uma barca, nada muito grande, ágil, forte o bastante para aguentar a pior das tempestades. Ainda assim, o capitão não quis arriscar. Preferiu ancorar na enseada e esperar pela manhã seguinte.

— A barca *Waterloo*? Se sim, vem sempre aqui, de Chalmers.

— Um veículo privado, na verdade — disse Moody. — O nome é *Godspeed*.

Foi como se ele tivesse tirado uma pistola de seu bolso, tamanho o choque que aquele nome provocou. Moody olhou ao seu redor (sua expressão ainda era mansa) e viu que toda a atenção da sala agora se voltara abertamente para ele. Vários dos homens baixaram seus jornais; aqueles que cochilavam abriram seus olhos; e um dos jogadores de bilhar avançou um passo em sua direção, sob a luz da lamparina.

Balfour, por sua vez, também se encolhera todo com a menção do nome da barca, mas seus olhos cinzentos fixaram-se no rosto de Moody mais friamente.

— De fato — disse ele, parecendo em um instante ter abstraído a efusão e o entusiasmo que haviam caracterizado suas maneiras até aquele ponto. — Confesso que o nome deste navio não me é desconhecido, senhor Moody, não é desconhecido. Mas gostaria de confirmar o nome do capitão também, se você não se objetar em relação a isso.

Moody procurava em sua feição algo em particular — algo que, se ele fosse pressionado, o deixaria embaraçado em dizer em voz alta. Ele tentava ver se Balfour parecia aterrorizado. Ele tinha certeza de que, se a mente do outro homem ousasse imaginar, ou se lembrasse, do tipo de horror sobrenatural que Moody encontrara a bordo da *Godspeed*, então seu efeito seria visível demais. Mas Balfour meramente olhava desconfiado, como quando um homem é informado do retorno de um de seus credores e começa a pensar em desculpas e métodos de escape — ele não parecia atormentado ou com medo. Moody estava certo de que quem tivesse testemunhado o que ele vira, traria estampada no rosto a sua marca. Ainda assim, Balfour estava mudado — havia uma nova perspicácia no aspecto do homem, uma nova agudeza em seu

olhar. Moody sentiu-se energizado por essa alteração. Percebeu, com um acesso de ânimo, que ele o havia subestimado até então.

— Acredito que o nome do capitão seja Carver — disse ele lentamente —, Francis Carver, se bem me lembro; um homem de força considerável, com um olhar sempre pensativo e com uma cicatriz na bochecha. Essa descrição bate com a que você tem?

— Sim, bate — Balfour, por sua vez examinava o rosto de Moody. — Estou curioso para saber como você e o senhor Carver se conheceram — disse depois de um momento. — Se me permite a intrusão, é claro.

— Perdoe-me: nós não nos conhecemos — disse Moody. — Quer dizer, estou certo de que ele não me reconheceria caso me visse novamente.

Ele decidira-se, de acordo com sua estratégia, a lidar com os questionamentos de Balfour polidamente e sem reservas: isso lhe permitiria, mais tarde, exigir ele mesmo algumas respostas. Não era pouco o talento que Moody tinha para a arte da diplomacia. Quando criança, sabia instintivamente que era sempre melhor contar com disposição uma meia verdade do que contar uma verdade inteira de maneira defensiva. A aparência da cooperação valia muito, nem que somente para forçar uma reciprocidade, do justo com o justo. Não olhou para ele de novo, mas, em vez disso, manteve os olhos arregalados e o rosto aberto e dirigiu sua fala inteiramente a Balfour, como se os outros onze homens que o observavam ao seu redor não o atormentassem nem um pouco.

— Neste caso — dizia Balfour —, arrisco dizer que você comprou sua passagem diretamente de um companheiro de bordo.

— Diretamente de seu bolso, senhor.

— Você teve um encontro privado com o homem?

— O esquema foi concebido junto pela tripulação, com o consentimento do mestre — respondeu Moody. — Uma maneira fácil de fazer um troco extra, suponho. Não havia leitos de nenhum tipo: era-se alocado para um lugar bem debaixo dos deques e orientado para ficar alerta e não atrapalhar. A situação não era nem de longe a ideal, é claro, mas as circunstâncias compeliram minha saída imediata de Dunedin, como você sabe, e a *Godspeed* era a única partida programada para aquele justo dia em que precisei

deixar o local. Não conhecia o capitão antes dessa transação, nem nenhum dos passageiros, nem nenhum dou tripulantes.

— E quantos passageiros entraram neste esquema?

Moody encarou o olhar de Balfour de frente.

— Oito — disse ele, colocando a boca no charuto.

Balfour quase não o deixou continuar.

— Você e mais sete? Oito no total?

Moody se recusou a responder de maneira direta.

— A lista de passageiros será publicada no jornal da segunda-feira; decerto que o senhor mesmo poderá averiguá-la — disse ele, com uma expressão levemente incrédula, como se quisesse implicar que a necessidade de Balfour por confirmação não era somente desnecessária, mas também imprópria. Ele acrescentou: — Meu nome real, é claro, não aparecerá lá. Viajei sob o nome de Philip de Lacy, o nome do homem com o qual troquei documentos em Dunedin. Walter Moody, como as autoridades me têm, está neste momento em algum lugar no Pacífico Sul, rumo ao leste, espero, até o cabo Horn.

A expressão de Balfour ainda era fria.

— Permita-me perguntar mais uma coisa — disse ele. — Eu gostaria de saber, apenas, se o senhor pensa bem ou mal dele. Do senhor Carver, quero dizer.

— Não estou certo de poder responder justamente — disse Moody. — Tenho, em minha autoridade, apenas uma suspeita e um relato. Acredito que o homem tenha passado por maus momentos ao deixar Dunedin, pois estava ansioso por ancorar, apesar de as previsões de tempo indicarem uma forte tempestade, mas ignoro inteiramente o que nele provocava tanta pressa. Não o conheci formalmente e o vi apenas a certa distância durante a viagem, e muito raramente, pois ele passava boa parte do tempo em sua cabine. Então o senhor pode ver que minha opinião não é de grande valia. Mesmo assim…

— Mesmo assim… — instou Balfour, quando Moody não prosseguiu. Ele esperou.

— Para ser bem franco com o senhor — disse Moody, virando-se abruptamente para encarar Balfour —, descobri certas particularidades em relação ao que o navio transportava, enquanto

eu ainda estava a bordo, que me fizeram questionar se seu trajeto era de fato honesto. Se estou certo de algo, é disto: nunca gostaria de ser inimigo do senhor Carver, se isso estivesse em meu poder de evitar.

O homem de cabelos escuros à esquerda de Moody se enrijeceu.

— Encontrou algo no porão, o senhor disse? — interpôs ele, curvando-se para a frente.

"Aha!", pensou Moody, e depois: "Agora é a hora de jogar a meu favor". Virou-se para abordar o seu novo interlocutor.

— Por favor, perdoe-me se descuido de elaborar melhor — disse ele. — Não gostaria de desrespeitá-lo, mas não nos conhecemos; ou melhor, *eu* não *o* conheço, já que minha conversa com o senhor Balfour nessa noite acabou atingindo mais ouvidos que somente os dele. Neste caso, estou em desvantagem, não apenas em relação a mim mesmo, já que me posicionei aqui sob o signo da verdade, mas em relação ao senhor, pois se dirigiu a mim sem prévia apresentação e acabou ouvindo minha história sem ser convidado ou me responder. Nada tenho a esconder em relação a esta ou a qualquer outra jornada que já tenha feito, mas confesso — ele dirigiu-se de volta a Balfour — que me exaspera ser questionado tão implacavelmente por um interrogador que nada divulga sobre si mesmo.

Isso foi bem mais agressivo do que costumava ser a fala de Moody, mas ele havia falado calmamente e com dignidade e estava seguro de ter razão. Ele nem ao menos piscou; olhou então para Balfour e esperou, com os mansos olhos arregalados, pela resposta do outro homem. O olhar de Balfour dardejou o homem moreno que havia feito a interrupção, e então voltou-se para Moody. Ele soltou ar dos pulmões. Levantou-se da cadeira, lançou o toco do charuto no fogo e estendeu sua mão.

— Seu copo precisa de mais bebida, sr. Moody — disse ele calmamente. — Permita-me, por favor.

Passou silenciosamente para o aparador, seguido pelo homem de cabelos escuros que, desdobrado de sua altura inteira, quase batia a cabeça no teto da parte mais baixa da sala. Ele inclinou-se mais perto de Balfour e começou a cochichar algo urgentemente em

seu ouvido. Balfour assentiu e cochichou algo de volta. Provavelmente alguma instrução, já que o homem alto então se encaminhou para a mesa de bilhar, chamou o homem loiro para que este se aproximasse e cochichou-lhe a mensagem secreta. O homem loiro concordou com a cabeça, vigorosamente e de uma vez só. Ao observá-los, Moody sentiu sua habitual vivacidade voltar. O brandy o revigorara; ele estava aquecido e seco; e nada lhe fazia levitar mais a alma do que a promessa de uma boa história.

Frequentemente, quando uma alma sob pressão precisa superar uma dificuldade distinta, uma que não lhe diz respeito algum, um segundo problema age sob o primeiro como uma espécie de emplastro. Era o que Moody sentia agora. Pela primeira vez desde que desembarcara da alvarenga, sentiu que era capaz de refletir sobre seus infortúnios com mais clareza. No contexto desse novo segredo, sua memória privada tinha, de certo modo, se libertado. Ele podia se lembrar da cena que tanto o aterrorizava — o morto se levantando, sua garganta em sangue, seu grito — e encará-la de modo fabular, sensacional; ainda horripilante, mas de certo modo mais palpável. A história havia ganhado certo tipo de valor: poderia render-lhe lucro, em troca.

Ele atentou para a mensagem sussurrada que era passada de homem para homem. Não conseguiu distinguir nenhum substantivo próprio — a mistura de sotaques desconhecidos impossibilitou-o —, mas era evidente que a questão discutida ali tinha a ver com todos os presentes naquela sala. Ele forçou sua mente a avaliar a situação cuidadosa e racionalmente. A desatenção já o fizera errar um julgamento uma vez naquela noite; não queria repetir o erro. Algum tipo de ação conjunta era iminente, supôs, ou talvez estivessem formando uma aliança contra outro homem. Contra o sr. Carver, talvez. Eram doze no total, o que o lembrou um júri… Mas a presença de homens chineses e de um nativo maori tornava isso impossível. Ele teria interrompido algum concílio secreto? Mas que tipo de concílio teria uma diversidade tão grande de raças, rendimentos, patrimônios?

É escusado dizer que a fisionomia de Walter Moody não traía o conteúdo de seus pensamentos. Ele havia calibrado sua expressão precisamente entre a solene perplexidade e as desculpas, como se

comunicasse que era bastante cônscio do problema que estava causando, mas que não tinha ideia de que problema era esse, e, no que dizia respeito à forma como deveria proceder, ele não desejava tomar a direção de nenhum deles, mas a sua própria.

Do lado de fora o vento já mudava de direção, trazendo uma rajada úmida pela chaminé, de modo que as brasas haviam-se avermelhado, e, por um breve momento, Moody pôde sentir no ar o sal do mar. O movimento na lareira pareceu despertar o gorducho mais próximo do fogo. Ele se ajeitou na poltrona com um grunhido de esforço e apressou-se para se juntar aos outros no aparador. Quando ele saiu, Moody encontrou-se sozinho diante do fogo junto ao homem de terno de lã; este inclinou-se em sua direção e falou:

— Gostaria de me apresentar, se o senhor não tiver objeção — disse ele, abrindo sua cigarreira prateada pela primeira vez e selecionando um cigarro. Ele falou com um sotaque claramente francês e de uma maneira entrecortada e cortês. — Meu nome é Aubert Gascoigne. Espero que me perdoe eu já saber o seu nome.

— Ora, acontece… — disse Moody, com um pequeno sobressalto de surpresa. — Creio também saber o seu.

— Então estamos todos bem familiarizados — disse Aubert Gascoigne. Ele estivera procurando por seus fósforos; fez uma pausa, mão na algibeira, como um coronel libertino posando para um quadro. — Mas estou intrigado. Como o senhor me conhece, senhor Moody?

— Li um texto seu esta noite, na edição de sexta-feira do *West Coast Times*. Correto? Se bem me lembro, o senhor redigiu uma opinião em nome da Corte dos Magistrados.

Gascoigne sorriu e tirou seus fósforos.

— Agora entendo. Então sou notícia do passado. — Ele sacudiu um fósforo, colocou a lateral de sua bota sobre o joelho e acendeu o fogo na sola.

— Perdoe-me — começou Moody, temendo tê-lo ofendido, mas Gascoigne balançou a cabeça.

— Não fiquei ofendido — disse, com o cigarro já aceso. — Pois então. O senhor chega como um forasteiro numa cidade desconhecida, e qual o seu primeiro passo? Encontra um jornal de

ontem e lê o boletim do tribunal. Aprende os nomes dos fora da lei, de um lado, e das autoridades, do outro. Uma estratégia e tanto.

— Não houve nenhum método nisto — disse Moody modestamente.

O nome de Gascoigne havia aparecido na terceira página do jornal, abaixo de um pequeno artigo, talvez do tamanho de um parágrafo, sobre a iniquidade do crime. O discurso era precedido de uma lista de todas as detenções feitas naquele mês. (Ele já não se lembrava de nenhum daqueles nomes, e inclusive somente tinha se lembrado do de Gascoigne porque seu antigo professor de latim se chamava Gascoyen — a familiaridade lhe chamara atenção.)

— Talvez não — devolveu Gascoigne —, mas o trouxe ao âmago de nossa inquietação: o assunto que há uma quinzena está na boca do povo.

Moody franziu o cenho.

— Pequenos criminosos?

— Um em particular.

— Devo tentar adivinhar? — perguntou Moody levemente, quando o outro não prosseguiu.

Gascoigne deu de ombros.

— Não importa. Refiro-me à prostituta.

Moody ergueu as sobrancelhas. Ele tentou se lembrar do catálogo de detenções em sua mente — sim, talvez um dos nomes listados fosse o de uma mulher. Ele se perguntou o que cada homem em Hokitika tinha a dizer sobre a prisão de uma prostituta. Levou um tempo para encontrar as palavras certas e formar uma pergunta apropriada e, para sua surpresa, Gascoigne gargalhou.

— Estou brincando com o senhor — disse ele. — O senhor não pode me deixar fazer isso. Seu crime não estava listado, é claro, mas se você ler com um pouco mais de imaginação, irá vê-la. Anna Wetherell é como ela assina seu nome.

— Não estou muito certo de como poderia *ler com imaginação*.

Gascoigne riu de novo, soltando uma penetrante baforada de fumaça.

— Mas o senhor é advogado, não?

— Somente de formação — disse Moody, rígido. — Nunca fui chamado para a Ordem.

— Veja: há sempre um tom exagerado no texto do magistrado — explicou Gascoigne. — “Senhores de Westland”, eis a primeira pista. “Crimes de vergonha e degradação”, eis a segunda.

— Entendo — disse Moody, apesar de não entender. Seu olhar cintilou sobre o ombro de Gascoigne: o gorducho havia se juntado ao par de homens chineses e estava rabiscando algo na folha de guarda de sua caderneta para que o lessem. — Talvez a mulher tenha sido erroneamente indiciada? Talvez seja isso que tenha chamado atenção de todos?

— Oh, ela não foi para a cadeia por prostituir-se — disse Gascoigne. — Os sargentos não dão a mínima para *isso*! Contanto que um homem seja assaz discreto, eles não se importam de fazer vista grossa.

Moody esperou. Havia certa perturbação na maneira como Gascoigne falava: tanto se guardava como se abria. Moody sentiu que não podia confiar nele. O funcionário devia ter seus trinta e poucos anos. Os cabelos descorados começavam a transparecer sua idade logo acima das orelhas, e ele usava um bigode descorado, cuidadosamente dividido no meio. Seu terno fora costurado para ficar bem justo no corpo.

— Ora — acrescentou Gascoigne, após um momento —, foi o sargento que lhe fez a intimação, logo depois de sua contenção!

— Contenção? — ecoou Moody, sentindo-se tolo. Ele desejou que o outro homem lhe falasse de modo menos enigmático, e mais longamente. Ele tinha um ar refinado (ele fazia Thomas Balfour parecer tão contundente quanto o batente de uma porta), mas um refinamento de certo modo deplorável. Falava como se fosse um homem desapontado, para o qual a perfeição só existisse como uma coisa a ser lembrada — e desse modo lamentada, porque perdida.

— Ela foi intentada por tentar atentar contra a própria vida — disse Gascoigne. — Há uma simetria nisto, não acha? Intentada por atentar…

Moody achou inapropriado concordar e, de todo modo, não se preocupou em seguir tal linha de raciocínio. Ele disse, mudando de assunto:

— E o capitão do meu navio, o senhor Carver? Ele está de algum modo ligado a esta mulher, suponho…

— Ah, sim, Carver está *ligado* — disse Gascoigne. Ele olhou para o cigarro em sua mão, parecendo repentinamente enojado dele, e arremessou-o ao fogo. — Ele matou sua própria criança.

Moody recostou-se horrorizado.

— Perdão?

— Eles não podem prová-lo, é claro — disse Gascoigne sombriamente. — Mas o homem é um bruto. O senhor está certo em querer evitá-lo.

Moody fixou o olhar nele, totalmente perdido numa possível resposta.

— Todo homem tem sua moeda corrente — acrescentou Gascoigne após um momento. — Para alguns é ouro; para outros, mulheres. Anna Wetherell, veja você, era ambas as coisas.

Neste ponto da conversa, o gorducho voltou, com o copo cheio; ele se sentou, olhou primeiro para Gascoigne, depois para Moody, e pareceu reconhecer ali, obscuramente, uma obrigação social de apresentar-se. Ele inclinou-se adiante e estendeu a mão.

— Meu nome é Dick Mannering.

— Prazer — disse Moody, num tom assaz automático. Ele sentia-se desorientado. Desejava que Gascoigne não tivesse sido interrompido bem naquele momento, para que ele pudesse pressioná-lo mais e mais no assunto da prostituta. Era indelicado agora tentar reavivar o assunto; de qualquer maneira, Gascoigne voltou a se acomodar em sua poltrona, fechando o semblante. Ele começou a girar sua cigarreira para lá e para cá com suas mãos.

— Príncipe da Ópera do País de Gales, este sou eu — adicionou Mannering, enquanto recostava-se

— Puxa! — disse Moody.

— A única casa de espetáculos da cidade. — Mannering bateu os nós dos dedos no braço da cadeira, buscando uma maneira de continuar. Moody olhou para Gascoigne, mas o funcionário repousava seu olhar melancólico sobre o próprio colo. Estava claro que a reaparição do gorducho o tinha desagradado; era claro também que ele não via nenhum motivo para esconder esse

desagrado de seu objeto, cuja face, Moody observava constrangido, ganhara um tom rubro assaz obscurecido.

— Não pude evitar admirar seu relógio antes — enfim falou Moody, voltando-se para Mannering. — É de ouro daqui de Hokitika?

— Bela peça, não é mesmo? — disse Mannering, sem olhar para o relógio ou mover os dedos para tocar o item admirado. Ele bateu nos braços de sua cadeira uma segunda vez. — É de Clutha, a bem da verdade. Eu estive em Kawarau, em Dunstan e depois em Clutha.

— Confesso não estar familiarizado com esses nomes — disse Moody. — Suponho que sejam garimpos de Otago?

Mannering assentiu e começou a dissertar sobre o assunto da companhia mineradora e o valor da draga.

— Vocês todos são mineiros? — disse Moody depois que Mannering terminou, movendo a ponta de seus dedos em um pequeno círculo no ar, referindo-se a todos na sala.

— Nenhum de nós. Exceto os chineses, é claro — disse Mannering. — Somos *caçadores de jazidas*, esse é o termo exato, ainda que a maioria de nós tenha começado no desfiladeiro. Boa parte do ouro de uma mina é encontrado onde? Nos hotéis. Nas barracas. Os sujeitos gastam todo o pó logo que o encontram. Vou lhe contar uma coisa: é melhor o senhor abrir um negócio do que partir para as montanhas. Arrume uma licença, comece a vender grogue.

— Deve ser um bom conselho, se o senhor mesmo o seguiu — disse Moody.

Mannering ajeitou-se novamente em sua cadeira, parecendo contente com o elogio. Sim, ele havia abandonado os garimpos e agora pagava a outros homens para trabalharem em concessões suas por uma porcentagem do rendimento; ele era de Sussex; Hokitika era um bom lugar, mas havia menos garotas que uma cidade daquela proporção deveria ter; adorava todos os tipos de harmonia coral; sua ópera tinha como base a Adelphi, no West End; ele sentia que a velha fórmula de um bom local para beber e cear era imbatível; não suportava o esquema de casa pública, e a cerveja lhe fazia mal; as enchentes em Dunstan foram terríveis — terríveis;

a chuva de Hokitika era difícil de suportar; ele disse novamente que não havia nada melhor que uma harmonia coral de quatro partes — as vozes como fios de um retalho de seda.

— Esplêndido — murmurou Moody. Gascoigne não fizera movimento algum durante esse solilóquio, exceto pelo ritmo compulsivo de suas mãos pálidas e longas, que continuavam girando o objeto de prata sobre seu colo; Mannering, por sua vez, não havia sequer registrado a presença do funcionário e, de fato, direcionara seu discurso a um ponto a mais ou menos um metro acima da cabeça de Moody, como se a presença de Moody ali não o incomodasse.

Por fim, o drama de sussurros que tomava conta de todo o entorno chegava a algum tipo de resolução, e a arenga do gorducho cessou. O homem de cabelos escuros voltou, sentando-se em sua posição inicial à esquerda de Moody; Balfour veio em sua esteira, trazendo consigo duas doses consideráveis de brandy. Ele passou um dos copos a Moody, sacudiu a cabeça quando este lhe agradeceu e sentou-se também.

— Devo-lhe uma explicação — disse ele — pela rudeza com que o interrogava há pouco, senhor Moody, não é necessário objetar, sei que fui rude. A verdade é que, bem… A verdade, senhor, merece uma história, e deve ser a mais sucinta que eu conseguir.

— Se nos der o prazer de entrar em nossa confiança — adicionou Gascoigne, do outro lado de Balfour, numa demonstração assaz sórdida de fingida polidez.

O homem de cabelos escuros sentou-se mais adiante em sua cadeira e acrescentou:

— Algum homem presente deseja dar voz a suas reservas?

Moody olhou ao seu redor, piscando, mas ninguém se pronunciou.

Balfour assentiu; ele esperou um momento mais, como se para justapor sua própria cortesia à do outro, e então continuou.

— Deixe-me dizer-lhe de imediato — disse ele a Moody — que um homem foi assassinado. Aquele canalha... Carver, quero dizer; não devo chamá-lo de capitão, ele é o assassino, embora maldito seja eu por não conseguir lhe explicar nem como nem por que ele o é. Apenas sei, tão certo quanto posso ver esse copo em sua mão.

Agora, se me dá a honra de ouvir parte da história deste vilão, talvez você possa… bem, você talvez se disponha a nos ajudar, da posição em que se encontra.

— Perdoe-me, senhor — disse Moody. À menção de assassinato, o coração dele disparou: talvez tudo isso tivesse a ver com o fantasma a bordo da *Godspeed* afinal. — Como assim, da minha posição?

— Com a sua valise ainda a bordo da barca, é o que ele quer dizer — disse o homem de cabelos escuros. — E com seu compromisso na alfândega amanhã de tarde.

Balfour parecia levemente irritado; ele balançou a mão.

— Falaremos disso em breve — disse ele. — Primeiro rogo-lhe que ouça a história.

— Certamente a ouvirei — devolveu Moody, com uma pequena ênfase na última palavra, como que para prevenir o outro homem contra esperar ou exigir algo mais. Ele pensou ter visto um sorrisinho atravessar a pálida feição de Gascoigne, mas logo em seguida o rosto do homem já estava amargo novamente.

— Claro, é claro — disse Balfour, retomando o ponto. Ele pôs seu copo de brandy na mesa, entrelaçou seus dedos e os estalou com vontade. — Ora. Devo então pô-lo a par do motivo de nossa assembleia, senhor Moody.

Júpiter em Sagitário

Em que os méritos do asilo são discutidos; um nome de família vem à tona; Alistair Lauderback fica desconcertado e o agente portuário diz uma mentira.

A narrativa de Balfour, tornada assaz sinuosa pelas interrupções e já geralmente atravancada por conta do estilo lírico com que ele discursava, ficou ainda mais atrapalhada, de modo que Moody levou várias horas para entender com clareza a ordem dos eventos que haviam gerado aquele encontro secreto no salão de fumantes do hotel.

As interrupções eram muito maçantes, e a abordagem de Balfour, digressiva demais para merecer um registro completo e fiel na mente dos outros homens e para que pudessem recontá-la com suas próprias palavras. Iremos, doravante, extirpar suas imperfeições e impor uma ordem regimental para essa narrativa impaciente, fruto da mente errante do agente portuário; iremos aqui aplicar nossa própria argamassa para cobrir as fissuras e rachaduras dessas memórias mundanas, e fazer voltar à vida a edificação que, na memória solitária, existe apenas como ruína.

Começaremos, assim como o fez o próprio Balfour, com um encontro que aconteceu em Hokitika naquela mesma manhã.

Φ

Antes da corrida à costa Oeste — quando Hokitika não era mais que uma boca marrom aberta para o oceano e o ouro de suas praias brilhava calmo e invisível —, Thomas Balfour vivia na província de Otago e conduzia seus negócios em um pequeno edifício coberto por telhas na área portuária de Dunedin, sob uma bandeira de calicô que trazia os dizeres “Balfour & Harnett — Agentes Portuários”. (Desde então, o sr. Harnett abandonara aquela sociedade da qual era sócio minoritário, com apenas um terço, para aproveitar sua aposentadoria colonial em Auckland, bem longe do frio de Otago e

da névoa que se acumulava nos vales durante as gélidas horas antes do alvorecer.) A localização privilegiada da firma — eles ficavam na esquina do cais principal e desfrutavam de uma vista para as longínquas velas no porto — trouxe-lhes muitos clientes importantes. Entre eles, o outrora Superintendente de Canterbury, um gigantesco homem com manoplas que tinha fama de ser persuasivo, expansivo e zeloso.

Durante toda sua carreira, Alistair Lauderback — esse era o nome do político — desfrutara de uma sensação de constante aceleração no que dizia respeito ao rumo de sua carreira. Ele nasceu em Londres e se formou em direito antes de viajar para a Nova Zelândia, em 1851 — com dois claros objetivos: o primeiro, fazer sua fortuna; o segundo, duplicá-la. Sua ambição era bastante adequada à vida política, especialmente à vida política de um país jovem. Lauderback ascendeu, e ascendeu rápido. No meio jurídico ele era muito admirado por ser um homem que, quando incumbido de uma tarefa, não descansava até vê-la concluída; por essa personalidade tão encantadora, ele foi recompensado com uma vaga no Conselho Provincial de Canterbury e convidado a concorrer à Superintendência, para cujo cargo se elegeu com maioria esmagadora dos votos. Cinco anos depois de desembarcar na Nova Zelândia pela primeira vez, sua rede de relacionamentos já era tão extensa que alcançava o ministério Stafford e o próprio primeiro-ministro; no momento em que primeiro bateu à porta de Thomas Balfour, com uma flor kowhai na lapela e uma camisa de gola alta cujo colarinho (notou Balfour) havia sido engomado à mão por uma mulher, ele já não podia ser chamado de pioneiro. Ele exalava uma sensação de permanência — de um tipo de duradoura influência.

Em seu semblante e em seus trejeitos, Lauderback era mais imponente que propriamente belo. Sua barba, grande e pouco aparada, assim como a do próprio Balfour, projetava-se da mandíbula quase que horizontalmente, dando-lhe ao rosto um aspecto régio; sob a testa, brilhavam olhos escuros. Era muito alto e tinha um corpo afunilado que o fazia parecer ainda mais alto. Ele falava em voz alta, declarando suas ambições e opiniões com uma franqueza que poderia ser tomada por triunfalismo (aos olhos de um cético) ou intrepidez (aos olhos de um crente). Sua audição era

ligeiramente irregular e ele precisava baixar a cabeça e inclinar-se um pouco enquanto ouvia o que diziam os outros — dando a impressão, tão útil na política, de que grave e providencialmente lhes prestava atenção.

No primeiro encontro entre eles, a energia e a confiança com que Lauderback falou impressionaram Balfour. Seu entusiasmo não era direcionado apenas à esfera política, disse ele a Balfour. Ele também possuía navios, tendo dedicado, desde a infância, uma apaixonada adoração ao mar. No total, possuía quatro navios: dois veleiros, uma escuna e uma barca. Dois deles precisavam de um capitão. Até então, ele os vinha alugando para fazer fretes, mas o risco pessoal desse tipo de empreendimento era alto, por isso ele desejava alugar os navios para uma empresa de transporte que já estivesse bem estabelecida e que pudesse pagar um seguro razoável. Ele arrolou os nomes dos navios tal como um pai enumera seus filhos: os veleiros *Virtue* e *Corona Australis*, a escuna *Lady of the Ballroom* e a barca *Godspeed*.

Quando isso aconteceu, a Balfour & Harnett estava justamente precisando de um veleiro com as mesmas dimensões e capacidades que Lauderback descrevia. Balfour não tinha em mente nenhum trabalho em que pudesse usar o outro navio que lhe foi ofertado, a barca *Godspeed*, pois a embarcação era pequena demais para seus propósitos — mas o *Virtue*, por outro lado, depois da inspeção e do teste, faria tranquilamente a passagem mensal entre Port Chalmers e Port Phillip. Sim, disse ele a Lauderback, ele iria encontrar um capitão para o *Virtue*. Eles fariam um seguro com uma garantia justa e alugariam o navio pelo período de um ano.

Lauderback e Balfour eram coetâneos, e não obstante Balfour passou a ter por Lauderback, desde o primeiro encontro, uma admiração quase filial — guardando um toque de vaidade, talvez, uma vez que os aspectos da personalidade de Lauderback que ele mais estimava fossem justamente aqueles que ele cultivava em si mesmo. Formou-se entre os dois uma espécie de amizade (embora o excesso de admiração por parte de Balfour não permitisse que uma intimidade mais profunda se desenvolvesse), e nos dois anos seguintes o *Virtue* navegou sem entraves entre Dunedin e Melbourne. A cláusula do seguro, embora houvesse sido

meticulosamente elaborada, não chegou a ser novamente consultada.

Em janeiro de 1865, Robert Harnett decidiu se aposentar, vendeu suas ações para o sócio e se mudou para o Norte em busca de um clima mais ameno. Balfour, com a ausência de sentimentos que lhe era característica, renunciou imediatamente ao lote no porto. O auge do crescimento de Otago já havia passado e ele sabia disso. Os vales foram esburacados; os rios logo secariam. Ele navegou para a costa, adquiriu um pedaço de terra baldio perto da foz do rio Hokitika, fincou sua tenda e iniciou a construção de um armazém. Balfour & Harnett virou Balfour Remessas. Balfour comprou um colete bordado e um chapéu-coco e viu a cidade de Hokitika erguer-se ao seu redor.

Quando a barca *Godspeed* ancorou na enseada de Hokitika meses mais tarde, Balfour se lembrou do nome e identificou-o como sendo o navio de Alistair Lauderback. Como gesto de cortesia, apresentou-se ao comandante do navio, Francis Carver, e, posteriormente, estabeleceu uma relação cordial com o homem, formando um vínculo baseado nesse conhecido que tinham em comum, embora por dentro Balfour achasse Carver um sujeito assaz mal-encarado e o tomasse por um bandido. Ele sustentou essa opinião sem amargura alguma. Balfour não era de se deixar intimidar pela força da determinação — a não ser que essa fosse do tipo que Lauderback exercia: carismática, cativante até — e ele não poderia se afeiçoar a um vilão. Os rumores que perseguiam o sr. Carver pelos calcanhares não intimidavam Balfour nem despertavam uma admiração infantil em seu coração. Carver simplesmente não lhe interessava, e ele não perdia tempo pensando nisso.

No fim de 1865, Balfour leu no jornal que Alistair Lauderback fora escolhido para concorrer à cadeira de Westland no Parlamento, e algumas semanas depois ele recebeu uma carta dele próprio solicitando mais uma vez o apoio do agente portuário. Em sua campanha para ganhar a província de Westland, escreveu Lauderback, ele queria parecer um homem de Westland. Rogou a Balfour que lhe arrumasse uma hospedagem no centro de Hokitika e que mobiliasse os quartos adequadamente. Pediu ainda que Balfour

facilitasse a remessa de um baú com pertences pessoais — livros de direito, documentos e assim por diante — que seriam fundamentais durante sua campanha. Cada um dos itens da carta foi discriminado em uma escrita expansiva e floreada que, na cabeça de Balfour, só podia ter vindo de um homem que se dava o luxo de desperdiçar sua tinta em arabescos. (O pensamento fê-lo sorrir: ele gostava de perdoar as muitas extravagâncias de Lauderback.) O próprio Lauderback não chegaria de navio. Em vez disso, faria o caminho por terra, atravessando as montanhas a cavalo para fazer uma chegada triunfal aos pés do vale do Arahura. Sua chegada não seria a de um estadista mimado, acostumado a viajar no conforto da primeira classe, mas a de um homem do povo, machucado pela sela, enlameado e tingido pelo suor do próprio rosto.

Balfour fez os arranjos conforme instruído. Alugou um conjunto de suítes com vista para a praia de Hokitika e registrou o nome de Lauderback em todos os clubes que anunciavam jogos de dados e bocha. Foi ao mercado encomendar peras, queijos curados e cristais de gengibre jamaicano; solicitou um barbeiro; alugou um camarote na ópera para os meses de fevereiro e março. Informou o editor do *West Coast Times* de que Lauderback faria o percurso de Canterbury até lá pelas montanhas e sugeriu que uma menção simpática a esse esforço tão corajoso faria o jornal entrar nas graças da futura administração de Lauderback quando ele ganhasse a cadeira de Westland, como era bastante provável que ocorresse. Em seguida, Balfour despachou uma mensagem ao capitão do *Virtue* instruindo-o a apanhar o baú de Lauderback assim que ele chegasse de Lyttelton e a enviá-lo a Hokitika na travessia seguinte do navio veleiro para a costa. Isso feito, ele comprou uma botija de cerveja escura do hotel Gridiron, colocou os pés para o alto e bebeu direto do gargalo enquanto refletia que ele bem teria gostado de lidar com política — com os discursos, a campanha; sim, ele teria gostado mesmo de fazer isso da vida.

Deu-se, no entanto, que a chegada de Alistair Lauderback a Hokitika não foi acompanhada pela explosão de fanfarras que o político previra quando escreveu aquela primeira carta contando seus planos a Balfour. Sua expedição através das montanhas de

fato chamou a atenção dos garimpeiros da costa, e seu nome de fato se tornou muito proeminente em todas as gazetas e jornais da cidade — mas certamente não pelas razões que ele pretendia.

A história registrada pelo sargento de plantão e publicada na manhã subsequente no *West Coast Times* foi a seguinte. A cerca de duas horas de seu destino final, Lauderback e seu séquito de assessores acabaram passando em frente à morada de um eremita. Fazia horas desde seu último repouso. A noite estava caindo e eles decidiram parar ali para pedir um cantil d'água e (se o dono da casa os rogasse) um prato de comida. Eles bateram na porta da cabana, mas não obtiveram nenhuma resposta, mas a luz da lamparina e a fumaça que exalava da chaminé indicavam que obviamente havia alguém em casa. A porta não estava trancada; Lauderback entrou. Ele encontrou o proprietário da habitação caído morto na mesa da cozinha — a morte era tão recente, disse ele mais tarde ao sargento, que a chaleira ainda estava fervendo e a água não havia secado. Aparentemente, o que matou o eremita foi a bebida. Uma das mãos ainda agarrava a garrafa de aguardente que jazia quase vazia na mesa diante dele, e o quarto cheirava fortemente a bebida alcoólica. Lauderback admitiu que, em seguida, ele e seus três homens se serviram de chá e usaram o fogareiro do eremita antes de prosseguir com a viagem. Eles não pararam ali por mais de meia hora por causa da presença do homem morto no cômodo, embora felizmente sua cabeça estivesse abaixada, apoiada nos braços, e os olhos estivessem fechados.

Nos arredores de Hokitika, a comitiva fora interrompida novamente. Quando eles já estavam chegando no município, encontraram uma mulher completamente inconsciente e ensopada até os ossos, deitada no meio da rua. Ela estava viva, mas não muito. Lauderback supôs que ela poderia ter sido drogada, mas não conseguia obter nenhuma informação inteligível dela além de um gemido. Ele despachou seus assessores para que procurassem um sargento de plantão, depois carregou o corpo da moça para fora da lama e, enquanto esperava o retorno de seus assessores, refletiu sobre o mórbido início de sua campanha eleitoral. Suas primeiras interações sociais na cidade seriam com o magistrado, com o médico-legista e com o editor do *West Coast Times*.

Nas duas semanas que se seguiram à sua malfadada chegada, Hokitika não prestou muita atenção às eleições iminentes: parecia que a morte de um eremita e o destino de uma prostituta (essa era a profissão da mulher na estrada, como Lauderback logo descobriu) eram assuntos interessantes demais para que um candidato eleitoral pudesse competir com eles. A passagem de Lauderback pelas montanhas foi apenas brevemente mencionada pelo *West Coast Times*, embora duas colunas tenham sido dedicadas à descrição de Crosbie Wells, o homem morto. Lauderback não se deixou perturbar por nada disso. Ele esperava pelas eleições parlamentares com a mesma tranquilidade e o mesmo domínio de si com o qual esperava todos os atos da Providência e todas as suas recompensas. Ele havia decidido ganhar e, portanto, ele iria ganhar.

Na manhã do dia de chegada de Walter Moody a Hokitika — na manhã em que ouvimos a história de Balfour —, o agente portuário estava sentado na sala de jantar do hotel Palace, na rua Revell, conversando sobre velame de navios com seu velho conhecido. Lauderback estava vestindo um terno de lã castanho-amarelada cuja tonalidade não resistia bem à umidade. A chuva que lhe caíra sobre os ombros ainda não havia secado, de modo que ele parecia estar usando dragonas; suas lapelas tinham-se escurecido e ficado cheias de pelo. Mas Lauderback não era o tipo de homem que poderia ter o impacto de seu porte diminuído por uma imperfeição da alfaiataria. Na verdade, era deveras o contrário: o terno úmido só o fazia parecer ainda melhor. Pela manhã, ele havia lavado as mãos com sabão de verdade; havia passado óleo nos cabelos; suas polainas de couro brilhavam como bronze polido; na lapela, colocara um raminho de uma espécie de flor nativa pálida e apanhada, cujo nome Balfour desconhecia. Sua recente viagem através das montanhas do Sul dera-lhe um tom corado de saúde nas bochechas. Em suma, ele de fato parecia muito bem.

Balfour olhou para seu amigo do outro lado da mesa, apenas entreouvindo o que o estadista, que conversava animadamente, argumentava em defesa do navio de linha — com as palmas das duas mãos fazendo as vezes de mastro principal e de mezena, e usando o saleiro como proa. Essa era uma discussão que Balfour normalmente acharia absorvente, mas a expressão no rosto do

agente portuário era ansiosa e distante. Ele batia o fundo de seu copo contra a mesa, se mexia na cadeira e, a todo minuto, estendia o braço para puxar com força o próprio nariz. Pois ele sabia que essa conversa sobre navios uma hora chegaria no *Virtue* e na carga que ele deveria levar para a costa.

O caixote com o baú de Alistair Lauderback havia chegado em Hokitika na manhã de 12 de janeiro, dois dias antes do próprio Lauderback. Balfour viu que o embarque tinha sido liberado e deu instruções para que o caixote fosse transferido do cais para o seu armazém. Até onde ele sabia, essas instruções haviam sido obedecidas. Mas por uma reviravolta infeliz do destino (ainda mais infeliz considerando que Balfour tinha Lauderback em tão alta estima), o caixote de transporte com o baú de seu amigo desapareceu por completo logo em seguida.

Ao descobrir que o baú havia sumido, Balfour ficou horrorizado. Ele se incumbiu pessoalmente da tarefa de procurá-lo — correu o cais de cima a baixo, perguntando a cada porta e registrando a perda com cada estivador, cada carregador, cada capitão, cada oficial da alfândega — mas seu esforço foi em vão. O caixote havia realmente sumido.

Lauderback ainda não tinha dormido duas noites seguidas na suíte do piso superior do Palace Hotel. Ele passara os últimos quinze dias para cima e para baixo, se apresentando em acampamentos e assentamentos da costa, uma maratona de trabalho preliminar da qual ele só tinha se livrado naquela manhã. Embora estivesse apreensivo e achasse que o *Virtue* permanecia em trânsito, vindo de Dunedin, ele ainda não havia perguntado por sua bagagem — mas Balfour sabia que a pergunta surgiria a qualquer momento e que, quando ela fosse feita, ele teria de dizer-lhe a verdade. Ele sorveu um bom gole de vinho.

Sobre a mesa entre eles jaziam os restos de sua “merenda”, um termo usado por Lauderback para se referir a qualquer lanche ou refeição feito em horário irregular, fosse pela manhã ou pela noite. Ele comeu até se empanturrar e insistiu que Balfour fizesse o mesmo, mas o agente portuário recusou o convite várias vezes — ele não estava com fome, muito menos com fome o suficiente para comer cordeiro frito e cebolas em conserva, dois pratos que lhe

reviravam o estômago. Para não fazer desfeita ao seu anfitrião, já que era do bolso dele que saía aquele jantar, ele bebeu um jarro inteiro de vinho e mais uma caneca de cerveja — poderia até ter chamado isso de *coragem holandesa*, mas na verdade os drinques haviam feito muito pouco para controlar seu tremor e agora ele estava se sentindo muito mal.

— Só mais um pedaço de fígado — disse Lauderback.

— A carne está excelente — murmurou Balfour. — Excelente. Mas estou bem satisfeito, eu como pouco, já estou bem satisfeito, obrigado.

— É cordeiro de Canterbury — disse Lauderback.

— Canterbury, sim, muito bom.

— O caviar das terras altas, Tom.

— Já estou bem satisfeito, obrigado.

Por um instante, Lauderback olhou para seu pedaço de fígado.

— Eu bem poderia ter um rebanho — disse ele, mudando de assunto. — Lá acima do desfiladeiro. Cinco libras por cabeça, dez libras por cabeça… Ora, eu poderia ter feito uma fortuna vendendo cordeiros. Você devia ter me dito que a carne dessa cidade é sempre salgada ou defumada: eu teria trazido carne o suficiente para jantar por um mês. Com dois cachorros não seria difícil fazê-lo.

— Não seria fácil — disse Balfour.

— Eu teria feito uma matança — disse Lauderback.

— Salvar cada ovelha que quebra o pescoço nas corredeiras — disse Balfour —, sair em busca das que se perdem do rebanho, daquelas que são teimosas e não querem se deixar conduzir. E todas as horas terríveis que você perderia contando-as, levando-as para cima e para baixo. Não gosto nem de imaginar.

— Não há lucro sem risco — devolveu o político. — E a viagem já foi ruim o bastante; eu pelo menos poderia ter lucrado um pouco com ela. Deus sabe como isso podia ter melhorado minha recepção aqui.

— Vacas, quem sabe — disse Balfour. — Um rebanho bovino sabe se comportar melhor.

— Você ainda vai implorar — disse Lauderback, empurrando o prato de fígado para Balfour.

— Você não conseguiria fazer isso — disse Balfour. — Simplesmente não conseguiria.

— Então você fica com o resto, meu velho Jock — disse Lauderback, voltando-se para seu assessor. (Ele se dirigia a seus dois assistentes usando seus nomes de batismo pelo único motivo de que eles compartilhavam o mesmo sobrenome, Smith. Os nomes dos dois assessores formavam uma divertida assimetria: um era Jock, o outro, Augustus).

— Mantenha sua boca ocupada com um pouco de cebola, assim nós não precisaremos ouvir mais disparates sobre seus benditos bergantins. Não é mesmo, Tom? Ele precisa fechar essa boca, não é?

E, sorrindo, inclinou a cabeça novamente para Balfour.

Balfour repuxou novamente o nariz. Isso era típico de Lauderback, pensou ele; essa insistência em ser corroborado nos assuntos mais triviais; ele lutava para estabelecer um consenso mesmo quando isso não era necessário — e antes que a pessoa percebesse, já estava tomando partido dele, e em campanha.

— Sim, um pouco de cebola não lhe faria mal — disse ele, e em seguida, para desviar a conversa de navios. — Aquela sua garota da estrada foi mencionada no *Times* de ontem.

— Ela não é *minha*! — disse Lauderback. — E aquilo não foi uma menção, diga-se de passagem.

— O autor até que foi assaz atrevido — continuou Balfour. — Deu a entender que a cidade inteira merecia uma reprimenda por causa da moça, como se cada cidadão fosse em parte culpado.

— Mas veja só quem escreveu esse artigo tão corajoso! — Lauderback acenou desdenhosamente com as mãos. — Um empregadinho da Justiça destilando suas ofensas!

(O funcionário a quem Lauderback aludia tão pouco generosamente era obviamente Aubert Gascoigne, cujo breve artigo no *West Coast Times* também captaria a atenção de Walter Moody, cerca de dez horas depois.)

Balfour balançou a cabeça.

— O sujeito fala como se o erro fosse *nosso*, coletivo. Como se *todos* nós devêssemos ter tomado conhecimento da situação.

— Um empregadinho de segunda categoria — repetiu Lauderback. — Um nada, que passa os dias escrevendo cheques em nome de terceiros. Cheio de opiniões a que ninguém dá a mínima.

— Sempre a mesma coisa…

— Sempre a mesma coisa, uma ova! Foi uma menção insignificante e um argumento muito fraco; não há a menor necessidade de pensar nesse assunto. — Lauderback bateu os dedos sobre a mesa como se fosse um juiz batendo o martelo para mostrar que sua paciência estava no limite; desesperado para evitar que a conversa caísse novamente no tópico anterior, Balfour apressou-se em falar antes que o político tivesse a chance de mudar de assunto. Ele disse:

— Mas você viu a mulher?

Lauderback deu de ombros.

— Quem, a mulher da estrada? A prostituta? Não: não a vi desde aquela noite. Mas ouvi dizer que ela sobreviveu. Você acha que eu devia ter feito uma visita para saber sobre seu estado. Por isso perguntou!

— Não, não — disse Balfour.

— Um homem na minha posição não pode se permitir…

— Não, não, você não pode fazer uma coisa dessas, é claro…

— O que nos traz de volta àquele artigo, suponho — disse Lauderback num novo tom reflexivo. — Era exatamente isso que o empregadinho queria dizer. Até que algumas instâncias estejam vigorando, asilos, conventos, esse tipo de coisa, quem é o responsável em uma situação como essa? Quem é responsável por uma mulher como ela, uma pessoa que não tem com quem contar, em um lugar como este?

A pergunta foi lançada com um propósito meramente retórico, mas Balfour se apressou em responder apenas para manter a conversa fluindo:

— Ninguém tem culpa — disse ele.

— Ninguém? — Lauderback pareceu surpreso. — Onde fica o seu espírito cristão?

— Anna tentou dar cabo da própria vida, tentou se matar, você sabe! Ninguém é responsável por isso, exceto ela mesma.

— Como assim “Anna”? — disse Lauderback em tom de reprovação. — Você já chama a moça pelo primeiro nome; eu diria que você tem lá sua parcela de responsabilidade em relação a ela!

— Posso até chamá-la pelo nome de batismo, mas certamente não acendi seu cachimbo.

— Então pretende virar as costas para a moça... só porque ela é uma viciada?

— Não estou fechando porta alguma. Se eu a tivesse encontrado na rua, teria feito exatamente o que você fez. Exatamente o mesmo.

— Salvado a vida dela?

— Delatado-a!

Lauderback deixou de lado essa correção.

— Mas que importa? — disse ele. — Uma noite na prisão, e depois o quê? Quem estará lá para protegê-la quando ela acender seu cachimbo novamente?

— Ninguém pode proteger uma alma de si mesma, contra sua própria vontade, você sabe!

Balfour estava contrariado. Ele não gostava desse tipo de discussão; na verdade, pensou, conversar sobre isso era apenas levemente melhor do que conversar sobre os relativos méritos do cordame e da mastreação de um navio. (E Lauderback ainda por cima tinha sido uma má companhia na última quinzena: sempre com um tom despótico, por vezes evasivo e exigente. Balfour estava à beira de um colapso nervoso).

— Conforto espiritual, foi isso que ele quis dizer, proteção espiritual — interveio Jock Smith tentando ajudar, mas Lauderback ergueu a mão para que ele se calasse.

— Esqueça essa história de suicídio, esse é outro assunto, e um assunto bem mórbido — disse ele. — Quem estará lá para dar uma chance a essa moça, Thomas? É o que questiono. Quem estará lá para dar a essa pobre moça uma chance de ter uma vida diferente?

Balfour deu de ombros.

— Certas pessoas recebem cartas ruins da vida. Mas não se pode depender da consciência dos outros para viver a vida que se

escolheu. É preciso se contentar com o que a vida dá; é preciso haver-se com o que se tem na mão.

Diante dessa observação, o agente portuário mostrou o inclemente preconceito, a obstinação que pendia como um contrapeso sob a vívida indulgência de sua aparência externa — porque, assim como a maioria das almas empreendedoras, ele mantinha suas liberdades muito frugalmente e desejava que os outros também assim as mantivessem.

Lauderback sentou-se e avaliou Balfour por baixo do nariz.

— Ela é uma prostituta — disse ele. — É isso que você quer dizer, certo? Que ela é apenas uma prostituta.

— Não me interprete mal, não tenho nada contra as prostitutas — disse Balfour. — Mas não gosto de asilos e não gosto de conventos. São lúgubres.

— Você certamente está tentando me provocar — disse Lauderback. — O bem-estar social é a maior prova de civilização, sua melhor prova, de fato! Se quisermos civilizar este lugar, se quisermos construir pontes e estradas, se quisermos fincar as bases para o futuro, neste país…

— … então bem poderíamos dar aos trabalhadores que construirão todas essas pontes e estradas algo que lhes possa aquecer as camas à noite — Balfour completou a fala por ele. — É um trabalho duro, escavar pedras.

Jock e Augustus riram, mas Lauderback não sorriu.

— Uma prostituta é um infortúnio moral, Thomas; você deve se referir às coisas pelo nome correto — disse ele. — É preciso ater-se a um padrão quando se defronta com um limite! — (Essa última fala foi uma citação direta de seu mais recente discurso eleitoral.) — Uma prostituta é um infortúnio moral. Apenas isso. Uma má dissipação da boa fortuna.

— E seu remédio — retrucou Balfour — é uma boa dissipação da boa fortuna, mas que não deixa de ser uma dissipação, e dinheiro é dinheiro. Deixe dessa história de asilos e conventos e não queira transformar nossas garotas em freiras. Isso seria uma tremenda pena, ainda mais onde há tantas delas.

Lauderback bufou.

— Muitas e exploradas, como podemos notar — disse ele.

— Agora ele quer ser responsável pelas prostitutas! — disse Balfour. Ele balançou a cabeça. — Daqui a pouco elas terão uma cadeira no Parlamento.

Augustus Smith fez uma pilhéria grosseira em relação a isso, e todos riram.

Quando o riso cessou, Lauderback disse:

— Vamos encerrar esse assunto. Já discutimos o que aconteceu naquele dia por todos os ângulos e lados possíveis, já está me cansando. — Com um movimento circular das mãos, ele indicou aos demais que desejaria voltar para o tema anterior. — Quanto ao velame do navio. Defendo simplesmente que a forma como se lhes vê as vantagens depende inteiramente da posição onde se está. Jock mantém sua perspectiva como um hábil ex-marujo; eu mantenho a minha como proprietário de navios e cavalheiro. Na minha mente, o que vejo é o plano de vela; na de Jock, o que surge é o alcatrão e a estopa, e a brisa.

Jock Smith respondeu a essa zombaria convencionalmente, mas com bom humor, e assim a discussão foi retomada.

A irritação de Thomas Balfour também voltou rapidamente. Ele sentiu ter falado assaz espirituosamente na conversa sobre os asilos — Lauderback havia elogiado sua réplica! — e ele desejaria voltar ao assunto, a fim de que pudesse agarrar a chance assim que ela aparecesse. Ele não tinha nada de espirituoso para dizer sobre velame de navios e suas vantagens — nem Jock, Augustus e o próprio Lauderback, pensou com mau humor. Mas era costume de Lauderback principiar e encerrar conversas por mero capricho, mudando de tópico apenas porque se cansava de determinado assunto ou porque sua autoridade era posta em xeque pelo interlocutor. Aquela já era a terceira vez na mesma manhã que o político exigia a mudança da conversa, sempre retornando à sua imperiosa arenga sobre navios. Toda vez que Balfour começava a falar sobre as notícias locais, o político se declarava farto daquela ruminação inútil sobre o eremita e a prostituta — ainda que, na verdade, pensou Balfour com aborrecimento, eles não tivessem *sequer* discutido nenhum dos eventos em detalhes, e certamente não de todos os pontos e lados.

Essa expressão interna de sentimentos seguia um padrão, ainda que irreconhecível. A admiração que Balfour conferia a Lauderback era tão reverente, que ele preferia depreciar a si mesmo a criticá-lo, ainda que de maneira privada, quando os dois discordavam — mas a depreciação sempre espera ser contestada, e, se a contestação não vem, transforma-se em petulância. Ao longo da última quinzena, Balfour manteve-se em silêncio quanto ao encontro entre Lauderback e o homem morto, Crosbie Wells, embora as circunstâncias da morte do eremita muito atiçassem sua curiosidade; ele também não falou sobre Anna Wetherell, a prostituta na estrada, nem por um segundo. Ele respeitou a vontade de Lauderback e esperou que, em troca, a sua também o fosse — e isso exigia um grau de solicitude maior do que o de Lauderback, e aquilo ainda tinha de vir a ocorrer. Mas Balfour não conseguia enxergar essa deficiência no homem que tanto admirava; em vez disso esperou, perdeu a paciência e ficou amuado.

(Devemos acrescentar, em tons conciliadores, que o seu amuo era de um tipo muito superficial: a uma única palavra mais amistosa proferida por Lauderback, já se restauraria seu bom humor.)

Balfour empurrou a cadeira um pouco mais longe da mesa, desejando infantilmente tornar óbvia sua chateação a seu anfitrião, e lançou um olhar pela sala.

A sala de jantar estava quase vazia, devido à hora incomum daquela refeição, e através da janela da cozinha Balfour podia ver que o cozinheiro havia tirado o avental e estava sentado com os cotovelos apoiados na mesa, jogando paciência com cartas. Defronte à lareira estava sentado um menino orelhudo chupando um pedaço de carne-seca. Evidentemente ele havia sido deixado ali para ficar de olho nos ferros de passar roupa que estavam sendo aquecidos em uma prateleira acima do carvão, pois a cada meio minuto o menino molhava o dedo e sustentava-o perto do suporte para testar o calor. Na mesa logo ao lado da deles sentou-se um clérigo — um sujeito sardento, não muito bonito, com um nariz arrebitado e um lábio inferior que pendia como o de uma criança singela. Ele havia tomado café da manhã sozinho; agora bebia café e lia um panfleto — sem dúvida ensaiando o sermão que proferiria no dia seguinte, pensou Balfour, pois meneava a cabeça enquanto

lia, como um homem que tentasse imprimir ritmo a um discurso silencioso.

O menino orelhudo molhou o dedo novamente e susteve-o perto do ferro; o clérigo virou uma página; o cozinheiro alinhou uma das cartas com o maço de descarte. Balfour brincou com o garfo. Lauderback finalmente fez uma pausa em seu monólogo para tomar um gole de vinho, e Balfour aproveitou a oportunidade para interrompê-lo.

— Por falar em barcas, disse ele (eles estavam falando sobre bergantins), eu vi a sua *Godspeed* no banco de areia algumas vezes no ano passado. Era sua, não era? A *Godspeed*?

Mas, para sua surpresa, esse comentário foi recebido com silêncio. Lauderback apenas baixou a cabeça como se Balfour acabasse de lhe apresentar uma questão filosófica da maior importância e ele agora quisesse meditar sozinho sobre o assunto.

— Um tremendo equipamento, ela tem — acrescentou Balfour. — Incrível.

Os assessores trocaram um olhar.

— Isso traz à baila nosso argumento, senhor L. — disse Augustus Smith, finalmente quebrando o feitiço. — Até mesmo uma barca cumpre essa tarefa melhor que um bergantim; ela ainda consegue fazê-lo com metade da tripulação e metade do barulho. Não se pode negar.

— Sim — disse Lauderback, despertando a si mesmo. Ele se virou para Jock. — Não se pode negá-lo.

Jock estava mastigando; ele abriu um sorriso através da boca cheia.

— Eu irei negá-lo. Dê-me metade da velocidade do cordame em troca da metade da tripulação, barulho é todo seu. Eu trocaria o manuseio pela velocidade, agora mesmo.

— Que tal um acordo? — disse Augustus. — Um lugre.

Jock balançou a cabeça.

— Vou dizer outra vez: três mastros é demais: um fica sobrando.

— Tem mais velocidade do que uma barca, no entanto. — Augustus tocou o cotovelo de Lauderback: — E sua *Flight of Fancy*?

Ela estava equipada da proa à popa no mastro principal, não estava?

Balfour não percebeu a intenção dos assessores de desviar a conversa para longe do assunto que ele introduzira — e pensou que o político talvez não o houvesse escutado direito. Ele ergueu a voz e tentou novamente.

— Sua *Godspeed*, como eu vinha dizendo. Ela é costumeira, por essas bandas. Um tremendo aparelho. Eu a vi no banco de areia algumas boas vezes. Pareceu-me perfeita tanto em velocidade quanto em manobra. Na minha opinião, é uma incrível embarcação.

Alistair Lauderback suspirou. Ele jogou a cabeça para trás e fitou o teto, e um tolo sorriso tremeu-lhe nos lábios — o sorriso típico de um homem desacostumado a passar por constrangimentos, como Balfour mais tarde perceberia. (Até aquela manhã, ele nunca tinha ouvido Lauderback confessar nenhuma espécie de fraqueza.)

Por fim, Lauderback, ainda de olhos semicerrados para o teto, disse:

— A barca já não me pertence. — Sua voz estava tensa como se o seu sorriso a fizesse mais fina.

— Veja só! — disse Balfour, surpreso. — Trocou-a, sim. Por algo maior?

— Não: eu a vendi, sem rodeios.

— Por ouro?

Lauderback fez uma pausa e então disse:

— Sim.

— Puxa, veja só! — disse Balfour novamente. — Simples assim, você a vendeu. E quem foi que comprou?

— Seu capitão.

— Minha nossa — disse Balfour exalando alegremente. — Não invejo você. Tenho ouvido certas histórias sobre esse homem circulando por aqui.

Lauderback não respondeu. Ainda sorrindo, estudou as vigas expostas do teto, as fendas entre as tábuas do assoalho dos cômodos no andar de cima.

— Ouvimos mesmo — repetiu Balfour enquanto recostava-se, enfiando os polegares sob as lapelas. — Temos ouvido casos sobre

ele por aqui. Francis Carver! Não me parece um homem com quem eu gostaria de cruzar, é certo.

Lauderback virou-se para ele com surpresa.

— Carver? — disse ele, franzindo o cenho. — Você quis dizer Wells?

— O capitão da *Godspeed*?

— Sim, a menos que ele já tenha repassado a barca.

— Sujeito corpulento, sobrancelhas escuras, cabelos escuros, nariz quebrado?

— Exatamente — disse Lauderback. — Francis Wells.

— Bem, eu detesto contradizê-lo assim — disse Balfour piscando —, mas o nome desse homem é Carver. Talvez você o esteja confundindo com aquele outro sujeito que você…

— Não — disse Lauderback.

— O eremita…

— Não.

— O sujeito que morreu, aquele que você encontrou há duas semanas — disse Balfour, insistindo. — O homem morto. Seu nome era Wells, lembra-se? Crosbie Wells.

— *Não* — disse Lauderback pela terceira vez. Ele ergueu o tom de voz ligeiramente. — Eu não estou confundindo o nome. Wells era o nome que constava nos documentos do barco, quando os assinei. Sempre foi Wells.

Eles se entreolharam.

— Não compreendo — disse Balfour finalmente. — Só espero que você não tenha sido enganado. Estranha coincidência, não é? Frank Wells, Crosbie Wells.

Lauderback hesitou.

— Não se trata de uma coincidência — disse ele, com cuidado. — Pensei que eram irmãos.

Balfour deu uma gargalhada.

— Crosbie Wells e Frank Carver, irmãos? Não posso imaginar nada mais improvável. Só se fosse por um arranjo muito estranho, com certeza!

O sorriso tolo retornou aos lábios de Lauderback. Ele começou a esmagar uma migalha de pão com o dedo.

— Mas quem lhe disse isso? — acrescentou Balfour ao ver que o outro se calara.

— Eu não sei — disse Lauderback.

— Carver mencionou algo sobre isso, quando assinou os papéis?

— Talvez tenha sido isso.

— Bem! Se você o diz… mas olhando para eles, eu nunca teria desconfiado — disse Balfour. — Um era tão alto e notável, o outro tão nanico. Um vadiozinho…

Lauderback estremeceu; sua mão fez um movimento involuntário por cima da mesa como se tentasse alcançar e agarrar alguma coisa.

— Crosbie Wells era um vagabundo?

Balfour acenou com as mãos.

— Você o viu morto.

— Sim, mas nunca o vi vivo — disse Lauderback. — É estranho como nunca podemos dizer como um sujeito realmente era se o vemos apenas morto, sem animação. Sem sua alma.

— Oh — disse Balfour. Ele contemplou a ideia.

— Um homem morto parece ter sido criado — continuou Lauderback. — Da mesma forma como uma escultura. Faz pensar no trabalho de composição; faz pensar em quem a compôs. A pele é lisa. Bonita. Como cera, como mármore — mas ao mesmo tempo não é como cera ou mármore: não absorve a luz, como uma figura de cera, e também não a reflete, como o mármore. Tem um acabamento fosco, como diria um pintor. Sem brilho. — De repente Lauderback pareceu muito constrangido. Ele se desvencilhou exigindo assaz grosseiramente:

— Teria *você* visto um corpo de alguém que acabou de morrer?

Balfour tentou suavizar a situação (“Pergunta espinhosa para se fazer — em um garimpo”), mas o político aguardava uma resposta e ele finalmente teve de admitir que não, nunca tinha visto um corpo ainda fresco.

— Eu não devia ter dito “viu” — acrescentou Lauderback para si mesmo. — Devia ter dito “testemunhou”.

Augustus Smith disse:

— Jock colocou a mão no pescoço do sujeito, não foi, Jock?

— Pois sim — disse Jock.

— Logo que entramos — disse Augustus.

— Eu quis acordá-lo — disse Jock. — Não percebi que já estava morto. Podia estar apenas dormindo. Mas aí é que está: seu colarinho estava úmido. De suor, sabe? Ainda não havia secado. Achamos que ele não devia estar morto há mais do que meia hora.

Ele teria falado mais, mas Lauderback fez um movimento brusco com o queixo para silenciá-lo.

— Não entendo — disse Balfour. — Por que ele assinaria como Wells?

— Talvez falemos de dois sujeitos distintos — disse Lauderback.

— Carver tem uma cicatriz na bochecha, bem aqui. É branca. Tem formato de… de foice.

Lauderback contraiu os lábios. Em seguida, balançou a cabeça.

— Não me lembro de cicatriz alguma.

— Mas ele tinha cabelos bem escuros? Parrudo? Bruto, pode-se dizer?

— Sim.

— Não entendo — repetiu Balfour. — Por que um homem mudaria de nome? E *irmãos*, ainda por cima? Frank Carver… e Crosbie Wells!

A boca de Lauderback trabalhava debaixo do bigode, como se ele estivesse mastigando o lábio. Com uma voz bem diferente da habitual, ele disse:

— Você o conhecia?

— Crosbie Wells? De passagem — disse Balfour. Ele recostou-se na cadeira, contente por ter finalmente ouvido uma pergunta direta. — Ele estava construindo uma serraria bem no fim de Arahura, bem, você esteve lá, viu o chalé. Eu intermediei o transporte de algumas coisas dele, equipamentos e coisas do gênero, então eu o conhecia de vista. Que descanse em paz. Ele tinha um amigo, um camarada maori. Eles trabalhavam juntos no moinho.

— Que espécie de homem ele lhe pareceu?

— Como assim, que espécie de homem?

— Qualquer espécie. — A mão de Lauderback se contraiu novamente. Enrubescendo, ele emendou a pergunta: — Quis dizer: o que você achou dele?

— Não tive queixas dele — disse Balfour. — Cuidava de seus assuntos, você sabe. Pelo jeito de falar, eu diria que era londrino. — Ele fez uma pausa e inclinou-se para frente, conspiratoriamente. — Claro que, agora que ele se foi, as pessoas dizem todo tipo de coisa sobre ele.

De novo, Lauderback não respondeu. Ele estava agindo muito estranhamente, pensou Balfour; o homem parecia estar com a língua presa, até ruborizado. Era como se ele desejasse que Balfour ao mesmo tempo respondesse algumas perguntas muito específicas e se calasse completamente. Os dois assessores pareciam ter perdido o interesse pela conversa — Jock fazia círculos no próprio prato com um pedaço de fígado, e Augustus tinha virado a cara; ele assistia à chuva bater nas vidraças.

De soslaio, Balfour observou os dois homens. Eles eram como satélites para Lauderback. Dormiam em catres arranjados em seu quarto, acompanhavam-no a todo lado e pareciam sempre agir e falar no plural, como se partilhassem de uma única identidade, assim como de um único nome. Até aquela manhã, Balfour os considerava camaradas agradáveis, de convívio fácil e raciocínio rápido; ele julgava a devoção deles por Lauderback uma boa coisa, embora a presença constante já lhe tivesse desgastado os nervos. Mas, e agora? Ele olhou de um para o outro e percebeu que já não tinha certeza.

Lauderback não tinha falado quase nada para Balfour sobre o capítulo final de sua jornada ao longo dos Alpes, duas semanas antes. A maior parte do que Balfour sabia da noite de sua chegada viera do *West Coast Times*, que publicou uma versão resumida do depoimento dado por Lauderback por escrito às autoridades. Lauderback não era suspeito de ter qualquer participação naquelas mortes — uma delas, uma tentativa, a outra, concretizada: o laudo do médico-legista eliminou qualquer dúvida de que Crosbie Wells pudesse ter morrido de causas puramente naturais, e o médico provou que o ópio que quase matara Anna Wetherell pertencia a ela

mesma. Mas Balfour perguntava-se, agora, até que ponto o jornal dizia a verdade.

Ele observou Jock Smith empurrar seu pedaço de fígado para um lado e para o outro. Era de estranhar que, do nada, Lauderback parecesse tão curioso sobre o comportamento de Crosbie Wells em vida; era ainda mais estranho pensar que Crosbie Wells, um sujeito manso e comum, sem qualquer tipo de influência, desfrutasse de uma ligação de parentesco — ou mesmo de *qualquer* ligação! — com o notório Francis Carver. Nisso Balfour não podia crer. E ainda havia a questão da prostituta na estrada. Esse episódio seria uma mera coincidência ou estaria de algum modo conectado à morte prematura de Crosbie Wells? Por que tinha Lauderback sido tão relutante em falar sobre qualquer um desses dois encontros — relutante, quer dizer, até agora?

Em parte para reacender a conversa, em parte para evitar que sua imaginação divagasse a fazer acusações infundadas contra seu amigo, ele disse:

— Então você vendeu a barca para Carver, que você pensava se chamar Wells, e ele lhe disse, a propósito, que tinha um irmão chamado Crosbie, que andava escondido por aí.

— Já não me lembro bem — disse Lauderback. — Isso foi há quase um ano. Já faz tempo.

— Mas então você se depara com o irmão do sujeito, recém-morto, um ano mais tarde! — disse Balfour. — E nada menos que do outro lado dos Alpes… em um lugar onde você nunca pôs os pés antes! Bastante estranhas essas coincidências todas, não acha?

Lauderback disse, de modo assaz arrogante:

— Só uma mente fraca acredita em coincidências — pois lhe era de hábito assumir um tom condescendente quando estava sob pressão.

Balfour ignorou esse aforismo.

— Qual seria o nome falso: Carver? — meditou ele. — Ou Wells? — Mas ele olhava para o político enquanto falava.

— Devo encher outra jarra, senhor L.? — disse Augustus Smith.

Lauderback bateu na mesa.

— Sim, encha-nos outra jarra. Ótimo.

— A *Godspeed* zarpou há cerca de duas semanas — disse Balfour. — Ela vai e volta de Cantão, creio… transportando chá, não é? Então acho que nós não veremos Carver por essas bandas por um tempo.

— Vamos mudar de assunto — disse Lauderback. — Cometi um equívoco com os nomes. Devo ter cometido um equívoco com os nomes. Isso não significa…

— Um momento — disse Balfour. Sobreviera-lhe um novo pensamento.

— O quê? — disse Lauderback.

— Isso *pode* significar. Levando em consideração que a venda de seu espólio foi contestada na Justiça. Pode significar para a viúva, se Crosbie Wells tinha um irmão escondido.

Lauderback sorria novamente, trêmulo.

— A viúva?

— Pois sim — disse Balfour sombriamente e ele estava prestes a continuar seu raciocínio, mas Lauderback disse, aos atropelos:

— Não havia nenhum sinal de esposa no chalé, nenhum rastro. Ao que tudo indica, ele, o sujeito, vivia sozinho.

— De fato — disse Balfour. Mais uma vez, ele estava prestes a elaborar seu raciocínio, mas Lauderback o interrompeu:

— Você disse que essa notícia do irmão poderia significar alguma coisa. Mas o dinheiro de um homem sempre vai para sua mulher a não ser que o testamento diga o contrário. Essa é a lei! Não vejo como a existência de um irmão poderia significar alguma coisa. Não entendo isso.

Ele inclinou a cabeça em direção ao seu convidado.

— Não *há* testamento algum — disse Balfour. — Eis o problema: Crosbie Wells nunca fez um testamento. Ninguém sabia se ele tinha família. Quando morreu, nem sabiam para onde mandar uma carta. Sabiam apenas seu nome, veja você, não tinham qualquer endereço, nem certidão de nascimento, nada. Por isso, suas terras e seu chalé foram para a Coroa… E a Coroa tem o direito de vender essas propriedades, obviamente, então isso foi posto à venda e vendido já no dia seguinte. Aqui nada fica encalhado no mercado por muito tempo, isso eu posso lhe dizer. Mas *então*, quando a tinta do contrato de venda *dessa* propriedade

ainda estava secando, surge uma esposa! Ninguém tinha ouvido falar nessa mulher até aquele dia, mas ela apareceu com os papéis do casamento, e assinava como Lydia Wells.

Os olhos de Lauderback se esbugalharam. Agora, finalmente, Thomas Balfour tinha toda sua atenção.

— *Lydia Wells*? — disse ele, quase sussurando.

Augustus Smith olhou para Jock, depois fitou o vazio.

— Isso aconteceu na quinta-feira — disse Balfour, assentindo. — O tribunal não contestou seus documentos. Eles os enviaram para Dunedin, naturalmente, só para verificá-los. Mas algo parece não encaixar. A forma como ela apareceu tão prontamente querendo pôr as mãos no espólio, sendo que Crosbie nunca tinha falado nada sobre ela. Outro detalhe suspeito: essa senhora é tremendamente refinada. Como Crosbie Wells conseguiria se casar com uma mulher assim, rá!, esse é um mistério que eu pagaria para ver solucionado!

— Você a viu, Lydia, por aqui? Ela está aqui?

O nome soava familiar em sua boca: então ele a conhecia, pensou Balfour; e devia ter conhecido o falecido marido também.

— Pois sim — disse ele em voz alta, tentando não transparecer nenhum vestígio de sua suspeita. — Vi-a chegando no paquete a vapor, na quinta-feira. Trajada como se estivesse indo a um baile, saiba disso; trepando a escada do navio abaixo, como um marujo. Com um vestido em nó por cima do ombro, suas próprias malas em mãos. Todas as argolas e joias à mostra. Não entendo mesmo como Crosbie Wells conseguiria pôr as mãos numa mulher daquelas. Não entendo.

Lauderback ainda parecia chocado.

— Lydia Wells, esposa de *Crosbie* Wells…

— Pois sim, pelo menos é o que ela alega ser. — Balfour estudou seu interlocutor e, de repente, pousou seu copo em uma mesinha e inclinou-se para a frente. — Veja bem, senhor Lauderback — disse, apoiando a mão sobre a mesinha entre eles. — Parece que você está escondendo algo que o impede de falar as coisas de modo direto. Por que não abre o jogo?

Esse pedido, feito assim de modo tão simples e direto, deu vazão a uma represa no coração de Alistar Lauderback. Assim

como tantos outros homens importantes que estão acostumados a receber serviços constantes e da mais alta qualidade e que raramente se encontram sozinhos, Lauderback tendia a pensar em seus assessores em termos meramente utilitários. Balfour certamente era um camarada bastante agradável — astuto em seu modo de conduzir os negócios, bom bebedor e sempre com um sorriso —, mas seu valor enquanto ser humano era equivalente ao valor da função que ele desempenhava: na cabeça de Lauderback, ele era substituível. Aquilo que estava além de suas qualidades mais imediatamente identificáveis, isso o político nunca se deu o trabalho de conhecer.

É sempre um momento nitidamente particular aquele em que um político percebe pela primeira vez o sujeito à sua frente como um homem — talvez não como um igual, mas pelo menos como um ser, irredutível, repleto de fragilidades, arrebatamentos, com um passado real e um futuro incerto. Alistair Lauderback sentiu a aridez desse momento e se envergonhou. Ele viu que Balfour havia oferecido sua amizade e que ele tinha aceitado apenas auxílio; que Balfour havia oferecido gentileza e que ele tinha aceitado apenas seu benefício prático. Ele virou-se para seus assessores.

— Camaradas — disse ele —, eu gostaria de conversar com Balfour de homem para homem. Vão dar uma volta e nos deixem para uma palavrinha.

Augustus e Jock levantaram-se da mesa (Balfour observou, com um incomum lampejo de triunfo competitivo, que os dois estavam sentidos por terem sido postos de lado) e deixaram a sala de jantar sem dizer palavra. Quando eles haviam saído, Lauderback suspirou profundamente. Serviu-se de mais uma dose de vinho, mas em vez de dar um gole pousou o copo entre as palmas de suas mãos e fitou-o.

— Você sente falta da Inglaterra, Tom? — disse ele.

— Inglaterra? — Balfour ergueu as sobrancelhas. — Eu não coloco os pés na ensolarada Inglaterra desde… ora. Desde antes de os meus cabelos ficarem grisalhos!

— Naturalmente — disse Lauderback em tom de desculpas. — Você estava na Califórnia, eu havia esquecido. — Ele ficou em silêncio, castigando-se.

— Por aqui todo mundo está sempre falando de casa — disse Balfour. — Não deixo de pensar que a graça é sentir saudades.

— Sim — disse Lauderback muito calmamente — Isso mesmo.

— Ora — continuou Balfour, incentivado pelo parecer favorável de seu interlocutor —, a maioria dos rapazes mantém sempre um pé no navio, sabe como é. Ficam afoitos para voltar assim que juntarem um pouco de fortuna. O que eles fazem? Compram uma casa, encontram um amor, se acomodam…Mas e depois, com o que eles sonham? O que desejam? Eles sonham é com as escavações! Com a época em que podiam sentir a preciosidade em suas mãos! Sendo que enquanto estiveram aqui, tudo o que fizeram foi falar sobre suas casas. Suas mães. *Yorkshire Puddings*. Toucinho à moda. Essa ladainha toda. — Ele bateu na mesa a base do copo. — Inglaterra, eis o velho país. Sente-se falta do velho país. É claro que sim. Mas para lá não se volta.

Enquanto esperava o político começar a falar, ele olhou ao seu redor. Já muito passava das dez da manhã, e a multidão que viria para o almoço ainda não tinha começado a aparecer — embora logo viesse a fazê-lo, já que era sábado e, ainda por cima, um sábado depois de uma semana de chuva. O menino que estava sentado junto à lareira já fora embora, levando com ele a bandeja com os ferros quentes; o cozinheiro guardara suas cartas de baralho e agora destrinchava um osso; os rapazes da limpeza haviam saído de seu alojamento e agora empilhavam pratos e faziam barulho. O clérigo da mesa ao lado continuava sentado diante de sua xícara de café, que há muito já havia esfriado. Seu olhar estava focado no panfleto que trazia nas mãos e a boca estava contraída em concentração. Estava claro que ele não prestava atenção alguma na conversa dos vizinhos — mas mesmo assim Balfour trouxe sua cadeira um pouco mais para perto de Lauderback, de modo que o político não precisasse falar tão alto.

— Lydia Wells — começou Lauderback — é a dona de um estabelecimento em Dunedin cujo nome eu preferiria dizer somente uma vez, se não se importar. O lugar se chama A Casa dos Muitos Desejos. Um nome infeliz, realmente. Suponho que você já tenha ouvido falar desse lugar.

Balfour assentiu, mas discretamente, de modo a não implicar nem familiaridade nem total ignorância. O estabelecimento ao qual Lauderback se referia era uma casa de jogos da mais baixa estirpe, famosa por suas altas apostas e por suas dançarinas.

— Lydia era… uma velha conhecida minha nesse lugar — continuou Lauderback. — Não envolvia dinheiro. Não houve transação financeira, entenda-me bem. Entenda-me, porque é a verdade. — Ele tentou encarar Balfour, mas os olhos do agente portuário estavam baixos. — Enfim — disse Lauderback depois de um instante — sempre que eu ia a Dunedin, eu a visitava.

Ele aguardou, desafiando o outro homem a falar, mas Balfour permaneceu em silêncio. Depois de um momento, continuou.

— Bem, quando eu fui ao seu escritório pela primeira vez, Tom, você deve se lembrar de que a *Godspeed* estava precisando de um capitão. Você não a queria, e nos meses seguintes eu tive certa dificuldade em encontrar alguém que pudesse assumir um contrato com ela. A barca estava ancorada em Dunedin, então. A *Lady* precisava de calafetagem, e eu estava sem recursos, devido àqueles reparos que fiz no *Virtue*, como você deve lembrar. Eu estava cheio de contas para pagar. No final, acabei tomando uma decisão precipitada e aluguei a *Godspeed* a título particular para um sujeito chamado Raxworthy, que queria rotear entre a Austrália e os garimpos de Otago. Ele era da Marinha. Aposentado, claro. Já tinha comandado uma corveta durante a guerra da Crimeia, no Báltico, e tinha uma Cruz Vitória para prová-lo. Ele já estivera por toda parte. Costumava dizer que, se tivesse viajado arrastando uma corda atrás de si, poderia ter laçado o mundo. Foi dispensado da Marinha por sofrer de gota, que aparentemente era grave o suficiente para justificar sua licença prolongada da Marinha, que lhe era devida, mas não tão grave para que ele quisesse ancorar de vez. A *Godspeed* lhe convinha. Ele é um tipo antiquado, veja você, e ela era uma barca à moda antiga.

“Voltei para Akaroa depois disso, e nem por um segundo ouvi palavra sobre Raxworthy. Mas eu continuava vagando para cima e para baixo pela ilha com bastante frequência e, quando fui a Dunedin novamente, me meti em uma confusão. Havia um marido,

afinal. Lydia tinha um marido. Ele tinha voltado para casa enquanto eu estava fora.”

Balfour estreitou os olhos.

— Crosbie Wells?

Lauderback balançou a cabeça.

— Ele, não. Era aquele bruto que você conhece como Carver. Para mim ele era Wells, Francis Wells.

Balfour assentiu vagarosamente.

— Mas agora essa mesma mulher diz que era esposa de *Crosbie* Wells — disse ele. — Alguém está mentindo em alguma parte dessa história.

— Em todo caso…

— A mentira pode ser sobre o casamento — disse Balfour — ou sobre o nome.

— Em todo caso — disse Lauderback com aborrecimento —, isso não importa, pelo menos não agora. Você tem que ouvir a história na ordem correta. Naquela época eu sequer sabia que Lydia era casada. Na casa de jogos ela usava seu nome de solteira, veja bem, ela era Lydia Greenway; eu nunca a conheci como Lydia Wells. É claro que, uma vez que o marido apareceu, eu percebi que tinha sido enganado. Eu tentei recuar. Tentei fazer as coisas da maneira certa. Mas o camarada me pegou em um momento delicado. Eu havia acabado de assumir a Superintendência, havia me tornado vereador. Eu mesmo acabara de me casar. Eu tinha uma reputação a zelar.

Balfour assentiu.

— Ele resolveu bancar o marido traído. Tentou faturar umas libras extras com isso.

A boca de Lauderback se retorceu.

— Não era assim tão simples.

— Oh, a velha conhecida trapaça — disse Balfour tentando consolá-lo. — Atinge diretamente no âmago do medo que todo homem sente, é claro. Depois vem a chantagem, quase como um alívio. Basta pagar, e você nunca mais ouvirá falar sobre mim, e tudo o mais. Com muita frequência a mulher está envolvida. Suponho que ela tenha contado a você que estava grávida.

Lauderback balançou a cabeça.

— Não. — Ele voltou a fitar o copo que trazia nas mãos. — Ele era muito mais esperto do que isso. Ele não me pediu dinheiro, nem coisa alguma. Pelo menos não imediatamente. Ele me disse que era um assassino.

O relógio sobre a lareira soou os quinze minutos antes da hora cheia. O clérigo na mesa ao lado olhou para cima, deu um tapinha na coxa e pegou seu relógio no bolso da calça a fim de sincronizá-lo. Ele rodou a chave, contraiu os mostradores, limpou o vidro com seu guardanapo e devolveu-o ao bolso. Em seguida, retornou para o seu panfleto, levando as mãos aos olhos para estreitar seu campo de visão e retomar a leitura.

— Ele foi muito controlado ao dizer isso — disse Lauderback. — Educado, até. Disse-me que havia um sujeito em seu encalço, o comparsa de um homem que ele havia matado. Ele não me disse quem ele matou ou o porquê. Disse apenas que estava sendo perseguido por causa desse assassinato.

— Ele não lhe entregou nenhum nome?

— Não — disse Lauderback. — Absolutamente.

Balfour franziu o cenho.

— Onde entra você nisso tudo? Me soa mais uma confusão de algum homem. Ou uma história de honra. Mas, em todo caso, nada a ver com você.

Lauderback se aproximou.

— Eis o cerne do problema — disse ele. — Ele me disse que eu havia sido marcado como seu comparsa. Como seu associado. E que depois que o sujeito tivesse se vingado dele e tirado *sua* vida… bem, depois disso ele viria atrás de mim.

— Você havia sido marcado? — disse Balfour. — Marcado como?

Lauderback encolheu os ombros e ajeitou-se na cadeira.

— Eu não sei exatamente. É claro que eu estive na casa de jogos um bom número de vezes, e que andei por aqui e ali com Lydia. Eu posso ter sido espionado.

— Espionado é uma coisa — disse Balfour. — Mas como um sujeito poderia ser marcado sem o seu conhecimento? Marcado, como uma tatuagem, sem que ele mesmo soubesse! Ora, você está

me entregando apenas metade da história, senhor Lauderback! Onde está o recheio?

Lauderback parecia constrangido.

— Bem… — disse ele. — Você já ouviu falar em “retrovisor”?

— Em quê?

— “Retrovisor”. É um pedaço de vidro, uma joia ou um pedaço de um espelho que é inserido no fundo de um charuto. Consegue-se fumar normalmente com isso e, enquanto o charuto permanece na boca, ninguém consegue percebê-lo. Jogadores costumam usá-lo. O jogador fuma enquanto joga; tira o charuto da boca, dessa maneira aqui, e segura-o na mão de maneira que o “retrovisor” lhe mostre um reflexo das cartas do outro jogador. Ou então ele usa esse truque para mostrar suas próprias cartas para o adversário, caso esteja jogando em dupla. É uma forma de trapaça.

Balfour segurou um charuto imaginário nas mãos deslocando seus dois primeiros dedos e estendeu o braço por cima da mesa.

— Bem — disse ele —, parece-me uma forma muito ineficiente de se trapacear. Pode dar errado de tantas maneiras! E se você estivesse segurando suas cartas mais de perto? Ou se as mantivesse sobre a mesa? Veja: se eu esticasse o braço em sua direção dessa maneira… você puxaria suas cartas de volta, não? Diga! Você recuaria!

— Os detalhes não importam — disse Lauderback. — A questão é que…

— E um risco tão tolo — disse Balfour. — Que desculpas o sujeito daria para ter um espelhinho enfiado na ponta do charuto?

— A questão é que… — disse Lauderback. — Não se apegue aos detalhes. A questão é que Wells, quero dizer, Carver disse que tinha instalado um “retrovisor” em mim.

Balfour ainda trazia o pulso inclinado e o cotovelo flexionado enquanto semicerrava os olhos ao charuto invisível na mão. Ele parou e fechou o punho.

— Ou seja — disse ele —, um truque para ler suas cartas.

— Mas eu não sei que truque é esse — disse Lauderback. — Eu continuo sem saber. Está me levando à loucura. — Ele estendeu a mão para alcançar o jarro de vinho.

Balfour estampara no rosto uma expressão de ceticismo. Que tipo de alavancagem era aquela? A vaga menção de uma vingança, sem nomes, sem contexto, e um truque barato para roubar no carteado? Nada disso parecia suficiente para justificar uma chantagem. Claramente Lauderback ainda escondia algo. Ele acenou com a cabeça para indicar que o político deveria encher o copo.

Lauderback devolveu o jarro ao seu lugar de origem e voltou à conversa.

— Antes de partir — disse —, ele me pediu uma coisa, e uma coisa somente. Raxworthy tinha perdido um ajudante no comando da *Godspeed*. Isso tinha saído nos jornais e Wells ouviu falar sobre o caso.

— Carver.

— Isso: Carver tinha ouvido falar dessa história. Ele me perguntou se eu poderia dar uma boa referência dele. Ele iria ao cais na manhã seguinte para se candidatar. Pediu-me esse favor, de homem para homem.

— E você fez o que ele pediu?

— Fiz — disse Lauderback gravemente.

— Talvez haja um outro “retrovisor” em você — disse Balfour.

— Que quer dizer com isso?

— Agora há outra conexão, o navio, entre vocês dois.

Lauderback pensou sobre o assunto por um instante, parecendo muito abatido.

— Sim — disse ele. — Mas que poderia eu fazer? Ele já me tinha de mãos atadas.

Balfour sentiu uma onda de simpatia por aquele homem e lamentou ter sido tão mal-humorado minutos antes.

— Pois sim — disse ele, com mais delicadeza. — A essa altura ele já o tinha amarrado.

— Depois disso — prosseguiu Lauderback — nada mais aconteceu. Absolutamente nada. Eu voltei para Canterbury. Esperei. Pensei sobre aquele maldito “retrovisor” até o coração quase sucumbir. Confesso que eu tinha uma certa esperança de que Carver fosse morto, de que o bandido o apanhasse, pois assim eu poderia saber seu nome antes que ele viesse atrás de mim. Eu lia a

Otago Witness todo dia na esperança de ver o nome daquele canalha no obituário, que Deus me perdoe. Mas não aconteceu nada.

"Quase um ano depois, essa história aconteceu há quase um ano, por volta de fevereiro ou março passado, eu recebo uma carta pelo correio. Era um recibo com a anuidade da Danforth Remessas, em meu nome."

— Danforth? Jem Danforth?

— O próprio — disse Lauderback. — Eu nunca usei os serviços dele, não para pertences pessoais, mas eu o conheço, é claro; ele já alugou uma área do porão da *Godspeed* para transporte de cargas.

— E do *Virtue* também, algumas vezes.

— Sim, ocasionalmente, do *Virtue* também. Então, eu examino o recibo. Vejo que há uma remessa recorrente da Austrália para a Nova Zelândia em nome de Lauderback. No meu nome. Viagem após viagem através do mar de Tasman, lá estava a transportadora Danforth, portador *Godspeed*, capitão James Raxworthy, uma entrega de encomenda pessoal, tamanho padrão, paga integralmente por Alistair Lauderback. Por mim. Eu lhe digo, meu sangue gelou. Meu nome, escrito de forma tão precisa; aquela coluna de números que se seguiam.

"No fim, o montante devido era de zero libra. Nenhuma dívida. Todo mês a conta era paga em dinheiro, segundo constava no registro. Alguém tinha orquestrado toda essa transação em meu nome e pagou um bom dinheiro por isso. Fiz uma rápida conferência nas minhas próprias finanças: não faltava dinheiro algum e certamente eu teria notado caso estivesse faltando uma quantia alta daquelas, oitenta, noventa libras em despesas de envio. Eu teria notado um vazamento lento como esse, de onde quer que ele viesse. Não. Algo ainda estava sendo preparado.

"Assim que pude, embarquei para Dunedin para conferir com meus próprios olhos o que estava acontecendo. Isso foi… em abril, suponho. Maio, talvez. Em algum ponto do começo do outono. Quando cheguei a Dunedin, mal pisei em terra. Fui direto procurar a *Godspeed*. Ela estava ancorada e amarrada ao desembarcadouro, com o passadiço para baixo; eu embarquei, não vendo ninguém ao

redor. Tencionava falar com Raxworthy, é claro, mas ele não estava em lugar nenhum. Quem eu encontrei no castelo de proa foi Wells."

— Carver.

— Digo, Carver. Sim. Ele estava sozinho. Segurando um apito em uma das mãos e uma pistola na outra. Ele disse que podia apitar a qualquer momento. Que a polícia portuária ficava a cinquenta metros dali e que a escotilha estava escancarada. Eu fico calado. Ele me informa que há um caixote de transportes em meu nome no porão da *Godspeed* e também um documento de registro que liga meu nome àquelas remessas todos os meses ao longo do último ano. Tudo dentro da lei, tudo registrado. Aos olhos da lei, eu paguei por essas remessas, mês após mês, sempre vindas de lá para cá de Melbourne, de lá para cá, de lá para cá, e não havia nada que eu pudesse dizer para desmentir essa informação. 'Perfeito, mas o que está dentro dessa caixa?', eu pergunto. 'Modas femininas', ele diz. 'Roupas. Uma pilha de vestidos'.

"'Por que vestidos?', pergunto. Ele sorri para mim, um sorriso horrendo, e diz: 'Ora, senhor Lauderback, porque você tem enviado as últimas modas de Melbourne mensalmente ao longo do último ano! Você tem mantido a sua adorável amante, Lydia Wells, com esmero, palavra que tem!, e está tudo nos livros, além do mais. Toda vez que esse baú aporta em Melbourne, ele é enviado diretamente para uma modista na rua Bourke (a melhor costureira, veja), e toda vez que ele volta de lá, sai carregado dos mais incríveis vestidos que o dinheiro pode comprar nesse lado do globo. Você, senhor Lauderback, é um homem muito generoso'."

A voz de Lauderback tornou-se azeda.

— "Mas como essas encomendas foram registradas em meu nome?", pergunto a ele, e ouço uma boa gargalhada como resposta. Ele me diz que todos no submundo de Dunedin conhecem Lydia Wells e sabem o que ela faz para ganhar seu pão. Tudo que ela teve que fazer foi dizer ao velho Jem Danforth que eu a estava mantendo com todas as regalias, mas que ele, por gentileza, mantivesse o nome *dela* fora disso, em respeito à minha pobre esposa! O sujeito acreditou nela. Registrou a encomenda em meu nome. Ela pagou em dinheiro, dizendo que o dinheiro era meu e ninguém me falou uma palavra sobre isso. Achavam que estavam

sendo discretos comigo, perceba: achavam que me faziam um maldito favor, ao me privarem de seus julgamentos cristãos.

"Mas isso não é nem metade da história. Artigos femininos não são nem a metade de toda a maldita confusão. '*Desta* vez', diz ele, 'há algo mais no bagageiro, algo além de vestidos.' Eu pergunto o que é. 'Uma fortuna', diz ele, 'roubada, e toda ela em ouro puro.' 'Roubada de quem?', pergunto. 'Roubada de você, responde, roubada por minha querida esposa, Lydia Wells'; e então ele ri, porque obviamente isso era parte da artimanha: eles sempre estiveram juntos nessa, os dois. Ora, e o que *ele* próprio faz com tão considerável fortuna em ouro puro?, eu pergunto, e ele me diz que tem uma encomenda para entregar a caminho de Dunstan. 'O ouro fora declarado?', pergunto-lhe, e ele diz que não. Se não é declarado, significa que não foi tributado, o que significa ainda que essa encomenda infringiu impostos… ou, pelo menos, infringirá, caso a *Godspeed* zarpe dentro da escala, na maré seguinte.

"Agora, no castelo de proa, Carver me deixa pensar em tudo isso por um momento. Fico pensando em como essa história parece para quem a vê de fora. É como se eu houvesse agido pelas costas do marido por um bom tempo, para que conseguisse cortejar essa mulher e torná-la minha amante. Existem provas disso. É como se eu houvesse roubado uma bela fortuna do sujeito e estivesse tentando contrabandear esse dinheiro para fora do país. É como se eu houvesse arquitetado todo o esquema para levá-lo à falência e arruiná-lo. Adultério, roubo e até conspiração, de uma só vez. Mas a verdadeira armadilha é o ouro não ter sido declarado. Eu antevejo processos por infração alfandegária, evasão fiscal, tráfico ilegal e tudo o mais. Antevejo uma vida inteira atrás das grades. E eu não tenho tempo de vida sobrando, Thomas. Eu não tenho tempo de vida sobrando. É então que pergunto de uma vez o que ele quer e ele finalmente mostra suas cartas. Ele quer o navio."

— Ele já é marinheiro de primeira classe, a essa altura?

— Sim. Ele trabalha sob o comando de Raxworthy e agora quer Raxworthy fora da jogada. Ele já tinha planejado tudo: como eu dispensaria Raxworthy naquela mesma noite, como cancelaria o contrato de toda a equipe, como deixaria o navio livre e desimpedido para ele. Aquilo era ultrajante, entende? Eu gargalho. Digo que não.

Mas ele pegou aquele maldito apito e fez um movimento como que para chamar a polícia portuária.

— Você pediu para ver o ouro no carregamento? — disse Balfour. — Como pôde saber que ele não estava blefando?

— É claro que pedi — disse Lauderback. — Nós fizemos isso tudo. Oh, ele armou sua teia com todo cuidado, isso tenho que admitir! Havia cinco vestidos no baú. Um mais extravagante que o outro. Todos da última moda, perfeitamente de acordo com a história que ele contou; prontos para a modista de Melbourne, veja você. Mas ouça só! O ouro não estava simplesmente guardado no baú, por entre os vestidos. Ele havia sido meticulosamente costurado nos próprios vestidos. Pelas mãos de Lydia, sem dúvida: ela tinha bastante jeito com linha e agulha. Você jamais imaginaria que aquele baú estivesse carregado de ouro, a não ser que segurasse os vestidos e lhes sentisse o peso. Mas um funcionário da alfândega jamais se daria o trabalho de fazê-lo, veja você, a menos que fosse avisado e soubesse onde procurar. Se alguém abrisse o baú e remexesse seu conteúdo, eram apenas artigos femininos, nada de mais. Sim: o plano era realmente muito sagaz.

— Deixe-me avaliar a situação — disse Balfour. — Se o navio tivesse zarpado dentro da escala…

— … então Carver fingiria ter deparado com o baú no porão do navio, agindo como se nunca o tivesse visto antes. Ele teria levado o baú até Raxworthy, forjando angústia e indignação e o que mais você quiser. Afinal de contas, os vestidos eram de sua mulher, e meu nome constava nos documentos. Ele colocaria a lei atrás de mim, me acusando de roubo, adultério, infração alfandegária e tudo o mais. A *Godspeed* nunca teria deixado o porto; ela teria sido revirada antes que alcançasse o atracadouro. Depois disso, a lei viria no meu encalço, e a essa hora eu estaria algemado.

— Mas certamente… se isso de fato acontecesse, e a lei fosse chamada… você poderia simplesmente acusar Lydia Wells — disse Balfour. — E *ela* certamente seria presa…

— Oh, sim, ela certamente teria sido presa — respondeu Lauderback interrompendo-o. — Mas eu não estava disposto a arriscar minha própria liberdade só pelo prazer de vê-la pagar pelo que *ela* fez! Os dois com certeza se uniriam contra mim, se a coisa

toda fosse a julgamento, e isso despertaria uma boa dose de simpatia, por ela ter vislumbrado seu mal, veja; por ter se arrependido; por ter ficado ao lado de seu legítimo marido e essa asneira toda.

— Isso se ele realmente fosse seu legítimo esposo — apontou Balfour. — Ao que parece, *Crosbie* Wells é que era…

— Sim, sim — Lauderback retrucou. — Mas eu não sabia disso na época, sabia? Não me diga o que eu deveria ter feito ou como eu deveria ter feito. Não aguento isso. As coisas são como são.

— Bem — disse Balfour recostando-se —, estou confuso.

— Ele me venceu — disse Lauderback. Ele estendeu as mãos em um gesto de derrota. — Eu assinei os documentos passando a barca para ele.

Balfour refletiu por um momento.

— Onde Raxworthy estava naquela noite?

— Naquela maldita casa de jogos — disse Lauderback. — Sem dúvida tendo uma noite maravilhosa, com Lydia Wells a tiracolo, soprando seus dados!

— Acha que ele fazia parte do esquema?

— Creio que não — disse Lauderback, balançando a cabeça. — Ele estava de licença naquela noite, tinha um compromisso naval, um evento oficial qualquer. Nada que fosse descabido. E nunca achei que ele estivesse tramando para cima de mim, depois disso.

— O que ele tem feito agora?

— Raxworthy? Comandado o maldito *Spirit of the Thames* e se entediado como um tigre no zoológico. O homem não suporta barcos a vapor. Está furioso comigo.

— Será que ele sabe da história toda?

Lauderback pareceu furioso.

— Eu sou uma figura pública — disse ele. — Se alguém soubesse dessa história, você saberia. Eu estaria afundado. Será que ele sabe… Claro que não!

Ele ficou subitamente impaciente com seu próprio relato, como notou Balfour. A narração dos eventos havia apenas reacendido a vergonha de ter sido logrado.

— Mas e a venda do barco? — disse Balfour após um momento. — Isso é de conhecimento público, aparece nos jornais.

Lauderback praguejou.

— Oh, sim — disse ele. — De acordo com os jornais eu vendi aquele maldito navio por um preço até que bastante razoável, e tudo em ouro puro. É claro que eu nunca vi um pêni desse dinheiro. O ouro permaneceu naquele maldito baú, e quando a *Godspeed* fez seu trajeto até Melbourne no dia seguinte, o baú foi apanhado lá do outro lado, exatamente como aconteceu nos meses anteriores do último ano. E então ele desapareceu, é claro. Não havia nada que eu pudesse fazer a esse respeito, não sem atrair a suspeita para mim mesmo. Só Deus sabe onde esse ouro foi parar. E ele ganhou o navio, ainda por cima.

Lauderback brincou furiosamente com o galheteiro.

— Quanto valia o ouro que estava no baú, aos seus olhos?

— Não sou nenhum prospector — disse Lauderback —, mas, pelo peso dos vestidos, eu diria que havia ali uns dois mil, pelo menos.

— E você nunca mais viu esse ouro?

— Não.

— Nem ouviu falar dele?

— Não.

— E nunca mais viu a garota, Lydia Wells?

Lauderback riu roucamente.

— Lydia Wells não é nenhuma *garota* — disse ele. — Eu não sei o que ela é, mas não é nenhuma *garota*, Thomas. Ela não é nenhuma *garota*.

Mas ele não respondeu a pergunta de Balfour.

— Você sabe que ela está aqui, em Hokitika — recordou-lhe Balfour.

— Assim você disse — disse Lauderback severamente, e nada mais disse.

Que estranha, indomada fera é a adulação! De que forma imprevisível ela insubordina sua cabeça e investe contra as rédeas de sua criação! A veneração que Balfour nutria por aquele homem — e que tão facilmente se transformara em petulância — surgia

agora, em ondas, como desdém. Ter perdido tanto — e ainda por cima devido a uma *amante*! Pela mulher de outro homem!

O desdém, por toda a sua pretensão de censura, é uma emoção que propicia certa clareza. Thomas Balfour observou seu amigo secar o copo que trazia nas mãos e estalar os dedos para mais uma rodada, e seu olhar foi desdenhoso — e em seguida seu desdém deu lugar à desconfiança, e a desconfiança, à perspicácia. Havia elementos na história de Lauderback que insistiam em não se encaixar. O que dizer da morte oportuna de Crosbie Wells? Lauderback ainda haveria de esclarecer essa coincidência — do mesmo modo como haveria de explicar por que ele acreditava que Carver e Wells eram justamente irmãos! E quanto a Lydia Wells, que arremetera por Hokitika tão prontamente após a morte do marido para reclamar sua legítima herança, que o capitão do porto perguntou, assaz jocosamente, se os correios de Hokitika haviam instalado um telégrafo? O que Balfour sabia por certo era que não lhe haviam contado a história completa; o que ele não sabia, no entanto, eram os motivos dessa omissão. Quem Lauderback estaria protegendo? Apenas a si mesmo? Ou haveria mais alguém?

Os olhos de Lauderback se aguçaram. Ele inclinou-se para a frente e espetou a mesa com o dedo indicador.

— Sabe de uma coisa — disse ele —, acabei de pensar em algo. Em relação a Carver. Se o nome dele for *mesmo* Carver, então a venda do navio pode ser anulada. Não se pode assinar uma escritura no nome de outra pessoa.

Balfour não respondeu. Ele estava distraído com a sua nova avaliação daquele outro homem e com a distância crítica que se abrira subitamente como um abismo de dúvida entre os dois.

— E mesmo que o nome de fato seja Wells — acrescentou Lauderback, ainda mais animado —, mesmo que *isso* seja verdade, Lydia não pode ser casada com dois homens ao mesmo tempo, pode? É como você disse: ou estão mentindo a respeito do casamento ou estão mentindo a respeito do nome!

Um garoto trouxe um novo jarro de vinho. Balfour apanhou-o e completou seus copos.

— A não ser — disse ele enquanto servia — que ela *não* tenha se casado com os dois ao mesmo tempo. Ela pode ter se divorciado

de um irmão e depois se casado com o outro.

Ele pronunciou a palavra “irmão” com cuidado, mas Lauderback, animado demais com essa nova possibilidade, não reparou.

— Mesmo assim — disse ele —, se o nome dele for mesmo Carver, a assinatura é falsa, e a venda do navio pode ser anulada. Digo-lhe, Thomas: de um jeito ou de outro, nós o pegaremos. De um jeito ou de outro. Apanharemos Carver em sua própria mentira.

Seu alívio fê-lo imprudente. Balfour disse:

— Então você vai pegá-lo agora?

Os olhos de Lauderback estavam brilhando.

— Vou expor esse sujeito — disse ele. — Vou expor Francis Carver e vou tomar a *Godspeed* de volta.

— E quanto ao vingador? — disse Balfour.

— Quem?

— O sujeito que estava atrás de Carver. O sujeito que tem um “retrovisor” em você.

— Nunca ouvi uma palavra sobre esse sujeito — disse Lauderback. — Espero que isso seja mais uma invenção de Carver.

— Isso significa que ele não matou ninguém? — disse Balfour suavemente. — Você quer dizer que ele não é um assassino?

— Ele é um canalha, eis o que ele é — disse Lauderback. Ele esmurrou a mesa. — Canalha e mentiroso! *E ainda por cima* um ladrão. Mas vou pegá-lo no flagra. Vou fazê-lo pagar por isso.

— E as eleições? — disse Balfour. — E Caroline? — (Este era o nome da mulher de Lauderback.)

— Eu não preciso arriscar tudo *isso* — disse Lauderback com desdém. — Posso agir discretamente. Posso pegá-lo nessa questão do contrato. Chantageá-lo, assim como ele fez comigo. Fazê-lo experimentar um pouco de seu próprio veneno.

Balfour cofiou a barba, observando-o.

— Bem…

— Carver provavelmente deve ter destruído sua própria cópia do contrato de venda, caso esse documento seja uma prova de seu engodo… creio que irei autenticar a minha cópia, por segurança.

— Bem… — disse Balfour novamente. — Talvez devêssemos ser otimistas.

Mas Lauderback sentara-se mais para a frente, dominado pela emoção.

— Não há necessidade! Posso começar de imediato! — exclamou ele. — Eu sei exatamente onde está o contrato. Está acondicionado no baú, dentro daquele caixote de transporte que enviei para cá e que você está guardando para mim.

Balfour sentiu suas entranhas se contorcerem. Seu rosto ficou subitamente vermelho. Ele abriu a boca para responder — mas em seguida, acovardado, fechou-a.

— O *Virtue* já chegou e partiu novamente? — disse Lauderback. — Você estava esperando que a encomenda chegasse na semana passada, se não me engano.

Uma voz urrava no ouvido de Balfour. Ele deveria ter sido franco com o político a respeito do desaparecimento da bagagem assim que os dois foram deixados a sós. “Estúpido”, gritou por dentro, “estúpido!” Mas ele não poderia simplesmente dizer a verdade a Lauderback? Não era culpa de ninguém o fato de o caixote de transporte ter sumido — fora um acidente, provavelmente um engano durante os trâmites burocráticos do percurso — e mais cedo ou mais tarde a encomenda apareceria, em alguma situação improvável… um pouco maltratada por fora, talvez, mas nada que inviabilizasse sua utilidade prática. Lauderback certamente entenderia a situação! Se ele confessasse seu erro de modo calmo e honesto — se assumisse sua parcela de culpa…

Mas o coração de Balfour sofreu um espasmo. Deve haver uma relação entre o baú da história de Lauderback — aquele com os vestidos femininos, que cruzara a fronteira entre a Austrália e a Nova Zelândia todos os meses ao longo de um ano inteiro — e o baú contendo os pertences de Lauderback, entre eles o contrato fraudulento, que havia tão recentemente desaparecido do cais de Hokitika. *Deve* haver uma correlação, haja vista que Balfour nunca extraviara um caixote de transporte, nem tampouco roubara, não nesses anos todos no ramo! Seu coração começou a bater mais forte. Francis Carver já havia chantageado o político uma vez; talvez ele o fizesse pela segunda vez! Talvez Carver tivesse roubado o caixote de transporte! O homem era conhecido nas docas de Hokitika, afinal de contas…

Lauderback estava lançando seu olhar sobre a mesa à procura de algum aperitivo frio; ele não notara a mudança no comportamento de Balfour, enquanto revolvia na mente aquela nova possibilidade.

— Ele já chegou, o *Virtue*? — repetiu, sem transparecer impaciência.

— Não — disse Balfour.

O cômodo pareceu contrair-se diante da mentira.

— Ainda não? — disse Lauderback. Ele encontrou uma cebola cerosa no prato que Jock Smith deixara para trás e rebentou-a na boca. — Então eu bati meu próprio veleiro, e a cavalo! Por essa eu não esperava! Nenhuma falha ocorreu no trajeto, espero!

Seu bom humor havia sido restaurado; ele estava volúvel, até. Que tônico para o espírito é a promessa da vingança!

— Não — disse Balfour novamente.

— Ele ainda está em trânsito, foi isso que você disse?

Balfour fez uma pausa por uma fração de segundo e então disse:

— Pois sim, ainda em alto-mar. Correto.

— Vindo a oeste a partir de Dunedin, é isso? Ou por cima e avante no estreito de Cook?

Balfour estava suando. Ele observava a mandíbula do político se movimentar enquanto este mastigava. No fim, escolheu a rota mais demorada.

— Por cima e avante no estreito.

— Oh, bem — disse Lauderback, engolindo. — Não se evita esse tipo de situação, suponho. Não no ramo de transportes. Mas você me avisará assim que o navio aqui desembarcar, não é?

— Pois sim, é claro. Sim. Eu irei avisá-lo.

— Estou ansiando por isso — disse Lauderback. Ele hesitou: — Bem, Tom, tem algo mais. É preciso compreender que o que eu lhe disse esta manhã…

— … é estritamente secreto — deixou escapar Balfour. — Não vou contar a alma nenhuma.

— Com a minha campanha no ponto de…

— Você não precisa nem dizer — Balfour balançou a cabeça. — Não precisa nem dizer. Minha boca é um túmulo.

— Bom homem. — Lauderback empurrou sua cadeira para trás e bateu com as mãos nos joelhos. — Ora — disse ele. — Pobre Jock e pobre Augustus. Fui indescritivelmente rude com eles.

— Sim, pobre Jock, pobre Augustus, sim — disse Balfour, gesticulando com as mãos para deixar claro que Lauderback estava liberado da conversa. Mas Lauderback, agora cantarolando por entre os dentes, a essa altura já estava apanhando sua sobrecasaca.

O coração de Thomas Balfour batia rapidamente. Ele não estava acostumado à terrível opressão que surge após uma mentira quando desponta ao mentiroso que a mentira que ele proferiu está agora ligada a ele; que ele agora terá de continuar mentindo e superpor pequenas mentiras à mentira inicial, e se encerrar na solitária contemplação de seu próprio erro. Balfour vestiria sua lorota como um grilhão, até que o caixote de transporte fosse localizado. Ele precisava localizá-lo rapidamente — e sem o conhecimento de Lauderback, que dirá com sua ajuda.

— Senhor Lauderback — disse ele —, creio que o senhor deva agora bancar o político por um tempo. Aperte algumas mãos, você sabe. Lance uns dados. Jogue um pouco de bocha. Passe uma noite no teatro. Deixe tudo isso de lado.

— E quanto a você?

— Eu vou descer aos desembarcadouros e fazer uma rodada de interrogatórios: o que Carver tem feito, para onde foi.

Uma sombra de alarme atravessou o rosto de Lauderback.

— Pensei que você tivesse dito que ele foi para Cantão. Não foi isso? Transportar chá?

— Mas precisamos verificar isso — disse Balfour. — Devemos estar preparados. — Ele pensava sobre o caixote de transporte perdido e sobre a nova possibilidade de que Francis Carver poderia tê-lo roubado. (Mas que necessidade Carver teria de vingar-se *duas vezes* de Alistair Lauderback, quando a primeira chantagem havia passado tão incólume?)

— Seja discreto — disse Lauderback. — Seja discreto, na hora de fazer suas perguntas.

— Não há com o que se preocupar — disse Balfour. — Os rapazes me conhecem no cais Gibson, e você deve se lembrar de

que fiz um bom número de transações com a *Godspeed*. Enfim: melhor ir eu do que você.

— Sim, melhor assim — disse Lauderback. — Sim. Tudo bem. Você faz isso, então. — Ele assentiu.

Na verdade, esse era justamente o tipo de delegação ao qual Alistair Lauderback estava acostumado, enquanto homem de posses. Não lhe era nada estranho que Balfour resolvesse dedicar seu sábado para pôr em ordem os problemas de outro homem. Não lhe ocorreu ponderar se Balfour poderia estar arriscando a própria reputação ao associar-se a uma história de traição, chantagem, assassinato e vingança, nem dedicou pensamento algum a ponderar o que ele ganharia com aquilo. Ele sentiu apenas alívio. Uma ordem invisível havia sido restaurada: o mesmo tipo de ordem que garantia que seu ovo quente estaria pronto todas as manhãs e que seus pratos seriam lavados. Ele alargou o nó da gravata com os dedos e levantou-se da mesa sentindo-se revigorado.

Suavamente, Balfour disse:

— E fique longe de Lydia Wells, por segurança. Apenas porque…

— Claro, claro, claro — disse Lauderback. Ele pegou as luvas com a mão esquerda e estendeu a mão direita para cumprimentar Balfour. — Vamos pegar esse bastardo, não vamos?

De súbito, Balfour percebeu que Lauderback sabia exatamente a natureza do “retrovisor” pelo qual Frank Carver o tinha de mãos atadas. Ele não saberia explicar como chegara a essa súbita percepção — mas de uma hora para outra, ele entendeu.

— Sim — disse ele, apertando a mão de Lauderback muito firmemente. — Nós logo o pegaremos, a propósito.

Marte em Sagitário

Em que Cowell Devlin passa uma péssima primeira impressão; Te Rau Tauwhare oferece informação a determinado preço; Charlie Frost desconfia de algo; e tomamos conhecimento do crime pelo qual Francis Carver foi condenado anos atrás.

Quando um espírito incansável é convocado, sob influência, a decifrar uma charada para outro homem, suas energias são, de início, pronta e lealmente aplicadas. Mas as energias de Thomas Balfour tendiam a durar muito pouco caso o projeto de que fora incumbido não fosse de sua própria criação. Sua imaginação dava lugar à impaciência, e seu otimismo, a uma espécie extravagante de negligência. Ele cunhava uma ideia apenas para descartá-la de imediato, pela simples razão de que não representava mais uma novidade para ele; partia então para todas as direções ao mesmo tempo. Essa não era absolutamente a marca de um temperamento instável, mas antes a de um homem acostumado ao entusiasmo do tipo mais genuíno e curioso, e que portanto rejeita qualquer forma de falsificação — mas que não deixava de ser, não obstante, um impedimento ao progresso.

Balfour estava pronto para levantar-se da mesa e sair do Palace Hotel quando subitamente deu-se conta da grande pena que seria deixar pela metade um jarro de vinho tão fino. Verteu-lhe o resto em seu copo e estava levando-o aos lábios — quando viu, por sobre a borda do copo, que o clérigo da mesa ao lado havia pousado o panfleto e cruzado as mãos. Ele fulminava Balfour com o olhar.

Como uma criança flagrada roubando, Balfour deitou o copo.

— Reverendo — disse ele. (Era, pensando bem, deveras cedo para se embriagar.)

— Bom dia — devolveu o reverendo, e devido a seu sotaque Balfour de pronto soube-o irlandês; relaxou e permitiu-se uma rudeza. Pegou novamente seu copo e bebeu até o fundo.

O clérigo disse:

— Creio que seu amigo seja um homem de sorte.

Que rosto infeliz ele tinha — capturado em uma meninice eterna, com aquela boca projetada, aquele lábio inferior em beicinho, aqueles dentes iguais a cotocos! Era possível vê-lo de calções e polainas, roendo um naco de pão com linguiça, carregando um embrulho com livros atados com um velho cinto de seu pai e que lhe atingiam na perna enquanto comia. Mas ele tinha trinta, talvez quarenta anos de idade.

Balfour estreitou os olhos.

— Não me recordo de ter falado em seu proveito.

O homem inclinou sua cabeça, como se admitisse um ponto.

— Não, de fato — disse ele. — E nem em proveito de nenhum outro homem, espero.

— O que quer dizer, exatamente?

— Apenas que homem algum deveria se beneficiar de entreouvir más notícias. Menos ainda um membro do clero.

— Más notícias, você diz? Julguei você ter dito que ele era homem de sorte.

— Sortudo por ter alguém como você — disse o clérigo, e Balfour corou.

— Veja — disse furioso —, isso não conta como uma confissão só porque soa como um segredo e porque você o ouviu de esguelha.

— Você está muito certo em fazer essa distinção — disse o clérigo, ainda em tom amigável. — Mas eu não os entreouvi de propósito.

— Quanto ao seu propósito, quanto ao que é intencional e ao que não o é, quem poderá dizê-lo?

— Vocês estavam conversando muito alto.

— Quem poderá dizer seu propósito, digo?

— Com todo respeito às minhas intenções, infelizmente temo que você terá que confiar nas minhas palavras, ou na minha batina, caso elas não sejam suficientes.

— Confiar o que às suas palavras e à sua batina? Confiar o suficiente em quê?

— Confiar em que eu não tive a intenção de bisbilhotar — disse o clérigo pacientemente. — Confiar em que posso guardar um segredo, quando solicitado.

— Bem — disse Balfour —, você foi solicitado. Estou solicitando. E você deveria parar de falar em sorte e em más notícias. Essa é sua opinião, não o que você ouviu.

— Tem razão. Peço desculpas.

— Desculpas não solicitadas, sabe disso. Portanto, negadas.

— Peço perdão. Ficarei em silêncio.

Balfour acenou com o dedo.

— Mas você deve parar de falar porque eu lhe pedi, não por causa da regra de confissão. Pois não foi uma confissão.

— De fato, não foi: nisso concordamos. — Ele acrescentou, em um tom diferente. — Em todo caso, a confissão é uma prática católica.

— Mas você é católico. — De repente Balfour estava se sentindo muito embriagado.

— Metodista Livre — corrigiu o reverendo, sem ofensa; mas acrescentou, como uma sutil reprimenda. — Não se pode dizer muito sobre um homem a partir de seu sotaque, você sabe.

— Irlandês — disse Balfour, estupidamente.

— Meu pai veio do condado de Tyrone. Antes de vir para cá, eu estava em Dunedin; antes, em Nova York.

— Nova York! Isso é que é lugar!

O reverendo balançou a cabeça.

— Todo lugar não passa de um lugar — disse.

Balfour vacilou. Depois dessa admoestação, sentiu que não poderia insistir no assunto Nova York — mas ele não conseguia pensar em mais nada sobre que falar, além do assunto que já proibira ao reverendo de citar. Sentou-se por um momento, carrancudo; então disse:

— Está ficando aqui?

— Neste hotel?

— Sim.

— Não: na verdade minha barraca inundou e estou tomando meu desjejum protegido da chuva — disse o clérigo. Ele estendeu a mão para indicar os restos da refeição diante de si, já fria há muito

tempo. — Você vê que enrolei longo tempo, para que o abrigo durasse mais.

— Não tem uma igreja para ir?

Essa era uma pergunta bastante rude, cuja resposta Balfour já conhecia, pois havia então somente três igrejas em Hokitika. Mas ele estava se sentindo de certa maneira contrariado pelo homem, de um jeito que não podia explicar, e desejava recuperar a vantagem — não exatamente humilhando-o, mas pondo-o em seu lugar.

O clérigo apenas sorriu, exibindo seus minúsculos dentes.

— Ainda não tenho — disse ele.

— Nunca ouvi falar num Metodista Livre. Acredito que seja uma das novas religiões.

— Uma nova prática, um novo governo — disse o homem. Ele sorriu novamente. — Mas uma antiga doutrina, é claro.

Balfour achou-o bastante presunçoso.

— Suponho que tenha vindo em uma missão — disse. — Para converter os pagãos.

— Noto que você tece muitas suposições — disse o clérigo. — Você ainda não lançou nenhuma pergunta sem que houvesse presumido também respondê-la.

Mas Thomas Balfour não era de receber gentilmente esse tipo de observação: ele não seria instruído na formação de seu pensamento. Puxou sua cadeira para longe da mesa, indicando que pretendia retirar-se.

— Respondendo-o — continuou o clérigo, enquanto Balfour alcançava sua sobrecasaca —, serei designado capelão do novo cárcere de Seaview. Mas até que fique pronto — ele pegou seu panfleto e o prensou contra a palma da outra mão, como se ilustrasse sua fala —, sou um estudante de teologia, apenas.

— Teologia! — disse Balfour. Ele enfiou os braços nas mangas da sobrecasaca. — Você deveria ler coisas mais pesadas do que isso, você sabe. Tremenda paróquia, essa para a qual você se dirige.

— São filhos de Deus, mesmo assim.

Balfour assentiu vagamente e preparou-se para sair. Súbito, um novo pensamento o atingiu.

— Se julgou-as más notícias — disse ele —, terei de apostar que nos estava ouvindo há um bom tempo.

— Sim — disse humildemente o capelão. — Eu estava. Um nome me chamou atenção.

— Carver?

— Não: Wells. Crosbie Wells.

Balfour estreitou os olhos.

— O que Crosbie Wells significava para você?

O capelão hesitou. A resposta verdadeira era que ele não conhecia Crosbie Wells — e, no entanto, na última quinzena, desde sua morte, o capelão só fizera pensar nele e ponderar as circunstâncias de sua morte. Reconheceu, após uma pausa, que tivera a honra solene de cavar a cova de Wells e realizar os últimos ritos sobre seu caixão, enquanto era descido até a terra — uma explicação que não satisfizera Thomas Balfour. O agente portuário ainda encarava seu novo conhecido com uma expressão de patente desconfiança; seus olhos se estreitaram ainda mais quando o capelão (que comumente suportava muito bem o escrutínio da dúvida) subitamente se crispou e baixou o olhar.

O nome do capelão — como viria a saber Walter Moody nove horas depois — era Cowell Devlin. Ele aportara em Hokitika no veleiro *Virtue*, que era alugado e operado pela Balfour Remessas, e que transportara, além de inúmeros passageiros, madeira, ferro, cavilhas, muitas latas de tinta, artigos secos variados, gaiolas de transporte de gado, uma grande quantidade de calicô, o caixote de transporte agora desaparecido contendo o baú de Alistair Lauderback e, dentro dele, a cópia do contrato segundo o qual a barca *Godspeed* havia sido vendida. O *Virtue* chegara a Hokitika dois dias antes do próprio Alistair Lauderback; o reverendo Cowell Devlin chegara a Hokitika, portanto, dois dias antes da morte de Crosbie Wells.

Imediatamente após aportar, ele fora ter com o acampamento de polícia, onde o diretor-carcereiro, George Shepard, dedicou pouco tempo a pô-lo em ofício. Os deveres oficiais de Devlin não começariam até a conclusão do novo cárcere de Hokitika, construído na planície de Seaview; entrementes, no entanto, Devlin ficou à disposição do acampamento e ajudou com a administração

diária da prisão temporária, que era, àquele tempo, a residência de duas mulheres e dezenove homens. Devlin ensinaria cada um deles a temer seu Criador e lhes instilaria no coração indócil o respeito adequado às férreas vestes da lei — ou era o que o carcereiro lhe dissera. (Devlin logo descobriria que ele e Shepard diferiam muito radicalmente em suas sensibilidades pedagógicas.) Feito um breve passeio pelo acampamento e elogiado o estilo da administração, Devlin perguntou se poderia alojar-se no cárcere todas as noites, para poder dormir entre os infratores e compartilhar de seu pão. O carcereiro ouviu a proposta com desgosto. Ele não rejeitou exatamente o pedido de Devlin, mas estacou, lambeu os lábios com uma língua pálida, seca, e então sugeriu que Devlin faria melhor em tomar um quarto em um dos vários hotéis de Hokitika. Shepard prosseguiu alertando o capelão de que seu sotaque irlandês poderia incitar demonstrações de camaradagem por parte dos ingleses e uma expectativa de sensibilidade católica por parte de seus conterrâneos; aconselhou-o, finalmente, a distinguir bem quando escolhesse suas companhias, e ainda mais quando escolhesse suas palavras — e com esse pronunciamento, deu boas-vindas a Devlin e prontamente desejou-lhe um bom-dia.

Todavia, Cowell Devlin não possuía fundos suficientes para hospedar-se durante meses em um hotel, e não era seu hábito, além disso, satisfazer o pessimismo de outro homem quanto a demonstrações partidárias. Ele não seguiu o conselho de Shepard e não cuidou de seu aviso. Adquiriu uma barraca de mineiro tamanho padrão, amarrou-a a cerca de quarenta e cinco metros da orla de Hotikita e calçou-lhe os bolsos de calicô com pedras. Então refez o caminho pela rua Revell, comprou uma caneca de cerveja no hotel mais abarrotado que encontrou e começou a apresentar-se, tanto a ingleses quanto a irlandeses.

Cowell Devlin era, para todos os efeitos, um *self-made man* — porém, uma vez que o epíteto raramente é usado para descrever membros das ordens sagradas, faz-se necessário esclarecer aqui seu uso. O clérigo passava o tempo em um estado de constante visualização, conjurando em sua mente o futuro despreocupado que determinara que teria um dia. Também sua teologia seguia esse padrão: era um crente esperançoso, e a seus muitos discípulos

falava de um futuro utópico, um mundo livre de desejos. Quando falava, cambiava livremente a linguagem dos auspícios pela dos sonhos: não havia, na mente de Cowell Devlin, conflito entre a realidade assim como ele a percebia e a realidade concebida de outra maneira. Tal inclinação poderia, no caso do temperamento de outro homem, ser chamada de ambição, mas a imagem que Devlin tinha de si era invencível, até mesmo mítica, e ele há muito determinara que não era um homem ambicioso. Como era de esperar, ele era dado a arroubos de ignorância propositais e tendia a passar por cima das verdades mais severas da natureza humana em favor daquelas que poderiam ser romantizadas pela fantasia e pela imaginação. No que tangia a esses dois aspectos, Devlin era um perito. Ele era um exímio contador de histórias, e portanto um clérigo eficaz. Sua fé, assim como a imagem que tinha de si, era completa, homogênea e quase clarividente em sua manifestação — atributos que, como já observara Balfour, o tornavam às vezes assaz presunçoso.

Às onze em ponto da noite de 14 de janeiro — a noite em que Alistair Lauderback chegou em Hokitika —, Cowell Devlin estava sentado de pernas cruzadas no chão do cárcere de Hokitika, falando sobre o apóstolo Paulo aos seus internos. Por volta do crepúsculo começara a chover, e o capelão decidira ficar até mais tarde, na esperança de que o aguaceiro fosse apenas temporário — pois era novo em Hokitika, e ainda não entendia a teimosa constância do tempo na costa. O carcereiro estava trabalhando em seu escritório particular, e sua mulher dormia. Os prisioneiros estavam na maioria acordados. Tinham ouvido o sermão de Devlin de início educadamente e depois com real interesse; estavam agora, sob o encorajamento do capelão, oferecendo testemunhos e filosofias próprias.

Devlin se perguntava se devia ou não se retirar e aventurar-se na chuva, quando ouviu-se um grito vindo do pátio e uma pancada na porta. Isso despertou o carcereiro, que surgiu de seu escritório com um barrete na cabeça e uma espingarda na mão, uma combinação que deveria ter sido divertida, mas não foi. Devlin também se levantou e seguiu Shepard até a porta. Espreitaram na chuva — e viram, logo além da auréola de luz emitida pela lanterna

do carcereiro, o sargento de plantão Ellis Drake. Ele tinha uma mulher em seus braços.

Shepard escancarou a porta e convidou o sargento para que entrasse. Drake era um camarada seboso, nasalado, de inteligência limitada; ao lhe saber o sobrenome, logo vinha à mente não o herói naval homônimo, mas o simples marreco, espécie à qual se assemelhava.[1] Ele carregou sua cativa até o cárcere pelo método vulgar dos bombeiros, atravessada em suas costas, e a depositou sem cerimônia no assoalho. Então relatou, nasaladamente, que a prostituta tinha cometido um crime ou contra a sociedade ou contra Deus; ela havia sido encontrada num estado de tão abjeta inconsciência, que não se poderia fazer uma distinção entre intoxicação grave e dano intencional, mas ele esperava (tirando o seu chapéu) que algumas horas na carceragem pudessem esclarecer o caso. Ele cutucou o corpo imóvel com a ponta de sua bota, como que para reiterar sua opinião, e acrescentou que o instrumento do crime tinha sido provavelmente o ópio. A prostituta estava escravizada à droga e era vista sob seus efeitos com frequência em público.

O carcereiro Shepard fitou Anna Wetherell e observou suas mãos crisparem-se e apertarem o nada. Devlin, não querendo parecer importuno, aguardou a decisão do carcereiro, embora desejasse muito ajoelhar e tocar a mulher, inspecionando seu corpo por sinais de ferimentos: ele se consternava fortemente pela ideia do suicídio e considerava-o o atentado mais atroz que uma alma podia se infligir. Os três homens olharam para a prostituta e por um momento ninguém falou nada. Então Drake segredou que, se tivesse que fazer ele próprio uma acusação formal, ele era da opinião de que ela tentara perpetrar o mais terrível dos crimes; melhor seria o diretor esperar que ela melhorasse, no entanto, para que ele mesmo a questionasse.

Shepard recolheu o corpo da srta. Wetherell como lhe fora pedido, escorou-a contra a parede e a chacoalhou. Assegurou que ela conseguia respirar e que o fazia regularmente; então olhou para seu relógio e comentou o quanto já era tarde. Devlin aproveitou sua deixa e vestiu chapéu e sobrecasaca — embora, ao sair da carceragem, tenha lançado por trás dos ombros um olhar

enternecido. Gostaria que a garota tivesse sido acomodada mais confortavelmente. Mas o diretor lhe desejou boa-noite, e no momento seguinte a porta havia sido fechada e trancada atrás dele.

Quando Devlin retornou ao acampamento da polícia na manhã seguinte, Anna Wetherell permanecia inconsciente; sua cabeça tinha pendido para o lado e sua boca estava ligeiramente aberta. Havia um hematoma violáceo em sua têmpora, e seu queixo estava dolorosamente inchado: teria caído ou sido golpeada? Devlin não tinha tempo para investigar, no entanto, nem para pressionar o diretor para mais informações das circunstâncias de sua detenção: verificou-se que um homem morrera durante a noite, e Devlin foi requesitado a acompanhar o médico ao vale Arahura para auxiliar na remoção do corpo do falecido — e talvez para rezar uma ou outra oração sobre ele. O nome do falecido, conforme Shepard informou-o, era Crosbie Wells. Segundo Shepard, ele havia morrido naturalmente, de idade, debilidade e bebida; não havia razão, a essa altura, para suspeitar de homicídio. Em vida, prosseguiu Shepard, Wells tinha sido um eremita. Ele não seria lembrado nem como homem bom nem como perverso, pois suas amizades eram escassas e ele não deixava família.

O capelão e o médico dirigiram-se rumo ao norte, pela praia, e voltaram ao interior assim que alcançaram a foz do rio Arahura. O chalé de Crosbie Wells, três ou quatro milhas rio acima, era de construção simples — uma caixa de madeira debaixo de um telhado oblíquo de folhas de ferro —, embora Crosbie Wells tenha se dado o luxo de uma janela de vidro, localizada no lado norte da casa. O chalé era nitidamente visível da estrada Christchurch, uma vez que se elevava a cerca de vinte pés acima da margem do rio e era circundado por um entrecho de terra baldia.

No todo, a moradia formava uma imagem muito solitária — e mais ainda depois de o cadáver ter sido embrulhado em cobertas e carregado do quarto. Todos os cantos estavam pegajosos e cobertos de pó. O catre estava amarelecido, o travesseiro, salpicado de mofo. Um naco de toucinho, pendendo de uma viga, estava rachado e ressecado. Botijas de bebida vazias estavam perfiladas em torno do perímetro do quarto. A garrafa na mesa do falecido também estava vazia, levando a crer que a última ação do eremita

tinha sido sorver o frasco, repousar a cabeça nas mãos e dormir. O lugar exalava um cheiro animalesco — o cheiro da solidão, pensou Devlin, compassivo. Ele ajoelhou-se diante da fornalha e puxou a gaveta de cinzas — iniciaria uma fogueira, onde queimaria o odor cadavérico do quarto — e avistou um pedaço de papel, preso entre a grelha e o fundo da gaveta.

Era como se alguém (Wells, provavelmente) houvesse tentado queimar o documento, mas tivesse fechado a porta da fornalha antes de o papel se incendiar; o documento apenas crestara-se em uma das pontas, antes de cair entre as tábuas do forno e a gaveta abaixo, e estava apenas levemente chamuscado. Devlin arrancou-o e varreu-lhe as cinzas. Ainda estava legível.

> Neste 11º dia de outubro de 1865, uma quantia de duas mil libras deve ser entregue à senhorita anna wetherell, antigamente de New South Wales, pelas mãos do sr. emery staines, antigamente de New South Wales, como testemunhado pelo sr. crosbie wells, que a esta presidiu.

Próximo ao nome de Wells figurava uma trêmula assinatura, mas próximo ao nome do outro homem, apenas um espaço. Devlin ergueu as sobrancelhas. A escritura era, portanto, inválida, pois a testemunha assinara antes do outorgante, e o outorgante sequer assinara.

Devlin lembrou-se do nome de Anna Wetherell: essa era a prostituta que dera entrada na carceragem tarde da noite anterior, dopada de ópio. Ele quedou-se um momento, franzindo o cenho, e então num repente dobrou a escritura ao meio e meteu-a entre os botões de sua camisa, contra sua pele. Continuou atiçando o fogo. Dentro em pouco o médico voltou (estivera lá fora alimentando os cavalos) e os dois homens se sentaram e compartilharam de uma xícara de chá, observando, pela janela de vidro, o rio e as montanhas anuviadas além. Lá fora, os cavalos mastigavam em seus embornais e batiam as patas; na carroceria, a coberta sobre o corpo de Wells ganhara uma película argêntea perolada, devido à chuva.

Cowell Devlin não conseguia justificar seu impulso de esconder do médico, o dr. Gillies, a escritura de doação. Talvez, pensou, ele houvesse sido impelido pela atmosfera de silêncio na casa do falecido. Talvez ele houvesse pretendido o ato de supressão como

um gesto de respeito. Talvez sua curiosidade houvesse sido provocada pelo nome de Anna Wetherell — tentativa de suicídio; encontrada desfalecida na estrada Christchurch — e tivesse ocultado o papel por causa de um obscuro desejo de protegê-la. O capelão meditou sobre essas possibilidades várias enquanto bebia seu chá. Ele não falou com o médico, que permaneceu igualmente em silêncio. Quando terminaram, lavaram suas xícaras, cobriram o fogo, fecharam a porta e subiram novamente na carroceria para transportar a pesarosa carga de volta ao acampamento de polícia em Hokitika, onde uma autópsia seria realizada nos restos mortais do falecido.

Era característico de Cowell Devlin não vincular uma motivação precisa a uma ação de retidão questionável, e escolher, em vez disso, alimentar um tipo de confusão onírica sobre suas motivações como um todo. Era característico, também, que ele não visse obrigação real alguma em confessar essa ação — nem naquele momento, nem na quinzena que se seguiu, pois não foi senão na noite de 27 de janeiro, duas semanas depois, que ele mostrou pela primeira vez a alguém essa escritura de doação afanada. Devlin se pretendia um homem virtuoso, e seu conceito de si permanecia, face a toda contradição, invencível. Sempre que se comportava mal ou de maneira questionável, ele apenas alijava a memória e voltava sua mente a outra coisa. No caminho de volta a Hokitika, segurou a escritura espalmada contra seu peito. Ele abriu a boca apenas para comentar o poder das rebentações, pois as ondas se desfraldavam brancas contra o litoral ao lado deles. O médico não falou nada. Após retornarem ao acampamento de polícia e para lá carregarem o corpo de Crosbie Wells, Devlin considerou de bom grado mostrar a escritura ao diretor-carcereiro Shepard, mas este distraíra-se com uma nova agitação, e a oportunidade se perdeu. Anna Wetherell, descobriu-se, estava começando a ressuscitar.

Seus olhos tremiam por trás das pálpebras, e sua língua se movia dentro da boca; ela murmurou algo. A febre parecia ter cedido, pois agora havia um borrifo perolado de transpiração em sua testa e em seu nariz, e a seda laranja de seu vestido estava amarronzada, e também sua gola e suas axilas. Devlin prostrou-se ajoelhado diante dela. Tomou-lhe as mãos nas suas — eram

suaves, e gélidas ao toque — e pediu água para a mulher de Shepard.

Quando enfim a garota acordou, foi como se despertasse de uma morte. Sua cabeça recuava para trás, e seus olhos rolaram; ela emitiu um ruído áspero. Parecia dar-se conta de onde estava, mas as sequelas do ópio a deixaram destruída; evidentemente, não tinha energia nem mesmo para expressar surpresa. Ela retirou debilmente as mãos das garras de Devlin, e ele recuou. Ele notou que as mãos dela de imediato se moveram para cingir o espartilho — como se seu ventre tivesse sido furado, pensou ele, e ela tentasse estancar a ferida. Ele falou, mas ela não respondeu, e logo cerrou os olhos novamente e caiu no sono. Uma altercação tomou lugar em outro alojamento da carceragem e Devlin foi chamado para arbitrá-lo; essa tarefa e outras, condizentes ao seu posto, exigiram sua atenção durante o resto da tarde.

Pelo fim do dia, um funcionário da Justiça chegou do tribunal para coletar a fiança de qualquer dos celerados que conseguissem levantar a quantia necessária. Ao som da voz desse visitante, a srta. Wetherell ergueu sua cabeça escura, úmida devido à febre, e acenou. (O funcionário era mais um rosto novo na cidade, esguio e muito janota; Gascoigne era o seu nome.) A prostituta tirou várias moedas de entre as pesarosas barbatanas de seu espartilho e as pressionou uma a uma na palma aberta do funcionário. Ela tremia consideravelmente e apresentava um olhar de enorme humilhação. A fiança foi registrada como paga, e o diretor-carcereiro Shepard foi então obrigado a libertá-la, o que fez prontamente. Devlin não compareceu à audiência dela na Corte dos Magistrados no dia seguinte, pois fora incumbido da tarefa de abrir uma cova para o eremita, Crosbie Wells. Depois ele ouviu que ela recusara defender-se e pagara, sem reclamar, a multa que lhe fora atribuída.

No dia seguinte ao do enterro, uma fortuna de quatro mil libras foi descoberta no chalé de Crosbie Wells — exatamente o dobro da quantia discriminada na escritura de doação parcialmente queimada que Devlin acondicionara dentro de sua Bíblia, entre o fim do Antigo Testamento e o começo do Novo. Devlin ainda não se confessara; ainda não mostrara a escritura a ninguém. Disse a si mesmo que, uma vez que Anna Wetherell se recuperasse — uma vez que o

episódio de quase suicídio tivesse seguramente ficado para trás —, ele mostraria o pedaço de papel a ela; no momento, no entanto, julgara prudente manter a informação somente para si.

Agora, na sala de jantar do Palace Hotel, Devlin aproximou e pousou a mão na capa desgastada de sua Bíblia, discreta apesar da pequena Cruz de Cantuária dourada estampada no couro. Seu movimento foi preventivo: embora ainda não soubesse que a escritura oculta, ora pressionada, apócrifa, entre Malaquias e Mateus, viria a ter tamanha importância para Thomas Balfour, assim como para vários outros homens, ainda assim ele sentia a necessidade de mantê-la perto de si. Ele sabia que a escritura — recibo de uma doação que nunca fora realizada, cláusula adicional a um testamento que nunca fora feito — era valiosa de alguma maneira e relutava em entregá-la até que soubesse exatamente seu real valor.

— Abrir covas — disse Balfour, pegando seu chapéu-coco do cabide e correndo os dedos pela aba. — É sobre *isso* que você vai precisar ler.

— Não conheço nenhum tratado sobre o assunto — disse Devlin.

— Para sua nova paróquia — disse Balfour ignorando-o. — Estão realizando um enforcamento. — Ele pôs o chapéu, empurrou-o da testa para trás com o polegar e virou-se para sair. Na porta, demorou-se. — Eu não sei o seu nome, reverendo — disse ele.

— E eu não sei o seu — replicou Devlin. Houve um silêncio. E então Balfour explodiu numa gargalhada, tirou seu chapéu para mostrar seu contentamento e ausentou-se da sala.

Φ

Os sábados em Hokitika eram de alvoroço e compromissos. Os escavadores afluíam de volta à cidade em rebanhos, inchando a população total até cerca de quatro mil habitantes e enchendo os albergues e hotéis ao longo da rua Revell até eles atingirem uma tumultuosa lotação. Os funcionários da Corte dos Magistrados ficavam sobrecarregados com picuinhas e patentes de mineração, os corretores com penhores, os mercadores com encomendas dos homens ricos e solicitações de crédito estendido dos homens

pobres. O cais Gibson era uma colmeia industrial; era como se a cada hora que batesse, um novo esquadro de madeira fosse afixado, uma nova porta fosse colocada e uma nova loja desfraldasse seu cartaz para que ondeasse e estrondeasse com o vento do mar de Tasman. Cada raio da grande roda da fortuna era visível nos sábados — havia homens ascendendo, ascendidos, recém-arruinados, arruinando-se e em repouso —, e naquela noite todo escavador beberia seu pesar ou seu júbilo.

Hoje, todavia, a chuva pesada desencorajara todo o tráfego nas ruas, exceto o mais urgente deles, e Hokitika não se abarrotara com sua turba habitual. Os poucos esfarrapados com que Balfour cruzara se acotovelavam sob os toldos dos hotéis, com as mãos em concha para manter seus cigarros acesos. Até mesmo os cavalos exibiam um ar de rendição abatida. Quedavam-se amordaçados pelos cones ensopados de seus embornais, imóveis no lamaçal revolvido da rua, e, quando Balfour passou por eles, não exibiram nos olhos nem mesmo uma centelha por trás das viseiras a meio pau.

Ao virar na rua Revell, Balfour recebeu tamanho açoite do vento e da chuva que foi obrigado a segurar com a mão o chapéu na cabeça. De acordo com a previsão do tempo de Saxby, aquele oráculo ambíguo publicado diariamente no *West Coast Times*, o dilúvio cessaria dentro de um a três dias — pois Saxby era abrangente em suas previsões e permitia-se generosas margens de erro em ambos os palpites. Na verdade, os detalhes de sua coluna mudavam raramente: o aguaceiro era parte da constituição de Hokitika tanto quanto a geada e a queimadura de sol o eram de Otago, e a poeira vermelha, das colinas de Victoria. Balfour apertou o passo, apertando a sobrecasaca contra o corpo com a mão que estava livre.

Havia cerca de uma dúzia de homens debaixo da varanda coberta do Banco Central, segregados em grupos de três e quatro. As janelas atrás deles estavam embaçadas de um cinza perolado. Balfour perscrutou-lhes o rosto, semicerrando os olhos sob a chuva, mas não reconheceu ninguém. Uma coluna irregular de fumaça atraiu seu olhar para baixo, para uma figura sentada sozinha: um

nativo maori estava de cócoras debaixo da cornija, encostado em um amontoado. Ele fumava um charuto.

Seu rosto era tatuado de tal maneira que lembrava a Balfour os padrões de vento em um mapa. Dois grandes torvelinhos preenchiam suas bochechas e raios irradiavam das sobrancelhas até o início de seu couro cabeludo. Um par de redemoinhos profundos em cima de cada narina dava uma definição quase orgulhosa ao seu nariz. Seus lábios haviam sido tingidos de azul. Trajava calças de sarja e uma camisa trançada aberta no peito, desabotoada até o osso esterno; achatado contra a pele marrom de seu peito pendia um enorme pingente verde, talhado no formato de uma foice. Tinha quase terminado seu charuto, e quando Balfour aproximou-se, lançou a guimba na calçada, onde rolou junto à inclinação da rua e então parou, ainda fumegando, contra a beira molhada da relva.

— Você é aquele camarada maori — disse Balfour. — Amigo de Crosbie Wells.

O homem moveu os olhos para os de Balfour, mas não respondeu.

— Qual seria mesmo seu nome? Como se chama?

— Ko Te Rau Tauwhare toku ingoa.

— Deus meu. — disse Balfour. — Apenas a parte que diz o seu nome. — Manteve aproximadas as palmas das mãos, como para denotar uma parte do todo. — Apenas o nome.

— Te Rau Tauwhare.

— Também não consigo dizer isso — disse Balfour. Balançou a cabeça. — Bem. Como seus amigos chamam você, seus amigos brancos? Como Crosbie o chamava?

— Te Rau.

— Não ajuda muito, não é? — disse Balfour. — Eu seria tolo em tentar, não é? Que tal eu chamá-lo de Ted? Esse sim é um bom nome britânico para você. É a abreviação para Theodore ou Edward. Você pode escolher. Edward é um belo nome.

Tauwhare não respondeu.

— Eu me chamo Thomas — disse Balfour, pousando a mão no peito. — E você é Ted. — Ele inclinou-se e afagou-lhe a coroa da cabeça. O homem titubeou e Balfour, surpreso, recolheu

rapidamente a mão e recuou um passo. Sentindo-se estúpido, ele estendeu a perna e enfiou as mãos dentro dos bolsos de seu traje.

— Tamati — disse Tauwhare.

— Perdão?

— Em minha língua, seu nome é Tamati.

— Oh — disse Balfour, muito aliviado. Tirou as mãos dos bolsos, juntou-as e depois cruzou os braços. — Você sabe um pouco de inglês, ótimo!

— Eu sei várias palavras inglesas — disse Tauwhare. — Disseram-me que falo muito bem sua língua.

— Crosbie ensinou-lhe um pouco de inglês, Ted?

— *Eu* ensinei a ele — disse Tauwhare. — Eu ensinei a ele korero maori! Você diz Thomas, eu digo Tamati. Você diz Crosbie, eu digo *korero mai*!

Ele arreganhou os dentes, mostrando-os muito alvos e muito quadrados. Provavelmente havia feito algum tipo de gracejo, ao qual Balfour sorriu de volta.

— Nunca tive jeito com línguas — disse ele, apertando a sobrecasaca em volta do corpo. — Se não for inglês, é espanhol; isso é o que meu velho pai costumava dizer. Mas ouça, Ted: lamento por seu amigo. Lamento por Crosbie Wells.

O semblante de Tauwhare tornou-se sóbrio de imediato.

— *Hei maumaharatanga* — disse ele.

— Bem, sim — disse Balfour, desejando que o outro homem parasse de conversar na própria língua —, foi uma grande pena, isso sim. E agora toda essa balbúrdia, todo esse aborrecimento sobre a sua fortuna e tudo o mais, e sobre sua mulher.

Ele espreitou Tauwhare ansiosamente, através da chuva.

— *He pounamu kakano rua* — disse Te Rau Tauwhare. Com o polegar e o indicador ele tocou o pingente pendurado no pescoço. Talvez fosse algum tipo de talismã, cogitou Balfour: todos eles tinham um, os camaradas maoris. O de Tauwhare era quase do tamanho de sua mão, e lustroso de tão polido; era feito de uma pedra verde escura, turvada de estrias mais claras da mesma cor, e preso a uma trança em torno do pescoço de Tauwhare de modo que a extremidade da foice se assentasse exatamente no entalhe de sua clavícula.

— Diga-me — disse Balfour, escolhendo dar um tiro no escuro. — Diga-me, onde você estava quando tudo aconteceu, Ted? Onde estava quando Crosbie morreu?

(Talvez o camarada maori pudesse apontar-lhe o caminho; talvez soubesse de algo. Não teria serventia fazer muitas perguntas pela cidade, é claro, devido ao medo de levantar suspeitas, mas um homem maori era uma aposta muito mais segura que as outras: seu conhecimento era, provavelmente, bastante limitado.)

Te Rau Tauwhare voltou seus olhos escuros para Balfour e fitou-o.

— Você entende a pergunta? — disse Balfour.

— Eu entendo a pergunta — disse Tauwhare.

Ele entendera que Balfour perguntava sobre a morte de Crosbie Wells, embora nem presente no enterro ele estivesse — aquela vergonhosa justificativa para um enterro, pensou Tauwhare num rompante de raiva e indignação. Ele entendera que Balfour demonstrara apenas a mais superficial compaixão, e sequer removera seu chapéu. Ele entendera que Balfour procurava obter lucro de alguma maneira, pois possuía um olhar ganancioso, do tipo que os homens exibiam com frequência quando avistavam uma oportunidade de receber algo sem nada oferecer em troca. Sim, pensou Tauwhare: ele entendera a pergunta.

Te Rau Tauwhare não tinha ainda trinta anos de idade. Era bastante musculoso e se portava com confiança e com o pavio curto da juventude; malgrado não fosse abertamente orgulhoso, ele nunca demonstrava quando estava impressionado ou intimidado por outro homem. Possuía uma arrogância secreta profunda, um alicerce de autoconfiança que não exigia prova nem explicação — pois, embora tivesse reputação de guerreiro e uma honrosa posição em sua tribo, o valor que atribuía a si não havia sido conformado por suas conquistas. Simplesmente sabia que sua beleza e sua força eram sem igual; simplesmente sabia que ele era melhor que a maioria dos homens.

Essa estima afligia Tauwhare, no entanto: sentia-a indicar uma carência espiritual. Sabia que qualquer convicção autorreflexiva era a marca da superficialidade e que a apreciação não era nenhum indicador de valor real — mas mesmo assim ele não conseguia

abalar essa certeza de si. Isso o preocupava. Preocupava-o ser apenas um ornamento, uma concha sem recheio, um molusco oco; preocupava-o que sua autoestima fosse vã. Ele então se iniciou na vida espiritual. Partiu em busca da sabedoria de seus ancestrais, para que assim ensinasse a si mesmo o autoquestionamento. Tal qual um monge procura transcender as mais mundanas funções de seu corpo, assim também Te Rau Tauwhare procurou transcender essa função mundana de sua determinação — mas um homem não consegue assenhorear-se de sua determinação sem manifestá-la. Tauwhare nunca era capaz de encontrar equilíbrio entre ceder a seus impulsos e combatê-los.

O *iwi* a que Tauwhare pertencia era o Poutini Ngai Tahu, um povo que uma vez governara toda a costa ocidental da Ilha do Sul, desde os íngremes fiordes no sul até as palmeiras e praias rochosas no extremo norte. Seis anos antes, a Coroa adquirira esse extenso trecho de terra por uma quantia de trezentas libras — reservando aos Poutini Ngai Tahu apenas o rio Arahura, porções de suas margens e um pequeno terreno em Mawhera, a foz do rio Grey. As negociações soaram injustas ao povo Poutini Ngai Tahu na época; agora, seis anos depois, sabiam que a aquisição era um roubo notório. Os milhares e milhares de mineiros que desde então afluíram à costa em busca de ouro haviam comprado patentes de garimpo por uma libra cada, e terras a um preço de dez xelins por acre. O lucro em si era considerável — para não dizer do valor do próprio ouro, escondido nos rios e misturado nos areais, cujo valor agregado era tão espantoso que ainda não havia sido precificado. Sempre que pensava na riqueza que seu povo deveria ter comandado, Tauwhare sentia o peito dilatar de raiva — uma raiva tão amarga e atormentada que se manifestava como dor.

Era então à Coroa, e não aos Poutini Ngai Tahu, que Crosbie Wells pagara suas cinquenta libras quando adquirira cem férteis acres no extremo leste do vale Arahura — uma área de cultivo repleta de *totara*, um tipo de madeira de textura delicada que acolhia facilmente a lâmina e não vergava à salinação nem à tempestade. Wells estava satisfeito com sua compra. Seus dois grandes prazeres eram o trabalho pesado e sua recompensa — uísque, quando tinha dinheiro para adquiri-lo, e gim, quando não. Construiu

para si um chalé de um dormitório com vista para o rio, desbastou um trecho de terra para o jardim e iniciou a construção de um moinho.

Te Rau Tauwhare viajava ao vale Arahura com relativa frequência, pois era um caçador de *pounamu* e o rio Arahura era recheado desse tesouro: pedras macias, de um cinza leitoso, que, quando partidas, mostravam um vítreo interior verde, mais forte que aço. Tauwhare era um burilador competente, e até, diziam alguns, um burilador excelente, mas era na verificação da origem da pedra no leito do rio que residia sua verdadeira e inigualável habilidade. A *pounamu* era tão baça e comum do lado de fora quanto era lustrosa e iridescente por dentro; Tauwhare, com seu olhar versado, nem mais precisava arranhar ou partir as pedras na margem do rio, mas já as levava intactas de volta a Mawhera, para que fossem abençoadas e quebradas à maneira cerimonial.

A área de cultivo adquirida por Crosbie Wells margeava a terra dos Poutini Ngai Tahu — ou, dizendo-o mais corretamente, margeava a porção de terra à qual foram tão recentemente confinados os Poutini Ngai Tahu. Em todo caso, não demorou muito para que Te Rau Tauwhare encontrasse Crosbie Wells — atraído pelo som do machado de Wells, que repicava através do vale enquanto cortava gravetos para sua fogueira. A aproximação começou cordialmente e tornou-se frequente; ao longo do tempo, Tauwhare passou a chamar por Crosbie Wells em seu chalé toda vez que estava por perto. Wells, descobriu-se, era um estudante entusiasta da vida e do saber maori — então as visitas de Tauwhare se transformaram em uma tradição.

Te Rau Tauwhare adorava as oportunidades que tinha para ilustrar outros homens naquelas qualidades que melhor o definiam, e mais ainda quando sua plateia lisonjeava aqueles aspectos de sua pessoa sobre os quais ele alimentava uma profunda e secreta dúvida: a saber, seu *mauri*, seu espírito, sua religião e sua profundidade. Crosbie Wells, nos meses seguintes, perguntou a Tauwhare inelutavelmente sobre suas crenças, enquanto homem e enquanto maori, e enquanto um homem maori de lealdade Ngai Tahu. Ele admitiu que Tauwhare era o primeiro homem não europeu com quem já conversara; sua curiosidade, assim manifestada,

demonstrava todas as qualidades da sede. Tauwhare, deve-se dizer, não aprendeu muito sobre Crosbie Wells durante essa época; este raras vezes falava de seu próprio passado, e não era hábito de Tauwhare fazer muitas perguntas. No entanto, ele tomava Crosbie Wells por um espírito semelhante, e com frequência dizia-lhe isso — pois, como todos os indivíduos fundamentalmente confiantes, Tauwhare muito se felicitava ao comparar-se aos outros, considerando todas essas comparações como elogios do mais sincero tipo.

Na manhã seguinte à morte de Crosbie Wells, Tauwhare chegara a seu chalé com uma oferenda de alimentos, como era costume deles — ele fornecia a carne, e Wells, as bebidas, um acordo que satisfazia a ambos. No espaço vazio diante da casa de Wells, ele topara com uma carroça, que se retirava. Segurando as rédeas estava o médico de Hokitika, dr. Gillies; a seu lado sentava o capelão da carceragem, Cowell Devlin. Tauwhare não conhecia nenhum dos homens, mas quando seu olhar deslocou-se para a carroça, avistou um par de botas conhecido e, debaixo de uma coberta dobrada, uma forma que lhe era familiar. Tauwhare urrou e deixou sua oferenda cair no chão, em choque; o capelão, com pena dele, sugeriu que ele acompanhasse o corpo de seu amigo de volta a Hokitika, onde seria preparado para o enterro e, depois, sepultado. Não havia lugar para Tauwhare no banco do cocheiro, mas se ele desejasse, poderia sentar na traseira da carroça, contanto que mantivesse seus pés fora da via.

Os hoteleiros e os lojistas brotaram nas soleiras ao longo da rua Revell quando a carroça chacoalhou Hokitika adentro e virou na rua principal. Alguns trotavam para a frente para obter uma vista melhor, espreitando Te Rau Tauwhare — que os encarava de volta, o rosto pálido, fraco. Uma de suas mãos apertava frouxamente o tornozelo de Wells. O corpo do falecido rolava e sacudia a cada solavanco da carroça. Quando alcançaram o acampamento de polícia, Tauwhare não se movia. Esperava sentado, ainda segurando o tornozelo de Wells, enquanto os outros homens deliberavam.

O toneleiro de Hokitika concordara em confeccionar um ataúde de pinho, diretamente para o enterro, e em esculpir uma lápide arredondada de madeira na qual pintaria o nome de Crosbie Wells e

as duas datas que delimitaram sua vida. (Ninguém estava certo do verdadeiro ano de seu nascimento, mas o ano de 1809 havia sido inscrito na folha de guarda de sua Bíblia: era uma data de nascimento plausível, já que alçaria Crosbie Wells à idade de cinquenta e sete anos, e seria essa a data que o toneleiro inscreveria na lápide de madeira do falecido.) Até que essas duas diligências fossem concluídas, no entanto, e até que a cova fosse aberta, o diretor da carceragem ordenara que Crosbie Wells fosse colocado no chão de seu escritório particular no acampamento de polícia, com um lençol de musselina entre seu corpo e o assoalho.

Quando o corpo foi disposto com as mãos cruzadas no peito, o carcereiro conduziu todos para fora do aposento e trancou a porta, fazendo com que o corredor tremesse. As paredes internas da casa do carcereiro eram revestidas de um pano de chita que fora retesado e pregado à estrutura do edifício, e, quando a madeira rangia ao vento ou trepidava a uma pisada ou ao súbito bater de uma porta, as paredes todas fremiam e ondulavam, como a superfície de uma piscina — de modo que, ao vê-las tremularem, não se pudesse furtar à lembrança aquele vão de duas polegadas entre um revestimento e outro, aquele espaço morto ao redor da estrutura, cheio de pó e decorado com a movente sombra dos corpos na sala do outro lado.

Alguém tem que ficar com ele, insistiu Tauwhare. Wells não podia ser deixado sozinho, largado no chão, sem nem mesmo uma lareira acesa no quarto, sem ninguém para velá-lo, tocá-lo, orar sobre ele, orar por ele ou cantar. Tauwhare tentou explicar os princípios do *tangi* — mas eles não eram princípios, e sim ritos, sagrados demais para serem explicados, sagrados demais até para serem defendidos: eram simplesmente a maneira pela qual as coisas tinham que ser feitas, deveriam ser feitas. Um espírito não parte definitivamente até que o corpo seja sepultado, disse ele. Há cantos e rezas… O carcereiro censurou-o, chamando-o de pagão. Tauwhare ficou irado. Alguém precisa ficar com ele até o enterro, disse. Eu ficarei com ele até o enterro. Crosbie Wells era meu amigo e irmão. Crosbie Wells, replicou o carcereiro, era um homem branco, e a menos que uma sombra passageira me tenha enganado, certamente não era seu irmão. O enterro será na manhã

de terça-feira; se deseja ser útil, pode dar uma mão na abertura de sua cova.

Mas Tauwhare permaneceu lá. Ficou de vigília no alpendre, depois no jardim, depois na alameda entre a casa do carcereiro e o acampamento — e de cada um dos lugares foi afugentado. Enfim o carcereiro surgiu com uma pistola de cabo longo na mão. Alvejaria Tauwhare se o visse a cinquenta metros do acampamento a qualquer hora antes de o corpo de Crosbie Wells ser descido à terra, e que Deus o tenha, disse ele. Então Tauwhare recuou cinquenta passos, contando a marcha, e se sentou contra a fachada do Grey and Buller Bank. Dessa distância ele zelou pelo corpo de seu amigo e disse-lhe palavras amáveis na última noite antes de seu espírito finalmente zarpar.

— Quando Crosbie morreu — disse Tauwhare —, eu estava no Arahura.

— Você estava no vale? — disse Balfour. — Você estava lá quando ele morreu?

— Eu estava armando uma arapuca para kereru — disse Tauwhare. — Conhece o kereru?

— Um tipo de pássaro, creio?

— Sim, muito saboroso. Bom para ensopados.

— Certo.

O chapéu-coco de Balfour começara a gotejar. Ele tirou-o da cabeça e bateu-o de encontro à perna. Seu traje mesmo já havia passado de cinza para carvão encharcado. Sua camisa se transluzira, entremostrando o rosado de sua pele.

— Armei a arapuca antes do anoitecer, para pegar as aves pela manhã — disse Tauwhare. — Da cordilheira vê-se a casa de Crosbie, de baixo. Naquela noite, quatro homens entraram lá.

— Quatro? — disse Balfour, devolvendo à cabeça o chapéu. — Você não quer dizer três? Um homem muito alto num garanhão negro; outros dois com ele, mais baixos, ambos em éguas baias? São eles Alistair Lauderback, e Jock e Augustus. Os homens que encontraram o corpo, você sabe, que o notificaram à polícia.

— Eu vi três homens a cavalo, sim — disse Tauwhare, assentindo lentamente. — Mas antes deles, vi um homem a pé.

— Um homem sozinho, ótimo! Você é ótimo, não é, Ted? — disse Balfour, de súbito muito animado. — Sim, por Deus, você é ótimo!

— Não me alarmei — continuou Tauwhare — porque não sabia que Crosbie Wells tinha morrido aquela noite. Não soube que tinha morrido até a manhã seguinte.

— Um homem, entrando, sozinho, na casa! — disse Balfour. Ele começou a caminhar. — E *antes* de Lauderback! *Antes* de Lauderback chegar!

— Você deseja saber seu nome?

Balfour girou sobre os calcanhares.

— Você sabe quem era? — ele quase gritava. — Sim, bom Deus! Diga-me!

— Nós negociaremos — disse Tauwhare imediatamente. — Eu lhe direi meu preço; você faz uma contaproposta. Uma libra.

— Negociar? — disse Balfour.

— Uma libra — disse Tauwhare.

— Espere aí — disse Balfour. — Você viu um homem entrar no chalé de Wells no dia de sua morte, justamente no dia de sua morte, duas semanas atrás? Você realmente viu alguém entrando lá? E você sabe, sem uma sombra de dúvida, quem era aquele homem?

— Eu sei o nome — disse Tauwhare. — Eu o conheço. Sem trapaça.

— Sem trapaça — concordou Balfour. — Mas, antes de pagá-lo, quero ter certeza de que você realmente o conhece, entende? Quero ter certeza de que você não está me engambelando. Um homem grande, creio? Cabelos muito escuros?

Tauwhare cruzou os braços.

— Jogo limpo — disse ele. — Sem trapaça.

— É evidente que o jogo é limpo — disse Balfour. — É evidente que sim.

— Nós negociaremos. Eu estabeleci meu preço em uma libra. Agora é sua vez.

— Pesado, ele era pesadão? Parrudo? Apenas quero ter certeza, veja bem. Quero ter certeza de que você está sendo íntegro. Daí então negociaremos. *Você* pode estar *me* engambelando.

— Uma libra — disse Tauwhare teimosamente.

— O homem era Francis Carver, não era, Ted? Não estou certo? Era Francis Carver, o capitão? O capitão Carver?

Balfour estava tentando adivinhar — mas era um bom palpite. Um olhar ofendido cruzou o rosto de Tauwhare, e ele expirou sonoramente.

— Eu disse: sem trapaças — falou em tom de reprimenda.

— Eu não estava trapaceando, Ted — disse Balfour. — Eu apenas já sabia, veja bem. Eu apenas tinha esquecido. É claro que Carver fez uma visita ao chalé de Crosbie Wells aquele dia. Era ele, não era, o capitão Carver, o homem que você viu? Você pode me dizer, não é segredo, porque já é de meu conhecimento.

Ele vistoriou o rosto do homem por uma confirmação.

A mandíbula de Tauwhare estava rígida. Por debaixo de sua respiração, ele murmurou:

— *Ki te tuohu koe, me maunga teitei*.

— Bem, Ted, você me deu uma tremenda ajuda, e eu não a esquecerei — disse Balfour. A essa altura, ele já estava totalmente encharcado. — E você sabe, caso eu precise de algo, virei procurá-lo, não virei? E assim você conseguirá sua moeda de alguma outra maneira.

Tauwhare levantou o queixo.

— Você precisa de maori — disse ele, não de forma interrogativa. — Se você precisa de maori, você vem até mim. Eu não faço biscates. Mas você precisa da língua, e eu ensinarei muitas coisas.

Ele não mencionou que seu ofício era o de burilador. Ele nunca vendera *pounamu*. Ele nunca venderia *pounamu*. Pois não se podia precificar um tesouro, assim como não se podia comprar *mana* e não se podia barganhar com uma divindade. O ouro não era uma preciosidade — disso Tauwhare sabia. O ouro era como toda riqueza que não possuía memória: impulsionava-se sempre adiante, para longe do passado.

— Tudo bem. Mas você me cumprimentará, não? — Balfour capturou com sua mão molhada a mão seca de Tauwhare, e sacudiu-a com vigor. — Eis um bom homem, Ted, eis um bom homem.

Mas Tauwhare ainda aparentava um grave aborrecimento e tirou sua mão da de Balfour assim que conseguiu. Balfour sentiu uma pontada de arrependimento. Não teria serventia fazer desse camarada um inimigo — pelo menos não enquanto boa parte desse caso estivesse sem solução, pensou. Havia chance de que o testemunho de Tauwhare fosse colhido somente mais tarde; havia chance de que ele soubesse algo sobre as relações, quaisquer que fossem, entre Crosbie Wells e Francis Carver — ou, pensando bem, entre aqueles dois homens e Lauderback. Sim: seria útil apaziguar-se com aquele homem. Balfour alcançou o bolso. Certamente teria dinheiro miúdo, algum trocado. Eles adoravam um trocado. Seus dedos acharam um xelim e meio. Ele puxou para fora a moeda de meio xelim.

— Aqui — disse ele. — Você pode ficar com isto, se me ensinar um pouco de maori. Assim como ensinou Crosbie Wells. Hein, Ted? Assim teremos feito negócio, como você queria. Certo? Então seremos amigos. Então não poderá se queixar.

Ele pressionou a moeda de prata na palma do outro homem. Tauwhare fitou-a.

— Agora, me diga — disse Balfour, esfregando as mãos. — O que… o que significa “Hokitika”? Hokitika. Apenas uma palavra, é tudo que quero saber. Isso é o que eu chamaria de um bom preço, a propósito. Meio xelim em troca de uma única palavra! Eu chamaria isso de pechincha!

Te Rau Tauwhare suspirou. Hokitika. Ele sabia o significado, mas não sua tradução. Isso acontecia muito entre a língua inglesa e a maori: as palavras de uma nunca encontravam um equivalente preciso na outra, assim como não havia planta medicinal alguma que pudesse perfeitamente substituir a *puha*, nem pão algum que trouxesse exatamente à lembrança o *rewena pararoa*; por mais próximo que fosse o conceito, havia sempre algo aproximado, algo imaginado ou algo perdido. Crosbie Wells compreendera-o. Te Rau Tauwhare ensinara-lhe korero maori sem utilizar inglês algum: com os dedos, apontavam, e com os rostos, imitavam, e quando Te Rau dizia coisas que Crosbie Wells não entendia, ele deixava que os sons o purificassem, como orações, até que se lhes esclarecessem o sentido e ele pudesse ver dentro da palavra.

— Hokitika — disse Balfour. Ele secou a chuva do rosto. — Vamos lá, amigo.

Finalmente, Tauwhare levantou o dedo e descreveu um círculo no ar. Quando a ponta do dedo retornou ao ponto de partida, bruscamente furou o ar, para marcá-lo. Mas não se pode marcar um ponto em um círculo, pensou ele: marcar um ponto em um círculo é o mesmo que quebrá-lo, de modo que ele deixa de ser um círculo.

— Entenda-a da seguinte maneira — disse ele, lamentando ter que dizer palavras em inglês e arriscar um substantivo aproximado. — Ao redor. E então de volta ao começo.

Φ

O Banco Central ficava sempre lotado ao meio-dia dos sábados. Mineiros quedavam com as mãos cheias de ouro; as libras sacolejavam para cima e para baixo enquanto o minério era pesado e registrado; os subalternos do banco corriam para lá e para cá nos arquivos, checando patentes, anotando pagamentos de tributos e recebendo emolumentos. Ao longo da parede defronte à rua, havia quatro cubículos separados por barras, nos quais se sentavam os bancários; acima deles pendia uma lousa de moldura banhada a ouro em que se lia o rendimento em minério semanal, com os subtotais de cada distrito e um total geral para a região de Hokitika como um todo. Sempre que uma quantia de ouro puro era depositada ou adquirida, os números a giz eram apagados e inteirados novamente — em geral acompanhados de um burburinho dos homens na sala, e, às vezes, se a soma fosse considerável, de uma salva de palmas.

Quando Balfour adentrou o banco, a atenção da multidão estava concentrada não na lousa, mas na comprida mesa fronteira, onde os compradores, reconhecíveis por causa das bolsas de cobre brilhante que vestiam sobre o cinto, inspecionavam o minério puro para compra. O trabalho do comprador era vagaroso. Ele pesava cada pepita na mão, arranhava-as e testava em busca de impurezas e as examinava através de uma lupa de joalheiro. Se o minério tivesse sido coado, ele o filtrava com peneiras de tela para apurar se os flocos não haviam sido cortados com saibro ou cascalho, e às vezes polvilhava punhados brilhantes sobre chapas de mercúrio,

para assegurar que os metais se fundissem devidamente. Assim que declarava a peça como pura e adequada para ser avaliada, o mineiro responsável se arrastava para a frente e era solicitado a dar seu nome. As libras eram então calibradas até que o braço da balança pendesse paralelo à mesa — e então o comprador despejava o monte de ouro do mineiro na bandeja da mão esquerda. À bandeja da mão direita o comprador acrescentava cilindros, um a um, até que finalmente as escalas solavancassem e a bandeja que continha a fortuna do homem trepidasse e oscilasse livremente.

Naquela manhã havia apenas um comprador presente: um magnata de cabelo lambido, trajando casaco de caça de um verde pálido e gravata amarela — uma combinação espalhafatosa, do tipo que podia tê-lo caracterizado muito obviamente como um homem endinheirado, caso ele estivesse fazendo negócios sozinho e desprotegido. Mas a escolta do ouro de Hokitika estava à mão. Esse diminuto exército, uma infantaria uniformizada composta de dez homens, presidia cada venda e compra da preciosidade. Mais tarde eles escoltariam a transferência dos lingotes a um carro blindado e garantiriam que fossem transportados em segurança a alto-mar. Eles permaneciam atrás do comprador e flanqueavam a mesa em que ele se sentava — cada homem armado com uma espingarda Snider-Enfield calibre 577, um exemplar enorme e reluzente da mais moderna fabricação. Comportava um cartucho com o comprimento do dedo indicador de um homem e podia reduzir a pó o crânio de um pobre-diabo. Balfour admirara a Snider-Enfield quando o primeiro modelo fora lançado, mas ver dez homens armados com ele nesse espaço cerrado produziu-lhe uma angustiante premonição. A sala estava tão lotada que ele duvidou de que guarda algum conseguisse encontrar espaço para levar a arma ao ombro, que dirá disparar um tiro.

A ombradas ele abriu caminho entre os escavadores até os cubículos dos bancários. Os homens na sala estavam em sua maior parte presentes como espectadores apenas, e por isso deram espaço para acolhê-lo; foi dali a pouco tempo, portanto, que Balfour se encontrou em um cubículo com barras, diante de um jovem com um traje listrado e uma gravata pregada.

— Bom dia.

— Eu gostaria de saber se um homem chamado Francis Carver alguma vez requereu uma patente de mineiro na Nova Zelândia — disse Balfour. Ele tirou o chapéu e alisou o cabelo molhado, um movimento sem vantagem aparente, já que a palma de sua mão estava tão molhada quanto.

— Francis Carver, capitão Carver?

— O próprio — disse Balfour.

— Sou obrigado a perguntar quem o senhor é e por que motivo solicita essa informação.

O bancário falou sem afetação e em um tom de voz ameno.

— O homem é dono de um navio e estou no ramo de remessas — disse Balfour suavemente, recolocando o chapéu. — Meu nome é Tom Balfour. Estou cogitando estabelecer algum novo empreendimento, comércio de chá, ida e volta de Cantão. Apenas analisando a ideia, no momento. Quero saber um pouco mais sobre Carver antes de fazer qualquer oferta ou negócio: onde aplicou seu dinheiro, se já pediu falência. Esse tipo de coisa.

— Certamente o senhor poderia perguntá-lo diretamente ao senhor Carver — respondeu o bancário, falando no mesmo tom inofensivo, de modo que sua observação não soasse rude, mas apenas prazenteiramente espontânea. Era como se ele tivesse cruzado com um caminhão quebrado na rua e observado, muito bondosamente, que havia uma forma bastante simples de consertar seu eixo.

Balfour explicou que Carver estava no mar e não poderia ser contatado.

O bancário aparentou insatisfação ante essa justificativa. Ele examinou Balfour e pôs o dedo contra seu lábio inferior. Evidentemente, no entanto, ele não conseguia elaborar uma objeção que lhe autorizasse recusar o pedido de Balfour. Ele assentiu, puxou o livro-razão à sua frente e tomou nota em uma caligrafia fina e precisa. Ele então borrou a página (um tanto desnecessariamente, pensou Balfour, pois o livro ainda estava aberto) e secou a ponta de sua pena num retalho quadrado de couro macio. — Espere um pouco, por favor — disse. Desapareceu por uma porta baixa, além da qual se situava um tipo de antessala,

e logo retornou trazendo uma grande pasta, encadernada em couro e em cuja lombada havia assinalada uma letra C.

Balfour tamborilou os dedos à medida que o bancário desatava o fecho da pasta e a abria. Ele examinou o jovem através das barras da grade.

Que tamanho contraste formava esse rapaz com o maori da rua! Eles eram contemporâneos próximos, mas, se Tauwhare era musculoso, tenso e orgulhoso, esse camarada era lânguido, quase felino: movia-se com um tipo de dengo descontraído, como se não visse necessidade alguma de gastar sua força em agilidade, tampouco de conservá-la. Seu corpo era esguio. Seus cabelos possuíam um matiz marrom, eram longos e encaracolados nas pontas; usava-os presos em um elástico na nuca, à maneira dos baleeiros. Seu rosto era amplo, e seus olhos, generosamente afastados; seus lábios eram cheios, seus dentes, muito tortos, e seu nariz, um bocado grande. Esses atributos somados lhe garantiam uma expressão que era ao mesmo tempo honesta e indiferente — e a indiferença é uma forma de elegância, quando exige demais e recusa-se a revelar sua origem. Balfour considerou-o um rapaz muito elegante.

— Aqui — disse afinal o bancário, apontando. — Veja, Carswell, aqui, e depois Cassidy. Seu homem não está aqui.

— Então, Francis Carver não possui uma patente de mineiro.

— Não, não em Canterbury. — Ele fechou a pasta com um baque suave.

— E quanto a uma patente em Otago?

— Creio que o senhor terá que ir a Dunedin para verificá-lo.

Era o fim da linha. No relato de Lauderback, o ouro no caixote era oriundo (assim alegavam, é claro) de Dunstan, uma jazida que ficava em Otago.

— Vocês não guardam os registros dos trabalhadores de Otago? — perguntou Balfour decepcionado.

— Não.

— E se por acaso ele veio com documentos de Otago? Haveria um registro na alfândega, de quando ele veio pela primeira vez?

— Não na alfândega — disse o bancário —, mas, se ele tivesse cavado alguma coisa, deveria tê-la calculado e pesado antes de

partir. Não lhe teria sido permitido transferi-la para outra província, ou para fora do país, sem antes declará-la. Portanto, ele teria vindo aqui. Pediríamos para dar uma olhada na sua patente de mineiro. Então registraríamos nesse livro que ele estava trabalhando com documentos de Otago, mas com patentes de Hokitika. Não há nada neste livro; portanto, como mencionei anteriormente, podemos seguramente afirmar que ele não prospectou pelas redondezas. No que diz respeito a prospecções em Otago, não tenho ideia.

O bancário falou com o sobressalto controlado do burocrata que é instado a explicar algum processo ordinário da burocracia da qual ele faz parte: controlado, porque um funcionário é sempre consolado pela comprovação de seu próprio conhecimento, e sobressaltado, porque a necessidade de explicação parecia, de alguma obscura maneira, enfraquecer o sistema que em primeiro lugar lhe fornecera aquele conhecimento.

— Tudo bem — disse Balfour. — Agora, tem mais uma coisa. Eu preciso saber se Carver teve parte em alguma companhia de mineração ou se ele comprou ações por iniciativa própria.

Uma centelha de dúvida perturbou o suave semblante do bancário. No momento imediatamente seguinte, ele não disse nada e pareceu novamente como se estivesse tentando encontrar uma razão para rejeitar o pedido de Balfour, declará-lo heterodoxo ou pressioná-lo para saber-lhe os motivos. Ele fitava Balfour com um olhar que, não obstante sua suavidade, não era menos perfurante — e Balfour, que sempre se incomodava com o escrutínio, ficou obscuramente carrancudo. Mas, assim como antes, o bancário empenhou-se na tarefa exigida pelo serviço. Ele fez mais uma nota no livro-razão, borrou-o e então escusou-se de ter que concluir esse novo pedido.

Quando retornou com os registros de ações, no entanto, ele pareceu abertamente inquieto.

— Francis Carver especulou *mesmo* nesta região — disse ele. — Não se poderia chamar de arquivo: há somente um requerimento. Parece ser um acordo privado. Carver fica com um retorno da ordem de cinquenta por cento sobre o lucro líquido da mina a cada trimestre.

— Cinquenta por cento! — disse Balfour. — E em apenas um requerimento. Isso sim é confiança! Quando foi que ele a adquiriu?

— Nossos registros datam de julho de 1865.

— Tão antigo assim! — disse Balfour. (Seis meses atrás! Mas isso tinha sido após a venda da *Godspeed* — não tinha?) — Que patente é? Quem é o proprietário?

— A mina se chama Aurora — disse o bancário, enunciando cuidadosamente. — É de propriedade e de direção de…

— Emery Staines — Balfour completou por ele, assentindo com a cabeça. — Sim, eu sei onde fica, a caminho de Kaniere. Bem, essa é uma novidade importante. Staines é um grande amigo meu. Vou eu mesmo conversar com ele. Muito obrigado, senhor…?

— Frost.

— Muito obrigado, senhor Frost. Você foi extraordinariamente útil.

Mas o bancário estava fitando Balfour com uma expressão estranha.

— Senhor Balfour — disse ele. — Talvez o senhor não tenha ouvido dizer…

— Alguma coisa sobre Staines?

— Sim.

Balfour enrijou-se.

— Ele morreu?

— Não — disse Frost. — Ele desapareceu.

— Quê? Quando?

— Faz duas semanas.

Os olhos de Balfour se arregalaram.

— Desculpe-me ter sido o portador da má notícia, *se* é que o senhor é mesmo seu grande amigo.

Balfour não notou a farpa de ênfase na observação do bancário.

— Desaparecido! Há duas semanas! — disse. — E ninguém comentou? Por que não ouvi nada sobre isso?

— Eu lhe garanto que muitas pessoas comentaram — disse Frost. — Um anúncio tem sido publicado diariamente nesta semana na coluna de desaparecidos.

— Eu nunca leio os classificados.

(Mas é óbvio: ele estivera com Lauderback na quinzena anterior, facilitando apresentações na costa de cima a baixo; ele não frequentara o clube, como de hábito fazia à noitinha, para dividir uma caneca de cerveja com os outros colegas enquanto trocavam as notícias locais.)

— Talvez ele tenha encontrado ouro — disse ele então. — Pode ser isso. Talvez Staines tenha encontrado um filão rentável, em algum lugar mato adentro, e esteja de bico calado até que tenha marcado seu terreno.

— Talvez — disse cortesmente o bancário, sem mais nada dizer.

Balfour mastigou o lábio.

— Desaparecido! — disse ele. — Não consigo entender!

— Eu me pergunto se essa notícia seria de importância para o seu parceiro — disse Frost, alisando a página aberta do livro-razão com a palma da mão.

— Quem é meu parceiro? — disse Balfour, um tanto alarmado, pensando que o bancário se referia a Alistair Lauderback, cujo nome ele tivera sido cauteloso em não citar.

— Ora, o senhor Carver — disse Frost, piscando. — Seu parceiro de prospecção. Como o senhor acabou de me informar, o senhor Carver possui um empreendimento associado ao senhor Staines. Portanto, se o senhor Staines está morto…

Ele estacou, encolhendo os ombros.

Balfour estreitou os olhos. O bancário parecia sugerir, embora vagamente, que Carver era de certo modo responsável pelo sumiço de Emery Staines… uma implicação da qual acertadamente ele não possuía prova alguma. Sua atitude era muito clara, e no entanto ele não havia de fato expressado nenhum tipo de opinião de que pudesse incriminá-lo. O tom de sua voz insinuava que ele não gostava de Carver, mesmo que suas palavras lhe manifestassem simpatia pela sua possível perda. Balfour, sentindo a covardia dessa dubiedade, quase ficou furioso — mas então se lembrou de que estava fingindo. Ele não estava fazendo negócios com Carver e por conseguinte não precisaria tomar partido em qualquer argumento contra ele.

Mas então Frost sufocou um sorriso, e Balfour viu, com um acesso de raiva, que, de fato, o rapaz estava caçoando dele. Frost não havia em momento algum acreditado em sua história falsa! Ele sabia que Balfour não estava fazendo negócios com Carver; ele sabia que essa trama havia sido inventada para encobrir outro propósito — e em seguida adicionou o insulto do aviltamento à injúria da delação, ao achar Balfour divertido! Irritava a Balfour ser desmascarado, mas ainda mais ser ridicularizado, principalmente por um homem que gastava seus dias num cubículo de três pés quadrados, assinando cheques em nome de outra pessoa. (Dessa conclusão, cunhada por Lauderback, ele mais cedo se esquecera; viera à sua mente como se fosse sua.) Subitamente zangado, ele se inclinou para frente e enroscou as mãos nas barras da grade.

— Tudo bem — disse ele calmamente. — Ouça. Não tenho negócio nenhum com Carver. Eu acho que o homem é um bandido e um trapaceiro e tudo o mais. Estou contra ele, diabos! Preciso pôr as mãos em alguma pista contra ele: algo que o denuncie.

— O que é uma “pista”? — perguntou o banqueiro.

— É ridículo — deixe para lá — retrucou Balfour. — A questão é que eu preciso cercá-lo. Entregá-lo à Justiça. Acredito que ele tenha sonegado uma fortuna considerável a partir da patente de outro sujeito. Milhares de libras. Mas é apenas um pressentimento, e eu preciso de evidências sólidas. Preciso de um lugar para começar. Certo? Essa história de investimento de agora há pouco era só um monte de tolices. História para boi dormir. — Ele encarou o bancário através das barras da grade. — O quê? — disse após um instante. — O que há?

— Não há absolutamente nada — disse Frost. Ele arrumou os papéis em sua bancada e abriu um sorriso misterioso e entredentes. — Os assuntos dizem respeito somente ao senhor. Desejo-lhe toda a sorte, senhor Balfour.

Φ

As notícias sobre Emery Staines haviam irritado Balfour profundamente. Remeter caixotes e fazer chantagem era uma coisa, pensou ele, mas o desaparecimento de uma pessoa era

completamente diferente. Era um acontecimento sombrio. Emery Staines era um bom mineiro, jovem demais para morrer.

Balfour parou em frente ao tribunal e inspirou pesadamente por um instante. A pequena multidão do lado de fora do banco se dispersara para o almoço, e o homem maori já se fora. A chuva afinara-se até formar uma garoa persistente. Balfour lançou os olhos rua acima e abaixo, como que a se perguntar aonde ir em seguida. Ele se sentiu excessivamente abatido. “Desaparecido”, pensou. Mas não se pode simplesmente desaparecer! O garoto só poderia ter sido assassinado. Não havia outra explicação para aquilo — se ele não havia sido visto por duas semanas.

Emery Staines era, facilmente, o homem mais rico ao sul das areias negras. Ele possuía mais de uma dúzia de concessões de mineração, muitas das quais tinham carretéis que desciam profundezas de no mínimo trinta pés. Balfour, que admirava Staines sobejamente, teria-lhe dado uma idade entre vinte e três e vinte e quatro anos — nem jovem o bastante para torná-lo indigno de sua sorte, nem velho o suficiente para insinuar-se que ele a havia obtido por meios pouco honestos. Na verdade, tal insinuação nunca atravessara a mente de Balfour. Staines fora abençoado com uma beleza perfeitamente adorável, do tipo que é sincera e esperançosa sem nunca tê-la mesmo pretendido; era de temperamento afável, otimista e encantadoramente veloz. Tanto que era detestável imaginá-lo morto. Imaginá-lo assassinado, ainda mais.

Foi então que o sino da capela metodista wesleyana badalou as doze horas e trinta, libertando uma revoada de pássaros: eles irromperam do campanário improvisado e alastraram-se negros contra o céu. Balfour virou o rosto na direção do ruído, sentindo-o como uma repentina dor em sua têmpora. Seus sentidos estavam passando do embotamento para a perspicácia — efeito das doses que ingerira aquela manhã — e as responsabilidades de sua situação haviam começado a pesar sobre ele. Ele não mais se sentia disposto a fazer perguntas em favor de Lauderback.

Enrolou a sobrecasaca no corpo, girou nos calcanhares e começou a caminhar em direção à restinga de Hokitika — um lugar que era, para ele, um refúgio habitual. Seu prazer era quedar-se na areia sob tempo ruim, apertar a sobrecasaca no corpo e observar

além dos mastros aglomerados dos navios ancorados, bamboleando em conjunto, impelidos variadamente pela corrente atual do rio, pela rebentação e pelo vento — o uivante vento do Tasman, que descortiçava as árvores na orla e dobrava o matagal até deformá-lo. Balfour apreciava a indiferença feroz de uma tempestade. Ele gostava de lugares solitários, porque nunca se sentia realmente sozinho.

Enquanto ele resvalava pela margem enlameada até o cais, o vento de repente cessou. Sorrindo, Balfour espreitou dentro da bruma. A chuva furtara qualquer chance de refletividade na foz do rio, e a água estava tão cinza e opaca quanto uma liga de estanho. A oscilação dos mastros resistentes diminuiu quando o vento morreu; Balfour observou-os, tranquilizado por seu pesado balançar de lá para cá, de lá para cá. Esperou até que estivessem quase parados antes de continuar andando.

O cais dobrava ao redor da foz de encontro à restinga, uma estreita porção de areia desgastada, por um lado, pela alva rebentação do vasto oceano, e banhada, por outro, pelo arrasto do rio, suas águas agora misturadas com sal e despojadas de ouro. Aqui, no lado tranquilo da restinga, projetava-se um curto quebra-mar a partir do cais. Balfour desceu-o, aterrissando com uma pisada plana, e a estrutura estremeceu com seu peso. Dois estivadores, quase tão encharcados quanto ele, estavam sentados no quebra-mar a cerca de vinte pés de distância; sobressaltaram-se com o barulho e se viraram.

— Está tudo bem, amigos — disse Balfour.

— Tudo bem, Tom.

Um deles trazia um pequeno arpão recoberto de bronze; usava-o para golpear as gaivotas, que mergulhavam em busca do seu almoço nas pedras logo abaixo, e agora retomava essa atividade ociosa. O outro homem contabilizava seus acertos.

Balfour postou-se atrás deles, e por um momento ninguém falou. Eles observaram os navios atracados arfarem para a frente e para trás e semicerravam os olhos através da chuva.

— Vocês sabem qual é o problema? — disse Balfour dentro em pouco. — Aqui embaixo, qualquer homem pode recomeçar do zero. Fazer-se novo. O que é um pseudônimo, aliás? O que um nome

comporta? Escolhe-se um como se escolhe uma pepita. Chame essa de Wells, essa outra de *Carver*…

Um dos estivadores olhou ao redor.

— Você tem alguma desavença com Francis Carver?

— Não, não — Balfour negou com a cabeça.

— Uma desavença com um homem chamado Wells?

Balfour suspirou.

— Não, não há desavença nenhuma — disse ele. — Estou querendo descobrir uma ou duas coisas, apenas isso. Mas sem alarde, na surdina.

A gaivota retornou; o estivador novamente arremeteu contra ela, mas perdeu o golpe.

— Foi falta, porque o arpão pegou na asa — disse o segundo homem. — Com essa, são cinco.

Balfour notou que eles haviam derrubado um naco de biscoito no cascalho abaixo.

O estivador que primeiro falara assentiu com a cabeça para Balfour e disse:

— Você está querendo caçar Carver ou aquele outro?

— Nenhum dos dois — disse Balfour. — Esqueçam. Esqueçam. Eu não tenho desavença nenhuma com Francis Carver, lembrem-se disso.

— Lembrarei — disse o estivador, e em seguida. — Porém, eu lhe digo: se está querendo confusão, e na surdina, você deveria consultar o carcereiro.

Balfour observava a gaivota reaproximar-se.

— O carcereiro? Shepard? Por quê?

— Por quê? Porque Carver passou um tempo com Shepard — disse o estivador. — Na ilha Cockatoo, por dez anos. Carver cavou o dique seco de lá, trabalho forçado, sob a supervisão de Shepard. Se você quer confusão com Carver, deveria apostar no diretor Shepard para saber mais.

— Em Cockatoo? — disse Balfour interessado. — Não sabia que Shepard era sargento em Cockatoo.

— Era sim. E depois, justo no ano seguinte ao da soltura de Carver, Shepard conseguiu uma transferência para a Nova Zelândia. E o seguiu! Que acha dessa sorte?

— A pior de todas — concordou o companheiro.

— Como sabem disso? — disse Balfour.

O estivador entabulava conversa com o colega.

— Esse sim é um rosto que *eu* jamais gostaria de ver novamente: meu carcereiro, dia sim, dia não, durante dez anos, e depois, assim que eu consigo a liberdade…

— Como sabem disso? — insistiu Balfour.

— Fiquei sabendo no estaleiro — disse o estivador. — Olhe agora, *isso* é que é jogada!

Pois ele havia atingido a gaivota nas costas com seu bastão.

— Por acaso você não sabe dizer por que motivo Carver foi autuado, sabe, rapaz?

— Tráfico — disse o estivador imediatamente.

— Tráfico de quê?

— Ópio.

— Quê? Para a China? Ou para fora do país?

— Não saberia dizer.

— Quem o autuou, no entanto? Não foi a Coroa.

O estivador pensou sobre o assunto e então encolheu os ombros.

— Eu realmente não sei — disse ele. — Achei que tivesse sido algo a ver com ópio. Mas talvez isso tenha sido só algo que ouvi por aí.

Logo Balfour despediu-se deles e moveu-se ao longo da restinga. Assim que se encontrou totalmente sozinho, apartou os pés no chão, meteu as mãos nos bolsos e olhou para o branco fragor do oceano — para além dos macacos e roldanas engraxados, para além do farol de madeira na extremidade da restinga, para além dos negros cascos dos navios que haviam soçobrado no banco de areia.

— Veja bem! — murmurou para si. — Já é alguma coisa, já é alguma coisa, mesmo! Carver *deve* ser o nome verdadeiro do sujeito! Ele não pode estar usando um nome falso, não em Hokitika, debaixo do nariz do carcereiro, quando ele serviu dez anos em uma penitenciária sob os cuidados do homem! — Balfour cofiou o bigode. — Mas eis o problema: o que diabos o levou a alegar, com

comprovação por escrito, ainda por cima, que seu nome era Francis Wells?

Saturno em Libra

Em que Joseph Pritchard esboça sua teoria da conspiração; George Shepard faz uma oferta premeditada; e Harald Nilssen concorda, não sem contestar, em fazer uma visita a Ah Quee.

Foi nesse ponto que o papel de Balfour como narrador foi usurpado — uma mudança marcada, no que tangia ao agente portuário, pelo acender de um novo cigarro, o encher de uma nova taça e um animado “Agora, corrijam-me se estiver errado, rapazes!”.

Essa exortação havia sido aparentemente dirigida a duas pessoas: Joseph Pritchard, o homem de cabelos escuros à esquerda de Moody, cuja intensidade de silêncio reprimida era apenas equiparável, como Moody logo descobriu, à intensidade reprimida de seu discurso desapressado; e um homem cuja presença física não tinha ainda rendido comentários. Esse segundo homem jogava bilhar quando Moody fez sua primeira aparição; Balfour agora o apresentou, com um admirado repuxo de seu charuto, como sendo Harald Nilssen, nascido em Christiana, em seguida residente em Bath, invicto mestre do pôquer de três cartas e com uma tremenda pontaria — ao que Nilssen acrescentou, esticando-se para a frente para estender a própria recomendação, que carregava consigo um mosquete Enfield de bucha, o melhor do Império Britânico e a única arma de fogo que se permitira manusear. Esses dois homens estavam mais que dispostos a aceitar a exortação de Balfour pelo seu valor nominal — Nilssen, por razões de vaidade, pois não era capaz de suportar ser o papel principal de uma história extraordinária, nem seu protagonista; e Pritchard, por razões de exatidão.

Doravante abandonaremos Thomas Balfour quedo no quebra-mar com as mãos nos bolsos, semicerrando os olhos sob a chuva. Faz-se necessário desviar nosso olhar cerca de duzentos metros norte acima e pousá-lo na hasta pública do cais Gibson — onde, atrás do púlpito, uma porta sem pintura conduz a um escritório

particular, cuja porta ostenta a inscrição “Nilssen & Cia., Negociantes Comissionados”.

Em apreço à harmonia da rotação das esferas de tempo, vamos reatar nossa história no exato ponto em que Balfour a abandonou — em Hokitika, no sábado, 27 de janeiro, cinco minutos para a uma da tarde.

Φ

Num sábado ao meio-dia, Harald Nilssen podia ser habitualmente encontrado em seu escritório, sentado atrás de uma pilha de contratos, testamentos e conhecimentos de embarque, dando pancadinhas no peito aproximadamente a cada dez minutos para verificar o relógio prateado que o liberaria para o almoço — o qual ele consumia com regularidade médica todos os dias no Nonpareil. Nilssen recomendava essa rotina a quem quer que o ouvisse, crendo ferrenhamente nas capacidades curativas do molho ferrugem, das massas folhadas e da cerveja *ale*; ele fazia muitas recomendações, na verdade, e amiúde dava exemplos de seus próprios hábitos em proveito de outros, homens menos visionários. Ele tirava um prazer especial das discussões, contanto que fossem do gênero mais disparatado e hipotético, e portanto adorava elaborar absurdas teorias de abstração a partir da pequena mas exclusiva órbita de seus próprios gostos. Essa atitude era afetuosamente encorajada pelos seus amigos, que o achavam vivaz e divertido, e desdenhada pelos seus detratores, que o achavam afetado e autocentrado — mas essas vozes eram suprimidas nos ouvidos de Nilssen, e ele não se empenhava nem um pouco em compreendê-las.

Harald Nilssen era célebre em Hokitika devido ao estilo refinado de sua vestimenta. Naquela tarde ele trajava uma sobrecasaca que caía até o joelho, com lapelas de seda num matiz de carvão, um colete vermelho-escuro, uma gravata-borboleta cinza e calças matutinas de casemira listrada. O chapéu de seda, que estava pendurado em um cabideiro atrás da mesa, era do mesmo matiz de carvão de sua sobrecasaca; embaixo dele no cabideiro escorava-se uma bengala com ponta de prata e castão curvado. Para completar este traje (pois assim ele entendia sua vestimenta diária: como um

traje que pudesse ser completado, com efeito), ele fumava um cachimbo, uma gorda cabaça com um caule muito mastigado — embora sua afeição pelo instrumento tivesse menos a ver com os prazeres do vício do que com a oportunidade de ênfase que ele fornecia. Ele geralmente o segurava nos dentes ainda apagado e falava com o canto da boca, como um ator de comédia proferindo um aparte — uma comparação que lhe caía bem, pois, se Nilssen era vaidoso das impressões que passava, era-o porque sabia que as criava muito bem. Hoje, no entanto, o fornilho de mogno estava quente, e ele chupava na boquilha com considerável agitação. Já passava da hora do seu almoço, mas ele não pensava no estômago nem na garçonete de bochechas coradas do Nonpareil, que o chamava de “Harry” e sempre reservava as mais seletas cascas de torta para seu prato. Ele estava franzindo o cenho diante da fatura em cima de sua mesa, e não se achava sozinho.

Algum tempo depois, removeu o cachimbo da boca e ergueu os olhos na direção dos do homem sentado defronte a ele. Disse, em voz baixa:

— Eu não fiz nada de errado. Eu não fiz nada fora da lei.

Ele falava apenas com um vago sotaque norueguês: trinta anos em Bath o fizeram quase britânico em sua entonação de voz.

— Você é quem está lucrando — disse Joseph Pritchard. — É o que a Justiça perseguirá. Parece que você fez um belo lucro com a morte deste sujeito.

— Sim, com a venda legal de seu espólio! Que assumi *depois* que ele já estava embaixo da terra!

— Embaixo da terra, mas ainda quente, acredito.

— Crosbie Wells morreu de tanto beber — disse Nilssen. — Não havia motivo para inquérito, nenhuma adversidade. Ele era um bêbado e um eremita, e quando recebi esses papéis, eu acreditei que seu espólio seria pequeno. Eu não fazia ideia daquela “zarpada”.

— Então você está dizendo que o negócio foi apenas fruto da sorte.

— Estou dizendo que não fiz nada fora da lei.

— Mas *alguém* o fez — disse Pritchard. — *Alguém* está por trás disso. Quem sabia sobre aquela “zarpada”? Quem esperou até que

Crosbie Wells estivesse debaixo de sete palmos para arrematar sua terra de maneira tão ágil e rápida? Quem arranjou os papéis? E quem plantou meu láudano embaixo de seu jirau?

— Plantou?

— Ele foi plantado — disse Pritchard. — Eu prestarei juramento sobre esse ponto. Eu nunca vendi nenhuma dose àquele homem. Eu conheço meus clientes, Harald. Eu nunca vendi uma única dose a Crosbie Wells.

— Ora, aí está! Você pode prová-lo! Mostrar seus registros, prescrições…

— Temos que olhar além de nossa participação nesse propósito! — disse Pritchard. Quando falava com veemência, ele não levantava a voz: baixava-a. — Nós estamos *associados*. Rastreie o suficiente no passado e vai encontrar um autor. É tudo obra de um indivíduo.

— Você está insinuando que isso foi planejado... de antemão?

Pritchard encolheu os ombros.

— A mim parece assassinato — disse ele.

— Conspiração para matar — corrigiu-o Nilssen.

— Qual a diferença?

— A diferença é na acusação. Fosse conspiração para matar, seríamos condenados pelo dolo, não pelo ato em si. Crosbie não foi morto pela mão de outro homem, você sabe.

— Assim nos disseram — disse Pritchard. — Você confia no médico-legista, senhor Nilssen? Ou o senhor mesmo pegará numa pá e trará o corpo do eremita à superfície?

— Não seja mórbido.

— Vou lhe dizer uma coisa: você encontraria mais de um corpo no buraco.

— Pare, eu já disse!

— Emery Staines — disse Pritchard, implacável. — O que diabos aconteceu com ele, se não foi assassinado? Acha que ele virou vapor?

— Mas é evidente que não.

— Wells morreu, Staines desapareceu. Tudo em questão de horas. Wells foi enterrado dois dias depois… e haveria melhor lugar para esconder um corpo, do que o túmulo de outro homem?

Joseph Pritchard sempre buscava o motivo oculto, a verdade subjacente; conspirações fascinavam-no. Ele desenvolvia convicções tal qual os outros homens desenvolviam dependências — uma crença, para ele, era como uma fome — e alimentava as próprias convicções com todo o ardor erótico dos que se crismam voluntariamente. Esse arrebatamento se estendia ao seu brio. Sempre que as águas subterrâneas de sua mente eram perturbadas, ele mergulhava e se debatia lá embaixo — chutando com força, de propósito, como se quisesse tocar as profundezas minerais de suas próprias fantasias tenebrosas; como se quisesse se afogar.

Nilssen disse:

— Essa especulação é inútil.

— Enterrados juntos — disse Pritchard. Ele recostou-se. — Eu apostaria minha vida nisso.

— Que importa seu palpite. O que você está apostando? — irrompeu Nilssen. — *Você* não o matou. *Você* não matou ninguém. A culpa é de outro.

— Mas certamente alguém quis dar a impressão de que eu matei. E certamente alguém fez *você* parecer um tremendo palerma, por correr atrás de uma pista que se revelou falsa!

— Isso não passa de uma impressão.

— O júri se preocupa com impressões.

— Ora — disse Nilssen, um pouco fracamente. — Você não pode realmente achar que um *júri*…

— … será necessário? Não seja tolo. Emery Staines é da realeza de Hokitika. Por estranho que pareça. Há uma gente que não conseguiria distinguir o comissário numa fila de bebuns, mas que conhece o nome de Staines. Não há dúvida de que haverá inquérito. Se ele tivesse caído escada abaixo e quebrado o pescoço com uma dúzia de testemunhas, haveria inquérito mesmo assim. Basta um farrapo de evidência para ligá-lo ao caso Crosbie Wells. Seu corpo, provavelmente, seja lá quando for que o encontrarem; e pronto, você está comprometido. Você é um coconspirador. Você está em julgamento. E *então* o que dirá para se defender?

— Direi que eu não, que nós não *conspiramos*…

Mas a incapacidade dominou-o, e ele não prosseguiu.

Pritchard não interrompeu o silêncio. Ele encarou atentamente seu anfitrião e aguardou. Algum tempo depois, Nilssen retomou a fala, lutando para manter a voz num tom calmo e objetivo:

— Não podemos deixar nada para trás. Precisamos ir nós mesmos à Justiça…

— E arriscar uma condenação? — A voz de Pritchard ficou ainda mais baixa. — Não conhecemos nem metade dos jogadores, homem! Se Staines foi assassinado, veja, mesmo que você não acredite no que ainda vou dizer, você tem que admitir que é uma maldita coincidência ele ter desaparecido naquele momento. Se ele foi assassinado, e vamos supor que sim, bem, então alguém na cidade deve saber algo sobre isso.

Nilssen tentou ser altivo.

— Eu por mim não me prestarei a ficar à toa por aí apenas aguardando com um laço em volta do pescoço…

— Eu não estou propondo que fiquemos à toa aguardando.

O negociante comissionado demoveu-se um bocado.

— O que, então?

Pritchard arreganhou um sorriso.

— Você mencionou um laço, ora, tudo bem. Siga a corda.

— De volta ao bancário, talvez?

— Charlie Frost? Pode ser.

Nilssen parecia cético.

— Charlie não é nenhum traidor. Ele ficou tão surpreso quanto qualquer um quando a “zarpada” apareceu.

— Surpreso? Isso é fácil de simular. E quanto ao camarada que comprou a terra? Clinch, do Gridiron Hotel? Ele deve ter sido gratificado de alguma maneira.

Nilssen negou com a cabeça.

— Não creio nisso.

— Talvez tenha que tentar crer.

— De qualquer modo — disse Nilssen, franzindo o cenho —, Clinch não tem sequer um pêni a receber, agora que a viúva fez sua reivindicação. É com *ela* que você deveria se preocupar.

Mas Pritchard não tinha opinião formada sobre a viúva.

— Clinch não tem nem um pêni a receber... de Crosbie Wells, talvez — disse ele. — Mas pense nisso. Staines arrenda o Gridiron

para Clich, não?

— Aonde você quer chegar?

— Apenas concluo que um sujeito nunca fica desolado quando seu credor está morto.

Nilssen ficou vermelho.

— Clinch nunca tiraria a vida de outra pessoa. Nenhum deles tiraria: Charlie Frost? Pare com isso, Jo! Ele é um ratinho.

— Você não pode saber o que um homem é ou não capaz de fazer só de olhar para ele. E você certamente não pode saber o que ele fez.

— Esse tipo de especulação… — começou Nilssen, mas ele não sabia que forma deveria dar à sua objeção e caiu novamente em silêncio.

Nilssen não conhecia o prospector, Emery Staines, de maneira alguma — embora, se perguntassem, ele seria capaz de ter declarado o oposto, pois Nilssen tendia a alegar intimidade sempre que ela o lisonjeava, e Staines pertencia à categoria de homens com quem ele teria adorado travar uma relação de intimidade. Nilssen adorava se deslumbrar, e nunca estava mais deslumbrado do que com a individualidade de um homem que muito admirava. Emery Staines, possuindo tanto juventude quanto convicção, era-lhe naturalmente um tipo invejável. Recordando-o agora, Nilssen haveria de concordar com Pritchard em que era demasiadamente improvável que Staines tivesse abandonado Hokitika em segredo, de vontade própria, no meio da noite. Suas concessões exigiam manutenção e supervisão constantes, e havia mais de cinquenta homens trabalhando para ele — razão pela qual sua ausência custaria muito mais do que centavos, pensou Nilssen, e a dívida cresceria a cada dia. Não: Pritchard estava certo. Staines havia sido ou sequestrado ou — bem mais provável — assassinado, e seu corpo, escondido de forma muito eficaz.

A informação então sustentava que Emery Staines havia sido visto pela última vez por volta do crepúsculo do dia 14 de janeiro, caminhando a sul da rua Revell rumo à sua casa. O que aconteceu depois disso, ninguém sabia. Seu barbeiro viera chamá-lo às oito, na manhã seguinte, e encontrara a porta destrancada; ele relatou que a cama estava amarfanhada, como se alguém houvesse

dormido nela há pouco, mas a lareira estava apagada. Todos os objetos de valor constavam da casa, intatos.

Emery Staines não tinha inimigos, até onde Nilssen sabia. Seu caráter era esperto e muito franco, e possuía o raro dom de conciliar ambos os aspectos generosa e humildemente. Ele era muito rico, mas havia muitos homens ricos em Hokitika, e a maior parte deles era muito mais desagradável que ele. Era incomum para sua idade, é claro, o que podia ser um motivo de inveja a um homem mais velho e mais frustrado — mas a inveja era um motivo um tanto fraco para um assassinato, pensou Nilssen, se de fato o rapaz houvesse sido morto.

— O que levaria alguém a se desentender com Staines? — disse Nilssen em voz alta. — Aquele garoto irradiava sorte, era o próprio toque de Midas.

— Sorte não é uma virtude.

— Foi morto por causa do seu dinheiro, então?

— Deixemos Staines de lado por um momento. — Pritchard inclinou-se adiante. — Você obteve uma boa fatia da fortuna de Crosbie Wells.

— Sim, eu lhe disse, dez por cento — disse Nilssen, voltando-se para a fatura de venda amarela na mesa diante dele. — Foi a comissão da venda de seus pertences, você sabe; mas agora que o testamento está sendo contestado, o pagamento foi anulado. Eu terei que devolvê-lo inteiro novamente. A propriedade não tinha nada que ser vendida.

Ele tocou a beirada da fatura com seu dedo. Ele assinara o documento e sua cópia nesta mesma mesa, duas semanas antes — e como sucumbira seu coração quando apôs seu nome! Em Hokitika, a venda dos pertences do espólio de um falecido nunca era um empreendimento rentável, mas seu negócio não prosperava e ele estava desesperado. Que infame era (pensara então) ter contornado metade do planeta apenas para ver sua fortuna rarear tanto — apenas para raspar as migalhas da mesa de homens mais ricos e bem-sucedidos. O nome na fatura — Crosbie Wells — não significava nada para ele. Até onde sabia, Wells era apenas um solitário, um resto de homem que bebia até estuporar-se toda noite e que não sonhava com nada. Nilssen apusera seu nome por

amargura, por exaustão. Ele teria que alugar um cavalo, sacrificar um dia de trabalho, cavalgar — por onde? — até o ermo Arahura e recolher os pertences do falecido assim como um vagabundo peneira a sarjeta em busca de comida.

Em seguida, vasculhou na lata de farinha, na caixa de pólvora, no guarda-comida, nos foles, no vaso quebrado de uma cadeira sanitária — todos reluzentes, pesados e simplórios. Sua comissão avultara a pouco mais que quatrocentas libras; pela primeira vez na vida, ele estava rico. Poderia ter empacotado tudo e zarpado para Sydney; poderia ter voltado à terra natal; poderia ter recomeçado do zero; poderia ter se casado. Mas não houve tempo para desfrute: o dia em que sua comissão fora finalmente saldada fora justamente também o da chegada da sra. Wells; em questão de horas, a venda do espólio havia sido recorrida, a herança, contestada, e a fortuna, apoderada pelo banco. Se o recurso fosse concedido — como certamente seria —, Nilssen seria obrigado a devolver a comissão na íntegra. Quatrocentas libras! Era mais do que ele ganhava anualmente. Correndo o dedo na beirada da fatura, sentiu-se apunhalar de indignação. Ele desejava, assim como já muitas vezes na semana anterior, ter alguém a quem culpar.

Mas Pritchard balançava a cabeça: ele não estava interessado no testamento do falecido nem nas implicações legais de sua contestação.

— Deixe isso para lá, por enquanto — disse ele. — Voltemos ao chalé. Você viu a pilha com os próprios olhos?

— Fui eu quem a descobriu. — Nilssen afirmara-o com uma pitada de orgulho. Ele afrouxou um pouco a lembrança. — Oh, se você tivesse visto, eu bem poderia tê-la transformado em folhas e banhado toda uma mesa de bilhar, as pernas e tudo o mais. Pesada, como nunca vi. E como *brilhava*!

Pritchard não sorriu.

— Você disse que não era nem pó nem pepita. Eu entendi bem?

Nilssen suspirou.

— Sim, é isso mesmo: tudo tinha sido prensado em blocos.

— Tudo prensado — Pritchard disse, assentindo —, o que exige equipamentos e habilidade. Mas então quem foi o ferreiro? Wells é

que não.

Nilssen estacou. Esse era um ponto que não havia atravessado sua mente. A maneira como Pritchard levava seu argumento adiante — confiante, arrogantemente — lhe desagradava, mas ele tinha que admitir que o boticário fizera associações que ele próprio não captara. Ele deu uma baforada em seu charuto.

Nilssen não tinha grandes conhecimentos sobre o trabalho em uma jazida de ouro. Tentara prospectar a preciosidade apenas uma vez e achara o trabalho desgraçado — arrastando baldes de água para cima e para baixo do rio para represar as pedras, estapeando os mosquitos-palhas que lhe rastejavam casaco acima até que ele saracoteasse de raiva. Depois, suas costas latejavam e seus dedos pungiam e seus pés ficaram porosos e inchados durante dias. A pitada de areia que levara para casa, juntada na ponta do seu lenço, foi tributada e tributada e depois pesada até chegar à menor fração de uma onça — rendendo, por fim, cinco míseros xelins, um dissabor insuportável, que mal dava para cobrir uma corrida de cavalo de cá para acolá no desfiladeiro. Nilssen não tentou a sorte novamente. Ele era, por faculdade e autodeterminação inatas, um homem da Renascença, acostumado a exibir imediata garantia em qualquer que fosse o campo em que se lançasse; se não dominasse um ofício logo na primeira tentativa, ele abandonava o negócio. (Ele não tomava tão a sério esse seu comportamento: frequentemente narrava o episódio frustrado no desfiladeiro de Hokitika, exagerando os incômodos que suportara com uma crítica leve à sua própria magnanimidade constitutiva — mas essa era uma interpretação reservada somente a ele, e ele ficava constrangido se outro homem dela compartilhasse, por assim dizer, ou com ela concordasse.)

A teoria que Joseph Pritchard lhe incutira era suficientemente lógica, até certo ponto. Alguém — talvez mais de uma pessoa — devia saber da fortuna oculta no espólio de Crosbie Wells: a fortuna era muito grande, e a venda de sua propriedade, muito secreta e ligeira, para que se negasse completamente essa probabilidade. Outrossim, a ampola de láudano encontrada próxima do corpo do falecido sugeria que alguém — talvez o mesmo “alguém” — estivera presente no chalé exatamente antes ou exatamente depois da morte do eremita, provavelmente com alguma má intenção. A ampola era

de Pritchard, adquirida em sua botica e inscrita com uma etiqueta por ele assinada: seu dono deveria ser, portanto, um homem de Hokitika, viajando rumo ao norte, e não um forasteiro, viajando rumo ao sul. Isso excluía os dignitários que haviam encontrado o corpo de Crosbie e levado à cidade a notícia de sua morte.

No íntimo, Nilssen acreditava que Pritchard estava certo em manter o comprador do espólio, Edgard Clinch, sob suspeita — e o bancário, Frost, também. Ele não suspeitava de que tivessem participação na morte de Staines, tal como Pritchard evidentemente suspeitava, mas lhe parecia que Clinch agira com base em algum tipo de palpite, para ter adquirido o chalé e as terras de Crosbie Wells com tanta prontidão — e fosse qual fosse esse palpite, Charlie Frost deveria estar ciente dele. Nilssen também concordava que seu próprio envolvimento, por mais inocentemente empreendido que fosse, pareceria decididamente duvidoso para um observador de fora: ele descobrira a fortuna, afinal de contas; ele registrara a ampola de vidro de láudano em seu livro-razão junto a todo o resto (ele compilara um rol de pertences à venda); e ele tinha recebido quatrocentas libras pela transação.

À exceção dessas constatações, no entanto (que, afinal de contas, não passavam de constatações de dúvida e de impressões possíveis), Nilssen estava irresoluto. Pritchard concluíra que o desaparecimento de Emery Staines não podia ter sido uma coincidência, o que não passava de suposição; ele argumentara que o homem tinha sido assassinado, o que não passava de conjectura; ele sugerira que o corpo fora enterrado na cova de Wells, o que não passava de presunção; e ele propusera que o malogro legal do espólio de Wells fora premeditado como um tipo de obstrução, de armadilha — o que, pensou Nilssen, não passava de completa fantasia. Pritchard não podia prestar contas da ampola de láudano; ele não podia apresentar uma motivação ou um suspeito plausível… e ainda assim o negociante comissionado não podia desconsiderar inteiramente suas convicções, não importasse o quanto lhe desagradasse a forma pela qual foram expressas.

Nilssen não compartilhava do êxtase tóxico com que o boticário sondava as profundezas: a busca da verdade não se apossava dele assim como de seu convidado. Pritchard tornava-se muito estranho

quando falava de suas paixões, dos elixires que infundia e provava sob o teto baixo de seu laboratório, das resinas e pós que ele comprava e vendia em frascos fumegantes. Havia um quê de frieza e severidade naquele homem, pensou Nilssen — demovendo, como frequentemente o fazia, seu desfavorável pressentimento para um princípio de aversão estética.

Por fim, e com um ar de vexação que sempre o atingia quando um argumento alheio expunha-lhe uma falha em um dos seus próprios argumentos, Nilssen tirou o cachimbo da boca e disse:

— Bem, Wells talvez tivesse algum informante no Banco Central. Killarney, ou alguém da Companhia…

— Não. — Pritchard golpeou a mesa com dedos espalmados; estivera aguardando Nilssen equivocar-se e já tinha seu contra-argumento preparado. — Isso é obra de um chinês. Eu apostaria qualquer quantia. O templo chinês em Kawarau estava sempre cheio de camaradas sem patente própria; eles dividiam entre si os direitos de mineração. Homem algum consegue diferenciá-los um do outro, veja você, e um nome é pior que o outro, quando se trata de uma língua estrangeira. Tudo é trabalho autônomo, em Chinatown. Se isso fosse um caso dentro da Companhia, pareceria…

— … menos sujo? — Nilsson soava esperançoso.

— Pelo contrário. Quando um sujeito tem que cobrir suas impressões digitais, quando ele tem que usar a entrada para comerciantes em vez de adentrar pelo vestíbulo, como sempre foi visto fazendo… daí então passa a ter que tomar providências, fazer sacrifícios. Você entende? Um homem de dentro tem que se altercar com as marionetes, com todas as engrenagens do sistema. Mas um homem de fora pode lidar diretamente com o diabo.

Eram expressões desse tipo as que Nilssen particularmente detestava. Ele deitou novamente o olhar na fatura de venda.

— Oficina Chinatown — disse Pritchard. — Pode apostar. Um camarada faz todo o trabalho na caldeira. Seu nome é Quee.

— Você vai falar com ele? — disse Nilssen, olhando para cima.

— Na verdade — disse o boticário —, eu esperava que você o fizesse. Estou no momento às raias de uma contenda com os orientais.

— Posso atrever-me a perguntar por quê?

— Oh, apenas maus negócios. Segredos comerciais. Ópio — disse Pritchard. Ele virou sua mão e então deixou-a cair sobre seu colo.

Nilsson franziu o cenho.

— Você importa seu ópio da *China*?

— Deus meu, não — disse Pritchard. — De Bengala. — Ele hesitou por um momento. — É mais como se fosse uma disputa pessoal. A propósito da prostituta que quase morreu.

— Anna — disse Nilssen. — Anna Wetherell.

Pritchard franziu o cenho: ele não queria usar o nome dela. Ele voltou a cabeça para o outro lado e observou as gotas de chuva robustecerem-se e agruparem-se embaixo do caixilho da janela.

Na breve pausa antes de retomar a fala, Nilssen se sobressaltou com o pensamento de que talvez o boticário a amasse: Anna Wetherell, a prostituta. Ele analisou a possibilidade em sua imaginação, desfrutando-a. A garota era excepcionalmente formosa — ela se movia com um langor penoso e fatigado, como um cisne aborrecido —, mas era muito mais volátil de temperamento do que apetecia a Nilssen em uma garota, e sua beleza (na verdade, Nilssen não a diria bonita; reservava o adjetivo às formas virgens e angélicas) era muito consciente para o seu gosto. Além disso, ela era uma comedora de ópio, um hábito que se fazia notar, em sua feição, por uma nódoa constante, e em seus trejeitos, por uma exaustão abissal — essa compulsão era deplorável o bastante, e ademais ela agora era considerada uma suicida. Sim, pensou Nilssen: ela era exatamente o tipo de garota por quem Pritchard se apaixonaria. Viam-se no escuro; seus encontros eram febris e condenados.

Neste ponto, o negociante comissionado deixou escapar sua deixa. As hipóteses de Nilssen eram sempre do tipo autocorroborativo: ele tendia a favorecer quaisquer provas que melhor aprouvessem a seu senso de conduta, e, igualmente, a agarrar quaisquer condutas que melhor se prestassem à comprovação. Ele falava constantemente em virtude, assim dando a impressão de ter um temperamento muito entusiasta e otimista, mas sua fé na virtude servia a um mestre bem menos flexível que o otimismo. O benefício da dúvida, para lançarmos mão do provérbio,

era um dom fortuito, e Nilssen era muito orgulhoso de seu intelecto para ceder ao poder de uma hipótese. A seu ver, uma camada protetora de verniz havia sido aplicada às formas cristalinas da alta abstração: ele adorava pôr-lhes reparo e admirar-lhes o fulgor, mas ele nunca cogitara descê-las de sua cristaleira esculpida em carvalho, por assim dizer, para senti-las, conformadas, nas próprias mãos. Ele concluíra que Pritchard estava apaixonado somente porque era prazeroso deliberar sobre esse ponto, examinar seu espécime e então retornar às crenças que há muito possuía: a de que Pritchard era uma criatura exótica; a de que Anna era caso perdido; e a de que não se devia nunca amar uma prostituta.

— Sim, bem — dizia Pritchard —, eles estão furiosos com isso, veja você. O companheiro de pele amarela que dirige o antro de ópio em Kaniere, seu nome é Ah Sook, ele procurou Tom Balfour, após a prostituta cair doente, e muito aborrecido, entende? Disse a Tom que desejava verificar meus registros de remessa, checar a última carga que chegara em meu nome.

— Por que não ir diretamente ter com você? — perguntou Nilssen.

Pritchard encolheu os ombros.

— Suponho que me tenha imaginado armando alguma coisa — disse ele.

— Ele acha que você a envenenou... de propósito?

— Sim — Pritchard virou novamente o rosto para o outro lado.

— Bem, e o que disse Tom? — disse Nilssen, para urgi-lo.

— Ele mostrou a Ah Sook meus registros. Provou que eu estava limpo.

— Seu registro está limpo?

— Sim — disse Pritchard concisamente.

Nilssen notou que ofendera seu convidado e sentiu um clarão maldoso de prazer. Ele estava começando a ressentir-se ante a insinuação de que ambos estariam igualmente implicados como conspiradores, se (ou quando) o possível assassinato de Emery Staines viesse à tona: parecia-lhe que Pritchard estava muito mais enredado nessa trapalhada do que ele. Nilssen nada tinha a ver com ópio e não queria nada com ele. A droga era um veneno, um suplício, e fazia dos homens uns tolos.

— Ouça-me — disse Pritchard pondo o dedo na mesa —, você precisa pôr este companheiro Quee em contato com você. Eu o faria se pudesse — eu tentei ir ao antro, mas Sook não quer nem ouvir falar de mim. Já o Quee é garantido. Ele é decente. Pergunte-lhe da pilha de ouro — se é dele e, caso seja, por que apareceu no espólio de Wells. Você pode ir esta tarde.

Nilssen enervava-se ao ser mandado dessa maneira.

— Não vejo motivo para você mesmo não falar com Quee, uma vez que sua rixa é com o outro sujeito.

— Estou com a cabeça a prêmio. Chame isso de precaução.

Nilssen chamou-o de outra coisa. Em voz alta ele disse:

— O que diabos persuadiria um china qualquer a falar comigo? — refugiando-se, finalmente, na petulância. Ele empurrou a fatura amarela para longe dele.

— Pelo menos você é neutro — disse Pritchard. — Você não deu a nenhum deles motivo para que de um ou de outro jeito julgassem-no. Deu?

— Aos celestiais?[2] — Nilssen deu uma baforada em seu cachimbo; o fornilho estava quase pura cinza. — Não.

— Deve dizer seu nome com um *Ah* na frente. *Ah* Quee. É como dizer “senhor”. — Pritchard fez uma breve pausa, reparando no outro homem, e então acrescentou: — Encare-o assim: se nós formos indiciados, então talvez ele também o seja.

Enquanto falava, ouviu-se bater à porta: era o funcionário trazendo a mensagem que dizia que George Shepard estava no escritório externo esperando para ser atendido.

— George Shepard, o carcereiro? — disse Nilssen, com certo tremor, e lançou um olhar a Pritchard. — Ele disse o porquê?

— Questão de lucro, ele disse; ganhos mútuos — respondeu o funcionário. — Devo fazê-lo entrar?

— Vou aproveitar minha deixa — disse Pritchard, levantando-se de imediato. — Então você irá encontrá-lo, o camarada Quee? Diga que sim.

— Ir até Kaniere? — disse Nilssen, lembrando-se de seu almoço e da garçonete do Nonpareil.

— Fica a apenas uma hora de caminhada — disse Pritchard. — Mas assegure-se de encontrar o camarada certo: aquele que você

procura é um companheiro baixinho, muito magro, barbeado; você reconhecerá seu chalé por causa da chaminé que sai da oficina. Aguardarei sua mensagem — e ele se foi.

Φ

O escritório de Nilssen parecia pequeno demais para acomodar a mesura imensa e tesa que George Shepard fez ao nele entrar. O negociante comissionado sentiu-se retrair ligeiramente em sua cadeira, e para compensar por isso saltou da cadeira, projetou sua mão e exclamou:

— Senhor Shepard, sim, sim, por favor. Ainda não tive o prazer de recebê-lo, senhor, mas espero ser de alguma serventia, num futuro próximo, se eu puder. Sente-se, por gentileza.

— Eu o conheço, é claro — respondeu Shepard, pegando a cadeira oferecida. Percebendo que o cachimbo de Nilssen estava aceso, ele procurou pelo seu no bolso. Nilssen passou sua bolsa de tabaco e seus fósforos por cima da mesa, e houve um breve silêncio enquanto Shepard enchia seu fornilho e acendia o fogo. Seu cachimbo era raso, feito de urze, com uma pequena gola de âmbar entre a embocadura e a boquilha. Ele soprou diversas vezes até ficar satisfeito com a brasa no fornilho e depois recostou-se em sua cadeira com um relance calculado, primeiro para a esquerda e então para a direita, como se quisesse alinhar-se com as superfícies do aposento. — Conheço-o de reputação — acrescentou, sendo aquele tipo de homem que sempre concluía um enunciado quando punha em movimento o pensamento. Ele exalou um bocado de ar. — Aquele camarada que saiu há pouco — disse ele. — Qual é mesmo seu nome?

— Jo Pritchard é o seu nome, senhor, Joseph. Ele é dono da botica na rua Collingwood.

— Sim, é claro.

Shepard interrompeu-se, conformando na mente o seu propósito ali. A baça luz do dia, caindo de viés na mesa de Nilssen, congelou as volutas de fumaça de cachimbo que pendiam sobre sua cabeça — fixando no ar novelo por novelo, tal qual o quartzo mineral preserva um veio espiralado de ouro e oferece-o à admiração.

Nilssen aguardou. Ele pensava: “Se eu for condenado, este homem será meu carcereiro”.

A nomeação de George Shepard para diretor do cárcere de Hokitika havia sido recebida com poucas objeções dos homens que viviam e escavavam dentro dos limites de sua jurisdição. Shepard era um caráter frio e formidável, que rastejava de uma forma que parecia constantemente ressaltar a envergadura de seus ombros e o peso de seus braços; quando andava, fazia-o a passadas largas e deliberadas, e quando falava (o que era raro), fazia-o num timbre grave e solene. Suas maneiras não possuíam graça nem eram de todo adoráveis, mas a severidade era tida como uma virtude nos homens de sua profissão, e devia-se-lhe o crédito, concordavam os eleitores, de nunca ter recebido à sua porta nenhuma acusação de injustiça ou de discriminação.

Se Shepard era alvo de boatos ociosos, era-o daqueles de gênero mais conjectural, e estes quase sempre se referiam às suas relações íntimas com sua mulher. O casamento deles era, ao que tudo indica, conduzido sob absoluto silêncio, com uma austera obstinação da parte dele e uma inibição medrosa da parte dela. A mulher referia-se a si mesma como “sra. George”, mas apenas em sussurro; ela trazia consigo o aspecto desacorçoado e assustado de um animal torturado, que vê jaulas onde as não há e acovarda-se a cada sobressalto. A sra. George raramente arriscava pisar além do portão da carceragem, exceto quando, nas raras ocasiões de necessidade de aparição pública, ladeava enrubescida o diretor Shepard pela rua Revell. Levou quatro meses morando em Hokitika para que descobrissem que na verdade ela possuía um nome próprio — Margaret —, embora proferi-lo na presença dela fosse um ataque tão terrível que só lhe restava a fuga como recurso.

— Venho a negócios, senhor Nilssen — começou Shepard. Ele segurava o bojo de seu cachimbo com o punho contra o peito, enquanto falava. — Nossa atual carceragem é pouco melhor que um curral, um estábulo. A luz é escassa, e o ar, insuficiente. Para ventilar, mantemos aberta a porta com uma corrente, e eu me sento além da soleira com uma espingarda nos joelhos. É insustentável. Nós não possuímos recursos para lidar com os criminosos mais… calejados. Mais sofisticados. Um assassino, por exemplo.

— Não, sim, sim — disse Nilssen. — É claro.

Houve uma pausa, e em seguida Shepard continuou.

— Se me permitir o pessimismo — disse—, eu acredito que Hokitika está para viver tempos sombrios. Essa cidade encontra-se no limite. As leis de mineração continuam valendo como crença, nas colinas, e aqui. Ora, não passamos ainda de um apêndice de Canterbury, mas em breve seremos a joia de sua coroa. Westland irá dividir-se e Hokitika irá prosperar; mas, enquanto ascende, esta terá que conciliar.

— Conciliar?

— Os selvagens e os civilizados — disse Shepard.

— Refere-se aos nativos, às tribos maoris?

Nilsson falou com um toque de impaciência; ele acalentava uma paixão romântica por aquilo a que chamava de “vida tribal”. Quando as canoas maoris surgiram robustas e cintilantes no desfiladeiro Buller — ele as avistara a distância —, ele tomara-se de pavor. Os guerreiros pareceram-lhe terríveis, suas mulheres, incognoscíveis; seus costumes, amedrontadores e primitivos. Sua fixação estava mais próxima do temor que da veneração, mas um temor ao qual ele procurava retornar. De fato, Nilssen fora primeiramente induzido a viajar para a Nova Zelândia após um encontro fortuito ocorrido numa hospedaria à beira da estrada próxima de Southampton com um marinheiro de primeira classe, que se gabava (deveras inverossimilmente, como se descobriu) de seus próprios encontros com os povos primitivos dos mares do Sul. O marinheiro era holandês e trajava um casaco até logo abaixo dos quadris. Comerciava pregos de ferro em troca de cocos; permitira que as mulheres insulares pousassem as mãos na alva pele de seu peito; certa feita fizera, a partir de um nó, um presente para um garoto da ilha. (“Que tipo de nó?”, suplicara Nilssen, inclinando-se para a frente; era um nó cabeça de turco; Nilssen não o conhecia e o marinheiro esboçou-lhe no ar seu enlaçado formato floral.)

Mas Shepard balançou a cabeça à exclamação de Nilssen.

— Eu não utilizo o termo “selvagem” para definir os nativos — disse ele. — Refiro-me aos nativos da própria terra. A prospecção é um negócio brutal: faz um homem começar a pensar como um

ladrão. E aqui as condições são tão insalubres que acabam desesperando ainda mais os mineiros.

— Mas as escavações podem ser civilizadas.

— Talvez depois de esgotados os rios. Depois que os prospectores derem espaço às represas e dragas e companhias de mineração; quando as florestas estiverem abatidas, talvez aí sim.

— Você não tem fé no poder da lei? — disse Nilssen, franzindo as sobrancelhas. — Westland está prestes a ganhar um assento no Parlamento, veja você.

— Noto que não estou me fazendo entender — disse Shepard. — Permita-me que comece do zero?

— Certamente.

O carcereiro recomeçou imediatamente, sem alterar a postura ou o tom.

— Quando dois códigos de justiça estão à disposição simultaneamente — disse ele —, um homem sempre utilizará um para obstruir o outro. Pense num homem que acha justo e certo levar à Corte dos Magistrados uma queixa contra a própria prostituta, esperando tanto o exercício da lei quanto sua isenção dela. Recusam-no, e talvez até seja acusado de consorciar-se com a garota; agora ele culpa ambas, a lei e a garota. A lei não pode responder por aquilo que esse mineiro julga ser justo, e então ele monta na lei e a esgana. Antigamente ele teria resolvido a contenda com os próprios punhos, imediatamente. Essa era a lei dos mineiros. Talvez a prostituta perecesse ou sobrevivesse, mas de qualquer forma sua ação seria sua apenas. Mas agora, agora ele sente que seu próprio direito de exigir justiça está ameaçado, e é baseado *nisso* que ele age. Ele fica duplamente furioso, e sua sanha é duplamente despendida. Ando vendo exemplos disso todos os dias.

Shepard recostou-se e repôs na boca o cachimbo. Suas maneiras eram calmas, mas seus olhos pálidos fixavam-se muito intensamente sobre seu anfitrião.

Nilssen nunca recusara oportunidade de levantar hipóteses.

— Sim, mas, seguindo seu raciocínio — disse ele —, você não estaria certamente sugerindo uma preferência pela lei dos mineiros?

— A lei dos mineiros é vulgar e chã — disse o diretor Shepard calmamente. — Nós não somos selvagens; somos homens civilizados. Não penso que a lei é deficiente; meramente pretendo salientar o que ocorre quando o selvagem encontra o civilizado. Quatro meses atrás, os homens e mulheres da minha carceragem eram bêbados e ladrões reles. Atualmente, vejo bêbados e ladrões reles que se sentem indignados, se arrogam certos direitos e falam com retidão, como se tivessem sido julgados injustamente. E eles estão furiosos.

— Mas, repito, como conclusão — disse Nilssen. — Depois de esganada a prostituta e despendida a sanha do mineiro, certamente a lei cível voltaria a condenar este homem? Certamente seria punido justamente, afinal?

— Não se seus colegas juntarem-se a ele para preservar seus direitos de minerador — respondeu Shepard. — O homem se aferra mais fortemente a um código no momento em que seu código é afrontado, senhor Nilssen, e não há nada mais bestial que um bando de homens furiosos. Sou carcereiro há dezesseis anos.

Nilssen recostou-se na cadeira.

— Sim — disse ele. — Entendo o seu ponto; o perigo é essa penumbra entre o mundo antigo e o novo.

— Devemos livrar-nos do que é antigo — disse Shepard. — Não tolerarei prostitutas, e não tolerarei quem as frequente.

A autobiografia de Shepard (um documento que, se redigido fosse, seria inflexível, reprobatório e frugal) não continha aquele imprescindível capítulo no qual o jovem herói apronta das suas e se extravia; desde seu casamento, sua mente não havia invocado nada além da figura quadrada da sra. George, cujos gestos eram tão conhecidos e regulares que ele poderia sincronizar o relógio a partir do ritmo de seus dias. Ele sempre havia sido irrepreensível em sua conduta, e por conseguinte sua capacidade de empatia era pequena. A profissão de Anna Wetherell não o fascinava nem um pouco, e ele não possuía memórias de juventude ternas ou embaraçosas para que se lhe abrandassem as sutilezas de seu ofício; quando olhava para ela, via somente um catálogo de indiscrições, uma inteligência volátil e um grave desejo de promessa. O fato de que uma prostituta pudesse atentar contra a

própria vida não o atingia como algo excepcional ou triste; nesse caso específico, ele poderia mesmo chamá-lo de um término clemente. A srta. Wetherell vivia afinal por benevolência do ópio, uma droga que fazia o papel de mordomo de um rei demente, e ela vigiaria aquele trono com olhos invejosos durante toda a eternidade.

É justo dizer que, em relação às sete virtudes, o diretor Shepard tendia para a quarta delas.[3] Ele era muito ciente da doutrina cristã do perdão, mas somente enquanto uma crença a ser estudada e obedecida. Não pretendemos, com isso, depreciar sua religião, afirmando que o perdão é algo que deva primeiro ser obrigado a pedir, a fim de que se possa dá-lo; e ao diretor Shepard nunca fora imperioso pedi-lo. Ele rezara pela alma da srta. Wetherell assim como fizera por todos os homens e mulheres sob sua custódia, mas suas orações eram antes manifestações de dever que de esperança. Ele acreditava que a alma habitava o corpo e, consequentemente, que a profanação do corpo era um ataque à alma: uma prostituta comum, quando julgada por essa teologia substancial, saía-se muito mal, e Anna Wetherell era uma figura subnutrida, maltratada e miserável como nenhuma que ele havia visto. Ele não desejava que ela estivesse condenada, mas ele acreditava, no íntimo, que sua salvação era impossível.

O destino espiritual da srta. Wetherell e também o método pelo qual buscara determiná-lo para sempre não lhe interessavam; nem mesmo, igualmente, seus méritos corpóreos. Nisso Shepard se distinguia da maioria dos homens em Hokitika, que (como Gascoigne observaria a Moody cerca de sete horas depois) só falavam nisso há duas semanas. Quando haviam esgotado o assunto do método, retomavam o dos méritos, um arranjo que lhes mantinha em conversação por um bom tempo.

O cachimbo de Nilssen há muito se apagara. Ele bateu o bojo na mesa para esvaziá-lo das cinzas e em seguida começou a enchê-lo novamente.

— Creio que Alistair Lauderback almeje empreender alguma mudança — disse ele, desfazendo os cordões da bolsa de tabaco com sua mão livre. — Se for eleito, é claro.

Shepard não respondeu de imediato.

— Você tem acompanhado as campanhas?

Nilssen, ocupado com sua bolsa, não notou a vacilação do outro homem. Quando o carcereiro primeiro entrara, Nilssen temera a si mesmo, acautelara-se até, mas ele raramente mergulhava em um estado de constrangimento por muito tempo. A teoria legal de Shepard atiçara sua inteligência e a gratificara, e ele novamente sentiu-se senhor de suas capacidades. Os rituais absorventes que presidiam o enchimento de seu cachimbo — o adelgaçamento dos cordões de couro, o aroma seco do tabaco — restauraram certa ordem aos seus sentidos. Ele respondeu, sem olhar para cima:

— Sim, de fato tenho. Leio os discursos todos os dias, com atenção aguçada. Lauderback agora está aqui, em Hokitika, não está?

— Está — disse Shepard.

— Assumirá uma cadeira — disse Nilssen, esfregando nos dedos uma pitada de tabaco. — O *Lyttelton Times* está apoiando sua plataforma.

— Você o aprecia?

— Túneis e ferrovias — disse Nilssen —, esse é o seu jogo, não é? Progresso, civilização e tudo o mais. Surpreende-me que o seu pensamento alinhe-se tão bem com a campanha de Lauderback. — Ele acendeu um fósforo.

Shepard tencionou responder, mas em seguida vacilou.

— Não tenho o hábito de expressar minhas ideologias políticas no escritório de outro homem a não ser que seja convidado a fazê-lo, senhor Nilssen.

— Oh, por obséquio — disse Nilssen polidamente, chacoalhando o fósforo.

— Com sua licença — assentindo com sua enorme cabeça descorada —, eu lhe direi isto: eu também acredito que Lauderback assumirá uma cadeira, no Parlamento e na Superintendência, ambos. Ele tem grande força de personalidade a seu favor, e evidentemente sua ligação com a Ordem dos Advogados e com o Conselho Provincial dignifica muito seu caráter e sua habilidade.

— E essa é uma reeleição para ele, é claro — interrompeu-o Nilssen, que tinha o hábito de expressar suas ideologias políticas no escritório de outros homens e esqueceu-se por um momento de que

garantira ao seu interlocutor a permissão de dar vazão a seus pensamentos. — Ele é conhecido.

— Ele é conhecido... no círculo dele — disse Shepard. — É leal a Canterbury, e seus túneis e ferrovias, emprestando sua frase, são o túnel de Lyttelton e a ferrovia projetada entre Christchurch e Dunedin. Como superintendente, ele irá repartir quaisquer fundos que não estiverem alocados para seu túnel e sua ferrovia. Como devido, é claro, para validar as promessas de sua campanha.

— Você pode estar certo quanto à Superintendência — disse Nilssen —, mas quanto ao Parlamento? Ele *representaria* Westland…

— Lauderback somente é um "homem de Westland" para o eleitorado — disse Shepard. — Não o recrimino por isso — ele tem meu voto, senhor Nilssen, mas ele não conhece a vida de mineiro.

Nilssen parecia que tencionava interrompê-lo de novo, então Shepard urgiu, elevando um pouco a voz.

— Chego afinal ao assunto que me trouxe a esta entrevista. Eu tenho o aval do Comissário para começar a erguer uma nova carceragem, longe do acampamento de polícia, na planície ao norte da cidade. Talvez se lembre de que foi um grupo de condenados que desobstruiu a estrada de Hokitika. Eu pretendo fazer o mesmo: usarei o trabalho dos meus próprios forçados para construir a prisão em Seaview.

Essa ideia encantou o conceito que Nilssen fazia da punição, e ele sorriu.

— No entanto, como você mesmo observou — continuou Shepard —, o foco de Alistair Lauderback é em transportes: em seu discurso ao Conselho, ele defendeu o uso do trabalho forçado para construir e preservar a estrada Christchurch. O trajeto sobre os Alpes ainda é traiçoeiro: inadequado para um cavaleiro, que dirá para um coche.

— É do superintendente a palavra final? — disse Nilssen. — Seus prisioneiros não são seus, para que possa empregá-los?

— Ai de mim! — disse Shepard. — São apenas meus para que os vigie.

O funcionário entrou, trazendo café em uma bandeja de madeira. Ele estava em estado de considerável excitação, pois não

era comum que Nilssen tivesse convidados, que dirá convidados de reputação tão enigmática quanto Pritchard (que era famoso por seu ópio) e Shepard (que era famoso por sua mulher). O funcionário arranjou o bule e os pires com atenção pormenorizada na bandeja, a qual carregava de cotovelos empertigados e com as costas muito eretas. Nilssen assentiu em aprovação: não era costume que o funcionário aguardasse uma ordem de seu empregador, mas Nilssen deleitava-se com o efeito que isto estaria provocando na mente de seu convidado. O funcionário ajeitou a bandeja no aparador e começou a servir. Ele esperava que os homens retomassem a conversa enquanto ainda se encontrava no aposento, e para tanto tentou servir lentamente, sentindo uma pontada de arrependimento ao ver flutuar os grãos de chicória que acrescentara aos de café por razões de economia e que agora, com sua desagradável membrana arenosa, pareciam-lhe repreender as intenções.

Atrás dele, Shepard disse:

— Aliás, senhor Nilssen, o que você sabe sobre Emery Staines?

Fez-se silêncio.

— Sei que está desaparecido — respondeu Nilssen.

— Desaparecido, sim — disse Shepard. — Ele não é visto há quase duas semanas. Muito estranho.

— Não o conheço bem — disse Nilssen.

— Não? — disse Shepard.

— É um conhecido, mas não um amigo.

— Ah.

Nilssen parecia prestes a tossir; em seguida, irrompeu:

— *Já* acabou, Albert?

O funcionário assentou o bule de café.

— Devo deixar-lhes a bandeja, senhor?

— Sim, sim, e em seguida se retire, por Deus — disse Nilssen. Ele avançou na xícara que lhe fora entregue, fazendo entornar no pires uma pequena onda de café, e depositando-a em frente a ele com um tinido. O funcionário entregou a outra xícara para Shepard, que não insinuou nenhum movimento para pegá-la e apontou para a mesa sem emitir palavra alguma.

— Devo ser franco — disse Shepard quando o funcionário desapontado fechara a porta atrás de si. — Eu pretendo começar a trabalhar na carceragem assim que possível, antes das eleições, para que o trabalho esteja bastante adiantado quando Lauderback for empossado. Estou ciente de que pode parecer que busco ativamente impedir o sucesso de sua campanha. Venho a você solicitar tanto seus serviços quanto sua discrição.

— Do que precisa? — disse Nilssen cautelosamente.

— Materiais de construção e talvez dez ou vinte corpos aptos para começar a cavar a fundação — disse Shepard, tirando do bolso as plantas. — Posso oferecer-lhe comissão à sua taxa de praxe. O terreno já foi adquirido e sancionado. Eis o desenho do arquiteto.

— É o original? Ou uma cópia? — Nilssen tomou os papéis da manzorra de Shepard e desdobrou-os.

— O original. Não há cópia — disse Shepard. — Mantenho sempre esses documentos junto a mim, é claro.

— É claro — concordou Nilssen, alcançando seus óculos.

— O motivo de tê-lo procurado — continuou Shepard — e não a Cochran, Morrison ou outro concorrente cujos negócios, perdoe-me, sejam mais prósperos hoje, deve-se, em parte, à sua reputação de homem eficiente.

Nilssen olhou para cima.

— Permita-me falar francamente — disse Shepard. — A questão é indelicada, eu sei; tentarei ser o mais gentil possível. Chamou-me atenção o fato de você ter se saído com uma comissão de muitas centenas de libras ao arrematar o espólio do senhor Crosbie Wells.

Nilssen sobressaltou-se, mas Shepard ergueu a mão de modo a silenciá-lo.

— Não se comprometa falando antes de ouvir o que tenho a dizer — falou. — Direi exatamente tudo o que sei. O cadáver do homem foi levado ao acampamento de polícia antes de seu enterro; uma vez que não tinha família ou amigos para discursar, conduzimos o velório no próprio acampamento. Tive a solene honra de velar seu corpo e de estar presente enquanto o médico checava seus órgãos vitais em busca de sinais de ferimentos. O doutor Gillies inferiu que a causa da morte foi a bebida; eu, com meus

parcos conhecimentos do assunto, só pude concordar com seu parecer. O doutor Gillies foi cuidadoso ao examinar o conteúdo do estômago e dos intestinos do falecido, no entanto, os quais continham não apenas comida e álcool, mas também traços de láudano — embora não o bastante, devo acrescentar, para justificar uma suspeita indevida. Eu não creio que Crosbie Wells tenha sido envenenado, a não ser pela bebida.

"Ora, antes mesmo de concluído o velório, a terra e o moinho de Wells haviam sido vendidos. A terra, como você sabe, foi reclamada pelo banco e em seguida adquirida quase que imediatamente por um tal de senhor Edgard Clinch; embora a transação tenha sido perfeitamente legal, é curiosa, contudo, a destreza com que a propriedade mudou de mãos. Sei que você foi em seguida chamado para esvaziar o chalé e vender os pertences do falecido por uma taxa que seria estabelecida em relação ao valor total; você aceitou o serviço e prontamente descobriu uma grande quantidade de ouro estocado (onde estava escondido, na lata de farinha?) no valor agregado de quatro mil libras. Uma "zarpada", para utilizar de um termo local. Ora, senhor Nilssen, você então teria saído com sua porcentagem, que agora era uma bela fatia; o empreendimento todo, porém, foi frustrado quando a viúva do senhor Wells aportou na praia e se pronunciou. Ela estava uma semana atrasada para comparecer ao seu enterro, mas nem um pouco atrasada para contestar a venda de seu espólio e de quaisquer transações feitas como consequência daquela venda.

"Como eu mesmo já disse, não acredito que Crosbie Wells tenha sido envenenado — disse Shepard. — Mas igualmente não acredito que o ouro estocado pertencia a ele, e muito menos à viúva. O surgimento da viúva Wells é uma curiosidade em uma história já muito curiosa para o meu gosto. — Ele se interrompeu. — Teria eu dito até agora algo que você sabe ou suspeita ser mentira? Pode se recusar a respondê-lo, se assim desejar."

— Você pretende me chantagear?

— Absolutamente — disse Shepard. — Mas você tem de reconhecer que isso cheira a conspiração.

— Sim. Eu reconheço.

— Não sou um investigador — disse Shepard — e não me professo nenhuma inclinação a esse ofício. Importo-me muito pouco com o quanto você sabe. Mas preciso de minha nova carceragem e prevejo uma oportunidade que nos trará ganhos a ambos.

— Explique-a, senhor.

— A viúva Wells entrou com recurso para contestar a venda dos pertences de seu falecido marido — disse Shepard. — O recurso levará meses para sair, é claro, como toda matéria da lei, e nesse ínterim o dinheiro ficará sob custódia do banco. No fim, espero que a venda seja revogada e, caso nenhuma trama maior venha à tona, a viúva reivindique para si a “zarpada”. A propósito, desfrutei de muitas conversas com Crosbie Wells nesses últimos meses, e ele com certeza nunca mencionou que era casado; nem a mim nem a nenhum homem com quem falei.

Nilssen imaginava um gato dando tapinhas no lombo de um roedor, suas garras embainhadas. Ele não era culpado — não havia feito nada de errado — e mesmo assim se sentia culpado; sentia-se implicado, como se houvesse cometido um terrível delito enquanto dormia e, ao acordar, encontrasse seu catre manchado de sangue. Ele sentia por certo que, a qualquer momento, o carcereiro iria delatá-lo — mas por qual crime, ele ainda não sabia. Que palavra Pritchard usara? *Associados*. Sim — ele a sentia agudamente.

Quando era garoto, Nilssen roubou um broche precioso da arca de seu primo. Era uma abotoadura de um casaco militar, cor de bronze, no qual fora gravado um corpo flexível de raposa, que corria com as mandíbulas afastadas e as orelhas recuadas. O broche estava abaulado e cinzento de um lado mais que de outro, como se seu dono tendesse a acariciar sua extremidade com o dedo e, devido ao tempo, desgastasse-lhe o brilho. O primo Magnus sofria de raquitismo e de um andar arqueado: morreria em breve, e portanto não tinha que dividir seus brinquedos. Mas a cobiça de Nilssen pelo broche cresceu tanto que, uma noite, enquanto Magnus dormia, ele rastejou quarto adentro, destrancou a arca e o roubou; ele ainda vagou um pouco pelo quarto de criança, manuseando o artefato, sentindo-lhe o peso, correndo o dedo pelo corpo da raposa, sentindo o bronze absorver a calidez de sua mão — até que algo lhe sobreveio, não exatamente remorso, mas um início de fadiga, um

vazio, e ele devolveu o broche ao lugar onde o achara. O primo Magnus nunca soube. Ninguém soube. Mas por meses e anos e até mesmo décadas, muito depois da morte do primo Magnus, aquele roubo ainda era um espinho em seu coração. Ele via o quarto de criança iluminado pela lua toda vez que dizia o nome de seu primo; corava a qualquer coisa; às vezes se beliscava ou prestava um juramento ante sua memória. Pois embora um homem seja julgado por suas ações, por aquilo que disse e fez, um homem julga a si mesmo por aquilo que ele tenciona fazer, por aquilo que ele poderia ter dito ou feito — um julgamento que é necessariamente tolhido não apenas pelo escopo e pelos limites de sua própria imaginação, mas também pela eterna mutabilidade do grau de sua incerteza e autoestima.

— Estimo que leve até abril para que a venda seja realmente rescindida — dizia Shepard, com a mesma completa sisudez. — Nesse ínterim, imediatamente, na verdade, eu proponho que você invista a quantia total de sua comissão na construção da minha nova carceragem.

Nilssen ergueu as sobrancelhas em surpresa.

— Mas o dinheiro não é meu — disse ele pela segunda vez naquela tarde. — Já foi revogado *de jure*, se é que não foi *de facto*. Assim que o recurso da viúva for concedido e a venda do espólio anulada, terei de devolver integralmente minha comissão.

— O Conselho pode patrocinar seu empréstimo, a juros — disse Shepard. — A carceragem tem financiamento público, afinal; quando sua comissão for revogada, poderei retirar fundos do Banco Central e pagá-lo novamente. Nós assinaremos um contrato; você poderá dar seus termos. Seu investimento será seguro.

— Se você tem financiamento público — disse Nilssen —, então por que me propõe isso? Que necessidade você tem dessas quatrocentas libras?

— Seu dinheiro tem liquidez e será investido confidencialmente — disse Shepard. — Meu financiamento foi aprovado pelo Conselho, mas não debitado; se eu esperar a quantia ser partilhada e depositada na conta corrente da carceragem, esperarei trinta banqueiros empurrarem meu contrato sobre trinta mesas e

devolverem-no. Estaríamos já em março ou abril, e as eleições teriam passado.

— E Lauderback teria seus prisioneiros — disse Nilssen.

— Sim, e além disso teríamos sugado boa parte a mais do orçamento do distrito.

— Muito bem — disse Nilssen. — Vamos supor que eu concorde com isso e você consiga sua carceragem. Você disse que *ambos* teríamos ganhos.

— Bem, sim — disse Shepard, piscando. — Você terá serviço, senhor Nilssen. Você ganhará sua comissão de praxe em cima do trabalho, do ferro, da madeira e dos pregos e de todo material pequeno. Um ganho lícito: é isso o que o senhor tem a ganhar.

Nilssen não podia culpá-lo (certamente já se tinham passado muitas semanas desde que contratara um serviço que prometesse esse nível de rendimento), mas o método de proposição de Shepard estava deixando-o desconfortável. O carcereiro usara a palavra *assassinato* e adjetivara o crime de "sofisticado"; ele esperara até que Albert, o empregado, estivesse presente para perguntar sobre Emery Staines; e quando narrou a história do caso Wells, ele fizera grande alarde para impedir que Nilssen o interrompesse, receando que o negociante comissionado se implicasse ao falar demais ou de menos — assumindo, portanto, que ele *poderia* se implicar de alguma maneira. Shepard tratava seu anfitrião como um homem culpado.

Nilssen disse:

— E se eu recusar sua oferta, o que acontece?

Shepard repuxou os lábios em um raro sorriso, cujo efeito era horrendo.

— Você está decidido a encarar essa proposta como uma chantagem — disse ele. — Não posso imaginar por quê.

Nilssen não pôde encarar o olhar do carcereiro por muito tempo.

— Eu lhe concederei o empréstimo e os meus serviços comissionados — disse ele enfim. Sua voz era baixa. Ele empurrou à sua frente as plantas do arquiteto. — Por favor, espere só um momento — acrescentou ele — enquanto registro os materiais de que precisa.

Shepard inclinou a cabeça e finalmente pegou a xícara de café que esfriava na mesa diante dele. Ele ergueu o pires com grande cuidado; em sua mão enorme, a louça parecia insuportavelmente frágil, como se ele fosse fechar o punho e, com um simples movimento, esmigalhar o recipiente. Ele sorveu a xícara e devolveu-a à exata posição que ocupava na mesa de Nilssen. Então retornou com o cachimbo à boca, cruzou as mãos e aguardou. O rabisco irregular da pena de Nilssen era o único som entre eles.

— Eu lhe assinarei um cheque na segunda-feira de manhã — disse Nilssen por fim, enquanto redigia a quantia final. — Podemos anunciar a oferta no jornal de segunda-feira. Enviarei uma nota diretamente a Löwenthal. Recomendarei que os trabalhadores se encontrem aqui, na hasta pública, às dez em ponto, para assinarem. Isso dará aos homens a chance de ler o jornal e espalhar a notícia. Por volta de meio-dia, se o tempo assim o permitir, podemos começar a trabalhar na terra.

Os olhos de Shepard se estreitaram.

— Você disse Löwenthal? Ben Löwenthal, o judeu?

— Sim — disse Nilssen, piscando. — Sem o jornal não podemos anunciar. Pode-se fazê-lo por meio de folhetos e gazetas se se desejar, mas todo mundo lê o *Times*.

— Espero que estejamos entendidos de que o investimento sobre sua comissão é estritamente assunto sigiloso.

— Estamos entendidos, senhor. — Houve uma pausa. — Juro-o — acrescentou Nilssen, e imediatamente se arrependeu da frase.

— Talvez precisemos inserir uma cláusula em nosso contrato para confirmá-lo — disse Shepard despreocupadamente. — Apenas por desencargo de consciência.

— Você pode confiar na minha discrição — disse Nilssen, corando mais uma vez.

— Eu realmente espero que possa — disse Shepard. Ele se levantou e estendeu sua mão.

Nilssen levantou-se também, e eles apertaram as mãos.

— Senhor Shepard — disse Nilssen subitamente, enquanto Shepard preparava-se para sair. — A maneira como falava antes, sobre selvagens e civis, mundo antigo e novo.

Shepard observou-o, impassível.

— Sim?

— Estou ansioso para ouvir como toda essa linha de pensamento se aplica a tudo isto: ao espólio, à “zarpada”, à viúva Wells.

Shepard demorou longo tempo para responder.

— Uma “zarpada” é uma oportunidade de total reinvenção, senhor Nilssen — disse finalmente. — Encontrando uma pepita, um homem poderá comprar a própria vida. Esse tipo de promessa não se oferece no mundo civilizado.

Φ

Nilssen sentou-se sozinho em seu escritório por um longo tempo depois da saída de Shepard, revolvendo na mente a proposta do carcereiro. Um sentimento de dúvida germinava em seu peito. Ele sentia ter perdido algum detalhe — como se tivesse topado com um lenço amarrado, embolado na algibeira de um velho traje, e não pudesse nem por milagre recordar-se daquilo que o nó deveria fazê-lo lembrar-se — que incumbência, que obrigação; ou até mesmo onde ele estivera quando atou-lhe as pontas e escondeu-o colado ao coração. Ele tamborilou os dedos; brincou com as lapelas. A chuva martelava a janela. As sombras cinzentas no aposento cambiavam de lugar à medida que o sol afundava atrás das nuvens.

De súbito ele se levantou, foi até a porta e abriu-lhe uma fresta.

— Albert! — chamou através da abertura.

— Sim, senhor — respondeu Albert do escritório externo.

— Crosbie Wells, o homem que morreu.

— Sim?

— Quem encontrou o corpo? Lembre-me.

— Um grupo de pessoas, senhor — replicou Albert.

— Recorda-se da história?

— Deu nos jornais. Posso encontrá-la para o senhor, se desejar.

— Apenas me diga do que você se recorda.

— O grupo parou para repousar e encontrou o senhor Wells recém-falecido. Foi o que entendi. Sentado na mesa de sua cozinha, segundo disseram os jornais.

— Deram algum nome?

Mas ele já sabia. Descansou a cabeça no batente e sentiu-se mal.

— Aquele camarada na disputa pela cadeira de Westland — disse Albert. — O homem de Canterbury. O senhor encontrou-se com ele semana passada, no Star. Seu nome é Alistair Lauderback.

Φ

Aproximadamente dez minutos depois, Nilssen surgiu na soleira do escritório externo, estalando sua cartola com tamanho estrondo que o funcionário pulou da cadeira. Ele segurava sua bengala de maneira um tanto quanto bruta, agarrando-a pelo meio da haste, como se pretendesse brandi-la tal qual uma clava. Seu rosto estava muito pálido.

— Devo mandar eventuais visitantes para o Nonpareil? — perguntou-lhe Albert enquanto o negociante comissionado rumava à porta.

— Não, deixe-me em paz. Diga-lhes que esperem. Diga-lhes que voltem na segunda-feira — retrucou Nilssen sem voltar o rosto. Ele saiu pelo portão e percorreu cais abaixo, mas quando alcançou sua habitual casa de tortas na esquina, ele não parou. Apertou sua sobrecasaca mais estreita ao corpo e virou-se em direção ao interior, rumo a Kaniere e às jazidas de ouro.

A meia-noite desponta em Escorpião

Em que o boticário parte em busca do ópio; enfim conhecemos Anna Wetherell; Pritchard fica impaciente; e dois tiros são disparados.

Joseph Pritchard, após sair do escritório de Nilssen, não retornara imediatamente a seu laboratório na rua Collingwood. Tomara em vez disso o caminho para o Gridiron, um dos sessenta ou setenta hotéis que se enfileiravam ao longo do trecho mais lotado e animado da rua Revell. Esse estabelecimento (que, com seu adorno cor de canário e persianas falsas, exibia uma fachada jovial até mesmo na chuva) era a residência habitual da srta. Anna Wetherell, e, embora não fosse costume dela entreter visitas a essa hora da manhã, não era costume de Pritchard conduzir seus negócios de acordo com uma programação que não a sua. Ele galgou os degraus e abriu a porta do hotel sem sequer acenar aos mineiros na varanda, sentados em uma fileira com as botas em cima da balaustrada, alternadamente aparando e limpando as unhas e cuspindo tabaco na lama. Olharam para ele com certo divertimento enquanto ele atravessava sombriamente o vestíbulo, comentando, uma vez fechada com um baque a porta atrás dele, que *ali* estava um homem muito determinado a ir até o fim de alguma coisa.

Pritchard não se encontrava com Anna havia semanas. Ouvira falar de sua tentativa de suicídio por meio de terceiros, através de Dick Mannering, que por sua vez retransmitiu o que era de conhecimento de Ah Sook, o chinês que dirigia o antro de ópio em Kaniere. Anna oferecia seus serviços na Chinatown de Kaniere com frequência, e por tal motivo era conhecida informalmente como “Anna dos chineses” — um título que prejudicava sua popularidade em determinados círculos e muito a acentuava em outros. Pritchard não pertencia a nenhum dos dois campos — demonstrava pouco interesse na vida privada dos outros homens —, portanto não sentiu nem frêmito nem repulsa ao saber que a prostituta era a favorita de

Ah Sook, e que sua quase morte, tal como Mannering depois relatara a Pritchard, por pouco não levara o homem à histeria. (Mannering não falava cantonês, mas conhecia alguns caracteres escritos, incluindo *metal*, *querer* e *morrer* — suficientes para conduzir um colóquio pictográfico com a ajuda de sua caderneta, um objeto agora tão profundamente grifado e surrado pelo uso, que ele era capaz de representar alusões retóricas muito sofisticadas apenas folheando as páginas e apontando, com o dedo, para uma antiga contenda, uma antiga liquidação, uma antiga venda.)

Pritchard se exasperava com o fato de Anna não o ter contatado. Ele era um boticário, afinal de contas, e, pelo menos ao sul do rio Grey, o único fornecedor de ópio aos antros da costa Oeste: no que dizia respeito a overdose, ele era um perito. Ela deveria tê-lo chamado, para pedir conselho. Pritchard não acreditava que Anna tentara dar cabo da vida: ele não conseguia acreditar nisso. Estava certo de que ela fora forçada a tomar a droga contra sua vontade; ou isso ou a substância tinha sido adulterada com a intenção de causar-lhe danos. Ele queria buscar no antro chinês o que restara do grumo de ópio, a fim de analisá-lo em busca de vestígios de veneno, mas Ah Sook ficara furioso demais para ceder a seu pedido, tendo pronunciado (novamente, segundo o relato de Mannering) a veemente resolução de nunca mais fazer negócios com o boticário. Pritchard permanecera indiferente à ameaça — ele tinha ampla clientela em Hokitika, e a venda de ópio respondia a apenas uma pequena porcentagem de sua receita —, mas sua curiosidade profissional em relação ao acontecido ainda não se satisfizera. Ele precisava, agora, questionar a garota em pessoa.

O proprietário do hotel não estava presente no momento em que Pritchard adentrou o vestíbulo do Gridiron Hotel, e o espaço tinha algo de vazio, de crepitação. Assim que os olhos de Pritchard se acostumaram à obscuridade, ele avistou o valete de Clinch, que estava curvado sobre a bancada lendo um antigo exemplar do *Leader*, ao mesmo tempo declamando as palavras e seguindo-as com a ponta do dedo à medida que lia cada linha impressa. Havia na bancada uma mancha gordurosa, onde o movimento de seu dedo polira a madeira até brilhar. Ele levantou os olhos e acenou

para o boticário quando este passou. Pritchard atirou-lhe uma moeda de um xelim, a qual o outro pegou destramente e espalmou-a contra o dorso da mão — Coroa —, gritou o garoto enquanto Pritchard escalava as escadas, e este soltou uma risada. Ele podia ser cruel quando seus ânimos estavam ofendidos, e neste momento estava se sentindo cruel. O corredor estava calmo, mas ele pôs o ouvido contra a porta de Anna Wetherell e por um momento ouviu, antes de bater.

Harald Nilssen estava certo quanto à relação de Pritchard com Anna Wetherell ser muito mais atribulada que a sua, mas ele se equivocara ao concluir que o boticário estava apaixonado por ela. Na verdade, o paladar de Pritchard para mulheres era basicamente ortodoxo, até juvenil. Mais fácil apaixonar-se por uma leiteira que por uma prostituta — não importasse quão tola fosse a empregada e quão atraente a prostituta. Ele valorizava a pureza e a simplicidade, o singelo vestir-se, a voz suave, o gênio tratável e a ambição pequena — ou seja, o oposto. Sua mulher ideal seria completamente o oposto dele: ela seria reconhecível onde ele era insondável, serena onde ele não o era. Ela seria uma espécie de âncora por cima e por fora; ela seria um feixe de luz, um alento, uma bênção. Anna Wetherell, com seus excessos e suas drogas, se assemelhava demais a ele. Ele não exatamente a odiava por isso — mas ele apiedava-se dela.

Em geral, Pritchard era reticente quando o assunto era o sexo frágil. Ele não gostava de falar sobre mulheres com outros homens, uma prática que, a seu ver, era sempre grosseira e espalhafatosa. Ele permanecia em silêncio, e por conseguinte seus colegas pensavam-no muito bem-realizado, e as mulheres, quando nele reparavam, acreditavam-no enigmático e profundo. Ele não era feio, e seu ofício era bem-visto: poderia ser considerado um belo solteirão, caso tivesse trabalhado um pouco menos e se aventurado na sociedade um pouco mais. Mas Pritchard abominava grandes grupos de companhias mistas, nos quais é exigido que cada homem aja como um tipo de embaixador do seu sexo e graceje suas vantagens, sob o escrutínio do aposento. Grandes multidões o deixavam sufocado e irritável. Ele preferia a companhia íntima e mantinha poucos amigos — a quem era ferozmente leal, assim

como, à sua maneira, era leal a Anna. A intimidade que sentia quando estava com ela devia-se principalmente ao fato de que um homem nunca é obrigado a discutir suas prostitutas com outro homem: uma prostituta é um assunto privado, uma refeição que se toma sozinho. Era essa solidão que ele buscava em Anna. Ela representava para ele um isolamento; e quando ele estava com ela, ele mantinha-a a certa distância.

Pritchard amara verdadeiramente somente uma vez na vida — mas haviam se passado dezesseis anos desde que Mary Menzies se tornou Mary Firkin e se mudou para a Georgia atrás de uma vida feita de algodão, terra vermelha e (assim imaginara Pritchard) uma vagarosidade expansiva, feita de riqueza e céus límpidos. Se ela falecera — se ainda existia a sra. Firkin —, se ela tivera filhos, nascidos ou natimortos — se envelhecera bem ou envelhecera mal —, ele não o sabia. Ela ainda era Mary Menzies em sua mente. Quando a vira pela última vez, ela tinha vinte e cinco anos, vestida com simplicidade em uma musselina de florzinhas, com os cabelos reunidos em cachos nas têmporas, seus pulsos e dedos sem adornos; eles estavam sentados na jardineira, dizendo-se adeus.

"Joseph", dissera ela (ele depois o anotara em sua caderneta, a fim de lembrá-lo para todo o sempre), "Joseph, não creio que algum dia você esteve em paz de verdade. Não há mal nenhum em nunca ter feito amor comigo. Você se recordará de mim com ternura, agora. Isso não aconteceria, caso tivéssemos feito."

Ele ouviu passos rápidos no outro lado da porta.

— Oh, é você — foi o único cumprimento de Anna. Ela estava desapontada: deveria estar à espera de outra pessoa. Pritchard entrou sem falar palavra e fechou a porta atrás de si. Anna caminhou até a mancha de luz ao pé da janela.

Ela vestia luto, mas devido à moda antiga do vestido (a saia em forma de sino, a cintura marcada em ponta) e ao matiz gasto de seu tecido, Pritchard suspeitou de que não lhe fora costurado sob medida: devia ter sido um presente ou, mais provavelmente, uma peça recuperada. Ele notou que a bainha havia sido removida: viam-se no assoalho, como se fossem um risco, duas polegadas de um negro muito escuro. Era estranho contemplar uma prostituta enlutada — tanto quanto ver um clérigo vestido como um dândi ou

uma criança de bigode; causava uma sensação de confusão, pensou Pritchard.

Ele se deu conta de que raramente havia visto Anna em outra ocasião que não sob a luz da lamparina ou da lua. Sua cútis era translúcida, azulada até, e abaixo dos olhos tendia a um tom violáceo — como se tivesse sido pintada à aquarela em um papel que não era espesso o suficiente para fixar umidade, fazendo escorrer as cores. Sua fisionomia, conforme teria dito a mãe de Pritchard, era feita de ângulos. Sua testa era muito reta e seu queixo, pontudo. O nariz era estreito, geométrico até: um escultor poderia tê-lo feito com quatro cortes, com uma talhada de cada lado, um até sua base e outro abaixo dele. Ela tinha lábios finos, e, embora seus olhos fossem naturalmente grandes, ela tendia a espreitar o mundo com desconfiança, e portanto raras vezes os empregava sedutoramente. As bochechas eram côncavas e seu o maxilar era visível, como é visível o aro de um tambor apertado por sob a membrana tesa de seu couro.

No ano anterior ela tinha gerado um filho, uma condição que avivara a cera de suas bochechas e engordara os miseráveis ossos de seus braços — e Pritchard a apreciara: o ventre arredondado, os seios inchados, escondidos debaixo de metros de algodão e tule, tecidos que a suavizavam, tornaram-na exultante. Mas em algum momento após o equinócio de primavera, quando as tardes começavam a se alongar e os dias a resplandecer, e o sol pendia baixo e escarlate sobre o mar Tasman durante horas antes de finalmente repousar no arrasto vermelho do mar, o bebê morreu. Seu corpo foi então envolvido em calicô e sepultado em uma cova rasa na planície de Seaview. Pritchard não comentara sobre a morte do bebê com Anna. Ele não frequentava seu quarto com nenhum tipo de regularidade e não lhe fazia perguntas quando lá estava. Mas ele chorara, secretamente, após ouvir a notícia. Havia tão poucas crianças em Hokitika — talvez três ou quatro… Ansiava-se por vê-las assim como se ansiava por ouvir um sotaque ou uma língua conhecida, ou por avistar um navio querido no horizonte, que trouxesse o lar à lembrança.

Ele esperou que ela falasse primeiro.

— Você não pode ficar — disse ela. — Tenho um compromisso.

— Não vou detê-la. Queria perguntar sobre sua saúde.

— Oh — ela irrompeu —, estou por aqui com essa pergunta, por aqui!

Ele ficou surpreso com a violência de sua resposta.

— Não a visito faz algum tempo.

— Não.

— Mas eu a vi no passeio público, pouco depois do Ano-Novo.

— É uma cidade pequena.

Ele aproximou-se.

— Você está cheirando a mar.

— Não estou. Não me banho há semanas.

— Cheira a algo tempestuoso, então. Como quando um corpo vem da neve e caminha no frio.

— O que você deseja?

— Como, o que eu desejo?

— Falando dessa maneira... poética.

— Poética?

(Pritchard possuía o mau hábito, ao conversar com mulheres, de responder a uma pergunta com outra. Mary Menzies reclamara disso uma vez, há muito tempo.)

— Sentimental. Afetada. Não sei. Não importa. — Anna repuxou o punho do vestido. — Eu recuperei minha saúde — acrescentou. — E pode guardar para você a próxima pergunta. Eu não pretendia causar nenhum dano proposital. Eu pretendia fumar uma dose como sempre, e então adormecer, mas a última coisa de que me lembro é de acordar no cárcere.

Pritchard pôs seu chapéu em cima do armário.

— E, desde então, você tem sido caçada.

— Até a morte.

— Pobrezinha.

— A compaixão é muito pior.

— Bem, então — disse Pritchard — não lhe dedicarei nenhuma. Em vez disso, serei cruel com você.

— Eu não ligo.

Parecia a ele que ela falava com piedade e monotonia, o que o enfureceu; pensou em demonstrá-lo, mas então lembrou que estava ali numa missão.

— Quem é o cliente? — disse, em vez disso, para provocá-la.

Ela havia caminhado até a janela e deu meia-volta, surpresa.

— O quê?

— Você disse que tinha um compromisso. Quem é?

— Não há cliente algum. Eu sairei com uma dama para escolher chapéus.

Ele bufou.

— Eu já ouvi falar da honra de uma prostituta, sabe? Você não precisa mentir.

Ela estudou-o a partir de uma distância que parecia enorme — como se ele fosse apenas uma marca no horizonte, um cisco distante, recuando. Em seguida ela disse, lentamente, como se falasse a uma criança:

— É claro, você não sabe. Eu parei de me prostituir por um tempo.

Ele ergueu as sobrancelhas e em seguida, para mascarar sua surpresa, sorriu para ela.

— Então é uma mulher honesta agora? Chapéus e jardineiras, sim? De luvas na rua?

— Apenas enquanto estou de luto.

Ele sentiu que essa resposta — expressa simples e tranquilamente — fazia-o parecer estúpido por ter rido, e um nó de frustração começou a se formar em seu peito.

— O que Dick tem a dizer sobre isso? — disse ele, referindo-se ao empregador de Anna, o sr. Mannering.

Anna virou-se.

— Ele não está contente — disse ela.

— Imaginei que não!

— Não quero conversar sobre isso com você, Jo.

Ele eriçou-se.

— O que quer dizer?

— Não quero dizer nada. Nada específico. Apenas estou cansada de pensar nele.

— Ele tem sido bruto com você?

— Não — disse Anna. — Não mesmo.

Pritchard conhecia as prostitutas. As coquetes que fingiam escândalo e falavam em vozes estridentes cheias de garrulice; as

roliças e prestativas que vestiam mangas curtas em qualquer estação e chamavam um homem de “moço”; as beberronas, gananciosas e reclamonas, com os nós dos dedos vermelhos lascados e olhos lacrimosos — e então havia a categoria a que Anna pertencia, a dos tipos insondáveis, mas por vezes cristalinos e resplandecentes, cujo comportamento pressagiava uma desdita extraordinária, uma miséria tão perfeita e absoluta que se manifestava como dignidade, como serenidade. Anna Wetherell era mais que reservada; era a reserva em si, era seu disfarce. Ela era um oráculo silencioso, pensou Pritchard, um oráculo não de conhecimentos, mas de perversidades — pois em relação a qualquer depravação que alguém pudera ter feito ou dito ou testemunhado, ela estava certa de ter testemunhado coisa pior.

— Por que não veio ter comigo? — disse ele finalmente, querendo acusá-la de algo.

— Quando?

— Quando ficou doente.

— Eu estava presa.

— Mas depois disso.

— De que teria adiantado?

— Poderia ter-lhe poupado muitos problemas — disse ele secamente. — Eu poderia ter provado que o ópio fora envenenado, se me deixasse examiná-lo.

— Você sabia que ele estava envenenado?

— Estou supondo. De que outra maneira, Ann? A não ser que…

Anna virou-se novamente, dessa vez para a cabeceira da cama, e envolveu os dedos na maçaneta de ferro. Enquanto se movia, ele cheirou-a novamente — o mar. A intensidade da sensação sobressaltou-o. Ele teve que conter o impulso de caminhar na direção dela, segui-la e sentir seu cheiro. Ele sentiu cheiro de sal, de ferro e do gosto pesado e metálico de tempo ruim… de nuvens baixas, pensou ele, e de chuva. E não somente cheirava a mar: cheirava a *navio*. Aquele alcatroado cheiro de cordas, a umidade empoeirada da teca banhada em alvejante, a lona lubrificada, a cera de vela. Sua boca começou a salivar.

— Envenenado — disse Anna, espreitando-o. — Por quem?

(Talvez fosse apenas uma memória sensorial — um mero eco fortuito, do tipo que subitamente inunda o corpo de alguém e em seguida também desaparece repentinamente. Ele tirou isso da cabeça.)

— Essa possibilidade deve ter-lhe ocorrido — ele disse, franzindo as sobrancelhas.

— Suponho que sim. Não me lembro de nada.

— De nada mesmo?

— Apenas de me sentar com o cachimbo. De aquecer-lhe a base. Depois disso, mais nada.

— Eu sabia que você não era uma suicida, que não pretendia se ferir. Eu sabia disso.

— Ora — disse Anna —, mas isso às vezes nos vem à mente.

— É claro, às vezes — disse Pritchard, muito adiantado. Ele sentiu-se derrotado e recuou um passo.

— Não sei nada sobre envenenamento — disse ela.

— Se eu pudesse analisar o restante do grumo de ópio, conseguiria concluir se o material foi misturado a outra coisa — disse Pritchard. — É por isso que vim. Eu gostaria de saber se posso comprar de volta um pouco para passar os olhos sobre ele. Ah Sook não me daria de bom grado.

Ela estreitou os olhos.

— Você quer analisá-lo… ou sumir com ele?

— O que quer dizer com isso?

— Você pode estar tentando ocultar seus passos.

Pritchard enrubesceu de indignação.

— Que passos? — Ela não disse nada, então ele disse de novo. — Que passos?

— Ah Sook pensa que *você* envenenou o grumo — disse Anna finalmente, espreitando-o.

— Pensa? Mas que maneira atrapalhada, essa, de eu querer vê-la morta!

— E se você quisesse ver *Ah Sook* morto?

— E então perder meus negócios com ele? — a voz de Pritchard abaixou de tom. — Olhe aqui: eu não tenho nenhum sentimento fraterno ou algo do tipo, mas também não tenho

nenhuma desavença com essa gente oriental. Está entendendo? Não tenho razão nenhuma para querer-lhes mal. Nenhuma de fato.

— A tenda da concessão dele foi rasgada de novo. Mês passado. Todos os seus remédios foram saqueados.

— Quê? Pensa que fui eu?

— Não, eu não penso.

— Então qual é o seu ponto? — disse Pritchard. — Vamos, Ann. Qual é?

— Ele acha que você está comandando uma negociata.

— Para envenenar os chinas? — bufou Pritchard.

— Sim — disse Anna. — E não seria um disparate tão grande, sabe.

— É mesmo? Adotou o ponto de vista dele, sim?

— Não foi o que quis dizer — disse ela. — Não sou *eu* que penso que…

— Você pensa que eu sou um tremendo de um velho — disse Pritchard. — Eu sei. Eu sou um tremendo de um velho, Anna. Mas não sou nenhum assassino.

A convicção da prostituta desapareceu tão repentinamente quanto surgira. Ela encolheu-se novamente, caminhando de lado até a janela, e sua mão moveu-se até o laço rendado de sua gola. Ela começou a repuxá-la. Pritchard se tranquilizou. Ele reconheceu aquele gesto — não como algo próprio dela, mas como um gesto comum a uma garota, a qualquer uma delas.

— Bem, de qualquer maneira — disse ele, tentando apaziguar-se. — De qualquer maneira…

— Você não é assim tão velho — disse ela.

Ele quis tocá-la.

— E há também esse assunto do láudano, o malogro Crosbie Wells — disse ele. — Minha cabeça está até aqui dele.

— Que assunto do láudano?

— A ampola de láudano encontrada debaixo da cama do eremita. É minha.

— Arrolhada ou não?

— Arrolhada. Mas pela metade.

Ela pareceu interessada.

— Sua. Isso significa que lhe pertence ou que foi comprada de sua loja?

— Que foi comprada — disse Pritchard. — E não por Crosbie. Eu nunca vendi dose alguma àquele homem.

Anna pousou a mão na bochecha, pensativa.

— Isso é estranho.

— Saudoso Crosbie Wells — disse Pritchard, tentando ser jovial. — Ninguém nunca pensou nele sequer por um segundo enquanto ele estava vivo. E agora isso.

— Crosbie — começou Anna, mas então, do nada, ela começou a chorar.

Pritchard não se moveu em direção a ela para abrir seus braços, oferecer-lhe consolo. Ele observou-a esquadrinhar a manga em busca de um lenço e aguardou, as mãos cerradas atrás das costas. Ela não chorava por Crosbie Wells. Ela nem conhecera o homem. Ela chorava por si mesma.

Obviamente, pensou Pritchard, devia ter sido desagradável ser indiciada no tribunal de pequenas causas por tentativa de suicídio, perseguida por todo gênero de pessoas, discutida no *Times* como uma curiosidade, comentada em desjejuns e numa partida ou outra de bilhar, como se a alma fosse uma propriedade coletiva, uma causa. Ele observou enquanto ela assoava o nariz, atrapalhando-se com seus dedos delgados ao guardar o lenço. Isso não era um simples esgotamento: isso era um pesar de outro tipo. Ela parecia menos assediada que dividida.

— Esqueça — disse Anna por fim, quando recuperou o controle. — Não se preocupe comigo.

— Se eu apenas pudesse pôr os olhos em um pedaço daquilo — disse Pritchard.

— Daquilo o quê?

— Da resina. Eu a comprarei de você de volta. Não sumirei com ela, você pode me dar apenas um pedaço, entende. Você não precisa me dar o grumo inteiro.

Ela balançou a cabeça e, na precisão do gesto, Pritchard captou o que estava diferente nela. Ele caminhou para frente, cobrindo o espaço entre eles com três largas passadas, e agarrou-lhe a manga.

— Onde está? — disse ele. — Onde está a pedra?

Ela desvencilhou-se dele.

— Eu a comi — disse ela. — Eu comi o que restava, ontem à noite, se quer saber.

— Você não a comeu. Não poderia!

Pritchard seguiu-a e puxou-a pelos ombros para que ela o encarasse. Ele pousou a almofada do polegar em seu queixo e empinou-lhe a cabeça para trás, para melhor ver seus olhos.

— Você está mentindo — disse ele. — Você está limpa.

— Eu a comi — repetiu Anna. Ela se soltou dele.

— Você a devolveu para Sook? Ele a pegou de volta?

— Eu a comi. Como sempre.

— Pare com isso, Ann. Não minta para mim.

— Eu não estou mentindo.

— Então você comeu uma pedra envenenada e seus olhos estão límpidos como a aurora?

Ela estreitou os olhos.

— Quem poderá dizer se estava envenenada?

— Mesmo se não estivesse…

— Você *sabe* que estava envenenada? Está *certo* disso?

— Eu não sei coisa nenhuma desse maldito assunto e não gosto do seu tom de voz — retrucou Pritchard. — Eu só quero um pedaço dela para que eu possa analisá-la, por Deus!

Ela estava empolgada novamente.

— E quem a envenenou, Jo? Quem tentou me matar? Qual é seu palpite?

Pritchard brandiu o braço.

— Ah Sook, talvez.

— Acusando o homem que acusou você? — riu ela. — Isso que é um jogo entre culpados!

— Estou tentando ajudá-la! — disse Pritchard furiosamente. — Estou tentando *ajudar*!

— Não há nada que ajudar! — gritou Anna. — Não há ninguém para ajudar! Pela última vez: não houve suicídio algum, Joseph, e não houve nenhum maldito *veneno*!

— Então me explique como você apareceu semimorta no meio da estrada Christchurch!

— Eu não posso explicar!

Pela primeira vez no dia Pritchard viu emoções de verdade em seu rosto: medo, ira.

— Você fumou um cachimbo aquela noite. Foi o habitual de sempre?

— E todos os dias desde que paguei a fiança.

— E hoje?

— Hoje, não. Eu comi o que restava ontem à noite. Já lhe disse.

— A que horas, ontem à noite?

— Tarde. À meia-noite, talvez.

Pritchard queria cuspir.

— Não pense que sou tolo. Eu já a vi sob efeito, e já a vi enquanto se recuperava. Neste instante você está sóbria como uma freira.

O rosto dela se franziu.

— Se não crê em mim, pode se retirar.

— Não. Não me retirarei.

— Maldito seja, Jo Pritchard!

— Maldita seja *você*!

Ela irrompeu novamente em lágrimas. Pritchard virou-se. Onde ela a guardaria? Caminhou até o armário, abriu-o e começou a vasculhar o conteúdo. Os vestidos vazios, pendurados no varão. As anáguas. As calçolas, na maioria esfarrapadas e manchadas. Lenços, xales, espartilhos, meias; botinas de botão. Não encontrou nada. Passou à cômoda, onde um candeeiro se postava num prato de porcelana quebrado — esta devia ser sua lâmpada para vaporização do ópio — e, a seu lado, um par de luvas estofadas, um pente, uma alfineteira, uma embalagem aberta de sabão, inúmeros potes de cremes e pós. Pegou os itens e os pôs de volta no lugar, grosseiramente; pretendia revirar o quarto todo.

— O que está fazendo? — disse Anna.

— Você a está escondendo. Apenas não quer me dizer por quê!

— Essas coisas são minhas.

Ele riu.

— Lembranças, sim? Recordações preciosas? Antiguidades?

Ele arrancou a gaveta da cômoda e a revirou sobre o chão. Uma cascata de berloques chocalharam gaveta afora. Moedas,

carretéis de linha, fitas, botões revestidos de tecido, um par de tesouras de costura. Três bamboleantes rolhas de champanha. Um pincel de barbear masculino — ela devia tê-lo roubado de alguém. Fósforos, cintos. O bilhete de sua viagem à Nova Zelândia. Chumaços de tecido. Uma luneta prateada. Pritchard remexeu a pilha. Lá estava o cachimbo de Anna — e haveria de ter um estojinho, ou talvez uma bolsinha, dentro da qual a resina estaria envolvida por um quadrado de papel parafinado, tal qual um caramelo comprado de uma loja. Ele praguejou.

— Você é um monstro — disse Anna. — Você é desprezível.

Ele a ignorou e pegou o cachimbo.

Era de fabricação chinesa, confeccionado em bambu, e tão comprido quanto o antebraço de Pritchard. O bojo do cachimbo ficava a cerca de três polegadas da extremidade; projetava-se como uma maçaneta e fixava-se à madeira por meio de um encaixe metálico. Pritchard sentiu seu peso em suas mãos, segurando-o assim como um flautista sustenta sua flauta. Ele o cheirou. Havia um resíduo escuro em volta da borda do bojo — portanto alguém havia utilizado o cachimbo, e recentemente.

— Satisfeito? — disse ela.

— Veja como fala. Onde está a agulha?

— Ali. — Ela apontou para um retalho quadrado de pano entre os detritos no chão, pelo qual perpassava um longo alfinete, manchado de preto na cabeça. Pritchard também cheirou o objeto. Ele então inseriu o alfinete na abertura do fornilho e deslizou-lhe a cabeça em volta.

— Você vai quebrá-lo.

— Estaria lhe fazendo um favor.

(Pritchard deplorava a fissura de Anna pela droga — mas por quê? Ele mesmo já usara ópio muitas vezes. Usara-o, aliás, em Kaniere, com Ah Sook, na cabana diminuta que Sook erguera com tecidos orientais para firmar o ar, de modo que suas preciosas lamparinas não bruxuleassem às correntes de vento.)

Enfim Pritchard arremessou o cachimbo de lado — desleixadamente, para que seu bojo batesse nos tacos do assoalho e tinisse.

— Monstro — repetiu Anna.

— Sou um monstro, é?

Ele precipitou-se contra ela, não exatamente com a pretensão de machucá-la, mas de simplesmente agarrá-la pelos ombros e sacudi-la até que lhe confessasse a verdade. Mas ele era desajeitado e ela desvencilhou-se, e, pela terceira vez naquela tarde, as narinas de Pritchard encheram-se do cheiro opulento e salgado do oceano — e, impossível, o gosto metálico do *frio* — como se um vento o esbofeteasse no rosto, como se uma vela de navio estalasse acima dele, como se uma tempestade estivesse no ar. Ele titubeou.

— Afaste-se de mim — ela disse. Ela esticava as mãos na frente de seu rosto, os punhos quase fechados. — Estou falando sério, Joseph. Não vou ser chamada de mentirosa. Afaste-se e vá embora.

— Vou repetir que você é uma mentirosa se você continuar mentindo.

— Afaste-se.

— Diga-me onde o escondeu.

— *Afaste-se* de mim!

— Não antes de você me dizer onde ele está! — berrou ele. — *Diga-me*, sua maldita puta inútil!

Ele avançou para ela novamente, desesperado; viu seus olhos cintilarem, e no momento seguinte ela alcançara e revelara do peito uma pistola de bolso, de câmara única. Era um artefato lamentável, dificilmente mais comprido que o dedo de Pritchard, mas que poderia, à distância de dois passos, partir seu peito no meio. Instintivamente, ele levou as mãos ao alto. O artefato estava direcionado para frente, com sua boca apontando para o queixo dela, e Anna precisou girar o artefato para que coubesse em sua mão — mas ela estava desvairada, e naquele momento, três coisas aconteceram ao mesmo tempo. Pritchard recuou e tropeçou na beirada do tapete de vime; atrás dele, a porta se abriu com estrondo, e alguém deu um grito; e Anna deu meia-volta em direção ao barulho, foi para a frente e atirou no próprio peito.

O estouro da pequena arma foi surdo, quase despercebido — como o estampido da vela de mezena acima de um deque. Parecia um eco de si mesmo, como se o tiro verdadeiro houvesse sido

disparado em algum lugar muito longínquo e este barulho fosse apenas uma replicação. De maneira estúpida, Pritchard girou sobre os calcanhares, dando as costas para Anna para confrontar a figura na porta. Sua mente parecia repleta de névoa; ele registrou, de um modo distante, que o homem que acabara de entrar era Aubert Gascoigne, o novo funcionário da Corte dos Magistrados. Pritchard mal conhecia Gascoigne. Há aproximadamente três semanas o funcionário fora ao seu laboratório aviar uma receita para uma enfermidade nos intestinos — absurdamente, Pritchard pensava nisso agora. Ele se perguntava se sua solução tinha ou não auxiliado o outro homem como ele prometera que o faria.

Por um brevíssimo segundo, ninguém se moveu… ou talvez nenhum tempo correu. Então Gascoigne rugiu uma imprecação, precipitou-se para frente e caiu sobre o corpo da prostituta. Ele estendeu-lhe a cabeça para trás, e a pistola caiu para o lado com estrondo — mas o branco de seu pescoço estava sem cicatriz alguma — não havia sangue — e ela respirava. Suas mãos procuraram o pescoço.

— Sua tola, sua tola! — berrou Gascoigne. Havia um soluço em sua voz. Ele agarrou-lhe a gola rendada com ambas as mãos e rasgou-o. — Um cartucho vazio, sim? Chumbo de parafina, sim? Achou que nos daria outro susto? Com o que diabos pensa estar brincando?

A mão de Anna movia-se por cima de seu peito, os dedos tocando e batendo em confusão. Seus olhos estavam dilatados.

Pritchard disse:

— Vazio? — ele inclinou-se e pegou a pistola.

O tambor estava quente e o odor da pólvora pairava no ar. Mas ele não conseguia encontrar nenhuma cápsula disparada nem nenhum buraco em qualquer lugar. A parede atrás de Anna estava rebocada e lisa, exatamente como estivera um segundo antes. Os dois homens olharam ao redor — as paredes, o chão, Anna. A prostituta olhava seu peito. Pritchard suspendeu a pistola, deixando-a balançar tolamente, pendurada em seu dedo indicador, e Gascoigne tomou-a. Com destreza ele abriu o tambor e espreitou a câmara. Em seguida, virou-se para Anna.

— Quem carregou este artefato? — exigiu ele.

— Eu mesma o fiz — disse Anna, desorientada. — Posso mostrar-lhe os cartuchos sobressalentes.

Ela se levantou e se dirigiu ao aparador ao lado da cama; após um instante, retornou com uma lata em que sete cartuchos bamboleavam em cima de um retalho de papel marrom. Gascoigne tocou-os com o dedo. Em seguida passou a pistola para a protituta.

— Repita exatamente o que fez. O mesmo procedimento.

Anna acatou, muda. Ela girou o tambor para o lado e encaixou um cartucho na câmara. Em seguida, fechou corretamente o tambor de volta, ergueu o artefato e entregou a pistola carregada para ele. Ela parecia assustada, pensou Pritchard — estupefata, mecânica. Gascoigne tomou-lhe a pistola, recuou vários passos, nivelou o artefato e disparou na cabeceira da cama. O estouro soou como antes — dessa vez Pritchard ouviu um rumor de agitação no andar de baixo e alguns passos rápidos — e todos olharam para o ponto onde ele atirara. Um furo perfeito, obscurecido ligeiramente no entorno devido ao aquecimento, perfurara o centro do travesseiro; uma fumaça emplumada de pó ascendera do estofamento e, enquanto a observavam, flutuara para baixo em uma película de gaze. Gascoigne caminhou adiante e arremessou o travesseiro para o lado. Com os dedos, tateou em torno da cabeceira da cama, assim como Anna tateara em torno do pescoço em busca de ferimentos, e após um instante ele grunhiu de satisfação.

— Foi aí? — disse Pritchard.

— Sequer um arranhão — disse Gascoigne, examinando com a ponta do dedo a profundidade do furo. — Essas pistolas de bolso não valem nada.

— Mas onde… — Pritchard estava atônito. Sentia a língua espessa na boca.

— O que aconteceu com o primeiro cartucho? — disse Gascoigne, ecoando-o. Todos eles fitaram o segundo cartucho, o cartucho visível, mal conformado em sua mão. Em seguida Gascoigne olhou para Anna, e Anna para Gascoigne e pareceu a Pritchard que um olhar de compreensão os atravessara.

Que imenso infortúnio era contemplar a prostituta de um homem trocando olhares com outro! Pritchard queria poder

desprezá-la, mas ele não conseguia: ele se sentia entorpecido, até desnorteado. Havia um zunido em seus ouvidos.

Anna virou-se para ele.

— Poderia descer ao térreo? — disse ela. — Diga a Edgar que eu estava brincando com a arma, enquanto a limpava, e que disparou por acidente.

— Ele não está na bancada — disse Pritchard.

— Diga-o ao valete, então. Apenas anuncie. Não quero ninguém subindo aqui; não quero nenhum rebuliço. Por favor.

— Está bem. Descerei — disse Pritchard. — E então…

— E então você deverá se retirar. — Anna estava firme.

— Eu quero aquilo para que vim. — Ele falou calmamente, fitando Gascoigne de soslaio, mas os olhos dele estavam discretamente baixados.

— Não posso ajudá-lo, Joseph. Não tenho o que você procura. Por favor, vá.

Ele fitou os olhos dela novamente. Eram verdes, com uma espessa crosta escura ao redor da borda da íris e manchas de um cinza rochoso aglomeradas em raios em volta da pupila. Fazia meses que ele não via a cor de seus olhos, desde que vira sua pupila como um ponto, um grão, e não como um disco turvo de negrura, entorpecidos pelo sono. Ela estava então sóbria — disso, não tinha dúvida nenhuma. Portanto, era uma mentirosa, e talvez até uma ladra; portanto, ela o estava enganando. E seu compromisso era o homem Gascoigne. Eis aí outro segredo. Outra mentira: sair com uma dama para escolher chapéus!

Mas Pritchard entendeu que não podia reavivar sua raiva. Ele sentiu-se envergonhado. Sentiu como se fora *ele* quem se intrometia, como se fora *ele* quem perturbava uma cena íntima nos aposentos da própria prostituta, entre Anna e Gascoigne. A vergonha que Pritchard sentiu era de um tipo muito rude e pueril: ela sobreveio-lhe como um acesso de fel, inchando em sua garganta.

Por fim ele se moveu e preparou-se para sair. Já fora da soleira, alcançou a maçaneta para fechar a porta atrás de si — mas ele o fez lentamente e observou-os pela fresta que se estreitava.

Gascoigne começou a se mexer pouco antes de a porta quase se fechar totalmente. Ele virou-se em direção a Anna e preparou-se

para um enlace, e Anna caiu em seus braços, as faces pálidas erguendo-se para caber na curvatura de seu pescoço. Gascoigne abraçou-a com força pela cintura, e o corpo de Anna deixou-se cair; ele a levantou, de modo que os dedos dos pés dela roçassem no assoalho; ela estava enganchada nele; ele baixou sua cabeça e pressionou o queixo contra a cabeça dela. Sua mandíbula estava cerrada; seus olhos, abertos; respirava ferozmente pelo nariz. Pritchard, de olho pela porta, foi tomado de solidão. Ele sentiu que nunca havia de fato amado e que nunca alma alguma o havia amado. Ele fechou a porta o mais suavemente que pôde e desceu as escadas pé ante pé.

Φ

— Poderia interrompê-lo para fazer uma pergunta?

— Sim, é claro.

— Pode me mostrar como exatamente a senhorita Wetherell segurava a pistola?

— Certamente. Desta forma, com a palma da mão bem aqui. Eu estava em certo ângulo defronte a ela, equivalente ao lugar onde está sentado o senhor Mannering neste instante em relação a mim, e seu corpo estava voltado, assim.

— E se a arma tivesse explodido como o esperado, que tipo de ferimento a senhorita Wetherell teria provavelmente recebido?

— Caso tivesse sorte, um raspão no ombro. Caso não, bem, talvez um pouco mais abaixo. No coração, talvez. No lado esquerdo… O que de fato chama atenção é que, mesmo se o cartucho estivesse vazio, ela teria sido impactada pela cápsula vazia, queimada pela pólvora ou pelo menos chamuscada por ela. Ficamos sem entender lhufas.

— Obrigado. Lamento interromper.

— Há alguma coisa que queira dividir conosco, senhor Moody?

— Dentro em pouco, quando tiver ouvido o resto da história.

— Devo dizer, senhor, que você parece horrivelmente estranho.

— Estou bastante bem. Por obséquio, prossiga.

Φ

A tarde ainda começava quando Pritchard retornou à sua botica na rua Collingwood, mas lhe parecia já ser muito tarde — aquela noite já deveria estar caindo para que se justificasse a exaustão que sentia. Ele entrou e passou um momento ingenuamente a endireitar os assentadores às arestas das prateleiras e a arrumar os frascos para que ficassem lado a lado na borda da vitrina — mas de repente ele não conseguia suportar a si mesmo. Pendurou um cartão no vidro da loja recomendando aos visitantes que voltassem na segunda-feira, trancou a porta e retirou-se para seu laboratório.

Havia várias receitas ainda por fazer arranjadas em sua mesa, mas ele passou os olhos nos formulários quase sem vê-los. Tirou o casaco e pendurou-o no gancho ao lado do fogão. Por hábito, amarrou o avental na cintura. Em seguida, quedou-se e olhou para o nada.

As palavras de Mary Menzie haviam-se fixado nele — elas eram a sua profecia, a sua maldição. “Você nunca esteve em paz de verdade” — ele lembrava-se delas; ele as anotara; e, ao fazê-lo, assegurou que as palavras dela se tornassem verdadeiras. Ele se tornara o homem a quem ela rejeitara justamente *porque* ela o rejeitara, *porque* ela fora embora. E agora ele tinha trinta e oito anos e nunca estivera apaixonado, e os outros homens possuíam amantes, e os outros homens possuíam esposas. Com seu longo dedo, Pritchard tocou o gargalo de um frasco medicinal na mesa diante de si. Ela tinha dezenove anos. Em sua cabeça, ela ainda era Mary Menzies.

Uma frase de seu pai regressou-lhe à mente: dê a um cão um nome ruim, e esse cão será ruim toda a vida. (“Lembre-se disso, Joseph” — com uma mão no ombro de Pritchard e a outra segurando um filhote recém-nascido contra seu peito; no dia seguinte, Pritchard apelidou a coisinha de Cromwell, e seu pai assentiu uma vez.) Recordando-se das palavras, Pritchard pensou: “Será isso o que fiz do meu próprio ser, do meu próprio destino? Eu seria o cão da máxima de meu pai, o mal nomeado?”. Mas não era uma indagação.

Ele sentou-se e posicionou suas mãos, palmas para baixo, no assento do laboratório. Seus pensamentos se voltaram para Anna. Por sua própria conta, ela não intentara cometer suicídio algum —

uma alegação que Pritchard acreditava ser sincera. A vida de Anna era infeliz, mas ela tinha seus prazeres e não era um tipo violento. Pritchard sentiu que a compreendia. Ele não podia imaginar que ela tentasse tirar a própria vida. E no entanto — o que ela dissera? “Isso às vezes nos vem à mente.” “Sim”, pensou Pritchard profundamente. “Às vezes, isso nos vem à mente.”

Anna era uma comedora de ópio experiente. Usava a droga quase todos os dias e estava bastante acostumada aos efeitos que tinha em seu corpo e em sua mente. Pritchard nunca a vira perder a consciência tão completamente que só fosse possível recobrá-la após doze horas. Ele duvidava que tal circunstância pudesse ter ocorrido de modo acidental. Ora, se ela realmente *não* intentara dar cabo da vida — como atestara —, restavam então apenas duas opções: ou ela havia sido drogada por outra pessoa, usada para algum propósito nefasto, e em seguida abandonada na estrada Christchurch; ou (Pritchard fez um pequeno aceno com a cabeça) ela havia blefado. Sim. Ela mentira sobre a resina; ela podia facilmente estar mentindo sobre a overdose, também. Mas com que propósito? A quem protegia? E com que finalidade?

O médico de Hokitika havia confirmado que Anna de fato consumira uma grande quantidade de ópio na noite de 14 de janeiro: sua declaração fora publicada no *West Coast Times* no dia do julgamento de Anna. Anna teria conseguido enganar o médico ou de alguma forma o persuadiu a emitir falso diagnóstico? Pritchard ponderou. Ela estivera na carceragem por mais de doze horas, tempo durante o qual poderia ter sido espicaçada e cutucada por toda espécie de homens e testemunhada por dezenas de outros, além disso. Ela dificilmente teria enganado a todos. Não se pode simular uma verdadeira inconsciência, pensou Pritchard. Até mesmo uma prostituta não é tão boa atriz assim.

Tudo bem: talvez a droga tenha sido envenenada, afinal. Pritchard virou as mãos e estudou os redemoinhos na almofada de seus dedos, sendo cada mão a imagem espelhada da outra. Quando pressionou as pontas dos dedos umas nas outras, elas formaram um reflexo duplicado perfeito, como quando um homem toca um espelho com a testa. Ele inclinou-se à frente para olhar os redemoinhos. Ele mesmo com certeza não havia adulterado a droga

de maneira alguma e não suspeitava de que o homem chinês, Sook, o tivesse feito. Sook gostava de Anna. Não; era impossível que Sook houvesse tentado causar danos a Anna. Ora, isso significava que a droga devia ter sido envenenada *antes* que Pritchard a comprasse no atacado ou *depois* que Anna adquirisse uma pequena porção de Ah Sook, para inalá-la em casa.

O fornecedor de Pritchard para todos os tipos de opiáceos era um homem chamado Francis Carver. Ele agora refletia. O homem era um ex-presidiário, que em consequência disso tinha má reputação; com Pritchard, no entanto, ele sempre fora cortês e justo, e Pritchard não tinha razões para pensar que Carver pudesse querer a ele — ou a seus negócios — qualquer tipo de mal. No que tangia a Carver agir ou não de má-fé com os chineses, Pritchard não fazia ideia — mas ele não vendia diretamente aos chineses. Ele vendia a Pritchard, e somente a ele.

Pritchard conhecera Carver numa casa de jogos na rua Revell, há cerca de sete meses. Pritchard era um jogador sagaz e estivera refrescando-se entre uma e outra partida de dados, contabilizando mentalmente as perdas, quando um homem com cicatriz no rosto sentou-se a seu lado. Pritchard indagou, galante, se o homem gostava de cartas e o que o trouxera a Hokitika; logo entraram a papear. Quando no momento devido Pritchard disse qual era sua profissão, o semblante de Carver se aguçou. Pousando seu drinque, ele explicou que tinha uma ligação de longo tempo com um antigo membro da Companhia das Índias Orientais que dirigia uma plantação de papoula de ópio em Bengala. Se Pritchard estivesse carente da mercadoria, Carver poderia garantir um produto de qualidade inigualável e fornecimento ininterrupto. Àquela época, Pritchard não mantinha nenhum estoque de ópio, salvo algumas ralas tinturas de láudano que adquirira de um charlatão; foi sem hesitar, portanto, que ele agradeceu Carver, cumprimentou-o e concordou em retornar na manhã seguinte para elaborar os termos da negociação.

Desde então, Carver abastecera-o com um total de três libras de ópio. Ele não fornecia a Pritchard mais que uma libra por vez, pelo motivo (como explanara com franqueza) de que ele gostava de manter seu abastecimento em rédeas curtas, a fim de impedir que

Pritchard vendesse a droga no atacado para outros compradores e assim auferisse lucro na intermediação. (Ao vender ópio para Ah Sook, Pritchard estava obviamente fazendo isso — mas Carver permanecera desavisado desse arranjo complementar, pois ele raramente estava em Hokitika e Pritchard não se incomodara em avisá-lo.) A resina vinha embrulhada em papel, prensada em uma lata não muito diferente das utilizadas para armazenar chá.

Pritchard pegou uma tachinha do assento do laboratório e com ela começou a tirar o pó debaixo das unhas — notando, enquanto fazia-o, que elas estavam ficando demasiadamente compridas.

Carver teria realmente ousado envenenar a droga antes de vendê-la no atacado a uma botica? Pritchard poderia ter pulverizado a resina envenenada, transformando-a em láudano; ele poderia tê-la vendido a granel a um grande número de clientes; ele poderia tê-la consumido ele mesmo. Era verdade que Carver tinha um histórico desagradável com Anna; já a havia machucado gravemente certa feita. Mas mesmo se ele desejasse matá-la por overdose, não havia garantia de que uma porção do ópio envenenado acabasse nas mãos de Anna. Pritchard rolou nos dedos uma bola de poeira. Não: era absurdo pensar que um homem armasse uma trama que compreendesse tamanhas incertezas. Carver podia ser um bruto, mas ele não era tolo.

Tendo rejeitado essa teoria, o boticário considerava agora a segunda opção: a de que a droga fora envenenada *após* Anna Wetherell ter recebido de Ah Sook um pedaço para inalar em casa. Talvez alguém o tivesse roubado de seus aposentos no Gridiron e lá o envenenado. Mas novamente — por qual motivo? Por que importar-se em envenenar o ópio? Por que não matar logo a prostituta com meios mais convencionais — estrangulamento, asfixia, linchamento?

Abatido, Pritchard voltou a mente às coisas que sabia por instinto estarem certas. Ele *sabia* que Anna Wetherell não contara toda a verdade sobre os eventos de 14 de janeiro. Ele *sabia* que alguém consumira a droga recentemente com o mesmo cachimbo que ela escondia no quarto. Ele *sabia* que ela havia parado de usar ópio por conta própria; observando-lhe os olhos e os gestos, ele não

podia duvidar de que ela estava limpa. Essas certezas, aos olhos de Pritchard, só podiam apontar para uma conclusão.

— Ora bolas! — murmurou ele. — Ela está mentindo. E em favor de outro homem.

Assim avançou a tarde.

Após um tempo, Pritchard pegou as encomendas inacabadas e, em busca de uma ocupação mais alegre, começou a trabalhar. Ele não percebera o passar das horas até que uma leve batida na porta do laboratório trouxe-o de volta ao momento presente. Ele virou-se — notando, com uma débil surpresa, que a luz escasseara e o crepúsculo se aproximava — e viu Albert, o subalterno de Nilssen, rondando na soleira com respiração ofegante e um olhar confuso. Ele trazia uma mensagem.

— Oh, alguma notícia de Nilssen — disse Pritchard, adiantando-se. Ele mal se lembrava de sua conversa com Nilssen mais cedo naquela tarde e da incumbência que lhe dera (encontrar o ferreiro Quee e questioná-lo sobre o ouro prensado que haviam descoberto no espólio de Crosbie Wells. Ele esquecera Crosbie Wells inteiramente) e também sua fortuna, sua viúva, o desaparecido sr. Staines. Quão silenciosamente girava o mundo quando se estava meditando e sozinho!

Pritchard pescava meio xelim no seu avental — mas Albert, corando furiosamente, balbuciou:

— Não, senhor — e ergueu as palmas das mãos como para dizer que a honra de ter feito aquela entrega era já suficiente para consolá-lo.

Na verdade, Albert estava certo de nunca ter vivido uma tarde tão excitante. Seu empregador, após retornar da Chinatown de Kaniere cerca de meia hora antes, estivera em um estado de tamanha agitação que quase arrancara a porta dos gonzos. Ele redigira o bilhete que Albert ora carregava com todo o ardor de um compositor de sinfonia em conluio com sua musa. Selara-o atrapalhadamente, derrubara cera em si mesmo, praguejara e então enfiara o papel dobrado e encaroçado nas mãos de Albert, dizendo asperamente: “Pritchard, para Pritchard, o mais rápido que puder”. Na privacidade da sala de atendimento do boticário, imediatamente antes de este sair do laboratório, Albert comprimira as extremidades

da carta para que o papel dobrado formasse uma espécie de tubo, e com olhos semicerrados varreu-lhe a extensão, adivinhando várias palavras que lhe soaram ao mais grave ato de pirataria. Vibrava ao saber que seu chefe estava preparando alguma confusão.

— Ora, muito obrigado, então — disse Pritchard, pegando a carta. — Ele disse esperar uma resposta?

O garoto respondeu:

— Não há necessidade de resposta, senhor. Mas ele pediu-me que ficasse e observasse o senhor queimá-la, após lê-la na íntegra.

Pritchard soltou uma risada. Isso era tão típico de Nilssen: primeiro ele se aborrecia, depois se queixava de toda a desordem, depois se demorava, depois tentava eliminar todo seu fardo de responsabilidade — mas, assim que se tornava parte integrante, assim que se sentia crucial e impressionante, doravante tudo se tornava uma pantomima, um espetáculo de capa e espada; vangloriava-se nisso.

Pritchard afastou-se alguns passos (o garoto parecia frustrado), rompeu o selo com seus dedos e aplainou o papel na mesa de seu laboratório. Na carta lia-se:

> Jo,
> Visitei Quee, tal como me incumbira. Você estava certo sobre o ouro (trabalho dele), embora ele jure não ter a mais vaga ideia de como o material foi parar com Wells. A prostituta está envolvida em tudo, talvez disso você já esteja ciente, embora não consigamos ainda compreender o que está acontecendo — saber o autor, para usar palavras suas. Parece que todos estão implicados como nós estamos, perifericamente. Muitas coisas para resolver aqui. Propus uma assembleia. Orientais inclusos. Encontro na sala dos fundos do crown, ao pôr do sol. Garantirei que a assembleia não seja perturbada. Não diga a ninguém — nem mesmo se confia nele & ele esteja ligado ao assunto & ele fique ao nosso lado como Acusado. Faça o favor de destruir esta,
>
> h. n.

Lua em Touro, crescente

Em que Charlie Frost tem um palpite; Dick Mannering afivela seus coldres; e nos aventuramos rio acima às concessões de Kaniere.

A pesquisa de Thomas Balfour no Banco Central da Nova Zelândia naquela manhã havia despertado a curiosidade do bancário de várias maneiras, e, assim que aquele deixou o prédio, este imediatamente decidiu fazer ele mesmo uma pesquisa. O sr. Frost ainda tinha em mãos o perfil de ações da jazida Aurora, possuída e operada pelo prospector desaparecido Emery Staines. “Aurora”, pensou Frost, dando piparotes no documento. “Aurora”. Ele sabia que havia visto esse nome recentemente — mas onde? Após um instante, deixou o documento de lado, alçou-se do tamborete e caminhou pé ante pé até o gabinete defronte ao seu cubículo, onde uma fileira de lombadas de couro estava assinalada com as palavras “Rendimentos — por trimestre”. Ele selecionou o terceiro e o quarto trimestre do ano anterior e voltou à sua mesa para analisar os números da jazida.

Charlie Frost era homem de reputação limitada, pois não se reivindica tal tipo de coisa, e uma alma tranquila, modesta no vestir, branda de feições, e pouco propensa, qualquer que fosse a provocação, a perturbar a paz. Quando falava, fazia-o lenta e cuidadosamente. Ele raramente ria à larga, e, embora sua postura fosse lânguida e suave, parecia sempre alerta, como se perpetuamente atento a certa regra de etiqueta que os outros homens não mais observavam. Ele não gostava de dar opiniões ou encetar um discurso; na verdade, ele ficava relutante, quando numa conversa, em afirmar qualquer tipo de convicção. Isso não quer dizer que lhe faltassem convicções ou que fossem poucas suas opiniões; na verdade, os muitos rituais de sua vida privada eram regulados ao extremo, e suas ambições eram tremendamente secretas. Em vez disso, Frost aprendera o quanto era valoroso parecer uma pessoa sem pretensões. Ele conhecia o poder latente

da obscuridade (poderosa porque provocava curiosidade nos outros) e era capaz de grandes estratégias para manejá-lo — mas tomava extremo cuidado em manter seu talento oculto. A impressão que invariavelmente formavam os estranhos ao conhecê-lo era a de que ele constituía antes um homem de reação que de ação, que era conduzido nos negócios, seduzido no amor, e, em todos os seus prazeres, resolutamente dócil.

Frost tinha apenas vinte e quatro anos de idade e era nativo da Nova Zelândia. Seu pai havia sido oficial de alta patente na agora extinta Companhia da Nova Zelândia e, após ter desembarcado na foz do rio Hutt e descoberto um rico pedaço de terra plana para ser partilhada e vendida, imediatamente mandou procurar por uma esposa. Frost não se orgulhava da circunstância de seu nascimento, pois era uma cidadania estranha de se ostentar e ele sentia que ela era desonrosa. Ele não contava histórias sobre a infância, passada na planície pantanosa do vale Hutt, lendo e relendo o exemplar muito manuseado de O *paraíso perdido* do pai, o único livro que a família possuía afora a Bíblia. (Na idade de oito anos, Frost já recitava todos os discursos de Deus, do Filho e de Adão — mas nunca os de Satã, que julgava belicosos, e nunca os de Eva, que julgava débil e aborrecida.) Não fora uma infância infeliz, mas Frost ficava infeliz quando se recordava dela. Quando falava sobre a Inglaterra, era como se ele sentisse muito sua falta e mal pudesse ver a hora de regressar.

Com a dissolução da Companhia da Nova Zelândia, o sr. Frost pai ficara arruinado e desacreditado. Voltou-se para o filho único em busca de ajuda. Charlie Frost garantira um trabalho de escrevente em Wellington e logo lhe ofereceram um cargo em um banco na cercania de Lambton, posição que lhe rendia o suficiente para sustentar os pais com saúde e relativo conforto. Quando descobriu-se ouro em Otago, Frost transferiu-se para um banco em Lawrence, prometendo remeter para casa a maior parcela de seu ordenado, mês a mês, através de correio privado — uma promessa que ele nunca quebrou. Nunca mais voltara ao vale Hutt, no entanto, tampouco o planejava. Charlie Frost tendia a conceber seus relacionamentos em termos de lucro e rendimento e não dedicava um pensamento sequer aos outros a partir do momento em que

cumprira com seu dever. Agora, em Hokitika (pois ele havia seguido a corrida desde Lawrence até a costa), ele sequer pensava em seus pais, exceto quando lhes escrevia mensalmente. Essa era uma tarefa difícil, pois as cartas de seu pai eram repentinas e mortificadas, e as de sua mãe, cheias de um silêncio consternado — sentimentos que afligiam Charlie Frost, mas apenas brevemente. Após escritas e despachadas suas respostas, ele desfiava as cartas até virarem chumaços para acender seus charutos, cortando as páginas longitudinalmente como que para eliminar por completo seu conteúdo; queimava os chumaços com grande indiferença.

Frost folheou a pasta de rendimentos até encontrar a seção condizente a Kaniere e ao desfiladeiro de Hokitika. Os registros estavam listados alfabeticamente, sendo Aurora a segunda, abaixo de uma jazida que havia sido designada, com bastante otimismo para a costa Oeste, de All Seasons. Frost aproximou-se da página para ler os números e no momento seguinte deixou escapar um murmúrio de surpresa.

No mês posterior à sua aquisição inicial, a jazida Aurora lucrara de maneira esplêndida, extraindo quase cem libras; chegado agosto, no entanto, o lucro da concessão caíra radicalmente, até — Frost ergueu as sobrancelhas — praticamente cessar. A soma total dos lucros da Aurora no último trimestre do ano anterior havia sido de apenas doze libras. Uma libra por semana! Isso era muito estranho para uma jazida da profundidade e da promessa da Aurora. Uma libra por semana — ora, isso mal daria para cobrir as despesas gerais, pensou Frost. Curvou-se ainda mais sobre a pasta. O registro mostrava que a Aurora tinha um só empregado. Seu nome era chinês, de modo que a mão de obra era barata… mas mesmo assim, pensou Frost, o mineiro deveria receber uma diária.

Charlie Frost franzia o cenho. Segundo o perfil de ações, Emery Staines primeiro adquirira a jazida Aurora no fim do outono do ano anterior. Depreendia-se que, algumas semanas após essa compra, Staines vendeu cinquenta por cento das ações ao notório Francis Carver; todavia, imediatamente depois dessa transação — como mostrava esse registro — a jazida havia subitamente secado. Ou a Aurora de uma hora para a outra se esgotara — valendo

praticamente nada —, ou alguém estava realizando um ótimo trabalho fazendo assim parecer. Frost fechou a pasta e quedou por um momento, raciocinando. Seu olhar passeou pela multidão: os mineiros com seus chapéus desmazelados, os investidores, a escolta com suas dragonas agaloadas. Súbito, ele lembrou onde havia visto aquele nome anteriormente.

Colocou uma placa em seu cubículo para indicar que a janela estava fechada.

— Vai passar o dia fora? — perguntou um colega.

— Suponho que sim — disse Frost, piscando. — Não achei que fosse; tencionava voltar após meu horário de almoço.

— Fecharemos às duas, e não há mais compras hoje, já que este lote acabou — disse o outro bancário. Ele esticou as costas e estapeou a barriga com ambas as mãos. — Portanto, nos vemos na segunda-feira, Charlie.

— Ora! — murmurou Frost, fitando a coroa do próprio chapéu, como se subitamente estivesse estarrecido em vê-lo nas próprias mãos. — Isso é muito gentil de sua parte. Muitíssimo obrigado.

Φ

Dick Mannering achava-se sozinho em seu escritório quando Frost bateu à porta. Ao ruído, a cadela pastor de Mannering irrompeu de sob a mesa em uma explosão de energia jovial; ela saltou em Frost, a cauda martelando o chão, a boca vermelha aberta.

— Charlie Frost! *Eis* um homem que eu não esperava ver — exclamou Mannering, empurrando sua cadeira da mesa. — Vamos entrar, vamos entrar. E feche a porta. Tenho a sensação de que, seja lá o que veio falar comigo, não é para o ouvido de ninguém.

— No chão, garota — disse Frost à cadela, agarrando-lhe o focinho, fitando-a nos olhos, bagunçando suas orelhas. E, satisfeita, ela caiu sobre as quatro patas e trotou de volta a seu dono, então se virando, afundando, colocando o nariz entre as patas e observando Frost por debaixo das sobrancelhas, tristemente.

Ele fechou a porta como lhe fora pedido.

— Como está, Dick?

— Como estou? — Mannering esticou as mãos. — Estou curioso, Charlie. Sabia disso? Ando muito curioso esses dias. Sobre

uma série de coisas. Você sabe que Staines não deu as caras, em lugar algum. Nós até colocamos Holly no desfiladeiro, embora ela não seja perdigueira. Demos-lhe um lenço para cheirar, e lá se foi ela, mas voltou logo depois, sem nada. Sim, sou um homem muito curioso. Espero que você nos dê alguma notícia, ou algum escândalo, caso notícias não nos possam ser dadas. Tem minha palavra. Que quinzena tem sido esta! Tire a sobrecasaca, sim. Oh, não se preocupe com a chuva. É apenas água, e Deus sabe que nós já deveríamos ter nos acostumado.

Apesar desse encorajamento, Frost teve o cuidado de pendurar sua sobrecasaca de tal forma que não tocasse a de Mannering e assegurar que não molhassem suas galochas, que jaziam debaixo do chapeleiro, cada qual com uma calçadeira e engraxada num belo negrume. Em seguida ele tirou seu chapéu, de certa forma cautelosamente.

— É um dia de cão — disse ele.

— Sente-se, sente-se — disse Mannering. — Aceita um brandy?

— Aceito, se você aceitar — disse Frost, sendo essa sua política para todas as suas manifestações de apetite e de sede. Ele sentou-se, postando as palmas das mãos sobre os joelhos, e olhou ao redor.

O escritório de Mannering ficava acima do foyer da Ópera Príncipe de Gales e ostentava uma bela vista do toldo listrado do teatro até a rua Revell, e além dele até o mar aberto, visível, entre o frontispício das casas adjacentes, como uma faixa de cinza azulado, às vezes verde, e hoje, através da chuva, como um amarelo esbranquiçado — tendo a água absorvido a cor do céu.

A sala havia sido decorada para atestar a riqueza de seu dono; pois Mannering, além de dirigir a ópera, recebia proventos como cafetão, como trapaceiro no jogo de cartas, como acionista e como magnata das jazidas de ouro. Em todas essas profissões, exibia um grande talento para o lucro, mais especificamente para o do tipo que podia ser obtido na esteira das infrações alheias: isso os móveis da sala tornavam abundantemente claro. As paredes de seu escritório eram forradas, e os gabinetes, lustrados; havia no chão um espesso tapete turco; um busto de cerâmica, esculpido à romana, servia

como um apoio carrancudo para livros; embaixo da janela, um insetário exibia três borboletas negras, cada qual do tamanho de uma mão de criança aberta. Atrás da mesa de Mannering pendia uma soberba paisagem em aquarela, emoldurada em ouro: mostrava uma escarpa muito alta, raios de sol oblíquos, folhagens silhuetadas dum matiz arroxeado e, a uma indistinta distância, a pálida pincelada de um arco-íris sobressaindo de uma nuvem. Charlie Frost julgou-a uma bela obra de arte, uma obra que elogiava favoravelmente o gosto de Mannering. Ele sempre se deleitava em pensar um motivo para visitar o velho homem, de modo que pudesse se sentar nesta cadeira e admirar a obra, imaginando-se já noutro lugar, majestoso e muito distante.

— Sim, que quinzena tem sido esta — dizia Mannering. — E agora minha melhor prostituta saiu de licença e declarou-se de luto! Que tremenda chateação, eu lhe digo. Começo a pensar que ela está maluca. Foi um baque. Principalmente quando se trata da sua melhor prostituta. É um baque. Você sabe que ela esteve com Emery, na noite em que ele desapareceu?

— A senhorita Wetherell e o senhor Staines? — Frost envolvera os braços torneados da cadeira com as mãos e procurava a ranhura do entalhe com a ponta de seus dedos.

Beleza, para Charlie Frost, era mais ou menos sinônimo de refinamento. A mulher ideal, em sua mente, era aquela devotada a um projeto de autoaprimoramento, aquela que bem dominava as artes femininas do bordado, do piano, da secagem de folhas de árvores entre páginas de livros e quejandos; aquela que cantava docemente, lia quietamente e furtava-se a toda opinião; aquela queera uma peça colecionável, charmosa e inestimável; aquela que amava, acima de todas as coisas, ser amada. Anna Wetherell não possuía nenhuma dessas qualidades, mas admitir que Anna nem de longe lembrava a forma fantástica do ideal fantasmagórico de Frost não é, nem de longe, o mesmo que dizer que o bancário não lhe desse importância ou que com ela não se contentasse, como os outros. Ao agora imaginar Anna e Staines juntos, ele sentiu uma pontada de mal-estar — quase de desgosto.

— Oh, sim — disse Mannering, arrancando a rolha de cristal do gargalo do decantador e agitando o líquido. — Ele a contratou por

toda a noite. E dane-se o policial ou quem mais se achegasse! Em sua própria casa, ainda por cima! Nada de bordéis, para ele! Ele foi muito específico: tinha que ser ela, ele disse; não Kate, nem Lizzie; tinha que ser Anna. E então na manhã seguinte ela aparece semimorta, e ele, bem longe de ser encontrado. Isso virou minha cabeça, Charlie. É claro que *ela* não é de nenhuma ajuda. *Ela* diz que não se lembra de porcaria nenhuma antes do momento em que acordou na carceragem. E, julgando pelo olhar estúpido que traz no rosto, estou propenso a acreditar nela. Ela é a minha melhor prostituta, Charlie, mas que vá para o diabo aquela droga que ela usa; que o diabo a pegue para si. Aceita um charuto?

Frost aceitou um charuto da caixa e Mannering dobrou-se para manter um chumaço de papel no carvão — mas o chumaço era muito curto e incendiou rápido demais, e Mannering queimou os dedos. Ele largou o papel na grelha com uma imprecação. Foi obrigado a confeccionar um novo chumaço a partir de uma espiral de papel mata-borrão, e passou-se muito tempo antes que ambos os seus charutos estivessem acesos.

— Isso para não mencionar os problemas que você tem enfrentado — acrescentou Mannering, enquanto se sentava.

Frost pareceu aflito.

— Meus problemas, como você os chama, estão sob controle — disse ele.

— Pois eu diria que não estão — disse Mannering. — Considerando a chegada da viúva na quinta-feira, e agora a cidade inteira comentando… Eu lhe direi o que parece, visto de minha posição. Parece que você sabia *muito bem* que o ouro fora plantado no chalé do eremita, e que assim que ele morreu, você se certificou de que a maldita venda corresse tão rápido quanto possível.

— Essa não é toda a verdade — disse o bancário.

— Parece que você também está nisso — prosseguiu Mannering. — Você e Clinch: vocês parecem ser cúmplices, tanto quanto possível. Eles vão trazer um juiz, você sabe. Vão enviar alguém da Alta Corte. Esse tipo de coisa não some com um sopro. Seremos todos arrastados a isso; onde estávamos na noite de 14 de janeiro e tudo o mais. Seria melhor alinhar nossas histórias, antes

que aconteça. Não estou acusando-o. Estou descrevendo o que parece, aqui de minha posição.

Havia geralmente um quê de discurso régio na fala de Mannering, pois a imagem que tinha de si era imperturbável, autoritária e absoluta. Ele não concebia ver o mundo a não ser a partir da perspectiva de estar no comando, e adorava declamar. Nesse aspecto, ele era o radical oposto de seu convidado — uma diferença que, no caso de Mannering, lhe causava certa irritação, pois, embora preferisse companhias complacentes como essa, ele se enfastiava com aqueles que considerava indignos de sua atenção. Ele era muito generoso com Charlie Frost, sempre oferecendo ao rapaz bebidas e charutos e presenteando-o com ingressos para o balcão dos mais recentes espetáculos, mas às vezes ele achava enervante a calma reservada de Frost. Mannering costumava escalar seus acólitos em um elenco, rotulando-os tal qual se rotula um homem pela profissão, denominando este ou aquele de “o doutor” ou “o cabo”; seus rótulos, elaborados internamente e nunca enunciados em voz alta, descreviam os outros homens puramente por meio da relação que travavam com ele — o que constituía a forma como ele via todo mundo que conhecia: como reflexos, ou depreciações, de sua própria autêntica individualidade.

Mannering, como anteriormente observado, era um homem muito obeso. Por volta dos vinte anos ele havia sido corpulento, e nos trinta, bastante barrigudo; quando alcançou os quarenta, seu tronco adquirira uma proporção quase esférica, e ele fora obrigado, para descontentamento próprio, a pedir ajuda tanto para montar seu cavalo quanto para apear dele. Em vez de admitir que sua circunferência viera a representar um impedimento à sua atividade cotidiana, Mannering culpara a gota, uma enfermidade que nunca o afligira, mas que a ele soava assaz aristocrática. Muito apreciava ser tomado por aristocrata, um equívoco que acontecia com frequência, pois exibia um rosto com suíças e uma pele clara e valorizava um vestir dispendioso. Naquele dia, sua gravata estava presa com um alfinete dourado, e suas vestes (cujos botões estavam muito evidentemente esticados) ostentavam lapelas de talhe triangular.

— Não estamos metidos em nada juntos — disse Frost. — Não sei do que você está falando.

Mannering balançou a cabeça.

— Eu vejo que você está comprometido, Charlie, eu vejo! Você e Clinch. Se for a julgamento, pode chegar a julgamento, você sabe, você terá que explicar por que a venda do chalé foi realizada tão rapidamente. Esse será o ponto crucial, o ponto com o qual você terá que concordar. Não estou sugerindo que dê falso testemunho. Apenas digo que suas histórias terão que bater. Do que você precisa? Ajuda? Você precisa de um álibi?

— De um álibi? — disse Frost. — Por que motivo?

— Ora — disse Mannering, com um movimento paternal de dedo. — Não me diga que você não estava armando *alguma* coisa. Veja só quão rápida a venda foi realizada!

Frost bebericou seu brandy.

— Não deveríamos discutir isso de maneira tão informal. Não quando há outros homens envolvidos.

(Essa era outra de suas políticas: sempre parecer relutante em divulgar.)

— Às favas com os outros homens! — exclamou Mannering. — Às favas com “deveríamos” ou “não deveríamos”! Qual é o problema? Desabafe!

— Eu direi; mas não há nada de criminoso nisso — disse Frost, não sem certo prazer, pois lhe aprazia declarar-se sem culpa de qualquer coisa. — A transação foi perfeitamente legal e perfeitamente saudável.

— Como explica, então?

— Explico o quê?

— Como tudo *aconteceu*!

— É perfeitamente explicável — disse Frost tranquilamente. — Quando Crosbie Wells morreu, Ben Löwenthal soube da morte quase imediatamente depois, porque fora entrevistar aquele camarada político no exato momento em que entrou na cidade, a fim de dar uma matéria especial no jornal do dia seguinte. E o camarada político, seu nome é Lauderback, Alistair Lauderback, bem, *ele* havia acabado de retornar do chalé de Wells; foi *ele* quem encontrou o sujeito morto. Naturalmente, contou tudo a Löwenthal.

— Judeus astutos — disse Mannering, com certo prazer. — Sempre no lugar certo e na hora certa, não?

— Suponho que sim — respondeu Frost, pois não desejava asseverar nem uma nem outra opinião. — Mas como eu dizia: Löwenthal soube da morte de Wells antes de todos. Até mesmo antes de o médico-legista chegar ao chalé.

— Mas *ele* não cogitou comprá-la — disse Mannering. — A terra.

— Não. Mas ele sabia que Clinch estava de olho em um novo investimento e então lhe fez uma boa ação pondo-o a par da notícia, a de que o espólio de Wells seria logo posto à venda. Clinch procurou-me na manhã seguinte com seu depósito, pronto para comprá-lo. E isso é tudo que há para se dizer.

— Oh, não, não é — disse Mannering.

— Eu lhe garanto que sim — disse Frost.

— Eu consigo ler nas entrelinhas, Charlie — disse Mannering. — "Fez-lhe uma boa ação"? Do fundo de seu coração caridoso, imagino? Não, não ele, não Löwenthal! Isso de fato foi um palpite, e um palpite sobre uma maldita pilha de ouro. Eles estão nessa juntos, Löwenthal e Clinch. Eu aposto meu chapéu.

— Se estão ou não juntos — disse Frost, encolhendo os ombros —, não sei nada sobre isso. Tudo que estou lhe dizendo é que a venda do chalé foi perfeitamente dentro da lei.

— "Dentro da lei", diz um *bancário*! Mas você ainda não respondeu minha pergunta. Por que diabos a venda teve de correr tão *rapidamente*?

Frost permaneceu inabalável.

— Simplesmente porque não havia papelada no caminho. Crosbie Wells não possuía nada: nenhuma dívida, nenhum seguro, nenhum assunto pendente. Nenhum documento.

— Nenhum documento?

— Não em seu chalé. Nenhuma certidão de nascimento, nenhum cartão, nenhuma licença. Nada.

Mannering rolou o charuto com os dedos.

— Nenhum documento — repetiu ele. — O que você intui disso?

— Eu não sei. Talvez ele os tenha perdido.

— Como é que alguém perde seus documentos, no entanto?

— Eu não sei — repetiu Frost. Ele não gostava de ser forçado a compartilhar seus pontos de vista.

— Talvez alguém os tenha queimado. Livrado-se deles.

Frost franziu as sobrancelhas levemente.

— Quem?

— Aquele camarada, o político — disse Mannering. — Lauderback. Ele foi o primeiro a entrar na cena do crime. Talvez *ele* esteja de alguma forma metido no negócio. Talvez ele tenha contado a Löwenthal sobre a fortuna escondida no chalé. Talvez ele a tenha encontrado, contado a Löwenthal e em seguida Löwenthal contou a Clinch! Mas isso é absurdo — acrescentou ele, refutando a própria hipótese. — Não há nada para ele nesse negócio, há? E nada para o judeu. A não ser que todos tenham saído com uma fatia, ao longo do processo todo…

— Ninguém saiu com nenhuma fatia — disse Frost. — A fortuna está sendo mantida sob custódia no banco. Ninguém pode tocá-la. Pelo menos até que o assunto com a viúva seja resolvido.

— Ah sim, a *viúva* — disse Mannering, com prazer. — Eis uma reviravolta para você! O que você intui *dela*? Ela é uma conhecida minha, veja só, uma conhecida. Greenway, esse é seu nome de solteira. Nunca a conheci como "senhora Wells", para mim, ela sempre foi a "senhora Greenway". O que você acha dela, Charlie?

Frost deu de ombros.

— Ela apresentou uma papelada — disse ele. — Caso se comprove que a certidão de nascimento está dentro da lei, a venda será revogada e a fortuna será dela. Isso está a cargo dos burocratas, agora.

— Mas eu perguntei o que você acha dela.

Frost pareceu aborrecido.

— Ela me parece uma bela figura — disse ele. — Acho-a muito bonita. — Cravou o charuto no canto da boca e mordeu-o, emprestando ao seu semblante uma sombra de crispação.

— Ela é mesmo muito bonita — disse Mannering alegremente. — Oh, ela é mesmo muito bonita! Toca um homem como a um *pianoforte*, e com que repertório! Realmente! Suponho que seja isto

o que aconteceu ao pobre Crosbie Wells: ele foi tocado, como todo o restante deles.

— Não consigo sequer imaginá-los juntos — admitiu Frost. — O que um homem velho como Crosbie Wells tem para oferecer, bem, mesmo a uma mulher comum, e que dirá a uma mulher bonita? Não consigo imaginar o que a atraiu nele, embora possa facilmente imaginar o que o atraiu nela.

— Está se esquecendo da fortuna dele — disse Mannering abanando o dedo. — O afrodisíaco mais poderoso de todos! Certamente ela se casou com Crosbie pelo dinheiro. E em seguida ele o estocou, não tendo ela nada a fazer senão esperar que ele morresse. De que outra maneira se poderia explicá-lo? Quando ela se materializou tão rapidamente após a morte dele foi como se ela o tivesse planejado, sabe. Oh, Lydia Wells é uma alma sagaz! Ela mantém os olhos no pêni e os dedos na libra. Ela só aporia o nome caso fosse para lucrar.

Frost não respondeu de imediato, pois a réplica de Mannering o fizera se recordar do motivo de sua visita, e ele desejou poder reunir seus pensamentos antes de anunciá-lo; após um instante, no entanto, Mannering vociferou uma risada e socou seu punho na mesa.

— *Aí* está! — exclamou, muito satisfeito. — Eu sabia! Eu sabia que você estava num aperto, de uma forma ou de outra. E eu sabia que o desmascararia! Então, o que é? Qual é o seu crime? Qual é o apuro? Você se denunciou, Charlie; está escrito no seu rosto. Tem a ver com aquela fortuna, não tem? Tem a ver com Crosbie Wells.

Frost bebericou seu brandy. Ele não havia exatamente cometido um crime — e ainda assim *havia* um apuro, e *tinha* a ver com a fortuna, e *dizia* respeito a Crosbie Wells. Seu olhar deslizou do ombro de Mannering à janela, e ele quedou-se um momento, contemplando a vista, decidindo como melhor exprimir o que tinha a dizer.

Após a fortuna descoberta no chalé de Wells ter sido avaliada pelo banco, Edgar Clinch deu a Frost um belo presente, em agradecimento ao seu papel na facilitação da venda: uma nota promissória no valor de trinta libras. O comprovante dessa promissória teve um efeito súbito e intoxicante em Charlie Frost,

cujo ordenado era dedicado, em maior parte, à manutenção de seus pais, os quais nunca via e a quem nunca amara. Num frenesi de agitação, sem precedentes até então em sua vida terrena, Frost propôs-se gastar toda a quantia, e de uma só vez. Ele não informaria aos pais sobre o inesperado bônus e o gastaria consigo, até o último pêni. Ele trocou o comprovante por trinta reluzentes libras, e com elas adquiriu um colete de seda, uma caixa de uísque, uma coleção de histórias encadernadas em couro, um broche de rubi para as lapelas, uma lata de doces finos importados e um conjunto de lenços monogramados com as iniciais de seu nome dispostas defronte a uma rosa.

Lydia Wells chegara a Hokitika alguns dias depois desse episódio perdulário. Imediatamente após sua chegada, ela visitou o Banco Central, declarando suas intenções de revogar a venda do chalé e dos pertences de seu falecido marido. Se essa revogação se provasse bem-sucedida, Frost sabia que seria obrigado a repor aquelas trinta libras. Ele não poderia revender o colete exceto a lojas de usados; os livros e o broche, poderia penhorá-los, mas apenas em troca de uma fração do que valiam; a caixa de uísque ele já deslacrara; os doces, comera-os; e que tolo compraria um lenço bordado com o nome de outro homem? Ele teria sorte se conseguisse recuperar metade do que havia gastado. Seria forçado a ir a alguns dos muitos usurários de Hokitika e implorar por crédito; ele carregaria a dívida por meses, porventura até anos; e, o pior de tudo, ele teria até que confessar a seus pais todo o ocorrido. Essa perspectiva deixava-o doente.

Mas ele não viera ter com Mannering para confessar suas humilhações.

— Eu não estou em apuros — respondeu ele secamente, devolvendo o olhar ao seu anfitrião —, mas suspeito que outra pessoa esteja. Veja você: não acredito nem um pouco que a fortuna pertencesse a Crosbie Wells. Creio que ela foi roubada. — Ele inclinou-se para bater a cinza de seu charuto e viu que sua ponta havia desaparecido.

— Bem, roubada por quem? — exigiu Mannering.

— É exatamente sobre isso que desejo falar com você — disse o jovem bancário. Havia fósforos no bolso de seu colete; ele

transferiu o charuto para a mão direita, a fim de pegá-los. — Eu cheguei a uma conclusão agora há pouco, nesta tarde, e queria consultá-lo sobre ela. É sobre Emery Staines.

— Oh, não há dúvida de que *ele* está envolvido em tudo isso — disse Mannering, jogando-se para trás em sua cadeira. (Frost passou a acender seu charuto mais uma vez.) — Desaparecer justo naquele dia! Não há dúvida de que ele esteja ligado. Eu não tenho muita esperança em nosso amigo Emery, estou lhe dizendo. Nas jazidas temos um ditado: é um azar ser sortudo por muito tempo. Já ouviu essa? Bem, Emery Staines era o homem mais sortudo que possivelmente conhecerei. Ele foi dos andrajos às riquezas, aquele garoto, e tudo sem uma mão amiga em qualquer canto. Estou apostando que ele foi assassinado, Charlie. Assassinado no rio, ou na praia, e seu corpo, levado embora. Homem algum gosta de ver um garoto fazer fortuna. Não antes que chegue aos trinta anos. E especialmente quando essa fortuna é honesta. Estou apostando que quem quer que o tenha matado era vinte anos mais velho, no mínimo. Ao menos vinte anos. Que acha disso como aposta?

— Perdão — disse Frost, e balançou a cabeça muito levemente.

— Ah, sim — disse Mannering, desapontado. — Você não coloca o seu dinheiro em risco, coloca? Você é um daqueles tipos sensíveis. Nunca arremessa uma moeda, salvo quando deve depositá-la na bolsa.

Frost não respondeu a isso, tendo trazido à lembrança, com desconforto, as trinta libras que recentemente dissipara de maneira tão libertina; após um instante, Mannering exclamou:

— Ora, não me deixe esperando! — sentindo-se envergonhado, pois seu último comentário soara muito mais afrontoso do que pretendera. — Desembuche! Qual foi sua conclusão?

Charlie Frost explicou o que descobrira de manhã cedo: que Frank Carver detinha metade das ações da jazida Aurora e que ele e Emery Staines eram, para todos os efeitos e propósitos, parceiros.

— Sim, suponho que eu já soubesse algo sobre isso — disse Mannering, vagamente. — É uma longa história, no entanto, e assunto de Staines. Por que o menciona?

— Porque a concessão da Aurora está ligada ao malogro Crosbie Wells.

Mannering franziu o cenho.

— E como estaria?

— Direi em seguida.

— Diga-o.

Frost baforou o charuto por um instante.

— A fortuna de Wells passou pelo banco — disse enfim. — Passou por mim.

— Sim?

Dick Mannering não tolerava que outro homem assumisse o palco por muito tempo e tendia a interromper com frequência, principalmente para incitar seu interlocutor a chegar à própria conclusão tão rápida e concisamente quanto pudesse.

Frost, no entanto, não se deixava apressar.

— Bem — disse ele —, eis a curiosidade. O ouro já havia sido fundido, e não pelas mãos de alguém da Companhia. Tinha-o sido privadamente, pelo que se percebia.

— Fundido! Já havia sido fundido! — disse Mannering. — Nunca ouvi falar disso.

— Não; você não o teria — disse Frost. — Cada peça de ouro que vem ao nosso guichê tem que ser prensada, mesmo que o processo já tenha sido feito antes. Assim, previne-se que ali se esgueirem contrapesos e garante-se uma qualidade homogênea. Então, Killarney fê-lo tudo novamente. Ele fundiu a preciosidade de Wells antes que fosse avaliada, e antes mesmo que alguém a visse, ela já havia sido entornada em esquadrias e carimbada com o selo do Banco Central. Ninguém de fora do banco poderia saber que ela já havia sido prensada uma vez... exceto o homem que a escondeu pela primeira vez, é claro. Oh, e exceto também o negociante comissionado, que a encontrou no chalé e trouxe-a ao banco.

— E quem foi esse? Cochran?

— Harald Nilssen. Da firma Nilssen & Cia.

Mannering franziu o cenho.

— Por que não Cochran?

Frost fez uma pausa para tirar o charuto.

— Eu não sei — disse finalmente.

— O que Clinch está fazendo, arrastando outro corpo para o caso? — disse Mannering. — Certamente ele mesmo deve ter limpado o lugar. O que ele está fazendo, arrastando Harald Nilssen na empreitada?

— Estou lhe dizendo: Clinch nunca sonhou que tivesse algo de valor no chalé — disse Frost. — Ele ficou boquiaberto quando a fortuna surgiu.

— “Boquiaberto”, é?

— Sim.

— Essa palavra é sua ou dele?

— Dele.

— “Boquiaberto” — repetiu Mannering.

Frost continuou.

— Bem, funcionou otimamente para Nilssen. Determinou-se que ele levaria dez por cento do valor dos objetos que havia no chalé. Que dia de sorte para ele! Ele foi para casa com quatrocentas libras!

Mannering ainda trazia uma expressão de ceticisimo.

— Bem, continue — disse ele. — Fundido. O ouro tinha sido fundido, você dizia.

— Então eu dei uma olhada nele — disse Frost. — Nós sempre descrevemos brevemente o minério: se está em flocos ou sabe-se lá como, antes que ele seja fundido. A prática não difere quando o ouro já foi alguma vez fundido: mesmo assim somos obrigados a registrar como estava o material quando chegou a nós. Por razões de… — Frost fez uma pausa; ele estava prestes a dizer “segurança”, mas isso não fazia muito sentido — … de prudência — finalizou ele, sem muita convicção. — De qualquer maneira, eu analisei as esquadrias antes de Killarney pô-las no crisol, e pude notar que, no verso de cada barra, o fundidor, quem quer que tenha sido, inscrevera uma palavra.

Ele fez uma pausa.

— Bem, que palavra era? — disse Mannering.

— Aurora — disse Frost.

— Aurora.

— Exatamente.

De repente Mannering parecia bastante alerta.

— Mas então essas esquadrias, todas elas, foram prensadas novamente — disse ele. — Prensadas em lingotes pelo seu colega do banco.

Frost assentiu.

— E em seguida trancadas no cofre naquele mesmo dia, uma vez que o negociante comissionado pegou sua fatia e as tarifas do espólio foram pagas.

— Então não há provas daquele nome — disse Mannering. — Entendi bem? Aquele nome sumiu. Aquele nome foi embora, fundido.

— Sumiu, sim — disse Frost. — Mas eu dei nota, é claro; ele foi oficialmente registrado. Escrito no meu livro, como lhe contei.

Mannering pousou seu copo.

— Está certo, Charlie. Quanto você quer para fazer desaparecer essa página, ou o livro todo, nesse caso? Quanto quer por um descuido de sua parte? Um toque de água ou um toque de fogo?

Frost surpreendeu-se.

— Não compreendo — disse ele.

— Apenas responda a pergunta. Você poderia fazer desaparecer essa página?

— Eu poderia — disse Frost —, mas eu não fui o único a dar nota daquela inscrição, veja você. Killarney a viu. Mayhew também. Um dos compradores a viu; acredito que Jack Harmon. Ele está em Greymouth, agora. Qualquer um deles pode tê-la mencionado a um bom número de pessoas. Foi bastante notável, é claro, aquela inscrição. Não foi algo de que um homem possa se esquecer facilmente.

— Maldição — disse Mannering. Ele socou seu punho na mesa. — Maldição, maldição, maldição.

— Não compreendo — repetiu Frost. — Do que se trata tudo isso?

— Qual é o problema com você, Charlie? — irrompeu Mannering subitamente. — Por que você levou… *duas malditas semanas*… para me contar isso? O que diabos você esteve fazendo? Sentando-se sobre seus dedos? O quê?

Frost recuou.

— Vim vê-lo hoje porque pensei que esta informação poderia ajudar a reencontrar o senhor Staines — disse ele, com dignidade. — Isso porque esse dinheiro claramente pertencia a *ele*, e não a Crosbie Wells!

— Diacho. Você poderia ter feito isso duas semanas antes. Ou qualquer dia desde então.

— Mas apenas nesta manhã fiz a conexão com Staines! Como eu poderia saber sobre a Aurora? Não mantenho um arquivo com os extratos e requerimentos de todos os homens. Eu não tinha razão para…

— Você saiu com uma fatia — interrompeu Mannering. Ele levantou um dedo para Frost. — Você saiu com uma fatia daquela pilha.

Frost corou.

— Isso não é pertinente.

— Você ganhou ou não ganhou uma fatia da fortuna de Crosbie Wells?

— Bem… não oficialmente…

Mannering praguejou.

— E você apenas lá sentado tranquilamente, não é? — disse. Ele recostou-se e, com uma rápida chicotada de munheca, jogou o resto do charuto na lareira. — Até que surgiu a viúva e você foi posto contra a parede. E *agora* você dá suas cartas, fazendo parecer caridade! Ora, maldito seja eu, Charlie. Maldito seja eu.

Frost exibia um olhar ofendido.

— Não — disse ele. — Não é esse o motivo. Apenas nesta manhã eu consegui juntar as peças. De verdade. Tom Balfour foi ao banco com essa história para boi dormir em relação a Francis Carver e me solicitou que lhe verificasse o perfil de ações, e eu descobri que…

— O quê?

— … que Carver comprara ações da Aurora, após o senhor Staines tê-la adquirido. Antes de hoje, eu não sabia disso.

— E essa história com Tom Balfour?

— Quando o senhor Balfour se retirou, eu olhei os registros da Aurora e percebi que seus lucros começaram a decair justamente

na época em que Carver comprou as ações, e foi *aí* que me lembrei do nome inscrito nas esquadrias e juntei as peças. De verdade.

Mannering levantou a voz.

— O que Tom Balfour está querendo com Francis Carver?

— Ele quer entregá-lo à Justiça — disse Frost.

— Devido a quê?

— Ele disse que Carver fez fortuna a partir da jazida de outro homem, ou algo assim. Mas ele foi muito precavido e começou contando uma mentira.

— Hmm — disse o magnata.

— Eu informei o acontecido diretamente a você — continuou Frost, ainda esperando louvores. — Saí mais cedo do banco para contar-lhe pessoalmente. Assim que juntei todas as peças.

— Todas as peças! — exclamou Mannering. — Você não *tem* todas as peças, Charlie. Você não conhece nem metade das peças.

Frost ficou ofendido.

— O que isso quer dizer?

Mas Mannering não respondeu.

— Johnny Quee — disse ele. — O maldito Johnny Quee. — Ele levantou-se tão repentinamente que a cadeira tombou atrás dele e atingiu o chão; a cadela saltou sobre as patas, radiante, e começou a arfar.

— Quem? — disse Charlie Frost, antes de se lembrar: Quee era o nome do mineiro que trabalhava na Aurora. Seu nome estava escrito no registro do banco.

— Meu problema chinês, e seu também, agora, temo lhe dizer — disse Mannering sombriamente. — Você está do meu lado, Charlie, ou contra mim?

Frost baixou os olhos ao seu charuto.

— Do seu lado, é claro. Não vejo por que faz esse tipo de pergunta.

Mannering passou ao fundo da sala. Ele abriu um gabinete, revelando duas carabinas, inúmeras pistolas e um cinto enorme que ostentava dois coldres de camurça com franja de couro. Começou a afivelar esse acessório assaz absurdo na vasta cintura.

— Você deveria estar armado. Ou já está?

Frost ruborizou levemente. Ele inclinou-se e esmagou o charuto — fazendo-o lentamente, apertando três vezes contra o cinzeiro a ponta fenecida, e repetindo-o em seguida, triturando as cinzas até formarem uma poeira negra.

Mannering bateu seu pé.

— Ei, você aí! Você está armado ou não está?

— Não estou — disse Frost, enfim deixando cair a guimba do charuto. — Para ser perfeitamente honesto com você, Dick, eu nunca disparei uma arma.

— Não tem problema — disse Mannering. — É tão fácil quanto respirar. — Ele retornou ao gabinete, escolhendo da prateleira dois revólveres de percussão.

Frost observava-o.

— Eu serei um péssimo parceiro — disse ele dentro em pouco, tentando manter calma a voz — se não estiver ciente do motivo de sua contenda e não possuir os meios de encerrá-la.

— Deixe para lá, deixe para lá — disse Mannering, inspecionando os revólveres. — Eu ia dizer que eu tenho uma Colt Army que você poderia usar, mas pensando bem… ela leva muito tempo para recarregar, e você não vai querer perder tempo com o tiro e com a pólvora. Não nessa chuva. Não se você nunca o fez antes. Nós daremos um jeito. Nós daremos um jeito.

Frost olhou para o cinto de Mannering.

— É uma coisa, não é? — disse Mannering, sem sorrir. Ele meteu os revólveres nos coldres, atravessou a sala até o cabideiro e tirou seu sobretudo do gancho de madeira. — Não se preocupe; veja, quando visto minha sobrecasaca e a abotoo, ninguém poderia dizer. Eu lhe digo, meu sangue está fervendo, Charlie. Aquele maldito china! Meu sangue está fervendo.

— Eu não compreendo por quê — disse Frost.

— *Ele* sabe o porquê — disse Mannering.

— Um momento — disse Frost. — Apenas deixe-me, apenas me fale uma coisa. O que exatamente está planejando?

— Nós daremos um susto naquele chinês — disse o magnata, enfiando os braços dentro da sobrecasaca.

— Que tipo de susto? — disse Frost, que havia percebido aquele pronome no plural com tremor. — E com que motivação?

— Esse chinês trabalha na Aurora — disse Mannering. — Esse é o trabalho dele, Charlie: a fundição que você mencionou.

— Mas qual é a sua discórdia com ele?

— É menos uma discórdia que um rancor.

— Oh! — disse Frost de súbito. — Você suspeita de que *ele* tenha matado o senhor Staines?

Mannering emitiu um ruído de impaciência que quase soou como um gemido. Ele removeu a sobrecasaca de Frost do cabideiro e a lançou ao homem; este agarrou-a, mas não fez movimento algum para vesti-la.

— Vamos — disse Mannering. — Estamos perdendo tempo.

— Por Deus — irrompeu o outro —, você poderia me fazer o favor de falar claramente? Eu preciso antes esclarecer minha história, caso estejamos a caminho de investir contra a maldita Chinatown!

(Frost arrependeu-se de seu dito tão logo começou a falar — pois ele não queria investir contra Chinatown sob nenhuma condição — esclarecida sua história ou não.)

— Não temos tempo — disse Mannering. — Eu lhe contarei no caminho. Vista sua sobrecasaca.

— Não — disse Charlie Frost, descobrindo, para sua surpresa, que conseguia reunir uma delicada firmeza e manter-se firme. — Você não está com pressa; está apenas agitado. Conte-me agora.

Mannering vacilou, o chapéu nas mãos.

— Esse sujeito chinês já trabalhou para mim — disse por fim. — Ele escavou a Aurora antes de eu vendê-la ao Staines.

Frost piscou.

— A Aurora era sua?

— E quando Staines a comprou — disse Mannering, assentindo —, o china continuou lá, escavando. Ele tem um contrato, entende? O nome dele é Johnny Quee.

— Eu não sabia que a Aurora lhe pertencera.

— Metade da terra daqui até o Grey pertenceu a mim, num ou noutro momento — disse Mannering, estufando um pouco o peito. — Mas, voltando. Antes de Staines, Quee e eu tivemos uma querela. Não, não exatamente uma querela. Eu tenho meu método de levar as coisas, apenas isso, e os chinas têm o deles. Eis o que

aconteceu. Toda semana eu tomava tudo o que Quee extraía, depois, é claro, de ter sido contabilizado, e o devolvia à concessão.

— Você o quê?!

— Eu o devolvia à concessão.

— Você estava salgando a própria terra! — disse Frost, com uma expressão de pasmo.

Charlie Frost não era um bom observador da natureza humana e, por conseguinte, sentia-se traído pelos outros com frequência. O ar de estratégia secreta com que geralmente falava não era fabricado, embora ele fosse inteiramente cônscio de seus efeitos; o ar provinha, em vez disso, de uma cegueira fundamental a toda experiência exterior. Frost não sabia ouvir a si mesmo como se ele fosse um outro alguém; ele não sabia como ver o mundo através dos olhos de outro homem; ele não sabia como contemplar a natureza de outro homem, exceto para compará-la, quer com inveja ou com piedade, à sua própria. Ele era um hedonista secreto, permanentemente envolto pelo casulo dos próprios sentidos, sempre atento às coisas que já possuía e às que tinha ainda por conquistar; sua subjetividade era abrangente e completa. Ele nunca era franco e nunca declarava suas motivações íntimas em esfera pública, e por isso era geralmente tomado por um pensador altamente objetivo, dotado de uma mente imparcial e uniforme. Mas não era esse o seu caso. O choque que ora expressava não era uma demonstração de indignação, tampouco desaprovador de alguma maneira: ele estava simplesmente desconcertado, tendo se equivocado ao perceber em Mannering apenas um mero homem de proventos invejáveis e saúde lamentável, cujos charutos eram sempre da mais fina procedência e cujo decantador nunca parecia secar.

Mannering encolheu os ombros.

— Eu não sou o primeiro homem a querer ter lucro e não serei o último — disse ele.

— Que vergonha — disse Frost.

Mas vergonha, para Mannering, era uma emoção que respondia apenas ao fracasso; não se podia fazê-lo compungir-se caso ele, segundo sua própria estima, não houvesse fracassado. Ele prosseguiu.

— Está certo, então você tem uma opinião sobre isso. Eis como aconteceu, no entanto. A atual concessão era inútil. Pouco melhor que uma pilha de restos. Depois de tê-la comprado, eu enterrei cerca de vinte libras de minério puro no cascalho, espalhando-o por toda parte, e em seguida ordenei a Quee que começasse a escavação. Quee encontrou-o, conforme previsto. Ao término da semana, ele foi pesá-lo no entreposto, como todos os outros camaradas. Isso foi antes da escolta do ouro, se você bem se lembra. Na época em que os bancários tinham seus postos ao longo do rio e os compradores trabalhavam sozinhos. Então, quando aparece minha reivindicação e pesam meu ouro, os bancários me perguntam lá mesmo se quero depositá-lo. Eu digo que não, ainda não; eu o levarei para casa, puro. De acordo com o que conto a eles, eu estou guardando-o para um comprador privado que irá exportá-lo a preço fixo. Ou algo assim; agora não me lembro. Bem, após o material ter sido pesado e o valor, registrado, eu recolho-o inteiro, aguardo pela proteção da escuridão, engatinho de volta à jazida e espalho-o uma segunda vez sobre o cascalho.

— Não posso acreditar — disse Frost.

— Acredite ou não, como quiser — disse Mannering. — Com os devidos créditos ao chinês, é claro: isso ocorreu talvez quatro ou cinco vezes, e a cada semana ele vinha com mais ou menos a mesma pilha. Ele encontrava tudo, não importasse o quanto eu revolvesse o cascalho, não importasse o quão fundo a areia sedimentasse, não importasse que tempo fizesse ou sabe-se lá mais o quê. Ele trabalhou como um troiano. Esta é uma coisa que digo sobre os chineses: quando se trata de trabalhar duro à moda antiga, não se pode queixar deles.

— Mas você nunca lhe contou o que estava fazendo.

Mannering estava pasmo.

— É claro que não — disse ele. — Confessar meus pecados? É claro que não confessei! Enfim. Aos olhos dos outros, parecia que a Aurora estava extraindo vinte libras por semana. Ninguém sabia que eram as mesmas vinte libras repetidas vezes! Ela apenas parecia ser uma concessão boa e estável.

Mannering iniciara seu relato em uma postura de certa exasperação, mas sua afinidade natural com a narração de histórias

não podia ser mantida sob controle por muito tempo, e lhe aprazia recontar uma prova de sua própria ingenuidade. Ele relaxou sua narrativa, martelando contra a perna a aba de sua cartola.

— Mas então Quee começou a perceber — disse ele. — Devia estar à espreita, ou talvez apenas tenha me descoberto. Então, o que ele, essa raposa ardilosa, faz? Começa a prensar o pó semanalmente em um pequeno crisol próprio. Então ele o leva já fundido ao entreposto do acampamento, moldado em um desses blocos de uma libra, aproximadamente desse tamanho. Não se pode jogar *isso* de volta às pedras!

"'Não importa', pensei. Eu tinha várias outras concessões à venda, e outras que estavam extraindo bom pó. Lá eu poderia fazer a misturação. Comecei então a depositar as esquadrias de Quee como se fossem rendimentos da concessão Inglaterra dos Sonhos, e toda semana eu salgava a Aurora como antes, usando, no entanto, o pó da Inglaterra dos Sonhos, não a de Aurora. Vê? A Aurora estava extraindo até então vinte libras semanais; era preciso que mantivesse essa mesma produção, senão pareceria que seu lucro estava decaindo, e assim eu não conseguiria o *meu* lucro, quando a repassasse.

"Mas então Quee ficou ciente também *disso* — prosseguia Mannering, levantando a voz numa cadência final — e o maldito diabo passou a gravar em suas pequenas esquadrias o nome da jazida: *Aurora*. Eu não as podia depositar sob a fachada da Inglaterra dos Sonhos sem levantar algumas suspeitas, não acha? Você acreditaria em mim? Com os diabos!

— Eu *não* acredito — disse Frost, que ainda se sentia deveras traído.

— Bem, aí está, enfim — disse Mannering. — A história é essa. Foi então que apareceu Emery.

— E?

— E o quê?

— Bem, o que aconteceu?

— Você sabe o que aconteceu. Eu lhe vendi a Aurora.

— Mas a jazida, segundo você, estava esgotada!

— Sim — disse Mannering.

— Você lhe vendeu uma jazida esgotada!

— Sim.

— Mas ele é seu amigo — disse Charlie Frost e, mesmo enquanto pronunciava essas palavra, ele as lamentava. Soava patético repreender um homem como Mannering por causa de *amizade*! Mannering achava-se no excelso meio-dia de sua vida. Era próspero, bem-vestido e possuía o maior e mais vistoso edifício da rua Revell. Pepitas de ouro pendiam da corrente de seu relógio. Ingeria carne em todas as refeições. Conhecera uma centena de mulheres — talvez mesmo um milhar — talvez até mais. Que lhe importavam as *amizades*? Frost viu-se ruborizar.

Mannering estudou o rapaz por um momento e então disse:

— Aqui está o cerne da coisa, Charlie. Uma fortuna de quatro mil libras, fundida, e cada pedaço dela inscrito com a palavra *Aurora*, simplesmente brotou na casa de um homem morto. Nós não sabemos por que e nós não sabemos como, mas sabemos quem foi, e esse alguém é meu velho amigo Quee, de Kaniere. Está certo? Por isso temos que ir a Chinatown. Para lhe fazer uma ou duas perguntas.

Frost ainda sentia que Mannering lhe escondia algo.

— Mas a fortuna em si — disse ele. — Como você a explica? Se a Aurora é uma jazida esgotada, então de onde veio todo esse ouro? E caso a Aurora *não* seja esgotada, quem então estaria falsificando os registros para fazê-la parecer como se nada valesse?

O magnata pôs o chapéu.

— Tudo que sei — disse ele, correndo o indicador e o polegar para cima e para baixo na aba — é que tenho uma dívida para cobrar. Ninguém faz Dick Mannering de tolo mais de uma vez e, da maneira como vejo, esse china teve uma boa chance de fazê-lo. Venha. Ou está se acovardando?

Homem algum gosta de ser chamado de covarde — menos ainda um homem que está se sentindo completamente covarde. Com uma voz fria, Frost disse:

— Não estou nem de longe acovardado.

— Ótimo — disse Mannering. — Sem ressentimentos, então. Venha.

Frost enfiou os braços dentro da sobrecasaca.

— Espero apenas que não cheguemos aos finalmentes — disse.

— Isso veremos — disse Mannering. — Isso veremos. Vamos, Holly, venha, garota! Upa! Temos negócios a resolver no desfiladeiro de Hokitika.

Φ

Enquanto Frost e Mannering saíam da Ópera Príncipe de Gales, puxando os chapéus por causa da chuva, Thomas Balfour virava na rua Weld, cerca de três quarteirões ao sul. Balfour despendera a última hora e meia na hospedaria Deutsches na rua Camp, onde uma pilha de chucrute, salsichas e molho escuro, uma cadeira defronte à lareira e um período de interrupta contemplação o ajudaram a focar-se novamente nos casos de Alistair Lauderback. Ele se retirou da Gasthaus revigorado e imediatamente tomou o caminho do escritório do *West Coast Times*.

As persianas por dentro dos caixilhos estavam cerradas, e a porta, fechada. Balfour tentou a maçaneta: trancada. Curioso, rondou até a parte detrás do edifício, até o pequeno apartamento onde Benjamin Löwenthal, o editor do jornal, vivia. Ele escutou um momento atrás da porta e, nada escutando, cautelosamente girou a maçaneta.

A porta abriu-se facilmente e Balfour deu de cara com o próprio Löwenthal, sentado em sua mesa com as mãos no colo — quase como se estivesse à espera de Balfour para que o tirasse de seu transe. Ele levantou-se, apressado.

— Tom — disse ele. — O que foi? Há algo errado? Por que não bateu?

A mesa na qual se sentava era precisamente uma de laboratório, de superfície pustulenta e gasta, marcada com tinta derramada e químicos; hoje no entanto, fora limpa dos detritos do ofício de Löwenthal e coberta com um pano bordado. Em seu centro havia um pequeno prato sobre o qual queimava uma vela robusta.

— Oh — disse Balfour. — Desculpe-me, Ben. Olá. Perdão. Perdão. Não tive a intenção de perturbar-lhe a… quero dizer, não tive a intenção de perturbá-lo.

— Mas você é muito bem-vindo! — disse Löwenthal, percebendo que Balfour não portava más notícias afinal de contas, mas que simplesmente passara para conversar. — Entre, saia da chuva.

— Não tive a intenção de interromper sua…

— Você não interrompeu nada. Entre, entre, feche a porta!

— Não é nada sobre *negócios*, exatamente — disse Balfour, como pedido de desculpas, ciente de que o domingo de Löwenthal era de descanso. — Não é nada sobre *trabalho*, exatamente. Apenas queria conversar com você sobre algo.

— Conversar com você nunca é trabalho — respondeu Löwenthal gentilmente, e em seguida, pela quarta vez, disse: — Mas você precisa entrar logo.

Finalmente Balfour adentrou e fechou a porta. Löwenthal voltou a seu lugar e juntou as mãos. Ele disse:

— Por muito tempo pensei que, para os judeus, o negócio de jornais fosse a ocupação perfeita. Sem edições aos domingos, veja só, de modo que combina perfeitamente com o sabá. Tenho pena de meus concorrentes cristãos. Eles devem passar os domingos montando os tipos e espalhando tinta, preparando-se para a segunda-feira; não têm descanso. Enquanto você vinha até aqui, era nisso que eu pensava. Sim, pendure sua sobrecasaca. Por favor, sente-se.

— Eu mesmo sou um homem da Igreja da Inglaterra — disse Balfour, que, como muitos daquela religião, se incomodava bastante com ícones de fé. Ele fitou a vela de Löwenthal com preocupação, quase como se seu anfitrião lhe houvesse mostrado um cilício ou um suplício de metal.

— O que está te preocupando, Tom?

Benjamin Löwenthal não estava nem um pouco desgostoso de ter sido interrompido em suas observâncias semanais, pois sua religião era de uma vertente muito confiante e não era da natureza dele duvidar de si mesmo. Ele com frequência quebrava de leve seus votos de sabá e não se castigava por isso — pois era consciente da distinção entre o dever que vem do temor e o dever que vem do amor; ele acreditava na acuidade da própria percepção e sentia que, sempre que quebrava as regras, fazia-o por razões

que eram justas. Ele também ficava (é preciso admitir) assaz inquieto após duas horas de oração sem alívio — pois Löwenthal tinha um espírito enérgico e não se mantinha por muito tempo sem estímulos externos.

— Ouça — disse então Balfour, pousando as pontas dos dedos na mesa defronte a ele. — Eu acabei de saber sobre Emery Staines.

— Ah! — disse Löwenthal, surpreso. — Somente agora? Devia estar com a cabeça enterrada na areia!

— Estive ocupado — disse Balfour, fitando a vela uma segunda vez, pois desde que era garoto não fora capaz de sentar diante de uma vela sem desejar tocá-la, correr o dedo indicador por sua flama até que o chamuscasse, moldar as beiradas macias onde a cera se aquecia, mergulhar a ponta do dedo na piscina derretida pelo calor e então retirá-la, lentamente, de modo que a cera formasse na almofada de seu dedo uma amarela cobertura que empalidecia e constringia à medida que esfriava.

— Muito ocupado para ouvir as notícias? — disse Löwenthal, atiçando-o.

— Um camarada está na cidade. Um político.

— Ah, sim, o honorável Lauderback — disse Löwenthal. Ele recostou-se em sua cadeira. — Bem, eu espero que ele esteja lendo meu jornal, mesmo que você não! Ele já apareceu bastante nas páginas.

— Sim, e com destaque — disse Balfour. — Mas ouça, Ben: eu queria lhe fazer uma pergunta. Eu passei no banco esta manhã e ouvi dizer que alguém está anunciando no jornal. Em nome do senhor Staines, implorando que volte. Posso perguntar quem foi que o anunciou?

— Certamente — disse Löwenthal. — Uma notícia é um caso público. E, de qualquer forma, ela deixou o número de uma caixa postal no pé do anúncio, como talvez você tenha observado; você apenas tem que ir aos correios e verificar as caixas, e lá irá ver o nome dela.

— Dela?

— Sim, isso lhe surpreenderá — disse Löwenthal. — Foi uma de nossas mulheres da noite! Você imagina quem?

— Lizzie? Lizzie, a irlandesa?

— Anna Wetherell.

— Anna? — disse Balfour.

— Sim! — disse Löwenthal, agora rindo à larga, pois ele possuía uma sensibilidade de informante e muito se deleitava quando lhe era permitido ocupar esta função. — Você não teria imaginado *isto*, não é? Ela veio ter comigo antes de dois dias de o senhor Staines ter desaparecido. Tentei persuadi-la a esperar mais alguns dias, parecia um desperdício pôr um anúncio pedindo pelo retorno de um homem que sumira há apenas dois dias. Ele podia simplesmente ter-se embrenhado desfiladeiro adentro ou cavalgado praia acima até o Grey, eu disse a ela. Ele podia retornar no dia seguinte! Assim disse a ela. Mas ela permanecia inflexível. Ela me contou que ele não tinha partido; ele tinha sumido. Estava muito firme nessa ideia. Ela usou essas mesmas palavras.

— Sumido — ecoou Balfour.

— A pobre garota havia sido julgada nas Cortes aquela mesma manhã — disse Löwenthal. — Que azar desgraçado ela teve esse ano. Ela é uma garota muito querida, Tom, muito prezada.

Balfour franziu o cenho: não gostava de ouvir dizer que Anna Wetherell era uma garota prezada.

— Não consigo imaginar — disse ele em voz alta e balançou a cabeça. — Não consigo imaginar os dois juntos. São como água e óleo.

— Água e óleo — ecoou Löwenthal. Ele obtinha prazer das expressões estrangeiras. — E quem é a água? Staines, suponho, porque ele possui um aluvião!

Balfour não parecia tê-lo escutado.

— Anna deu-lhe alguma pista do *porquê* de estar procurando por Staines? Quero dizer, por que…

— Ela estava tentando contatá-lo, é claro — disse Löwenthal. — Mas não foi isso o que você perguntou, imagino.

— Eu apenas queria… — mas Balfour não prosseguiu.

Löwenthal sorria.

— Não chega a ser um espanto, Tom! Se aquele sujeito demonstrou a ela a menor fração de afeição, *bem*…

— O quê?

O editor riu.

— Bem, você deve admitir: perto do senhor Staines, eu e você somos de fato muito grisalhos.

Balfour ficou carrancudo. Que importava um bocado de fios brancos? Um cabelo grisalho dignificava o homem.

— Eis a outra pergunta — disse ele, mudando de assunto. — O que você sabe de um homem chamado Francis Carver?

Löwenthal ergueu as sobrancelhas.

— Não muita coisa — disse ele. — Ouvi histórias, é claro. De um homem desse naipe sempre se ouvem histórias.

— Sim — disse Balfour.

— O que sei sobre Carver? — meditou Löwenthal, revolvendo na mente a pergunta. — Bem, sei que ele tem raízes em Hong Kong. Seu pai era algum tipo de financista, algo a ver com transações de mercadoria. Mas ele e o pai devem ter rompido, pois ele não é mais associado a uma empresa familiar. É um agente autônomo, não é? Um negociante. Talvez ele e o pai tenham rompido após ele ter sido condenado.

— Mas o que acha dele? — pressionou Balfour.

— A impressão que tenho dele não é, no fim das contas, muito elogiosa, suponho. Ele é primeiro filho de um homem rico e, depois, um condenado, mas talvez seja totalmente o inverso: eu creio que ele traz o pior de ambos esses mundos. Apesar de bandido, é condescendente. Ou, dito de outra maneira, leva uma vida de esbanjamentos, porém vil.

(Essa suma de um caráter era um procedimento quintessencial a Benjamin Löwenthal, que, em seu raciocinar, tendia sempre a colocar-se no papel do terceiro elemento elucidativo que atua em meio a duas forças opostas. Em suas avaliações de outros homens, Löwenthal primeiro identificava uma disparidade essencial na pessoa em questão, e então explicava como os polos dessa disparidade podiam apenas ser sintetizados na teoria — e pelo próprio Löwenthal. Sua sina era ver a dualidade inerente a todas as coisas — mesmo a de sua própria apreciação da dualidade de todas as coisas —, e era obrigado, por conseguinte, a adotar um rigoroso código pessoal de imperativos categóricos como medida de proteção contra aquilo que percebia ser um mundo de discrepâncias e de fluxos. Esse código pessoal era fleumático, reflexivo e

altamente fundamentado; era o único assento firme de onde podia contemplar essas dualidades sem fim, e dele dependia inteiramente. Ele tendia a ser descontraído em sua programação cotidiana, jocoso em sua religião e flexível em seus negócios — mas em relação a seus imperativos, ele não poderia equivocar-se, tampouco se daria por vencido.)

— Carver me aprontou uma recentemente — prosseguiu. — Há cerca de duas semanas, ele zarpou fora do horário programado. E no meio da noite. Bem, era um domingo, então as notícias de navegação já haviam sido publicadas, na edição de sábado. Mas já que a *Godspeed* não estava prevista para sair aquele dia, e porque a barca zarpou bem depois do pôr do sol, de algum jeito sua partida não foi registrada no diário da alfândega. Bem, ninguém me informou nada sobre o acontecido, e então sua partida também nunca apareceu no jornal. Tal como se o navio nunca tivesse deixado o ancoradouro! O capitão do porto ficou muito aborrecido.

— Domingo passado? — disse Balfour. — Foi o dia em que Lauderback chegou.

— Creio que sim. No dia 14.

— Mas Carver estava no vale Arahura naquela mesma noite!

Löwenthal olhou bruscamente para cima.

— Quem disse isso?

— Um sujeito maori. Seu nome é Tay alguma coisa. Um camarada um tanto novo; usa um enorme pingente verde. Falei com ele esta manhã na rua.

— Qual é a autoridade dele?

Balfour explicou que Te Rau Tauwhare e Crosbie Wells eram bons amigos e que Tauwhare vira Francis Carver entrar no chalé no dia da morte do eremita. No que tangia a Carver ter estado presente no chalé antes ou depois da morte de Wells, Balfour não sabia, mas Tauwhare lhe garantira que a visita de Carver ocorrera *antes* da de Lauderback — e Lauderback, segundo o próprio relato, chegara no chalé pouco após o evento da morte do eremita, pois, quando nele adentrou, a chaleira do falecido ainda fervia no fogão e a água ainda não evaporara. Depreendia-se, portanto, que Francis Carver estivera presente no chalé *antes* do falecimento de Crosbie Wells, e

que talvez (Balfour o percebera com um frêmito) ele houvesse até mesmo testemunhado sua morte.

Löwenthal cofiou o bigode.

— São notícias muito interessantes — disse ele. — A *Godspeed* partiu tarde da noite, muito depois do pôr do sol. Carver deve então ter voltado imediatamente para Hokitika pelo vale Arahura, ganhado o caminho diretamente ao navio e içado âncora, tudo antes do crepúsculo. Foi uma partida muito apressada, julgo eu.

— Macacos me mordam… — disse Balfour. Ele estava pensando no seu caixote desaparecido.

— E quando se considera que Staines desapareceu por volta da mesma hora…

— E Anna — disse Balfour, cortando-o. — Aquela foi a noite de seu colapso. Porque Lauderback encontrou-a, lembre-se, na estrada.

— Ah — disse Löwenthal. — Mais uma coincidência.

— *Você* pode dizer que apenas uma mente fraca presta-se a crer em coincidências — disse Balfour —, mas eu digo, *eu* digo, que uma série de coincidências não pode ser uma coincidência. Uma série delas!

— Não pode, de fato — disse Löwenthal, distante.

Dentro em pouco, Balfour disse:

— Mas quanto ao jovem Staines. É uma tremenda pena, isso é. Não adianta medir as palavras, Ben; ele foi assassinado, com certeza. Um homem não desaparece simplesmente. Um homem pobre, talvez. Mas não um homem de recursos.

— Hmm — disse Löwenthal, que não estava pensando em Staines. — Fico pensando no que Carver estava fazendo com Wells no Arahura. E do que ele fugia, no caso. Ou ao encontro do que ele ia. — O editor pensou um momento mais e então exclamou. — Quero dizer: *Lauderback* não está metido com Carver, está?

Balfour expeliu uma longa baforada.

— Bem, essa é a verdadeira pergunta — disse ele, com uma demonstração de extrema relutância. — Mas eu estaria traindo a confiança de Lauderback se eu lhe contasse. Eu estaria quebrando

minha promessa. — Ele fitou novamente o pavio da vela, torcendo para que seu amigo o urgisse a quebrar a promessa.

Infelizmente para Balfour, no entanto, o código moral de Löwenthal não aceitava o tipo de violação que Balfour se propunha perpetrar. Após estudar Balfour desinteressadamente por um momento, ele recostou-se em sua cadeira e mudou de assunto.

— Sabe — disse ele, falando em um tom mais animado —, você não é o primeiro homem a vir ao meu escritório e me perguntar sobre o anúncio publicado no jornal, aquele sobre Emery Staines.

Balfour olhou para cima, ao mesmo tempo desapontado e surpreso.

— Por quê? quem mais?

— Um homem veio no meio da semana. Na quarta-feira. Ou talvez na terça. Irlandês. Um clérigo. Mas não um católico; era um metodista, creio. Ele será o capelão da nova carceragem.

— Metodista Livre — disse Balfour. — Eu o conheci esta manhã. Aparência estranha. Dentes lamentáveis. Qual era o interesse dele nessa história?

— Mas se nem consigo recordar-lhe o nome… — murmurou Löwenthal, estalando os lábios.

— Por que ele tem interesse em Staines? — perguntou novamente Balfour, pois ele não sabia o nome do capelão e não o poderia dizer.

Löwenthal juntou as mãos novamente no tampo da mesa.

— Bem, foi um tanto esquisito — disse ele. — Aparentemente ele fora com o médico-legista ao chalé de Crosbie Wells para recolher o corpo.

— Sim, e então enterrou-o — disse Balfour, assentindo. — Cavou-lhe a cova.

— Devlin — disse Löwenthal, golpeando a mesa. — É o nome dele: Devlin. Mas não me lembro do primeiro nome. Dê-me mais um minuto.

— Mas de toda forma — disse Balfour —, como eu estava perguntando: o que *ele* tem a ver com Staines?

— Eu não sei exatamente — admitiu Löwenthal. — De nossa breve conversa, apreendi que ele precisava muito urgentemente falar com o senhor Staines, sobre a morte de Crosbie Wells ou

sobre algo relacionado à morte de Crosbie Wells. Mas não saberia dizer mais que isso. Eu não perguntei.

— É uma pena que não tenha perguntado — disse Balfour. — É um fio pendente, é o que é.

— Ora, Tom — disse Löwenthal, com um repentino sorriso —, você soa como um detetive!

Balfour ruborizou-se.

— Eu não, de verdade — disse ele. — Eu estou apenas tentando esclarecer uma coisa.

— Esclarecer uma coisa... para seu amigo Lauderback, que o condenou ao silêncio!

Balfour lembrou que o clérigo também entreouvira a história de Lauderback naquela mesma manhã, e esta lembrança fez com que se agitasse, alarmado: de fato *havia* um fio pendente, pensou ele. Realmente, Lauderback deveria ter sido mais prudente ao falar de assuntos tão privados em lúgar público!

— Bem — disse ele, eriçando-se —, não é esquisito? Este camarada, Devlin…

— Cowell Devlin — disse Löwenthal. — É o nome dele: eu sabia que logo me viria à cabeça. Cowell Devlin. Sim: dentes lamentáveis.

— Seja quem for, eu nunca o havia visto — disse Balfour. — Por que de repente está tão preocupado com Emery Staines? Não lhe soa esquisito?

— Oh, muito esquisito — disse Löwenthal, ainda sorrindo. — Muito esquisito. Mas você está fervendo sob o colarinho, Tom.

Balfour de fato ficara muito corado.

— É por causa de Lauderback — começou ele, mas Löwenthal balançou a cabeça.

— Não, não: não o farei quebrar a confiança — disse ele. — Eu apenas o atiçava. Mudemos de assunto. Não farei perguntas.

Mas Thomas Balfour desejava *ardentemente* que Löwenthal fizesse perguntas. Ele estava deveras pronto para trair a confiança de Alistair Lauderback e muito almejara que, ao simular não lhe ser permitido revelar o segredo do político, instigasse Löwenthal a implorar-lhe que assim o fizesse. Mas evidentemente Löwenthal não participava desse tipo de jogo. (Talvez não o desejasse, ou talvez

não soubesse que o desejava.) Balfour sentiu-se asfixiado. Desejara ter se sentado e contado a história de chantagem de Lauderback e proposto vingança, franca e desabridamente. Agora, ele teria que ausentar-se sem se ter informado de absolutamente nada — pois ele não se prestaria a narrar-lhe a história agora, após o editor lhe ter assegurado que não a queria conhecer!

Precisamos intervir para observar que essa fora uma autocensura lamentável; pois, se Balfour tivesse recontado a história de Lauderback na íntegra, os eventos de 27 de janeiro poderiam ter-lhe ocorrido, e também a um número de outros homens, de maneira assaz diferente. Impelido por certos particulares da história de Lauderback, Löwenthal teria se lembrado de um evento que não tivera motivo para recordar durante meses: uma memória que teria sido de grande auxílio às investigações de Balfour sobre Carver, ajudando a explicar, ao menos em parte, seu misterioso empréstimo do sobrenome Wells.

Da maneira como se deu, no entanto, Balfour não narrou a história de Lauderback e a memória de Löwenthal não foi incitada, e logo Balfour, levantando-se da mesa salpicada, não tinha escolha senão agradecer o amigo e dar-lhe adeus — sentindo, tal qual Löwenthal também o sentia, que essa conversa tinha sido um desapontamento, tendo servido apenas para suscitar suas esperanças para, em seguida, frustrá-las. Löwenthal voltou à quieta contemplação de sua fé, e Balfour, ao lodaçal da rua Revell, onde os sinos soavam as três e meia; o dia transcorria.

Mas avante também transcorre a esfera externa — o presente infinito, que contém o passado finito. Esta história vem sendo narrada, com muitas alusões e repetida ênfase, a Walter Moody — e Benjamin Löwenthal, que também está presente no salão de fumantes do Crown Hotel, ora ouve trechos da história pela primeira vez. Súbito, vem-lhe à mente um episódio que ocorrera cerca de oito meses antes. Quando Thomas Balfour faz uma pausa para beber, como o faz agora, Löwenthal dá um passo adiante, ao redor da mesa de bilhar, e levanta sua mão para indicar que deseja intervir. Balfour convida-o para que o faça, e Löwenthal começa a narrar a lembrança que recentemente lhe surgiu, falando com a emudecida solenidade de quem traz notícias importantes.

Eis o seu relato.

Em uma manhã do mês de junho de 1865, um homem de cabelos escuros e cicatriz na bochecha adentrou o pequeno escritório de Löwenthal na rua Weld e pediu que um anúncio fosse publicado no *West Coast Times*. Löwenthal concordou, tomou de sua pena e perguntou ao homem o que queria anunciar. O homem respondeu que havia perdido um caixote de transporte que continha itens de grande valor pessoal. Ele recompensaria com a quantia de vinte libras quem lhe reavesse o caixote — ou cinquenta, caso lhe fosse devolvido o caixote sem ter sido violado. Ele não disse o que havia no caixote, além do fato de que seu valor pessoal era significativo; ele falava grosseiramente e com palavras ordinárias. Quando Löwenthal lhe perguntou o nome, ele não respondeu. Em vez disso, puxou do bolso uma certidão de nascimento e deitou-a na mesa. Löwenthal anotou seu nome — sr. Crosbie Francis Wells — e inquiriu-o, finalmente, sobre aonde preferia direcionar os respondentes, caso realmente fosse encontrado seu caixote. O homem ditou um endereço no cais Gibson. Löwenthal registrou-o, preencheu uma fatura, recolheu seu pagamento e então desejou ao homem bom-dia.

Pode-se perguntar (e, de fato, Moody *perguntou*) como Löwenthal poderia ter tanta certeza dos detalhes precisos do episódio, dado que a lembrança somente lhe retornara agora, quase oito meses depois, e dado que não tivera oportunidade alguma de verificar-lhe os detalhes. Como Löwenthal poderia ter certeza, primeiramente, de que o homem que pôs o anúncio ostentava, de fato, uma cicatriz na bochecha? Em segundo lugar, de que esse episódio ocorrera em junho do ano anterior? E em terceiro, de que o nome na certidão de nascimento era, sem sombra de dúvida, Crosbie Francis Wells?

A resposta de Löwenthal foi cortês, mas assaz prolixa. Ele explicou a Moody que o *West Coast Times* fora fundado em maio de 1865, cerca de um mês depois da chegada de Löwenthal à Nova Zelândia. Na primeira tiragem, a circulação do jornal era de meros vinte exemplares, um para cada um dos dezoito hotéis de Hokitika, um para o mais recente magistrado nomeado e um para o próprio Löwenthal. (Dentro de um mês, e acompanhando a aquisição de

uma prensa a vapor, a tiragem de Löwenthal expandira-se para duzentos exemplares; agora, em janeiro de 1866, ele imprimia quase mil exemplares de cada edição e contratara dois funcionários.) A fim de anunciar aos assinantes que o *Times* havia sido a primeiríssima gazeta de Hokitika, Löwenthal emoldurou a primeira edição do jornal e pendurou-a em seu escritório. Ele lembrava-se portanto da exata data da fundação do jornal (o dia 29 de maio de 1865), pois via toda manhã essa edição emoldurada. O homem em questão, explicou Löwenthal, certamente o procurara em algum momento de junho, pois a prensa a vapor de Löwenthal fora entregue no primeiro dia de julho e ele distintamente se lembrava de ter montado em sua velha prensa manual o anúncio do homem com cicatriz.

Como sua memória podia ser tão lúcida quanto a este ponto? Bem, ao montar os tipos, Löwenthal descobrira que duas polegadas quadradas (o tamanho de praxe para uma coluna de anúncios, e o tamanho pelo qual o homem com cicatriz pagara) não eram suficientes para a mensagem: o anúncio tinha uma palavra sobressalente que não cabia no espaço disponível da coluna. A menos que Löwenthal embaralhasse os anúncios repetidos e mudasse o formato do jornal, ele seria forçado a criar o que os tipógrafos chamam de “viúva”: ou seja, a última palavra de um texto (que no caso era “Wells”) ficaria isolada no topo de uma terceira coluna, produzindo um efeito indesejável e até confuso na mente do leitor. No momento em que Löwenthal descobriu o problema, o homem com cicatriz já há muito deixara seu escritório, e Löwenthal estava indisposto para sair às ruas em seu encalço. Em vez disso, procurou por uma palavra para remover, decidindo por fim a extirpar-lhe o nome do meio, Francis. Essa omissão evitaria a criação de uma “viúva” e pouparia o formato da coluna.

O *West Coast Times* rodou de manhã cedo no dia seguinte, e pouco antes do meio-dia o homem com cicatriz voltou. Ele insistiu — embora não houvesse declarado o motivo — em que era da maior importância ter seu nome do meio incluso no anúncio. Ele muito se ofendera por Löwenthal ter-lhe removido o nome sem lhe avisar e expressou seu descontentamento com a mesma clara grosseria com a qual primeiro rogara pela ajuda do editor. Löwenthal,

desculpando-se profusamente, imprimiu o anúncio mais uma vez — e, depois, outras cinco vezes, pois o homem pagara por uma semana de classificado, e Löwenthal julgou prudente, sob as circunstâncias, oferecer-lhe de graça uma sétima reimpressão.

Portanto, tal como Löwenthal explicara a Moody, ele estava certo tanto da data do episódio quanto do nome completo daquele homem: Crosbie Francis Wells. O episódio destacava-se em sua mente: é sempre de seu primeiro erro que um empreendedor se lembra ao retraçar as origens de sua empresa, e o desgosto de um patrão nunca é facilmente esquecido quando ele conduz seus negócios com responsabilidade.

Isso deixava em aberto somente a descrição do homem — pois como Löwenthal poderia garantir que o homem em questão de fato ostentava uma cicatriz na bochecha, tal qual o ex-presidiário Francis Carver certamente *possuía*, e tal qual o eremita conhecido como Crosbie Wells certamente *não*? Sobre este último ponto, Löwenthal reconheceu não ter certeza. Porventura ao recordar-se do episódio ele tenha sobreposto uma memória diferente de um homem com cicatriz. Mas ele queria acrescentar que seus poderes de recordação eram sólidos por natureza e que conseguia imaginar, de forma muito nítida, aquele homem em sua mente; ele lembrou-se de que o homem segurava uma cartola e que a pressionava entre as palmas das mãos enquanto falava, como se desejasse comprimi-la até virar uma mera folha de feltro. Esse detalhe, certamente, não poderia ser falso! Löwenthal declarou que se dispunha a apostar uma decente quantia de dinheiro no fato de que o homem do qual se lembrava *tinha*, de fato, uma cicatriz, em formato de foice, na bochecha — e que possuía ainda uma certidão de nascimento que trazia o nome Crosbie Francis Wells. Löwenthal reconheceu, no entanto, que nunca conhecera o eremita, Crosbie Wells, em vida, e que não podia imaginar-lhe as feições, porque imagem ou esboço algum do falecido lhe havia sobrevivido.

Essa nova informação, como se pode imaginar, provocou uma verdadeira cacofonia de exclamações e suposições no salão de fumantes do Crown Hotel, e não se retomou a narrativa tão cedo. Porém, devemos deixá-los no presente e rumar adiante, para o passado.

Φ

O serviço de balsa que servia entre Kaniere e a foz do rio Hokitika não fora interrompido devido ao tempo inclemente, embora a clientela escasseasse; os barqueiros, não tendo a quem escoltar nem tarefas pendentes, se sentavam no vasto armazém adjacente ao cais, fumando cigarros e jogando uíste. Não pareciam nem um pouco dispostos a abandonar a jogatina e aventurar-se sob a chuva e cobraram uma tarifa que refletia esse descontentamento. Mannering aceitou a quantia de pronto, e os barqueiros foram obrigados a abandonar as cartas, apagar os cigarros e começar a empurrar o barco na água.

Kaniere ficava somente a cerca de quatro milhas rio acima, uma distância que seria percorrida em pouco tempo na volta, quando os remadores não mais precisavam ir contra a corrente; a jornada terra adentro, no entanto, poderia facilmente levar até uma hora, dependendo do movimento do rio, do vento e do repuxo da corrente. Mineiros que viajavam para cima e para baixo entre Kaniere e Hokitika geralmente percorriam a distância de coche ou a pé, mas o coche já passara e partira, e o tempo os indispunha a caminhar.

Mannering pagou a tarifa e, dentro em pouco, ele e Frost achavam-se sentados na popa de um bote pintado (na verdade, era um bote salva-vidas recuperado de um naufrágio), com a cadela pastor Holly entre eles. Os remadores empurraram o banco de areia com as pás, e fortemente; em breve o bote ia rio acima.

Sentando-se com as costas apoiadas na popa, Frost e Mannering logo se viram cara a cara com os remadores, que eram mais como um par de timoneiros gigantescos e bem-vestidos; a distância entre eles se estreitava a cada inclinada dos remadores para golpear a água. Os dois, portanto, não falaram sobre o assunto que estavam prestes a tratar, pois fazê-lo seria segredá-lo aos remadores. Em vez disso, Mannering encetou um palavrório muito invariável sobre o tempo, as Américas, o solo, o vidro, o desjejum, a mineração por eclusa, as madeiras nativas, o teatro naval do Báltico e a vida nas jazidas. Frost, propenso ao enjoo marítimo, mal se mexia, exceto para periodicamente alcançar o chapéu e varrer-lhe da aba as gotas que se agrupavam debaixo dela. Ele respondia à

tagarelice de Mannering apenas com murmúrios ininteligíveis de assentimento.

Na verdade, Frost estava com muito medo — e progressivamente com mais medo, à medida que cada golpe de remo empurrava o bote para mais perto do desfiladeiro. O que lhe passara na cabeça quando afirmou não ser covarde, quando de fato era tão covarde quanto um homem podia ser? Ele poderia facilmente ter fingido que o esperavam de volta no banco! Mas agora ele solavancava em cima de três polegadas de água turva, tremendo, desarmado e despreparado — o momento mal escolhido no duelo de outro homem —, e para quê? Qual era a *sua* querela com o chinês Quee? Qual era o *seu* rancor? Ele nunca na vida deitara os olhos naquele homem! Frost alcançou o chapéu para espanar-lhe a aba.

O rio Hokitika abria caminho através de planícies de cascalho cujas pedras eram homogeneamente redondas e polidas. As margens do rio eram franjadas do escuro dos arbustos, estando a folhagem ainda mais escurecida pela chuva; as colinas acima deles formigavam de nuvens instáveis. Tinha-se a sensação, ao espreitá-las, de que ali a distância era medida em estágios: as altas *kahikatea*, sobressaindo dos arbustos, mostravam-se verdes em primeiro plano, azuis a uma distância média e cinzentas no cume das montanhas, onde se mesclavam à tonalidade da névoa. Os Alpes estavam encobertos, mas em um dia bom (como observou Mannering) eles seriam bastante visíveis, tal qual uma alva cordilheira contra o firmamento.

O bote seguia em frente. Eles foram ultrapassados por uma canoa, navegando rapidamente rio abaixo, transportando um agrimensor barbudo e dois guias maoris — que ergueram seus chapéus, muito alegremente, e Mannering fez o mesmo. (Frost não queria arriscar mover-se.) Depois disso, nada transcorreu; apenas as margens sobressaltando-se; a chuva açoitando a água. As gaivotas que os seguiam desde a foz do rio perderam interesse e voltaram. Cerca de vinte minutos se passaram, o bote contornou um ângulo — e então, tal qual uma lamparina subitamente ilumina um aposento, houve ruído e agitação ao redor deles.

O povoamento de barracas de lona de Kaniere localizava-se a meio caminho entre Hokitika e as concessões do interior. O terreno em volta do povoamento era bastante plano, esburacado com uma verdadeira eclusa de barrancos e riachos, todos sustentando pedras e cascalho que caíam dos Alpes em direção ao mar; o som de água corrente aqui era permanente, como um bramido distante, um estalido, um borbotão, um tamborilar. Como um agrimensor já observara anteriormente, na costa, onde água houvesse, ouro havia — e havia água por todo lado, água gotejando das samambaias, água emperolando os galhos, água robustecendo os musgos que pendiam das árvores, água preenchendo as pegadas, brotando.

Aos olhos de Frost, o acampamento em Kaniere formava uma imagem deveras tétrica. As barracas dos mineiros, dispostas em fileiras tortas, curvavam-se sob o peso da chuva sem fim; muitas já haviam desabado completamente. Cordas balançavam para a frente e pra trás entre elas, carregadas de bandeiras e roupas sujas molhadas. Várias das barracas haviam sido assentadas com um calço improvisado feito de xisto e argila, e iam melhor que as outras; um grupo de empreendedores pensara em pendurar uma segunda folha de lona nas árvores acima deles, como um toldo auxiliar. Pregadas aos troncos das árvores havia placas pintadas anunciando todo tipo de entretenimento e bebidas. (Um homem não precisava de nada além de um toldo e uma garrafa para abrir uma vendinha de tragos, ainda que ele fosse levar uma multa e até uma detenção, caso fosse pego pela lei; a maior parte da bebida vendida dessa maneira era fermentada no acampamento. Charlie Frost uma vez bebera do goró de Kaniere, apenas para em seguida cuspi-lo com desgosto. A bebida era oleosa, ácida no paladar e espessa devido a fibras da matéria-prima; ela cheirava, pensou ele, a emulsão fotográfica.)

Frost maravilhou-se por a chuva não ter conduzido os mineiros para dentro; seus espíritos, na verdade, mal pareciam ter-se umedecido. Eles estavam aglomerados na ribeira, alguns deles garimpando, ajoelhados na água, outros chacoalhando suas eclusas, outros ainda limpando seus potes, tomando banho, lavando sua roupa, entrançando cordas e cerzindo na orla. Todos trajavam a gabardina, a sarja e o brim habituais aos mineiradores. Alguns deles

ostentavam faixas na cintura, à moda pirata da época, e a maioria trazia chapéus achatados com abas caídas. Gritavam de lá para cá uns aos outros enquanto trabalhavam, parecendo não notar a chuva. Por trás da gritaria podia-se ouvir o tradicional burburinho do ofício — o repique do machado a golpear, risadas, assovios. Uma fumaça azulada pairava no ar e dispersava-se sobre o rio em lufadas preguiçosas. O som de um acordeão ondeava de dentro das matas, e de algum lugar longínquo vinha um bramido de aplauso.

— Sossegado, não é? — disse Mannering. — Até mesmo para um sábado.

Frost não achava aquilo nada sossegado.

— Nenhum homem aqui fora — disse Mannering.

Frost podia ver dezenas de homens — talvez centenas.

O panorama que se lhes exibia representou para Charlie Frost sua primeira impressão de Kaniere — e de fato, sua primeira impressão dos arredores de Hokitika em geral, pois desde a primeira vez que cruzara o banco de areia de Hokitika, sete meses antes, ele nunca se aventurara rumo ao interior, nem tampouco, à beira-mar, ele fora além da alta planície de Seaview. Embora frequentemente lastimasse a precariedade de seus recursos, ele sabia, bem lá no âmago, que seu espírito não fora talhado para aventuras; agora, enquanto observava um homem arrastar um galho até uma fogueira ínfima na beira do rio e depositar uma forma corpórea no leito escuro de cinzas, provocando um rechinar de fumaça, que o engoliu, negra, de tal forma que ele começou a tossir da maneira terrível e dilacerante de um homem que não vai durar por mais muito tempo neste mundo, Frost sentiu seu conservadorismo totalmente justificado. Kaniere, disse para si, era um lugar miserável, esquecido por Deus.

A balsa atracou no baixio e a quilha do bote salva-vidas se enterrou nas pedras. Os remadores dianteiros pularam e arrastaram o bote da água, de modo que Mannering e Frost pudessem alçar-se para fora dele sem molhar as botas — uma cortesia desnecessária, pois suas botas já estavam muito molhadas. A cadela saltou sobre a amurada e caiu de barriga na água.

— Palavra! — disse Mannering, enquanto se içava até as pedras e esticava as costas. — Eu devia ter trocado de calças. Não

é um bom dia para peças finas. Não é, Charlie? Faz um dândi de tolo. Palavra!

Ele percebera que Frost estava amuado e tentava gracejar. Pois, embora sentisse que suportar uma boa dose de sobressalto faria muito bem a Frost (a compostura de Frost tinha um aspecto pedante que exasperava Mannering ao extremo), ele desejava permanecer, como antes, nas boas graças do garoto. Mannering era competitivo por natureza, e entre os muitos troféus hipotéticos que disputava diariamente havia um gravado com os nomes de cada um de seus associados. Fosse algum dia forçado a optar pela benevolência ou pela conivência de outro homem, ele teria preferido esta última, não importasse o preço. Ele não se abrandaria em relação a Frost, que já era brando o bastante, e garantiria que o garoto permanecesse em seu devido lugar, mas ele não era tão orgulhoso a ponto de recusar uma mão gentil — mesmo porque a gentileza lhe era tão patentemente ansiada.

Mas Frost não respondeu. Ele estava perplexo observando uma tenda piramidal de calicô que mal abrigaria três homens deitados lado a lado ostentar uma placa pintada à mão onde se lia “Hotel”; ele estava ainda mais perplexo observando um minerador desabotoar as calças e aliviar-se, à vista dos colegas todos, nas pedras da ribeira. Ele recuou — e então, para susto seu, ouviu risadas. Um par de mineiros, sentados debaixo de um toldo com moldura de madeira a cerca de dez metros da atracagem da balsa, vinha observando a aproximação do bote salva-vidas. Evidentemente, acharam muito divertido o horror de Frost; um deles tirou o chapéu e o outro saudou-o com uma troça.

— Veio dar uma espiadela?

— Que é isso, Bob. Ele veio lavar roupa no rio. O único problema é que ele se esqueceu de sujá-la antes!

Os homens riram novamente — e Frost, ruborizado, voltou-se para o outro lado. Era verdade que sua vida fora circunscrita pelo duplo compasso do dever e do hábito; era verdade que não viajara, nem pensara fazê-lo; era verdade que sua sobrecasaca fora escovada aquela manhã e seu colete estava limpo. Ele não se envergonhava dessas coisas. Mas Frost passara a infância em um local sem outras crianças e não entendia provocações. Se um

homem fizesse troça à sua custa, ele não saberia como revidar. Seu rosto ficava quente, e sua garganta, apertada, e não lhe restava senão sorrir, constrangido.

Os remadores haviam levantado o bote salva-vidas para fora da água. Eles consentiram em transportar os dois de volta a Hokitika dentro de duas horas (“Duas horas”, pensou Frost, com o coração apertado) e em seguida tiraram na sorte para determinar qual dos dois permaneceria no bote. O azarado sentou-se, desapontado; os outros, tilintando suas moedas, desapareceram mato adentro.

Os dois homens defronte ainda riam.

— Peça-lhe uma pitada de rapé — disse o primeiro mineiro ao companheiro.

— Pergunte a ele com que frequência escreve para casa... lá em Mayfair.[4]

— Pergunte a ele se sabe rolar as mangas até depois do cotovelo.

— Pergunte a ele o ordenado de seu pai. Ele ficará contente em responder!

Era desesperadoramente injusto, pensou Frost — uma vez que ele nunca estivera em Mayfair, uma vez que seu pai era um homem pobre, uma vez que, ali, era *ele* o neozelandês! (Mas esse apelo soava tolo; não se dizia que alguém era “britanês”.) Seu próprio ordenado era pífio quando se considerava a grande porção que ele mensalmente desviava à bolsa do pai. Quanto ao terno que ora vestia, adquirira-o com o próprio salário; ele mesmo escovara-o naquela manhã! Além disso, com frequência rolava as mangas acima dos cotovelos. Os punhos de sua camisa estavam abotoados, assim como também os dos mineiros; ele comprara essa camisa dos fornecedores de Hokitika, tal como viera. Frost desejava declarar tudo isso — mas, em vez disso, ele ajoelhou-se e soergueu as mãos, palmas para cima, para que a cadela as lambesse.

— Podemos ir andando? — disse ele a Mannering em voz baixa.

— Só um instante.

Tendo devolvido sua bolsa ao bolso interno, Mannering agora remexia nos botões de seu sobretudo — pois ele não conseguia decidir-se por deixar apenas o último botão solto, o que melhor lhe

facilitaria o acesso às suas pistolas, ou apenas o primeiro, o que melhor as ocultaria da vista alheia.

Frost lançou outro olhar nervoso ao seu redor — evitando o olhar dos mineiros debaixo do toldo. A trilha desde a atracagem da balsa bifurcava-se distante das árvores — uma indicava caminho rumo ao leste, e a outra ao sudeste, na direção do desfiladeiro de Hokitika. Para além da margem sul do rio jazia uma miscelânea de concessões que incluíam, entre outras, a jazida Aurora. Frost não sabia de nada disso; na verdade, ele nem sequer conseguiria apontar para o norte, caso o pedissem. Ele procurou por algum sinal que porventura os conduzisse a Chinatown, mas não havia nenhum. Ele não via rostos chineses na multidão.

— Por ali — disse Mannering, como se ouvisse seus pensamentos; ele acenou com a cabeça na direção leste. — A montante. Nada muito longe.

Frost prendera a cadela entre os joelhos; ele agora massageava seu pelo molhado, mais para recuperar sua confiança que para o prazer da cadela.

— Não deveríamos combinar… algum tipo de plano? — arriscou ele, semicerrando os olhos ao outro homem.

— Não é necessário — disse Mannering, afivelando um pouco mais alto seu cinto.

— Não é necessário um plano?

— Quee não possui uma pistola. Eu possuo duas. Esse é o único plano de que *eu* preciso.

Frost não ficou totalmente aliviado. Ele libertou Holly — ela desgarrou-se imediatamente dele — e estacou.

— Você não vai atirar num homem desarmado.

Mannering decidira por afrouxar o botão de cima.

— Pronto — disse ele. — Assim está melhor. — Ele alisou o traje sobre o corpo.

— Não me escutou?

— Eu o escutei — disse Mannering. — Pare de se afligir, Charlie. Assim só acabará chamando atenção.

— Você poderia me responder, caso queira abrandar minha aflição — disse Frost em uma voz quase esganiçada.

— Ouça — disse Mannering, virando-se para encará-lo, por fim. — Nos últimos cinco anos, paguei chineses para trabalhar em minhas concessões, e se há algo que eu posso lhe dizer, é isto. Eles vão atrás daquele fumo tal como um faiscador[5] vai atrás de prostitutas, e sem exceções. A essa hora de um sábado, todo homem de pele amarela deste lado dos Alpes está deitado entorpecido com o ópio dentro dos olhos. Você poderia andar por Chinatown e, com os pés nas costas, amarrá-los um a um. Está certo? Não haverá motivo para violência. Não haverá necessidade de arma nenhuma. Elas são apenas para exibir. Contam como vantagem para nós, Charlie. Quando um homem está empachado de ópio, é como se ele fosse feito somente de água. Lembre-se disso. Ele torna-se inútil. Ele vira uma criança.

Sol em Capricórnio

Em que Gascoigne relembra seu primeiro encontro com a prostituta; várias costuras são descosidas com uma faca; a exaustão cobra seu pedágio; e Anna Wetherell faz um pedido.

Ao observar Anna e Gascoigne pela fresta na porta, Joseph Pritchard vira apenas aquilo que ele mesmo mais almejava — amor e honesta compaixão. Pritchard era solitário e, como a maioria das almas solitárias, via casais felizes em todo lugar. Naquele momento — enquanto o corpo de Anna dobrava ao encontro do peito de Gascoigne, e este envolvia os braços em torno dela, e a erguia, e pressionava a bochecha contra seus cabelos —, Pritchard, com as mãos frouxas e em concha em volta da maçaneta da porta, não ficaria consolado em saber que Aubert Gascoigne e Anna Wetherell eram meros (e muito simples) amigos. A solidão não pode ser tranquilizada por meio da comparação. Até mesmo uma amizade teria parecido a Pritchard um banquete atrás de uma vidraça; até mesmo a menor das caridades o teria deixado com água na boca e desejoso.

As suposições de Pritchard em relação a Gascoigne haviam sido formadas com base num conhecimento bastante limitado — em apenas uma conversa, na verdade. A julgar pelo comportamento altivo e pelo impecável padrão do seu vestir, Pritchard supusera que Gascoigne ocupava uma posição de certa influência na Corte dos Magistrados, mas a realidade era que as responsabilidades do funcionário eram poucas. Sua principal tarefa consistia no recolhimento diário das fianças na carceragem do acampamento de polícia. Além dessa incumbência, suas horas eram gastas registrando pagamentos, fiscalizando faturas de concessões de mineração, tomando nota de queixas e, às vezes, cumprindo encargos em nome do Comissário. Era uma posição subalterna, mas Gascoigne era novo na cidade; contentava-se em estar

empregado e confiava que não levaria para casa um ordenado de lacaio por muito mais tempo.

Gascoigne estava em Hokitika havia menos de um mês quando encontrou Anna Wetherell pela primeira vez, jazendo algemada no chão da carceragem de George Shepard. Ela estava sentada com as costas contra a parede e as mãos no colo. Seus olhos estavam abertos e reluziam de febre; seus cabelos se haviam desgarrado do grampo e grudado às bochechas com a umidade. Gascoigne ajoelhou-se diante dela e, num impulso, estendeu-lhe a mão. Ela agarrou-a e puxou-o ainda mais perto, fora da vista do carcereiro, que estava sentado à porta com uma espingarda nos joelhos. Ela sussurrou-lhe:

— Eu posso pagar minha fiança, eu posso arrecadá-la, mas você tem de confiar em mim. E não pode lhe dizer agora.

— Dizer a quem? — também a voz de Gascoigne reduzira-se a um murmúrio.

Ela acenou com a cabeça na direção do diretor Shepard, sem tirar os olhos de Gascoigne. Seu punho cingiu ainda mais a mão dele, e ela guiou-a ao próprio peito. Ele estava perplexo; quase se desvencilhara da mão — mas então ele sentiu que ela o guiava para que tateasse algo. Algum artefato se acondicionava em seu tórax, por debaixo do tecido. Assemelhava-se a uma malha metálica, pensou Gascoigne — mas nunca na vida havia ele tocado uma malha metálica.

— Ouro — sussurrou ela. — É ouro. De cima a baixo nas barbatanas do espartilho e no forro e em todo lugar. — Seus olhos escuros procuravam-lhe o rosto, em súplica. — Ouro — disse ela. — Eu não sei como veio parar aqui. Estava aqui quando acordei, costurado por dentro.

Gascoigne franziu o cenho, tentando compreender.

— Você deseja pagar a fiança com ouro?

— Não consigo removê-lo — murmurou ela. — Não aqui. Não sem uma faca. Ele foi todo costurado por dentro.

Seus rostos praticamente se tocavam; ele podia sentir o doce aroma posterior do ópio, como uma apetitosa sombra no peito dela. Ele murmurou:

— O ouro é seu?

Um olhar desesperado atravessou o rosto dela.

— Que diferença faz? É dinheiro, não é?

A voz de Shepard soou de seu canto.

— A prostituta o está retendo, senhor Gascoigne?

— Absolutamente — disse Gascoigne. Ela o soltou e ele levantou-se, recuando um passo. Ele puxou da algibeira uma bolsa, em sinal de fingida indiferença, de fingida resolução. Ele pesou a bolsa na mão.

— Você pode lembrar a senhorita Wetherell de que nós não aceitamos fiança apenas em promessa — disse Shepard. — Ou ela nos entrega o dinheiro aqui e agora, ou ela permanece aqui até que alguém a arrecade por ela.

Gascoigne estudou Anna. Ele não tinha por que acatar o pedido daquela mulher ou acreditar que a dura couraça que sentira em volta de seu espartilho fosse ouro, como ela afirmava. Ele sabia que deveria denunciá-la para o carcereiro imediatamente, sob a alegação de que ela tentara distraí-lo de seu dever. Ele deveria ter-lhe rompido o espartilho com a faca de caça que levava na bota — pois, caso ela estivesse carregando ouro puro no corpo, certamente não lhe pertencia. Ela era uma prostituta. Ela havia sido detida por intoxicação em público. Seu vestido estava nojento. Ela fedia a ópio e havia sombras violáceas debaixo de seus olhos.

Mas Gascoigne a esquadrinhava com piedade. Seu moral era de um cavalheirismo inato; dedicava profunda simpatia às pessoas em circunstâncias desesperadas, e a angústia arregalada de seu apelo comovera tanto sua piedade quanto sua curiosidade. Gascoigne acreditava que a justiça devia ser não uma alternativa, mas um sinônimo de clemência. Ele também acreditava que uma atitude misericordiosa correspondia antes ao instinto que à lei. Num súbito acesso de pena — pois esta emoção sempre lhe vinha tal qual uma inundação —, ele foi movido a satisfazer o pedido da garota e a protegê-la.

— Senhorita Wetherell — disse ele (ele não sabia seu primeiro nome antes de o carcereiro tê-lo mencionado) —, sua fiança foi fixada em uma libra e um xelim. — Ele segurava sua bolsa na mão esquerda, e seu livro-razão na mão direita; ameaçou então transferir o livro para a outra mão e, usando este objeto como escudo, tirou

duas moedas de sua bolsa e apertou-as contra a palma da mão. Em seguida transferiu a bolsa e o livro à mão direita e susteve a esquerda de palma para cima, com o polegar cruzado sobre ela. — Poderia pagá-la com a quantia que me mostrou no espartilho? — Ele falou alta e claramente, como se abordasse um parvo ou uma criança.

Por um momento ela não compreendeu. Enfim ela assentiu, levou os dedos às barbatanas do espartilho e delas nada retirou. Pressionou os dedos em pinça na mão de Gascoigne; Gascoigne levantou o polegar, assentiu, como se indicasse satisfação com as moedas que ali surgiram, e registrou a fiança no livro-razão. Com grande alarde ele depositou em sua bolsa as moedas e em seguida passou ao prisioneiro seguinte.

Esse ato de bondade, bastante heterodoxo na carceragem de George Shepard, não era tão terrivelmente incomum a Gascoigne. Aprazia-lhe fazer amizades nas classes servis, com crianças, mendigos, animais, mulheres ordinárias e homens esquecidos. Suas cortesias sempre se estendiam àqueles que por elas não esperavam: quando conhecia um homem cuja posição estava abaixo da dele, nunca era rude. Das classes dominantes, no entanto, mantinha-se sempre à parte. Ele não era descortês, mas suas maneiras eram enfadonhas e melancólicas, até mesmo entediadas — uma prática que, embora não fosse de maneira alguma uma estratégia, tendia a render-lhe uma grande dose de respeito e valer-lhe uma posição entre os herdeiros de terra e de fortuna, tal como se se houvesse determinado a alcançá-la.

Desta forma Aubert Gascoigne, filho bastardo de uma governanta inglesa, criado em sótãos de casas geminadas parisienses, vestido sempre com itens de segunda mão, relegado eternamente ao carregamento de baldes de carvão, às vezes admoestado e ignorado, havia ascendido ao longo do tempo para tornar-se um personagem de limitados mas respeitáveis meios. Ele escapara de seu passado — e ainda assim não se podia chamá-lo de um homem ambicioso, tampouco de um homem imerecidamente afortunado.

Em sua pessoa Gascoigne exibia uma curiosa amálgama de classes, a alta e a baixa. Ele cultivara sua mente com a mesma

grave disciplina com que agora conservava sua toalete — ou seja, de acordo com um método sofisticado, porém de alguma maneira antiquado. Ele nutria o tipo de adoração pelos livros e pela aprendizagem que provém somente quando se busca uma educação autodidata — embora fosse uma adoração que, devido às suas origens tanto privadas quanto virtuosas, tendia para a piedade e o menosprezo. Seu temperamento era extremamente nostálgico não de seu próprio passado, mas de eras passadas; era cínico quanto ao presente, temeroso quanto ao futuro e profundamente pesaroso quanto à decadência do mundo. Como um todo, afigurava-se aos outros como um cavalheiro à antiga bem-preservado (na verdade, ele tinha apenas trinta e quatro anos) em um período de cômodo mas perceptível declínio — um declínio do qual ele era muito cônscio e que o divertia ou entristecia dependendo de seus humores.

Pois Gascoigne era extraordinariamente sorumbático. A onda de compaixão que o compelira a mentir em favor de Anna dissipara-se tão logo a prostituta fora libertada, escurecendo-se até virar desespero: o desespero de que sua ajuda tivesse, afinal, sido vã — transviada, equivocada e, pior de tudo, egoísta. O egocentrismo era o medo mais profundo de Gascoigne. Deplorava em si todos os sinais desse medo, tal qual um homem competitivo deplora todo traço de fraqueza que possa afastá-lo de seu objetivo egoísta. Todavia, esse era um aspecto de sua personalidade do qual envaidecia-se extraordinariamente e o qual adorava moralizar; sempre que a irracionalidade de tudo isso ficava evidente demais para ser ignorada, ele se prostrava numa crise verdadeiramente egoísta de irritação.

Anna seguira-o fora da carceragem; na rua ele sugeriu, quase bruscamente, que ela o acompanhasse até seu alojamento, a fim de explicar-se a portas fechadas. Docilmente ela aquiesceu, e eles caminharam juntos debaixo da chuva. Gascoigne não mais se apiedava dela. Sua compaixão, rápida quando se incendiava, dera lugar à preocupação e à desconfiança — pois ela era uma suicida fracassada, afinal de contas, e, como advertira-o o carcereiro quando ele assinara o atestado da soltura de Anna, provavelmente louca.

Agora, duas semanas depois, no Gridiron Hotel — com os braços em volta dela, a mão espalmada firmemente na reentrância de suas costas, os antebraços dela pressionando-lhe o peito, a respiração dela umedecendo sua clavícula —, os pensamentos de Gascoigne novamente se voltaram à possibilidade de que ela talvez houvesse tentado, pela segunda vez, dar cabo da própria vida. Mas onde estava a bala que deveria ter-se alojado no seu osso esterno? Ela sabia que a arma falharia de maneira tão singular quando apontasse o cano à própria garganta e puxasse o gatilho? Como ela poderia saber?

"Todo homem quer ver sua prostituta infeliz" — a própria Anna dissera isso na noite em que fora solta do cárcere, após tê-lo seguido à casa e desmontado com ele o vestido em cima da mesa da cozinha, com a chuva tamborilando e a lâmpada de parafina suavizando os cantos do aposento. "Todo homem quer ver sua prostituta infeliz" — e o que ele respondeu? Possivelmente algo curto, algo conciso. E agora ela havia atirado em si, ou tentado. Gascoigne segurou-a por longo tempo depois que Pritchard fechou a porta, agarrando-a firmemente, inalando o cheiro salgado dos seus cabelos. O cheiro era um alento para ele: passara muitos anos ao mar.

E ele havia sido casado. Agathe Gascoigne — Agathe Prideaux, como a conhecera antes. Travessa, perspicaz, provocante e destrutiva — um fato do qual estava ciente quando propôs o casamento, mas que de alguma maneira lhe parecera impalpável, transponível; mais uma prova de seu requinte que de futuras más notícias. Mas os pulmões dela não saravam. Ela viajara ao sul, em busca de uma cura climática, e morrera em mar aberto, em algum lugar além da costa índica — era horrível não saber exatamente onde. Horrível, como seu corpo dobrara ao atingir a superfície da água — aquele barulho de pancada. Ela fizera-o prometer não encomendar um ataúde, nem mesmo algo parecido, caso morresse antes de chegarem ao porto de escala. Se acontecesse, disse ela, seria à maneira dos marujos: costurada com ponto duplo dentro de uma rede. E porque era dela aquela rede, de um fulgurante escarlate agora tornado marrom-escuro, ele se ajoelhara e a beijara,

por mais macabro que fosse. Depois disso, Gascoigne continuou navegando. Parou apenas quando seu dinheiro findou.

Anna era mais pesada que Agathe — mais angulosa, mais substanciosa; mas (pensou ele) talvez os vivos parecessem substanciosos somente para aqueles cujos pensamentos estão com os mortos. Ele movimentou a mão nas costas dela. Com os dedos, retraçou o contorno de seu espartilho, a dupla bainha de ilhós, atados com cordões.

Após deixar a carceragem, eles desviaram para a Corte dos Magistrados, para que Gascoigne deixasse sua bolsa com as fianças dentro do cofre e arquivasse as notificações de pagamento, tudo pronto para o dia seguinte. Anna observou-o desempenhar essas tarefas pacientemente e sem interesse: ela parecia admitir que Gascoigne lhe fizera um grande favor e por isso se contentava em obedecê-lo e manter-se quieta em troca. Contrariando o hábito, ela não o ladeou na rua, mas seguiu-o a uma distância de vários metros — de modo que Gascoigne pudesse alegar não a conhecer caso topassem com uma autoridade da lei.

Quando chegaram ao chalé de Gascoigne (pois ele tinha um chalé todo para si, embora pequeno; uma cabana, de um dormitório, revestida com tábuas, a cerca de cem metros da praia), Gascoigne pediu que Anna esperasse embaixo do toldo do alpendre enquanto ele cortava lenha no jardim. Ele não se demorou com a tora, ciente que estava dos escuros olhos de Anna fixados nele enquanto a rachava. Antes que o durame se molhasse com a chuva, ele juntou nos braços os fragmentos estilhaçados e correu de volta à soleira, onde Anna abriu espaço para que entrasse.

— Não é nenhum palácio — disse ele tolamente, embora fosse, para os padrões de Hokitika.

Anna não teceu comentário algum enquanto passava por debaixo do lintel e adentrava o chalé abafado. Gascoigne despejou a lenha na lareira e voltou para fechar a porta. Acendeu a lâmpada de parafina, assentou-a na mesa e ajoelhou-se para atiçar fogo na lareira — intensamente cônscio, como estivera antes, da avaliação silenciosa que Anna fazia do aposento. Era esparsamente mobiliado. Sua única boa peça de mobília era uma poltrona estofada com um tecido espesso listrado de rosa e amarelo: dera-se de

presente quando tomara posse da casa, e ela ganhara um lugar de destaque no centro da sala. Gascoigne imaginava que tipo de suposições fazia Anna, que tipo de imagem emergia da escassa constelação da vida dele. O colchão estreito, sobre o qual sua coberta estava dobrada três vezes. O retrato em miniatura de Agathe, pendendo de um prego acima da cabeceira. A fileira de conchas ao longo do peitoril da janela. A chaleira de estanho no fogão; sua Bíblia, com a maioria das páginas ainda não cortadas, exceto as dos Salmos e das epístolas; a lata axadrezada de biscoitos dentro da qual guardava as cartas de sua mãe, seus documentos e suas penas. Ao lado da cama, a caixa de velas quebradas, as partes de cera mantidas juntas somente pelo barbante de seus pavios.

— Você mantém a casa limpa — foi tudo que ela disse.

— Eu vivo sozinho. — Com um graveto, Gascoigne apontou para um baú ao pé de sua cama. — Abra-o.

Ela abriu os fechos e içou o tampo. Ele indicou uma amostra de linho escuro, a qual ela soergueu, fazendo resvalar sobre seus joelhos o vestido de Agathe — o vestido preto, com gola rendada, que ele tanto desprezava.

("Pensarão que sou uma carola", dissera ela alegremente, "mas preto é uma cor sóbria; é necessário ter um vestido mais sóbrio."

Usava-o para esconder as manchas de sangue, o fino borrifo que salpicava-lhe os punhos; disso ele sabia, mas não o dissera. Concordara, em voz alta, que era necessário ter um vestido mais sóbrio.)

— Vista-o — disse Gascoigne, observando Anna alisar o tecido sobre os joelhos. Agathe era mais baixa; a bainha teria que ser desfeita. Mesmo assim, a prostituta exibiria três polegadas dos tornozelos e porventura até mesmo o último arco de sua crinolina. Ficaria medonho — mas pedintes não podem exigir nada, pensou Gascoigne, e nesta noite Anna era uma pedinte. Ele virou-se para o fogo e revolveu as cinzas.

Era o único vestido de Agathe que Gascoigne ainda guardava. Os outros, acondicionados na valise de cedro canforado do casal, se extraviaram quando o vapor naufragara — os ancoradouros foram primeiro saqueados e depois inundados, quando o vapor por

fim tombou de lado e a maré tomou conta. Para Gascoigne, a perda foi uma bênção. Ele já tinha o retrato em miniatura: era tudo o que queria guardar. Ele prestaria homenagens à memória dela com o devido respeito, mas ele era ainda um homem jovem e audacioso e pretendia recomeçar a vida.

Quando Anna tinha terminado de se trocar, a fogueira estava acesa. Gascoigne vislumbrou o vestido de soslaio. Parecia cair-lhe tão mal quanto à sua falecida esposa. Anna flagrou-o observando.

— Agora poderei pôr luto — disse ela. — Nunca tive um vestido preto antes.

Gascoigne não lhe perguntou por quem ela se enlutava ou há quanto tempo se dera o falecimento. Ele encheu a chaleira e colocou-a no fogão.

Aubert Gascoigne preferia iniciar as conversações a ter que se sujeitar ao tema e à cadência de outra pessoa; ficou satisfeito em ficar calado junto de sua companhia até que sentisse vontade de falar. Anna Wetherell, com sua intuição de prostituta, parecia reconhecer esse aspecto do caráter de Gascoigne. Ela não o pressionou para que conversasse e também não o observou ou o seguiu enquanto ele dava conta dos afazeres ordinários da tarde: acender velas, reabastecer sua cigarreira, trocar suas botas enlameadas por chinelas. Ela juntou o vestido costurado com ouro e transportou-o pela sala para esparramá-lo na mesa de Gascoigne. Ele era pesado. O ouro acrescentara mais de dois quilos ao tecido, supôs Anna; ela tentou calcular o valor. A Coroa compraria a preciosidade pura a uma taxa de cerca de três libras por onça — e havia trinta e duas onças em um quilo —, e ali estavam, no mínimo, dois quilos. Quanto somava tudo aquilo? Ela tentou imaginar uma coluna de números em sua cabeça, mas eles flutuavam.

Enquanto Gascoigne regulava o fogo para aquela tarde e enchia de folhas de chá um coador, prontas para macerar, Anna examinava seu vestido. Quem tivesse escondido o ouro nele evidentemente usara de agulha e linha — uma mulher ou um marujo, pensou ela. Fora costurado com cuidado. O ouro fora atochado em cima e embaixo das barbatanas do espartilho, costurado nos folhos e condicionado até mesmo em volta da bainha — um peso extra que ela não percebera antes, pois geralmente

carregava pastilhas de chumbo na barra da crinolina para evitar que o traje levantasse com o vento.

Gascoigne chegara-se por trás dela. Ele tirou sua faca de caça para cortar o espartilho — mas começou a aparentar ser um açougueiro, e Anna produziu um ruído angustiado.

— Por favor — disse ela. — Você não sabe como. Permita-me.

Ele hesitou, e em seguida passou-lhe a faca e recuou para observá-la. Ela trabalhou com vagar, tentando preservar a forma e o contorno do vestido: primeiro ela removeu a bainha, então trabalhou mais acima, ao longo de cada um dos folhos, descosendo as costuras com a ponta da faca e sacudindo o ouro para fora. Quando alcançou o espartilho, ela fez uma pequena incisão em cada suspensório e com os dedos soltou o ouro de onde estava atulhado, em almofadinhas, entre as barbatanas. Foram esses pacotes rugosos que lembraram a Gascoigne uma malha metálica, na carceragem.

O ouro, sacudido para fora das dobras, resplandecia gloriosamente. Anna juntou-o no centro da mesa. Ela cuidou para que o pó não se espalhasse com a corrente de ar. A cada mancheia de pó que acrescentava ou a cada pepita, ela concheava as mãos sobre a pilha, como se fosse aquecer-se no seu brilho. Gascoigne observava-a. Ele franzia o cenho.

Enfim ela terminou e o vestido fora esvaziado.

— Aqui — disse ela, pegando uma pepita quase do tamanho da falange do polegar de Gascoigne. Ela empurrou-a pela mesa na direção dele. — Uma libra e um xelim: eu não esqueci.

— Não porei as mãos nesse ouro — disse Gascoigne.

— Incluso o pagamento pelo vestido de luto — disse Anna, corando. — Não preciso de caridade.

— Você pode precisar — disse Gascoigne. Ele sentou-se na beirada da cama e alcançou os cigarros no bolso. Abriu o estojo prateado, pinçou um cigarro e acendeu-o com cuidado; somente quando estava aceso e ele havia já expelido várias golfadas, virou-se para ela e disse:

— Para quem trabalha, senhorita Wetherell?

— Quer dizer, quem administra as garotas? Mannering.

— Não o conheço.

— Reconheceria-o caso o visse. Ele é muito gordo. Ele é dono da Príncipe de Gales.

— Eu de fato vi um homem gordo. — Gascoigne chupou no seu cigarro. — Ele é um empregador justo?

— Ele é genioso — disse Anna —, mas suas condições são na maioria justas.

— Ele lhe dá ópio?

— Não.

— Ele sabe que você o usa?

— Sim.

— Quem lhe vende o material?

— Ah Sook — disse Anna.

— Quem é ele?

— É apenas um china. Um *faiscador*. Ele dirige o antro em Kaniere.

— Um chinês que faz… faíscas?

— Não — disse Anna. — Eu usei uma gíria local. Um *faiscador* é um homem que escava sozinho.

Gascoigne interrompeu sua série de perguntas para fumar.

— Esse *faiscador* — disse ele em seguida. — Ele dirige um antro de ópio em Kaniere.

— Sim.

— E você vai até ele.

Ela estreitou os olhos.

— Sim.

— Sozinha? — ele pronunciou a palavra acusativamente.

— Geralmente, sim — disse Anna, estreitando os olhos a ele. — Às vezes compro um pouco a mais, para levar para casa.

— E de onde ele compra? Da China, suponho?

Ela balançou a cabeça.

— Jo Pritchard vende a ele. Ele é o boticário. Possui uma botica na rua Collingwood.

Gascoigne assentiu.

— Conheço o senhor Pritchard. — disse. — Ora, estou curioso: por que você vai aos chineses se pode comprar o material diretamente do senhor Pritchard?

Anna soergueu o queixo — ou talvez apenas tivesse tremido; Gascoigne não soube dizer.

— Eu não sei — disse ela.

— Você não sabe? — disse Gascoigne.

— Não.

— Kaniere é uma boa caminhada por uma tragada, eu imagino.

— Suponho que sim.

— E a botica do senhor Pritchard fica… nem a dez minutos de caminhada do Gridiron. Até menos, caso se caminhe com pressa.

Ela encolheu os ombros.

— Por que você vai à Chinatown de Kaniere, senhorita Wetherell?

Gascoigne falou acidamente; ele sentiu já saber a resposta à sua questão e queria que ela dissesse as palavras em voz alta.

O rosto dela estava petrificado.

— Talvez eu goste de lá.

— Ah — disse ele. — Talvez goste de lá.

(Por Deus! O que dera nele? Que lhe importava se a prostituta oferecia ou não seus serviços a chineses? Que lhe importava se ela fazia o trajeto a Kaniere sozinha ou com um acompanhante? Ela era uma prostituta! Ele acabara de conhecê-la naquela mesma tarde! Gascoigne sentiu um desnorteio súbito e, imediatamente em seguida, uma apunhalada de ira. Ele buscou refúgio em seu cigarro.)

— Mannering — disse ele, após exalar. — O homem gordo. Você poderia deixá-lo?

— Assim que pagar minha dívida.

— Quanto deve?

— Cem libras — disse Anna. — Talvez um pouco mais.

O vestido esvaziado jazia entre eles como um cadáver decomposto. Gascoigne olhou para a pilha, para seu bruxulear; Anna, seguindo-lhe a linha de visão, olhou também.

— Você será julgada nas cortes, é evidente — disse Gascoigne, fitando o ouro.

— Eu apenas estava intoxicada em público — disse Anna. — Eles vão estabelecer uma multa, é tudo.

— Você será julgada — disse Gascoigne. — Por tentativa de suicídio. O carcereiro confirmou-o.

Ela arregalou os olhos para ele.

— Tentativa de *suicídio*?

— Você não tentou tirar a própria vida?

— Não! — Ela levantou-se de um salto. — Quem está dizendo isso?

— O sargento de plantão que a recolheu ontem à noite — disse Gascoigne.

— Isso é absurdo.

— Lamento, mas creio que assim o registraram — disse Gascoigne. — Você terá que se defender, de uma forma ou de outra.

Anna nada disse por um momento. Então ela irrompeu:

— Todo homem quer ver sua prostituta infeliz. Todo homem!

Gascoigne expeliu um delgado jato de fumaça.

— As prostitutas *são* infelizes em sua maioria — disse ele. — Perdoe-me: eu apenas assevero uma simples verdade.

— Como puderam me acusar de tentativa de suicídio sem nem ao menos perguntar-me se eu…? Como puderam? Onde está a…

— A prova?

Gascoigne estudou-a condoído. A última batalha de Anna com a morte mostrava-se claramente em seu rosto e em seu corpo. Sua cútis estava cerosa; seus cabelos, mortiços e muito ensebados. Ela puxava compulsivamente com os dedos as mangas do vestido; enquanto o funcionário a examinava, ela sentiu um arrepio que percorreu seu corpo como uma onda.

— O carcereiro teme que esteja louca — disse ele.

— Nunca troquei palavra com o diretor Shepard em todos os meses em que estive em Hokitika — disse Anna. — Somos totais desconhecidos.

— Ele mencionou que você recentemente perdeu um bebê.

— *Perdi*! — disse Anna, em uma voz repleta de desgosto. — *Perdi*! É uma palavra bem higiênica.

— Você usaria uma palavra diferente?

— Sim.

— Seu bebê foi tirado de você?

Um olhar severo surgiu-lhe no rosto.

— Chutado do meu útero — disse ela. — E pelo... pelo próprio pai da criança! Mas eu suponho que isso o diretor Shepard não tenha lhe dito.

Gascoigne estava calado. Ele ainda não terminara seu cigarro, mas largou-o, apagou a brasa com o salto do calçado e acendeu um novo. Anna sentou-se novamente. Ela pousou as mãos no tecido de seu próprio vestido, que jazia em cima da mesa. Ela começou a afagá-lo. Gascoigne olhou para os caibros, e Anna, para o ouro.

Era muito raro que ela explodisse daquela maneira. A natureza de Anna era zelosa e receptiva, em vez de declamatória, e ela raramente falava de si. Sua profissão exigia modéstia do tipo mais rigoroso, por mais paradoxal que isso soasse. Ela era obrigada a se comportar docilmente e com simpatia, até mesmo quando a simpatia não era devida e a doçura, não merecida. Os homens a quem oferecia seus serviços raramente eram curiosos a seu respeito. Se e quando falavam, falavam sobre outras mulheres — as amadas que haviam perdido, as mulheres que haviam abandonado, suas mães, suas irmãs, suas filhas, suas protegidas. Buscavam essas mulheres no momento em que olhavam para Anna, mas apenas parcialmente, pois eles também buscavam a si mesmos: ela era uma treva refletida, tanto quanto era uma luz emprestada. Sua miséria, ela sabia, era-lhes extremamente tranquilizante.

Com o dedo, Anna afagou uma das pepitas de ouro na pilha. Ela sabia que devia agradecer Gascoigne, da maneira de costume, por ter-lhe pagado a fiança: ele assumira um risco ao contar uma lorota ao carcereiro, guardar-lhe o segredo e convidá-la para ir à sua casa. Ela pressentia que Gascoigne queria algo em troca. Ele estava estranhamente impaciente. Suas perguntas eram abruptas e até mesmo rudes — um claro sinal de que ele estava distraído com a esperança de uma recompensa —, e quando ela falava, ele a fitava rapidamente e então virava o olhar, como se as respostas dela muito o aborrecessem. Anna pegou uma pepita e rolou-a na palma da mão. Sua superfície era empolada, quase esburacada, como se o metal tivesse sido derretido numa forja.

— Parece-me — disse Gascoigne dentro em pouco — que alguém ficou esperando você fumar aquele cachimbo ontem à noite.

Esperaram até que estivesse inconsciente e então costuraram esse ouro no seu vestido.

Ela franziu o cenho — não para Gascoigne, mas para o caroço que estava em sua mão.

— Por quê?

— Não faço ideia — disse o francês. — Com quem esteve ontem à noite, senhorita Wetherell? E quanto ele se dispusera a pagar?

— Entretanto, ouça — disse Anna, ignorando a pergunta. — Você está dizendo que alguém retirou meu vestido, costurou-o minuciosamente com todo esse pó e então o vestiu em mim novamente, cheio de ouro, apenas para me abandonar no meio da estrada?

— De fato soa inverossímil — concordou Gascoigne. Ele mudou de rumo. — Ora, então responda-me o seguinte. Há quanto tempo possui este traje?

— Desde a primavera — disse Anna. — Comprei-o de segunda mão, com um mascate à rua Tancred.

— Quantos outros você possui?

— Cinco… não, quatro — disse Anna. — Mas os outros não são para o serviço. Esse é meu vestido de trabalho — por causa de sua cor, veja. Eu tinha também uma bata para o parto. Mas essa foi destruída, quando, quando o bebê morreu.

Houve um momento de silêncio entre eles.

— Esse foi costurado de uma só vez? — disse Gascoigne em seguida. — Ou ao longo de um período? Acredito que seja impossível dizê-lo.

Anna não respondeu. Após um instante, Gascoigne voltou o olhar para cima e deu com o dela.

— Com quem esteve na noite passada, senhorita Wetherell? — perguntou ele de novo, e dessa vez Anna não podia ignorar.

— Eu estive com um homem chamado Staines — disse ela calmamente.

— Eu não conheço este homem — disse Gascoigne. — Ele esteve com você no antro de ópio?

— Não! — disse Anna, parecendo chocada. — Eu não estava no antro. Eu estava na casa dele. Em sua… cama. Eu saí durante a

noite para uma tragada. É a última coisa de que me lembro.

— Você deixou a casa dele?

— Sim, e retornei ao Gridiron, onde fixei minha morada — disse Anna. — Foi uma noite estranha e eu estava me sentindo esquisita. Eu queria um cachimbo. Lembro-me de tê-lo acendido. Quando dei por mim, estava na carceragem, e era dia.

Ela arrepiou-se e subitamente abraçou o corpo com os braços. Ela falara, pensou Gascoigne, com uma fadiga estimulada, a do tipo que surge após o primeiro rubor do amor, quando a individualidade perde seu ancoradouro e, quase se afogando, sucumbe a uma maré assustadora. Mas o vício não era amor; não poderia sê-lo. Gascoigne não conseguia romantizar as sombras violáceas debaixo de seus olhos, seus membros definhados, a desorientação onírica com que ela falava; mas mesmo assim, pensou ele, era sinistro que o ópio pudesse espelhar com tamanha fidelidade os arrebatamentos do amor.

— Entendo — disse ele em voz alta. — Então você deixou o homem dormindo?

— Sim — disse Anna. — Ele estava adormecido quando o deixei, sim.

— E você trajava esse vestido. — Ele apontou para os farrapos alaranjados entre eles.

— É meu vestido de trabalho — disse ela. — É o que sempre uso.

— Sempre?

— Quando estou trabalhando — disse Anna.

Gascoigne não respondeu, mas estreitou muito levemente os olhos e apertou os lábios, como que para indicar que em sua mente havia uma pergunta que não lhe poderia fazer com decência. Anna suspirou. Ela decidiu não expressar sua gratidão à maneira de costume; ela lhe ressarciria a quantia da fiança em moeda, e pela manhã.

— Veja — disse ela —, é tal como lhe contei. Nós adormecemos, eu acordei, eu queria um cachimbo, eu deixei sua casa, eu fui para a minha casa, eu acendi meu cachimbo, e essa é a última coisa de que me lembro.

— Você notou algo estranho nos seus aposentos, quando voltou? Algo que possa indicar alguém ter estado lá, por exemplo?

— Não — disse Anna. — A porta estava fechada, como sempre. Abri-a com minha chave, eu entrei, eu fechei a porta, eu me sentei, eu acendi meu cachimbo, e essa é a última coisa de que me lembro.

Esse recapitular a extenuava — e ela se extenuaria ainda mais nos dias por vir, uma vez verificado que Emery Staines desaparecera naquela noite e não fora visto desde então por ninguém. Nesse ponto, Anna Wetherell seria examinada, interrogada, menosprezada e desacreditada; ela repetiria sua história até que deixasse de ser-lhe familiar e ela passasse a duvidar de si mesma.

Gascoigne não conhecia Staines, tendo chegado ele mesmo a Hokitika apenas recentemente, mas observando Anna agora, de súbito sentiu uma profunda curiosidade sobre o homem.

— Seria possível o senhor Staines ter desejado causar-lhe algum mal? — disse ele.

— Não! — disse ela de pronto.

— Você confia nele?

— Sim — disse Anna calmamente. — Confio tanto quanto…

Mas ela não concluiu a comparação.

— Ele é um amante? — disse Gascoigne, após uma pausa.

Anna corou.

— Ele é o homem mais rico de Hokitika — disse ela. — Se não ouviu falar dele ainda, ouvirá em breve. Emery Staines. Ele é dono de quase tudo em torno da cidade.

O olhar de Gascoigne novamente relanceou para a reluzente pilha de ouro sobre a mesa — mas agora com mordacidade: para o homem mais rico de Hokitika, esta certamente seria uma pilha assaz pequena.

— Ele é um amante? — repetiu ele. — Ou um cliente?

Anna fez uma pausa.

— Um cliente — disse por fim, e em uma voz mais branda. Gascoigne inclinou respeitosamente a cabeça, como se Anna o tivesse acabado de informar que o homem havia morrido. Ela apressou-se: — Ele é um prospector. Foi assim que ele construiu

sua riqueza. Mas ele veio de New South Wales, assim como eu. A propósito, estivemos no mesmo navio ao cruzar o Tasman, quando viemos para cá: o *Fortunate Wind*.

— Entendo — disse Gascoigne. — Ora, se ele é rico, talvez este ouro seja dele.

— Não — disse Anna, alarmada. — Ele não o faria.

— Não faria o quê? Não mentiria a você?

— Ele não…

— Não usaria você como burro de carga para traficar este ouro sem o saber?

— Traficá-lo para onde? — disse Anna. — Não estou deixando a cidade. Não estou indo para lugar nenhum.

Gascoigne interrompeu-se para tragar o seu cigarro. Em seguida disse:

— Você deixou a cama dele à noite, não deixou?

— Eu pretendia retornar — disse Anna. — E dormir lá.

— Você saiu sem ele o saber, penso eu.

— Mas eu pretendia retornar.

— E saiu apesar do fato, talvez, de que ele a contratou para que ficasse até a manhã seguinte.

— Eu estou lhe dizendo — disse Anna —, eu pretendia ficar fora apenas um pouco.

— Mas então você perdeu a consciência — disse Gascoigne.

— Talvez eu tenha desmaiado.

— Não é possível que você acredite nisso.

Anna mordeu o lábio.

— Oh, não faz *nenhum* sentido! — exclamou ela após um instante. — O ouro não faz sentido; o ópio não faz sentido. Por que eu teria ido acabar *lá*? Ao relento, totalmente sozinha, e a meio caminho do Arahura!

— Certamente muito do que acontece quando você está sob a influência do ópio não faz sentido.

— Sim — disse ela. — Sim, é isso.

— Ficaria feliz em concordar com você neste ponto — disse Gascoigne —, posto que eu mesmo nunca pus as mãos na droga.

A chaleira começou a assoviar. Gascoigne cravou o cigarro no canto da boca, embrulhou a mão em um pedaço de sarja e tirou-a

do fogão. Enquanto vertia a água sobre as folhas de chá, disse:

— E quanto ao seu china? Ele pôs as mãos no ópio, não pôs?

Anna esfregou o rosto — da maneira como uma criança esfrega seu rosto: desajeitadamente.

— Eu não vi Ah Sook na noite passada — disse ela. — Eu lhe disse, eu fumei o cachimbo em casa.

— Um cachimbo cheio de ópio *dele*! — Gascoigne pôs a chaleira em uma prateleira acima do fogão.

— Sim, suponho eu — disse Anna. — Mas você bem pode o atribuir a Joseph Pritchard.

Gascoigne sentou-se novamente.

— O senhor Staines deve estar imaginando o que aconteceu com você, visto que você saiu da cama tão bruscamente pela noite e não retornou. Embora eu tenha notado que ele não veio pagar sua fiança hoje, nem ele nem o seu empregador.

Ele falava alto, tencionando despertar Anna de seu cansaço; quando arranjou os pires, deitou o de Anna com um tinido e empurrou-o, a fim de que raspasse a mesa.

— Isso é assunto meu — disse Anna. — Devo ir e pedir desculpas, assim que…

— Assim que decidirmos o que fazer com essa pilha — Gascoigne concluiu por ela. — Sim: você deve fazê-lo.

O humor de Gascoigne mudara outra vez: de repente, estava extremamente vexado. Nenhuma clara explicação havia ainda se lhe apresentado sobre por que o vestido de Anna estava atochado de ouro, nem sobre por que ela acabara ficando inconsciente, nem sobre se de fato os dois episódios estavam de alguma maneira conectados. Ele estava vexado porque não conseguia compreender — assim sendo, para aplacar seu próprio mau humor, ele tornou-se desdenhoso, uma atitude que pelo menos lhe proporcionava a imagem do autocontrole.

— Quanto isto vale? — disse Anna agora, movendo-se para tocar novamente a pilha. — Uma estimativa, digo. Não tenho olho para esse tipo de coisa.

Gascoigne apagou no seu pires a guimba do cigarro.

— Penso que a pergunta que deveria me fazer, minha cara — disse ele —, não é quanto, e sim quem e por quê. De quem é este

ouro? De que concessão ele veio? E quando foi costurado?

Φ

Eles concordaram, naquela primeira noite, em esconder a pilha. Eles concordaram que, caso alguém perguntasse a Anna por que motivo trocara seu vestido habitual por este novo, mais sombrio, ela responderia, muito sinceramente, que desejara pôr luto tardio pela morte de seu filho não nascido e que conseguira o traje num baú que fora arrastado à restinga de Hokitika. Tudo isso era verídico. Se alguém pedisse para ver o antigo vestido ou inquirisse sobre onde estava guardado, então Anna deveria informar Gascoigne imediatamente — pois sem dúvida essa pessoa sabia do ouro que fora ocultado em seus folhos, e saberia portanto sobre sua origem — e quiçá seu destino previsto, fosse qual fosse.

Decidida essa estratégia, Gascoigne então esvaziou sua lata axadrezada de biscoitos e juntos varreram o ouro para dentro dela, embrulharam a lata em uma coberta e meteram o fardo em uma saca de farinha que Gascoigne atara com barbante. Ele ordenou que, até que tomassem mais informações, a saca permanecesse acondicionada em seu chalé, debaixo de sua cama. No princípio, Anna ficou incerta, mas ele a persuadiu de que a pilha estaria mais segura com ele: ele nunca recebia visitas, sua cabana ficava fechada durante o dia e ninguém tinha a menor razão para pensar que ele estivesse abrigando uma pilha — afinal de contas, ele era novo na cidade e não tinha nem inimigos nem amigos.

A quinzena seguinte pareceu transcorrer em um borrão. Anna retornou à casa de Staines somente para descobrir que ele desaparecera completamente; dias depois, soube da morte de Crosbie Wells e descobriu que *aquele* evento também ocorrera durante as horas em que esteve inconsciente. Logo depois, ouviu dizer que uma fortuna imensa, cujas origens não haviam ainda sido determinadas, fora descoberta no espólio de Crosbie Wells, que foi então comprado pelo hoteleiro, Edgar Clinch — arrendatário do Gridiron Hotel, que era propriedade de Emery Staines e atual local de residência da própria Anna.

Gascoigne não falara diretamente a Anna sobre nenhum desses eventos, pois ela recusou-se a tocar no assunto Emery

Staines e nada tinha a dizer sobre Crosbie Wells além de que nunca o havia conhecido. Gascoigne pressentiu que o desaparecimento de Staines a deixava angustiada, mas ele não conseguia sondar se ela o acreditava vivo ou morto. Em deferência aos sentimentos dela, Gascoigne abandonou o assunto inteiramente; quando falavam, falavam sobre outras coisas. De sua alta janela no piso superior do Gridiron Hotel, Anna observava os mineiros debatendo-se contra a chuva ao longo da rua Revell. Ela permaneceu em seu aposento e trajou todos os dias o vestido preto de Agathe Gascoigne. Homem nenhum inquiriu sobre a troca de trajes de Anna; homem nenhum a intimou de alguma maneira como que para insinuar que ela sabia do ouro que fora escondido em seu espartilho, agora guardado com segurança debaixo da cama de Gascoigne. Por algum motivo, o responsável por aquilo relutava em aparecer e estender sua mão.

No dia seguinte ao do enterro de Crosbie Wells, Anna foi julgada no tribunal de pequenas causas por tentativa de suicídio, como previra Gascoigne. Ela recusou defender-se e, no fim, foi multada em uma quantia de cinco libras por seu quase delito — e, em seguida, severamente enxotada dali por haver desperdiçado o tempo dos magistrados.

Φ

Tudo isso passou pela mente de Gascoigne enquanto ele estava no Gridiron Hotel com Anna Wetherell agarrada a seu peito, retraçando os ilhós traseiros de seu espartilho. Ele havia sustentado Agathe dessa maneira — exatamente dessa maneira, exatamente assim, com uma mão espalmada debaixo de sua escápula, a outra apoiando-lhe o ombro, Agathe com os antebraços contra seu peito, sempre — tendo ela erguido os braços para escudar-se no momento do abraço. Quão estranho era lembrar-se dela neste momento! Era possível conhecer um milhar de mulheres, pensou Gascoigne; era possível possuir uma garota diferente toda noite, por anos e anos — porém, mais cedo ou mais tarde, os novos amantes apenas fariam recordar os amantes antigos, e restaria perambular, perdido, naquele labirinto refletido de comparações sem fim, para sempre desapontado, para sempre regressando.

Anna ainda tremia devido ao susto do disparo, que falhara. Gascoigne esperou que sua respiração se normalizasse — até cerca de três ou quatro minutos após as passadas de Pritchard terem desaparecido escada abaixo — e então, por fim, quando sentiu seu corpo recobrar um pouco da força, ele murmurou:

— Em que diabos você estava pensando?

Mas Anna apenas balançou a cabeça, refugiando-se nele.

— Era um cartucho vazio? Falso?

Ela novamente balançou a cabeça.

— Talvez você e o farmacêutico, talvez você tenha inventado algo com ele.

Aquilo instigou-a; ela empurrou-o com os pulsos e disse, numa voz cheia de desgosto:

— Com *Pritchard*?

Vê-la reavivada, mesmo que enraivecida, agradou a Gascoigne.

— Ora, então o que ele queria com você? — disse.

Anna quase lhe contou a verdade — mas sentiu-se subitamente envergonhada. Gascoigne havia sido muito gentil com ela nesta última quinzena, e ela não suportaria contar-lhe onde fora parar o ópio. Precisamente no dia anterior ele manifestara sua alegria por ela ter se livrado do cachimbo: maravilhara-se ante a força dela e elogiara sua limpidez dos olhos, admirando-a. Ela não tivera então coragem para desmentir, nem agora a tinha.

— O velho Jo Pritchard — disse ela, olhando além. — Ele estava se sentindo solitário, apenas.

Gascoigne pegou sua cigarreira e descobriu que também estava trêmulo.

— Ainda tem algum brandy? — disse ele. — Gostaria de me sentar um momento, se não se importar. Preciso me recompor.

Ele deitou cuidadosamente a velha pistola no aparador ao lado da cama de Anna.

— Coisas continuam lhe acontecendo — disse ele. — Coisas que você não consegue explicar. Coisas que ninguém parece ser capaz de explicar. Não estou certo do que…

Mas sua voz arrefeceu. Anna foi ao armário pegar o brandy e Gascoigne se sentou na cama para acender um cigarro — e por um breve instante eles foram como que capturados em um quadro, do

tipo que se exibe em uma chapa e se vende em uma feira à guisa de impressão histórica: ele com os pulsos nos joelhos, a cabeça pendida, o cigarro suspenso nas juntas dos dedos — ela com a mão nas ancas, apoiada em uma das pernas, servindo-lhe uma dose. Mas eles não eram amantes e não era deles o aposento.

Gascoigne deu outra tragada profunda no seu cigarro e cerrou os olhos.

Tencionando animá-lo, Anna disse:

— Eu estou muito ansiosa por ver minha surpresa, senhor Gascoigne.

Pois ela não mentiu a Joseph Pritchard quando lhe disse ter um compromisso — sair com uma dama para escolher chapéus. Gascoigne providenciara uma consulta privada com uma consultora de modas; aparentemente, ele mesmo pagara-a pela consulta, embora insistisse que os detalhes do combinado e a identidade da dama permanecessem uma surpresa. Anna nunca antes fora solicitada a esperar uma surpresa, e a expectativa enchera-lhe de regozijo e pavor; no entanto, ela agradecera o francês muito gentilmente por sua consideração.

Quando Gascoigne não respondeu, Anna tentou pressioná-lo ainda mais.

— Sua dama está lá embaixo, esperando?

Gascoigne por fim emergiu de seu devaneio. Ele suspirou.

— Não: devo levá-la até ela. Ela se encontra no salão particular do Wayfarer Hotel. Mas ela pode aguardar mais dez minutos; ela já aguardou dez minutos. — Ele passou a mão pelo rosto. — Seus chapéus podem esperar.

— Do que você não está certo?

— Quê?

— Você acabou de dizer: “Não estou certo do que…”, mas não completou a frase.

Nesta última quinzena, eles haviam adotado entre si um tom agradável, tal como muito geralmente ocorre quando se passa por uma provação — embora Anna ainda o tratasse como “sr. Gascoigne”, nunca “Aubert”. Gascoigne não a pressionara a usar essa designação mais informal, pois ele muito apreciava

demonstrações de propriedade e lisonjeava-o ouvir seu nome de família ser pronunciado.

— Eu não estou certo do que devo pensar — disse Gascoigne afinal. Ele pegou seu copo, mas não bebeu: de repente, sentiu-se extraordinariamente triste.

Aubert Gascoigne sentia a pressão da angústia com muito mais acuidade que os outros homens. Quando se angustiava, como acontecera em relação ao inexplicável disparo falho da pistola de Anna, tendia a entregar-se a arroubos de poderosas emoções — espanto, desespero, ira, pesar: emoções das quais se apoderava porque canalizavam sua angústia para fora e de certo modo regulavam a pressão que lhe ia por dentro. Ele merecera uma reputação por ser forte e sensato em tempos de crise — como o fora, naquela tarde —, mas tendia a desandar após a crise ter sido superada ou prevenida. Ele ainda tremia, um movimento agitado que começara quando libertou a prostituta de seu abraço.

— Há algo que preciso falar com você — disse Anna então.

Gascoigne remexeu o brandy no copo.

— Por favor.

Anna voltou ao armário e serviu uma dose para si.

— Estou com o aluguel atrasado. Devo três meses. Edgar notificou-me esta manhã.

Bruscamente ela abandonou a fala, virou-se e espreitou-o. Gascoigne tragava o cigarro; ele fez uma pausa ao fim da inspiração, o peito ainda expandido, e com as mãos gesticulou como que para perguntar *quanto*.

— São dez xelins por semana, refeições inclusas, e um banho todo domingo — disse Anna. (Gascoigne exalou.) — Ao cabo de três meses, isso dá, eu não sei… seis libras.

— Três meses — ecoou Gascoigne.

— Eu atrasei devido àquela multa — disse Anna. — Cinco libras aos magistrados. Isso representa um mês de meu ordenado. Estou sem nada no bolso. — Ela esperou.

— Certamente o seu cafetão paga o aluguel — disse Gascoigne.

— Não — disse Anna. — Ele não paga. Eu trato diretamente com Edgar.

— Seu senhorio.

— Sim. Edgar Clinch.

— Clinch? — Gascoigne olhou para cima. — Esse é o homem que comprou o espólio de Crosbie Wells.

— Seu chalé — disse Anna.

— Mas ele acabou de assumir uma fortuna enorme! Que lhe importam seis libras?

Anna deu de ombros.

— Ele apenas me ordenou que as pagasse. Imediatamente.

— Talvez ele receie o que acontecerá no tribunal — disse Gascoigne. — Talvez ele receie ter que devolver tudo, caso o recurso seja concedido.

— Ele não disse o porquê — disse Anna. (Ela ainda não ouvira dizer sobre a repentina chegada, na tarde de quinta-feira, da viúva Wells, e portanto não sabia que a venda do espólio de Crosbie Wells perigava ser revogada.) — Mas ele não está blefando; pelo menos, disse não o estar.

— E você não pode… acalmá-lo de alguma maneira? — disse Gascoigne.

— Você pode me poupar isso de “alguma maneira” — disse Anna, altivamente. — Eu estou de luto. Minha criança está morta e estou de luto. Não voltarei a me prostituir.

— Você poderia encontrar outra linha de trabalho.

— Não há nenhuma linha. A única coisa que sei fazer é costurar, mas aqui não há demanda. Não há mulheres o suficiente.

— Há consertos — disse Gascoigne. — Meias e botões. Golas franjadas. Há sempre consertos em um acampamento.

— Consertos não dão dinheiro — disse Anna.

Ela espreitou-o de novo — esperançosamente agora, pensou Gascoigne, e essa interpretação fê-lo enraivecer de pronto. Ele refugiou-se em outra tragada. Não era de sua responsabilidade a falta de dinheiro dela. Ela não saíra à rua sequer uma vez nas duas semanas que se passaram desde sua noite na carceragem, e a prostituição era sua renda: era evidente que estava sem dinheiro. Mas quanto à história do luto… Ninguém a obrigara àquilo. Ela nem mesmo estava debilitada devido ao sofrimento — a criança morrera há três meses, por Deus! O traje também não era impedimento

algum. Com o vestido preto de Agathe, ela obteria um xelim tão facilmente quanto se estivesse com seu habitual vestido laranja — pois ela possuía uma clientela fiel na municipalidade de Hokitika, e as prostitutas eram muito poucas ao longo da costa. Enfim, pensou Gascoigne, que importava o vestido? Não se podem distinguir cores na escuridão.

Esse arroubo de irritação não se devia a uma ânsia de misericórdia. Gascoigne conhecera a pobreza, e desde a juventude havia muitas vezes estado endividado. Ele teria ajudado Anna, e com prazer, caso ela tivesse pedido auxílio de uma maneira diferente. Mas, tal qual a maioria das pessoas extremamente sensíveis, Gascoigne não aturava a sensibilidade dos outros: ele exigia honestidade e franqueza quando lhe lançavam uma pergunta — e ele o exigia ainda mais desesperadamente quando se encontrava vexado. Ele reconheceu que a prostituta empregava alguma estratégia para obter alguma coisa. Essa estratégia enfurecia-o porque ele podia ver que era uma estratégia — e também porque ele sabia exatamente o que Anna estava prestes a pedir. Ele expeliu um jato de fumaça.

— Edgar sempre foi muito gentil comigo — continuou Anna, quando ficou evidente que Gascoigne não pretendia falar. — Mas ultimamente ele tem estado um pouco disparatado. Não sei o que se passa. Eu tentei discutir com ele, mas de nada adiantou. — Ela fez uma pausa. — Se eu pudesse apenas ficar com…

— Não.

— Apenas a menor quantidade dele, é tudo de que preciso — disse ela. — Apenas a pepita menor. Eu poderia dizer a ele que a encontrei no riacho ou em algum lugar na estrada. Ou eu poderia dizer que fui paga em ouro puro, os mineiros fazem isso, às vezes. Poderia dizer que o recebi de um dos garotos estrangeiros. Sou uma boa mentirosa.

Gascoigne balançou a cabeça.

— Você não pode pôr as mãos nesse ouro.

— Mas por quanto tempo? — disse Anna. — Por quanto tempo?

— Até que você descubra quem o costurou no seu espartilho! — retrucou Gascoigne. — E não antes disso!

— Mas o que farei a respeito do aluguel, nesse meio-tempo?

Gascoigne fulminou-a com o olhar.

— Anna Wetherell — ele disse —, eu não sou o seu tutor.

Isso fez com que ela se calasse, embora seus olhos cintilassem de descontentamento. Ela lançou-se à procura de algo para fazer, de alguma tarefa mundana com que pudesse se ocupar. Por fim ela ajoelhou-se para recolher seus berloques espalhados, que Pritchard jogara no chão — puxando-os para si enraivecidamente e jogando-os com certa violência de volta à gaveta vazia da cômoda.

— Você está certo: você não é meu tutor — disse ela logo. — Mas devo objetar que a pilha de ouro não é sua, para que a guarde e a confine como desejar!

— Tampouco pertence a você, senhorita Wetherell.

— Estava no meu vestido — disse. — Estava em mim. Eu assumi o risco.

— Você arriscaria muito mais ao gastá-la.

— Então que devo fazer? — gritou Anna. — Uma vez prostituta, sempre prostituta? É a única opção que me resta, suponho!

Eles fixaram o olhar um no outro. “Eu daria um soberano de ouro”, pensava Gascoigne, “se você me oferecesse seus serviços”. Em voz alta ele disse:

— Quanto tempo ele lhe deu?

Anna enovelou uma tira de fita em uma bola, cheia de rancor, antes de responder.

— Ele não me disse. Disse que eu deveria levantar o dinheiro ou sair.

— Gostaria que eu falasse com ele? — disse Gascoigne, engabelando-a, porque sabia que de maneira alguma era isso que ela queria.

— E falar o quê? — retornou Anna, jogando a bola de fita na gaveta. — Implorar-lhe que me dê mais uma semana, mais um mês, mais um trimestre? Que diferença faria? Terei de pagá-lo mais cedo ou mais tarde.

— Isso — disse Gascoigne num tom gélido — é o que se entende por dívida, infelizmente.

— Quisera eu saber que eu teria *você* como credor, duas semanas antes! — disse Anna agora, e num tom atrevido. — De

outro modo, nunca teria aceitado sua ajuda.

— Talvez sua memória seja falha — disse Gascoigne. — Devo lembrá-la que somente a ajudei porque você me pediu.

— *Isto*? Este vestido bolorento? Isto é "ajuda"? Preferiria devolver o vestido e ficar com o ouro!

— Eu a tirei da carceragem, Anna Wetherell, assumindo grande risco à minha pessoa, e esse vestido pertenceu à minha falecida esposa, caso não saiba — disse Gascoigne. Ele largou o cigarro no chão e esmigalhou-o com o calcanhar. Anna estava prestes a abrir a boca para afrontá-lo, então ele disse, alto. — Infelizmente, não creio que você esteja bem para que lhe revele minha surpresa.

— Estou perfeitamente bem, obrigada.

— Uma surpresa — disse Gascoigne, elevando a voz ainda mais — que lhe preparei por razões da mais pura caridade e benevolência…

— Senhor Gascoigne…

— … pois senti que poderia lhe fazer bem sair e divertir-se um pouco — concluiu Gascoigne. Seu rosto estava muito branco. — Informarei sua indisposição à dama e sua ausência no encontro.

— Não estou indisposta — disse Anna.

— Pois eu penso que esteja — disse Gascoigne. Ele sorveu todo o copo e então depositou-o na mesa de cabeceira ao lado do travesseiro de Anna, cujo centro estava furado por um único buraco enegrecido. — Deixarei você agora. Lamento que sua arma não tenha disparado da maneira que gostaria e lamento que seu estilo de vida exceda os meios que possui para sustentá-lo. Obrigado pelo brandy.

Medium coeli / Imum coeli

Em que Gascoigne levanta a questão da dívida de Anna, e Edgar Clinch não se fia nele.

Conforme Gascoigne atravessava o vestíbulo do Gridiron Hotel, a porta abriu-se com estrondo, e o hoteleiro, o sr. Edgar Clinch, entrou marchando. Gascoigne conteve o passo a fim de que os dois não precisassem passar muito perto um do outro — um movimento que Clinch confundiu como se fora um tipo diferente de hesitação. Ele estacou abruptamente no meio da soleira, bloqueando a saída de Gascoigne. Atrás dele, a porta fechou-se com um baque.

— Posso ajudá-lo? — disse.

— Não, obrigado — disse Gascoigne polidamente e quedou-se um momento, esperando Clinch mover-se da soleira de modo que pudesse se retirar sem bater de ombros com o outro homem.

Mas o valete havia ficado alerta com a batida da porta.

— Ei, você! — gritou ele a Gascoigne, vindo de seu cubículo debaixo das escadas. — Que história foi essa dos tiros de pistola? Jo Pritchard desceu as escadas como se fosse a morte encarnada. Como se tivesse visto um fantasma.

— Foi um erro — disse Gascoigne secamente. — Apenas um erro.

— Tiros de pistola? — disse Edgar Clinch, que não se movera da porta.

Clinch era um homem alto, de quarenta e três anos de idade, com cabelos em tom arenoso e um olhar inofensivo e agradável. Ostentava um bigode imperial resinado nas pontas, um belo acessório que não se lhe agrisalhara à mesma proporção de seus cabelos — que eram igualmente untados, partidos no meio e rentes aos lóbulos das orelhas. Possuía bochechas em forma de maçã, um nariz avermelhado e um perfil impreciso. Seus olhos eram tão encovados no rosto que pareciam fechar completamente quando ele

sorria, o que com frequência fazia, segundo atestavam as rugas em volta dos olhos. No momento, no entanto, ele franzia o cenho.

— Eu estava aqui no balcão — disse o valete. — Esse homem, ele estava lá, ele viu tudo. Ele subiu, devido à gritaria, a arma disparou pouco depois que ele entrou. Depois disso houve outro tiro, um segundo tiro. Eu estava prestes a subir para investigar, mas então Jo Pritchard desceu dizendo que não me preocupasse. Dizendo que a prostituta estava limpando o artefato, e que disparou por acidente. Mas essa explicação só diz respeito ao primeiro disparo.

Edgar Clinch deslizou o olhar de volta a Gascoigne.

— O segundo tiro foi meu — disse Gascoigne, falando com um aborrecimento mal dissimulado; ele não apreciava ser retido contra sua vontade. — Atirei experimentalmente, uma vez que notei que o primeiro tiro havia falhado.

— E a que se deve a gritaria? — perguntou o hoteleiro.

— Essa situação já foi resolvida.

— Jo Pritchard, atacando-a?

— Foi o que pareceu, daqui de baixo — disse o valete.

Gascoigne fulminou o valete com um olhar pernicioso, e então dirigiu-o a Clinch.

— Nenhuma violência foi perpetrada à prostituta — disse ele. — Ela está perfeitamente sã, e a situação agora está resolvida, como já lhe contei.

Clinch estreitou os olhos.

— É estranho como tantas armas disparam quando são limpas — disse ele. — É estranho como tantas prostitutas resolvem limpar suas armas na presença de homens. É estranho como tantas vezes isso já aconteceu no meu hotel.

— Eu lamento não poder opinar sobre este assunto — disse Gascoigne.

— Eu acredito que você possa — disse Edgar Clinch. Ele espaçou um pouco mais os pés e cruzou os braços sobre o peito.

Gascoigne suspirou. Ele não estava com cabeça para demonstrações brutas de autoridade.

— O que se passou? — disse Clinch. — Aconteceu algo a Anna?

— Sugiro que você mesmo pergunte a ela — disse Gascoigne — e poupe-nos algum tempo. Pode fazê-lo facilmente, veja bem: ela está logo acima.

— Eu não gosto de ser feito de tolo no meu próprio hotel.

— Não sabia que estava fazendo-o de tolo.

O bigode de Clinch contorceu-se perigosamente.

— Qual é o seu problema?

— Não tenho nenhum problema — disse Gascoigne. — Qual é o seu?

— Pritchard. — Ele cuspiu-lhe o nome.

— *Eu* não tenho nada a ver com isso. — disse Gascoigne. — Pritchard não é *meu* homem. — Ele sentiu-se emboscado. Era inútil argumentar com um homem cuja mente estava já determinada, e Edgar Clinch, ao que parecia, ansiava por uma briga.

— Isso é verdade — interveio o valete, indo ao socorro de Gascoigne. Ele também havia percebido que seu empregador estava zangado. O rosto do hoteleiro estava muito rubro e as pernas de suas calças se contorciam, como se ele precisasse mudar seu ponto de apoio para sustentar o peso do corpo — um claro sinal de que estava furioso. O valete explicou, em tom apaziguador, que Gascoigne apenas interrompera a discussão entre Pritchard e Anna; ele não esteve presente desde o começo.

Clinch não se afigurava terrivelmente intimidante, nem mesmo quando se fixava em posição de combate, como estava naquele momento: ele mais parecia agitado que assustador. Sua fúria, embora palpável, parecia de certo modo torná-lo impotente. Ele era *tomado* por essa emoção; era seu vassalo, e não seu suserano. Observando-o, Gascoigne vislumbrou antes uma criança preparando-se para um acesso de raiva do que um lutador para uma luta — embora, é claro, a criança não fosse menos perigosa caso sofresse a mesma provocação. Clinch ainda bloqueava a porta. Era claro que ele não seria sensato — mas talvez, pensou Gascoigne, ele pudesse ser pacificado.

— O que Pritchard lhe fez, senhor Clinch? — disse ele, pensando que, se oferecesse ao homem uma oportunidade para falar, sua ira se escoaria, desse modo acalmando-o.

A resposta de Clinch saiu esganada e inarticulada.

— Fez mal a *Anna*! — gritou ele. — Ele lhe fornece a droga que a está matando! Vende a ela!

Isso não servia de explicação: havia de ter outra. Para aliciá-lo, Gascoigne disse, levemente:

— Sim, mas quando um homem está embriagado, você culpa o coletor de impostos?

Clinch ignorou essa tacada de retórica.

— Joseph *Pritchard* — disse ele. — Ele a daria em pessoa se pudesse, como se dá o peito a um bebê; ele o faria. *Você* há de convir comigo, senhor Gascoigne.

— Ah, você me conhece! — disse Gascoigne, num tom de alívio, e em seguida: — E eu, o conheço?

— Sua exortação no *Times* de ontem. A propósito, que tremenda sensibilidade! Que tremendo artigo! — disse Clinch. (Tecer um elogio pareceu tê-lo tranquilizado. Mas em seguida seus traços enegreceram novamente.) — *Ele* faria bem em lê-lo. Você sabe onde ele a consegue? Aquela imundície? A resina? Você sabe? De Francis Carver, isso sim!

Gascoigne encolheu os ombros; o nome não lhe dizia nada.

— O maldito Francis Carver, que a chutou, a *chutou*, a espancou, e era dele o filho! Seu filho na barriga dela! Matou sua própria prole!

Clinch estava quase gritando — e Gascoigne de repente ficou assaz interessado.

— O que está dizendo? — disse ele, pisando adiante. Anna lhe segredara que seu bebê não nascido havia sido morto pelo próprio pai. E agora este mesmo homem aparentava estar ligado ao ópio pelo qual ela quase perecera!

Mas Clinch cercara seu valete.

— Você — disse ele. — Se Pritchard aparecer novamente e eu não estiver por aqui, conto com *você* para enxotá-lo. Você me ouviu?

Ele estava muito chateado.

— Quem é Francis Carver? — disse Gascoigne.

Clinch pigarreou e cuspiu no chão.

— Um lixo de criatura — disse ele. — Um maldito lixo de criatura. Jo Pritchard, ele é apenas um patife. Carver, *ele* é o próprio

demônio; *ele* é o próprio.

— Eles são amigos?

— Amigos, não — disse Clinch. — Amigos, não. — Ele enfiou o dedo no rosto do valete. — Você me ouviu? Se Jo Pritchard pisar nessa escadaria, no *primeiro degrau*, você está demitido!

Evidentemente o hoteleiro não mais considerava Gascoigne uma ameaça — pois ele se moveu da soleira, apanhando o chapéu da cabeça; Gascoigne agora estava livre para partir como desejasse. Ele não se moveu, no entanto; em vez disso, esperou que o hoteleiro lhe fornecesse mais detalhes, o que, após lamber os cabelos com a palma da mão e pendurar o chapéu no cabideiro, ele fez.

— Francis Carver é um traficante — disse ele. — *Godspeed* é o seu navio; você deve tê-lo visto ancorado. Uma barca, três mastros.

— Qual a conexão dele com Pritchard?

— Ópio, é claro! — disse Edgard Clinch, com impaciência. Ele evidentemente não gostava de ser inquirido; franziu o cenho novamente para Gascoigne, e foi como se uma nova onda de suspeita caísse sobre ele. — O que você fazia no quarto de Anna?

Gascoigne disse, em tom de educada surpresa:

— Eu não estava ciente de que Anna Wetherell estava sob seu domínio, senhor Clinch.

— Ela está sob meus cuidados — disse Clinch. Ele lambeu os cabelos para trás uma segunda vez. — Ela se hospeda aqui, é parte do nosso trato, e eu tenho o direito de conhecer-lhe os assuntos, caso aconteçam nos meus domínios e haja pistolas envolvidas. Você! Pode sair: você tem dez minutos — esta última frase, disse-a ao valete, que picou-se dali para a sala de jantar, para tomar seu almoço.

Gascoigne segurou as lapelas.

— Suponho que você pense-a afortunada, morando aqui e com você para cuidar dela — disse ele.

— Você está errado — disse Clinch. — Não penso assim.

Gascoigne fez uma pausa, surpreso. Então ele disse, delicadamente:

— Você cuida de muitas garotas como ela?

— Apenas três, no momento — disse Clinch. — Dick, ele tem olho para elas. Apenas para as de fino trato, e ele não baixa seus padrões; aferra-se a eles. Se você quer uma prostituta barata, basta descer à alameda Clap e ver o que se pode conseguir. Mas com ele não há como gastar seus trocados. Ou libras, ou nada. Foi Dick quem lhe indicou Anna?

Esse deve ser Dick Mannering, o empregador de Anna Wetherell. Gascoigne emitiu um vago ruído, em vez de responder. Ele não se preocupou em narrar a história de como ele e Anna se conheceram.

— Bem, você deve procurá-lo se quiser tirar uma casquinha das outras — prosseguiu Clinch. — Kate, a carnuda; Sal, a de cabelo encaracolado; Lizzie, a de sardas. Não adianta me perguntar. Eu não faço nada disso, as reservas e tudo o mais. Elas apenas dormem aqui. — Ele viu que a escolha deste último verbo provocou a incredulidade do interlocutor, e então emendou — Eu quis mesmo dizer dormir, veja você: não era um eufemismo. Não posso permitir visitas noturnas. Eu perderia minha licença. Se você quer a noite toda, você reserve por conta própria, reserve seu próprio quarto.

— É um excelente estabelecimento — disse Gascoigne polidamente, varrendo o ambiente com a mão.

— Ele não é *meu* — disse Clinch, com um olhar desdenhoso. — Eu o alugo. Toda a rua, da Weld à Stafford, é tudo alugado. Este lugar pertence a um camarada chamado Staines.

Gascoigne estava surpreso.

— Emery Staines?

— Esquisito… — disse Clinch. — Muito esquisito alugar de um homem que tem a metade de minha idade. Mas, tempos modernos: todos a prumo, cada um por si.

Pareceu a Gascoigne que existia um jeito forçado na maneira como Clinch falava: suas frases aparentavam ser emprestadas, e ele as enunciava artificialmente. Ele era cauteloso no tom, até mesmo ansioso, e parecia proteger-se contra o mau conceito de Gascoigne, embora isso fosse impossível. “Ele não confia em mim”, Gascoigne pensou, e em seguida: “Bem, eu também não confio nele”.

— O que, imagine, acontecerá a este estabelecimento se o senhor Staines não retornar? — disse ele em voz alta.

— Eu permanecerei — disse Clinch. — Comprarei-o, talvez. — Por um momento ele remexeu nervosamente numa gaveta debaixo do balcão e então disse: — Ouça: você vai pensar que sou um sujeito cacete por perguntar novamente, mas o que você estava fazendo no quarto de Anna?

Ele olhou quase como se suplicasse.

— Trocamos algumas palavras sobre dinheiro — disse Gascoigne. — Ela está de bolsos vazios. Mas creio que você já o soubesse.

— De bolsos vazios! — zombou Clinch. — Isso é que é palavra! Ela possui bolsos suficientes, creia-me.

Isso seria uma referência secreta ao ouro que havia sido costurado no vestido de Anna? Ou apenas uma alusão grosseira à profissão da garota? Gascoigne sentiu-se subitamente alerta.

— Por que deveria acreditar em você e não em Anna? — disse ele. — Segundo o que *ela* explicou, ela não possui sequer um pêni atrelado ao nome, e mesmo assim você acha justo exigir-lhe seis libras, de imediato!

Os olhos de Clinch arregalaram-se. Então, Anna confidenciara a Gascoigne sobre o aluguel que devia. Então, ela havia-se queixado dele — e amargamente, a julgar pelo tom hostil do francês. O pensamento o magoou. Clinch não gostou de pensar em Anna falando dele a outros homens. Calmamente, ele disse:

— Isso não é assunto seu.

— Pelo contrário — disse Gascoigne. — Anna levantou-me a questão. Ela implorou-me.

— Por quê? — disse Clinch. — Mas por quê?

— Imagino que porque ela confia em mim — disse Gascoigne, com um toque de crueldade.

— Quero dizer, qual o sentido de implorar a *você*?

— Para que eu a ajudasse — disse Gascoigne.

— Mas por que *você*, no entanto? — disse Clinch novamente.

— Que quer dizer com isso?

Clinch quase gritou.

— O que Anna está fazendo ao pedir a *você*?

Os olhos de Gascoigne cintilaram.

— Suponho que esteja me pedindo para definir precisamente o tipo de relação que tenho com ela.

— Eu não preciso perguntar isso — disse Clinch, com uma áspera risada. — *Disso* já conheço a resposta!

Gascoigne sentiu uma onda de fúria.

— Você é impertinente, senhor Clinch — disse ele.

— Impertinente! — disse Clinch. — Quem é impertinente? A prostituta está de luto, isso é tudo, e você não pode negá-lo!

— O fato de ela estar de luto é a própria razão pela qual não pode lhe saldar as presentes dívidas. E ainda assim você insiste em maltratá-la.

— *Maltratá-la*!

— Tive a impressão — disse Gascoigne friamente — de que Anna lhe tem muito medo — (o que estava longe de ser verdade).

— Ela não tem medo de mim — disse o hoteleiro, parecendo perplexo.

— Que lhe importam seis libras? Que lhe importa se Anna lhe pagar amanhã ou ano que vem? Você acaba de se assegurar uma "zarpada". Você possui milhares de libras no banco! E eis você agora, descabelando-se por causa do aluguel de uma prostituta, tal qual um especulador atuando em Limehouse![6]

Clinch eriçou-se.

— Uma dívida é uma dívida.

— Diacho — disse Gascoigne. — Um rancor é um rancor, é mais provável.

— O que isso quer dizer?

— Ainda não sei — disse Gascoigne. — Mas estou começando a achar, pelo bem de Anna, que devo tentar descobri-lo.

Clinch ficou rubro novamente.

— Você não devia falar comigo dessa maneira — disse ele. — Não devia, e em meu próprio hotel!

— Você fala como se fosse o tutor dela! Onde você estava esta tarde, quando ela estava em perigo? — disse Gascoigne, que estava começando a se sentir um pouco imprudente. — E onde você estava quando ela apareceu semimorta no meio da estrada Christchurch?

Mas desta vez Clinch não se acovardou ante a acusação, como fizera antes. Em vez disso, pareceu fortalecer-se. Ele olhou de volta para Gascoigne com a mandíbula novamente cerrada.

— Não tenho de ouvir instruções sobre como proceder com Anna — disse ele. — Você não sabe o que ela é para mim. Eu não ouvirei instruções.

Os dois homens se encararam um ao outro como dois cães de briga sobre um fosso, e então cada qual expressou o reconhecimento do outro e admitiu, tacitamente, que havia encontrado seu páreo. Pois Gascoigne e Clinch não eram tão díspares em relação ao temperamento, e até mesmo em sua dessemelhança eles demonstravam uma harmonia de humores — sendo Gascoigne a oitava superior, aquela de som mais nítido e brilhante, e Clinch a nota grave, tamborilante.

Edgar Clinch possuía uma natureza algo circular. Ele tanto era solícito quanto inseguro — atributos que, por serem opostos, tendiam a engendrar nele um estado constante e ansioso de contínua mudança. Provia aqueles a quem amava apenas para exigir a completa aprovação de seus cuidados — uma exigência que, por sua vez, o envergonhava, pois ele era sensível às nuanças das próprias ações e inseguro quanto ao que estas valiam; consequentemente, ele retirava a exigência, dobrava sua provisão e começava tudo de novo, apenas para descobrir que sua necessidade de aprovação também dobrara. Desta forma ele permanecia em perpétuo movimento — assim como uma mulher, atrelada aos ritmos da lua, está em perpétuo movimento.

Sua relação com Anna Wetherell começara dessa mesma maneira. Quando Anna chegara de Dunedin, Clinch não se deixara abater: ela era a criatura mais rara e mais atormentada que já conhecera, e ele se prometeu que não descansaria enquanto ela não fosse amada. Ele reservou a ela o melhor quarto e a mimou de todas as maneiras que conhecia, mas doeu-se muito quando ela não reparou nos seus esforços — e quando ela não reparou na sua dor, ele se enraiveceu. Sua raiva era tanto insustentável quanto insustentada; ela não o alimentava assim como às vezes acontece aos homens. Em vez disso, sua emoção apenas o dirimia, deixando-o ainda mais vazio — e, portanto, ainda mais pronto para amar.

Quando Anna chegou a Hokitika, ela estava carregando um bebê, embora sua barriga ainda não houvesse começado a crescer e sua silhueta ainda não traísse o segredo de sua condição. Clinch encontrou-a no cais Gibson, lugar ao qual ela fora levada por uma alvarenga, tendo a barca *Godspeed* deitado âncora a cerca de cem metros em alto-mar. O dia estava claro e brilhante devido ao frio. A foz do rio refulgia brilhantemente; soava no ar o canto dos pássaros. Até mesmo agora Clinch sentia poder recordar-se de cada detalhe. Ele conseguia ver o amplo halo do gorro dela e as extremidades de suas fitas, desfraldando-se ao vento; ele conseguia ver suas botinas, as luvas abotoadas, a bolsinha de retícula. Ele conseguia ver o tremeluzir púrpura de seu vestido — que fora alugado, como depois descobriu, pelo *impresario* Dick Mannering, a quem Anna pagaria um aluguel diário até que tivesse meios para adquirir um ela mesma. A cor berrante não lhe caía bem: tornava sua cútis descorada e drenava-lhe a vivacidade dos olhos. Edgar Clinch achou-a esplêndida. Radiante, ele premiu sua delgada mão nas suas e sacudiu-a vigorosamente. Deu-lhe boas-vindas a Hokitika, ofereceu seu braço e propôs um passeio, o qual ela aceitou. Após instruir os carregadores a levar seu baú ao Gridiron Hotel, Clinch estufou o peito e ladeou-a rua Revell abaixo como um consorte escoltando uma rainha.

Naquele tempo, Edgar Clinch contava menos de um mês em Hokitika. Ele ainda não conhecia Dick Mannering, embora tivesse ouvido seu nome; ele encontrara o bote de Anna naquela tarde sem arranjo prévio nem com o magnata nem com a prostituta. (Mannering ficara retido em Dunedin e não chegaria a Hokitika antes da semana seguinte; em todo caso, ele preferia viajar no vapor a viajar à vela.) Quando fazia dia bom, Clinch com frequência quedava-se na restinga e saudava os mineiros ao desembarcar na areia. Apertava-lhes as mãos, sorria e convidava todos eles a se hospedarem no Gridiron Hotel — observando, casualmente, que podia oferecer um generoso desconto, mas somente àqueles que o aceitassem dentro da meia hora seguinte.

Durante o breve passeio desde o cais Gibson, Clinch tornou-se muito consciente da delicada pressão exercida pela mão de Anna sobre seu cotovelo; no momento em que chegaram à porta de

entrada do Gridiron, ele descobriu que agora dependia daquela pressão. Ele implorou para conduzir a jovem mulher ao almoço na sala de jantar; ela aceitou, instigando-lhe no peito um paroxismo de sensação redentora, devido ao qual ele ofereceu-lhe seu melhor e maior quarto.

Anna pagou por sua hospedagem com uma nota promissória de Dick Mannering, a qual Clinch, em seu súbito afluxo de generosidade, aceitou sem questionamento. No momento em que lhe despontou o pensamento de que ela devia ser uma associada da mais antiga profissão que havia, suas afeições foram segura e irrevogavelmente agraciadas. Quando Mannering chegou a Hokitika uma semana depois, apresentou-se a Clinch como o empregador de Anna, tendo por conseguinte negociado um acordo segundo o qual a prostituta receberia, em troca de uma taxa semanal, os benefícios da proteção, da vigilância discreta, de duas refeições por dia e de um banho semanal. Este último item era um luxo dispendioso, e um luxo que seria rescindido (tal como Mannering confidencialmente explicara) assim que a garota se estabelecesse na cidade. Durante as primeiras semanas de seu trabalho, no entanto, era necessário regalar seu senso de opulência e satisfazer seus gostos.

Clinch estava mais do que contente em encher a banheira de cobre todo domingo, por mais árdua que fosse essa tarefa. Ele adorava entrever Anna no patamar, de cabelos ainda molhados e frescamente limpa; ele adorava passar por ela na sala de jantar nas tardes de domingo e capturar a fragrância leitosa de sabão de sua pele. Ele adorava derramar a água utilizada em seu banho, turvada de sujeira, na sarjeta no fim da calçada e esperar, à medida que a água branca se infiltrava, que Anna estivesse olhando para ele de sua janela no pavimento superior.

Os esforços de Clinch no amor eram sempre de uma espécie maternal, pois é um aspecto da natureza humana ofertar aquilo que mais desejamos receber, e o que Edgar Clinch mais almejava era uma mãe — uma vez que a sua havia morrido durante sua infância e desde então ressuscitara em sua mente como uma deusa de reluzente virtude, uma deusa cuja face era de perfil ofuscado, como se visto através de uma janela num dia de névoa. Havia um quê de descabimento em todos os seus labores amorosos, no entanto, pois

eles exigiam de seu alvo uma delicadeza de intuição que ele próprio não possuía. Edgar Clinch era um romântico incorrigível, mas em todos os sentidos ordinários ele era um romântico malsucedido: a despeito de seus cuidados diários, Anna Wetherell permaneceu inteiramente ignorante do fato de que o hoteleiro a amava com a paixão de um coração solitário e desesperado. Ela era cortês com ele e mantinha seus aposentos em ordem, mas ela nunca solicitava sua companhia e restringia suas conversações aos temas mais triviais. É escusado dizer que sua indiferença apenas fazia aquecer as brasas da paixão daquele homem — e as regulava ainda mais, de modo que queimassem por mais tempo e com uma luz ainda mais avermelhada. Quando Mannering sugerira, após um mês, que a extravagância do banho semanal de Anna deveria ser descontinuada, Clinch somente deixou de listar o serviço na fatura mensal de Anna. Todo domingo ele preparava a banheira de cobre, dispunha as toalhas, despejava a água, como antes.

Parecia que, naqueles primeiros meses, nada podia enfraquecer a adoração de Clinch por Anna. A realidade da profissão dela não o repelia, embora saber que ela estava sempre tão à mercê da inflicção de danos o afligisse. Quando tomou conhecimento de que ela era uma comedora de ópio e usava a droga praticamente todos os dias, ele da mesma forma ficou pesaroso e temeroso, mais do que repelido. (Ele argumentava que a droga era muito elegante e que ele mesmo usava láudano sempre que não conseguia dormir; ora, qual era a diferença entre o ópio que se transformava em uma tintura e o ópio que se queimava em um cachimbo?) Os aspectos mais lamentáveis da vida de Anna, longe de afastarem Clinch, apenas causavam-lhe tristeza, e por conseguinte ele ansiava ainda mais por sua felicidade.

Quando ficou evidente que Anna estava esperando um filho de outro homem, no entanto, a tristeza de Clinch ganhou uma ponta de alerta. Ele passou a imaginar se doravante deveria fazê-la conhecer seus sentimentos. Talvez ele devesse propor-lhe casamento. Talvez, quando o bebê nascesse, ele pudesse adotar o pequenino como se fosse seu e cuidar dele; talvez eles pudessem se tornar uma família, de certo modo.

Clinch ponderava exatamente sobre essa questão numa tarde de pleno inverno quando ouviu um baque na varanda do hotel e um grito abafado. Abriu o caixilho da janela (ele estava acendendo as lareiras nos quartos do pavimento superior) e espreitou lá fora, vendo que Anna tropeçara no baixo lance de escadas que conduzia à porta de entrada. Enquanto observava, ela ergueu o braço, lentamente, e começou a buscar o corrimão.

Clinch desceu as escadas, atravessou o vestíbulo e abriu a porta para que ela entrasse — no momento em que Anna já havia se aprumado e atravessava a varanda. Quando Clinch pisou do lado de fora, Anna, que estivera a ponto de alcançar a aldrava, caiu sobre ele e, para não cair, ela elevou os braços pesados e os envolveu no pescoço dele. Entornou o rosto em seu colarinho, de modo que seu nariz e boca ficaram pressionados contra a pele da garganta dele; ela parecia vergar-se contra ele. Clinch emitiu um murmúrio de surpresa — e então permaneceu assaz parado. Ele sentiu que, caso falasse ou se movesse muito rapidamente, aquele momento se perderia, e a prostituta lhe fugiria. Ele olhou além, por cima do ombro dela. Era uma tarde pálida e clara de domingo, e a rua estava calma. Ninguém podia vê-los. Ninguém os observava. Clinch prendeu com as mãos a cintura de Anna, e inspirou, e inspirou novamente — e então, em um movimento ágil, ele apertou Anna contra si, levantou-a e cravou os lábios em sua bochecha. Ficou assim por um longo tempo, seus lábios contra sua mandíbula. Então ele guinchou-a ainda mais alto, retrocedeu para dentro do vestíbulo, fechou a porta com a ponta do pé, girou a chave na fechadura e carregou-a escada acima.

O banho de Anna havia sido preparado no quarto oposto ao patamar, e tinas d'água lhe esperavam, cobertas, na saliência ao lado da lareira. Clinch, ainda com Anna nos braços, abaixou-se sobre o canapé perto da banheira. Seu coração batia freneticamente. Ele recuou, para poder olhar para ela. Os olhos dela estavam fechados; seus membros, frouxos e grudentos.

Muitos meses haviam se passado desde que Anna devolvera a Dick Mannering o vestido púrpura alugado, tendo comprado em seu lugar diversos vestidos que melhor se conformavam ao seu feitio. Hoje, no entanto, ela não usava o vestido laranja de anquinhas com

que ela habitualmente anunciava seus serviços — pois as prostitutas em Hokitika trajavam cores claras quando estavam trabalhando, e tons pastéis, quando não estavam. Ela vestia, em vez disso, uma túnica creme de musselina, cujo busto era talhado no estilo de um casaco de equitação e abotoado até a garganta. Em volta de seus ombros usava um xale azul de três pontas. A partir destas pistas e do fato de ela estar sensível aos efeitos do ópio, Edgar Clinch deduziu que ela estivera havia pouco em Chinatown: quando ela viajava àquele lugar, viajava incógnita, em suas roupas opacas.

Com dedos trêmulos, Clinch folgou o xale dos ombros de Anna e deixou-o cair no chão. Ele em seguida desfez a abóbada nas costas do vestido e afrouxou os cordões do espartilho, agindo vagarosamente e em etapas. Seus dedos sentiram os botões revestidos de tecido, um a um, e desengataram os laços que os prendiam. Ela foi complacente nos seus braços, e quando ele movimentou-se para folgar o vestido de seus ombros, ela levantou os braços como uma criança muito pequena. Depois, ele desmontou sua crinolina e a ergueu para fora do arco mais alto, a fim de que a estrutura se desfizesse, atingindo o chão com um chocalhar de fivelas e madeira. Ele a deitou novamente no canapé — ela agora estava despida, trajando somente a combinação — e envolveu o xale em seu corpo. Então ele parou e começou a encher a banheira. Ela jazia com o queixo escorado no dorso da mão, seu peito inflando e murchando como se à espasmódica respiração do sono. Quando a água estava pronta, Clinch voltou a ela, murmurando frases tranquilizadoras; ele puxou a combinação por cima da cabeça, apanhou seu corpo nu, ajoelhou-se e deitou-a na banheira.

Anna emitiu um arrulho quando seu corpo tocou a água, mas ela não abriu os olhos. Clinch arranjou-a de modo que a beirada de cobre da banheira se assentasse confortavelmente à sua nuca, garantindo que ela não pudesse escorregar e se afogar. Ele afastou os cabelos das bochechas e correu seu polegar pela mandíbula. Ele molhara as mangas até os ombros ao deitá-la na água; logo ele recuou e segurou longe do corpo as mangas ensopadas, olhando para ela. Ele se sentiu muito solitário e muito satisfeito, ao mesmo tempo.

Após um instante, o hoteleiro ajoelhou-se e recolheu do assoalho o vestido de musselina, pretendendo esticá-lo e dobrá-lo sobre o encosto do canapé. O vestido era mais pesado do que imaginara — ora, ele era apenas musselina e costura, agora que a crinolina fora desmontada e as anáguas e calçolas postas de lado! Por que era tão pesado? Ele beliscou o tecido e, ao fazê-lo, sentiu algo estranho por sobre as mãos. Virou o vestido — e o que era aquilo, algum tipo de peso, espaçado ao longo da costura? Assemelhava-se a uma fileira de pedras. Ele enfiou o dedo por entre um filamento e sentiu-o estalar, e então insinuou o dedo e o polegar no túnel da bainha. Talvez tivesse sido atochado com algo. Ele retirou, para seu espanto, uma pitada de ouro puro.

Anna ainda dormia, sua bochecha contra a beirada da banheira. Clinch, com o coração acelerado, tateou ao longo das costuras do vestido e dos folhos ao busto. Havia onças e onças — talvez libras-peso — escondidas no tecido. E todas puras! Que Anna fizera em Chinatown, para que voltasse semiatarantada de ópio e com o vestido cheio de minério? Ela devia estar traficando o material para algum lugar — contrabandeando-o, era o que aparentava. Levando-o *para* Chinatown? Isso não fazia sentido. Ela devia estar *tirando-o* de lá. Em troca de ópio, talvez! A mente de Clinch movia-se muito rapidamente. Recordava agora que esconder ouro no forro de uma roupa era um método comum para evadir tributações na alfândega, embora representasse grande risco, pois, caso se fosse pego, arcava-se com multas onerosas e até mesmo uma passagem no cárcere. Mas a própria Anna não era uma mineiradora — ela era uma mulher, por Deus! —, e não era possível que o ouro lhe pertencesse. Alguém devia ter confiado o bastante em Anna para esconder todo esse ouro em sua roupa. E Anna deve ter confiado o bastante neste homem para assumir o risco por ele.

Então lhe ocorreu: *Mannering*. Dick Mannering era senhor de quase todo chinês de Kaniere; todos trabalhavam em concessões suas, em troca de algum tipo de salário. Mannering também era o empregador de Anna. Ora, é claro! Mannering era conhecido como negociante trapaceiro — e qual cafetão não era? E ele não declarara, repetidas vezes, que Anna Wetherell era a melhor das prostitutas?

Clinch voltou-se para Anna e sobressaltou-se ao ver que seus olhos estavam abertos e que ela o encarava.

— Como está a água? — disse ele tolamente, sacudindo a dobra do vestido de forma que a pitada de ouro em seus dedos ficasse oculta.

Ela cantarolou seu prazer, em resposta — mas moveu o joelho em consideração ao recato e cruzou os braços em cima dos seios. Seu abdômen distendido era uma esfera perfeita, flutuando alto na água turva como uma maçã em um balde.

— Você veio andando o caminho todo de Kaniere até aqui? — perguntou Clinch. Certamente ela não havia caminhado quatro milhas, não quando ela mal conseguia manter a cabeça erguida! Não quando ela mal conseguia parar em pé!

Ela cantarolou novamente, quebrando a melodia em duas partes, para indicar uma resposta negativa.

— Como veio, então? — disse Clinch.

— Dick estava passando por perto — balbuciou ela. As palavras eram como melaço de cana em sua boca.

Clinch aproximou-se.

— Dick Mannering, passando por Chinatown?

— Mm. — Ela fechou novamente os olhos.

— Deu-lhe um carona, sim?

Mas Anna não respondeu. Ela voltara a adormecer. Sua cabeça tombou de volta à borda da banheira e seus braços cruzados caíram para longe do seio, golpearam a superfície da água, afundaram e levantaram-se novamente.

Clinch ainda segurava a pitada de ouro nos dedos. Cuidadosamente ele deitou o vestido no encosto da cadeira e então despejou a pitada de ouro dentro do seu bolso, esfregando o polegar e o indicador para soltar os flocos, como se ele estivesse pondo sal num ensopado.

— Deixarei você tomando banho — disse ele, e retirou-se do quarto.

Mas, em vez de retornar ao térreo, ele transpôs a entrada do hotel agilmente, rumo aos aposentos de Anna, e posicionou sua chave-mestra facilmente na fechadura. Ele adentrou seu quarto e foi até o armário, onde ela guardava suas roupas. Anna tinha cinco

vestidos, todos eles comprados de segunda mão de um cargueiro a vapor que soçobrara no banco de areia. Clinch voltou-se primeiro ao vestido de trabalho. Com ágeis dedos tateantes ele perscrutou ao longo de cada costura e sentiu as anquinhas por dentro. Assim como a musselina, este vestido também estava deveras atochado de ouro! Ele passou ao vestido seguinte — e ao seguinte — e ao seguinte; em todos os vestidos verificava-se o mesmo. Ora, pensou Clinch fazendo cálculos na cabeça, nesses cinco vestidos Anna Wetherell acumulava uma verdadeira fortuna.

Ele sentou-se na cama dela.

Anna nunca usava o vestido laranja em Chinatown — Clinch o sabia com toda a certeza —, e mesmo assim o vestido estava forrado de ouro, tal qual os outros. Então isso não era apenas um acordo com os orientais, como ele primeiro acreditara! Isso era uma operação que ultrapassava os limites de Chinatown. Talvez ultrapassasse até os limites de Hokitika. Alguém estava preparando um roubo de primeiro grau, pensou Clinch.

Ele considerou as alternativas. Mannering estaria usando Anna como uma mula, para traficar ouro para fora do desfiladeiro *sem* que ela o soubesse? Ora, pensou Clinch, essa tarefa seria bastante fácil: fazia-se necessário somente fornecer-lhe um cachimbo de ópio e esperar que caísse no sono, e consequentemente o ouro poderia ser costurado dentro de seu vestido, uma pitada por vez. Talvez… mas não: era absurdo pensar que Mannering cobiçaria um risco tão colossal sem ter a garantia da própria discrição da prostituta. Ela carregava em sua pessoa centenas de libras, por Deus! Talvez milhares! Ela *devia* estar ciente. Mannering não era um tolo quando o assunto era dinheiro. Ele nunca confiaria uma fortuna à tutela de uma prostituta ordinária sem possuir um seguro em troca. Anna devia ter-lhe oferecido algum tipo de garantia — alguma dívida, pensou Clinch, ou algum compromisso. Mas de que ela podia dispor, que pudesse servir como caução para uma fortuna em ouro puro?

Subitamente furioso, Clinch esmurrou a colcha com os punhos. *Mannering!* Sua presunção — engendrar uma mentira desse gênero, quando Anna vivia sob o teto de Clinch e ceava à sua mesa! E se os sargentos de plantão houvessem-na visitado — e se

tivessem vasculhado seu quarto? Quem então arcaria com a responsabilidade? Ora, pensou Clinch, no mínimo *ele* deveria ter recebido uma fatia do lucro — ele deveria ter sido informado! E os chineses estavam envolvidos no segredo, sem dúvida. Aquilo era enervante. Talvez toda Hokitika o soubesse. Clinch proferiu uma imprecação. “Dick Mannering”, pensou ele amargamente, “podia ir para o inferno.”

Ele ouviu um chapinhar no quarto ao lado — Anna devia ter-se levantado — e imaginou, rapidamente, se deveria confiscar os vestidos do guarda-roupa. Talvez ele os pudesse reter como um resgate contra Mannering. Ele poderia esperar até que Anna recuperasse os sentidos e questioná-la sobre a matéria. Ele poderia forçar uma confissão — um pedido de desculpas. Mas a coragem lhe faltara. Edgar Clinch era sempre malogrado pelo sofrimento; suas mágoas, embora fossem sentidas agudamente, poucas vezes progrediam além de uma manifestação muda em sua mente. Com o coração pesado, ele deixara o quarto de Anna, retornara ao térreo e destrancara a porta do vestíbulo.

— Por favor, aceite minhas sinceras desculpas — disse Gascoigne.

Clinch piscou.

— Pelo quê?

— Por minha insinuação de que você possuía no coração algo mais do que o bem da senhorita Wetherell.

— Oh — disse Clinch. — Sim. Ora, obrigado.

— Adeus — disse Gascoigne.

Clinch recebeu com desapontamento essa despedida. Ele esperava que Gascoigne ficasse um pouco mais — pelo menos até que seu valete retornasse do almoço — e resolvesse o assunto. Sempre o entristecia concluir uma conversação num tom pouco cortês, e ele de fato *queria* discutir com Gascoigne o assunto da dívida de Anna, por mais hostil que tenha sido à primeira menção do tema. Ele não pretendera perder seu humor com Anna na tarde anterior. Mas ela mentira para ele — dizendo que não tinha um xelim no bolso, quando os havia às centenas, até mesmo aos milhares, costurados nos vestidos de seu guarda-roupa! Os vestidos ainda estavam lá; ele checava-os periodicamente para se assegurar

de que o minério não fora removido. Por que *ele* deveria saldar sua fatura das despesas diárias quando ela tinha acesso a tão extraordinária riqueza? Por que *ele* deveria ser aquele que lhe mitigava os problemas, quando ela conspirava contra ele e até mesmo lançava-lhe lorotas ao rosto? Meses de silêncio o tornaram muito amargo, e sua amargura amadurecera, em instantes, até tornar-se despeito.

Ele adiantou-se e até mesmo ergueu a mão, pretendendo retardar a partida de Gascoigne. Queria implorar que não saísse; queria, subitamente, desesperadamente, não ficar sozinho. Mas que razão poderia alegar para persuadir Gascoigne a ficar? Ganhando tempo, disse:

— Para onde se dirige?

A pergunta irritou Gascoigne. Quão enfadonha podia ser a vida nas novas terras! Todo homem era questionado sobre sua vida privada; não era como em Paris ou Londres, onde era possível sentir em cada esquina o luxo do anonimato; onde era possível achar-se realmente sozinho.

— Tenho um compromisso — disse ele secamente.

— Com quem é seu compromisso? Do que se trata?

Gascoigne suspirou. Era tão fastidioso ser questionado! Clinch parecia quase amuado — como se a partida de Gascoigne o vexasse! Ora, eles haviam se conhecido apenas dez minutos antes.

— Irei com uma dama — disse ele — escolher chapéus.

Nó verdadeiro em Virgem

Em que Quee Long é três vezes interrompido; Charlie Frost defende seu ponto de vista; e Sook Yongsheng nomeia um suspeito, para surpresa de todos.

No exato momento em que Gascoigne abandonou Edgar Clinch, batendo a porta de entrada do Gridiron assaz descortesmente atrás de si, Dick Mannering e Charlie Frost desembarcavam da balsa nas pedras da margem do rio em Kaniere. O negociante comissionado Harald Nilssen também se aproximava dali rapidamente, a pé; apenas acabara de passar a estaca que anunciava estar a meia milha de distância do povoamento, um encorajamento que o induzira a acelerar consideravelmente sua marcha, embora ele continuasse a bagunçar as gramíneas encharcadas da beira da estrada com sua bengala. O objetivo dos três homens era, obviamente, alcançar a Chinatown de Kaniere e lá exigir uma entrevista com o ferreiro chinês Quee Long — que há pouco se sobressaltara, como dentro em breve se sobressaltaria novamente, com a chegada de um convidado muito inesperado.

"Chinatown" era um nome um tanto enganador para aquela pequena aglomeração de tendas e cabanas de pedra cerca de cem metros rio acima partindo das concessões de Kaniere, pois, embora todo homem dali fosse originário de Cantão e principalmente de Kwangchow, mal se poderia dizer que, juntos, compreendessem uma municipalidade: Chinatown servia de lar, àquela época, para somente quinze chineses. Em meio desse diminuto aglomerado, a morada de Quee Long era notável por sua bela chaminé, feita de barro cozido. O forno de tijolos a que se ligava essa chaminé havia sido construído como uma forja em miniatura, equipada com uma câmara de ferro fundido debaixo de uma prateleira de barro e situada no centro do único aposento da morada; era sobre essa prateleira de barro que Quee Long dormia, aquecido pelos tijolos que à noite ainda conservavam o calor do fogo do dia. Quando

fundia sua produção de minério semanal, enchia a fornalha de carvão, pois, por dispendioso que fosse, esse combustível queimava mais quente que o coque; hoje, no entanto, seu crisol e seus foles haviam sido postos de lado e a fornalha estava empilhada com um feixe de lenha de lenta incineração.

Quee Long era um homem avantajado de boas proporções e uma força prática. Seus olhos eram arredondados na parte mais interna, mas afinavam-se perto das bochechas; o formato de seu rosto era quase quadrado. Quando sorria, revelava uma dentição bastante incompleta: ele perdera dois incisivos, bem como os primeiros molares do maxilar inferior. As falhas em seu sorriso tendiam a remeter à imagem de uma criança cujos dentes de leite estavam caindo — uma comparação que o próprio Quee Long podia ter feito, pois ele possuía olho crítico, inteligência sagaz e gosto pela depreciação cáustica, ainda mais pela depreciação autoinfligida. Ele pintava uma débil figura sempre que falava sobre si mesmo, prática que era realizada com algum humor, mas que traía, não obstante, uma imagem de si excessivamente vulnerável. Pois Quee Long calculava todas as suas ações a partir de um padrão particular de perfeição e trabalhava a serviço desse padrão: por conseguinte, ele nunca estava verdadeiramente satisfeito com nenhum de seus esforços ou resultados, e tendia, em geral, ao derrotismo. Essas nuanças do seu caráter se perdiam em meio aos súditos da Coroa Britânica, com quem Quee Long trocava uma palavra ou outra, mas dentre seus compatriotas ele era reconhecido pelo humor cínico, o espírito melancólico e a tenacidade canina a serviço de ideais intocáveis.

Ele viajara à Nova Zelândia por um acordo. Em troca do custo de sua passagem de volta de Kwangchow, Quee Long concordara em ceder para uma empresa privada a maior parcela de seus proventos na jazida. Quee Long empobreceu muito pelas condições de seu acordo, que não eram nem flexíveis nem generosas; porém, permanecera mesmo assim um trabalhador expedito. Seu sonho — bastante improvável, por sinal — era retornar a Kwangchow com setecentos e sessenta e oito xelins no bolso: para tal, decidira, ele viveria até os últimos dias. (Essa quantia peculiar fora escolhida tanto por razões de bons auspícios — pois, quando pronunciada em

cantonês, soava como a frase “fortuna perpétua” — quanto por razões de preferência — pois Quee Long trabalhava melhor quando conseguia entrever a realização de uma meta.)

O pai de Quee Long, Quee Zuang, havia trabalhado em Kwangchow como guarda municipal. Ele passara toda sua vida profissional marchando para cima e para baixo ao longo do muro da cidade, supervisionando a abertura e o fechamento de portões e assegurando que a escala de trabalho dos zeladores fosse corretamente executada. Era uma ocupação importante, apesar de rotineira, e Quee Long, quando garoto, havia devidamente se orgulhado da posição de seu pai. Nas guerras comerciais dos últimos anos, no entanto, o relativo prestígio da condição de Quee Zuang esmaecera. Quando Kwangchow foi invadida em 1841, a cidade zelou por suas fortificações — à toa. Soldados britânicos apinharam as fortalezas em um número que muito excedia as forças da dinastia Qing, e as defesas chinesas foram destroçadas. Os ingleses tomaram a cidade, e, com centenas de camaradas, Quee Long foi capturado — para ser libertado na condição de que Kwangchow concordasse em abrir seus portões para o comércio.

A vergonha natural que Quee Long sentiu pelas sucessivas capitulações de sua cidade (pois Kwangchow seria tomada por soldados britânicos não menos que quatro vezes ao longo das décadas seguintes) foi centuplicada pela vergonha que sentiu pelo pai. Quee Zuang estava quase arruinado pela ignomínia que sofrera. O velho homem morreu logo após a conclusão da segunda guerra; quando ocorreu sua morte, ele já havia encarado três vezes o cano de uma espingarda britânica.

Quee Long não gostava de pensar no que seu pai diria ao vê-lo atualmente. Quee Zuang dera sua vida e honra defendendo a China das disparatadas exigências da Grã-Bretanha, e agora, nem oito anos após sua morte, Quee Long aqui estava, na Nova Zelândia, lucrando com as mesmas circunstâncias que seu pai — e seu país — havia tentado, em vão, prevenir. Ele dormia em terra estrangeira, escavando em busca de ouro (de *ouro*, não de prata) e cedendo a maior porção de seus proventos diários a uma firma britânica, de cujos cargos diretivos jamais seria convidado a participar. Seu desalento, quando ele computava essas deslealdades, era

caracterizado menos por uma vergonha filial que por uma espécie impregnante de ostracismo. Olhando em retrospecto para a longa crise em sua própria vida (pois assim a percebia, como se sua individualidade estivesse sempre equilibrada em cima do ponto de escolha — mas de que escolha, ele não o sabia, pois essa ambivalência não tinha um início real e um fim perceptível), Quee Long apenas se sentia alienado: alienado de seu próprio trabalho, dos desejos de seu pai, das circunstâncias em que seu país e sua família haviam sido cobertos de vergonha. Ele sentia não saber como deveria se sentir.

Mas havia um ponto em relação ao qual Quee Long permanecia leal à sombra de seu pai. Ele não usava ópio nem suportava que o usassem em sua presença, nem mesmo aqueles a quem amava. A droga, para Quee Long, era um símbolo que representava os abismos imperdoáveis da barbárie ocidental perpetrada contra sua civilização e o desprezo com que a vida chinesa fora encarada em face aos objetivos ocidentais desumanos de lucro e ganância. O ópio era a advertência da China. Era a penumbra da expansão ocidental — seu negro complemento, como o yin é para o yang. Quee Long com frequência dizia que um homem sem memória é um homem sem capacidade de previdência — ao que emendava, humoristicamente, que ele citara essa máxima muitas vezes antes e que estava determinado a continuar citando-a, sem alterações. Qualquer chinês que tomasse um cachimbo nas mãos era, na estima de Quee Long, tanto um traidor quanto um idiota. Sempre que cruzava com o antro de ópio de Kaniere, voltava a cabeça e cuspia no chão.

Parecerá uma surpresa, portanto, quando dissermos que o homem com quem Quee Long presentemente conversava era ninguém menos que Sook Yongsheng — o homem que dirigia o antro de ópio em Kaniere e que vendera a Anna Wetherell o grumo de ópio que quase a levara à morte, duas semanas antes do dia de hoje. (O código proibitivo de Quee Long não se estendia a Anna Wetherell, que frequentemente o visitava após ter usado seu cachimbo no antro de Kaniere, quando seu corpo estava lânguido e maleável devido à droga e ela não conseguia emitir mais que gemidos. Mas Quee Long nunca havia visto os instrumentos de seu

vício, embora ele muito se beneficiasse de seus efeitos; se ela tivesse alguma vez exibido a droga na presença dele, ele a teria derrubado de sua mão. Assim ele dizia a si mesmo, pelo menos. Por trás dessa vaga asserção havia outra crença, mais inarticulada: a de que uma justiça cósmica, no caso do deplorável vício de Anna, havia sido obedecida.)

Sook Yongsheng e Quee Long não eram amigos. Quando aquele bateu à porta de Quee Long mais cedo naquela tarde, rogando a ajuda e a hospitalidade de seu conterrâneo, este o recebera com não pouca ansiedade. Os dois homens, até onde sabia Quee Long, compartilhavam de apenas três coisas em comum: o local de nascimento, a língua e a predileção por prostitutas ocidentais. Quee Long pensou que era sobre esse terceiro item de ligação que Sook Yongsheng desejava falar, pois Anna Wetherell havia sido um tema de muita especulação e opinião nos últimos dias; ele ficou, portanto, surpreso quando sua visita anunciou que a notícia dizia respeito a dois homens: um chamado Francis Carver, e o outro, Crosbie Wells.

Sook Yongsheng era talvez dez anos mais jovem que Quee Long. Suas sobrancelhas eram muito finas e caídas de um jeito que expressavam uma leve surpresa. Seus olhos eram grandes, seu nariz, largo, e seus lábios, talhados finos em um arco de Cupido. Embora falasse com muito ânimo, ele tendia a manter o rosto muito firme quando ouvia, e por causa desse hábito era com frequência tomado por uma pessoa sábia. Ele também se barbeava e usava ainda os cabelos em uma trança, embora na verdade Sook Yongsheng nutrisse fortes sentimentos anti-manchus e pouco se importasse com o império Qing; seu estilo capilar não era uma prova de afiliação, mas de hábito, trazido dos dias de sua juventude. Ele estava usando, novamente tal qual seu anfitrião, uma túnica de algodão cinza e calças simples, sobre as quais ele circundava uma sobrecasaca preta de lã.

Quee Long nunca ouvira falar nem de Francis Carver nem de Crosbie Wells, mas ele assentiu de maneira grave, passou para o lado e recebeu o outro homem em sua casa, insistindo em que Sook Yongsheng se sentasse no lugar de honra perto do fogo. Aprontou a mais fina seleta de alimentos que conseguiria oferecer, encheu um

pote de água para o chá e desculpou-se pela pobreza de suas oferendas. O mascate de ópio aguardou em silêncio até que o anfitrião concluísse esses afazeres. Ele então fez uma profunda mesura, louvou a excepcional generosidade de Ah Quee e provou um a um dos pratos dispostos diante dele, elogiando todos. Dispensadas as formalidades, Sook Yongsheng passou a explicar o real propósito de sua visita — falando, como sempre o fazia, num estilo que era vivaz e poeticamente exagerado, acentuado por provérbios cujos significados eram sempre belos, mas nem sempre particularmente claros.

Ele principiou observando, por exemplo, que sobre uma grande árvore há sempre galhos mortos; que os melhores soldados nunca são belicosos; e que até mesmo uma boa lenha pode destruir um fogareiro — sentimentos que, por se sucederem rapidamente e carecerem de qualquer tipo de contexto estabilizante, muito aturdiram Quee Long. Este, impelido a exercitar sua inteligência, retaliou com a assaz ácida observação de que uma balança sempre dobra aos pesos — sugerindo, com o auxílio de mais um provérbio, que seu convidado não principiara a falar com consistência.

Iremos portanto intervir e apresentar a história de Sook Yongsheng de uma maneira precisa em relação aos eventos que desejava expor, em vez de precisa em relação ao seu estilo narrativo.

Φ

Ah Sook raramente se arriscava a ir a Hokitika. Ele atinha-se principalmente à sua cabana em Kaniere, que era aparatada como um salão, com divãs em cada parede e almofadas espalhadas pelo entorno, tecidos pregados para conservar e amortecer a fumaça pesada que subia dos cachimbos, dos rescaldeiros, dos candeeiros, do fogareiro. O antro de ópio possuía um ar de robusta inexpugnabilidade, uma impressão agravada pelo bafejo cálido de sua atmosfera cerrada, e desse conforto Ah Sook acabara desenvolvendo uma dependência. Durante a quinzena anterior, no entanto, ele fizera a jornada à foz do rio não menos que cinco vezes.

Na manhã de 14 de janeiro (cerca de doze horas antes da quase morte de Anna Wetherell), Ah Sook recebera de Joseph Pritchard a notícia de que um carregamento de ópio há muito aguardado havia acabado de ser entregue à sua botica e estava disponível para compra. As provisões do próprio Ah Sook estavam muito baixas. Ele pôs o chapéu e partiu imediatamente para Hokitika.

Na botica de Pritchard, adquiriu meia libra de um bloco de resina e pagou por ele com ouro puro. Na rua, com o bloco embrulhado e seguramente acondicionado em sua bolsa, ele sentiu um ímpeto de possibilidade de veraneio, do tipo que uma manhã hokitikiana raramente o fazia sentir. O sol brilhava, e o vento do Tasman emprestava ao ar uma agudeza salgada. As multidões na rua pareciam muito alegres, e quando ele cruzou a sarjeta, um mendigo tirou o chapéu e sorriu para ele. Encorajado por esse gesto imprevisto, Ah Sook decidiu protelar seu retorno a Kaniere; perderia uma hora, ou quase isso, vasculhando caixotes recuperados na rua Tancred, como um tipo de presente especial a si mesmo. Depois disso, pensou, ele poderia até comprar uma peça de carne no açougueiro e levá-la para fazer uma sopa em casa.

Mas na esquina da rua Tancred ele estacou: seu ânimo festivo dissolveu-se de imediato. De pé na extremidade da rua estava um homem que Ah Sook não via há uma década e que Ah Sook acreditara, antes deste momento, que nunca mais veria novamente.

Seu velho conhecido estava muito mudado desde seu último encontro. O rosto orgulhoso estava muito desfigurado, e uma década na carceragem dotara de uma massa musculosa o seu peito e os seus braços. Sua postura era familiar, no entanto: ele estava parado com os ombros ligeiramente arredondados e o dorso das mãos contra os quadris, tal qual nos dias de outrora. (Quão estranho era, pensou Ah Sook mais tarde, que os gestos de uma pessoa permanecessem iguais, mesmo quando o corpo se modificava, subsistia e se rendia à ação dos anos — como se os gestos fossem o verdadeiro recipiente, o vaso que continha a flor do corpo. Pois aquele devia mesmo ser, de cima a baixo, Francis Carver, parado com os quadris ligeiramente eretos e os ombros arqueados — uma postura que em outro homem pareceria desleixada. Mas a presença

de Carver, grave, sombria e imponente, era tamanha, que ele podia se permitir descuidar das regras de comportamento que os outros homens se viam obrigados, em virtude de sua mediocridade, a observar.) Carver deu meia-volta para lançar seu olhar rua abaixo, e Ah Sook saltou de banda, saindo de sua vista. Ele inclinou-se contra o pinho áspero da parede da mercearia e lá aguardou um momento até que o compasso de seu coração tivesse desacelerado.

O relato completo da história de Sook Yongsheng com Francis Carver não era ainda conhecido por Quee Long, mas desta vez Ah Sook não narrara todos os particulares da história. Ele explicou ao seu anfitrião apenas que Francis Carver era um assassino, e que ele, Sook Yongsheng, jurara tirar a vida de Carver como um ato de vingança. Ele deu essa informação quase irrefletidamente, como se fosse completamente banal jurar vingança a um inimigo; na verdade, no entanto, a raiz desse descuido era a dor, pois ele não apreciava demorar-se nos detalhes infelizes de seu próprio passado. Ah Quee, pressentindo que este não era o momento de interromper, apenas assentiu — mas reservou os fatos pertinentes, resolvido a recordá-los mais tarde.

Ah Sook continuou sua história.

Ele permaneceu por muitos segundos com a testa pressionada contra o revestimento áspero da parede da mercearia. Quando sua respiração se estabilizou, ele se deslocou de volta à quina do edifício para novamente avistar Carver — pois olhar finalmente para o rosto conjurado nos mais vingativos sonhos é um prazer do tipo mais raro e ardente, e Ah Sook conjurara durante o sono a imagem de Carver por quase quinze anos. Seu ódio ao homem não necessitava de renovação, mas ele sentiu, ao ver Carver agora, uma onda de ira súbita, desconhecida, descontrolada: ele nunca odiara o homem mais do que naquele instante. Se carregasse uma pistola, teria atirado nele de imediato e pelas costas.

Carver falava com um rapaz maori, embora Ah Sook tenha adivinhado, a partir de suas respectivas posturas, que eles não se conheciam: estavam ligeiramente apartados um do outro, mais como colegas que como amigos. Ele não conseguiu entreouvir a conversa, mas, devido à sua natureza interrupta, supôs que estavam barganhando; o homem maori gesticulava muito

firmemente e balançava a cabeça. Afinal, parecia que um preço fixo havia sido estabelecido, e Carver, tirando sua bolsa, depôs várias moedas na mão aberta do homem maori. Ele evidentemente comprara informações de algum tipo, pois agora o homem maori passara a falar com vagar e trejeitos exagerados. Carver repetiu a informação, para memorizá-la. O homem maori aquiesceu e falou um pouco mais. Dentro em pouco eles se deram as mãos e se separaram, o homem maori rumo a leste, na direção das montanhas, e Carver rumo a oeste, na direção da foz do rio e do cais.

Ah Sook cogitou seguir Carver de uma distância segura, mas optou por não o fazer: não queria forçar um encontro com o homem antes que estivesse preparado para tal evento. No momento, estava desarmado, e supôs que Carver tinha consigo ao menos uma faca e, possivelmente, algum tipo de arma de fogo: seria insensato abordá-lo em desvantagem. Em vez disso, Ah Sook saiu em busca do homem maori — que estava a caminho do vale Arahura para construir uma arapuca, tendo comprado na Hokitika Artigos Secos vários metros de linha de pesca resistente e um pequeno pedaço de biscoito para que, esmigalhado, servisse de isca.

Ah Sook apanhou-o na quadra seguinte, agarrando-o pela manga. Ele implorou por saber o conteúdo de sua conversa com Carver e mostrou uma moeda a fim de insinuar que estava disposto a pagar pela informação, se necessário. Te Rau Tauwhare fitou-o inescrutavelmente por um momento, e então deu de ombros, pegou a moeda e deu sua explanação.

Muitos meses antes do dia presente, disse Tauwhare, Francis Carver lhe oferecera uma recompensa por qualquer notícia referente a um homem chamado Crosbie Wells. Logo depois que essa oferta foi feita, Carver retornou a Dunedin, e Tauwahre, a Greymouth; os dois homens não se cruzaram novamente. Mas, da maneira como ditara o acaso, Tauwhare acabou topando com o homem por quem Carver procurava, e Crosbie Wells desde então se tornara um ótimo amigo. O sr. Wells, acrescentara Tauwahre, vivia no vale Arahura; era um antigo prospector e dedicara toda sua vida, mais recentemente, ao projeto de construção de um moinho.

(Tauwhare falava lentamente e gesticulava muito; ele estava evidentemente acostumado a comunicar-se com as mãos e com expressões faciais, e fazia uma pausa após cada proposição para assegurar que fora fielmente compreendido. Ah Sook descobriu que conseguia entendê-lo muito claramente, embora o inglês não fosse a língua nativa de nenhum deles. Ele murmurava os nomes para si: vale Arahura, Te Rau Tauwhare, Crosbie Wells.)

Tauwhare explicou que não havia visto Carver novamente antes daquela mesma manhã — a manhã de 14 de janeiro. Ele espiara Carver à beira-mar havia menos de trinta minutos, e, recordando-se da oferta que lhe fizera o capitão muitos meses antes, viu uma oportunidade de obter lucro fácil. Aproximou-se de Carver e anunciou que poderia lhe fornecer, a determinado preço, informações sobre Crosbie Wells caso a oferta de Carver ainda fosse válida — o que, evidentemente, ainda era. Eles estabeleceram um valor (dois xelins) e, assim que as moedas se encontravam em sua mão, Tauwhare contou ao outro homem onde vivia Crosbie Wells.

Ah Sook, a partir do que havia apreendido da narrativa de Tauwhare, nada descobrira que fosse de uso imediato; no entanto, ele agradeceu muito cortesmente ao homem pela informação e deu-lhe adeus. Então retornou a Kaniere — onde encontrou Anna Wetherell sentada em um trecho de sol em frente à sua barraca, aguardando por ele. Repentinamente sentindo afeição por ela (qualquer lembrança dos transtornos de sua vida passada tendia a municiar Ah Sook de uma fartura de sentimentos redentores em relação ao momento presente), ele a presenteou com meia onça do novo bloco de resina que comprara de Pritchard naquela manhã. Ela embrulhou o regalo em um pedaço de gaze e meteu-o na faixa do chapéu. Ah Sook então acendeu sua lamparina e eles se deitaram, acordando somente quando o ar começou a esfriar com a chegada do crepúsculo, em razão do qual Anna deixou-o e Ah Sook foi ocupar-se da ceia.

O ferreiro Ah Quee, a quem essa história estava sendo narrada em ritmo rápido, sentiu que a impressão que tinha de seu convidado rapidamente mudava. Ah Quee nunca nutrira grande respeito por Ah Sook, que estava sempre vestido com as sombras conjuradas do

fumegar de sua fumaça, que esquivava-se do convívio com os outros homens, que esbanjava seus lucros escassos na casa de jogos, onde em silêncio ele jogava seu dado e sem elegância cuspia no chão. Notando Ah Sook agora, no entanto, Ah Quee sentiu que se equivocara ao repudiar tão completamente o caráter daquele faiscador. O homem que se sentava diante dele agora lhe parecia — o quê? Virtuoso? Ético? Essas palavras não o exprimiam exatamente bem. Seu discurso era ardente, e havia uma doçura nesse ardor, quase uma ingenuidade. Ah Quee percebeu, para a própria surpresa, que de forma alguma desgostava dele. Lisonjeava-se por ter Ah Sook procurado sua companhia — e sua confiança — naquela tarde, e esse prazer o dispôs a ser compreensivo; ademais, ele ainda não adivinhara o propósito da visita do outro homem, e portanto estava muito cativado por sua história. Ele até mesmo se esquecera, por um momento, de sua desaprovação ao comércio do outro homem e ao enjoativo aroma da fumaça, a qual havia trazido com ele em sua vestimenta, em seus cabelos.

Ah Sook fez uma pausa para comer um pouco de coalhada. Elogiou o prato uma segunda vez e então retomou sua história.

Na noite de 14 de janeiro, imediatamente em seguida ao encontro de Francis Carver com Crosbie Wells, a *Godspeed* zarpou — um fato do qual Ah Sook permaneceria ignorante por alguns dias. Ele ficou por Kaniere, onde se dedicava a planejar a logística de seu crime iminente. Tinha um senso de cerimônia aguçado e muito desejava que a morte de Carver ocorresse da maneira adequada; no entanto, não possuía uma pistola e, pelo que sabia ele, também nenhum de seus conterrâneos. Teria que adquirir uma, discretamente, e aprender sozinho a usá-la. Ele acabara de gastar a quantia total de seu pó de ouro no ópio que comprara da botica de Pritchard, e não tinha mais dinheiro algum à disposição. Deveria pedir um empréstimo a algum de seus camaradas? Ele ponderava sobre esse problema, quando de Hokitika surge outra notícia inesperada: Anna Wetherell havia tentado, sem sucesso, tirar a própria vida.

Ah Sook ficou muito angustiado ao tomar ciência disso — embora ele tenha concluído, após reflexão, que não acreditava que aquilo fosse verdade. Decidiu-se, em vez disso, pela possibilidade

de que o último carregamento de ópio de Pritchard fora envenenado. A constituição de Anna era já bem acostumada à droga, e uma fração de uma onça mal daria para lhe tirar a consciência por várias horas de forma que não se conseguisse reavivá-la. Ah Sook retornou a Hokitika na manhã seguinte e pediu uma entrevista urgente com o agente portuário de Pritchard, Thomas Balfour.

Aconteceu que esta manhã (de 16 de janeiro) fora a mesma manhã em que Balfour descobrira que o caixote contendo os pertences pessoais de Alistair Lauderback havia desaparecido da orla de Hokitika; por conseguinte, o agente portuário agiu secamente e de maneira muito distraída. Sim, a Balfour Remessas detinha o contrato de Pritchard; no entanto, Balfour pouco tinha a ver com a carga em si. Talvez fosse melhor que Ah Sook contatasse o fornecedor de Pritchard, que parecia ser um homem deveras bruto, corpulento, com uma cicatriz na bochecha e uma natureza grosseira. Seu nome era Francis Carver. Ah Sook estaria familiarizado com esse nome?

Ah Sook controlou o melhor que pôde sua perplexidade. Ele perguntou há quanto tempo Carver e Pritchard eram parceiros comerciais. Balfour respondeu não o saber, mas, uma vez que Carver se tornara um rosto raro em Hokitika desde a primavera anterior, ele supôs que os dois homens conduziam seus negócios pelo menos durante esse tempo. Era estranho, prosseguiu Balfour, que Ah Sook nunca tivesse topado com Carver, já que eram conhecidos um do outro! (Pois isso era muito óbvio, a julgar pela expressão no rosto de Ah Sook.) Mas talvez não fosse tão estranho assim, visto que Carver raras vezes aventurava-se interior adentro e que Ah Sook raras vezes aventurava-se na cidade. Ele conheceu Carver em seus anos em Cantão? Sim? Bem, nesse caso, era uma pena que houvessem se desencontrado! Sim, se desencontrado: o sr. Carver zarpara há pouco. Dois dias atrás, na verdade. Que pena! Pois o homem se dirigia muito provavelmente a Cantão, ficando provavelmente fora de Hokitika por algum tempo.

Ah Sook atingira esse ponto de sua narrativa quando a chaleira começou a ferver. Ah Quee levantou-a do fogão e derramou a água sobre o chá, para macerar. Ah Sook fez uma pausa, observando as

folhas de chá decantarem até o fundo de sua tigela e lá se reunirem. Após um longo momento, ele retomou a narrativa.

Assumindo a suposição de Balfour — a de que Carver deixara Hokitika a caminho de Cantão e não retornaria senão dentro de alguns meses — como verdadeira, Ah Sook voltou para Kaniere para ponderar sobre sua próxima jogada. Ele soubera pelo maori, Tauwhare, que Francis Carver procurava notícias de um homem chamado Crosbie Wells pouco antes de sua partida. Talvez ele mesmo pudesse contatar o tal Crosbie Wells e inquiri-lo. Ele se lembrou, dada sua breve conversa com Tauwhare, de que Wells vivia no vale Arahura, algumas milhas rio acima a partir da costa. Ele viajou para lá e descobriu, para seu maior desapontamento, que o chalé estava vazio: o eremita havia morrido.

Na semana que se seguiu, Ah Sook acompanhou de muito perto a história da fortuna de Wells — crendo, não sem razão, que a morte do eremita estava de algum modo relacionada à partida de Carver. Esse projeto consumiu-o durante quase oito dias — até esta mesma manhã de 27 de janeiro, quando ele fizera duas descobertas que de fato muito o surpreenderam.

Ah Sook estava prestes a anunciar a razão de sua visita quando um estampido de pistola rasgou o ar — ele sobressaltou-se, em choque —, e ouviu-se uma gritaria vinda da clareira além da porta de Ah Quee.

— Saia já daí, seu china maldito! Saia já daí e porte-se como um homem!

Os olhos de Ah Sook encontraram os de Ah Quee.

— Quem é? — perguntou ele em voz baixa, e Ah Quee beliscou a boca para indicar repugnância. — Mannering. — Mas seus olhos estavam temerosos.

No momento seguinte, a cortina de aniagem foi puxada de lado e Mannering apareceu na soleira. Ele trazia à mão sua pistola.

— Reunidos em torno da forja, é? Fazendo intrigas, é? Vocês estão nessa juntos? Eu esperava mais de *você*, Johnny Sook! Emporcalhar-se desse jeito! Perigo amarelo. Por Deus!

Ele transpôs a cabana — muito menos ameaçadoramente do que gostaria, pois o dintel era baixo demais e ele viu-se obrigado a se curvar — e apanhou Ah Quee pelo corpo utilizando seu forte

braço. Posicionou o cano de sua Smith & Wesson contra a têmpora do homem, e de pronto Ah Quee aquietou-se.

— Está certo — disse Mannering. — Sou todo ouvidos. Qual é o seu negócio com Crosbie Wells?

Por um instante Ah Quee não se mexeu. Então ele balançou a cabeça — cuidadosamente, pois ele estava ciente da pressão do cano contra seu crânio. Ele não sabia nada do homem chamado Crosbie Wells além daquilo que Ah Sook acabara de lhe narrar, ou seja, que o homem fora um eremita, vivera no vale Arahura e morrera recentemente. Por trás de Mannering, deslizou para dentro da sala um Charlie Frost de rosto pálido — e em seguida, momentos depois, saltou para perto dele a cadela pastor Holly. Seu pelo estava muito molhado. Ela trotava pela pequena sala, ofegando gloriosamente, e emitiu vários latidos roucos que ninguém tencionou calar.

— Ora — disse Mannering quando Ah Quee não respondeu —, perguntarei então de outra maneira, certo? Diga-me, Johnny Quee. O que Crosbie Wells fazia com quatro mil libras de ouro da Aurora?

Ah Quee fez um ruído confuso. “Ouro da Aurora?”, pensou ele. Não havia ouro na Aurora! A Aurora era uma jazida esgotada. Mannering, dentre todas as pessoas, sabia disso!

— Ouro metido na lata de farinha — rosnou Mannering. — Entalado nos foles. Dentro do bule de chá. No guarda-comida. Você está me entendendo? *Quatro mil libras de ouro puro!*

Ah Quee franzia o cenho: sua compreensão do inglês era muito limitada, mas ele entendia “ouro”, e entendia “Aurora”, e entendia “mil”, e ficou muito claro para ele que Mannering desejava recuperar algo que se extraviara. Ele devia estar se referindo ao ouro nos vestidos de Anna, pensou Ah Quee — o ouro com que deparara, uma tarde, ao levantar um folho de sua saia e senti-lo pesado, mineral, carregado com pedras; o ouro que ele havia removido semana após semana, tirando os fios, uma costura por vez, enquanto ela dormia sobre a cama de tijolos desse mesmo forno, a meia-lua crescente de sua gravidez inflando e murchando a cada respiração, murmurando apenas quando a incisão da agulha picava sua pele. Ele fundira aquele metal ao longo de semanas e meses após sua descoberta e inscrevera cada esquadria com o nome da

concessão a qual servia por contrato — a Aurora — antes de levá-la ao entreposto em Kaniere…

— Quatro mil libras! — gritou Mannering. (Holly começou a latir.) — A Aurora é uma maldita jazida esgotada — é uma maldita pilha de dejetos! Eu sei disso! Staines sabe disso! A Aurora é seca e sempre foi seca. Diga-me então a verdade. Você encontrou ouro na Aurora? Você encontrou um filão? Você encontrou um filão e prensou o ouro e escondeu-o no chalé de Crosbie Wells? *Diga-me*, maldito seja! Calada, Holly! *Calada!*

Era à jazida Aurora que Ah Quee servia exclusivamente; seu contrato não lhe permitiria obter lucro exceto a partir do minério extraído daquele pedaço de terra. Depois de fundir o ouro dos vestidos de Anna e inscrever em cada bloco fundido a palavra *Aurora*, ele entregara o minério ao entreposto, para que fosse depositado e pesado. Quando o rendimento trimestral da Aurora foi publicado na primeira semana de janeiro, no entanto, Ah Quee descobrira, para seu espanto, que o ouro não havia sido depositado em nome da jazida. Alguém o roubara do cofre do entreposto.

Mannering afundou ainda mais a arma na têmpora de Ah Quee e novamente instou-o a falar, proferindo várias blasfêmias vulgares demais para descrever aqui.

Ah Quee molhou os lábios. Ele não dominava inglês o suficiente para articular uma confissão completa; ele lançou-se à cata das poucas palavras inglesas que conhecia.

— Azarado — disse por fim. — Muito azarado.

— Pode estar certo disso, maldito — gritou Mannering. — E você está prestes a se tornar ainda mais azarado. — Ele golpeou a bochecha de Ah Quee com a coronha do revólver e em seguida apertou novamente o cano contra sua têmpora, empurrando dolorosamente a cabeça do homem para o lado. — Seria melhor começar a pensar na sua sorte, Johnny Quee. Seria melhor começar a pensar em como mudar sua sorte. Eu vou lhe dar um tiro. Vou fazer um buraco na sua cabeça, com dois homens como testemunhas. Eu vou fazer.

Mas Charlie Frost muito se agitara e foi ele quem afinal falou.

— Pare com isso — disse ele.

— Cale-se, Charlie.

— Não vou me calar — disse Frost. — Abaixe essa arma.

— Nem pela África!

— Você o está confundindo!

— Bobagem!

— Está, sim!

— Eu estou falando a única língua que ele entende.

— Mas você tem sua caderneta!

Isso era verdade. Após um instante, como se abrisse uma concessão, Mannering afastou o revólver da têmpora de Ah Quee. Mas não devolveu a arma ao coldre. Fez uma pausa, equilibrando o artefato na mão, e em seguida levantou-o e mirou-o novamente — não para Ah Quee, mas para Ah Sook, que, dentre os dois homens, era o que mais dominava a língua inglesa. Com o cano apontado diretamente para o rosto de Ah Sook, Mannering disse:

— Eu quero saber se a Aurora se tornou próspera, e eu quero a verdade. Pergunte a ele.

Ah Sook transmitiu em cantonês a pergunta de Mannering a Ah Quee, que respondeu vagarosamente. O ferreiro contou novamente a história completa da jazida Aurora, salgada por Mannering desde que fora adquirida por Staines; ele explicou a razão por que primeiro escolhera prensar sua produção semanal e mais tarde inscrever os blocos com o nome da jazia à qual servia; ele assegurou Ah Sook de que a Aurora, até onde sabia, não valia nada — não tendo sequer se tornado rentável antes de seis meses. Mannering trocava de pés, carrancudo. Durante todo esse tempo, Holly circulava pela sala, a boca aberta num sorriso, a cauda comprida martelando o chão. Charlie Frost abaixou a mão para que ela lambesse.

— Nenhuma pepita — traduziu Ah Sook, quando Ah Quee havia terminado. — Nada próspero. Ah Quee diz Aurora é jazida esgotada.

— Então ele é um maldito mentiroso — disse Mannering.

— Dick! — disse Frost. — Você mesmo disse que a Aurora era esgotada!

— É claro que é! — gritou Mannering. — Então de onde diabos saiu todo aquele ouro, todo ele fundido por *esse* pagão sujo, e *nessa* sala? Ele está aliado a Crosbie Wells? Pergunte a ele!

Ele sacudiu a pistola para Ah Sook, que disse, após confirmar a resposta com Ah Quee:

— Ele não conhecer Crosbie Wells.

Ah Sook poderia facilmente ter compartilhado seu próprio conhecimento com Mannering — o conhecimento que o levara à barraca de Ah Quee naquela mesma manhã, procurando o aconselhamento do outro homem —, mas ele não aprovou o método interrogativo de Mannering e sentiu que o magnata não merecia uma resposta útil.

— E quanto a Staines, então? — disse Mannering a Ah Sook. Sua fúria adquiria uma ponta de desespero. — E quanto a Emery Staines? Rá! Você conhece *esse* nome, não conhece, Johnny Quee — é claro que conhece! Vamos: onde *ele* está?

Essa pergunta foi transmitida de Ah Sook para Ah Quee, como antes.

— Ele não saber — disse Ah Sook novamente, quando Ah Quee havia terminado.

Mannering explodiu de contrariedade.

— “Ele não saber”? “Ele não saber”? “Ele não saber” um monte de coisas, Johnny Sook, não acha?

— Ele não vai responder se você perguntar dessa maneira! — gritou Frost.

— Quieto, Charlie.

— Não me calo!

— Isso não é da sua conta, maldito! Você está se metendo no meu caminho.

— Será da minha conta caso alguma gota de sangue seja derramada — disse Frost. — Abaixe essa arma.

Porém Mannering apenas empurrou-a mais uma vez em direção a Ah Sook.

— E então? — rosnou ele. — Pode tirar da cara esse olhar estúpido, ou o tirarei por você. Estou perguntando a *você*, agora — não a ele, não a Johnny Quee. Estou perguntando a *você*, Sook. O que *você* sabe sobre Staines?

Os olhos de Ah Quee alternavam-se entre eles.

— Senhor Staines homem muito bom — disse Ah Sook dentro em pouco.

— Homem bom, é? Se importaria em dizer para onde foi o bom homem?

— Ele partir — disse Ah Sook.

— Partiu, sim? — disse Mannering. — Apenas levantou seus pauzinhos, não é? Deixou todas as suas concessões para trás? Deixou na mão todo o mundo que conhecia?

— Sim — disse Ah Sook. — Estava no papel.

— Diga-me por que — disse Mannering. — Por que ele faria isso?

— Eu não saber — disse Ah Sook.

— Vocês estão jogando uma cartada muito estúpida, os dois — disse Mannering. — Vou perguntar pela última vez, e o farei calmamente, de modo que consiga entender. Recentemente, uma enorme fortuna apareceu na jogada. Escondida na casa de um homem morto. Toda ela, cada farelo, havia sido fundido e gravado com a palavra “Aurora”. Essa é a assinatura de meu velho amigo Quee, e se ele a negar, pode apodrecer no inferno. Ora, o que quero saber é isto: aquele ouro saiu realmente da Aurora ou não? Pergunte a ele. Sim ou não.

Ah Sook colocou a questão a Ah Quee, que optou, dada a gravidade das circunstâncias, por respondê-la com a verdade. Sim, ele havia encontrado um filão próspero, e não, não havia sido na Aurora, embora ele tenha gravado o nome da jazida ao fundir o ouro a fim de garantir que os lucros, pelo menos parte deles, a ele retornassem. Ele explicou que, por mais estranho que parecesse, ele encontrara o ouro em Anna Wetherell, costurado em seu vestido. Ele primeiro o descobrira há aproximadamente seis meses, e deduzira, após alguma reflexão, que Anna devia estar traficando o metal em nome de outra pessoa. Ele sabia que Anna Wetherell era uma garota de Mannering; ele sabia ainda que Mannering já falsificara anteriormente os próprios registros financeiros. Era sensato concluir, portanto, que Mannering estava usando Anna Wetherell como uma forma de transportar ouro para fora do desfiladeiro, a fim de evadir o pagamento de tributos no banco.

— O que ele está dizendo? — disse Mannering. — Qual é sua resposta?

— Ele está contando uma história assustadoramente longa — disse Frost.

Ele de fato estava — e era a vez de Ah Sook ficar cativado. Anna Wetherell andava escondendo um *filão próspero*? Anna, a quem Mannering não permitia nem mesmo carregar consigo uma bolsa, por medo dos ladrões? Ele não podia acreditar!

Ah Quee continuou.

Ele não poderia esquecer sua antiga mágoa com Dick Mannering, pois era devido explicitamente ao feitio de Mannering que ele agora era forçado a servir a uma concessão esgotada. Ali estava uma chance tanto para conseguir sua vingança quanto para ganhar sua liberdade. Ah Quee começou convidando Anna Wetherell à sua barraca toda semana, sempre quando ela estava entorpecida de ópio, pois, após deixar a barraca de Ah Sook, ela ficava sempre muito sonolenta e estúpida; com frequência adormecia momentos após sua chegada, embalada pelo calor do fogareiro de Ah Quee. Isso convinha a ele. Assim que Anna era arranjada confortavelmente sobre a cama de tijolos do fogareiro, ele removia-lhe o vestido, munido de agulha e linha. Ele substituía as diminutas pepitas ao redor da bainha por contrapesos de chumbo, de modo que ela não percebesse a súbita leveza do tecido quando acordasse; se ela se agitava durante o sono, ele levava-lhe aos lábios um copo de bebida forte e a encorajava a bebê-lo todo.

Ah Quee tentou descrever como o ouro havia sido escondido nos folhos dos vestidos de Anna, mas, com o braço de Mannering ainda envolto em seu corpo, ele não conseguia complementar sua descrição com gestos, e portanto voltou-se às metáforas a fim de descrever como o metal fora costurado em seu espartilho e ao redor das anquinhas — “como uma armadura”, disse, e Ah Sook, que sempre se contentava com expressões poéticas, sorriu. Anna possuía quatro vestidos no total, disse Ah Quee, cada um contendo, segundo sua estimativa, cerca de mil libras de ouro puro. Ah Quee trabalhou até que cada vestido estivesse esvaziado, fundindo cada farelo daquele pó nos blocos rubricados e inscrevendo cada um deles com o nome da concessão a que estava ligado — quase como se ele o tivesse descoberto honestamente, e legalmente, em meio do fosso de cascalho da Aurora. Por um tempo, acrescentou,

ficou muito feliz: uma vez que sua caução fosse reembolsada, ele poderia enfim retornar a Kwangchow, e como um homem rico.

— E então? — disse Mannering para Ah Sook, batendo com impaciência o pé. — Qual é a história? O que ele diz?

Mas Ah Sook esquecera seu papel de tradutor. Ele fitava Ah Quee maravilhado. A história era incrível! Milhares de libras… Anna estivera escondendo *milhares* de libras no próprio corpo, durante meses! Aquela era uma fortuna grande o bastante para que uma dúzia de homens, senão mais, se aposentassem com fausto. Anna poderia ter adquirido toda a orla com aquela quantia… e ainda assim teria dinheiro para dar! Mas onde estava agora aquela fortuna?

No momento seguinte, Ah Sook compreendeu.

— *Sei qin* — sussurrara ele. Então, a fortuna que Ah Quee auferira dos vestidos de Anna havia acabado, por algum capricho ou extravio, em posse do eremita, Crosbie Wells. Mas para que esse extravio, e quem se podia culpar?

— Fale inglês! — gritou Mannering. — Fale *inglês*, maldito seja!

Subitamente muito excitado, Ah Sook perguntou a Ah Quee sobre como a fortuna poderia ter surgido no chalé de Wells. Ah Quee respondeu, amargamente, que não sabia. Ele nunca ouvira o nome de Crosbie Wells antes daquela tarde. Até onde sabia, a última pessoa que tocara na fortuna prensada fora o atual proprietário da Aurora, Emery Staines — e Staines, é claro, não podia ser encontrado em lugar algum. Ah Quee explicou que era Staines quem levava os rendimentos da Aurora do entreposto ao Banco Central no fim de cada mês — uma tarefa que claramente não havia sido levada a cabo.

— Só ouço barulho e sandices — disse Mannering. — Se você não me contar do que se trata tudo isso, Johnny Sook, eu juro que…

— Eles terminaram a conversa — disse Frost. — Apenas aguarde.

Ah Sook franzia o cenho. Emery Staines teria realmente roubado de seu próprio cofre, apenas para ocultar no chalé de um eremita a doze milhas de distância a fortuna fundida? Que estratagema era esse? Por que Staines roubaria sua própria fortuna e a daria a outro homem?

— Vou contar até cinco — disse Mannering. Sua face estava roxa. — Um!

Ah Sook por fim olhou para Mannering e suspirou.

— Dois!

— Eu contar — disse Ah Sook erguendo as palmas das mãos. Mas havia tanto a contar… e ele dominava tão poucas palavras para conter sua explanação! Ele pensou por um momento, tentando lembrar-se da palavra inglesa para “armadura”, a fim de preservar a metáfora poética de que lançara mão Ah Quee. Enfim limpou a garganta e disse:

— Filão próspero não é Aurora. Anna usar *armaria* feita de ouro. Quee Long achou ouro secreto na armaria que Anna usar. Quee Long tentar depositar ouro da armaria como fosse ouro da Aurora. Então Staines ladroar Quee Long.

Dick Mannering, muito naturalmente, não o entendeu.

— Então o filão próspero não veio de nenhum lugar na Aurora — repetiu. — Emery tirou a sorte grande em algum outro lugar, mas manteve segredo, até que Quee o descobriu. Então, Quee tentou depositar o ouro de Emery sob o nome da Aurora, tendo o senhor Staines o recuperado.

Isso sim era confuso! Ah Sook começou a falar esbaforidamente em cantonês com Ah Quee — o que Mannering, evidentemente, interpretou como sinal de assentimento.

— Onde se encontra agora o senhor Staines? — exigiu ele. — Deixe de lado as outras perguntas. Pergunte isso a ele. Onde se encontra agora o senhor Staines?

Obedientemente Ah Sook se interrompeu e retransmitiu a pergunta. Desta feita, Ah Quee respondeu num tom de patente angústia. Ele disse que não falava com Emery Staines desde dezembro, mas que ansiava muito vê-lo novamente, pois somente após a publicação do rendimento trimestral da Aurora em janeiro foi que percebeu ter sido enganado. A fortuna que ele encontrara nos vestidos de Anna não havia sido depositada em nome da Aurora como ele pensava, e Ah Quee afiançava que o sr. Staines era responsável por esse erro. No momento em que se deu conta disso, no entanto, o sr. Staines desaparecera. Quanto ao lugar para o qual ele poderia ter ido, Ah Quee não fazia ideia.

Ah Sook voltou-se a Mannering e disse, pela segunda vez:

— Ele não saber.

— Ouviu, Dick? — disse Charlie Frost, de seu canto. — Ele não sabe.

Mannering ignorou-o. Ele mantinha seu revólver nivelado com o rosto de Ah Sook e disse:

— Diga a ele que, caso ele não colabore comigo, eu matarei você. — Ele sacudiu a arma, como que para enfatizar seu ponto. — Diga a ele isto: se Johnny Quee não abrir a boca, Johnny Sook morre. Diga isso a ele. Diga agora!

Ah Sook submissamente transmitiu a ameaça a Ah Quee, que não deu resposta. Houve uma pausa, na qual cada homem pareceu esperar que o outro falasse — e então, num repente, Mannering fez com a mão direita um movimento relampejante, empurrou Ah Quee para frente, agarrou um punhado da sua trança e puxou sua cabeça violentamente para trás. A pistola ainda estava apontada para Ah Sook. Ah Quee não fazia ruído, mas seus olhos prontamente se encheram de lágrimas.

— Ninguém sentirá falta de um chinês — disse Mannering a Ah Sook. — Menos ainda em Hokitika. Como seu amigo aqui o explicaria ao Comissário, fico pensando? “Azarado”, ele diria. “Sook morrer, vale azarado”. E o que diria o Comissário? — Mannering deu um cruel repelão na trança de Ah Quee. — Ele diria: “Johnny Sook? Ele é o faiscador da fumaça, não é? Jaz toda tarde com os olhos embotados de ópio? Vende resina envenenada aos chinas e às imprestáveis prostitutas? Ele está *morto*? Ora, ora! Por que diabos pensa que eu dou a mínima?”.

Essa virulência era inédita, uma vez que Mannering e Ah Sook sempre se deram em bons termos; mas se Ah Sook estava bravo ou ofendido, não o mostrava. Ele relanceou o olhar de volta para Mannering com uma expressão vítrea e não piscou ou desviou o olhar. Ah Quee, cujo pescoço ainda pendia para trás, deixando transparecer pela pele os músculos de sua garganta, permanecia igualmente imóvel.

— Nenhum veneno — disse Ah Sook após um momento. — Eu não envenenar Anna.

— Vou lhe dizer uma coisa — disse Mannering. — Você envenena Anna todo santo dia.

— Dick — disse Frost desesperadamente. — Isso não está em questão…

— *Em questão*? — gritou Mannering. Ele mirou o revólver a cerca de um pé de distância da cabeça de Ah Sook e disparou. Fez-se um estampido — Ah Sook gritou em choque e elevou o braço — e, em seguida, fez-se um som tamborilante, enquanto a poeira da região atingida caía do buraco criado pelo furo. — Eis a questão — gritou Mannering. — Anna Wetherell se estatela na pocilga *desse* homem perverso (ele apontou o revólver a Ah Sook) seis dias por semana. *Esse* homem (ele deu uma repuxada furiosa no couro cabeludo de Ah Quee) chama Staines de ladrão. Ele aparentemente ocultou um segredo que tem algo a ver com ouro e algo a ver com um filão próspero. Eu sei, por evidências, que Anna Wetherell esteve com Emery Staines na noite de seu desaparecimento — a qual, aliás, foi também a noite em que um filão próspero apareceu em um lugar muito peculiar e Anna perdeu os malditos sentidos! Maldito seja, Charlie; não me venha com estar ou não *em questão*!

No momento seguinte todos os homens falaram ao mesmo tempo.

Ah Quee disse:

— *Li goh sih hai ngh wiuh*…

Frost disse:

— Se você está tão certo sobre a Aurora…

Ah Sook disse:

— *Ngor moh zou chor yeh*…

Mannering disse:

— *Alguém* deu a Crosbie Wells aquele ouro!

E então, por detrás de Charlie Frost, soou uma voz diferente:

— O que diabos está acontecendo?

Era o negociante comissionado, Harald Nilssen. Ele agachou-se para passar pelo baixo dintel da barraca e olhou ao seu redor, atônito. A cadela saltou sobre ele, farejando-lhe a bainha do casaco e os punhos. Nilssen se abaixou e agarrou atrás das orelhas dela.

— O que está acontecendo? — repetiu ele. — Por Deus, Dick, ouvi sua voz a cinquenta passos! Os celestiais todos já acudiram às

janelas!

Mannering agarrou com força a trança de Ah Quee.

— Harald Nilssen — gritou ele. — É testemunha de acusação! Justamente o homem que nos pode dar uma mão.

— Quieta — disse Nilssen, pondo Holly no chão e pousando-lhe a mão na cabeça, para acalmá-la. — Quieta! Você vai acabar chamando o sargento para cá. O que estão fazendo?

— *Você* foi ao chalé de Crosbie — continuou Mannering, sem baixar a voz. — *Você* viu que o ouro havia sido prensado, não viu? Esse diabo amarelo está nos tomando por tolos!

— Sim — disse Nilssen. De certa maneira desajeitada, ele estava tentando espanar os pingos da chuva de sua sobrecasaca. — Eu vi que o ouro havia sido prensado. Essa, na verdade, é a razão pela qual vim até aqui. Mas você poderia ter me perguntado isso tranquilamente. Você tem uma plateia agora, veja só!

— Vê? — dizia Mannering a Ah Quee. — Eis outro homem para fazê-lo falar! Eis outro homem para segurar uma pistola contra sua cabeça!

— Desculpe-me — disse Nilssen. — Eu *não* vim para segurar pistola alguma contra a cabeça de ninguém. E não me importo em perguntar novamente o que é que você está fazendo. Parece errado, seja o que for.

— Ele não ouvirá a voz da razão — disse Frost, que ansiava por não ser implicado nessa fealdade.

— Deixe o homem falar por si! — retrucou Nilssen. — O que houve?

Nós omitiremos a resposta de Mannering a esta pergunta, inexata e inflamada; omitiremos, também, a discussão subsequente, durante a qual Mannering e Nilssen descobriram ser o mesmo o propósito que levara ambos a viajar a Chinatown, e durante a qual Frost, que intuiu de maneira bastante clara que o negociante comissionado desconfiava de algo relativo à venda do espólio de Wells, manteve um silêncio assaz taciturno. Os esclarecimentos duraram certo tempo, e foi somente após cerca de dez minutos que a conversa voltou-se, por fim, ao ferreiro Ah Quee, que ainda estava preso pela nuca em uma postura de muito desconforto e indignidade. Mannering sugeriu que sua trança fosse-lhe cortada

completamente, a fim de gravar no homem a urgência do assunto em questão; ele puxava a cabeça de Ah Quee enquanto falava, obtendo evidente prazer no movimento, como se sopesasse uma pilhagem. Não obstante, o código ético de Nilssen não consentia a humilhação, tanto quanto seu código estético não consentia a feiura; de novo ele deixou clara sua exprobação, instigando uma desavença com Mannering que só fazia atrasar ainda mais a soltura de Ah Quee e animar Holly ao extremo do júbilo caótico e irreprimível.

Finalmente Charlie Frost, que havia sido até então exitosamente ignorado, sugeriu que talvez os homens chineses simplesmente não tivessem entendido a série de questionamentos de Mannering. Ele propôs, à luz disso, que as questões fossem novamente colocadas a Ah Sook e, desta vez, por escrito: dessa forma, disse ele, poder-se-ia assegurar de que nada se havia perdido no ato da tradução. Nilssen reconheceu a sensatez da ideia e a aprovou. Mannering estava desapontado — mas ele era minoria, e dentro em pouco foi forçado a concordar. Ele soltou Ah Quee, devolveu o revólver a seu coldre e tirou sua caderneta do colete, a fim de compor uma pergunta em caracteres chineses.

A caderneta de Mannering era algo de que ele não se orgulhava injustificadamente. As páginas do caderno haviam sido arranjadas como uma cartilha de língua chinesa, com os caracteres escritos debaixo de seu significado em inglês; Mannering havia criado um índice a partir do qual se poderiam pôr juntos os caracteres, formando palavras mais longas. Não havia transcrição fonética, e por essa razão a caderneta às vezes mais causava confusões do que as desfazia, mas em geral era uma ferramenta de conversação engenhosa e útil. Mannering cravou a ponta da língua no canto da boca, como sempre fazia quando lia ou escrevia, e começou a folhear o caderno.

Mas antes que Mannering encontrasse sua pergunta, Ah Sook respondeu-a. O faiscador levantou-se de onde estava sentado, perto da forja — a barraca pareceu de fato pequena quando também ele ficou de pé — e limpou a garganta.

— Eu sei segredo de Crosbie Wells — disse ele.

Isso era o que ele havia descoberto em Kaniere naquela mesma manhã; isso era o que viera discutir na vivenda de Ah Sook.

— Qual é? — disse Mannering. — Qual é?

— Ele estava em Dunstan — disse Ah Sook. — Jazida de Otago.

Mannering desabou em desapontamento.

— E que me importa *isso*? — retrucou ele. — Que segredo há *nisso*? Crosbie Wells em *Dunstan*! Quando Dunstan despontou? Dois anos atrás, três anos atrás! Ora, eu estava em Dunstan! Toda Hokitika estava em Dunstan!

Nilssen disse a Mannering:

— Você não viu Wells lá, viu?

— Não — disse Mannering. — Nunca o conheci. Conheci sua mulher, no entanto. Dos tempos de Dunedin.

Nilssen pareceu surpreso.

— Você conheceu sua mulher? A viúva?

— Sim — disse Mannering concisamente, não se importando em discorrer sobre isso. Ele passou uma página. — Mas Crosbie, nunca. Eles estavam separados. Agora calem-se todos vocês: não consigo ouvir meus pensamentos sem um tanto de silêncio.

Φ

— Dunstan — disse Walter Moody. Ele afagava seu queixo com o dedo indicador e o polegar.

— É uma jazida em Otago.

— Otago Central.

— Dunstan já viveu seu apogeu. Hoje, tudo são dragas corporativas. Mas no seu tempo foi uma joia.

— Essa é a segunda vez que essa jazida em particular é citada esta noite — disse Moody. — Estou errado?

— Absolutamente, senhor Moody.

— Adiante. Como ela se encontra no momento?

— O ouro que foi usado para chantagear o senhor Lauderback era oriundo de uma mina de Dunstan. Assim o disse Lauderback.

— Lauderback assim o disse, exatamente — disse Moody. Ele balançou a cabeça. — Fico pensando se devo acreditar nas

intenções do senhor Lauderback ao citar o nome desta jazida tão casualmente ao senhor Balfour nesta manhã.

— O que quer dizer com isto, senhor Moody?

— Não confia nele, em Lauderback?

— Seria muito pouco lógico desconfiar do senhor Lauderback — disse Moody —, visto que nunca na vida encontrei o homem. Estou muito ciente do fato de que os acontecimentos pertinentes dessa história estão sendo transmitidos de segunda mão, e até, em alguns casos, de terceira mão. Tomo como exemplo a menção à jazida Dunstan. Francis Carver aparentemente mencionou o nome dessa jazida ao senhor Lauderback, que por sua vez narrou aquele encontro ao senhor Balfour, que por sua vez retransmitiu *essa* conversa a mim, hoje à noite! Todos vocês hão de convir que eu seria tolo em tomar como verdadeiras as palavras do senhor Balfour.

Mas Moody subestimara sua plateia ao questionar tópico tão delicado quanto a “verdade”. Houve uma explosão de indignação ao redor da sala.

— Quê? Não confia em um homem que lhe contou a própria história?

— Posso asseverar que isso é verdade, senhor Moody!

— Que mais ele poderia lhe dizer, salvo aquilo que contaram a ele?

Moody foi tomado de surpresa.

— Não creio que qualquer parte de sua história tenha sido adulterada ou omitida — ele replicou, dessa vez com mais cuidado. Olhou de rosto em rosto. — Queria apenas observar que não se pode nunca assumir como própria a verdade de outro homem.

— Por que não? — Essa pergunta imediatamente ecoou de toda parte.

Moody fez uma pausa por um instante, refletindo.

— Em um tribunal — disse ele finalmente —, uma testemunha jura dizer a verdade: ou seja, sua própria verdade. Ele concorda com dois parâmetros. Seu depoimento deve conter *toda* a verdade, e seu depoimento não deve conter *nada além* da verdade. Apenas o segundo desses parâmetros é um limite real. O primeiro, é claro, é grandemente uma questão de discrição. Quando dizemos “toda a

verdade", dizemos, mais especificamente, todos os fatos e impressões que são pertinentes ao assunto em questão. Tudo que não é pertinente não é apenas irrelevante; é também, em muitos casos, intencionalmente enganador. Senhores — disse ele, embora essa abordagem coletiva lhe houvesse saído esquisita, considerando a companhia diversificada que ele tinha na sala —, eu defendo que não há verdades totais, e sim apenas verdades pertinentes; e a pertinência, hão de convir, é sempre uma questão de perspectiva. Não creio que nenhum de vocês haja perjurado de alguma maneira esta noite. Eu acredito que me deram a verdade, e nada além da verdade. Mas suas perspectivas são muitas, e hão de me perdoar se eu não tomar por integral a sua narrativa.

A isso fez-se silêncio, e Moody sentiu que os havia ofendido.

— É claro — emendou ele, mais tranquilamente —, eu falo inoportunamente; pois vocês ainda não terminaram sua história. — Ele olhou de homem em homem. — Eu não os deveria ter interrompido. Volto a dizer que não pretendi fazer nenhuma desfeita. Por favor: continuem.

Φ

Charlie Frost olhava curiosamente para Ah Sook.

— Por que disse isso, senhor Sook? — disse ele. — Por que disse conhecer um segredo sobre Crosbie Wells?

Ah Sook relanceou o olhar para Frost e o examinou.

— Crosbie Wells tirou sorte em Dunstan — disse ele. — Pepita muito, muito grande. Homem muito sortudo.

Nilssen voltou-se.

— Crosbie Wells tirou a *sorte grande*?

Mannering também se voltou.

— O quê? Ele teve sorte? Quanto valia?

— Em Dunstan — disse novamente Sook Yongsheng, ainda olhando para Frost. — Homem muito sortudo. Filão muito próspero. Muito rico.

Nilssen deu um passo adiante — o que muito aborreceu Frost, pois fora ele quem introduzira essa nova série de perguntas, afinal de contas. Mas tanto Nilssen quanto Mannering pareciam ter esquecido que Frost estava lá.

— Há quanto tempo se deu isso? — exigiu Nilssen. — Quando foi?

— Dois. — Ah Sook ergueu dois dedos.

— Dois anos atrás! — disse Mannering.

— Quanto valia? Quanto havia da preciosidade? — disse Nilssen.

— Muitos milhares.

— Quantos? Quatro? — Nilssen ergueu quatro dedos. — Quatro mil?

Ah Sook deu de ombros; ele não sabia.

— Como sabe disso, senhor Sook? — disse Frost. — Como sabe que o senhor Wells descobriu uma “zarpada” em Dunstan?

— Eu pedir escolta — disse Ah Sook.

— Não confiou no banco! — disse Mannering. — Que acha disso, Charlie? Não confiou no banco!

— Que escolta? A de Gilligan? Ou a Gracewood & Spears? — disse Nilssen.

— Gracewood & Spears.

— Então Crosbie Wells tirou a sorte grande em Dunstan e em seguida contratou a Gracewood & Spears para retirar o filão da jazida? — disse Frost.

— Sim — disse Ah Sook. — Muito bem.

— Então Wells estava sentado sobre uma fortuna todo esse tempo! — disse Nilssen, balançando a cabeça. — O dinheiro era mesmo dele! Ninguém de nós acreditou.

Mannering apontou para Ah Quee.

— E quanto a ele? — disse ele. — Ele sabia disso?

— Não — disse Ah Sook.

Mannering explodiu em irritação.

— Então por que diabos isso importa? Isso foi trabalho dele, lembrem-se, trabalho dele, no chalé de Crosbie! Fundido pelas próprias mãos de Johnny Quee!

— Talvez Crosbie Wells estivesse afiliado a ele — disse Frost.

— Será? — disse Nilssen. Ele apontou para Ah Quee e disse: — Ele estava afiliado a Crosbie Wells?

— Ele não conhecer Crosbie Wells — disse Ah Sook.

— Oh, por Deus! — disse Mannering.

Harald Nilssen olhava para um chinês e para o outro — perscrutante, como se seus semblantes pudessem trair alguma evidência de seu conluio. Nilssen desconfiava muito dos homens chineses, sem jamais ter conhecido algum pessoalmente; suas crenças eram do tipo que não dependiam de fatos empíricos e eram inclusive categoricamente por eles refutadas, embora nenhuma refutação fosse suficiente para fazê-lo mudar de ideia. Ele há muito tempo resolvera que os homens chineses eram dúbios, e assim continuariam a ser, independentemente da refutação que ele pudesse encontrar. Olhando agora para Ah Quee, Nilssen recordou-se da teoria de conspiração que Joseph Pritchard lhe inculcara mais cedo naquela tarde: “Se *nós* formos indiciados, então talvez ele também o seja”.

— Alguém mais está por trás disso — disse ele. — Há alguém mais envolvido.

— Sim — disse Ah Sook.

— Quem? — disse Nilssen avidamente.

— Você não vai conseguir tirar nada dele — disse Mannering. — Não vale seu fôlego, estou lhe dizendo.

Mas o faiscador respondeu, e sua resposta surpreendeu todos os homens na sala.

— Te Rau Tauwhare — disse ele.

Vênus em Capricórnio

Em que a viúva compartilha sua filosofia da Fortuna; as esperanças de Gascoigne são frustradas; e descobrimos algo sobre Crosbie Wells.

Após deixar o Gridiron, Aubert Gascoigne cruzou diretamente para o Wayfarer Hotel — assim identificado por uma placa pintada que pendia de duas correntes curtas em uma viga saliente. A placa não alardeava palavra alguma, mas mostrava, em vez disso, uma silhueta de um homem caminhando, seu queixo ereto, seus cotovelos empertigados, levando ao ombro uma trouxa, à moda de Dick Whittington.[7] A julgar pelo recorte desenvolto dessa silhueta, não seria ilógico assumir que esta era uma estalagem somente para homens; de fato, o estabelecimento como um todo parecia indicar uma ausência marcada de feminino, como atestavam a escarradeira de bronze na varanda, a latrina na aleia e a carência de cortinas. Mas tal aspecto se devia mais à parcimônia que à regulamentação: o Wayfarer Hotel não discriminava os sexos, cumprindo uma política muito rigorosa de não fazer perguntas a seus inquilinos, nada lhes prometer e cobrar a menor tarifa por pernoite. Dadas essas condições, preparava-se naturalmente para aturar muitas privações — ou assim pensava a srta. Lydia Wells, atual residente, uma vez que ela tinha pouco pendor para a parcimônia.

Lydia Wells parecia manter sempre uma postura afetada, e, quando alguém se aproximava dela, assustava-se e ria. No salão privado do Wayfarer Hotel, Gascoigne encontrou-a esticada no canapé com as chinelas pendendo livres do dedo do pé, um dos braços amplamente estirado e a cabeça jogada para trás em uma almofada; ela segurava na outra mão um romance de bolso, quase como se o livro servisse de acessório a um desmaio. Suas bochechas carminadas e seu aspecto titilante haviam sido forjados momentos antes da entrada de Gascoigne, embora este não os

tenha percebido. Sugeriam-lhe, conforme as intenções da mulher, que a narrativa na qual ela estivera enleada era bastante licenciosa.

Quando Gascoigne bateu na lateral da porta (apenas por educação, pois a porta estava aberta), Lydia Wells despertou, arregalou os olhos e tiniu uma risada. Fechou o livro com um estalo — mas em seguida arremessou-o à otomana, para que sua capa e seu título ficassem à vista do homem.

Gascoigne cumprimentou-a. Ao voltar de sua mesura, deixou seu olhar demorar-se sobre ela, regozijando-se ante a visão — pois Lydia Wells era mulher de ampla beleza e um deleite para os olhos. Tinha talvez quarenta anos de idade, embora pudesse ser uma trintona de aparência madura ou uma cinquentona jovial; sua exata idade, ela não revelaria. Entrara naquele período indeterminado da meia-idade que parece sempre chamar atenção para sua própria indeterminação, pois, quando Lydia agia como menina, essa meninice fazia-se ainda mais perceptível devido à realidade de sua idade, e quando ela agia sabiamente, sua sabedoria fazia-se ainda mais impressionante por ter-se manifestado em alguém tão jovem. Havia algo de vulpino em suas feições: seus olhos eram ligeiramente inclinados e seu nariz se curvava para cima de uma maneira que fazia lembrar algum animal alerta e inquiridor. Seus lábios eram carnudos; os dentes, quando os exibia, eram de formação delicada e espaçamento uniforme. Seus cabelos, de um claro acobreado, daquela cor chamada de “vermelho” pelos homens e de “castanho” pelas mulheres, e que escurecem com o movimento, tal qual uma flama. No momento, estavam presos a um coque feito de tranças, num elaborado contorno que cobria tanto a nuca quanto a coroa da cabeça de Lydia. Ela usava um vestido listrado de seda cinza — um matiz sombrio —, que apesar disso não se poderia chamar de vestido de luto, assim como não se poderia chamar seu comportamento de maduro nem, na verdade, de juvenil. O vestido ostentava uma gola alta abotoada, anquinhas pregueadas e mangas bufantes, formatos inflados que serviam para realçar o copioso seio de Lydia e diminuir sua cintura. Ao fim dessas enormes mangas, suas mãos — agora entrelaçadas para transmitir a Gascoigne o arrebatamento que sentiu ao vê-lo parado na soleira —

pareciam muito pequenas e muito frágeis, como as mãos de uma boneca.

— Monsieur Gascoigne — disse ela, saboreando-lhe o nome, escandindo-o. — Mas você veio sozinho!

— Trago pedidos de desculpas — disse Gascoigne.

— Traz pedido de desculpas e também as provoca, profundamente. — Lydia fitou-o de cima a baixo. — Deixe-me adivinhar: uma cefaleia?

Gascoigne balançou a cabeça e retransmitiu tão brevemente quanto lhe foi possível o episódio do tiro falho de Anna. Ele contou a verdade. Lydia fez-se alarmada e pressionou-o com perguntas, as quais ele respondeu minuciosamente, mas com uma profunda fadiga que se lhe apresentava como um estremecimento na garganta. Por fim, ela se apiedou dele e ofereceu-lhe uma cadeira e uma bebida, as quais ele aceitou, e com alívio.

— Tenho apenas gim, infelizmente — disse ela.

— Gim com água me parece ótimo. — Gascoigne sentou-se na poltrona mais perto do canapé.

— É quase nauseabundo — disse Lydia, com satisfação. — Você terá que aguentar firme e encará-lo. Eu devia ter trazido comigo de Dunedin uma caixa de alguma bebida. Que tolice, percebo agora. Ainda não consegui encontrar uma dose de bebida decente nesta cidade.

— Anna tem uma garrafa de brandy espanhol em seu quarto.

— Espanhol? — Lydia pareceu interessada.

— Jerez de la Frontera — disse Gascoigne. — Da Andaluzia.

— Tenho certeza de que vou adorar o brandy espanhol — disse Lydia Wells. — Pergunto-me como ela arranjou a garrafa.

— Sinto muito que ela não esteja aqui para contar-lhe ela mesma — disse Gascoigne, de forma bastante automática. Mas, à medida que Lydia escorregava o pé de volta à sua chinela, levantando as saias para exibir a carnosidade encoberta de suas panturrilhas, Gascoigne refletiu que ele não se sentia, na verdade, particularmente pesaroso.

— Sim: poderíamos ter passado um tempo delicioso juntos — disse Lydia. — Mas uma expedição é facilmente adiada, e eu gosto da expectativa de um passeio. A não ser que queira ir comigo fazer

compras no lugar de Anna! Talvez você nutra uma paixão por chapéus femininos!

— Eu poderia simular uma paixão — disse Gascoigne, e Lydia voltou a rir.

— A paixão — disse ela, em voz baixa — não se pode fingir. — Ela levantou-se do canapé e passou para o aparador, onde uma garrafa ordinária e três copos jaziam em uma bandeja de madeira. — Não estou surpresa, você sabe — acrescentou ela, virando de bordo dois copos e deixando o terceiro do avesso.

— Você diz em relação à pistola? Não está surpresa em ela ter tentado novamente dar cabo da vida?

— Oh, céus, não, não é isso. — Lydia fez uma pausa, a garrafa na mão. — Eu não estou surpresa em vê-lo aqui sozinho.

Gascoigne ruborizou-se.

— Fiz como me pediu — disse ele. — Não revelei seu nome; disse a ela que seria uma surpresa. Sair com uma dama para escolher chapéus, eu disse. Ela ficou contente com a ideia. Ela teria vindo. Mas aconteceu o episódio da pistola. Ela ficou muito abalada com isso. E não estava bem, afinal.

Ele sentiu que estava tagarelando. Que bela mulher era ela — a viúva Wells! Como se lhe arqueavam as anquinhas bufantes!

— Você é sempre tão gentil em gracejar com minhas paspalhices — disse Lydia Wells, tranquilizando-o. — Vou lhe dizer uma coisa: quando uma mulher se aproxima da minha idade, gosta de bancar a fada madrinha de quando em vez. Ela gosta de mexer sua varinha e fazer mágica para o aprimoramento das mais jovens. Não, não, eu sabia que você não estragaria minha surpresa. Eu simplesmente pressenti que Anna não viria. Eu tenho pressentimentos, Aubert.

Ela entregou o copo a Gascoigne, levando consigo sua fragrância agridoce de limões recém-cortados — pois ela alvejara sua pele e suas unhas com suco de limão naquela manhã.

— Não traí sua confiança, como jurei que não faria — repetiu Gascoigne. Ele queria, por alguma obscura razão, uma aprovação contínua.

— É claro! — concordou Lydia. — É claro! Você não o faria!

— Mas tenho certeza de que, se ela soubesse que era *você*…

— … ela se teria recomposto, num piscar de olhos!

— Ela se teria recomposto.

(Essa convicção, fracamente ecoada, se fundamentava na declaração de Lydia, dita repetidas vezes, segundo a qual ela e Anna haviam sido melhores amigas. Por força dessa declaração que Gascoigne consentira em maquinar a “surpresa” de Lydia, por meio da qual as duas mulheres se reconciliariam e renovariam de pronto sua intimidade — uma proposta que era muito atípica a Gascoigne. Ele raramente desempenhava tarefas que poderiam ser desempenhadas pelos próprios beneficiários, e todo tipo de manobra na sociedade geralmente deixava-o incomodado: ele preferia ser manobrado que manobrar. Gascoigne era, como agora muito se evidenciará, apaixonado por Lydia Wells — uma tolice que era poderosa o bastante para levá-lo não apenas a agir contra as próprias inclinações, como também a modificá-las.)

— Pobre Anna Wetherell — disse Lydia Wells. — Essa garota é a própria imagem da má sorte.

— O diretor Shepard acha que ela perdeu a cabeça.

— O diretor Shepard! — disse Lydia Wells, e riu prazenteiramente. — Bem, em relação a *esse* assunto, ele é um verdadeiro perito. Talvez esteja certo.

Gascoigne não tinha nenhuma opinião sobre o diretor Shepard, a quem não conhecia realmente, ou sobre sua esposa lunática, a quem ele não conhecia absolutamente. Seus pensamentos se voltaram a Anna. Ele já se arrependia do severo tom que assumira com ela havia pouco, em seu quarto no Gridiron Hotel. Gascoigne nunca conseguia ficar vexado por muito tempo: até mesmo os mais breves intervalos eram sempre suficientes para produzir-lhe a autocensura.

— Pobre Anna — concordou ele em voz alta. — Você está certa: ela é uma figura miserável. Ela não consegue pagar o aluguel e seu senhorio está prestes a despejá-la. Mas ela não vai violar seu período de luto retornando às ruas. Não vai desrespeitar a memória de sua pobre criança que faleceu. Portanto, como vê, ela está de mãos atadas. Uma figura miserável.

Gascoigne falou com admiração e piedade.

Lydia saltou.

— Oh, mas ela precisa vir morar comigo, ela *precisa*! — exclamou ela, falando como se estivesse imprimindo essa ideia em Gascoigne por algum tempo, em vez de tê-la apenas sugerido. — Ela pode dormir em minha cama, como uma irmã. Talvez ela tenha uma irmã, em algum lugar distante; talvez ela sinta sua falta. Oh, Aubert, ela *precisa*. Seja você a pedir-lhe isso!

— Você acha que ela gostaria disso?

— A pobre Anna me *venera* — disse Lydia firmemente. — Nós somos amigas mais próximas. Somos como duas pombas; ou pelo menos éramos, ano passado, em Dunedin. Mas o tempo e a distância não são nada perto da verdadeira afinidade: nós iremos descobrir uma à outra novamente. Nós *precisamos* arranjar isso. Você *precisa* fazê-la vir.

— Sua generosidade é muito admirável, mas talvez também excessiva — disse Gascoigne, sorrindo-lhe indulgentemente. — Você conhece o ofício de Anna. Ela carregaria consigo esse ofício, você sabe, mesmo que somente por meio de sua conspurcada reputação. Além disso, ela não tem dinheiro.

— Oh, bobagem: sempre se pode fazer dinheiro numa jazida — disse Lydia Wells. — Ela pode trabalhar para mim. Eu preciso de uma donzela. Uma *acompanhante*, como dizem as damas. Dentro de três semanas os mineiros se esqueceriam de que ela um dia fora prostituta! Você não vai me fazer mudar de ideia, Aubert, não vai! Eu posso ser bastante teimosa quando me aferro a alguma ideia, e aferrei-me a isso.

— Ora, — Gascoigne olhou para seu copo, sentindo-se cansado. — Devo então retornar pelo passeio público para rogar a ela?

Ela ronronou.

— Você não deve fazer nada que não deseje perfeitamente fazer. Eu mesma irei. Irei esta noite.

— Mas assim não haverá surpresa alguma — disse Gascoigne. — Você ansiava tanto por sua surpresa.

Lydia apertou sua manga.

— Não — ela disse firmemente. — Aquela pobre alma já foi muito surpreendida. Já era tempo que tivesse motivos para relaxar;

era tempo que recebesse cuidados. Eu vou carregá-la debaixo de minhas asas. Eu vou mimá-la!

— Você é assim tão boa para todas as suas protegidas? — disse Gascoigne, sorrindo. — Eu tenho uma visão de você: a mulher com a lamparina, indo de cabeceira em cabeceira, ministrando bondade…

— Foi bom você ter dito esta palavra — disse Lydia.

— Bondade?

— Não: visão. Oh, Aubert. Eu estou *explodindo* de novidades.

— Novidades sobre o espólio? — disse Gascoigne. — Tão rápido!

Gascoigne não entendera corretamente a situação das relações entre Lydia Wells e seu falecido marido, Crosbie. Era-lhe estranho que eles tivessem vivido tantas centenas de milhas afastados — Lydia em Dunedin e Crosbie nas profundezas do vale Arahura, um lugar que Lydia Wells jamais visitara até então, quase duas semanas após o evento da morte de seu marido. Era apenas por motivos de justeza muito superficiais que Gascoigne não questionara diretamente Lydia sobre seu casamento — pois ele estava curioso e Lydia não parecia, em nenhum sentido, estar de luto. Ela se tornava vaga e tola sempre que o nome de Crosbie era mencionado.

Mas Lydia balançava a cabeça.

— Não, não, não — disse ela. — Nada que ver com isso! Você deve me perguntar o que eu tenho feito desde que o vi pela última vez, o que fiz nesta manhã, na verdade. Eu vim esperando que você perguntasse. Não consigo acreditar que não tenha perguntado.

— Conte-me, sim.

Lydia aprumou-se e arregalou seus olhos cinzentos, de modo que faiscassem.

— Eu adquiri um hotel — disse ela.

— Um hotel! — Gascoigne disse, maravilhando-se. — Que hotel?

— Este aqui.

— Este…?

— Você me acha caprichosa! — Ela bateu palmas.

— Acho-a empreendedora e valente, e muito bonita — disse Gascoigne. — E outras milhares de coisas. Conte-me por que adquiriu este hotel inteiro.

— Pretendo converter o lugar! — disse Lydia. — Você sabe que sou mulher do mundo: fui proprietária de um negócio em Dunedin por quase dez anos, e em Sydney, antes disso. Sou praticamente uma empresária, Aubert! Você ainda não me viu em meu ambiente. Quando me vir, me achará muito empreendedora.

Gascoigne olhou ao seu redor.

— Que tipo de conversões fará aqui?

— Chegamos finalmente à minha "visão" — disse Lydia. Ela se inclinou para a frente. — Você viu a sessão espírita anunciada no jornal matutino, com data e localização ainda por serem confirmadas?

— Oh, por favor, não!

Lydia ergueu as sobrancelhas.

— Oh, por favor, o quê?

— Mesas-redondas e espíritos? — sorriu Gascoigne. — Uma sessão espírita é uma bobagem pra se distrair, mas não é um negócio! Você não deve tentar lucrar em cima de prestidigitações baratas! Toda a gente se enfurece muito quando pensa estar sendo enganada à custa de um pagamento honesto. E além disso — acrescentou ele —, a Igreja o desaprova.

— Você fala como se essa arte não fosse arte! Como se todo o negócio não fosse nada mais que um embuste — disse Lydia Wells, que muito se entediava com a desaprovação da Igreja. — O reino da paranormalidade não é uma *mágica*, Aubert. O éter não é um *truque*.

— Ora, vamos — disse novamente Gascoigne. — Trata-se de entretenimento, não de profecia: não comecemos a falar sobre reinos.

— Então você é um cínico! — Ela se fingiu desapontada. — Eu nunca teria pensado *isso* de você. Desiludido, talvez; incrédulo, talvez; mas sempre sensível, por detrás disso.

— Se sou um cínico, sou um cínico perspicaz — disse Gascoigne com soberba. — Eu já participei de várias sessões

espíritas, senhora Wells; se as repudio como superstições tolas, não o faço sem autoridade.

Ela hesitou — e em seguida sua mão roliça se estendeu e pressionou-lhe a manga.

— Mas eu estou sendo indelicado: o assunto lhe fascina, de certa maneira — disse Gascoigne, voltando a si.

— Não é isso. — Ela acarinhou o tecido de seu punho durante um momento, e então retirou a mão tão rapidamente quanto a pousara. — Você não deve me tratar por "senhora Wells", não por muito tempo.

Gascoigne cumprimentou-a com a cabeça.

— Você agora deseja ser tratada pelo seu nome de solteira? — perguntou ele, pensando intimamente que, caso ele estivesse certo, aquele pedido era deveras impróprio.

— Não, não. — Lydia mordeu o lábio, e então aproximou-se e sussurrou: — Vou me casar.

— Casar?

— Sim. Assim que tiver coragem; mas é um segredo.

— Um segredo para mim?

— Para todo o mundo.

— Não posso conhecer o nome do seu amado?

— Não: nem você, nem ninguém. É meu caso de amor clandestino — disse Lydia. Ela riu baixinho. — Olhe só para mim, pareço uma garota de treze anos, preparando-se para fugir com seu namorado! Nem me atrevo a usar este anel, embora seja um bom anel: um rubi de Dunstan, incrustado em uma banda de ouro de Dunstan.

— Suponho que devo oferecer meus parabéns — disse Gascoigne, suficientemente cordial, mas com nova ressalva, pois suas esperanças haviam de certo modo sido frustradas por essas notícias.

Ele sentiu que um mundo de possibilidades se lhe furtara: uma luz se extinguira; uma porta se fechara. Praticamente desde que primeiro pusera os olhos na mulher, Gascoigne fantasiara que Lydia Wells pudesse um dia tornar-se *sua* amante. Ele já a imaginara em seu chalé, vira-a sacudir suas madeixas castanho-avermelhadas na cabeceira de sua cama, observara-a alimentar o fogão logo pela

manhã, envolta num robe de flanela; ele imaginara os dias inebriantes do início do namoro, a construção da casa que dividiriam, os anos se passando. Gascoigne sonhara tudo isso sem nenhuma vergonha ou constrangimento, e até mesmo sem tomar consciência de que sua mente assim fazia digressões. Parecera-lhe simplesmente natural: ela era uma viúva e ele era um viúvo. Eram ambos estrangeiros em uma cidade desconhecida e haviam travado uma cordial amizade. Não era tão improvável que se apaixonassem.

Mas agora que sabia que Lydia Wells estava noiva, Gascoigne foi forçado a renunciar a essa fantasia — e, para renunciar a essa fantasia, ele precisava reconhecê-la e encará-la como tola que era. Num primeiro momento sentiu pena de si mesmo, mas assim que voltou a mente para esse pesar, ele descobriu que sua superficialidade o divertia.

— Eu sou a felicidade em pessoa — disse a viúva.

Gascoigne sorriu.

— Como devo doravante chamá-la, portanto, já que não lhe posso chamar de senhorita Wells?

— Oh, Aubert — disse a viúva. — Nós somos muito bons amigos. Você não deve me perguntar isso. É claro que deve me chamar de Lydia.

(Vamos intervir rapidamente para retificar que Aubert Gascoigne e Lydia Wells não eram nem de longe bons amigos: na verdade, eles tinham se conhecido havia apenas três dias. Gascoigne primeiro encontrara a viúva na tarde de quinta-feira, quando esta chegara à Corte dos Magistrados para indagar sobre a fortuna de seu falecido marido — uma fortuna que já havia sido encontrada, e depositada, pelas mãos de outros homens. Gascoigne registrara a solicitação da sra. Wells para revogar a venda do chalé, e, durante o curso dessa transação, a dupla desandou a conversar. A viúva voltou ao tribunal novamente na manhã de sexta-feira, e Gascoigne, encorajado pelo evidente interesse com que ela parecia considerá-lo, rogou por acompanhá-la em seu almoço. Ela aceitou o convite com perplexo coquetismo, e Gascoigne, segurando-lhe a sombrinha, acompanhou-a ao longo do passeio público até o salão de jantar do Maxwell’s, onde pediu dois pratos de sopa de cevada, o pão mais branco que houvesse e um

jarro de xerez seco — e então sentou-a no lugar mais privilegiado, perto da janela.

Rapidamente ficou claro que Lydia Wells e Aubert Gascoigne muito tinham para conversar e tinham muitas coisas em comum. A sra. Wells estava muito curiosa para saber tudo que se sucedera desde o falecimento de seu marido, um assunto que naturalmente levou Gascoigne a falar de Anna Wetherell e de sua estranha batalha com a morte na estrada de Kaniere. Lydia Wells ficou ainda mais assombrada com isso — pois, como ela explicara, Anna Wetherell era conhecida sua. A garota ficara algumas semanas na estalagem que ela possuía em Dunedin antes de se resolver a ganhar seu sustento nos garimpos de Hokitika no ano anterior, e durante esse período tinham ficado muito próximas. Foi nesse ponto da conversa que Lydia idealizou sua "surpresa". Imediatamente depois de terminado o almoço, ela despachou Gascoigne ao Gridiron, onde ele informou Anna Wetherell de que ela seria levada a uma misteriosa expedição de compras na tarde seguinte, às duas horas.)

— Se você tem um noivo, e um novo negócio — disse agora Gascoigne —, então estarei certo em esperar que sua estada em Hokitika não será curta?

— Está-se sempre certo em ter esperanças — disse Lydia Wells, que possuía um repertório refinado de frases retóricas tal como essa e apreciava empreender uma pausa dramática após tê-las proferido.

— Estou certo em achar que seu investimento foi feito com a ajuda de seu noivo? Talvez ele seja algum tipo de magnata!

Mas a viúva gargalhou.

— Aubert — disse ela —, você não vai arrancar nada de mim!

— Pensei mesmo que você esperasse que eu o fosse tentar.

— Sim, apenas *tentar* — disse a viúva. — Mas conseguir, não!

— Presumo que esse seja um estratagema típico das mulheres — disse Gascoigne secamente.

— Talvez — retornou a viúva, com uma pequena risada. — Mas nós somos do sexo discriminado, e *eu* presumo que, de qualquer outra maneira, você não o conseguiria.

O que se seguiu foi uma troca de elogios assaz açucarada, um jogo no qual tanto a viúva quanto o viúvo se achavam muito parelhos. Em vez de transcrever esse intercâmbio sentimental, nós optaremos por sobrepô-lo e minuciosamente descrever o que de outra forma poderia ser confundido com uma profunda debilidade de caráter da parte do viúvo francês.

Gascoigne estava arrebatado por Lydia Wells e deveras admirado da refinada extravagância do discurso e do gestual daquela mulher — mas ele não lhe havia dado fé. Ele não traíra a confiança de Anna Wetherell e, em sua narração da história desta a Lydia, ele não mencionara o ouro que fora descoberto no vestido laranja de Anna na semana anterior e que estava agora embrulhado em uma saca de farinha acondicionada debaixo da cama dele. Gascoigne também descrevera os eventos do dia 14 de janeiro como se acreditasse que Anna de fato tivesse atentado contra a própria vida — pressentindo que, até que se obtivesse uma explicação mais satisfatória, seria prudente não chamar atenção para os muitos mistérios daquela noite. Ele sabia muito bem que Anna não fazia ideia de aonde diabos tinham ido aquela hora da madrugada — ou, para exprimir a questão de uma maneira diversa, não fazia ideia de quem diabos as havia roubado — e ele não desejava colocá-la em nenhum tipo de perigo. Gascoigne portanto aderiu à história “oficial”, segundo a qual Anna era uma suicida, encontrada desfalecida e deplorável na margem da estrada. Ele adotara essa perspectiva ao discutir o acontecido com outros homens, e ela não exigia grandes esforços para ser sustentada.

Que Gascoigne *fora* arrebatado por Lydia Wells e não suspeitara instantaneamente de seus muitos caprichos, isso é um ponto que não podemos defender tão facilmente. Observamos que a atração se desenvolvera antes mesmo que ele conhecesse a razão de Lydia indagar no tribunal; desenvolvera-se, na verdade, antes mesmo que a viúva revelasse seu nome. Mas agora Gascoigne sabia que Lydia carregava uma relação muito misteriosa com seu falecido marido; agora ele sabia que a fortuna misteriosa que havia sido descoberta no chalé do homem morto estava atualmente sendo disputada. Ele sabia que não devia confiar nela — e ele sabia que, quando estava na presença dela, uma adoração pura e fluida enchia

as cavidades de seu coração. A razão não é párea para o desejo: quando o desejo é sentido pura e poderosamente, torna-se um tipo de razão em si. O desejo de Lydia era de um raro e antigo charme — e Gascoigne sabia disso, tal como se o fato houvesse sido logicamente comprovado. Ele sabia que suas feições tenramente felinas haviam sido mantidas, intatas, de uma época melhor e mais antiga. Ele sabia que o formato de seu pulso e de seus tornozelos era sem igual, e que sua voz…

Mas já deixamos claro nosso ponto; devemos retornar à cena em questão.

Gascoigne havia pousado seu copo.

— Eu acho ótimo — dizia ele — que você esteja prestes a se casar. Você é encantadora demais para permanecer viúva.

— Mas será — disse Lydia Wells —, será que sou encantadora demais para ser mulher de um outro homem?

— Absolutamente — retornou Gascoigne. — Você é justamente tão encantadora como a mulher de um outro homem deve ser: é apenas devido a mulheres como você que os homens se casam. Você faz a ideia de casamento parecer muito tolerável.

— Aubert — disse ela. — Seu bajulador!

— Eu gostaria de bajulá-la ainda mais, convidando-a a falar sobre o assunto de sua especialidade, que eu tão desavisadamente depreciei agora há pouco — disse o francês. — Vamos, Lydia: fale-me sobre espíritos e sobre as forças etéreas, e eu tentarei, tanto quanto for possível, ser ingênuo e esperançoso e nem um pouco cético.

Quão adorável ela estava, com a baça luz da tarde caindo-lhe como um véu sobre os ombros! Quão deslumbrante era a sombra que preenchia aquela angulosidade logo abaixo de seus lábios!

— Em primeiro lugar — disse Lydia Wells, aprumando-se —, você se engana ao pensar que a gente comum não pagará para que leiam sua sorte. Os homens ficam muito desconfiados quando se aposta alto, e uma jazida é um lugar de grandes riscos e grandes recompensas. Mineiros sempre pagarão um bom dinheiro por um palpite; ora, a palavra “sorte” está em seus lábios quase todos os dias! Eles vão tentar a sorte em qualquer coisa se acharem que isso

pode lhes dar alguma vantagem no garimpo. O que é um especulador, aliás, senão um cigano trajando outro tipo de roupa?

Gascoigne riu.

— Duvido que os especuladores aprovassem essa comparação — disse ele —, mas, sim, eu compreendo seu ponto, senhorita Lydia: os homens estão sempre dispostos a pagar por conselhos. Mas eles confiarão na eficácia de seu conselho, na eficácia prática, digo? Temo que será uma pressão extraordinária, pois você terá que se dobrar ao fardo da comprovação! Como vai garantir que não desencaminhará nenhum deles?

— Eis uma pergunta terrivelmente maçante — disse Lydia Wells. — Você duvida de minha afinidade com o assunto, suponho eu.

Gascoigne duvidava; mas ele escolhera disfarçá-lo, pelo bem das boas maneiras.

— Eu não duvido — disse ele —, mas ignoro o assunto. Estou intrigado.

— Eu fui proprietária de uma casa de jogos durante uma década — disse a viúva. — Minha roleta parou somente uma vez no prêmio em todo esse tempo, e apenas porque sua chave enguiçou no eixo devido ao acúmulo de areia. Eu mantinha a roleta equilibrada de um jeito que sempre caísse contra a seta o lance mais próximo do prêmio. Como precaução secundária, os pinos ao lado dos números eram lubrificados. A seta sempre os ultrapassava deslizando, no fim das contas, mas tão próximo e tão tentadoramente, que os homens se recompunham e arremessavam seus xelins para mais uma rodada.

— Ora, senhorita Lydia — disse Gascoigne —, isso é diabolicamente desonesto!

— Absolutamente — disse Lydia.

— É evidente que sim! — disse Gascoigne. — É trapacear!

— Responda-me uma coisa — disse Lydia Wells. — Você chamaria de trapaceiro a um vendeiro que dispusesse as maçãs mais seletas no fundo do carrinho, de modo que as frutas batidas fossem compradas primeiro?

— Isso nem se compara — disse Gascoigne.

— Bobagem: compara-se perfeitamente — disse a viúva. — O vendeiro está garantindo sua renda: pois, se dispusesse as maçãs mais seletas na frente, as frutas batidas não seriam compradas até que mofassem, e então seriam descartadas. Ele garante para si uma renda constante ao encorajar cada um dos seus clientes a comprar uma fruta que está levemente, sempre levemente, defeituosa. Eu também devo garantir minha renda caso queira continuar no ramo, e eu o farei dessa exata maneira. Quando um jogador vai para casa apenas com uma pequena recompensa, digamos, cinco libras, e a sensação de ter passado a um fio de cabelo de ganhar uma enorme fortuna, é como se voltasse para casa com uma maçã batida. Ele sai com uma recompensa modesta, uma boa lembrança de uma bela noite e a sensação de ter, por pouco, ficado aquém de algo completamente extraordinário. Ele fica feliz, mais ou menos. E assim também eu fico.

Gascoigne riu novamente.

— Mas jogar é um vício — disse ele. — Uma maçã batida não é um vício. Perdoe-me: não pretendo ser-lhe maçante, mas me parece que seu exemplo, tal como sua roleta, é gravemente equilibrado para favorecer sua própria posição.

— É evidente que jogar é um *vício* — disse a viúva desdenhosamente. — É evidente que é um pecado mortal e que é um flagelo e que arruína os homens, e tudo o mais. Que me importa tudo isso? Tente dizer a um vendeiro que você não liga para maçãs! Não há problema, ele lhe dirá, há muitos outros que gostam muito delas!

Gascoigne fez-lhe uma continência à maneira militar.

— Estou convencido de sua habilidade de convencimento — disse ele. — Você é uma força com que se pode contar, senhorita Lydia! Tenho pena do pobre sujeito que venceu aquele prêmio, porque teve de vir a você e exigir seus ganhos.

— Oh, sim… Mas eu não cheguei a pagá-lo — disse Lydia Wells.

Gascoigne estava incrédulo.

— Você deu o calote no próprio prêmio?

Ela mexeu a cabeça.

— Quem é que está dando calote? — disse ela. — Eu apenas lhe dei uma segunda opção. Disse que ele podia ter suas cem libras em ouro puro ou ter a mim. Não como uma *prostituta* — disse ela, notando o olhar no rosto de Gascoigne. — Como esposa, seu tolo. O homem era Crosbie. Ele fez sua escolha. E você sabe que caminho ele escolheu!

Gascoigne ficou de queixo caído.

— Crosbie Wells.

— Sim — disse a viúva. — Nós nos casamos antes de terminada a noite. O que foi, Aubert? Eu seguramente não possuía cem libras para entregar. Eu nunca pensei que a roleta fosse parar na sorte grande — eu a havia equilibrado para que isso nunca acontecesse! Eu não teria sido bem-sucedida. Eu teria me arruinado completamente. Eu teria ido à bancarrota. Não é possível que você esteja *chocado*!

— Confesso estar, um pouco — disse Gascoigne, embora seu choque fosse de espécie bastante admirativa. — Ora, você já o conhecia bem?

— É evidente que não — disse Lydia Wells. — Que ideias modernas você tem.

Gascoigne corou.

— Não quis dizer isso — disse ele, e então, se apressando. — É claro que, se você estava prevenindo sua própria falência, como diz…

— Nós éramos terrivelmente inadequados, é claro, e dentro de um mês não conseguíamos nos olhar no rosto. Era o esperado. Sim: foi o melhor que ambos podíamos ter esperado, dadas as circunstâncias.

Gascoigne imaginava por que motivo o par não arranjara o divórcio, mas ele não podia perguntar sem ofender o recato da viúva, tendo meramente assentido com a cabeça.

— Veja, sou muito moderna em relação a *isto* — concordou Lydia. — Há de convir com minha reserva a esse respeito. Insistir em uma separação, ainda mais em um divórcio!? *Você* já foi casado, senhor Gascoigne.

Ele notou o coquetismo com que ela disse o nome de sua família e sorriu para ela.

— Sim — disse ele. — Mas não falemos do passado; falemos do presente, do futuro e de tudo que está por vir. Conte-me sobre as conversões que pretende fazer neste hotel.

Lydia ficou contente por estar com a palavra. Saltou sobre seus pés e, entrelaçando as mãos, na pose de uma corista, deu um passo adiante, para perto da otomana. Girando nos calcanhares, ela lançou seu olhar em volta do salão — para a janela de treliça, para as paredes estucadas finamente, para a bandeira puída do Reino Unido, sem dúvida recuperada de um naufrágio, pregada verticalmente na parede que defrontava a janela.

— Eu mudarei o nome, é evidente — disse. — Não mais será Wayfarer: será Wayfarer's Fortune.

— Há algo de musical no nome.

Isso a deixou satisfeita. Ela afastou-se alguns passos do canapé e abriu os braços.

— Eu terei cortinas. Não suporto um quarto sem cortinas. E sofás ao estilo moderno. Na sala de estar haverá um cubículo com portas de vaivém, quase parecido com um confessionário, *muito* parecido com um confessionário. O salão dianteiro será uma espécie de sala de espera. As sessões espíritas serão conduzidas aqui, é claro. Oh, eu tenho muitas ideias. Vou ler a sorte, desenhar mapas astrais, jogar cartas de tarô. No andar de cima… mas o que é isso? Você ainda está cético, Aubert!

— Não sou mais um cético! Eu me retratei! — disse Gascoigne, estendendo a mão para entrelaçá-la à dela, um movimento que foi em parte induzido porque ele estava tentando abafar um riso. (Ele *era* um cético, por completo, e não podia ouvi-la rolar o *r* da palavra "tarô" sem desejar irromper em riso.)

— Neste assunto sou eu a especialista e você é o leigo — disse Lydia Wells. — Você deve se lembrar disso, não importa sua má opinião sobre reinos.

O braço dela estava frouxamente estendido entre eles, tal qual quando uma mulher estende seu anel para ser beijado, e Gascoigne reprimiu o ímpeto de apanhá-lo e beijá-lo.

— Você está certa — disse ele, espremendo de novo sua mão. — Você está bastante certa.

Ele soltou-a, e ela aproximou-se da cornija.

— Eu o recompensarei com uma informação — disse ela —, mas somente sob a condição de que me leve muito a sério, tão seriamente quanto levaria a qualquer homem.

— É claro — murmurou Gascoigne, tornando-se solene. Ele recostou-se.

— Ei-la — disse Lydia Wells. — O mês que vem será um mês sem lua.

— Ó, céus… — disse Gascoigne.

— Não ficará completamente cheia, é o que quero dizer. Fevereiro é um mês curto. Haverá lua cheia exatamente antes do dia primeiro, e outra exatamente após o dia 28; portanto, nenhuma lua cheia em fevereiro.

Gascoigne sorriu para ela.

— E assim ocorre... todo ano?

— Absolutamente — disse Lydia. — O fenômeno é muito raro. — Ela correu o dedo pela moldura de gesso da cornija.

— A raridade implica importância, não implica? Ou implica perigo…?

— Ocorre apenas uma vez a cada vintena de anos — continuou Lydia, alinhando o relógio de parede.

— E o que isso profetiza, senhorita Lydia, um mês sem lua?

Lydia voltou-se para ele e pousou as mãos nos quadris.

— Se me der um xelim — disse ela —, eu lhe contarei.

Gascoigne riu.

— Ainda não — disse ele. — Eu ainda não tenho provas de sua especialidade. Eu terei que testá-la antes que eu disponha de dinheiro qualquer ou de coisa qualquer que pertença a *este* reino. A bruma cairá esta noite, mas vou conferir os jornais de segunda-feira e vigiar as marés.

A viúva o fitou, impenetrável.

— Eu não estou enganada — disse. — Eu tenho um almanaque astronômico e sou muito versada em sua leitura. A lua está crescente agora, acima da bruma. Ficará cheia na noite de segunda, e na terça começará a minguar. O mês que vem será um mês sem lua.

Conjunções

Em que más impressões são desfeitas; os convites se multiplicam; e o passado transcorre até alcançar o momento presente.

O reverendo Cowell Devlin permanecera na sala de jantar do Palace Hotel até meados da tarde, quando começou a se sentir embotado e lento e sua leitura deixou de ser proveitosa. Julgando estar necessitado de ar fresco, ele tomou todo seu café, arrumou seus panfletos, pagou a conta, virou para cima o colarinho, contra a chuva, e partiu rumo à beira-mar, na direção norte. O sol da tarde brilhava acima da bruma, emprestando à cena um brilho argênteo que filtrava as cores do mar e destacava pontos de luz branca na areia. As próprias gotas da chuva pareciam bruxulear no ar; o vento, soprando frio do oceano, carregava consigo um cheiro aprazível e ferruginoso. Tudo isso colaborou muito para dissipar o torpor de Devlin, e dentro em breve suas bochechas ganhavam cor e ele sorria, seu chapéu de abas largas estreitado à cabeça com a palma de sua mão. Ele decidira aproveitar ao máximo sua perambulação e retornar a Hokitika pela alta planície de Seaview — o local do futuro cárcere de Hokitika e a futura residência do próprio Devlin.

Ao ganhar o cume da colina ele se virou, levemente ofegante, e ficou surpreso ao ver que estava sendo seguido. Um rapaz, vestido apenas com uma camisa de brim e calça, ambas coladas ao corpo, subia a passo largo pela trilha que levava à planície. A cabeça do homem estava abaixada e não se podia identificá-lo de imediato; foi somente após se ter aproximado vinte jardas de Devlin que este pôde reconhecê-lo. Ora, pensou ele, era o homem do vale Arahura: o homem maori, amigo do falecido Crosbie Wells.

Cowell Devlin não fora instruído para ser missionário, nem viajara para a Nova Zelândia com tal propósito. Foi com muita surpresa que descobriu que o Novo Testamento havia sido traduzido para o maori já cerca de vinte anos antes de sua chegada; ele ficou ainda mais perplexo ao saber que a tradução estava à venda na

papelaria da rua George em Dunedin a preço muito módico. Virando as páginas do documento traduzido, Devlin pensara em como a mensagem sagrada havia sido simplificada, e a que custo. As palavras desconhecidas naquele alfabeto truncado pareciam-lhe infantis, compostas apenas de sílabas repetidas e de balbucios — irreconhecíveis, assim como asneiras de criança. Mas no instante seguinte Devlin se repreendeu; pois o que era *sua* própria Bíblia senão um tipo diverso de tradução? Ele não devia ser tão precipitado ou orgulhoso. Como expiação dessa dúvida não exprimida, ele pegou sua caderneta e fez anotações meticulosas de alguns versos fundamentais do texto em maori. “He aroha te Atua. E Aroha ana tatou ki a ia, no te ea ko ia kua matua aroha ki a tatou. Ko Ahau te huarahi, te pono, te ora. Hone 14:6”, escreveu, e então, maravilhado: “Das epístolas de Paora”. O tradutor mudara até mesmo os nomes.

O homem maori olhou para cima; ao ver Devlin de pé na crista acima de si, ele estacou, e de uma distância de várias jardas eles se observaram, sem dizer nada.

Uma aragem repentina aplanou a moita em volta de onde Devlin estava, soprando seus cabelos nas têmporas.

— Boa tarde — falou.

— Boa tarde — retornou o outro, estreitando levemente os olhos.

— Vejo que nenhum de nós se intimida com um sinal de mau tempo!

— Sim.

— Mas a vista fica um pouco comprometida; é o único porém — acrescentou Devlin, esticando o braço para abarcar a vista blindada diante deles. — Parece-me que, quando as nuvens estão baixas, poderíamos estar em qualquer lugar do mundo, não acha? Presumo que, quando elas se forem, nós nos encontraremos em um lugar completamente diferente!

A planície de Seaview, assim apropriadamente chamada, ostentava uma perspectiva singular do oceano, o qual, a partir desta altura, era uma vastidão inexpressiva, uma larga banda de cor homogênea, tendo o céu uma tonalidade mais clara. A linha da praia não era visível da planície devido ao declive do penhasco logo

abaixo — sua borda dava abruptamente num depósito de seixos e de argila —, e o vazio dessa visão, tripartida em terra, água e ar, sem árvores para interromper a nivelação e sem contorno algum para abrandar o formato da terra, deixava os sentidos em alerta até compelir o visitante a voltar as costas completamente para o oceano e fitar as montanhas ocidentais — que estavam obscurecidas, hoje, por uma cortina inconstante de névoa branca. Abaixo da planície, os habituais telhados apinhados de Hokitika davam lugar ao amplo leito marrom do rio Hokitika e à curva cinzenta da restinga; além do rio, o litoral quebrava em direção ao sul, ofuscando-se com a cerração e a distância até ser integralmente engolido pela névoa.

— É uma grande vantagem — disse o homem maori.

— Certamente é, embora eu deva dizer que ainda estou para topar com uma vista nesse país que me agrade. — Devlin desceu vários passos, estendendo sua mão. — Olá. Meu nome é Cowell Devlin. Infelizmente, não me lembro do seu.

— Te Rau Tauwhare.

— Te Rau Tauwhare — repetiu Devlin solenemente. — Como vai?

Tauwhare não conhecia esta expressão e fez uma pausa para decifrá-la; enquanto o fazia, Devlin prosseguiu.

— Você era um bom amigo de Crosbie Wells, pelo que me lembro.

— Seu único amigo — corrigiu Tauwhare.

— Ah, mas mesmo com um único bom amigo, um homem deve considerar-se sortudo.

Tauwhare não respondeu a isso de pronto. Após um momento, ele disse:

— Eu ensinei korero maori a ele.

Devlin assentiu.

— Você repartiu sua língua. Você repartiu as histórias de seu povo. É uma bela amizade a que se constrói a partir dessa fundamentação.

— Sim.

— Você chamava Crosbie Wells de seu irmão — prosseguiu Devlin. — Eu me lembro: você usou essa mesma palavra naquela

noite no acampamento de polícia, a noite anterior ao sepultamento do corpo.

— É uma figura de linguagem.

— Sim, mas por trás dela reside um sentimento muito belo. Por que você a usou, senão para dizer, simplesmente, que você se importava com o homem e o amava, assim como amaria um dos seus? “Irmão” é outra palavra para “amor”, penso eu. Para o amor que escolhemos dar, e de boa vontade.

Tauwhare refletiu sobre isso e então disse:

— Não escolhemos certos irmãos.

— Ah — disse Devlin. — De fato, não. Não nos é dado escolher nosso sangue, não é? Não nos é dado escolher nossas famílias. Sim: você esboçou uma bela distinção. Muito bela.

— E dentro de uma família — prosseguiu Tauwhare, encorajado por aquele elogio — dois irmãos podem ser homens muito diferentes.

Devlin riu.

— Correto novamente — disse ele. — Irmãos podem ser muito dessemelhantes. Tive apenas irmãs, veja você. Quatro irmãs, e todas mais velhas. Elas deveras me fizeram de animal de estimação. — Ele fez uma pausa, pretendendo dar a Tauwhare a ocasião de fornecer informações de sua própria família, mas Tauwhare apenas repetiu sua observação sobre irmãos uma segunda vez, parecendo muito contente com sua perspicácia.

— Fico pensando, Te Rau, se devo lhe perguntar sobre Crosbie Wells — disse Devlin repentinamente.

Pois ele não se esquecera da história que entreouvira naquela manhã, na sala de jantar do Palace Hotel. O político Alistair Lauderback estava convencido, por alguma misteriosa razão, de que o falecido Crosbie Wells e o chantagista Francis Carver haviam sido irmãos, apesar do fato de que eles não pareciam compartilhar o sobrenome; *por que* Lauderback acreditava nisso, no entanto, ele se recusara a dizer. Talvez Tauwhare, sendo o melhor amigo de Wells, soubesse algo sobre aquilo.

Tauwhare franzia o cenho.

— Não me pergunte sobre a fortuna — disse ele. — Não sei nada sobre a fortuna. Já fui questionado sobre isso pelo magistrado,

pela polícia e pelo administrador da carceragem. Não quero ter que responder mais uma vez.

— Oh, não, não estou interessado na fortuna — disse Devlin. — Gostaria de perguntar sobre um homem chamado Carver. Francis Carver.

Tauwhare enrijeceu.

— Por quê?

— Ouvi dizer que ele era um velho conhecido do senhor Wells. Aparentemente há alguma questão não resolvida entre os dois. Algo… criminoso.

Tauwhare não disse nada. Seus olhos haviam se estreitado.

— Não sabe alguma coisa sobre isso? — disse Devlin.

Quando, na manhã de 14 de janeiro, Te Rau Tauwhare contou a Francis Carver, pelo preço de dois xelins, o lugar onde vivia Crosbie Wells, ele não sentiu como se estivesse colocando seu amigo em qualquer tipo de perigo. O pedido em si não fora incomum, nem o fora a maneira com que havia sido colocado. Os homens com frequência ofereciam recompensas por notícias de camaradas que se haviam perdido nas jazidas: não apenas irmãos, mas também pais, tios, filhos, devedores, parceiros e colegas. Havia a página de desaparecidos no jornal, é claro, mas nem todo mineiro era letrado, e muitos deles não tinham tempo ou pendor para ficar a par das novidades diárias. Era mais barato, e às vezes mais eficiente, oferecer em vez disso uma recompensa pela informação no boca a boca. Tauwhare guardou seus dois xelins muito feliz; quando, mais tarde naquela mesma noite, ele viu Carver aproximar-se do chalé de Wells, bater na porta e entrar, não ficou desconfiado. Ele decidiu dormir no cume aquela noite, ao lado de suas arapucas, a fim de que Carver e Wells pudessem conduzir sua reunião em particular. Ele supôs que Carver fosse um velho associado de Wells nos tempos de Dunedin e não especulou para além dessa suposição.

Na manhã seguinte, no entanto, Wells foi encontrado morto; no dia de seu velório, uma ampola de láudano foi descoberta debaixo de seu jirau; alguns dias depois, revelou-se que o navio de Carver, *Godspeed*, zarpara na noite de 14 de janeiro, fora da escala e oculto pela escuridão. Tauwhare estava horrorizado. Todas as evidências pareciam apontar para o fato de que Francis Carver tomara parte na

morte do eremita — e, se isso fosse confirmado, seria Te Rau Tauwhare quem o teria equipado com os meios para tanto, ao dizer-lhe explicitamente onde Wells poderia ser encontrado! E, o que era ainda mais horrível, ele recebera pagamento pela traição.

O senso de autodomínio de Tauwhare, parte essencial de sua concepção de si, não autorizava ações irrefletidas. O conhecimento de que ele havia traído seu amigo por dinheiro era-lhe profundamente vergonhoso, e essa vergonha se manifestava como um aborrecido ultraje que era dirigido imediatamente tanto ao seu interior quanto ao seu exterior. Ele passou os dias seguintes ao enterro de Wells bastante macambúzio, rangendo os dentes, puxando seu topete e amaldiçoando Francis Carver a cada passo que dava.

O inquérito de Devlin incitou a renovação desse mau humor. Os olhos de Tauwhare cintilaram e seu queixo ergueu-se.

— Se há questões mal resolvidas entre eles — disse furiosamente —, estão agora terminadas.

— É claro — disse Devlin, levantando as palmas das mãos para apaziguar a têmpera do outro homem —, mas veja: ouvi um boato em algum lugar segundo o qual eles eram irmãos. Crosbie Wells e Carver. Pode ter sido somente uma figura de linguagem, como você colocou, mas eu gostaria de ter certeza.

Tauwhare ficou desnorteado; para disfarçá-lo, ele carranqueou sombriamente o rosto para o capelão.

— Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Não — disse Tauwhare, cuspindo a palavra.

— Wells nunca mencionou a você um homem chamado Carver?

— Nunca.

Devlin, notando que o humor de Tauwhare se azedara, resolveu tentar uma abordagem distinta.

— Bem, e como Crosbie Wells se saiu, aprendeu bem a língua maori?

— Não tão bem quanto meu inglês — disse Tauwhare.

— Disso não tenho dúvida! Seu inglês é muito bom.

Tauwhare levantou o queixo.

— Eu viajei com agrimensores. Conduzi muitos homens às montanhas.

Devlin sorriu.

— Veja você — disse ele —, eu creio sentir em você um toque de almas afins, Te Rau. Penso que não somos tão diferentes, eu e você, repartindo nossas histórias, repartindo nossa linguagem, encontrando irmãos nos outros homens. Eu penso que não somos assim tão diferentes.

Nesse momento, Devlin falou antes com extravagância que com clareza. Seus anos como clérigo haviam-no ensinado que era prudente sempre principiar num ponto de conexão ou forjar um, caso essa conexão não ainda existisse. Essa prática não era exatamente desonesta, mas era verdade que, caso fosse pressionado, Devlin não teria sido capaz de descrever a aparente semelhança entre eles dois em detalhes sem resvalar em generalidades.

— Eu não sou um homem de Deus — disse Tauwhare, franzindo o cenho.

— E mesmo assim, há muito de Deus em você — respondeu Devlin. — Creio que você tenha um instinto para a oração, Te Rau, por ter vindo aqui hoje. Por ter vindo prestar homenagens ao túmulo de seu querido amigo, por orar por ele, certamente.

Tauwhare balançou a cabeça.

— Eu não rezo por Crosbie. Eu me lembro dele.

— Isso é ótimo — disse Devlin. — Isso é bom. Lembrar é um bom passo para começar. — Sorrindo ligeiramente, ele pressionou as almofadas dos dedos umas nas outras e então deixou ambas as mãos penderem para baixo, na sua pose clerical. — Orações começam com frequência como memórias. Quando lembramos aqueles a quem amamos e deles sentimos falta, naturalmente esperamos que estejam seguros e felizes, onde quer que estejam. Essa esperança se transforma em um desejo, e sempre que um desejo é exprimido, mesmo que silenciosamente, mesmo que não por meio de palavras, ele se torna uma súplica. Talvez não saibamos a quem estamos falando; talvez perguntemos antes de realmente saber quem nos ouve ou antes mesmo que acreditemos na existência desse ouvinte. Mas eu julgo ser um ótimo começo

fazer da lembrança das pessoas a quem amamos uma prática. Quando lembramos afetuosamente os outros, nós lhes desejamos saúde e felicidade e tudo que há de bom. Essas são as orações de um homem cristão. O homem cristão olha para fora, Te Rau; ele primeiro ama aos outros e depois a si mesmo. É por isso que o homem cristão tem muitos irmãos. Semelhantes ou dessemelhantes. Pois nenhum de nós é tão diferente, não concorda?, quando somos vistos de um ponto de vista coletivo.

(Vemos, desse ponto de vista coletivo, que Te Rau Tauwhare e Cowell Devlin são de fato muito parecidos em uma grande variedade de questões; a mais pertinente delas, no entanto, passará despercebida e inobservada. Nenhum deles possui curiosidade suficiente para perturbar a equanimidade orgulhosa do outro nem para demovê-lo dela: eles estão fadados a ficar eternamente próximos, um como ato da própria autoexpressão e o outro, como a prova dela.)

— Uma oração não precisa sempre ser uma súplica, é claro — acrescentou Devlin. — Algumas orações são expressões de alegria; algumas, expressões de graças. Mas há esperança em todo bom sentimento, Te Rau, até mesmo em sentimentos que fazem lembrar o passado. O homem devoto, o homem bom, é sempre esperançoso; ele é sempre otimista. Um homem se faz esperançoso através de suas orações.

Tauwhare, que recebera esse sermão desconfiado, apenas assentiu com a cabeça.

— Sábias palavras — acrescentou ele, sentindo pena de seu interlocutor.

Em geral, a concepção de oração de Tauwhare se restringia ao tipo mais ritual e oratório. A correta obediência ao *whaikorero* provocava nele, assim como todos os rituais de discurso e cerimônia, um sentimento de centramento e calma, do tipo que ele sozinho não poderia produzir, nem o desejava fazer. A sensação era bastante distinta do amor que sentia por sua família, o qual experienciava como um sobressalto secreto no peito, e distinta também do orgulho que sentia dentro de si, o qual ele percebia como uma agitação de grande pressão, uma certeza exultante de que homem algum poderia se equiparar a ele e de que homem

algum ousaria tentá-lo. A sensação ia-lhe mais a fundo que a bondade natural que sentia ao observar sua mãe descascar os mariscos e amontoar sua carne escorregadia em uma cesta grande de linho no litoral, e ao saber, enquanto a observava, que seu amor era bom e totalmente puro; ia-lhe mais a fundo que a exaustão virtuosa que sentia após passar um dia abastecendo os *rua kumara*, [8] transportando madeira ou tecendo *harakeke*[9] até que as pontas de seus dedos ficassem pungidas e esfoladas. Te Rau Tauwhare era um homem para quem o ato de amar era a verdadeira religião, e o altar dessa religião não comportava a criação de ídolos.

— Vamos juntos à sepultura? — disse Devlin.

A lápide de madeira que marcava a sepultura de Crosbie Wells já havia cedido ao clima costeiro. Duas semanas após a morte do eremita, a placa de madeira já estava inchada, sua superfície, já salpicada com um orvalho de bolor negro. O entalhe da gravura do toneleiro se desgastara, e o fino realce de tinta embaciara de branco até chegar a um sombrio cinza-amarelado, dando a impressão, não totalmente dissipada pela indicação do ano de sua morte, de que o homem falecera havia muito tempo. O lote ainda não fora tomado pelo líquen nem pela grama, e, apesar da chuva, exibia uma aparência árida — uma aparência não de terra recém-revolvida, mas de terra sedimentada que nunca mais seria revolvida.

Os epitáfios mais em voga aqui eram principalmente beatitudes de Mateus ou recorrentes versos dos Salmos. Apelos para o descanso e ficar em paz não tranquilizavam, no entanto, tanto quanto o fariam em alguma paróquia coberta e pavimentada, a dez mil milhas de distância. Era na companhia dos perdidos e dos afogados que Crosbie Wells jazia em seu sono eterno, pois havia somente um punhado de lápides no lote em Seaview, cuja maioria era de memoriais erigidos à honra de embarcações que haviam naufragado ou se extraviado no mar: a *Glasgow*, a *City of Dunedin*, a *New Zealand* — como se cidades inteiras, nações inteiras houvessem rumado para a costa apenas para encalhar, ou afundar, ou desaparecer. À direita do eremita havia um memorial ao bergantim *Oak*, o primeiro navio a ir a pique na foz do rio Hokitika, um fato gravado com ameaçador presságio na pedra esverdeada; à esquerda de Wells havia uma lápide de madeira pouco maior que

uma placa, que não trazia nome algum, a não ser um verso, não atribuído a ninguém: “Meus tempos estão em suas mãos”. Não longe do cemitério ficava o local da futura carceragem de George Shepard, cujas fundações já haviam sido intervaladas e mensuradas, as medidas marcadas na terra com tinta branca à base de chumbo.

Era a primeira vez que Tauwhare se aventurava em Seaview desde o sepultamento de Wells, uma cerimônia que se realizara diante de uma audiência pequena e efêmera, apesar da chuva pesada. Nesses aspectos e na habitual velocidade com que as bênçãos convencionais foram expedidas, o velório de Wells parecera incorporar todo tipo de inconveniência e todo tipo de aborrecimento. É escusado dizer que Te Rau Tauwhare não fora convidado para contribuir com os procedimentos; George Shepard o intimou, inclusive, com um ominoso gesto de seu dedo de nó basto, a ficar calado durante quase todo o “Amém” do capelão — um coro ao qual Tauwhare, no caso, não acrescentou sua voz, pois a bênção de Devlin fora praticamente engolida pelo aguaceiro. Ele foi, no entanto, autorizado a ajudar a descer o ataúde de Wells na cova enlameada e a assentar trinta, quarenta, cinquentas pás de terra molhada em cima dele. Ele teria apreciado dar conta disso sozinho, pois o grupo fizera um trabalho apressado ao encher a cova, e pareceu a Tauwhare que tudo acabara rápido demais. Os homens, puxando o colarinho acima das orelhas, abotoaram suas sobrecasacas, apanharam suas ferramentas respingadas de terra e marcharam em fila única de volta pelo atalho até o calor e a luz do centro de Hokitika, onde sacudiram seus sobretudos e enxugaram os rostos, trocando as botas ensopadas por chinelas.

Tauwhare aproximou-se silenciosamente do túmulo de seu amigo, seguido por Devlin, suas mãos cruzadas, sua expressão pacífica. Tauwhare estacou a cerca de cinco ou seis pés de distância da lápide de madeira e olhou para o lote tal como se olhasse para um leito de morte da soleira de um aposento — tal como se temesse caminhar, fisicamente, quarto adentro.

Tauwhare nunca havia visto Crosbie Wells além do vale Arahura. Ele certamente nunca o havia visto aqui, no solo dessa planície abandonada, assolada pelo céu. Ele não tinha dito, não

raras vezes, que era no solitário Arahura que desejava terminar seus dias? Não fazia sentido que ele jazesse aqui, entre homens que não eram seus irmãos, em solo no qual não trabalhara e não amava — quando seu querido chalé permanecia vazio e abandonado, a cerca de dezenas de milhas de distância! Era *aquele* solo que deveria ter reclamado seu corpo. Era *aquela* terra que deveria ter transformado sua morte em vida fértil. Era no Arahura, pensou Tauwhare, que ele deveria ter sido enterrado, afinal de contas. Na extremidade da clareira, talvez… ou no lote de seu pequeno jardim… ou no lado norte do chalé, em um pedaço de luz.

Te Rau Tauwhare se aproximou mais — dentro do aposento fantasma, até o pé do leito fantasma. Uma onda de culpa lhe sobreveio. Ele devia confessar ao capelão, afinal de contas, confessar que ele, Tauwhare, havia levado Crosbie à morte? Sim: ele faria sua confissão; e Devlin oraria por ele como se o fizesse por um homem cristão. Tauwhare acocorou-se, pousou cuidadosamente uma mão sobre a terra molhada que cobria o coração de Crosbie e manteve-a lá.

— Eu, que me tinha deitado e adormecido, levanto-me, porque o Senhor me sustenta — disse Devlin.

— *Whatu ngarongaro he tangata, toitu he whenua*.

— Que o Senhor o tenha; que o Senhor nos tenha, quando orarmos por ele.

A palma da mão de Tauwhare imprimiu um entalhe na terra; ao perceber isso, ele levantou a mão e, com as pontas dos dedos, suavizou a marca.

Φ

No escritório do *West Coast Times* na rua Weld, o sabá de Benjamin Löwenthal estava quase chegando ao fim. Charlie Frost encontrou-o sentado na mesa da cozinha, terminando sua ceia.

Löwenthal estava muito menos contente em ver Frost do que estivera em ver Thomas Balfour mais cedo naquela tarde, pois ele adivinhou, corretamente, que Frost viera para falar sobre o espólio de Crosbie Wells — um assunto que há muito já o tinha cansado. Apesar disso, ele recebeu Frost cortesmente em sua cozinha e convidou o jovem bancário a se sentar.

Frost, por sua vez, não se desculpou por ter interrompido as devoções de Löwenthal, pois ele não era versado no mundo e não sabia que eram devoções. Ele sentou-se à mesa manchada de tinta, pensando quão estranho era que Löwenthal tivesse preparado uma ceia tão elaborada para consumi-la sozinho. A vela, tomou-a por uma excentricidade; ele relanceou o olhar para ela somente uma vez.

— É sobre o espólio — disse ele.

Löwenthal suspirou.

— Más notícias, então — disse ele. — Eu devia ter imaginado.

Frost fez uma pequena síntese do que se sucedera aquela tarde em Chinatown, descrevendo com certo detalhe as mágoas precedentes de Mannering em relação a Ah Quee.

— Onde estão as más notícias? — disse Löwhental, quando o outro terminara.

— Infelizmente seu nome veio à baila — disse Frost, falando delicadamente.

— Em que contexto?

— Foi sugerido — disse ainda mais delicadamente — que talvez esse camarada Lauderback o tenha usado como peão, na noite do dia 14. Ao vir ter diretamente com você, quero dizer, na noite da morte do eremita, e contar tudo a você. Talvez, apenas talvez, ele o tenha procurado devido a algum tipo de plano.

— Isso é absurdo — disse Löwenthal. — Como Lauderback saberia que eu iria diretamente falar a Edgar Clinch? Estou certo de que nunca mencionei a ele o nome de Edgar… e ele não me disse nada de extraordinário.

Frost abriu as mãos.

— Bem, nós estamos arrolando uma lista de suspeitos, isso é tudo, e o senhor Lauderback está nessa lista.

— Quem mais está na sua lista?

— Um homem chamado Francis Carver.

— Ah — disse Löwenthal. — Quem mais?

— A viúva Wells, é claro.

— É claro. Quem mais?

— A senhorita Wetherell — disse Frost — e o senhor Staines.

O rosto de Löwenthal estava inescrutável.

— Uma classificação abrangente — disse ele. — Prossiga.

Frost explicou que um pequeno grupo de homens se encontraria no Crown Hotel após o anoitecer, a fim de reunir suas informações e discutir o assunto a fundo. O grupo incluiria todo homem que estivera presente na barraca de Quee Long naquela tarde; Edgar Clinch, o comprador do espólio de Wells; e Joseph Pritchard, cujo láudano havia sido encontrado no chalé do eremita após o evento da morte de Wells. Harald Nilssen afiançara o caráter de Pritchard; ele, Frost, afiançara Clinch.

— Você afiançou Clinch? — disse Löwenthal.

Frost confirmou-o e acrescentou que ficaria feliz em afiançar também Löwenthal, caso Löwenthal desejasse participar.

Löwenthal empurrou a cadeira da mesa.

— Eu vou participar — disse ele, ficando de pé e movendo-se para pegar uma caixa de fósforos da prateleira ao lado da porta. — Mas creio haver mais alguém que deveria estar presente.

Frost pareceu alarmado.

— Quem seria?

Löwenthal pegou um fósforo e riscou-o num dos batentes da porta.

— Thomas Balfour — disse ele, virando o fósforo e observando a diminuta flama escalar a haste. — Creio que suas informações possam ser de considerável valia ao projeto de nossa discussão. Caso ele esteja disposto a compartilhá-las, é claro. — Ele abaixou o fósforo, cuidadosamente, até a arandela sobre a mesa.

— Thomas Balfour — repetiu Frost.

— Thomas Balfour, o agente portuário — disse Löwenthal. Ele girou o medidor da arandela para folgar a abertura: fez-se um assovio, e a redoma fulgurou alaranjada. — Ele foi ter com você esta manhã, não foi? Creio que ele mencionou tê-lo visto no banco.

Frost franzia o cenho.

— Sim, ele foi — disse. — Mas ele me fez perguntas muito estranhas, e eu não estava completamente certo de seus propósitos, para dizer a verdade.

— É isso — disse Löwenthal, balançando o fósforo. — Há outra dimensão nesse assunto todo, e Tom sabe sobre ela. Esta tarde ele me contou que Alistair Lauderback esconde um segredo, algo

importante. Ele pode estar relutante em trair a confiança de Lauderback, é claro (comigo ele manteve seu silêncio), mas talvez, se eu colocar a questão no contexto dessa assembleia… bem, ele é quem sabe das próprias escolhas. Ele deverá se decidir. Talvez depois que todos os outros tenham compartilhado sua história, ele se sinta estimulado a falar.

— A falar — repetiu Frost. — Tudo bem. Mas se pode confiar nele... para ouvir?

Löwenthal fez uma pausa, comprimindo o palito carbonizado entre o dedo e o polegar.

— Corrija-me se estiver errado — disse ele friamente —, mas do seu convite entendo que essa assembleia deve ser formada por homens inocentes, não por intrigantes ou conspiradores ou criminosos de qualquer tipo.

— Você está correto — disse Frost. — Mas, mesmo assim…

— Mesmo assim você pergunta se se pode confiar ou não em Tom para nos ouvir — prosseguiu Löwenthal. — Certamente *você* não estaria de posse de alguma informação que o poderia incriminar? Certamente *você* não saberia de algo que não gostaria de dividir, em voz alta e espontaneamente, com uma companhia de inocentes reunida por uma causa comum?

— É claro que não — disse Frost, corando. — Mas ainda assim precisamos ter cautela…

— Cautela? — disse Löwenthal. Ele largou o fósforo na pilha de lenha e esfregou as pontas dos dedos. — Estou começando a duvidar de suas boas intenções, senhor Frost. Estou começando a imaginar se esta não é, afinal, também um tipo de conspiração.

Eles olharam um para o outro por um longo momento, mas a determinação de Frost não se igualava à de Löwenthal; ele baixou a cabeça, as bochechas chamejantes, e assentiu uma vez.

— Você deveria convidar o senhor Balfour, certamente — disse ele. — Você certamente deveria.

Löwenthal estalou a língua. Sua conduta podia ser bastante professoral quando seu código ético era ofendido: suas reprimendas eram sempre severas e sempre eficazes. Ele fitou o rapaz com uma expressão muito pesarosa agora, fazendo Frost corar ainda mais, como um estudante flagrado estragando um livro.

Desejando redimir-se, Frost disse, um tanto bravio:

— Mas ainda assim, *há* aspectos sobre a venda do chalé que não são de conhecimento público. Que o senhor Clinch não gostaria que fossem divulgados, quero dizer.

O olhar de Löwenthal era quase ardente.

— Deixarei isso bem claro — disse ele. — Confio em sua discrição, assim como você confia na minha, e assim como nós dois confiamos na discrição do senhor Clinch. Mas a discrição passa longe do sigilo, senhor Frost. Não considero que qualquer um de nós esteja sonegando informação, no sentido legal. Você considera?

Num tom que pretendia ser casual, Frost disse:

— Bem, eu suponho que só nos resta esperar que o senhor Clinch seja da sua opinião — querendo, de maneira assaz tola, granjear suas graças ao aplaudir seu raciocínio. Mas Löwenthal balançou a cabeça.

— Senhor Frost — disse ele. — Você é indiscreto. Não recomendo isto.

Benjamin Löwenthal era oriundo de Hanover, uma cidade que, desde a saída dele da Europa, caíra sob o jugo da Prússia. (Com o bigode de pontas caídas e a linha do cabelo muito recuada, Löwenthal não era diferente de Otto von Bismarck, mas essa correlação não era imitativa: a imitação não era uma forma de estilo que Löwenthal algum dia pensara adotar.) Ele era o filho mais velho de um negociante de tecidos, um homem cuja ambição de vida focava totalmente em dar uma educação a ambos os filhos. Essa aspiração, para satisfação imensurável do velhote, ele conseguira cumprir. Logo depois de terminados os estudos dos garotos, no entanto, seus pais contraíram a gripe. Eles morreram, como depois ficara sabendo Löwenthal, no mesmo dia em que o Estado hanoveriano concedeu a emancipação formal ao povo judeu.

Esse evento foi o divisor de águas da juventude de Löwenthal. Embora ele não fosse supersticioso e, portanto, não atribuísse real valor ao fato de que esses eventos tivessem acontecido contemporaneamente, eles estavam, não obstante, conectados em sua mente: ele sentia uma profunda sensação de desapego de cada uma dessas circunstâncias em virtude de sua ocorrência no mesmo dia. Naquela mesma época, foi-lhe oferecido um aprendizado como

jornalista no *Die Henne* em Ilmenau, uma oportunidade que seus pais certamente o teriam encorajado a agarrar — mas, porque o estado da Turíngia não havia ainda emancipado seus cidadãos judeus, ele sentiu que a aceitar seria um desrespeito à memória dos pais. Ele ficara arrasado. Löwenthal acalentava um medo exagerado de catástrofes e se inclinava a analisar demais em suas reflexões; as razões para suas ações eram sempre muitas e racionalizadas ao extremo. Vamos ignorá-las aqui e apenas observar que Löwenthal não se decidiu nem por mudar-se para Ilmenau nem por permanecer em Hanover. Imediatamente após a morte dos pais, ele deixou completamente a Europa, para nunca mais retornar. Seu irmão Heinrich assumiu os negócios do pai em Hanover, e Benjamin Löwenthal, de diploma na mão, singrou o Atlântico até a América — onde, durante meses e anos e décadas depois, ele recontava essa história a si mesmo, com essas mesmas palavras, dessa mesma maneira.

A repetição é uma fortificação como nenhuma outra. Com o tempo, a concepção de Löwenthal para a história de seu passado havia se tornado fixa e (em virtude de sua fixidez) inatacável. Ele perdera a capacidade de falar sobre sua vida em outros termos que não aqueles que prescrevera: ele era um homem moral; ele era um homem confrontado com paradoxos; ele era um homem que havia feito a coisa certa, que fazia a coisa certa, que faria a coisa certa. Todas as suas escolhas, em sua cabeça, haviam sido escolhas morais. Ele deixara de ser capaz de distinguir entre preferências pessoais e imperativos morais, e ele deixara de aceitar que tal distinção fosse possível. Era em consequência a tudo isso que ele agora punia Charlie Frost tão livremente.

Os olhos de Frost estavam baixos.

— Eu sei ser discreto — disse ele silenciosamente. — Não precisa se preocupar.

— Eu vou ter com Tom em pessoa — disse Löwenthal, atravessando a sala com duas passadas e abrindo a porta para que o bancário saísse. — Agradeço seu convite. Eu o verei esta noite no Crown.

Φ

Depois de voltar de Kaniere, Dick Mannering rumou imediatamente ao Gridiron Hotel, onde encontrou Edgar Clinch sozinho em seu escritório particular, acomodado à mesa. O magnata sentou-se sem ter sido convidado, falou durante algum tempo sobre as ocorrências daquela tarde e, muito rapidamente, descreveu a conferência proposta para aquela noite. Os homens haviam decidido, por motivos de prudência, reunir-se em território neutro, e o salão de fumantes do Crown Hotel, por ser o aposento menos chamativo do estabelecimento menos popular em toda Hokitika, parecera uma escolha muito razoável a todos os convocados. Mannering falou com grande exuberância, pois apreciava muito a ideia de um conselho secreto; ele sempre ansiara por ser membro de uma guilda, da espécie que possuía histórias arcanas, hierarquias feudais, um código. Dentro em pouco ele ficou ciente, no entanto, de que o hoteleiro não parecia ouvi-lo atentamente. Clinch espalmara ambas as mãos na mesa diante de si, como se se firmasse contra uma ventania, e durante a longa palestra de Mannering ele sequer mudara sua postura, embora seu olhar dardejasse ansiosamente ao redor da sala. Seu rosto habitualmente afogueado estava muito pálido, e seu bigode estava crispado.

— *Você* parece ter algo em mente, isso posso afirmar — disse Mannering por fim, e num tom assaz amuado, pois ele estava certo de que, qualquer que fosse a preocupação dele, nem de longe seria tão emocionante quanto a tarde que passou em Chinatown ou a expectativa de uma conferência secreta para discutir o desaparecimento assombroso de um homem muito rico.

— A viúva esteve aqui — disse Edgar Clinch, cavernosamente. — Ela tinha um assunto com Anna, ela disse. Ela subiu as escadas e em menos de meia hora ela estava de volta, com Anna a reboque dela.

— Lydia Wells?

— Lydia Wells — ecoou Clinch. Em sua boca, o nome era como uma blasfêmia.

— Quando?

— Agora há pouco — disse Clinch. — Elas saíram juntas, no momento exato em que você chegou. — Ele caiu novamente em silêncio.

Mannering emitiu um ruído impaciente.

— Não me faça implorar para que fale.

— Elas se conhecem! — irrompeu Clinch. — Elas se *conhecem*: Lydia e Anna! São melhores amigas!

Essa revelação não era informação nova para Mannering, que era freguês assíduo da Casa dos Muitos Desejos em Dunedin e já havia visto as duas mulheres juntas naquele lugar: na verdade, era na Casa dos Muitos Desejos que Mannering pela primeira vez contratara Anna Wetherell para trabalhar para ele. Ele deu de ombros.

— Está certo — disse ele. — Qual é o problema?

— Elas são unha e carne — disse Clinch pesarosamente. — E ter unhas é adequado no caso delas, Dick. Porque elas têm unhas na palma das mãos.

— Quem é que está deitando as unhas em quê?

— Elas estão metidas nisso juntas! — gritou Clinch.

Realmente, pensou Mannering, Clinch podia ser terrivelmente fastidioso quando estava incomodado; ele ficava completamente ininteligível. Disse alto:

— Isso é sobre o recurso que a viúva interpôs?

— Você sabe do que eu estou falando — disse Clinch. — *Você* sabe.

— Do quê? — disse Mannering. — É sobre a fortuna? O quê?

— Não da fortuna de Wells. A *outra* fortuna.

— Que outra fortuna?

— Você sabe!

— Pelo contrário: não faço a menor ideia.

— *Estou falando dos vestidos de Anna!*

Essa foi a primeira vez que Clinch mencionou o ouro que ele descobrira no vestido de Anna no inverno anterior — quando ele a levou escada acima, colocou-a na banheira, pegou-lhe o vestido, sentiu um peso na costura, rasgou o fio da bainha e retirou, com seus dedos, uma brilhante pitada dele. A pressão desse segredo duradouro deu à sua expressão de agora um aspecto quase demente; pois ele ainda estava convencido de que o magnata estava enredado em algum tipo de esquema, embora ele não

tivesse ainda decifrado o que exatamente esse esquema poderia implicar.

Mas Mannering pareceu apenas confuso.

— O quê? — disse ele. — Do que se trata tudo isso?

Clinch abriu uma carranca.

— Não se faça de bobo.

— Perdoe-me: eu não estou fazendo isso — disse Mannering. — Do que está falando, Edgar? O que as modas de uma prostituta têm a ver com o valor de alguma coisa?

Estudando-o, Edgar Clinch sentiu um estremecimento de dúvida. O aturdimento de Mannering parecia perfeitamente autêntico. Ele não agia como um homem delatado. Isso significaria que ele *não sabia* do ouro escondido nos vestidos de Anna? Anna teria conspirado com outro homem por trás das costas de *Mannering*? Clinch, também, sentiu-se aturdido. Ele decidiu mudar de assunto.

— Eu estava falando daquele vestido de luto — disse ele, desajeitadamente. — Aquele de gola ridícula que ela passou a usar nessa última quinzena.

Mannering acenou com a mão.

— Ela está apenas sendo carola — disse ele. — Dando-se ares. Isso passa.

— Não estou tão certo disso — disse Clinch. — Na semana passada, veja você, eu disse que ela precisava quitar suas dívidas antes de abandonar as ruas. E nós batemos boca, e creio ter ficado bravo, e ameacei expulsá-la do hotel.

— O que isso tem a ver com Lydia Wells? — disse Mannering, impacientemente. — Que importa se você perdeu a cabeça? O que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Lydia Wells acabou de pagar as dívidas de Anna — disse Clinch. Por fim, ele ergueu as mãos da mesa: debaixo delas, e ligeiramente úmida devido à pressão de suas palmas, jazia uma nota de banco, nova em folha, no valor de seis libras. — Anna se mudou para o Wayfarer. Sem previsão de voltar. Arranjou uma nova profissão, diz ela. Não atenderá mais como prostituta.

Mannering olhou para a nota de banco e por um momento nada disse.

— Mas isso é o que ela deve a *você* — disse ele finalmente. — Dá apenas para o aluguel. Ela me deve cem libras, e mais um tanto! Ela está no vermelho e ela está no fundo, e ela deve responder a *mim*, maldito seja! Não a você, e certamente não à maldita Lydia Wells! Mas o que está dizendo, não atenderá mais como prostituta?

— Apenas isso — disse Edgar Clinch. — Ela está farta da profissão. Assim ela diz.

O rosto de Mannering ganhou uma cor arroxeada.

— Não se pode simplesmente largar seu ofício. Não dou a mínima se você é uma prostituta ou um açougueiro ou um maldito padeiro! Não se pode simpesmente largar, não quando há uma dívida por saldar!

— Isso foi o que…

— Enlutada, ela disse! — gritou Mannering, levantando-se de um salto. — Por algum tempo, ela disse! Ofereça uma mão a uma mulher, e ela pegará um maldito braço! Não debaixo do meu nariz, está certo? Não devendo cem libras! Com certeza, não!

Clinch fitava friamente o magnata.

— Ela disse para informá-lo de que Aubert Gascoigne pagará sua dívida — disse. — Ela disse para informá-lo de que o dinheiro está escondido debaixo da cama dele.

— Quem diabos é *Obur Gaskwon*?

— Ele é um funcionário na Corte dos Magistrados — disse Clinch. — Ele registrou a queixa da viúva para revogar a fortuna de Crosbie Wells.

— Rá! — disse Mannering. — Então voltamos a *isso*, não é? Maldito seja eu!

— Há mais uma coisa — disse Clinch. — O senhor Gascoigne esteve no quarto de Anna essa tarde e ouviram-se tiros. Dois tiros. Perguntei-lhe sobre os tiros, depois do acontecido, e ele retrucou mencionando a dívida. Eu subi para verificar. Há um buraco no travesseiro de Anna. Bem no meio dele. O estofado até saiu.

— Dois buracos?

— Apenas um.

— E a viúva viu tudo — disse Mannering.

— Não — disse Clinch. — Ela apareceu depois. Mas, quando o senhor Gascoigne saiu, ele *disse* que ia falar com uma dama… e

então ela apareceu, aproximadamente duas horas depois disso.

— Qual é a outra fortuna? — disse Mannering de súbito. — Você disse haver outra fortuna.

— Eu pensei… — Clinch baixou o olhar. — Não. Não importa. Eu me enganei. Esqueça.

Mannering deu de ombros.

— Que obrigação Lydia Wells tem de pagar a dívida de Anna? — disse. — O que ela ganha com isso?

— Eu não sei — disse Clinch. — Mas as duas pareciam muito íntimas esta tarde.

— Intimidade, não se ganha nada com isso.

— Eu não sei — disse Clinch novamente.

— Elas estavam de braços dados? Elas estavam de bom humor? Como?

— Sim — disse Clinch. — Elas estavam enlaçadas. E quando a viúva falava, Anna se achegava mais perto.

Ele caiu em silêncio, mergulhando em sua memória.

— E você a deixou ir! — vociferou Mannering subitamente. — Você a deixou ir, sem me perguntar, sem me chamar? Ela é minha melhor garota, Edgar! Você sabe *disso* sem que eu precise dizer! As outras não chegam aos pés dela!

— Eu dificilmente poderia detê-la — disse Clinch, parecendo azedo. — Que poderia ter feito, trancado-a? E, de toda forma, você estava em Kaniere.

Mannering saltou de sua cadeira.

— Então a “Anna dos chineses” agora é “Anna de ninguém”! — Ele bateu com o chapéu em sua perna. — Ela faz parecer tão simples, não faz? Largando a profissão! Como se nós pudéssemos apenas acordar um dia e resolver…!

Mas Edgar Clinch não se deu ao trabalho de seguir essa linha retórica. Ele meditava, pesarosamente, sobre o fato de que o dia seguinte era sábado, e o primeiro sábado em muitos meses em que não ansiaria pelo preparo do banho de Anna. Em voz alta, ele disse:

— Talvez você devesse ir conversar com o senhor Gascoigne sobre o dinheiro.

— Sabe o que me deixa furioso, Edgar? — disse Mannering. — Notícias de segunda mão me deixam furioso. Obtê-las a partir dos

outros homens me deixa furioso. Ouvir tudo isso de você me deixa furioso. O que Anna quer de mim? Que eu bata na porta de um homem que mal conheço? O que eu diria? “Com licença, senhor, eu creio haver uma grande quantidade de dinheiro debaixo de sua cama, e Anna Wetherell o deve a mim!” É desrespeitoso. Desrespeitoso, é o que é. Não: até onde eu sei, essa garota ainda é empregada minha. Ela ainda não deixou de ser uma prostituta, e sua dívida ainda não foi quitada.

Clinch assentiu. Sua energia se dissipara, e ele desejava agora ficar sozinho. Ele pegou a nota de banco, dobrou-a e guardou-a dentro da carteira, no peito.

— Que horário você disse, para o encontro de hoje à noite?

— Ao pôr do sol — disse Mannering. — Mas talvez seja bom chegar antes ou depois, a fim de que não andemos todos para lá ao mesmo tempo. Você encontrará um considerável punhado de homens saindo dessa discussão achando que há alguém que se possa culpar.

— Não posso dizer que gosto do Crown — disse Clinch, mais para si mesmo. — Eles economizaram no vidro, acredito. As janelas da fachada deveriam ser maiores, e deveria haver um telhado sobre o alpendre.

— Bem, lá será silencioso, e isso é o que importa.

— Sim.

Mannering pôs o chapéu.

— Se você tivesse me perguntado na semana passada quem era o culpado por toda essa loucura, eu teria dito que era o judeu. Se tivesse me perguntado ontem, eu teria dito que a viúva. Nesta tarde, eu lhe teria dito que os chineses. Mas agora? Bem, Edgar, maldito seja eu se não apostar que foi aquela prostituta. Grave minhas palavras: Anna Wetherell sabe exatamente por que aquele dinheiro brotou na casa de Crosbie Wells, e ela sabe exatamente o que aconteceu a Emery Staines, que Deus o tenha, embora eu o diga prematuramente. Tentativa de suicídio, uma ova! Vestido de luto, uma ova! Ela está sob o poder de Lydia Wells, e, juntas, elas estão armando alguma.

Φ

Sook Yongsheng e Quee Long avançaram pela estrada de Kaniere rumo a Hokitika, igualmente vestidos com chapéus de feltro de abas largas, capas de lã e galochas de lona. A noite já caía, trazendo com ela uma queda rápida de temperatura e fazendo a água parada na margem da estrada passar de marrom para um azul acetinado. Havia pouco tráfego, exceto pelas raras carroças ou pelos cavaleiros solitários dirigindo-se ao calor e à luz da cidade adiante — ainda assim a cerca de duas milhas, embora dali já se pudesse ouvir o bramido do oceano, um ruído enfadonho e monocórdio, e acima dele o grito espaçado de uma ave marinha, seu lamento soando tênue e leve acima do som da chuva.

Os dois homens conversavam em cantonês.

— Não há ouro na Aurora — dizia Ah Quee.

— Está certo disso?

— A jazida é infértil. É como se sua terra já tivesse sido revolvida.

— Uma terra revolvida pode surpreender — respondeu Ah Sook. — Conheço muitos homens que ganham seu pão a partir de pilhas de dejetos.

— Você conhece muitos homens *chineses* que ganham seu pão a partir de pilhas de dejetos — corrigiu Ah Quee. — E depois, eles são espancados, e até mortos, por aqueles cuja intuição não foi tão aguçada.

— O dinheiro é um fardo — disse Ah Sook. Esse era um provérbio que ele citava com frequência.

— Um fardo que é mais sentido pelos pobres — disse Ah Que. Ele olhou de soslaio para o outro homem. — Também seu ofício tem andado devagar, recentemente.

— Sim — disse Ah Sook, calmamente.

— A prostituta perdeu o gosto pelo fumo.

— Sim. E não consigo explicar por quê.

— Talvez ela tenha encontrado um outro fornecedor.

— Talvez.

— Você não acredita nisso.

— Não sei no que acreditar.

— Você desconfia do boticário.

— Sim, entre outros homens.

Ah Quee refletiu um momento, e então disse:

— Eu não acredito que a fortuna que eu descobri pertenceu algum dia à própria Anna.

— Não — concordou Ah Sook. — É plausível. Afinal de contas, ela não notou seu roubo.

Ah Quee fitou-o.

— Você vê minha ação como um roubo?

— Não desejo impugnar sua honra… — principiou Ah Sook, mas em seguida ele hesitou.

— Sua insinuação vai contra o que você deseja, Sook Yongsheng.

Ah Sook abaixou sua cabeça.

— Perdoe-me. Eu sou ignorante, e minha ignorância brilha mais que minha intenção.

— Até mesmo os homens ignorantes têm opiniões — disse Ah Quee. — Conte-me. Sou um ladrão, a seu ver?

— É o desejo de sigilo que define um roubo — disse por fim o faiscador, pouco convincentemente.

— Estou lhe dizendo: você impugna a honra de mais homens além de mim!

— Se eu estiver faltando com a verdade, vou retirar o que disse.

— Você está faltando com a verdade — retrucou Ah Quee. — Quando um homem encontra uma pepita nas jazidas, ele não conta. Ele a esconde e nada diz a seus camaradas. Aqui nas jazidas, todo homem deseja o sigilo. Somente um tolo comenta suas descobertas em voz alta. Você não o faria diferentemente, Sook Yongsheng, caso topasse com uma pilha de ouro.

— Mas o ouro de que você fala não foi descoberto numa jazida — disse Ah Sook. — Você encontrou sua fortuna no bolso de uma mulher; você a tirou dela, e não do solo.

— A mulher não tinha conhecimento do que ela carregava! Ela era como um homem que acampa junto a um rio repleto de ouro e nada vê, de nada suspeita.

— Mas o ouro no rio não pertence a ninguém; nem mesmo ao rio.

— Você mesmo disse que o ouro não poderia ter pertencido a Anna!

— Não a Anna; mas que dizer da reivindicação do alfaiate? Que dizer do propósito do alfaiate ao esconder tal quantia nos folhos do vestido de uma mulher?

— Nada sei de alfaiate algum — disse Ah Quee acaloradamente. — Quando você encontra um pêni de prata, você se pergunta quem o cunhou? Não: você apenas se pergunta quem tocou antes naquela moeda! Não sou um ladrão por ter pegado algo que estava perdido.

— Perdido?

— *Perdido* — disse Ah Quee. — Ninguém reclamou aquela fortuna. Havia sido roubada antes de mim, e foi roubada desde então.

— Desculpe-me — disse Ah Sook. — Eu me retratarei.

— Uma prostituta não é uma concubina — disse Ah Quee. Ele estava ficando irritado; esse era evidentemente um assunto em relação ao qual há muito desejava defender-se. — Uma prostituta não se torna respeitável. Uma prostituta não se torna rica. Todo o prestígio e todo o lucro pertencem ao cafetão, nunca à prostituta. Sim: o único que realmente lucra com seu ofício é o homem que está por trás dela, bolsa numa mão, pistola na outra. Eu não roubei de Anna! Que poderia eu ter roubado? Ela não possui nada. Aquele ouro nunca foi dela.

Eles ouviram batidas de cascos atrás deles e se viraram: uma dupla de cavaleiros, ambos sentados muito baixos na sela, rumavam para Hokitika a galope; ambos os cavalos estavam espumando, e ambos os cavaleiros estavam muito à vontade com seus chicotes, urgindo-os a ir ainda mais rápido. Os chineses deram lugar para que eles passassem.

— Desculpe-me — disse Ah Sook novamente, quando os cavaleiros tinham ido. — Eu estava errado. Você não é um ladrão, Quee Long.

Eles retomaram a andança.

— O senhor Staines é o verdadeiro ladrão — disse o ferreiro. — Ele roubou com intenção e então fugiu sem escrúpulo. Fui tolo em confiar nele.

— Staines está aliado a Francis Carver — disse Ah Sook. — Os registros da Aurora bem o comprovam. Essa aliança é razão suficiente para duvidar de sua palavra.

Ah Quee passou os olhos por seu companheiro.

— Eu não conheço esse Francis Carver — disse ele. — Eu nunca ouvi falar nesse nome antes de hoje.

— Ele é um mercador — disse Ah Sook, inexpressivo. — Eu o conheci em Guangzhou, quando garoto. Ele traiu minha família e eu jurei tirar-lhe a vida.

— Essa parte da história eu já sei — disse Ah Quee. — Eu gostaria de saber mais.

— É uma história lamentável.

— Então eu a ouvirei com compaixão. Uma traição a qualquer um dos meus conterrâneos é uma traição a mim.

A isso, Ah Sook franziu o cenho.

— A traição é minha, para vingá-la.

— Apenas quis dizer que precisamos ajudar um ao outro, Sook Yongsheng.

— Que quer dizer com “precisamos”?

— A vida de chineses não vale nada neste país.

— Vida nenhuma vale alguma coisa num garimpo.

— Você está errado — disse Ah Quee. — Hoje você viu um homem me golpear, puxar meu cabelo, me insultar e me ameaçar de morte, tudo impunemente. E não haverá punição. Todo homem em Hokitika vai mais cedo ou mais tarde tomar partido de Mannering, e por quê? Porque sou chinês, e ele não. Eu e você *precisamos* ajudar um ao outro, Ah Sook. Nós precisamos. A lei se une contra nós; devemos ter meios de nos unir contra a lei.

Ah Sook nunca ouvira esse sentimento ser exprimido; ele ficou em silêncio por um tempo, digerindo-o. Ah Quee tirou o chapéu, estapeou-o várias vezes com a palma da mão e devolveu-o à cabeça. Em algum lugar do mato próximo, uma araponga emitiu seu grito vigoroso e garganteado; seu chamado foi seguido de outro, e ainda outro, e por um momento as árvores em volta deles se avivaram com o cantar.

Era devido à preferência, e não à necessidade, que Sook Yongsheng vivia e trabalhava sozinho. Ele não era de índole

intratável e, na verdade, não achava custoso fazer amizades nem as estreitar assim que se travavam; ele simplesmente preferia responder por si mesmo. Ele desgostava de todo e qualquer fardo de responsabilidade, especialmente quando essas responsabilidades eram esperadas ou forçadas — e uma amizade, de acordo com sua experiência, quase sempre evoluía para questões de deveres, culpa e expectativa. Aqueles homens que ele escolhera chamar de íntimos nada exigiam e muito tinham a oferecer; por conseguinte, havia muitas figuras caridosas no passado de Ah Sook, e poucas a quem ele expressamente se devotara. Ele detinha a sensibilidade de uma vanguarda social: independente, cheio de convicção e, ao menos em sua própria percepção, quase universalmente malcompreendido. A sensação de ser constantemente subestimado pelo mundo em geral progrediria, ao longo do tempo, até um tipo de demagogia particular; ele estava confiante do escopo abrangente de sua própria visão, e raramente pensava ser necessário explicar-se aos outros homens. Em geral, suas crenças eram projeções de um mundo melhor e mais simples, no qual lhe aprazia, fantasticamente, mergulhar — pois ele preferia o fervor imaculado de sua própria solidão a todas as outras obrigações sociais, e tendia, quando acompanhado, a manter-se alheio. Dessa propensão ele não era de todo ignorante, pois era altamente reflexivo e dado a extensivas autoanálises, do gênero mais rigoroso e contemplativo. Mas ele analisava sua própria mente tal qual um profeta analisa suas estranhas visões — ou seja, com reverência e sempre crendo que ele era destinado a ser o arauto de uma cósmica *raison d'être*, de um plano universal.

— Minha história com Francis Carver — disse ele por fim — é uma história com muitos começos; mas espero que tenha apenas um fim.

— Conte-me a história — disse Ah Quee.

Φ

Harald Nilssen fechou a porta de seu escritório no cais, sentou-se à mesa e, sem sequer tirar o chapéu ou a sobrecasaca, redigiu um bilhete apressado a Joseph Pritchard. O tom dessa carta era frenético, até mesmo desleixado, mas Nilssen não cuidou de revisá-

la. Sem reler as próprias palavras, ele borrou a página, dobrou o papel e carimbou o lacre com a matriz circular da Nilssen & Cia. Então chamou Albert e instruiu o garoto para entregar o bilhete na botica de Pritchard à rua Collingwood a toda pressa.

Assim que Albert saiu, Nilssen pendurou seu chapéu, trocou sua sobrecasaca ensopada por um roupão seco e alcançou seu cachimbo — mas, mesmo depois de aceso o tabaco, e de ter se sentado, erguido os pés e cruzado os tornozelos, ele não se tranquilizou. Ele se sentia friorento. Sua pele estava úmida ao toque, e o ritmo de seu coração não arrefecia. Cravou o cachimbo no canto da boca, como gostava de fazer, e voltou sua atenção ao assunto de seu inquietamento: a promessa que fizera mais cedo aquele dia a George Shepard, diretor do cárcere de Hokitika.

Nilssen perguntou-se se devia romper seu voto de silêncio e dividir os detalhes da proposta de Shepard com a assembleia naquela noite. A matéria era certamente relevante à futura discussão, principalmente porque dizia respeito a uma porcentagem da fortuna de Crosbie, mas também porque, segundo suspeitava Nilssen, a antipatia de Shepard pelo político Lauderback não se devia apenas a questões de trabalho forçado, carceragens e estradas. Quando se considerava que o político Alistair Lauderback fora o primeiro a encontrar o cadáver de Crosbie Wells — bem, pensou Nilssen, estava claro que o diretor Shepard estava tão metido na conspiração Crosbie Wells quanto o restante daqueles homens! Mas quanto Shepard sabia, e a quem ele servia, além de a seu próprio interesse? Ele sabia da fortuna escondida no chalé de Crosbie Wells? *Lauderback* sabia disso, nesse caso? Ruminando, Nilssen recruzou os tornozelos e reposicionou o cachimbo na boca, concheando o bojo entre a curva do indicador e a almofada do polegar. Para qualquer direção que se olhava, pensou ele, não havia dúvida de que George Shepard sabia muito mais do que dizia.

Harald Nilssen estava acostumado a dominar a atenção do público, uma reputação que conquistara pelo uso da perspicácia, da declamação e da autopromoção. Ele muito ficava enfadado quando, por qualquer que fosse a razão, permanecia na periferia de um aposento abarrotado. Sua vaidade exigia constante estimulação e constante prova de que a contínua criação de sua individualidade

era um projeto que ele mesmo podia controlar. Ele estava irritado, agora, ao pensar que fora manipulado como a um tolo, não porque se acreditava imerecedor de tal tratamento (Nilssen sabia muito bem que ele era um tipo suscetível, e com frequência brincava sobre o fato), mas porque não conseguia compreender a motivação de Shepard para tê-lo tratado assim.

Ele soprou no seu cachimbo, conjurando em sua mente a futura carceragem, o asilo, o cadafalso da forca, construído muito acima do alçapão. Tudo isso seria construído sob comissão sua e sob sua licença. “À forca com o diretor Shepard”, pensou ele de súbito. Ele não tinha real obrigação de manter o sigilo de Shepard — ora, ele nem mesmo sabia, exatamente, o que *era* aquele sigilo! Ele dividiria o pedido de Shepard com a assembleia naquela noite, e ele dividiria suas próprias suspeitas sobre o homem, além disso. Ele não estava ainda sujeito por contrato a manter silêncio. Ele ainda não apusera seu nome a documento algum. Que importava isso, de toda forma? Uma carceragem não era uma propriedade privada. Pertencia a toda Hokitika. Uma carceragem é construída pelo governo — e em benefício dos partidários da lei.

Dentro em pouco Nilssen ouviu a porta do escritório externo abrir e fechar. Ele levantou de um salto. Era Albert, voltando da botica de Joseph Pritchard. Seu casaco estava muito molhado, e, quando ele adentrou no escritório de Nilssen, trouxe consigo o cheiro terroso da chuva.

— Ele queimou a carta? — disse Nilssen ansiosamente. — Você o viu queimá-la? Que é isso que você tem aí?

— A resposta de Pritchard — disse Albert. Ele ergueu um pedaço de papel dobrado.

— Eu disse que não devia haver uma resposta! Eu disse!

— Sim — disse Albert —, e eu disse isso a ele, mas ele redigiu uma, de qualquer maneira.

Nilssen fitou o documento na mão de Albert.

— Ele queimou minha carta, pelo menos?

— Sim — disse Albert, mas em seguida ele hesitou.

— O quê? O quê?

— Bem — disse Albert —, quando eu disse que ele precisava queimá-la, ele riu.

Nilssen estreitou os olhos.

— Por que ele riu?

— Não sei — disse Albert. — Mas achei que deveria contar isso a você. Talvez não seja importante.

O músculo abaixo do olho de Nilssen começou a pulsar.

— Ele riu quando leu a carta? Quando ele leu as palavras?

— Não — disse Albert. — Ele riu somente depois. Quando eu disse que tinha que queimá-la.

— Ele achou divertido, é?

— Apenas que você tenha ordenado que ele a queimasse — disse Albert, assentindo. Ele dedilhava as bordas da carta. Ele queria muito perguntar ao seu empregador o que significava toda essa tarefa, mas ele não sabia como perguntá-lo sem provocar uma repreensão. Alto, ele disse:

— Você deseja ler a resposta?

Nilssen estendeu a mão.

— Aqui — disse ele. — *Você* não a leu, leu?

— Não — disse Albert, parecendo ofendido. — Está lacrada.

— Oh, sim, é verdade — disse Nilssen. Ele pegou o bilhete da mão de Albert, virou-a e rasgou o selo com os dedos. — O que está esperando? — disse, antes de desdobrar o papel. — Você pode ir.

— Para casa? — disse Albert em uma voz de grande lamento.

— Sim, para casa, seu imbecil — disse Nilssen. — E pode deixar a chave sobre a mesa, antes de ir.

Mas o rapaz demorou-se.

— No caminho de volta — disse —, quando passei pela Príncipe de Gales, vi que há um novo espetáculo hoje à noite: um espetáculo estrangeiro. O senhor Mannering estava oferecendo ingressos gratuitos, devido à estreia, e eu peguei um para você. — Ele disse tudo isso muito rapidamente; agora ele havia contraído o rosto e olhado para outro lado.

Nilssen não havia ainda desdobrado a carta de Pritchard.

— O quê? — disse ele.

— *Sensações do Oriente* — disse o garoto. — É um ingresso para o balcão, na frente e no meio. O melhor lugar. Pedi-o especialmente.

— Use-o você mesmo — disse Nilssen. — Vá você. Não quero um ingresso para o teatro. Pode ir, agora.

O garoto arrastou o sapato no assoalho.

— Eu também peguei um para mim — disse ele. — Eu pensei, já que é sábado, e as corridas foram adiadas…

Nilssen balançou a cabeça.

— Não posso ir ao teatro hoje à noite — disse ele.

— Oh — disse Albert. — Por quê?

— Estou me sentindo indisposto.

— Apenas o primeiro ato — disse o garoto. — Parece que haverá champanhe. Champanhe é bom para indisposição.

— Leve Henry Fuller com você.

— À porta dos atores eu vi uma dama com uma sombrinha.

— Leve Henry.

— Ela era japonesa — disse Albert, pesarosamente. — Não parecia ser maquilagem. Ela parecia ser realmente japonesa. Henry Fuller está na praia. Por que você não vem?

— Estou muito enfermo.

— Você não parece enfermo. Você parece ótimo!

— Estou certo de que encontrará alguém para ir com você — disse Nilssen, com crescente irritação. — Desça até o Star e anuncie o ingresso por lá. Que tal?

Albert encarou o soalho por um momento e conteve-se. Enfim, suspirou e disse:

— Bem, então espero vê-lo segunda-feira, senhor Nilssen.

— Sim, eu espero, Albert.

— Adeus.

— Adeus. Você me contará tudo sobre o espetáculo. Certo?

— Talvez possamos ir juntos novamente — disse Albert. — Porém, o ingresso é só para hoje à noite. Mas talvez possamos ir novamente.

— Sim — disse Nilssen. — Talvez na semana que vem. Depois que me recuperar.

Ele esperou até que seu desapontado subordinado saísse da sala e silenciosamente fechou a porta atrás dele. Então desdobrou a carta de Pritchard e avançou na direção da janela, para melhor luz.

H. — Pode confirmar. Mas ouça: algo esquisito ocorreu essa tarde no quarto de Anna. Pistolas envolvidas. Explicarei tudo pessoalmente. Evento testemunhado por A. G., funcionário do tribunal. Talvez você devesse falar com ele, já que você está bancando o detetive. Seja lá no que Anna estiver metida, estou certo de que A. G. sabe. Você confia nele? Não posso dizer que confio: bem, ainda não se chegou a nenhuma conclusão, como diz o ditado. Destrua essa carta! — J. S. P.

Thomas Balfour havia retornado, no fim da tarde, ao Palace Hotel, com a intenção de encontrar Cowell Devlin — o capelão que entreouvira sua conversa com Lauderback naquela manhã. Ele desejava desculpar-se por sua grosseria, mas também (e até mais urgentemente) indagar o capelão sobre sua conexão com o prospector desaparecido Emery Staines. Ele estava certo de que o interrogatório de Devlin no escritório do *West Coast Times* estava conectado, de alguma forma, ao caso Crosbie Wells.

Devlin não estava no Palace Hotel, todavia; o pessoal da cozinha informou a Balfour que ele havia deixado a sala de jantar havia muitas horas. Ele não estava em sua tenda à beira-mar, nem na carceragem do acampamento de polícia, nem em igreja alguma; ele não estava em nenhuma loja e em nenhum salão de bilhar, e não estava no cais. Balfour perambulou várias horas por Hokitika, abatido, e estava prestes a desistir e ir para casa quando finalmente o encontrou. O capelão caminhava rua Revell abaixo, seu chapéu e sua sobrecasaca assaz encharcados; caminhando ao lado dele estava outro homem, um tanto mais alto e maior que ele. Balfour atravessou a rua. Ele estava quase levantando o braço para acenar-lhe, quando reconheceu o acompanhante de Devlin: era o homem maori com quem ele também conversara mais cedo naquele dia e com quem também havia sido imperdoavelmente rude.

— Olá — chamou ele. — Reverendo Devlin. Você não acreditaria! É o homem por quem eu vinha procurando! Olá, Ted: fico feliz em vê-lo de novo também.

Tauwhare não o saudou de volta; Devlin, no entanto, sorriu.

— Vejo que descobriu meu sobrenome — disse. — Infelizmente, ainda não conheço o seu.

Balfour estendeu sua mão.

— Tom Balfour — disse ele, radiante, e eles se cumprimentaram. — Sim: eu fui ver Ben Löwenthal, lá no *Times*, e trocamos algumas palavras sobre você. Aliás, estava tentando encontrá-lo nessas últimas horas. Para perguntar-lhe algo.

— Então nosso encontro é duplamente fortuito — disse Devlin.

— Queria perguntar-lhe sobre Emery Staines — disse Balfour, interrompendo-o. — Ouvi dizer que você também vem perguntando por ele. Querendo saber quem pôs aquela notícia no jornal, o anúncio para que ele retornasse. Ben contou-me que você esteve por lá. Gostaria de saber por que você anda perguntando por ele, por Staines, digo, e qual sua conexão com o homem.

Cowell Devlin hesitou. A verdade, é evidente, era que Emery Staines era um dos três nomes que constavam da escritura de doação que ele encontrara na gaveta de cinzas do fogareiro de Crosbie Wells no dia seguinte à morte do eremita. Ele não mostrara aquela escritura a ninguém, no entanto, e decidira não o fazer até que soubesse um pouco mais das pessoas a que se referia. Devia mentir a Balfour? Ele não gostava de contar lorotas, mas talvez pudesse contar uma meia verdade. Ele mordeu o lábio.

Balfour notara a hesitação do capelão e confundiu-a com uma censura. Ele levantou as mãos.

— Olhe só para mim — exclamou ele —, fazendo perguntas na rua, e em meio ao temporal, enquanto nos molhamos inteiramente! Veja só. Que tal dividirmos uma refeição? Algo quente. Não faz sentido conversar no meio da rua, não quando há hotéis aquecidos de ambos os nossos lados e bons momentos a compartilhar.

Devlin olhou para Tauwhare, que, apesar de sua antipatia por Balfour, ficara contente ante a perspectiva de uma refeição.

Balfour tossiu e então golpeou o peito com o punho, estremecendo.

— Eu não fui eu mesmo esta manhã. Estava amuado; não fui eu mesmo. Lamento por isto e desejo compensá-lo, a ambos. Vou arranjar algum prato para nós e, juntos, tomaremos uma bebida, como amigos. Ora, deixem um homem se desculpar, quando ele se oferece.

A trindade logo se estabeleceu em uma mesa de canto no Maxwell. Balfour, que ficava sempre muito contente em representar o papel de anfitrião dadivoso, pediu três tigelas de sopa simples, uma rodada de pão, uma morcela de porco gordurosa, um queijo duro, sardinhas em óleo, cenouras amanteigadas quentes, uma caçarola de ostras cozidas e uma botija de cerveja escura. Ele tivera

o pressentimento de adiar qualquer conversa sobre Crosbie Wells ou Emery Staines antes que ambos os seus convidados estivessem saciados de comida e bebida, e falou, em vez disso, da pesca de baleias, um assunto de que todos os três homens faziam uma concepção romântica e sobre o qual muito tinham a compartilhar. Quando Benjamin Löwenthal os encontrou cerca de quarenta e cinco minutos depois, eles formavam um grupo bastante descontraído.

— Ben! — gritou Balfour, quando viu Löwenthal aproximar-se. — Mas e quanto a seu sabá?

Balfour estava, pela segunda vez naquele dia, assaz embriagado.

— Termina com a luz das estrelas — disse Löwenthal brevemente. A Tauwhare, ele disse: — Creio não termos ainda sido apresentados. Sou Benjamin Löwenthal; eu edito o *West Coast Times*.

— Te Rau Tauwhare — respondeu o homem maori, e cumprimentou-o muito firmemente com a mão.

— Ele também atende por “Ted” — disse Balfour. — Um grande amigo de Crosbie Wells.

— É mesmo? — disse Löwenthal a Tauwhare.

— Seu melhor amigo — disse Devlin.

— Eram mais que irmãos — disse Balfour.

— Bem, nesse caso — disse Löwenthal —, meus assuntos dizem respeito a todos vocês.

Benjamin Löwenthal não tinha autorização para estender seu convite para o conselho no Crown Hotel a Devlin e Tauwhare. Mas, como já observamos, Löwenthal podia ser bastante ameaçador quando se insultava seu código ético, e Charlie Frost o havia insultado, aquela tarde, ao insinuar que a assembleia no Crown devia restringir-se a alguns poucos. Löwenthal sentiu a necessidade de retificar o que percebera ser um erro moral de Frost e estendeu o convite a Tauwhare e a Devlin como um obscuro ato de censura.

— Puxa! — disse Balfour. — Tome uma cadeira.

Löwenthal sentou-se, juntou as palmas das mãos e, em voz baixa, explicou o propósito do encontro naquela noite — ao que aquiesceram Balfour, imediatamente, Tauwhare, solenemente, e

Cowell Devlin, após uma longa e judiciosa pausa. O capelão estava pensando sobre a escritura de doação que ele removera do fogareiro do eremita, atualmente acondicionado em sua Bíblia, entre o Antigo Testamento e o Novo. Ele resolveu levar a Bíblia consigo ao conselho noturno e mostrar a escritura caso lhe surgisse a ocasião, e sua afinação estava correta.

Φ

Havia fumaça emanando da chaminé de Gascoigne, e, quando Mannering bateu à porta, esta abriu-se imediatamente, e Gascoigne espreitou lá fora. Ele segurava um cigarro recém-aceso e trocara seu casaco formal por uma camisa e um colete de lã.

— Pois não? — disse ele.

— Tenho informações seguras de que você está guardando algum dinheiro — disse Dick Mannering. — Esse dinheiro é meu, e eu vim buscá-lo.

Aubert Gascoigne olhou para ele, em seguida pôs o cigarro nos lábios, inalou e soprou um jato de fumaça sobre os ombros de Mannering, em direção à chuva.

— Quem é sua fonte de informação? — disse ele, suavemente.

— A senhorita Anna Wetherell, via Edgar Clinch — disse Mannering.

Gascoigne escorou-se na moldura da porta.

— E como a senhorita Anna Wetherell, através do senhor Edgar Clinch, imaginou que você agiria ao receber essa informação segura?

— Não banque o espertinho comigo — disse Mannering. — Não faça isso. Vou avisá-lo apenas uma vez: não gosto nem um pouco de esperteza. Ela diz que o dinheiro está escondido debaixo de sua cama.

Gascoigne deu de ombros.

— Bem, se estou guardando uma fortuna em benefício de Anna — disse ele —, faço-o em promessa, e não vejo por que eu deveria quebrar essa promessa e entregar o dinheiro a outro homem, apenas porque ele alega ser seu o dinheiro. Ela certamente não me disse que esperasse uma visita.

— Ele de fato pertence a mim.

— E como?

— É uma dívida — Mannering disse. — Ela me deve.

— Uma dívida é um assunto particular — disse Gascoigne.

— Uma dívida pode ser tornada pública muito facilmente. Que acharia se eu espalhasse a notícia de que você guarda mais do que cem libras de ouro puro? Deixe-me eu mesmo lhe dizer. Por volta da meia-noite, sua porta já estaria derrubada; ao cair do crepúsculo, o ladrão já estaria a cinquenta milhas de distância; e por volta desse mesmo horário amanhã, você estaria morto. Ora, nada seria mais fácil, se você não tem aliados e vive sozinho.

A expressão de Gascoigne obscureceu.

— Eu sou o guardião desse ouro e não o darei a ninguém sem o consentimento da senhorita Wetherell.

Mannering sorriu.

— Terei que encarar isso como uma confissão de culpa.

— E eu terei que encarar *isso* como uma prova de sua incapacidade de raciocínio — disse Gascoigne. — Boa noite. Se Anna quiser o dinheiro dela, ela pode vir buscá-lo ela mesma.

Ele tencionou fechar a porta, mas Mannering avançou e estendeu sua mão, impedindo-o.

— É engraçado, não é? — disse ele.

Gascoigne abriu uma carranca.

— O que é engraçado?

— É engraçado como uma prostituta ordinária subitamente topa com ouro suficiente para pagar o saldo total de seus encargos, e em seguida esconde essa quantia toda debaixo da cama de um homem que está em Hokitika há tão pouco tempo que nem se sabe seu nome.

— É extremamente engraçado.

— Talvez eu deva me apresentar.

— Eu sei quem você é — disse Gascoigne. — E eu sei o que faz.

Mannering desabotoou a sobrecasaca, para revelar suas pistolas.

— Você sabe o que é isso aqui? E você sabe o que isso faz?

— Sim — disse Gascoigne friamente. — São revólveres de percussão, e cada um deles pode disparar seis projéteis em

exatamente seis segundos.

— Sete projéteis, na verdade — disse Mannering. — Smith & Wessons, segunda edição. Sete projéteis cada. Mas quanto aos seis segundos, você está certo.

Gascoigne deu outra tragada em seu cigarro.

Mannering pôs as mãos sobre os coldres, sorrindo.

— Devo pedir-lhe que me convide a entrar em sua casa, senhor Gascoigne.

O francês não respondeu, mas após um momento apagou a ponta do cigarro na moldura da porta, deixou-a cair, pisou para o lado e gesticulou com exagerada cortesia para que Mannering entrasse. Mannering relanceou o olhar para os cantos da sala, demorando-se severamente na cama de Gascoigne. Assim que Gascoigne fechou a porta atrás dele, ele cercou seu anfitrião e disse:

— Quem tem sua lealdade?

— Não sei ao certo se entendi a pergunta — disse Gascoigne. — Deseja que eu faça uma lista dos meus amigos?

Mannering fitou-o.

— Eis minha questão — disse ele. — Anna tem sua lealdade?

— Sim — disse Gascoigne. — Até certo ponto, é claro. — Ele sentou-se em sua poltrona listrada, mas não fez nenhum gesto para oferecer um assento a seu convidado.

Mannering levou as mãos atrás das costas.

— Então, se você soubesse que ela está metida em alguma coisa, você não o diria.

— Bem, dependeria da situação, é claro — disse Gascoigne. — A que tipo de “coisa” você se refere?

— Você está mentindo em favor dela?

— Eu concordei em esconder uma pilha de dinheiro, em favor dela — disse Gascoigne. — Eu a escondi debaixo da minha cama. Mas você já sabe tudo sobre isso. Suponho então que minha resposta seja “não”.

— Por que ela tem sua lealdade? E por que somente até certo ponto?

Os punhos de Gascoigne estavam apoiados sobre os braços da poltrona; ele se posicionara casualmente, como um rei em seu

trono. Explicou que ele cuidara de Anna quando ela fora solta do cárcere duas semanas antes, e desde então tentara granjear sua amizade. Ele se apiedara dela, pois acreditava que alguém a estava usando para fazer o mal, mas ele não podia dizer que desfrutava de qualquer intimidade especial com ela, tampouco pagara por sua companhia. O vestido preto, acrescentou ele, pertencera à sua falecida esposa. Ele o dera à prostituta como um gesto de caridade, pois seu vestido de trabalho fora destruído em sua passagem pelo cárcere. Ele não esperava que ela fosse entrar num período de luto ao obter o vestido, e inclusive ficara assaz desapontado com esse desenlace, pois julgava-a um espécime muito belo de seu sexo e muito lhe contentaria deleitar-se com ela à maneira convencional.

— Sua história não explica aquele ouro debaixo de sua cama — disse Mannering.

Gascoigne encolheu os ombros. Ele sentia-se muito cansado, e muito furioso, para mentir.

— Na manhã seguinte à morte de Crosbie Wells — disse ele —, Anna acordou no cárcere com uma grande quantidade de ouro escondida pelo corpo. O metal havia sido costurado em volta de seu espartilho. Ela não fazia ideia de como viera a possuir tal quantia, e estava, naturalmente, bastante assustada. Ela pediu minha ajuda. Eu julguei ser melhor esconder a quantia, pois não sabíamos quem escondera o ouro no corpo dela ou com que propósito. Nós ainda não o avaliamos, mas eu arriscaria seu valor total em cerca de cem libras, e, com toda probabilidade, um tanto a mais. Essa, senhor Mannering, é toda a verdade, pelo menos até onde *eu* sei.

Mannering estava quieto. Essa explicação não fez sentido algum para ele.

— Devo dizer — acrescentou Gascoigne — que você me faz um grande desserviço, culpando-me antes de me indagar quanto à minha inocência. Lamento muito que você tenha infringido meu tempo e minha privacidade de maneira tão beligerante.

— Você pode deixar essa conversa de lado — disse Mannering. — Beligerante! Acaso apontei uma arma de fogo no seu rosto? Acaso o ameacei com violência?

— Você não o fez, mas ainda assim eu ficaria mais feliz se você tirasse o cinto.

— Tirar meu cinto? — Mannering pareceu insolente. — E pô-lo no meio da mesa, acredito, cada um de nós a igual distância dele, até que você faça um movimento e eu seja lento demais! Não cairei nessa: já vi esse *truque* antes.

— Então lhe farei outro pedido — disse Gascoigne. — Peço que sua presença em minha casa seja a mais breve possível. Se tem outras perguntas, deve fazê-las agora, mas eu já lhe contei tudo que sei sobre aquele ouro.

— Ouça — disse Mannering, firmemente. (Ele estava assaz desconcertado por ter perdido a supremacia tão rapidamente.) — Não era minha intenção que começássemos com o pé esquerdo.

— Certamente era sua intenção — disse Gascoigne. — Talvez agora se arrependa, mas era sua intenção.

Mannering praguejou.

— Eu não me arrependo de nada! — gritou ele. — Eu não me arrependo de absolutamente nada!

— Isso explica sua serenidade.

— Deixe-me dizer uma coisa — disse Mannering. Mas ele foi impedido de dizer qualquer outra coisa; justamente naquele momento ouviu-se uma vigorosa batida na porta.

Gascoigne levantou-se de imediato. Mannering, que de repente parecia alarmado, retrocedeu vários passos e sacou do coldre uma de suas pistolas. Ele a manteve colada à coxa, para escondê-la, e assentiu para que Gascoigne levantasse o ferrolho.

Na soleira da porta, de pé, com sua bengala mantida num ângulo deveras arrojado em relação ao corpo e com o chapéu pendido para trás da testa, estava Harald Nilssen. Ele fez uma mesura e estava prestes a apresentar-se a Gascoigne quando percebeu, por sobre os ombros deste, Dick Mannering, aprumado desajeitadamente, com um braço mantido rijo a seu lado. Nilssen irrompeu em risadas.

— *Ora* — disse ele. — Parece que estou dois passos atrás de você, Dick. A todo lugar que fui hoje, lá está você, e você chegou antes! Olá, senhor Gascoigne. Meu nome é Harald Nilssen. Muito prazer em conhecê-lo. Espero que eu não esteja interrompendo nada.

Gascoigne cumprimentou-o cortesmente, embora sua expressão continuasse fria.

— Absolutamente — disse. — Por favor, entre.

— Eu *tinha* que vir falar com você sobre Anna Wetherel — disse Nilssen alegremente, limpando as botas —, mas vejo que comi poeira!

Gascoigne fechou a porta e disse:

— E o que há com Anna?

Simultaneamente, Mannering disse:

— Aprume-se, senhor Nilssen.

Nilssen respondeu a Gascoigne.

— Bem, diz respeito a algo bastante peculiar — disse ele. — Então, talvez não seja para o ouvido de todos. Mas ouça: não quero interrompê-lo. Posso muito bem voltar quando não estiver ocupado.

— Não, por favor — disse Gascoigne. — O senhor Mannering estava de saída; ele acabou de dizer.

Mannering se aborrecia de ser excluído dessa forma.

— Do que se trata? — disse ele a Nilssen.

Nilssen fez uma breve saudação.

— É uma situação muito delicada; peço desculpas.

— Às favas com a *delicadeza* — disse Mannering. — Você não tem nada que esconder de *mim*, por Deus: estamos nisso juntos! Tem a ver com a viúva? Ou com o ouro?

Nilssen não estava compreendendo.

— A fortuna de Wells? — Ele voltou-se para Gascoigne. — Você está metido *nisso*, então?

Gascoigne parecia de repente estar se divertindo.

— Parece que estou sendo interrogado por todos ao mesmo tempo — disse. — Você também está portando pistolas, senhor Nilssen? Deveria dizê-lo, caso realmente esteja.

— Não estou portando pistolas — disse Nilssen. Ele olhou para Mannering e viu o revólver em sua mão. — Para que isso? O que está fazendo?

Mas Mannering não respondeu: ele foi flagrado, momentaneamente, entre tudo que desejava esconder de Nilssen e entre tudo que desejava esconder de Gascoigne. Ele hesitou, desejando que não tivesse ainda mencionado a viúva e o ouro.

— O senhor Mannering estava me mostrando sua Smith & Wesson segunda edição — disse Gascoigne, conversativo. — Esse cilindro comporta sete cartuchos, aparentemente.

— Oh — disse Nilssen; mas ele parecia desconfiado. — Para quê?

Novamente a explicação de Mannering ficou entalada em sua garganta. Ele não desejava que Nilssen soubesse sobre o ouro escondido debaixo da cama de Gascoigne… mas ele não desejava que Gascoigne soubesse do malogro Crosbie Wells, de Ah Quee, de Ah Sook e do ópio, e de tudo que seria discutido no Crown Hotel naquela mesma noite.

— É uma situação delicada — disse Gascoigne, intervindo em benefício do velho homem. Ele inclinou-se para perto de Nilssen. — Tudo que posso lhe dizer é que este nosso senhor Mannering possui na figura da senhorita Anna Wetherell uma fonte de informação segura, e que a informação nos chega via Edgar Clinch.

— Isso já é o bastante — disse Mannering, finalmente encontrando sua língua. — Nilssen. Quais são suas notícias sobre Anna? Qual é seu assunto?

Mas Nilssen interpretou errado a intenção de Mannering ao pressioná-lo a falar de seu assunto na frente de Gascoigne. Ele recordou que a carta de Pritchard mencionava pistolas, Anna, e, indiretamente, Edgar Clinch — pois Pritchard dissera que um estranho evento ocorrera nos aposentos de Anna no Gridiron Hotel naquela tarde. “É claro!”, pensou Nilssen subitamente. A “situação delicada” de que falavam devia ser a mesma.

— Vejam — disse ele, erguendo a mão. — Creio que estejamos falando da mesma coisa. Se o senhor Gascoigne está ciente do segredo, então talvez devamos esperar até que todos estejam reunidos no conselho e compartilhem suas histórias. Poupando-nos de contar tudo uma segunda vez. Vou vê-los no Crown?

Mannering suspirou.

— Infelizmente — disse Gascoigne logo — eu não estou ciente do segredo e não fui convidado a conselho algum no Crown.

Fez-se silêncio. Gascoigne olhou para Nilssen, e depois para Mannering. Mannering olhou para Gascoigne, e então para Nilssen.

Nilssen olhava para Mannering. Ele trazia no rosto uma expressão muito arrependida.

— Agora, basta — disse o magnata. Ele proferiu uma imprecação, guardou sua pistola e então apontou o dedo para Gascoigne. — Não há escapatória, embora maldito seja eu se sua presença for bem-vinda, e maldito seja eu se não o tiver em minha cola até que a noite termine, e depois dela. Ponha sua sobrecasaca. Você vem conosco.

Mercúrio em Sagitário

Em que Walter Moody medita sobre o mistério em questão; descobrimos o que aconteceu em sua viagem desde Dunedin; e um mensageiro traz notícias inesperadas.

Fazia silêncio no salão de fumantes do Crown Hotel — um silêncio que, por um instante, pareceu suspender a respiração de todos os homens e suspender a fumaça que ascendia em serpentinas dos cachimbos, cigarros, cigarrilhas e charutos.

Passava da meia-noite. A treva arredondara os cantos da sala, e os cones de luz emitidos pelos candeeiros agora pareciam robustos e aquecidos, enquanto antes pareciam fracos e frios. Melodias de um sábado à noite filtravam-se da rua — um acordeão, gritos distantes, um clamor entusiasmado ocasional, batidas de cascos. Havia parado de chover, embora a bruma não houvesse ainda se dissipado e a lua minguante se exibisse apenas como um trecho quadrado de luz no céu anuviado.

— É isso — disse Thomas Balfour. — É isso. É o ponto em que chegamos.

Moody piscou e olhou ao seu redor. A narrativa de Balfour, fragmentária e caótica como era, havia de fato explicado a presença de cada homem na sala. Ali perto da janela estava o homem maori, Te Rau Tauwhare, que havia sido um leal amigo de Crosbie em vida, embora ele o tivesse inconscientemente traído, no fim. Ali no canto mais distante estava Charlie Frost, o bancário que planejara a venda da casa e do terreno de Wells, e defronte a ele, o jornalista Benjamin Löwenthal, que soubera da morte poucas horas depois do ocorrido. Edgar Clinch, o comprador do espólio de Wells, estava sentado no canapé ao lado da mesa de bilhar, cofiando seu bigode com o indicador e o polegar. Ali perto do fogo estava Dick Mannering, cafetão, proprietário de teatro e associado íntimo de Emery Staines; ali atrás dele estava Ah Quee, seu inimigo. Ali, com um taco na mão, estava o negociante comissionado Harald Nilssen,

que descobrira no chalé de Crosbie Wells não somente uma enorme fortuna, mas uma ampola de láudano arrolhada e pela metade, a qual fora adquirida na botica de Joseph Pritchard. Este, é evidente, sentava-se o mais perto de Moody; de seu outro lado estava Thomas Balfour, lacaio do político Lauderback, cujo caixote havia recentemente desaparecido. Ali na poltrona próxima a Balfour estava Aubert Gascoigne, que havia pagado a fiança de Anna Wetherell e descoberto uma outra fortuna menor estocada no vestido laranja de trabalho dela. Atrás dele estava Ah Sook, mascate de ópio, administrador do antro em Kaniere e antigo associado de Francis Carver, que havia descoberto, naquela mesma tarde, que Crosbie Wells fora rico. E ali, finalmente, inclinando-se contra a mesa de bilhar com os braços cruzados no peito, estava o capelão Cowell Devlin, que depositara o corpo do eremita em seu local de descanso na planície de Seaview.

Aos olhos de Moody, aquela era uma reunião constrangedoramente periférica. Os doze homens reuniam-se apenas por sua associação com os eventos do dia 14 de janeiro, em cuja noite Anna Wetherell quase morrera, Crosbie Wells *morrera* de fato, Emery Staines desaparecera, Francis Carver zarpara e Alistair Lauderback chegara à cidade. Moody deu-se conta de que *nenhuma* dessas pessoas estava presente. O administrador do cárcere, Shepard, estava igualmente ausente, tal como a astuta viúva, Lydia Wells.

Outro pensamento sobreveio a Moody: a noite de 14 de janeiro era a noite em que ele próprio botara os pés em solo neozelandês. Ao desembarcar do paquete a vapor que o transportara de Liverpool a Dunedin, ele fitara o céu e sentira, pela primeira vez, a estranheza do lugar onde estava. Os céus eram invertidos, os padrões, desconhecidos, a Estrela Polar debaixo de seus pés, parcialmente oculta. Primeiro ele procurara por ela, estupidamente, querendo mensurar sua atual latitude utilizando a inclinação de seu braço rijo, como ele fazia quando criança, do outro lado da Terra. Ele encontrou Órion — de pé, com a aljava debaixo dele, a espada pendendo para cima, a partir de seu cinto; e Cão Maior — pendurado como um cachorro morto em um gancho de açougueiro. Havia nisso algo de triste, pensou Moody. Era como se os antigos

padrões não fizessem sentido aqui. Depois, ele encontrou o Cruzeiro do Sul e tentou lembrar a regra para localizar o polo, pois não havia estrela equivalente para assinalá-lo aqui na escuridão dos antípodas, onde tudo estava de pé e informe. Usava-se a trave da constelação? Ou sua longarina? Ele não conseguia se lembrar. Havia uma espécie de fórmula: a distância de uma articulação dos dedos, alguma equação. Uma questão de polegadas. Incomodou-o extremamente não haver estrela para assinalar o polo.

Moody fitou o fogo, cujo carvão há muito virara cinzas. Thomas Balfour não havia contado sua história cronologicamente, e sua narrativa havia portanto sido complicada por incontáveis interrupções, esclarecimentos e repercussões — uma perseguindo a outra, tal qual círculos infinitos dando voltas. Que imagem complicada era — e como era difícil vê-la em sua totalidade! Moody voltou sua mente a tudo o que ele ouvira aquela noite. Tentou encaixar os eventos recontados na ordem em que eles realmente haviam ocorrido.

Cerca de nove meses antes do dia corrente, o ex-presidiário Francis Carver havia com sucesso tirado de Alistair Lauderback seu navio, a *Godspeed*. Em algum momento depois disso, e devido a uma complicação desconhecida, ele perdera o caixote com que desbaratara o político. Dentro desse caixote de transportes estava um baú contendo aproximadamente quatro mil libras em ouro puro, uma fortuna que fora meticulosamente costurada no forro de cinco vestidos. A costureira era uma mulher chamada Lydia Wells, que estava, àquela época, posando de mulher de Francis Carver.

Quatro mil libras era uma grande quantia de dinheiro, e Carver, naturalmente, desejou recuperá-la assim que descobriu que havia sido extraviada. Ele navegou para Hokitika, provavelmente pensando que o caixote fora remetido por engano para lá, e pôs no *West Coast Times* um anúncio oferecendo uma suntuosa recompensa pela devolução do caixote. Ele assinara o anúncio sob o nome Crosbie Francis Wells — exibindo uma certidão de nascimento para provar sua identidade —, embora ele fosse conhecido, tanto antes quando depois, pelo nome de Francis Carver. Ainda não se sabia por que a chantagem de Carver em cima de Lauderback exigiu (ou inspirou nele) a mudança de nome.

Também não se sabia o motivo de a certidão de nascimento de Crosbie Wells, se realmente fosse autêntica, ter ficado nas mãos de Carver durante aquele tempo.

O verdadeiro Crosbie Wells (ou talvez, pensou Moody, *outro* Crosbie Wells) vivia sozinho no vale Arahura, algumas milhas ao norte de Hokitika. Wells não era um personagem notório, e poucas eram suas amizades; antes de sua morte, ele era pouco conhecido em Hokitika, e aqueles que o conheciam não desconfiavam de que fosse uma pessoa de riquezas ou de resultados. Foi Ah Sook quem, investigando as circunstâncias de sua morte, descobriu que Wells achara a sorte grande nas jazidas de Dunstan muitos anos antes, extraindo uma fortuna de milhares de libras. Evidentemente Wells havia desejado, por algum motivo, manter essa informação em segredo.

Francis Carver pôs seu anúncio no *Times* no começo de junho (mês confirmado por Benjamin Löwenthal). Enquanto esteve em Hokitika, ofereceu a Te Rau Tauwhare uma recompensa privada por quaisquer informações sobre um homem chamado Crosbie Wells. Tauwhare não conhecia um homem com aquele nome ou aquela descrição, no entanto, e o caixote não foi encontrado; Carver retornou de mãos vazias a Dunedin.

Anna Wetherell também aportara em Hokitika na *Godspeed*, trajada com um vestido púrpura de trabalho, alugado por seu novo empregador, Dick Mannering. Quando ela tomara conhecimento, algumas semanas após sua chegada, de que um baú contendo vestidos femininos havia sido recuperado de um naufrágio, ela comprara todos os cinco.

Não era pouco razoável presumir que Anna ignorasse a fortuna que os vestidos encerravam e sua origem. Ela nunca comentara com homem algum sobre o ouro escondido e ela nunca tentara de maneira alguma removê-lo. Moody refletiu sobre isso. Seria possível tamanha e completa ignorância? Sendo uma comedora de ópio, talvez ela não tivesse notado o acréscimo de peso em sua pessoa como o teria feito uma mulher sóbria; mas novamente, ela era, como atestara Gascoigne, uma antiga conhecida de Lydia Wells, e talvez ela tivesse reconhecido os vestidos como sendo dela. Bem, pensou Moody, fosse qual fosse o caso, Anna estava vestindo toda aquela

fortuna — uma porção dela por vez, é claro — desde aquela época, salvo por um período de um mês, entre setembro e outubro, quando o avançado estado de sua gravidez a compelira a usar, em vez daqueles vestidos, uma túnica desenhada para o parto.

Quando o senhorio de Anna, Edgar Clinch, descobriu a fortuna escondida em seus vestidos, ele concluiu que o cafetão Dick Mannering devia estar usando Anna para contrabandear ouro puro das jazidas, como uma forma de se evadir das tributações do banco. O simples pensamento desse conluio molestou Clinch extremamente, mas ele não tinha razão para exigir satisfação de nenhuma das partes, e assim não o fez.

Clinch não foi o único homem a topar com a fortuna escondida nos vestidos de Anna, no entanto, e ele não foi o único homem a interpretar errado seu provável significado. O mineiro Quee Long também havia descoberto os segredos ocultos nas costuras de Anna — por volta da mesma época, na verdade — e chegara à mesma conclusão que Clinch. Ah Quee sabia, de primeira mão, que Mannering era mais do que capaz de cometer fraudes, pois ele já havia sido logrado pelo magnata antes. Ah Quee decidiu derrotar Mannering em seu próprio jogo. Passou a extrair o ouro dos vestidos de Anna, prensar o pó em esquadrias e inscrevê-los com o nome da jazida Aurora — a fim de garantir que o lucro fosse depositado sob o nome de sua própria jazida, que a esse tempo tinha sido adquirida por um jovem prospector chamado Emery Staines.

O projeto de remover o ouro do vestido de Anna durou vários meses. Sempre que Anna visitava a barraca de Ah Quee na Chinatown de Kaniere, ela ficava quase totalmente entorpecida de ópio; Ah Quee foi portanto capaz de remover o ouro com linha e agulha sem o conhecimento dela, enquanto ela dormia. Anna não utilizava seu vestido laranja de trabalho quando viajava até Chinatown. Por essa razão, o vestido laranja permanecera repleto de ouro até muito depois de Ah Quee despojar os outros quatro vestidos de sua fortuna.

Ninguém sabia como ou por que a fortuna prensada de Ah Quee fora roubada do cofre do entreposto. O mais provável ladrão, dada a informação atualmente disponível, era o prospector

desaparecido, Staines — a quem, significativamente, faltava uma motivação. O jovem era colossalmente rico, e, pelo menos segundo a opinião popular, colossalmente afortunado. Por que ele desejaria roubar de seu próprio trabalhador contratado? E por que escolheria esconder o ouro no chalé de outro homem, tão longe de suas próprias concessões? Bem, quaisquer que fossem as razões daquele jovem, pensou Moody, ao menos uma coisa era certa: Staines nunca depositara os ganhos de Ah Quee sob nome da Aurora, como este era legalmente obrigado a fazer. Isso era muito desconcertante, pois o ouro prensado, caso fosse depositado, teria feito a jazida Aurora passar, da noite para o dia, de esgotada a "zarpada".

Emery Staines também estava estranhamente implicado na escritura de doação que Cowell Devlin descobrira no fogareiro de Crosbie Wells — a qual, embora não trouxesse sua assinatura, trazia seu nome. Essa escritura parecia implicar que Emery Staines e Crosbie Wells haviam sido de alguma maneira associados, e que a fortuna acumulada fora concebida, por alguma razão, como um presente de Emery Staines a Anna Wetherell. Mas isso era ainda mais confuso, pois, de todas as perspectivas a partir da qual se observasse, o ouro não era de Staines, para que pudesse dispor dele!

Anna esperava um bebê — um bebê de Carver — antes de chegar em Hokitika, e durante a primavera finalmente ela começou a dar sinais disso. Sua condição nunca chegaria a amadurecer até o nascimento, no entanto: em meados de outubro, Carver retornou a Hokitika, confrontou Anna e espancou-a severamente. A criança não sobreviveu a esse conflito. A última alegação de Anna quando ela descreveu a cena a Edgar Clinch foi que Carver havia matado a criança a sangue-frio.

Moody interrompeu sua cronologia para se debruçar sobre esse infortúnio. Embora a morte da criança tivesse sido mencionada várias vezes naquela tarde, não parecia que algum homem ali presente estivesse totalmente certo de como essa altercação fatal ocorrera. Foi por razões de natural polidez que Moody não pressionou ninguém por mais informações, mas ele se perguntava agora como as relações de Anna com Carver se encaixavam no

esquema da história em geral. Ele pensou se a morte da criança realmente havia sido planejada e, se assim o tivesse, o que podia ter motivado Francis Carver a cometer ato tão hediondo. Nenhum dos doze homens presentes poderia responder essa questão com objetiva certeza, é claro: eles poderiam apenas descrever o que lhes havia sido contado como se fosse a verdade.

(Quão opaca pode ser a mente dos homens e das mulheres ausentes! E quão elusiva, uma motivação! Pois Carver poderia ter matado sua criança em fria rejeição, como ato de repugnância, como um brutal profilático, ou talvez por acidente: salvo perguntando diretamente ao homem, não havia como explicá-lo. Até mesmo Anna Wetherell, que apontara Carver como o assassino, podia ter inúmeras razões para mentir.)

Tendo refletido sobre isso, Moody prosseguiu.

Te Rau Tauwhare, ao encontrar Carver por acaso na manhã de 14 de janeiro, lembrara-se da oferta que o homem lhe fizera no ano anterior. Por um preço de dois xelins, Tauwhare se ofereceu a dizer a Carver o local onde vivia Crosbie Wells. Os homens se cumprimentaram, Tauwhare forneceu as coordenadas e Carver tomou o caminho do vale Arahura naquele mesmo dia — na noite que seria a última de Wells. Talvez Carver houvesse testemunhado a morte do eremita, ou talvez ele tivesse se retirado momentos antes de ela ocorrer, mas em todo o caso ele chegara ao chalé com uma ampola de láudano, cujos vestígios foram depois descobertos no estômago de Crosbie Wells durante a autópsia. Depois daquele encontro, Carver retornou a Hokitika, tripulou o *Godspeed* e içou âncora, partindo bem antes do alvorecer. De Hokitika, Carver não navegara até Cantão (como Balfour especulara que ele fizesse), mas até Dunedin, fato que o próprio Moody poderia corroborar, pois fora em Port Chalmers que Moody ingressara naquela mesma embarcação, doze dias depois.

Alistair Lauderback, chegando ao chalé de Wells bem depois que Carver se retirara, encontrou o eremita morto na mesa da cozinha, sua cabeça repousada nos braços. Ele viajou a Hokitika, onde foi entrevistado pelo editor Benjamin Löwenthal, que pretendia dar um especial de política na edição de segunda-feira do *Times*. Sabendo por meio de Lauderback que Crosbie Wells estava morto,

Löwenthal deduziu que as propriedades de Wells seriam dentro em breve colocadas à venda. Na manhã seguinte, informou o hoteleiro Edgar Clinch desse provável desenlace, sabendo que Clinch procurava um investimento em terras. Clinch imediatamente retirou sua poupança do banco, onde o bancário Charlie Frost facilitou-lhe a compra do espólio do falecido.

Clinch em seguida comissionou Harald Nilssen para esvaziar o chalé do falecido e dispor de seus pertences. Nilssen assim o fez — e descobriu, para seu próprio assombro, uma verdadeira fortuna, escondida em todo lugar imaginável do cômodo único da habitação. O minério, uma vez depurado no banco, foi avaliado em pouco mais que quatro mil libras. Nilssen recebeu sua comissão de dez por cento, restando pouco mais que três mil e seiscentas libras; com estas, foram pagos vários impostos sobre o óbito, encargos e eventualidades, os quais incluíam um presente de trinta libras ao bancário Charlie Frost. O restante — ainda uma certificável fortuna — estava atualmente sendo mantido em custódia no Banco Central. Era provável, no entanto, que Clinch não visse sequer um único pêni dessa soma: Lydia Wells, chegando misteriosamente de Dunedin alguns dias após o velório do eremita, revogara desde então a compra de Clinch, afirmando que a propriedade e os pertences eram legalmente dela.

Obviamente, o ouro encontrado no chalé de Crosbie não representava a quantia total da fortuna em jogo. Ah Quee havia esvaziado apenas quatro dos cinco vestidos de Anna. A porção restante, costurada nos folhos do vestido laranja de trabalho, havia sido descoberta pela própria Anna quase duas semanas atrás, quando ela acordou no cárcere devido a uma crise de overdose. Ela assumira, assaz razoavalmente, que o ouro lhe havia sido plantado há pouco tempo — pois ela não tinha memória do que acontecera a ela nas doze horas anteriores à sua prisão e estava em um estado de considerável atordoamento. Ela suplicara a ajuda de Gascoigne, e juntos eles escavaram o metal do vestido laranja e o esconderam numa saca de farinha debaixo da cama de Gascoigne.

Quando Anna retornou em seguida ao Gridiron Hotel, trajando o vestido preto que pertencera à finada esposa de Gascoigne, as antigas suspeitas de Edgar Clinch se renovaram. Ele tinha certeza

— corretamente, desta vez — de que a troca de roupa de Anna tinha algo a ver com o ouro escondido, e notou com amargura que seu vestido laranja de serviço havia desaparecido. Ele lamentou muito que ela se alegasse incapaz de pagar-lhe suas dívidas, quando ele bem sabia que ela estava cheia da preciosidade; deixando seu ressentimento subir-lhe à cabeça, ele lhe falara cruelmente e dera-lhe um aviso de despejo.

Mas a ameaça de Clinch não surtira o efeito que ele esperava. Anna Wetherell, desde então, pagara integralmente sua dívida com ele, mas não com o ouro de seus vestidos e não com seus rendimentos legais. A dívida fora paga naquela mesma tarde via um empréstimo de seis libras tomado à viúva de Crosbie, Lydia Wells; a dívida dela com Mannering, que pelos cálculos do magnata já passava das cem libras, seria mais que saldada pelo ouro que ela e Gascoigne haviam escavado do vestido laranja. Anna, a partir de então, deixara permanentemente o Gridiron. Ela fora convidada, em seguida, a se hospedar com Lydia Wells no Wayfarer's Fortune, onde ela não mais seria prostituta.

Lydia Wells sabia que o caixote de transportes desaparecido de Carver chegara por acaso em Hokitika, e que os vestidos haviam sido comprados por Anna, e que a fortuna no chalé de Crosbie Wells era a mesma e a única fortuna com a qual Carver chantageara o político Lauderback, cerca de dez meses antes? Tal indagação dependia inteiramente de Anna. Quanto sabia Anna sobre seu próprio envolvimento nesse caso deveras circular? E quanto, nesse caso, ela estava disposta a revelar a Lydia Wells? Era muito provável que Anna *não* soubesse que os vestidos já haviam pertencido a Lydia. Nesse caso, a srta. Wells continuaria ignorante também deste fato, pois Anna ainda trajava o vestido preto que uma vez pertencera à finada esposa de Gascoigne e prometera permanecer de luto por algum tempo. Obviamente, pensou Moody, bastaria apenas que Anna abrisse o guarda-roupa em seu quarto para que a viúva reconhecesse os vestidos… mas, uma vez que os vestidos estavam atualmente forrados com contrapesos de chumbo, lá colocados pelo ferreiro Ah Quee como iscas, a sra. Wells talvez não houvesse percebido, à primeira vista ou ao primeiro toque, que a fortuna original fora substituída por uma réplica inútil. Clinch havia

já sido enganado por esse feito. Moody perguntou-se se fora baseado nessa falsa caução que a viúva quitara a dívida de Anna naquela tarde.

Se Anna *sabia* que os cinco vestidos haviam pertencido a Lydia Wells, no entanto, então ela tinha seguramente tomado conhecimento da fortuna escondida neles, e portanto também da chantagem aplicada a Lauderback e da venda forçada da *Godspeed*, dez meses antes. À luz desses eventos, pensou Moody, a circunstância sob a qual o bebê de Anna havia sido morto pareceu, subitamente, *muito* pertinente para os mistérios em questão, pois a relação de Anna com Francis Carver, tal qual a relação dela com Lydia Wells, era um assunto sobre o qual nenhum homem presente sabia.

Moody correu o dedo, distraidamente, sobre a borda de seu copo. Devia haver uma explicação para tudo isso que fosse melhor que uma mera correlação acidental de circunstâncias. O que Balfour tinha dito, horas antes? “Uma série de coincidências não pode ser uma coincidência”? E o que era uma coincidência, pensou Moody, senão um momento suspenso em uma sequência que havia de ser explicada?

— Essa é nossa participação, ao menos — acrescentou Balfour, em certo tom de desculpa. — Não chega a ser uma resposta, senhor Moody, mas explica o que nos trouxe aqui esta noite; o motivo, como eu disse, de nossa assembleia.

— Um pouco mais do que ele imaginara, talvez — disse Dick Mannering.

— É sempre assim quando se trata da verdade — respondeu Balfour.

Moody olhou de rosto em rosto. Nenhum homem podia realmente ser considerado “culpado”, assim como homem nenhum podia realmente ser declarado “inocente”. Eles estavam associados? Envolvidos? Enredados? Moody encolheu os ombros. Ele sentiu não possuir a palavra certa para descrever sua ligação. Pritchard usara a palavra “conspiração”… mas o termo dificilmente se aplicava quando o envolvimento de cada um deles era tão incidental e quando a relação de cada um deles com os eventos em questão era tão palpavelmente diferente. Não: os verdadeiros

agentes e os verdadeiros conspiradores eram seguramente aqueles homens e aquelas mulheres que *não* estavam presentes — os quais guardavam, cada um, um segredo que tentavam esconder!

Moody considerou os ausentes.

Francis Carver, como muitas vezes afirmado naquela noite, estava certamente "por trás" de alguma coisa. Pelo menos segundo o relato de Lauderback, Carver era um intrigueiro inveterado com um pendor para a chantagem; ademais, ele visitara Crosbie Wells no dia de sua morte, e talvez tenha até o visto morrer. Essa reputação não devia ser esquecida, mas igualmente não se lhe devia dar tamanha importância, pensou Moody: Carver não podia estar "por trás" de tudo ao mesmo tempo, e ele certamente não podia ter planejado uma trama de proporções tão elaboradas de modo que acusasse simultaneamente doze homens.

Então havia Lydia Wells, a suposta esposa *tanto de* Wells *quanto de* Carver, outrora amante de Alistair Lauderback e agora (como ela recentemente segredara a Gascoigne) noiva clandestina de um homem não identificado. Como Carver, a sra. Wells mostrara-se capaz das mais implacáveis chantagens e das mais elaboradas mentiras. Ela também agira em parceria com Carver antes. A validade de sua reivindicação à fortuna de Crosbie Wells seria determinada pela lei no tempo devido… embora, mesmo se sua reivindicação *fosse* válida, pensou Moody, o método de sua reivindicação fosse na melhor das hipóteses descortês, e na pior delas, puramente desumano. Ele sentia desconfiar mais de Lydia Wells que de Francis Carver — embora, é claro, isso se provasse pouco razoável, pois ele nunca a conhecera ou pusera os olhos nela; ele a conhecia apenas por relato, e por um relato bastante desarticulado e variegado.

Moody voltou-se então ao outro casal, Anna Wetherell e Emery Staines — que estiveram juntos na noite de 14 de janeiro, horas antes de Anna tombar desfalecida e Emery desaparecer. O que de fato acontecera naquela noite, e que papel haviam representado, consciente ou inconscientemente, no caso Crosbie Wells? Na superfície, parecia que Emery Staines tinha ficado com toda a sorte para si, e Anna, com nenhuma parte dela — e mesmo assim Anna sobrevivera à sua batalha com a morte, e Staines, presumivelmente,

não. Moody deu-se conta de que, à sua maneira, cada homem presente invejava Staines terrivelmente e enciumava-se terrivelmente por Anna. A sorte de Staines como prospector não se estendera a ninguém, e Anna, como prostituta de povoamento, era propriedade comum, compartilhada por todos eles.

Restaram-lhe o político e o carcereiro. Moody considerou-os em conjunto. Alistair Lauderback, assim como seu antagonista George Shepard, era um delegante, um homem que se protegia das consequências máximas de suas ações por ter seus caprichos frequentemente desempenhados e cumpridos por outros homens. Havia outros paralelos ainda. Lauderback em breve sairia em disputa pela cadeira de Westland; Shepard em breve iniciaria a construção de sua carceragem e de seu asilo na planície de Seaview. Lauderback tinha uma história pessoal com Lydia Wells, sua antiga amante na casa de jogos, assim como Shepard tinha uma história pessoal com Francis Carver, seu antigo prisioneiro no cárcere de Sydney.

Em sua mente, Moody arranjara essas figuras externas em três pares: a viúva e o traficante; o político e o carcereiro; o prospector e a prostituta. Essa percepção muito lhe aprouve — pois a mente de Moody era metódica, e ele se tranquilizava com qualquer tipo de padrões. Quase caprichosamente, imaginou que papel ele mesmo representava nesse estranho emaranhado de associações ainda por ser resolvido. Pensou se ele, também, possuía um contrário. Crosbie Wells, talvez? Sua contrapartida seria um homem morto? Moody recordou-se, subitamente, da aparição na barca *Godspeed*, e estremeceu involuntariamente.

— Uma moeda para saber o que está pensando — disse Harald Nilssen, e Moody deu-se conta de que os homens na sala esperavam que ele falasse já há algum tempo. Eles o fitavam com mais ou menos a mesma expressão de expectativa esperançosa — com a emoção traída, restringida ou demonstrada, de acordo com a têmpera de cada um. Então eu devo ser seu solucionador, pensou Moody. O detetive: esse é o papel que me cabe representar.

— Não se apressem — acrescentou Harald Nilssen, abordando a sala em geral, embora fosse ele quem encorajara Moody a quebrar o silêncio. — Deixem-no falar no tempo dele.

Mas Moody descobriu que não conseguia falar. Ele olhou de rosto em rosto, embaraçado por não saber o que falar.

Após outro instante, Pritchard inclinou-se e pousou um comprido dedo no braço da cadeira de Moody.

— Veja — disse. — Você disse ter encontrado algo no carregamento da *Godspeed*, senhor Moody, algo que o fez suspeitar de que a incumbência do navio fosse honesta. O que era?

— O caixote de transportes, talvez? — disse Balfour.

— Ópio? — disse Mannering. — Algo a ver com ópio?

— Não o apressem — repetiu Nilssen. — Deixem-no responder quando quiser.

Walter Moody havia entrado no salão de fumantes naquela noite sem intenção alguma de divulgar o que acontecera em sua viagem a partir de Dunedin. Ele mal havia sido capaz de se certificar daquilo que testemunhara, que dirá explicá-lo para que outros homens o ouvissem e compreendessem. Entretanto, no contexto da história que lhe havia sido agora relatada, ele podia ver que sua recente experiência apresentava um tipo de explicação.

— Senhores — disse ele por fim. — Fui honrado com sua confiança esta noite, e lhes agradeço pela história. Eu tenho uma para lhes oferecer em troca. Há varios pontos que creio que os interessarão, embora eu receie fazer pouco mais que trocar suas atuais perguntas por outras, diferentes.

— Sim, sim — disse Balfour. — Tome a palavra, senhor Moody; ataque-a.

Submissamente, Moody pôs-se de pé e deu as costas para o fogo; imediatamente após fazê-lo, no entanto, ele se sentiu muito tolo e desejou ter permanecido sentado. Ele entrelaçou as mãos atrás das costas e embalou-se várias vezes para frente sobre os calcanhares, antes de falar.

— Devo lhes dizer desde o princípio — disse ele por fim — que creio ter notícias sobre Emery Staines.

— Boas ou ruins? — disse Mannering. — Ele está vivo? Você o viu?

Aubert Gascoigne parecia azedar progressivamente à medida que Mannering abria a boca: ele ainda não perdoara o magnata por sua grosseria daquela tarde, tampouco estava propenso a fazê-lo.

Gascoigne levava muito mal uma humilhação e poderia guardar rancor durante muito tempo. A essa interrupção, ele assoviou através dos dentes, em desaprovação.

— Não posso dizer ao certo — respondeu Moody. — Devo adverti-lo, senhor Mannering, assim como devo advertir todos vocês, que minha história contém várias particularidades que não… como devo dizê-lo?… que não me levaram a uma conclusão imediatamente racional. Espero que me perdoem por não ter revelado a completa narrativa de minha viagem mais cedo esta tarde; confesso, eu mesmo não sabia o que dizer dela.

A sala ficara muito quieta.

— Vocês se lembrarão — disse Moody — de que meu trajeto de Dunedin até a costa foi muito duro; vocês também se lembrarão, espero, de que a passagem que eu comprei tão apressadamente não me deu direito a nenhuma cabine, mas apenas a um pequeno espaço no entreponte. Esse espaço era um breu, malcheiroso e inadequado à habitação humana. Quando a tempestade caiu, senhores, eu me encontrava no deque, tal como já havia estado durante quase toda a viagem.

“Primeiro a tempestade pareceu pouco mais que uma rajada de tempo ruim, meramente um açoite de vento e de chuva. À medida que ela reunia força, no entanto, fiquei progressivamente mais e mais alarmado. Eu havia sido avisado de que os mares ao largo da costa Oeste eram muito agitados e que a cada viagem aos garimpos a Morte jogava seus dados contra a Senhora Pesadelo. Passei a sentir medo.

“Eu tinha minha valise comigo. Desejava retorná-la ao porão, a fim de que, caso eu fosse arrastado pelo mar, meus documentos sobrevivessem a mim e eu pudesse ter um serviço funerário adequado, com meu nome correto. Eu dera um nome falso aos marujos nas docas, como devem se lembrar: eu lhes mostrara documentos de identidade que pertenciam a outro homem. A simples ideia de ter um nome falso mencionado em meu enterro…”

— Horrível — disse Clinch.

Moody concordou.

— Você entende. Bem, eu venci o deque, agarrando a valise contra o corpo, e abri a escotilha dianteira com considerável

dificuldade, pois o vento lufava e o barco se agitava para todos os lados. Consegui finalmente içar a escotilha e joguei minha valise no buraco… mas minha mira foi ruim. A fivela atingiu a borda do deque inferior; a valise abriu e seu conteúdo irrompeu para fora. Meus pertences estavam agora esparramados pelo porão, e eu fui obrigado a gingar escada abaixo para recolhê-los.

"Custou-me certo tempo para descer a escada. O porão estava muito escuro; entretanto, a cada cambagem de vela e a cada guinada, o facho de luz que passava pela escotilha aberta rolava pelo porão, como se fora um olhar erradio. Havia um cheiro diabólico. As malas gemiam sob suas presilhas e correntes emitindo um ruído que era positivamente infernal. Havia vários engradados de gansos no porão e muitas cabras. Esses pobres animais estavam berrando e grasnando e expressando sua angústia de toda maneira possível. Eu comecei a juntar meus pertences tão eficientemente quanto me era possível, já que não pretendia passar mais tempo que o absolutamente necessário naquele lugar. Em meio a toda aquela cacofonia, no entanto, pude notar outro som.

"Um tipo de batida vinha de dentro do caixote de transportes mais perto de mim, uma batida furiosa, alta o suficiente para se ouvir em meio ao outro alarde."

Balfour parecia muito alerta.

— Soava — prosseguiu Moody — como se um homem estivesse preso lá dentro, debatendo-se com todos os seus membros. Eu gritei "olá" e titubeei, o navio se agitava horrivelmente, e de dentro do caixote eu ouvi um único nome ser gritado repetidas vezes: *Magdalena*, *Magdalena*, *Magdalena*. Eu soube então que havia um homem lá dentro, e não um rato ou uma fera de qualquer outra espécie. Eu me movi para erguer os pregos do tampo do caixote, trabalhando o mais rápido que pude, e no devido tempo consegui alavancar o tampo. Creio que isso ocorreu lá pelas duas da tarde — acrescentou Moody, com delicada ênfase. — Cerca de quatro ou cinco horas antes de aportar em Hokitika, no meu caso.

— Magdalena — disse Mannering. — Essa é Anna.

Gascoigne pareceu furioso.

Moody olhou para Mannering.

— Perdoe-me — disse ele. — Creio não ter acompanhado. Seria “Magdalena” o nome do meio da senhorita Wetherell?

— É um nome que se dá a uma prostituta — explicou Mannering.

Moody balançou a cabeça para indicar que ele ainda não entendera.

— Tal como todo cão é chamado de Totó, e toda vaca é chamada de Mimosa.

— Ah, sim, eu entendo — disse Moody, pensando, no íntimo, que o homem bem podia ter apresentado dois exemplos mais atrativos, uma vez que estava ele próprio no ramo da prostituição.

— Talvez — disse Benjamin Löwenthal calmamente —, talvez possamos dizer, com dúvida razoável, é claro, que o homem dentro desse caixote de transportes era Emery Staines.

— Ele dedicava uma grande afeição a Anna, isso é certo — concordou Mannering.

— Staines some no mesmo dia em que Carver levanta âncora! — disse Balfour, sentando-se mais para frente. — E no mesmo dia em que meu caixote desaparece! É claro: aí está! Staines vai dentro do caixote, Carver furta o caixote, Carver zarpa!

— Mas com que propósito? — disse Pritchard.

— Você por algum acaso conseguiu olhar a rampa da doca? Ou o conhecimento de embarque?

— Não, eu não consegui — disse Moody concisamente. Ele ainda não terminara sua história e não gostava de ser interrompido no meio de uma performance. Mas a audiência extasiada na sala havia-se dissolvido, pela enésima vez naquela noite, em uma turba murmurante, na medida em que cada homem exprimia suas suposições e expressava sua surpresa.

— Emery Staines, no navio de Carver! — dizia Mannering. — A questão, obviamente, é se ele se meteu lá como passageiro clandestino, essa é uma opção; se ele subiu a bordo por acidente, essa é outra; ou se Carver o capturou e resolveu trancá-lo em um caixote de transporte, plenamente consciente, essa é a terceira.

Nilssen balançou a cabeça.

— O que ele disse, no entanto, que o tampo fora pregado por fora! Não se consegue fazer *isso* de dentro do caixote!

— Bem poderíamos chamá-lo de caixão. Como o homem ia respirar?

— Há tábuas na madeira, fendas…

— Não o bastante para respirar, certamente!

— Tom, seu caixote de transporte. Havia espaço suficiente nele para um homem adulto?

— A que tamanho chega um caixote de transportes, aliás?

— Não se esqueçam de que Carver e Staines são parceiros de negócios.

— É do tamanho de uma caçamba. Vocês já devem tê-los visto, amontoados ao longo do cais. Um homem poderia deitar-se dentro dele com muito conforto.

— Parceiros de negócios em uma concessão esgotada!

— É estranho, no entanto, que ele esteja no caixote na viagem de *volta* de Dunedin. Não é estranho? Parece até apontar para o fato de que Carver não sabia que ele estava lá.

— Devemos deixar o senhor Moody concluir.

— *Eis* uma boa maneira de tratar seu parceiro de negócios: trancá-lo, até que morra!

Os únicos homens que não se haviam juntado a essa turba de suposições foram os dois homens chineses, Quee Long e Sook Yongsheng, que estavam sentados muito eretos, com os olhos fixados muito solenemente em Moody — assim como estiveram durante toda aquela noite. Moody encontrou o olhar de Ah Sook — e, embora a expressão deste não se alterasse, pareceu a Moody que ela trazia um tipo de empatia, tal como se quisesse dizer que ele entendia muito bem o sentimento de impaciência de Moody.

A falta de uma língua comum havia impedido Ah Sook de articular a história completa de suas relações com Francis Carver à assembleia naquela noite e, por conseguinte, a comitiva falante da língua inglesa continuou assaz ignorante dos particulares dessa antiga associação, além do fato de que Carver havia cometido um homicídio e Ah Sook decidira vingá-lo. Moody considerou-o agora, sustentando o sombrio olhar de Ah Sook no seu próprio pálido olhar. Ele contemplou a história que os dois homens haviam contado. Ah Sook confidenciara apenas que ele conhecera Carver quando garoto; ele nada mais dissera. Moody adivinhou que Ah Sook

estivesse por volta dos quarenta e cinco anos, o que significaria que nascera no começo de 1820; talvez, então, ele e Carver tivessem conhecido um ao outro durante as guerras chinesas.

— Senhor Moody — disse Cowell Devlin. — Permita-nos colocar uma questão. *Você* acredita que o homem dentro do caixote de transporte poderia ter sido Emery Staines?

A sala de repente silenciou-se.

— Eu nunca conheci o senhor Staines, e portanto não o poderia reconhecer — disse Moody rigidamente —, mas sim, esse é meu palpite.

Pritchard fazia alguns cálculos em sua mente.

— Se Staines esteve dentro desse caixote de transporte desde que Carver partiu para Dunedin — disse ele —, isso perfaz treze dias sem água ou ar.

— Um número desditoso — murmurou alguém, e Moody foi atingido pelo pensamento de que treze também era o número de homens atualmente reunidos no salão de fumantes, e de que ele próprio era o décimo terceiro homem.

— Isso é possível, passar treze dias lá? — disse Gascoigne.

— Sem água? Dificilmente. — Pritchard afagou o queixo. — Mas sem ar, é claro… impossível.

— Mas ele pode não ter estado lá dentro desde que deixou Hokitika — salientou Balfour. — Ele pode ter sido colocado no caixote somente em Dunedin, por vontade própria ou à força…

— Eu não terminei ainda de contar minha história — disse Moody.

— Sim — disse Mannering. — Bem lembrado! Ele ainda não terminou. Segurem as línguas.

Cessaram as suposições. Moody embalou-se sobre os calcanhares novamente, e após um momento, retomou.

— Assim que concluí que aquilo dentro do caixote era de fato um homem — disse ele —, eu o ajudei a sair, com dificuldade, pois ele estava muito fraco e não respirava nem um pouco bem. Ele parecia ter dissipado toda sua força batendo no tampo. Eu afrouxei seu colarinho, ele usava uma gravata, e assim que o fiz, seu peito começou a sangrar.

— Você o teria cortado, de alguma maneira? — disse Nilssen.

Mas desta vez Moody não respondeu; ele fechou os olhos e prosseguiu, como se estivesse em transe.

— O sangue brotava, borbulhando, como se vindo de uma bomba; o homem agarrou o peito, tentando estancar o escoamento, enquanto soluçava aquele nome, *Magdalena*, *Magdalena*… Eu o observei horrorizado, senhores. Eu não conseguia falar. O volume…

— Ele se arranhou no caixote? — disse Nilssen de novo, persistentemente.

— O sangue estava realmente sendo bombeado de seu corpo — disse Moody, abrindo os olhos. — Definitivamente não era um ferimento de arranhadura, senhor. *Eu* mal poderia tê-lo arranhado, exceto talvez com minhas unhas, mas eu as mantenho muito aparadas, como pode observar. E eu repito, o sangue começou a bombear bem *depois* de ele ter saído do caixote e se sentado. Eu pensei que talvez houvesse um alfinete em sua gravata, mas ele não usava um alfinete. Sua gravata havia sido atada com um nó.

Pritchard encolhera os ombros.

— Ele já devia ter sido ferido, então — disse ele. — Antes de você abrir o caixote. Talvez ele tenha se cortado antes de você entrar em cena.

— Talvez — disse Moody, sem convicção. — Infelizmente, meu entendimento do ocorrido é um pouco menos…

— O quê?

— Bem — disse Moody, recompondo-se —, deixe-me colocar dessa forma: o ferimento não parecia… natural.

— Não natural? — disse Mannering.

Moody parecia constrangido. Ele tinha fé nas propriedades analíticas da razão: ele acreditava na lógica com a mesma calma convicção com que acreditava em sua habilidade para percebê-la. A verdade, para ele, poderia ser aperfeiçoada, e uma verdade perfeita era sempre inteiramente bela e completamente nítida. Já mencionamos que Moody não tinha religião — e portanto não percebia a verdade em meio ao mistério, ao inexplicável e ao inexplicado, e em meio àquelas brumas que faziam turvar a percepção científica tal qual a nuvem física ora obscurecia o céu de Hokitika.

— Sei que isso soa muito esquisito — disse ele —, mas não estou totalmente certo de que o homem dentro do caixote de transportes estivesse mesmo vivo. Devido à luz que havia no porão, e às sombras… — Ele vacilou, e então disse, em voz mais áspera: — Deixe-me dizer uma coisa. Eu não estou certo nem de poder chamar aquilo de homem.

— E o que mais seria? — disse Balfour. — O que mais, senão um homem?

— Uma aparição — respondeu Moody. — Algum tipo de visão. Um fantasma. Soa muito ridículo, eu sei. Talvez Lydia Wells pudesse descrevê-lo melhor do que eu.

Houve um breve momento de quietude.

— O que aconteceu em seguida, senhor Moody? — disse Frost.

Moody virou-se para encarar o bancário.

— Minha ação seguinte, infelizmente, foi bastante covarde. Eu me virei, apanhei minha valise e trepei escada acima. Eu o deixei lá, ainda sangrando.

— Creio que você não tenha visto o conhecimento de embarque no caixote? — disse Balfour de novo, mas Moody não lhe respondeu.

— Foi esse seu último encontro com o homem? — disse Löwenthal.

— Sim — disse Moody gravemente. — Eu não me arrisquei novamente no porão. E quando chegamos a Hokitika, os passageiros foram transportados por uma alvarenga até a praia. Se o homem em questão era de fato real, se ele era Emery Staines, então ele ainda está a bordo do *Godspeed* enquanto conversamos… assim como Francis Carver, é claro. Estão ambos ao largo da costa, logo além da foz do rio, aguardando pela maré. Mas talvez eu o tenha apenas imaginado. O homem, o sangue, tudo aquilo. Eu nunca antes sofri de alucinações, mas… bem; podem ver que estou muito indeciso. Naquele momento, no entanto, eu estava certo de ter visto um fantasma.

— Talvez o tenha visto — disse Devlin.

— Talvez eu tenha — disse Moody, inclinando a cabeça. — Vou tomar essa explicação como verdadeira, caso haja provas

convincentes o bastante. Mas vão me perdoar por admitir que a explicação é, para mim, fantástica.

— Fantasma ou realidade, parece que enfim deparamos com algum tipo de solução — disse Löwenthal, que parecia muito cansado. — Amanhã de manhã, quando o senhor Moody for ao desembarcadouro recolher seu baú…

Mas Löwenthal foi interrompido. Súbito, a porta do salão de fumantes arrojou-se contra a parede com tamanha violência, que todos os homens na sala se sobressaltaram, surpresos. Como se fossem um, eles se viraram — e viram, na soleira, o garoto de Mannering, esbaforido e apertando onde doía em seu flanco.

— As luzes — arquejou ele.

— O que houve? — disse Mannering, levantando-se. — Que luzes? Que houve de errado?

— As luzes na restinga — disse o garoto, ainda agarrando seu flanco, pois sua respiração lhe sobrevinha em arquejos.

— Desabafe logo!

— Eu não consigo… — Ele começou a tossir.

— Por que diabos você estava correndo? — gritou Mannering. — Era para você estar parado lá fora! Parado *quieto*, maldito seja! Eu não lhe pago salário para que você faça suas caminhadas!

— É a *Godspeed* — conseguiu dizer o garoto.

Súbito, a sala ficou em silêncio.

— A *Godspeed*? — vociferou Mannering, os olhos esbugalhados. — O que houve? Fale, seu idiota!

— As luzes de navegação da restinga — disse o garoto. — Elas se apagaram por causa do vento, e da maré…

— O que aconteceu?

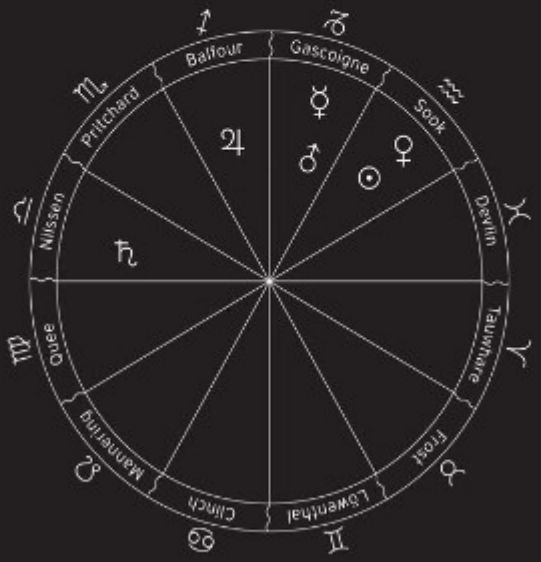
— A *Godspeed* naufragou — disse o garoto. — Atolou no banco de areia, tombou, não faz dez minutos. — Ele tomou um fôlego irregular. — O mastro grande se quebrou e ela tombou de novo, e então a arrebentação entrou pelas escotilhas e a engoliu. É caso perdido, senhor. É caso perdido. Ela naufragou.

PARTE DOIS

AUGÚRIOS

18 DE FEVEREIRO DE 1866

42° 43' 0" S / 170° 58' 0" L



Eclíptico

Em que nossas alianças se deslocam, como o explica nosso semblante.

Três semanas haviam se passado desde que Walter Moody pisara pela primeira vez na areia, desde que o conselho no Crown fora convocado na surdina e desde que a barca *Godspeed* fora acrescentada à contabilidade de naufrágios no banco de areia. Quando agora os doze homens se cumprimentam, fazem-no com um entendimento especial — como quando um maçom encontra um membro de sua agremiação, à luz do dia, e divide um olhar eloquente e solene. Dick Mannering havia acenado para Cowell Devlin no passeio público de Kaniere; Harald Nilssen havia tirado seu chapéu duas vezes para Thomas Balfour; Charlie Frost havia trocado bons-dias com Joseph Pritchard na fila do café da manhã no refeitório. Um segredo sempre exerce um efeito tonificante sobre uma amizade recém-nascida, tal qual a impressão compartilhada de que se deve culpar uma personagem externa: os homens do Crown haviam-se unido menos devido às suas crenças compartilhadas, devemos observar, que às suas apreensões compartilhadas — as quais, em sua maioria, são direcionadas a figuras externas. Nas análises, realizadas desde diferentes ângulos, a respeito de Alistair Lauderback, George Shepard, Lydia Wells, Francis Carver, Anna Wetherell e Emery Staines, os homens do Crown haviam-se tornado mais e mais insinuativos, apesar de nada ter sido provado, ninguém ter sido indiciado e nenhuma informação nova ter vindo a lume. Suas crenças haviam-se tornado mais fantasiosas, suas hipóteses, menos objetivas, seu concílio, menos relevante. Suspeitas não confirmadas tendem, ao longo do tempo, a tornarem-se viciadas, falaciosas e prisioneiras das vicissitudes do humor — adquirindo todas as qualidades da superstição comum —, e os homens do Crown Hotel, cujo senso de fidelidade encontra-se costurado, afinal

de contas, ao filamento fulguroso do tempo e movimento, não possuem, como todos os homens, imunidade alguma à influência.

Pois os planetas mudaram de lugar no firmamento circular dos astros. O Sol avançou um duodécimo adiante na rota inclinada de sua órbita eclíptica, e com esse movimento surge uma nova ordem mundial, uma nova perspectiva no todo. Com o Sol em Capricórnio, fomos cautelosos, exigentes e imponentes em nossa distância. Quando analisamos o Homem, buscamos defini-lo: nós lamentamos seus erros e sopesamos suas dádivas. Não podemos imaginar o que poderia ter sido, caso ele tivesse sido tentado a trair sua própria natureza — ou, melhor dizendo, caso ele tivesse traído a si mesmo sem tentação alguma. Mas não existe verdade, exceto quando relativizada, e a relatividade celestial é composta de rodas em movimento, eixos girando em torno de si, discos rotativos; é um relógio orquestrado que muda a todo minuto, nunca se repete, nunca para. Não estamos mais abrigados em uma reminiscência enclausurada do passado. Agora olhamos adiante, através do fantasma de nossas próprias convicções: nós vemos o mundo enquanto desejamos aperfeiçoá-lo, e imaginamos residir nele.

Áries na terceira casa

Em que Te Rau Tauwhare sai em busca de trabalho e as sugestões de Löwenthal são rejeitadas.

No escritório do jornal à rua Weld, Te Rau Tauwhare encontrou a porta aberta, escorada com um cabideiro, e ouviu um som de assovio vindo lá do fundo. Ele entrou sem bater e atravessou o escritório até a oficina depois dele, onde o editor do jornal, Benjamin Löwenthal, sentava-se à sua bancada, montando os tipos para a edição de segunda-feira do *West Coast Times*.

Em sua mão esquerda, Löwenthal segurava um componedor de aço, quase do tamanho de uma régua escolar; com a direita, selecionava e ajustava destramente pequenos blocos de tipos, com seus encaixes virados para fora, na moldura quadrada do utensílio — uma tarefa que exigia dele ler não apenas da direita para a esquerda, mas também ao contrário, pois o texto na galé ficava tanto espelhado quanto invertido. Composta a linha, ele a deslizava para a fôrma, uma bandeja de aço plana pouco maior que uma folha de jornal; abaixo de cada linha, ele introduzia finas presilhas de chumbo, para formar um espaço entre as linhas, e às vezes, uma régua de bronze erguida, para produzir um sublinhado sólido. Quando havia deslizado a última linha do texto para a fôrma, encaixava cunhas de madeira em volta da borda da bandeja, batendo-as com uma marreta, para garantir que cada bloco estivesse bem firme; então aplainava a superfície da galé com uma tábua de duas por quatro polegadas, para garantir que todos os blocos de tipos se assentassem numa altura uniforme. Finalmente, mergulhava seu rolo de mão em uma bandeja de tinta e revestia toda a galé com uma fina película de cor negra acetinada — trabalhando rapidamente, de modo que a tinta não tivesse tempo para secar — e deitava uma trêmula folha de papel de impressão sobre ela. Löwenthal sempre imprimia à mão a primeira prova, a fim de buscar por erros antes de confiar a galé à prensa — embora ele

cometesse poucos erros devido a acidentes ou à desatenção, sendo, por natureza, um tanto quanto perfeccionista.

Ele saudou Tauwhare muito calorosamente.

— Não o vejo desde a noite em que a *Godspeed* foi a pique, senhor Tauwhare — disse ele. — Estou certo?

— Sim — disse Tauwhare, indiferentemente. — Estive no norte. — Ele lançou o olhar à bancada do outro homem: caixotins de tipos, potes de tinta e de lixívia, brochas, pinças, marretas, variados blocos de chumbo e de bronze, uma cumbuca de maçãs manchadas, uma faca de aparar.

— Acabou de voltar, sim?

— Esta manhã.

— Ora, então posso adivinhar por que retornou.

Tauwhare franziu o cenho.

— Como pode adivinhar?

— Ora, retornou para ir à sessão espírita promovida pela viúva! Não acertei meu palpite?

Tauwhare nada falou por um momento, ainda franzindo o cenho. Então disse, num tom de suspeita:

— O que é uma sessão espírita?

Löwenthal sorriu. Ele pousou seu componedor, atravessou a sala e tirou o jornal de sábado de onde ele jazia dobrado no lavatório.

— Veja — disse ele. Desdobrou o jornal na segunda página, indicou um anúncio com seu dedo manchado de tinta e passou o jornal para Tauwhare. — Você devia ir. Não à sessão espírita em si, é preciso um ingresso especial para ela… Mas para a festa de abertura.

O anúncio tomava duas colunas. Fora impresso em uma tipologia em negrito de dezoito pontos que Löwenthal geralmente reservava apenas aos cabeçalhos e às manchetes históricas, e estava densamente bordeado de preto. O Wayfarer’s Fortune, propriedade e dirigido antigamente desde a cidade de Dunedin pela sra. Wells, viúva de Crosbie, estava para abrir ao público pela primeira vez naquela mesma tarde. Em honra a essa ocasião, a sra. Wells, célebre médium, dignar-se-ia a presidir a primeira sessão espírita de Hokitika. Essa sessão espírita seria restrita a um público

privilegiado, com ingressos distribuídos segundo o princípio de “quem primeiro chegar, primeiro será servido”; a ocasião seria antecedida, no entanto, de uma noite de “bebidas e conjecturas”, aberta ao público mais exigente — o qual era encorajado, coletivamente, a vir com a mente aberta.

Essa última recomendação era talvez mais fácil de anunciar que de fazer, pois, segundo o jornal, o propósito da sessão espírita era localizar, através do instrumento extraordinariamente sensitivo da própria sra. Wells, certas vibrações do espírito, investigação que abriria um canal entre este reino e o reino contíguo, e desse modo estabelecer uma espécie de comunicação com os mortos. Dentre a ampla categoria dos mortos, a sra. Wells havia sido excessivamente específica e excessivamente confiante ao fazer sua seleção: ela planejava invocar o vulto do sr. Emery Staines, que não havia ainda retornado a Hokitika, e cujo corpo, após cinco semanas de ausência, ainda não havia sido descoberto.

A viúva não deixara claro o que ela planejava perguntar ao vulto do sr. Staines, mas era universalmente aceito que ela no mínimo o inquiriria para saber o feitio de sua morte. Toda médium que se preze diz que um espírito que foi assassinado é muito mais loquaz que um espírito que partiu em paz deste mundo — e Lydia Wells, nem precisamos lembrar, prezava cada grão de si mesma.

— O que é uma sessão espírita? — disse Tauwhare novamente.

— É uma grande besteira — disse Löwenthal alegremente. — Lydia Wells anunciou a toda Hokitika que ela vai se comunicar com o espírito de Emery Staines, e mais da metade de Hokitika confiou em sua palavra. A sessão espírita, em si, é apenas uma performance. Ela vai entrar em transe, como se estivesse sofrendo uma síncope ou um colapso, e em seguida vai dizer algumas palavras, com voz masculina, ou fazer as cortinas se mexerem duma maneira inexplicável, ou pagar uma prata para que um garoto trepe na chaminé e, de lá, grite dentro da tubulação. É teatro barato. Obviamente, todo homem voltará para casa acreditando ter feito contato com um fantasma. Onde você disse mesmo que estava?

— Em Mawhera — disse Tauwhare. — Greymouth. — Ele ainda franzia o cenho diante do jornal.

— Nenhuma palavra sobre o senhor Staines vinda de lá, suponho.

— Não.

— Nem aqui. Estamos perdendo mesmo as esperanças, lamento dizer. Mas talvez consigamos alguma pista nesta noite. O real motivo de suspeita, veja, é a certeza que a senhora Wells tem de que o senhor Staines está de fato morto. Se ela sabe esse tanto, então o que mais ela sabe, e como ela o sabe? Oh, isso está dando o que falar, senhor Tauwhare, nesta última quinzena. Não perderia essa festa por nada neste mundo. Quisera eu conseguir pôr as mãos num ingresso!

Pois a viúva decidira limitar sua sessão espírita a somente sete almas — sendo sete um número de alusão mágica, possuidor de um elo sombriamente misterioso —, e Löwenthal, tendo chegado ao Wayfarer's Fortune cerca de quinze minutos antes das nove da manhã, descobriu, para sua imensa lástima, que esses sete lugares já haviam sido ocupados. (Dos homens do Crown, apenas Charlie Frost e Harald Nilssen tiveram êxito em reservar um ingresso.) Löwenthal, junto a outros incontáveis homens desapontados, teria que se contentar em comparecer às "bebidas e conjecturas" preliminares e sair antes que a sessão espírita fosse oficialmente conduzida. Ele tentou adquirir um ingresso, pelo dobro do preço, de um dos sete afortunados, mas não teve sucesso. Frost e Nilssen recusaram terminantemente sua oferta, embora Nilssen tenha prometido descrever o acontecimento com extrema minúcia de detalhes, após o evento, e Frost tenha sugerido que Löwenthal poderia ajudá-lo a desenvolver uma estratégia de reconhecimento, antecipadamente.

— Custará três xelins à porta — acudiu Löwenthal, acaso Tauwhare não soubesse ler e disfarçasse sua falta de instrução.

— Três xelins? — disse Tauwhare, olhando para cima. Era uma quantia extraordinária para uma diversão noturna. — Para quê?

Löwenthal deu de ombros.

— Ela sabe que pode cobrar o quanto quiser, e é exatamente isso o que vai fazer. O valor pode garantir seu brandy, se você é um beberrão rápido: ela está oferecendo bebidas à vontade, veja só, e não rodadas coletivas. Mas você tem razão, é um roubo.

Obviamente cada homem reles não vê a hora de ter uma palavrinha com Anna. Ela é a verdadeira atração: é ela o verdadeiro acontecimento! Você sabe que já faz três semanas que ela não é vista transpondo a porta da frente do Wayfarer. Deus sabe o que tem acontecido lá dentro.

— Eu desejo colocar um anúncio em seu jornal — disse Tauwhare. Ele jogou de lado o jornal na mesa, assaz grosseiramente, de modo que ele patinou na fôrma de Löwenthal.

— Certamente — disse Löwenthal, com desaprovação. Ele alcançou seu lápis. — Você tem um anúncio já preparado?

— “Guia maori muito experiente, fluente em inglês, conhecedor das redondezas, oferece seus serviços a agrimensores, mineiros, exploradores e afins. Êxito e segurança garantidos.”

— Agrimensores, mineiros, exploradores — repetiu Löwenthal, enquanto escrevia. — Êxito e segurança. Sim, excelente. E devo colocar seu nome, sim?

— Sim.

— Precisarei também de um endereço. Você está hospedado na cidade?

Tauwhare hesitou. Ele planejara retornar ao vale Arahura nesta noite, e passá-la no chalé abandonado de Crosbie Wells; no entanto, ele não queria revelar esse fato a Löwenthal, dada a próxima amizade que ele tinha com Edgar Clinch, o homem a quem a habitação agora legalmente pertencia.

Edgar Clinch fora objeto constante das meditações de Tauwhare desde a assembleia no Crown Hotel três semanas antes, pois, apesar de todas as transações entre os maoris e os pakeha[10] que haviam ocorrido na última década, Te Rau Tauwhare ainda via o vale Arahura como seu e ficava furioso sempre que qualquer extensão de terra da Te Tai Poutini[11] era adquirida visando a lucro, em vez de utilidade prática. Até onde Tauwhare sabia, Clinch não passara tempo algum no Arahura, antes da venda; desde a compra, ele sequer se dera o trabalho de caminhar pelo perímetro da terra cultivável que agora, por lei, a ele pertencia. Qual fora o propósito da compra? Clinch pretendia se instalar ali? Pretendia cultivar o solo? Abater as árvores nativas? Represar o rio? Escavar um poço, talvez, e garimpar por ouro? Ele não tinha feito nada com o chalé de

Crosbie além de despojá-lo de tudo aquilo que ele poderia vender — e até mesmo isso ele fizera por meio de procuração. Era um dividendo vazio que não exigia habilidade, nem paixão, nem horas de atividade paciente: tal dividendo poderia somente ser esbanjado, pois do esbanjamento viera e ao esbanjamento retornaria. Tauwhare não podia respeitar um homem que tratava a terra como se ela fosse apenas outro tipo de moeda corrente. Não se pode cunhar uma terra! Uma terra é feita para se viver nela e ser amada.

Nesse ponto, Te Rau Tauwhare não era hipócrita. Ele havia percorrido cada polegada da costa Oeste, a pé, por carroça, a cavalo e a canoa. Ele poderia retraçar toda sua extensão, como se sobre um mapa ricamente ilustrado: no extremo norte, a região dos rios Mohikinui e Karamea, onde os musgos eram robustos e úmidos, onde as folhas eram cerosas, onde o mato era um entrelaçado que cheirava à terra, onde as frondes da Nikau, derramadas dos troncos das palmas, jaziam sobre o solo como barbatanas de baleias, enormes e pesadas; mais ao sul, o brônzeo verniz do rio Taramakau, as torres dentadas de Punakaiki, as planícies alagadiças ao norte de Hokitika, sempre rastejando com a névoa fumacenta da chuva que ameaça cair; depois, os lagos represados; depois, os vales silenciosos, densos de tão verdes; depois, os flancos volventes das geleiras, onduladas de azul e cinza; depois, o pico dos altos Alpes; depois, por fim, Okahu e Mahitahi, no extremo sul — amplas praias de seixos, repletas de ossadas de árvores imponentes, onde a rebentação era um incessável repetir, e o vento, um incessável bramir. Ainda depois, sabia Tauwhare, jaziam os profundos canais dos fiordes meridionais, onde o sol se punha cedo por detrás dos cimos repentinos, de modo que a água assumia a aparência enegrecida da prata manchada e as sombras se acumulavam como óleo. Tauwhare nunca havia visto o Piopiotahi, mas ouvira falar dele e o adorava, porque era terra da Te Tai Poutini.

Eis, então, a banda da costa — e lá, no meio de tudo, o rio Arahura, *taonga, wahi tapu, he matahiapo i te iwi*! Se o Arahura era o equador de Tauwhare, dividindo a terra da Te Tai Poutini em duas metades, então o chalé de Crosbie, situado no vale mais ou menos a meio caminho das montanhas e do oceano, era seu meridiano. E ainda assim, ele não o podia reivindicar; seu hapu não o podia

reivindicar; seu iwi não o podia reivindicar.[12] Antes de o corpo de Crosbie Wells ter sido confinado à terra, aquelas centenas de acres cultiváveis no vale Arahura haviam sido compradas por um pakeha ganancioso que jurara, sob honra, tê-las adquirido honestamente: não se dera nenhum tipo ilegalidade, dissera ele, e ele certamente não violara lei nenhuma.

— Um hotel? — disse Löwenthal. — Ou um albergue? Apenas o nome já será o suficiente.

— Eu não tenho endereço — disse Tauwhare.

— Ora, ora — disse Löwenthal, indo em seu auxílio. — Eu redigirei: “Informações a cargo do editor, rua Weld”. Que acha disso? Você pode voltar no final da semana e perguntar se alguém o procurou.

— Está ótimo — disse Tauwhare.

Löwenthal aguardou por uma manifestação de gratidão, mas, nada.

— Muito bem — disse ele, após uma pausa. Sua voz estava muito fria. — Cobro meio xelim por uma semana nos classificados. Dez pence, pela quinzena, e um xelim e meio, pelo mês. Adiantado, é claro.

— Uma semana — disse Tauwhare, chocalhando o conteúdo de sua bolsa na palma de sua mão. A pequena pilha de centavos e tostões indicou claramente que ele estava precisando de trabalho. Sua única renda desde a noite do Crown havia sido um xelim de prata, ganho em um jogo de força duas semanas atrás. Após pagar Löwenthal pelo anúncio, ele mal teria com que pagar as refeições dos dias por vir.

Löwenthal observou-o contar os centavos por um momento, e então disse, em uma voz mais branda:

— Veja, senhor Tauwhare: se está curto de dinheiro no momento, pode fazer bem em dirigir-se à restinga. Há uma convocação de mão de obra no cais Gibson. Você pode não ter ouvido… o sino soou faz uma hora. Finalmente a *Godspeed* está fora da água, veja só, e eles precisam de homens para esvaziar o porão.

Ao longo das últimas três semanas, a barca fora manobrada para águas mais rasas por dois grandes rebocadores; de lá, seu

casco foi calçado com roldanas alinhadas à orla; finalmente, na maré baixa da manhã, ela foi rebocada da arrebentação por uma parelha de cavalos Clydesdale e um guincho. Ela estava agora seca sobre a restinga — parecendo, em sua enormidade destruída, menos uma criatura marinha encalhada que uma criatura aérea caída. Löwenthal fizera um desvio pela restinga, naquela manhã; ele fantasiou que o navio havia se precipitado de uma grande altitude e perecido onde caiu. Todos os seus três mastros haviam se quebrado na base, e sem as velas e o cordame ela parecia quase tosquiada. Ele passou os olhos sobre ela por um longo tempo antes de seguir em frente. Assim que seu porão fosse esvaziado e suas afixações removidas, ela seria desmanchada e vendida, a granel, para restauro e reparos.

— Por falar nisso — prosseguiu ele —, nos seria de grande valia ter um dos nossos homens à disposição enquanto o porão é esvaziado. Considerando o caixote de transportes de Tom, quero dizer… e seja lá o que for aquilo que o senhor Moody viu lá embaixo. Você pode ser nossos olhos e nossos ouvidos, senhor Tauwhare. Você tem a desculpa perfeita, caso esteja mal de dinheiro e precisando de trabalho honesto. Ninguém lhe perguntará como ou por quê.

Mas Tauwhare balançou a cabeça. Ele se prometera, intimamente, nunca mais negociar com Francis Carver, fossem quais fossem as circunstâncias.

— Eu não faço biscates — disse ele, pondo seis centavos na bancada.

— Vá, vá até a *Godspeed* — insistiu Löwenthal. — Ninguém vai lhe fazer perguntas. Você tem a desculpa perfeita.

Mas Tauwhare não gostava de receber conselhos de outros homens, por mais bem-intencionados que fossem.

— Eu vou esperar por trabalhos de agrimensura — disse.

— Talvez acabe esperando por um bom tempo.

Ele deu de ombros.

— Talvez.

Löwenthal estava ficando aborrecido.

— Você não está compreendendo — disse ele. — Eis uma chance para você fazer uma boa ação a todos nós e a você

também. Você não será capaz de comparecer à festa da viúva sem um ingresso, e não vai conseguir comprar um ingresso se está com a bolsa vazia. Desça ao cais Gibson e encete um dia de trabalho, e vai nos fazer um grande favor.

— Eu não quero comparecer à festa.

Löwenthal estava incrédulo.

— Por que diabos não quer?

— Você disse que seria uma tolice. Um teatrinho.

Um momento de silêncio passou entre eles. Então Löwenthal disse:

— Você sabia que eles trouxeram um advogado? Um tal senhor John Fellowes, da polícia de Greymouth. Ele foi incumbido de esclarecer o caso Crosbie Wells.

Tauwhare deu de ombros.

— Ele está fazendo sua investigação enquanto conversamos — continuou Löwenthal —, a fim de concluir se esse assunto justifica um inquérito. Ele está elaborando um relatório para um juiz da Suprema Corte. Suprema Corte significa assassinato, senhor Tauwhare. Um julgamento de assassinato.

— Eu não tive responsabilidade em nenhum assassinato — disse Tauwhare.

— Talvez não, mas nós dois sabemos que você está tão envolvido nesse negócio quanto o resto de nós. Ora, vamos! O senhor Moody viu algo no porão da *Godspeed*, e você tem a oportunidade perfeita de descobrir o que ele viu.

Mas Tauwhare não se importava com o que o senhor Moody vira ou não.

— Vou esperar por trabalho honesto — disse ele novamente.

— Você poderia mostrar um pouco de lealdade.

A isto, Tauwhare acalorou-se.

— Eu não quebrei meu juramento — disse ele.

Löwenthal estendeu a mão sobre a bancada, pousou a mão sobre a pilha de centavos e os varreu para dentro do avental.

— Não quis dizer em relação ao Crown — disse ele. — Quis dizer em relação ao seu velho amigo Wells. É de sua viúva que estamos falando, afinal de contas. De sua viúva, de sua herança e de sua memória. Você vai fazer como melhor achar, é evidente.

Mas, se eu fosse você, pensaria em ir à festa hoje à noite como um compromisso.

— Por quê? — Tauwhare expeliu a palavra desdenhosamente.

— Por quê? — disse Löwenthal, pegando novamente seu componedor. — Por que mostrar lealdade a seu bom amigo Wells? Ora, somente porque pensei que você devia um pouco disso ao homem, após tê-lo vendido a Francis Carver.

Júpiter em Sagitário

Em que Thomas Balfour sofre um lapso de discrição; antigos assuntos são despertados; e Alistair Lauderback redige uma carta de reclamação.

Alistair Lauderback não frequentara Hokitika desde a manhã de quarta-feira, principalmente pelo motivo de que o naufrágio da *Godspeed* era inteiramente visível de seu conjunto de suítes no andar superior do Palace Hotel, e a visão dela causava-lhe um sem-fim de amargura. Quando lhe foi oferecida a oportunidade de proferir um discurso na prefeitura de Greymouth e de cortar uma fita na inauguração de uma mina subterrânea perto de Kumara, ele aceitara ambos os convites, e de imediato. No momento em que nos juntamos a ele — o momento em que Tauwhare deixou Löwenthal —, Lauderback ganhava caminho através dos pantanais de Kumara a passo largo, com uma espingarda esportiva Sharps encostada no ombro e uma bolsa de balas na mão. Ao lado dele estava seu amigo Thomas Balfour, armado igualmente e igualmente corado pelo virtuoso esforço. Os dois haviam passado a manhã jogando tiro e retornavam agora a seus cavalos, que estavam amarrados na borda do vale, visíveis a distância, um como um fragmento branco, e outro, como um fragmento negro, contrastados com o céu.

— Que grande dia — exclamou Lauderback, tanto para si quanto para Balfour. — É um baita de um grande dia! Ora, quase faz com que se perdoe a chuva, não, quando o sol sai assim, afinal de contas?

Balfour riu.

— Perdoada? Talvez — disse ele —, mas não esquecida. Não por mim.

— É um belo país — disse Lauderback. — Veja só essas cores! São cores da Nova Zelândia, lavadas pela chuva da Nova Zelândia.

— E nós somos patriotas da Nova Zelândia — disse Balfour. — A vista é toda nossa, senhor Lauderback. Está aí para nossa

contemplação.

— Sim, de fato — disse Lauderback. — Patriotas da natureza!

— Sem nenhuma necessidade de uma bandeira — disse Balfour.

— Como somos sortudos! — disse Lauderback. — Pense em quão poucos homens deitaram os olhos nessa paisagem. Pense em quão poucos homens caminharam por esse solo.

— Mais do que imaginamos, não duvido — disse Balfour —, caso os pássaros tenham aprendido a se dispersar quando nos veem.

— Você lhes dá muito crédito, Tom — disse Lauderback. — Pássaros são muito estúpidos.

— Vou me lembrar disso na próxima vez que você voltar para casa com um bando de patos e uma longa explicação sobre como os enlaçou.

— Faça isso, mas eu lhe farei ouvir a história mesmo assim.

Para Thomas Balfour, essa troca bem-humorada era muito bem-vinda. Ao longo das últimas três semanas, Lauderback havia sido sobejamente mau companheiro, e Balfour havia muito se cansara de seus humores caprichosos, que se alternavam entre irritadiço, perverso e amargo. Lauderback tendia a regressar a modos de comportamento infantis sempre que suas esperanças eram frustradas, e o naufrágio da *Godspeed* lhe inculcara uma mudança indecorosa. Ele ficara muito ciumento da companhia das multidões, necessitando estar sempre cercado e servido; ele não ficava tempo algum sozinho, e protestava, caso lhe exigissem que o fizesse. Sua conduta pública não se alterara — ele era exuberante e convincente quando falava em um púlpito —, mas sua conduta privada se tornara completamente impertinente. Ele se afligia à mais leve provocação e era abertamente desdenhoso de seus dois devotados assessores, que contabilizavam essas vicissitudes de humor à custa da natureza da vida política e não protestavam. Naquele domingo fora-lhes concedido um descanso da companhia de Lauderback, devido à carência de espingardas e, igualmente, à relutância de Lauderback em dividi-las; em vez disso, eles passaram o período ausente de seu mestre na capela de Kumara, contemplando, segundo instruíra Lauderback, seus pecados.

Alistair Lauderback era um homem intensamente supersticioso, e ele sentiu que a súbita mudança de sua sorte datava da noite de sua chegada a Hokitika, quando ele encontrou o corpo do eremita, Crosbie Wells. Quando refletia sobre todos os infortúnios que sofrera desde aquele dia — o naufrágio da *Godspeed*, em particular —, ele se sentia amargo em relação a Westland inteira, tal como se todo o distrito abandonado tivesse sido cúmplice no projeto de atrapalhar seu êxito e frustrar seus desejos. A ruína da *Godspeed* era prova, em sua mente, de que o lugar em si estava amaldiçoado contra ele. (Essa crença não era tão irracional quanto se poderia supor, pois o astuto movimento do banco de areia de Hokitika devia-se, em maior parte, ao sedimento e ao cascalho que eram trazidos rio Hokitika abaixo das jazidas rio acima, e que agora se coagulavam, invisivelmente, em padrões mutantes que respondiam apenas à maré: em essência, a *Godspeed* havia encontrado seu fim nos dejetos de milhares de jazidas, e por isso poder-se-ia dizer que todo homem de Hokitika era parcialmente culpado pelo naufrágio.)

Alguns dias após a ruína da *Godspeed*, Thomas Balfour confessara a Lauderback que, de fato, o caixote de transportes que continha os documentos e os pertences pessoais de Lauderback havia desaparecido do cais Gibson, devido a um erro de carregamento o qual homem algum conseguia explicar. Lauderback recebeu essa informação de modo deprimido, mas sem interesse verdadeiro. Agora que a *Godspeed* estava destruída, ele não tinha razão para chantagear Francis Carver, cujo propósito seria apenas reaver o querido navio novamente: a fatura da venda da barca, acondicionada em seu baú em meio a seus pertences pessoais, não lhe teria mais serventia alguma para ser usada como alavancagem.

Lauderback havia desandado recentemente a jogar dados durante as noites, pois jogar era uma fraqueza da qual ele periodicamente virava prisioneiro, sempre que se sentia envergonhado ou sem sorte. Ele exigia, naturalmente, que Jock e Augustus Smith assumissem também seu vício, pois ele não aturava sentar-se sozinho à mesa. Eles anuíam obedientemente, embora suas apostas fossem sempre assaz cautelosas e eles se retirassem cedo. Lauderback colocava suas apostas com a impiedosa determinação de um homem para quem ganhar significaria

surpreendentemente muito, e ele era tão zeloso de suas fichas quanto de seu uísque, o qual ele sorvia assaz vagarosamente para fazer a noite durar até a madrugada.

— Você não pretendia cavalgar de volta esta tarde, pretendia? — disse ele agora a Balfour, com uma ênfase que sugeria mágoa.

— Pretendia — disse Balfour. — Quer dizer… eu pretendo. Pretendia chegar a Hokitika por volta da hora do chá.

— Tire uma folga — rogou Lauderback. — Venha a Guernsey hoje, para um jogo de dados. Não faz sentido cavalgar de volta sozinho. Eu tenho que ficar para cortar uma fita amanhã cedo, mas estarei de volta a Hokitika ao meio-dia. Por volta de meio-dia.

Mas Balfour balançou a cabeça.

— Não posso ficar. Tenho uma remessa para fazer logo pela manhã. Para segunda-feira, em ponto.

— Certamente você não precisa estar presente… para uma *remessa*!

— Oh, mas eu preciso de tempo para calcular minhas finanças — disse Balfour com um sorriso bem aberto. — Estou doze libras mais pobre do que na quarta-feira, e isso porque elas foram parar no *seu* bolso, veja só. Uma libra para cada face dos dados.

(Balfour dissimulou o real motivo de sua pressa, a saber, sua vontade de comparecer às “bebidas e conjecturas” da viúva no salão dianteiro do Wayfarer’s Fortune naquela noite. Ele não falava sobre a sra. Wells com Lauderback desde que o político fizera sua confissão na sala de jantar do Palace Hotel, tendo julgado prudente deixar Lauderback introduzir ele mesmo o assunto, e em seus termos. Lauderback, no entanto, também havia evitado qualquer menção a ela, embora Balfour sentisse que esse silêncio era de uma qualidade retesada e desesperada, como se a qualquer momento ele pudesse explodir e gritar o nome dela.)

— Isso me leva de volta aos meus dias de escola — disse Lauderback. — Nós ganhávamos um açoite para cada pontinho do dado, se nos pegassem. Vinte e um pontos em um único dado. Eis um fato trivial de que nunca me esqueci.

— Não ficarei até perder vinte e uma libras, se é isso que quer dizer.

— Você precisa ficar — insistiu Lauderback. — Apenas mais uma noite. Você precisa.

— Veja aquela samambaia maravilhosa — disse Balfour, e de fato era maravilhosa: perfeitamente enrolada, como a voluta de um violino. Balfour tocou-a com o cano de sua arma.

A recente alteração no humor de Lauderback havia tido um efeito muito nocivo em sua amizade com Thomas Balfour. Balfour tinha certeza de que Lauderback não lhe contara toda a verdade sobre suas antigas transações com Francis Carver e Crosbie Wells, e essa exclusão o deixava muito pouco disposto a subjugar-se às vontades dele. Quando Lauderback expressava seu descontentamento com o assunto de Westland, com os bancos de areia, com os jantares de carnes frias, com os colarinhos descartáveis, com a imitação, com a mostarda alemã, com o primeiro-ministro, com as espinhas dos peixes, com a ostentação, com as botas malfeitas, com a chuva, Balfour respondia com menos energia e admiração do que o teria feito cerca de um mês antes. Lauderback, para dizê-lo francamente, perdera sua vantagem, e ambos os homens sabiam disso. O político recusava-se a admitir que sua amizade havia esfriado, no entanto; ele persistia em falar a Balfour exatamente da maneira como sempre fizera — ou seja, num tom que era ocasionalmente insolente, sempre declamatório, e muito raramente humilde — e Balfour, que podia ser ele mesmo muito insolente quando se absorvia numa tarefa, persistia em ressentir-se dele.

Dentro em pouco eles recuperaram seus cavalos, montaram e partiram para Kumara a trote lento. Após terem cavalgado durante pouco tempo, Lauderback retomou o fio da meada.

— Havíamos falado em fazer uma parada em Seaview juntos, na viagem de volta — disse ele. — Para dar uma olhada nas fundações da carceragem.

— Sim — disse Balfour. — Você terá que me contar sobre isso.

— Suponho que terei que ir sozinho.

— Sozinho, com Jock e Augustus? Sozinho, em uma comitiva de três!

Lauderback se deslocou na sela, parecendo muito descontente. Logo, ele disse:

— Como é mesmo o nome do carcereiro? Sheffield?

Balfour fitou-o agudamente.

— Shepard. George Shepard.

— Shepard, isso. Eu me pergunto se ele está pretendendo alguma jogada com o magistrado. Ele se saiu muito bem com o orçamento do comissário, conseguindo fazer tudo se mover bastante espertamente. Ele de fato se saiu muito bem.

— Suponho que sim. Veja só *aquela* ali! — Balfour apontou com a extremidade de seu chicote para outra ramagem de samambaia, mais alaranjada que a primeira e mais frondosa. — Que formato agradável ela tem — acrescentou ele. — Seu movimento… hein? Como se estivesse fixa em movimento. Eis aí uma reflexão!

Mas Lauderback não seria distraído pela agradável forma das samambaias.

— Ele está bem nas mãos do comissário, é claro — disse ele, ainda se referindo a George Shepard. — E eu presumo que ele seja um velho amigo do Magistrado.

— Talvez eles queiram manter-se em família, então.

— Isso cheira a ambição. Não acha? A carceragem, quero dizer. Sua devoção ao projeto. Sua devoção ao caso todo. Ele cumpriu tudo muito bem.

Lauderback, como homem ambicioso, era o tipo que suspeitava da ambição dos outros. Balfour, no entanto, apenas bufou.

— Que foi? — disse Lauderback.

— Nada — disse Balfour. (Mas não era “nada”! Ele detestava quando um homem recebia créditos morais, ainda que remotos, por algo imerecido.)

— Que foi? — disse Lauderback novamente. — Você fez um barulho.

— Ora, contabilize tudo — disse Balfour. — Madeira para a forca. Ferro para o alambrado. Pedra para a fundação. Vinte escavadeiras alugadas a preço diário.

— O que tem isso?

— Orçamento do Comissário, uma ova! — exclamou Balfour. — Esse dinheiro deve estar vindo de outra parte, de outra fonte! Contabilize-o em sua cabeça!

Lauderback fulminou-o.

— Um investimento privado? É isso que quer dizer?

Balfour deu de ombros. Ele sabia muito bem que George Shepard havia financiado a construção da carceragem a partir da comissão de Harald Nilssen em cima do espólio de Crosbie Wells — mas ele jurara manter segredo, no conselho do Crown Hotel, e não lhe aprazia quebrar suas promessas.

— Investimento privado, você disse? — persistiu Lauderback.

— Ouça — disse Balfour. — Eu não desejo quebrar juramento algum. Eu não desejo pisar em pé algum. Mas lhe direi isto: se você fizer uma parada em Seaview, deveria farejar um pouco por lá. É tudo que tenho a dizer. Fareje ao redor, e talvez alguma ideia lhe ocorra.

— É por isso que está voltando cedo para casa? — exigiu Lauderback. — Para evitar Shepard? Trata-se de algo que ocorreu entre vocês dois?

— Não! — disse Balfour. — Não, não. Eu recebi um palpite, apenas.

— Um palpite? De quem?

— Não posso dizer.

— Ora, vamos, Tom! Não venha com orgulho para cima de mim. O que você quis dizer com isso?

Balfour pensou por um momento, estreitando os olhos para ver o pavimento do vale em direção aos declives enrugados a leste. Seu cavalo era ligeiramente mais baixo que a égua negra de Lauderback, e, porque ele era um homem mais baixo que Lauderback, seus ombros ficavam nitidamente um pé abaixo dos do outro homem — mesmo quando ele os alinhava, como fazia agora.

— É apenas bom senso, não é? — disse ele. — Vinte escavadeiras na fundação, todas de uma vez? Todos os materiais pagos em dinheiro vivo? Não é essa a maneira pela qual o patrocínio do Conselho é empenhada. Você mesmo sabe disso! Shepard deve estar lidando com dinheiro líquido.

— Decida-se — disse Lauderback. — É bom senso ou um palpite?

— Bom senso!

— Então você não recebeu um palpite.

— Sim, eu recebi — disse Balfour acaloradamente. — Mas eu bem poderia ter descoberto. É o que estou dizendo: eu poderia ter descoberto por conta própria.

— Então qual seria o propósito?

— O propósito em quê?

— O propósito em dar-lhe um palpite!

Balfour amarrou a cara.

— Eu não sei do que está falando — disse ele. — Você não está fazendo sentido algum.

Mas Lauderback fazia completo sentido, e Balfour sabia disso.

— O que não faz sentido, Tom — disse ele —, é que tenha sido *você* a receber palpite sobre a carceragem! Que importa à Balfour Remessas o financiamento público e como ele é gasto? Que importa a *você* o investimento privado, a não ser que esteja embrulhado em algo mais?

Balfour balançou a cabeça.

— Você me compreendeu mal — disse ele.

— É algo que tem a ver com um dos criminosos, talvez — disse Lauderback. — Um investimento privado… em troca de…

— Não, não — exclamou Balfour. — Não é nada disso.

— O que é, então?

Quando Balfour não respondeu de imediato, Lauderback acrescentou:

— Ouça aqui: se tem a ver com financiamento privado, esse é um assunto de campanha, e eu preciso sabê-lo. Tudo que acontece sobre a bancada do Comissário logo antes de uma eleição merece ser vistoriado, e claramente este homem, Shepard, está aprontando algo. Parece-me que ele está com projetos políticos, e eu quero saber quais são. Se tudo não passa de questão de senso comum, então por que você não me conta o que sabe? E, caso alguém me pergunte, fingirei que descobri tudo por conta própria.

Para Balfour, isso pareceu sensato o suficiente. Sua afeição por Lauderback não havia se dissolvido completamente ao longo do último mês, e ele desejava manter-se sob a boa opinião do político, a despeito de quaisquer novas opiniões que ele, por sua vez, tivesse desenvolvido. Não faria mal dizer de onde vinha o dinheiro

de Shepard — não se Lauderback pudesse fingir tê-lo descoberto por conta própria!

Balfour estava contente, ainda, pela súbita agudeza da expressão de Lauderback e pela avidez com que o homem mais velho o pressionava por informações. Ele não gostava quando Lauderback ficava introspectivo, e essa súbita mudança no humor do político fazia Balfour recordar-se do antigo Lauderback, do Lauderback dos dias de Dunedin, que falava como um general e andava como um rei; que fez sua fortuna, e então a duplicou; que batia de ombros com o primeiro-ministro; que nunca ousaria implorar que um homem ficasse uma noite a mais em Kumara para que ele não levasse sozinho seus lamentos à casa de jogos. Balfour era simpático a esse antigo Lauderback, a quem ele ainda se afeiçoava, e lisonjeava-o ser inquirido por informações.

E assim, após uma longa pausa, Balfour contou a seu velho conhecido o que sabia sobre a carceragem: que a construção fora financiada com uma fatia da fortuna descoberta no chalé de Crosbie Wells. Ele não disse por que ou como esse arranjo havia se sucedido, e não disse quem havia lhe dado palpite sobre a situação. Ele disse que o investimento havia sido feito à incitação de George Shepard, duas semanas após a morte de Crosbie Wells, e que o carcereiro muito ansiava que fosse mantido em segredo.

Mas o treinamento jurídico de Lauderback não havia sido em vão: ele era um ferrenho inquisidor, e ainda mais quando lhe contavam uma verdade parcial. Ele perguntou o valor da fatia, e Balfour respondeu que o investimento totalizava pouco mais que quatrocentas libras. Lauderback foi rápido em perguntar a razão pela qual o investimento compreendia dez por cento do valor total descoberto no chalé de Crosbie e, quando Balfour permaneceu calado, ele adivinhou, com rapidez ainda mais alarmante, que dez por cento era a percentagem de praxe de uma comissão, e que talvez esse investimento representasse os emolumentos do negociante comissionado.

Balfour ficou estarrecido por Lauderback tê-lo descoberto tão rapidamente e protestou alegando não ser culpa de Harald Nilssen.

Lauderback riu.

— Ele consentiu! Ele deu sua comissão!

— Shepard o pôs na parede. Não foi culpa dele. Passou isto daqui de ser uma chantagem, da maneira como foi feito; deveras! Você não deve fazer tempestade em copo d'água. Você não deve, pelo bem do senhor Nilssen.

— Um investimento privado, bem em cima da hora! — exclamou Lauderback. (Ele não estava particularmente interessado em Harald Nilssen, a quem encontrara somente uma vez no Star Hotel de Hokitika, cerca de um mês atrás. Nilssen achara-o um tipo muito provinciano, assaz acostumado a uma leal audiência de três ou quatro, e assaz tagarela quando bebia; Lauderback julgara-o um tipo maçante, que era presunçoso e que nunca realizaria algo de valia.) Ele ergueu-se nos estribos.

— Isso é política, Tom; oh, isso é política, de fato! Sabe o que Shepard está tentando fazer? Ele está tentando erguer a futura carceragem antes que Westland assuma sua cadeira, e ele está usando um investimento privado para impulsionar o empreendimento. Ora, ora! Eu terei algo a dizer sobre *isso* no *Times*, esteja certo disso!

Mas Balfour não estava particularmente certo disso, tampouco se sentia inclinado a estar. Ele protestou e, após uma breve negociação, Lauderback concordou em deixar de fora o nome de Nilssen, "embora eu não deva poupar George Shepard da mesma cortesia", acrescentou ele, e riu novamente.

— Acredito que você não o imagina como Magistrado — disse Balfour, perguntando-se se Lauderback projetava-se ocupando aquela eminente posição.

— Eu não dou a mínima para o assento de Magistrado! — devolveu Lauderback. — É o princípio da coisa; é isso que vou defender.

— Onde, o princípio? — disse Balfour, em momentânea confusão: Lauderback se importa *sim* com o assento de Magistrado. Ele começara por mencioná-lo, e num humor assaz carrancudo.

— O homem é um ladrão! — gritou Lauderback. — Aquele dinheiro pertence a Crosbie Wells, vivo ou morto. George Shepard não tem direito algum de gastar o dinheiro de outro homem como deseja, e não me importo com que propósito seja!

Balfour estava quieto. Até este momento, Lauderback não havia nem uma vez mencionado a fortuna que fora descoberta no chalé de Wells ou manifestado interesse em saber como ela fora implantada. Tampouco mencionara o malogro judiciário que circundava a reivindicação da viúva sobre o espólio de seu falecido marido. Balfour presumira que seu silêncio se devia a seu envolvimento com Lydia Wells, pois Lauderback ainda envergonhava-se muito de suas desgraças passadas para mencionar seu nome. Mas agora parecia quase como se Lauderback saísse em defesa de Crosbie Wells. Era como se a fortuna de Crosbie Wells fosse uma questão sobre a qual Lauderback nutria uma opinião muito crua. Lauderback supunha que a fortuna descoberta no chalé de Wells era a mesma fortuna com a qual ele fora chantageado no ano anterior? O interesse de Balfour se aguçou. Ele decidiu provocar o homem.

— Que realmente importa? — disse ele suavemente. — Ora, muito provavelmente a fortuna já havia sido afanada de outra pessoa; certamente não pertencia a Crosbie Wells. O que um homem como *ele* fazia com quatro mil libras? Não é segredo nenhum que ele era um vadio, e de vadio a ladrão é apenas um passo.

— Não há provas disso — principiou Lauderback, mas Balfour o interrompeu.

— Então o que realmente importa se alguém a afana quando ele está morto e enterrado? É o que pergunto. É provável que o dinheiro fosse sujo, para começo de conversa.

— Que *importa* isso? — explodiu Lauderback. — É o princípio da coisa. É como eu digo: o princípio dela! Não se soluciona um crime cometendo outro. Roubar de um ladrão não deixa de ser um crime, seja qual for a maneira com que você o perpetre e o enfeite! Não seja absurdo.

Então, Lauderback era defensor de Crosbie Wells — e um defensor muito inflamado, pelo visto. Isso era interessante.

— Mas você está conseguindo o cárcere que queria ver construído — disse Balfour, ainda falando suavemente, como se eles estivessem discutindo algo deveras trivial. — O dinheiro não

será desperdiçado. Será utilizado para a instalação de obras públicas.

— Não me importo se o diretor Shepard está enchendo os bolsos ou construindo um altar — retrucou Lauderback. — É uma desculpa, usar os fins para justificar os meios. Eu não negocio de acordo com esse tipo de raciocínio.

— E não é qualquer tipo de obra pública — continuou Balfour, como se Lauderback não tivesse dito palavra alguma. — Você terá seu prédio, afinal de contas! Ora, vamos; não se recorda de nossa conversa no Palace Hotel? “Quem dará abrigo a uma mulher?” “Uma nova chance para outro tipo de vida” e tudo o mais? Bem: nós em breve teremos como oferecer essa nova chance! George Shepard conseguiu-o!

Lauderback pareceu furioso. Ele se recordava muito bem do que havia dito sobre os méritos do asilo, três semanas atrás, mas ele não apreciava ter suas próprias palavras citadas de volta para si, a não ser que o propósito da referência fosse elogioso.

— É desrespeitoso para com os mortos — disse ele secamente —, e é tudo que direi sobre isso.

Mas Balfour não era dissuadido tão facilmente.

— Digamos — exclamou ele, como se o pensamento houvesse acabado de lhe ocorrer — que o ouro que Francis Carver usou contra sua *Godspeed*… que havia sido costurado no forro de…

— O que tem isso?

— Bem, você nunca o viu novamente, viu? Nem tampouco ouviu falar dele. E então a mesma quantia, aproximada, surge no chalé de Crosbie Wells, menos de um ano depois. Pouco mais de quatro mil libras. Talvez seja a mesma pilha de ouro.

— Muito possivelmente — disse Lauderback.

— Faz-nos pensar em como teria ido parar lá — disse Balfour.

— De fato, faz — disse Lauderback.

Ao chegar no Golden Lion, eles se separaram — tendo Lauderback evidentemente desistido do desejo de que Balfour ficasse mais um dia em Kumara, pois ele lhe deu adeus muito rispidamente, e sem tristeza.

Balfour partiu para Hokitika em estado de considerável inquietação. Ele prometera manter a confidência de Nilssen, tal

como fizera em nome de cada um dos homens do Crown, e ele havia quebrado essa promessa. E com que propósito? O que ele tinha ganhado ao renunciar a seu juramento e faltar com sua palavra? Desgostoso de si mesmo, Balfour enterrou os calcanhares nos flancos de sua égua, picando-a em galope; ele a manteve nesse ritmo até alcançar o rio Arahura, onde ele foi obrigado a apear, levar a criatura praia abaixo e conduzi-la cuidadosamente sobre o raso até o lugar onde a torrente de água fresca se infiltrava na areia.

Lauderback não ficara para observar seu amigo partir. Em sua mente, ele já vinha elaborando a carta: seus lábios se crispavam em concentração e havia uma ruga em sua testa. Ele conduziu seu cavalo ao estábulo, pressionou um xelim na mão do cavalariço e então retirou-se imediatamente para seus aposentos no andar superior. Uma vez sozinho, trancou a porta, arrastou sua escrivaninha até o trecho de luz em forma de diamante debaixo da janela, alcançou uma cadeira, sentou-se e tirou uma folha de papel nova; após alguns momentos finais de contemplação com a pena mantida contra seus lábios, ele sacudiu os punhos, inclinou-se adiante e escreveu:

um investimento póstumo?
Ao editor do *West Coast Times*

18 de fevereiro de 1866

Senhor —

Faz-se desejável que o senhor GEORGE SHEPERD publique, nessas páginas, uma lista das pessoas nomeadas para a construção da carceragem de Hokitika na planície de Seaview; ainda, que comunique uma declaração de obras contratadas e firmadas; que revele a importância monetária elegida para cada um desses trabalhos, os subsídios das quantias adiantadas até o presente momento e as importâncias extras (se as há) para sua realização, ou que as apresente mais prestativamente.

Tal publicação deverá servir para aprimorar o que este abaixo-assinado crê ter sido uma crassa violação de conduta da parte do sr. Shepherd: a saber, que a construção preambular da carceragem de Hokitika tenha sido financiada por uma doação privada feita sem o consentimento do Conselho Provincial, do Comitê de Obras Públicas de Westland, do Conselho Municipal e, de fato, até do próprio investidor — pois o investimento foi feito cerca de duas semanas depois da morte do próprio! Refiro-me aqui ao sr. CROSBIE WELLS, cujo espólio tem sido objeto de muita especulação nas páginas deste jornal. É de meu entendimento que essa doação (tal como pode ser denominada) foi extraída da habitação do sr. Wells postumamente, e depois injetada, sem conhecimento público, na construção do futuro cárcere. Caso esse entendimento seja falso, eu me retratarei; entrementes, exijo imediato esclarecimento do próprio sr. Shepherd.

Sustento que a transparência de conduta do sr. Shepherd neste caso é desejável não somente por causa da natureza da instituição que ele deseja construir e da origem da quantia em questão; mas também pela razão de que a transparência financeira na administração de fundos públicos é de suma

importância, haja vista que esta região subdesenvolvida de nossa província é muito rica em ouro e, portanto, muito tristemente prisioneira das primitivas tentações da corrupção.

Conservo um alto apreço às intenções do sr. Sheperd etcetera na condução desse projeto, uma vez que estou certo de que ele age em prol dos interesses do colono comum e com o devido respeito à lei colonial. Rogo apenas ratificar minha crença de que todo patrocínio privado de obras públicas deve ser transparecido para benefício de todos, e garantir, ao senhor e a toda a província de Westland, que sou

seu etcetera
Sr. ALISTAIR LAUDERBACK, VEREADOR PROVINCIAL, MEMBRO DO PARLAMENTO.

Ele recostou-se e leu o documento em voz alta e em tons inflamados, como se ensaiasse para um importante discurso público; então, satisfeito, dobrou o papel, meteu-o dentro de um envelope e endereçou-o ao editor do *West Coast Times*, rubricando-o como “Favor enviar confirmação de recebimento” e “Urgente”. Com o envelope lacrado, ele alcançou seu colete e verificou o horário: eram quase duas da tarde. Se Augustus Smith cavalgasse diretamente para Hokitika agora, conseguiria alcançar Löwenthal antes que a edição matutina de segunda-feira fosse para a prova. Antes tarde do que nunca, pensou Lauderback, e saiu em busca de seu assessor.

Mercúrio em Capricórnio

Em que Gascoigne repete suas teorias, e Moody fala sobre a morte.

Walter Moody finalizava seu almoço na sala de jantar do Maxwell's, quando recebeu a mensagem de que o porão da *Gosdpeed* havia enfim sido esvaziado e que seu baú fora entregue em seu quarto no Crown Hotel.

— Ora! — exclamou ele, enquanto dava ao mensageiro uma moedinha e o garoto desabalava. — Isso finalmente põe termo à suposta aparição que vi, não põe? Se Emery Staines *estava* a bordo, eles certamente teriam achado seu corpo entre a carga.

— Duvido de que sucedesse assim tão simplesmente — disse Gascoigne.

— Quer dizer que seu cadáver não teria sido reportado?

— Quero dizer que seu cadáver pode não ter sido encontrado — disse Gascoigne. — Um homem, mesmo um homem ferido, poderia abrir caminho até uma escotilha… e os destroços não estavam inteiramente submersos. Penso ser muito mais provável que ele tenha fugido.

Ao longo das últimas três semanas, Moody havia travado uma amizade cordial com Aubert Gascoigne, tendo descoberto que o caráter deste melhorava a cada encontro — pois Gascoigne era muito hábil em adaptar-se a toda situação social e poderia granjear a benevolência de outro homem com grande êxito caso assumisse para si a tarefa. Gascoigne havia decidido proteger Moody com uma força de ambição que, caso viesse a ser conhecida, poderia causar a este algum alarme; da maneira como era, no entanto, Moody julgou-o um personagem muito sofisticado e se deleitava em ter um parceiro intelectual com quem podia confortavelmente conversar. Eles almoçavam juntos praticamente todos os dias e fumavam charutos no Star e Garter à noite, onde faziam dupla no uíste.

— Você está persistindo em sua teoria original — observou Moody. — Alijado ao mar, e não abandonado no navio.

— Ou isso ou seus restos mortais foram destruídos — disse Gascoigne. — Talvez ele tenha gritado por socorro, apenas para que o matassem, o amarrassem a algo pesado e então o jogassem ao mar. Carver remou em direção aos destroços algumas boas vezes, como deve saber, e houve ampla oportunidade de afogamento.

— Isso também é possível — disse Moody, dobrando a mensagem ao meio, e depois novamente, correndo seu polegar sobre cada dobra. — Mas o problema continua sendo não sabermos ao certo como tudo se passou, e, caso você esteja certo sobre Staines *ter* se afogado, por acaso ou por premeditação, então nós nunca saberemos tudo. Que crime medíocre esse, para o qual não temos nem corpo, nem assassino!

— É um crime muito medíocre — concordou Gascoigne.

— E nós somos detetives muito medíocres — disse Moody, almejando assim obter uma espécie de confirmação decisiva, mas Gascoigne estava pegando o molheiro e não demonstrava nenhum sinal de querer encerrar a discussão.

— Ouso dizer que vamos nos sentir excessivamente tolos — disse ele, despejando molho sobre os restos de sua refeição — quando Staines for encontrado no fundo de uma fossa, com o pescoço quebrado e nenhum sinal de ferimentos.

Moody trouxe sua faca para mais perto do garfo.

— Infelizmente, creio que todos nós *desejamos* que o senhor Staines tenha sido assassinado, até mesmo você e eu, que nunca conhecemos o homem antes. Nós não nos contentaríamos com um pescoço quebrado.

O casaco de Moody pendia do encosto de sua cadeira. Ele sabia que seria indelicado pegá-lo e vesti-lo, haja vista que seu amigo não terminara ainda seu almoço… mas agora que ele sabia que seu baú tinha sido enfim recuperado, estava muito ansioso para se retirar e ir até ele. Ele não apenas ainda não sabia se seus pertences haviam sobrevivido ao naufrágio, como também não trocava seu casaco e suas calças há três semanas.

Gascoigne deu uma risadinha.

— Pobre senhor Staines — ele concordou. — E como a senhora Wells zomba dele! Se meu vulto fosse invocado em uma

sessão espírita barata… ora, eu ficaria horrorizado, veja você. Eu não saberia como receber o convite.

— Se o meu fosse invocado, eu ficaria aliviado; aceitaria de imediato — disse Moody. — Ouso dizer que a vida após a morte é um lugar muito lúgubre.

— Como você a imagina?

— Nós passamos toda nossa vida falando sobre a morte. Sem esse desígnio para nos distrair, acredito que ficaríamos todos terrivelmente entediados. Não teríamos nada para evitar, nada para prevenir, nada sobre o que pensar. O tempo não teria nenhuma importância.

— E ainda assim, seria divertido espiar os viventes — disse Gascoigne.

— Pelo contrário, eu o consideraria um panorama assaz solitário — disse Moody. — Olhar o mundo de cima, impossibilitado de tocá-lo, impossibilitado de alterá-lo, sabendo tudo o que aconteceu e tudo o que acontece.

Gascoigne salgava o prato.

— Ouvi dizer que na tradição nativa da Nova Zelândia, a alma, quando morre, vira uma estrela.

— Essa foi a melhor recomendação que já ouvi: virar nativo.

— Você vai tatuar o rosto e usar uma saia feita de grama?

— Talvez.

— Eu gostaria de ver isso — disse Gascoigne, pegando novamente o garfo. — Eu gostaria de ver isso ainda mais do que gostaria de ver você vestir o seu chapéu de feltro de aba dobrada e suas botinas e garimpar ouro! Ainda preciso conseguir *acreditar* nisso, veja você.

Moody adquirira um embornal, uma caixa de eclusa e um traje de mineiro feito de gabardina e sarja, mas, afora algumas incursões desinteressadas a Kaniere, ele não havia realmente empenhado sua mente no prospecto de garimpar ouro. Ele ainda não se sentia pronto para começar sua nova vida como mineiro, e resolvera não o fazer até que o caso relativo a Emery Staines e Crosbie Wells fosse finalmente solucionado — uma resolução que ele tomara sob a máscara da necessidade, mas na realidade não havia nada que ele

pudesse fazer a não ser esperar por novas informações, e, tal qual Gascoigne, continuar a conjecturar a partir das que já possuía.

Ele havia estendido sua hospedagem no Crown Hotel duas vezes, e, na tarde de 18 de fevereiro, estava prestes a fazê-lo pela terceira vez. Edgar Clinch o havia convidado a transferir-se ao Gridiron, sugerindo que ele poderia gostar de assumir o quarto anteriormente ocupado por Anna Wetherell, que permanecia vazio. A bela vista dos Alpes orientais nevados além dos telhados de Hokitika seria um desperdício para um mineiro ordinário, e Moody, como um cavalheiro, tiraria algum prazer das harmonias da natureza que outros homens provavelmente não perceberiam. Mas Moody o havia declinado respeitosamente: ele se afeiçoara ao Crown, por mais maltrapilho que o estabelecimento fosse, e em todo caso ele não queria se aproximar muito de Edgar Clinch, pois ainda havia uma boa chance de que o caso do tesouro escondido de Crosbie Wells fosse a julgamento, em cujo caso Clinch — junto a Nilssen, Frost e vários outros homens — seria certamente convocado ao interrogatório. Os treze homens haviam jurado, cada qual sob a própria honra, manter segredo do concílio no Crown, mas Moody não gostava de fiar-se na honra de outro homem, tendo pouca confiança em qualquer manifestação de integridade afora a sua; ele esperava que em algum momento pelo menos um dos outros doze homens faltaria com sua palavra, e ele determinara, em antecipação a esse acontecimento, manter-se apartado deles.

Moody havia se apresentado a Alistair Lauderback, tendo descoberto, através de seu passado mútuo no direito, que eles compartilhavam vários conhecidos em comum: advogados e juízes em Londres os quais Lauderback alternadamente exaltava, condenava e repudiava, em uma declamação de confiante opinião em que não cabiam interrupções nem respostas. Moody ouvira-o educadamente, mas a impressão que formou era desfavorável e ele deixara a cena desse primeiro encontro sem intenção alguma de repeti-lo. Ele viu que Lauderback era o tipo de homem que não se dava o trabalho de granjear a boa graça do outro cujas conexões não poderiam beneficiar as suas próprias.

Isso havia sido bem o contrário de sua expectativa; na verdade, Moody ficara muito surpreso em descobrir que suas naturais

simpatias alinhavam-se muito mais com as do diretor carcereiro, George Shepard, do que com as do político Lauderback. Moody encontrara Shepard apenas fugazmente, em uma assembleia pública na rua Revell, mas ele tomou o carcereiro por um homem que se mantinha refreado e que era infalivelmente cortês, não importasse quão fria e rígida fosse a expressão de sua cortesia. A suma do caráter de Shepard feita pelo concílio do Crown Hotel fora tão crítica quanto fora complacente a de Lauderback — o que apenas mostrava, pensou Moody, que um homem nunca deve crer na avaliação que um outro homem faz do ânimo de um terceiro. Pois o temperamento humano era um composto volátil de percepção e circunstância; Moody agora via que ele não poderia extrair o verdadeiro Shepard do relato de Nilssen mais do que poderia extrair o verdadeiro Nilssen do retrato que este fazia de Shepard.

— Veja só — disse ele agora, dando piparotes na mensagem dobrada —, até esta tarde, metade de mim acreditava que Staines ainda estava vivo. Talvez eu estivesse sendo tolo… mas eu acreditava mesmo que ele estava a bordo daqueles destroços, e eu acreditava que ele seria encontrado.

— Sim — disse Gascoigne.

— Mas agora me parece que ele pode estar morto, apenas. — Moody bateu seus dedos, ruminando. — E sumido para sempre, sem dúvida. Que maldição não saber a verdade! Daria qualquer quantia por um assento na sessão espírita da viúva hoje.

— Não apenas da viúva — disse Gascoigne. — Não se esqueça de que ela será auxiliada.

Moody balançou a cabeça.

— Não consigo crer que esse negócio seja do feitio da senhorita Wetherell.

— Ela teve o nome mencionado no jornal — apontou Gascoigne. — E não apenas seu nome: seu papel foi especificamente indicado. Ela será a assessora da viúva.

— Ora, o aprendizado dela foi extraordinariamente breve — disse Moody, com certa acidez. — Faz-se duvidar da qualidade do treinamento ou da qualidade do assunto.

A isso, Gascoigne abriu um sorriso imenso.

— A atividade de prostituta não seria o mistério original? — disse ele. — Talvez ela tenha estado em treinamento a vida toda.

Moody sempre se constrangia com conversas desse tipo.

— Sua antiga atividade é misteriosa no sentido próprio da palavra — admitiu ele, aprumando-se —, mas as artes femininas são naturais; elas não podem ser comparadas ao encantamento dos mortos.

— Oh, estou certo de que os truques de ambas as profissões são mais ou menos os mesmos — disse Gascoigne. — A prostituta é a própria senhora da persuasão, tal qual uma sibila deve ser persuasiva, caso queira ser acreditada… e você não se deve esquecer de que a beleza e a convicção são sempre persuasivas, seja quais forem os contextos em que apareçam. Ora, o feitio das fortunas de Anna não mudaram tão completamente. Você bem pode continuar a chamá-la de Madalena!

— Maria Madalena não era nenhuma clarividente — disse Moody com rigidez.

— Não — concordou Gascoigne, ainda sorrindo —, mas ela foi a primeira a dar com a tumba aberta. Foi ela quem jurou que a pedra foi arrastada. Cabe dizer que a notícia da ascensão veio primeiro como um juramento de mulher e que esse juramento foi, num primeiro momento, desacreditado.

— Ora, hoje à noite Anna Wetherell vai fazer seu juramento sobre a tumba de outro homem — disse Moody. — E nós não estaremos lá para desacreditá-la. — Ele juntou faca e garfo ainda mais retos, desejando que o garçom viesse levar seu prato embora.

— Nós podemos esperar pela festa — disse Gascoigne, mas a alegria havia sumido de sua voz. Ele também ficara excessivamente desapontado com a sua exclusão da comunhão iminente da viúva com os mortos. A exclusão irritava-o muito mais amargamente do que a Moody, pois ele sentia, como o primeiro amigo que Lydia Wells havia feito em Hokitika, que um lugar devia convenientemente lhe ter sido reservado. Mas Lydia Wells nunca o visitara desde a tarde de 27 de janeiro, tampouco o recebera, nem mesmo para o chá.

Moody ainda não havia conhecido nenhuma das mulheres formalmente. Ele as vislumbrara pendurando as cortinas nas janelas

dianteiras do antigo hotel, silhuetadas sombriamente, como bonecas de papel contra um vidro. Ao vê-las, sentiu um estremecimento bastante estranho de anseio — incomum a ele, pois não lhe era habitual invejar as relações que as mulheres travavam com as outras mulheres nem realmente pensar sobre elas com algum grande interesse. Mas, à medida que passava pela fachada ensombrecida do Wayfarer's Fortune e via seus corpos atrás do painel contorcido, ele desejou imensamente poder ouvir o que falavam. Desejou saber o que fazia Anna ruborizar, morder o lábio e levar a munheca à maçã do rosto, como que para verificar-lhe o calor; desejou saber o que fazia Lydia sorrir, sacudir as mãos e voltar as costas — deixando Anna com os braços cheios de tecidos e o peitilho do vestido todo cravado com alfinetes.

— Penso que está certo em duvidar da participação de Anna em tudo isso, ou ao menos pensar sobre isso — prosseguiu Gascoigne. — Eu tive a impressão, quando falei a ela sobre Staines pela primeira vez, que ela mantinha o rapaz em altíssima estima; até mesmo presumi que ela poderia gostar dele. E agora, a julgar por todas as aparências, ela está buscando lucrar com sua morte!

— Não podemos estar certos do grau de cumplicidade da senhorita Wetherell — disse Moody. — Depende inteiramente de seu conhecimento da fortuna escondida nos vestidos, e, portanto, da chantagem feita ao senhor Lauderback.

— Não se fez menção ao vestido laranja de nenhuma parte — disse Gascoigne. — Seria de esperar que a senhora Wells fosse mais ativa em tentar reavê-lo, caso Anna lhe tivesse contado que ele estava acondicionado debaixo da minha cama.

— A senhorita Wetherell deve presumir que o ouro foi pago ao senhor Mannering, como ela instruiu.

— Sim, ela deve — disse Gascoigne —, mas você não intuiria que, em todo caso, a senhora Wells prestaria uma visita a Mannering, para tentar reavê-lo? Não há interesses amorosos entre *eles*: ela e Mannering são velhos amigos dos tempos de jogatina. Não: penso ser muito mais possível que a senhora Wells permaneça inteiramente ignorante do vestido laranja… *e* de todos os outros.

— Hmm — disse Moody.

— Mannering não vai tocá-lo — disse Gascoigne — por medo do que poderia acontecer em suas costuras, e certamente eu não vou levar o vestido ao banco. Então ali ele fica. Debaixo da minha cama.

— Você chegou a avaliá-lo?

— Sim, embora não oficialmente: o senhor Frost veio examiná-lo. Algo em torno de cento e vinte libras, segundo ele.

— Ora, espero que, pelo bem da senhorita Wetherell, ela não tenha confiado na senhora Wells — disse Moody. — Assusto-me em pensar como a senhora Wells responderia a tal revelação a portas fechadas. Ela culparia apenas a Anna pela perda da fortuna. Estou certo disso.

Gascoigne subitamente deitou seu garfo.

— Acabo de pensar em algo — disse. — O dinheiro nos vestidos *transformou-se* no dinheiro no chalé. Então, caso a apelação da viúva seja concedida e ela receba a fortuna como sua herança, ela vai pegá-la toda de volta, menos o dinheiro do vestido laranja, é evidente. Ela vai acabar onde começou, afinal de contas.

— Pela minha experiência, as pessoas raramente se contentam em acabar onde começaram — disse Moody. — Se minha impressão de Lydia Wells estiver correta, penso que ela se sentirá assaz amarga por Anna ter estado em posse de todos aqueles vestidos, não importando quais tenham sido as intenções de Anna e não importando qual tenha sido o desenlace.

— Mas nós estamos bastante certos de que Anna não sabia do ouro que carregava; ao menos até muito recentemente.

— Senhor Gascoigne — disse Moody, levantando a mão —, apesar de minha juventude, possuo certo acúmulo de sabedoria sobre o sexo frágil e posso lhe dizer categoricamente que as mulheres não gostam quando outras mulheres usam suas roupas sem lhes pedir autorização.

Gascoigne riu. Animado por essa pilhéria, ele empenhou-se em concluir seu almoço com uma energia renovada e bom humor.

Não obstante a verdade da observação de Moody, deve-se reconhecer que seu acúmulo de sabedoria, como ele mesmo o cunhou, poderia ser chamado de empírico somente porque havia sido formado a partir da estreita observação de sua falecida mãe, de

sua madrasta e de suas duas tias maternas: para dizê-lo francamente, Moody nunca havia tido uma amante e não sabia muito sobre mulheres, salvo como abordá-las adequadamente e como dedicar-se a elas enquanto sobrinho e filho. Não havia sido a despeito das preferências naturais da juventude que o escopo da experiência mundana de Moody era pouco maior que um buraco de fechadura, através da qual ele vira, metaforicamente falando, apenas relances da alcova ensombrecida da maioridade que se situava além. Na verdade, ele topara com oportunidades abundantes de alargar essa abertura e, de fato, para abrir completamente a porta e atravessá-la, adentrando no mais privado e solitário dos quartos… mas ele declinara essas oportunidades com quase o mesmo desconforto e rija justeza com que ora revidava os gracejos retóricos de Gascoigne.

Quando ele contava vinte e um anos, uma noite de boemia em Londres havia-o levado, pelos usuais métodos e canais, a um pátio à luz de lampiões não longe do mercado de Smithfield. Esse pátio, de acordo com a declaração dos companheiros de colégio de Moody, era frequentado pelas mais elegantes das prostitutas — muito identificáveis devido às suas garibáldis vermelhas com botões de latão, à época o píncaro da moda parisiense, e, por essa razão, alarmantes às damas inglesas. Embora o estilo militar de seus casacos desse às mulheres uma aparência deliberada e óbvia, elas simulavam timidez, virando-se de modo que pudessem olhar para os homens por sobre a curva arredondada de seus ombros e flertassem, e abafassem risinhos, e apontassem as biqueiras de seus sapatos. Moody, observando-as, sentiu-se subitamente triste. Ele não podia deixar de pensar em seu pai — pois quantas vezes, ao longo dos anos da juventude de Moody, ele não havia cruzado com o homem em algum canto escuro da casa e percebido, em cima do colo do pai, uma completa estranha? Ela arquejava anormalmente, guinchava como um porco ou falava num tom estridente de voz que não era o seu, deixando para trás, sempre, aquele mesmo untuoso almíscar: o cheiro do teatro. Os companheiros de colégio de Moody arrecadavam suas moedas e cortavam palhinhas para tirar na sorte o primeiro privilegiado; silenciosamente, ele retirou-se do pátio, parou um cabriolé e

recolheu-se a seu quarto. Era uma questão de orgulho para ele, por conseguinte, saber que não fizera como seu pai fazia; saber que ele não seria uma presa dos vícios do pai; saber que ele seria um homem melhor. Ainda assim, quão fácil teria sido — contribuir com sua moeda, pegar seu palito e escolher uma das raparigas de vermelho para seguir até a alcova pavimentada no lado sombrio da igreja! Seus companheiros de colégio supuseram que ele tinha voltado suas atenções para uma vocação clerical. Eles se surpreenderam, alguns anos depois, quando Moody inscreveu-se no Inner Temple e começou a estudar para a Ordem.

Foi portanto com uma ignorância muito bem dissimulada que Moody representou o papel de interlocutor de Gascoigne, Clinch, Mannering, Pritchard e de todos os outros quando falavam de Anna Wetherell e da estima com que a tinham como prostituta. Os murmúrios afinados de Moody de “Naturalmente!”, “É claro!”, “Exatamente!” combinavam com uma rigidez de postura sempre que o nome de Anna era mencionado, indicando a esses homens meramente que Moody ficava desconfortável com as mais francas verdades da natureza humana e que ele preferia, como boa parte dos homens de posição social elevada, manter seus assuntos mundanos para si mesmo. Observamos que uma das grandes características da discrição é que ela pode mascarar a ignorância de todas as mais comuns e modestas variedades, e Walter Moody nada mais era que excessivamente discreto. A verdade era que ele nunca trocara duas palavras com uma mulher da profissão ou da experiência de Anna Wetherell, e mal saberia como abordá-la — ou sobre que assunto falar — caso lhe surgisse a oportunidade.

— E é claro — disse ele agora —, devemos nos animar com o fato de que o baú da senhorita Wetherell não a seguiu até o Wayfarer’s Fortune.

— Não seguiu? — disse Gascoigne, surpreso.

— Não. Os vestidos forrados com chumbo permanecem no Gridiron, junto a seu cachimbo, sua lâmpada de vaporização de ópio e outros itens variados; ela nunca mandou buscá-los.

— E o senhor Clinch não levantou essa questão?

— Não — disse Moody. — É animador, penso eu: seja qual for o papel que a senhorita Wetherell represente no desaparecimento

do senhor Staines, e seja qual for o papel que irá representar na ridícula sessão espírita desta noite, nós pelo menos podemos nos assegurar de que ela não confiou na senhora Wells totalmente. Amparo-me nisso.

Ele procurou pelo garçom, pois Gascoigne havia terminado de comer e ele desejava liquidar a conta tão rápido quanto possível, de modo que pudesse retornar ao Crown e desfazer seu baú finalmente.

— Você está ansioso por partir — observou Gascoigne, limpando a boca com o guardanapo de mesa.

— Perdoe-me a grosseria — disse Moody. — Não estou cansado de sua companhia, mas estou deveras ansioso por encontrar meus pertences. Não troco de casaco há algumas semanas, e ainda não sei o quanto meu baú sobreviveu à tempestade. É possível que todas as minhas roupas e documentos estejam destruídos.

— Que estamos esperando? Vamos, imediatamente — disse Gascoigne, para quem aquela explicação era totalmente sensata, mas também um tanto quanto libertadora. Gascoigne muito temia que sua companhia fosse cansativa, e ele sempre se afligia muito quando um homem a quem respeitava demonstrava enfado. Insistiu em liquidar ele mesmo a conta, enxotando Moody à maneira de uma governanta indulgente; assim que isso fora concluído, os dois amigos pisaram na ruidosa balbúrdia da rua Revell, por onde passava um grupo de mineiros alegremente. Atrás deles ouviu-se o grito de um agrimensor no lombo de um cavalo, controlando-o, e acima deles, o sino solitário da capela Metodista Wesleyana, que dobrava a hora uma, duas vezes. Elevando sua voz acima desse barulho — o rangido das rodas de um trole, o estalido da lona, risadas, marteladas, a voz esganiçada de uma mulher chamando por um homem —, os dois amigos desejaram-se boa-tarde e apertaram-se as mãos muito calorosamente ao se separar.

O mal menor

Em que determinados fatos-chave são contestados; Francis Carver é descortês; e Löwenthal é incitado a falar o que pensa.

Era um costume de Löwenthal, quando uma carta de acusação inflamada era enviada ao *West Coast Times*, contatar todos os lados envolvidos antes que o jornal fosse para a prensa. Ele julgava correto dar aviso prévio a qualquer homem prestes a ser massacrado, pois o tribunal da opinião pública em Hokitika era um tribunal de julgamento severo, e podia-se arruinar uma reputação da noite para o dia; para cada homem assim ameaçado, ele oferecia um convite para redigir uma réplica.

A petição prolixa e assaz fortuita de Alistair Lauderback dirigida ao descuidado profissionalismo do diretor Shepard não era exceção a essa regra, e, após lê-la inteira, Löwenthal sentou-se imediatamente para fazer uma cópia do documento. A cópia, iria compô-la nos tipos; o original, levaria ao acampamento de polícia, para mostrar diretamente ao carcereiro — pois Shepard certamente gostaria de defender-se de várias maneiras, e ainda era cedo o bastante para que sua réplica fosse incluída, como resposta a Lauderback, na edição de segunda-feira do *Times*.

Löwenthal franzia o cenho enquanto arranjava seus apetrechos de escrita. Ele sabia que a informação sobre o investimento privado de Shepard só poderia ter vazado de um dos doze homens do Crown, o que significava que alguém — lamentavelmente — havia quebrado seu voto de silêncio. Até onde Löwenthal sabia, o único homem que tinha qualquer espécie de amizade com Alistair Lauderback era seu amigo Thomas Balfour. Foi com o coração pesado que o jornalista pegou uma folha nova de papel, desatarraxou a tampa do tinteiro e mergulhou sua pena. “Tom”, pensou ele, com certa admoestação, “Tom”. Ele balançou a cabeça e suspirou.

Löwenthal estava copiando o último parágrafo de Lauderback quando foi despertado pelo som da campainha. Imediatamente ele parou, pousou a caneta no mata-borrão e cruzou a oficina, com seu rosto já relaxando até um sorriso de boas-vindas — o qual se congelou, ainda que ligeiramente, quando ele viu quem estava de pé na soleira.

O intruso trajava uma sobrecasaca cinza comprida com lapelas de veludo e punhos de veludo virados; a sobrecasaca era feita dum trançado estreito de alguma variedade brilhante e viscosa como pele de foca, que se transformava numa cor oleosa quando ele se movia. Sua gravata estava abarrotada bem alta em seu pescoço, e as lapelas de seu colete de gola xale estavam viradas nas extremidades, aumentando o volume de seus ombros e a espessura de seu pescoço. Havia um tom grave em suas feições, como se houvessem sido escavadas em algum tipo de mineral: algo bruto, elementar e grosseiramente granulado, que não poderia ser polido e que pesava muito. A boca era grande, e o nariz, achatado; a testa projetava-se retangularmente. Sobre a bochecha esquerda havia uma cicatriz fina, de matiz prateado, que se arqueava do extremo canto do olho até a mandíbula.

A hesitação de Löwenthal foi somente momentânea. No instante seguinte ele irrompeu adiante, limpando as mãos no avental e sorrindo à larga; quando suas mãos estavam limpas, ele estendeu ambas ao seu visitante e disse:

— Senhor Wells! Bom vê-lo novamente. Seja bem-vindo de volta a Hokitika.

Francis Carver estreitou os olhos, mas não mordeu a isca.

— Quero pôr um anúncio — disse. Ele não cruzou as fronteiras do território do outro homem; permaneceu à porta, mantendo uma distância de oito pés entre eles.

— Certamente, certamente — disse Löwenthal. — E devo dizer: estou honrado e grato por você ter procurado uma segunda vez os serviços de meu jornal. Eu lamentaria muito perder a clientela de qualquer homem devido a um erro meu.

Carver nada disse novamente. Ele não tirara o chapéu, nem indicara que o faria.

Mas o jornalista não se intimidou ante a insolência de Carver. Sorrindo muito vivamente, ele disse:

— Mas não falemos de dias passados, senhor Wells; falemos do hoje! Deve me dizer o que posso fazer por você.

Um acesso de irritação obscureceu o rosto de Carver finalmente.

— Carver — corrigiu ele. — Meu nome não é Wells.

Satisfeito, Löwenthal entrelaçou as mãos. Os dois primeiros dedos da sua mão direita estavam manchados de tinta escura, o que criava um curioso efeito listrado quando juntava os dedos — como se suas duas mãos pertencessem a criaturas diferentes, uma negra, a outra castanho-amarelada.

— Talvez esteja falha a minha memória — disse ele —, mas acredito me lembrar de você muito vividamente. Você esteve aqui cerca de um ano atrás, não foi? Você tinha uma certidão de nascimento. Você pôs um anúncio sobre um caixote de transportes extraviado, pelo qual oferecia algum tipo de recompensa. Houve uma confusão quanto ao seu nome, eu me lembro. Eu cometi um erro na impressão, omitindo seu nome do meio, e você retornou na manhã seguinte, para acusar o erro. Creio que sua certidão continha o nome Crosbie Francis Wells. Mas, por obséquio: eu o confundi com outro homem?

Novamente Carver não respondeu.

— Sempre ouvi dizer — acrescentou Löwenthal após um momento — que eu tenho uma memória notavelmente boa.

Ele se arriscava, falando impertinentemente… mas talvez Carver fosse arrastado. A expressão de Löwenthal permaneceu prazenteiramente impassível. Ele aguardou o outro homem falar.

Löwenthal sabia que Carver estava hospedado no Palace Hotel, de onde ele conduzia o infeliz empreendimento de reboque para a terra dos destroços da *Godspeed*. De certo esse projeto seria empreendido maliciosamente e com muita restrição caso Carver estivesse se esforçando para ocultar um homem assassinado a bordo de um navio naufragado. Mas, segundo todos os relatórios — incluindo o do agente portuário Thomas Balfour —, Carver tinha sido muito acessível em seu empreendimento. Ele submetera um inventário do porão ao capitão do porto; ele se encontrara com

encarregados de cada uma das firmas de remessas de Hokitika, a fim de liquidar-lhes as faturas; e havia várias vezes remado ele mesmo até os destroços, acompanhado de carpinteiros navais, comerciantes de salvamentos e afins.

— Meu nome não é Wells — disse Carver por fim. — Aquilo foi em nome de outra pessoa. Agora não importa mais.

— Peço-lhe perdão — disse Löwenthal suavemente. — Então o senhor Crosbie Wells havia perdido um caixote de transportes e você o estava ajudando a recuperá-lo.

Uma pausa e, em seguida:

— Sim.

— Ora, então espero que tenham tido êxito nesse projeto! Creio que o caixote foi afinal devolvido a ele?

Carver repuxou a cabeça em aborrecimento.

— Não importa — disse ele. — Já disse.

— Mas eu seria omisso — disse Löwenthal — se eu não lhe oferecesse minhas condolências, senhor Carver.

Carver estudou-o.

— Muito me entristeceu saber da morte do senhor Wells — continuou Löwenthal. — Nunca tive o prazer de conhecê-lo, mas, segundo o que dizem, ele era um cidadão decente. Oh, eu espero não ter sido o homem a lhe trazer essa má notícia de que seu conhecido faleceu.

— Não — disse Carver novamente.

— Fico satisfeito com isso. Como se conheceram?

O acesso de irritação retornou.

— Velhos amigos.

— De Dunedin, talvez? Ou de antes?

Carver não parecia inclinado a responder a isso, então Löwenthal prosseguiu:

— Bem, julgo ser um grande conforto a você saber que ele morreu em paz.

A boca de Carver se crispou. Após um momento, ele irrompeu:

— O que é morrer *em paz*?

— Morrer enquanto se dorme, em nossa própria casa? Ouso dizer que é o melhor que qualquer um de nós pode esperar. — Löwenthal sentiu que havia ganhado algum terreno. Ele

acrescentou: — Embora tenha sido uma grande pena a esposa dele não estar presente em seu falecimento.

Carver deu de ombros. Qualquer ímpeto súbito que houvesse provocado essa irrupção já fora asfixiado tão subitamente quanto surgira.

— Casamento é coisa íntima de um homem — disse ele.

— Não poderia concordar mais — disse Löwenthal. Ele sorriu. — Você por acaso conhece a senhora Wells?

Carver emitiu um ruído inescrutável.

— Tive o prazer de conhecê-la, mas apenas brevemente — continuou Löwenthal, infatigavelmente. — Pretendo comparecer ao Wayfarer's Fortune esta noite… como um cético, é claro, mas com a mente aberta. Devo esperar vê-lo lá?

— Não — disse Carver —, não deve.

— Talvez seu ceticismo em relação às sessões espíritas exceda até mesmo o meu!

— Não tenho opinião sobre sessões espíritas — disse Carver. — Tanto posso estar lá quanto posso não estar.

— Em todo o caso, espero que a senhora Wells tenha recebido seu retorno a Hokitika com *muita* alegria — disse Löwenthal, cujas artimanhas conversacionais estavam se tornando de fato tênues. — Sim, estou certo de que ela deve ter ficado *muito* feliz em saber que você retornou!

Carver agora não disfarçava seu incômodo.

— Por quê? — disse ele.

— Por quê? — disse Löwenthal. — Por causa de todo o burburinho em torno do espólio, é claro! Porque os procedimentos legais foram cessados precisamente devido à certidão de nascimento de Wells! Ela não se encontra em lugar nenhum!

A voz de Löwenthal soou bem mais alta do que ele almejara, e por um breve momento ele se preocupou quanto a ter talvez exagerado a mão. O que ele dissera era perfeitamente verdadeiro e, ademais, era de conhecimento público: a apelação da senhora Wells para revogar a venda do espólio de Wells ainda não fora ouvida pela Corte dos Magistrados porque nenhuma documentação que sobrevivera ao falecido poderia servir como prova de sua verdadeira identidade. Lydia Wells aportara a Hokitika vários dias

depois de seu marido ter sido enterrado, e portanto não identificara seu corpo; salvo com a exumação (o Magistrado rogara o perdão da viúva) não havia, aparentemente, maneira alguma de provar que o eremita que morrera no vale Arahura e o senhor Crosbie Wells que assinara a certidão de casamento com a senhora Wells eram a mesma pessoa. Dada a enormidade da herança em questão, o Magistrado julgou prudente atrasar os procedimentos da corte até que se chegasse a uma conclusão mais definitiva — pronunciamento pelo qual a senhora Wells ficou-lhe muito grata. Ela assegurou-o de que sua paciência era da mais resoluta variedade feminina e de que ela esperaria, o quanto fosse necessário, pelo pagamento da dívida em haver (assim ela concebia a herança) a ela.

Porém, Carver não se exasperou; ele apenas fitou o diretor de cima a baixo e então disse, numa voz de ríspida indiferença:

— Eu quero pôr uma nota no *Times*.

— Sim, é claro — disse Löwenthal. Seu coração batia rapidamente. Arrastando uma folha de papel diante de si, ele disse: — O que é que deseja vender?

Carver explicou que o casco da *Godspeed* logo seria desmantelado e que, antes desse evento, ele gostaria de vender suas partes no leilão de sexta-feira, aos cuidados da Glasson & Rowley Salvamentos. Ele passou suas instruções muito concisamente. Nenhuma parte deveria ser vendida antes do leilão. Nenhum privilégio seria concedido e nenhuma correspondência seria firmada. Todas as solicitações seriam direcionadas, por correio, ao senhor Francis Carver, no Palace Hotel.

— Veja que estou tomando nota cuidadosamente — disse Löwenthal. — Não vou cometer o erro de omitir nenhuma parte do seu nome, não dessa vez! Diga-me: suponho que você e Crosbie sejam parentes?

A boca de Carver se crispou novamente.

— Não.

— É verdade que Francis é um nome muito comum — disse Löwenthal, assentindo. Ele ainda tomava nota do nome do hotel de Carver e não olhou para cima por vários segundos; quando ele o

fez, no entanto, viu que a expressão de Carver havia se azedado ainda mais.

— Qual é o *seu* nome? — exigiu Carver, acentuando o fato de que ele não se dera o trabalho de usar o nome do outro até agora. Quando Löwenthal respondeu, Carver assentiu lentamente, como se confinasse o nome no coração. Então disse: — E por que você não cala essa maldita boca?

Löwenthal ficou perplexo. Ele recebeu o pagamento pelo anúncio e redigiu o comprovante de Carver em silêncio — escrevendo as palavras muito lenta e cuidadosamente, mas com mão firme. Era a primeira vez que ele havia sido insultado em seu próprio escritório, e esse choque foi tamanho, que ele não pôde responder de imediato. Ele sentiu uma euforia crescer dentro dele; uma pressão; um som eufórico e ribombante. Löwenthal era o tipo de homem que se tornava quase violento quando era humilhado. Em seu peito, ele sentiu um rebuliço marcial que era triunfante, até agradável, tal como se um chamado às armas muito aguardado houvesse soado ao alcance de sua mão e ele mesmo sentisse a particular ressonância retumbando em sua caixa torácica, retumbando em seu sangue.

Carver havia pego o comprovante. Ele se virou e fez menção de deixar a oficina sem nem sequer agradecer Löwenthal ou desejar-lhe adeus — uma descortesia que deu vazão a uma onda de injúria no peito de Löwenthal: ele não podia mais se conter. Ele irrompeu:

— Você tem muito o que explicar, dando suas caras por aqui!

Carver estacou, a mão na maçaneta.

— Depois do que fez a Anna — disse Löwenthal. — Fui eu quem a encontrou, saiba disso. Toda ensanguentada. Isso não é maneira de tratar uma mulher. Não me importa o que ela seja. Isso não é maneira de tratar uma mulher, ainda menos quando ela está grávida e tão perto de dar à luz!

Carver não respondeu.

— Passou a um fio de cabelo de configurar duplo homicídio. Sabia disso? — Löwenthal sentiu sua raiva atingir as raias da ira. — Você viu como ela ficou? Você a viu quando os hematomas estavam indo embora? Você sabia que ela teve que usar uma bengala por duas semanas? Apenas para conseguir *andar*! Sabia disso?

Finalmente Carver disse:

— As mãos dela não estavam limpas.

Löwenthal quase riu.

— Quê? Então ela deixou *você* numa poça de sangue? Ela o espancou até *você* perder os sentidos? Como é mesmo a frase? “Olho por olho, dente por dente”?

— Eu não disse isso.

— Ela matou seu filho? Ela matou seu filho, por isso você matou o dela? — Löwenthal estava quase berrando. — Diga a verdade, homem! Diga!

Mas Carver continuava impassível.

— Eu quis dizer que ela não é flor que se cheire.

— *Flor* que se cheire! Agora só falta dizer que foi ela quem aprontou tudo isso… que ela mereceu tudo isso!

— Sim — disse Francis Carver. — Ela teve o que pediu.

— Você tem poucos amigos em Hokitika, senhor Carver — disse Löwenthal, apontando seu dedo manchado de tinta para o outro homem. — Anna Wetherell pode ser uma prostituta comum, mas ela é prestigiada por muitod mais homens nesta cidade do que você poderia enfrentar, armado ou não, e deve ter isso em mente. Se algum mal acontecer a ela… já o deixo avisado… se algum mal…

— Não pelas minhas mãos — disse Carver. — Eu não tenho mais nada com ela. Já quitei minhas dívidas.

— Suas *dívidas*! — Löwenthal cuspiu no chão. — Você quer dizer o bebê? Seu próprio filho, morto antes de respirar pela primeira vez! É a isso que chama de dívidas?

Mas subitamente Carver estava olhando para ele com uma expressão assaz divertida.

— Meu próprio filho? — repetiu ele.

— Vou lhe dizer uma coisa, embora não tenha me perguntado — gritou Löwenthal. — Seu bebê está morto. Está me ouvindo? Seu próprio filho, morto antes de respirar pela primeira vez! E pelas suas mãos!

E então Carver riu — asperamente, tal como se limpasse algo entalado em sua garganta.

— Aquela puta não carregava nenhum filho *meu* — disse ele. — Quem lhe disse isso?

— A própria Anna — disse Löwenthal, sentindo um clarão de receio pela primeira vez. — Você nega?

Carver riu de novo.

— Eu não botaria a mão naquela garota nem com um arpão — disse ele, e, antes que Löwenthal pudesse replicar, ele já havia ido embora.

Sol em Aquário

Em que Sook Yongsheng faz outra visita inesperada; Lydia Wells tem uma ideia muito profética; e Anna se encontra sozinha.

Anna Wetherell não visitara o antro de ópio em Kaniere desde a tarde de 14 de janeiro. A meia onça de resina fresca com que Sook Yongsheng lhe presenteara naquela tarde teria durado não mais que duas semanas, a julgar pela frequência habitual de consumo de Anna. Mas um mês já havia se passado, e Anna não retornara a Kaniere sequer uma vez para dividir um cachimbo com seu velho companheiro ou para reabastecer seus suprimentos — uma ausência para a qual Ah Sook não encontrava qualquer tipo de explicação razoável.

O faiscador sentia muito a falta das visitas da prostituta. Toda tarde ele esperava, em vão, que ela aparecesse na extremidade da clareira além dos limites da Chinatown de Kaniere com o gorro caído às costas, e toda tarde ele ficava desapontado. Ele supusera que ela tinha parado de usar ópio completamente: ou isso, ou ela decidira adquirir a droga diretamente do boticário. Essa última alternativa teria sido a mais dolorosa a Ah Sook, pois ele ainda suspeitava de que Joseph Pritchard tivera participação em engendrar a overdose de Anna na noite do dia 14: ele ainda acreditava, a despeito de muitas garantias do contrário, que Pritchard tentara, por alguma razão, acabar com a vida de Anna. Mas de fato era a primeira alternativa a mais difícil para Ah Sook suportar. Ele simplesmente não conseguia acreditar — não *queria* acreditar — que Anna havia conseguido se livrar, de uma vez por todas, de seu vício.

Ah Sook se afeiçoara muito a Anna, e ele acreditava que ela também havia se afeiçoado a ele. Ele sabia, no entanto, que a intimidade entre eles era menos uma união que um isolamento compartilhado — pois não há relação tão íntima quanto aquela entre o viciado e a droga, e ambos sentiam esse isolamento assaz

agudamente. Ah Sook abominava sua própria dependência ao ópio, e quanto mais a abominava, mais sua fissura pela droga se fortalecia, assumindo uma forma asquerosa em seu coração e em sua mente. Anna também havia abominado seu próprio hábito. Ela o abominara ainda mais quando começou a surgir sua barriga, seu ofício em Hokitika minguou e ela se abandonou a dias de fumaça crepuscular, um pedaço de tempo, que ia se suavizando nas bordas e ficava borrado, até que o bebê morreu, e a dependência de Anna se tornou um desespero que nem mesmo Ah Sook ousara tentar entender. Ele não sabia como o bebê morrera, e não perguntara.

No antro de Kaniere, eles nunca falavam — não enquanto acendiam a lâmpada de vaporização, não enquanto se deitavam, não enquanto esperavam que a resina amolecesse e borbulhasse no bojo do cachimbo. Às vezes Anna enchia primeiro o cachimbo de Ah Sook e segurava-o para ele enquanto ele sorvia a fumaça para dentro do corpo, respirava e exalava-a — apenas para despertar, mais tarde, e encontrá-la estatelada ao lado dele, maleável e pegajosa, seus cabelos colados nas bochechas. Ao acender do cachimbo era importante que nenhuma palavra fosse dita, e agradava a Ah Sook eles terem adotado essa prática sem nenhum tipo de negociação ou exigência. Tal qual o ato conjugal não pode ser abordado em voz alta tanto por razões sagradas como profanas, o ritual do cachimbo era, para ambos, um ritual sagrado que era inefável e constrangedor, assim como extasiante e divino: sua sacralidade residia em sua própria profanidade, e sua profanidade, em sua forma sagrada. Pois que regozijo solene era esperar em silêncio a resina derreter; ansiar por ela, vergonhosamente, espantosamente, enquanto seu doce aroma lhes chegava ao nariz; puxar a agulha através da pedra; cortar a chama, deitar-se e inspirar a fumaça, senti-la, milagrosa, tomando todas as extremidades, os dedos das mãos e dos pés, o topo da cabeça! E como ele olhava ternamente para ela quando acordavam!

Na tarde da sessão espírita da viúva (era um domingo — um agendamento provocador da parte da sra. Wells, do qual ela estava muito ciente), Ah Sook se sentava no trecho retangular de claridade que cruzava a soleira de sua cabana, raspando o bojo de seu cachimbo de ópio, cantarolando entredentes e pensando em Anna.

Tal tinha sido sua ocupação por quase uma hora, e o bojo já estava limpo havia tempos. Sua faca não mais revolvia o pó avermelhado deixado pela goma de ópio queimada; a câmara comprida do cachimbo estava desobstruída. Mas o movimento redundante se equiparava à redundância de seus pensamentos repetitivos e o ajudava a se tranquilizar.

— *Ah Quee faat sang me si aa?*

Tong Wei, um rapaz imberbe de trinta anos, o observava do outro lado da clareira. Ah Sook não respondeu. Ele prometera não falar a homem nenhum sobre o conselho no Crown Hotel ou sobre os eventos que o precederam.

O rapagão persistiu.

— *Keoi hai mai bei yan daa gip aa?*

Ah Sook nada disse mais uma vez, e logo Tong Wei desistiu, murmurando seu descontentamento, e se esgueirou na direção do rio.

Ah Sook permaneceu sentado por muito tempo após a saída do rapagão e então, subitamente, ele se recostou, resmungou uma imprecação e guardou sua faca. Era infernal passar os dias esperando por ela, pensando nela, imaginando. Ele não suportava. Ele viajaria a Hokitika naquela mesma tarde e exigiria uma audiência com ela. Partiria imediatamente. Embrulhou seu cachimbo e seus utensílios, pôs-se de pé e entrou para pegar sua sobrecasaca.

Ah Sook entendera somente uma parte do que fora discutido no salão de fumantes do Crown Hotel três semanas antes. Confuso, ele não recebera ajuda alguma de seu compatriota, pois o inglês de Ah Quee era ainda mais limitado que o seu, nem de nenhum dos outros homens do Crown, cuja paciência coletiva se desgastava muito com qualquer pedido de esclarecimento vindo de homens chineses. A narração de Balfour havia sido muito veloz e cheia de toques poéticos para que fosse prontamente entendida por um ouvido estrangeiro, e tanto Ah Sook quanto Ah Quee deixaram a assembleia no Crown com um entendimento apenas parcial do que havia sido discutido.

Os pontos cruciais de desconhecimento eram os seguintes. Ah Sook não sabia que Anna Wetherell abandonara o quarto do

Gridiron Hotel e tinha ido morar com Lydia Wells. Ele também não sabia que Francis Carver era o capitão do navio *Godspeed*, a embarcação que fora a pique no banco de areia de Hokitika. Quando a assembleia no Crown se dispersou, logo após a meia-noite, Ah Sook não seguiu os outros homens à restinga de Hokitika para examinar o naufrágio: desventuras de navegação não o interessavam, e ele não gostava de vagar pelas ruas de Hokitika após o anoitecer. Em vez disso, ele retornara a Kaniere, onde permanecera desde então. Por conseguinte, ele ainda acreditava que Francis Carver zarpara havia cerca de um mês para Cantão e não voltaria a Hokitika por um bom tempo. Thomas Balfour, que, para começo de conversa, se esquecera completamente de transmitir a ocorrência desse equívoco a Ah Sook, não se preocupara em desfazer o mal-entendido

No momento em que os sinos batiam as três e meia da tarde, Ah Sook galgava os degraus da varanda do Gridiron Hotel. Na bancada da recepção, ele pediu uma audiência com Anna Wetherell, pronunciando seu nome com gravidade e satisfação, como se o encontro houvesse sido agendado com muitos meses de antecedência. Ele tirou um xelim para mostrar que estava disposto a pagar pelo privilégio de conversar com a prostituta, e então fez uma profunda mesura, como um gesto de respeito. Ele se lembrava de Edgar Clinch do conselho secreto e julgou-o, portanto, ser um homem decente e sensato.

Clinch, no entanto, apenas balançou a cabeça. Ele gesticulou, repetidamente, em direção ao recém-lavado Wayfarer’s Fortune, no lado oposto da rua Revell, e falou uma torrente de palavras; quando Ah Sook não entendeu, Clinch conduziu-o pelo ombro até a rua, apontou para o hotel defronte e explicou, mais lentamente, que Anna agora se hospedava lá. Afinal Ah Sook vislumbrou um ímpeto de movimento na janela da frente do antigo hotel e percebeu que a figura atrás do vidro era Anna; satisfeito, fez uma segunda reverência a Clinch, recuperou seu xelim da mão do homem e embolsou-o. Em seguida, cruzou o passeio público, galgou os degraus da varanda do Wayfarer’s e bateu perspicazmente na porta.

Anna devia estar no vestíbulo, pois abriu a porta dentro de segundos. Ela surgiu, como lhe era de hábito ultimamente, na

postura distraída de uma acompanhante de damas, cheia de enfado e desaprovação, mantendo uma mão sobre a moldura da porta, como se estivesse pronta para fechá-la imediatamente. (Ao longo das três últimas semanas ela recebera vários visitantes: mineiros melancólicos, em maioria, que sentiam sua falta no Pó e Pepita durante as noites. Eles imploravam para lhe pagar uma garrafa de champanhe, brandy ou cerveja e jogar conversa fora em um dos salões bem-iluminados ao longo da rua Revell — mas seu pleito não surtia efeito: Anna apenas balançava a cabeça e fechava a porta.) Quando viu quem estava na soleira, no entanto, ela escancarou a porta e emitiu uma exclamação de surpresa.

Ah Sook também estava surpreso; por um momento ele simplesmente a encarou. Depois de tantas semanas rememorando seu corpo, ei-la agora! Ela estava realmente tão mudada? Ou sua memória era tão imperfeita, que ela parecia ser, de pé à porta, uma mulher totalmente diferente daquela com quem despendera tantas tardes de luxo, com a fria luz do inverno caindo de viés pelo quadrado da janela e a fumaça serpenteando por entre seus corpos, em caracóis? Seu vestido era novo: preto, de modelo muito severo. Mas não era apenas um vestido novo, pensou Ah Sook. Era uma mulher completamente diferente.

Ela estava sóbria. Suas bochechas mostravam um novo lustre e seus olhos estavam mais claros, maiores e mais ligeiros. O jeito visguento de seus movimentos havia desaparecido — e tinha desaparecido, também, a gaze levemente onírica que sempre recobrira suas feições, como um véu. Tinham desaparecido o meio sorriso vago, o canto fremente de sua boca, a pasma confusão — como se ela estivesse a par, sempre, de algum pequeno aturdimento que ninguém mais podia ver. No momento seguinte, a perplexidade de Ah Sook deu lugar à amargura. Então era verdade. Anna havia se livrado do dragão do ópio. Ela havia se curado — quando ele próprio o havia tentado ao longo de uma década, permanecendo sempre escravo daquela disforme criatura.

Anna fez um rápido movimento de aperto com a mão, como se desejasse escorar-se no batente da porta. Num sussurrar, ela disse:

— Mas você não pode entrar, você não pode entrar, Ah Sook.

Ah Sook aguardou um momento antes de fazer sua mesura, pois ele confiava nas primeiras impressões que causava e queria fazer essa impressão durar. Ela estava muito mais magra do que ele conseguia se recordar: ele conseguia ver os ossos de seu pulso muito claramente, e suas bochechas haviam afundado.

— Boa tarde — disse.

— O que você quer? — sussurrou Anna. — Sim, boa tarde. Você sabe que não estou mais usando ópio. Você sabia disso?

Ele espreitou-a.

— Três semanas — ela acrescentou, como que para convencê-lo. — Eu não fumo um cachimbo há três semanas.

— Como? — disse Ah Sook.

Ela balançou a cabeça.

— Você precisa entender: eu não sou a mesma de antes.

— Por que não ir mais Kaniere? — disse Ah Sook. Ele não sabia como dizer que sentia a falta dela; que toda tarde antes de ela chegar, ele costumava arrumar com perfeição as almofadas no sofá-cama, ordenar seus pertences e garantir que suas roupas estivessem asseadas, e sua trança, amarrada; que, enquanto a observava dormir, ele com frequência quase sufocava de júbilo; que ele às vezes estendia a mão e a deixava pairar a cerca de uma polegada do peito dela, tal como se pudesse sentir a suavidade de sua pele naquele espaço fumegante entre sua carne e a dela; que às vezes, após ela usar seu cachimbo, ele esperava algum tempo antes de usar o seu próprio, a fim de que pudesse observá-la e fixar sua figura na mente, para lembrar.

— Não posso mais ir vê-lo — disse Anna. — Você não devia estar aqui. Eu não posso ir.

Ah Sook estudou-a, tristemente.

— Não vai mais fumar?

— Não mais — disse Anna. — Não vou mais fumar, e não vou mais a Kaniere.

— Por quê?

— Não posso explicar. Não aqui. Eu parei, Ah Sook. Eu parei completamente.

— Não tem mais dinheiro? — disse Ah Sook, tentando entender. Ele sabia que Anna havia contraído uma dívida enorme.

Ela devia um bocado de dinheiro a Dick Mannering, e a dívida crescia a cada dia. Talvez ela não conseguisse mais comprar a droga. Ou talvez ela não tivesse mais tempo para fazer a viagem, para usar a droga.

— Não se trata de dinheiro — disse Anna.

Precisamente neste momento uma voz feminina chamou por Anna, vinda de dentro do hotel, e perguntou, num tom de impaciente condescendência, se podia saber o nome e o propósito do visitante à porta.

Anna virou o queixo para o lado mas não tirou os olhos de Ah Sook.

— É apenas um china que eu conhecia — gritou ela. — Não é nada.

— Ora, o que ele quer?

— Nada — gritou Anna novamente. — Ele apenas quer vender algo.

Fez-se silêncio.

— Eu trazer para você aqui? — disse Ah Sook. Ele juntou as mãos em concha e as estendeu para ela, indicando que se dispunha a lhe entregar em pessoa a resina.

— Não — sussurrou Anna. — Não, você não pode fazer isso. Não vai adiantar. Eu apenas… a questão é que… eu não consigo mais sentir.

Ah Sook não entendeu isso.

— Última pedra — disse ele, referindo-se à meia onça com que ele a presenteara na tarde de sua quase morte. — Última pedra estar azarada?

— Não — principiou Anna, mas, antes que ela pudesse discorrer, ouviram-se passos ligeiros no corredor e uma segunda mulher surgiu ao lado de Anna.

— Boa tarde — disse a mulher. — Que é que está vendendo? Pode deixar, Anna — e de imediato Anna se desvaneceu porta adentro.

Ah Sook também recuara um passo — mas mais chocado que submisso, pois esta era a primeira vez que ele via Lydia Greenway em quase treze anos. A última vez que deitara os olhos sobre ela fora — quando? — no tribunal de Sydney, ela na plateia, ele no

banco dos réus; ela, ruborizada, abanando-se com um leque de pau de sândalo bordado, cujo perfume flutuava até atingi-lo, fazendo com que se lembrasse, num arroubo de emoção, do armazém de sua família na orla de Kwangchow e das caixas de pau de sândalo nas quais os mercadores empacotavam seus rolos de seda, antes das guerras. Ela usava um vestido verde pálido — disso ele se lembrava bem — e um gorro coberto de fitas; ela mantivera o rosto perfeitamente grave ao longo do julgamento. Seu depoimento, quando o proferiu, fora curto e objetivo. Ah Sook não entendera uma só palavra, salvo quando ela apontou diretamente para ele, evidentemente para identificá-lo no tribunal. Quando Ah Sook foi absolvido do assassinato, ela não esboçou nenhum tipo de emoção: apenas levantou-se, em silêncio, e deixou a sala sem olhar para trás. Mais de doze anos haviam se passado desde então! Mais de doze anos — e ainda assim lá estava ela, monstruosamente presente, monstruosamente inalterada! Seus cabelos acobreados estavam claros como nunca; sua pele estava fresca e muito pouco enrugada. Ela estava tão corpulenta e roliça quanto Anna estava esquálida.

No momento seguinte, suas feições também se abrandaram — o que era incomum, pois as expressões de Lydia eram maliciosamente cuidadas, e ela não gostava de demonstrar surpresa — e seus olhos se arregalaram.

— Eu conheço este homem — disse ela, num tom de aturdimento. Ela levou a mão à garganta. — Eu o conheço.

Anna olhou de Ah Sook para a sra. Wells, e dela para ele.

— Como? — disse ela. — Não de Kaniere!

Ah Sook adquirira uma película de transpiração acima do lábio superior. Ele nada disse, no entanto, e fez meramente uma mesura; talvez assim elas pensassem que ele não as podia entender. Ele voltou-se para Anna, sentindo que, se mantivesse contato visual com Lydia Greenway por somente mais um momento, ela se lembraria de onde eles se conheciam. Ele ainda podia senti-la no canto dos olhos, observando-o.

Anna também franzia o cenho.

— Talvez você o esteja confundindo com outro homem — disse à sra. Wells. — É sempre difícil distinguir os chineses.

— Sim, talvez — disse a sra. Wells. Mas ela ainda encarava Ah Sook. Se ela já o tinha reconhecido, ele não era capaz de saber. Ele procurou por algo para dizer a Anna, mas sua mente estava vazia.

— O que quer, Ah Sook? — disse Anna. Ela não falara maldosamente, mas com anseio; havia um ar suplicante, quase temeroso, em seu olhar.

— Como foi que o chamou? — disse a mulher mais velha, rapidamente.

— Ah Sook — disse Anna. — Quer dizer "sr. Sook", suponho. Ele é o mascate de Kaniere.

— Ah! — Seu olhar aguçou-se imediatamente. — Ópio!

Então ela o reconhecera. Ela se lembrava de quem ele era.

De pronto, Ah Sook mudou de rumo. Ele voltou-se para Anna e anunciou:

— Eu comprar você. Preço mais alto.

A viúva riu.

— Oh — disse Anna. Seu rosto tinha corado bastante. — Não. Você não pode fazer isso. Creio que ninguém lhe contou. Eu parei de me prostituir. Não sou mais uma prostituta. Nada de vender. Não à venda.

— O que ser, agora? — disse Ah Sook.

— A senhorita Wetherell é minha assistente — disse a sra. Wells, mas Ah Sook não conhecia aquela palavra. — Ela vive aqui, agora.

— Eu vivo aqui, agora — repetiu Anna. — Eu não uso mais ópio. Você compreende? Não mais fumaça. Eu… eu larguei.

Ah Sook estava desnorteado.

— Bem, adeus — disse Anna. — Obrigada pela visita.

Súbito, o pulso da sra. Wells irrompeu. Ela agarrou o antebraço de Ah Sook com sua mão leitosa e o apertou firmemente.

— Você deveria comparecer à sessão espírita esta noite — disse.

— Ele não tem ingresso — disse Anna.

— Uma presença oriental — disse a sra. Wells, ignorando-a. — Seria o máximo! Como foi mesmo que o chamou?

— Ah Sook — disse Anna.

— Oh, *sim* — disse a sra. Wells. — Imagine só: uma presença oriental na sessão espírita desta noite!

— A sessão espírita é uma prática oriental? — disse Anna, em dúvida.

Ah Sook não compreendia essa palavra — mas ele entendeu "oriental" e supôs ser ele próprio o objeto da discussão e a causa, presumivelmente, do repentino olhar de cobiça de Lydia. Ele achava assombroso que ela pudesse ter mudado tão pouco no curso de uma década, quando Anna, em um mês, havia se alterado tanto. Olhandopara sua mão, cingida com força em volta de seu antebraço, ele ficou surpreso ao ver uma faixa de ouro em seu dedo.

— Senhora Carver — disse ele, e apontou para o anel.

A mulher sorriu — mais abertamente, desta vez.

— Presumo que ele possua um quê de profeta — disse ela a Anna. — Que tal isso?

— Que quer dizer com "senhora Carver"? — disse Anna a Ah Sook. Ela franzia o cenho.

— Mulher de Carver — disse Ah Sook, inutilmente.

— Ele pensa que você é a esposa de Carver — disse Anna.

— Ele está apenas chutando — disse a sra. Wells. Para Ah Sook, ela disse: — Não sou a senhora Carver. Meu marido está morto. Sou viúva, agora.

— Não senhora Carver?

— Senhora Wells.

Os olhos de Ah Sook se arregalaram.

— Senhora *Wells* — repetiu ele.

— É muito bom que o inglês dele seja tão limitado — disse a viúva para Anna, coloquialmente. — Dessa forma, ele não vai se distrair. Não vai perder a compostura. Como ele é gracioso! Ele vai nos servir muito bem, penso eu.

— Ele conhece Carver — disse Anna.

— Tenho certeza que conhece — disse a sra. Wells, num tom jovial. — O capitão Carver tem muitas conexões orientais. Suponho que tenham feito negócios um com o outro aqui em Hokitika. Venha para o salão, Ah Sook. — Ela apertou seu braço com mais força. —

Venha. Apenas por um momento. Não seja um criação; não vou machucá-lo! Entre.

— Francis Carver… em Guangdong? — disse Ah Sook.

— Em Cantão; sim, muito provável — disse a sra. Wells, tomando a pergunta de Ah Sook por uma afirmação. — O capitão Carver estava radicado em Cantão. Ele ficou radicado lá por muitos anos. Venha para o salão.

Ela levou Ah Sook para dentro do salão, apontando para o extremo canto do aposento.

— Você vai se sentar numa almofada, ali — disse ela. — Você vai observar os rostos ao seu redor e contribuir para a nossa mística sessão espírita com um frio olhar de julgamento. Nós o designaremos de Oráculo Oriental… ou de Estátua Viva do Oriente… ou de Espírito Dinástico… ou algo assim. Qual prefere, Anna? A Estátua ou o Oráculo?

Anna não tinha uma preferência. Para ela estava claro que Lydia Wells e Ah Sook haviam reconhecido um ao outro, que a história deles tinha a ver com Francis Carver e que a viúva não gostaria de comentá-la. Ela achou melhor forçar o assunto, no entanto, e perguntou:

— Qual vai ser a função dele?

— Meramente nos observar!

— Sim, mas com que propósito?

A viúva sacudiu a mão.

— Você não viu o espetáculo na Príncipe de Gales? Nada vende mais ingressos que um toque oriental.

— Ele não é estranho em Hokitika, sabia? — disse ela. — Vão reconhecê-lo.

— Assim como vão reconhecer você! — assinalou a sra. Wells. — Isso não vai ter importância alguma.

— Eu não sei — disse Anna. — Não estou certa disso.

— Anna *Wetherell* — disse a sra. Wells, com pretenso aborrecimento. — Lembra-se da última quarta-feira, quando propus pendurar o esboço do Mago no topo das escadas, e você protestou, alegando que a estampa ficaria ensombrecida pelo patamar do sótão, e então eu o pendurei mesmo assim, e a luz ficou tão perfeita quanto garanti que ficaria?

— Sim — disse Anna.

— Ora, aí está! — disse a sra. Wells, e riu.

Ah Sook não compreendera palavra alguma. Ele voltou-se para Anna e franziu o cenho ligeiramente, para mostrar-lhe que ela precisaria explicar a ele.

— Uma sessão espírita — disse Anna, inutilmente.

Ah Sook balançou a cabeça. Ele não conhecia essa palavra.

— Vamos tentar — disse a sra. Wells. — Venha, venha para esse canto. Anna, pegue uma almofada para o homem. Ou um tamborete pareceria mais ascético? Não, uma almofada: assim ele pode cruzar as pernas como fazem os orientais. Sim, venha, achegue-se mais, mais. Aqui.

Ela empurrou Ah Sook nas almofadas e retrocedeu vários passos para admirá-lo do outro lado da sala. Ela assentiu com delícia.

— Sim — disse ela. — Você vê, Anna? Você não o acha encantador? Como ele é solene! Eu me pergunto se deveríamos pedir-lhe que fume um cachimbo ou algo do tipo, pois a voluta de fumaça sobre sua cabeça seria de fato muito interessante. Mas fumaça a portas fechadas me faz mal.

— Ele ainda não deu seu consentimento — observou Anna.

A sra. Wells parecia um pouco irritada; ela não objetou essa observação, no entanto, mas avançou em Ah Sook, sorriu e espreitou-o, as mãos nos quadris.

— Você conhece Emery Staines? — disse ela, enunciando claramente. — Emery Staines? Você o conhece?

Ah Sook assentiu. Ele conhecia Emery Staines.

— Bem — disse a mulher —, nós vamos trazê-lo aqui. Hoje à noite. E falar com ele. Emery Staines, aqui. — Com uma mão que cheirava a limão, ela apontou para os soalhos.

Um raio de entendimento cruzou o rosto de Ah Sook. Excelente: o prospector devia ter sido encontrado finalmente — e encontrado vivo! Essas eram boas notícias.

— Muito bom — disse ele.

— Hoje à noite — disse a sra. Wells. — Aqui, no Wayfarer’s Fortune. Nesta sala. A festa vai começar às sete; a sessão espírita, às dez.

— Hoje à noite — disse Ah Sook, encarando-a.

— Exatamente. Você estará aqui. Você virá. Você se sentará, tal como está sentado agora. Sim? Oh, Anna, ele está entendendo? Mal posso dizer; seu rosto é uma estátua tão perfeita. Você vê o que me deu a ideia da Estátua Viva!

Lentamente, Anna explicou a Ah Sook que Lydia solicitava sua presença, nesta noite, para um encontro com Emery Staines. Ela utilizou o termo *sessão espírita* várias vezes; Ah Sook, que não tinha tido razão alguma para alguma vez ter aprendido aquela palavra, deduziu pelo contexto ser um tipo de reunião ou encontro encenado, ao qual Emery Staines fora convidado a comparecer. Anna em seguida explicou que Ah Sook fora convidado a retornar, naquela noite, e assumir seu lugar em cima da almofada naquele canto, exatamente como estava sentado agora. Outros homens também haviam sido convidados. Eles se sentariam em círculo, e Emery Staines ficaria de pé no centro da sala.

— Ele a entendeu? — disse a sra. Wells. — Ele entendeu?

— Sim — disse Ah Sook, e então, para provar a ela: — Uma sessão espírita com Emery Staines, hoje à noite.

— Excelente — disse a sra. Wells, sorrindo para ele da mesma maneira com que se sorri para uma criança precoce após ela recitar um soneto, o que quer dizer: com uma admiração um tanto desconfiada e de certo modo artificial. — Uma prostituta de luto e um místico oriental — prosseguiu ela. — É quase perfeito; fico arrepiada só de pensar! É claro que uma sessão espírita não é uma *tradição* oriental — disse em resposta à pergunta feita antes por Anna —, mas eu não disse todos os dias dessa quinzena que, neste negócio, o ambiente é meio caminho andado? Ah Sook irá nos servir *muito* bem.

Anna olhou para outro lado e disse, suavemente:

— É claro que ele deverá ser recompensado.

A viúva virou-se para Anna com um olhar assaz frígido, mas Anna não olhava para ela e não o percebeu; no momento seguinte, sua expressão aclarou-se novamente. Descuidadamente ela disse:

— É claro! Mas você deve lhe perguntar quanto ele pensa merecer por tal trabalho fácil. Pergunte-lhe, Anna, uma vez que você é uma amiga *especial*.

Anna assim o fez, explicando a Ah Sook que a viúva estava disposta a pagar-lhe uma taxa por sua contribuição à sessão espírita naquela noite. Ah Sook, que ainda não entendera que Emery Staines estaria presente somente em espírito, pensou ser uma proposta maravilhosa. Ele estava muito desconfiado da oferta, e fez conhecer sua suspeita. Uma negociação assaz absurda se seguiu, e ao fim Ah Sook concordou, mais pelo bem dela que pelo seu, em receber uma taxa de um xelim.

Ah Sook não era nenhum tolo. Ele sabia muito bem que não havia realmente compreendido o que aconteceria naquela noite. Era muito estranho que Anna pusesse tamanha ênfase no fato de que Emery Staines ficaria de pé no centro da sala, com todos os outros alinhados em volta dele, e era ainda mais estranho que a viúva se dispusesse a lhe pagar um salário para não fazer nada. Ele concluiu que representaria um papel em algum tipo de encenação (suposição, é evidente, com a qual ele chegava muito próximo do alvo) e argumentou que, fosse qual fosse a humilhação que poderia sofrer como consequência, certamente valeria a pena, pela chance de falar com o sr. Staines. Ele aceitou o convite da viúva e sua promessa de pagamento, na certeza de que essas incertezas se resolveriam com o tempo.

Com isso, concluíram-se suas negociações. Ah Sook olhou para Anna. Eles sustentaram o olhar um do outro por um momento, Ah Sook firmemente, e Anna — parecia — com uma fria indiferença que o faiscador não reconhecia. Mas aquilo era de fato indiferença? Ou ele estava simplesmente desacostumado à limpidez da expressão dela, agora que suas feições não estavam revestidas com o véu espesso do ópio? Ela estava tão mudada. Se ele não a conhecesse bem, poderia ter considerado altiva a sua expressão — como se ela se arrogasse uma superioridade sobre a comunidade chinesa, agora que ela não mais era uma prostituta.

Ah Sook decidiu assumir a expressão fria como uma deixa para que se retirasse e levantou-se de sua almofada. Ele calculara ter tempo suficiente para ir e voltar de Kaniere novamente antes de o sol se pôr, e desejava informar seu compatriota Quee Long de que Emery Staines estaria presente, naquela mesma noite, no Wayfarer’s Fortune à rua Revell. Ele sabia que Ah Quee há muito

ansiava por uma audiência com Staines, querendo interrogar o jovem prospector sobre o assunto do ouro da jazida Aurora; ele ficaria bastante contente em descobrir que Staines estava vivo.

Ah Sook fez uma mesura à viúva e em seguida a Anna. Anna devolveu-lhe a mesura com uma breve reverência, do tipo que não indicava nem ânsia nem lamento, e então voltou imediatamente, para endireitar as rendas do braço do canapé.

— Você estará de volta esta noite, para a sessão espírita. Hoje à noite — disse Lydia Wells. — Diga: seis da tarde.

— Seis da tarde — Ah Sook repetiu, e apontou para a almofada que acabara de desocupar, para mostrar que havia entendido. Ele olhou uma última vez para Anna, e então Lydia Wells agarrou seu braço e o reconduziu de volta ao vestíbulo. Ela aproximou-se dele e abriu a porta, inundando o espaço com a súbita luz do dia.

— Adeus — disse Ah Sook, e passou pelo dintel.

Mas a viúva não fechou a porta, como ele esperava que ela fizesse; em vez disso, ela pegou o xale, passou pelos ombros e seguiu Ah Sook até a varanda. Disse a Anna:

— Estarei fora por um instante; volto em mais ou menos uma hora.

Do salão, Anna olhou para cima em perplexidade. Então sua expressão fechou. Ela assentiu rijamente, cruzou o salão e foi até a porta para trancá-la no encalço da sra. Wells.

— Boa tarde, senhora Wells — disse ela, a mão no batente. — Boa tarde, Ah Sook.

Eles desceram os degraus até a rua, onde então se separaram: Ah Sook rumo a sul, na direção do rio, e Lydia Wells, a norte. Após vários passos, a sra. Wells lançou um olhar por trás dos ombros, como se examinasse da rua o edifício, e Anna apressadamente moveu-se para fechar a porta.

No entanto, ela manteve a mão sobre a maçaneta e não a girou; após um momento ela abriu-a mais uma vez, muito quieta e cuidadosamente, e pôs os olhos na fresta. Lydia agora estava andando rápido; ela não se virara, como Anna esperava que fizesse, para seguir Ah Sook e exigir uma audiência privada com ele. Anna escancarou um pouco mais a porta. Ela daria meia-volta? Certamente era por isso que havia saído de maneira tão abrupta —

para falar em particular com o homem que ela claramente reconhecera! Mas dentro em breve Ah Sook virou a esquina do cais Gibson e desapareceu, e Lydia Wells, quase no mesmo momento, pulou a fossa do outro lado da via e galgou os degraus de — Anna estreitou os olhos — … de que estabelecimento? Um edifício de dois andares — ao lado da Tiegreen's Ferragens e Suprimentos. Um salão, talvez? Evidentemente havia alguém no alpendre, pois Lydia Wells demorou-se um momento, trocando palavras, antes de abrir a porta do estabelecimento e desaparecer lá dentro — e, quando a porta girou, Anna capturou um lampejo de tinta azul pálida e reconheceu o edifício. Então Lydia Wells fora prestar uma visita *social*. Mas a quem? Anna balançou a cabeça, maravilhada. Ora, pensou ela, quem quer que fosse, não seria nem de longe um mineiro ordinário. Devia ser um homem de alguma importância, pois ele estava hospedado no Palace Hotel.

Saturno em Libra

Em que Harald Nilssen renega um contrato; o livro sagrado é aberto; Cowell Devlin fica desorientado; e George Shepard traça um plano.

Harald Nilssen acabara de preparar e macerar seu pote de chá das quatro da tarde e estava sentado diante de um prato de biscoitos açucarados e um livro, quando recebeu uma notificação pelo serviço de bilhete-postal. Era de George Shepard e estava rubricado "urgente", embora o carcereiro não tivesse especificado um motivo. Sem dúvida dizia respeito a algum detalhe de importância infinitesimal, pensou Nilssen: algum trecho de cascalho na fundação da carceragem, alguma gota de café derramada na planta baixa da carceragem. Suspirando, ele envolveu seu bule de chá com um abafador, trocou seu camisão por um casaco e alcançou sua bengala. Era de extremo mau gosto amolar um homem numa tarde de domingo. Ora, ele vinha trabalhando seis dias por semana. Merecia um dia de descanso, sem George Shepard para importuná-lo com pedidos de recibos, de registros salariais, de orçamentos para despesas de salvamento. O bilhete-postal era um insulto a mais — pois Shepard não podia nem se dar o trabalho de caminhar os cinco curtos quarteirões entre o acampamento de polícia e o cais Gibson; em vez disso, insistia em que Nilssen fosse a ele, como um vassalo a seu suserano! Nilssen se encontrava num péssimo humor ao trancar a porta de seu escritório e descer rua Revell abaixo, com seu chapéu enviesado e as abas de sua sobrecasaca fulgurando.

No acampamento de polícia, a sra. George atendeu à porta. Ela encaminhou Nilssen com um aspecto muito lamentoso à sala de jantar, e então sumiu antes que Nilssen pudesse dizer qualquer palavra de cortesia, puxando a porta tão firme que a parede de calicô estremeceu, e Nilssen teve a efêmera sensação de estar no mar.

O carcereiro estava sentado à cabeceira da mesa, onde devorava uma refeição fria composta de galantinas, diferentes

chouriços frios de consistência homogênea e um denso pão de um tipo de migalhas grandes e escuras. Ele manteve-se muito aprumado enquanto enchia o garfo e não ofereceu uma cadeira a Nilssen.

— Bem — disse ele quando a porta se fechou e ele engoliu uma bocada. — Você contou sobre nosso acordo a alguém; você faltou com sua palavra. A quem você contou?

— Quê?! — disse Nilssen.

Shepard repetiu sua pergunta; Nilssen, após uma pausa, repetiu seu espanto, e num tom ligeiramente mais intenso.

A expressão de Shepard era fria.

— Não minta para mim, senhor Nilssen. Alistair Lauderback vai publicar uma carta no *Times* amanhã de manhã, massacrando meu caráter. Ele alega que uma porcentagem da fortuna descoberta no espólio de Crosbie Wells foi investida na carceragem de Hokitika. Eu não sei como ele chegou a essa informação, mas desejo saber. Imediatamente.

Nilssen vacilou. Como era possível que *Alistair Lauderback* soubesse sobre sua comissão? Um dos homens do Crown devia ter dado com a língua nos dentes! Balfour, talvez? Balfour e Lauderback eram próximos, e Nilssen nunca vira Lauderback acompanhado de nenhum dos outros homens. Mas que razão Balfour teria para traí-lo? Nilssen nunca lhe havia desejado qualquer tipo de mal. Poderia ter sido Löwenthal? Talvez — já que a carta seria publicada em seu jornal. Mas Nilssen não podia crer que Löwenthal houvesse quebrado sua promessa mais do que não podia crer que Balfour o fizera. Ele observou Shepard juntar uma garfada de galantinas, pepinos em conserva e fritada de batatas e, inexplicavelmente (pois Nilssen não estava com fome), sua boca começou a salivar.

— Para quem você contou? — disse Shepard. — Note que esse momento indica o fim da minha paciência: eu não vou perguntar novamente. — Ele abocanhou a garfada que juntara, deslizou a comida do garfo e mastigou.

Nilssen não sabia como responder. A verdade, é claro, era que ele havia contado a doze homens — Walter Moody, mais os onze outros que foram convocados ao salão de fumantes do Crown. Ele

não poderia admitir que havia traído o segredo de Shepard a *doze homens*! Devia fingir que não havia contado nada a nenhum deles? Mas era óbvio que ele havia traído sua confiança a alguém — já que Lauderback sabia! Sua cabeça disparava.

— Não consigo imaginar como isso possa ter acontecido — disse ele, em desespero. — Não consigo.

Shepard estava ocupado empilhando outra bocada em seu garfo.

— Você foi ter diretamente com Lauderback? — disse ele, os olhos fixos atentamente em seu jantar. — Ou foi ter com outro homem, que, por sua vez, procurou Lauderback?

— Nunca troquei sequer cinco palavras com Lauderback em toda minha vida — disse Harald Nilssen, com muita indignação.

— Quem, então? — Shepard olhou para cima, os talheres frouxos em suas mãos.

Nilssen nada disse. Ele começara a transpirar.

— Vejo que você está protegendo uma honra de mineiro — disse Shepard com desaprovação. — Bem, ao menos alguém tem sua lealdade, senhor Nilssen.

Ele voltou para seu jantar e não falou por um tempo que a Nilssen pareceu ser longo. Shepard estava vestido com seu traje preto de domingo; ele arremessara as abas de sua sobrecasaca para os lados da cadeira de modo que não se vincassem debaixo dele enquanto comia. Suas calças de cós alto e seu colete sem gola tinham uma aparência desaprovadora e fúnebre, e sua grande gravata — com um quê de antiquado, notou Nilssen com um toque de condescendência; sua própria gravata era muito fina e frouxamente amarrada, seguindo o estilo da época — parecia acentuar ainda mais o aspecto exprobratório do carcereiro. Até mesmo sua ceia fria era abstêmia, em sua simplicidade. O próprio Nilssen havia jantado metade de um frango cozido, servido com purê de nabo amanteigado e uma boa dose de molho branco; além disso, ele bebera meio jarro de um vinho muito fino.

De outro lugar da casa, um relógio soou um quarto de hora. A sra. George moveu-se além das paredes inconsistentes, indo de quarto em quarto na ponta dos pés. Shepard manteve-se cravado em sua refeição. Nilssen aguardou até que Shepard limpasse todas

as migalhas de seu prato, esperando que, assim que sua refeição fosse concluída, o carcereiro começasse a falar. Quando ficou evidente que sua esperança era falsa, ele disse, de certo modo debilmente:

— Bem… o que vai fazer?

— Minha primeira ação — respondeu Shepard, limpando sua boca com um guardanapo de mesa — será liberá-lo de todas as tarefas condizentes à construção da carceragem. Não serei servido por um homem que falta com sua palavra.

— O investimento me será devolvido? — disse Nilssen.

— Absolutamente — disse Shepard. Ele arremessou o guardanapo no prato. — Na verdade, considero esse um pedido insensato, dado que o trabalho já está muito adiantado.

Nilssen exercitou a boca. Por fim, ele disse:

— Eu entendo.

— Você não vai trair seu código de mineiro.

— Não.

— Incrível.

— Perdoe-me.

Shepard empurrou o prato, tornando-se lívido.

— A carta do senhor Lauderback será publicada amanhã no *Times*; eu tenho aqui uma cópia antecipada.

Nilssen viu que havia uma carta aberta na mesa, perto do prato do carcereiro. Ele avançou, estendendo a mão.

— Posso…?

Porém Shepard o ignorou.

— A carta — prosseguiu ele, elevando ligeiramente a voz — não faz referência a você pelo nome. Você deve saber que vou escrever diretamente ao editor hoje à noite, a fim de corrigir essa omissão. Minha resposta será publicada abaixo da carta do senhor Lauderback, como uma resposta formal.

Nilssen tentou novamente.

— Eu poderia lê-la?

— Você poderá lê-la amanhã no jornal, assim como todos os homens em Westland. — Shepard proferiu a frase com um perigoso realce.

— Está certo — disse Nilssen. Ele retirou sua mão. — Eu entendo o que quer dizer.

Shepard fez uma pausa antes de acrescentar:

— A não ser, é claro, que haja algo que queira me contar.

Numa voz de detestável abatimento, Nilssen disse:

— Sim.

— Sim, há algo que quer me contar.

Pobre Harald Nilssen! Pensar que conseguiria recuperar a confiança do carcereiro por meio de uma segunda transgressão, como se, ao cometer outra deslealdade, ele pudesse reverter a ocorrência da primeira! Ele cedera devido ao pânico — pois ser tomado em baixa conta pelos outros homens era algo que devastava o espírito de Nilssen. Ele não suportava saber que era desgostado, pois para ele não havia diferença substancial entre ser desgostado e ser desgostável; cada ofensa que sofria era uma ofensa à sua própria individualidade. Era por razões de autoproteção que Nilssen se vestia de acordo com a última moda, falava com afetação, elegia-se a si mesmo como protagonista de todas as histórias: ele construiu sua personalidade como um escudo em volta de si, porque sabia muito bem quão pouco sua pessoa poderia aguentar.

— Prossiga, por favor — disse Shepard.

— É sobre… — Nilssen olhou descontroladamente para os lados — … a senhora Wells.

— De fato — disse Shepard. — Que há?

— Ela era amante de Lauderback.

Shepard ergueu as sobrancelhas.

— Alistair Lauderback estava traindo Crosbie Wells com ela?

Nilssen pensou sobre o assunto.

— Sim, suponho que estava. Bem, dependeria de quando Crosbie e Lydia se casaram, é claro.

— Continue — disse Shepard.

— A questão é… o ponto é que… ele foi chantageado… Lauderback, digo… e Crosbie Wells pegou o resgate para si. É essa a fortuna, veja só… a fortuna no chalé de Crosbie.

— Como se sucedeu a chantagem? E como sabe dela?

Nilssen hesitou. Ele não confiava na expressão do carcereiro, a qual subitamente se tornara muito gananciosa e intensa.

— Como sabe dela? — exigiu Shepard.

— Alguém me contou.

— Quem?

— O senhor Staines — disse Nilssen, decidindo-se pelo homem a quem menos podia prejudicar, pelo menos a curto prazo.

— Foi ele o chantagista? Staines?

— Eu não sei — disse Nilssen, momentaneamente confuso. — Quero dizer, sim, talvez.

— Você está com ele ou contra ele?

— Eu… eu não sei.

Shepard parecia aborrecido.

— O que você tem contra ele, então? — disse ele. — Você deve ter algo contra o homem, se não está seguro de sua aliança.

— Havia uma escritura de doação — disse Nilssen lastimosamente. — No fogareiro de Crosbie Wells… parcialmente queimada, como se alguém tivesse tentado destruí-la. O capelão a encontrou. Quando foi ao chalé recolher o corpo, no dia seguinte à morte. Ele não lhe contou sobre isso; ele guardou-a para si. Ele também não contou ao doutor Gillies.

Shepard não demonstrou nenhuma afetação.

— Que tipo de escritura de doação?

Nilssen descreveu resumidamente os particulares do contrato. Ele manteve os olhos num ponto cerca de três pés à esquerda do rosto do carcereiro, e os estritava estranhamente — pois uma bolha de desespero crescia dentro de seu peito, empurrando seu osso esterno. Ele pretendera tranquilizar o carcereiro de sua lealdade ao trair esse segredo; agora via que ele apenas confirmava sua lealdade e sua inutilidade. E ainda assim — a despeito de sua angústia —, havia algo terrivelmente aliviador em falar da conspiração do Crown em voz alta. Ele sentiu que tirava um grande peso de seus ombros, tal como sentia que uma leveza assustadora assumia seu lugar. Ele relanceou o olhar rapidamente para o carcereiro e depois para outro lado.

— Seria Devlin o seu homem? — disse Shepard. — Você contou a Devlin sobre o investimento, e ele contou a Lauderback?

— Sim — disse Nilssen. — Correto. — (Que tipo de patife ele era, para acusar um *clérigo*? Mas era evidente se tratar de uma meia mentira… e era melhor acusar um só homem do que doze.) — Quero dizer — acrescentou ele —, apenas suponho que ele tenha contado a Lauderback. Eu não sei. Nunca falei com Lauderback sobre nada, como já lhe disse.

— Então Devlin é o homem de Lauderback — disse Shepard.

— Nada sei sobre isso — disse Nilssen. — Eu não sei nada sobre isso.

Shepard assentiu.

— Bem, senhor Nilssen — disse ele, levantando-se da mesa. — Creio que isso conclui nossa discussão.

Ser expulso desorientava Nilssen ainda mais.

— A parte sobre a escritura — disse ele. — Apenas que… se você for mencionar ao reverendo…

— Creio que vou, sim.

— Bem… poderia deixar meu nome de fora? — disse Nilssen, com um olhar de pura angústia no rosto. — Veja, eu posso lhe dizer onde ele a está escondendo… a escritura, digo… e dessa forma você poderá encontrá-la por conta própria, sem que eu deixe vestígios. Você poderia fazer isso?

Shepard estudou-o sem pena.

— Onde ele a esconde?

— Não digo até que me prometa fazer isso — disse Nilssen.

Shepard deu de ombros.

— Está bem.

— Você promete?

— Por minha honra, não direi seu nome ao capelão do cárcere — retrucou Shepard. — Onde ele a esconde?

— Em sua Bíblia — disse Nilssen, assaz tristemente. — Em sua Bíblia, entre o Antigo Testamento e o Novo.

Φ

Desde que a construção da carceragem começara a sério, Cowell Devlin e George Shepard não haviam visto muito um ao outro, exceto nas noites em que Shepard retornava do canteiro de obras em Seaview para escrever sua correspondência e computar suas

finanças. Devlin, que julgava a atmosfera do acampamento de polícia temporário melhor durante a ausência de Shepard, não buscara uma intimidade mais profunda com o outro homem. Tivesse sido pressionado a emitir julgamento sobre o caráter do carcereiro, ele teria, após uma longa pausa, admitido que se apiedava da rigidez de Shepard e que lamentava o evidente desprazer com que Shepard parecia considerar o mundo à sua volta; após outra pausa, ele poderia ter acrescentado que ele desejava bem a Shepard, mas que não esperava que as relações entre eles progredissem além da capacidade atual, a qual era estritamente profissional e não muito calorosa.

Aquele dia era um domingo, no entanto, e a construção na planície parara durante o dia. Shepard passara a manhã na capela e a tarde em seu escritório no acampamento de polícia, de onde Harald Nilssen agora se retirava rapidamente; Devlin, que havia recentemente retornado do assentamento em Kaniere, estava na carceragem temporária, pregando aos criminosos sobre o assunto das *vãs repetições*. Ele havia trazido consigo sua surrada Bíblia, como sempre fazia quando deixava sua tenda, ainda que a natureza do sermão daquele dia fosse tal, que ele não tinha motivo para abri-la de tarde; quando Shepard pisou na carceragem, ela jazia, fechada, sobre uma cadeira ao lado de Devlin.

Shepard esperou por uma calmaria na conversação, que surgiu dentro de instantes devido à sua imponente presença na sala. Devlin virou-lhe um rosto inquiridor, e Shepard disse:

— Boa tarde, reverendo. Passe-me sua Bíblia, por favor?

Devlin franziu o cenho.

— Minha Bíblia?

— Se não se importar.

O capelão pôs a mão sobre o livro.

— Talvez possa simplesmente me perguntar o que é que procura — disse ele. — Eu me orgulho de conhecer bastante bem minhas escrituras.

— Eu não duvido; mas, mesmo assim, folhear é um prazer para mim — respondeu Shepard.

— Mas é evidente que você tem sua própria Bíblia!

— É claro — concordou Shepard. — Contudo, está na hora das devoções de minha mulher, e não quero incomodá-la.

Por um momento, Devlin considerou remover a afanada escritura — mas seu aspecto chamuscado certamente não escaparia do comentário do carcereiro e, em todo caso, ele estava cercado de criminosos; onde esconderia o papel?

— O que exatamente está procurando? — disse ele. — Um versículo… uma alusão, talvez…?

— Você é muito prudente com sua Bíblia, para um homem de Deus que é — retrucou Shepard. — Céus, homem! Apenas quero folhear as páginas! Você vai me negar isso?

E Devlin foi obrigado a cedê-la. Shepard, agradecendo-o, levou o livro à sua residência privada e fechou a porta.

O sermão de Devlin sobre as vãs repetições era perversamente aplicável à meia hora subsequente, pois foi com uma circularidade ritual que sua atenção se desviava ao escritório do carcereiro, onde o homem estaria sentado na mesa, virando as finas páginas do livro com suas grandes mãos brancas. Devlin não imaginou que Shepard pudesse saber sobre a escritura que ele escondia entre os testamentos, pois sua natureza não era suspeitosa e ele não obtinha prazer, tal como alguns homens, em acreditar-se traído. Ele esperava, ao passo que os minutos se arrastavam, que Shepard restringisse sua leitura às partes mais antigas do texto; ele esperava que o livro lhe fosse devolvido com a escritura chamuscada não descoberta e não mexida. Devlin sabia muito bem que a fé de Shepard era de uma variedade ferrenhamente levítica; não era ilógico esperar que ele limitasse sua busca ao Pentateuco, ou às Crônicas e aos Reis. Parecia pouco provável favorecer os profetas menores… mas os Evangelhos eram de leitura basilar, principalmente num domingo. Era muito provável que parasse ali, fosse qual fosse sua crença, e neste caso ele muito provavelmente toparia com a página escondida.

Finalmente a argumentação vespertina chegou ao fim, e Devlin, numa postura de certo pavor, despediu-se dos criminosos sob sua guarda espiritual. O sargento de plantão acenou adeus, abafando um bocejo; Devlin saiu; um silêncio caiu sobre a carceragem. Ele

cruzou o pátio, galgou os degraus do alpendre do chalé do carcereiro e bateu à porta.

De dentro, a voz de Shepard pediu-lhe que entrasse; Devlin assim o fez e transpôs o corredor de calicô rumo ao escritório do carcereiro. A porta estava aberta; Devlin viu de imediato que sua Bíblia jazia aberta na mesa do carcereiro, com o pedaço de papel chamuscado sobre ela, inteiramente à vista.

> Neste 11º dia de outubro de 1865, uma quantia de duas mil libras deve ser entregue à senhorita anna wetherell, antigamente de New South Wales, pelas mãos do sr. emery staines, antigamente de New South Wales, como testemunhado pelo sr. crosbie wells, que a esta presidiu.

Shepard entrelaçou as mãos e esperou seu convidado falar.

— Foi algo que encontrei — disse Devlin. — Mas não tem serventia a ninguém.

— Não tem serventia a ninguém? — indagou Shepard, agradavelmente. — Por que diabos diz isso?

— É inválida — disse Devlin. — O outorgante não assinou. Portanto, é ilegal.

Cowell Devlin, como todo homem que não admitia as próprias falhas, relutava em admitir-se falho a qualquer outro homem. Ele se tornava muito astuto e condescendente sempre que era acusado de fazer o mal.

— De fato, não é — disse Shepard. — Não é legal.

— Não *compromete*, é o que quis dizer — disse Devlin, com um leve franzir de cenho. — Não compromete, no sentido legal.

Shepard não piscou.

— O que de fato é uma pena, não acha?

— Por quê?

— Se Emery Staines a *tivesse* assinado… Ora, metade da fortuna descoberta no chalé de Crosbie Wells pertenceria a Anna Wetherell! Isso seria uma reviravolta, não seria?

— Mas a fortuna no chalé do eremita nunca pertenceu a Emery Staines.

— Não? — disse Shepard. — Perdoe-me: você parece estar bem mais certo desse fato do que eu estou.

Cowell Devlin sabia muito bem que o ouro no chalé de Crosbie Wells era originário de quatro vestidos, costurados por Lydia Wells e comprados por Anna Wetherell; ele sabia que o ouro havia sido extraído e então prensado pelo ferreiro Ah Quee, apenas para ser

roubado por Staines e escondido no chalé de Wells em algum momento depois disso. Ele não podia dizer nada disso a Shepard, no entanto; em vez disso, disse:

— Não há razão para pensar que a fortuna pertencesse ao senhor Staines.

— Além do fato de que o senhor Staines desapareceu no dia da morte do senhor Wells e de que o senhor Wells não era, no entendimento popular, um homem de recursos. — Shepard futucou a escritura com seu dedo indicador. — Isso certamente parece ser pertinente, reverendo, para o nosso caso em questão. Esse documento parece indicar que a fortuna teve origem com Staines, e que Staines pretendia dar a metade, *exatamente* a metade, a uma prostituta comum. Eu arriscaria supor que Crosbie Wells, como testemunha dele, estava guardando a fortuna para ele quando morreu.

Essa era uma hipótese sensata. Talvez Shepard estivesse certo quanto a este último ponto, embora, é claro, estivesse equivocado quanto ao primeiro. Alto, ele disse:

— Você está certo, parece ser pertinente; no entanto, como já lhe disse anteriormente, o contrato não é válido. O senhor Staines não apôs o nome.

— Presumo que você tenha encontrado essa escritura no chalé de Crosbie Wells, no dia que foi recolher seu corpo.

— Correto — disse Devlin.

— Se você a manteve sob uma custódia tão cuidadosa — disse Shepard —, então ouso dizer que lhe ocorreu o quão valiosa essa escritura poderia ser. Para certas pessoas. Para Anna Wetherell, por exemplo. Pela autoridade deste documento, ela poderia vir a se tornar a mulher mais rica deste lado dos Alpes do Sul!

— Ela não poderia — disse Devlin. — A escritura não foi assinada.

— Caso fosse assinada — disse Shepard.

— Emery Staines está morto — disse Devlin.

— Está? — disse Shepard. — Pobre de mim. Mais uma certeza que não compartilhamos.

Porém Cowell Devlin não se intimidava facilmente.

— A promessa de grandes riquezas é uma coisa perigosa — disse ele, entrelaçando as mãos em frente ao umbigo, à maneira clerical. — É uma tentação como nenhuma outra, pois é a tentação da grande influência e da grande oportunidade, e essas são coisas que todos nós desejamos. Se a senhorita Wetherell ouvisse sobre essa escritura, suas esperanças seriam falsamente alimentadas. Ela começaria a sonhar em ter grande influência e grande oportunidade; ela não mais se contentaria com a vida que levava antes. Essa foi uma circunstância que temi. Para tanto, resolvi manter a informação para mim, pelo menos até que Emery Staines se restabelecesse ou fosse encontrado morto. *Se* ele for encontrado morto, vou destruir a escritura. Mas, se ele estiver vivo, vou ter com ele, lhe mostrarei o documento e perguntarei se deseja assiná-lo. A escolha seria somente dele.

— E se Staines nunca for encontrado? — disse o carcereiro. — O que, então?

— Eu tomei minha decisão com compaixão, senhor Shepard — disse Devlin firmemente. — Eu muito temi o que aconteceria à pobre senhorita Wetherell caso se tornasse pública essa escritura de doação, ou caso ela caísse nas mãos erradas. Se o senhor Staines nunca for encontrado, então nenhuma esperança será frustrada, nenhum sangue, derramado e nenhuma fé, perdida. Não é pouca misericórdia, penso eu. Você não acha?

Os olhos pálidos de Shepard haviam se tornado úmidos: um sinal de que ele estava pensando muito.

— “Como testemunhado por Crosbie Wells” — murmurou ele —, “a quem esta presidiu.”

— Em todo caso — acrescentou Devlin —, é pouco provável que um homem entregasse tamanha quantia de dinheiro a uma prostituta. Muito provavelmente é uma pilhéria ou algum tipo de engano.

Shepard subitamente pareceu divertido.

— Você duvida dos talentos da mulher?

— Você não me compreendeu — disse Devlin calmamente. — Apenas quis dizer que um homem dar duas mil libras para uma prostituta é uma situação muito improvável. Como uma doação, digo, e todas as libras duma vez.

Shepard fechou a Bíblia abruptamente, com um estalo, aprisionando o afanado documento entre as páginas. Ele entregou o livro de volta ao capelão, ao mesmo tempo alcançando sua pena com a outra mão, como se o caso não fosse mais de seu interesse.

— Obrigado pelo empréstimo de sua Bíblia — disse ele, e assentiu para indicar que Devlin estava liberado para se retirar. Em seguida se debruçou sobre seu livro-razão e começou a computar suas colunas.

Devlin pairou incerto por um momento, a Bíblia na mão. O documento chamuscado projetava-se dum lado, dividindo o livro em metades iguais.

— Mas o que você pensa? — disse ele finalmente. — O que intui disso?

Shepard não parou de escrever.

— O que intuo do quê?

— Do contrato!

— Imagino que você esteja certo: deve ser uma pilhéria ou algum tipo de engano — disse Shepard. Ele pousou um dedo no livro-razão, para marcar o lugar, e então molhou a pena em seu tinteiro.

— Oh — disse Devlin. — Sim.

— O contrato é inválido, como você diz — disse Shepard, coloquialmente. Ele bateu o bico da caneta na borda do tinteiro.

— Sim.

— A testemunha está comprovadamente morta, e o outorgante, quase que certamente morto.

— Sim.

— Mas, se deseja uma resposta de fonte limpa, então talvez devesse comparecer ao Wayfarer’s Fortune hoje à noite, com todos os outros pagãos.

— Para falar com o senhor Staines?

— Para falar com Anna — disse o carcereiro, com acentuada desaprovação. — Agora, se não se importa, reverendo, tenho muito trabalho que fazer.

Após ter Devlin fechado a porta, Shepard repousou sua pena, foi à sua estante e puxou uma pasta, da qual extraiu uma única folha de papel: a única cópia do contrato que ele havia firmado, três

semanas antes, com Harald Nilssen, segundo o qual o negociante comissionado prometera não falar de seu investimento de quatrocentas libras a nenhum outro homem. Shepard riscou um fósforo na lateral do gabinete e aproximou-o do pedaço de papel, segurando-o levemente por um canto e inclinando-o até que o documento estivesse em chamas, e as assinaturas, obscurecidas. Quando ele não mais conseguiu segurá-lo, arremessou-o ao chão, observou-o reduzir-se a uma ninharia cinzenta e chutou as cinzas para os lados com a biqueira de sua bota.

Voltando a sentar-se à mesa, ele retirou uma folha nova de papel debaixo de seu livro-razão, pegou da pena e mergulhou sua ponta. Então, numa caligrafia lenta e calculada, ele escreveu:

uma doação de consciência
Ao editor do *West Coast Times*

18 de fevereiro de 1866

Senhor —
Escrevo em resposta ao senhor alistair lauderback, vereador provincial, membro do Parlamento, que lança calúnias prejudiciais sobre este abaixo-assinado e portanto, a todos os seus associados, incluindo o Comitê de Obras Públicas de Westland, o Conselho Municipal, o Escritório do Comissário, o Conselho de Hokitika etcetera. É meu dever corrigir os erros do senhor Lauderback: de justeza, de decência e de verdade.

De fato, a construção da futura carceragem de Hokitika foi em grande parte ajudada por uma doação feita por um homem de Westland. O senhor Harald Nilssen, da Nilssen & Cia., doou ao Conselho uma soma de aproximadamente quatrocentas libras, para que fossem usadas, como instruiu ele pessoalmente, para o bem público. Essa soma representava a comissão recebida por ele como pagamento por um trabalho honesto. Era, como atesta o senhor Lauderback, uma porção da fortuna descoberta no espólio de Crosbie Wells, ao qual o senhor Nilssen, negociante comissionado, foi legalmente intitulado, como pagamento por serviços satisfatoriamente prestados. O senhor Lauderback terá prazer em recordar que, no vocabulário jurídico, uma “doação” difere de um “investimento”, porque a doação não cria uma relação de tipo devedor-credor; em linguagem comum, uma doação não deve ser ressarcida. Em entendimento de que a doação do senhor Nilssen foi um ato de caridade da mais virtuosa e altruísta ordem, o senhor Lauderback irá portanto saber que nenhuma lei foi violada, e nenhum regulamento, infringido.

Eu sustento que o mais profundo e mais duradouro testamento do progresso na civilização é a criação de obras públicas, e me satisfaço em saber que a carceragem de Hokitika resistirá sob essa definição em todos os aspectos. Caso o senhor Lauderback ache essa explicação insuficientemente transparente para o seu gosto, eu cordialmente o convido a revelar ao público eleitor o que ele tem até agora escondido: que ele desfrutou de uma antiga relação íntima com a senhora Lydia Wells, viúva de Crosbie. Eu antevejo a completa revelação do senhor Lauderback sobre este assunto e permaneço

seu etcetera,
george m. shepard

Quando terminou, Shepard borrou a página, puxou uma nova folha de papel e transcreveu a carta na íntegra — criando uma réplica tão exata, aliás, que seria preciso compará-las por certo tempo antes de

perceber qualquer diferença. Ele em seguida dobrou ambas as folhas, lacrou-as e escreveu dois endereços com sua caligrafia diligente. Assim que a cera estava seca, ele chamou a sra. George pela campainha e pediu-lhe que convocasse o bilheteiro-postal pela segunda vez naquele dia. Essa instrução foi prontamente cumprida.

O bilheteiro-postal era uma criatura sardenta com uma massa de cachos amarelos.

— Este é para Löwenthal, no *Times* — disse Shepard. — Isso deve ser entregue primeiro. E esse vai para Harald Nilssen, na hasta pública do cais Gibson. Certo?

— Há alguma mensagem? — disse o jovem, guardando as cartas.

— Apenas para o senhor Nilssen — disse Shepard. — Diga ao senhor Nilssen que ele é esperado no trabalho amanhã de manhã. Consegue se lembrar disso? Diga-lhe que deve fazê-lo sem queixas, sem ressentimentos e sem perguntas.

Marte em Capricórnio

Em que Gascoigne encontra interesses comuns com Francis Carver; Sook Yongsheng age sob uma falsa impressão; e Quee Long dá conselhos ao vingador.

Aubert Gascoigne tinha o que se poderia chamar de amor bruto por navios. Nas últimas três semanas ele havia se aventurado várias vezes na restinga de Hokitika, a fim de meditar sobre o casco fraturado da *Godspeed* e traçar seus progressos à medida que era manobrada, gradativamente, mais e mais próxima da costa. Agora que os destroços haviam sido enfim rebocados à areia, ele possuía uma oportunidade muito melhor de acompanhá-los e de aferir, com seus olhos brutos, a extensão do dano que haviam suportado. Fora para cá que ele viera, após deixar Moody — não tendo nenhuma outra ocupação, naquela tarde de domingo, pois ele já lera os jornais e não tinha sede, e o dia estava claro e alegre demais para permanecer dentro de casa.

Ele ficou sentado de costas para o farol por algumas horas, observando o progresso de recuperação do navio e remexendo nas mãos uma pedra de manchas verdes; a seu lado, construíra um pequeno castelo, os bastiões feitos de pilhas de pedregulhos achatados, prensados entre montes de areia. Quando, em algum momento após as cinco horas, o vento subitamente mudou de direção, soprando a gola dele contra o pescoço e jogando um frio úmido em sua coluna vertebral, Gascoigne resolveu retirar-se. Levantou-se, espanejando-se, e pensava se deveria chutar seu castelo ou deixá-lo intacto quando percebeu um homem a cerca de cinquenta metros dali. Os pés do homem estavam plantados muito afastados e seus braços estavam cruzados, como que em desaprovação; sua postura, no todo, comunicava uma implacabilidade do tipo mais sisudo, tal qual suas roupas, que eram sombrias. Ele virou a cabeça ligeiramente, e Gascoigne capturou, por um breve momento, o brilho vítreo de uma cicatriz.

Gascoigne e Francis Carver não haviam se conhecido formalmente, embora, é claro, a reputação deste fosse bastante conhecida por Gascoigne, temperada principalmente pelo relatório que Anna Wetherell dera mais de um mês antes sobre o assunto do assassinato de seu filho não nascido. Tal relatório era uma incitação mais que suficiente para evitar completamente o antigo capitão, mas a má impressão de Gascoigne era do tipo que necessitava antes de confirmação particular que de demonstração pública: ele obtinha um prazer verídico em proteger um homem sobre o qual ele privadamente possuía motivos para desprezar, pois muito lhe aprazia o sentimento de que sua consideração pelos outros vinha de uma fonte privada, um poço, que ele podia turvar ou beber com discreto prazer, e em seu próprio tempo.

Ele caminhou até Carver, já erguendo seu chapéu.

— Com licença, senhor, você é o capitão dessa embarcação?

Francis Carver fitou-o, e então, após um momento, assentiu.

— Eu fui.

A cicatriz branca em sua bochecha era levemente pregueada em uma extremidade, como quando uma costureira deixa a agulha no tecido, antes de terminar o expediente; essa agulha fantasma jazia bem acima do canto de sua boca e parecia erguê-la, como se tentasse convencer — sem sucesso — a severa expressão a transformar-se em sorriso.

— Se me permite me apresentar, sou Aubert Gascoigne — disse Gascoigne, estendendo a mão. — Sou funcionário na Corte dos Magistrados.

— Funcionário? — Carver fitou-o novamente. — De que tipo? — Ele cumprimentou Gascoigne relutantemente, mostrando sua relutância através de um aperto de mão frouxo e muito breve.

— Muito subalterno — disse Gascoigne, sem condescendência. — Pequenas causas, principalmente, nada muito importante… mas há reivindicações de seguro ocasionais que chegam às nossas mesas. *Aquela* embarcação, por exemplo. — Ele apontou para os destroços de um vapor jazendo logo além da foz do rio, a cerca de cinquenta jardas de onde estavam. — Até mesmo dela nós conseguimos arrancar os cobres, ainda que escassamente. O

capitão ficou muito satisfeito; ele enfrentava uma dívida de quinhentas libras.

— Seguro — disse Carver.

— Entre outras coisas, sim. Eu tenho também alguma familiaridade com o assunto — acrescentou Gascoigne, pegando sua cigarreira —, pois o pai de minha falecida esposa era um segurador marítimo.

— De que firma? — disse Carver.

— Lloyd's, de Londres. — Gascoigne escancarou o estojo prateado. — Eu tenho acompanhado o progresso da *Godspeed* nessas últimas semanas. Estou contente de ver que ela foi enfim rebocada da arrebentação. Que projeto isso tem sido! Um esforço monumental, se posso elogiar o trabalho da tripulação… e o *seu* trabalho, senhor, em recrutá-los.

Carver olhou para ele por um momento, e então devolveu o olhar ao deque da *Godspeed*. Com os olhos fixos em sua embarcação naufragada, ele disse:

— Que é que você quer?

— Certamente não quero ofendê-lo — disse Gascoigne, segurando seu cigarro levemente nos dedos e fazendo uma pequena pausa, as palmas das mãos para cima. — Garanto-lhe que não desejo me intrometer em sua privacidade, de maneira alguma. Tenho observado o progresso da recuperação do navio, apenas. É um raro privilégio ver tal embarcação em terra seca. Tem-se realmente uma ideia do que ela é.

Carver manteve os olhos no navio.

— Quero dizer, você está querendo me vender algo?

Gascoigne estava acendendo seu cigarro e levou um momento para responder.

— Absolutamente — disse ele enfim, baforando uma lufada branca de fumaça por cima do ombro. — Não estou associado a nenhuma firma de seguros. É um interesse pessoal meu, caso se possa assim dizê-lo. Uma curiosidade.

Carver nada disse.

— Gosto de sentar na praia, aos domingos — acrescentou Gascoigne —, quando o tempo está bom. Mas você deve me dizer se meus interesses privados o ofendem.

Carver sacudiu a cabeça.

— Não quis ser grosseiro.

Gascoigne relegou as desculpas.

— É detestável ver um navio tão excelente naufragar.

— Ele é de fato excelente.

— Maravilhoso. É uma fragata, não é?

— Uma barca.

Gascoigne murmurou sua apreciação.

— De fabricação britânica?

Ele assentiu.

— O que você vê nas velas é bainha de cobre.

Gascoigne assentiu indiferentemente.

— Sim, uma excelente embarcação… Espero que ela tenha sido segurada.

— Não se pode atracar num porto sem possuir seguro — disse Carver. — Vale para qualquer navio. Sem o seguro, não lhe deixam desembarcar. Pensei que soubesse disso, se sabe alguma coisa sobre seguros.

Ele falou numa voz monótona e cheia de desprezo, parecendo não se importar com a maneira pela qual suas palavras pudessem ser interpretadas, lembradas ou usadas.

— É claro, é claro — disse Gascoigne despreocupadamente. — Quis dizer que estou satisfeito de você não estar de bolsos vazios, pelo seu bem.

Carver bufou.

— Eu terei mil libras a menos quando tudo isso estiver dito e feito — disse ele. — Tudo que pode ver agora está custando dinheiro e saindo do meu bolso.

Gascoigne fez uma pausa por um momento antes de perguntar:

— E que tal um seguro P&I?

— Não conheço.

— Proteção & Indenização — explicou Gascoigne. — Contra suscetibilidades extraordinárias.

— Não conheço — disse Carver novamente.

— Você não faz parte de nenhuma associação de navegadores?

— Não.

Gascoigne inclinou gravemente a cabeça.

— Ah — disse ele. — Então você vai arcar com tudo isso — indicando, com um movimento de mão, o casco encalhado diante dele, os macacos hidráulicos, os cavalos, os rebocadores, as roldanas e o guincho.

— Sim — disse Carver, ainda sem emoção. — Tudo que pode ver. Estou fadado a pagar a cada homem um guinéu a mais do que vale, para ficarem aí parados amarrando os cadarços, e desamarrá-los, e conferenciar sobre conferências, até que cada um perca o fôlego e eu esteja mil libras mais pobre.

— Sinto muito — disse Gascoigne. — Gostaria de um cigarro?

Carver fitou sua cigarreira prateada.

— Não — disse ele após um momento. — Obrigado. Não ligo pra isso.

Gascoigne tragou profundamente seu cigarro e quedou-se por um momento, pensando.

— Você certamente parece estar querendo me vender alguma coisa — disse Carver novamente.

— Um cigarro? — riu Gascoigne. — Eu o ofereci livre de cobrança.

— Me considero ainda mais livre por tê-lo recusado — disse Carver, e Gascoigne riu de novo.

— Diga-me — disse ele. — Há quanto tempo comprou esse navio?

— Você tem um monte de perguntas — disse Carver. — Qual é seu objetivo com elas?

— Bem, suponho não terem muita importância — disse Gascoigne. — Só teriam importância se você o tivesse comprado há menos de um ano. Deixe para lá.

Mas ele havia atraído o interesse de Carver. O homem olhou para ele e então disse:

— Tive o navio por dez meses. Desde maio.

— Ah! — disse Gascoigne. — Bem. Isso é deveras interessante. Isso poderia atuar em seu favor, saiba disso.

— Como?

Porém, Gascoigne não respondeu de pronto; em vez disso, estreitou os olhos e fingiu ruminar.

— O homem que o vendeu a você. Ele lhe passou a cobertura convencional? Quero dizer: você herdou uma apólice existente ou adquiriu uma apólice por conta própria?

— Não adquiri nada — disse Carver.

— O vendedor era um proprietário de navios, no sentido profissional? Ele possuía outros além da *Godspeed*, por exemplo?

— Ele tinha outros dois — disse Carver. — Navios veleiros. Fretados.

— Nenhum a vapor?

— A vela — disse Carver. — Por quê?

— E de onde mesmo você disse estar vindo, quando afundou?

— Dunedin. Você vai me contar até onde levam todas essas perguntas?

— Apenas vindo de Dunedin — disse Gascoigne, assentindo. — Sim. Agora, se me perdoar uma última impertinência, preciso perguntar sobre as circunstâncias do próprio naufrágio. Creio não ter havido descuido dos deveres, ou nada desse tipo, que tenha provocado o encalhe do navio?

Carver balançou a cabeça.

— A maré estava baixa, mas nós estávamos bem longe da costa — disse ele. — Eu joguei sessenta e cinco pés de corrente e ela pegou, então deitei duas âncoras e mais vinte pés de corrente. Fiz a convocação para mantê-la numa trela razoável e esperei até de manhã. Quando menos esperávamos, estávamos de bordo na restinga. Chovia, e a lua estava toda nublada. O vento estava apagando os faróis. Não havia nada a ser feito. Nada a ser chamado de descuido. Não sob meu comando.

Para Francis Carver, esse havia sido um discurso muito longo; ao concluí-lo, ele cruzou os braços, e sua expressão fechou. Ele franziu o cenho a Gascoigne.

— Ouça — disse ele. — Como se explica seu interesse nisso? Seria melhor me contar logo: não gosto de negociantes traiçoeiros.

Gascoigne se lembrou de que o homem havia matado o próprio filho. O pensamento era estranhamente vibrante. Suavemente ele disse:

— Pensei em algo que pode ser de alguma ajuda a você.

A carranca de Carver se aprofundou.

— Quem disse que preciso de ajuda?

— Você está certo — disse Gascoigne. — Estou sendo impertinente.

— Diga-o, mesmo assim — disse Carver.

— Ora — disse Gascoigne. — Como mencionei anteriormente, o pai da minha falecida esposa trabalhava com seguros marítimos. Sua especialidade era P&I, proteção e indenização.

— Já lhe disse que não tenho isso.

— Sim — disse Gascoigne —, mas há uma boa chance de que o homem que lhe vendeu o navio… qual era mesmo o nome dele?

— Lauderback — disse Carver.

Gascoigne fez uma pausa em demonstração de surpresa.

— Não o político!

— Sim.

— Alistair Lauderback? Mas ele está em Hokitika agora, pleiteando o assento de Westland!

— Continue o que estava dizendo. P&I.

— Sim — disse Gascoigne, balançando a cabeça. — Bem. Há uma boa chance de o senhor Lauderback, caso possua vários outros navios, pertencer a alguma espécie de associação de navegadores. Há uma boa chance de ele ter pagado uma tarifa anual a um fundo mútuo, chamado P&I, como um seguro adicional de uma natureza levemente diferente da que eu e você poderíamos pensar de uma cobertura convencional.

— Para proteger a carga?

— Não — disse Gascoigne. — A P&I funciona antes como uma reserva mútua, à qual cada proprietário de navio paga uma tarifa anual e da qual podem sacar fundos quando se acharem responsáveis por quaisquer danos que seguradoras simples se recusariam a tratar. Responsabilidades do tipo das que agora você encara. Remoção de destroços, por exemplo. É possível que a *Godspeed* possa manter-se protegida, ainda que a propriedade do navio tenha sido transferida.

— Como? — Ele pronunciou a palavra sem curiosidade.

— Bem, se a P&I foi contratada alguns anos atrás e esse for o primeiro acidente considerável que esse navio em particular sofreu, então o senhor Lauderback pode ter crédito para a *Godspeed*. Veja,

a P&I não funciona como um seguro regular: não há acionistas nem, de fato, uma companhia; ninguém procura lucrar à custa do outro. Em vez disso, é uma cooperativa de homens, todos eles navegadores. Cada homem paga sua contribuição a cada ano, até que haja o bastante no fundo para cobri-los todos. Depois disso, os navios ficam cobertos, pelo menos até que ocorra algo de errado e alguém tenha que tirar do fundo, por alguma razão. A ideia de estar "com crédito" se aplica muito aproximadamente.

— Como se fosse uma conta privada — disse Carver. — Para a *Godspeed*.

— Exatamente.

Carver pensou nisso.

— Como eu poderia saber disso?

Gascoigne deu de ombros.

— Você poderia perguntar pelas redondezas. A associação teria que estar registrada, e os navegantes teriam que estar discriminados por nome. Isso, presumindo que Lauderback de fato pertença a tal grupo, é claro, mas eu arriscaria dizer que é muito provável que ele pertença.

Na verdade, isso era mais que provável: era certo. Alistair Lauderback *possuía* proteção e indenização para todas as suas embarcações, e cada navio *tinha* um crédito da ordem de aproximadamente mil libras, e Carver *tinha* legal intitulação para sacar esses fundos para ajudar a pagar a remoção dos destroços da restinga de Hokitika, contanto que registrasse seu recurso antes de meados de maio — quando já um ano se teria passado desde a venda da embarcação e a obrigação legal de Lauderback houvesse cessado. Gascoigne tinha certeza disso tudo, porque ele mesmo havia feito as consultas, primeiro nos escritórios da Balfour Remessas, e em seguida nos arquivos de notícias do *Times*, e em seguida no escritório do capitão do porto, e em seguida no Banco Central. Ele sabia que Lauderback pertencia a uma pequena cooperativa de proprietários de navios chamada Garrity Group, assim denominada em homenagem a seu mais eminente membro, John Hincher Garrity, que era (como descobrira Gascoigne) um obstinado defensor da Era da Vela, não obstante a decadência iminente dessa época, e que ele também era, como se soube, o

membro do Parlamento incumbido para o eleitorado de Heathcote, no Leste, e grande amigo de Lauderback.

Devemos esclarecer que Gascoigne realizou essas consultas a serviço de uma investigação independente — que não dizia respeito nem a seguros marítimos, nem tampouco a John Hincher Garrity. Desde a noite de 27 de janeiro, ele passara longas horas no escritório do capitão do porto, debruçado sobre antigos diários de bordo e antigas páginas das notícias de navegação; ele trabalhara conjuntamente a Löwenthal para inspecionar todos os velhos boletins políticos no *Leader*, no *Otago Witness*, no *Daily Southern Cross* e no *Lyttelton Times*; e ele passara os olhos pelos arquivos do tribunal referentes à nomeação de George Shepard, ao acampamento de polícia temporário e ao futuro cárcere. Ele estava procurando por algo assaz particular: um fio de evidência que ligasse Shepard a Lauderback, ou Lauderback a Crosbie Wells, ou Crosbie Wells a Shepard — ou, talvez, para ligá-los um ao outro. Gascoigne tinha bastante certeza de que pelo menos uma dessas possíveis conexões era expressiva para o mistério em questão. Até agora, no entanto, sua pesquisa não revelara nada de útil.

A descoberta de que a *Godspeed* estava segurada contra danos extraordinários não era exceção a esse “nada de útil”, pois o histórico do seguro de Lauderback não se relacionava ao caso de Crosbie Wells, tampouco se ligava de qualquer maneira a George Shepard ou à carceragem atualmente em construção. Mas Gascoigne *possuía* alguma experiência no campo dos seguros marítimos, como confessara a Francis Carver, e ele não mentira ao dizer que o assunto lhe era de alguma curiosidade, tendo sido a profissão de seu antigo sogro e, portanto, assunto de muitas conversas de salão muitos anos atrás. Ele tomara nota da afiliação de Lauderback ao Garrity Group com interesse, arquivando-a em sua mente como algo para ser examinado mais minuciosamente em momento futuro.

Aubert Gascoigne sabia que Francis Carver era um bruto e não almejava granjear-lhe a amizade; ele sentiu, no entanto, que ter Carver a seu lado seria de alguma valia e solicitara a atenção do homem na restinga naquela tarde tendo em mente esse propósito.

Carver ainda pensava sobre proteção e indenização.

— Acredito que vou precisar do consentimento de Lauderback — disse ele. — Para requerer cobertura. Acho que vou precisar que ele assine alguma coisa.

— Talvez você precise — respondeu Gascoigne —, mas o fato de que apenas dez meses se passaram desde que a *Godspeed* mudou de mãos pode lhe valer alguma coisa. Pode ser uma brecha. — E de fato era. — E o fato de que você herdou uma apólice básica de Lauderback pode valer-lhe alguma coisa, também: ora, se você a herda inteira, herda também suas partes, não é? — De fato, herda. Com um floreio, Gascoigne concluiu. — Você está navegando em águas da Nova Zelândia, e, se não houve descuido de sua parte, como diz, então é muito provável que seja autorizado a requerer aqueles fundos.

Ele fizera bem sua pesquisa. Carver assentiu, parecendo impressionado.

— De qualquer forma — disse Gascoigne, sentindo que as sementes da curiosidade haviam sido adequadamente plantadas —, você deveria investigar. Pode lhe poupar uma grande quantia de dinheiro. — Ele virou o cigarro com a mão, examinando a brasa, para dar a Carver uma chance de o fitar despercebidamente.

— Qual é sua participação nisso? — disse Carver dentro em pouco.

— Absolutamente nenhuma — disse Gascoigne. — Como lhe disse, eu trabalho na Corte dos Magistrados.

— Você tem um amigo em P&I, suponho.

— Não — disse Gascoigne. — Não tenho. Não é assim que funciona, como já lhe contei. — Ele pincelou a extremidade de seu cigarro nas pedras abaixo do farol.

— Você simplesmente é um homem que fala sobre brechas a outro homem.

— Suponho que sim — disse Gascoigne.

— E então dá no pé.

Gascoigne soergueu o chapéu.

— Devo encarar isso como minha deixa — disse ele. — Boa tarde, capitão…?

— Carver — disse o ex-capitão, apertando a mão de Gascoigne muito firmemente dessa vez. — Frank Carver é meu nome.

— E eu sou Aubert Gascoigne — lembrou-o Gascoigne, com um sorriso agradável. — Posso ser encontrado no tribunal, caso algum dia precise de mim. Bem, boa sorte com a *Godspeed*.

— Tudo bem — disse Carver.

— Ela de fato é uma excelente embarcação.

Gascoigne, *dando no pé*, sentiu uma espécie de deslumbre nascendo dentro de si. Ele manteve o rosto para a frente e não olhou para trás — sabendo que os escuros olhos de Carver haviam-no seguido pela restinga e pelo cais, e por todo o caminho à extremidade sul da rua Revell, onde ele dobrou a esquina e desapareceu da vista.

Φ

Sook Yongsheng, a caminho de Kaniere para tentar uma entrevista com seu compatriota Quee Long, estava naquele momento muito imerso em pensamentos, as mãos atrás das costas, os olhos cegamente fixos no chão diante de si. Ele mal registrava as figuras com que cruzava na beira da estrada, nem as carrocinhas carregadas que por ali trepidavam, nem os raros cavaleiros rumando para o desfiladeiro — todos os homens sem chapéu e em mangas de camisa, desfrutando o descorado sol de verão que parecia, por sua raridade, brilhar com uma luz providencial e bondosa. O ânimo ao longo da estrada de Kaniere era alegre; das árvores vinha, ocasionalmente, o fragmento de um hino, originário de uma das capelas improvisadas nos acampamentos do interior. Ah Sook não prestou atenção alguma. Seu encontro naquela tarde com Lydia Greenway — atualmente Lydia Wells — o havia abalado profundamente, e, como uma forma de acalmar seu desassossego, ele repetia mentalmente o próprio conto — narrando a mesma exata história, aliás, que ele relatara a Ah Quee três semanas antes.

Quando Francis Carver se apresentara à família Sook, ele tinha apenas vinte e um anos, e Ah Sook, garoto de doze, havia naturalmente o respeitado. Carver era um rapaz sóbrio e cismado, nascido em Hong Kong de um pai mercador britânico e criado no mar. Era fluente em cantonês, embora não alentasse nenhum amor pela China e pretendesse deixar aquele lugar tão logo comprasse seu próprio navio — uma ambição que citava muito frequentemente.

Ele trabalhava para a filial da firma mercante Dent & Cia. em Kwangchow, na qual seu pai era um oficial de alta patente, e Carver era responsável por supervisionar a transferência de mercadorias chinesas de lá para cá entre os armazéns de exportação ao longo do rio das Pérolas. Um desses armazéns era propriedade do pai de Sook Yongsheng, Sook Chun-Yuen.

Sook Yongsheng entendia muito pouco das operações financeiras dos negócios paternos. Ele sabia que o armazém Sook servia como um ponto de conexão de compradores, cuja maioria era de companhias mercantes britânicas. Ele sabia que a Dent & Cia. era, de longe, a mais ilustre e bem relacionada dessas firmas, e que seu pai muito se orgulhava dessa associação. Ele sabia que todos os clientes de seu pai pagavam por suas mercadorias em minério de prata e que isso era motivo de ainda mais orgulho para Sook Chun-Yuen; ele sabia, ainda, que seu pai odiava o ópio, e que ele tinha o comissário imperial, Lin Tse-Hsu, em muito alta estima. Ah Sook não sabia o alcance de nenhum desses particulares; mas ele era um filho leal e aceitava as crenças de seu pai sem pestanejar, confiando que fossem tanto virtuosas quanto sábias.

Em fevereiro de 1839, o armazém Sook foi alvo de uma investigação imperial — um procedimento assaz rotineiro, ainda que perigoso, pois, por decreto do comissário Lin, qualquer mercador chinês que abrigasse ópio enfrentaria a pena de morte. Sook Chun-Yuen recebeu as forças imperiais em seu armazém cordialmente — onde descobriram, escondidos em meio ao chá, cerca de trinta ou quarenta caixotes de resina de ópio, cada um pesando por volta de cinquenta libras-peso. Os protestos de Sook Chun-Yuen foram em vão. Ele foi executado sem julgamento, imediatamente.

Ah Sook não sabia no que acreditar. Sua natural confiança na honestidade de seu pai levou-o a crer que haviam tramado contra ele, e sua natural confiança na argúcia de seu pai fê-lo duvidar de que ele *pudesse* ter sido vítima de uma trama. Ele estava dividido — mas não tinha tempo para contemplar o assunto, pois, uma semana depois da execução, a guerra estourou em Kwangchow. Temendo pela própria segurança e pela segurança de sua mãe, que quase fora impelida às raias da loucura devido ao sofrimento, Ah Sook

voltou-se para o único homem em que sabia poder confiar: o jovem representante da Dent & Cia., Francis Carver.

Tornou-se claro que o sr. Carver ficou mais do que feliz em assumir o negócio da família Sook como um arrendamento e em aceitar para si todas as responsabilidades de organização e administração — pelo menos, dissera ele, até que a dor de Ah Sook tivesse passado e as guerras civis se houvessem aquietado ou fossem resolvidas. Em uma demonstração de amabilidade ao garoto, Carver sugeriu que ele podia continuar a trabalhar no ramo da exportação, a fim de honrar a memória de seu falecido pai, por mais desonrada que estivesse agora essa memória. Se Ah Sook desejasse, Carver poderia dar-lhe trabalho no empacotamento de mercadorias — um serviço decente e honroso, ainda que servil, que o ajudaria a levar a cabo a guerra. Essa proposta agradou extremamente a Ah Sook. Dentro de horas de conversa, ele se tornara empregado de Francis Carver.

Pelos quinze anos seguintes, Ah Sook embrulhou em palha itens de porcelana e louça, envolveu em papel rolos de seda estampada, empilhou em caixas latinhas de chá, carregou e descarregou pacotes, martelou tampos de caixotes de transportes, colou rótulos em papelões e discriminou aqueles objetos finamente forjados e inúteis que eram denominados, nos inventários de mercadorias, de *chinesidades*. Ele raramente viu Carver durante esse período, pois ele estava com frequência no mar, mas suas interações, quando ocorriam, eram sempre cordiais: era de costume sentarem juntos no quebra-mar e dividirem uma garrafa de bebida, contemplando o estuário à medida que a água passava de marrom a azul e a prata, e finalmente a negra, quando então Carver se levantava, batia no ombro de Ah Sook, arremessava a garrafa vazia no rio e zarpava.

No verão de 1854, Carver retornou a Kwangchow após uma ausência de vários meses e informou Ah Sook — agora um homem perto dos trinta anos — de que seu acordo com ele estava finalmente chegando ao fim. Sua ambição de toda uma vida, de um dia comandar um navio mercante, havia enfim sido realizada: a Dent & Cia. estabeleceria uma rota comercial para Sydney e os garimpos de Victoria, e seu pai havia fretado um belo veleiro, o *Palmerston*,

em seu proveito. Essa era uma grande promoção profissional, que Carver não podia ignorar. Ele viera, disse, para desejar adeus à família Sook e a essa época de sua vida.

Ah Sook recebeu o adeus de Carver com tristeza. Nessa época, sua mãe já havia morrido e as guerras do ópio haviam cedido lugar a uma nova rebelião em Kwangchow — uma rebelião sangrenta e revoltada: pressagiava guerra e talvez até mesmo o fim do império. A mudança estava no ar. Assim que Carver fosse embora, o armazém, vendido, e a relação com Dent & Cia, dissolvida, Ah Sook seria completamente apartado de sua antiga vida. Num impulso, ele suplicou para ser levado junto. Ele poderia tentar a sorte nos garimpos de Victoria, lugar para o qual muito de seus conterrâneos haviam já navegado; talvez, segundo dissera, ele pudesse inventar lá uma nova vida para si, tal como eles haviam feito. Na China nada lhe restava.

Carver aquiesceu a essa sugestão sem entusiasmo. Ele considerou que Ah Sook poderia ir junto, embora lhe fosse exigido que pagasse a própria passagem e não atrapalhasse. O *Palmerston* estava programado para fazer uma escala em Sydney, passando duas semanas carregando e descarregando mercadorias em Port Jackson antes de prosseguir a Melbourne ao sul; durante essas duas semanas, Ah Sook deveria isolar-se e não amolar Carver — doravante referido “capitão” — de maneira alguma. Quando o *Palmerston* desembarcasse em Port Philip, eles se separariam como amigáveis estranhos, nada devendo um ao outro, nada esperando um do outro; daí em diante, eles nunca mais se veriam novamente. Ah Sook concordou. Num frenesi de súbita excitação, ele renunciou aos seus poucos haveres, trocou suas magras economias por libras e comprou uma passagem padrão na mais alta classe de leitos que Carver lhe permitiu ocupar (a terceira). Ele era, como em breve descobriria, o único passageiro do navio.

A viagem a Sydney transcorreu sem incidentes; olhando em retrospectiva, Ah Sook a recordava somente como uma névoa estática e enjoativa, lentamente se desanuviando, tal qual o princípio de uma enxaqueca. Ao passo que a embarcação fazia sua longa aproximação à ampla e baixa garganta do porto, Ah Sook, fraco e subnutrido após tantas semanas ao mar, arrancou-se

finalmente de seu leito e aventurou-se navio acima. A luz lhe pareceu muito estranha; ele sentiu que, na China, a luz era mais fina, mais branca, mais limpa. A luz australiana era muito amarela e havia uma qualidade espessa em sua claridade, como se o sol estivesse sempre a ponto de se pôr, até mesmo de manhã ou ao meio-dia.

Ao chegar ao atracadouro no porto de Darling, o capitão do navio mal parou para desenferrujar as pernas e caminhar a um passo mais firme: ele desceu o passadiço do *Palmerston*, ganhou o cais e adentrou num bordel ao lado da doca, sem nem mesmo lançar um olhar para trás. Sua tripulação foi rápida em seu encalço; dentro de pouco tempo, portanto, Ah Sook encontrou-se sozinho. Ele deixou o navio, confiando à memória o local de sua atracação, e prontamente partiu interior adentro — resolvendo, de certo modo ingenuamente, mensurar o país onde viveria.

O inglês de Ah Sook era muito pobre, simplesmente porque ele e Carver sempre haviam conduzido suas conversas em cantonês e ele não conhecia outros homens falantes do inglês. Procurou por rostos chineses nas docas, em vão; aventurando-se ainda mais pelo interior, caminhou por horas pelas ruas, procurando por uma tabuleta pintada — mesmo um simples caractere — que pudesse compreender. Não encontrou nada. Dentro em breve, ele aventurou-se na alfândega, onde exibiu uma das notas de banco que havia dobrado dentro da banda de seu chapéu e a ergueu: talvez o dinheiro pudesse falar onde ele não conseguia. O oficial da alfândega levantou as sobrancelhas — mas, antes de dizer palavra, o chapéu de Ah Sook foi-lhe arrancado das mãos. Ele se virou e viu um garoto descalço fugindo dele a certa velocidade. Ultrajado, Ah Sook gritou e saiu-lhe no encalço, mas o garoto era rápido e o labirinto das docas lhe era familiar; dentro de minutos, ele havia sumido.

Ah Sook caçou o garoto por muito tempo. Quando finalmente desistiu e retornou à alfândega, os oficiais apenas balançaram a cabeça e afastaram as mãos. Eles apontaram para o interior e falaram uma saraivada de palavras. Ah Sook não sabia para onde apontavam ou o que diziam. Ele sentiu um soluço subir-lhe à garganta. A banda do chapéu continha todo o dinheiro que possuía,

exceto pela única nota de banco que ele segurava com a outra mão: estava agora desamparado. Atormentado, ele tirou as botas, pôs a última nota de banco na cavidade gasta debaixo de seu salto, calçou as botas e retornou ao *Palmerston*. Ao menos, pensou ele, havia um homem em Sydney que podia falar cantonês.

Ah Sook aproximou-se do bordel cautelosamente. De dentro, ele pôde ouvir o som de um piano — o timbre lhe era desconhecido: sentiu que este possuía um som quadrado e aconchegante. Ele se demorava na soleira, ponderando se deveria bater, quando a porta se escancarou e um homem apareceu.

Ah Sook saudou-o. Ele tentou explicar, tão cortesmente quanto era capaz, que desejava falar com um homem chamado Carver, capitão do *Palmerston*. O homem na soleira respondeu com uma sequência de sons ininteligíveis. Ah Sook persistiu, repetindo o nome de Carver muito lenta e cuidadosamente. Ele recebeu a mesma resposta. Em seguida, tentou indicar com a palma da mão que ele desejava passar ao lado do homem e adentrar na sala, a fim de poder falar ele mesmo com Carver. Isso foi um erro. O homem agarrou o colarinho da camisa de Ah Sook com uma manzorra, pegou-o e arremessou-o estatelado na rua. Ah Sook sentiu-se dolorido, mexendo no pulso e no quadril. O homem enrolou as mangas e avançou escada afora. Deu uma última tragada em seu charuto antes de jogá-lo, com uma sacudidela de pulso, de bordo no cais. Então, com os dentes arreganhados, exibiu os punhos. Ah Sook ficou muito aflito. Ele também exibiu as mãos, para indicar que não desejava lutar e implorava misericórdia. O homem gritou algo por cima do ombro — talvez alguma instrução — e dentro de instantes um segundo homem, o rosto mais fino, o nariz mais adunco, surgiu à soleira do bordel. Este segundo homem passou às costas de Ah Sook, içou-o do chão e atou-lhe as mãos atrás das costas — numa posição que deixava seu rosto e seu torso indefesos. A dupla trocou palavras. Ah Sook debateu-se, mas não conseguiu libertar os pulsos. O primeiro homem, levantando os antebraços diante do rosto dele, trocou ligeiramente seu peso de um pé para o outro. Ele então se aproximou e recuou várias vezes, pisando muito suavemente, e em seguida disparou à frente e começou a espancar com os punhos o rosto e o estômago de Ah

Sook. O homem atrás dele grasnou algo. O primeiro resmungou de volta e retrocedeu, apenas para avançar novamente no mesmo estilo e despejar uma segunda torrente de golpes. Sem demora, os convivas dentro do bordel foram instigados. Eles confluíram para a rua, trazendo com eles o barulho da festa.

Francis Carver apareceu à soleira do bordel. Ele havia tirado seu casaco; estava com uma camisa pregueada e uma gravata azul, amarrada com um desleixado nó americano. Pôs as mãos frouxamente nos quadris e observou a luta com um olhar irritado. Ah Sook encontrou seus olhos.

— *Mh goi bong ngoh* — gritou ele em meio a uma golfada de sangue. — *Mh goi bong ngoh*!

Francis Carver pareceu olhar exatamente através dele. Não fez sinal algum de que estava compreendendo Ah Sook. Um dos outros convivas disse algo, e Carver respondeu em inglês, olhando para outro lado.

— *Pang yao*! *Ho pang yao*!

Mas Carver não olhou para ele de novo. Uma mulher de cabelos acobreados apareceu junto dele na soleira, serpenteando para debaixo de seu braço; ele a envolveu pela cintura e puxou seu corpo para mais perto do dele. Murmurou algo em seus cabelos. Ela riu, e eles voltaram para dentro.

O segundo homem logo não suportava mais o peso morto do corpo de Ah Sook; ele o largou, queixando-se, evidentemente, do sangue que havia borrifado em seu casaco e nos punhos de sua camisa. O primeiro homem começou a chutar Ah Sook onde ele jazia, mas isso não era evidentemente tão divertido quanto seu esporte anterior, e sem demora a multidão perdeu interesse e se dispersou. O primeiro homem deu um chute final nas costelas de Ah Sook com a biqueira da bota e então retornou, também, para dentro. Quando ele havia adentrado novamente no bordel, fez-se uma crescente onda de riso, e então o piano atacou uma nova melodia.

Usando os cotovelos e os joelhos, Ah Sook arrastou seu corpo inutilizado à alameda, fora das vistas. Deitou na sombra, sentindo uma dor aguda toda vez que inspirava. Ele observou os mastros dos navios moverem-se de cá para lá. O sol se punha. Após um tempo, ele ouviu os passos do lamparineiro no cais e, perto dele, o silvo e o

baque do inflamar da lâmpada de gás. A escuridão tornara-se cinza. Ele temeu que suas costelas estivessem quebradas. Sentia uma umidade pegajosa, como a de uma esponja, abaixo do couro cabeludo. Seu olho esquerdo havia se fechado. Ele não sabia se tinha forças suficientes para ficar de pé.

Dentro em breve a porta traseira do bordel se abriu, derramando nas pedras uma luz amarela. Rápidos passos soaram em direção à alameda. Ah Sook ouviu o tinido de uma tigela de estanho ser depositada sobre o pavimento, e então sentiu um frio toque de mão sobre sua testa. Ele abriu o olho direito. Uma jovem mulher de rosto finamente pontiagudo e dentes salientes se ajoelhava diante dele. Murmurando frases que ele não entendia, ela mergulhou um retalho de pano em água quente e começou a limpar o sangue de seu rosto. Ele deixou a voz dela purificá-lo. Ela usava um avental engomado, à maneira das garçonetes: ela deve trabalhar lá, ele pensou. Seu palpite confirmou-se quando, após um momento, veio de dentro uma convocação aos berros, e ela, murmurando, soltou o pano e esgueirou-se dali.

Várias horas se passaram. O pianista parou, e os barulhos começaram a minguar. Ah Sook dormiu um pouco e acordou para descobrir que tudo estava muito quieto, e que a garçonete voltara. Desta vez, ela carregava uma latinha debaixo do braço, vários apetrechos embrulhados em pano e um candeeiro. Ela ajoelhou-se a seu lado, pousando a lanterna cuidadosamente sobre o pavimento e girando seu mostrador de modo que o globo fulgurasse branco. Ah Sook virou a cabeça, tão delicadamente quanto era capaz, e viu, com alguma surpresa, que a latinha que ela carregava trazia o próprio nome de família dele, inscrito em chinês. Ele sofreu um sobressalto, o qual a mulher interpretou estranhamente; ela sorriu e assentiu, e pôs o dedo nos lábios, indicando segredo. Ela então abriu a latinha, vasculhou em meio a folhas de chá e retirou do seu interior um pequeno pacote quadrado, embalado em papel. Ela sorriu para ele. Ah Sook estava confuso. Ele dolorosamente voltou sua cabeça para a direita, a fim de ver os apetrechos que a mulher desembrulhara de seu pacote — e viu um cachimbo curto e deselegante, arranjado ao lado de uma agulha, uma faca e uma tigela de estanho. Ele virou-se para ela, questionadoramente, mas

ela estava ocupada ajustando a chama da lâmpada, montando o cachimbo e preparando a resina. Quando enfim o ópio estava borbulhando e um cacho de fumaça branca escapou da fina abertura do bojo, ela pressionou a embocadura do cachimbo nos lábios de Ah Sook. Ele estava exausto demais para rejeitá-lo. Ele puxou o vapor pela boca e lá o manteve.

Fez-se um alvorecer em seu peito, duma luz líquida. Uma perfeita calma inundou seu corpo. A dor em sua cabeça e em seu peito foram drenadas dele, tão simples e subitamente como água infiltrando-se num pedaço de seda. Ópio, pensou ele, estupidamente. Ópio. Era extraordinário. Era um milagre, uma cura. Ela passou-lhe o cachimbo outra vez e ele sorveu avidamente de seu bocal, como um mendigo sorvendo de uma colher. Ele não se lembrou de ter perdido a consciência, mas, quando voltou a abrir os olhos, já era dia e a garçonete se fora. Ele jazia escorado entre duas caixas de madeira nos fundos do edifício, com uma coberta estendida sobre seu corpo e outra dobrada debaixo de sua bochecha. Alguém — a garçonete, talvez? — devia tê-lo arrastado até ali. Ou ele teria vindo de vontade própria? Ah Sook não conseguia se lembrar. Ele estava com uma dor de cabeça terrível e a dor nas costelas voltara. Vindo de dentro do edifício ele podia ouvir o chapinhar de água e o som de facas.

Então ele se lembrou da vasilha de ópio, enterrada no meio da latinha de chá. A Dent & Cia. vinha pagando por suas mercadorias em ópio — pois a Grã-Bretanha não detinha mais prata e a China não tinha necessidade de ouro. Como ele podia ter sido tão idiota? Francis estava contrabandeando a droga *para* a China, usando o armazém da família Sook como ponto de encontro. Francis Carver havia traído seu pai. Francis Carver havia lhe dado as costas e fingido não entender seu lamento. Ah Sook deitou de lado na alameda, sem se mexer. Uma convicção fatal crescia em seu peito.

Ao longo da semana seguinte, a mulher de dentes salientes o manteve alimentado, hidratado e sedado. Ela verificava seu estado várias vezes ao dia, sempre com a desculpa de dar de comer aos porcos, esvaziar a lavagem ou levar a roupa ao varal; após o anoitecer, ela vinha com o cachimbo e nutria-o com a fumaça até que a dor se abrandasse e ele adormecesse. Ela desempenhava

em silêncio esses cuidados, e Ah Sook, enquanto a observava, quedava-se também quieto. Ele pensou a respeito dela. Uma noite ela veio com os próprios olhos escurecidos. Ele levantou a mão para tocá-los, mas ela franziu o cenho e virou-se.

Dentro de poucos dias Ah Sook conseguiu ficar de pé, embora fosse doloroso fazê-lo, e dentro de uma semana ele conseguiu andar lentamente em volta do quintal. Ele sabia que o *Palmerston* havia programado apenas uma quinzena de escala em Sydney; em breve ele partiria para os garimpos de Victoria, ao sul. Ah Sook não se importava mais em continuar ou não em Melbourne. Ele desejava apenas confrontar Carver antes que o veleiro zarpasse.

Desde que o *Palmerston* chegara a seu atracadouro, Carver não ficara uma só noite sozinho: ele passara suas noites no bordel ao lado da doca, na companhia da mulher de cabelos acobreados. Ah Sook viu-o se aproximar todas as noites, transpondo o cais com os braços balançando e as abas da sobrecasaca fulgurando. Ele não deixava o bordel até as primeiras horas da tarde, e a mulher de cabelos acobreados não raro o acompanhava à porta da alameda para desejar um adeus privado. Ah Sook tinha vislumbrado duas vezes o par andando junto ao longo das docas, bem depois do pôr do sol. Eles conversavam como íntimos. Um se inclinava mais próximo para ouvir quando o outro falava, e a mão da mulher sempre estava na curvatura do cotovelo de Carver, apertando firme.

A oitava noite após o ataque a Ah Sook era um domingo, e a festa no bordel cessou logo após a meia-noite, conforme o toque de recolher. Ah Sook rastejou até a frente do lugar e viu Carver silhuetado na janela central do andar superior, inclinando seu antebraço contra o dintel e olhando para baixo, na escuridão. Enquanto Ah Sook o observava, a mulher de cabelos vermelhos chegou-se por trás de Carver, agarrou sua manga e puxou-o para fora do campo de visão, para dentro das profundezas do quarto. Permanecendo no escuro, Ah Sook rastejou de volta ao caixilho da janela acima da mesa de corte da cozinha e abriu-o suavemente. Ele escalou para dentro. O aposento parecia deserto. Olhou ao redor em busca de uma arma, escolhendo, por fim, um cutelo da prateleira acima da mesa. Ele nunca empunhara qualquer tipo de

arma contra outro homem, mas senti-la pesada em sua mão deu-lhe confiança. Ele se moveu para encontrar a escada na penumbra.

Havia três portas no topo da escada, todas elas fechadas. Ele encostou o ouvido na primeira (apenas silêncio), e em seguida na segunda (passos abafados), e em seguida na terceira, atrás da qual pôde ouvir o rumor de uma voz masculina, o ranger de uma cadeira e, então, a resposta baixa de uma mulher. Ah Sook tentou estimar a distância desde a beirada da casa até a janela superior onde ele momentos antes vira Carver debruçado. Esta terceira porta levaria àquele salão central — elas se encaixavam? Sim: pois ele estava a dez pés da beirada do patamar, e, caso desenhasse em sua mente a fachada do bordel, a janela estaria facilmente a doze pés da beirada do edifício. A não ser que a segunda porta levasse a um quarto maior, é claro, e esta terceira porta levasse a um menor. Ah Sook colou a orelha na porta. Ele ouviu o homem levantar a voz e dizer várias palavras em inglês — rispidamente e com um sotaque polido, embora estivesse descontente. Deve ser Carver, pensou Ah Sook. Só podia ser Carver. Cheio de uma súbita fúria, ele escancarou a porta — mas não era Carver. Era o homem que o havia espancado pouco mais de uma semana antes. Ele tinha ao colo a mulher de dentes salientes, uma mão envolvendo-lhe a garganta, a outra espalmada em seu seio. Ah Sook recuou, surpreso — e o homem, vociferando sua cólera, empurrou a mulher do colo e ficou de pé.

Ele proferiu uma sequência de sílabas que Ah Sook não entendeu e alcançou seu revólver, que jazia na mesa de cabeceira ao lado da cama. No mesmo instante, a mulher de dentes salientes enfiou a mão no seio e de lá tirou uma pistola feminina. O homem levantou a arma e puxou o cão — Ah Sook recuou —, mas o mecanismo emperrou; na culatra havia uma cápsula despendida. Quando o homem inclinou o revólver para liberar a cápsula despendida, a mulher avançou nele e colocou o cano da pistola em sua têmpora. Enlouquecido, ele tentou empurrá-la — e fez-se um estrondo — e o homem tombou. Ah Sook não tinha se movido. A mulher de dentes salientes voou adiante, tirou o revólver da mão morta do homem e em seu lugar encaixou a própria pistola. Ela então empurrou o pesado revólver nas mãos de Ah Sook, fechou

seus dedos em volta do tambor e fez menção de que ele saísse, e saísse rápido. Desnorteado, ele se virou, o revólver numa mão, o cutelo na outra. Ela agarrou seus ombros, puxou-o para trás e encaminhou-o, em vez disso, às escadas de serviço do outro lado do hall — por onde ele desapareceu, ouvindo passos e tumulto na escada principal.

Lá fora, Ah Sook jogou ambas as armas na água e observou-as afundar rapidamente, desaparecendo. Ouviu-se uma gritaria vinda de dentro, e berros abafados. Ele se virou e começou a correr. Antes de chegar ao fim do cais, ouviu passos atrás de si. Então algo atingiu suas costas e ele tombou de rosto no chão. Ele emitiu um grunhido de dor — suas costelas ainda estavam muito sensíveis — e sentiu algemarem-lhe as mãos, rudemente, por trás dele. Ele não protestou ao ser içado de pé, conduzido à posta e empurrado contra ela; seu capturador então o prendeu, com um segundo par de algemas, à argola de ferro, onde ele permaneceu até que chegasse a diligência para levá-lo ao cárcere.

Ah Sook não entendia lhufas das perguntas que lhe faziam em inglês, e enfim seus interrogadores desistiram dele. Não lhe foi dada a cortesia de um intérprete, e quando ele disse o nome “Carver”, os policiais apenas balançaram a cabeça. Ele foi colocado numa cela apertada com outros cinco homens. No devido tempo o caso foi ouvido e ponderado para justificar-se um julgamento, o qual foi programado para ocorrer dali a cerca de seis semanas. Nessa altura, o *Palmerston* há muito teria zarpado; Carver, com toda probabilidade, teria sumido para sempre. Ah Sook passou as seis semanas seguintes num estado de grande ansiedade e abatimento, e despertou na manhã de seu julgamento como se fora o dia mesmo de sua execução. Como ele poderia esperar se defender? Ele seria condenado e enforcado antes de findo o mês.

O caso foi relatado em inglês, e Ah Sook, da plataforma, não entendeu praticamente nada dele. Ficou surpreso quando, após várias horas de discursos e juramentos, Francis Carver foi trazido em algemas. Ah Sook se perguntou por que essa testemunha fora a única a ser encarcerada. Ele se levantou à medida que Carver se aproximava da bancada e gritou-lhe em cantonês. Seus olhares se encontraram — e, na repentina quietude, Ah Sook, falando calma e

distintamente, prometeu vingar a morte de seu pai. Carver, para sua própria desonra, foi o primeiro a olhar para o outro lado.

Foi somente muito mais tarde que Ah Sook entendeu a natureza do que se verificara durante o julgamento. O nome do homem que ele fora acusado de ter matado, como depois descobriu, era Jeremy Shepard, e a mulher de dentes salientes que cuidara de Ah Sook até sua recuperação era a esposa dele, Margaret. A mulher de cabelos acobreados era Lydia Greenway; ela era a proprietária do bordel do porto Darling, que era conhecido como White Horse Saloon. Quando de seu julgamento, Ah Sook não sabia nome algum; foi somente na manhã seguinte à sua absolvição que ele encontrou uma cópia do *Sydney Herald* e foi capaz de pagar um comerciante cantonês para traduzir-lhe a explicação dada nas páginas dedicadas aos tribunais — a qual, devido à sua natureza sensacionalista, corria ao longo de três colunas, preenchendo quase uma página inteira.

O caso do promotor, de acordo com o *Sydney Herald*, residia em três pontos: em primeiro lugar, o de que Ah Sook possuía uma boa razão para guardar rancor de Jeremy Shepard, dado que este o havia espancado até desfalecer, na semana anterior; em segundo lugar, o de que Ah Sook fora apreendido fugindo do White Horse Saloon nos momentos após o tiro ser disparado, o que naturalmente fazia dele o suspeito mais provável; e em terceiro lugar, o de que não se podia confiar nos chineses, em geral, e que eles de fato guardavam um ressentimento inerente contra todos os homens brancos.

A defesa, perante essas acusações, foi pusilânime. O advogado argumentou que era improvável que Ah Sook, tendo apenas uma fração da altura e do peso de Shepard, houvesse conseguido chegar perto o suficiente para pôr o cano da pistola contra a têmpora do outro homem; por essa razão, a possibilidade de suicídio não devia ser descartada. Quando o promotor interveio para asseverar que o ato do suicídio ia, segundo o testemunho dos amigos, veementemente contra a natureza de Jeremy Shepard, a defesa arriscou a opinião de que homem algum na terra era totalmente incapaz de suicidar-se — uma conjectura que recebeu uma cortante reprimenda do juiz. Implorando o perdão do juiz, o

advogado concluiu seu argumento sugerindo, como um tipo de súmula geral, que talvez Sook Yongsheng houvesse fugido do White Horse apenas em alarme: um tiro havia sido disparado, afinal de contas. Quando ele se sentou, o promotor não fez esforço algum para conter um sorriso afetado, e o juiz suspirou muito audivelmente.

Por fim, o promotor convocou o testemunho de Margaret Shepard, a viúva de Jeremy Shepard — e foi aqui que o julgamento ganhou uma reviravolta surpreendente. Da bancada, Margaret Shepard recusou terminantemente corroborar a linha de perguntas do promotor. Ela insistiu que Sook Yongsheng não havia matado seu marido. Ela sabia ser verdade por uma simples razão: ela mesma havia testemunhado o suicídio dele.

Essa confissão surpreendente provocou tamanho clamor na corte, que o juiz foi obrigado a pedir ordem. Ah Sook, para quem esses eventos seriam traduzidos apenas muito tempo depois, nunca imaginaria que a mulher arriscasse a própria segurança a fim de salvar-lhe a vida. Quando o interrogatório a Margaret Shepard foi autorizado a continuar, o promotor quis saber por que ela até então ocultara essa informação tão vital, ao que Margaret Shepard respondeu que ela vivia com grande temor de seu marido, pois ele abusava dela diariamente, como mais de uma testemunha poderia provar. Seu espírito estava doente; ela somente agora conseguira reunir a coragem para falar do incidente em voz alta. Após esse pungente testemunho, o julgamento dissolveu-se. Ao juiz não havia escolha senão absolver Ah Sook do crime de assassinato e libertá-lo. Jeremy Shepard, decretou-se, cometera o suicídio, e que Deus o tivesse — embora essa possibilidade fosse, teologicamente falando, muito improvável.

A primeira ação de Ah Sook depois de sua libertação do cárcere foi buscar notícias de Francis Carver. Ele soube, para sua surpresa, que o *Palmerston* fora na verdade apreendido no porto de Sydney algumas semanas antes, após uma investigação de rotina. Francis Carver fora pego infringindo a lei sob acusações de contrabando, infrações alfandegárias e evasão fiscal: segundo o relatório feito à polícia marítima, havia dezesseis jovens mulheres de Kwangchow no porão do navio, todas elas severamente

subnutridas e assustadas ao extremo. O *Palmerston* fora confiscado, as mulheres foram deportadas para a China, Carver fora levado ao cárcere e o relacionamento dele com a Dent & Cia. fora formalmente dissolvido. Ele havia sido sentenciado a dez anos de servidão na penitenciária da ilha Cockatoo, em caráter imediato.

Nada havia a fazer senão esperar decorrer a sentença de Carver. Ah Sook viajou para Victoria e começou a garimpar; ele adquiriu alguma habilidade com o inglês, aprendeu vários ofícios e sonhou, com lucidez gradativa, vingar o assassinato de seu pai, tirando a vida de Carver. Em julho de 1864, ele enviou uma averiguação por escrito à ilha Cockatoo solicitando saber aonde Carver fora após sua libertação. Recebeu uma resposta três meses depois, informando-o que Carver navegara até Dunedin, na Nova Zelândia, no vapor *Sparta*. Ah Sook comprou uma passagem para lá — e em Dunedin, o rastro subitamente se perdeu. Ele procurou e procurou — e nada achou. Por fim, derrotado, Ah Sook deu o caso por perdido. Comprou uma patente de mineração e uma passagem só de ida para a costa Oeste — onde, oito meses depois, topou com ele: parado à rua, o rosto com uma cicatriz nova, seu peito com uma robustez nova, pondo moedas na mão de Te Rau Tauwhare.

Φ

Ah Sook encontrou Ah Quee sentado de pernas cruzadas num quadrado de cascalho, a alguns pés da estaca que marcava a fronteira sudeste da Aurora. O ferreiro segurava uma bateia de garimpeiro com ambas as mãos e a balançava ritmicamente, chicoteando os pulsos com o confiante movimento de um homem versado numa só habilidade. Havia um cigarro aceso no canto de sua boca, mas ele não parecia estar fumando: a cinza se desfazia em pequenos pedaços sobre sua túnica à medida que ele se movia. Diante dele havia uma gamela de madeira, e a seu lado, um crisol de ferro com calha achatada.

Seu ritmo seguia um padrão circular. Primeiro ele sacudia as pedras maiores e torrões para fora da bateia, atendo-se a uma cadência persistente, de modo que as areias mais finas sedimentassem, gradativamente, no fundo do tacho; então ele se inclinava para a frente, molhava a ponta do tacho na água turva e,

com um movimento astuto, empinava-o de volta contra seu corpo, rodopiando o líquido cuidadosamente no sentido horário para criar um vórtice na bateia. O ouro pesava mais que a pedra e descia até o fundo; assim que ele filtrava o cascalho molhado da superfície, o metal puro deixava, brilhando umidamente, diminutos pontos de luz contra o fundo negro. Ah Quee arrancava com os dedos esses cintilantes flocos e os transferia cuidadosamente a seu crisol; ele então reabastecia sua bateia com terra e pedras e repetia o procedimento, sem qualquer variação, até que o sol desaparecesse abaixo das copas das árvores a oeste.

A Aurora ficava a boa distância tanto do rio quanto do mar, uma inconveniência que explicava, em parte, sua falta de atrativos para uma jazida. Fazia-se necessário que Ah Quee transportasse a água do rio à concessão toda manhã, pois, sem água, sua tarefa seria quase impossível; assim que a água se turvava de sujeira e lodo, no entanto, tornava-se mais difícil ver o ouro, e ele era obrigado a caminhar de volta ao rio, a fim de encher novamente os baldes. Ele poderia ter construído um aqueduto a partir do rio Hokitika, ou ter cavado um poço com uma haste, mas o proprietário da jazida deixara claro desde o início que ele não despenderia recurso algum com a Aurora. Não fazia sentido. Os dois acres que compreendiam a Aurora mal configuravam um solo rentável: era apenas um pedaço amorfo de pedras, sem árvores. A pilha de dejetos às costas de Ah Quee, testamento de suas longas horas de atividade solitária, era comprida e baixa; um túmulo, sob o qual nenhum corpo fora enterrado.

Ah Quee olhou para cima quando Ah Sook se aproximou.

— *Neih hou.*

— *Neih hou, neih hou.*

Os dois homens se cumprimentaram sem hostilidade nem amabilidade, mas o olhar que compartilharam foi longo. Após um momento, Ah Quee arrancou o resto de cigarro de sua boca e o arremessou para além das pedras.

— A extração foi pequena hoje — disse ele, em cantonês.

— Meus sentimentos — respondeu Ah Sook, falando também em sua língua nativa.

— A extração é muito pequena todos os dias.

— Você merece coisa melhor.

— Mereço? — disse Ah Quee, que estava num humor irritadiço.

— Sim — disse Ah Sook. — A presteza merece ser recompensada.

— Em que proporção? E em que moeda? São palavras vazias.

Ah Sook juntou as palmas das mãos.

— Trago boas notícias.

— Boas notícias e lisonjas — observou Ah Quee.

O faiscador não percebeu essa correção.

— Emery Staines retornou — disse ele.

Ah Quee enrijeceu.

— Oh — disse ele. — Você o viu?

— Ainda não — disse Ah Sook. — Disseram-me que ele estará em Hokitika esta noite, num hotel na rua Revell, onde uma celebração foi planejada para recebê-lo de volta. Eu fui convidado e, como gesto de minha boa-fé, estendo meu convite a você.

— Quem é seu anfitrião?

— Anna Wetherell, e a viúva do homem morto, Crosbie Wells.

— Duas mulheres — disse Ah Quee, ceticamente.

— Sim — disse Ah Sook. Ele hesitou, e então reconheceu o que havia descoberto naquele dia: que de fato a viúva de Crosbie era a mesma mulher que dirigia o White Horse Saloon no porto Darling, que testemunhara contra Ah Sook em seu julgamento e que já fora amante de seu inimigo, Francis Carver. Antigamente Lydia Greenway, seu nome era agora Lydia Wells.

Ah Quee levou um momento para digerir esta informação.

— Isso é uma armadilha — disse ele finalmente.

— Não — disse Ah Sook. — Vim aqui por vontade própria, e não sob a ordem de ninguém.

— Isso é uma armadilha para capturar *você* — disse Ah Quee. — Estou certo disso. Por que outro motivo sua presença seria tão especificamente exigida na celebração de hoje à noite? Você não tem ligação com o senhor Staines. A que propósito irá servir, numa festa para recebê-lo de volta?

— Vou representar um papel numa encenação. Vou sentar numa almofada e fingir ser uma estátua. — Isso soou idiota até

mesmo ao próprio Ah Sook. Ele emendou — É uma espécie de teatro. Eu serei pago com uma taxa, por minha participação.

— Você será pago?

— Sim, como um ator.

Ah Quee estudou-o.

— E se a mulher Greenway ainda estiver em conluio com Francis Carver? Eles foram amantes uma vez. Talvez ela já o tenha informado de que você estará presente na festa hoje à noite.

— Carver está no mar.

— Mesmo assim, ela vai avisá-lo tão logo puder.

— Quando isso acontecer, estarei preparado.

— Como estará preparado?

— Eu estarei preparado — disse Ah Sook, teimosamente. — Não tem importância no momento. Carver está no mar.

— A aliança da mulher é com ele, e você jurou vingar-se dele, como ela deve recordar. Ela não pode desejar seu bem.

— Estarei em guarda.

Ah Quee suspirou. Ele ficou de pé, escovando-se, e então fez uma pausa, puxando ar profundamente pelo nariz. Avançou vários passos em direção a Ah Sook e apertou seus ombros com ambas as mãos.

— Você está exalando aquele cheiro — disse ele. — Você está cambaleando, Sook Yongsheng. Posso sentir o cheiro em você a vinte passos de distância!

Ah Sook havia de fato desviado para seu antro em Kaniere para fumar seu cachimbo de fim de tarde, cujos efeitos estavam manifestamente visíveis; mas ele não gostava de ser repreendido. Ele desvencilhou-se de Ah Quee, dizendo amargamente:

— É uma fraqueza que tenho.

— Uma fraqueza! — gritou Ah Quee. Ele cuspiu no chão. — Não é uma fraqueza: é uma hipocrisia. Você devia se envergonhar disso.

— Não fale comigo como a uma criança.

— Um homem viciado é um homem infantil.

— Então eu sou um homem infantil — disse Ah Sook. — O que lhe importa?

— Importa muito para mim, se eu o acompanhar hoje à noite.

— Não preciso de sua proteção.

— Se é nisso que acredita, então está enganado — disse Ah Quee.

— Enganado e hipócrita! — disse Ah Sook, fingindo perplexidade. — Dois insultos, quando não fui nada além de cortês com você!

— Você merece ser insultado — disse Ah Quee. — Você se permite usar a mesma droga que matou seu pai e ainda tem a audácia de se denominar seu defensor! Você insiste que ele foi traído… e ainda assim *você* o trai toda vez que acende sua chama!

— Francis Carver matou meu pai — disse Ah Sook, recuando um passo.

— O ópio matou seu pai — disse Ah Quee. — *Olhe* só para você — pois Ah Sook havia tropeçado numa raiz e quase havia caído. — Que tremendo vingador é você, Sook Yongsheng, que mal consegue se manter de pé!

Furioso, Ah Sook apoiou uma mão para se firmar, endireitou-se com dificuldade e rodeou Ah Quee, as pupilas escuras e moles.

— Você conhece minha história — disse ele. — Primeiro me deram a droga como um medicamento. Eu não a usei por vontade própria. Não posso evitar seu poder sobre mim.

— Você teve bastante tempo para acabar com seu vício — disse Ah Quee. — Você ficou preso durante semanas antes de seu julgamento, não ficou?

— Esse intervalo não foi suficiente para me livrar da fissura.

— *Fissura*! — disse Ah Quee, cheio de desprezo. — Que palavra patética. Não à toa ela não apareceu na história que você me contou. Não à toa você prefere palavras grandiosas tais como *honra*, *dever*, *traição*, *vingança*.

— Minha história…

— Sua história, como você a conta, demora-se muito mais em suas próprias injustiças do que na vergonha que caiu sobre sua família. Diga-me, Sook Yongsheng. Você está se vingando do homem que matou seu pai ou do homem que se recusou a ajudá-lo no exterior do White Horse Sallon?

Ah Sook estava escandalizado.

— Você duvida de minhas motivações — disse ele.

— Suas motivações não lhe são próprias — disse Ah Quee. — Elas não podem ser! Olhe para você. Mal para em pé.

Houve um silêncio entre eles. Do vale adjacente ouviu-se um surdo estampido de tiro e em seguida um lamento distante.

Finalmente, Ah Sook assentiu.

— Adeus — disse ele.

— Por que se despede?

— Você deixou claras as suas opiniões — disse Ah Sook. — Você me desaprova; você se enoja de mim. Independente disso, vou à celebração da viúva hoje à noite.

Embora o temperamento de Ah Quee fosse rápido em seu inflamar, ele não podia suportar ser feito vilão de nenhuma disputa. Ele balançou a cabeça, respirando forte pelo nariz, e disse:

— Eu vou com você. Quero muito falar com o senhor Staines.

— Eu sei — disse Ah Sook. — Eu vim aqui de boa-fé, Quee Long.

Quando Ah Quee falou novamente, sua voz estava calma.

— Um homem conhece o próprio coração. Errei em duvidar de seus motivos.

Ah Sook fechou brevemente os olhos.

— Quando chegarmos em Hokitika — disse, abrindo-os novamente —, eu estarei sóbrio.

Ah Quee assentiu.

— Você precisará estar — disse ele.

Terra cardinal

Em que Walter Moody faz uma descoberta surpreendente; várias confusões são resolvidas; e uma simetria se apresenta.

Após deixar Gascoigne, Walter Moody voltara de imediato ao Crown Hotel, lugar ao qual fora remetido seu baú. Ele escancarou a porta, atravessou o vestíbulo a passo largo e galgou as escadas de dois em dois degraus para o patamar superior; quando alcançou a porta no topo das escadas, apalpou a fechadura com a chave e praguejou em voz alta. Ele estava de súbito absurdamente impaciente para pôr os olhos em seus haveres — sentindo que este encontro com os preciosos itens de sua antiga vida repariam, de alguma forma, uma conexão que desde o naufrágio da *Godspeed* parecera muito irreal.

Ultimamente, os pensamentos de Moody divagavam, com frequência crescente, de volta ao encontro com seu pai em Dunedin. Ele percebeu que lamentava a pressa com que abandonara a infeliz ocasião. Era verdade que seu pai o havia traído. Era verdade que seu irmão o havia traído. Mas, ainda assim, ele podia ter sido clemente; ele podia ter permanecido lá e ouvido de Frederick sua participação na história. Ele não havia visto o irmão enquanto estava em Dunedin, pois fugira da cena do encontro com seu pai antes que Frederick pudesse ser chamado, e portanto não sabia se Frederick estava bem, ou casado, ou feliz; ele não sabia o que Frederick achara de Otago e se ele pretendia ou não passar seus dias na Nova Zelândia; ele não sabia se seu pai e seu irmão haviam escavado o solo juntos, ou se haviam se unido a outros homens, ou se haviam prospectado sozinhos. Sempre que Moody refletia sobre essas incertezas, sentia-se triste. Ele devia ter procurado uma audiência com seu irmão. Mas Frederick teria desejado tal coisa? Até mesmo disso Moody não sabia. Desde que chegara a Hokitika, ele três vezes se sentara para escrever ao irmão, mas, após redigir a saudação e a data, quedava-se imóvel.

Enfim a chave girou na fechadura. Moody empurrou a porta, transpôs o quarto — e parou. Havia, de fato, um baú no meio do quarto, mas um baú que nunca havia visto antes. Seu baú era retangular, pintado de vermelho. Já este era preto, com presilhas de ferro e um comprido fecho quadrado através do qual uma barra horizontal havia sido estocada para mantê-lo fechado; seu tampo estava abaulado e ripado como um barril que fora deitado de lado. Havia vários rótulos de bagagem colados na abóboda do tampo, um rubricado “Southampton”, outro “Lyttelton”, e também o habitual “frágil”. Moody pôde inferir, de imediato, que o proprietário do baú sempre viajava na primeira classe.

Em vez de soar a campainha para informar o erro à empregada, Moody fechou a porta, trancou-a e adiantou-se para se ajoelhar diante da arca desconhecida. Ele desfez o fecho e alçou o tampo — e viu, grudado na parte inferior, um pedaço de papel onde se lia:

propriedade do senhor alistair lauderback, vereador provincial, membro do parlamento.

Moody suspirou e acocorou-se. *Isso* sim era um mal-entendido! Então o baú de Lauderback estivera a bordo da *Godspeed*, como suspeitara Balfour: o caixote de transportes devia, de fato, ter sido erroneamente retirado do cais de Hokitika. O baú de Moody, tal qual o de Lauderback, não trazia inscrito o nome de seu proprietário nem sinais particulares de identificação, exceto em seu interior, onde seu nome e endereço haviam sido carimbados num pedaço de couro costurado ao forro do tampo. Presumivelmente, os dois baús haviam sido trocados: o baú de Moody fora entregue às suítes de Lauderback no Palace Hotel, e o de Lauderback, ao Crown.

Moody pensou por um momento. Lauderback não estava atualmente em Hokitika: de acordo com o *West Coast Times*, ele estava em campanha no norte e não devia retornar até a tarde do dia seguinte. Subitamente resoluto, despiu o casaco, inclinou-se sobre os joelhos e começou a vasculhar os pertences de Lauderback.

Walter Moody não se punia por suas intromissões na privacidade alheia, nem via razão alguma para confessá-las. Sua mente era do tipo mais fleumático, fria em suas aplicações privadas, rápida e excessivamente racional; no entanto, ele possuía uma falha

comum àqueles de elevada inteligência, a qual constituía uma tendência a estimar seu intelecto como um tipo de autorização, cuja autoridade rarefeita o protegia, em toda circunstância, de comportar-se mal. Ele considerava suas obrigações morais como sendo de uma classe completamente diferente daquelas dos homens inferiores, e muito raramente sentia vergonha ou compunção, salvo em termos muito gerais.

Ele vasculhou a arca de Lauderback ágil e metodicamente, manuseando cada item e em seguida recolocando-o exatamente onde o encontrara. O baú continha, na maior parte, itens de papelaria — papel de carta, selos, livros-razão, compêndios de direito e todos aqueles que poderiam mobiliar a escrivaninha de um membro do Parlamento. A roupa e os pertences pessoais de Lauderback haviam presumivelmente sido acondicionados em outro lugar, pois o único item de vestuário em sua arca de cedro era um cachecol de lã, o qual embrulhava um peso de papel bastante feio, de bronze, no formato de um porco. O baú trazia consigo o cheiro do mar — um odor salino, menos salgado que amargo —, mas seu conteúdo quase não estava úmido; misericordiosamente para Lauderback, o baú fora poupado de um mergulho completo.

No fundo do baú havia uma pasta de couro. Moody a abriu e retirou um maço de papéis, todos eles contratos, recibos e faturas de venda. Após vários minutos procurando, ele encontrou a escritura da venda da barca *Godspeed* e puxou o documento em separado dos outros — manuseando-o cuidadosamente, de modo que o lacre legal não se esfarelasse ou caísse.

O contrato fora assinado, como atestara Lauderback a Balfour três semanas atrás, por um tal sr. Francis Wells. A data da venda também corroborava a história do político: o navio trocara de mãos em maio de 1865, nove meses antes do dia atual.

Moody curvou-se mais perto para verificar a assinatura do comprador. “Francis Wells” havia assinado seu nome falso de forma expansiva. O escrevente havia feito um enorme arabesco floreado no lado esquerdo do F maiúsculo, tão grande que podia ser considerado outra letra à parte. Moody estreitou os olhos àquilo, de viés. Ora, pensou ele: na verdade aquele floreio podia facilmente ser um C, articulado à mão com a próxima letra. Ele espreitou mais de

perto. Havia até mesmo um ponto de tinta entre o C e o F — um ponto que se poderia confundir com um salpico, caso se olhasse para o papel descuidadamente — que parecia sugerir que Carver assinara o nome ambiguamente de maneira intencional, de modo que se pudesse lê-lo simplesmente como “Francis Wells” *ou* como “C. Francis Wells”. A caligrafia era assaz trêmula, como frequentemente acontece quando se escreve lentamente, desejando assegurar um efeito específico.

Moody franzia o cenho. Em junho do ano anterior, Francis Carver estivera de posse da certidão de nascimento de Crosbie Wells, um documento que provava (como atestara Benjamin Löwenthal) que o nome do meio de Crosbie Wells era “Francis”. Ora, pensou Moody, era muito claro: Francis Carver havia roubado a certidão de nascimento de Crosbie Wells com o propósito de fingir ser o outro homem. As ambiguidades desta fatura de venda deviam certamente ter sido intencionais. Se Carver fosse levado ao tribunal sob acusação de falsa identidade, ele poderia assim negar tê-la assinado.

O nome comum, Francis, seria meramente uma feliz coincidência? Ou a certidão de nascimento de Wells teria sido falsificada após o acontecido? Um nome do meio poderia ser muito facilmente acrescentado a qualquer documento, pensou Moody, e poder-se-ia facilmente utilizar um matiz de tinta mais claro, ou de alguma maneira enfraquecer a palavra, para mascarar o fato do acréscimo tardio. Mas por que Carver teria *desejado* falsificar a própria identidade — mais especialmente, numa fatura de venda? Como isso lhe teria sido de alguma vantagem, usar o nome de outro homem?

Moody recapitulou o que sabia sobre o assunto. Francis Carver havia usado a identidade de Crosbie Wells quando falou a Benjamin Löwenthal no escritório do *West Coast Times* em junho… porém ele não usara a identidade de Crosbie Wells quando confrontou Alistair Lauderback, no mês precedente. Com Lauderback, ele se denominava Francis Wells… e então ele assinara o nome com ambiguidade intencional. Tendo em mente a misteriosa crença de Lauderback, segundo a qual Crosbie Wells e Carver eram irmãos, Moody somente pôde reconhecer que Carver fingira ser irmão de

Crosbie Wells em suas negociações com Lauderback. No tocante ao motivo pelo qual ele o teria feito, Moody não fazia ideia.

Ele escrutinou a fatura de venda por um longo momento, confiando à memória as particularidades, e então devolveu-a à pasta, metendo a pasta de volta ao baú e continuando com sua metódica investigação.

Por fim, ele se satisfez vendo que o baú não continha mais evidências úteis a ele, e, num gesto em parte ocioso, correu os dedos na borda do tampo. De súbito, ele emitiu um murmúrio de surpresa. Um pacote delgado, de formato quadrado, estava enfiado debaixo do forro de calicô, de modo que, oculto, ficasse entre o cedro e o revestimento. Ele curvou-se para mais perto e seus dedos encontraram uma fenda nítida no tecido, quase do tamanho de sua mão espalmada, delicadamente costurada para que não se esfiapasse. O forro de calicô trazia um padrão axadrezado, e a fenda no pano estava habilmente disfarçada entre as listras verticais do xadrez, que corriam rente à beirada do baú. Moody rastejou os dedos na cavidade e retirou o objeto quadrado que eles identificaram. Era um chumaço de cartas, atado com barbante.

Havia cerca de quinze cartas no total, cada uma endereçada a Lauderback numa caligrafia clara e simplória. Moody levou um momento para memorizar a aparência do nó e o comprimento das cordas no laço. Então desatou-lhe as pontas, arremessou o barbante para o lado e aplainou sobre seu joelho as cartas dobradas. Ele podia ver em seus carimbos que elas estavam dispostas na ordem cronológica inversa, com as cartas mais recentes à frente; ele girou a pilha, selecionou a primeira das cartas que Lauderback recebera e começou a lê-la. No momento seguinte, seu coração lhe subiu à garganta.

> Dunedin. Março de 1852.
> Senhor você é meu irmão embora não me conheça. Seu pai gerou um bastardo eu sou esse bastardo. Fui criado como crosbie wells assumindo o sobrenome do padre de minha paróquia sem conhecer meu pai mas sabendo que sou filho de prostituta. Eu passei minha infância no prostíbulo a joia em Newington. Eu vivi uma vida modesta tal como sou capaz por ser homem de pouca posse. Eu não sofri. Contudo eu sempre desejei ver meu pai só para conhecer seu perfil & voz. Finalmente essas preces foram respondidas com uma carta do próprio homem. Ele sempre soube de mim, ele escreveu. Ele aguardava falecer em breve & confessou que não ia me reconhecer em seu testamento por medo de manchar seu nome mas anexou vinte libras & bênçãos. Ele não assinou o nome mas eu fiz pesquisas sobre o empregado que me trouxe o bilhete & rastreou sua carruagem embora fosse alugada até a glen house a casa de seu pai & sua. Eu comprei uma sobrecasaca fiz a barba aluguei um trole até a casa de seu pai mas senhor, não consegui tocar a campainha. Voltei para casa

perturbado & intimidado & então cometi uma burrada vendo nas notícias de navegação que alastair lauderback advogado estava partindo para as colônias na próxima maré. Acreditei ser meu pai eu não sabia que ele tinha um filho eu não pensei que esse filho tivesse o mesmo nome dele. Aquele navio zarpou mas eu fui pontual no navio seguinte. Eu desembarquei em Dunedin & comecei a fazer as pesquisas que minhas posses permitiam. Eu estive no seu discurso público aquele realizado sob chuva no quebra-mar onde o capitão do porto lhe deu de presente um relógio de bolso & você pareceu muito contente. Quando eu vi você eu soube imediatamente que eu tinha errado & você não era meu pai mas meu irmão. Eu fiquei também muito angustiado em confrontar você no momento & agora você está em Lyttelton um lugar para que não posso me dar o luxo de viajar. Senhor eu escrevo com um pedido de oração. Eu gastei as vinte libras de meu pai nessa viagem & com outras necessidades & não tenho como voltar para casa. Eu vendi minha sobrecasaca mas obtive pouco mais que metade do preço que paguei, pois o negociante não acreditou que era de bom material. Eu tenho agora somente centavos. Você é um dignitário um senhor um homem de política e filosofia & leis eu não pretendo encontrar você mas imploro por sua caridade acreditando ser você um homem bom & cristão & porque sempre serei

seu irmão
crosbie wells

Havia um endereço de resposta abaixo de seu nome, uma caixa postal em Dunedin.

Moody baixou a carta, com o coração acelerado. Então *Lauderback* e Crosbie Wells é que eram irmãos. Isso sim era uma reviravolta nos fatos! Porém Lauderback não mencionara essa conexão ao magistrado, quando reconhecera ter chegado ao leito de morte de Crosbie Wells meia hora tarde demais; nem o havia ele confessado a seu amigo, o agente portuário Thomas Balfour. Que razão ele tinha para esconder o parentesco ilegítimo com seu irmão? Vergonha, talvez? Ou algo mais?

Moody pegou o feixe de cartas e passou para a janela, onde havia mais luz. Ele desdobrou a carta seguinte e inclinou-a em direção ao vidro.

Dunedin. Setembro de 1852.
Senhor seis meses se passaram desde que lhe escrevi pela primeira vez & temo por seu silêncio que eu o tenha ofendido. Não consigo lembrar o que eu disse exatamente mas eu lembro que em minha última carta eu me denominei seu irmão & talvez isso tenha causado tristeza. Eu imagino que deva doer saber que seu pai era um homem longe de perfeito. Eu imagino que você o desejasse de outra maneira. Se isso está certo então imploro seu perdão. Senhor nesses últimos meses minhas posses escassearam ainda mais. Eu lhe garanto que como filho de prostituta eu não estou desacostumado com a vida de mendicância mas mendigar uma segunda vez é realmente uma vergonha. Contudo escrevo em desespero. Você é um homem de fortuna e o preço de uma passagem de terceira classe é tudo que peço & daí nunca mais precisará ouvir sobre mim. Aqui em Dunedin eu poupo meus centavos como posso. Eu tentei trabalhar com escavadeira mas não me adequei ao ofício. Eu fiquei de repouso devido a frieira & febre & outros males típicos do frio. Eu não trabalhei tão firme quanto gostaria. Meu desejo de conhecer seu pai Alastair Lauderback, sênior, não diminuiu & estou consciente dos dias que passam pois como lhe contei ele me confessou por escrito que estava muito perto da morte. Eu gostaria de falar com ele uma vez antes desse triste evento de modo que possamos olhar um para o outro & conversar como homens. Por favor senhor eu lhe peço de joelhos que me compre a passagem de volta. Você não irá ouvir falar de mim nunca mais eu prometo. Não sou nada mais que

seu grato amigo,
crosbie wells

Moody quase não pausou antes de passar à próxima; com sua mão livre ele tateou por uma cadeira, e nela se deixou cair, ainda lendo.

Dunedin. Janeiro de 1853.
Senhor como devo interpretar esse silêncio é a pergunta que tenho na mente. Eu acredito que você está recebendo minha correspondência mas por alguma razão de princípios se recusa a responder ou a estender uma migalha de caridade ao filho bastardo de seu pai. Essas cartas não foram ditadas. Essa é minha própria escrita senhor & eu sei ler & embora eu me gabe devo dizer a você que o padre de minha paróquia padre Wells observou mais de uma vez que eu era um garoto notavelmente inteligente. Eu digo tudo isso para deixar claro que não sou nenhum patife embora minha posição seja reles. Talvez queira provas de minha bastardia. Talvez pense que essa é uma tentativa de emboscada. Eu digo pela minha honra que não é. Desde que escrevi a você da última vez minhas necessidades e desejos não mudaram. Eu não quero ficar neste país senhor eu nunca busquei esta vida. Por vinte libras eu poderia voltar para a Inglaterra e nunca dizer seu nome de novo.

seu,
crosbie wells

Dunedin. Maio de 1853.
Senhor eu sei a partir dos jornais provinciais que você assumiu o posto de superintendente da altaneira província de Canterbury. Você assumiu o posto & ofereceu seus honorários para caridade um nobre gesto senhor mas que recebi com tristeza. Eu me perguntei se você pensou em mim ao doar aquelas cem libras. Eu não tenho os meios de viajar para Lyttelton onde você está muito menos de voltar para casa. Eu nunca me senti tão sozinho do que nessa terra abandonada certamente você irá entender isso enquanto homem britânico. Nós temos umidade arrepiante e gelo dentro de casa eu acordo quase toda manhã com um orvalho congelado ao longo das minhas pernas. Eu não me adapto ao trabalho pesado & lamento diariamente minhas circunstâncias. Senhor neste ano que passou eu guardei somente duas libras dois xelins e quatro centavos & gastei agora quatro centavos com essas folhas e a postagem. Imploro por sua ajuda

um homem necessitado,
crosbie wells

Dunedin. Outubro de 1853.
Senhor eu escrevo com grande desânimo. Estou certo agora de que você nunca irá me responder & mesmo eu filho de prostituta sou orgulhoso demais para implorar de novo. Eu sou um pecador tal como nosso pai uma maçã nunca cai longe da árvore como se diz. Mas na minha juventude me ensinaram que caridade é uma virtude primária & uma virtude a ser praticada mais especialmente quando essa virtude não é devida. Você senhor não age como um homem cristão. Eu acredito que se nossas respectivas circunstâncias fossem inversas eu não manteria o cruel silêncio que você mantém comigo. Fique tranquilo pois não vou implorar sua caridade novamente mas eu desejo fazer meu desânimo conhecido. Eu tenho acompanhado sua carreira nas páginas do *Otago Witness* & sei que você é um homem de não poucas posses & muita opinião. Eu não possuo nenhum desses privilégios mas mesmo em minha posição abjeta tenho orgulho de me dizer um homem cristão & se você estivesse em necessidade senhor eu reviraria meus bolsos para o ajudar como irmão. Eu não espero que você responda e talvez eu morra em breve e você nunca mais ouvirá falar de mim. Mesmo na probabilidade desse evento eu tenho orgulho de continuar

sinceramente seu,
crosbie wells

Dunedin. Janeiro de 1854.
Senhor eu devo pedir desculpas pela última carta que lhe escrevi pois foi escrita com amargura & com o propósito de o insultar. Minha mãe me alertou a nunca pegar a pena quando de mau humor & agora

vejo a sabedoria de suas palavras. Minha mãe você nunca conheceu é claro mas ela foi uma beldade em seu tempo. sue butcher era seu nome em vida Deus a tenha embora ela também atendesse por outros nomes mais apropriados para seu ramo de trabalho & gostava de inventar novos nomes para seu deleite. Ela era a favorita particular de nosso pai uma preferência que se formou segundo ela disse por causa da bela cor de seus olhos. Eu não me pareço com ela exceto em detalhes. Ela sempre dizia que eu carregava semelhança com meu pai embora meu pai nunca tenha retornado ao prostíbulo depois que eu nasci & como você sabe eu nunca o conheci. Contaram a mim que a prostituição é um mal social composto de licenciosidade masculina de uma parte & depravação feminina de outra & embora eu saiba que esta é a opinião de homens mais sábios que eu contudo ela não tem relação com o que lembro de minha mãe. Ela tinha ótimos pulmões & amava cantar todo tipo de hino pela manhã uma prática que eu também amava. Eu acredito que ela era gentil & trabalhadeira & embora fosse conhecida por ser namoradeira ela pelo menos fazia isso muito bem. É muito estranho que eu e você tenhamos mães independentes mas compartilhemos o mesmo pai. Eu suponho que isso significa que somos apenas metade parecidos. Mas perdoe essas ociosas meditações & por favor aceite minhas desculpas & minha garantia de que continuo

seu
crosbie wells

Dunedin. Junho de 1854.
Senhor talvez seja certo você não responder. Você está agindo apenas como um homem de sua alta posição pode agir & você tem uma reputação a zelar. Acho que estou me contentando com seu silêncio por mais estranho que pareça. Eu garanti um ordenado modesto & alojamento decente & estou me “estabelecendo” como eles dizem por aqui. Achei Dunedin muito mudada nos meses de verão. O sol é intenso nas montanhas & na água & eu consigo suportar muito bem o frescor. É muito esquisito eu me encontrar do outro lado do mundo. Acredito estar mais longe da Inglaterra do que qualquer homem poderia estar. Você ficará surpreso em saber que eu não voltarei para casa. Eu resolvi fazer da Nova Zelândia a terra em que serei enterrado. Talvez você se pergunte o que provocou essa mudança de ânimo & portanto vou lhe dizer. Você vê, na Nova Zelândia todo homem deixou para trás sua antiga vida & todo homem é igual a seu modo. É claro que os senhorios de Otago são barões aqui tanto quanto eram barões nas Terras Altas da Escócia mas para homens como eu há chance de ascender. Considero isso muito animador. Não é incomum os homens tirarem o chapéu um para o outro na rua independente de suas posições. Para você talvez esse não seja um acontecimento estranho mas para mim é um acontecimento maravilhoso. A fronteira penso eu faz de todos nós irmãos & ao fazer essa observação eu continuo

sinceramente seu
crosbie wells

Dunedin. Agosto de 1854.
Senhor eu espero me perdoará essas cartas eu não tenho nenhum outro correspondente & pensamentos sobre você consomem meus dias. Eu fiquei me sentindo filosófico ao pensar o que poderia acontecer se você tivesse me conhecido mais cedo ou se eu conhecesse você. Não sei sua idade portanto não sei se é o mais velho ou se eu sou o mais velho. Em minha cabeça a diferença é importante & porque eu sou o bastardo eu me imagino mais novo mas é claro que pode não ser o caso. Tinha outras crianças no prostíbulo várias garotas que cresceram se prostituindo & um garotinho que morreu de varíola quando eu era muito novo mas eu era o mais velho sempre & eu teria gostado de um irmão para admirar. Eu venho pensando com muita tristeza sobre o fato de que não sei se você tem irmãs & irmãos ou se há outros bastardos ou se seu pai alguma vez falou de mim a você. Se eu estivesse em Londres eu usaria toda oportunidade para caminhar até a Glen House & espreitar pelas grades & espiar meu pai que como você se lembra eu nunca cheguei a ver. Eu ainda tenho a carta que diz que ele sabia de mim & me observava eu me pergunto o que ele pensava de mim & o que ele pensaria da vida que levo aqui. Mas talvez ele não viva mais. Você não quer ser meu irmão você já deixou isso claro mas talvez você seja meu padre com nossa correspondência sendo a confissão. Fico animado com essa ideia pois eu digo com orgulho que fui adequadamente crismado. Mas eu espero que você seja um homem da Igreja da Inglaterra.

Seu,
crosbie wells

Dunedin. Novembro de 1854.
Senhor você sente como se me conhecesse ou me pudesse distinguir numa multidão? Recentemente me ocorreu que eu sei sua aparência embora você não saiba a minha. Nós não somos tão diferentes em nosso físico embora eu seja mais franzino & meus cabelos sejam mais escuros que os seus & a gente toda provavelmente dissesse que seu rosto é mais amável porque minha expressão é taciturna com muita frequência. Eu me pergunto se você passeia por aí & pensa em mim & se procura por fragmentos das minhas feições no rosto de outras pessoas ou nos seus corpos quando eles cruzam com você. É o que eu fazia todo dia quando era jovem & sonhava sempre com meu pai & tentava montá-lo a partir de todos os rostos que via. Como é reconfortante pensar em tudo que nos une enquanto irmãos vivendo no fim do mundo. Você é hoje o objeto de meus pensamentos recorrentes.

Sinceramente,
crosbie wells

A carta seguinte era muito mais nítida, e sua tinta, muito mais brilhante. Moody olhou sua data, e percebeu que quase uma década transcorrera desde a última correspondência de Crosbie Wells.

Dunedin. Junho de 1862.
Senhor eu renovarei minha correspondência para informá-lo muito orgulhosamente de que escrevo esta como um homem casado. O namoro foi muito curto embora eu acredite que a encenação seguiu temas convencionais. Nos meses recentes eu escavei as ravinas em Lawrence & embora tenha acumulado uma “competência” ainda tenho que tirar a sorte grande. A senhora Wells como a devo chamar agora é um belo espécime do sexo feminino & um espécime que muito devo me orgulhar de levar ao meu braço. Suponho que agora ela seja sua irmã. Eu gostaria de saber se você já possui uma irmã ou se a senhora Wells é sua primeira. Você não deverá ouvir falar de mim por algum tempo depois desta pois devo retornar a Dunstan para prover minha mulher. O que você pensa da corrida do ouro, eu me pergunto. Recentemente eu ouvi um político que chamava o ouro de “praga moral”. É verdade que nas escavações eu vi muita degradação mas já havia degradação antes do garimpo também. Eu presumo que o pensamento de que homens como eu possam ficar ricos é o que a maioria dos políticos teme.

Cordialmente,
crosbie wells

Kawarau. Novembro de 1862.
Senhor eu li nos jornais que você recentemente se casou ao que ofereço minhas mais sinceras congratulações. Eu não vi retrato de sua esposa caroline, nascida gough, mas é sabido que ela é um belo partido. Fico feliz quando penso que nós dois passaremos nosso Natal como homens casados. Eu viajarei de volta de Lawrence para passar a temporada com minha mulher que mantém sua morada em Dunedin & não volta para as escavações já que não suporta a lama. Eu nunca me acostumei ao Natal no verão & sinto que a tradição como um todo é mais apropriada para os meses frios. Talvez eu blasfeme em falar sobre o Natal assim mas eu estimo que há muito mais coisas que perdem seu significado aqui na Nova Zelândia parecendo em vez disso uma relíquia amortecida de um outro tempo. Eu penso em você recebendo esta carta & se sentando ao lado do fogo talvez ou se inclinando mais perto do candeeiro para ler as palavras. Permita-me inventar esses detalhes já que para mim é sempre um grande prazer pensar em você eu lhe garanto que continuo mesmo distante,

sinceramente seu,
crosbie wells

Dunstan. Abril de 1863.
Senhor eu passei esta semana num humor melancólico imaginando se Alistair Lauderback nosso pai faleceu mesmo como acredito que tenha. Londres me parece quase um sonho agora. Eu me lembro da fumaça & da neblina & não posso nem de longe confiar em minha memória. Como um experimento na semana passada eu me sentei & tentei desenhar na areia um mapa de Southwark. Eu mal conseguia me lembrar do formato do Tâmisa & nenhum nome de rua me veio. Acontece o mesmo

com você, me pergunto? Eu li no *Otago Witness* com algum assombro que você agora se denomina um orgulhoso cidadão de Canterbury. Eu me sinto inglês por completo.

Seu,
crosbie wells

Kawarau. Novembro de 1863.
Senhor eu gosto de pensar que você recebe minhas palavras com prazer mas me contento com o mais provável acontecimento de que você sequer as lê. Em todo caso escrever é um conforto para mim e dá forma aos meus dias. Eu leio com interesse que você entregou a superintendência. O boato que corre nos garimpos é de que Canterbury em breve terá sua corrida do ouro após a extinção da de Otago & eu muito me pergunto se tal descoberta o faria lamentar sua decisão de deixar tão eminente posição. A recompensa oferecida a uma jazida rentável animou mais de um homem a se aventurar nos garimpos aqui em Kawarau. A terra é íngreme & o céu muito ofuscante aqui. Eu me bronzeei com tanta frequência, que o formato de meu colarinho marcou meu pescoço & embora isso seja doloroso eu não anseio pelos meses de inverno que nesse país serão de fato severos. Se descobrirem ouro em Canterbury você irá concorrer para a superintendência novamente? Eu não digo isso no sentido interrogativo propriamente dito somente como manifestação de minha curiosidade em relação ao andamento dos seus dias. É com este espírito que abaixo assino

sinceramente,
crosbie wells

Kawarau. Março de 1864.
Senhor eu escrevo com as mais importantes e de fato assombrosas notícias. Eu estive em Dunstan onde topei com uma sorte extraordinária uma concessão verdadeiramente brilhando com a preciosidade! Sou agora um homem rico embora eu não tenha gastado um só centavo ao ver muitos camaradas gastarem seu pó em chapéus & sobrecasacas apenas para devolver estes itens à casa de penhor quando suas sortes mudam novamente. Eu não lhe direi a quantia por medo de essa mensagem ser interceptada mas eu direi que até mesmo em relação ao seu salário é uma enorme quantia & eu presumo que agora sou o irmão mais rico dos dois pelo menos em termos de dinheiro. Quão irônico é isto! Com essa fortuna eu poderia voltar para Londres & abrir uma loja mas eu continuarei a prospectar já que acredito que minha sorte ainda não acabou. Eu ainda não declarei o minério e escolhi exportá-lo dos garimpos através de uma escolta privada que me disseram fazer a rota mais segura. Não obstante a alteração de minha fortuna eu continuo, como sempre,

seu,
crosbie wells

West Canterbury. Junho de 1865.
Senhor você irá notar pelo carimbo que eu não mais sou residente da província de Otago mas “puxei a carroça” como se diz. Você muito provavelmente teve poucos motivos para se aventurar ao oeste das montanhas então eu devo lhe dizer que West Canterbury é um mundo distinto dos relvados do South Canterbury. O alvorecer sobre a linha costeira é um espanto escarlate & os picos nevados absorvem a cor do céu. O mato é úmido & emaranhado & a água muito límpida. É contudo um lugar solitário, e não é tranquilo, pois o canto dos pássaros é constante & muito agradável devido à sua constância. Como pode já ter adivinhado eu deixei minha antiga vida para trás. Eu estou separado de minha esposa. Eu devo lhe dizer que escondi muita coisa de minha correspondência com você por medo de que se você soubesse a verdade crua sobre meu casamento você pensasse mal de mim. Eu não lhe importunarei com os detalhes de minha fuga para esse lugar pois é uma triste história & me entristece recordá-la. Gato escaldado tem medo de água fria, o que é uma marca menos notável que a de outros homens mas cumpre dizer que eu aprendi minha lição. Basta desse assunto em vez disso vou falar sobre o presente & o futuro. Não pretendo mais garimpar em busca de ouro embora West Canterbury esteja resplandecendo com a preciosidade & os homens estejam fazendo fortuna todos os dias. Não eu não irei prospectar & ter minha fortuna roubada novamente. Em vez disso tentarei trabalhar no comércio de madeira. Eu fiz uma boa amizade com um homem maori Terou Tow-Faray. Esse nome em sua língua nativa significa “a centésima casa dos anos”. Que pobres nomes nós camaradas britânicos temos em comparação a estes! Eu presumo que possa ser o verso de um poema. Tow-Faray é um nobre selvagem de primeiro grau & estamos rapidamente ficando amigos. Confesso que eleva meu humor estar novamente na companhia dos homens.

Seu etcetera,
crosbie wells

West Canterbury. Agosto de 1865.
Senhor eu li nos jornais que Westland terá uma cadeira no Parlamento & que você está concorrendo à cadeira. Eu me orgulho em dizer que agora sou um eleitor senhor já que meu chalé no vale Arahura não é arrendado é de minha propriedade & como você deve saber a propriedade de uma terra concede o voto a um homem. Eu apostarei meu voto em seu favor & beberei ao seu sucesso. Enquanto isso eu passarei os dias abatendo *totara* com mil golpes do meu humilde machado. Você é um homem de terras senhor você possui a Glen House em Londres e presumo também seus alojamentos eleitorais na bela Akaroa. Já eu nunca possuí migalha nenhuma. Eu estive com a senhora Wells em nome por contrato por quase três anos mas em todo aquele tempo eu estive nos garimpos & sem um endereço fixo enquanto ela permaneceu na cidade. Embora minha solidão atual se ajuste muito bem a mim eu estou desacostumado com a vida fixa. Talvez nós nos encontremos ou veremos o outro enquanto você estiver em campanha em Hokitika. Você não deve temer que eu lhe prejudique ou que eu traia o segredo do erro de nosso pai. Eu nunca disse a homem algum & somente para minha distante esposa & seu temperamento é tal que quando ela não consegue lucrar com a informação ela perde todo o interesse nas novidades. Você não deve ter medo de mim. Você precisa apenas escrever um X numa folha para este endereço de resposta se passar por esses lados eu saberei que você não quer se encontrar & eu ficarei longe & pararei de escrever & cessarei meus devaneios. Eu faria isso com prazer & o que mais me pedisse porque eu sou,

sinceramente seu,
crosbie wells

West Canterbury. Outubro de 1865.
Senhor eu não recebi sua carta com X o que lhe agradeço. Hoje me sinto animado por seu silêncio, embora o mesmo tenha me causado pesar anteriormente. Eu continuo, como sempre,

seu,
crosbie wells

West Canterbury. Dezembro de 1865.
Senhor eu notei no *West Coast Times* que você pretende entrar em Hokitika por terra & portanto passará pelo vale Arahura a não ser que faça alguma rota intencionalmente sinuosa. Eu sou um eleitor e como tal ficaria honrado em receber um político em minha casa por mais humilde que a habitação seja. Eu a descreverei de modo que você possa se aproximar dela ou mudar de curso como desejar. A casa é coberta com ferro & instalada a trinta jardas das margens do lado sul do rio Arahura. Há clareiras de cerca de trintas jardas de cada lado do chalé & a serraria fica a cerca de vinte jardas além, a sudeste. É uma habitação pequena com uma janela & uma chaminé feita de tijolo de argila cozida. Ela é decorada no estilo habitual. Mesmo que você talvez não pare eu poderei ver você cavalgar por lá. Eu não o aguardarei nem esperarei por isso mas eu lhe desejo uma boa viagem para o oeste e uma campanha triunfante e lhe asseguro que eu continuo,

com a mais profunda admiração,
crosbie wells

Essa era a última carta. Datava de pouco mais de dois meses antes do presente dia — e de menos de um mês antes da morte do próprio Wells.

Moody largou a folha e sentou-se por um momento sem se mexer. Ele não costumava fumar sozinho e muito raramente mantinha tabaco consigo; agora mesmo, no entanto, ele queria muito se ocupar com algum movimento compulsivo e repetitivo, e

logo se perguntou se devia soar a campainha para solicitar um cigarro ou um charuto. Mas não suportava a ideia de falar com outra pessoa, nem tampouco dar uma ordem, e em vez disso contentou-se com a tarefa de embaralhar as cartas e devolvê-las à ordem original, com a mais recente no topo.

Ficava claro a partir das repetidas alusões de Crosbie Wells ao silêncio de Lauderback que o político nunca respondera a essas cartas de seu meio-irmão bastardo, filho de seu pai com uma prostituta. Alistair Lauderback guardava silêncio por *treze anos*! Moody balançou a cabeça. Treze anos! Mesmo sendo as cartas de Crosbie tão enternecidas, e tão francas; mesmo sendo o bastardo tão abertamente cobiçoso de se encontrar com seu irmão e de olhar para ele, uma só vez. Redigir algumas palavras em resposta teria prejudicado Lauderback — o honorável Lauderback — tanto assim? Enviar uma nota de banco e comprar a passagem de volta do pobre-diabo? Era extraordinariamente insensível nunca o ter respondido! E ainda assim (reconheceu Moody), Lauderback guardara as cartas de Wells — ele as guardara, e as lera, e as relera, pois as mais antigas estavam muito gastas e haviam sido dobradas e redobradas, muitas vezes. E ele *havia* viajado até o chalé de Crosbie Wells no vale Arahura — chegando, por fim, apenas meia hora tarde demais.

Mas então Moody se lembrou de algo mais. Lauderback tomara Lydia Wells como sua amante! Ele tomara *a esposa de seu irmão* como sua amante! “Inconcebível”, disse Moody em voz alta. Ele saltou e começou a andar. Era extraordinariamente insensível! Era desumano! Ele fez os cálculos em sua mente. Crosbie Wells estivera nos garimpos em Dunstan e em Kawarau… e enquanto isso o irmão que ele tanto desejara conhecer estava em Dunedin, pondo-lhe chifres! Lauderback teria sido totalmente ignorante dessa conexão? Isso era pouco provável, pois Lydia Wells havia assumido o sobrenome do marido!

Moody parou. Não, pensou ele. Lauderback contara explicitamente a Balfour que ao longo do curso de seu caso ele não sabia que Lydia Wells era casada. Em todas as suas relações um com o outro, ela usara o nome de solteira, Greenway. Foi somente depois de Francis Carver retornar do cárcere — chamando a si

mesmo de Francis *Wells* — que Lauderback descobriu que Lydia era casada e que seu nome era propriamente Lydia Wells, e que ele, Lauderback, estava pondo cornos no marido. Moody saqueou novamente a pilha de cartas até encontrar aquela datada de agosto do ano anterior. Sim: Crosbie Wells havia deixado explicitamente claro que ele de fato *havia* compartilhado com sua esposa os detalhes de seu parentesco ilegítimo. Então Lydia Wells soubera do irmão ilegítimo de Lauderback desde o princípio de seu caso de amor — e ela soubera, ademais, que esse era um assunto sobre o qual Lauderback presumivelmente acalentava um sentimento muito bruto e íntimo, pois ele nunca respondera as cartas de Crosbie, nem mesmo uma única vez. Talvez, pensou Moody, ela até mesmo tivesse procurado por Lauderback com o propósito de explorar essa ligação.

Ora — a mulher nada mais era que uma chantagista! Ter usado *ambos* os irmãos — e tê-los arruinado a ambos! Pois outra coisa estava agora clara: a fortuna com a qual Lauderback fora chantageado *não* havia se originado da própria jazida de Carver. A quantia total fora roubada de Crosbie Wells; fora *ele* quem tirara a sorte grande nos garimpos de Dunstan, como atestava sua correspondência! Então Lydia Wells havia traído Wells contando seu segredo a Francis Carver, com cuja ajuda ela então idealizou um plano para roubar a fortuna de Wells e chantagear Lauderback, conduzindo a dupla à riqueza e os proprietários da barca *Godspeed*, à negociata. Lauderback nitidamente se envergonhava de sua relação ilegítima, o que a sra. Wells, enquanto sua amante, devia ter sabido em primeira mão; claramente ela idealizara um estratagema para usar essa vergonha como um tipo de alavancagem.

Súbito, o coração de Moody deu um solavanco. Era esse o "retrovisor" — a informação privada com que Francis Carver chantageara Lauderback e garantira seu silêncio na venda da *Godspeed*. Pois Carver havia chamado a si mesmo de "Francis Wells", levando Lauderback a crê-lo irmão de Crosbie: colegas bastardos, criados no mesmo prostíbulo… nascidos, talvez, da mesma *mãe*! O sobrenome de Wells lhe havia sido dado por transferência, e não era implausível que Crosbie Wells pudesse ter outros irmãos de parte materna, se sua mãe era uma prostituta. Que

maneira de brincar com as compaixões de Lauderback e forçar-lhe a mão!

"Crosbie Lauderback", pensou Moody subitamente, sentindo um acesso de empatia pelo homem. Ele pensou em Wells morto em seu chalé no Arahura, uma mão enrolada em volta de uma garrafa vazia, a bochecha contra a mesa, os olhos fechados. Quão friamente giravam as rodas da fortuna! Que coração de aço devia ter Lauderback, para guardar silêncio em face a esses exaltados apelos! E quão lamentável era Crosbie Wells ter acompanhado a ascensão de seu irmão, ao longo de uma década, passando pelas categorias do Conselho Provincial até o próprio Parlamento — enquanto o bastardo batalhava na umidade e na geada, sozinho.

E ainda assim Moody não podia repudiar Lauderback completamente. O político *havia* visitado seu irmão, afinal de contas… embora Moody não soubesse com qual intenção o fizera. Talvez o político pretendesse compensar os treze anos de silêncio. Talvez ele tencionasse desculpar-se com seu meio-irmão, ou meramente olhar para ele, dizer seu nome, apertar-lhe a mão.

Havia lágrimas nos olhos de Moody. Ele praguejou, ainda que sem convicção, e passou o dorso da mão bruscamente no rosto — sentindo uma amarga afinidade com o eremita, um homem a quem nunca vira e que nunca conheceria. Pois havia uma terrível semelhança entre a situação de Crosbie Wells e a sua. Crosbie Wells fora abandonado pelo pai, tal qual Moody. Crosbie Wells fora traído por seu irmão, tal qual Moody. Crosbie Wells fora para a face sul do mundo em busca de seu irmão, tal qual Moody — e lá ele fora repelido, e destruído, apenas para acabar seus dias sozinho.

Moody alinhou as arestas das cartas em suas mãos. Ele devia ter soado a campainha chamando a empregada uma hora antes e exigido que o baú fosse removido de seu quarto; ele levantaria suspeita se se demorasse ainda mais. Perguntou-se o que deveria fazer. Não havia tempo bastante para copiar toda a correspondência. Deveria devolver as cartas ao forro do baú? Deveria roubá-las? Cedê-las a uma relevante autoridade em Hokitika? Elas certamente eram pertinentes ao caso em questão, e se um juiz da Suprema Corte for convocado, elas de certo seriam de grande valia.

Ele atravessou o quarto e sentou-se na beira da cama, pensando. Ele poderia enviar as cartas a Löwenthal, instruindo para que fossem publicadas, na sequência e na íntegra, no *West Coast Times*. Ele poderia enviá-las para George Shepard, o administrador carcereiro, suplicando-lhe por um aconselhamento. Ele poderia mostrá-las a seu amigo Gascoigne, em confidência. Ele poderia convocar os doze homens do Crown e solicitar sua ajuda. Ele poderia enviá-las ao Comissário dos garimpos — ou, melhor ainda, ao Magistrado. Mas com que propósito? Que seria feito disso? Quem se beneficiaria com as notícias? Ele tamborilou os dedos e suspirou.

Por fim, Moody recolheu o feixe de cartas, atou o laço exatamente como antes e o repôs no forro do baú. Ele encaixou a barra horizontal de volta no fecho, limpou o tampo do baú e recuou para assegurar que tudo aparentava exatamente como fora achado. Então vestiu chapéu e sobrecasaca — como se houvesse acabado de retornar da sala de jantar do Maxwell's — e soou a campainha. A criada surgiu escada acima no devido tempo, e, num tom de profunda exasperação, ele lhe contou que o baú errado lhe havia sido entregue em seus aposentos. Ele tomara a liberdade de abrir o baú e ler o nome inscrito em seu interior: pertencia ao sr. Alistair Lauderback, um homem a quem nunca conhecera, que certamente não se hospedava no Crown Hotel e cujo nome não guardava semelhança alguma com o seu. Presumivelmente o *seu* próprio baú havia sido entregue ao hotel do sr. Lauderback — seja lá *qual* fosse. Ele tencionava passar a tarde no salão de bilhar na rua Stafford e esperava que o equívoco fosse corrigido durante as horas de sua ausência, pois era de suma importância que ele se reencontrasse com seus haveres na mais breve conveniência: ele planejava comparecer às "bebidas e conjecturas" da viúva no Wayfarer's Fortune naquela noite, e desejava fazê-lo com o vestuário apropriado. Ele acrescentou, antes de se retirar, que estava severamente descontente.

Um mês sem lua

Em que o Wayfarer's Fortune é finalmente aberto ao público.

A placa pendente do lado de fora do Wayfarer's Fortune havia sido repintada, de modo que sua desenvolta silhueta à la Dick Whittington caminhava agora sob um céu estrelado. Se as estrelas formavam uma constelação acima da personagem pintada, Mannering não a reconhecia. Ele olhou a placa de relance enquanto galgava os degraus da varanda, notando, ao fazê-lo, que a aldrava tinha sido encerada, as janelas, lavadas, o capacho, substituído e um novo cartão, encaixado no prato ao lado da porta:

SRA. LYDIA WELLS, MÉDIUM, ESPÍRITA
REVELAÇÃO DE SEGREDOS LEITURA DA SORTE

Ao bater, ele ouviu vozes femininas e em seguida passos rápidos nas escadas, descendo. Ele aguardou, esperando que fosse Anna a vir recebê-lo.

Houve um retinido enquanto a corrente era desenganchada. Mannering tocou com os dedos o nó de sua gravata e aprumou-se um pouco mais, olhando seu reflexo fraco no vidro.

A porta se abriu.

— Dick Mannering!

Mannering estava desapontado, mas ele não o demonstrou.

— Senhora Wells — exclamou ele. — Uma ótima noite para você.

— Certamente espero que seja; mas ainda não é noite. — Ela sorriu. — Dentre todas as pessoas, você eu esperava que soubesse quão terrivelmente deselegante é chegar adiantado a uma festa. Como minha mãe teria chamado isto? Uma barbaridade.

— Chego adiantado? — disse Mannering, alcançando seu relógio numa simulação de surpresa. Ele sabia muito bem que estava adiantado: ele desejara chegar antes dos outros, a fim de obter uma oportunidade de falar com Anna a sós. — Oh, sim, veja só — acrescentou ele, estreitando os olhos para enxergar o relógio.

Ele deu de ombros e meteu-o de volta à algibeira. — Devo ter-me esquecido de dar corda esta manhã. Bem, agora já estou aqui, assim como você. Vestida para a ocasião. Muito bonita. Muito bonita, de fato.

Ela estava vestindo luto, embora seu traje houvesse sido "aprimorado", como ela própria o teria denominado, de várias pequenas maneiras, e esses aprimoramentos contradiziam seu tom sombrio. O corpete preto fora bordado com videiras e rosas, cosidas com um fio acetinado, de modo que os desenhos piscavam e cintilavam sobre seu peito; ela vestia outra rosa negra sobre uma faixa negra que fora colocada, como um punho, em volta da roliça brancura de seu antebraço, e uma terceira rosa negra nos cabelos, presa à concavidade atrás de sua orelha.

Ela ainda sorria.

— Que farei agora? — disse ela. — Você me colocou numa incômoda posição, senhor Mannering. Não posso convidá-lo a entrar. Isso seria encorajá-lo a chegar adiantado em outras ocasiões; dentro em pouco você estaria estorvando homens e mulheres de sociedade por toda a cidade. Mas também não posso jogá-lo à rua, pois daí eu e você, *ambos*, agiríamos como bárbaros. Você, devido ao seu descaramento, e eu, devido à minha falta de hospitalidade.

— Parece haver uma terceira opção — disse Mannering. — Deixe-me ficar a noite toda no alpendre, enquanto pondera sobre a questão, e, quando finalmente se decidir, eu terei chegado na hora certa.

— Eis aí outra barbaridade — disse a sra. Wells. — Seu humor.

— Você nunca viu meu humor, senhora Wells.

— Nunca?

— Nunca. Com você, eu sou um homem civilizado.

— E com quem você não é civilizado, eu me pergunto?

— Não é uma questão de "com quem" — disse Mannering. — É uma questão de "até onde" se pode ir.

Fez-se uma breve pausa.

— Quão esplêndido deve ter se sentido — disse a sra. Wells dentro em pouco.

— Quando?

— Agora mesmo — disse a sra. Wells. — O que acabou de falar. Deve ter se sentido esplêndido.

— Há um certo estilo em você, senhora Wells. Eu me havia esquecido.

— Há?

— Sim… um certo estilo. — Mannering alcançou seu bolso. — Eis a tarifa. Roubo à luz do dia, por sinal. Você não pode cobrar três xelins em Hokitika por um divertimento noturno, não se você não estiver invocando Helena de Troia. Os camaradas não vão tolerar isso. Embora eu não devesse estar lhe dando conselhos. A partir dessa noite, eu e você seremos concorrentes diretos. Não pense que eu não sei: os rapazes irão ou para a Príncipe de Gales ou para o Wayfarer's Fortune quando quiserem esvaziar seus bolsos num sábado à noite. Sou homem de prestar atenção na concorrência, e estou aqui essa noite para prestar atenção em você.

— Uma mulher gosta de ser notada — disse a sra. Wells. Ela recebeu as moedas e então abriu a porta. — De qualquer forma — acrescentou ela, enquanto Mannering pisava no hall —, você é um grande mentiroso. Se tivesse esquecido de dar corda no relógio, não teria chegado adiantado, e sim atrasado.

Ela fechou a porta atrás dele e passou o ferrolho.

— Você está de preto — observou Mannering.

— Naturalmente — retorquiu ela. — Enviuvei recentemente, e portanto estou de luto.

— Eis um fato — disse Mannering. — A cor preta é invisível aos espíritos. Aposto que não sabia disso, não é? É por isso que usamos preto em velórios: se usássemos cores, atrairíamos a atenção dos mortos. Usando preto, eles não podem nos ver.

— Quanta trivialidade encantadora — disse a sra. Wells.

— Você sabe o que significa, no entanto? Significa que o senhor Staines não será capaz de vê-la. Não nesse vestido. Você será completamente invisível a ele.

Ela riu.

— Pobre de mim. Bem, então não há nada a ser feito, suponho. Não a essa altura. Eu terei que cancelar a noite.

— E quanto a Anna? — disse Mannering. — Que cor vai usar esta noite?

— Preto, na verdade — disse a sra. Wells —, pois ela também está de luto.

— Vocês se acabaram — disse Mannering. — Acabaram com todo o empreendimento. E tudo por causa de seus vestidos. Isso sim é uma pedra no caminho! Logradas… pelos próprios vestidos!

A sra. Wells não estava mais sorrindo.

— Você é irreverente — disse ela — por fazer troça dos sinais de luto.

— Tanto eu quanto você, senhora Wells.

Eles se olharam por um momento, cada um buscando a expressão do outro.

— Eu nutro o maior respeito pelos trapaceiros — disse Mannering enfim. — Devo fazê-lo, já que eu mesmo me incluo entre eles! Mas a leitura da sorte, eis aí um truque barato, senhora Wells. Lamento dizê-lo abertamente, mas eis aí.

A expressão dela era ainda cautelosa; suavemente, ela disse:

— E por quê?

— Não passa de uma lorota — disse Mannering, firmemente. — Diga-me o nome do próximo homem que ficará contra mim. Cubra-me na minha próxima partida de pôquer de três cartas. Dê-me o vencedor do turfe da próxima semana. Você não o faria, não é mesmo? Não, não o faria… porque não pode fazê-lo.

— Vejo que gosta de duvidar, senhor Mannering.

— Sou versado neste jogo, é por isso.

— Sim — disse a viúva, ainda fitando-o. — Você gosta de duvidar.

— Dê-me o vencedor do turfe da próxima semana, e nunca mais duvidarei.

— Eu não posso.

Mannering afastou as mãos.

— Eis aí.

— Eu não posso; porque, ao me pedir tal coisa, não está me pedindo para ler sua sorte. Você está me pedindo para eu lhe dar uma prova irrefutável de minha própria habilidade. E é isso que não posso fazer. Sou uma adivinha, não uma especialista em lógica.

— Mas que adivinha fajuta você é, se não pode prever o próximo domingo.

— Uma das primeiras lições que se aprende nessa disciplina é que nada sobre o futuro é irrefutável — disse a sra. Wells. — A razão é muito simples: a sorte de uma pessoa muda enquanto se a está lendo.

— Mas com esse argumento, você puxa a brasa para o seu lado.

Ela soergueu levemente o queixo.

— Se você fosse um jóquei na corrida da próxima semana e viesse ter comigo, e pedisse para saber se sua sorte seria boa… Bem, essa seria uma outra história. Se eu declarasse que sua sorte seria muito tenebrosa, você provavelmente cavalgaria mal, porque já estaria abatido; se eu lhe predissesse algo favorável, você provavelmente cavalgaria com confiança, e, portanto, se sairia bem.

— Está certo, eu não sou um jóquei — disse Mannering —, mas eu *sou* um apostador com cinco libras correndo numa égua chamada Irlandesa, essa é a verdade, e eu peço que me diga minha sorte, boa ou má. Qual é a previsão?

Ela sorriu.

— Duvido que sua sorte se alterasse muito com a perda ou com o ganho de cinco libras, senhor Mannering; em todo o caso, você ainda procura uma comprovação. Passe comigo para o salão.

O interior do Wayfarer's Fortune mal lembrava o estabelecimento encardido no qual a sra. Wells havia recebido Aubert Gascoigne três semanas antes. A viúva encomendara cortinas, um novo conjunto de mobília e uma dúzia de rolos de papel de parede duma contundente padronagem de rosa e espinhos; ela emoldurara algumas estampas exóticas, pintara a escada, lavara as janelas e forrara ambas as salas dianteiras. Ela encontrara um cavalete, sobre o qual pôs seu almanaque, e vários abajures, os quais posicionou em diversos lugares em volta das antigas salas dianteiras do hotel, a fim de criar uma atmosfera mais mística. Mannering abriu a boca para comentar sobre a transformação — mas teve que se abreviar.

— Ora, é o senhor Sook — disse ele, em aturdimento. — E o senhor Quee!

Os dois homens chineses fitaram-no de volta. Eles se sentavam de pernas cruzadas de ambos os lados da lareira, os rostos muito

besuntados de graxa.

— Você conhece esses homens? — disse Lydia Wells.

Mannering se conteve.

— Apenas de vista — disse ele. — Deve saber que eu faço um bom número de negócios com os chineses, e esses rapazes são rostos familiares em Kaniere. Como vão, camaradas?

— Boa tarde — disse Ah Sook. Ah Quee nada disse. Suas expressões eram quase indistintas debaixo da pintura de graxa, a qual exagerava suas feições, alongando os cantos de seus olhos, acentuando a redondez de suas bochechas.

Mannering virou-se para a sra. Wells.

— Quê? Eles têm participação na sessão espírita? A seu serviço?

— Este aqui veio à tarde — explicou a sra. Wells, apontando para Ah Sook —, e tive a ideia de que sua presença poderia acrescentar certo sabor à sessão espírita de hoje à noite. Ele concordou em voltar e me fez ainda melhor: trouxe o amigo junto. Você há de convir que dois é muito melhor que um. Aprecio um eixo de simetria numa sala.

— Onde está Anna? — disse Mannering.

— Oh, no andar de cima — disse a sra. Wells. — Na verdade, foi você, senhor Mannering, quem me deu a ideia. Seu *Sensações do Oriente*. Nada vende mais ingressos que um toque oriental! Assisti ao espetáculo duas vezes, uma instalada no balcão e outra, nos camarotes.

Mannering franzia o cenho.

— Quando ela vai descer?

— Não até que comece a sessão espírita — disse a sra. Wells.

Ele sobressaltou-se.

— Quê? Não vem para a festa? Ela não estará aqui para a festa?

A sra. Wells virou-se para ajeitar os copos no aparador.

— Não.

— E por que não? — disse Mannering. — Você sabe que há dezenas de homens disputando para ter uma palavrinha com ela. Eles estão desembolsando o ordenado de uma semana apenas

para pisar aqui dentro, e tudo por causa de Anna. Você seria louca em mantê-la no andar de cima.

— Ela deve se preparar para a sessão espírita. Não posso deixar que seu equilíbrio seja perturbado.

— Que desatino! — disse Mannering.

— Perdão? — disse a sra. Wells, voltando-se.

— Eu disse que isso é um desatino. Você a está escondendo… por alguma razão.

— Que está querendo dizer?

— Com Anna Wetherell, eu perdi minha melhor garota — disse Mannering. — Eu mantive distância por três semanas, em respeito a Deus sabe o que, e agora eu desejo uma oportunidade de falar com ela. Não há nada de “equilíbrio perturbado” e nós dois sabemos muito bem disso.

— Sinto ter que lembrá-lo de que esse é um campo sobre o qual você carece de conhecimento.

— Conhecimento! — disse Mannering, desdenhosamente. — Três semanas atrás Anna não sabia patavina de equilíbrio. Isso é um desatino, senhora Wells. Chame-a aqui embaixo.

A sra. Wells empertigou-se.

— Também devo lembrá-lo, senhor Mannering, de que em minha casa você é um visitante.

— Isso não é uma casa; é um local de trabalho. Eu lhe paguei três xelins com a certeza de que Anna estaria aqui.

— Na realidade, nenhuma certeza foi dada.

— Ouça só isto! — disse Mannering, que estava ficando muito bravo. — Eu lhe darei outro conselho, senhora Wells, e de graça: no ramo dos espetáculos, você deve dar à audiência exatamente aquilo pelo que ela pagou, e, caso não dê, vai sofrer as consequências de sua inquietação. Dizia-se no jornal que Anna estaria aqui.

— Dizia-se no jornal que ela estaria presente na sessão espírita, como minha assistente.

— O que você fez com ela?

— Garanto que eu não sei o que quer dizer com isso.

— Por que ela concordou com isso? Em ficar lá em cima, sozinha e no escuro?

A sra. Wells ignorou essa pergunta.

— A senhorita Wetherell — disse ela — vem aprendendo a jogar as cartas do tarô, uma arte na qual se provou um tanto quanto competente. Assim que eu estiver satisfeita com sua maestria, ela vai anunciar seus serviços no *West Coast Times* e então você será muito bem-vindo, tal como todos os cidadãos de Hokitika, a marcar uma consulta com ela.

— E eu vou pagar os olhos da cara por esse privilégio, não é?

— Mas é claro — disse a sra. Wells. — Imagino que tenha pensado o contrário.

Ah Sook olhava para a sra. Wells, e Ah Quee, para Mannering.

— Isso é um ultraje — disse Mannering.

— Talvez você não deseje mais comparecer à festa — disse a sra. Wells. — Se é esse o caso, basta dizer; vou lhe ressarcir sua tarifa na íntegra.

— Qual o sentido disso? Mantê-la lá em cima?

A viúva riu.

— Vamos, senhor Mannering! Nós estamos no mesmo ramo, como você mesmo já assinalou; eu não preciso explicá-lo para você.

— Não. Explique-o — disse Mannering. — Por favor. Explique-o.

A sra. Wells não o fez, no entanto; ela olhou para ele um momento, e então disse:

— Por que veio à festa de hoje à noite?

— Para falar com Anna. E para ter uma ideia de minha concorrência. Você.

— A primeira de suas ambições não será realizada, como deixei claro, e você certamente já alcançou a segunda, a esta altura. Sendo este o caso, eu não vejo razão alguma para que permaneça.

— Eu permanecerei — disse Mannering.

— Por quê?

— Para ficar de olho em você, eis por quê.

— Entendo — a sra. Wells fitou-o. — Eu penso que há outra razão pela qual decidiu comparecer à festa de hoje à noite, uma razão que não compartilhou comigo até o presente momento.

— Oh, sim? E que razão poderia ser? — disse Mannering.

— Infelizmente, posso apenas tentar adivinhar — disse a sra. Wells.

— Bem, prossiga, faça sua profecia. É este o seu jogo, não é? Leia minha sorte.

Ela jogou a cabeça para o lado, avaliando-o. Então, subitamente resoluta, ela disse:

— Não; desta vez creio que guardarei minha profecia comigo.

Mannering vacilou, e, após um momento, a sra. Wells deu sua risada cacarejante e empertigou-se, apertando as mãos sobre o peito. Pedindo licença a Mannering, ela explicou que havia contratado duas garçonetes do Star e Garter para servir seus convidados aquela noite e que as garotas ainda não haviam sido instruídas: aguardavam na cozinha, muito pacientemente, e ela não queria fazê-las esperar mais. Ela convidou Mannering a servir-se de uma bebida dos decantadores arranjados sobre o aparador e a sentir-se em casa — e com isso desapareceu da sala, deixando Mannering a observá-la, ruborizado.

Assim que a porta se fechou, ele cercou Ah Sook.

— E que *você* tem a dizer sobre isso?

— Ver Emery Staines — disse Ah Sook.

— Você tem algumas perguntas a fazer a *ele*, suponho.

— Sim.

— Vivo ou morto — disse Mannering. — Ou uma coisa ou outra, não é, senhor Sook? Ou uma coisa ou outra, a esta altura.

Ele marchou até o aparador e serviu-se de uma bebida muito forte.

Φ

A sra. Wells havia contratado uma orquestra de dois homens, composta de rabeca e flauta, da Sociedade dos Católicos Amigáveis à rua Collingwood. Os músicos chegaram pouco antes das sete, com os instrumentos embrulhados em veludo, e a sra. Wells os encaminhou ao fim do corredor, onde duas cadeiras foram dispostas de frente para a porta. As únicas canções que conheciam eram jigas e sarabandas, mas à sra. Wells ocorreu a ideia de que eles poderiam tocar o repertório a um compasso mais vagaroso, ou tão lentamente quanto seus fôlegos e sua coordenação permitissem, a fim de ficarem mais em sintonia com o tom da noite. Tocadas lentamente, as jigas soaram sinistras, e as sarabandas, tristes; até

mesmo Mannering, cujo mau humor não fora amenizado por dois dedos de brandy e pelos animados cuidados das garçonetes do Star e Garter, teve que reconhecer que o efeito era muito contundente. Quando os primeiros convidados bateram à porta, “Sixpenny Money” era tocada num arrasto sofrido — fazendo lembrar não dança e celebração, mas velórios, doenças e muito más notícias.

Às oito horas o antigo hotel estava cheio, e o ar, espesso de fumaça.

— Você já assistiu a um mágico numa feira? Você já viu um homem demonstrar um jogo de copos? Ora, são todas artes da distração, senhor Frost. Eles têm meios de fazê-lo olhar para o lado, através de uma pilhéria, um ruído ou algo inesperado, e enquanto sua cabeça está virada, é aí que os copos se trocam, se preenchem, se esvaziam ou o que mais se desejar. Não preciso lhe dizer que nenhuma distração é boa como as mulheres, e hoje à noite você terá que se haver com duas delas.

Frost relanceou o olhar para Pritchard, desconfortavelmente, e então para além: ele tinha algum medo do boticário e não gostava da maneira como Pritchard se assomava sobre ele — ficando tão perto que, quando ele falava, Frost podia sentir o calor de seu hálito.

— Como sugere que eu não me distraia? — disse ele.

— Mantenha os dois olhos bem abertos — disse Pritchard. — Nilssen está vigiando Anna. Você vigia a viúva. Os dois terão as sob cobertura, vê? Você vigiará Lydia Wells não importa o que aconteça. Se ela o convidar a fechar os olhos ou olhar para outro lado (eles geralmente pedem isso, veja só), bem, não o faça.

Frost sentiu uma pontada de irritação. Ele se perguntou que direito tinha Joseph Pritchard de distribuir funções de vigilância numa sessão espírita para a qual ele próprio não possuía convite. E por que ele tinha sido designado para vigiar a viúva, quando Nilssen vigiaria Anna? Ele não manifestou essas queixas em voz alta, no entanto, pois uma garçonete se aproximava com um decantador numa bandeja. Ambos os homens reabasteceram seus copos, agradeceram-na e observaram-na ir por entre a multidão.

Assim que ela se retirou, Pritchard retomou, com a mesma intensidade.

— Staines tem que estar em *algum lugar* — insistiu ele. — Um homem não desaparece simplesmente sem deixar rastro. Que sabemos ao certo? Vamos recapitular. Nós sabemos que Anna foi a última pessoa a vê-lo vivo. Nós sabemos que ela estava mentindo sobre aquele ópio, dizendo que ela mesma comeu aquela quantidade sozinha, quando na realidade atestei que aquilo era uma mentira deslavada. E nós sabemos que agora ela se prepara para chamá-lo de entre os mortos.

A Frost ocorreu subitamente que o casaco de Pritchard caía-lhe muito mal, que sua gravata não fora passada, que sua camisa estava nada mais que puída. Ora, e sua lâmina devia estar muito cega, pensou Frost, para resultar num barbear tão irregular e desigual. Essa crítica, expressa internamente, deu-lhe uma confiança súbita. Ele disse:

— Você não confia muito em Anna, confia, senhor Pritchard?

Pritchard pareceu tomado de surpresa ante a hipótese.

— Há amplos motivos para não confiar nela — disse ele friamente. — Tal como já lhe narrei.

— Mas pessoalmente — disse Frost. — Como mulher. Deduzo que a impressão que faz da integridade dela é muito baixa.

— Você quer falar sobre a integridade de uma prostituta! — irrompeu Pritchard, mas ele não prosseguiu.

Após um momento, Frost emendou:

— Eu me pergunto o que você pensa dela. Apenas isso.

Pritchard encarou Frost com uma expressão vaga.

— Não — disse ele, finalmente. — Eu não confio em Anna. Não confio uma palha a ela. Eu nem mesmo gosto dela. Mas gostaria que fosse o contrário. Não é uma coisa curiosa? Gostaria.

Frost estava desconfortável.

— Dificilmente vale três xelins, não? — disse ele, referindo-se à festa. — Devo dizer que esperava mais.

Pritchard também pareceu constrangido.

— Apenas se lembre — disse ele —, durante a sessão espírita, de manter os dois olhos na senhora Wells.

Eles se viraram um para cada lado, aparentando esquadrinhar os rostos na multidão, e por um momento os dois homens compartilharam da mesma exata expressão: o aspecto distante e

ligeiramente desapontado de quem compara desfavoravelmente a cena ao seu redor a outras cenas, tanto reais quanto imaginadas, que aconteceram e acontecem noutro lugar.

Φ

— Senhor Balfour. Posso lhe falar um momento a sós?

Balfour olhou: era Harald Nilssen, parecendo caracteristicamente garboso num colete azul-imperial. Ele viu no rosto de Nilssen a expressão endurecida de um homem que resolve fazer uma pergunta difícil, e seu coração tornou-se pesado dentro do peito.

— É claro… naturalmente, naturalmente — disse Balfour. — Você pode falar… é claro que pode falar a mim! Naturalmente!

Que tolos se tornavam os homens, pensou ele, quando sabiam estar prestes a se envergonhar! Ele seguiu Nilssen através da multidão.

Quando saíram de perto do salão, Nilssen parou abruptamente.

— Vou direto ao ponto — disse ele, virando-se.

— Sim — disse Balfour. — Vá direito ao ponto. É sempre o melhor. Que está achando da festa?

Da sala de estar veio um troar de risadas e um indignado chio feminino.

— Gostando bastante — disse Nilssen.

— Nenhum sinal de Anna, contudo.

— Não.

— E a três xelins! — disse Balfour. — Isso sim é preço! Nós vamos beber todo o valor, não vamos? — Ele olhou para seu copo.

— Vou direto ao ponto — disse Nilssen novamente.

— Sim — disse Balfour. — Faça-o.

— De alguma maneira — começou Nilssen —, o senhor Lauderback sabe de minha comissão. Ele vai publicar uma carta sobre ela no jornal de amanhã. Massacrando a pessoa de Shepard e assim por diante. Eu ainda não a li.

— Oh, céus — disse Balfour. — Oh, céus… sim, eu entendo. Eu entendo. — Ele assentiu vigorosamente, embora não a Nilssen. Eles estavam de pé quase lado a lado. Nilssen dirigia sua fala a uma estampa emoldurada na parede, e Balfour, aos lambris.

— O diretor Shepard redigiu uma resposta — prosseguiu Nilssen, ainda abordando a estampa —, que deve aparecer diretamente abaixo da de Lauderback, no jornal de amanhã. Eu li sua resposta: Shepard enviou-me uma cópia esta tarde.

Ele fez um breve resumo da resposta de Shepard — fazendo a angústia de Balfour dissolver-se, em um só momento, em puro aturdimento.

— Bem — disse ele, olhando diretamente para Nilssen pela primeira vez —, estou chocado. Eis aí um verdadeiro tubarão em água rasa. Imaginar o diretor Shepard se saindo com uma história como *essa*. Dizendo que é tudo incitação *sua* (o investimento), como se fora uma doação! Estou chocado! Ele o pôs num aperto, não pôs? Que diabo ousado esse homem é! Que serpente!

— Você contou a Lauderback sobre minha comissão? — disse Nilssen.

— Não! — disse Balfour.

— Você nem mesmo a mencionou… sem querer?

— Não! — disse Balfour. — Nem um pouco!

— Está certo — disse Nilssen gravemente. — Obrigado. Desculpe tê-lo incomodado. Suponho tenha sido um dos outros.

Balfour sobressaltou-se.

— Um dos outros? Quer dizer… um dos outros camaradas do Crown?

— Sim — disse Nilssen. — Alguém deve ter quebrado seu juramento. Certamente *eu* não contei nada ao senhor Lauderback, e estou certo de que ninguém mais sabe sobre o investimento, além dos doze que juraram.

Balfour parecia em pânico.

— E quanto ao seu empregado? — disse ele.

Nilssen balançou a cabeça.

— Ele não sabe.

— Alguém do banco, talvez.

— Não: foi um acordo privado, e Shepard tem a única cópia da escritura. — Nilssen suspirou. — Ouça — disse ele. — Desculpe ter descontado em você… ter perguntado, entende… e duvidado de você. Mas eu sabia que você é o homem de Lauderback e, bem, eu tinha que ter certeza.

— Naturalmente tinha…! É claro!

Nilssen assentiu melancolicamente. Ele olhou, através da porta da sala de estar, para a multidão em frente — para Pritchard, que ficava claramente uma cabeça acima de todos os homens da sala, para Devlin, que conversava com Clinch, para Löwenthal, que conversava com Frost, para Mannering, que reabastecia seu copo utilizando o decantador do aparador e ria muito abertamente à pilhéria de outro homem.

— Só um momento — disse Balfour subitamente. — Você disse que a carta de Shepard mencionava Lauderback e Lydia Wells.

— Sim — disse Nilssen, desconfortavelmente. — Ele tornou público o caso deles, dizendo que Lauderback deve confessar sobre ela. Isso é o que…

Balfour interrompeu-o.

— Mas em primeiro lugar, como diabos Shepard sabe sobre o caso? Eu dificilmente penso que Lauderback teria…

— Eu lhe contei — irrompeu Nilssen. — Eu quebrei meu juramento. Oh, senhor Balfour… ele me pôs num aperto… e ele sabia que eu escondia algo… e eu acabei cedendo. Não consegui pensar rápido. Você estava muito certo em ficar furioso comigo. Você tem todo direito. Eu não me importo.

— Absolutamente — disse Balfour, para quem essa confissão surgira como um estranho alívio.

— Agora Lauderback vai saber que você não guardou seu segredo — prosseguiu Nilssen, miseravelmente —, e amanhã de manhã toda Westland vai saber que ele tomou a senhora Wells por amante, e talvez ele perca o assento no Parlamento, e será tudo minha culpa. Lamento eternamente… é verdade, eu lamento.

— Que mais você lhe contou? — disse Balfour. — Sobre Anna… e sobre a chantagem… e sobre os vestidos?

— Nada! — disse Nilssen, parecendo chocado. — E nada sobre Carver, igualmente. Tudo que eu disse foi que a senhora Wells havia sido amante de Lauderback. Apenas isso. Mas agora o diretor Shepard foi e contou esse tanto… no jornal.

— Mas, está tudo bem! — disse Balfour, batendo no ombro de Nilssen. — Está tudo bem! O diretor Shepard poderia ter descoberto isso de qualquer outra fonte. Caso Lauderback me pergunte, eu direi

que nunca troquei duas palavras com Shepard em toda minha vida, e essa é a verdade.

— Sinto muitíssimo — disse Nilssen.

— Não por isso — disse Balfour, dando-lhe tapinhas. — Não seja por isso.

— Bem, você é muito gentil em dizê-lo — disse Nilssen.

— Fico feliz em poder ajudar — disse Balfour.

— Em primeiro lugar, eu ainda não sei quem me vendeu a Lauderback — disse Nilssen, após um momento. — Eu terei que continuar perguntando, suponho.

Ele suspirou e virou-se novamente para esquadrinhar os rostos na multidão.

— Veja, senhor Nilssen — disse Balfour —, eu pensei em algo. A propósito... bem, nada, na verdade. Olhe. Da próxima vez que me surgir um trabalho comissionado… da próxima vez que algo me cair na mesa, você sabe… eu não vou procurar o senhor Cochran, afinal de contas. Você sabe que ele trabalha para mim há um longo tempo, mas, ora, eu me pergunto se não é hora de uma mudança. Aposto que todos nós sairemos desse caso procurando por um homem em quem possamos nos apoiar. Procurando por um homem em quem confiar. Quero dizer… você terá… meus serviços… no futuro.

Ele não olhou para Nilssen; ele começou a fisgar um charuto no bolso do casaco.

— É muito gentil de sua parte — disse Nilssen. Ele observou Balfour um momento mais e então, assentindo lentamente, virou-se para o lado. Balfour encontrou um charuto, desembrulhou-o, cortou-lhe a ponta com os dentes e pô-lo entre os dentes; em seguida ele riscou um fósforo, inclinou-o para que a flama vingasse e a segurou ante a angulosa extremidade de seu charuto. Baforou três vezes, soprando as bochechas; em seguida balançou o fósforo, arrancou o charuto da boca e virou-o de lado, para se assegurar de que o tabaco estava queimando.

Φ

— Senhor Clinch.

— Sim — disse Clinch. — O que é?

— Eu tenho uma pergunta — disse Tauwhare.

— Ora, pois não… pergunte.

— Por que comprou o chalé de Crosbie Wells?

O hoteleiro resmungou.

— Isso, não — disse ele. — Não falemos disso agora. Não esta noite.

— Por quê?

— Apenas desista — retrucou Clinch. — Não estou com cabeça. Não discutirei sobre nenhum diabo de Crosbie Wells.

Ele observava a viúva ir de convidado em convidado. Sua saia de crinolina era tão ampla que ela apartava a multidão onde quer que passasse, deixando um amplo espaço atrás de si.

— Ela tem um rosto cruel — observou Tauwhare.

— Sim — disse Clinch —, também acho.

— Não é amiga dos maoris.

— Não, creio que não. Nem dos chineses, como podemos muito bem ver. Nem de nenhum homem nessa sala, sem dúvida. — Clinch secou seu copo. — Estou de mau humor, senhor Tauwhare — disse ele novamente. — E quando estou de mau humor, sabe o que gosto de fazer? Eu gosto de beber.

— Isso é bom — disse Tauwhare.

Clinch alcançou o decantador.

— Aceita mais um?

— Sim.

Ele encheu os copos.

— Enfim — disse ele, ao devolver o decantador no aparador —, o recurso será concedido, a venda será revogada, eu terei meu depósito de volta e assim será. O chalé não mais me pertencerá: pertencerá à senhora Wells.

— Por que você o comprou? — persistiu Tauwhare.

Clinch suspirou pesadamente.

— A ideia nem foi mesmo minha — disse ele. — Foi ideia de Charlie Frost. Compre alguma terra, ele disse. Dessa maneira, ninguém vai fazer pergunta nenhuma.

Tauwhare nada disse, esperando Clinch continuar; dentro em pouco, ele o fez.

— Eis o argumento — disse ele. — Você não precisa de uma patente de mineração se a terra é mesmo sua, precisa? E se você descobre um bocado de ouro em sua própria terra, ele é seu, não é? Essa foi a ideia, a ideia dele, quero dizer: não foi minha. Eu não podia levar os vestidos ao banco, não sem uma patente de mineração. Eles me perguntariam de onde ele tinha vindo, e eu não teria o que dizer. Mas, se eu tivesse um pedaço de terra próprio, então ninguém faria pergunta alguma. Eu nunca soube de Johnny Quee, veja bem. Eu pensei que o ouro estivesse o tempo todo nos vestidos, ainda puro. Então eu poupei para um depósito. Charlie me disse para aguardar um espólio de falecido ou uma partilha: um ou outro, ele disse, por uma questão de permanecer desimpedido. Então, quando a extensão de terra de Wells ficou à venda, eu a comprei imediatamente, pensando que… bem, não sei. Eu fui estúpido. Em me instalar lá, com… não sei. É claro, a Anna volta do cárcere num vestido diferente, no dia seguinte… e então, após ela deixar o lugar, eu descubro que os outros vestidos haviam sido esvaziados. O que eu sentia neles eram os contrapesos de chumbo. O plano todo desandou. Eu possuía um pedaço de terra que eu não desejava, nenhum dinheiro para chamar de meu, e Anna… bem. Você sabe sobre Anna.

Tauwhare franzia o cenho.

— O Arahura é um lugar muito sagrado — começou ele.

— Bem, sim — disse Clinch, sacudindo uma mão como que para silenciá-lo —, mas lei é lei. Se você deseja reaver o chalé, é mais que bem-vindo; mas não é comigo que deve falar. É com ela.

Eles relancearam o olhar pela sala até chegar à sra. Wells.

— O problema das mulheres belas — disse Clinch dentro em pouco — é que elas sabem ser belas, e esse saber as torna orgulhosas. Eu aprecio a mulher que não sabe da própria beleza.

— Uma mulher estúpida — disse Tauwhare.

— Não estúpida — disse Clinch. — Modesta. Despretensiosa.

— Eu não conheço essas palavras.

Clinch sacudiu a mão.

— Uma mulher que não fala demais. Que não fala de si mesma. Que sabe quando deve ficar calada e quando deve falar.

— Astuciosa? — disse Tauwhare.

— Não astuciosa — Clinch balançou a cabeça. — Nem astuciosa, nem estúpida. Apenas… cuidadosa, e quieta. E inocente.

— E quem é esta mulher? — disse Tauwhare maliciosamente.

— Não… não é uma mulher de verdade — disse Clinch. Ele abriu uma carranca. — Esqueça.

— Olá, Edgar. Teria um momento?

Löwenthal aparecera atrás deles.

— Certamente — disse Clinch. — Com licença, senhor Tauwhare.

Löwenthal piscou, vendo Tauwhare pela primeira vez.

— Você deve ter ido trabalhar nos destroços — disse ele. — Encontrou algo?

Tauwhare não gostava de ser abordado com condescendência, como se pertencesse a uma classe subserviente; nem conseguia perdoar Löwenthal por tê-lo envergonhado mais cedo, aquele dia.

— Não — respondeu ele, desdenhosamente. — Nada.

— É pena — disse Löwenthal, já se virando.

— Que lhe passa, Ben? — disse Clinch, quando estavam sozinhos.

— É uma questão indelicada, infelizmente — disse Löwenthal. — Sobre o bebê de Anna… o bebê que nunca veio à luz.

— Tudo bem — disse Clinch, cautelosamente.

— Você se lembra da noite em que eu a encontrei… após a altercação com Carver.

— É claro.

— Aquela foi a noite em que ela confessou ser Carver o pai da criança.

— Sim… eu me lembro.

— Eu gostaria de saber se você já havia ouvido aquela constatação, ou se, como eu, ouviu aquela confissão pela primeira vez somente naquela noite — disse Löwenthal. — Por favor me perdoe a indelicadeza… e a impertinência do assunto em questão.

Clinch permaneceu em silêncio por longo tempo.

— Não — disse ele finalmente. — Aquela foi a primeira vez que ela falou sobre isso. Até aquela noite ela havia permanecido calada sobre o assunto.

— Mas você já possuía algum pressentimento? — pressionou Löwenthal. — Alguma ideia? Você era da opinião, talvez, de que Carver pudesse ser o… bem… o progenitor?

Clinch pareceu desconfortável.

— Eu sabia que devia ser algum camarada dos dias de Dunedin — disse ele. — Era tudo que sabia. Não podia ser um companheiro de Hokitika: os meses não batiam.

— E Carver conheceu Anna em Dunedin.

— Ela chegou a bordo da *Godspeed* — disse Clinch concisamente. — Além disso, eu não poderia adivinhar. Em que isso seria de alguma ajuda?

Löwenthal explicou-lhe o que se sucedeu no escritório do *West Coast Times* naquela tarde.

— Anna pode não ter contado a verdade, veja bem. Pode ter sido conversa fiada. É claro que nunca tivemos razão para duvidar de sua palavra… até agora.

Clinch fechou a cara.

— Mas quem mais poderia ser, se não Carver?

Löwenthal apertou os lábios.

— Eu não sei — disse ele. — Qualquer um, suponho. Talvez não seja ninguém que conheçamos.

— Essa é apenas a palavra de Carver contra a de Anna — disse Clinch acaloradamente. — Você não estaria tomando partido de Carver… ao basear-se numa única declaração? Qualquer homem pode negar alguma coisa, veja bem; não lhe custa nada negar alguma coisa!

— Não estou tomando partido nenhum… ainda — disse Löwenthal. — Mas penso que o momento da confissão de Anna pode ter importância. Talvez.

Franzindo o cenho, Clinch ergueu a mão para acariciar o lado do rosto. Ao fazê-lo, Löwenthal captou a fragrância de sua água-de-colônia e percebeu que Clinch devia ter pagado por um barbear perfumado, em vez da espuma barata que era o pedido habitual da maioria dos homens na barbearia de Hokitika — uma suspeita depois confirmada quando Clinch afastou a mão e Löwenthal viu um rubro borrifo de prurido sobre as suaves bochechas do homem. Discretamente, Löwenthal olhou o hoteleiro de cima a baixo. O

casaco de Clinch fora escovado, e seu colarinho, engomado; a camisa que usava parecia muito alva, e as biqueiras de suas botas estavam recentemente engraxadas. “Oh”, pensou Löwenthal, apiedado: “Ele se empetecou para Anna.”

— Então, ela só nomeou o pai após a criança morrer — disse Clinch finalmente, e numa voz muito áspera. — Eis a honra de uma prostituta, é tudo.

— Talvez esteja certo — disse Löwenthal, mais gentilmente. — Deixemos desse assunto.

Φ

— Senhor Walter Moody, esta é a senhora Lydia Wells — disse Gascoigne. — O senhor Moody veio da Escócia para Hokitika, senhora Wells, para fazer fortuna no desfiladeiro; a senhora Wells, como o senhor sabe, é a ama deste estabelecimento e uma grande entusiasta dos reinos.

Lydia fez uma belíssima reverência, e Moody, uma breve porém respeitável mesura. Moody em seguida prestou seus cumprimentos à anfitriã, agradecendo-a muito cortesmente pela hospitalidade daquela noite e elogiando as reformas do antigo hotel. Apesar dos melhores esforços, seus cumprimentos saíram muito insípidos: quando ele olhava para ela, conseguia apenas pensar em Lauderback e em Crosbie Wells.

Quando ele acabara de falar, ela disse:

— Você se interessa pelo oculto, senhor Moody? — uma pergunta que Moody não poderia responder honestamente sem arriscar desacatá-la.

No entanto, ele fez somente uma breve pausa antes de responder:

— Há muitas coisas que ainda são misteriosas para mim, senhora Wells, e creio ser um homem curioso; se me interesso por essas verdades que ainda são desconhecidas, é apenas porque poderão, no devido tempo, ser conhecidas, ou, para dizê-lo mais francamente, apenas porque no devido tempo eu poderei vir a conhecê-las.

— Você é maravilhosamente desembaraçado no uso de determinado verbo, pude perceber — retorquiu a viúva. — O que

significa para você, senhor Moody, *conhecer* alguma coisa? Presumo que você dê muitíssimo crédito ao *conhecer*, a julgar pela maneira como fala.

Moody sorriu.

— Ora — disse ele —, suponho que saber uma coisa é vê-la de todos os lados.

— Vê-la de todos os lados — repetiu a viúva.

— Mas confesso que me pegou desprevenido; não dediquei nenhum tempo elaborando uma definição e não gostaria de ouvi-la citada de volta para mim… não até que eu dedicasse algum tempo pensando em como defendê-la.

— Não — concordou a viúva —, sua definição deixa muito a desejar. Há tantas exceções à regra! Como se poderia ver um *espírito* de todos os lados, por exemplo? A ideia é inconcebível.

Moody fez outra breve mesura.

— Está muito certa em chamar isso de exceção, senhora Wells. Mas temo não ser possível nem mesmo conhecer um espírito, para ninguém, e certamente não creio que um espírito possa ser visto. Longe de pretender assim contestar seus talentos, aí está: não acredito em espíritos, categoricamente.

— E ainda assim você solicitou um ingresso para a sessão espírita esta noite — assinalou a viúva.

— Minha curiosidade foi atiçada.

— Pelo espírito em questão, talvez?

— O senhor Staines? — Moody deu de ombros. — Nunca conheci o homem. Aportei em Hokitika uma quinzena depois de ele ter desaparecido. Mas desde então ouvi muitas vezes o seu nome, é claro.

— O senhor Gascoigne diz que veio a Hokitika para fazer fortuna.

— Sim, assim espero.

— E como vai fazê-la?

— À força de trabalho duro e bom planejamento, espero eu.

— É claro, há muitos homens ricos que trabalham pouco e nada planejam.

— Esses são homens de sorte — disse Moody.

— Não deseja também ter sorte?

— Desejo ser capaz de poder dizer que mereci meu quinhão — disse Moody cuidadosamente. — A sorte é, por natureza, imerecida.

— Que ilustre resposta! — disse Lydia Wells.

— E uma resposta verdadeira, espero eu — disse Moody.

— Rá! — disse a viúva. — Eis-nos de volta à “verdade”.

Gascoigne estivera observando Lydia Wells.

— Veja só como funciona a cabeça dela — ele disse a Moody. — Ela o arrebata num instante e dilacera seu argumento. Prepare-se.

— Mal sei como me preparar para ser dilacerado — disse Moody.

Gascoigne estava certo. A viúva ergueu o queixo e disse:

— Você é um homem de religião, senhor Moody?

— Sou um homem de filosofia — retorquiu ele. — Os aspectos da religião que podem ser chamados de filosofia interessam-me extremamente; aqueles que não podem, não.

— Entendo — disse Lydia Wells. — Infelizmente, no meu caso é quase o oposto: apenas as filosofias que podem ser chamadas de religião me inspiram algum interesse.

A isso, Gascoigne riu à larga.

— Muito bom — disse ele, balançando o dedo. — Isso é muito bom.

A despeito de si, Moody divertiu-se com a perspicácia da viúva, embora estivesse determinado a não deixar que ela conquistasse a supremacia.

— Parece que temos pouco em comum, senhora Wells — disse ele. — Espero que essa falta de base comum não seja um impedimento à nossa amizade.

— Nós discordamos sobre a validade dos espíritos: isso, já estabelecemos — disse Lydia Wells. — Deixe-me, porém, lançar-lhe pergunta contrária. E quanto a uma alma… uma alma que vive? Você acredita poder “conhecer” uma pessoa que vive, se não pode “conhecer” uma pessoa que está morta?

Moody refletiu, sorrindo. Após um momento, a viúva prosseguiu:

— Você sente poder verdadeiramente “conhecer” seu amigo, o senhor Gascoigne, por exemplo? Pode *vê-lo* de todos os lados?

Gascoigne pareceu muito zangado por ter sido usado como exemplo retórico, e o disse em voz alta; a viúva fê-lo calar-se e lançou a pergunta a Moody uma segunda vez.

Moody olhou para Gascoigne. Na verdade, ele dissecara o caráter de Gascoigne com refinado nível de detalhe ao longo das três semanas de sua amizade. Ele sentiu que entendia o alcance e os limites da inteligência daquele homem, a qualidade de seu sentimento e o teor de suas muitas expressões e hábitos. Ele sentiu, como um todo, que poderia resumir com bastante precisão o caráter do homem. Mas ele sabia que Lydia tencionava encurralá-lo, e por fim ele optou por, de fato, responder insipidamente, repetindo que apenas aportara em Hokitika há três semanas e que não podia ousar formar uma avaliação rigorosa da alma de Gascoigne nesse tempo. Esse projeto, acrescentou ele, requereria mais que três semanas de observação.

— O senhor Moody era passageiro do senhor Carver — interveio Gascoigne. — Ele chegou a bordo da *Godspeed* na mesma noite em que ela afundou.

Moody sentiu um rebuliço de apreensão ante essa revelação. Ele usara um nome falso ao reservar sua passagem na *Godspeed* e não gostava de anunciar o fato de que aportara em Hokitika a bordo daquela embarcação, dada a natureza do que ele havia testemunhado — ou imaginado que testemunhara — nas horas antes de o navio afundar. Ele olhou para a viúva, procurando, em seu rosto, alguma centelha de dúvida ou reconhecimento que pudesse mostrar que ela sabia sobre o fantasma ensanguentado no porão da *Godspeed*.

Mas Lydia Wells estava sorrindo.

— Chegou? — disse ela, fitando Moody de cima a baixo. — Então, infelizmente, creio que o senhor Moody seja um espécime deveras comum de homem.

— E por quê? — disse Moody rijamente.

A viúva riu.

— Você é um homem de sorte que desdenha do conceito de sorte — disse ela. — Infelizmente, senhor Moody, creio ter conhecido muitos homens como você.

Antes que Moody pudesse pensar numa resposta, ela pegou um pequeno sino de prata, badalou-o agudamente e anunciou, numa voz não menos penetrante devido a seu rouco cochicho, que todos aqueles que não possuíam ingressos deviam se retirar imediatamente, pois a sessão espírita estava prestes a começar.

Vênus em Aquário

Em que Sook Yongsheng esquece seu xelim; Lydia Wells entra em histeria; e recebemos uma resposta vinda do reino dos mortos.

Que reunião diferente era esta, em relação ao conselho clandestino que se congregara três semanas antes no Crown Hotel! O Crown se fizera de anfitrião a um grupo de doze, o qual, a partir da chegada de Moody, tornou-se um grupo de treze; já aqui, na sala dianteira do Wayfarer's Fortune, eles formavam um grupo de onze, procurando invocar um décimo segundo.

Charlie Frost, sob instrução de Joseph Pritchard, manteve fixos os olhos em Lydia Wells ao passo que a viúva conduzia os sete ingressantes ao salão onde Ah Sook e Ah Quee, luzindo de graxa, se sentavam de pernas cruzadas dos dois lados da lareira. As cortinas haviam sido arrastadas sobre as janelas do salão e todos os lampiões de parafina, exceto um, haviam sido apagados, dando à sala uma incandescência rósea. Acima desse único lampião fora colocado um prato de estanho com essência aromática, e o líquido, brandamente aquecido pelo calor da chama, preenchia a sala com o agradável perfume de rosas.

A sra. Wells convidou os homens a assumirem seus assentos, os quais, durante o intervalo em que os outros convidados se retiravam do Wayfarer's Fortune e se dispersavam noite adentro, foram arranjados em círculo, no meio da sala. Houve muito embaraço e muito nervosismo na sala quando os sete convidados se sentaram. Um homem emitia risadinhas estridentes; outros arreganhavam os dentes e acotovelavam seus colegas nas costelas. A sra. Wells não prestou atenção a essas perturbações. Ela estava ocupada arrumando cinco velas em posição de estrela e acendendo-as, uma a uma. Quando todas estavam acesas e o chumaço de papel, consumido, Lydia Wells por fim se sentou e observou, numa voz repentinamente sussurrada e conspiratória, que Anna Wetherell, ao longo das últimas horas, estivera preparando

sua mente para a iminente comunhão com os mortos. Não se devia dirigir-se a ela quando entrasse no salão, pois até mesmo a menor perturbação poderia desfazer seu estado de espírito, o que, por sua vez, desfaria as próprias transmissões da viúva. A presente comitiva consentia em ignorá-la?

A presente comitiva consentiu.

A presente comitiva consentia em auxiliar ainda mais as transmissões da viúva, mantendo um estado de receptividade mental ao longo de toda a duração do evento? Todos concordavam em manter sua mente fresca e aberta, seus membros, relaxados, sua respiração, profunda e rítmica, e sua atenção totalmente focada, como a de um monge durante sua reza?

Assegurou-se que sim.

— Não posso prever o que acontecerá nesta sala, esta noite — prosseguiu a viúva, ainda falando numa voz de conspiração. — Talvez a mobília se mexa. Talvez sintamos lufadas, o hálito do mundo inferior, alguns diriam, à medida que os espíritos em redor sejam incomodados. Talvez os mortos falem através da boca dos vivos. Ou talvez eles se revelem ante a apresentação de um sinal.

— Que quer dizer, um sinal? — disse um dos mineiros presentes.

Lydia Wells voltou seu olhar tranquilo para o falante.

— Às vezes — disse ela calmamente —, e por razões que nos são desconhecidas, os mortos são incapazes de falar. Quando isso acontece, eles escolhem se comunicar de outras formas. Estive presente numa sessão espírita em Sydney na qual ocorreu isso.

— Que aconteceu?

A sra. Wells ficou vítrea.

— Uma mulher foi morta na própria casa — disse ela —, em circunstâncias um tanto misteriosas… e alguns meses após sua morte, um seleto grupo de espíritas se reuniu em sua casa, para contatá-la.

— Como ela foi morta?

— O cão da família ficou feroz — disse Lydia Wells. — Muito fora de si, a fera a atacou e rasgou-lhe a garganta.

— Hediondo.

— Pavoroso.

— As circunstâncias de sua morte eram suspeitas — continuou a viúva —, não menos porque o cão foi sacrificado antes de sua verdadeira natureza ser estabelecida pela lei. Mas o caso foi encerrado, e o marido da mulher, louco de tanta dor, deixou a casa e partiu em viagem. Alguns meses depois, um empregado que servira em sua casa levou o assunto a um médium. Nós providenciamos a realização de uma sessão espírita no mesmo aposento em que essa mulher foi morta.

"Um cavalheiro em nosso grupo, não o médium, mas outro espírita de grande renome, calhou de estar usando um relógio de bolso naquela tarde. Estava enfiado em sua algibeira, com a corrente presa em seu peito. Ele havia dado a corda no relógio, como depois nos garantiu, antes de ter chegado à casa, e o artefato cronometrava muito bem. Bem, naquela noite, durante a sessão espírita, ouviu-se um zumbido baixo e esquisito vindo de seu colete. Nós todos o ouvimos, embora não soubéssemos o que era. Ele puxou o artefato e descobriu, para sua perplexidade, que o mostrador ora marcava três minutos depois da uma da madrugada. Ele insistiu em que havia dado corda para as seis e nem eram ainda nove da noite. Não havia como os ponteiros terem se deslocado tão longe por vontade própria, e ele dificilmente havia girado o botão por acidente! Ele tentou girar o botão, e descobriu que ele estava emperrado. Estava quebrado. Na verdade, o artefato nunca mais funcionou."

— Mas o que significa? — disse alguém. — Três minutos depois da uma?

A voz da viúva tornou-se baixa.

— Nós pudemos apenas supor — disse ela — que o espírito da mulher morta tentava nos dizer alguma coisa, muito urgentemente. A hora de sua morte, talvez? Ou estava transmitindo um aviso? Uma morte estava para acontecer?

Charlie Frost descobriu estar respirando superficialmente.

— Que aconteceu em seguida? — sussurrou Nilssen.

— Nós decidimos permanecer até três minutos após uma da manhã na sala de estar — disse Lydia Wells. — Talvez, pensamos nós, o espírito nos estivesse convidando para ficar até aquela hora, em cujo momento algo aconteceria. Nós esperamos até o bater da

uma; nós esperamos em silêncio por um minuto… por dois minutos… por três… e então, exatamente naquele momento, ouviu-se um terrível estrondo: um quadro caiu de seu gancho na parede. Todos nós nos viramos e vimos, atrás do gancho, um buraco no reboco. O quadro havia sido colocado, vejam bem, para esconder o buraco.

"Ora, as mulheres na comitiva começaram a gritar; havia barulho por todo lado; podem imaginar a comoção. Alguém encontrou uma faca e removeu o pedaço de reboco e havia exatamente alojado no reboco, um projétil de disparo."

Frost e Nilssen trocaram um rápido olhar. A história da viúva os fizera lembrar da bala que desaparecera do quarto de dormir de Anna Wetherell, no aposento superior do Gridiron Hotel.

— O caso foi solucionado algum dia? — disse alguém.

— Oh, sim — disse a viúva. — Não devo entrar em detalhes, há muitos deles, mas podem verificar nos jornais, se estiverem curiosos. Vejam, a mulher sequer havia sido dilacerada pelo cão. Ela fora assassinada pelas mãos do próprio marido, e ele havia atirado no cão e cortado, ele mesmo, a garganta dela, para ocultar o crime.

Fizeram-se murmúrios de aflição pela sala.

— Sim — disse Lydia Wells. — Trágica, a história toda. Elizabeth alguma coisa, era o nome da mulher. Esqueci-me de seu sobrenome. Bem, a boa notícia é que, quando o caso foi reaberto, havia duas evidências a favor: a primeira, que ela foi morta por um projétil de uma Colt Army… e a segunda, que a exata hora de sua morte foi… três minutos depois da uma.

A viúva calou-se por um momento, e então riu.

— Mas vocês não estão aqui esta noite para me ouvir contar histórias! — Ela se levantou da cadeira. Vários dos homens reunidos fizeram menção de também levantar-se, por educação, mas a viúva ergueu a mão, impedindo-os.

— Lamento dizer que são muitos os céticos no mundo — disse ela —, e que para cada homem de bom coração há dez outros que não o são. Haverá aqueles entre vocês que vão tentar negar o que quer que aconteça esta noite, ou que vão tentar me desacreditar. Convido a todos a olhar em redor, agora, e a assegurarem por si

mesmos que essa sala não contém truques, nem fraudes, nem desvarios de qualquer tipo. Sei tanto quanto vocês que há muitos pretendentes à arte da adivinhação, mas podem estar certos de que *eu* não sou um deles. — Ela abriu os braços e disse: — Podem ver que nada escondo em minha roupa. Não se preocupem: estão autorizados a olhar.

A isto, houve risinhos, e muito rebuliço enquanto os homens olhavam ao seu redor, examinando o teto, as cadeiras, o lampião de parafina sobre a mesa, as velas, o tapete no chão. Charlie Frost manteve fixos os olhos em Lydia Wells. Ela não parecia tensa. Ela rodopiou, revelando que nada escondia nas saias, e então se sentou assaz desembaraçadamente, sorrindo a toda a sala. Ela puxou um fio solto na manga e esperou até que os homens estivessem quietos.

— Excelente — disse ela, quando a atenção coletiva focou-se nela novamente. — Agora que estão todos contentes, e prontos, vou apagar as luzes e esperar a chegada de Anna.

Ela se inclinou para a frente e apagou o lampião de parafina, mergulhando a todos na obscuridade da luz de velas. Após vários segundos de silêncio, ouviram-se três batidas na porta do salão atrás deles, e Lydia Wells, ainda ajustando o lampião, exclamou:

— Venha!

A porta se abriu, e os sete homens se viraram. Frost, deixando de lado a orientação de Pritchard por um momento, olhou também.

Anna estava parada na soleira com uma expressão de vacuidade fantasmagórica no rosto. Ela ainda usava o vestido de luto que ganhara de Aubert Gascoigne, mas, se antes o vestido lhe caía mal, agora ele parecia miserável. O vestido pendia de seus ombros como se de um parapeito. A cintura, embora nitidamente cilhada, estava frouxa, e a gola rendada escondia um seio quase côncavo. Seu rosto estava muito pálido, sua expressão, sombria. Ela não olhava para o rosto das pessoas reunidas. Com os olhos fixos a meia distância, ela avançou adiante, lentamente, e afundou na poltrona vaga de frente para Lydia Wells.

“Ora”, pensou Frost enquanto ela se sentava, “ela está faminta!” Ele relanceou o olhar para Nilssen, tencionando encontrar os olhos do outro homem, mas Nilssen estava franzindo o cenho a Anna,

com uma expressão de solene perplexidade no rosto. Tarde demais, Frost lembrou-se de sua incumbência e voltou-se para a viúva — que, no breve momento em que a cabeça de todos estava voltada para a porta, *fizera* alguma coisa. Sim: ela fizera alguma coisa, certamente, pois ela alisava o vestido de uma maneira tensa e satisfeita, e sua expressão subitamente se tornara vivaz. O que ela havia feito? O que ela havia adulterado? Sob a tênue luz, ele não conseguiria dizer. Frost amaldiçoou-se por haver olhado para o outro lado. Este era justamente o tipo de subterfúgio que Pritchard havia previsto. Ele jurou não desviar o olhar uma segunda vez.

Os cantos da sala haviam agora se obscurecido inteiramente. A única luz vinha do brilho tremeluzente das velas no centro do grupo, e em volta dela os onze rostos tinham uma aparência pálida e fantasmagórica. Sem tirar os olhos do rosto da viúva, Frost notou que, na verdade, o círculo das cadeiras não era perfeitamente circular: estava mais próximo de ser uma elipse, disposta com seu eixo mais comprido apontando para a porta e Lydia sentada em sua mais distante extremidade. Ao dispor os assentos nessa configuração, ela havia conseguido garantir que a cabeça de todos os homens se viraria para a porta — e para longe *dela* — quando Anna chegasse. Ora, pensou Frost, pelo menos os chineses devem ter visto a prestidigitação que ela realizou naquele rápido momento em que Anna surgiu à soleira. Ele fez uma segunda observação mental: interrogá-los assim que findasse a sessão espírita.

O grupo se deu as mãos, ante instrução da viúva; e então, na tremeluzente luz das velas, Lydia Wells exalou um grande suspiro, sorriu e fechou os olhos.

A visitação da viúva levou um bom tempo para vir. O grupo permaneceu em perfeito silêncio por quase vinte minutos, cada homem contendo-se muito imóvel, respirando ritmicamente e aguardando por um sinal. Charlie Frost manteve os olhos na sra. Wells. Por fim, ela emitiu um cantarolar baixo, vindo do fundo da garganta. O cantarolar engrossou, adquiriu certo tom; em breve, pôde-se adivinhar palavras, algumas sem sentido, algumas identificáveis somente por suas formas, suas sílabas. Estas engrossaram até formar frases, súplicas, comandos: finalmente a

sra. Wells, arqueando as costas, fez sua requisição ao mundo dos mortos: entregar o vulto de Emery Staines.

Mais tarde, Frost descreveria a cena que se seguiu como uma "síncope", um "colapso" e uma "convulsão prolongada". Ele sabia que nenhuma dessas explicações era exatamente correta, pois nenhuma transmitia, fielmente, a elaborada teatralidade da performance de Lydia Wells ou o aguçado constrangimento de Frost ao testemunhá-la. A sra. Wells invocou o nome de Staines, de novo e de novo, entoando as palavras com a cadência de um amante moribundo — e, quando nenhuma resposta veio, ela ficou agitada. Ela sofreu paroxismos. Ela repetiu sílabas, como uma criança balbuciante. Sua cabeça pendeu sobre o peito, levantou-se, pendeu novamente. Dentro em pouco, suas convulsões começaram a aproximar-se de um tipo de clímax. Sua respiração acelerou e acelerou — e então, subitamente, suprimiu-se. Seus olhos se arregalaram.

Charlie Frost sentiu um frio sobressalto de apreensão: Lydia Wells encarava-o diretamente, e a expressão em seu rosto era diferente de qualquer outra que ele vira nela anteriormente: era rígida, exangue, feroz. Mas então as chamas das velas rarearam e saltaram e ele viu que Lydia Wells não olhava para ele, e sim através dele, sobre seus ombros, até onde Ah Sook sentava-se no canto, em sua pose oriental. Frost não piscou; ele não demoveu o olhar. Então Lydia Wells emitiu um estranho ruído. Seus olhos giraram dentro das pálpebras. Os músculos em sua garganta começaram a pulsar. Sua boca moveu-se estranhamente, como se mastigasse o ar. E então, numa voz que a ela não pertencia, ela disse:

— *Ngor yeu nei wai mut haak ngor dei gaa zu ge ming sing tung wai waai ngor ge sing yu fu zaak. Mou leon nei hai bin, dang ngor co yun gaam cut lai, ngor yat ding wui wan dou nei. Ngor yeu wan nei bou sou…*

E sofreu um grande estremecimento, e tombou de lado, no chão. No mesmo exato momento (Frost discutiria com Nilssen esse inexplicável episódio, nas semanas seguintes), o lampião de parafina sobre a mesa solavancou violentamente de bordo, caindo sobre o prato de velas disposto a seu lado. Este fora um erro que

poderia ter sido corrigido assaz facilmente, pois a redoma de vidro do lampião não se partiu e a parafina não escorreu — mas houve uma colossal lambida da flama, e o círculo de homens subitamente iluminou-se: a superfície inteira da mesa pegava fogo.

No momento seguinte, todos irromperam em vivacidade. Alguém gritou para que apagassem o incêndio. Um dos mineiros abriu a janela por segurança, e dois outros removeram o canapé; o fogo foi domado com xales e cobertas; o lampião foi contido; todos falavam ao mesmo tempo. Charlie Frost, rodopiando na repentina treva, viu que Anna Wetherell não se movera, e sua expressão não mudara. A súbita labareda de fogo não parecia tê-la alarmado minimamente.

Alguém acendeu o lampião.

— Era isso? Era isso que supostamente devia acontecer?

— O que ela disse?

— Abra caminho, sim?

— Ufa! Ver-nos a todos incendiados daquela maneira!

— Algum tipo de primitivo…

— Verifique se ela está respirando.

— Tenho que admitir, não esperava…

— Isso significou alguma coisa, talvez? O que ela disse? Ou não era ela e sim…

— Não era Emery Staines, tão certo quanto eu sou…

— Outro espírito? Agindo através de…

— A maneira como o lampião se mexeu de vontade própria!

— Devemos perguntar àqueles sujeitos. Olá! Aquilo era chinês?

— Ele está compreendendo?

— Era chinês, aquilo que ela acabou de falar?

Mas Ah Quee não parecia entender a pergunta. Um dos mineiros inclinou-se e bateu-lhe no ombro.

— Que foi aquilo, hein? — disse ele. — Que foi aquilo que ela disse? Era chinês, o que ela estava falando? Ou alguma outra língua?

Ah Quee devolveu seu olhar sem entender e não falou. Foi Ah Sook quem respondeu.

— Lydia Wells falar cantonês — disse ele.

— Sim? — disse Nilssen avidamente, rodando pela sala. — E o que ela disse?

Ah Sook estudou-o.

— “Um dia eu voltar e matar você. Você matar um homem. Ele morrer, então você morrer também. Eu voltar e matar você, um dia.”

Os olhos de Nilssen se arregalaram; sua pergunta seguinte morreu em seus lábios. Ele voltou-se para Anna — que olhava para Ah Sook, com uma expressão fracamente perplexa. Charlie Frost franzia o cenho.

— Onde fica Staines em tudo isso? — exigiu um dos mineiros.

Ah Sook balançou a cabeça.

— Não Staines — disse ele calmamente. Ele subitamente levantou-se de sua almofada e caminhou até a janela, cruzando os braços.

— Não é Staines? — disse o mineiro. — Quem, então?

— Francis Carver — disse Ah Sook.

Houve uma explosão de injúrias na sala.

— Francis Carver? Que dizer disso, numa sessão espírita, quando ele nem mesmo está morto? Ora, eu mesmo poderia ter falado com Carver; teria apenas que lhe bater à porta!

— Mas ele está no Palace — disse outro mineiro. — Fica a cinquenta jardas de onde estamos.

— Não é essa a questão.

— Quero dizer que você não pode negar que *alguma coisa* estranha…

— Eu mesmo poderia ter falado com Carver — repetiu o mineiro, teimosamente. — Não precisava de um médium para isso.

— Mas e quanto ao lampião? Como explica o lampião?

— Ele saltou pela sala!

— Ele *levitou*.

Ah Sook se enrijeceu.

— Francis Carver — disse ele, dirigindo sua pergunta a Harald Nilssen. — No Palace Hotel?

Nilssen franziu o cenho — certamente Ah Sook já sabia disso!

— Sim, Carver está hospedado no Palace — disse ele. — Na rua Revell. O prédio com beirada azul, sabe. Ao lado da loja de ferragens.

— Desde quando? — disse Ah Sook.

Nilssen pareceu ainda mais confuso.

— Ele está lá há três semanas — disse ele, baixando a voz. — Desde a noite… digo, desde que a *Godspeed* afundou.

Os outros homens ainda discutiam.

— Não é uma sessão espírita se você não fala com os mortos.

— Não… quando você fala com Carver, é *você* quem acaba morto!

Eles riram, e então o colega do mineiro disse:

— Acha que é um acontecimento estapafúrdio? Algum tipo de trote?

O mineiro teimoso parecia inclinado a concordar, mas ele lançou um olhar sobre Lydia Wells. A viúva ainda estava inconsciente, e seu rosto, muito pálido. Sua boca estava parcialmente aberta, exibindo o brilho de um dente molar e uma língua seca, e seus olhos esvoaçavam fracamente dentro das pálpebras. Se ela estivesse trapaceando, pensou o mineiro, então ela estava trapaceando extraordinariamente bem. Mas ele havia pagado por uma comunhão com Emery Staines. Ele não pagara para ouvir uma série de sílabas chinesas e então observar uma mulher cair desmaiada. Ora, como podia se certificar de que as palavras eram mesmo chinesas? Ela poderia estar falando abobrinhas! O camarada chinês devia estar junto no segredo, e ela deve tê-lo pagado algo para corroborar a mentira.

Mas o mineiro detinha um temperamento covarde; ele não exprimiu em voz alta essas opiniões.

— Não saberia dizer — disse ele por fim, ainda que continuasse ranzinza.

— Bem, nós perguntaremos a ela, quando acordar.

— Frank Carver fala *chinês*? — disse um dos outros, com incredulidade na voz.

— Ele vai e volta de Cantão, não?

— Nascido em Hong Kong.

— Sim, mas *fala* a língua… como eles?

— Faz até reconsiderar o homem.

Neste ponto, o mineiro que fora despachado para a cozinha retornou com um copo d’água e jogou-o no rosto de Lydia.

Ofegando, ela recuperou-se. Os homens reuniram-se mais perto, perguntando por sua saúde num coro ansioso, de maneira que levou alguns momentos antes que a viúva tivesse oportunidade de responder. Lydia Wells olhou de rosto para rosto em certa confusão; após um momento, ela até conseguiu dar uma fraca risada. Mas sua risada não tinha a habitual segurança, e, quando ela aceitou um copo de brandy andaluz do homem que se encontrava perto de seu ombro, sua mão tremeu visivelmente.

Ela bebeu, e nos momentos que se seguiram, toda sorte de perguntas lhe foi lançada — que vira ela? De que se lembrava? Quem ela havia canalizado? Ela fizera algum contato com Emery Staines?

Suas respostas foram decepcionantes. Ela não conseguia se lembrar de nada a partir do ponto em que caiu em transe — o que era incomum, disse ela, pois habitualmente ela conseguia se lembrar de fato muito bem de suas “visões”. Os homens a urgiram, mas sem sucesso; ela simplesmente não conseguia se lembrar de nada. Quando lhe foi relevado que ela falara numa língua estrangeira, deveras fluentemente e por certa duração, ela pareceu genuinamente atrapalhada.

— Mas não sei nem uma palavra sequer de chinês — disse ela. — Estão certos disso? E os chineses confirmaram? Chinês de verdade? Estão realmente certos?

Isso foi confirmado, com muita perplexidade e agitação.

— E que confusão toda é *essa*? — Ela gesticulou fracamente em direção à mesa chamuscada e aos destroços do fogo.

— O lampião simplesmente caiu — disse um dos mineiros. — Apenas caiu, de vontade própria.

— Fez mais que cair: ele *levitou*!

Lydia fitou o lampião de parafina por um momento, e então pareceu levantar-se.

— Ora! — Ela levantou-se um pouco mais no canapé. — Então eu canalizei o fantasma de um homem chinês!

— Não paguei para ver uma interferência — disse o teimoso mineiro.

— Não — disse Lydia Wells, apaziguante —, não, é claro que não. É claro que devemos ressarcir o custo de *todos* os seus

ingressos… mas me digam: quais foram as exatas palavras que falei?

— Algo a ver com um assassinato — disse Frost, que ainda vigiava-a de muito perto. — Algo a ver com vingança.

— É mesmo? — disse a sra. Wells. Ela pareceu impressionada.

— Ah Sook disse ter a ver com Francis Carver — disse Frost.

A sra. Wells ficou pálida; ela avançou para a frente.

— Quais foram as exatas palavras… as palavras exatas?

Os mineiros olharam ao seu redor, mas notaram apenas Ah Quee, que lhes devolveu o olhar friamente, e não falou.

— Ele não sabe inglês.

— Onde está o outro?

— Para onde foi?

Ah Sook se retirara do grupo alguns minutos antes, atravessando pé ante pé a sala até o vestíbulo, tão silenciosamente que ninguém notara sua saída. A revelação de que Francis Carver retornara a Hokitika — de que ele estivera em Hokitika por *três semanas* — provocara em seu peito uma torrente de emoções pessoais, e ele desejou, de repente, ficar sozinho.

Ele debruçou-se no corrimão do alpendre e olhou além, ao longo do amplo braço da rua Revell, em direção ao cais. A comprida fileira de lanternas pendentes formava uma corrente de luz dupla que convergiam, numa bruma amarela, a cerca de duzentas jardas ao sul; seu brilho era tão intenso que, sobre a abóboda da rua, seria possível dizer que era meio-dia, e as sombras das alamedas se faziam ainda mais escuras, por contraste. Uma dupla de bêbados cambaleou perto dele, agarrando um ao outro pela cintura. Uma prostituta passou na outra direção, as saias suspensas acima dos joelhos. Ela olhou para ele curiosamente, e Ah Sook, após um momento de inexpressividade, lembrou que seu rosto estava ainda pesadamente pintado, os cantos dos olhos alongados com *kohl*, as bochechas empoadas de branco. Ela chamou por ele, mas ele balançou a cabeça, e ela continuou andando. De algum lugar próximo, ouviu-se um súbito troar de risadas e aplausos.

Ah Sook chupou os lábios entre os dentes. Então Francis Carver havia retornado mais uma vez a Hokitika. Ele certamente não sabia que seu velho associado estava vivendo numa cabana

em Kaniere, a menos de cinco milhas de distância! Carver não era homem de assumir riscos, caso conseguisse extinguir completamente a ameaça desses riscos. Neste caso, pensou Ah Sook, talvez ele mesmo, Ah Sook, estivesse com a vantagem. Ele chupou novamente os dentes, e então, após um momento, balançou a cabeça: não. Lydia Wells o reconhecera naquele dia. Ela certamente teria transmitido a notícia a Carver, de imediato.

Lá dentro, a conversa retomara o assunto do lampião de parafina — um truque que Ah Sook já havia imediatamente desconsiderado. Lydia Wells havia meramente atado um fio no botão do lampião, no momento em que o apagou. O fio era da mesma cor que seu vestido, e a outra extremidade dele fora afixada ao interior de seu pulso. Bastava um esperto açoite da mão direita, e o lampião cairia sobre as velas. A pequena mesa sobre a qual as velas queimavam fora revestida com óleo de parafina, que possuía a virtude de ser tanto inodoro quanto incolor, de modo que, para um estranho, a mesa parecesse limpa, apenas; ao primeiro contato com uma chama indefensável, no entanto, a superfície da mesa com certeza se inflamaria. Era tudo uma charada, uma trapaça. A sra. Wells não havia feito nenhum tipo de comunhão com o reino dos mortos, e as palavras que ela dissera não eram as de um homem morto. Ah Sook sabia disso porque as palavras eram dele.

A prostituta pairava no passeio público; ela agora chamava pelos homens na varanda defronte e erguia um pouco mais a barra de sua saia. Os homens chamavam de volta, em resposta, e um deles até mesmo levantou-se para fazer uma traquinagem. Ah Sook observou-os com uma expressão distante. Ele estava deslumbrado com o estranho poder da histeria feminina — com o fato de Lydia Wells ter se lembrado de suas palavras exatas, perfeitamente, depois de todos esses anos. Ela não falava cantonês. Como ela poderia ter se lembrado da fala dele, e com essa entonação, tão exata? *Isso* sim era misterioso, pensou Ah Sook. Pois ele poderia tê-la tomado, devido à sua “visitação”, por uma verdadeira nativa de Cantão.

Na rua, os homens ganhavam seus xelins, enquanto a meretriz fazia a ronda. Ouviu-se um sopro de apito vindo de perto dos cais, e em seguida um grito de alerta vindo do sargento de plantão, e em

seguida passadas correndo, aproximando-se. Ah Sook observou os homens se dispersarem e formou na mente sua própria resolução.

Ele voltaria naquela mesma noite a Kaniere, esvaziaria todos os seus pertences do seu chalé e partiria para as montanhas. Lá se empenharia na tarefa de revolver o solo. Ele pouparia todo floco de ouro que encontrasse e viveria tão modestamente quanto fosse possível, até que acumulasse um total de cinco onças. Ele não tomaria ópio até que segurasse cinco onças na mão; ele não beberia; ele não jogaria; ele comeria apenas as refeições mais baratas e simples. Mas, no exato momento em que atingisse seu objetivo, ele retornaria a Hokitika. Trocaria o metal no Grey and Buller Bank. Atravessaria o passeio público em direção à Tiegreen's Ferragens e Suprimentos. Pousaria sua nota de papel na bancada. Compraria uma provisão de balas, uma lata de pólvora e uma arma de fogo. Então, ele caminharia até o Palace Hotel, subiria as escadas, abriria a porta de Carver e tiraria-lhe a vida. E depois disso? Ah Sook suspirou novamente. Depois disso, nada. Depois disso, sua vida fecharia o ciclo completo, e ele poderia, enfim, descansar.

PARTE TRÊS

A CASA DA AUTODESTRUIÇÃO

20 DE MARÇO DE 1866

42° 43' 0" S / 170° 58' 0" L



Mercúrio em Aquário

Em que Moody repassa algumas informações vitais e Sook Yongsheng o retribui com um presente.

Na manhã de 20 de março, Walter Moody levantou-se antes do amanhecer, pediu água quente e lavou-se à janela, olhando para além dos telhados à medida que o céu marinho do alvorecer esmaecia até ficar cinza, e então azul pálido, e então esplendorosamente amarelo-gema — quando, então, havia se vestido e descido as escadas, pedindo que amanteigassem torradas para ele e lhe cozinhassem ovos. A caminho da sala de jantar, ele demorou-se na entrada, inclinando o ouvido na direção da porta de um aposento fechado, ao pé das escadas. Após ouvir por um momento, ele notou um som áspero e rítmico e continuou andando, satisfeito de ver que o habitante do quarto ainda dormia, notavelmente.

A sala de jantar do Crown estava vazia, exceto pela intermitente presença do cozinheiro, que abafou um bocejo ao trazer o pote de chá de Moody e outro ao entregar-lhe a edição matutina do *West Coast Times*, as páginas ligeiramente úmidas devido ao sereno noturno. Moody passou os olhos pelo jornal enquanto comia. A primeira página era composta principalmente por notícias repetidas. Os bancos ofereciam taxas de juros competitivas, cada um prometendo o melhor preço para o ouro. Os hoteleiros alardeavam as várias distinções de seus hotéis. Os vendeiros e negociantes de armazéns listavam um inventário completo de seus artigos, e as notícias de navegação relatavam quais passageiros haviam recentemente partido e quais haviam recentemente chegado. A segunda página do jornal fora tomada por uma resenha longa e assaz rancorosa do último espetáculo na Príncipe de Gales (“de tão péssima qualidade, que desafia — por sua inferioridade — qualquer crítica”), e várias correspondências mexeriqueiras entre especuladores de garimpos no norte. Moody passou para as

notícias sociais enquanto terminava seu segundo ovo, e seus olhos acabaram pousando sobre um par de nomes que ele reconheceu. Uma modesta cerimônia fora concebida. Nenhuma data havia ainda sido determinada. Não haveria lua de mel. Cartões e outras manifestações de parabéns poderiam ser endereçados aos cuidados do futuro noivo, que pernoitava hospedado no Palace Hotel.

Moody franzia o cenho ao dobrar o jornal, limpar a boca e levantar-se da mesa — porém não era o noivado nem seu anúncio o que ocupava seus pensamentos ao retornar ao pavimento superior e pegar seu chapéu e sua sobrecasaca. Era a questão do endereço de encaminhamento.

Pois Moody sabia muito bem que Francis Carver não se hospedava mais no Palace Hotel. Seus aposentos no Palace permaneciam como antes, com sua sobrecasaca pendendo do armário, seu baú plantado ao pé da cama e suas roupas de cama desarranjadas e espalhadas. Ele ainda tomava seu desjejum na sala de jantar do Palace toda manhã e bebia uísque no salão do Palace toda noite. Ele ainda pagava sua hospedagem semanal ao proprietário do Palace — que, até onde Moody conseguira averiguar, permanecia deveras ignorante de que seu mais notório hóspede estava pagando duas libras semanais por um quarto não ocupado. O deslocamento noturno de Carver não era conhecido em geral, e, não fosse pelo acidente da conjunção deles, também Moody teria permanecido ignorante do fato de que Carver havia dormido no Crown todas as noites desde a sessão espírita da viúva, num pequeno quarto perto da cozinha, que oferecia uma visão desobstruída do caminho esburacado da estrada de Kaniere.

Às sete e meia, Moody caminhava a leste ao longo do cais Gibson, vestido com chapéu de abas largas cinza, calças de gabardina amarelas, botinas de couro e uma sobrecasaca de lã escura sobre uma camisa de sarja cinza. Ele agora usava este traje seis dias por semana, para diversão de Gascoigne, que lhe perguntara mais de uma vez por que ele escolhera abandonar sua faixa vermelha, à moda pirata, que poderia muito satisfatoriamente arrematar todo o conjunto.

Moody tomara parte numa concessão suficientemente perto de Hokitika, de modo que pudesse continuar se hospedando no Crown Hotel. Esse arranjo reduzia assaz severamente seus ganhos semanais, mas ele preferia isso a dormir numa barraca debaixo do céu aberto, algo que apenas uma vez ele tentara, para seu grande desconsolo. Ele levava uma hora e vinte minutos para caminhar de Hokitika até sua concessão; antes de o relógio bater as nove, toda manhã, portanto, ele já se encontrava com sua caixa de eclusa no riacho, arrastando baldes d'água, assoviando e revoluteando areia.

Moody não era, verdade seja dita, um prospector bastante habilidoso: ele esperava encontrar pepitas, mais que peneirar em busca do pó. Muito frequentemente o cascalho aurífero se esgueirava por entre a peneira até o fundo da caixa de eclusa, apenas para ser arrastado embora; algumas vezes ele esvaziava duas vezes sua caixa sem encontrar floco algum. Ele estava fazendo o que os mineiros chamam de "pagar para garimpar", querendo dizer que a quantia total de suas rendas semanais era mais ou menos equivalente à quantia total de suas despesas semanais, mas esse era um padrão que ele não podia manter. Ele sabia que devia acatar conselhos populares e associar-se a outro homem ou a um grupo. A chance de ficar rico dobrava numa parceria, e as chances se multiplicavam ainda mais quando num grupo de cinco, sete ou nove. Mas seu orgulho não o permitia. Ele perseverava sozinho, visualizando, a cada hora que transcorria, a pepita com que ele compraria sua vida futura. Seus sonhos noturnos começaram a reverberar, e ele começou a ver clarões de luz nos locais mais improváveis, tanto que olhava para lá novamente, e piscava ou fechava os olhos.

Atravessando o pequeno riacho que constituía a fronteira norte de sua concessão, Moody ficou surpreso em ver por entre os arbustos a silhueta pálida de uma tenda e, ao lado dela, os despojos de uma fogueira. Ele hesitou. Os mineiros de Hokitika geralmente passavam seus fins de semana na cidade, retornando ao garimpo somente em meados da manhã de segunda-feira, na melhor das hipóteses. Por que esse mineiro não se juntara aos colegas? E que ele fazia num pedaço de terra de outro homem?

— Alô — gritou Moody, tencionando despertar o habitante da tenda. — Olá.

Imediatamente ouviu-se um grunhido e um movimento dentro da tenda.

— Perdão — disse alguém. — Sinto muito… sinto muito…

Um rosto chinês surgiu na abertura, ofuscado pelo sono.

— Sem problema — disse ele. — Sinto muito.

— Senhor Sook? — disse Moody.

Ah Sook estreitou os olhos para ele.

— Sou Walter Moody — disse Moody, pousando a mão no peito. — Você… ahn… você se lembra de mim?

— Sim, sim. — Ah Sook limpou os olhos com o dorso da mão.

— Estou muito feliz — disse Moody. — Esta é minha concessão, veja: aqui desse riacho até aquelas estacas amarelas no lado sul.

— Sinto muito — disse Ah Sook. — Não fazer nenhum dano.

— Não, é claro — disse Moody. — Em todo caso, Ah Sook, estou feliz em vê-lo. Sua ausência de Kaniere foi notada por muitas pessoas. Eu incluso. Estou muito feliz em vê-lo… muito feliz, nem um pouco zangado. Nós temíamos que algo lhe houvesse acontecido.

— Sem problema — disse o faiscador. — Apenas tenda. Sem problema. — Ele desapareceu de vista.

— Eu vejo que você não está causando problema — disse Moody. — Está tudo bem, senhor Sook: não estou preocupado por você estar acampando! Não estou nem um pouco preocupado por isso.

Ah Sook escalou para fora da tenda, repuxando sua túnica enquanto o fazia.

— Eu sair — disse ele. — Cinco minutos. — Ele ergueu cinco dedos.

— Está tudo bem — disse Moody. — Pode dormir aqui se quiser; não tem importância para mim.

— Última noite só — disse Ah Sook.

— Sim; mas se quiser se abrigar aqui também hoje à noite, não vejo problema algum — disse Moody. Sua conduta alternava entre a

ilusória alegria e a condescendência desajeitada, como teria acontecido caso estivesse falando ao filho de alguém.

— Não hoje à noite — disse Ah Sook. Ele começou a desarmar a tenda. Ao retirar a tela de lona, ainda molhada de orvalho, da corda sobre a qual fora estendida, ele revelou o trecho achatado de terra onde passara a noite: a coberta de lã, torcida e marcada com a emaranhada pressão de seu corpo; um pote, cheio de areia; sua bolsa de couro; uma bateia; um saco de corda contendo chá e farinha e várias batatas enrugadas; e um embornal de tamanho padrão. Moody, lançando seu olhar sobre esse parco inventário, ficou estranhamente compungido.

— Mas diga — disse ele —, senhor Sook, por onde esteve este mês passado? Um mês inteiro se passou desde a sessão espírita e ninguém ouviu uma palavra sobre você!

— Escavando — disse Ah Sook, aplainando no peito a tela de lona.

— Você sumiu tão rápido após a sessão espírita — continuou Moody —, que nós chegamos a pensar que havia trilhado o mesmo caminho do pobre senhor Staines! Ninguém conseguiu entender lhufas de seu sumiço.

Ah Sook estava dobrando a tela em quatro; agora, ele fez uma pausa.

— O senhor Staines voltar?

— Infelizmente, não — disse Moody. — Ele ainda está desaparecido.

— E Francis Carver?

— Carver ainda se encontra em Hokitika.

Ah Sook assentiu.

— No Palace Hotel.

— Bem, na verdade, não — disse Moody, contente por ter uma oportunidade para conspirar. — Ele passou a dormir no Crown Hotel. Em segredo. Ninguém sabe que está ficando lá: ele guardou as aparências de que continua no Palace e ainda paga aluguel ao proprietário do Palace… e mantém seus aposentos tal como antes. Mas ele dorme toda noite no Crown. Chega bem após o anoitecer e sai bem cedo. Sei disso apenas porque alugo o quarto de cima do dele.

Ah Sook fixara-lhe um olhar penetrante.

— Onde?

— O quarto de Carver? Ou o meu?

— Carver.

— Ele dorme no quarto próximo à cozinha, no andar térreo — disse Moody. — Dá para o leste. Muito perto do salão de fumantes, onde eu e você nos conhecemos.

— Um quarto humilde — disse Ah Sook.

— Muito humilde — concordou Moody —, mas ele tem uma vantagem sobre a extensão da estrada de Kaniere. Ele a está vigiando, veja. Ele está vigiando você.

Walter Moody não sabia praticamente nada sobre a história de Ah Sook e Francis Carver, pois Ah Sook não tivera a oportunidade, no Crown Hotel, de narrá-la em quaisquer pormenores, tampouco a tivera desde então, salvo por seu aparecimento no Wayfarer's Fortune um mês antes. Moody desejava muito saber todas as particularidades, mas, apesar de seus melhores esforços de vigilância e pesquisa (ele virara perito em transformar, discretamente, uma conversação ociosa em temas provocativos), seu entendimento não progredira além daquilo que soubera no salão de fumantes do Crown, isto é: que a história dizia respeito a ópio, a um assassinato e uma declaração de vingança. Ah Quee era o único homem a quem Ah Sook havia narrado a história na íntegra, e ele, infelizmente, não detinha domínio suficiente do inglês para compartilhá-la com nenhum falante da língua.

— Toda noite, no Crown Hotel? — disse Ah Sook. — Hoje à noite?

— Sim, ele estará lá hoje à noite — disse Moody. — Embora não até muito depois do anoitecer, como lhe contei.

— Não no Palace.

— Não, não no Palace — disse Moody. — Ele trocou de hotel.

— Sim — disse Ah Sook gravemente. — Eu entender. — Ele foi afrouxar o nó da cinta da tenda, na forquilha de uma árvore.

— Quem era ele? — disse Moody. — O homem assassinado.

— Meu pai — disse Ah Sook.

— Seu *pai* — disse Moody. Após um momento ele disse. — Como ele foi morto? Quero dizer… desculpe-me, mas… o que

aconteceu?

— Muito tempo atrás — disse Ah Sook. — Antes da guerra.

— As guerras do ópio — disse Moody, induzindo-o.

— Sim — disse Ah Sook, mas ele não prosseguiu. Ele começou a recolher a cinta, usando o antebraço como carretel.

— O que aconteceu? — disse Moody.

— Lucro — disse Ah Sook, dando sua explicação insipidamente.

— Que tipo de lucro?

Claramente Ah Sook julgava muito estúpida essa pergunta; percebendo-o, Moody emendou outra.

— Quero dizer… seu pai… seu pai estava no ramo do ópio, como você?

Ah Sook nada disse. Ele removeu seu antebraço do laço da corda, torceu-a num nó de fiador e acondicionou-a em seu embornal. Assim que estava afixada, ele se acocorou, fitou Moody friamente por um momento e então inclinou-se e cuspiu, muito deliberadamente, na terra.

Moody recuou.

— Perdão — murmurou ele. — Não quis me intrometer.

Walter Moody não contara a ninguém que Crosbie Wells era o irmão bastardo do político Lauderback. Ele havia decidido, nas horas seguintes à descoberta, que a informação não era sua para que compartilhasse como quisesse. Suas razões para escondê-lo eram sentidas profundamente, mas vagamente articuladas. Um homem não deveria responder por sua família. Era errado expor a correspondência privada de um homem sem seu consentimento. Não queria ele mesmo promover essa exposição. Mas essas razões, mesmo quando encaradas juntas, nem de longe abrangiam toda a verdade, a saber, que Moody se comparara a ambos os homens muitas vezes durante o último mês e sentia uma afinidade profunda com cada um deles, ainda que de diferentes maneiras: com o bastardo, por seu desespero; com o político, por seu orgulho. Essa dupla comparação se tornara a habitual rotina de suas meditações todos os dias, enquanto estava na água fria e manuseava torrões de terra e de metal.

Ah Sook atochou o resto de seus haveres no embornal e então se sentou ao lado deste para amarrar as botas.

Moody não podia mais suportar. Ele irrompeu:

— Você sabe que vai ser enforcado. Se tirar a vida de Carver, será enforcado. Eles lhe tirarão a vida, senhor Sook, se tirar a dele, não importa qual seja sua motivação.

— Sim — disse Ah Sook. — Eu entender.

— Não será um julgamento justo; não para você.

— Não — concordou Ah Sook. A perspectiva não parecia afligi-lo. Ele ajoelhou-se ao lado da fogueira, pegou um graveto e remexeu a terra úmida que ele havia posto sobre as brasas na noite anterior. Embaixo da terra os carvões ainda estavam mornos, negros como sangue coagulado.

— Que vai fazer? — disse Moody, observando-o. — Atirar nele?

— Sim — disse Ah Sook.

— Quando? — disse Moody.

— Hoje à noite — disse Ah Sook. — No Crown Hotel. — Ele parecia estar escavando algo debaixo dos carvões. Dentro em breve seu graveto atingiu alguma coisa dura. Usando a ponta dela como alavanca, ele virou o objeto para fora da relva: era uma pequena latinha de chá, enegrecida com fuligem. A caixa ainda estava evidentemente quente: ele embrulhou a mão na manga antes de pegá-la.

— Mostre sua arma — disse Moody.

Ah Sook olhou para cima.

— Vamos, mostre sua arma — disse Moody, subitamente ruborizado. — Há pistolas e pistolas, senhor Sook: é preciso conhecer sua pólvora, como costumava dizer meu pai.

Era raro que citasse o próprio pai quando acompanhado, sendo as habituais frases de Adrian Moody, em geral, inadequadas à conversação civil, e sendo as de Walter Moody, em geral, pouco propensas a referenciá-lo.

— Eu comprar uma pistola — disse Ah Sook.

— Ótimo — disse Moody. — E onde está?

— Ainda não — disse Ah Sook.

— Ainda não a comprou?

— Hoje — disse Ah Sook. Ele abriu a latinha e entornou na palma da mão um bocado de flocos dourados. Moody percebeu que ele devia ter enterrado a caixa debaixo do fogo, para caso fosse assaltado durante a noite.

— Que tipo de pistola vai comprar?

— Da Tiegreen's. — Com a mão livre ele alcançou a bolsa.

— Que fabricante, quero dizer. De que tipo.

— Tiegreen's — disse novamente Ah Sook. Ele abriu com uma mão o bocal da bolsa, para transferir o ouro.

— Esse é o nome da loja — disse Moody. — Que *tipo* de pistola vai comprar? Você é um homem de armas?

— Para atirar Francis Carver — disse Ah Sook.

— A Tiegreen's não lhe servirá — disse Moody, balançando a cabeça. — Vai-se lá para adquirir uma espingarda… ou certos tipos de carabina… mas não vão lhe vender uma pistola. Uma arma militar é do que você precisa. Nem toda munição mata um homem, veja bem, e a última coisa que quer é fazer o serviço pela metade. Céus, senhor Sook! Uma pistola não é somente um bocado de ferragem, assim como um cavalo não é somente um… meio de transporte — disse ele, arrematando essa comparação assaz lamentavelmente.

Ah Sook não respondeu. Ele havia escolhido a Tiegreen's Ferragens e Suprimentos por duas razões: primeiro, porque a loja ficava ao lado do Palace Hotel, e segundo, porque o lojista era simpático a homens chineses. A primeira consideração não importava mais, é claro, mas a segunda era importante: Ah Sook planejara pedir ao sr. Tiegreen que carregasse o artefato para ele, na loja, de modo que o feito pudesse ser realizado no mesmo dia. Ele nunca disparara uma pistola. No entanto, ele conhecia os princípios básicos do artefato e julgava que o tipo de habilidade necessária não exigia grande dose de prática.

— Vá aos fornecedores da rua Camp — disse Moody. — Logo ao lado da Deutsches Gasthaus. No edifício que mostra o cume do telhado atrás da fachada. A placa ainda não foi pintada, mas os proprietários são Brunton, Solomon e Barnes, e a porta deve estar aberta. Quando chegar lá, peça por uma Kerr Patent. Não lhes deixem vender nada além disso: é um artefato militar britânico,

formidável, e vai dar conta do serviço. O custo de uma Kerr Patent é de exatamente cinco libras. Pedindo mais que cinco libras, o estarão roubando.

— Cinco libras? — Ah Sook olhou para o ouro em sua bolsa. Ele não fazia ideia de que uma pistola pudesse ser comprada por uma quantia tão sensata! Havia estimado um valor que era o dobro daquele. — Kerr Patent — repetiu ele, para lembrar. — Rua Camp. Obrigado, senhor Moody.

— O que vai fazer — disse Moody — quando o feito estiver realizado? Quando Carver estiver morto? Você vai se entregar? Você vai fugir? — De repente, ele se sentiu absurdamente agitado.

Mas Ah Sook apenas balançou a cabeça. Ele fechou o bocal da bolsa e em seguida embrulhou-a estreitamente num retalho de pano. Por fim, ele levantou-se, balançando o embornal às costas enquanto o fazia, e meteu o embrulho muito cuidadosamente no bolso.

— Esta concessão — disse ele, gesticulando. — Só paga para garimpar. Ouro muito pequeno.

Moody balançou a mão.

— Sim. Eu sei.

— “Zarpada” nenhuma aqui — disse Ah Sook.

— Nenhuma “zarpada” — disse Moody, assentindo. — Não é preciso explicar, senhor Sook: eu bem conheço esse fato.

Ah Sook espreitou-o.

— Vá norte — disse ele. — Areias negras. Muita sorte no norte. Nenhuma pepita aqui. Muito perto cidade.

— Charleston — disse Moody. — Sim. Há fortuna a ser feita, em Charleston.

Ah Sook assentiu.

— Areias negras — disse ele. Ele avançou, e Moody viu que ele segurava a latinha de chá enegrecida de fuligem com ambas as mãos. Ele a ofereceu a Moody, e este, surpreso, estendeu as próprias mãos para recebê-la. Ah Sook não soltou o presente de imediato: ele se curvou sobre ela, e Moody, imitando-o, fê-lo também.

— *Juk neih houwahn* — disse Ah Sook, mas ele não forneceu tradução alguma, e Moody não a pediu. Ele se endireitou, com a lata

na mão, e observou o faiscador partir.

Sol em Peixes

Em que Anna Wetherell é duas vezes surpreendida; Cowell Devlin fica desconfiado; e a escritura de doação adquire nova importância.

O que se vislumbrou em Aquário — o que se entreviu, se acreditou, se profetizou, se previu, se duvidou e se advertiu — torna-se, em Peixes, manifesto. Aquelas visões solitárias que, há menos de um mês, pertenciam apenas ao sonhador, vão agora adquirir a forma e a substância do real. Nós nos fizemos sozinhos, e faremos nosso próprio fim.

E após Peixes? Além do ventre, o sangrento nascimento. Nós não seguiremos: não podemos transpor do último para o primeiro. Áries não admitirá um ponto de vista coletivo, e Touro não renunciará à subjetividade. O código de Gêmeos é um código exclusivo. Câncer procura uma origem, Leão, um propósito, e Virgem, um desígnio; mas esses são projetos empreendidos isoladamente. Apenas no segundo ato do zodíaco começamos a nos mostrar: em Libra, como uma ideia, em Escorpião, como uma qualidade, e em Sagitário, como uma voz. Em Capricórnio ganhamos memória, e em Aquário, visão; é somente em Peixes, o último e o mais antigo dos signos zodiacais, que adquirimos um tipo de individualidade, algo de íntegro. Mas os dois peixes desse signo, aquele ventre espelhado do eu e da autoconsciência, é um uróboro da mente — tanto o arbítrio do destino quanto o arbítrio predestinado —, e a casa da autodestruição é uma prisão construída por prisioneiros, sem ar, sem portas e fechada por dentro.

Essas alterações nos sobrevêm irrevogavelmente, tal qual os ponteiros do relógio se aproximam da hora.

Φ

Lydia Wells não organizou uma segunda sessão espírita. Ela prezava muito o lema do charlatão, segundo o qual nunca se deve

repetir o mesmo truque a uma mesma plateia — mas quando era acusada, por causa disso, de ser uma charlatã, ela apenas ria. Ela admitira, numa carta aberta ao *West Coast Times*, que sua tentativa de se comunicar com o vulto do sr. Staines se provara infrutífera. Esse fracasso, como relatava, não possuía precedentes em sua experiência profissional, uma anomalia que lhe sugeria que o além-mundo fora incapaz, mais que relutante, de promovê-lo. Daí, escreveu ela, só se poderia concluir que o sr. Staines não estava morto, afinal de contas, e ela se despedia expressando sua confiante antecipação do eventual retorno do rapaz.

Essa declaração confundiu consideravelmente os homens do Crown; no entanto, produziu o efeito (comum a todas as estratégias da viúva) de realçar o valor de seu empreendimento, e, subsequentemente à publicação, o Wayfarer's Fortune passou a gozar de bons negócios. O estabelecimento abria toda noite entre as sete e as dez horas, oferecendo brandy com desconto e adivinhações. A leitura de sortes ocorria às tardes, somente com agendamento prévio, e Anna Wetherell, dando prosseguimento à antiga política, não era vista.

Anna apenas deixava o Wayfarer's Fortune para fazer seu exercício diário, no qual era acompanhada, invariavelmente, pela sra. Wells, que não ignorava a miríade de benefícios da perambulação diária e que com frequência dizia não haver nada de que gostasse mais do que um passeio. Juntas, de braços dados, as duas mulheres palmilhavam a extensão da rua Revell toda manhã, dirigindo-se a norte e retornando pelo lado oposto. Elas examinavam o conteúdo de cada vitrina enquanto passavam, compravam leite e açúcar, quando se podia achar leite e açúcar, e cumprimentavam os assíduos de Hokitika, de fato muito suave e impassivelmente.

Naquela manhã elas haviam feito seu giro mais cedo que de hábito, pois Lydia Wells tinha compromisso marcado às nove no tribunal de Hokitika. Ela fora convocada a comparecer perante o Magistrado, no tocante a um assunto referente ao espólio de seu finado marido, Crosbie Wells, e as palavras utilizadas na notificação insinuaram que as notícias eram provavelmente boas: dez minutos antes das nove, a porta de entrada do Wayfarer's Fortune se abriu,

e Lydia Wells, seus cabelos acobreados brilhando esplendidamente sobre um vestido de azul meia-noite, avançou dentro da luz do sol.

Cowell Devlin observou a sra. Wells deixar o hotel e descer os degraus até a rua, puxando o xale estreitamente em redor dos ombros e sorrindo aos homens que interrompiam seus afazeres diários para encará-la. Ele aguardou até que ela desaparecesse dentro do tropel da multidão, e em seguida aguardou cinco minutos mais, por segurança. Então transpôs a rua até o Wayfarer's Fortune, galgou os degraus até a varanda e, após olhar de volta a fachada nua do tribunal, bateu à porta. Ele segurava sua surrada Bíblia de encontro ao peito.

A porta se abriu quase que instantaneamente.

— Senhorita Wetherell — disse Devlin, tirando o chapéu com a mão livre. — Permita que eu me apresente. Meu nome é Cowell Devlin; sou o capelão residente no cárcere de Hokitika. Tenho em minha posse um documento que, suponho, lhe será de grande interesse, e espero poder ter com você uma audiência privada, a fim de discuti-lo.

— Eu me lembro de você — disse Anna. — Você estava lá quando acordei no cárcere, após meu apagão.

— Sim — disse Devlin.

— Você orou por mim.

— E eu orei por você muitas vezes desde então.

Ela pareceu surpresa.

— Orou?

— Ardentemente — respondeu o capelão.

— O que mesmo queria?

Devlin repetiu suas intenções.

— Que quer dizer, um documento?

— Preferiria não mostrá-lo aqui. Posso entrar?

Ela hesitou.

— A senhora Wells está fora.

— Sim, eu sei — disse Devlin. — Na verdade, eu a vi entrar no tribunal agora há pouco, e me precipitei até aqui justamente na esperança de que pudesse ter com você a sós. Confesso ter aguardado certo tempo até tal oportunidade se me apresentar. Posso entrar?

— Não posso receber convidados quando ela não se encontra.

— Tenho somente um assunto para falar com você — disse Devlin calmamente —, e sou um membro do clero, e este é um horário respeitável. Sua ama lhe negaria assim tão pouco?

A ama de Anna certamente lhe negaria assim tão pouco, e um tanto mais — sendo contra a política da viúva admitir quaisquer que fossem as exceções às regulamentações que impusera por capricho. Mas, num momento, Anna decidiu ser imprudente.

— Venha pela cozinha — disse ela —, e eu prepararei um bule de chá para nós.

— É muito gentil.

Devlin seguiu-a pelo corredor até a cozinha no fundo da casa, onde aguardou, em pé, Anna encher a chaleira e pô-la no fogão. Ela se tornara mesmo extraordinariamente magra. Suas bochechas estavam encovadas, e sua pele detinha um brilho ceroso; sua postura lânguida evidenciava subnutrição, e quando se movia, fazia-o com trêmula exaustão, como se não houvesse ingerido uma refeição decente em semanas. Devlin vistoriou rapidamente o entorno da cozinha. Na tábua de lavar, os pratos do desjejum foram empilhados para secar, e ele contou dois de cada, incluindo duas xícaras para ovo quente, estampadas com um desenho de amoras em relevo. A não ser que Lydia Wells houvesse comido com um convidado naquela manhã — o que era duvidoso —, Anna já havia tomado seu café da manhã, ao menos. Havia uma metade de pão na tábua, embrulhado num pano de linho, e a manteigueira ainda não fora guardada.

— Aceita biscoito com o chá?

— É muito gentil — disse Devlin novamente, e então, constrangido por ter repetido esse lugar-comum, ele emendou — Eu fiquei contente, senhorita Wetherell, em saber que você venceu sua dependência da droga chinesa.

— A senhora Wells não a permite na casa — disse Anna, varrendo do rosto um cabelo solto. Ela pegou a lata de biscoitos da prateleira da despensa.

— Ela está certa em ser rígida — disse Devlin —, mas é você quem merece parabéns. Deve ter mostrado grande força, em livrar-

se de sua dependência. Conheci homens crescidos que não atingiram tamanha proeza.

Sempre que Devlin ficava nervoso, seu discurso saía muito formal e correto.

— Eu simplesmente parei — disse Anna.

— Sim — disse Devlin, assentindo —, uma interrupção abrupta é a única maneira, é evidente. Mas você deve ter enfrentado todo tipo de tentação, nos dias e semanas seguintes.

— Não — disse Anna. — Eu simplesmente não precisava mais dela.

— Você é muito modesta.

— Não estou com melindres — disse Anna. — Eu me segurei, durante certo tempo, até que o grumo acabou. Eu o usei inteiro. Mas eu simplesmente não consegui sentir mais nada.

Devlin avaliou-a com um olhar calculista.

— Você acha que sua saúde melhorou bastante, desde sua interrupção?

— Espero que sim — disse Anna, abrindo os biscoitos no prato em leque. — Estou bem, obrigada.

— Perdoe contradizê-la, senhorita Wetherell, mas você não parece assim tão bem.

— Quer dizer que estou magra.

— Você está muito magra, minha querida.

— Eu tenho frio — disse Anna. — Estou sempre com frio ultimamente.

— Suponho que tenha relação com sua magreza.

— Sim — disse ela. — Também suponho que sim.

— Tenho observado — disse Devlin após um momento — que, em pessoas de baixo moral, particularmente aquelas que contemplaram o suicídio, a perda do apetite é um sintoma comum.

— Eu tenho apetite — disse ela. — Eu *como*. Apenas pareço não conseguir aumentar o peso.

— Você come todos os dias?

— Três refeições —, disse ela —, duas delas quentes. Eu preparo a comida para nós duas.

— A senhora Wells deve ser muito grata a você — disse Devlin, falando num tom que deixava claro que não acreditava nela

plenamente.

— Sim — disse ela, vagamente. Ela se voltou para pegar xícaras e pires da prateleira acima da tábua de lavar louça.

— Você vai continuar nas atuais circunstâncias depois que a senhora Wells se casar? — indagou Devlin.

— Suponho que sim.

— Imagino que o senhor Carver faça sua residência aqui.

— Sim, creio que ele assim pretende.

— O noivado foi anunciado no *West Coast Times* esta manhã. Foi um anúncio muito modesto; poderia se dizer, até, que foi abafado. Mas um casamento é sempre um feliz acontecimento.

— Eu adoro casamentos — disse Anna.

— Sim — disse Devlin. — Um feliz acontecimento, não importam as circunstâncias.

Havia sido sugerido, em sequência ao escândalo precipitado pela carta de George Shepard ao editor do *West Coast Times* um mês antes, que apenas um novo casamento poderia recuperar o dano que a reputação da viúva havia sofrido. A reivindicação da sra. Wells sobre a herança de Crosbie Wells enfraquecera-se consideravelmente ante a revelação de que ela o traíra nos anos anteriores à sua morte, e sua posição se enfraquecera ainda mais ante o fato de que Alistair Lauderback confessara isso completa e muito francamente. Numa resposta pública a George Shepard, Lauderback reconheceu ter escondido seu caso do público eleitor, a quem oferecia suas mais sinceras desculpas. Ele escreveu que nunca estivera tão envergonhado de si mesmo, que assumia total responsabilidade por todas as consequências e que até o dia de sua morte ele lamentaria ter chegado meia hora tarde demais ao chalé do sr. Wells para implorar seu perdão. A confissão teve o efeito desejado; de fato, dada a efusão de simpatia e admiração que se seguiu, alguns até mesmo julgaram que a reputação de Lauderback havia melhorado.

Anna terminara de arranjar os pires.

— Passemos ao salão — disse ela. — De lá ouvirei a chaleira apitar.

Ela deixou a bandeja e caminhou de volta ao corredor que dava para o salão, o qual fora arrumado para as consultas vespertinas da

viúva, com as duas poltronas mais amplas muito próximas uma da outra e as cortinas fechadas. Devlin esperou Anna sentar-se antes que ele o fizesse, e então abriu sua Bíblia e de suas páginas retirou a escritura de doação chamuscada. Ele a entregou sem dizer palavra.

> Neste 11º dia de outubro de 1865, uma quantia de duas mil libras deve ser entregue à senhorita anna wetherell, antigamente de New South Wales, pelas mãos do sr. emerey staines, antigamente de New South Wales, como testemunhado pelo sr. crosbie wells, que a esta presidiu.

Anna pegou a escritura com um olhar assaz envernizado: ela era iletrada e não esperava conseguir adivinhar o sentido das palavras num simples relance. Ela conhecia o alfabeto e poderia soletrar uma linha impressa, caso trabalhasse muito vagarosamente e sob boa iluminação; era uma tarefa laboriosa, no entanto, e ela cometia muitos erros. Mas no momento seguinte ela a ergueu e, com uma exclamação de surpresa, susteve-a perto dos olhos.

— Eu consigo ler isto — disse ela, falando quase que num sussurro.

Devlin não sabia que Anna nunca aprendera a ler, e essa afirmação não lhe foi digna de nota.

— Eu encontrei este documento no fundo do fogareiro de Crosbie Wells, no dia seguinte à sua morte — disse ele. — Como pode ver, é uma extraordinária quantia de dinheiro, ainda mais porque a soma é planejada como uma doação, e eu confesso não saber muito bem como interpretá-la. Devo de antemão adverti-la de que, em termos legais, o documento não tem validade. O senhor Staines não assinou o nome, o que, por sua vez, torna a assinatura do senhor Wells inválida. A testemunha não pode assinar antes do outorgante.

Anna não disse nada. Ela ainda olhava para o papel.

— Já havia visto este documento antes?

— Não — disse ela.

— Sabia de sua existência?

— Não!

Devlin alarmou-se: ela quase gritara a palavra.

— Que houve? — disse ele.

— Eu apenas… — Sua mão alcançou a garganta. — Posso lhe perguntar uma coisa?

— É claro.

— Você já… quero dizer, em sua experiência… — Ela se interrompeu, mordeu o lábio e começou de novo. — Você sabe por que consigo ler isto?

Os olhos dele procuravam os dela.

— Infelizmente não estou entendendo.

— Eu nunca aprendi a ler — explicou Anna —, não adequadamente. Quero dizer… eu consigo ler uma linha … e conheço etiquetas e placas; mas é mais um ato de lembrar que de leitura, porque as vejo todos os dias. Eu nunca conseguiria ler um jornal. Não de cabo a rabo. Eu levaria horas e horas. Mas isto… eu consigo ler. Sem esforço algum, quero dizer. É tão rápido como pensar.

— Leia-a em voz alta.

Ela o fez, fluentemente.

Devlin franzia o cenho.

— Tem certeza de que nunca viu este documento antes?

— Muita certeza — disse Anna.

— Você sabia que o senhor Staines tencionava lhe doar duas mil libras?

— Não — disse ela.

— E quanto ao senhor Wells? Alguma vez falou sobre isso com o senhor Wells?

— Não — disse ela. — Estou lhe dizendo: é a primeira vez que a vejo.

— Talvez — disse Devlin — tenham lhe contado sobre isso… mas você tenha se esquecido…

— Eu não esqueceria uma fortuna desse tamanho! — disse Anna.

Devlin fez uma pausa, observando-a. Então ele disse:

— Ouvem-se histórias de crianças com babás continentais que acordam um dia e falam holandês, francês, alemão fluente, ou que quer que seja…

— Nunca tive uma babá.

— … mas nunca ouvi dizer de uma pessoa subitamente adquirir a habilidade da leitura — concluiu. — Isso é muito singular.

Havia um acento cético em sua voz.

— Nunca tive uma babá — disse Anna novamente.

Devlin sentou-se mais para a frente.

— Senhorita Wetherell — disse ele —, seu nome está associado a um grande número de crimes não solucionados, incluindo um possível assassinato, e estou certo de que não preciso impressioná-la com a gravidade de um julgamento na Suprema Corte. Falemos francamente, e em confidência. — Ele apontou para a escritura na mão de Anna. — Esta doação foi redigida três meses antes de o senhor Staines desaparecer. Representa exatamente metade da herança de Wells. O senhor Wells morreu no mesmo dia em que o senhor Staines desapareceu, e na manhã seguinte à sua morte encontrei este papel no fogareiro. Os eventos estão claramente relacionados, e um advogado será capaz de ligar os pontos, mesmo que eu não possa. Se você se encontra numa situação difícil, posso ser capaz de ajudá-la; mas não poderei se não confiar em mim. Peço-lhe que me tome em confiança e conte-me o que sabe.

Anna franzia o cenho.

— Este papel não tem nada a ver com a herança de Wells — disse ela. — Tem a ver com o dinheiro de Emery, não de Crosbie.

— Está certa; mas é pouco certo que o ouro descoberto no chalé do senhor Wells tenha, algum dia, pertencido ao senhor Wells — disse Devlin. — Veja, o minério não foi descoberto puro: ele havia sido fundido por um ferreiro e prensado em um tipo de barra. Esta trazia uma assinatura, e através dessa assinatura o banco foi capaz de verificar que o ouro pertencia a uma jazida do senhor Staines. A Aurora.

— A o quê? — disse Anna.

— A Aurora — disse Devlin. — Esse é o nome da jazida.

— Oh — disse ela. Ela estava claramente confusa; sentindo pena dela, Devlin explicou tudo novamente, mais devagar. Desta vez, ela compreendeu.

— Então a fortuna foi sempre de Emery, o tempo todo?

— Talvez — disse Devlin, cautelosamente.

— E ele pretendia dar exatamente a metade a mim!

— Esse documento certamente parece implicar que o senhor Staines pretendia lhe doar duas mil libras, e que o senhor Wells, a partir da noite de 11 de outubro, sabia dessa intenção e possivelmente até mesmo a aprovou. Mas como já lhe contei, o documento não é válido: o senhor Staines nunca o assinou.

— E se ele o assinasse?

— Até que o senhor Staines seja achado — disse Devlin —, temo que não há nada a ser feito. — Ele a observou por um momento, e em seguida disse — Levei um longo tempo para trazer este documento à sua atenção, senhorita Wetherell, e por causa disso peço-lhe perdão. A razão foi simplesmente que eu estive esperando uma oportunidade de falar com você a sós; como sabe, essas oportunidades têm sido muito difíceis de encontrar.

— Quem mais sabe sobre isso? — disse ela subitamente. — Além de mim e você.

Devlin hesitou.

— O diretor Shepard — disse ele, decidindo contar a verdade, mas não toda a verdade. — Eu falei com ele sobre este assunto, talvez um mês atrás.

— O que ele disse?

— Ele imaginou ter sido algum tipo de pilhéria.

— Uma pilhéria? — Ela pareceu cabisbaixa. — Que tipo de pilhéria?

Devlin sentou-se mais à frente para pegar-lhe a mão, machucando levemente seus dedos com sua comiseração.

— Não fique decepcionada, minha querida. Serão abençoados os pobres de espírito, e a cada um de nós aguarda uma herança muito maior que qualquer uma que se possa doar em ouro.

Fez-se um estridente silvo vindo da cozinha e um assovio à medida que a água quente esguichou na placa de ferro fundido.

— Eis nossa chaleira — disse Devlin, sorrindo a ela.

— Reverendo — disse Anna, desvencilhando a mão de seu aperto —, se importaria muito se lhe pedisse que nos servisse o chá? Estou me sentindo um pouco estranha e gostaria de um tempo sozinha.

— Certamente — disse Cowell Devlin cortesmente e deixou a sala.

Assim que se foi, Anna levantou-se e transpôs o salão em dois rápidos passos, com a escritura de doação chamuscada ainda nas mãos. Seu coração disparava. Ela quedou imóvel por um momento, reunindo confiança, e então, num movimento fluido, passou à escrivaninha da viúva, pousou a escritura de doação na mesa, desatarraxou um pote de tinta, pegou a pena da sra. Wells, molhou a ponta no tinteiro, inclinou-se e nela escreveu: “Emery Staines”.

Anna nunca vira a assinatura de Emery Staines antes, mas ela sabia ter sem dúvida replicado sua forma de maneira exata. As letras do sobrenome de Staines seguiam uma descuidada diminuição, e as letras do seu prenome eram alegremente ilegíveis; a assinatura era confiantemente desleixada e sublinhada com um casual saboreio, como se querendo dizer que seu formato havia sido treinado muitas vezes antes, de modo que não se a refutasse devido a uma pequena variação qualquer. Havia um duplo arabesco precedendo a letra E — um toque pessoal —, e o S possuía uma qualidade ligeiramente achatada.

— O que foi que você fez?

Devlin estava de pé à soleira com a bandeja de chá nas mãos e uma expressão de represália assustadora no rosto. Ele pousou a bandeja sobre o aparador com um tinido e avançou sobre ela, estendendo a mão. Silenciosamente, Anna entregou-lhe o documento, e ele o apanhou. Por um momento, a afronta era tanta que ele não conseguiu falar; então ele se controlou e disse, muito calmamente:

— Isso foi um ato de fraude.

— Talvez — disse Anna.

— *Quê*? — gritou Devlin, repentinamente furioso. Ele a cercou. — *Que* foi que disse?

Ele esperou que ela se acovardasse, mas ela não o fez.

— É a assinatura dele — disse ela. — A escritura é válida.

— Isso não é uma assinatura — disse Devlin.

— É, sim — disse Anna.

— Isso é uma falsificação — retrucou Devlin. — Você acaba de cometer uma falsificação.

— Talvez eu não saiba do que está falando — disse Anna.

— Sua insolência é indecorosa — disse Devlin. — Acrescentaria o crime de falso testemunho ao crime de fraude?

— Talvez eu não saiba coisa nenhuma sobre fraude.

— A verdade virá à tona — disse Devlin. — Há analistas, senhorita Wetherell, que conseguem descobrir uma falsificação apenas relanceando os olhos.

— Não esta — disse Anna.

— Não se iluda — disse Devlin. — Que vergonha!

Porém Anna não se sentia desiludida, sequer desavergonhada; ela se sentia, na verdade, mais esperta do que se sentira em muitos meses. Agora que a assinatura de Emery Staines constava da escritura de doação, esta não era mais inválida. Pela autoridade deste documento, duas mil libras *deveriam* ser entregues, como um presente, à srta. Anna Wetherell, pelas mãos do sr. Emery Staines; a escritura fora assinada e testemunhada, e a assinatura do doador era válida. Quem a poderia desmentir, quando um dos assinantes desaparecera, e o outro morrera?

— Posso olhar novamente? — disse ela, e Devlin, rubro de raiva, entregou-lhe de volta a escritura. Assim que estava em sua mão, Anna escapou, afrouxou o corpete do vestido de Agathe Gascoigne e esgueirou o papel entre os botões, de modo que ficasse contra sua pele. Pondo as mãos sobre o corpete, ela estacou um momento, ofegando, seus olhos à procura dos de Devlin — que não se mexera. Havia dez pés de espaço entre eles.

— Em nome da vergonha — disse Devlin calmamente —, explique-se.

— Quero uma segunda opinião, apenas.

— Você acabou de falsificar esta escritura, senhorita Wetherell.

— Isso não se pode provar.

— Sob meu juramento, pode-se.

— Que me impede de prestar juramento contra você?

— Isso seria uma mentira — disse Devlin. — E seria uma mentira grave, se a jurasse perante a Corte, o que seria certamente forçada a fazer. Não seja tola.

— Eu terei uma segunda opinião — disse ela novamente. — Vou ao tribunal perguntar.

— Senhorita Wetherell — disse Devlin. — Acalme-se. Pense. Seria a palavra de um pastor contra a de uma prostituta.

— Eu não me prostituo mais.

— Uma ex-prostituta — disse Devlin. — Perdoe-me.

Ele avançou alguns passos até ela e Anna recuou. Sua mão ainda pressionava firme seu peito.

— Se der um passo a mais — disse ela —, vou gritar, rasgar meu corpete e direi que foi você quem o rasgou. Vão me ouvir da rua. Vão se precipitar hotel adentro.

Devlin nunca fora ameaçado desta maneira.

— Não avançarei mais — disse ele, com dignidade. — Recuarei, na verdade, e imediatamente. — Ele retornou à cadeira que antes ocupara e sentou-se. — Não desejo brigar com você — disse ele, agora falando tranquilamente. — Eu desejo sim fazer-lhe várias perguntas, contudo.

— Vá em frente — disse Anna, ainda respirando pesadamente. — Pergunte.

Devlin optou por uma abordagem direta.

— Você sabia que os vestidos que comprou de segunda mão no inverno passado pertenceram a Lydia Wells?

Anna olhou para ele embasbacada.

— Responda gentilmente à pergunta — disse Devlin. — Refiro-me aos cinco vestidos com os quais a senhora Wells chantageou o senhor Alistair Lauderback, com a ajuda de Francis Carver.

— Quê? — disse ela.

— Os vestidos — prosseguiu Devlin — que continham, cada um, uma pequena fortuna em ouro puro, costurados ao forro, em volta do corpete e em volta da bainha. Um dos vestidos era feito de seda laranja; os outros quatro eram de musselina, de cor creme, cinza, azul pálido e rosa listrado. Esses quatro estão atualmente acondicionados numa caixa debaixo das escadas do Gridiron Hotel; o vestido laranja está em posse do senhor Aubert Gascoigne, em sua residência.

Agora ele tinha a total atenção dela.

— Como sabe disso? — sussurrou ela.

— Tomei sob minha responsabilidade procurar saber mais sobre você — disse Devlin. — Agora responda à pergunta.

O rosto dela estava lívido.

— Apenas o vestido laranja possuía ouro — disse ela. — Os outros quatro tinham contrapesos… feitos de chumbo.

— Você sabia que os vestidos uma vez pertenceram a Lydia Wells?

— Não — disse Anna. — Garanto que não.

— Mas suspeitou disso.

— Eu… eu ouvi dizer alguma coisa — disse ela. — Meses atrás.

— Quando foi que descobriu o que os vestidos continham?

— Na noite seguinte após Emery desaparecer.

— Após você ter sido detida por tentativa de suicídio.

— Sim.

— E o senhor Gascoigne pagou sua fiança, sob promessa, e juntos vocês rasgaram o vestido laranja no chalé dele à rua Revell, e esconderam os farrapos debaixo de sua cama, depois disso.

— Como é que…? — sussurrou ela. Ela parecia aterrorizada.

Devlin não se interrompeu.

— Presumivelmente, após você retornar ao Gridiron naquela tarde, seu primeiro movimento foi voltar ao seu guarda-roupa e verificar os quatro vestidos restantes.

— Sim — disse Anna. — Mas eu não os rasguei. Apenas lhes senti as costuras. Eu não sabia que o que eu estava sentindo era chumbo: pensei que fosse somente mais da preciosidade.

— Neste caso — disse Devlin —, você deve ter acreditado que estava, de súbito, extraordinariamente rica.

— Sim.

— Mas você não abriu as bainhas desses vestidos, a fim de usar o ouro para ressarcir sua dívida com Edgar Clinch.

— Mais tarde, sim — disse Anna. — Na semana seguinte. Foi quando descobri os contrapesos.

— Mas mesmo então — disse Devlin — você não contou ao senhor Gascoigne suas suspeitas. Em vez disso, fingiu desamparo e ignorância, alegou não ter dinheiro e implorou-lhe auxílio!

— Como é que sabe de tudo isso? — disse Anna.

— Eu farei as perguntas aqui, obrigado — disse Devlin. — O que pretendia fazer com aquele ouro?

— Eu queria guardá-lo — disse Anna. — Como um pé-de-meia. E eu não tinha onde esconder o metal. Pensei em pedir a Emery. Não havia mais ninguém em quem confiasse. Mas então ele sumiu.

— E quanto a Lydia Wells? — disse Devlin. — E quanto a Lydia Wells, que foi ao Gridiron naquela mesma tarde… que saldou sua dívida com o senhor Clinch… e que lhe mostrou todo tipo de hospitalidade desde então?

— Não. — A voz de Anna se tornara muito fraca.

— Você nunca contou a ela sobre aqueles vestidos?

— Não.

— Porque suspeitava de que uma vez haviam pertencido a ela.

— Eu ouvi algumas coisas — disse Anna. — Eu nunca soube… não com certeza… mas eu sabia que havia alguma coisa… e ela queria recuperá-los.

Devlin cruzou os braços. Anna estava abertamente temerosa de quanto ele sabia sobre sua situação e de como ele ficara sabendo. Isso lhe doía, mas ele refletiu que, dadas as circunstâncias, era melhor mantê-la assustada que arriscar vê-la atrevida. Não lhe teria serventia alguma vê-la agitar por aí aquela assinatura falsificada.

— Onde está o senhor Staines? — disse ele em seguida.

— Eu não sei.

— Eu acho que sabe.

— Não — disse ela.

— Devo lembrá-la de que você cometeu uma fraude séria ao falsificar a assinatura de um homem morto.

— Ele não está morto.

Devlin assentiu; ele estivera esperando por uma resposta definitiva.

— Como sabe disso?

Anna não respondeu, portanto Devlin repetiu, mais rispidamente:

— Como sabe disso, senhorita Wetherell?

— Eu venho recebendo mensagens — disse Anna finalmente.

— Do senhor Staines?

— Sim.

— Que tipo de mensagens?

— São particulares.

— Como ele as envia?

— Não é com palavras — disse Anna.

— Como, então?

— Eu apenas o sinto.

— Você o sente?

— Dentro de minha cabeça.

Devlin suspirou.

— Suponho que esteja duvidando de minha palavra — disse Anna.

— Certamente duvido — disse Devlin. — Está deveras de mãos dadas com o fato de você ser uma fraudadora, infelizmente.

Anna martelou a mão sobre o papel escondido no seio.

— Você manteve *isso* escondido por muito tempo — disse ela.

Devlin fulminou-a com o olhar. Ele abriu a boca para fazer uma retaliação mas, antes que pudesse encontrar as palavras, ouviu passos vívidos no alpendre, o guizo da maçaneta da porta e o súbito turbilhão da rua à medida que a porta da frente se escancarava e alguém entrou. Anna olhou para Devlin com olhos assustados. A viúva retornara do tribunal e chamava pelo nome de Anna.

Saturno em Virgem

Em que George Shepard não nomeia um substituto; Quee Long é confundido com outro homem; e Dick Mannering estebelece um limite.

George Shepard passara a manhã do dia 20 de março supervisionando diversas entregas de materiais e ferragens ao local da futura carceragem de Seaview — a qual, dois meses após o início de sua construção, parecia cada dia mais imponente. As paredes haviam sido levantadas, as chaminés, erguidas, e dentro da residência principal as portas fortificadas haviam sido todas encaixadas e suspensas em suas molduras de aço. Muitos detalhes ainda estavam por ser resolvidos, é claro — os lampiões ainda precisavam ser entregues; a cozinha da carceragem ainda carecia de um fogão; ainda não havia vidro nas janelas do chalé do carcereiro; o fosso debaixo do cadafalso ainda não fora escavado —, mas, no todo, tudo se realizara esplendidamente rápido, graças à "doação" de quatrocentas libras de Harald Nilssen e a um financiamento adicional, finalmente pago, pelo Comitê de Obras Públicas de Westland, pelo Conselho de Hokitika e pelo Conselho Municipal. Shepard previra que os criminosos poderiam ser transferidos do acampamento de polícia antes do fim de abril, e vários deles já passavam suas noites na unidade de Seaview, vigiados por Shepard, que preferia, agora que a prisão estava tão perto de ser concluída, dormir e tomar suas ceias frias também lá.

Quando o sino da capela Wesleyana soou meio-dia, Shepard estava no futuro prédio, escavando uma fossa alternativa para a latrina. Assim que o som do sino veio da cidade logo abaixo, o capataz determinou uma pausa aos criminosos. Shepard largou sua pá, limpou a testa com a manga da camisa e escalou o buraco com esforço — percebendo, ao fazê-lo, que um jovem homem ruivo

estava de pé na outra extremidade do portão de ferro, espreitando por entre as grades e evidentemente esperando por uma entrevista.

— Senhor Everard — disse Shepard, avançando à frente.

— Diretor Shepard.

— O que o traz a Seaview esta manhã? Não apenas uma curiosidade desinteressada, suponho.

— Esperava solicitar uma audiência com você.

— Creio que não teve que esperar muito tempo.

— Absolutamente.

— Gostaria de entrar? Posso pedir que tranquem o portão. — Shepard ainda estava transpirando devido a seu recente esforço: ele enxugou a testa uma segunda vez com a manga da camisa.

— Tudo bem — disse o homem. — Apenas trago uma mensagem.

— Diga-a — disse Shepard. Ele pôs as mãos nos quadris.

— Venho em nome do senhor Barnes. Da Brunton, Solomon & Barnes.

— Não conheço nenhum desses homens.

— Eles são fornecedores. Têm um novo armazém — disse Everard. — Na rua Camp. É que a placa ainda não foi pintada. Senhor… — acrescentou ele, apressadamente.

— Continue — disse Shepard, ainda com as mãos nos quadris.

— Há dois meses o senhor manifestou que ficaria muito grato se colocássemos os olhos num certo chinês.

A expressão de Shepard aguçou-se de súbito.

— Você se lembra corretamente.

— Venho para lhe relatar que um homem chinês comprou uma pistola esta manhã — disse o jovem.

— Do estabelecimento do senhor Barnes, presumo.

— Sim, senhor.

— Onde está esse chinês, agora?

— Não saberia lhe dizer — disse Everard. — Vi Barnes agora há pouco, e ele me disse ter vendido uma Kerr Patent a um chinês nesta manhã, e vim diretamente ter com você. Não sei se o chinês em questão é o seu homem, ou não… mas pensei que faria bem em avisá-lo, de qualquer forma.

Shepard não o agradeceu nem o parabenizou por isto.

— Há quanto tempo ocorreu a venda?

— Pelo menos há duas horas. Talvez mais. Barnes disse que o sujeito deve ter agido baseado em um palpite: ele não queria desembolsar mais que cinco libras pela Kerr. “Cinco libras exatas”, ele ficava dizendo, como se houvesse sido instruído. Ele sabia como não ser tapeado no preço.

— Como ele pagou por ela?

— Com uma nota de papel.

— Algo mais?

— Sim — disse Everard. — Ele carregou a arma na loja.

— Quem a carregou?

— Barnes. Para o chinês.

Shepard assentiu.

— Muito bem — disse ele. — Agora, ouça atentamente. Você voltará a Hokitika, senhor Everard, e dirá, a todo homem que encontrar, que George Shepard está à procura de um chinês chamado Sook. Deixe claro que, caso qualquer um veja Johnny Sook hoje na cidade, não importa para que e não importa onde, eu deverei ser chamado, imediatamente.

— Você vai oferecer uma recompensa pela captura do homem?

— Não diga nada sobre recompensa, mas também não negue, caso alguém pergunte.

O jovem se aproximou.

— Serei seu substituto?

Shepard não respondeu de pronto.

— Se você topar com Johnny Sook — disse ele enfim — e encontrar uma maneira de apreendê-lo sem fazer muita balbúrdia, eu farei vista grossa a seja qual for o seu método de captura. É tudo que vou dizer.

— Eu o compreendo, senhor.

— Há outra coisa que pode fazer por mim — disse Shepard. — Conhece um homem chamado Francis Carver, só de bater-lhe os olhos?

— O homem com cicatriz no rosto.

— Sim — disse Shepard. — Quero que lhe entregue uma mensagem em meu nome. Você vai encontrá-lo no Palace Hotel.

— E qual seria, senhor?

— Diga-lhe exatamente o que acabou de me contar — disse Shepard. — E então lhe diga para afivelar seus coldres.

Everard abalou-se um pouco.

— Ele será seu substituto, então?

— Eu não tenho um substituto — disse Shepard. — Agora, vá. Conversaremos depois.

— Está certo.

Shepard levantou os braços e pôs as mãos nas grades do portão; ele observou a figura do jovem retrocedendo. Então ele gritou:

— Senhor Everard!

O jovem parou e se virou.

— Sim, senhor?

— Você quer se tornar um homem da lei?

Ele se animou.

— Algum dia, senhor, eu espero.

— Os melhores homens da lei podem exercê-la sem possuir um distintivo — disse Shepard, fitando-o friamente através das grades do portão. — Lembre-se disso.

Φ

Emery Staines estava ausente por mais de oito semanas, um intervalo que o Magistrado julgou ser suficiente para anular sua propriedade de todo solo aurífero. De acordo com determinação do Magistrado, todas as minas e concessões de propriedade do senhor Staines foram devolvidas à Coroa, uma reintegração que entrara em vigor na sexta-feira da semana anterior. A Aurora, naturalmente, foi uma das muitas concessões capituladas, e, como consequência dessa capitulação, Quee Long fora liberado, finalmente, de seu infrutífero comprometimento àquele trecho seco de terra. Ele foi para Hokitika logo pela manhã, a fim de indagar o lugar aonde seria mandado em sequência e a quem estaria associado.

Ah Quee detestava ir aos escritórios da Companhia, pois nunca era tratado cortesmente enquanto lá se encontrava, e sempre o faziam esperar. No entanto, ele suportava com equanimidade as zombarias dos oficiais e fingia não perceber quando seus empregados subalternos atingiam-no com pelotas feitas de cuspe e

papel e apertavam o nariz sempre que passavam, um ao outro, a cadeira na qual ele se sentara. Por fim, ele foi convidado a explicar seu propósito ao burocrata sentado à bancada dianteira. Após mais um longo atraso, cujo propósito não lhe foi explicado, ele foi alocado a outra concessão em Kaniere, recebeu um recibo de sua transferência e tomou seu rumo — ao mesmo tempo que o ruivo senhor Everard havia alcançado o centro de Hokitika e distribuía a mensagem de George Shepard aos quatro ventos.

Ao sair dos escritórios da Companhia na rua Weld, agarrando na mão o comprovante de seu novo contrato, Ah Quee ouviu alguém gritar. Ele olhou para cima, confuso, e viu, para seu espanto, que estava sendo acossado de ambos os lados. Ele gritou e arremessou o braço para cima. No momento seguinte, ele se viu ao chão.

— Onde está a pistola, Johnny Sook?

— Onde está a pistola?

— Verifique na cinta dele.

Havia mãos em seu corpo, apalpando e socando. Alguém acertou um chute em suas costelas, e ele arfou.

— Ele a escondeu, muito provavelmente.

— O que é isso que tem aí? Registro de cule?[13]

Seu contrato foi-lhe arrancado da mão, verificado brevemente e arremessado para o lado.

— E agora?

— Agora, o que tem a dizer em sua defesa, Johnny Sook?

— Ah Quee — disse Ah Quee, por fim conseguindo falar.

— Aparentemente ele possui língua própria, não é mesmo?

— Fale em inglês, se for realmente falar alguma coisa.

Outro chute nas costelas. Ah Quee emitiu um grunhido de dor e se contraiu.

— Não é ele — disse um de seus agressores.

— Que diferença faz? — respondeu o outro. — Não passa de um chinês. Não deixa de ser sujo.

— Ele não tem nenhuma pistola — apontou o primeiro homem.

— Ele nos entregará Sook. Eles são todos unha e carne.

Chutaram Ah Quee novamente, desta vez nas nádegas; a biqueira do sapato do homem atingiu seu cóccix e disparou um

abalo de dor espinha acima, até a mandíbula.

— Você conhece Johnny Sook?

— Você conhece Johnny Sook?

— Você o viu?

— Nós queremos ter uma conversa com Johnny Sook.

Ah Quee grunhiu. Ele tentou se levantar com as mãos, mas caiu.

— Ele não vai desembuchar.

— Veja. Abra espaço…

O segundo homem gingou para trás com pés leves e então correu em direção a Ah Quee como se fosse um atacante almejando marcar um gol. Ah Quee sentiu-o aproximar-se somente no último minuto e rolou de encontro a ele, para amortecer o golpe. A dor em suas costelas foi excruciante. Ele respirava apenas com a parte mais elevada dos pulmões. Os homens agora riam. Suas vozes haviam dissipado até virar uma névoa de ruído latejante.

Então, uma voz trovejou na rua:

— Vocês pegaram o homem errado, meus amigos.

Os agressores se voltaram. À soleira aberta do café de Hokitika, com seus braços dobrados diante do peito, estava o magnata Dick Mannering. Seu volume quase preenchia a soleira: ele assumiu uma presença imponente, apesar do fato de estar desarmado, e, ao vê-lo, os dois homens saíram de perto de Ah Quee imediatamente.

— Temos instruções para apreender um chinês de nome Johnny Sook — disse o primeiro homem, enfiando as mãos nos bolsos, como um garotinho.

— O nome desse homem é Johnny Quee — disse Mannering.

— Não sabíamos disso, sabíamos? — disse o segundo homem, as mãos também se esgueirando para dentro dos bolsos.

— Instruções dadas pelo carcereiro — disse o primeiro homem.

— O china chamado Johnny Sook está à solta — disse o segundo.

— Ele tem uma pistola.

— Armado e perigoso.

— Bem, vocês pegaram o homem errado — disse Mannering, descendo as escadas até a rua. — E sabem disso porque eu o

estou dizendo, e estou dizendo pela última vez. O nome desse homem é Johnny Quee.

Mannering parecia muito mais ameaçador devido ao fato de que avançava em direção a eles, e ante essa aproximação os homens finalmente empacaram.

— Não quisemos causar problemas — murmurou o primeiro homem. — Tínhamos que nos assegurar.

— Amiguinho de amarelos — murmurou o outro, mas silenciosamente, de modo que Mannering não ouvisse.

Mannering esperou que saíssem e então olhou para Ah Quee, que se escorou de lado, verificou suas costelas em busca de fraturas e ergueu-se laboriosamente de pé, recolhendo seu certificado de contrato pisoteado enquanto o fazia e espanejando-o da areia. Sua garganta estava muito apertada.

— Obrigado — disse ele, quando finalmente conseguiu respirar.

Mannering pareceu aborrecido ante essa expressão de gratidão. Ele franziu o cenho, olhando Ah Quee de cima a baixo, e disse:

— Que história é essa de Johnny Sook e uma pistola?

— Não saber — disse Ah Quee.

— Onde ele está?

— Não saber.

— Você o viu? Em algum lugar?

Ah Quee não via Ah Sook desde a noite da sessão espírita promovida pela viúva, um mês antes: ele havia retornado do Wayfarer’s Fortune tarde naquela noite e encontrou Ah Sook empacotando seus poucos pertences e desaparecendo, com uma eficácia impiedosa, dentro do farfalhar da noite.

— Não — disse ele.

Mannering suspirou.

— Suponho que você tenha sido realocado, agora que a Aurora foi devolvida ao banco — disse após um momento. — Vejamos seu documento, então. Vejamos aonde o mandaram. Dê-me aqui.

Ele estendeu sua mão para o certificado. O documento era breve e fora escrito sem consultar Ah Quee: fornecia sua “idade presumida”, em vez de sua idade real; a origem do navio no qual aportara, em vez de seu real local de nascimento em Cantão; e uma

breve lista de seus atributos como trabalhador. Trazia o numeral cinco, indicando que a duração de seu contrato era de cinco anos, e fora carimbado com o selo da Companhia. Mannering relanceou os olhos pelo documento. No campo marcado “atual local de trabalho” a palavra *Aurora* fora recentemente rabiscada e substituída com as palavras *Inglaterra dos Sonhos*.

— Você nunca tem um bocadinho de sorte, não é? — disse Mannering. — Essa concessão pertence a mim! Uma das minhas concessões. Pertence a mim. — Ele bateu no próprio peito. — Você está trabalhando para mim novamente, Johnny Quee. Como nos bons velhos tempos. Quando você me tapeava com seu maldito crisol e sangrava Anna em busca de ouro.

— Sua… — disse Ah Quee, massageando as costelas.

— Juntos novamente — disse Mannering sombriamente. — Inglaterra dos Sonhos, uma ova! Está mais para *Pesadelo Inglês*.

— Azar — disse Ah Quee.

— Azar meu ou seu?

Ah Quee não respondeu a isso, não tendo entendido a pergunta, e subitamente Mannering riu e balançou a cabeça.

— É da natureza do contrato, infelizmente, que você concorde em ceder a própria sorte. Toda oportunidade de vir a ter sorte, você cede. É a natureza de todo contrato. Um contrato deve ser cumprido, veja bem: deve-se acabar concordando com ele, mais cedo ou mais tarde. Um homem de sorte, como eu sempre digo, é um homem que teve sorte uma vez e, depois disso, aprendeu uma ou duas coisas sobre investimento. A sorte só ocorre uma vez, e é sempre acidental quando acontece; o que se repetem são os contratos. Os investimentos e obrigações; a papelada; o negócio. Vou lhe dizer outra coisa que gosto de dizer. Se um homem deseja alguma chance de fazer sua fortuna, então nunca assina seu nome em qualquer pedaço de papel que ele mesmo não tenha escrito. Foi o que eu fiz, Johnny Quee. Eu nunca assinei meu nome em qualquer contrato que não escrevi por conta própria.

— Muito bem — disse Ah Quee.

Mannering fitou-o.

— Não suponho que você seria tão estúpido de tentar armar algo risível novamente para cima de mim. Já são duas vezes que

você apostou contra mim: uma vez com a Aurora, e a outra, com Anna. Sou um homem que sabe contar.

— Muito bem — disse Ah Quee novamente.

Mannering entregou-lhe o contrato de volta.

— Bem, você ficará contente de dar as costas para a Aurora, não tenho dúvida… e não precisa se preocupar quanto à Inglaterra dos Sonhos. Ela é saudável como um touro.

— Não é esgotada? — disse Ah Quee, dissimuladamente.

— Essa, não — disse Mannering. — Dou minha palavra quanto a isso. Você vai fazer tudo conforme, na Inglaterra dos Sonhos. Ela foi remexida em busca de pepitas, é claro, mas há muito pó nos detritos. Perfeito para um homem como você. Para alguém com dois olhos na cabeça. Você não vai fazer fortuna nela, Johnny Quee, mas quem, dentre vocês, já fez?

Ah Quee assentiu.

— Volte para Kaniere — disse Mannering por fim, e entrou.

Vênus em Peixes

Em que o capelão perde a calma e a viúva perde uma disputa.

— Mas quem é este? — disse Lydia Wells. — Um homem de Deus?

Ela estava de pé na soleira, num meio sorriso, repuxando cada uma das pontas dos dedos para retirar as luvas; Anna e Devlin olharam para ela em mudo horror, como se flagrados num leviano ato de fornicação — embora Anna estivesse perto da janela, a palma da mão ainda pressionando o seio, e Devlin estivesse sentado no canapé, do qual agora ele se levantou de um salto, corando terrivelmente.

— Deus meu — disse Lydia Wells, removendo uma mão leitosa de sua luva e metendo esta debaixo do cotovelo para começar a puxar a outra. — Que belo par de cordeiros!

— Bom dia, senhora Wells — disse Devlin, por fim recuperando sua língua. — Meu nome é Cowell Devlin. Sou o capelão da futura carceragem de Seaview.

— Mas que encantadora apresentação! — disse Lydia Wells. — O que está fazendo em meu salão?

— Estávamos tendo uma… discussão teológica — disse Devlin. — Enquanto tomamos chá.

— Vocês parecem ter esquecido o chá.

— Ainda está macerando.

— É verdade — disse Lydia Wells, sem olhar para a bandeja. — Bem, nesse caso, minha chegada parece ter sido fortuitamente cronometrada! Anna, corra e pegue outra xícara. Eu me juntarei a vocês. Tenho grande apreço por debates teológicos.

Lançando um olhar desesperado a Devlin, Anna assentiu, baixou a cabeça e se esgueirou para fora da sala.

— Senhora Wells — sussurrou Devlin rapidamente, à medida que os passos de Anna retrocediam corredor adentro —, posso lhe fazer uma pergunta assaz curiosa, já que estamos a sós?

Lydia Wells sorriu para ele.

— Ganho meu pão respondendo a perguntas curiosas — disse ela —, e você, dentre todas as pessoas, deveria saber que dificilmente estamos a sós.

— Bem, sim — disse Devlin, sentindo-se desconfortável. — Mas eis a pergunta. A senhorita Wetherell sabe ler?

Lydia Wells levantou as sobrancelhas.

— Essa é *mesmo* uma pergunta assaz curiosa — respondeu ela —, ainda que não o seja por causa de sua resposta. Eu me pergunto o que o incitou a fazê-la.

Anna retornou com uma xícara e um pires e pousou-os ao lado dos outros, na bandeja.

— Qual é a resposta? — disse Devlin calmamente.

— Anna, você nos serve — disse Lydia Wells, sua voz ressoando. — Reverendo, permaneça sentado, por gentileza. Agora sim. Que agradável é ter um clérigo para o chá! Assim nos sentimos muito civilizados. Creio que comerei um biscoito, e açúcar, também.

Devlin permaneceu sentado.

— A resposta, até onde sei, é “não” — disse a viúva, sentando-se também. — E agora tenho também uma pergunta curiosa a fazer. É uma categoria diferente de falsidade quando um pastor de Deus conta uma mentira?

Ele vacilou.

— Não vejo a pertinência de sua pergunta.

— Mas reverendo, você não está jogando limpo — disse a viúva. — Eu respondi à *sua* pergunta sem implorar saber seus motivos; não vai fazer o mesmo comigo?

— Qual foi a pergunta dele? — disse Anna, olhando ao redor, mas ela foi ignorada.

— É uma categoria diferente de falsidade, eu perguntei — prosseguiu a viúva — quando o mentiroso é um pastor de Deus?

Devlin suspirou.

— Seria uma diferente categoria de falsidade — disse ele — apenas se o pastor usasse da autoridade de seu ofício para fazer o mal. Contanto que a falsidade não pertencesse a seu ofício, não haveria diferença. Somos todos iguais aos olhos de Deus.

— Ah — disse a viúva. — Obrigada. Bem… Você disse agora há pouco que estava falando de teologia, reverendo. Se importaria

de me inteirar do debate?

Devlin corou. Ele abriu a boca — e hesitou: ele não tinha preparado um álibi.

Anna veio em seu socorro.

— Quando eu acordei no cárcere — disse ela —, o reverendo Devlin estava lá. Ele orou por mim, e ora desde então.

— Então estiveram conversando sobre oração? — disse a viúva, ainda se dirigindo a Devlin.

O capelão recuperou sua compostura.

— Entre outras coisas, sim — disse ele. — Também discutíamos atos de grande providência e presentes inesperados.

— Fascinante — disse Lydia Wells. — E você tem o hábito, reverendo, de visitar jovens mulheres sem avisar, quando suas guardiãs estão ocupadas com outros assuntos, a fim de discutir, sem a presença de uma dama de companhia, assuntos de teologia?

Devlin ficou ofendido com essa acusação.

— Você não é a guardiã da senhorita Wetherell — disse ele. — Ela viveu sozinha durante meses, antes de você chegar a Hokitika; que súbita necessidade ela tem de uma guardiã?

— Uma necessidade muito premente, devo dizer — disse Lydia Wells —, dado o grau a que ela havia sido *antigamente* explorada nesta cidade.

— Espanto-me com esse advérbio, senhora Wells! Você quer dizer que ela não é mais explorada?

Lydia Wells pareceu enrijecer-se.

— Talvez você não pense ser uma satisfação — disse ela, friamente — ver que essa jovem mulher não mais prostitui seu corpo toda noite, e não mais se sujeita a todo tipo de violência, e não mais desfalece diariamente ao usar uma droga desprezível. Talvez você deseje que ela recupere sua antiga vida.

— Sem “talvez” para cima de *mim* — disse Devlin, encolerizando-se. — Isso é retórica barata. Não passa de intimidação e não vou tolerar intimidações; não vou.

— Estou perplexa com sua acusação — disse Lydia Wells. — De que maneira sou uma intimidadora?

— A garota não tem quaisquer liberdades, por Deus! Ela foi trazida para cá contra a própria vontade e você a mantém na rédea

mais curta possível!

— Anna — disse Lydia Wells, ainda abordando Devlin. — Você veio ao Wayfarer's Fortune contra sua vontade?

— Não, madame — disse Anna.

— Por que veio alojar-se aqui?

— Porque me fez uma oferta e eu a aceitei.

— Qual foi minha oferta?

— Você ofereceu pagar adiantada minha dívida com o senhor Clinch e disse que eu poderia vir e viver com você como sua acompanhante, contanto que eu a ajudasse com a conclusão dos negócios.

— E eu cumpri com minha promessa?

— Sim — disse Anna, miseravelmente.

— Obrigada — disse a viúva. Ela não tirara os olhos de Devlin, tampouco tocara sua xícara de chá. — Quanto ao cumprimento da rédea, acho incrível você protestar por uma vida de virtude e austeridade em nome de… como mesmo você as chamou?… "liberdades"? Liberdades para que, exatamente? Liberdade para confraternizar com aqueles mesmos homens que uma vez a conspurcaram e a violaram? Liberdade para fumar até atingir a inconsciência no salão de um chinês?

Devlin não pôde resistir enfrentá-la.

— Mas *por que* você fez a oferta, senhora Wells? *Por que* ofereceu saldar as dívidas da senhorita Wetherell?

— Por preocupação com a garota, naturalmente.

— Bobagem!

— Perdão — disse Lydia Wells. — Muito me preocupo com o bem-estar de Anna.

— Olhe só para ela! A pobre moça está pela metade do tamanho que tinha um mês atrás; não pode negar *isso*. Ela está passando fome. Você a está mantendo à míngua.

— Anna — disse Lydia Wells, expelindo o nome da garota. — Eu a faço passar fome?

— Não — disse Anna.

— Você está, em sua opinião, passando fome?

— Não — disse Anna novamente.

— Poupe-me a pantomima — disse Devlin, que estava ficando furioso. — Você não dá a mínima para a garota. Você não tem mais preocupação com ela do que tem por qualquer outra pessoa, e, pelo que ouvi dizer de você, de fato deve ser uma preocupação insignificante.

— Outra terrível acusação — disse Lydia Wells. — E vinda nada menos que do capelão de uma prisão! Suponho que devo tentar limpar meu nome. Anna, diga ao bom reverendo o que você fez quando estava em Dunedin.

Fez-se uma pausa. Devlin relanceou o olhar para Anna, sua confiança faltando-lhe.

— Diga-lhe o que você fez — disse Lydia Wells novamente.

— Eu agi como a serpente em seu lar — disse Anna.

— Querendo dizer o que, exatamente? Diga-lhe *exatamente* o que foi que fez.

— Eu me deitei com o seu marido.

— Sim — disse Lydia Wells. — Você seduziu meu marido, o senhor Wells. Agora diga isso ao bom reverendo: o que *eu* fiz, em retaliação?

— Você me mandou embora — disse Anna. — Para Hokitika.

— E em que condições?

— Carregando um bebê.

— Com o bebê de quem, por favor?

— Com o bebê de seu marido — sussurrou Anna. — Com o bebê de Crosbie.

Devlin estava atônito.

— Então eu a mandei embora — disse a viúva, assentindo. — Você ainda sustenta que minha reação foi a reação correta?

— Não — disse Anna. — Você se arrependeu. Você implorou por meu perdão. Mais de uma vez.

— Tem certeza disso? — disse a sra. Wells, fingindo aturdimento. — Segundo nosso bom reverendo, eu não me preocupo nem um pouco com o bem-estar dos outros, e presumivelmente ainda menos com o bem-estar daquelas que agiram como sedutoras debaixo do meu próprio teto! Tem certeza que eu fui mesmo capaz de implorar por seu perdão?

— Basta — disse Devlin. Ele levantou as mãos. — Basta.

— É verdade — disse Anna. — É verdade que ela pediu meu perdão.

— *Basta*.

— Agora que você já insultou minha integridade praticamente de todas as maneiras imagináveis — disse a viúva, finalmente pegando sua xícara —, se incomodaria em me dizer, sem mentiras desta vez, o que está fazendo em meu salão?

— Eu estava entregando uma mensagem particular à senhorita Wetherell — disse Devlin.

A viúva voltou-se para Anna.

— Qual era?

— Você não tem que lhe contar — disse Devlin rapidamente. — Não se não desejar. Não precisa lhe dizer uma só palavra.

— Anna — disse Lydia Wells, perigosamente. — Qual era a mensagem?

— O reverendo me mostrou um documento — disse Anna — segundo o qual metade da fortuna do chalé de Crosbie pertence a mim.

— É mesmo? — disse Lydia Wells, e, embora ela tenha falado friamente, Devlin pensou ter visto um acesso de pânico nos olhos dela. — A quem pertence a outra metade?

— Ao senhor Emery Staines — disse Anna.

— Onde está esse documento?

— Eu o escondi — disse Anna.

— Ora, então pegue-o — retrucou Lydia.

— Não — disse Devlin rapidamente.

— Eu não o pegarei — disse Anna. Ela não fez movimento para tocar seu corpete.

— Você poderia ao menos me fazer a gentileza de contar toda a verdade — disse Lydia. — Ambos vocês.

— Infelizmente, temo não podermos fazê-lo — disse Devlin, falando antes que Anna tivesse a chance. — Essa informação, veja, diz respeito a um crime que não foi ainda inteiramente investigado. Refere-se, entre outras coisas, à chantagem feita a um certo senhor Alistair Lauderback.

— Perdão? — disse Lydia Wells.

— O quê? — disse Anna.

— Infelizmente, não posso revelar mais nada — disse Devlin, observando, para grande satisfação sua, que a viúva se tornara muito pálida. — Anna, se deseja ir diretamente ao tribunal, eu mesmo a acompanharei.

— Sim? — disse Anna, espreitando-o.

— Sim — disse Devlin.

— O que diabos pensa que vai fazer no tribunal? — disse Lydia Wells.

— Procurar aconselhamento civil legal — disse Anna. — Como me é de direito.

A sra. Wells fulminou Anna com um olhar impenetrável.

— Essa é uma péssima maneira de compensar minha bondade, penso eu — disse ela por fim, e numa voz tranquila.

Anna passou para o lado de Devlin e pegou-lhe o braço.

— Senhora Wells — disse ela —, não é sua bondade que pretendo compensar.

Júpiter em Capricórnio

Em que Aubert Gascoigne se diverte bastante; Cowell Devlin abdica da responsabilidade; e Anna Wetherell comete um erro.

O tribunal de Hokitika, sede da Corte dos Magistrados Residentes, era uma cena de cerimônia robusta, porém não perfeita. A sala de julgamento fora isolada com cordões, tal qual um quintal de tosquia. Oficiais distritais sentavam-se atrás de uma fileira de balcões que os protegiam da multidão furibunda; quando a corte estava em sessão, essas bancadas formavam uma espécie de barricada entre as figuras da Corte e as figuras do público, às quais era exigido ficar de pé. O assento do Magistrado, atualmente desocupado, era somente uma cadeira de capitão num tablado elevado, ainda que a cadeira houvesse sido revestida de couro de carneiro para ganhar um aspecto mais digno. Ao lado dela ficava uma bandeira imensa da Grã-Bretanha, pendurada num suporte que era baixo demais para o tamanho da flâmula. A bandeira teria derribado no assoalho empoeirado, caso uma alma empreendedora não tivesse pensado em calçar um tonel de vinho vazio debaixo do suporte — um detalhe que acabava depreciando, mais que abrilhantando, o efeito da bandeira.

Havia sido uma manhã movimentada no tribunal de pequenas causas. O apelo da sra. Wells para revogar a venda do espólio de Crosbie Wells fora enfim aprovado, o que significava que a fortuna de Wells, anteriormente mantida sob custódia no Banco Central, havia sido restituída à bolsa do Magistrado. A comissão de quatrocentas libras de Harald Nilssen não fora igualmente revogada, por duas razões: em primeiro lugar, porque a quantia constituía o pagamento legal por um serviço realizado apropriadamente; e em segundo, porque a comissão havia sido doada, na íntegra, para auxiliar a instalação da nova carceragem em Seaview. Era indecoroso, declarou o Magistrado, revogar uma doação filantrópica,

especialmente quando a doação era tão dadivosa e altruísta; ele cumprimentou Nilssen, *in absentia*, por sua benevolência.

Havia várias outras custas legais a serem inventariadas, a maioria das quais refletiam as muitas horas que o gabinete do Magistrado despendera no projeto de tentar encontrar a certidão de nascimento do falecido sr. Wells. Essas custas sairiam também da herança da sra. Wells — a qual, subtraídos os impostos do espólio e as taxas, e feitas essas várias correções, totalizava agora pouco mais que três mil e quinhentas libras. Essa quantia deveria ser paga à sra. Wells assim que a fortuna estivesse desimpedida pelo Banco Central, e em qualquer moeda corrente que a viúva desejasse. A sra. Wells tinha alguma coisa a objetar? Não, não tinha — mas ela deu a Aubert Gascoigne um sorriso muito amplo ao se retirar do tribunal, e ele viu que os olhos dela estavam brilhando.

— Ei, Gascoigne!

Gascoigne estava encarando à meia distância. Ele piscou.

— Sim?

Seu colega Burke estava à soleira, um gordo envelope de documentos nas mãos.

— Jimmy Shaw me disse que você tem uma queda por seguros marítimos.

— É verdade — disse Gascoigne.

— Você se importaria em assumir outro trabalho? Algo acaba de surgir.

Gascoigne franziu o cenho diante do envelope.

— Que tipo de “algo”?

— Uma carta de um tal John Hincher Garrity — disse o outro, erguendo-a. — Referente a um dos destroços no banco de areia. *Godspeed* é o nome da embarcação.

Gascoigne levantou a mão.

— Vou dar uma olhada.

— Bom homem.

O envelope fora carimbado em Wellington e já viera aberto. Gascoigne o abriu e retirou seu conteúdo. O primeiro documento anexo era uma breve carta de John Hincher Garrity, membro do Parlamento, dirigida ao distrito eleitoral de Heathcote, em Canterbury. O político autorizava um representante do tribunal de

Hokitika a agir como seu procurador na retirada de fundos da conta privada do Garrity Group no Banco da Nova Zelândia. Ele confiava em que os documentos anexos explicariam satisfatoriamente a matéria e agradecia de antemão o representante por seus esforços. Gascoigne pôs esta carta de lado e passou ao próximo documento. Era também uma carta, encaminhada por Garrity; fora endereçada ao Garrity Group.

> Hokitika, 25 de fevereiro de 66
> Senhores —
> Escrevo para informar-lhes o lamentável naufrágio da barca *Godspeed*, da qual até recentemente fui o capitão operacional, perante o traiçoeiro banco de areia de Hokitika. O proprietário do navio, senhor Crosbie F. Wells, faleceu recentemente, e estou lhe resolvendo os assuntos como seu procurador. Entendo que, ao comprar a *Godspeed*, o senhor Crosbie F. Wells herdou todas as apólices existentes do antigo proprietário, A. Lauderback, membro do Garrity Group, e portanto, que a *Godspeed* está protegida e indenizada pela supracitada autoridade. Busco agora retirar todos os fundos designados pelo senhor Lauderback para este propósito a fim de facilitar a remoção dos destroços. Anexo a esta o registro completo de todos os custos, faturas de venda, recibos, orçamentos, inventários etcetera, e permaneço,
>
> seu
> Francis W. R. Carver

Gascoigne franziu o cenho. Que queria Carver dizer com isto? Crosbie Wells certamente não havia adquirido a *Godspeed*; Carver adquirira ele mesmo a embarcação, utilizando o pseudônimo Wells. Gascoigne folheu as páginas seguintes, as quais haviam evidentemente sido encaminhadas por Carver ao sr. Garrity como evidências da validade de sua solicitação. Ele passou pela avaliação do naufrágio feita pelo capitão do porto, por um balancete de todas as dívidas sujeitas e por vários recibos e testemunhos, até que encontrou, no fundo da pilha, uma cópia — presumivelmente a cópia pessoal de Carver — da escritura de venda da *Godspeed*. Gascoigne pegou este último item e examinou a assinatura de perto. Fora assinada por um tal Francis Wells! O que Carver estava armando? Olhando a assinatura por um momento mais, no entanto, Gascoigne percebeu que o amplo laço ao lado da letra F poderia facilmente ser um C… Ora, sim! Havia até um ponto de tinta, colocado fortuitamente, entre o C e o F. Quanto mais Gascoigne olhava, mais a ambiguidade se lhe tornava clara: Carver devia ter assinado o nome falso tendo na mente este propósito futuro. Gascoigne balançou a cabeça e então, após um momento, riu à larga.

— O que lhe deu? — disse Burke, olhando para cima.

— Oh — disse Gascoigne —, nada de importante.

— Você acabou de rir — disse Burke. — Qual é a piada?

— Não há piada alguma — disse Gascoigne. — Estava apenas exprimindo minha estima, e somente isso.

— Estima? Pelo quê?

— Por um trabalho benfeito — disse Gascoigne. Ele devolveu as cartas ao envelope e quedou, tencionando levar a carta de autorização de John Hincher Garrity ao banco, e de imediato — mas exatamente neste instante a porta do vestíbulo se abriu e Alistair Lauderback adentrou, sombreado aos calcanhares por Jock e Augustus Smith.

— Ah — disse Lauderback, percebendo a carta na mão de Gascoigne. — Então cheguei a tempo. Sim: recebi uma mensagem de Garrity esta manhã. Houve uma confusão e eis-me aqui para resolvê-la.

— Senhor Lauderback, presumo — disse Gascoigne secamente.

— Desejo uma entrevista privada com o Magistrado — disse Lauderback. — É urgente.

— O Magistrado está tomando seu almoço, no momento.

— Onde ele o toma?

— Infelizmente, não saberia dizer — disse Gascoigne. — As sessões da tarde começam às duas; fique à vontade para esperar até lá. Com licença, senhores.

— Espere — disse Lauderback ao ver Gascoigne cumprimentá-lo e fazer menção de sair. — Aonde pensa que vai com essa carta?

— Ao banco — disse Gascoigne, que não tolerava rudezas importunas do tipo que Lauderback acabara de exibir. — Fui eleito pelo senhor Garrity para facilitar uma transação em seu nome. Rogo que me dê licença.

Novamente, fez menção de sair.

— Espere um momento — disse Lauderback. — Apenas espere um momento! É exatamente sobre esse assunto que desejo uma audiência aqui; você não deve ir ao banco antes que eu fale o que penso!

Gascoigne fitou-o friamente. Lauderback parecia notar que havia começado com o pé esquerdo e disse:

— Ouça-me, por favor! Qual é o seu nome?

— Gascoigne.

— Gascoigne, é? Sim, eu realmente o soube francês.

Lauderback estendeu a mão, e Gascoigne a apertou.

— Eu falarei a você, então — disse Lauderback. — Já que não posso falar ao Magistrado.

— Imagino que prefira fazê-lo em privado — disse Gascoigne, ainda sem cordialidade.

— Sim, ótimo. — Lauderback se virou para seus assessores. — Vocês esperam aqui — disse ele. — Volto em dez minutos.

Gascoigne conduziu-o ao gabinete do Magistrado e fechou a porta. Eles se sentaram nas poltronas que defrontavam a mesa do Magistrado.

— Tudo bem, senhor Gascoigne — disse Lauderback imediatamente, sentando-se mais à frente —, eis o resumo da ópera. Esse negócio todo é uma armação. Eu não vendi a *Godspeed* para um homem chamado Crosbie Wells. Eu a vendi a um homem que me disse se chamar Francis Wells. Mas o nome era um pseudônimo. Eu não sabia disso, à época. Esse homem, Francis Carver. Foi ele. *Ele* assumiu o pseudônimo Francis Wells e eu vendi o navio a *ele*, quando usava este nome. Você vê que ele manteve o nome de batismo. Apenas mudou o sobrenome. A questão é: ele assinou a escritura utilizando um nome falso, e isso é contra a lei!

— Deixe-me ver se o entendi corretamente — disse Gascoigne, fingindo estar confuso. — Francis Carver alega que um homem chamado Crosbie Wells comprou a *Godspeed*… e você alega que isso é mentira.

— É uma mentira! — disse Lauderback. — É uma invenção do começo ao fim! Eu vendi o navio a um homem chamado Francis Wells.

— Que não existe.

— Era um pseudônimo — disse Lauderback. — Seu nome verdadeiro é Carver. Mas ele me disse que seu nome era Wells.

— *Francis* Wells — assinalou Gascoigne —, e o nome do meio de Crosbie Wells era Francis, e Crosbie existe… existiu, ao menos.

Então talvez você estivesse equivocado quanto à identidade do comprador. A diferença entre Francis Wells e C. Francis Wells não é muito grande, devo observar.

— Que história é essa de C? — disse Lauderback.

— Eu examinei uma cópia da escritura de venda que foi encaminhada — disse Gascoigne. — Foi assinada por um tal C. Francis Wells.

— Certamente *não* foi!

— Infelizmente, creio que sim — disse Gascoigne.

— Então foi adulterada — disse Lauderback. — Foi adulterada depois do fato.

Gascoigne abriu o envelope em sua mão e extraiu dele a fatura de venda.

— Numa primeira inspeção, acreditei ler meramente “Francis Wells”. Foi somente quando me inclinei mais perto que vi a outra letra ligada, à mão, à letra F.

Lauderback olhou para ela, franziu o cenho e olhou mais perto — e então um profundo rubor tomou conta de suas bochechas e seu pescoço.

— À mão ou não — disse ele —, C ou não, essa escritura de venda foi assinada pelo canalha Francis Carver. Eu o vi assinando com meus próprios olhos!

— A transação teve testemunhas?

Lauderback nada disse.

— Se a transação não teve testemunhas, então será sua palavra contra a dele, senhor Lauderback.

— Será a verdade contra a mentira!

Gascoigne declinou responder a isso. Ele devolveu o contrato ao envelope e alisou-o sobre o joelho.

— É uma armação — disse Lauderback. — Vou levá-lo a julgamento. Vou esfolá-lo vivo.

— Sob que acusação?

— Falsos pretextos, é claro — disse Lauderback. — Falsa identidade. Fraude.

— Temo que a evidência seja usada contra você.

— Oh, você teme que isso aconteça?

— A lei não tem fundamentos para refutar a assinatura dele — disse Gascoigne, alisando o envelope uma segunda vez —, porque nenhuma outra documentação que sobreviveu ao senhor Crosbie Wells, oficialmente ou de outra maneira, poderá servir como prova de sua caligrafia.

Lauderback abriu a boca; ele parecia prestes a dizer algo, mas então ele a fechou novamente, balançando a cabeça.

— Foi uma armação — disse ele. — Foi tudo uma armação desde o começo!

— Por que pensa que o senhor Carver viu necessidade de usar um pseudônimo com você?

A resposta do político foi surpreendente.

— Eu escavei algumas informações sobre Carver — disse ele. — O pai dele foi uma figura proeminente numa das firmas mercantes britânicas, Dent & Cia. Você pode já ter ouvido falar nele. William Rochfort Carver. Não? Bem, enfim. Em algum momento no começo dos anos 1850, ele dá um navio veleiro ao filho, o *Palmerston*, e o filho passa a comerciar artigos chineses de e para Cantão, sob a bandeira da Dent & Cia. Carver é ainda jovem. Ele está sendo mimado, na realidade, sendo designado capitão de um navio assim tão cedo. Bem, eis o que descobri. Na primavera de 1854, o *Palmerston* é vistoriado ao sair do porto de Sydney… apenas um procedimento rotineiro… e verifica-se que Carver está em falta com a lei, por vários motivos. Evasão fiscal, falta de declaração e uma pilha de outras contravenções. Todas elas pequenas o suficiente para um juiz lhes fazer vista grossa, mas as acusações vêm todas duma só vez; quando surgem empilhadas assim, a lei tem que punir. Ele recebe a pena de dez anos em Cockatoo, e nada menos que dez anos de servidão penal. Uma verdadeira desonra. O pai fica furioso. Revoga o navio, deserda o filho e, para arrematar, garante que o nome dele fique manchado em toda doca e todo estaleiro no Pacífico Sul. Quando Francis Carver sai do cárcere, possui uma reputação tão boa quanto a do capitão Kidd,[14] pelo menos entre os marujos. Nenhum proprietário quer lhe arrendar um navio, e nenhuma tripulação quer acompanhá-lo.

— E por isso ele assume um pseudônimo.

— Exatamente — disse Lauderback, recostando-se.

— Estou curioso em saber por que ele assumiu um pseudônimo somente com *você* — disse Gascoigne suavemente. — Ele não parece ter assumido o nome Wells em nenhum outro contexto, salvo quando comprou esse navio. Ele se apresentou a mim, por exemplo, como “senhor Francis Carver”.

Lauderback fitou-o.

— Você leu os jornais — disse ele. — Não me faça explicar. Já pedi desculpas em público: não o farei de novo.

Gascoigne inclinou a cabeça.

— Ah — disse ele. — Carver assumiu o pseudônimo “Francis Wells” a fim de explorar a sua antiga ligação com a senhora Wells.

— Isso mesmo — disse Lauderback. — Ele disse ser irmão de Crosbie. Contou-me que queria resolver uma pendência em nome dele… por eu ter conspurcado a esposa de seu irmão. Foi uma tática de intimidação, e funcionou.

— Entendo — disse Gascoigne, perguntando-se por que Lauderback não havia explicado isso tão sensatamente a Thomas Balfour dois meses antes.

— Veja — disse Lauderback —, estou sendo franco com você, senhor Gascoigne, e lhe estou dizendo que a lei está do meu lado. O rompimento de Carver com o pai é notoriamente conhecido. Ele teve mil provocações para assumir um pseudônimo. Ora, posso até mesmo convocar o testemunho do pai, caso seja necessário. O que Carver pensaria *disso*?

— Nada muito lisonjeiro, devo imaginar.

— Nada — exclamou Lauderback. — De fato, nem um pouco lisonjeiro!

Gascoigne aborreceu-se com isto.

— Bem, desejo-lhe sorte, senhor Lauderback, em levar o senhor Carver à Justiça — disse ele.

— Poupe-me de paliativos — retrucou Lauderback. — Seja franco comigo.

— Como queira — disse Gascoigne, dando de ombros. — Você sabe, sem que eu precise lhe dizer, que uma prova de que houve provocação não constitui evidência. Um homem não pode ser condenado simplesmente porque se pode provar que ele teve boas razões para cometer o crime em questão.

Lauderback se eriçou.

— Duvida de minha palavra?

— Não, de fato — disse Gascoigne.

— Apenas pensa que meu caso é fraco. Pensa que não tenho ganas de sustentá-lo.

— Sim. Penso que seria muito imprudente levar esta matéria à Corte — disse Gascoigne. — Perdoe-me falar de maneira tão contundente. Mas você tem minha compaixão em relação aos seus problemas, é claro.

Porém Gascoigne não sentia compaixão alguma por Alistair Lauderback. Ele tendia a reservar essa emoção às pessoas menos privilegiadas que ele próprio, e, embora tivesse consciência de que a atual situação de Lauderback era lamentável, ele considerava que a riqueza e eminência do político eram grande consolo para quaisquer que fossem as inconveniências enfrentadas no curto prazo pelo homem. Na verdade, suportar uma nódoa de injustiça poderia fazer bem a Lauderback! Poderia melhorá-lo como político, pensou Gascoigne — que era, pelo menos em suas adjudicações privadas, um tanto quanto autocrata.

— Vou esperar pelo Magistrado — disse Lauderback. — Ele me dará razão.

Gascoigne meteu o envelope no casaco, próximo dos cigarros.

— Vejo que Carver está agora tentando retirar os fundos de seu esquema de proteção e indenização, a fim de financiar as dívidas a que se sujeitou ao despojar-se dos destroços do naufrágio.

— Correto.

— E que você deseja recusar-lhe o acesso ao seu dinheiro.

— Correto, também.

— Com base em que fundamentos?

Lauderback ficou assaz rubro.

— Com base em que fundamentos? — gritou ele. — O homem me enganou, senhor Gascoigne! Ele estava planejando isso desde o começo! Você é um tolo, se pensa que não vou revidar! É isso que está me dizendo? Para eu não revidar?

— Senhor Lauderback — disse Gascoigne —, eu não ouso dar-lhe nenhum tipo de conselho. O que observo é que nenhuma lei parece ter sido infringida. Em sua carta ao senhor Garrity, o senhor

Carver deixou muito claro que está agindo em benefício do senhor Wells, pois o senhor Wells, como sabe, está morto. Para todos os efeitos, Carver está meramente agindo caridosamente, ao resolver pendências como procurador do proprietário do navio, porque o proprietário não é capaz de fazê-lo ele mesmo. Não vejo nenhuma evidência que possa usar para contestar isso.

— Mas não é a *verdade*! — explodiu Lauderback. — Crosbie Wells nunca comprou aquele navio! Francis Carver assinou aquele maldito contrato usando o nome de outro homem! É um caso de falsificação, pura e simplesmente!

— Infelizmente, creio que isso será difícil de provar — disse Gascoigne.

— Por quê? — disse Lauderback.

— Porque, como já lhe contei, não há prova da verdadeira assinatura de Crosbie Wells — disse Gascoigne. — Não havia nenhum tipo de documento no chalé, e sua certidão de nascimento e sua patente de mineração não se encontram em lugar algum.

Lauderback abriu a boca para fazer uma retaliação e novamente pareceu mudar de ideia.

— Oh — disse Gascoigne, subitamente. — Acabo de pensar em algo.

— O quê? — disse Lauderback.

— A certidão de casamento — disse Gascoigne. — Ela portaria uma assinatura dele, não?

— Ah — disse Lauderback. — Sim.

— Mas, não — disse Gascoigne, mudando de ideia —, não seria suficiente: para provar a falsificação da caligrafia de um homem morto, seria preciso mais de um exemplar de sua assinatura.

— De quantas se precisaria? — disse Lauderback.

Gascoigne deu de ombros.

— Não estou familiarizado com a legislação — disse ele —, mas imagino que seriam precisos vários exemplares da verdadeira assinatura a fim de provar as anomalias da assinatura falsa.

— Vários exemplares — ecoou Lauderback.

— Bem — disse Gascoigne, levantando-se —, espero, pelo seu bem, que encontre alguma coisa, senhor Lauderback; mas

entrementes, temo que eu esteja legalmente obrigado a cumprir a instrução do senhor Garrity e levar esses documentos ao banco.

Φ

Após deixar o Wayfarer's Fortune, o capelão não acompanhou Anna Wetherell diretamente ao tribunal. Ele a levou em vez disso ao Garrick's Head Hotel, onde pediu uma porção de torta de peixe — o eterno número especial do almoço — e um jarro de limonada. Dirigiu Anna para que se sentasse, pôs o prato de comida diante dela e apelou que comesse, o que ela fez obedientemente, e em silêncio. Assim que seu prato estava limpo, ele empurrou a bebida açucarada sobre a mesa e disse:

— Onde está o senhor Staines?

Anna não pareceu surpreendida por esta pergunta. Ela pegou o copo, bebericou-o, crispou-se devido à doçura e então ficou calada por um momento, observando-o.

— No interior — disse ela finalmente. — Em algum lugar do interior. Não sei exatamente onde.

— A norte ou a sul daqui?

— Eu não sei.

— Ele está sendo mantido contra a vontade?

— Eu não sei.

— Você *sabe* — disse Devlin.

— Não — disse Anna. — Eu não o vejo desde janeiro, e não faço ideia de por que ele desapareceu daquela maneira. Eu sei apenas que ele ainda está vivo e está em algum lugar no interior.

— Sabe, porque você vem recebendo mensagens. Dentro de sua cabeça.

— "Mensagens" não é a maneira correta de descrevê-las — disse Anna. — Eu me equivoquei. É mais como se fosse… uma sensação. Como quando você tenta se lembrar de um sonho que teve, e consegue se lembrar da forma dele, do significado dele, mas de nenhum detalhe, de nada seguramente. E quanto mais tenta se lembrar, mais nebuloso se torna.

Devlin franzia o cenho.

— Então, você tem uma "sensação".

— Sim — disse Anna.

— Você tem uma sensação de que o senhor Staines está em algum lugar no interior e de que ele está vivo.

— Sim — disse Anna. — Não consigo lhe dar nenhum detalhe. Sei que é em algum lugar lamacento. Ou frondoso. Algum lugar perto da água, que, contudo, não é na praia. A água corre rapidamente. Sobre pedras… Veja só, assim que tento pôr em palavras, tudo se me escapa.

— Isso soa muito vago, minha querida.

— Não é vago — disse Anna. — Tenho certeza disso. Assim como quando se está certo de ter sonhado… você *sabe* ter sonhado… mas não consegue se lembrar de nenhum dos detalhes.

— Há quanto tempo vem tendo essas "sensações"? Esses sonhos?

— Somente desde que parei de me prostituir — disse Anna. — Desde meu apagão.

— Desde que Staines desapareceu, em outras palavras.

— Quatorze de janeiro — disse Anna. — Foi essa a data.

— São sempre as mesmas… a água, a lama? Sempre o mesmo sonho?

— Não.

Ela não dissertou e, para urgi-la, Devlin disse:

— Bem, o que mais?

— Oh — disse ela, constrangida. — Apenas sensações, realmente. Fragmentos. Impressões.

— Impressões de quê?

Ela olhou para longe dele.

— Impressões de mim — disse ela.

— Infelizmente creio não ter compreendido.

Ela virou a mão.

— O que ele pensa de mim. O senhor Staines, digo. O que ele sonha, quando me imagina.

— Você vê a si mesma… mas através dos olhos dele.

— Sim — disse Anna. — Exatamente.

— Disso devo deduzir que o senhor Staines a tem em muito alta conta?

— Ele me ama — disse ela, e então, após um momento, ela disse novamente — Ele me ama.

Devlin a estudou criticamente.

— Entendo — disse ele. — Ele fez uma confissão de seu amor?

— Não — disse Anna. — Ele não precisa. Eu sei que me ama, mesmo assim.

— Você tem essas sensações frequentemente?

— Muito frequentemente — disse ela. — Ele pensa em mim o tempo todo.

Devlin assentiu. A situação enfim se tornava clara para ele, e, ante essa clareza raiando, seu coração afundava no peito.

— Você está apaixonada pelo senhor Staines, senhorita Wetherell?

— Nós conversamos sobre isso — disse ela. — Na noite em que ele sumiu. Estávamos falando bobagens, e eu disse algo tolo sobre amor não correspondido, e ele se tornou muito sério, me deteve, me disse que não era possível existir amor não correspondido; que, portanto, não seria amor. Ele disse que o amor deve ser dado livremente e livremente recebido, de modo que os amantes, ao se unirem, façam as metades iguais de algo único.

— Um sentimento ardoroso — disse Devlin.

Isso pareceu aprazê-la.

— Sim — disse ela.

— Mas ele não declarou seu amor por você, depois disso.

— Ele não fez nenhum voto. Eu já disse.

— Nem você o fez.

— Eu nunca tive oportunidade — disse ela. — Isso foi na noite em que ele desapareceu.

Cowell Devlin suspirou. Sim, ele finalmente compreendia Anna Wetherell, mas não era uma compreensão feliz. Devlin conhecera muitas mulheres com perspectivas desditosas e recursos limitados, cujo único meio de sair da miserável jaula de sua infeliz circunstância era o voo da fantasia. Tais fantasias eram invariavelmente mágicas — proteção angélica, convites ao Paraíso —, e a história de Anna, por mais pungente que fosse, demonstrava a mesma distorção para o mundo do impossível. Ora, era dolorosamente claro! O solteiro mais cobiçado dentre os conhecidos de Anna possuía um amor tão profundo e puro que todas as respectivas diferenças entre eles tornavam-se imateriais? Ele não

estava morto — apenas desaparecido? Ele estava enviando-lhe "mensagens" que provavam a intensidade de seu amor — e essas eram mensagens que somente *ela* podia ouvir? Era uma fantasia, pensou Devlin. Era uma fantasia criada pela própria garota. O rapaz só podia estar morto.

— Você deseja que o senhor Staines a ame muito, não deseja, senhorita Wetherell?

Anna pareceu ofendida por esta implicação.

— Ele me ama.

— Não foi essa minha pergunta.

Ela estreitou os olhos em sua direção.

— Toda pessoa deseja ser amada.

— Isso é uma grande verdade — disse Devlin, com pesar. — Todos queremos ser amados… e precisamos ser amados, penso eu. Sem amor, não podemos ser quem somos.

— Você é parecido com o senhor Staines.

— Sou?

— Sim — disse Anna. — Isso é exatamente o tipo de coisa que ele diria.

— O seu senhor Staines é um bocado filosófico, senhorita Wetherell.

— Ora, reverendo — disse Anna, sorrindo de repente —, creio que acaba de fazer um elogio a si mesmo.

Eles não falaram por um momento. Anna bebericou novamente sua bebida açucarada, e Devlin, introspectivo, varreu a sala de jantar do hotel com o olhar. Após um momento, a mão de Anna alcançou o seio, onde a escritura de doação falsificada ainda jazia de encontro à sua pele.

Devlin olhou para ela penetrantemente.

— Você tem muito tempo para reconsiderar — disse ele.

— Eu desejo apenas uma opinião jurídica.

— Você já tem minha opinião clerical.

— Sim — disse Anna. — "Bem-aventurados são os humildes."

Ela pareceu arrepender-se imediatamente dessa desfaçatez; uma vermelhidão violenta espalhou-se em seu rosto e no pescoço, e ela virou para o lado. Subitamente, Devlin não queria mais nada

com ela. Ele empurrou a cadeira da mesa e pôs as mãos nos joelhos.

— Vou acompanhá-la à porta do tribunal, mas não além dela — disse ele. — O que você vai fazer com o documento em sua posse não é mais assunto meu. Saiba que não vou mentir para defendê-la. Eu certamente não vou mentir num tribunal de Justiça. Caso alguém me pergunte, não hesitarei em dizer a verdade, ou seja, que você forjou a assinatura com as próprias mãos.

— Tudo bem — disse Anna, levantando-se. — Muito obrigado pela torta. E pela limonada. E obrigada por tudo o que disse à senhora Wells.

Devlin levantou-se também.

— Não deve me agradecer por isso — disse ele. — Deixei minha têmpera me dominar, infelizmente. Eu não estava no meu melhor momento.

— Você foi maravilhoso — disse Anna, e avançou, pôs a mão nos ombros dele e beijou-o muito gentilmente na bochecha.

Φ

No momento em que Anna Wetherell chegou ao tribunal de Hokitika, Aubert Gascoigne já havia partido para o Banco Central, o envelope de John Hincher Garrity aconchegado no bolso interno de seu casaco; Alistair Lauderback igualmente havia muito deixara o edifício. Anna foi recebida por um solicitador de rosto afogueado chamado Fellowes, a quem ela não conhecia. Ele a encaminhou a uma alcova na extremidade do saguão, onde se sentaram cada um a um lado de uma mesa bastante ordinária. Anna entregou-lhe o documento chamuscado sem dizer palavra alguma. O advogado o pôs na mesa diante dele, alinhando-o com a beirada da bancada, e então concheou as mãos sobre os olhos, para lê-lo.

— Onde conseguiu isto? — disse por fim Fellowes, olhando para cima.

— Foi-me dado — disse Anna. — Anonimamente.

— Quando?

— Esta manhã.

— Dado, como?

— Alguém o enfiou debaixo da porta — mentiu Anna. — Enquanto a senhora Wells estava aqui no tribunal.

— Aqui no tribunal, recebendo a notícia de que seu recurso havia sido, por fim, aceito — disse Fellowes, com cética ênfase. Ele voltou ao documento. — Crosbie Wells… Staines é o sujeito de quem ninguém mais ouviu dizer… e a senhorita Wetherell é você. Estranho. Alguma ideia de quem possa ter deixado lá?

— Não.

— Ou por que motivo?

— Não — disse Anna. — Suponho que alguém quisesse me fazer um favor.

— Tem alguém em mente? Se importaria em especular?

— Não — disse Anna. — Apenas quero saber se é válido.

— Parece-me correto — disse Fellowes, espreitando-o. — Mas não é exatamente um cheque em espécie, não é? Não com as coisas nesta situação… oito semanas se passaram, e o senhor Staines ainda está desaparecido.

— Não compreendo.

— Bem. Mesmo que essa escritura *seja* válida, nosso bom amigo senhor Staines não possui mais duas mil libras para doar. Todas as suas posses foram confiscadas, devido à sua ausência. Em vigor desde a última sexta-feira. Ele teria sorte em raspar algumas poucas centenas de tudo o que lhe sobrou.

— Mas a escritura é válida — disse Anna. — Mesmo assim.

O advogado balançou a cabeça.

— O que lhe estou dizendo, minha amiga, é que nosso senhor Staines *não pode* lhe dar duas mil libras… a não ser que, por algum milagre, ele seja encontrado vivo, com uma grande quantia de dinheiro em espécie consigo. Suas concessões de mineração foram repassadas. Adquiridas por outros homens.

— Mas a escritura é válida — disse Anna novamente. — Tem que ser.

O sr. Fellowes sorriu.

— Infelizmente, a lei não funciona bem assim. Pense só. Eu poderia escrever um cheque de mil libras para você agora mesmo, mas, se eu não tivesse nada nos bolsos e ninguém para ser meu fiador, isso não significaria que você estaria mil libras mais rica,

significaria? O dinheiro sempre tem que sair dos bolsos de alguém, e se os bolsos de todos estiverem vazios… bem, assim o é, não importa o que se reivindique.

— O senhor Staines possui duas mil libras — disse Anna.

— Sim… bem, se ele as tivesse, seria outra história.

— Não — disse Anna. — Estou lhe dizendo. O senhor Staines possui duas mil libras.

— Como?

— O ouro encontrado no chalé de Crosbie Wells pertencia a ele.

Fellowes fez uma pausa. Ele a encarou por vários segundos, e então, numa voz deveras diferente, disse:

— Isso pode ser provado?

Anna repetiu o que Devlin lhe contara naquela manhã: que o ouro fora encontrado fundido e inscrito com uma assinatura que identificava a origem do ouro.

— De que mina?

— Não consigo lembrar o nome — disse Anna.

— Quem lhe contou isso?

Ela hesitou.

— Prefiro não dizê-lo.

Fellowes parecia interessado.

— Poderíamos verificar a veracidade disso. A fortuna era, afinal, parte constituinte do espólio de Wells, então deve haver um registro em algum lugar no banco. Eu me pergunto por que isso não veio à tona antes. Alguém no banco deve estar mantendo às escuras, talvez.

— Se for verdade — disse Anna —, isso significa que a fortuna é minha, não significa? Duas mil libras da fortuna pertencem a mim. Pela autoridade dessa folha de papel.

— Senhorita Wetherell — disse Fellowes —, esse tipo de dinheiro não muda de mãos tão facilmente. Temo não ser tão simples quanto escrever um cheque. Mas posso lhe dizer que sua vinda aqui hoje foi fortuitamente cronometrada. O recurso da senhora Wells acabou de ser aceito, e a partilha referente a ela está em processo de ser liberada. Eu posso muito facilmente pôr um

impedimento na reivindicação dela, enquanto resolvemos o que fazer com este seu documento.

— Sim — disse Anna. — Você faria isto?

— Se consentir em me contratar como seu solicitador, farei tudo que puder para ajudar — disse Fellowes, recostando-se. — Minha caução é duas libras semanais, custas inclusas. Cobro adiantado, é claro.

Ela balançou a cabeça.

— Não posso lhe pagar adiantado. Não tenho dinheiro algum.

— Talvez possa pegar algum tipo de empréstimo — disse Fellowes delicadamente, relanceando o olhar para o outro lado. — Infelizmente, sou muito rigoroso nos assuntos de finanças; não abro exceções e não trabalho sob promessas. Não é nada pessoal; veio conforme a experiência, apenas.

— Não posso lhe pagar adiantado — disse Anna novamente —, mas se me fizer este favor, eu poderei triplicar sua caução, quando entrar o dinheiro.

— Triplicar? — Fellowes sorriu gentilmente. — Processos legais frequentemente levam longo tempo, senhorita Wetherell, e algumas vezes não dão resultados: não há garantia alguma de que o dinheiro vai entrar. O recurso da senhora Wells levou dois meses para ser averiguado e, como você mesma mostrou, está ainda longe de ter acabado!

— Triplicado, até um limite de cem libras — disse Anna firmemente —, mas, se saldar os fundos para mim dentro da próxima quinzena, eu lhe pagarei duzentas, em dinheiro vivo.

Fellowes ergueu as sobrancelhas.

— Deus meu — disse ele. — Isso é bastante ousado.

— Veio conforme a experiência — disse Anna.

Mas aqui Anna Wetherell deu um passo em falso. Os olhos do sr. Fellowes se arregalaram e ele se retraiu. Ora, ela era uma prostituta, pensou ele — e então se deu conta de tudo. Esta era a mesma prostituta que tentara dar cabo da própria vida na estrada de Kaniere, no mesmo dia do desaparecimento de Staines e da morte de Wells! Fellowes era novo em Hokitika: ele não conhecia Anna Wetherell de vista e não lhe reconhecera imediatamente o nome.

Fora somente ante sua desavergonhada observação que ele subitamente a reconheceu.

Anna confundira seu aturdimento com uma simples hesitação.

— Concorda com os meus termos, senhor Fellowes?

Fellowes olhou-a de alto a baixo.

— Devo indagar sobre essa suposta fundição no Banco Central — disse ele. Sua voz estava fria. — Se o boato que ouviu foi certeiro, então assinaremos um contrato; se não, então infelizmente não a poderei ajudar.

— É muito gentil — disse Anna.

— Disponha — disse Fellowes, rudemente. — Onde a poderei encontrar, digamos, nas próximas três horas?

Anna hesitou. Ela não poderia retornar ao Wayfarer's Fortune aquela tarde. Ela não tinha dinheiro consigo, mas talvez pudesse pedir a um velho conhecido para pagar-lhe uma bebida em um dos salões ao longo da rua Revell.

— Eu voltarei, apenas — disse ela. — Eu apenas voltarei e o encontrarei aqui.

— Como quiser — disse Fellowes. — Vamos pecar por precaução e dizer, que tal, às cinco horas?

— Cinco horas — disse Anna. Ela estendeu a mão para alcançar o documento chamuscado, mas Fellowes já estava abrindo sua carteira, para deslizar a folha de papel para dentro dela.

— Acho que vou ficar com ela — disse ele. — Pelo menos nesse meio tempo.

Lua crescente em Áries

Em que Te Rau Tauwhare faz uma descoberta surpreendente.

Te Rau Tauwhare estava muito contente saltando de pedra em pedra sobre as águas rasas do rio Arahura, fazendo seu caminho rio abaixo em direção à praia. Ele passara o mês anterior na companhia de um grupo de agrimensores no vale do Engano, e seus bolsos estavam cheios; ademais, naquela manhã ele topara com uma maravilhosa placa de *kahurangi pounamu*, cujo peso fazia sua mochila martelar suas costas a cada passo.

De volta a Mawhera, já seria tempo de cavar do solo a colheita de *kumara*:[15] Tauwhare sabia disso devido à aparência do *Whanui* no céu setentrional, a estrela baixa no horizonte, raiando bem depois da meia-noite e se pondo bem depois da aurora. Seu povo chamava este mês de *Pou-tu-te-rangi*[16] — o pilar que sustentava o céu —, pois à noite *Te Ikaroa* formava um arco lácteo que corria de norte a sul no negro domo do firmamento. Pendia entre *Whanui*, no norte, e *Autahi*, no sul, e atravessava a rubra joia de *Rehua*, diretamente por cima; todas as noites, por um momento, o céu tornava-se uma perfeita bússola, sua agulha, uma listra empoeirada de estrelas. No raiar do *Whanui*, as colheitas seriam tiradas do solo; depois disso, ocorreria o *Paenga-wha-wha*, quando se amontoam os tubérculos sobre as margens dos campos para serem classificados e contabilizados, e então levados aos poços de estocagem e depósitos, para serem empilhados para os meses de inverno à frente. Após o *Paenga-wha-wha*, o ano chegava ao seu fim — ou, como diria o *tohunga*,[17] chegava à “sua morte”.

Ele contornou uma curva no rio, deixou as águas rasas e escalou a margem. O chalé de Crosbie Wells parecia mais abandonado a cada dia que passava. O telhado de ferro enferrujara até adquirir um tom laranja flamejante, e a argamassa passara de branco a verde intenso; o pequeno jardim que Wells plantara viera abaixo fazia muito tempo. Tauwhare caminhou sobre o atalho,

tomando notas pesarosas desses sinais de decadência — e então subitamente estacou.

Havia alguém lá dentro.

Lentamente, Tauwhare aproximou-se, espreitando, por entre a soleira aberta, a penumbra do interior. A figura em questão estava enrolada no chão, morta ou adormecida. Ela jazia sobre os quadris, com os joelhos dobrados próximos do peito e seu rosto virado contra a porta. Tauwhare aproximou-se ainda mais. Viu que o homem estava vestido com casaco e calças, em vez da gabardina de mineiro, e, enquanto Tauwhare observava, o tecido sobre suas costelas se moveram ligeiramente, subindo e descendo com o movimento da respiração. Adormecido, portanto.

Tauwhare atravessou a soleira, cuidando que sua sombra não se sobrepusesse ao corpo do homem e o acordasse. Movimentando-se suavemente, ele se moveu rente à parede atrás dele, para olhar o rosto do dormente. O homem era muito jovem. Seus cabelos estavam sombriamente emaranhados com sujeira e sebo; a pele de seu rosto parecia quase branca, pelo contraste. Seu rosto seria muito formoso, não estivesse tão completamente assolado pela privação. Suas pálpebras estavam sarapintadas de roxo, e havia sombras profundas nas cavidades abaixo de seus olhos. Sua respiração era inquieta e inconstante. Tauwhare relanceou o olhar para o corpo do garoto. Suas vestes se haviam desgastado até quase virarem andrajos, e aparentemente não haviam sido trocadas em muitas semanas, pois estavam endurecidas de lama e pó de todas as variedades. A sobrecasaca, no entanto, havia sido de qualidade um dia — isso era claro —, e a gravata, rija de lama, era igualmente de talhe elegante.

— Senhor Staines? — sussurrou Tauwhare.

Os olhos do rapaz se abriram.

— Oi… — disse ele. — Olá.

— Senhor Staines?

— Sim, sou eu — disse o rapaz, falando numa voz que era alta e muito límpida. Ele levantou a cabeça. — Perdoe-me. Perdoe-me. Esta terra é maori?

— Não — disse Tauwhare. — Há quanto tempo está aqui?

— Não é terra maori?

— Não.

— Eu preciso estar em terra maori — disse o rapaz, debatendo-se até conseguir se sentar. Ele segurava seu braço esquerdo estranhamente sobre o peito.

— Por quê? — disse Tauwhare.

— Eu enterrei algo — disse Staines. — Perto de uma árvore. Mas, para mim, todas as árvores se parecem, e receio ter me metido numa trapalhada. Graças aos céus você chegou… sou-lhe eternamente grato.

— Você desapareceu — disse Tauwhare.

— Por três dias, talvez — disse o rapaz, reclinando-se novamente. — Penso ter sido há três dias. Tenho confundido os dias: pareço não conseguir mantê-los em nenhum tipo de ordem. Nos esquecemos de contar as horas, quando estamos sozinhos. Mas, por favor: poderia dar uma olhada nisso?

Ele puxou a gola da camisa e Tauwhare viu que a obscura sujeira em sua gravata era, na verdade, o pegajoso alcatrão formado por sangue pisado. Havia uma ferida logo acima de sua clavícula, e até mesmo a vários pés de distância Tauwhare podia ver que era uma ferida bastante grave. Começara a se putrefazer. O centro da ferida estava negro, e dela espetavam-se dedos vermelhos em formato de raio. Tauwhare pôde ver pintas negras de queimadura de pólvora, escuras sobre a alvura de seu peito, e deduziu que só poderiam ter sido feitas por um disparo de arma de fogo. Evidentemente, alguém havia atirado em Emery Staines à queima-roupa, já há algum tempo.

— Você precisa de remédios — disse ele.

— Exatamente — disse Staines. — Exato. Você os arranjaria para mim? Eu seria extremamente grato. Mas infelizmente não sei seu nome.

— Meu nome é Te Rau Tauwhare.

— Você é um camarada maori! — disse Staines, piscando, como se o visse pela primeira vez. Seus olhos vacilaram e então focaram-se novamente. — Esta terra é maori?

Tauwhare apontou para o leste.

— Lá em cima é terra maori — disse ele.

— Lá? — Staines olhou para onde Tauwhare apontou. — Por que você está aqui embaixo, então, já que sua terra fica lá em cima?

— Essa é a casa de meu amigo — disse Tauwhare. — Crosbie Wells.

— Crosbie, Crosbie — disse Staines, fechando os olhos. — Ele estava exaurido, não estava? Meu Deus, como bebia, aquele homem. Um pé de cana… os dois pés. Onde ele está, afinal? Foi garimpar?

— Ele está morto — disse Tauwhare.

— Sinto extremamente por ouvir isto — balbuciou Staines. — Que terrível golpe. E você era seu amigo… seu melhor amigo! E Anna… Vai aceitar minhas condolências, espero… Mas já esqueci o seu nome.

— É Te Rau — disse Tauwhare.

— É verdade — disse Staines. — É verdade. — Ele fez uma pausa por um momento, miseravelmente exausto, e então disse: — Você não se importaria em me levar até lá, se importaria, velho camarada? Você se importaria?

— Aonde?

— À terra maori — disse Staines, fechando os olhos novamente. — Veja, enterrei uma boa quantia de ouro em terra maori, e, caso me ajude, não relutaria em lhe dar uma pitada dele. Eu lhe darei o que desejar. O que desejar. Eu me lembro exatamente do lugar: há uma árvore. O ouro está debaixo da árvore. — Ele voltou a abrir os olhos e lançou a Tauwhare um olhar suplicante, embaçado.

Tauwhare tentou novamente.

— Por onde esteve, senhor Staines?

— Estive procurando por meu filão — disse Staines. — Sei que está em território maori… mas não há nada para demarcar território maori, há? Nenhum tipo de cerca para demarcá-lo. Sempre se diz que um homem nunca poderia se perder na costa Oeste, porque há sempre montanhas dum lado e oceano do outro… mas pareço ter me metido numa trapalhada, Te Rau. É Te Rau, não é? Sim. Sim. Eu me perdi.

Tauwhare adiantou-se e ajoelhou-se. De perto, a ferida do homem parecia ainda pior. No miolo do negrume havia uma crosta

espessa, entremostrando-se em meio de um brilho amarelado. Ele estendeu a mão e tocou a pele da bochecha de Staines, tirando-lhe a temperatura.

— Está com febre — disse ele. — A ferida está muito ruim.

— Não contava com isto — disse Staines, fitando-o. — Recém-saído do barco, lá estava eu, ainda verde. Nada salta mais aos olhos que a ingenuidade, num homem. Não contava com isto. Céus, você de fato é uma tremenda visão para olhos doloridos! Sinto terrivelmente por essa desordem. Sinto terrivelmente por seu colega Crosbie. Realmente sinto muito. Que tipo de remédio disse mesmo que tinha?

— Vou trazê-lo a você — disse Tauwhare. — Você, espere aqui. — Ele não se sentia esperançoso. O rapaz não raciocinava direito e estava doente demais para caminhar até Hokitika com as próprias pernas; seria necessário carregá-lo numa padiola ou numa carroça, e Tauwhare havia visto o hospital de Hokitika o bastante para concluir que os homens iam lá para morrer, não para serem curados. O lugar era coberto com lona e emparedado com as mais ordinárias tábuas; o amargo vento do Tasman soprava por entre as fendas do assoalho, provocando uma nova cacofonia de tosses e arquejos a cada lufada. Fedia a imundície e moléstia. Não havia água fresca e lençóis limpos, e apenas uma enfermaria. Os pacientes eram obrigados a dormir em leitos próximos um dos outros, e até mesmo dividir uma cama, às vezes.

— Meio a meio — dizia o rapaz. — Parecia suficiente para mim. Metade para você, metade para mim. Que tal? — ele diz. Virando parceiros.

De cabeça, Tauwhare calculava a distância. Ele poderia alcançar Hokitika se andasse rápido, alertar o dr. Gillies, alugar uma carroça ou algum tipo de carriola e voltar, na melhor das hipóteses, dentro de três horas… Mas três horas seriam rápido o suficiente? O rapaz sobreviveria? A irmã de Tauwhare morrera de febre, e em seus dias finais ela estava num estado muito parecido com o de Staines — olhos brilhantes, ao mesmo tempo astutos e frouxos, cheia de palavras sem sentido e desordenadas. Se ele o deixasse, arriscava a vida do rapaz. Mas que podia fazer, se decidisse ficar?

Subitamente resoluto, ele curvou a cabeça para dizer uma *karakia* pela recuperação do rapaz.

— *Tutakina i te iwi* — disse ele —, *tutakina i te toto. Tutakina i te iko. Tutakina i te uaua. Tutakina kia u. Tutakina kia mau. Tenei te rangi ka tutaki. Tenei te rangi ka ruruku. Tenei te papa ka wheuka. E rangi e, awhitia. E papa e, awhitia. Nau ka awhi, ka awhi.*

Ele levantou a cabeça.

— Isso é um poema? — disse Staines, encarando-o. — Que significa?

— Eu pedi que sarasse sua ferida — disse Tauwhare. — Agora, vou buscar remédio. — Ele removeu sua mochila, pegou seu cantil e pressionou-o nas mãos do rapaz.

— É a fumaça? — disse o rapaz, estremecendo ligeiramente. — Eu mesmo nunca toquei na coisa, mas como se agarra à pessoa… como um espinho em cada um dos seus dedos, e uma corda em volta do seu coração… sentindo-os sempre. Enervante. Enervante. Você me daria uma golfada da fumaça. Acredito que daria. Você é um camarada decente.

Tauwhare despiu seu casaco de lã e estendeu-o sobre as pernas do rapaz.

— Até que eu encontre essa árvore no território maori — prosseguiu o rapaz. — Você poderá ter quantas onças desejar. Contudo, é da coisa boa que estou atrás. Você está indo ver o boticário? Pritchard tem minha consideração. Pritchard é bom. Pergunte a ele. Nunca antes toquei num cachimbo.

— Isto é água — disse Tauwhare, apontando para o cantil. — Beba.

— Quão extraordinariamente gentil — disse o rapaz, fechando os olhos de novo.

— Você fique aqui — disse Tauwhare firmemente. Ele parou. — Eu vou a Hokitika e direi aos outros onde você se encontra. Devo voltar muito em breve.

— Somente um pouco da coisa boa — disse Staines, enquanto Tauwhare deixava o chalé. Seus olhos ainda estavam fechados. — E depois que você voltar, nós vamos meter o nariz em todo aquele ouro. Ou começaremos com a fumaça… sim. Faça-o direito. Que amor não correspondido é essa sede! Mas será amor, quando não é

correspondido? Deus meu. Remédio, diz ele. E ele é um camarada maori!

Marte em Aquário

Em que Sook Yongsheng visita alguém conhecido, e Francis Carver dispensa alguns conselhos.

Após realizar sua aquisição, a cinco libras, na Brunton, Solomon & Barnes naquela manhã, Sook Yongsheng começou imediatamente a se esconder. O lojista que carregara sua pistola ficara muito abertamente desconfiado de suas intenções, embora houvesse aceitado a nota de papel de Ah Sook sem se queixar: ele seguira Ah Sook até a porta do estabelecimento, para vê-lo partir, e Ah Sook duas vezes olhou sobre os ombros, para vê-lo parado, carranqueando para ele. Um homem chinês adquirindo um revólver com dinheiro vivo, despejando esse dinheiro vivo duma só vez, recusando-se a pagar mais que exatas cinco libras pelo item e solicitando que se carregasse a arma na loja? Esse não era o tipo de suspeita que se guardava para si. Ah Sook sabia muito bem que, quando alcançasse a esquina das ruas Weld com Tancred, o boato começaria a se alastrar, e rapidamente. Ele precisava encontrar um lugar para se esconder até o pôr do sol, quando então se arriscaria, sob a cobertura da escuridão, a ir ao derradeiro quarto do andar térreo do Crown Hotel.

Em Hokitika não havia ninguém em quem Ah Sook confiasse bastante para pedir ajuda. Certamente, não Anna: não mais. Nem Mannering. Nem Pritchard. Ele não estava em bons termos com nenhum dos outros homens do conselho no Crown, exceto Ah Quee, que, é claro, estaria em Kaniere, escavando o solo. Por um momento ele considerou tomar um quarto em um dos mais degradantes hotéis no lado oriental da cidade, talvez até mesmo pagando adiantado pela semana, para disfarçar suas motivações… mas nem mesmo lá ele poderia garantir anonimato; não podia garantir que os proprietários não o entregassem. Sua presença em Hokitika numa manhã de segunda-feira saltava à vista, mesmo sem os falatórios. Era melhor não confiar na discrição alheia, pensou ele.

Resolveu, em vez disso, levar sua pistola até a alameda que corria paralela entre as ruas Revell e Tancred. A alameda formava um passeio público esburacado entre os lotes posteriores dos armazéns e hotéis da rua Revell, que davam para o oeste, e os lotes posteriores das cabanas da rua Tancred, que defrontavam o leste. Havia grande ensejo para camuflagem, e a alameda era central o suficiente para permitir pontos de entrada e saída de todos os lados. O melhor era que o espaço era frequentado apenas intermitentemente pelos comerciantes e bilheteiros postais que serviam os hotéis.

No lote atrás de um mercador de vinho e bebidas, Ah Sook achou um lugar para se esconder. Um pedaço de ferro corrugado estava escorado contra uma edícula, criando uma espécie de telheiro, aberto de ambos os lados. Da alameda, blindava-se com um arbusto de linho-da-nova-zelândia, e da retaguarda do armazém do mercador, com a bomba-d'água da edícula. Ah Sook rastejou para dentro do espaço triangular e sentou-se, de pernas cruzadas. Ele ainda estava sentado dessa forma três horas depois, quando o sr. Everard saiu pela rua Revell anunciando aos pregoeiros a notícia de que George Shepard emitira um mandado para a captura de um homem chinês.

Às palavras do sr. Everard, um calafrio percorreu o corpo de Ah Sook. Agora ele podia ter certeza de que Francis Carver fora avisado. Mas Ah Sook tinha uma vantagem, da qual Carver não podia — não *conseguiria* — suspeitar: graças à confidência de Walter Moody, ele sabia exatamente onde encontrar Carver, e quando. Com ou sem mandado, George Shepard ainda não o havia capturado! Ah Sook ficou atento até que se extinguisse o rumor na rua Revell, e então, ligeiramente sorridente, fechou os olhos.

— O que está fazendo aí embaixo?

Ah Sook sobressaltou-se. Parado de pé sobre ele, a mão na porta da edícula, estava um jovem imundo de talvez vinte e cinco anos, vestindo um agasalho de estopa e uma camisa sem colarinho.

— Não é permitido ficar agachado aí, sabia — disse o jovem, franzindo o cenho. — Isso é propriedade privada. Pertence ao senhor Chesney. Não pode simplesmente se aninhar onde quer.

Outra voz, vinda do armazém:

— Com quem está falando, Ed?

— Tem um china… sentado aqui, apenas. Ao lado da edícula.

— Um o quê?

— Um chinês.

— Ele está usando a edícula?

— Não — gritou o jovem. — Está apenas sentado ao lado dela.

— Bem, diga a ele que dê o fora.

— Dê o fora — disse o jovem, dando em Ah Sook uma leve cutucada com a biqueira de sua bota. — Dê o fora daqui. Não pode ficar.

A voz do armazém gritou novamente.

— O que disse mesmo que ele estava fazendo, Ed?

— Nada — gritou de volta o jovem. — Apenas sentado. Ele tem uma pistola.

— Uma o quê?!

— Eu disse que ele tem uma pistola.

— Que faz com ela?

— Nada. Não está arranjando confusão nenhuma, até onde consigo avaliar.

Uma pausa. Então:

— Ele foi embora?

— Dê o fora — disse Ed novamente a Ah Sook, gesticulando. — Vá *embora*.

Enfim incitado a agir, Ah Sook se esgueirou de debaixo do ferro corrugado e apressou-se para fora — sentindo nas costas os olhos confusos do jovem, ao fazê-lo. Ele se agachou atrás de um varal de roupas e adentrou os estábulos recendendo a aveia na retaguarda do Hotel Imperial, mantendo sua cabeça abaixada e sua pistola apertada estreitamente contra o peito. Acima do rinchar e do trotar dos cavalos, ele podia ouvir que os dois homens ainda gritavam de lá para cá, discutindo sobre ele. Sabia que dentro em pouco ele seria perseguido; precisava se esconder, e rápido, antes que alguém soasse o alarme. Ah Sook correu até o fim das baias e espreitou por cima da janela. Olhou ao longo da fileira de lotes, e as cozinhas improvisadas sob telheiros, as cortinas de baeta para os serviçais, as latrinas, as fossas para dejetos. Onde ele estaria mais seguro? Seu olhar repousou sobre a pequena aglomeração de

edifícios que formava o acampamento de polícia, e entre eles, sobre o chalé de madeira no qual vivia George Shepard. Seu coração sofreu um súbito solavanco. “Ora, por que não?”, pensou ele, repentinamente audacioso. “É o último lugar em Hokitika no qual pensariam me encontrar.”

Atravessou a pequena trilha entre os estábulos e a cerca do acampamento de polícia, caminhou até a porta da cozinha de George Shepard e bateu nela agudamente. Enquanto esperava um retorno, olhou furtivamente ao seu redor, mas a ruela estava deveras vazia e não havia ninguém nos quintais de ambos os lados de onde ele se encontrava. A não ser que alguém o estivesse vigiando de dentro de um dos hotéis — o que era possível, com o vidro texturizado blindando toda vista externa —, ninguém podia vê-lo parado à sombra do telheiro de George Shepard, de pistola na mão.

— Quem é? — soou uma voz de mulher através da porta. — Quem é?

— É para Margaret — disse Sook Yongsheng, deitando a boca mais perto da madeira.

— Quem?

— Para Margaret Shepard.

— Mas quem é? Quem visita?

Pareceu-lhe que a boca da mulher estava também muito próxima da madeira; talvez ela estivesse ainda mais inclinada, do outro lado.

— Sook Yongsheng — disse ele. E então, no subsequente silêncio: — Por favor.

A porta se abriu, e lá estava ela.

— Margaret — disse Ah Sook, cheio de sentimento. Ele fez uma mesura.

Apenas quando se levantou da mesura, permitiu-se avaliá-la. Tal qual Lydia Wells, ela também parecia praticamente inalterada desde seu último encontro, no tribunal de Sydney, quando ela apareceu para dar o testemunho — seu falso testemunho! — que havia salvado a vida dele. Seus cabelos agora exibiam uma mecha prateada no meio e haviam se tornado quebradiços, de modo que os poucos tufos que escapavam da sua touca formavam uma névoa

sobre sua cabeça. Afora esse trivial sinal de envelhecimento, suas feições pareciam mais ou menos as mesmas: os mesmos olhos assustadiços e úmidos; os mesmos dentes salientes; o mesmo nariz quebrado, amplo na base; os mesmos lábios manchados; o mesmo olhar de temeroso sobressalto e apreensão. Quanto se agita a memória, ante a visão de um rosto familiar! Num só repente, Ah Sook pôde vê-la sentada na cadeira da testemunha, cruzando cuidadosamente no colo as mãos enluvadas, piscando os olhos ao promotor, tossindo duas vezes num lencinho, enfiando-o na manga do vestido, dobrando novamente as mãos. Contando uma mentira, para salvar a vida dele.

Ela o encarava. Então, silvou:

— O que *diabos*… — e deu uma risada que era quase um soluço. — Senhor Sook… o quê… o que *diabos*…? Há um mandado para capturá-lo… sabia disso? George anunciou um mandado!

— Posso entrar? — disse Ah Sook. Ele segurava a pistola contra o quadril, com seu corpo meio virado, para escondê-la: Margaret ainda não a tinha visto.

Uma rajada de vento soprou entre a porta aberta enquanto ele falava, fazendo com que as paredes internas do chalé se arrepiassem e farfalhassem. O vento visivelmente movia-se sobre o calicô esticado.

— Rápido — disse ela. — Rápido, agora!

Ela o puxou para dentro do chalé e fechou a porta.

— Por que veio? — sussurrou ela.

— Você ser mulher muito gentil, Margaret.

Seu rosto se crispou.

— Não — disse ela. — Não.

Ah Sook fez que sim com a cabeça.

— Você ser muito gentil.

— Você me coloca numa situação horrível — sussurrou ela. — Que dizer sobre não avisar George? Eu *devo*! Há um mandado para você… e eu não fazia ideia, senhor Sook. Não fazia nem ideia de que você estava aqui, antes dessa manhã. Por que veio?

Ah Sook, movendo-se lentamente, tirou a pistola de trás das costas.

Ela levou a mão à boca.

— Você vai me esconder — disse ele.

— Não posso — disse a sra. Shepard, ainda com a mão sobre a boca. Ela encarou o revólver. — Não sabe o que está pedindo, senhor Sook.

— Você vai me esconder, até a noite — disse Ah Sook. — Por favor.

Ela exercitou um pouco a boca, como se roesse a palma da mão, e então tirou a mão e disse:

— Aonde você vai quando escurecer?

— Tirar a vida de Carver — disse Ah Sook.

— Carver…

Ela gemeu e saiu de perto dele a passos rápidos, abanando a mão, como se instando-o a esconder da vista a arma.

Ah Sook não se mexeu.

— Por favor, Margaret.

— Eu nunca sonhei em vê-lo novamente — disse ela. — Eu nunca *sonhei*…

Ela foi interrompida. Ouviu-se uma batida aguda na porta: na porta dianteira, desta vez, na outra extremidade do chalé.

O fôlego de Margaret Shepard ficou travado na garganta; por um instante, Ah Sook temeu que ela fosse regurgitar. Então ela avançou nele, empurrando-lhe o peito com ambas as mãos.

— Vá — sussurrou ela, desvairada. — Vá para o quarto. Meta-se embaixo da cama. Saia da vista. Vá. Vá. *Vá*!

Ela o empurrou para o quarto que dividia com o carcereiro. Era mantido muito asseadamente, com duas arcas de gavetas, uma cama com armação de ferro e uma única estampa bordada, grampeada à moldura acima da cabeceira. Ah Sook não tinha tempo para olhar ao redor. Ele caiu de joelhos e resvalou para debaixo da cama, ainda com a pistola na mão. A porta se fechou; o quarto escureceu. Ah Sook ouviu passos no corredor, e então o som de um ferrolho sendo levantado. Ele virou-se para o lado. Através da parede de calicô a seu lado surgiu um retângulo de luminosidade, e uma silhueta de negridão avançou para dentro dele, obscurecendo o centro. Ah Sook sentiu o súbito frio do vento.

— Boa tarde, senhora Shepard. Estou procurando por seu marido. Ele está em casa?

Ah Sook enrijeceu. Ele conhecia aquela voz.

Margaret Shepard devia ter balançado a cabeça, porque Francis Carver disse:

— Saberia dizer onde ele pode ser encontrado?

— No sítio de construção, senhor. — Ela balbuciou pouco mais que um sussurro.

— Em Seaview, sim?

— Sim, senhor.

Ah Sook abraçou a Kerr Patent com ambas as mãos. Nada seria mais fácil que resvalar de debaixo da cama, levantar-se e pressionar o cano na parede. O cartucho rasgaria as paredes de calicô como se elas não existissem. Mas como ele poderia assegurar de que não feriria a sra. Shepard? Ele olhou para a mancha de escuridão, tentando estimar onde a sombra de Carver terminava e a da sra. Shepard começava.

— O alarme foi dado — dizia Carver. — Shepard acaba de emitir um mandado. Nosso velho amigo Sook está na cidade. Armado e à solta.

A esposa do carcereiro não disse nada. No quarto, Ah Sook começou a sair de debaixo da cama.

— É de mim que ele está à procura — disse Carver.

Nenhuma resposta: talvez ela houvesse apenas assentido.

— Bem, seu marido me fez grande favor, ao soar o alarme — prosseguiu Carver. — Faça-o saber que o agradeço.

— Eu o farei.

Carver pareceu demorar-se.

— Estão dizendo que ele está em Hokitika desde o final do ano passado — disse ele. — Nosso amigo em comum. Você deve tê-lo visto.

— Não — sussurrou ela.

— Você nunca o viu? Ou nunca soube?

— Nunca soube — disse ela. — Não antes de… não antes desta manhã.

No quarto, ainda com a pistola apontada para a sombra no calicô, Ah Sook pôs-se de joelhos, e em seguida de pé. Começou a aproximar-se da parede. Se ele mirasse a pistola de lado — se ele atirasse obliquamente, em vez de para frente…

— Bem, George sabia — dizia Carver. — Ele sabia já há algum tempo. Manteve vigilância sobre o homem. Ele não lhe contou?

— Não — sussurrou a sra. George.

Outra pausa.

— Posso imaginar — disse Carver.

Ah Sook havia alcançado o batente de madeira da soleira do quarto. Estava, talvez, a seis pés de distância do retângulo de luminosidade que era a porta da frente; o duplo revestimento de calicô era tudo que se encontrava entre ele e Francis Carver. Carver estaria armado? Não havia meio de dizer, salvo abrindo a porta e confrontando-o cara a cara — mas, caso fizesse isso, perderia preciosos segundos, e também a vantagem da surpresa. Ainda assim, não ousava atirar, por medo de machucar a sra. Shepard. Ele espreitou os formatos no tecido, tentando ver onde estava a mulher. A porta tinha sido aberta para a esquerda ou para a direita?

O negrume da sombra no calicô pareceu crescer ligeiramente.

— Você passou toda a vida pagando por isso — disse Carver. — Não passou?

Silêncio.

— E nunca é o bastante.

Silêncio.

— Ele não quer sua penitência — disse Carver. — Grave minhas palavras, senhora Shepard. Sua penitência não é o que ele quer. Ele quer algo que pode tirar por conta própria. George Shepard quer vingança.

A sra. Shepard finalmente falou.

— George abomina a ideia de vingança — disse ela. — Ele a considera bestial. Ele diz que a vingança é um ato de inveja, não de justiça.

— Ele está certo — disse Carver. — Mas todos têm inveja de alguma coisa.

A mancha de sombra na soleira esvaneceu e dissolveu-se, e Ah Sook ouviu os passos de Carver retrocederem. A porta do chalé se fechou e ouviu-se um tilintar, quando a sra. Shepard passou o ferrolho e a corrente, e em seguida ouviram-se passadas mais leves se aproximando, e a porta do quarto se abrindo. A sra. Shepard

olhou para Ah Sook, sobressaltada, e então para a pistola em sua mão.

— Seu estúpido — disse ela. — Em plena luz do dia! E com o sargento a cinco passos daqui!

Ah Sook nada disse. Novamente, a sra. George pareceu soluçar. Sua voz elevou-se a um tom que era em parte um sussurrar, e em parte um guinchar.

— Você está em seu *juízo*? Que pensa que aconteceria a mim… a *mim*… se você tirasse a vida daquela homem na minha soleira? Como poderia… o que pensa que… com o sargento de plantão a cinco passos daqui… sem ter uma… e George…! Que *diabos*…!

Ah Sook sentiu-se envergonhado.

— Perdão — disse ele, deixando cair as mãos.

— Eu seria enforcada — disse Margaret Shepard. — Eu seria enforcada. George mesmo providenciaria isso.

— Nenhum mal foi feito — disse Ah Sook.

A histeria da mulher imediatamente liquefez-se em amargura.

— Nenhum mal feito… — disse ela.

— Sinto muito, Margaret.

E ele sentia muito. Talvez ele houvesse perdido sua chance. Talvez agora ela o entregasse, na rua, ou mandasse chamar pelo marido, ou convocasse o sargento… e ele seria capturado, e Carver ficaria livre.

Ela deu um passo adiante e afrouxou o revólver da mão dele. Segurou-o apenas um instante, antes de pô-lo de lado, cuidadosamente, sobre o aparador, assegurando-se de que o cano estava virado para outro lado. Em seguida ela se demorou por um momento, sem olhar para ele. Respirou seguidas vezes, profundamente. Ele aguardou.

— Você vai ficar aqui até depois do anoitecer — disse ela finalmente, e de uma maneira calma. Ainda não olhava para ele. — Você vai ficar debaixo da cama até que anoiteça e seja seguro sair.

— Margaret — disse Ah Sook.

— O quê? — sussurrou ela, retraindo-se, dardejando um rápido olhar para o lustre, e em seguida para a cabeceira da cama. — O quê?

— Obrigado — disse Ah Sook.

Ela o examinou e em seguida subitamente deitou o olhar no peito e no abdômen dele.

— Nessa túnica, você dá muito na vista — murmurou ela. — É um chinês de alto a baixo. Espere aqui.

Em dez minutos ela estava de volta trazendo no braço um casaco e calças, e na mão um chapéu de abas leves.

— Vista isso — disse ela —, eu vou fazer a barra das calças e você pode emprestar uma camisa da carceragem. Vai deixar este lugar parecendo um verdadeiro inglês, senhor Sook, ou não vai conseguir deixá-lo.

Nga Potiki a Rehua / A criança de Antares

Em que o sr. Staines toma seu remédio e a srta. Wetherell é presa.

Te Rau Tauwhare chegou à Botica Pritchard às três e meia; ao badalar das quatro, ele e Pritchard estavam sentados numa carriola alugada, dirigindo um par de cavalos rumo norte tão rápido quanto o carro permitia. Pritchard estava de joelhos dobrados, cabeça descoberta, irrequieto, açoitando os cavalos até que espumassem. Uma protuberância despontava de sua algibeira: uma jarra de vidro de láudano chapinhando densamente, de modo que o líquido enferrujado deixava uma aderência oleosa de coloração no interior da garrafa, e o qual diluía, e então engrossava, cada vez que as rodas da carriola topavam numa pedra. Tauwhare agarrava-se ao encosto com ambas as mãos, fazendo seu melhor para evitar o enjoo.

— E foi a mim que ele chamou — disse Pritchard para si mesmo, exultante. — Não ao doutor… Mas a mim!

Φ

Charlie Frost, inquirido pelo advogado Fellowes, contou a verdade. Sim, a fortuna encontrada no espólio de Crosbie Wells fora descoberta já fundida. A fundição fora obra do ferreiro chinês Quee Long, que, até aquela exata manhã, era o único mineiro contratado para trabalhar na jazida do sr. Staines, a Aurora. O sr. Fellowes anotou isso em sua caderneta e agradeceu o jovem bancário muito cortesmente por sua ajuda. Em seguida exibiu a escritura chamuscada de doação que lhe dera Anna Wetherell e estendeu-a, sem dizer palavra, sobre a mesa.

Frost, fitando-a, estava atônito.

— Ela foi assinada — disse ele.

— Perdão? — disse Fellowes.

— Emery Staines assinou esse documento em algum momento nos últimos dois meses — disse Frost firmemente. — A não ser que a assinatura seja falsa, é claro… Mas eu conheço a caligrafia do homem: essa é sua rubrica. Da última vez que vi essa folha de papel, havia um espaço ao lado do nome dele. Nenhuma assinatura.

— Ele está vivo, então? — disse o advogado.

Φ

Benjamin Löwenthal, dobrando a rua Collingwood, ficou surpreso em ver que a Botica Pritchard estava cerrada e trancada, com um cartão na janela dizendo que o estabelecimento se encontrava fechado. Ele contornou até a parte de trás do edifício, onde encontrou o assistente de Pritchard, um rapaz chamado Giles, lendo um jornal na varanda.

— Onde está o senhor Pritchard? — disse ele.

— Saiu — disse o rapaz. — Do que é que precisa?

— Pílulas para o fígado.

— Segunda via de prescrição?

— Sim.

— Posso servi-lo. Venha pelos fundos.

O rapaz deitou o jornal e Löwenthal o seguiu, através do laboratório, até a oficina de Pritchard.

— Não é do feitio de Jo deixar seu escritório numa tarde de segunda-feira — disse Löwenthal enquanto o rapaz preparava sua receita.

— Ele saiu com um camarada nativo.

— Tauwhare?

— Não sei seu nome — disse o rapaz. — Ele chegou todo estabanado. Não faz nem duas horas. Transmitiu seu recado ao senhor Pritchard, e então o senhor Pritchard me despachou para alugar uma carriola para os dois, e então arrancaram para o Arahura como uma dupla de vigilantes noturnos.

— É mesmo?— Löwenthal estava curioso. — Você não descobriu por quê?

— Não — disse o rapaz. — Mas o senhor Pritchard levou consigo uma garrafa inteira de láudano, e um punhado de pólvora, além disso. O homem nativo disse: “Ele precisa de remédios”, eu o

ouvi dizer. Mas ele não disse quem precisava deles. E o senhor Pritchard ficava repetindo algo que absolutamente não entendi.

— E o que era? — disse Löwenthal.

— “A bala daquela puta” — disse o rapaz.

Φ

— Ora, Anna Wetherell!

O tom de Clinch era menos de perplexidade que de surpresa.

— Olá, Edgar.

— Mas que faz aqui? É claro que é muito bem-vinda! Mas que está fazendo? — Ele saiu de trás da mesa.

— Preciso dum lugar para ficar — disse ela. — Até as cinco da tarde. Posso abusar de sua hospitalidade por algumas horas?

— Abusar?!… Não há isso de abusar! — exclamou Clinch, avançando para tomar-lhe as mãos nas suas. — Ora… sim… é claro, é claro! Deve vir ao meu escritório! Tomamos chá? Com biscoitos? Como é bom vê-la. Como é adorável vê-la! Onde está sua ama? E aonde irá, às cinco?

— Tenho um compromisso no tribunal — disse Anna Wetherell, polidamente desvencilhando suas mãos e recuando dele.

O sorriso de Clinch sumiu num repente.

— Você foi convocada? — disse ele ansiosamente. — Você será indiciada?

— Não é nada disso. Contratei um solicitador, apenas. De vontade própria.

— Um solicitador!

— Sim — disse Anna. — Vou contestar o recurso da viúva.

Clinch estava perplexo.

— Ora! — disse ele, sorrindo novamente para disfarçar seu espanto. — Ora! Você deve me contar tudo sobre isso, Anna… e tomaremos chá juntos. Estou tão feliz que você veio.

— Fico feliz em ouvir isto — disse Anna. — Temi que você se ressentisse de mim.

— Eu jamais me ressentiria de você! — exclamou Clinch. — Eu jamais… mas por quê? — No momento seguinte, ele entendeu. — Você vai contestar o recurso da viúva… sobre aquela fortuna.

Ela assentiu.

— Existe um documento que me nomeia como um dos herdeiros.

— Existe? — disse Clinch, crispando-se. — Assinado, e tudo o mais?

— Encontrado no fogareiro. No fogareiro de Crosbie Wells. Alguém tentou queimá-lo.

— Mas está assinado?

— Duas mil libras — disse Anna. — Oh… você sempre foi como um pai para mim, Edgar… não me importo em lhe dizer. E ele pretendia que fosse um presente! Duas mil libras, como presente, e duma só vez. Ele me ama. Ele sempre me amou!

— Quem?! — disse Edgar Clinch amargamente, mas ele já sabia.

Φ

Ao retornar aos escritórios do jornal na rua Weld, Löwenthal ouviu chamarem seu nome. Virou-se e viu Dick Mannering caminhando em direção a ele, um jornal dobrado debaixo do braço.

— Tenho um bocado suculento de notícias para você, Ben — disse Mannering. — Embora talvez você já as tenha ouvido. Gostaria de ouvir um bocado suculento de notícias?

Löwenthal franziu o cenho, desorientado.

— O que é?

— Estão dizendo que o diretor Shepard emitiu um mandado de prisão para o senhor Sook. Aparentemente, o senhor Sook surgiu em Hokitika esta manhã e desembolsou dinheiro em espécie para adquirir uma arma militar! Que tal isso?

— Ele pretende usá-la?

— Por que alguém compraria uma arma — disse Mannering alegremente — senão para usá-la? Ouso dizer que podemos esperar um tiroteio no passeio público. Um tiroteio… à moda americana!

— Tenho também algumas notícias — disse Löwenthal, ao virarem na rua Revell e começarem a caminhar rumo ao sul. — Outro boato… e não menos suculento que o seu.

— Sobre o nosso senhor Sook?

— Sobre o nosso senhor Staines — disse Löwenthal.

Φ

Quee Long estava fatiando legumes para sopa em sua cabana em Chinatown quando ouviu batidas de cascos aproximando-se e em seguida alguém gritando “Olá”. Ele foi até a soleira e com a mão puxou a cortina de juta.

— Você aí — disse o homem no limiar, que havia acabado de apear. — Você foi convocado pela lei. Devo levá-lo ao tribunal de Hokitika.

Quee Long levantou as mãos.

— Não ser Ah Sook — disse ele. — Ser Ah Quee.

— Eu sei bem quem diabos você é — disse o homem —, e é você que quero. Venha tão rápido quanto puder. Há uma carreta o esperando. Venha.

— Ah Quee — disse Ah Quee novamente.

— Eu sei quem você é. É referente a uma fortuna que você escavou na Aurora.

— No Arahura? — disse Ah Quee, ouvindo-o mal.

— Isso mesmo — disse o homem. — Agora vamos indo. Você foi convocado por um tal senhor John Fellowes, em nome da Corte dos Magistrados.

Φ

Após deixar o Banco Central, o sr. Fellowes prestou uma visita a Harald Nilssen, na Nilssen & Cia. Ele encontrou o negociante comissionado em seu escritório, redigindo um balancete em nome de George Shepard. A tarefa era enfadonha, e Nilssen ficou contente de ser despertado dela — contente, quer dizer, até o advogado lhe entregar o contrato chamuscado inscrito com as assinaturas de Emery Staines e Crosbie Wells. O rosto de Nilssen imediatamente perdeu toda cor.

— Alguma vez viu este documento? — disse Fellowes.

Mas Nilssen era homem de aprender com os próprios erros.

— Antes de responder — disse ele cautelosamente —, gostaria de saber quem o enviou, e o que tem a tratar comigo.

O advogado assentiu.

— É justo — disse ele. — A garota Wetherell recebeu este documento nesta manhã, de uma fonte anônima. Deslizado por baixo da porta, enquanto a ama estava fora. É uma bela quantia de dinheiro e, para todos os efeitos, destinada aos bolsos dela, como pode ver. Mas cheira a armação. Não sabemos quem o enviou… ou por quê.

Nilssen já havia traído Cowell Devlin uma vez; não o faria uma segunda vez.

— Entendo — disse ele, mantendo impassível o rosto. — Então você está trabalhando para a senhorita Wetherell.

— Não estou associado a prostituta nenhuma — disse Fellowes bruscamente. — Estou fazendo um pouco de pesquisa, apenas. Sondando o terreno.

— É claro — murmurou Nilssen. — Perdoe-me.

— Foi você quem esvaziou os pertences de Crosbie Wells — continuou Fellowes. — Tudo que quero saber é se essa folha de papel estava entre seus haveres quando você foi chamado para esvaziar o lugar.

— Não, não estava — disse Nilssen, confiantemente. — E nós esvaziamos aquele chalé de cabo a rabo: tem minha palavra.

— Está certo — disse Fellowes. — Obrigado.

Ele se levantou, e Nilssen também. Ao fazê-lo, os sinos da capela Wesleyana soaram: faltavam quinze minutos para as cinco.

— Uma bela doação a que fez, aliás — disse Fellowes, ao fazer menção de sair. — Seu apoio à nova carceragem de Seaview. Muito bela.

— Obrigado — disse Nilssen, falando causticamente.

— É coisa rara nestes dias e nesta época encontrar um homem verdadeiramente caridoso — disse o advogado. — Eu o parabenizo por isso.

Φ

— Senhor Staines?

Os olhos do rapaz tremeram até se abrir, se enevoaram, se focaram e então vieram pousar em Joseph Pritchard, que estava agachado sobre ele.

— Ora, é Pritchard — disse ele. — O boticário.

Pritchard estendeu uma mão dócil e afrouxou o colarinho da camisa de Staines, para expor a enegrecida ferida oculta. Seus olhos buscaram o rosto de Pritchard, enquanto o boticário examinava a ferida.

— Você conseguiu guardar um pedaço dela para mim? — sussurrou ele.

O rosto de Pritchard estava lúgubre.

— Um pedaço de quê?

— Um pedaço da resina — disse o rapaz. — Você disse que me daria um pedaço.

— Trouxe algo para amenizar — disse Pritchard secamente. — Você criou uma fissura pela fumaça, não? É uma ferida indecente a que você tem aí.

— Uma fissura — disse o rapaz. — Eu diria que era mais como uma aflição. Eu nunca ouvi o tiro, sabia. Eu estava no caixão, no momento.

— Há quanto tempo está aqui? Qual foi a última vez que se alimentou?

— Três dias — disse o rapaz. — Foram três dias? É muito gentil de sua parte. Excessivamente gentil. Suponho que era meia-noite. Eu quis fazer uma caminhada.

— Ele não está falando coisa com coisa — disse Pritchard.

— Não — disse Tauwhare. — Ele vai morrer?

— Ele não parece tão magro — disse Pritchard, sentindo a bochecha e a testa de Staines com o dorso da mão. — Alguém o vem alimentando, suponho… ou ele conseguiu, de alguma maneira, cavoucar no lixo, por onde quer que tenha passado. Cristo! Oito semanas. Não são apenas orações que o estão mantendo vivo.

O olhar de Staines passou do ombro de Pritchard para Tauwhare, defronte àquele.

— Os maoris são os melhores guias — disse ele, sorrindo. — Você vai se dar maravilhosamente bem.

— Ouça — disse Pritchard a Staines, puxando novamente o colarinho sobre a ferida. — Temos que colocá-lo na carriola. Vamos levá-lo de volta a Hokitika, para que o dr. Gillies possa tirar essa bala de seu ombro. Assim que estiver na carriola, eu lhe darei algo para amenizar a dor. Tudo bem?

A cabeça do rapaz tombara para a frente.

— Hokitika — murmurou ele. — Anna Magdalena.

— Anna está em Hokitika esperando por você — disse Pritchard. — Mas agora, venha. Quanto mais cedo, melhor. Deixaremos você na cidade antes do anoitecer.

— Ele compôs uma ária para ela — disse o rapaz. — Como um testemunho. Eu nunca fiz um juramento.

Pritchard levantou o braço bom de Staines, estendeu-o sobre o próprio ombro e levantou-se. Tauwhare agarrou o rapaz pela cintura e, juntos, os dois homens o carregaram para fora do chalé e içaram-no em cima da carriola. O rapaz ainda balbuciava. Sua pele estava gordurosa de suor, e muito quente. Eles o ajeitaram no assento da carriola de tal forma que Pritchard e Tauwhare pudessem sentar dos dois lados dele, evitando que caísse para a frente, e Tauwhare jogou sua sobrecasaca sobre as pernas do rapaz. Por fim, Pritchard tirou do bolso o vidro de láudano e o desarrolhou.

— É muito amargo, infelizmente, mas vai amenizar a dor — disse ele, concheando a nuca de Staines com uma mão e levando a garrafa à sua boca. — Aí está — disse ele. — Aí está. Desce facilmente, não desce? Mais um gole. Aí está. Mais um. Agora recoste-se, senhor Staines, e feche os olhos. Você vai adormecer de imediato.

Φ

Alistair Lauderback, após deixar o tribunal de Hokitika, fora imediatamente ao escritório do agente portuário, Thomas Balfour. Ele atirou sua cópia da escritura de venda da *Godspeed* na mesa de Balfour, sentou-se sem ser convidado e gritou:

— Ele ainda está na jogada, Tom! Francis Carver ainda está na jogada! Ele vai me sangrar até o maldito dia em que eu morrer!

Balfour levou longo tempo para compreender essa declaração teatral, para entender na íntegra o esquema de proteção e indenização sob a qual fora segurada a *Godspeed*, e para arriscar sua própria opinião, finalmente, de que talvez Lauderback devesse assumir derrota, pelo menos nesta rodada. Francis Carver, parecia, o havia superado. A assinatura ambígua era uma cartada de esperteza que Lauderback não podia contestar facilmente, e, quanto

à matéria da apólice de seguro da *Godspeed*, Carver estava legalmente intitulado a retirar aqueles fundos, e o sr. Garrity parecia já propenso a aprovar a transação. Porém o político relutava em aceitar tão sensato conselho e perseverava suspirando, alisando os cabelos e amaldiçoando Francis Carver. Pelas cinco horas, a paciência de Balfour havia se esgotado fazia muito.

— Não é comigo que deve falar — disse ele por fim. — Não sei coisa alguma sobre os meandros da lei. Não devia estar falando comigo.

— Com quem, então?

— Vá falar com o Comissário.

— Ele está fora da cidade.

— E quanto ao Magistrado?

— Às vésperas das eleições! Está louco?

— Shepard, então. Mostre isso a George Shepard e veja o que ele acha.

— Eu e o senhor Shepard não estamos em bons termos — disse Lauderback.

— Bem, está certo — disse Balfour, exasperado —, mas Shepard não está em bons termos com Carver, não se esqueça! Ele é capaz de lhe passar a perna nesse assunto.

— Qual a rixa de Shepard com Carver? — perguntou Lauderback.

Balfour franziu o cenho para ele.

— Carver passou um tempo servindo a Shepard — disse ele. — Como condenado. Shepard era sargento de penitenciária na ilha Cockatoo em Port Jackson, e Carver passou sua sentença lá.

— Oh — disse Lauderback.

— Não sabia disso?

— Não — disse Lauderback. — Por que eu deveria saber?

— Apenas achei que soubesse — disse Balfour.

— Eu não saberia diferenciar George Shepard de um toco de giz — disse Lauderback, resolutamente.

Φ

Aubert Gascoigne havia encerrado seu assunto no Banco Central no meio da tarde; quando o relógio soou cinco horas, ele estava de

volta ao tribunal, compilando para o *West Coast Times* um registro das sessões do tribunal de pequenas causas. Ele se surpreendeu quando a porta do saguão se abriu e Anna Wetherell adentrou.

Ela lhe deu apenas uma apressada saudação, no entanto, a caminho de apertar a mão do sr. Fellowes. Eles trocaram várias palavras que Gascoigne não pôde ouvir, e então o advogado indicou-a a um escritório particular e fechou a porta.

— O que Anna está fazendo com Fellowes? — disse Gascoigne ao seu colega Burke.

— Não faço a mínima ideia — disse Burke. — Ela já veio mais cedo, enquanto você estava no banco. Queria falar a um advogado sobre algo particular.

— Por que não me contou?

— Porque não era novidade nenhuma — disse Burke. — Veja, aí vem o diretor Shepard.

George Shepard estava transpondo o vestíbulo em direção a eles.

— Senhor Gascoigne, senhor Burke — disse ele. — Boa tarde.

— Boa tarde.

— Vim coletar um mandado de prisão para um homem chinês.

— Está pronto, senhor.

Burke foi pegar o mandado. Shepard aguardou com contida impaciência: as mãos nos quadris, os dedos tamborilando. Gascoigne fitava a porta do escritório de Fellowes. Subitamente, de trás dela, veio um baque surdo — tal como o som de um corpo despencando pela escada — e no momento seguinte Fellowes estava gritando:

— Acudam… acudam aqui!

Gascoigne atravessou o vestíbulo até o escritório e abriu a porta. Anna Wetherell jazia de bruços, os olhos fechados, a boca semiaberta; o advogado Fellowes estava ajoelhado a seu lado, balançando-lhe o braço.

— Entregou os pontos — disse Fellowes. — Simplesmente desabou! Tombou para a frente, bem em cima da mesa! — Ele se voltou a Gascoigne, suplicante. — Eu não fiz nada! Não a toquei!

O carcereiro viera atrás deles.

— Que está acontecendo?

Gascoigne ajoelhou-se e inclinou-se perto dela.

— Ela está respirando — disse ele. — Vamos levantá-la. — Ele a alçou a uma posição sentada, espantando-se com a finura e a atrofia que os membros dela haviam atingido. Sua cabeça tombou para trás; ele a segurou com a curva do cotovelo.

— Ela bateu a cabeça?

— Não chegou a isso — disse Fellowes, que trazia um olhar assaz assustado. — Ela apenas tombou de lado. Como se estivesse embriagada. Mas ela não parecia bêbada, quando entrou. Eu juro que não a toquei.

— Talvez ela tenha desmaiado.

— Usem a cabeça, vocês dois — disse Shepard. — Posso sentir o láudano daqui.

Gascoigne também podia senti-lo: espesso e acre. Ele meteu um dedo na boca de Anna e abriu sua mandíbula.

— Não há manchas — disse ele. — Se fosse láudano, a língua estaria marrom, não estaria? Seus dentes estariam manchados.

— Levem-na para a carceragem — disse Shepard.

Gascoigne franziu o cenho.

— Talvez para o hospital…

— Para o cárcere — disse Shepard. — Estou por aqui dessa puta e de suas teatralidades. Levem-na para o acampamento de polícia e a acorrentem à grade. E ponham-na sentada, para que possa respirar.

Fellowes balançava a cabeça.

— Não sei o que houve — disse ele. — Num momento, ela estava sóbria como pedra, no seguinte, toda lânguida, e no seguinte…

A porta do saguão se abriu novamente.

— Senhor Quee para o senhor Fellowes — veio o chamado.

Burke viera atrás deles.

— Com licença, senhor Shepard — disse ele. — Eis o mandado de prisão do senhor Sook.

— Senhor Quee? — disse Gascoigne, virando-se. — O que *ele* faz aqui?

— Levem a puta embora — disse o carcereiro.

Φ

Sook Yongsheng, deitado nos soalhos nus debaixo da cama de George Shepard, escutava os sinos da capela Wesleyana soarem as cinco e meia quando ouviu-se outra batida na porta do chalé. Ele virou a cabeça para o lado e escutou as passadas de Margaret Shepard. Ela cruzou o vestíbulo, ergueu o ferrolho e tirou o trinco, e então o retângulo de luminosidade na parede de calicô surgiu novamente, e ele sentiu o fresco hálito do ar externo. A luz estava agora mais azul e menos intensa, e a sombra na soleira era de um cinza emudecido.

— Senhora Shepard, presumo.

— Sim.

— Gostaria de saber se poderia ter uma palavra com o seu marido. Ele está disponível?

— Não — disse Margaret Shepard pela segunda vez naquele dia. — Ele foi para o tribunal, a trabalho.

— É pena. Poderia esperar por ele?

— Melhor seria marcar um horário — disse ela.

— Deduzo não ser provável que ele volte.

— Ele com frequência passa suas noites em Seaview — disse ela. — E às vezes joga bilhar na cidade.

— Entendo.

Sook Yongsheng não conhecia a voz de Alistair Lauderback, mas podia dizer, a partir de seu tom e volume, que o homem que falava era alguém de certa autoridade.

— Desculpe perturbá-la — prosseguiu Lauderback. — Talvez pudesse me fazer o favor de dizer ao seu marido que passei por aqui.

— Sim, é claro.

— Você sabe quem eu sou, não sabe?

— Você é o senhor Lauderback — sussurrou ela.

— Ótimo. Diga-lhe que eu gostaria de discutir sobre um conhecido comum. Francis Carver é o nome do homem.

— Direi isso a ele.

“Esse homem estará morto antes do amanhecer”, pensou Sook Yongsheng.

A porta fechou-se novamente; o quarto escureceu.

Φ

Cowell Devlin abriu caminho para Anna Wetherell no canto da carceragem do acampamento de polícia, pensando, enquanto o fazia, que ela apresentava uma imagem muito mais miserável do que a de dois meses antes, após sua tentativa de tirar a própria vida. Ela não estava febril, como então, e não balbuciava durante o sono ou se flagelava — mas ela parecia ainda mais pesarosa por dormir tão pacificamente, trajada em seu negro vestido de luto. Quão magra estava! Devlin pôs-lhe as algemas com muito arrependimento, e tão frouxamente quanto pode. Ele pediu que o sr. Shepard trouxesse uma coberta para apoiar sua cabeça. Essa instrução foi obedecida em silêncio.

— Que quer dizer isso? — disse ele a Gascoigne, enquanto dobrava a coberta em cima do joelho. — Vi Anna exatamente esta manhã. Eu mesmo a acompanhei até o tribunal! Ela foi diretamente à Botica Pritchard e comprou uma ampola da droga?

— A botica está fechada — disse Gascoigne. — Esteve fechada a tarde toda.

Devlin correu a palma da mão sobre a cabeça de Anna e deslizou para trás dela a coberta dobrada.

— Por Deus! Pois então onde foi que ela pôs as mãos numa ampola de láudano?

— Talvez ela já a tivesse consigo esse tempo todo.

— Não — disse Devlin. — Quando deixou o Wayfarer's Fortune esta manhã, ela não carregava bolsa de retícula ou nenhum tipo de carteira. Ela nem mesmo tinha dinheiro, até onde sei. Alguém deve ter dado a ela. Mas por quê?

Gascoigne desejava muito saber por que Cowell Devlin havia ido ao Wayfarer's Fortune naquela manhã, e o que acontecera lá; enquanto procurava uma maneira polida de perguntar, no entanto, ouviram-se o chocalhar e o ruído de uma carriola se aproximando, e em seguida a voz de Pritchard:

— Olá de casa! É Jo Pritchard, com Emery Staines!

O rosto de Devlin tornou-se quase cômico em seu aturdimento. Gascoigne já havia disparado para fora quando se pôs de pé; o

capelão precipitou-se atrás dele e viu, no pátio, Joseph Pritchard aterrisando da boleia de uma carriola e conduzindo os cavalos para serem atrelados na posta da carceragem. No assento do carona sentava-se Te Rau Tauwhare com ambos os braços envoltos num rapaz lívido, de olhos encovados. Devlin fitou o rapaz. *Isto* era Emery Staines? Esta coisa flácida, ordinária? O rapaz era muito mais jovem do que ele pensara. Ora, ele tinha apenas vinte e um anos — talvez até menos. Ele mal passava de uma criança.

— Tauwhare o encontrou escondido no chalé de Crosbie — disse Pritchard curtamente. — Está muito doente, como pode ver. Dê-nos uma mão para descê-lo.

— Vocês não o levarão ao cárcere! — disse Devlin.

— É evidente que não — disse Pritchard. — Ele vai para o hospital. Precisa ver o doutor Gillies imediatamente.

— Não — disse Gascoigne.

— Quê?! — disse Pritchard.

— Ele não vai durar uma hora, se o levarem para lá — disse Gascoigne.

— Bem, não podemos exatamente levá-lo de volta a seus aposentos — disse Pritchard.

— Arrumem-lhe um hotel, então. Arrumem-lhe um quarto em algum lugar. Qualquer lugar é melhor que o hospital.

— Dê-nos uma mão — disse Pritchard novamente. — E mande alguém buscar o doutor Gillies, enquanto nos arranjamos. Ele dará a última palavra.

Eles tiraram Emery Staines da carriola.

— Senhor Staines — disse Pritchard. — Você sabe onde está?

— Anna Magdalena — balbuciou ele. — Onde está Anna?

— Anna está logo ali — disse Cowell Devlin. — Está lá dentro.

Os olhos dele se abriram.

— Eu quero vê-la.

— Ele não está em seu melhor juízo — disse Pritchard. — Ele não sabe o que diz.

— Eu quero ver Anna — disse o rapaz, repentinamente lúcido. — Onde ela está? Eu quero vê-la.

— A mim ele parece coerente — disse Gascoigne.

— Levem-no para dentro — disse Devlin. — Até que o doutor chegue. Vamos: é o que ele deseja. Levem-no para o cárcere.

O mal maior

Em que Sook Yongsheng entreouve o começo de uma conversa.

Ah Sook agachou-se no lote atrás do Crown Hotel, as costas contra a madeira do edifício, os joelhos dobrados, o revólver Kerr Patent envolto frouxamente em ambas as mãos. Ele parecia um homem completamente diferente daquele que comprara a pistola aquela manhã. Margaret Shepard cortara sua trança, escurecera seu queixo e o pescoço com graxa e com esta também engrossara suas sobrancelhas; encontrara para ele um casaco puído, uma camisa de brim fornecida pelo cárcere e um lenço para amarrar no pescoço. Com a aba do chapéu caída e a gola do casaco levantada, ele nem sequer parecia ser chinês. Transpondo à distância de trezentas jardas desde o acampamento de polícia até o Crown, ele não atraíra a menor atenção de absolutamente ninguém; agora, agachado no lote, ele estava simplesmente invisível dentro da escuridão.

No hotel, duas pessoas conversavam: um homem e uma mulher. Suas vozes chegavam até ele assaz claramente, através da fresta entre a veneziana e a moldura da janela.

— Parece que vai dar certo — dizia o homem. — Protegido e indenizado.

— Você ainda parece apreensivo — disse a mulher.

— Sim.

— Do que tem dúvida? O dinheiro já está quase em suas mãos!

— Você sabe que não confio num sujeito que não tem conexões. Não consegui escavar absolutamente nada sobre esse tal Gascoigne. Ele chegou em Hokitika algum tempo antes do Natal. Arranjou um trabalho no tribunal sem nenhum alarde. Vive sozinho. Não tem amigos. *Você* diz que ele não passa de um dândi. *Eu* digo: como posso garantir que Lauderback não armou para ele?

— Ele tem sim uma conexão. Ele trouxe um amigo à inauguração do Wayfarer's Fortune, bem me lembro. Um tipo aristocrata.

— Por como ele se trata? O amigo.

— Walter Moody é o nome dele.

— Ele não pode ser filho de Adrian Moody!

— Foi meu primeiro pensamento, também. Ele fala com certa cadência escocesa.

— Bem, aí temos: eles devem ter alguma relação.

Fez-se um tinir de taças.

— Eu o vi pouco antes de deixar Dunedin — continuou o homem. — Adrian, quero dizer. Osso duro de roer.

— E sedento por sangue, sem dúvida — disse a mulher.

— Não gosto de homens que não sabem se controlar.

— Não — concordou a mulher —, e Moody é da pior variedade… do tipo de homem que adora ser insultado, de modo que possa desafogar sua índole… pois de outra maneira ele não sabe desafogá-la. Ele é um homem decente, quando está sóbrio.

— Mas enfim — disse o homem —, se esse camarada Gascoigne está em conluio com alguém da família Moody, ele será de boa serventia. Seu conselho será de boa serventia.

— A semelhança dele com a família é *excessivamente* fraca. As feições da mãe devem ter sido muito predominantes.

O homem riu.

— Você nunca carece de opinião, Greenway. Opinião é algo que você sempre tem à mão.

Houve outra pausa, e em seguida a mulher disse:

— Ele veio na *Godspeed*, inclusive.

— Moody?

— Sim.

— Não. Ele não pode ter vindo.

— Francis! Não me contrarie. Ele mesmo me contou, naquela noite.

— Não — disse o homem. — Não havia ninguém com o nome Moody. Havia somente oito pessoas, e eu verifiquei o documento. Eu teria me lembrado desse nome.

— Talvez o tenha omitido — disse a mulher. — Você sabe que odeio ser contrariada. Não discordemos.

— Como eu deixaria passar o nome Moody? Ora, seria como deixar passar o nome Hanover, ou… ou Plantageneta!

A mulher riu.

— Eu dificilmente compararia Adrian Moody a uma linhagem régia!

Ah Sook ouviu o chio de uma cadeira e uma mudança de peso sobre os soalhos.

— Apenas quero dizer que eu o teria reconhecido. Você deixaria passar o nome Carver?

A mulher emitiu um ruído com a garganta.

— Ele disse definitivamente que veio na *Godspeed* — disse ela. — Posso me lembrar vividamente. Nós trocamos algumas palavras sobre o assunto.

— Algo não está certo — disse o homem.

— Bem, você tem a lista de passageiros? Certamente você tem uma cópia do *Times*, de quando o navio aportou. Por que não a verifica?

— Sim. Está certa. Espere um pouco; vou olhar no salão de fumantes. Eles têm uma pilha de jornais velhos na escrivaninha.

A porta se abriu e fechou.

Φ

O lampião na sala ao lado se acendeu, iluminando um canto do lote com uma luz amarelada mortiça. Carver se encontrava no salão de fumantes do Crown Hotel — e, enfim, longe de Lydia Wells. Ah Sook levantou-se ligeiramente. Ele viu pela janela que Carver estava com as costas para a porta e folheava jornais na escrivaninha. Até onde podia ver, não havia mais ninguém na sala. No quarto, Lydia Wells começou a cantarolar uma pequena cantilena para si mesma.

Ah Sook pôs-se de pé. Segurando a Kerr Patent contra a coxa e movendo-se tão suavemente quanto era capaz com suas botas de mineiro, ele rastejou em volta dos fundos do edifício até a porta de serviço. Ele se virou para a alameda — e estancou.

— Largue a arma.

De pé na extremidade da alameda, o rosto na treva, uma pistola de cabo longo na mão, estava o diretor do cárcere, George Shepard. Ah Sook não se moveu. Seus olhos foram para a pistola de Shepard, e então para seu rosto.

— Largue-a — disse Shepard. — Eu vou atirar. Largue a arma agora.

Ah Sook continuou sem dizer nada; continuou sem se mover.

— Você vai se ajoelhar e pôr o revólver no chão — disse Shepard. — Faça-o agora, ou morrerá. Ajoelhe-se.

Ah Sook tombou de joelhos, mas não soltou a Kerr Patent. Seu dedo havia-se prendido ao gatilho.

— Eu o matarei com um tiro antes que você tenha tempo para se erguer e mirar — disse Shepard. — Não faça besteira. Largue sua arma.

— Margaret — disse Ah Sook.

— Sim — disse Shepard. — Ela me enviou um recado.

Ah Sook balançou a cabeça; ele não podia acreditar.

— Ela é minha mulher — disse Shepard secamente. — E ela era mulher de meu irmão, antes de mim. Você se lembra do meu irmão, creio. Você deve se lembrar.

— Não. — Novamente o dedo de Ah Sook se prendeu ao gatilho.

— Você não se lembra dele? Ou não crê que deve se lembrar?

— Não — disse Ah Sook, teimosamente.

— Deixe-me ajudar sua memória — disse Shepard. — Ele morreu no White Horse Sallon no porto Darling, alvejado à queima-roupa com um tiro na têmpora. Lembra-se dele, agora? Jeremy Shepard era o nome dele.

— Eu lembrar.

— Ótimo — disse Shepard. — Eu também.

— Eu não matar ele.

— Ainda dizendo a mesma ladainha, pelo visto.

— Margaret — disse Sook Yongsheng novamente, ainda ajoelhado.

Φ

— *Francis*!

— Cale-se um momento. Cale-se.

— … o que está ouvindo?

— Calada.

— Não consigo ouvir nada.

— Nem eu. Isso é bom.

— Parecia tão perto.

— Pobrezinha. Ficou assustada?

— Um pouco, apenas. Eu pensei que…

— Esqueça. Muito provavelmente foi apenas um acidente. Alguém limpando a arma.

— Não pude deixar de imaginar aquele chinês horroroso.

— Ele não vai fazer nada. Ele vai diretamente ao Palace e será capturado antes do amanhecer.

— Você tem tido tanto medo dele, Francis.

— Venha aqui.

— Está bem. Está bem. Já me recompus. Vejamos o que você encontrou.

— Aqui. — Fez-se um farfalhar. — Veja. McKitchen, Morely, Parrish. Vê? Oito, ao todo… e nenhuma menção a um Walter Moody.

Fez-se um breve período de calmaria enquanto ela examinava o jornal e verificava a data. Dentro em breve ele disse:

— Que estranho, mentir sobre isso. Especialmente quando o colega dele surge do nada, algumas semanas depois, e desanda a papaguear sobre seguros. “Sou apenas um camarada que fala de brechas a outro camarada”, ele disse.

— Algum desses nomes deve ser falso. Isso se seus passageiros realmente totalizavam oito, e Walter Moody estivesse realmente entre eles.

— Oito… e todos contabilizados. Pegaram a alvarenga na praia aquela tarde… seis horas, talvez sete, antes de partir.

— Então ele deve ter assumido um nome falso.

— Por que faria isso?

— Bem, talvez então ele estivesse mentindo. Sobre ter vindo a bordo da *Godspeed*.

— Por que faria *isso*?

Evidentemente Lydia Wells também não sabia essa resposta, pois, após um momento, ela disse:

— Em que está pensando, Francis?

— Estou pensando em escrever uma carta a meu velho amigo Adrian.

— Sim, faça-o — disse a sra. Wells. — E eu mesma farei algumas consultas.

— Afinal, o dinheiro do seguro *saiu*. Gascoigne foi tão correto quanto sua palavra.

Dentro em pouco, ela disse:

— Vamos para a cama.

— Você teve um dia difícil.

— Um dia muito difícil.

— Tudo vai dar certo, no final.

— Ela terá o que merece — disse a sra. Wells. — Também eu gostaria de ter o que mereço, Francis.

— É muito aborrecido, ficar esperando.

— É assustador.

— Hmm.

— Você não está cansado disso também?

— Bem… Eu não posso exibi-la na rua tanto quanto gostaria.

— Como você me exibiria?

A isso Carver não respondeu; após um curto silêncio ele disse, em voz baixa:

— Em breve você será a senhora Carver.

— Não vejo a hora — disse Lydia Wells, e então ninguém falou por um longo tempo.

Equinócio

Em que os amantes dormem em meio a uma grande comoção.

George Shepard ordenou que levassem o corpo de Sook Yongsheng para seu escritório particular no acampamento de polícia e o estirassem no chão. A graxa no queixo e no pescoço do homem parecia muito mais macabra na morte; quando o corpo foi trazido, a sra. George respirou assaz profundamente, como se estivesse firmando-se contra uma ventania. Cowell Devlin, vindo da carceragem do acampamento de polícia, olhou atônito para o corpo. O faiscador lembrava perfeitamente o eremita, Crosbie Wells, que jazia nesta mesma posição, dois meses antes — no mesmo exato lençol de musselina, aliás; os lábios ligeiramente entreabertos, um olho exibindo um cintilar branco onde as pálpebras não haviam se fechado devidamente. Decorreu um momento antes que Devlin se apercebesse de quem realmente era o homem morto.

— O tiro foi meu — disse Shepard, tranquilamente. — Ele estava sacando a arma em direção a Carver. Tencionando atirar pelas costas, através da janela. Eu o peguei a tempo.

Devlin enfim encontrou voz.

— Você não poderia tê-lo apenas… desarmado?

— Não — disse Shepard. — Não naquele momento. Era a vida dele ou a de Carver.

Margaret Shepard deixou escapar um soluço.

— Mas não entendo — disse Devlin, olhando para ela e em seguida de volta para Shepard. — Por que ele estava sacando uma arma contra Carver?

— Talvez você possa esclarecer as dúvidas do capelão, Margaret — disse George Shepard, dirigindo-se à sua mulher, que soluçou uma segunda vez. — Reverendo, precisarei que cave outra sepultura.

— Seguramente o corpo deveria ser mandado para casa, para seu povo — disse Devlin, franzindo o cenho.

— Este aí não tem povo algum — disse Shepard.

— Como sabe disso? — disse Devlin.

— Novamente — disse Shepard — talvez deva perguntar à minha mulher.

— Senhora Shepard? — disse Devlin, incerto.

Margaret Shepard arfou e cobriu o rosto com as mãos.

Shepard voltou-se para ela.

— Recomponha-se — disse ele. — Não seja infantil.

A mulher removeu as mãos do rosto imediatamente.

— Desculpe-me, reverendo — sussurrou ela, sem olhar para ele. Seu rosto estava muito branco.

— Está tudo bem — disse Devlin, franzindo o cenho. — Você está em choque, apenas. Talvez deva se deitar um pouco.

— George — sussurrou ela.

— Considero que fez, hoje, o que era ético se fazer — disse o carcereiro, encarando-a. — Eu a congratulo por isso.

O rosto da sra. Shepard se crispou. Ela juntou as mãos em cima da boca e correu para o quarto.

— Minhas desculpas — disse o carcereiro a Devlin, quando ela se foi. — Minha mulher tem um temperamento volúvel, como pode ver.

— Não a censuro — disse Devlin. As relações entre Shepard e a mulher o perturbavam extremamente, mas ele sabia que era melhor não exprimir seus medos. — É muito natural se sentir oprimido na presença de um morto. Tanto mais quanto acontece de se compartilhar uma história pessoal com o falecido.

Shepard estava encarando o corpo de Sook Yongsheng.

— Devlin — disse ele após um momento, olhando para cima —, tomaria um drinque comigo?

Devlin estava surpreso: o carcereiro nunca havia feito tal convite antes.

— Ficaria honrado — disse ele, ainda falando cuidadosamente. — Mas talvez devêssemos passar ao salão… ou ao alpendre, onde não vamos atrapalhar o descanso da senhora Shepard.

— Sim. — Shepard foi ao seu armário de bebidas. — Você prefere brandy ou uísque? Tenho os dois.

— Bem — disse Devlin, novamente surpreso —, já faz um tempo terrivelmente longo desde que tomei uma gota de uísque. Um pouco de uísque cairia muito bem.

— O que eu tenho é Kirkliston — disse Shepard, desarrolhando a garrafa e erguendo-a. — É tolerável. — Ele empilhou dois copos, pegou-os com sua grande mão e gesticulou para Devlin abrir a porta.

O pátio do acampamento de polícia estava deserto e frio, no escuro. Todos os edifícios defronte estavam fechados, e seus moradores, adormecidos; o vento cessara ao pôr do sol, e fazia um silêncio quase perfeito, como o silêncio da superfície de um lago. O único som vinha das mariposas batendo contra a redoma de vidro que pendia dum suporte do lado da porta do chalé. Percebia-se uma crepitação de luz toda vez que uma mariposa espiralava para dentro da chama, e em seguida um cheiro árido, acre, à medida que seu corpo queimava.

Shepard ajeitou os copos sobre o parapeito do balaústre e serviu-lhes uma dose.

— Margaret era esposa do meu irmão — disse ele, entregando um dos copos a Devlin e sorvendo o outro. — Meu irmão mais velho. Jeremy. Eu me casei com ela após a morte de Jeremy.

— Obrigado — murmurou Devlin, aceitando o copo e levando a bebida ao nariz. O carcereiro havia sido modesto demais: o uísque era mais que “tolerável”. Em Hokitika, uma garrafa de Kirkliston custava dezoito xelins, e dobrava de preço sempre que as bebidas estavam em falta.

— O White Horse Sallon — dizia o carcereiro. — Esse era o nome do lugar. Uma taberna ao lado da doca, no porto Darling. Ele levou um tiro na têmpora.

Devlin bebericou seu uísque. O gosto era defumado e ligeiramente salobro; fê-lo lembrar-se de carnes curadas, de livros novos, de celeiros, de bulbos de alho.

— Então, eu me casei com a esposa dele — continuou Shepard, servindo-se outra dose. — Era o correto a fazer. Não sou como meu irmão, reverendo, nem em temperamento nem em conduta. Ele era um devasso. Não pretendo me elogiar por contraste, mas a diferença entre nós era muito frequentemente

comentada. Era comentada desde nossa infância. Eu não sabia quase nada sobre seu casamento com Margaret. Ela era uma garçonete. Ela não é uma beldade, como sabe. Mas me casei com ela. Fiz o que devia ser feito. Casei-me com ela e a provi em sua perda, e juntos esperamos pelo julgamento.

Devlin assentiu em silêncio, encarando seu uísque, girando o pequeno copo em sua mão. Ele pensava em Sook Yongsheng, jazendo frio no chão lá dentro — seu queixo e seu pescoço besuntados de graxa; suas sobrancelhas engrossadas, como as de um palhaço.

— Pobre, Jeremy, tão bruto — disse Shepard. — Nunca o admirei, e até onde sei, ele nunca me admirou. Ele era um brigão terrível. Eu esperava que uma de suas brigas se provasse fatal, mais cedo ou mais tarde; elas ocorriam com frequência. Quando soube que ele havia sido assassinado, não fiquei terrivelmente surpreso.

Ele secou seu copo novamente e o reabasteceu. Devlin esperou que ele terminasse.

— Foi um fulano chinês que o matou. Jeremy o chutara todo, na rua, muito provavelmente o humilhou. O china voltou para a desforra. Encontrou meu irmão capotado após beber uma garrafa, num quarto alugado em cima da taverna. Pegou a pistola de Margaret debaixo da cama, pôs o cano em sua têmpora e foi isso. Então ele tentou fugir, é evidente, mas foi estúpido. Não conseguiu ir além da beira do cais. Levou rasteira de um sargento e foi metido no cárcere naquela mesma noite. O julgamento foi agendado para seis semanas depois.

Novamente Shepard secou seu copo. Devlin estava surpreso; ele nunca vira o carcereiro beber antes, exceto às refeições ou como medicamento. Talvez a morte de Ah Sook o houvesse abalado.

— O julgamento deveria ter sido honesto — continuou o carcereiro, servindo-se uma quarta dose. Seu rosto se tornara assaz ruborizado. — Em primeiro lugar, é claro, o suspeito era um china. Em segundo, ele tinha muitos motivos para querer mal a meu irmão. Em terceiro, ele não dominava uma única palavra em inglês para se defender. Ninguém tinha dúvida de que o china era culpado. Todos

haviam ouvido o tiro ser disparado. Todos o haviam visto correndo. Mas eis que Margaret Shepard sobe ao banco das testemunhas. Minha nova esposa, não se esqueça. Estávamos casados há menos de um mês. Ela se senta, e eis o que ela diz. “Meu marido não foi assassinado por aquele chinês”, ela diz. “Meu marido foi morto por suas próprias mãos, e eu sei disso porque testemunhei, eu mesma, seu suicídio.”

Devlin se perguntou se Margaret Shepard os estaria ouvindo, lá de dentro.

— Não havia uma palavra de verdade nisso — disse o carcereiro. — Uma completa invenção. Ela mentiu. Sob juramento. Ela conspurcou a memória do finado marido… a memória de meu irmão… ao chamá-lo de suicida… e tudo isso para proteger aquele chinês imprestável do castigo que ele merecia. Ele teria sem dúvida sido enforcado. Ele deveria ter sido enforcado. O crime foi dele, e ele passou impune.

— Como pode ter certeza de que sua mulher não estava contando a verdade? — disse Devlin.

— Como posso ter certeza? — Shepard alcançou a garrafa novamente. — Meu irmão não era do tipo suicida — disse ele. — Eis como tenho certeza. Aceita outra dose?

— Por favor — disse Devlin, estendendo seu copo. Era raro para ele beber uísque.

— Posso ver que está duvidando, reverendo — disse Shepard enquanto servia —, mas não há justamente outra maneira de explicá-lo. Jeremy não era do tipo suicida. Não mais do que eu sou.

— Mas que razão a senhora Shepard teria… para mentir sob juramento?

— Ela gostava dele — disse Shepard, secamente.

— Este chinês… — disse Devlin.

— Sim — disse Shepard. — O finado senhor Sook. Eles tinham uma história juntos. Pode estar certo de que por *essa* eu não esperava. Quando descobri, no entanto, ela já era minha esposa.

Devlin bebericou novamente seu uísque. Eles permaneceram em silêncio por um bom tempo, observando, nos edifícios fronteiros, os vultos ensombrecidos.

Dentro em breve Devlin disse:

— Você não mencionou Francis Carver.

— Oh… Carver — disse Shepard, rodopiando o copo. — Sim.

— Qual a relação dele com o senhor Sook? — disse Devlin, para urgi-lo.

— Eles tinham uma história — disse Shepard. — Alguma animosidade. Uma disputa comercial.

Este tanto, Devlin já sabia.

— É mesmo?

— Eu mantive vigilância sobre Sook desde o porto Darling. Avisaram-me que esta manhã ele havia comprado uma pistola dos fornecedores à rua Camp, e requeri um mandado de prisão imediatamente.

— Você prenderia um homem simplesmente por ter adquirido uma pistola?

— Sim, caso soubesse o que pretendia fazer com ela. Sook havia jurado tirar a vida de Carver. Ele havia jurado fazê-lo. Eu sabia que, quando ele finalmente apanhasse Carver, seria homicídio ou nada. Assim que ouvi sobre a pistola, emiti o aviso. Cerquei o Palace Hotel. Dei a notícia a Carver, informando-o. Passei o recado aos pregoeiros, para que o anunciassem na estrada. Eu estava um passo atrás dele… até o derradeiro momento.

— E no derradeiro? — disse Devlin após um instante.

Shepard fulminou-o com um olhar frio.

— Eu já lhe contei o que aconteceu.

— Era a vida dele ou a de Carver — disse Devlin.

— Eu agi dentro da lei — disse Shepard.

— Estou certo de que agiu — disse Devlin.

— Eu possuía um mandado de prisão.

— Eu não o duvido.

— Vingança — disse Shepard firmemente — é um ato de inveja, não de justiça. É uma perversão egoísta da lei.

— A vingança certamente é egoísta — concordou Devlin —, mas duvido que tenha muito a ver com a lei.

Ele terminou seu uísque, e Shepard, após um longo tempo, fez o mesmo.

— Sinto muito pelo seu irmão, senhor Shepard — disse Devlin, pousando seu copo no balaústre.

— Bem, sim — disse Shepard, ao arrolhar a garrafa de uísque —, isso já faz anos. O que passou, passou.

— Algumas coisas nunca passam — disse o capelão. — Não esquecemos aqueles a quem amamos. Não podemos esquecê-los.

Shepard fitou-o.

— Você fala como se por experiência própria.

Devlin não respondeu de imediato. Após uma pausa, ele disse:

— Se aprendi alguma coisa com a experiência, foi isto: nunca subestime a dificuldade extraordinária de entender uma situação a partir do ponto de vista de outra pessoa.

O carcereiro apenas grunhiu. Ele observou Devlin descer os degraus até as sombras do pátio. Ao alcançar a posta, o capelão se virou e disse:

— Estarei em Seaview logo pela manhã, para começar a cavar a sepultura.

Shepard não se movera.

— Boa noite, Cowell.

— Boa noite, senhor Shepard.

O carcereiro observou Devlin contornar o flanco da carceragem, então comprimiu os copos com o polegar e o indicador, pegou a garrafa e passou para dentro.

Φ

A porta da carceragem estava entreaberta, e o sargento de plantão sentava-se logo dentro da entrada, a espingarda deitada sobre os joelhos. Ele perguntou, com as sobrancelhas, se o capelão tencionava entrar.

— Já estão deitados, infelizmente — disse aquele, com voz baixa.

— Não tem importância — disse Devlin, falando também silenciosamente. — Será apenas um momento.

A bala fora removida do ombro de Staines, e sua ferida fora suturada. Cortaram suas roupas imundas do corpo, e lavaram a sujeira de seu rosto e de seus cabelos; vestiram-no com calças de gabardina e uma larga camisa de brim, doada pela Tiegreen’s Ferragens sob a promessa de pagamento no dia seguinte. Ao longo de todos esses cuidados, o rapaz delirara consciente e inconsciente,

balbuciando o nome de Anna; quando se deu conta, no entanto, de que o médico pretendia instalá-lo no Criterion Hotel, defronte ao acampamento de polícia, seus olhos se arregalaram imediatamente. Ele não abandonaria Anna. Ele não iria a qualquer lugar a que Anna não fosse. Para tanto, ele levantou tamanha balbúrdia, que o médico concordou em aplacá-lo. Prepararam-lhe uma cama na carceragem, ao lado de onde jazia Anna, e decidiu-se que Staines seria acorrentado, tal como os outros, em prol de evitar a desarmonia. Sem protestar, o rapaz consentiu em que lhe pusessem as algemas, deitou-se e estendeu uma mão para tocar a bochecha de Anna. Após um tempo, seus olhos se fecharam, e ele adormeceu.

Desde então ele não acordara. Ele e Anna jaziam encarando um ao outro, Staines apoiado na nádega esquerda, e Anna, na direita, os dois com os joelhos recolhidos ao peito, Staines com uma mão metida debaixo do ombro enfaixado, Anna com uma mão metida debaixo da bochecha. Ela devia ter se virado em direção a ele, em algum momento durante a noite: seu braço esquerdo estava arremessado para fora, seus dedos, estendidos, sua palma, virada para baixo.

Devlin aproximou-se. Sentiu-se subjugado — ainda que não soubesse exatamente por qual tipo de sentimento. O uísque de George Shepard havia aquecido seu peito e seu abdômen — sentia um aperto embaçado em seu crânio, um calor embaçado atrás dos olhos —, mas a história do carcereiro fê-lo sentir-se miserável, até mesmo arrepiado. Talvez ele estivesse prestes a chorar. Chorar faria-lhe bem. Que dia tinha sido aquele! Seu coração estava pesado, seus membros, exaustos. Ele olhou para Anna e Emery, seus corpos espelhados, virados um para o outro. Eles respiravam juntos.

“Então eles são amantes”, pensou ele, olhando-os. “Então eles são amantes, afinal de contas.” Ele podia dizê-lo pela maneira como dormiam.

PARTE QUATRO

PAENGA-WHA-WHA

27 DE ABRIL DE 1865

45° 52' 0" S / 170° 30' 0" L – DUNEDIN



27 DE ABRIL DE 1856

42° 43' 0'' S / 170° 58' 0'' L – HOKITIKA



Primeiro ponto em Áries

Em que um vapor aporta em Port Chalmers vindo de Sydney, e dois passageiros são despertados antes dos outros.

O primeiro vislumbre que Anna Wetherell teve da Nova Zelândia foi dos cimos rochosos da península de Otago: falésias sarapintadas que caíam cortantes na espuma branca da água, e, acima delas, um manto amarrotado de gramíneas, revolvidas pelo vento. Era logo após a alvorada. Uma neblina pálida ascendia do oceano, obscurecendo a extremidade do porto, onde as colinas se afiguravam azuis e depois roxas, à medida que a angra se estreitava e se fechava até virar um pontinho. O sol ia ainda baixo no Leste, jogando uma luz amarela oleosa sobre a água e colorindo de laranja as pedras na orla oriental. A cidade de Dunedin não era ainda visível, enfiada que estava atrás do ângulo do porto, e não havia moradias ou gado nesse trecho costeiro; a primeira impressão de Anna foi de uma garganta aquífera solitária, um céu claro e uma terra escarpada intocada pela vida ou pela indústria humana.

Essa primeira vista havia ocorrido nas horas cinzentas que precediam a aurora, e portanto Anna não testemunhara a borra no horizonte crescendo e engrossando até formar o contorno da península, ao passo que o vapor chegava mais e mais perto da costa. Ela havia sido despertada, algumas horas antes, por uma estranha cacofonia de gorjeios, a partir da qual ela deduziu, corretamente, que finalmente se chegava à terra. Ela se levantou do leito, cuidando para não acordar as outras mulheres, e arrumou os cabelos e as meias no escuro. Quando subiu a escada de ferro que dava para o deque, enrolando o xale em volta dos ombros, o *Fortunate Wind* rodeava os mastros mais distantes do porto e a península estava inteira ao seu redor — o súbito e inacreditável alívio, após muitas semanas ao mar.

— Não são formidáveis?

Anna se virou. Um rapaz louro de boné de feltro se debruçava sobre o parapeito a bombordo. Ele gesticulou em direção às falésias, e Anna viu os pássaros cujo rancoroso lamento a despertara: eles pairavam numa nuvem acima da superfície da falésia, rodando, virando e tomando luz. Ela adiantou-se para o parapeito. A ela, pareciam gaivotas muito grandes, suas asas negras em cima e brancas embaixo, as cabeças totalmente brancas, os bicos robustos e pálidos. Enquanto ela os observava, um deles fez um baixo rasante em frente ao barco, a ponta de uma asa roçando a superfície da água.

— Lindos — disse ela. — São petréis… ou gaivotas?

— São albatrozes! — O rapaz estava radiante. — São albatrozes de verdade! Apenas espere *este* camarada voar de volta. Ele voltará, em algum momento; está circulando o navio já há algum tempo. Bom Deus, que sensação deve ser… poder *voar*! Você consegue imaginar?

Anna sorriu. Ela observou o albatroz planar longe deles, voltar e começar a subir com o vento.

— Eles trazem uma tremenda boa sorte, os albatrozes — dizia o rapaz. — E são as aves mais incríveis. Ouvem-se histórias de alguns deles seguindo navios por meses e meses, e através de toda espécie de clima… até o outro lado do mundo, às vezes. Só Deus sabe onde estes estiveram… e o que testemunharam, a propósito.

Quando ele se virava de lado, tornava-se praticamente invisível. Uma agulha branca, pálida, contra o céu.

— São raros os pássaros verdadeiramente *míticos* — continuou o rapaz, ainda observando o albatroz. — Quero dizer, há os corvos, imagino, e talvez se possa dizer que as pombas têm também um significado especial… mas não mais do que as corujas ou as águias. O albatroz é diferente. Possui muito valor. Muito simbolismo. É quase angelical; até mesmo dizendo-lhe o nome, sente-se um tipo de calafrio. Estou tão contente de ter visto um! Eu me sinto quase abençoado. E como é admirável ver como eles protegem a entrada do porto! Que acha disso como presságio… para uma cidade do ouro? Eu os ouvi gorjeando… foi o que me acordou… e vim para cima porque não conseguia localizar o som. Primeiro pensei que fossem porcos.

Anna fitou-o de esguelha. O rapaz estava encetando uma proposta de amizade? Ele falava como se fossem conhecidos próximos, embora na realidade não houvessem trocado mais que cumprimentos superficiais na viagem desde Sydney — tendo Anna permanecido primordialmente nos alojamentos femininos, e o rapaz, nos masculinos. Ela não sabia seu nome. Vira-o a distância, é claro, mas ele não provocara nela nenhuma impressão específica, boa ou má. Podia ver, agora, que ele era um tanto quanto excêntrico.

— O canto deles me acordou também — disse ela, e em seguida: — Suponho que eu deva acordar as outras. É uma visão perfeita demais para se perder.

— Não faça isso — disse o rapaz. — Oh, não. Importa-se? Não suportaria ter uma turba de pessoas se acotovelando aqui. Não a essa hora. Alguém certamente diria "Não uma cruz, mas o Albatroz" ou "Ele para um de três", e então o resto da viagem seria assaz perdido em discussão… todos tentando relembrar o poema,[18] digo, e disputando sobre a sequência dos versos, cada homem superando o outro e se vangloriando de sua memória. Vamos somente desfrutar, apenas nós mesmos. O alvorecer é uma hora tão particular, não acha? Uma hora tão solitária. Sempre se ouve dizer isso sobre a meia-noite, mas penso que a meia-noite é notavelmente sociável… todos juntos, dormindo no escuro.

— Temo estar interrompendo sua solidão — disse Anna.

— Não, não — o rapaz disse. — Oh, não. A solidão é uma condição melhor desfrutada em companhia. — Ele sorriu abertamente para ela, rapidamente, e Anna sorriu-lhe de volta. — Especialmente a companhia de outra alma — acrescentou ele, voltando-se para o mar. — É medonho sentir-se sozinho e de fato *estar* sozinho. Mas eu adoro desfrutar o sentimento, quando não estou. Olhe só para ele… que beleza! Ele vai voltear novamente, num instante.

— Pássaros sempre me fazem pensar em navios — disse Anna.

Ele se voltou para ela, os olhos vastos.

— *Fazem*? — disse ele.

Anna corou diante da atenção direta que ele lhe dedicava. Os olhos do rapaz eram dum castanho profundo. Suas sobrancelhas

eram bastas, e seus lábios, muito cheios. Ele usava um boné de feltro com aba reta; debaixo dele, seus cabelos eram ouro-escuro e bastante indisciplinados onde se enrolavam, atrás das têmporas e sobre as orelhas. Claramente haviam sido cortados rentes alguns meses antes, e ele não retornara ao barbeiro desde então.

— É apenas uma fantasia — disse ela, acanhando-se.

— Mas é preciso que continue! — disse o rapaz. — Você deve! Vá em frente.

— Navios pesados são tão graciosos na água… — disse Anna finalmente, olhando para outro lado. — Comparados a embarcações mais leves, digo. Se um barco é muito leve… se ele se sacode com as ondas… não há elegância em seu movimento. Acredito que se passa o mesmo com os pássaros. Pássaros grandes não apanham do vento. Eles sempre parecem tão magnificentes no ar. Este camarada. Vê-lo voar é como ver um navio pesado cortar uma onda.

Eles observaram o albatroz circular de volta para fazer seu movimento mais uma vez. Anna espiou os sapatos do rapaz. Eram de couro marrom, amarrados firmes, nem muito brilhantes nem muito gastos — não fornecendo a ela pista alguma sobre sua origem. Com toda probabilidade ele vinha tentar fazer sua fortuna nos garimpos de Otago, como todos os outros homens a bordo.

— Você está muito certa — exclamou o rapaz. — Sim, de fato! Está longe de ser a mesma coisa que observar um pardal, não é? Ele é pesado… tal qual um navio, tal qual!

— Eu gostaria de vê-lo numa tempestade — disse Anna.

— Que desejo mais peculiar — disse o rapaz, fascinado. — Mas, sim, agora que você disse, creio sentir a mesma coisa. Gostaria de vê-lo numa tempestade, também.

Eles caíram em silêncio. Anna esperou o rapaz dizer seu nome, mas novamente ele não falou, e dentro em pouco a solidão deles foi interrompida pela chegada de terceiros no deque. O rapaz despiu seu chapéu e Anna fez uma reverência; no momento seguinte, ele já havia ido embora. Anna voltou-se para o oceano. A colônia estava atrás deles, agora, e os grunhidos e estrídulos dos albatrozes haviam diminuído a zero — engolidos pelo intenso martelar do vapor e pelo atroador silêncio do mar.

Mercúrio em Peixes; Saturno em conjunção com a Lua

Em que Cowell Devlin faz um pedido; Walter Moody mostra sua altivez; e George Shepard é desagradavelmente surpreendido.

Desde a noite do equinócio outonal, Anna Wetherell e Emery Staines permaneceram encarcerados no acampamento de polícia. A fiança de Anna fora determinada em oito libras, uma quantia ultrajante, e uma quantia que ela não podia sequer esperar pagar sem ajuda externa. Desta vez, é claro, ela não possuía fortuna nenhuma costurada em suas roupas para que pudesse usar como caução e empregador nenhum que consentisse em pagar a dívida em seu nome. Emery Staines poderia ter lhe dado o dinheiro, caso não tivesse ele próprio sido detido sob custódia: ele fora preso, na manhã seguinte à sua reaparição, devido a acusações de fraude, desfalque e deserção. Sua fiança fora determinada em uma libra e um xelim — a taxa de praxe —, mas ele optara por não pagá-la, preferindo, em vez disso, permanecer com Anna e esperar sua convocação à corte dos Magistrados.

Depois de se reunirem, a saúde de Anna começou a melhorar quase que imediatamente. Seus pulsos e antebraços engrossaram, seu rosto perdeu a característica oprimida e famélica, e suas bochechas ganharam cor. Essa melhoria foi notada com satisfação pelo médico, o dr. Gillies, que nas semanas seguintes ao equinócio havia visitado a carceragem do acampamento de polícia quase todos os dias. Ele falara a Anna muito severamente sobre os malefícios do ópio, expressando-lhe a ardente esperança de que seu mais recente colapso a advertisse a nunca mais tocar um cachimbo novamente: ela havia tido sorte duas vezes, mas não podia esperar tê-la uma terceira vez. “A sorte”, disse ele, “tem lá seus meios de esgotar-se, minha querida.” Ele prescreveu a ela

uma dosagem decrescente de ópio, no intuito de apartá-la, gradativamente, de seu vício.

Para Emery Staines, o dr. Gillies prescreveu o mesmo: cinco doses diárias de láudano, reduzíveis a uma dose por quinzena até que seu ombro se curasse completamente. A ferida parecia muito melhor após haver sido suturada e recebido curativo, e, embora sua articulação estivesse muito rija e ele não conseguisse ainda levantar o braço acima da cabeça, sua saúde estava, do mesmo modo, melhorando assaz rapidamente. Quando Cowell Devlin levava o vidro de láudano à carceragem do acampamento de polícia todas as noites, ele observava avidamente enquanto o capelão entornava o líquido ferruginoso em dois copos idênticos. Staines não podia explicar sua fissura súbita e inconsolável pela droga; Anna, no entanto, parecia longe de apreciar sua dosagem diária, e até mesmo torcia o nariz ao seu odor. Devlin misturava o láudano com açúcar e às vezes com xerez doce, para suavizar o gosto amargo da tintura — e então, a mando das instruções estritas do médico, ele vigiava os dois infratores engolirem toda a dose. Raramente levava muito tempo para o opiáceo fazer efeito: dentro de minutos eles suspiravam, tornavam-se lânguidos e adentravam na submersa paisagem lunar de um sono estranho e tingido de vermelho.

Eles dormiram, durante as semanas seguintes, em meio a grandes mudanças em Hokitika. No primeiro dia de abril, Alistair Lauderback foi eleito primeiro membro do Parlamento para o recém-formado distrito eleitoral de Westland, obtendo a maioria com a triunfante margem de trezentos votos. Em seu discurso de admissão, ele louvou Hokitika, chamando a cidade de “a pepita da Nova Zelândia”; prosseguiu expressando seu grande pesar ante a ideia de ter que deixar o local tão em breve, e garantiu ao público eleitor que levaria com ele os melhores interesses do mineiro comum até a nova capital no mês seguinte, onde serviria seu mandato no Parlamento como leal homem de Westland. Após o discurso de Lauderback, o Magistrado balançou a cabeça muito calorosamente, e o comissário soltou três urras.

No dia 12 de abril, as paredes da carceragem e asilo de George Shepard foram, enfim, erguidas. Os criminosos, Anna e Emery inclusos, haviam sido transferidos dos alojamentos temporários do

acampamento de polícia para o novo edifício sobre a planície de Seaview, onde a sra. George já se encontrava instalada como matrona. Desde a morte de Ah Sook, ela se mantivera muito ocupada cerzindo cobertores, costurando uniformes, cozinhando, classificando mantimentos e preparando rações semanais de tabaco e sal; ela era vista, como se possível, ainda menos frequentemente do que antes. Passava suas tardes no cemitério de Seaview e suas noites sozinha em sua residência.

No dia 16, Francis Carver e Lydia Wells finalmente se casaram, diante de uma multidão que, segundo as páginas sociais do *West Coast Times*, "convinha, nos trajes, no número e no comportamento, ao casamento de uma noiva viúva". No dia seguinte, o noivo recebeu um polpudo pagamento em espécie do Garrity Group, com o qual seus credores foram pagos integralmente, a última couraça de cobre foi arrancada do casco da *Godspeed* e as carcaças do navio foram entregues, finalmente, aos vendedores de salvamentos. Ele findara sua hospedagem no Palace Hotel e estava agora instalado no Wayfarer's Fortune com sua esposa.

Durante este tempo, uma grande quantidade de homens havia cruzado o atalho até a planície de Seaview a fim de implorar por uma entrevista com Emery Staines. Cowell Devlin, a mando das severas instruções do carcereiro, mandou todos embora — garantindo-lhes que sim, Staines estava vivo, e que sim, ele se recuperava duma grave enfermidade, e que sim, ele seria solto da detenção no devido tempo, à espera do veredicto da Corte dos Magistrados. A única exceção que o capelão fez foi para Te Rau Tauwhare, a quem Emery Staines se tornara, ao longo do curso do mês anterior, extraordinariamente afeiçoado. Tauwhare raramente permanecia muito na carceragem, mas suas visitas provavam exercer tamanho efeito benéfico ao humor e à saúde de Staines, que Devlin logo começou, também, a ansiar por elas.

Staines, Devlin descobriu, era um rapagão crédulo e de boa índole, e cheio duma simpatia ingênua pelas fraquezas do mundo ao seu redor. Falou pouco sobre suas longas semanas de ausência, repetindo apenas que havia estado muito mal e que estava muito feliz de estar de volta. Quando Devlin perguntou, cautelosamente, se ele se lembrava de ter encontrado Walter Moody a bordo da

Godspeed, ele apenas franziu o cenho e balançou a cabeça. A memória que possuía daquele período era muito incompleta, e composta, até onde Devlin podia dizer, de impressões oníricas, sensações e clarões de luz. Não se lembrava de ter embarcado num navio, nem conseguia se lembrar de um naufrágio — embora parecesse recordar ter sido arrastado até a praia, tossindo água marinha, os dois braços envoltos num barril de carne salgada. Ele se lembrava de ter se aproximado do chalé de Crosbie Wells; ele se lembrava de ter cruzado um grupo de mineiros, sentados em volta de uma fogueira; ele se lembrava de folhas e de água corrente; ele se lembrava do casco apodrecido de uma canoa abandonada, de um desfiladeiro íngreme, dos olhos vermelhos de uma *weka*; ele se lembrava de sonhos noturnos sobre cartas do tarô, de espartilhos costurados com ouro, de uma fortuna numa saca de farinha, escondida debaixo duma cama.

— É tudo um tremendo borrão — disse ele. — Devo ter caminhado noite adentro e me perdido no mato, de alguma maneira… e depois disso não ter conseguido encontrar o caminho de volta. Que belo serviço foi, o velho Te Rau ter me encontrado naquele exato momento!

— E mesmo assim, teria sido muito melhor se ele o tivesse encontrado antes — disse Devlin, ainda falando cautelosamente. — Se você tivesse retornado três dias antes, suas concessões de mineração ainda não teriam sido confiscadas. Você perdeu todos os seus ativos, senhor Staines.

Staines pareceu muito despreocupado em relação a isso.

— Há sempre mais ouro por encontrar — disse ele. — Dinheiro é apenas dinheiro, e faz bem ficar com os bolsos vazios, de vez em quando. Em todo caso, tenho um pé-de-meia no vale Arahura, escondido. Milhares e milhares de libras. Assim que me recuperar, voltarei lá para escavá-las.

Isso, naturalmente, levou um bom tempo para ser realizado.

Na terceira semana de abril, a programação das sessões do tribunal de pequenas causas foi publicada no *West Coast Times*.

> As acusações feitas ao senhor Emery Staines são as que seguem: em primeiro lugar, a falsificação do relatório trimestral de janeiro de 1866; em segundo, o roubo do minério legalmente depositado pelo senhor John Long Quee em nome da jazida Aurora, então descoberta em posse do finado senhor Crosbie Wells, no vale Arahura; em terceiro, improbidade na administração de concessões, minas e

outras responsabilidades, tendo ultrapassado oito semanas ausente. A audiência está marcada para a quinta-feira, 27 de abril, na Corte dos Magistrados Residentes, às 13h, perante o Exmo. Senhor Juiz Kemp.

Ao ler isso durante seu café da manhã de sábado, Devlin rumou imediatamente para o Crown.

— Sim, eu li — disse Moody, que comia torradas com arenques defumados.

— Creio que entende a gravidade dessas acusações.

— É evidente. Espero que seja uma audiência rápida… tal como muitos outros esperam, suponho. — Moody serviu uma xícara de café ao seu convidado, recostou-se e educadamente aguardou Devlin anunciar o motivo de sua visita.

O capelão pousou uma mão sobre a superfície da mesa, com a palma para cima.

— Você possui formação jurídica, senhor Moody — disse ele —, e, pelo que conheço de seu caráter, também um espírito justo; ou seja, você não é parcial, de uma forma ou de outra. Conhece os fatos deste caso como conviria a um advogado… quero dizer, conhece-os a partir de todos os lados.

Moody franziu o cenho.

— De fato — disse ele —, o que significa que sei muito bem que o ouro no chalé do senhor Wells, primeiramente, nunca veio da Aurora. Não pertence ao senhor Staines, de qualquer ponto de vista. Não é possível que esteja me pedindo que eu atue no tribunal, reverendo.

— É precisamente o que estou lhe pedindo — disse Devlin. — Há uma carência de solicitadores em Hokitika, e seu espírito é melhor do que o da maioria.

Moody estava incrédulo.

— Esse é um tribunal civil — disse ele. — Você me imagina desempenhando alguma espécie de grandiosa exposição da história toda… arrastando cada um de vocês… sem mencionar ainda Lauderback, Shepard, Carver, Lydia Wells?!

— Lydia Carver, deve dizer a partir de agora.

— Perdão. Lydia Carver — disse Moody. — Reverendo, não vejo como eu poderia ser de alguma ajuda num tribunal de pequenas causas. Tampouco vejo quem se beneficiaria de uma

exposição impiedosa de todo o caso… a fortuna nos vestidos, a chantagem, a história pessoal de Lauderback, tudo.

Ele estava pensando no bastardo, Crosbie Wells.

— Não estou defendendo uma exposição impiedosa — disse o capelão. — Estou pedindo que considere atuar como advogado da senhorita Wetherell.

Moody estava surpreso.

— Pensei que a senhorita Wetherell havia já contratado um solicitador.

— Infelizmente, o senhor Fellowes provou ser bem menos agradável do que seu sobrenome sugere —[19] disse Devlin. — Ele se recusou a tomar Anna como cliente, após seu colapso por láudano no tribunal, mês passado.

— Alegando que motivos?

— Ele receia ser indiciado por corrupção, aparentemente. Ela havia oferecido pagar a caução com a mesma fortuna que tentava reivindicar, o que foi deveras imprudente, considerando toda a situação.

Moody franzia o cenho.

— Não há nenhum solicitador de plantão disponível?

— Sim… um tal senhor Harrington… mas ele está totalmente nas mãos do Magistrado, segundo o que dizem. Ele não vai ajudar, se salvarmos Anna de um julgamento na Suprema Corte.

— Um julgamento na Suprema Corte? Deve estar brincando — disse Moody. — Tudo isso será resolvido nas pequenas causas, e em pouco tempo, tenho certeza. Não pretendo subestimar sua inteligência, reverendo, mas há grande diferença entre direito civil e direito penal.

Devlin lançou-lhe um olhar estranho.

— Você leu a programação do tribunal no jornal de hoje?

— De fato, li.

— Do começo ao fim?

— Creio que sim.

— Talvez devesse lê-la novamente.

Franzindo o cenho, Moody escancarou seu jornal na terceira página, alisou-o e deitou os olhos uma segunda vez na programação. E lá, no fim da coluna:

As acusações feitas à senhorita Anna Wetherell são as que seguem: em primeiro lugar, falsificação de documento; em segundo, intoxicação em público, resultando em conduta desordeira; em terceiro, grave tentativa de agressão. A audiência está marcada para a quinta-feira, 27 de abril, na Corte dos Magistrados Residentes, às 9h, perante o Exmo. Senhor Juiz Kemp.

Moody estava atônito.

— “Grave tentativa de agressão”?

— O doutor Gillies confirmou que a bala no ombro de Staines saiu de uma pistola feminina — disse Devlin. — Receio que ele tenha deixado escapar essa informação ao valete do Gridiron, a quem recordaram os tiros disparados no quarto de Anna, em janeiro, e confrontaram com *essa* história. Imediatamente, expediram um homem ao Gridiron, e o senhor Clinch foi obrigado a entregar a pistola de Anna como evidência. A combinação entre a arma e o projétil foi, então, confirmada.

— Mas não pode ter sido o senhor Staines quem fez essa acusação contra ela — disse Moody.

— Não — concordou Devlin.

— Então quem está por trás dela?

Devlin tossiu.

— Infelizmente, o senhor Fellowes ainda está em posse daquela desgraçada escritura de doação, aquela em que Staines doa duas mil libras a Anna, tendo Crosbie Wells por testemunha. Desde então ele a mostrou ao diretor Shepard, que, como deve se lembrar, a viu pela primeira vez ainda sem assinatura. Shepard pediu-me a verdade… e tive que admitir que a assinatura de Staines foi, de fato, falsificada… e pela própria Anna.

— Deus meu.

— Eles a puseram num apuro — disse Devlin. — Caso ela se alegue culpada em relação à agressão, vão argumentar que foi uma tentativa de homicídio: podem usar a escritura de doação para provar que ela possuía motivo suficiente para desejá-lo morto, veja bem.

— E caso alegue inocência?

— Ainda vão pegá-la sob acusação de fraude; e, se ela negar isso, então vão pegá-la sob uma acusação de demência, a qual, como bem sabemos, Shepard vem escondendo na manga há tempos. Temo que ele e Fellowes estejam muito unidos contra ela.

— O senhor Staines testemunhará em favor dela, é claro.

Devlin retraiu-se.

— Sim — disse ele —, mas receio que ele não entenda realmente a gravidade da situação em questão. Ele tem um temperamento dócil, mas tende à tolice, em suas opiniões. Quando levantei a questão da demência da senhorita Wetherell, por exemplo, ele ficou totalmente regozijado ante a ideia. Disse que não a desejaria de outra maneira.

— Qual é sua opinião? A garota está sã da cabeça?

— A sanidade está longe de ser uma questão de opinião — disse Devlin, maliciosamente.

— Pelo contrário — disse Moody. — A sanidade depende do depoimento de testemunhas para ser provada. Você pediu ao médico que lhe preparasse um laudo?

— Esperava que você mesmo o fizesse — disse Devlin.

— Hmm — disse Moody, voltando para o jornal. — Se eu realmente for aconselhar a senhorita Wetherell, precisarei falar também com o senhor Staines.

— Isso se arranja facilmente; eles são inseparáveis.

— Em particular… e longamente.

— Terá tudo de que precisa.

Moody brincou com os dedos. Após um momento, ele disse:

— Precisaremos garantir, em primeiro lugar, que ambos os lados da história concordem.

Φ

A manhã do dia 27 de abril raiou clara e iluminada em Hokitika. Walter Moody, levantando-se com a aurora, levou grande tempo para fazer sua toalete. Barbeou-se, penteou e untou os cabelos e passou perfume atrás das orelhas. A criada do Crown pusera suas botas em frente à porta, recém-engraxadas; sobre o aparador ela estendera um colete vinho, uma gravata cinza e um colarinho levantado com pontas abertas. Escovara e passara sua sobrecasaca, e a deixara pendurada na janela para que não se amarrotasse durante a noite. Moody cuidou muito da vestimenta; tanto que os sinos da capela soaram as oito horas antes de ele descer as escadas para o desjejum, apalpando os bolsos para se certificar de que a corrente de seu relógio havia sido corretamente

pregada. Meia hora depois, ele transpunha a rua Revell rumo ao norte, sua cartola caída firmemente sobre a testa e sua valise de couro à mão.

Pareceu-lhe, enquanto se aproximava do tribunal, que toda Hokitika aparecera para as sessões matutinas: a fila para entrar no edifício alongava-se até a metade da rua, e a multidão no pórtico exibia uma aparência afoita, impaciente. Ele juntou-se à fila heterogênea, e dentro em pouco foi arrebanhado para dentro do edifício por um par de sargentos de rosto sombrio, os quais o instruíram, secamente, a manter as mãos próximas do corpo, não falar a não ser quando exigido e tirar o chapéu quando o juiz fosse anunciado. Moody abriu caminho através da galeria, mantendo junto ao peito sua valise, e em seguida ultrapassou a corda para assumir seu lugar no assento dos advogados ao lado dos promotores.

Como advogado de defesa, Moody recebera três dias antes do julgamento a lista de testemunhas chamadas pelo querelante. Os nomes foram listados na ordem em que seriam chamados: sr. Joseph Pritchard, sr. Aubert Gascoigne, reverendo Cowell Devlin e diretor George Shepard — uma sequência que municiou Moody com uma boa ideia do viés que o advogado do querelante provavelmente tomaria no caso contra Anna. A lista de testemunhas para a sessão da tarde era muito mais longa: no caso do distrito de Westland contra o sr. Emery Staines, o querelante chamara os testemunhos dos srs. Richard Mannering, John Long Quee, Benjamin Löwenthal, Edgar Clinch, Harald Nilssen, Charles Frost, da sra. Lydia Carver e do capitão Francis Carver. Moody, ao receber de antemão esses documentos, sentara-se imediatamente para aperfeiçoar sua estratégia de dois momentos — pois ele sabia muito bem que a impressão criada naquela manhã seria de grande valia para moldar o veredicto a ser proferido naquela tarde.

Finalmente o relógio bateu as nove horas, e àqueles que estavam sentados foi exigido que se levantassem. A multidão caiu em silêncio para a entrada do honorável juiz Kemp, que galgou os degraus do tablado, sentou-se assaz pesadamente, acenou uma mão para que os membros do tribunal também se sentassem e expediu as formalidades necessárias sem mais delongas. Ele era um homem de rosto rosado, dedos nodosos e barba feita, com uma

cabeleira hirsuta que contornava suas orelhas e jazia muito achatada sobre a coroa de sua cabeça.

— Senhor Walter Moody, designado para o réu — disse ele, lendo os nomes no registro diante de si —, e o senhor Lawrence Broham, para o querelante, assistido pelos senhores Roger Harrington e John Fellowes da Corte dos Magistrados.

"Senhor Moody, senhor Broham", disse, por cima dos óculos fixando o olhar sobre o banco dos advogados, "direi duas coisas antes de começarmos. A primeira é esta. Tenho muita consciência do fato de que a multidão reunida nesta sala de tribunal não está aqui hoje por amor à lei; mas aqui estamos para cumprir a Justiça, não a lascívia, não importa quem esteja naquele banco, e não importa qual seja a acusação. Eu lhes agradecerei se restringirem suas interrogações à senhorita Wetherell, e aos seus relacionados, a temas apropriados. Ao descrever o antigo ofício da senhorita Wetherell, podem escolher entre os termos 'meretriz', 'mulher da noite' e 'membro da profissão mais antiga'. Fui claro até agora?"

Os advogados murmuram seu consentimento.

— Ótimo — disse o juiz Kemp. — O segundo item que desejo mencionar é um que já discuti com cada um de vocês em particular; repito-me para benefício do público. As seis acusações que iremos ouvir hoje, no caso da senhorita Wetherell esta manhã, falsificação, embriaguez e agressão, e no caso do senhor Staines esta tarde, fraude, roubo e improbidade, são, de variadas maneiras, interligadas, como todo homem letrado de Westland deve já ter consciência. Dada essa inter-relação, julgo ser prudente atrasar o sentenciamento da senhorita Wetherell até que o caso do senhor Staines seja ouvido, a fim de assegurar que cada julgamento seja considerado, por assim dizer, à luz do outro. Fui claro? Ótimo. — Ele acenou ao meirinho. — Chame o réu.

Fez-se muito burburinho enquanto Anna era trazida dos cubículos. Moody, virando-se para observar sua chegada, satisfez-se ante a impressão que sua cliente criou. Sua magreza perdera a qualidade faminta e miserável, parecendo agora somente feminina: um indicador de delicadeza, em vez de malnutrição. Ela ainda trajava o vestido preto que pertencera à falecida esposa de Aubert Gascoigne, e seus cabelos haviam sido arrumados com muita

simplicidade, reunidos num singelo nó sobre sua nuca. O meirinho a guiou ao improvisado banco das testemunhas, e ela deu um passo à frente para pousar a mão sobre a Bíblia do tribunal. Ela prestou seu juramento tranquilamente e sem emoção, e em seguida virou-se para o juiz, sua expressão vazia, as mãos levemente cruzadas.

— Senhorita Anna Wetherell — disse ele. — Você comparece perante este tribunal para responder por três acusações. Primeiro, pela falsificação de uma assinatura numa escritura de doação. Como você se declara?

— Inocente, senhor.

— Segundo, pela intoxicação pública resultando em comportamento desordeiro na tarde de 20 de março deste ano. Como você se declara?

— Inocente, senhor.

— E terceiro, pela grave tentativa de agressão ao senhor Emery Staines. Como você se declara?

— Inocente, senhor.

O juiz tomou nota dessas declarações e em seguida disse:

— Sem dúvida está ciente, senhorita Wetherell, de que esta corte não está autorizada a interrogar um caso criminal.

— Sim, senhor.

— A terceira acusação formal contra você poderá ser usada para justificar um julgamento por uma corte suprema. Caso seja aprovada essa circunstância, você permanecerá sob custódia até que um juiz da Suprema Corte e um júri possam ser convocados. Você compreende?

— Sim, senhor. Eu compreendo.

— Ótimo. Sente-se.

Ela se sentou.

— Senhor Broham — disse o juiz Kemp —, a corte irá agora ouvir sua argumentação.

— Obrigado, senhor. — Broham era um homem esguio com um bigode ruivo e olhos astutos e úmidos. Ele se levantou, alinhando as bordas de seus papéis com a borda da mesa.

— Senhor juiz Kemp, colegas da corte, senhoras e senhores — começou ele. — Que a fumaça da papoula é uma droga primitiva em suas tentações, devastadora em seus efeitos e repreensível em

suas associações, tanto sociais quanto históricas, deve ser um lugar-comum a todo cidadão decente. Hoje analisaremos um lamentável caso relacionado: uma jovem mulher cuja fraqueza pela droga maculou não somente a compostura pública de Hokitika, mas a compostura de nosso recém-ungido distrito de Westland em geral…

A argumentação de Broham foi longa. Ele lembrou aos membros da corte que Anna atentara contra a própria vida anteriormente, traçando uma conexão entre essa fracassada tentativa e seu colapso na tarde de 20 de março — "ambos os quais", acrescentou ele, com cínico realce, "foram eficientes em atrair a atenção do olho público". Ele dedicou grande parte do tempo ao episódio da falsificação da assinatura de Staines na escritura de doação, levantando a dúvida sobre a validade do documento tal como escrito e enfatizando o quanto Anna sairia ganhando, ao falsificá-lo. Passando à acusação de agressão, ele falou em termos gerais sobre o caráter perigoso e imprevisível do viciado em ópio, e em seguida descreveu a ferida a bala de Staines em tamanho detalhe, que uma mulher na plateia teve que ser escoltada para fora do edifício. Como conclusão, convidou todos os presentes a considerar quanto ópio duas mil libras poderiam comprar; e então perguntou, retoricamente, se o público suportaria ver tal quantidade ser colocada nas mãos de uma pessoa tão avariada e mal-acompanhada quanto a srta. Wetherell, antiga mulher da noite.

— Senhor Moody — disse o juiz, quando Broham se sentou. — A argumentação da defesa.

Moody levantou-se imediatamente.

— Obrigado, senhor — disse ele ao juiz. — Serei breve. — Suas mãos tremiam: ele as espalmou sobre o tampo da mesa diante dele, para firmar-se, e em seguida, numa voz que soava muito mais confiante do que realmente se sentia, disse: — Começarei por lembrar ao senhor Broham que, na verdade, a senhorita Wetherell abandonou sua dependência, uma conquista pela qual granjeou minha mais sincera admiração e respeito. Certamente, como tanto se deleitou o senhor Broham em descrever, o caráter da senhorita Wetherell é do tipo que a torna prisioneira da miríade de tentações da adicção. Eu mesmo nunca provei da fumaça da papoula, como

também o senhor Broham garantiu nunca ter provado, e arrisco adivinhar que uma das razões de nossa mútua abstinência é o medo: medo do provável poder que a droga teria em nós; medo de sua qualidade viciante; medo do que poderíamos ver, ou fazer, caso sucumbíssemos a seus efeitos. Faço esta observação para realçar o fato de que a fraqueza da senhorita Wetherell a este respeito não é exclusiva dela, e volto a dizer que ela tem minha apreciação por ter se empenhado tão sinceramente no projeto de sua recuperação.

"Mas, seja no que for que o senhor Broham os fez acreditar, não estamos aqui para julgar o temperamento da senhorita Wetherell, nem para entregar um veredicto sobre seu caráter. Estamos aqui para julgar como a Justiça pode ser mais bem servida em respeito a três acusações: uma de falsificação, uma de conduta desordeira e uma de agressão. Não discordo da afirmação do senhor Broham segundo a qual a falsificação é um crime sério, nem censuro sua asserção segundo a qual a agressão grave é prima próxima do homicídio; contudo, como meu caso irá em breve demonstrar, a senhorita Wetherell é inocente de todos os três crimes. Ela não cometeu falsificação; ela de nenhuma forma tentou agredir o senhor Emery Staines; e seu colapso na tarde de 20 de março dificilmente poderia ser chamado de 'desordeiro', não mais do que a senhora que foi escoltada desta mesma sala de tribunal dez minutos atrás poderia ser acusada do mesmo. Não tenho a menor dúvida de que o depoimento das testemunhas vai demonstrar a inocência de minha cliente e de que o irá fazer muito rapidamente. Em antecipação a esse alegre desenlace, senhor juiz, estimados membros da corte, senhoras e senhores, não hesito em colocar a matéria nas boas mãos da lei."

Moody sentou-se, o coração martelando. Ele olhou para o juiz, esperando alguma amostra de afirmação, mas o juiz Kemp estava debruçado sobre seu registro, tomando notas. Broham olhava para Moody no banco abaixo, com uma expressão muito perversa no rosto. Fellowes, sentado perto daquele, inclinou-se para sussurrar algo em seu ouvido, e após um momento aquele sorriu e sussurrou algo de volta.

— Obrigado, senhor Moody — disse o juiz finalmente, sublinhando, com um floreio, o que havia escrito, e repousando a

pena. — O réu deverá agora subir. Senhor Broham, tem a palavra.

Broham levantou-se e agradeceu o juiz uma segunda vez.

— Senhorita Wetherell — disse ele, virando-se para ela. — Até a noite de 14 de janeiro, como ganhou seu pão?

— Senhor Broham! — bradou o juiz de imediato. — O que acabei de falar? A senhorita Wetherell é um membro da antiga profissão. Que isso baste.

— Sim, senhor — disse Broham. Ele voltou à carga. — Senhorita Wetherell. Na noite de 14 de janeiro, tomou uma decisão concernente ao seu antigo ofício, correto?

— Sim.

— Qual foi ela?

— Eu parei.

— Que quer dizer, quando diz que parou?

— Que parei de me prostituir.

O juiz suspirou.

— Continue — disse ele, com um tom de resignação.

— E você imediatamente arranjou um trabalho alternativo? — disse Broham, seguindo em frente.

— Não imediatamente — disse Anna. — Mas quando a senhora Wells chegou à cidade, levou-me ao Wayfarer's Fortune. Passei a aprender o tarô e as cartas celestes, com a ideia de que eu pudesse auxiliá-la na leitura de sortes. Pensei que pudesse ganhar a vida como sua assistente.

— À época em que parou com seu antigo ofício, tinha esse futuro propósito em mente?

— Não — disse Anna. — Eu não sabia que a senhora Wells vinha, antes de ela chegar.

— No período antes que a senhora Wells chegasse a Hokitika, como então esperava que fosse se sustentar?

— Eu não tinha um plano — disse Anna.

— Nenhum plano?

— Não, senhor.

— Não tem, talvez, um pé-de-meia? Ou alguma outra modalidade de poupança?

— Não, senhor.

— Neste caso, você deu um passo muito radical — disse Broham, prazenteiramente.

— Senhor Broham! — bradou o juiz.

— Sim, senhor?

— Vá direto ao ponto.

— Certamente. Esta escritura de doação — Broham exibiu-a — a nomeia, senhorita Wetherell, como a feliz herdeira de *duas mil* libras. Está datada de 11 de outubro do ano passado. O doador, o senhor Emery Staines, desapareceu sem deixar vestígio no dia 14 de janeiro… o mesmo dia em que você, como afortunada beneficiária desta extraordinária quantia, decidiu abandonar o meretrício e corrigir seus modos, uma decisão tomada *sem* motivação e *sem* um plano para o futuro. Agora…

— Protesto — disse Moody, se levantando. — O senhor Borham não demonstrou que a senhorita Wetherell não possuía motivação para mudar a situação de seu ofício.

O juiz acatou-o, e Broham, parecendo zangado, foi obrigado a fazer a pergunta a Anna:

— Você teve motivação, senhorita Wetherell, para tomar a decisão de deixar de se prostituir?

— Sim — disse Anna. Ela olhou novamente para Moody. Ele assentiu ligeiramente, encorajando-a a falar. Ela inspirou, e disse: — Eu me apaixonei. Pelo senhor Staines. A noite de 14 de janeiro foi a primeira noite que passamos juntos, e… bem, eu não quis continuar a me prostituir, depois disso.

Broham franzia o cenho.

— Essa foi a mesma noite em que você foi presa por tentativa de suicídio, não foi?

— Sim — disse Anna. — Eu pensei que ele não me amasse… que ele não pudesse me amar… e não pude suportar… e fiz uma coisa terrível.

— Você portanto admite que atentou contra a própria vida, naquela noite?

— Eu pretendia perder a consciência — disse Anna —, mas nunca pensei em me fazer mal de verdade.

— Quando foi indiciada pelo crime de tentativa de suicídio, nesta mesma sala de julgamento, você se recusou a tomar uma

defesa. Por que desta vez mudou de sintonia neste sentido?

Essa fora uma pergunta que Moody e Anna não haviam ensaiado, e por um momento ele se afligiu achando que ela pudesse vacilar; mas ela respondeu calmamente e com a verdade.

— Àquela época o senhor Staines ainda estava desaparecido — disse ela. — Pensei que ele pudesse ter subido o rio ou ido ao desfiladeiro, em cujo caso ele estaria lendo os jornais de Hokitika em busca de notícias. Eu não queria dizer nada que ele pudesse ler e acabar pensando mal de mim.

Broham tossiu no nó de seus dedos, secamente.

— Por favor, descreva o que aconteceu na noite de 14 de janeiro — disse ele —, em sequência e com as próprias palavras.

Ela assentiu.

— Eu encontrei o senhor Staines no Pó e Pepita por volta das sete. Tomamos uma bebida juntos, e então voltamos à sua residência na rua Revell. Por volta das dez, tornei ao Gridiron e acendi meu cachimbo. Estava me sentindo estranha, como eu disse, e usei um pouco mais que o habitual. Suponho ter deixado o Gridiron ainda sob o efeito, porque a próxima coisa de que me lembro é de ter acordado no cárcere.

— Que quer dizer, quando diz que estava se sentindo estranha?

— Oh — disse ela —, apenas que eu estava melancólica… e muito feliz… e desconsolada, tudo ao mesmo tempo. Não consigo descrever exatamente.

— Em determinado ponto daquela mesma noite, o senhor Staines desapareceu — disse Broham. — Sabe para onde ele foi?

— Não — disse Anna. — A última vez que o vi foi em sua residência na rua Revell. Ele estava adormecido. Deve ter desaparecido em algum momento depois que o deixei.

— Em outras palavras, em algum momento após as dez horas.

— Sim — disse Anna. — Esperei que ele voltasse… e ele não o fez… e os dias se passaram, sem sinal dele. Quando a senhora Wells ofereceu-me hospedagem no Wayfarer, julguei melhor aceitá-la. Apenas durante aquele meio tempo. Todos estavam dizendo que ele seguramente estava morto.

— Você viu o senhor Staines em algum momento entre 14 de janeiro e 20 de março?

— Não, senhor.

— Trocou alguma correspondência com ele?

— Não, senhor.

— Aonde pensa que ele foi, durante esse período?

Anna abriu a boca para responder, e Moody, levantando-se rapidamente, disse:

— Protesto! A ré não pode ser forçada a especular.

Novamente o juiz acatou esta objeção, e Broham foi convidado a continuar.

— Quando o senhor Staines foi encontrado na tarde de 20 de março, havia uma bala em seu ombro — disse ele. — Na época de seu encontro com ele em 14 de janeiro, o senhor Staines estava ferido?

— Não — disse Anna.

— Ele se feriu naquela noite?

— Não que eu saiba — disse Anna. — A última vez que o vi, ele estava bem. Estava dormindo.

Broham pegou uma pistola feminina da mesa dos advogados.

— Reconhece esta arma de fogo, senhorita Wetherell?

— Sim — disse Anna, estreitando os olhos. — É minha.

— Carrega esta arma consigo?

— Costumava fazê-lo, quando estava trabalhando. Eu a mantinha no peito do meu vestido.

— Você a carregava, na noite de 14 de janeiro?

— Não: deixei-a no Gridiron. Debaixo de meu travesseiro.

— Mas você estava trabalhando na noite de 14 de janeiro, não estava?

— Eu estava com o senhor Staines — disse Anna.

— Não foi essa a pergunta — disse Broham. — Estava trabalhando na noite de 14 de janeiro?

— Sim — disse Anna.

— E mesmo assim… como você alega… deixou sua pistola em casa.

— Sim.

— Por quê?

— Não pensei que fosse precisar — disse Anna.

— Mas isso era uma anomalia: normalmente, você a teria carregado consigo.

— Sim.

— Alguém poderia afiançar o paradeiro da pistola aquela tarde?

— Não — disse Anna. — A não ser que alguém olhasse debaixo de meu travesseiro.

— O projétil encontrado no ombro do senhor Staines saiu de uma pistola desse tipo — disse Broham. — Você atirou nele?

— Não.

— Sabe quem o fez?

— Não, senhor.

Broham novamente tossiu nos dedos.

— Estava ciente, na noite de 14 de janeiro, do patrimônio líquido do senhor Staines como prospector?

— Eu sabia que ele era rico — disse ela. — Todos sabiam disso.

— Você discutiu com o senhor Staines sobre a fortuna descoberta no chalé do senhor Crosbie Wells naquela noite ou em qualquer outra noite?

— Não. Nós nunca falávamos sobre dinheiro.

— Nunca? — disse Broham, erguendo uma sobrancelha.

— Senhor Broham — disse o juiz, aborrecidamente.

Broham inclinou a cabeça.

— Quando soube das intenções do senhor Staines, conforme descritas nesta escritura de doação?

— Na manhã de 20 de março — disse Anna. Ela relaxou um bocado: esta era uma fala que ela havia decorado. — O capelão da carceragem trouxe esse papel ao Wayfarer's Fortune e me mostrou, e eu o levei diretamente ao tribunal para descobrir o que significava. Sentei-me com o senhor Fellowes, e ele me confirmou que a escritura de doação era um documento legal e válido. Disse que podia haver algo nele… que eu podia reivindicar a fortuna, quero dizer. Então ele concordou em levar a escritura ao banco, em meu nome.

— O que aconteceu depois?

— Ele me disse para voltar aqui ao tribunal às cinco da tarde. Então voltei às cinco da tarde, e nos sentamos como antes. Mas então, eu desmaiei.

— O que causou o desmaio?

— Eu não sei.

— Estava sob o efeito de alguma droga ou bebida, no momento?

— Não — disse Anna. — Estava sóbria como uma pedra.

— Alguém poderia afiançar sua sobriedade naquele dia?

— O reverendo Cowell Devlin esteve comigo durante aquela manhã — disse Anna —, e passei a tarde com o senhor Clinch, no Gridiron.

— Em seu relatório ao Magistrado, o diretor Shepard descreveu um forte cheiro de láudano no ar no momento de seu desmaio — disse Broham.

— Talvez ele tenha cometido um equívoco — disse Anna.

— Você tem uma dependência dos opiáceos, não tem?

— Não fumo um cachimbo desde antes de me mudar com a senhora Wells — disse Anna intrepidamente. — Desisti dele quando entrei em luto: no dia em que fui libertada do cárcere.

— Permita-me esclarecer: você atesta não ter tocado em ópio, em qualquer forma de consumo que seja, desde sua overdose em 14 de janeiro?

— Sim — disse Anna. — Está certo.

— E a senhora Carver pode afiançar isto?

— Sim.

— Poderia dizer à corte o que aconteceu na tarde de 27 de janeiro nas horas precedentes à chegada da senhora Carver ao Gridiron Hotel?

— Eu estava em meu quarto conversando com o senhor Pritchard — recitou Anna. — Minha pistola estava no peito de meu vestido, como sempre está. O senhor Gascoigne adentrou no quarto muito subitamente, e me sobressaltei, então peguei a pistola e o tiro falhou. Nenhum de nós conseguiu descobrir o que estava errado. O senhor Gascoigne pensou que o artefato pudesse estar danificado, então me fez carregá-lo e disparou-o, uma segunda vez, no meu travesseiro, para garantir que estava funcionando corretamente.

Então ele me devolveu o artefato e eu o guardei em minha gaveta, e foi a última vez que o toquei.

— Em outras palavras, dois tiros foram disparados aquela tarde.

— Sim.

— A segunda bala se alojou em seu travesseiro — disse o advogado. — Que aconteceu à primeira?

— Desapareceu — disse Anna.

— Desapareceu? — disse Broham, erguendo as sobrancelhas.

— Sim — disse Anna. — Não se alojou em lugar algum.

— Por algum acaso, a janela não estaria aberta?

— Não — disse Anna. — Estava chovendo. Não sei onde foi parar o projétil. Nenhum de nós conseguiu descobrir.

— Ele apenas… desapareceu — disse Broham.

— Correto — disse Anna.

Broham não tinha mais perguntas. Sentou-se, com um leve sorriso afetado, e o juiz convidou Moody a interrogar.

— Obrigado, senhor — disse Moody. — Senhorita Wetherell, todas as três acusações de hoje foram levantadas contra você pelo senhor George Shepard, diretor do cárcere de Hokitika. Você tem uma amizade pessoal com o homem?

Essa era uma conversação que eles haviam praticado muitas vezes; Anna respondeu sem hesitação.

— Absolutamente.

— E mesmo assim, em acréscimo às acusações feitas hoje contra você, o diretor Shepard fez inúmeras alegações sobre sua sanidade, não fez?

— Sim: ele diz que eu sou louca.

— Alguma vez você e o diretor Shepard conversaram longamente?

— Não.

— Alguma vez trocaram serviços de qualquer tipo?

— Não.

— A seu ver, o diretor Shepard tem razões para nutrir má vontade em relação a você?

— Não — disse ela. — Não fiz nada a ele.

— Entendo, no entanto, que compartilham um conhecido comum — disse Moody. — Está correto?

— Sim — disse Anna. — Ah Sook. Um chinês. Ele administrava o antro de ópio em Kaniere e era um amigo muito querido. Ele foi morto a tiro em 20 de março… pelo diretor Shepard.

Broham saltou sobre os calcanhares para protestar.

— O diretor Shepard possuía um mandado para a prisão desse homem — disse ele —, e naquela ocasião ele agia na competência de membro da polícia. O senhor Moody está atirando difamações.

— Estou ciente do mandado, senhor Broham — disse Moody. — Levanto a questão porque acredito que o conhecido em comum seja um ponto pertinente de conexão entre o querelante e o réu.

— Continue, senhor Moody — disse o juiz. Ele franzia o cenho.

Broham se sentou.

— Qual era a conexão do diretor Shepard com o senhor Sook?

— Ah Sook foi acusado de matar o irmão do diretor Shepard — disse Anna, falando claramente. — Em Sydney. Quinze anos atrás.

De repente, a sala de julgamento tornou-se muito imóvel.

— Qual foi o desenlace do julgamento? — disse Moody.

— Ah Sook foi absolvido no último minuto — disse Anna. — Ele foi solto.

— Alguma vez o senhor Sook falou com você sobre o assunto? — disse Moody.

— O inglês dele não era muito bom — disse Anna —, mas ele com frequência usava as palavras “vingança” e “assassinato”. Às vezes, falava durante o sono. Eu não entendia, à época.

— Nessas ocasiões a que se refere — disse Moody —, como lhe parecia o senhor Sook?

— Atormentado — disse Anna. — Assustado, talvez. Eu não sabia o que pensar disso, até muito depois. Não sabia sobre o irmão do diretor Shepard antes da morte de Ah Sook.

Moody virou-se para o juiz, segurando uma folha de papel.

— A defesa remete à corte uma transcrição do julgamento, registrado no *Sydney Herald* de 9 de julho de 1854. O original pode ser encontrado no Arquivo dos Antípodas à rua Wharf, onde é mantido atualmente; entrementes, submeto uma cópia testemunhada à corte.

Ele passou a cópia sobre a bancada até que a entregassem ao juiz e em seguida volveu a Anna.

— O diretor Shepard tinha consciência do fato de que você e o senhor Sook eram amigos muito próximos?

— Não era exatamente um segredo — disse Anna. — Eu ia ao antro quase todos os dias, e é o único em Kaniere. Eu diria que quase todos tinham conhecimento disso.

— Suas visitas lhe renderam um apelido, não renderam?

— Sim — disse Anna. — Todos me chamavam de “Anna dos chineses”.

— Obrigado, senhorita Wetherell — disse Moody. — Isto é tudo. — Ele cumprimentou o juiz, que analisava a transcrição do *Sydney Herald*, e sentou-se.

Broham, a quem esta insinuação viera como uma surpresa muito inesperada, peticionou reexaminar Anna sobre o assunto que havia agora sido levantado pela defesa. O juiz Kemp, no entanto, declinou seu pedido.

— Estamos aqui esta manhã para considerar três acusações — disse ele, pondo cuidadosamente de lado a explicação da absolvição de Ah Sook, e cruzando as mãos —, uma de falsificação, uma de embriaguez e comportamento desordeiro e uma de agressão. Tomei nota do fato de que a associação da senhorita Wetherell com o senhor Sook foi de particular importância ao querelante; mas não julgo que essas novas revelações justifiquem um reexame. Afinal de contas, não estamos aqui para considerar as motivações do querelante, e sim as da senhorita Wetherell.

Broham pareceu bastante contrariado; Moody, encontrando os olhos de Anna, deu-lhe um pequeníssimo sorriso, o qual ela devolveu igualmente. Esta havia sido uma vitória.

A primeira testemunha a ser chamada foi Joseph Pritchard, o qual, interrogado por Broham, endossou a explicação de Anna sobre o que acontecera em 27 de janeiro no Gridiron Hotel: a primeira bala sumira após a ocorrência do tiro que falhou, e a segunda fora disparada por Aubert Gascoigne no travesseiro de Anna, como um experimento.

— Senhor Pritchard — disse Moody, quando foi convidado a interrogar. — Qual foi seu propósito ao buscar uma audiência com a

senhorita Wetherell na tarde de 27 de janeiro?

— Eu imaginei haver outra história por trás de sua tentativa de suicídio — disse Pritchard. — Pensei que talvez seu estoque de ópio pudesse ter sido envenenado ou adulterado com outra substância, e eu quis examiná-lo.

— Você examinou o suprimento da senhorita Wetherell, como pretendia?

— Sim.

— O que descobriu?

— Eu podia dizer, somente de olhar seu cachimbo, que alguém o havia usado muito recentemente — disse Pritchard. — Mas quem quer que fosse, não era ela. Naquela tarde ela estava sóbria como uma freira. Pude ver em seus olhos: ela não tocava na droga havia dias. Talvez até mesmo desde sua overdose.

— E quanto ao ópio, em si? Você examinou-lhe o suprimento?

— Não consegui encontrá-lo — disse Pritchard. — Revirei todas as suas gavetas, procurando por ele… mas o grumo havia sumido.

Moody ergueu as sobrancelhas.

— O grumo havia sumido?

— Sim — disse Pritchard.

— Obrigado, senhor Pritchard — disse Moody. — Isto é tudo.

Harrington se debruçava sobre seu registro, escrevendo furiosamente. Agora, ele arrancou a página sobre a qual estivera rabiscando e arremessou-a banco abaixo para que os outros homens a lessem. Broham, conforme Moody viu, não mais sorria afetadamente.

— Chamem a próxima testemunha — disse o juiz, que também estava escrevendo.

A testemunha seguinte era Aubert Gascoigne, cujo depoimento confirmou que havia ocorrido a falha no disparo, o sumiço da bala e que o segundo tiro fora disparado, sem incidentes, na cabeceira da cama de Anna. Questionado por Broham, ele admitiu não haver suspeitado que Emery Staines pudesse estar presente no Gridiron Hotel na tarde de 27 de janeiro; questionado por Moody, concordou em que a ideia era muito possível. Ele retornou a seu lugar abaixo do tablado, e, assim que se sentou novamente, o juiz chamou o capelão da carceragem, Cowell Devlin.

— Reverendo Devlin — disse Broham assim que o clérigo fora ajuramentado. O primeiro segurava a escritura de doação. — Como este documento veio a estar em sua posse?

— Eu o encontrei no chalé de Crosbie Wells, na manhã seguinte à sua morte — disse Devlin. — O senhor Lauderback havia trazido a notícia da morte do senhor Wells a Hokitika, e fui designado pelo diretor Shepard para ir ao chalé e auxiliar na remoção do corpo do homem.

— Onde exatamente encontrou este documento?

— Encontrei-o na gaveta de cinzas no fundo do fogareiro — disse Devlin. — O lugar tinha uma atmosfera infeliz, e o dia estava muito úmido; decidi acender uma fogueira. Abri a gaveta e vi este documento na grelha.

— Que fez, em seguida?

— Eu o confisquei — disse Devlin.

— Por quê?

— O documento dizia respeito a uma grande quantidade de dinheiro — disse o capelão calmamente — e julguei prudente não trazer a informação a público até que a saúde da senhorita Wetherell se recuperasse: ela havia sido levada ao acampamento de polícia tarde da noite anterior sob acusação de possível *felo de se*,[20] e era muito evidente que ela não estava em boa forma para receber surpresas.

— Essa foi a única razão para sua confiscação?

— Não — disse Devlin. — Como mais tarde expliquei ao diretor Shepard, o documento não parecia digno de ser levado à polícia: era, à época, inválido.

— Por que era inválido?

— O senhor Staines não havia assinado seu nome para autorizar a doação — disse Devlin.

— E, no entanto, o documento que estou segurando traz, *sim*, a assinatura do senhor Staines — disse Broham. — É favor explicar à corte como este documento veio a ser assinado.

— Temo não ser capaz — disse Devlin. — Não testemunhei a assinatura, em primeira mão.

Broham vacilou.

— Quando ficou ciente, pela primeira vez, de que a escritura havia sido assinada?

— Na manhã de 20 de março, quando levei a escritura à senhorita Wetherell, no Wayfarer's Fortune. Estivemos discutindo outros assuntos, e foi durante nossa conversa que notei que o documento havia adquirido uma assinatura.

— Você viu a senhorita Wetherell assinar esta escritura de doação?

— Não, não vi.

Broham ficou completamente atordoado com isto; para recuperar a compostura, ele disse:

— O que vocês discutiam?

— A natureza da nossa conversa naquela manhã era confidencial à minha posição de clérigo — disse Devlin. — Não me podem pedir que a repita ou que eu testemunhe contra ela.

Broham estava atônito. Devlin, no entanto, estava em seu direito, e, após grande objeção e argumentação, Broham cedeu sua testemunha a Moody, aparentando muita chateação. Moody levou um momento para arrumar seus papéis, antes de começar.

— Reverendo Devlin — disse ele. — Você mostrou essa escritura de doação ao diretor Shepard imediatamente após tê-la descoberto?

— Não, não mostrei — disse Devlin.

— Como, então, o diretor Shepard tomou ciência de sua existência?

— Quase por acidente — respondeu Devlin. — Eu guardava o documento em minha Bíblia, para mantê-lo liso, e o diretor Shepard topou com ele, enquanto a folheava. Isso ocorreu, talvez, um mês após a morte do senhor Wells.

Moody assentiu.

— O senhor Shepard estava sozinho quando essa descoberta acidental ocorreu?

— Sim.

— O que ele fez?

— Ele me aconselhou a mostrar a escritura à senhorita Wetherell, e assim o fiz.

— Imediatamente?

— Não: esperei algumas semanas. Queria falar com ela a sós, sem o conhecimento da senhora Carver, e havia poucas oportunidades para fazê-lo, dado que as duas mulheres estavam vivendo juntas e muito raramente passavam qualquer tempo separadas.

— Por que desejou que sua conversa com a senhorita Wetherell ocorresse sem o conhecimento da senhorita Carver?

— À época, eu acreditava ser a senhora Carver a legítima herdeira da fortuna encontrada no chalé do senhor Crosbie — disse Devlin. — Não desejava semear a discórdia entre ela e a senhorita Wetherell por causa de um documento que, até onde eu sabia, poderia ter sido ideia ou piada de alguém. Na manhã de 20 de março, como pode lembrar, a senhora Carver foi convocada ao tribunal. Li sobre a notificação no jornal matutino e rumei imediatamente para o Wayfarer's Fortune.

Moody assentiu.

— A escritura permaneceu em sua Bíblia, nesse meio tempo?

— Sim — disse Devlin.

— Houve ocasiões subsequentes, após o diretor Shepard descobrir a escritura de doação, nas quais o diretor Shepard houvesse ficado sozinho com sua Bíblia?

— Muitas delas — disse Devlin. — Eu a levo comigo ao acampamento de polícia toda manhã e frequentemente a deixo no escritório da carceragem enquanto realizo outras tarefas.

Moody fez uma pausa por um momento, para deixar que essa implicação sedimentasse. Então ele disse, mudando de assunto:

— Há quanto tempo conhece a senhorita Wetherell, reverendo?

— Não a conheci pessoalmente até a manhã de 20 de março, quando a visitei no Wayfarer's Fortune. Desde aquele dia, no entanto, ela esteve sob minha custódia na carceragem do acampamento de polícia, e a vejo todos os dias.

— Você teve a oportunidade, durante este período, de observá-la e conversar com ela?

— Muitas oportunidades.

— Poderia descrever a impressão geral que formou sobre seu caráter?

— Minha impressão é favorável — disse Devlin. — É claro que ela tem sido explorada, e é claro que seu passado é tortuoso, mas é preciso grande coragem para reformar o próprio caráter, e estou satisfeito com os esforços que ela tem feito. Para começar, ela abandonou a dependência; e está determinada em nunca mais vender o corpo. Por causa dessas coisas, eu a felicito.

— Qual sua opinião sobre o estado mental dela?

— Oh, ela é perfeitamente sã — disse Devlin, piscando. — Não tenho dúvida disso.

— Obrigado, reverendo — disse Moody, e então, ao juiz: — Obrigado, senhor.

Em seguida vieram os testemunhos técnicos do dr. Gillies; de um certo dr. Sanders, mandado vir de Kumara para emitir uma segunda opinião médica sobre o estado mental de Anna; e de um certo sr. Walsham, inspetor da polícia de Greymouth.

O querelante, George Shepard, foi o último a ser chamado.

Como Moody esperava, Shepard alongou-se sobre o mau caráter de Anna Wetherell, citando sua dependência de ópio, sua profissão repugnante e sua antiga tentativa de suicídio como provas de sua ignomínia. Ele detalhou as maneiras pelas quais seu comportamento desperdiçara recursos policiais e insultara os padrões da decência moral, e recomendou fortemente que se a confinasse ao recém-construído asilo em Seaview. Mas Moody planejara bem sua defesa: depois da revelação sobre Ah Sook e do testemunho de Devlin, as admoestações de Shepard soaram rancorosas, até mesmo triviais. Moody parabenizou-se, silenciosamente, por ter levantado a questão da demência de Anna antes que o querelante tivesse a chance.

Quando enfim Broham sentou-se, o juiz espreitou a bancada dos advogados e disse:

— A testemunha é sua, senhor Moody.

— Obrigado, senhor — disse ele, e voltou-se para o carcereiro. — Diretor Shepard. A seu ver, a assinatura de Emery Staines nesta escritura de doação é uma falsificação demonstrável?

Shepard ergueu o queixo.

— Eu a chamaria de réplica quase exata.

— Perdão, senhor… Por que “quase exata”?

Shepard pareceu aborrecido.

— É uma boa réplica — corrigiu ele.

— Poderíamos dizer que é uma réplica *exata* da assinatura do senhor Staines?

— Isso dirão os peritos — disse Shepard, dando de ombros. — Não sou um perito em fraude especializada.

— Diretor Shepard — disse Moody. — Você foi capaz de detectar qualquer diferença entre esta assinatura e outros documentos assinados pelo senhor Staines, dos quais o Banco Central possui uma extensa e certificável amostra?

— Não, eu não fui capaz — disse Shepard.

— Sobre que evidência baseia sua alegação de que a assinatura é, na verdade, uma falsificação?

— Eu vi a escritura em questão em fevereiro, e naquele ponto, ela não estava assinada — disse Shepard. — A senhorita Wetherell trouxe o mesmo documento ao tribunal na tarde de 20 de março, e estava assinado. Há apenas duas explicações. Ou ela mesma forjou a assinatura, o que acredito ser o caso, *ou* ela estava em conluio com o senhor Staines durante o período de seu sumiço… E neste caso, ela cometeu perjúrio numa corte da lei.

— Na verdade, há uma terceira explicação — disse Moody. — Se de fato essa assinatura *for* uma falsificação, como tão veementemente você atesta ser, então alguém, que não Anna, pode tê-la assinado. Alguém que sabia que esse documento estava em posse do capelão, e que muito desejava… fosse por qualquer razão… ver a senhorita Wetherell indiciada.

A expressão de Shepard era fria.

— Sua implicação me ofende, senhor Moody.

Moody pegou sua carteira e tirou dela uma pequena folha de papel.

— Tenho comigo — disse ele — uma nota promissória datada de junho do ano passado, submetida pelo senhor Richard Mannering, que traz a rubrica da própria senhorita Wetherell. Você nota alguma coisa na assinatura da senhorita Wetherell, diretor?

Shepard examinou a nota.

— Ela assinou com um X — disse ele finalmente.

— Precisamente: ela assinou com um X — disse Moody. — Se a senhorita Wetherell não é capaz de assinar o próprio nome, diretor Shepard, o que diabos o faz pensar que ela poderia produzir uma réplica perfeita do nome de outrem?

Todos os olhos estavam em Shepard. Ele ainda olhava para a nota promissória.

— Obrigado, senhor — disse Moody ao juiz. — Não tenho mais perguntas.

— Está certo, senhor Moody — disse o juiz, numa voz que tanto poderia conter divertimento como desaprovação. — Pode descer.

Vênus é uma estrela matutina

Em que uma tentação se apresenta sob um disfarce.

Assim que o *Fortunate Wind* alcançou seu ancoradouro em Port Chalmers e os passadiços foram abaixados até as docas, Anna foi obrigada a juntar-se à fila das mulheres, a fim de ser inspecionada pelos oficiais médicos. Do abrigo de quarentena ela passou para a alfândega, para que carimbassem e aprovassem seus documentos de entrada. Completadas essas entrevistas, ela foi encaminhada ao depósito, para providenciar a retirada de seu baú (era um muito pequeno, dificilmente maior que uma caixa de chapéu; ela até conseguia segurá-lo debaixo do braço), e lá topou com mais um atraso, tendo o seu baú sido carregado por erro à carruagem de outra dama. Quando esse erro foi corrigido, e sua bagagem, recuperada, já passava do meio-dia. Finalmente surgindo do depósito, Anna olhou esperançosamente ao redor em busca do rapaz de cabelos dourados que tanto a deleitara no deque aquela manhã, mas não viu ninguém que reconhecesse: seus colegas passageiros haviam há muito dispersado no burburinho da cidade. Ela desceu seu baú no cais e levou um momento para endireitar as luvas.

— Com licença, senhorita — soou uma voz, aproximando-se, e Anna se voltou. Quem falava era uma mulher de cabelos acobreados, roliça e de tez suave; ela estava muito bem-vestida num vestido de brocado verde. — Com licença — disse ela novamente —, mas por acaso acaba de chegar à cidade?

— Sim, madame — disse Anna. — Acabo de chegar… esta manhã.

— Em que embarcação, por gentileza?

— *Fortunate Wind*, madame.

— Sim — disse a mulher —, sim: bem, nesse caso, talvez possa me ajudar. Estou esperando por uma jovem chamada

Elizabeth Mackay. Ela tem aproximadamente sua idade, é simples, esguia, está vestida como uma governanta, viaja sozinha…

— Infelizmente não a vi — disse Anna.

— Ela vai completar dezenove anos em agosto próximo — prosseguiu a mulher. — Ela é minha prima de segundo grau; nunca a encontrei antes, mas segundo todos os relatos ela é muito bem asseada e razoavelmente bonita. Elizabeth Mackay é o nome dela. Não a viu?

— Sinto muito, madame.

— Qual era mesmo o nome do seu navio… *Fortunate Wind*?

— Isso mesmo.

— Onde embarcou?

— Port Jackson.

— Sim — disse a mulher. — Era o próprio. O *Fortunate Wind*, vindo de Sydney.

— Sinto dizer que não havia jovens senhoritas a bordo do *Fortunate Wind*, madame — disse Anna, estreitando os olhos um pouco. — Havia uma senhora Paterson, viajando com o marido, uma senhora Mader, uma senhora Yewers, uma senhora Cooke… Mas todas do lado mais sábio dos quarenta anos, eu arriscaria dizer. Não havia ninguém que pudesse passar por dezenove anos.

— Oh, céus — disse a mulher, mordendo o lábio. — Céus, céus, céus.

— Algum problema, madame?

— Oh — disse a mulher, estendendo a mão para pressionar a mão de Anna —, que gentil é você, em perguntar. Veja, eu administro uma pensão para moças aqui em Dunedin. Recebi uma carta da senhorita Mackay algumas semanas atrás, apresentando-se, pagando adiantado sua hospedagem e prometendo que chegaria hoje! Eis aqui. — A mulher exibiu uma carta amarrotada. — Pode ver: ela não cometeu nenhum erro quanto à data.

Anna não pegou a carta.

— Sinto muito — disse ela, balançando a cabeça. — Tenho certeza de que não houve erro.

— Oh, perdoe-me — disse a mulher. — Você não sabe ler.

Anna corou.

— Não muito bem.

— Não tem importância, não tem importância — disse a mulher, metendo a carta de volta dentro da manga. — Oh, mas estou preocupada demais em relação à pobre senhorita Mackay. Estou terrivelmente preocupada! Que isso poderia significar… sendo que prometeu chegar *neste* dia… *neste* barco… e ainda assim… como você atesta… ela nem sequer embarcou! Tem mesmo certeza disso? Tem mesmo certeza de que não havia jovens mulheres a bordo?

— Estou certa de que deve haver uma explicação simples — disse Anna. — Talvez ela tenha adoecido no último minuto. Ou talvez ela tenha enviado uma carta com desculpas, e a carta foi extraviada.

— Você é tão boa em me confortar — disse a mulher, pressionando-lhe a mão novamente. — E está certa: devo ser sensata e não me permitir esses arroubos de fantasia. Estarei apenas me preocupando se pensar que ela veio a sofrer algum tipo de mal.

— Estou certa de que tudo acabará bem — disse Anna.

— Doce filha — disse a mulher, dando-lhe palmadinhas. — Estou tão contente de fazer uma amizade com uma garota tão doce e bela. O meu nome é senhora Wells: senhora Lydia Wells.

— Senhorita Anna Wetherell — disse Anna, fazendo uma reverência.

— Mas olhe só para mim, preocupando-me com uma garota que viaja sozinha, quando estou falando com outra — disse a sra. Wells, sorrindo agora. — Como foi que aconteceu de *você* viajar sem uma dama de companhia, senhorita Wetherell? Está noiva de algum mineiro daqui, talvez!

— Não estou noiva — disse Anna.

— Talvez esteja atendendo a uma convocação de algum tipo! Seu pai… ou algum outro parente… que já está aqui e lhe mandou chamar…

Anna balançou a cabeça.

— Vim para começar do zero.

— Ora, escolheu o lugar perfeito para fazê-lo — disse a sra. Wells. — Todos começam de novo neste país; não há simplesmente outra maneira de fazê-lo! Está totalmente sozinha?

— Totalmente sozinha.

— É muito corajoso de sua parte, senhorita Wetherell… É corajoso demais! Alegro-me em saber que não estava procurando por companhia feminina em sua travessia, mas agora gostaria de saber, de imediato, se já garantiu hospedagem, aqui em Dunedin. Há grande número de hotéis sem reputação nessa cidade. Alguém tão bela quanto você tem grande necessidade de bons conselhos sobre um bom alojamento.

— Agradeço-lhe pela gentil preocupação — disse Anna. — Pretendia pousar na pensão da senhora Penniston; é para onde devo ir esta tarde.

A outra mulher pareceu aterrada.

— A pensão da senhora *Penniston*!

— O lugar me foi recomendado — disse Anna, franzindo o cenho. — Não o recomenda?

— Ai de mim… não recomendo! — disse a sra. Wells. — Se ainda tivesse mencionado qualquer outra pensão na cidade, mas a da senhora *Penniston*…! Ela é uma mulher muito vil, senhorita Wetherell. Uma mulher muito vil. Deve manter distância de tipos como ela.

— Oh — disse Anna, surpresa.

— Diga-me novamente por que veio a Dunedin — disse a sra. Wells, falando agora calorosamente.

— Vim por causa das corridas do ouro — disse Anna. — Todos dizem que há mais ouro num assentamento do que no solo. Pensei em virar uma seguidora do assentamento.

— Quer dizer que pretende achar um emprego… como garçonete, talvez?

— Conseguiria me virar num bar — disse Anna. — Já trabalhei em hotéis. Tenho mão firme e sou honesta.

— Tem uma recomendação?

— Uma boa recomendação, madame. Do Empire Hotel à rua Union, em Sydney.

— *Excelente* — disse a sra. Wells. Ela olhou Anna de alto a baixo, sorrindo.

— Se não aprova a pensão da senhora Penniston… — começou Anna, mas a sra. Wells a interrompeu.

— Oh! — exclamou ela. — Tenho a solução perfeita… para resolver *ambos* os nossos dilemas… os seus *e* os meus! Acabou de me ocorrer! A minha senhorita Mackay pagou por uma semana de hospedagem, e ela não está aqui para ocupar o quarto pelo qual pagou adiantado. Você deve assumi-lo. Você deve vir e ser a senhorita Mackay, até que lhe encontremos algum emprego e a façamos andar com as próprias pernas.

— Isso é muito gentil, senhora Wells — disse Anna, recuando —, mas eu não poderia aceitar tanta… eu não poderia aproveitar-me de sua caridade.

— Oh, basta de objeções — disse a sra. Wells, tomando Anna pelo cotovelo. — Quando formos melhores amigas, senhorita Wetherell, olharemos para trás, até este dia de hoje, e chamaremos de acaso o fato de termos topado uma com a outra dessa maneira. Sou uma grande crente no acaso! Dentre outras muitas coisas. Mas que estou fazendo, ao papaguear assim? Deve estar faminta… e *ansiando* por um banho quente. Venha comigo. Vou cuidar de você maravilhosamente bem, e, assim que estiver descansada, vou lhe arranjar trabalho.

— Não queria implorar — disse Anna. — Não estou implorando.

— Você não está implorando por absolutamente nada — disse Lydia Wells. — Que doce criança você é… Aqui, carregador!

Um garoto de nariz arrebitado correu ao encontro delas.

— Entregue o baú da senhorita Wetherell ao número 35, à rua Cumberland — disse a sra. Wells.

O garoto de nariz arrebitado arreganhou um sorriso; ele se voltou para Anna, olhou-a de alto a baixo e em seguida repuxou seu chapéu com cortesia exagerada. Lydia Wells não comentou essa demonstração de insolência, mas fulminou o carregador com um olhar muito severo enquanto lhe entregava meio xelim tirado da bolsa. Então ela pôs o braço em volta dos ombros de Anna e, sorrindo, levou-a por seu caminho.

Exaltado em Áries

Em que o réu torna-se filosófico; o senhor Moody assume a supremacia; Lauderback faz uma declamação; e os Carver são pegos numa mentira.

As sessões vespertinas começaram exatamente à uma da tarde.

— Senhor Staines — disse o juiz, após o garoto ter sido ajuramentado. — Você foi indiciado por três acusações: primeiro, pela falsificação do relatório trimestral de janeiro de 1866. Como você se declara?

— Culpado, senhor.

— Segundo, pelo desfalque de minério legalmente submetido pelo seu empregado, o senhor John Long Quee, em nome da jazida Aurora, depois descoberto na moradia pertencente ao finado senhor Crosbie Wells, no vale Arahura. Como você se declara?

— Culpado, senhor.

— E terceiro, pela improbidade na administração de concessões e minas que exigiam manutenção diária, tendo seu período de ausência excedido oito semanas. Como você se declara?

— Culpado, senhor.

— Completamente culpado — disse o juiz, recostando-se. — Tudo bem. Pode ficar sentado no momento, senhor Staines. Temos o senhor Moody designado para o réu, novamente, e o senhor Broham para o querelante, auxiliado pelos senhores Fellowes e Harrington da corte dos Magistrados. Senhor Broham, por favor, sua declaração.

Tal como antes, a argumentação de Broham foi planejada para desacreditar o réu, e tal como antes, excessivamente prolixa. Ele enumerou todos os problemas que haviam sido causados pela ausência de Staines, projetando a viúva de Wells, em particular, como uma trágica figura cujas esperanças haviam sido falsamente alimentadas ante a promessa de uma herança inesperada que ela

equivocadamente (mas sensatamente) supunha ser parte do espólio do falecido marido. Ele falou sobre a corrupção inerente da riqueza e referiu-se à fraude e ao desfalque como “aqueles crimes premeditados e cruéis”. A argumentação de Moody, quando a proferiu, asseverou simplesmente que Staines estava muito cônscio dos problemas que causara com sua ausência prolongada e muito disposto a pagar por todos os danos ou dívidas incorridas como resultado.

— Senhor Broham — disse o juiz Kemp, quando Moody terminou. — A testemunha é sua.

Broham levantou-se.

— Senhor Staines. — Ele levantou uma folha de papel à maneira de alguém brandindo um mandado de prisão, e disse:

— Tenho comigo um documento emitido pela Nilssen & Cia., Negociantes Comissionados, que lista o espólio do finado senhor Crosbie Wells. O espólio, como registrado pelo senhor Nilssen, inclui uma grande quantidade de minério puro, avaliado pelo banco em exatamente quatro mil e noventa e seis libras. Que pode me dizer sobre essa fortuna?

Staines respondeu sem hesitar.

— O minério foi encontrado na concessão conhecida como Aurora — disse ele —, que, até recentemente, pertencia a mim. Foi escavado por meu empregado, o senhor Quee, nos meses do meio do ano passado. O senhor Quee fundiu o metal em esquadrias, como lhe era de costume, e então submeteu essas esquadrias a mim, como extrações legais. Quando recebi a fortuna, não a depositei em nome da Aurora, como legalmente era obrigado a fazer. Em vez disso, ensaquei-a, levei-a ao vale Arahura e enterrei-a.

Ele falou calmamente e sem afetação.

— Por que o Arahura, especificamente? — disse Broham.

— Porque não se pode prospectar em terra maori, e a maior parte do Arahura pertence aos maoris — disse Staines. — Pensei que estaria mais seguro lá… pelo menos por um tempo; até que eu voltasse e a escavasse novamente.

— Que pretendia fazer com a fortuna?

— Planejei cortá-la em metades — disse Staines — e ficar com uma para mim. A outra, pretendia dá-la à senhorita Wetherell, como presente.

— Por que desejava fazer tal coisa?

Ele pareceu confuso.

— Temo não ter entendido a pergunta, senhor.

— Que pretendia obter, senhor Staines, ao presentear a senhorita Wetherell com essa quantia de dinheiro?

— Nada — disse o rapaz.

— Não pretendia obter nada?

— Exatamente — disse Staines, avivando-se um pouco. — De outra forma, não seria um presente, seria?

— Essa fortuna — disse Broham, levantando sua voz acima do riso disperso na sala — foi depois descoberta no chalé pertencente ao finado Crosbie Wells. Como essa mudança ocorreu?

— Não sei ao certo. Creio que ele mesmo a escavou e pegou-a para si.

— Se esse foi, de fato, o caso, por que supõe que o senhor Wells não a levou ao banco?

— Não é óbvio? — disse Staines.

— Temo que não — disse Broham.

— Porque o minério estava prensado, é claro — disse Staines. — E cada um desses blocos trazia a palavra “Aurora”, gravada no próprio metal pelo meu senhor Quee! Crosbie dificilmente poderia fingir que os havia tirado do solo.

— Por que você não depositou a fortuna em nome da Aurora, como lhe era legalmente devido?

— Cinquenta por cento das extrações da Aurora pertencem ao senhor Francis Carver — disse Staines. — Tenho uma má opinião sobre o homem e não quis vê-lo lucrar.

Broham franziu o cenho.

— Você removeu a fortuna da Aurora porque não queria pagar os dividendos de cinquenta por cento legalmente devidos ao senhor Carver. Contudo, pretendia dar cinquenta por cento dessa mesma fortuna à senhorita Anna Wetherell. Está correto?

— Exatamente correto.

— Vai me perdoar se considero suas intenções um tanto quanto ilógicas, senhor Staines.

— Que há de ilógico nelas? — disse o rapaz. — Eu queria que Anna tivesse a parte de Carver.

— Por que razão?

— Porque ela merecia tê-la, e ele não — disse Emery Staines.

Mais risadas, mais esparsas desta vez. Moody estava ficando ansioso: ele advertira Staines contra falar muito afetadamente ou muito petulantemente.

Quando se fez silêncio outra vez, o juiz disse:

— Não creio que seja sua prerrogativa, senhor Staines, julgar o que uma pessoa merece ou não. Você deve se ater, no futuro, apenas às declarações factuais.

Staines moderou-se imediatamente.

— Entendido, senhor — disse ele.

O juiz assentiu.

— Continue, senhor Broham.

Abruptamente, Broham mudou de assunto.

— Você ficou ausente de Hokitika por dois meses — disse ele. — O que provocou sua ausência?

— Eu me envergonho em dizer que estive sob os efeitos do ópio, senhor — disse Staines. — Fiquei abismado em ver, quando retornei, que mais de dois meses haviam se passado.

— Por onde esteve?

— Creio que passei boa parte do tempo no antro de ópio na Chinatown de Kaniere — disse Staines —, mas não conseguiria dizer com certeza.

Broham fez uma pausa.

— O antro de ópio — repetiu ele.

— Sim, senhor — disse Staines. — O proprietário era um camarada chamado Sook. Ah Sook.

Broham não queria estender-se no tema Ah Sook.

— Você foi encontrado — disse ele — em 20 de março, no chalé que uma vez pertenceu a Crosbie Wells. O que fazia lá?

— Creio que eu estava procurando por minha fortuna — disse Staines. — Acontece que fiquei um pouco enlameado… eu não estava bem… e não conseguia lembrar onde a havia enterrado.

— Quando desenvolveu a dependência do ópio, senhor Staines?

— Toquei na droga pela primeira vez na noite de 14 de janeiro.

— Em outras palavras, na exata noite em que Crosbie Wells morreu.

— É o que me dizem.

— Um bocado de coincidência, não diria?

Moody protestou.

— O senhor Wells morreu de causas naturais — disse ele. — Não consigo ver como qualquer coincidência com um evento natural possa ser de alguma importância.

— Na verdade — disse Broham —, a autópsia revelou uma pequena quantidade de láudano no estômago do senhor Wells.

— Uma pequena quantidade — repetiu Moody.

— Continue com sua interrogação, senhor Broham — disse o juiz. — Sente-se, senhor Moody.

— Obrigado, senhor — disse Broham ao juiz. Ele voltou-se para Staines. — Consegue pensar numa razão, senhor Staines, pela qual o senhor Wells poderia ter ingerido *qualquer* quantidade de láudano com uma grande quantidade de uísque?

— Talvez ele estivesse sentindo dor.

— Que tipo de dor?

— Estou especulando — disse Staines. — Temo somente poder especular: eu não conhecia intimamente os hábitos pessoais do homem e não estive com ele aquela noite. Apenas quis dizer que o láudano é geralmente tomado para aliviar uma dor… ou como ajuda para adormecer.

— Não, não após uma garrafa de uísque.

— Eu certamente não arriscaria tal combinação por conta própria. Mas não posso responder pelo senhor Wells.

— Você toma láudano, senhor Staines?

— Apenas quando mo prescrevem; não como um hábito.

— Você tem uma prescrição no momento?

— No momento, tenho — disse Staines —, mas é uma receita muito recente.

— Quão recente, por favor?

— Foi administrada em 20 de março pela primeira vez — disse Staines — como alívio para a dor e como um método de me tirar do vício.

— Antes de 20 de março, alguma vez adquiriu ou de outra forma obteve uma ampola de láudano da botica de Pritchard à rua Collingwood?

— Não.

— Uma ampola de láudano foi descoberta no chalé de Crosbie Wells alguns dias após sua morte — disse Broham. — Sabe como foi parar lá?

— Não.

— Até onde sabe, o senhor Wells era dependente de opiáceos?

— Ele era um bêbado — disse Staines. — É tudo que sei.

Broham estudou-o.

— Por favor, diga à corte como passou a noite de 14 de janeiro, em sequência e com as próprias palavras.

— Encontrei Anna Wetherell no Pó e Pepita por volta das sete — disse Staines. — Tomamos um drinque juntos e depois fomos ao meu apartamento à rua Revell. Adormeci e, quando acordei, por volta das dez e meia, suponho, ela havia ido embora. Não consegui pensar por que ela havia saído tão repentinamente, e saí para procurá-la. Fui ao Gridiron. Não havia ninguém no balcão, ninguém no patamar, e a porta de seu quarto no andar superior estava destravada. Entrei e a vi deitada no chão, com seu cachimbo, a resina e a lâmpada dispostos em volta dela. Bem, não consegui despertá-la e, enquanto esperava que ela se reanimasse, ajoelhei-me para verificar seus utensílios. Eu nunca havia tocado em ópio, mas sempre havia ansiado por prová-lo. Há tanto misticismo sobre ele, entende, e a fumaça é tão agradável e espessa… O cachimbo dela estava ainda quente, e a lâmpada ainda ardia, e tudo parecia… um acaso, de certa forma. Pensei que simplesmente poderia experimentá-lo. Ela parecia tão maravilhosamente feliz; ela até sorria.

— Que aconteceu, em seguida? — disse Broham, quando Staines não prosseguiu.

— Eu fiquei sob o efeito, é claro — disse Staines. — Foi divino.

Broham pareceu aborrecido.

— E depois disso?

— Bem, eu dei uma boa tragada no cachimbo dela e então me deitei em sua cama e dormi um bocado… ou sonhei; não era exatamente sono. Quando me recompus, a lâmpada estava fria, o bojo do cachimbo estava vazio e Anna havia desaparecido. Envergonho-me em dizer que não dediquei um só pensamento a ela. Tudo que queria era uma nova tragada. Era uma fissura tão grande, entende: desde o primeiro trago, eu fiquei enfeitiçado. Sabia que não descansaria até provar a droga de novo.

— Tudo isso após seu primeiro trago — disse Broham, ceticamente.

— Sim — disse Staines.

— O que você fez?

— Rumei para o antro em Chinatown, imediatamente. Era cedo… logo após o alvorecer. Não vi absolutamente ninguém na estrada.

— Quanto tempo permaneceu na Chinatown de Kaniere?

— Penso que duas semanas… mas é difícil recordar exatamente; cada dia se misturava ao seguinte. Ah Sook foi sempre tão gentil comigo. Ele me acolheu, me alimentou, garantiu que eu nunca comesse demais. Manteve um registro das minhas dívidas numa pequena lousa.

— Viu mais alguém durante esse período?

— Não — disse Staines —, mas realmente, não consigo me lembrar de muita coisa.

— Qual é a próxima coisa de que se lembra?

— Um dia acordei e Ah Sook não estava lá. Fiquei muito chateado. Ele havia levado o ópio com ele… ele sempre o fazia, quando abandonava o antro… e eu revirei o lugar todo, procurando, ficando mais e mais desesperado. E então eu me lembrei da provisão da senhorita Wetherell.

“Parti imediatamente para Hokitika, em frenesi. Chovia muito forte naquela manhã e não havia muitas pessoas na rua, e rumei para Hokitika sem avistar ninguém que conhecesse. Entrei no Gridiron pela porta dos fundos e subi a escada de serviço, nos fundos. Esperei até que Anna descesse para o almoço e então me esgueirei para dentro de seu quarto, e encontrei a resina e todos os

seus utensílios em sua gaveta. Mas aí fui encurralado… alguém entabulou uma conversa no corredor, logo em frente à porta… e não pude sair. Então Anna voltou do almoço e a ouvi chegando, e novamente entrei em pânico, então me escondi por trás das cortinas."

— Das cortinas?

— Sim — disse Staines. — Era onde me escondia, quando recebi a bala da arma de Anna.

O rosto de Broham se avermelhava.

— Por quanto tempo permaneceu escondido por trás das cortinas?

— Horas — disse Staines. — Se tivesse que adivinhar, diria que de meio-dia às três. Mas é apenas uma estimativa.

— A senhorita Wetherell sabia que você esteve em seu quarto naquele dia?

— Não.

— E quanto ao senhor Gascoigne… ou ao senhor Pritchard?

— Não — disse Staines novamente. — Fiquei muito quieto e me mantive muito imóvel. Estou certo de que nenhum deles soube que eu estava lá.

Fellowes sussurrava atentamente no ouvido de Harrington.

— Que aconteceu quando foi alvejado? — disse Broham.

— Eu me mantive em silêncio — disse Staines novamente.

— Se manteve em silêncio?

— Sim.

— Senhor Staines — disse Broham, com uma voz que pretendia repreendê-lo. — Está querendo dizer a esta sala de julgamento que você foi baleado, assaz sem aviso e à queima-roupa, e que não gritou, se mexeu ou fez qualquer barulho que pudesse alertar sobre sua presença a nenhuma das *três testemunhas*?

— Sim — disse Staines.

— Como diabos você não gritou?

— Eu não queria entregar a resina — disse Staines.

Broham estudou-o; na pausa subsequente, Harrington passou-lhe uma folha de papel, a qual Broham examinou brevemente, e então olhou para cima e disse:

— Pensa ser possível, senhor Staines, que a senhorita Wetherell *soubesse* que você estava presente, na tarde de 27 de janeiro, e que ela pudesse ter atirado sua pistola deliberadamente na direção das cortinas com o *propósito manifesto* de provocar-lhe mal?

— Não — disse Staines. — Não penso ser possível.

A sala de julgamento havia ficado muito imóvel.

— Por que não?

— Porque confio nela — disse Staines.

— Estou lhe perguntando se pensa ser possível — disse Broham —, e não se pensa ser provável.

— Eu entendi a pergunta. Não altera minha resposta.

— O que o induziu a pôr confiança na senhorita Wetherell?

— Não se pode *induzir* confiança — irrompeu ele. — Apenas pode ser dada… e dada livremente! Como é possível que eu responda a isso?

— Vou simplificar minha pergunta — disse o advogado. — Por que confia na senhorita Wetherell?

— Confio nela porque eu a amo — disse Staines.

— E como veio a amá-la?

— Confiando nela, é claro!

— Você faz uma defesa circular.

— Sim — exclamou o rapaz —, porque devo! O verdadeiro sentimento é sempre circular… ou circular ou paradoxal… simplesmente porque sua causa e sua expressão são duas metades de uma mesma coisa! O amor não pode ser reduzido a um catálogo de motivos, e um catálogo de razões não pode ser colocado ao lado do amor. Qualquer homem que discorde de mim nunca amou… não verdadeiramente.

Um completo silêncio seguiu-se a essa observação. Do extremo canto da sala de julgamento veio um assovio baixo, e, em resposta a ele, risadas abafadas.

Broham estava claramente irritado.

— Vai me perdoar a observação, senhor Staines, de que é bastante incomum roubar opiáceos da pessoa a quem se professa amar.

— Sei que é muito mau — disse Staines. — Estou muito envergonhado do que fiz.

— Alguém pode confirmar suas ações ao longo dos últimos dois meses?

— Ah Sook pode me afiançar.

— O senhor Sook faleceu. Mais alguém?

Staines pensou por um momento, e então balançou a cabeça.

— Não consigo pensar em mais ninguém.

— Não tenho mais perguntas — disse Broham, secamente. — Obrigado, senhor juiz.

— A testemunha é sua, senhor Moody — disse o juiz.

Moody também o agradeceu. Ele passou um momento pondo suas anotações em ordem e aguardando baixar o sussurro na sala, antes de dizer:

— Você declarou que a opinião que faz do senhor Carver é uma opinião ruim, senhor Staines. O que provocou essa má opinião?

— Ele agrediu Anna — disse Staines. — Ele a espancou… a sangue-frio… e ela carregava um bebê. A criança foi morta.

A sala de julgamento silenciou-se de pronto.

— Quando ocorreu essa agressão? — disse Moody.

— Na tarde de 11 de outubro do ano passado.

— Em 11 de outubro — ecoou Moody. — Você testemunhou essa agressão?

— Não, não testemunhei.

— Como soube de sua ocorrência?

— Da boca do senhor Löwenthal, mais tarde naquele dia. Foi ele quem a encontrou na estrada… toda espancada e ensanguentada. Ele pode afiançar a condição dela quando a encontrou.

— Que assunto travou com o senhor Löwenthal naquela tarde?

— Um assunto não relacionado — disse Staines. — Visitei-o porque desejava pôr um anúncio no jornal.

— Referente a…?

— … à compra de um caixote de bombas hidráulicas de mineração.

— Quando ouviu a notícia de que a senhorita Wetherell havia sido agredida — disse Moody —, ficou surpreso?

— Não — disse Staines. — Eu já sabia que Carver era um bruto… e já havia lamentado mais de uma dezena de vezes nossa associação. Ele se ofereceu para ser meu patrocinador quando cheguei em Dunedin… foi assim que o conheci, veja, quando havia acabado de pular do navio, aquele mesmo dia. Não suspeitei de nada errado. Eu era muito inexperiente. Apertamo-nos as mãos de boa-fé, e foi isso, mas não levou muito tempo antes que eu começasse a ouvir coisas sobre ele… e sobre a senhora Carver também: eles trabalhavam em equipe, é claro. Quando ouvi o que haviam feito ao senhor Wells, fiquei horrorizado. Eu havia feito negócios com um completo vigarista, pensei.

O rapaz estava se adiantando demais. Moody tossiu, para lembrá-lo da sequência narrativa que haviam concordado em seguir, e disse:

— Voltemos à noite de 11 de outubro. O que você fez quando o senhor Löwenthal o avisou de que a senhorita Wetherell havia sido agredida?

— Rumei diretamente para o vale Arahura, para dar a notícia ao senhor Wells.

— Por que considerou a informação ser de alguma importância ao senhor Wells?

— Porque ele era o pai da criança que a senhorita Wetherell carregava — disse Staines —, e pensei que ele deveria saber que seu filho havia sido morto.

Agora a sala do tribunal estava tão silenciosa que Moody podia ouvir o distante alvoroço da rua.

— Como o senhor Wells recebeu a notícia de que seu futuro filho estava morto?

— Ele ficou muito calado — disse Staines. — Ele não disse absolutamente nada. Tomamos um drinque juntos e sentamo-nos um pouco. Fiquei até tarde.

— Você discutiu algum outro assunto com o senhor Wells naquela noite?

— Eu lhe contei sobre a fortuna que eu havia enterrado perto de seu chalé. Disse que, caso Anna sobrevivesse àquela noite (ela fora espancada muito gravemente), eu daria a ela a parte de Carver.

— Era sua intenção colocar isso por escrito naquela mesma noite?

— Wells esboçou um documento — disse Staines —, mas eu não o assinei.

— Por que não?

— Não me recordo exatamente por quê — disse Staines. — Eu estivera bebendo, e quando vi já era muito tarde. Talvez a conversa tivesse tomado outros rumos… ou talvez eu tivesse desejado isso, e esqueci-me daquilo. Enfim, eu dormi um pouco e então retornei a Hokitika de manhã cedinho para verificar o progresso da recuperação da senhorita Wetherell. Nunca mais vi o senhor Wells.

— Você contou ao senhor Wells onde estava enterrado o minério?

— Sim — disse Staines. — Descrevi o local em termos gerais.

Em seguida, a corte dos Magistrados ouviu os testemunhos de Mannering, Quee, Löwenthal, Clinch, Nilssen e Frost — todos os quais descreveram a descoberta e os desdobramentos da fortuna descoberta no chalé de Crosbie Wells quase como se o ouro prensado houvesse, de fato, sido extraído da Aurora. Mannering testemunhou as condições sob as quais a Aurora fora vendida, e Quee, a fundição do minério. Löwenthal detalhou sua entrevista com Alistair Lauderback na noite de 14 de janeiro, durante a qual ele soube da morte de Crosbie Wells. Clinch testemunhou que havia adquirido o espólio na manhã seguinte. Nilssen descreveu como o ouro estava escondido no chalé de Crosbie Wells, e Frost confirmou o valor estimado. Eles não fizeram qualquer menção aos vestidos de Anna, nem à barca naufragada, *Godspeed*, nem a nenhuma das preocupações e revelações que haviam precipitado seu conselho secreto no Crown Hotel três meses antes. Seus exames ocorreram sem incidentes, e dentro de pouco tempo, conforme lhes pareceu, o juiz chamou a sra. Lydia Carver ao banco.

Ela trajava seu vestido de carvão listrado, e sobre ele, um fino casaco de equitação preto com mangas bufantes. Seus cabelos acobreados, maravilhosamente claros, estavam presos sobre a cabeça, num coque firmado com uma faixa negra de veludo. Ao passar pelo banco dos advogados, Moody captou seu perfume de cânfora, limão e anis — um perfume enfático, o qual o fez se

lembrar, num instante, da festa no Wayfarer's Fortune anterior à sessão espírita.

A sra. Carver galgou quase que faceira os degraus até o banco das testemunhas; mas, quando viu Emery Staines sentado no banco atrás da balaustrada, ela pareceu momentaneamente vacilar. Sua hesitação foi muito breve: no momento seguinte ela se recompôs. Deu as costas para Staines, sorriu para o meirinho e levantou a mão leitosa para prestar juramento.

— Senhora Carver — disse Broham, após o meirinho ter recuado do banco. — Conhece o réu, o senhor Emery Staines?

— Infelizmente, nunca tive o prazer de granjear a amizade do senhor Emery Staines — disse a sra. Carver.

Moody, relanceando o olhar para o rapaz, surpreendeu-se em ver que ele corava.

— No entanto, entendo que na noite de 18 de fevereiro você organizou uma sessão espírita a fim de fazer contato com ele — disse Broham.

— Correto.

— Por que, dentre todas as pessoas, escolheu o senhor Staines como objeto de sua sessão espírita?

— A verdade é deveras mercenária, infelizmente — disse a sra. Carver, sorrindo ligeiramente. — Àquela época, seu sumiço era o assunto da cidade, e pensei que seu nome poderia ajudar a atrair uma multidão. Foi isso.

— Você sabia, ao anunciar essa sessão espírita, que a fortuna descoberta no chalé de seu falecido marido tinha se originado na jazida Aurora?

— Não, não sabia — disse a sra. Carver.

— Tinha qualquer razão para ligar o senhor Staines ao seu falecido marido?

— Razão alguma. Ele era apenas um nome, para mim: tudo que sabia sobre ele era que havia sumido do desfiladeiro e que havia deixado muitas posses para trás.

— Você sabia que seu marido, o senhor Carver, detinha participações na jazida do senhor Staines?

— Oh — disse ela —, eu não falo sobre investimentos com Francis.

— Quando soube sobre a verdadeira origem da fortuna?

— Quando o Banco Central publicou a notícia no jornal em finais de março, afirmando que o ouro havia, na verdade, sido encontrado já fundido, sendo portanto possível rastreá-lo.

Broham voltou-se para o juiz.

— A corte tomará nota de que esse anúncio apareceu no *West Coast Times* no dia 23 de março deste ano.

— Devidamente anotado, senhor Broham.

Broham voltou-se para a sra. Carver.

— Você aportou em Hokitika na quinta-feira, 25 de janeiro de 1866, a bordo do vapor *Waikato* — disse ele. — Imediatamente após desembarcar, marcou uma consulta no tribunal para contestar a venda do chalé e do terreno do seu falecido marido. Está correto?

— Está correto.

— Como tomou conhecimento da morte do senhor Wells?

— O senhor Carver em pessoa havia me transmitido a notícia — disse a sra. Carver. — Naturalmente, rumei para Hokitika tão rápido quanto me foi possível. Gostaria de ter comparecido ao velório; infelizmente, cheguei tarde demais.

— No momento em que deixou Dunedin, você sabia que o montante do espólio do senhor Wells compreendia uma fortuna de origem desconhecida?

— Não, foi somente após chegar em Hokitika que li a explicação fornecida pelo *West Coast Times*.

— Contudo, entendo que você vendeu sua casa e seu negócio em Dunedin, antes de partir.

— Sim, eu o fiz — disse a senhora Carver —, mas não foi uma manobra tão radical quanto pode supor. Estou no ramo do entretenimento, e o público em Dunedin não era mais o que costumava ser. Eu já considerava uma mudança à costa Oeste havia muitos meses e lia o *West Coast Times* com atenção aguçada, com esse futuro propósito em mente. Quando li sobre a morte de Crosbie, pareceu-me a oportunidade perfeita. Poderia recomeçar minha vida num lugar onde os negócios decerto seriam bons… e poderia também estar perto de seu túmulo, o que eu muito desejava. Como já disse, nós não tivemos uma oportunidade de

resolver nossas diferenças antes de sua morte, e nossa separação me doeu muito agudamente.

— Você e o senhor Wells estavam vivendo apartados quando de sua morte, não estavam?

— Estávamos.

— Há quanto tempo viviam apartados?

— Cerca de nove meses, creio.

— Qual foi a razão de seu afastamento?

— O senhor Wells havia quebrado minha confiança — disse a sra. Carver.

Ela não prosseguiu, então Broham, com um relance nervoso de olhos ao juiz, disse:

— Poderia elaborar, por gentileza?

A sra. Carver fez um meneio com a cabeça.

— Havia uma jovem mulher sob meus cuidados — disse ela — de quem o senhor Wells se serviu abominavelmente. Crosbie e eu tivemos um terrível bate-boca sobre ela, e logo após nossa contenda, ele deixou Dunedin. Eu não sabia aonde ele havia ido, e não ouvia dizer dele. Foi somente quando o senhor Carver me trouxe a notícia de sua morte que descobri para onde ele havia ido.

— A jovem mulher questão…

— É a senhorita Anna Wetherell — disse a sra. Carver, secamente. — Eu lhe fiz caridade, ao acolhê-la, pelo que ela mesma afirmou ter sido muito grata. O senhor Wells manchou aquela caridade, a senhorita Wetherell abusou dela.

— A amizade entre a senhorita Wetherell e o senhor Wells continuou, após sua mudança conjunta para Hokitika?

— Não faço a menor ideia — disse a sra. Carver.

— Obrigado, senhora Carver. Não tenho mais perguntas.

— Obrigado, senhor Broham — disse ela, serenamente.

Moody estava já empurrando sua cadeira, aguardando o convite do juiz para levantar-se.

— Senhora Carver — disse ele prontamente, quando veio o convite. — No mês de março de 1864, seu finado marido Crosbie Wells tirou a sorte grande no vale Dunstan, correto?

A sra. Carver foi visivelmente surpreendida por essa pergunta, mas ela fez uma pausa apenas brevemente antes de dizer:

— Sim, está correto.

— Mas o senhor Wells não reportou essa fortuna ao banco, correto?

— Correto também — disse a sra. Carver.

— Em vez disso, ele contratou uma escolta privada para transportar o minério de Dunstan até Dunedin… onde você, sua esposa, o recebeu.

Um clarão de apreensão surgiu na expressão da sra. Carver.

— Sim — disse ela, cautelosamente.

— Poderia descrever como o minério foi acondicionado e então transportado da jazida?

Ela hesitou, mas a linha de questionamento de Moody havia evidentemente a pegado desprevenida, e ela não possuía tempo suficiente para formar um álibi.

— Ele foi acondicionado num cofre de escritório — disse ela finalmente. — O cofre foi colocado numa carruagem, e a carruagem foi escoltada de volta a Dunedin por uma equipe de homens… armados, é evidente. Em Dunedin eu coletei o cofre, paguei os portadores e escrevi imediatamente ao senhor Wells para fazê-lo saber que o cofre havia chegado em segurança, quando então ele enviou a chave.

— A escolta do ouro foi designada por você ou pelo senhor Wells?

— O senhor Wells fez a contratação — disse a sra. Carver. — Eles eram muito bons. Nunca nos deram uma pitada de transtorno. Era um negócio privado. Gracewood & Sons, ou algo desse feitio.

— Gracewood & Spears — corrigiu Moody. — A empresa desde então se mudou para Kaniere.

— De fato — disse a sra. Carver.

— O que fez com a fortuna, assim que lhe foi entregue em segurança?

— O minério permaneceu dentro do cofre. Instalei o cofre em nossa residência à rua Cumberland, e lá permaneceu.

— Por que não levou o metal a um banco?

— O preço do ouro flutuava diariamente, e o mercado de ouro era muito imprevisível — disse a sra. Carver. — Pensamos ser melhor esperar até que surgisse um bom momento para revendê-lo.

— A partir do seu grau de cautela, eu arriscaria dizer que o valor da fortuna era considerável.

— Sim — disse ela. — Vários milhares, nós achávamos. Nunca a avaliamos.

— Consequentemente à sua descoberta, o senhor Wells permaneceu na jazida?

— Sim, ele continuou a prospectar durante mais um ano: até a primavera seguinte. Ele ficou exultante com seu sucesso e sentiu que poderia ter sorte uma segunda vez; mas ele não a teve.

— Onde está a fortuna agora? — perguntou Moody.

Ela hesitou novamente, e então disse:

— Foi roubado.

— Meus pêsames — disse Moody. — Deve ter ficado desolada com a perda.

— Nós ficamos — disse a sra. Carver.

— Você se pronuncia em seu nome e em nome do senhor Wells, presumo.

— É claro.

Moody fez nova pausa, e então disse:

— Presumo que o ladrão tenha, de alguma forma, obtido acesso à chave.

— Talvez — disse a sra. Carver —, ou talvez a fechadura não fosse confiável. O cofre era de fabricação moderna; e como todos sabemos, as tecnologias modernas nunca são infalíveis. Também é possível que uma segunda chave houvesse sido fundida, sem nosso conhecimento.

— Tem alguma ideia de quem possa ter roubado a fortuna?

— Absolutamente.

— Concordaria ser provável que tenha sido alguém próximo de você?

— Não necessariamente — disse a sra. Carver, meneando a cabeça. — Qualquer membro da escolta pode ter nos traído. *Eles* sabiam que de fato havia uma fortuna em preciosidade pura à rua Cumberland, número 35; e eles sabiam a localização do cofre, além disso. Poderia ter sido qualquer um.

— Você abria o cofre regularmente, para verificar seu conteúdo?

— Regularmente, não.

— Quando descobriu que a fortuna havia desaparecido?

— Quando Crosbie retornou, no ano seguinte.

— Poderia descrever o que ocorreu quando fez essa descoberta?

— O senhor Wells voltou do garimpo e nos sentamos para fazer juntos o balanço das nossas finanças. Ele abriu o cofre e viu que estava vazio. Ele ficou completamente furioso… tal qual eu.

— Em que mês ocorreu isso?

— Oh, não sei — disse a sra. Carver, subitamente afobada. — Abril, talvez. Ou maio.

— Abril ou maio… de 1865. Do ano passado.

— Sim — disse ela.

— Obrigado, senhora Carver — disse Moody, e então, para o juiz: — Obrigado, senhor.

Ele sentiu, ao sentar-se, que a atmosfera na sala de julgamento estava acordando. Harrington e Fellowes haviam cessado seus sussurros, e o juiz não mais fazia anotações. Todos os olhos na sala observavam a sra. Carver descer os degraus do banco das testemunhas e sentar-se.

— A corte chama o senhor Francis Carver.

Carver estava bonito num casaco verde-escuro e com gravata presa. Prestou seu juramento com o usual tom conciso e então se voltou, a expressão sóbria, para encarar o banco dos advogados.

Broham tirou os olhos de suas anotações.

— Senhor Carver — disse ele. — Por favor descreva à corte como se tornou amigo do senhor Staines.

— Eu o encontrei em Dunedin — disse Carver — por volta dessa mesma época, ano passado. Ele havia acabado de descer do barco vindo de Sydney e procurava firmar-se como prospector. Eu me ofereci para seu patrocinador, e ele aceitou.

— O que esse patrocínio exigia de cada um de vocês?

— Eu lhe emprestaria dinheiro bastante para incluí-lo nas escavações, e em retorno, ele seria obrigado a me dar metade da participação em seu primeiro empreendimento, com dividendos perpétuos.

— Qual foi o exato valor monetário de seu patrocínio?

— Eu lhe comprei um embornal e uma reserva de provisões. Paguei sua passagem para a costa. Ele tinha uma dívida de jogo em Dunedin; eu paguei isso, também.

— Poderia estimar um valor total, por gentileza?

— Suponho que tenha lhe dado oito libras. Algo próximo de oito libras. Ele saiu na dianteira, a curto prazo, e eu fiquei com a liquidação, a longo prazo. Essa foi a ideia.

— Qual foi o primeiro empreendimento do senhor Staines?

— Ele comprou um lote de terra de dois acres a uma milha de Kaniere — disse Carver —, conhecido como Aurora. Ele me escreveu de Hokitika assim que fez a compra e encaminhou todos os documentos do banco.

— Como os dividendos da Aurora eram pagos a você?

— Por ordens de pagamento, aos cuidados do Banco Central.

— E com que frequência ocorriam esses pagamentos?

— Todo trimestre.

— Qual foi o exato valor do pagamento de dividendos que recebeu em outubro de 1865?

— Oito libras e alguns trocados.

— E qual foi o exato valor do pagamento de dividendos que recebeu em janeiro de 1866?

— Exatas seis libras.

— Ao longo dos últimos dois trimestres do ano passado, portanto, você recebeu um total de aproximadamente quatorze libras de dividendos.

— Correto.

— Neste caso, o lucro líquido da Aurora devia ter sido registrado como aproximadamente vinte e oito libras, ao longo de um período de seis meses.

— Sim.

— O senhor Staines fez alguma menção a você sobre a fortuna descoberta pelo chinês John Quee na Aurora?

— Não.

— Estava ciente, no momento da falsificação, de que o senhor Staines havia adulterado o relatório trimestral da Aurora?

— Não.

— Quando ficou ciente de que a fortuna descoberta no chalé do falecido senhor Wells era originária da jazida Aurora?

— Ao mesmo tempo que todo mundo — disse Carver. — Quando o banco publicou seus registros no jornal, dizendo que o minério havia sido encontrado fundido, não puro, e que a prensagem trazia uma assinatura.

Broham assentiu, e então, tossindo ligeiramente, mudou de assunto.

— O senhor Staines testemunhou que lhe tem em baixa estima, senhor Carver.

— Talvez tenha — disse Carver —, mas nunca me falou uma palavra sobre isso.

— Você agrediu a senhorita Wetherell no dia 11 de outubro, como alega o senhor Staines?

— Eu a estapeei no rosto — disse Carver. — Foi tudo.

Da galeria, Moody ouviu um baixo rosnado de desaprovação.

— O que o levou a lhe estapear o rosto? — disse Broham.

— Ela foi insolente — disse Carver.

— Poderia elaborar?

— Eu lhe perguntei por uma direção, e ela riu à minha custa, então a estapeei. Foi a primeira e última vez em que pus a mão nela.

— Poderia descrever o encontro da maneira como se lembra, por gentileza?

— Eu estava em Hokitika, a negócios — disse Carver —, e pensei em cavalgar a Kaniere para dar uma olhada na Aurora: o relatório trimestral havia acabado de sair, e eu podia ver que a concessão não estava extraindo bom pó, então fui lá para descobrir por quê. Encontrei a senhorita Wetherell à margem da estrada. Ela estava até aqui de ópio e falando disparates. Não consegui informação alguma dela, então montei novamente e cavalguei embora.

— O senhor Staines testemunhou que a senhorita Wetherell perdeu o filho naquele mesmo dia.

— Não sei nada sobre isso — disse Carver. — A última vez que a vi, ela estava ainda rindo e cambaleando. Talvez ela tenha arranjado encrenca depois que eu saí.

— Consegue lembrar o que perguntou a ela, naquela tarde?

— Sim. Eu queria encontrar Wells — disse Carver.

— Por que estava procurando notícias do senhor Wells?

— Eu tinha um assunto particular para discutir com ele — disse Carver. — Eu já não o via desde maio e não sabia onde encontrá-lo ou a quem perguntar por ele. Como Lydia disse, ele se levantou e abandonou Dunedin durante a noite. Não contou a ninguém aonde estava indo.

— A senhorita Wetherell divulgou o paradeiro do senhor Wells a você, naquele momento?

— Não — disse Carver. — Ela apenas riu. Foi por isso que a estapeei.

— Acredita que a senhorita Wetherell sabia onde o senhor Wells estava vivendo e que ela escondia essa informação de você com um propósito específico?

Carver pensou sobre isto, mas então balançou a cabeça.

— Não sei. Não saberia dizer.

— Qual era a natureza do assunto que desejava discutir com o senhor Wells?

— Seguros — disse Carver.

— Em respeito a quê?

Ele deu de ombros, para sugerir que a resposta não era de importância alguma.

— A barca *Godspeed* era dele — disse —, e eu era seu capitão operacional. Não eram negócios urgentes; apenas queria falar sobre algumas coisas.

— Você e o senhor Wells estavam em bons termos?

— Justos — disse Carver. — Eu os chamaria de justos. Não é segredo algum que eu gostava de sua esposa e que estava de olho para tomá-la quando ele falecesse, mas eu nunca me intrometi entre eles. Eu era decente com Wells, e Wells era decente comigo.

— Obrigado, senhor — disse Broham ao juiz. — Obrigado, senhor Carver.

— A testemunha é sua, senhor Moody.

Moody saltou prontamente.

— Senhor Carver — disse ele. — Quando você e a senhora Carver se conheceram?

— Nos conhecemos há quase vinte anos — disse Carver.

— Em outras palavras, ao longo de todo o curso do casamento dela com o finado senhor Wells.

— Sim.

— Eu me pergunto se poderia descrever as circunstâncias de seu casamento com a senhora Carver.

— Conheço Lydia desde que era rapaz — disse Carver —, e sempre pensamos que iríamos nos casar. Mas então peguei dez anos em Cockatoo, e durante esse tempo ela se apaixonou por Wells. Na época em que consegui minha licença, eles estavam casados. Eu não podia culpá-la. Dez anos é um bom tempo de espera. Eu também não podia culpá-lo. Eu sei o calibre de mulher que ela é. Mas eu disse para mim mesmo que, se esse casamento algum dia chegasse ao fim, eu seria o próximo na fila.

— Você se casou logo após a morte do senhor Wells, certo?

Carver encarou-o.

— Não havia nada de desrespeitoso nisso — disse ele.

Moody inclinou a cabeça.

— Não, estou certo disso — disse ele. — Sinto muito se insinuei o contrário. Permita-me voltar um pouco. Quando foi que o libertaram da prisão?

— Junho de 64 — disse Carver. — Quase dois anos agora.

— O que fez, após sua soltura da ilha Cockatoo?

— Rumei para Dunedin — disse Carver. — Arranjei trabalho num navio que fazia a rota Austrália-Nova Zelândia. O navio era a *Godspeed*.

— Era capitão dessa embarcação?

— Era da tripulação — disse Carver. — Mas subi a capitão no ano seguinte.

— O senhor Wells estava escavando a jazida em Dunstan nessa época, correto?

Carver hesitou.

— Sim — disse ele.

— E a senhora Carver… então esposa do senhor Wells… residia em Dunedin.

— Sim.

— Você viu a senhora Wells com frequência, durante esse período?

— Tomava um drinque na casa dela de quando em vez — disse Carver. — Ela dirigia uma taverna na rua Cumberland. Mas eu estava geralmente ao mar.

— Em maio de 1865, Crosbie Wells retornou a Dunedin — disse Moody. — Entendo que, naquela época, ele fez uma compra.

Carver sabia muito que estava sendo conduzido a uma enrascada, mas ele estava impotente para resistir.

— Sim — disse ele, secamente. — Ele comprou a *Godspeed*.

— Que tremenda compra — disse Moody, assentindo —, ainda mais porque foi realizada tão abruptamente. O fato de que ele escolheu investir num navio, dentre todas as coisas, é também curioso. O senhor Wells já tinha algum interesse em navegação, eu me pergunto?

— Não saberia dizer — disse Carver. — Mas devia ter, se fez a compra.

Moody fez uma pausa; então disse:

— Entendo que a escritura de venda está, atualmente, em sua posse.

— Está.

— Como veio a estar em sua posse, por gentileza?

— O senhor Wells a confiou a mim — disse Carver.

— Quando ele confiou esta escritura a você?

— Na época da compra — disse Carver.

— Que foi…?

— Em maio — disse Carver. — Do ano passado.

— Em outras palavras, imediatamente antes de o senhor Wells abandonar Dunedin e se mudar para o vale Arahura.

Carver não podia negar.

— Sim — disse ele.

— Qual foi a razão de o senhor Wells lhe confiar essa escritura de venda? — disse Moody.

— A fim de que eu pudesse agir como seu procurador — disse Carver.

— Em caso de invalidez, quer dizer — disse Moody. — Ou de óbito.

— Sim — disse Carver.

— Ah — disse Moody. — Agora, deixe-me ver se entendi corretamente, senhor Carver. A partir do começo do ano passado, o senhor Wells era o legítimo possuidor de vários milhares de libras em minério, escavado numa concessão no vale Dunstan. O minério foi escondido num cofre em sua residência em Dunedin, onde a esposa dele, uma antiga e muito querida amiga sua, estava vivendo. Em maio, o senhor Wells retornou para casa em Dunedin vindo dos garimpos em Dunstan e, sem notificar a esposa, esvaziou o cofre. Ele imediatamente investiu toda a fortuna na compra da barca *Godspeed*, confiando o navio e sua operação a você, e prontamente partiu para Hokitika sem informar seu destino ou seu propósito a qualquer pessoa.

"É claro", acrescentou Moody, "estou fazendo uma suposição ao presumir que foi o senhor Wells, e não outra pessoa, quem removeu o minério do cofre… Mas de que outra forma ele poderia ter comprado a *Godspeed*? Ele não possuía participações ou bônus de nenhum tipo… estamos certos disso… e a transferência de propriedade, publicada na *Otago Witness* em 14 de maio daquele ano, explicitamente afirma que o navio foi adquirido com ouro."

Carver estava carranqueando.

— Está esquecendo a prostituta — disse ele. — Ela foi a razão pela qual ele abandonou Dunedin. Ela foi a razão pela qual se desentendeu com Lydia.

— Talvez ela tenha sido… mas vou lhe corrigir assinalando que a senhorita Wetherell não era, àquela época da história, um membro da mais antiga profissão — disse Moody. — A nota promissória redigida pelo senhor Richard Mannering, a qual submeti à corte esta manhã, atesta explicitamente que a senhorita Wetherell deveria ser aparelhada com um vestido apropriado, uma pistola feminina, perfumes, anáguas e todos os outros itens "dos quais atualmente carece". Está datada de junho do ano passado.

Carver não disse nada.

— Irá me perdoar — disse Moody após um momento — se observo que o senhor Wells não parece ter se beneficiado muito amplamente da sequência de eventos que se desdobrou em

Dunedin em maio passado. Você, contudo, parece ter se beneficiado um bocado.

O juiz Kemp esperou que Carver se sentasse ao lado de sua esposa antes de rispidamente pedir ordem no tribunal.

— Está certo, senhor Moody — disse ele, cruzando as mãos —, vejo que você tem uma direção clara aqui e permitirei que prossiga com seu atual argumentação, embora deva comentar que parecemos vagar muito além do curso conforme o registrado no boletim matutino. Agora: você submeteu o nome de duas testemunhas para a defesa.

Moody cumprimentou-o.

— Sim, senhor.

— No caso das testemunhas de defesa, o senhor Moody terá primeiro a palavra, e o senhor Broham vai interrogá-las somente depois — disse o juiz. Ele consultou seu registro, então olhou para cima, sobre os óculos, e disse:

— Senhor Thomas Balfour.

Thomas Balfour foi prontamente trazido dos cubículos.

— Senhor Balfour — disse Moody, quando aquele fora ajuramentado. — Você está no ramo de remessas, não está?

— Estou há quase doze anos, senhor Moody.

— Entendo que cuida da conta privada do senhor Lauderback.

— De fato, eu cuido — disse Balfour, alegremente. — Faço negócios com o senhor Lauderback desde o inverno de 1861.

— Poderia descrever a mais recente transação entre o senhor Lauderback e a Balfour Remessas?

— Certamente posso — disse Balfour. — Quando o senhor Lauderback chegou pela primeira vez em Hokitika, em janeiro, ele veio pelos Alpes, como deve se lembrar. Seu baú e pertences variados foram enviados por via marítima. Ele remeteu um caixote de transportes de Lyttelton a Port Chalmers, e, assim que o caixote chegou a Port Chalmers, providenciei para que um dos meus navios, o *Virtue*, o recolhesse e trouxesse para a costa. Bem, ele chegou bem lá… o *Virtue*… com o caixote a bordo. Chegou em 12 de janeiro, dois dias antes do próprio senhor Lauderback. No dia seguinte, o caixote foi descarregado… empilhado no cais com todo o resto da carga… e eu assinei para que fosse transferido ao meu

armazém, onde o senhor Lauderback o coletaria, quando chegasse. Mas isso nunca aconteceu: o caixote foi furtado. Nunca chegou a entrar no armazém.

— O caixote estava identificado, em seu exterior, como pertencendo ao senhor Lauderback?

— Oh, sim — disse Balfour. — Deve ter visto os caixotes empilhados ao longo do cais… seriam indistinguíveis, veja bem, não fossem os respectivos conhecimentos de embarque. O conhecimento de embarque lhe diz quem é o dono dos pertences e quem é o remetente e o que mais desejar.

— Que aconteceu quando descobriu que o caixote estava desaparecido?

— Arranquei os cabelos procurando por ele: não possuía a menor ideia de onde poderia estar. Bem, a *Godspeed* naufragou no banco de areia duas semanas depois e, quando esvaziaram seu porão, o que veio à tona, senão o caixote de Lauderback? Parece que ele havia sido transferido à *Godspeed*, quando a barca zarpou do porto de Hokitika pela última vez.

— Em outras palavras, bem cedo na manhã de 15 de janeiro.

— Está certo.

— Que aconteceu quando o baú de Lauderback foi finalmente recuperado?

— Eu farejei por aí — disse Balfour. — Fiz algumas perguntas à tripulação, e me contaram como se dera o erro. Bem, eis o que aconteceu. Alguém havia visto o conhecimento de embarque, “Senhor Lauderback, destinatário”, e lembrou-se de que seu capitão, isto é, Carver, estava à procura de um caixote assim identificado, no ano anterior. Eles viram este caixote no desembarcadouro na noite do dia 14 e pensaram: eis uma chance de ganhar certos favores com o capitão.

“Então eles o abrem… apenas por curiosidade. Dentro há um baú e um par de bolsas de viagem e não muito mais que isso. Não parece muito valioso, mas eles pensam: nunca se sabe… Eles saem para procurar o capitão Carver, mas ele não se encontra em lugar algum. Nem em seus aposentos no hotel, nem nos bares, lugar algum. Decidem deixar para a manhã seguinte e vão dormir. Então o próprio Carver surge a toda pressa no cais num

aborrecimento terrível, tira-os todos de suas redes e ordena que a *Godspeed* zarpe ao primeiro raio do amanhecer… apenas algumas horas depois. Ele não quer dizer por quê. Enfim, os camaradas tomam uma decisão. Eles levantam o tampo do caixote, içam-no a bordo com cuidado e com rapidez e, assim que a *Godspeed* zarpa logo antes da primeira luz da manhã, o caixote já se encontra no porão."

— O capitão Carver foi notificado sobre esse acréscimo à carga?

— Oh, sim — disse Balfour, sorrindo. — Os camaradas estavam felizes como palhaços… Pensavam que haveria uma recompensa nisso, entende? Então esperam até que a *Godspeed* esteja navegando antes de chamá-lo para ver. Carver olha o tíquete de embarque e vê que eles arruinaram o serviço todo. "Balfour Remessas?", diz ele. "O que eu perdi era da *Danforth* Remessas. Vocês carregaram o maldito caixote errado, e agora temos bens roubados a bordo."

— Poderíamos inferir a partir disso — disse Moody — que o capitão Carver havia perdido um caixote de transportes, identificado como pertencente a Alistair Lauderback e remetido por Danforth Remessas, que continha consigo algo de grande valor?

— Certamente assim parece — disse Balfour.

— Muito obrigado pelo seu tempo, senhor Balfour.

— O prazer é meu, senhor Moody.

Broham, que muito claramente não fazia ideia de onde a linha de questionamento de Moody queria chegar, abriu mão de seu direito de interrogar a testemunha da defesa, e o juiz, tomando nota, chamou a segunda testemunha.

— O honorável senhor Alistair Lauderback.

Alistair Lauderback atravessou a sala de tribunal com cinco grandes passadas.

— Senhor Lauderback — disse Moody, quando aquele prestou juramento. — Você é o antigo proprietário da barca *Godspeed*, correto?

— Sim — disse Lauderback. — Correto.

— De acordo com a escritura de venda, você vendeu o navio em 12 de maio de 1865.

— Vendi.

— O homem a quem vendeu o navio está hoje nesta sala de julgamento?

— Ele está — disse Lauderback.

— Poderia identificá-lo, por gentileza?

Lauderback arremessou o braço e apontou o dedo indicador na direção do rosto de Carver.

— Aquele homem — disse ele, dirigindo-se a Moody. — Aquele é o homem, logo ali.

— Não haveria aí algum equívoco? — disse Moody. — Observo que a escritura de venda, submetida à corte pelo próprio senhor Carver, foi assinada por um tal "C. Francis Wells".

— É uma completa falsificação — disse Lauderback, ainda apontando para Carver. — Ele me disse que seu nome era Crosbie Wells e assinou a escritura como Crosbie Wells, e eu lhe vendi o navio acreditando o tempo todo que havia vendido a um homem chamado Crosbie Wells. Não foi até oito, nove meses depois que percebi que havia sido feito de tolo na história.

Moody não se atreveu a fazer contato visual com Carver — que se enrijecera, muito sutilmente, diante da mentira de Lauderback. Moody viu, com o canto do olho, que a sra. Carver havia estendido uma branca mão para contê-lo: os dedos haviam-se fechado em volta de seu pulso.

— Poderia descrever o que aconteceu? — disse Moody.

— Ele bancou o marido abandonado — disse Lauderback. — Ele sabia que eu havia estado aqui e acolá com Lydia, todos nessa sala também o sabem: fiz minha confissão no *Times*… E ele viu uma chance de lucrar com isso. Ele me contou que seu nome era Crosbie Wells e que eu havia estado aqui e acolá com sua mulher. Eu nunca sonhei que ele poderia estar contando uma mentira deslavada. Pensei: fiz mal a esse homem, e fiz de sua esposa uma má mulher.

Os Carver não se moveram. Ainda sem olhar para eles, Moody disse:

— O que ele queria de você?

— Queria o navio — disse Lauderback. — Queria o navio, e conseguiu o navio. Mas eu fui chantageado. Eu o vendi sob coação,

e não de bom grado.

— Poderia explicar a natureza dessa chantagem?

— Eu estava mantendo Lydia na alta moda, ao longo do curso de nosso caso — disse Lauderback. — Enviava seus vestidos antigos a Melbourne, todo mês, para que se os costurassem, pois assim voltariam com os mais novos babados ou os mais novos folhos ou o que mais desejar. Havia uma remessa que ia e vinha do mar Tasman no meu nome, e é claro que eu usava a *Godspeed* como portadora. Bem, ele a interceptou. Carver a interceptou. Ele abriu o baú, levantou os vestidos e escondeu uma pequena fortuna debaixo deles. O baú estava marcado com meu nome, lembre-se, e o acordo com a modista em Melbourne era meu. Se aquela fortuna fosse remetida para o estrangeiro, eu estaria arruinado: pondo no papel, eu estaria infringindo a lei devido a roubo, evasão fiscal, tudo. Assim que vi a armadilha que montou para mim, soube que nada havia a fazer. Eu tinha que lhe entregar o navio. Então nos apertamos as mãos como cavalheiros, e novamente pedi desculpas… e então, em conformidade com sua farsa, ele assinou o contrato como “Wells”.

— Alguma vez ouviu sobre o senhor Carver, sob o pseudônimo Wells, após esse encontro?

— Nem um pio.

— Alguma vez viu o baú novamente?

— Nunca.

— A propósito — disse Moody —, qual era o nome da companhia de remessas que usava para transportar os vestidos da senhora Carver de e para a modista em Melbourne?

— Danforth Remessas — disse Lauderback. — Jem Danforth foi o homem que usei.

Moody fez uma pausa para permitir que a multidão na galeria compreendesse a implicação disso, e então disse:

— Quando se apercebeu da verdadeira identidade do senhor Carver?

— Em dezembro — disse Lauderback. — O senhor Wells… o verdadeiro senhor Wells, devo dizer… me escreveu logo antes de falecer. Apenas um eleitor se apresentando a um homem político, era tudo. Mas a partir dessa carta eu soube de imediato que ele não

tinha o mais vago conhecimento sobre mim e Lydia… e foi aí que juntei todos os pedaços e percebi que havia sido passado para trás.

— Você tem consigo a correspondência do senhor Wells?

— Sim. — Lauderback alcançou a algibeira e retirou uma folha de papel dobrada.

— A corte irá tomar nota de que o documento em posse do senhor Lauderback é carimbado de 17 de dezembro de 1865 — disse Moody.

— Devidamente anotado, senhor Moody.

Moody volveu para Lauderback.

— Poderia ler a carta em voz alta, por gentileza?

— Certamente. — Lauderback segurou o papel, tossiu, e então leu:

> West Canterbury. Dezembro de 1865.
> Senhor eu notei no *West Coast Times* que você pretende entrar em Hokitika por terra & portanto passará pelo vale Arahura a não ser que faça alguma rota intencionalmente sinuosa. Eu sou um eleitor e como tal ficaria honrado em receber um político em minha casa por mais humilde que a habitação seja. Eu a descreverei de modo que você possa se aproximar dela ou mudar de curso como desejar. A casa é coberta com ferro & instalada a trinta jardas das margens do lado sul do rio Arahura. Há clareiras de cerca de trintas jardas de cada lado do chalé & a serraria fica a cerca de vinte jardas além, a sudeste. É uma habitação pequena com uma janela & uma chaminé feita de tijolo de argila cozida. Ela é decorada no estilo habitual. Mesmo que você talvez não pare eu poderei ver você cavalgar por lá. Eu não o aguardarei nem esperarei por isso mas eu lhe desejo uma boa viagem para o oeste e uma campanha triunfante e lhe asseguro que eu continuo,
>
> com a mais profunda admiração,
> crosbie wells

Moody agradeceu-o. Ele voltou-se para o juiz.

— A corte irá tomar nota de que a assinatura na correspondência privada enviada ao senhor Lauderback se assemelha exatamente à escritura de doação redigida pelo senhor Crosbie Wells em 11 de outubro de 1865, segundo a qual uma quantia de duas mil libras deverá ser entregue à senhorita Anna Wetherell pelas mãos do senhor Emery Staines, com Crosbie Wells por testemunha; também se assemelha exatamente à assinatura aposta na certidão de casamento do senhor Wells, submetida pela senhora Lydia Carver, antigamente senhora Wells, à corte dos Magistrados dois meses atrás. A Corte irá tomar nota também de que essas duas assinaturas de forma alguma se assemelham à assinatura aposta na escritura de venda da barca *Godspeed*, submetida à corte pelo senhor Francis Carver. É o bastante para

provar que a assinatura nesta escritura de venda é, na realidade, uma falsificação.

Broham estava boquiaberto perante Moody, embasbacado.

— Que quer exatamente dizer com isso, senhor Moody? — disse o juiz.

— Apenas que o senhor Carver obteve a barca *Godspeed* por meio de extorsão, falsa identidade e fraude — disse Moody —, e que usou as mesmas táticas no roubo de uma fortuna de muitas milhares de libras do senhor Wells em maio do ano passado… um roubo que efetuou, presumivelmente, com a ajuda da senhora Carver, dado que ela é, agora, sua esposa.

Broham, que ainda lutava para pôr em sequência em sua mente os eventos dos últimos cinco minutos, peticionou um recesso; mas esse pedido dificilmente podia ser ouvido em meio à comoção na galeria. O juiz Kemp, elevando a voz até um grito, exigiu a imediata presença de ambos os senhores Broham e Moody no escritório do Magistrado; então, ele deu instrução para que todas as testemunhas fossem colocadas sob custódia e adiou o julgamento.

A Casa dos Muitos Desejos

Em que Lydia Wells é tão fiel quanto sua palavra; Anna Wetherell recebe uma visita inesperada; e descobrimos a verdade sobre Elizabeth Mackay.

O semblante que o número 35 da rua Cumberland oferecia ao passeio público era estranhamente insípido: um tapume de ripas descorado, uma vitrina de treliça, revestida com papel pardo, e um par de janelas de caixilhos cortinados, no andar superior. Os estabelecimentos de ambos os lados — o número 37 era um sapateiro, e o número 33, uma agência de remessas — haviam sido construídos muito próximos, mascarando, da rua, qualquer palpite do tamanho de seu interior. Passando em frente a ele, podia-se presumir que o edifício estava desocupado, pois não havia tabuleta ou sinalização sobre a soleira, nada no alpendre e nenhum cartão no prato acima da aldrava.

A sra. Wells abriu a porta da frente com sua própria chave. Conduziu Anna pelo sossegado corredor até a traseira da casa, onde uma escada estreita levava ao andar superior. No patamar acima, que era tão limpo e insípido quanto sua contrapartida lá embaixo, ela tirou de sua bolsa de retícula uma segunda chave, destrancou uma segunda porta e, sorrindo, gesticulou para que Anna entrasse.

Uma alma mais mundana que Anna poderia ter tirado uma conclusão imediata da cena que a acolheu: cortinas pesadas de renda, tapeçaria sobeja, forte cheiro de bebida alcoólica e perfume, reposteiro frisado, atualmente preso ao batente de modo a deixar entrever o quarto de dormir fracamente iluminado que jazia além. Porém Anna não era mundana, e, se ela ficou surpresa em encontrar cena de luxo tão adocicado e almofadado numa pensão para moças, não o expressou em voz alta. Na caminhada do cais até a rua Cumberland, a sra. Wells demonstrara grande leque de gostos refinados e opiniões singulares, e, no momento em que

alcançaram seu destino, Anna sentia-se mais que feliz em submeter-se a eles — suas próprias opiniões parecendo, de repente, muito incolores e débeis, por contraste.

— Veja você que cuido *muito* bem de minhas meninas — disse sua anfitriã. Anna respondeu que o quarto era excessivamente bonito, e, ante esse encorajamento, a sra. Wells propôs um giro por ele, dirigindo a atenção de Anna, à medida que andavam, a vários caprichos de decoração e disposição, a fim de que os elogios feitos a ela até então fossem mais especificamente conferidos.

A arca de Anna fora entregue como prometido e já estava instalada ao pé da cama — um sinal de que a sra. Wells pretendia que aquela fosse a cama dela. Esta possuía uma bela cabeceira, cuja armação de madeira estava quase obscurecida atrás de um enorme monte de travesseiros brancos em pilhas de três, e era muito mais larga e alta que a cama de armar em que ela habitualmente dormia, em casa. Ela se perguntou se teria de dividir a cama com mais alguém: parecia muito grande para uma só pessoa. Oposta à cama jazia uma banheira de cobre de beiradas altas, coberta com toalhas, e ao lado dela, um pesado cordão de campainha que terminava numa borla. A sra. Wells a puxou então, e de algum lugar do andar térreo veio um abafado tinido. Quando a criada apareceu, a sra. Wells pediu que mandassem água quente da cozinha e em seguida um prato de almoço. A criada mal olhou para Anna, que ficou muito contente em ser ignorada e aliviada quando a criada partiu para aquecer a água no fogareiro da cozinha.

Assim que esta saiu, Lydia Wells se voltou para Anna, sorriu novamente e avisou ter que deixá-la.

— Tenho compromissos na cidade que devo cumprir; mas estarei de volta a tempo para a ceia, e espero que a tomemos juntas. Pode pedir a Lucy qualquer coisa que deseje neste mundo. Se ela puder encontrar, lhe trará. Fique no banho quanto tempo quiser e use do lavatório aquilo que atiçar sua vontade. Insisto em que deve sentir-se *inteiramente* em casa.

Anna Wetherell assim o fez. Lavou os cabelos com uma loção perfumada com lavanda e esfregou cada centímetro do corpo com sabonete de butique, e permaneceu na água por quase uma hora. Após se vestir novamente — virando as meias do avesso para

exibir-lhes o lado mais limpo —, ela gastou longo tempo diante do espelho, ajeitando os cabelos. Havia vários potes de perfume no lavatório: ela cheirou cada um deles, voltou ao primeiro e aspergiu-se um pouco nos pulsos e atrás das orelhas.

A criada deixara um almoço frio na mesa debaixo da janela, o prato coberto com um pedaço de pano. Anna arrojou de lado o pano e viu um amontoado de presunto, fatiado muito finamente, uma boa quantidade de purê de ervilhas, evidentemente frito, um bolinho amarelo com manteiga e geleia, e dois ovos em conserva. Ela se sentou, tomou garfo e faca postos para ela e devorou-os — apreciando-lhes os sabores, após tantas refeições sem graça feitas ao mar.

Assim que o prato estava limpo, ela recostou-se pensando por alguns minutos se deveria soar o sino para que o levassem embora: seria mais imperioso soá-lo ou não soá-lo? Afinal, decidiu não soá-lo. Levantou-se da mesa e passou para a janela, onde puxou as cortinas e, sentindo-se muito satisfeita, quedou por um instante observando o tráfego na rua. O relógio batera as três antes que ela ouvisse qualquer som vindo do andar térreo: repentinas vozes no corredor, e em seguida passos galgando as escadas, e então uma vívida batida de nó de dedos na porta.

Ela mal teve tempo de levantar-se antes que a porta se escancarasse e por ela adentrasse um homem alto e muito sujo, vestindo calças de gabardina amarela e uma sobrecasaca desbotada. Quando viu Anna, refreou-se.

— Oh — disse ele. — Perdão.

— Boa tarde — disse Anna.

— É uma das meninas de Lydia?

— Sim.

— Uma nova menina?

— Cheguei hoje.

— Chegamos ambos — disse o homem. Tinha cabelos arenosos e uma aparência ligeiramente grisalha. — Boa tarde a *você*.

— Posso ajudá-lo?

A isto, ele sorriu.

— Veremos — disse ele. — Estou procurando pela ama. Ela se encontra?

— Ela tem compromissos na cidade.

— A que horas volta?

— Ela disse que para a hora da ceia — disse Anna.

— Bem: você tem compromissos, antes disso?

— Não — disse Anna.

— Ótimo — disse o homem. — Se importa em me conceder a próxima dança?

Anna não sabia o que dizer a isso.

— Não sei se devo receber companhias enquanto a senhora Wells está fora.

— *Senhora Wells* — disse o homem e riu. — Parece até respeitável, quando diz dessa maneira. — Ele estendeu a mão e fechou a porta. — Meu nome é Crosbie. Qual o seu?

— Senhorita Anna Wetherell — disse Anna, com crescente alerta.

Ele já se dirigia ao aparador.

— Gostaria de uma gota de alguma coisa, senhorita Anna Wetherell?

— Não, obrigada.

Ele pegou uma garrafa e a inclinou em direção a ela.

— Não, porque não tem apreço pela bebida, ou não, porque está sendo educada?

— Eu acabei de chegar.

— Isso você já me disse, minha menina, e de qualquer maneira, isso não responde à pergunta que fiz.

— Eu não deveria abusar da hospitalidade da senhora Wells — disse Anna, com um leve realce de desaprovação, como se querendo comunicar que ele, igualmente, também não deveria.

Crosbie desarrolhou a garrafa, cheirou-a e tornou a arrolhá-la.

— Oh, não existe isso de “hospitalidade” — disse ele, devolvendo a garrafa à bandeja e selecionando outra. — Você será cobrada por tudo em que botar as mãos, e tão depressa quanto um piscar de olhos. Grave o que estou dizendo.

— Não — disse Anna. — Tudo já me foi pago. E a senhora Wells tem sido maravilhosamente hospitaleira. Ficarei por exigência

pessoal dela.

Ele se divertiu com isso.

— Oh, sim? A mais próxima e a mais querida, é? Velhas amigas?

Anna franziu o cenho.

— Nos conhecemos no cais, esta tarde.

— Apenas por acidente, suponho.

— Sim. Havia uma jovem mulher, uma tal senhorita Mackay, que não conseguiu chegar. Prima de uma prima sua. Quando a senhorita Mackay não apareceu, a senhora Wells me convidou para o lugar dela. O quarto e a hospedagem foram todos pagos adiantados.

— Ahan — disse o homem, servindo-se bebida num copo cheio.

— Você acaba de retornar dos garimpos? — disse Anna, ganhando tempo.

— Sim — disse o homem. — Do interior. Voltei esta manhã. — Ele bebeu, suspirou e então disse: — Não. Não está certo eu não lhe contar: você foi enganada.

— Fui o quê?

— Enganada.

— Eu não sei o que quer dizer com isso, senhor Crosbie.

Ele sorriu ante seu equívoco, mas não a corrigiu.

— Existe sempre uma senhorita Mackay — explicou ele. — É uma conversa fiada que ela passa. Assim, acaba-se acreditando nela e acompanhando-a até sua casa, e, quando você menos espera, está devendo a ela. Já não está, agora? Ela lhe deu uma bela refeição e um banho quente e nada além da nata da gentileza, e o que você deu a ela? Oh — ele sacudiu o dedo —, mas *terá* alguma coisa, senhorita Anna Wetherell. *Terá* alguma coisa que poderá dar a ela. — Ele pareceu perceber a apreensão de Anna, pois acrescentou, num tom mais amável: — Eis algo que precisa saber. Não existe caridade numa cidade do ouro. Se se parece com caridade, olhe novamente.

— Oh — disse Anna.

Ele secou o copo e o pousou.

— Você aprecia ou não uma bebida?

— Hoje não, obrigada.

Ele alcançou o bolso, tirou algo dele e então ergueu um punho cerrado.

— Consegue adivinhar o que estou segurando? — disse ele.

— Não.

— Vamos. Tente um palpite.

— Uma moeda?

— Melhor que uma moeda. Outro palpite.

— Não consigo pensar — disse ela, em pânico.

Ele abriu o punho para revelar uma pepita de ouro do tamanho e da forma de uma castanha, riu novamente diante da expressão dela e então a arremessou para ela. Ela a pegou com as munhecas.

— É ouro suficiente para comprar até a última garrafa desta bandeja, e ainda sobram algumas libras — disse ele. — É seu, se me fizer companhia até que a ama volte. Que tal? Assim você terá uma vantagem em relação a essas dívidas, quando começarem a se acumular.

— Nunca toquei num pedaço de ouro — disse Anna, revirando-o. Era mais pesado do que ela imaginara que seria, e mais bruto. Parecia ficar embaciado em suas mãos.

— Venha aqui — disse Crosbie. Ele levou a garrafa de brandy ao pequeno canapé, sentou-se e deu palmadinhas no lugar ao lado do dele. — Divida uma bebida com um camarada, minha menina. Estive andando por duas semanas, estou sedento como o diabo e quero algo bonito de se contemplar. Venha aqui. Eu lhe direi tudo que precisa saber sobre a senhora Lydia Wells.

Cruzeiro do Sul

Em que dois veredictos são apurados, e o juiz ajusta a sentença ao crime.

Te Rau Tauwhare não fora convidado a testemunhar em nenhum dos dois julgamentos. Ele assistira aos processos do dia a partir do fundo da sala de julgamento, a expressão sombria, as costas contra a parede. Quando o juiz Kemp ordenou um recesso final, determinando que todas as testemunhas do dia permanecessem sob custódia, Tauwhare deixou o tribunal com o resto dos espectadores. Lá fora, ele viu a carruagem blindada aguardando para transportar os criminosos de volta ao cárcere, e foi cumprimentar o sargento de plantão que fazia a guarda.

— Olá, senhor Tauwhare — disse o sargento.

— Olá.

— Como seu amigo Staines está se saindo? Ele está se divertindo lá dentro?

— Sim — disse Tauwhare.

— Enfiei a cabeça lá dentro. Não consegui escutar muita coisa. Um bom espetáculo, creio?

— Muito bom — disse Tauwhare.

— O diretor Shepard levou um corretivo esta manhã, não levou?

— Sim.

— Queria ter visto isso — disse o sargento.

Então, a porta traseira do tribunal se abriu e o meirinho surgiu à soleira.

— Drake! — chamou ele.

— Sim, senhor — disse o sargento, empertigando-se.

— O juiz quer que Francis Carver seja escoltado até Seaview — disse o meirinho. — Ordens especiais. Deve levá-lo colina acima e então voltar diretamente para cá.

Drake correu para abrir as portas da carruagem.

— Apenas Carver?

— Apenas Carver — disse o meirinho. — Cuide para que você esteja de volta a tempo para o veredicto. Diretamente para Seaview e depois diretamente para cá.

— É para já.

— Rápido com isso… ele está vindo.

Francis Carver foi trazido para o pátio e metido na carruagem. Suas mãos haviam sido algemadas atrás do corpo. Dentro da carruagem, Drake pegou um segundo par de algemas de seu cinto e usou-as para prender os pulsos atados de Carver ao aro que fora afixado à parede atrás da boleia.

— *Ele* não vai a lugar nenhum — disse ele jocosamente, chacoalhando o aro para provar seu ponto. — Há uma polegada de ferro entre você e o mundo, senhor Carver. Hoo! Que você fez, para que não o colocassem junto a todos os outros? Na última vez que conferi o tribunal, você era uma maldita testemunha; no minuto seguinte, está metido em ferros!

Carver nada disse.

— Uma hora — disse o meirinho, e retornou para dentro.

Drake pulou da carruagem e fechou as portas.

— Ei, senhor Tauwhare — disse ele, quando passou o ferrolho. — Se importa em dar um pulo colina acima e abaixo? Estará de volta a tempo para o veredicto.

Tauwhare hesitou.

— Que acha? — disse o sargento. — Um belo dia para um passeio… e pegaremos certa velocidade, quando descermos.

Tauwhare ainda hesitava. Ele encarava o ferrolho na porta da carruagem.

— Que tal?

— Não — disse Tauwhare finalmente.

— Como quiser — disse Drake, dando de ombros. Ele escalou a boleia, assumiu as rédeas e fustigou os cavalos; a carruagem crepitou adiante.

Φ

— Senhor Emery Staines. Você se declarou culpado de ter falsificado os registros da jazida Aurora a fim de evitar o pagamento

das participações devidas ao senhor Francis Carver, a uma ordem de cinquenta por cento do lucro líquido por ano, e o pagamento de bônus devido a John Long Quee, a uma ordem não divulgada. Você se declarou culpado de ter desfalcado uma grande quantidade de ouro bruto encontrado por John Long Quee na Aurora, que foi então avaliada em quatro mil e noventa e seis libras. Admite que roubou esse ouro da Aurora e o enterrou no vale Arahura, com o propósito de encobrimento. Você também se declara culpado de improbidade, afirmando que esteve incapacitado, durante os últimos dois meses, pelo consumo excessivo e prolongado de ópio.

O juiz pôs de lado seus papéis e cruzou as mãos.

— Senhor Staines, o seu advogado — disse ele — fez nesta tarde um bom trabalho em contruir uma péssima imagem para o senhor Carver. Não obstante seu desempenho, contudo, reside o fato de que uma motivação para infringir a lei não significa uma autorização para infringir a lei: sua má opinião do senhor Carver não lhe dá o direito de determinar o que ele merece ou não merece.

“Você primeiramente não testemunhou a agressão à senhorita Wetherell, nem qualquer outra pessoa, ao que me parece, o testemunhou; portanto, não pode saber sem a sombra de uma dúvida se o senhor Carver foi, *de fato*, o autor dessa agressão, ou até mesmo se ocorreu uma agressão. É evidente que a perda de qualquer criança é uma tragédia, e uma tragédia não poder ser mitigada pela circunstância; mas ao julgar o *seu* crime, senhor Staines, devemos pôr de lado a trágica natureza do episódio e considerá-lo puramente como uma provocação, e como uma provocação *indireta*, devo dizer, para que você cometesse os crimes mais premeditados de desfalque e fraude como forma de retaliação. Sim, você teve motivação para antipatizar com o senhor Carver, para se ressentir dele e até mesmo para desprezá-lo; mas sinto que declaro um ponto muito óbvio quando digo que você poderia ter trazido o seu agravo à atenção da polícia de Hokitika e nos ter poupado um grande incômodo.

“Sua declaração de culpa lhe dá algum crédito. Também reconheço que você demonstrou grande cortesia e humildade em suas respostas esta manhã. Tudo isto sugere contrição e deferência ao adequado cumprimento da lei. Suas acusações, contudo,

mostram uma negligência egoísta de uma obrigação contratual, um temperamento excêntrico e decadente e improbidade administrativa, não somente em relação às suas concessões de mineração, mas também aos seus colegas. Sua má opinião sobre o senhor Carver, por mais justificada que possa ser, levou-o a aplicar a lei com as próprias mãos em mais de uma ocasião, e em respeito a mais de uma questão. À luz disso, considero que lhe fará muito bem abandonar por um tempo sua majestosa filosofia e aprender a andar com sapatos alheios.

"O senhor Carver foi acionista da Aurora por nove meses. Ele cumpriu com a obrigação contratual que lhe era devida, e em troca foi mal-recompensado. Emery Staines, por este meio o sentencio a nove meses de servidão, a trabalhos forçados."

O rosto de Staines não demonstrava emoção alguma.

— Sim, senhor.

O juiz se voltou para Anna.

— Senhorita Anna Wetherell — disse ele. — Você se declarou inocente de todas as acusações atribuídas a você, e numa corte civilizada atemo-nos ao princípio de que somente se é inocente até que se prove o contrário. Estou ciente do fato de que as difamações lançadas pelo senhor Moody ao diretor Shepard não passam de difamações; contudo, elas foram devidamente registradas por esta corte e podem ser de valia às futuras e iminentes investigações feitas sobre o diretor Shepard e outros. Nesse meio tempo, não vejo evidências suficientes para provar sua culpa. Você foi absolvida de todas as acusações. Deverá ser libertada do cárcere imediatamente. Creio que a partir de agora você vai continuar no reto caminho para a sobriedade, a castidade e outras virtudes de uma espécie civilizada; é escusado dizer que nunca mais desejo vê-la novamente nesta sala de tribunal, sob nenhuma acusação, menos ainda sob a de intoxicação pública e comportamento desordeiro. Fui claro?

— Sim, senhor.

— Ótimo. — Ele se virou para o banco dos advogados. — Agora… — disse ele solenemente, mas, antes que pudesse ir adiante, ouviu-se uma gritaria vinda da rua, um terrível estrondo e o intenso relincho de cavalos desorientados, e então um horrível

baque na porta do tribunal, como se contra ela alguém houvesse atirado o peso de seu corpo.

— Que está acontecendo? — disse o juiz, franzindo o cenho.

Moody sobressaltou-se: ele ouviu gritos no alpendre e um enorme barulho.

— Alguém abra a porta. Vejam o que está acontecendo — disse o juiz.

A porta foi praticamente arrombada.

— Sargento Drake — gritou o juiz. — O que foi?

Os olhos do sargento estavam ferozes.

— É Carver! — gritou ele.

— Que tem ele?

— Ele está *morto*!

— *Quê*?!

— Em algum ponto entre aqui e Seaview… alguém deve ter aberto as portas… e eu nem percebi. Eu estava guiando. Eu abri as portas para descê-lo, e lá estava ele, e ele está *morto*!

Moody chicoteou o olhar pela sala, quase esperando que a sra. Carver houvesse desmaiado; mas ela não desmaiara. Olhava para Drake, pálida. Rapidamente, Moody varreu os rostos ao redor da sala. Todas as testemunhas permaneciam detidas durante o recesso, inclusive aquelas que haviam testemunhado de manhã: nenhuma delas deixara o tribunal. Shepard estava lá, e Lauderback, Frost, Löwenthal, Clinch, Mannering, Quee, Nilssen, Pritchard, Balfour, Gascoigne e Devlin. Quem estava faltando?

— Ele está lá fora! — gritou Drake, estendendo o braço. — O corpo… eu voltei imediatamente… eu não consegui… não foi…

O juiz levantou a voz em meio à comoção.

— Ele tirou a própria vida?

— Dificilmente — gritou Drake, sua voz embargada num soluço. — Dificilmente!

A multidão começou a atravessar as portas correndo, ultrapassando-o.

— Sargento Drake — gritou o juiz. — Como diabos Francis Carver morreu?

Drake estava agora perdido na multidão. Sua voz aumentou:

— Alguém esmagou a cabeça dele!

O rosto do juiz ficou roxo.

— *Quem*? — vociferou ele. — *Quem fez isso*?

— *Estou lhe dizendo que não sei*!

Ouviu-se um terrível guincho vindo da rua, e então gritaria; o tribunal esvaziou-se. A sra. Carver, observando o último da multidão acotovelar-se para além da soleira, levou as mãos à boca.

Combustão

Em que a sra. Wells tem uma falsa impressão, e Francis Carver transmite notícias importantes.

Enquanto Anna Wetherell entretinha o “senhor Crosbie” na Casa dos Muitos Desejos à rua Cumberland, Lydia Wells também se entretinha por conta própria. Era-lhe de hábito, às tardes, levar seus almanaques e cartas astrais ao Hawthorn Hotel à rua George, onde levantava sua tenda num canto da sala de jantar e oferecia a leitura da sorte a mineiros e viajantes recém-chegados. Seu único freguês, naquela tarde, fora um rapaz de cabelos dourados e com chapéu de feltro que, descobriu-se, também chegara no vapor *Fortunate Wind*. Era um sujeito volúvel e parecia tanto encantado quanto fascinado com a afinidade da sra. Wells com o misterioso; seu entusiasmo era lisonjeiro e a dispunha a ser generosa em seus vaticínios. No momento em que fora desenhado seu mapa astral, apurado seu passado e seu presente, e pressagiado seu futuro, aproximava-se das quatro horas.

Ela olhou para cima e avistou Francis Carver atravessando a sala de jantar em direção a ela.

— Edward — disse ela ao rapaz de cabelos dourados —, seria gentil em pedir ao garçom para me embrulhar uma torta de massa podre? Diga-lhe que ponha na minha conta; levarei para o jantar.

O rapaz obedeceu.

— Tenho algumas boas notícias — disse Carver, quando o rapaz se foi.

— Quais são?

— Lauderback está a caminho.

— Ah — disse Lydia Wells.

— Ele deve ter visto o recibo de envio de Danforth, finalmente. Ouvi de Billy Bruce que ele comprou passagem no *Active*, navegando desde Akaroa. Ele chega em 12 de maio, e manda

mensagem antecipada ordenando que a *Godspeed* não zarpe até lá.

— Daqui a três semanas.

— Nós o pegamos, Greenway. Como um peixe numa rede, nós o pegamos.

— Pobre senhor Lauderback — disse a sra. Wells, vagamente.

— Você bem poderia dar um pulo no clube naval esta semana e fazer uma oferta aos rapazes. Uma noite gratuita de lance de dados, de prêmio dobrado ou uma garota para cada giro da roleta. Algo para impelir Raxworthy para fora do navio naquela noite, de modo que eu consiga uma chance de ficar a sós com Lauderback.

— Vou ao clube pela manhã — disse a sra. Wells. Ela começou a arrumar seus livros e cartas. — Pobre senhor Lauderback — disse ela novamente.

— Foi ele quem aprontou a própria cama — disse Carver, observando-a.

— Sim, ele aprontou; mas você e eu lhe aquecemos os lençóis.

— Não sinta pena de um covarde — disse Carver. — Ainda menos de um covarde com dinheiro.

— Eu tenho pena dele.

— Por quê? Por causa do bastardo? Eu teria pena antes do bastardo. Lauderback não teve nada a não ser boa sorte, do princípio ao fim. É um homem que nasceu feito.

— Ele é; e mesmo assim, é deplorável — disse a sra. Wells. — Ele está tão envergonhado, Francis. De Crosbie, do pai, de si mesmo. Não consigo evitar sentir pena de um homem que está envergonhado.

— Não existe nenhuma chance de Wells aparecer inesperadamente, existe?

— Você fala como se eu e ele fôssemos íntimos — retrucou a sra. Wells. — Não posso responder por ele; certamente não consigo controlar cada movimento seu.

— Faz quanto tempo desde que ele esteve na cidade?

— Meses.

— Ele sempre lhe escreve antes de voltar para casa?

— Deus meu — disse a sra. Wells. — Não, ele não escreve.

— Existe alguma maneira de você garantir que ele fique longe? Não lhe faria bem ficar cara a cara com Lauderback… não no último minuto.

— Um drinque sempre vai tentá-lo, seja qual for a hora do dia.

Carver sorriu.

— Talvez lhe enviar um caixote de bebidas sortidas pelo correio? Abrir uma conta para ele no Brasão de Mineiros?

— Essa é, de fato, uma ideia muito boa. — Ela viu o garoto voltar da cozinha com a torta embrulhada em papel e levantou-se da mesa. — Devo voltar, agora. Venho visitá-lo amanhã.

— Estarei esperando — disse Carver.

— Obrigado, Edward — disse a sra. Wells ao rapaz, pegando a torta. — E adeus. Eu poderia lhe desejar boa sorte, mas seria um desperdício, não seria?

O rapaz riu.

Carver também sorria.

— Você leu a sorte dele?

— Oh, sim — disse a sra. Wells. — Ele será extremamente rico.

— Será, mesmo? Como todos os outros?

— Não como todos os outros — disse a sra. Wells. — *Excepcionalmente* rico. Adeus, Francis.

— Nos vemos — disse Carver.

— Adeus, senhora Wells — disse o rapaz.

Ela retirou-se da sala, e os dois homens acompanharam-na com o olhar. Quando ela saiu, Carver inclinou a cabeça para o rapaz.

— Seu nome é Edward?

— Na verdade… não, não é — disse o rapaz, parecendo um pouco acanhado. — Escolhi viajar incógnito, pode-se dizer assim. Meu pai sempre me disse que, quando se trata de prostitutas e de adivinhas, nunca se deve dar o nome verdadeiro.

Carver assentiu.

— É sensato.

— Não sei nada sobre a parte das prostitutas — prosseguiu o rapaz. — Eu me aflijo em pensar em meu pai servindo-se delas… Sinto uma espécie de repugnância disso, por lealdade à minha mãe, suponho. Mas gosto da parte das adivinhas. Foi deveras excitante

usar o nome de outro homem. Fez-me sentir invisível, de alguma maneira. Ou duplicado… como se eu tivesse me dividido em dois.

Carver relanceou o olhar para ele, e então, após um momento, estendeu a mão.

— Francis Carver é o meu nome.

— Emery Staines — disse o rapaz.

Mercúrio se põe

Em que um estranho aporta na praia de Hokitika; a fortuna é repartida; e Walter Moody enfim deixa o Crown Hotel.

Até mesmo em seu melhor terno, de cabelos penteados e untados, de botas engraxadas e de lenço perfumado, o sr. Adrian Moody era consideravelmente menos formoso que seu filho caçula. Seu semblante carregava os sintomas de toda uma vida de dependência do álcool forte — suas pálpebras eram pelancudas, seu nariz, inchado, e sua cútis, permanentemente corada — e, quando se movia, era sem graciosidade ou fluidez. Caminhava duma maneira descadeirada e entravada; seu olhar era inquieto e desconfiado; suas mãos, amarelecidas devido ao tabaco, estavam sempre metidas nos bolsos ou repuxando as lapelas num modo aflitivo.

Após livrar-se do esquife que o transportara do vapor até a praia, Moody pai levou um momento para esticar as costas, sacudir as dores e cãibras e inspecionar o corpo. Ele encaminhou sua bagagem a um hotel à rua Camp, cumprimentou o oficial da alfândega que fazia guarda, agradeceu rispidamente os remadores pelo trabalho e finalmente partiu rua Revell abaixo com as mãos atrás das costas. Caminhou a extensão da rua, de um lado e depois de outro, franzindo o cenho a cada vitrina por que passava, esquadrinhando muito estreitamente os rostos na rua e não sorrindo a nenhum deles. Neste momento, a multidão que se reunira em frente ao tribunal havia se dispersado, e a carruagem blindada contendo o corpo de Francis Carver havia retornado a Seaview; as portas duplas foram fechadas e trancadas. Moody pai mal olhou para o edifício enquanto passava.

Dentro em breve, ele galgou os degraus do correio de Hokitika, onde, dentro do edifício, juntou-se à fila para a cabine do diretor. Enquanto esperava, retirou uma folha de papel da carteira e a desdobrou, com uma única mão, contra o peito.

— Desejo que isto chegue às mãos de um certo senhor Walter Moody — disse ele quando alcançou a frente da fila.

— Certamente — disse o diretor do correio. — Sabe onde ele se hospeda?

Enquanto falava, os sinos da capela Wesleyana soaram as cinco horas.

— Tudo que sei é que ele esteve em Hokitika nos últimos meses — disse Moody pai.

— Na cidade? Ou no desfiladeiro?

— Na cidade.

— Num hotel? Ou está acampando?

— Arriscaria dizer um hotel, mas não lhe saberia confirmar. Walter Moody é o nome dele.

— Um camarada seu, acredito?

— É meu filho.

— Mandarei um empregado verificar e cobrar você assim que o encontrarmos — disse o diretor, tomando nota do nome. — Terá que deixar um xelim, como caução, mas, se o encontrarmos amanhã, vamos reembolsar-lhe meio xelim.

— Está ótimo.

— Prefere um envelope ou um selo?

— Um envelope — disse o outro —, mas espere um momento: quero lê-la uma vez mais.

— Vá para lá, então, e volte quando estiver pronto. Fecharei a cabine em meia hora.

Adrian Moody fez como lhe foi pedido. Ele aplainou a carta no tampo da mesa e então a puxou, com o dedo, para mais perto da luz.

> Hokitika. 27 de abril de 66
> Walter — rogo que leia esta carta até o fim, e que guarde seu julgamento sobre a minha pessoa até que o faça. Pelo carimbo vai perceber que estou em Hokitika, tal como você. Devo hospedar-me no temperance hotel à rua Camp, um endereço que vai lhe causar certa surpresa. Você sabe, há muito tempo, que eu tenho um temperamento epicurista. Agora também faço parte de uma casta estoica. Jurei que nunca mais beberei outra gota de álcool nesta vida, e desde que fiz este juramento, ele não foi quebrado. É no espírito do arrependimento que eu registro uma breve satisfação dessas intenções verídicas que minha sujeição à bebida obstruíram, e até perverteram, nos últimos anos.
>
> Deixei as Ilhas Britânicas por causa de dívidas, e somente por causa delas. Frederick, seu irmão, tinha um conhecido no garimpo de Lawrence, em Otago, e de acordo com este as prospecções lá pareciam muito boas; Frederick decidiu juntar-se a ele. Você estava em Roma e pretendia passar o inverno no continente. Eu decidi fazer a viagem em segredo, na esperança de que fosse retornar como homem rico antes de o ano acabar. Confesso que essa decisão foi tomada com uma motivação infame, pois havia vários homens em Londres e também em Liverpool de quem eu muito desejava

escapar. Antes de partir, reservei uma quantia de vinte libras à minha esposa — as últimas de minhas poupanças. Muito mais tarde descobri que essa provisão nunca chegou a seu destino: foi roubada, e roubada pelo próprio homem que devia ser seu portador (o patife piers howland, que viva na ignomínia e que morra na miséria). Quando descobri isto, eu estava em Otago, a meio mundo de distância; além do mais, não conseguiria fazer contato sem arriscar ser perseguido, ou até condenado, devido a crimes não punidos e a dívidas não pagas. Não pude fazer nada. Considerei minha esposa como abandonada, rezei a Deus que me perdoasse e continuei com Frederick nos garimpos.

Nós apenas pagamos para garimpar durante nosso primeiro ano em Otago. Ouvi dizer que os homens das classes abastadas têm a pior das sortes nas escavações, pois não conseguem suportar privações tal como conseguem os das classes inferiores. Isso foi seguramente certeiro, em nosso caso. Nós lutamos fortemente e nos desesperamos frequentemente. Mas persistimos, e sete meses atrás seu irmão topou com uma pepita do tamanho de uma caixa de rapé, pega entre dois seixos no cotovelo de um rio. Foi com essa pepita que fomos capazes de construir nossas fortunas finalmente.

Pode perguntar-se por que não enviamos esta pepita para casa, com nossas desculpas e bênçãos; seria uma boa pergunta. Frederick, seu irmão, há muito lhe devia uma carta. Ele me havia instado a fazer contato com minha esposa abandonada, e até a convidá-la para juntar-se a nós aqui, mas me opus. Eu também me opus às suas indicações de que eu deveria abandonar a desgraçada bebida e corrigir minhas maneiras. Tivemos muitas discussões sobre esse tema e finalmente nos separamos em termos menos que civilizados. Sinto em dizer que não sei onde Frederick ora se encontra.

Você sempre foi o estudioso da família, Walter. Tenho vergonha de muitíssimos aspectos de minha vida; mas nunca tive vergonha de você. Ao prestar meu juramento de sobriedade, confrontei minha verdadeira alma. Vi a mim mesmo verdadeiramente como um homem de fraqueza e de covardia, presa fácil do vício e do pecado de toda espécie. Mas, se tenho orgulho de uma coisa, é de que meus filhos não se me parecem nesses degenerados aspectos. É uma alegria pesarosa um pai dizer a seu filho: “Aquele homem é um homem melhor do que eu”. Garanto-lhe ter sentido essa alegria pesarosa mais de uma vez.

Não posso fazer nada mais que implorar seu perdão, tal como devo implorar o de Frederick, e prometer que nossa próxima reunião, caso me conceda uma, será conduzida “a seco”. Boa sorte, Walter. Saiba que confrontei minha verdadeira alma, e que escrevo esta como um homem sóbrio. Saiba ainda que mesmo a mais breve resposta vai alegrar imensamente o coração de

seu pai
adrian moody

Ele releu a carta mais uma vez, depois enfiou-a dobrada no envelope e, sobre este, escreveu o nome do filho em letras grandes. Sua mão tremeu enquanto tampava a caneta.

Φ

— Um senhor Frost pede para ver o senhor Staines.

— Mande-o entrar — disse Devlin.

Charlie Frost tinha uma folha de papel na mão.

— Despesas — disse ele, parecendo pedir desculpas.

— Sente-se — disse Devlin.

— Qual o tamanho do estrago, senhor Frost? — disse Staines. Ele aparentava muito cansaço.

— Vasto, infelizmente — disse Frost, puxando uma cadeira. — O juiz Kemp determinou que o dividendo de duas mil e quarenta e oito libras de Francis Carver deve ser honrado. Há uma armadilha: o

Garrity Group será reembolsado na íntegra pela retirada de fundos para a *Godspeed*, mas o restante irá para a senhora Carver, enquanto esposa de Carver.

— Como ela está? — disse Devlin.

— Sedada — disse Frost. — O doutor Gillies e o senhor Pritchard estão cuidando dela, creio; da última vez que a vi, estava sendo escoltada de volta ao Wayfarer's Fortune. — Ele voltou-se para Staines alisando na mesa sua folha de papel. — Posso enumerar as despesas, brevemente?

— Sim.

— Como foi considerado culpado, você é responsável por todas as taxas legais, incluídas aquelas incorridas pelo senhor Fellowes nos meses passados, e incluindo, também, a comissão do senhor Nilssen, então investida na carceragem de Seaview… Como pode se lembrar, o Magistrado determinou que, uma vez que foi doada filantropicamente, não poderá ser revogada. No total, tudo isso avulta a pouco mais que quinhentas libras.

— Dividido, e dividido de novo — disse Staines.

— Sim; infelizmente descobrirá que esse é um tema comum, no que se refere a despesas legais. Há mais. Você também foi processado, devido a danos, por muitos mineiros tanto de Kaniere quanto do desfiladeiro Hokitika. Ainda não tenho a quantia exata; mas temo que é provável que sejam dezenas de libras, talvez centenas.

— Isso é tudo?

— Em termos de despesas oficiais, sim — disse Frost. — Há várias matérias extraoficiais para discutirmos, no entanto. Temos tempo?

— Temos tempo? — disse Staines a Devlin.

— Até que a carruagem chegue — disse Devlin.

— Serei rápido — disse Frost. — Como pode estar ciente, o ouro extraído do vestido laranja de Anna está ainda acondicionado debaixo da cama do senhor Gascoigne. Anna deve um pagamento de cerca de cento e vinte libras ao senhor Mannering, e ela havia pensado em ressarcir esse montante com a preciosidade pura extraída do vestido laranja. Ocorreu-me, no entanto, que você poderia gostar de assumir sua dívida com o senhor Mannering e

providenciar para que o senhor Mannering seja reembolsado com sua participação na fortuna, como uma despesa já enumerada. Dessa forma, Anna terá com que viver, veja bem, durante os meses que você estiver no cárcere.

— Ótimo — disse Staines. — Sim, faça isso. Da forma como disse.

Frost tomou nota disto.

— A segunda matéria — disse ele — é o bônus devido ao senhor Quee. Devemos manter a farsa de que a fortuna teve origem na Aurora, entende, e de que todo homem que topa com uma fortuna merece uma recompensa.

— É claro — disse Staines. — Um bônus.

— Conforme entendi — continuou Frost —, o senhor Quee está desejoso de retornar à China assim que seu contrato com a Companhia expirar; além disso, ele deseja retornar com exatamente setecentos e sessenta e oito xelins no bolso. De acordo com o senhor Mannering, ele há muito aferrou-se a esse número específico. Creio que deve ter alguma importância pessoal ou espiritual a ele.

Normalmente, essa curiosidade provocaria cócegas extremas em Emery Staines, mas ele nem sequer sorriu. Foi Devlin quem exclamou:

— Setecentos e sessenta e oito xelins?

— Sim — disse Frost.

— Que coisa mais melindrosa — disse Devlin. — O que isso pressagiaria, saberia dizer?

— Infelizmente, não — disse Frost. — Mas, se eu puder fazer uma sugestão — disse, voltando-se para Staines —, talvez o pagamento de um bônus ao senhor Quee deva ser suficiente para cumprir essa ambição.

— A quanto chega, em libras?

— Trinta e oito libras e oito xelins — disse Frost. — Cerca de um por cento de quatrocentas, e um por cento é uma proporção razoável para uma gratificação nos garimpos, especialmente dado que o senhor Quee é chinês. Como um gesto de boa-fé, poderia também considerar comprar a liberdade de seu contrato e facilitar sua volta para casa.

Staines balançou a cabeça.

— Eu nunca pensei nele, pensei?

— Quem? — disse Frost.

— O senhor Quee — disse Staines. — Eu simplesmente nunca pensei nele.

— Bem, ele nos fez um grande favor esta tarde, ao manter nosso segredo, e agora temos uma chance de retribuir-lhe com um, em troca. Eu já falei com o senhor Mannering. Ele está satisfeito em pôr termo antecipado ao contrato do senhor Quee, e custeou-o a pedido meu. Se você pagar um bônus de sessenta e quatro libras ao senhor Quee, então todas as despesas serão adequadamente cobertas.

Staines encolheu os ombros e suspirou.

— Sim — disse ele. — Está bem.

— Agora, a terceira matéria financeira. — Frost tossiu ligeiramente. — Quando nós … ah… encontramos a fortuna, em janeiro, o senhor Clinch me presenteou com trinta libras, como uma gratificação. Infelizmente a gastei, e não tenho os meios de ressarcir nem um pêni dela. Imagino se poderia abusar de sua generosidade e listar essas trinta libras como despesas bancárias. — Ele disse tudo isto muito rapidamente, e então acrescentou: — Como uma forma de empréstimo, é claro: eu as pagaria de volta no momento de sua soltura.

— Eis a carruagem — disse Devlin, levantando-se.

— Está bem — disse Staines a Frost. — Pague-as, tal como disse. Não importa.

Frost suspirou, cheio de alívio.

— Muito obrigado, senhor Staines. — Ele observou Devlin escoltar Staines da cela. Quando alcançaram a soleira, ele disse, levantando um pouco a voz: — Logo pela manhã, lhe mandarei um recibo detalhado.

Φ

Os sinos da capela soavam as sete horas quando Walter Moody dobrou a última de suas garbosas roupas dentro de seu baú, fechou o tampo e prendeu o fecho. Erguendo-se, verificou a braguilha de suas calças de gabardina amarela, apertou o cinto, apalpou o lenço

vermelho que estava envolto em seu pescoço e finalmente alcançou sua sobrecasaca e seu chapéu — aquela, uma vestimenta simples de lã, que caía quase até seus joelhos, e este, um objeto pesado de coroa macia com larga aba encerada. Ele vestiu ambos, lançou seu embornal às costas e deixou o quarto, retirando a chave da fechadura ao fazê-lo.

Durante sua ausência, seu baú deveria ser mantido no Armazém Clark, no cais Gibson, a cujo local sua correspondência privada, caso recebesse alguma, deveria também ser encaminhada. Para custear essa mudança, ele deixou três xelins de prata no balcão do Crown, assim como sua chave. Escorregou um quarto de xelim na mão da criada do Crown, dobrando, nas suas mãos, a pequena mão amarela, e agradecendo-a muito calorosamente pelo serviço e pela hospitalidade de três meses que ela lhe proporcionara. Deixando o Crown, ele tomou o estreito caminho que conduzia à orla e imediatamente passou a caminhar rumo ao norte, o embornal estrepitando de encontro às suas costas, o fardo contendo sua tenda colidindo com o dorso das pernas a cada pisada.

Ele estava a não mais que duas milhas além de Hokitika quando percebeu estar caminhando cerca de dez passos à frente de outro homem, semelhantemente trajado com o habitual costume de mineiro; Moody olhou para trás, e eles se aperceberam um do outro com um aceno.

— Olá — disse o outro. — Caminha rumo ao norte?

— Caminho.

— Em direção às praias, sim? A caminho de Charleston?

— Assim espero. Vamos para o mesmo lugar?

— Parece que vamos — disse o outro. — Importa-se se formos juntos?

— Absolutamente — disse Moody. — Ficaria contente com a companhia. Meu nome é Walter Moody. Walter.

— Paddy Ryan — disse o outro. — Que sotaque escocês você tem, Walter Moody.

— Não posso negá-lo — disse Moody.

— Nunca tive problema algum com um escocês.

— E eu nunca briguei com um irlandês.

— Isso faz de você o único — disse Paddy Ryan, com um largo sorriso. — Mas é a verdade: nunca tive problema algum com um escocês.

— Fico contente em sabê-lo.

Eles caminharam em silêncio por um tempo.

— Creio que estamos ambos a uma boa distância de casa — disse Paddy Ryan dentro em pouco.

— Estou a uma boa distância de onde nasci — disse Moody, estreitando os olhos ante as arrebentações e ao mar aberto.

— Bem — disse Paddy Ryan —, se o lar não é onde se nasceu, então o lar é o que se faz do lugar para onde se vai.

— É um bom lema — disse Moody.

Paddy Ryan assentiu, parecendo satisfeito.

— Pretende então ficar no país, Walter? Depois de ter cavado seu quinhão e amontoado uma pilha de pó?

— Espero que minha sorte decida esse dilema por mim.

— Chamaria de sorte ficar ou partir?

— Chamaria de sorte poder escolher — disse Moody, surpreendendo-se, pois aquela não era a resposta que teria dado três meses antes.

Paddy Ryan olhou para ele de esguelha.

— E que tal compartilharmos nossas histórias? Assim encurtaríamos um pouco o caminho.

— Nossas histórias? Quer dizer, nossos históricos?

— É… ou as histórias que ouviu dizer, ou o que desejar.

— Está certo — disse Moody, um pouco rigidamente. — Deseja começar, ou devo eu?

— Você primeiro — disse Paddy Ryan. — Conte-nos uma história, e a desfie, de modo que esqueçamos os nossos pés e não percebamos que estamos caminhando.

Moody ficou em silêncio por um tempo, imaginando como começar.

— Estou tentando decidir entre toda a verdade e nada além da verdade — disse ele dentro em pouco. — Temo que minha história seja tamanha, que não consiga conciliar ambas as coisas ao mesmo tempo.

— Ei, nem de longe precisa ser a verdade toda — disse Paddy Ryan. — Quem foi que disse algo sobre a verdade? Você é um homem livre neste país, Walter Moody. Conte-me a bobagem que quiser, e, se você a esticar até que cheguemos à junção de Kumara, então já vou considerá-la uma belíssima história.

Sol e Lua em conjunção (Lua Nova)

Em que a sra. Wells faz duas descobertas muito interessantes.

Quando Lydia Wells retornou à Casa de Muitos Desejos pouco após as sete da noite, foi informada pela criada de que Anna Wetherell recebera um visitante durante sua ausência: o sr. Crosbie Wells, que retornara inesperadamente depois de muitos meses de ausência nas terras altas de Otago. O sr. Wells tinha alguma espécie de compromisso à rua George naquela tarde, relatou a criada, mas ele saíra com a promessa de que voltaria na manhã seguinte, na esperança de garantir uma entrevista com sua esposa.

A sra. Wells recebeu essas notícias pensativamente.

— Quanto tempo disse que ele ficou, Lucy?

— Duas horas, madame.

— De que horas a que horas?

— Das três às cinco.

— E a senhorita Wetherell…?

— Não a incomodei — disse Lucy. — Ela não soou a campainha desde que ele saiu, e eu não os perturbei enquanto estavam aqui.

— Boa garota — disse a sra. Wells. — Agora, se Crosbie voltar amanhã e por qualquer motivo eu não estiver aqui, encaminhe-o ao quarto da senhorita Wetherell, como antes.

— Sim, madame.

— E é melhor que faça uma encomenda ao comerciante de vinhos e bebidas logo pela manhã. Uma caixa de bebidas sortidas nos servirá bem.

— Sim, madame.

— Aqui está uma torta para nossa ceia. Providencie para que seja reaquecida e então a mande lá para cima. Comeremos às oito, acredito.

— Está certo, madame.

Lydia Wells ajeitou seus almanaques e cartas astrais nos braços, analisou-se criticamente no espelho pendurado no hall e então subiu as escadas em direção ao quarto de Anna, em cuja porta bateu vividamente e abriu sem esperar por uma resposta.

— Não é bom estar alimentada, seca e limpa? — disse ela, em vez de uma saudação.

Anna estivera sentada na caixa da janela. Ela saltou quando a sra. Wells adentrou no quarto, corando profundamente, e disse:

— Muitíssimo melhor, madame. Você é muito generosa.

— Não existe tal coisa como generosidade em demasia — declarou a sra. Wells, pousando seus livros sobre a mesa próxima ao canapé. Ela relanceou rapidamente o olhar em direção ao aparador, contabilizando mentalmente as garrafas, e então volveu a Anna, e sorriu. — Quanta diversão teremos essa noite! Vou fazer seu mapa astral.

Anna assentiu. Seu rosto estava ainda muito rubro.

— Eu faço um mapa toda vez que entabulo uma nova amizade — prosseguiu a sra. Wells. — Teremos um glorioso momento, descobrindo o que está reservado a você. E trouxe para casa uma torta para a ceia: a melhor que se pode encontrar em toda Dunedin. Não é bom?

— Muito bom — disse Anna, deixando o olhar cair para o chão.

A sra. Wells pareceu não notar seu desconforto.

— Agora — disse ela, sentando-se no canapé e trazendo para perto de si o maior dos seus livros. — Qual a data de seu nascimento, minha querida?

Anna lhe contou.

A sra. Wells recuou; ela pousou a mão sobre o coração.

— Não! — disse ela.

— Quê?

— É terrivelmente esquisito!

— O que é esquisito? — disse Anna, parecendo assustada.

— Você nasceu no mesmo dia que um jovem homem que acabei de… — Lydia Wells divagou, e então disse, subitamente: — Quantos anos tem, senhorita Wetherell?

— Vinte e um.

— Vinte e um! E nasceu em Sydney?

— Sim, madame.

— Na cidade?

— Sim.

A expressão de Lydia Wells era de maravilhamento.

— Por acaso não sabe o horário exato de seu nascimento, sabe?

— Creio ter nascido à noite — disse Anna, corando novamente. — É o que diz minha mãe. Mas não sei a hora exata.

— É espantoso — exclamou a sra. Wells. — Estou espantada! O mesmo dia de nascimento! Talvez até mesmo nascidos sob o mesmo céu!

— Não entendo — disse Anna.

Num tom sussurrado de conspiração, Lydia Wells explicou. Ela passava suas tardes num hotel à rua George, onde oferecia, por uma pequena taxa, previsões astrais. Seus fregueses, em maior parte, eram jovens homens prestes a fazer fortuna no garimpo. Naquela tarde — enquanto Anna desfrutava de seu banho —, ela fizera a leitura de um homem tal como esses. O consulente (assim ela o descreveu) *também* tinha vinte e um anos e também havia nascido em Sydney, no mesmo dia que Anna!

Anna não conseguia compreender a animação da sra. Wells.

— Que isso significa? — disse ela.

— O que significa? — A voz de Lydia Wells baixou até virar um sussurro. — Significa que talvez você compartilhe um destino, senhorita Wetherell, com outra alma!

— Oh — disse Anna.

— Talvez você tenha uma alma gêmea astral, cujo rumo na vida espelha perfeitamente o seu!

Anna não ficou tão impressionada quanto a sra. Wells podia esperar.

— Oh — disse ela novamente.

— O fenômeno é assaz raro — disse a sra. Wells.

— Mas eu tinha um primo com a mesma data de nascimento que eu — disse Anna —, e não é possível que tenhamos compartilhado um destino, porque ele morreu.

— Compartilhar o mesmo dia não basta — disse a sra. Wells. — Você deve ter nascido no *exato* minuto… e na exata latitude e

longitude, ou seja, debaixo do mesmo e exato céu. Somente então seus mapas astrais serão idênticos. Até mesmo gêmeos, veja, nascem com alguns minutos de diferença, e nesse ínterim os céus já mudaram um bocado, e também os padrões.

— Não sei o minuto exato em que nasci — disse Anna, franzindo o cenho.

— Ele também não sabia — disse a sra. Wells —, mas apostaria meu dinheiro no fato de que seus mapas serão idênticos… Pois já sabemos que vocês dois têm algo em comum.

— O quê?

— *Eu* — disse a sra. Wells, triunfantemente. — No dia 27 de abril de 1865, vocês dois chegaram em Dunedin, e vocês dois tiveram seus mapas astrais desenhados pela senhora Crosbie Wells!

Anna levou a mão ao pescoço.

— Quê?! — sussurrou ela. — Senhora… o quê?

Lydia Wells continuou com o mesmo entusiasmo.

— E há ainda outras simetrias! Ele viajava sozinho, tal qual você, e chegou esta manhã, tal qual você. Talvez ele tenha feito um amigo por algum acidente de circunstâncias… tal qual você fez, quando me encontrou!

Anna parecia doente.

— Edward é o nome dele. Edward Sullivan. Oh, como queria tê-lo trazido de volta comigo, como queria ter sabido então! Não está *ansiando* por conhecê-lo?

— Sim, madame — sussurrou ela.

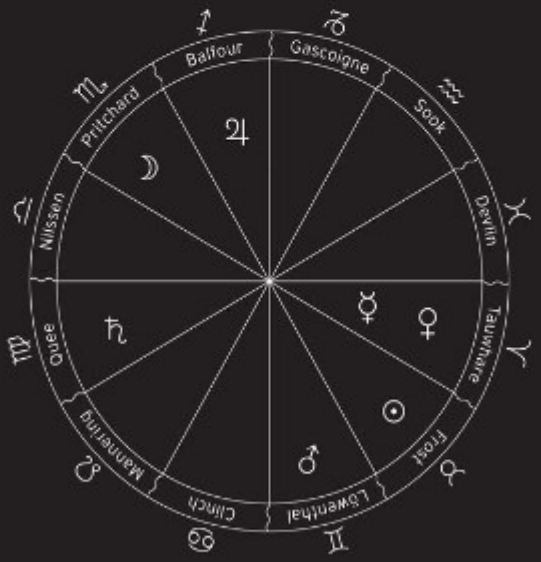
— Que coisa extraordinária — disse Lydia Wells, fitando-a. — É assaz extraordinário. Eu me pergunto o que aconteceria, caso vocês algum dia se conhecessem.

PARTE CINCO

FARDO E GANÂNCIA

12 DE MAIO DE 1865

45° 52' 0" S / 170° 30' 0" L



Prata

Em que Crosbie Wells faz um pedido; Lydia Wells é imprudente; e Anna Wetherell participa como testemunha de uma cena assaz desagradável.

A mortificação que Anna Wetherell havia sofrido após descobrir que o homem que ela entretera na tarde de sua chegada a Dunedin era, na verdade, o senhor da casa, apenas se intensificou durante as semanas que se seguiram. Crosbie Wells estava agora instalado no quarto posterior do número 35 da rua Cumberland, e consequentemente eles se viam todos os dias.

Anna Wetherell era dolorosa e constantemente consciente da impressão que criava, e, como consequência dessa insegurança permanente, seu amor-próprio era crítico ao ponto da fantasia. Ela possuía a impressão inconsolável de que havia algo visível sobre seu próprio caráter que ela mesma não podia ver, e essa ansiedade não podia ser aplacada por persuasão, comprovação ou elogios. Ela estava certa, quando conversava, de que as conclusões inauditas formadas por aqueles à sua volta eram tanto severas quanto totalmente adequadas, e, porque a vergonha que sentia ante essa censura imaginada era muito real, ela buscava ainda mais fortemente cortejar a boa opinião daqueles a quem conhecia — sentindo, ao fazê-lo, que até mesmo neste projeto suas intenções todas eram, também, visíveis.

Acreditando-se uniformemente criticada, Anna teria se surpreendido bastante em saber que as impressões que os outros formavam dela não eram, nem de longe, uniformes. A alguns, a natural simplicidade com que frequentemente falava indicava que ela possuía um repertório alarmante de opiniões particulares, cuja franca expressão era ainda mais alarmantemente pouco feminina; aos outros, seu discurso era inteiramente sem artifícios, e revigorante por esse motivo. Igualmente, sua tendência a estreitar os olhos diante do mundo sugeria, a alguns, medo, e a outros,

cálculo. A Crosbie Wells, ela era meramente, e muito simplesmente, doce: ele achava divertidos seus frequentes constrangimentos, e mais de uma vez lhe dissera isso.

— Você vai se dar bem num acampamento, minha menina — disse ele. — Um golpe de ar fresco, é o que você é. Pura. Nada pode ser pior que uma mulher com respostas prontas. Nada pode ser pior que uma mulher que esqueceu como é ficar constrangida.

Lydia Wells — uma mulher com uma grande quantidade de respostas prontas e que raramente se constrangia — era vista apenas raramente no número 35 da rua Cumberland desde o retorno inesperado de seu marido. Ela deixava a casa no fim da manhã e com frequência não retornava até o crepúsculo, quando o salão de jogos abria para a noite. Wells, durante sua ausência, permanecia principalmente na sala privada das mulheres do primeiro andar, onde os decantadores sobre o aparador eram reabastecidos diariamente. A bebida o abrandava. Anna descobriu que gostava mais dele nas tardinhas, quando três ou quatro copos de uísque o tornavam introspectivo, mas não triste ainda.

Wells, verificou-se, não desejava retornar aos garimpos em Dunstan. Anna soube que ele tirara uma sorte de valor significativo no ano anterior e agora desejava fazer algum uso dessa fortuna: considerava vários investimentos, tanto em Dunedin como além, e passava grande parte do tempo debruçado sobre os jornais locais, comparando as cotações do ouro e acompanhando a ascensão e a queda de várias ações da Bolsa.

— Senhorita Wetherell, você me imagina mais como um criador de ovelhas ou um lenhador? — dizia ele, e então ria muito livremente ante a crescente vergonha dela.

Se a sra. Wells compreendia o constrangimento de Anna ou a razão dele, Anna não sabia. A mulher mais velha não era menos hospitaleira, e seu discurso, não menos conspiratório do que aquele que exibira na cena de seu primeiro encontro; mas parecia a Anna que as maneiras dela haviam adquirido um verniz de distância — como se ela estivesse se preparando, secretamente, para um iminente rompimento em suas relações. De seu marido, ela estava do mesmo modo afastada. Sempre que Wells falava, ela simplesmente fitava-o, sisuda, e então guinava a conversa para um

tema não relacionado. Anna ficava devastada com esses sutis sinais de desgosto, e como consequência ela se empenhou em garantir ainda mais a boa opinião que sua ama tinha dela. Neste momento, sabia muito bem que, tal como Crosbie Wells havia dito, ela fora “enganada”, mas qualquer energia que ela pudesse despender ao confrontar sua ama em relação à fictícia Elizabeth Mackay (a qual nunca mais foi mencionada) dirigia-se, em vez disso, a uma autocensura terrível e a uma crença, mantida intimamente, de que ela, sozinha, poderia reparar o que ela e Crosbie Wells haviam feito.

As operações da Casa dos Muitos Desejos haviam se revelado a Anna vagarosa e gradativamente. Na manhã seguinte à de sua chegada em Dunedin, a sra. Wells lhe mostrara o salão térreo, e Anna de imediato o adorara: as cabines de veludo, as garrafas de vidro verde atrás do bar, as mesas de carteado, a roleta de apostas, o gabinete reservado com portas vaivém onde a sra. Wells ocasionalmente lia sorte em troca de um pagamento. À luz do dia, a sala parecia, de certa forma, conservada: os montículos de poeira, aprisionados nos fachos de luz que caíam das altas janelas, davam uma sensação paciente e potente. Anna estava bastante deslumbrada. Convidada por sua ama, ela subiu na plataforma e girou a roleta — observando a agulha de borracha estalar, estalar e estalar em direção ao prêmio, apenas para cair, com um estalido final, longe dele.

A sra. Wells não a convidou para comparecer às festas noturnas imediatamente. Da janela de seu quarto, Anna observava os homens chegarem, descendo de suas carruagens, removendo suas luvas, galgando o caminho para bater à porta; logo em seguida, fumaça de charuto começava a infiltrar-se em seu quarto, vinda dos soalhos, emprestando um matiz picante e acre ao ar, e acinzentando a luz dos lampiões. Às nove, o burburinho das conversas engrossava até uma algazarra, pontuada por ataques de risadas e de aplausos. Anna ouvia somente o que subia até o assoalho, embora o barulho se intensificasse cada vez que alguém abria a porta para o corredor do térreo, permitindo-lhe adivinhar vozes individuais. Sua curiosidade foi atiçada até o ponto do desconsolo, e após vários dias ela perguntou à sra. Wells, muito hesitantemente e pedindo muitas desculpas, se lhe seria admitido

cuidar do bar. Ela agora o fazia todas as noites, embora a sra. Wells impusesse duas regras: nenhum dos clientes deveria abordá-la diretamente e ela não estava autorizada a dançar.

— Ela está aumentando seu valor — explicou Wells. — Quanto mais eles têm que esperar, mais você vai tirar quando chegar a hora de ser colocada à venda.

— Oh, Crosbie — retorquiu a sra. Wells. — Ninguém vai ser colocada à venda. Não seja absurdo.

— Fazendas — disse Wells. — Eis aí um negócio. Eu poderia ser um fazendeiro, e você poderia ser a esposa do fazendeiro. — Para Anna, ele disse: — Não tem problema algum. Minha velha mãe era uma prostituta, Deus a tenha.

— Ele está apenas tentando assustá-la — disse a sra. Wells. — Não lhe dê ouvidos.

— Não estou assustada — disse Anna.

— Ela não está assustada — disse Wells.

— Não há por que se assustar — disse a sra. Wells.

Na verdade, Anna achava as dançarinas muito admiráveis. Elas eram indiferentes a ela, chamando-a de “Sydney” ou de “Port Jackson”, se e quando a abordavam, mas ela não possuía orgulho suficiente para se sentir ofendida; em todo caso, esse ar de enfadada indiferença era uma sofisticação à qual ela privadamente aspirava. Elas traziam os pedidos de bebidas dos cavalheiros que jogavam cartas e esperavam Anna arranjar os copos e servir. “Um trago e um choro”, diziam elas do uísque com água, e “um estrago”, do uísque puro. Quando os drinques eram servidos, elas escorregavam a bandeja em direção aos quadris ou a alçavam em cima da cabeça e saracoteavam de volta à aglomeração, deixando para trás a fragrância enjoativamente pulvérea da brilhantina e do perfume.

No dia 12 de maio, os habitantes do número 35 da rua Cumberland despertaram cedo. A Casa dos Muitos Desejos sediaria uma festa naquela noite em homenagem aos oficiais navais e “cavalheiros com ligações marítimas”, e havia muito a ser feito para preparar a esse majestoso evento. A sra. Wells contratara um violinista e encomendara ao armazém limões, bebidas à base de abetos, rum e várias centenas de metros de corda, as quais

planejava cortar em pedaços e trançar, a fim de ornamentar cada mesa com uma guirlanda laçada como peça central.

— Eu farei a primeira guirlanda, como modelo — disse ela a Anna —, e você pode fazer o resto delas esta tarde: eu lhe guiarei passo a passo e mostrarei como arrematar as pontas.

— Que desperdício de fibra de manila — disse Wells.

A sra. Wells prosseguiu tal como se ele não houvesse falado nada.

— As guirlandas parecem bastante vistosas, penso eu; não se pode falar em "excesso de decoração" quando se trata de um evento temático. Caso sobre alguma corda, podemos pregá-la atrás do bar.

Eles tomavam juntos o desjejum — uma ocasião infrequente, pois era raro que Wells despertasse antes do meio-dia, e a sra. Wells geralmente deixava o lugar à hora que Anna acordava. A sra. Wells parecia nervosa; talvez estivesse temerosa pelo sucesso da festa.

— Vão ficar maravilhosas — disse Anna.

— E o que mais, agora? — disse Wells, que estava de mau humor. — Uma festa para mineiros… com peneiras em cada mesa, e um canal de água vindo do bar? "Em homenagem ao homem comum", você poderia dizer. "Uma festa para os homens banais. Cavalheiros sem quaisquer conexões." Eis aí um tema.

— Está satisfeita de torradas, Anna? — disse a sra. Wells.

— Sim, madame — disse Anna.

— Um dos convidados dessa noite é um homem condecorado — prosseguiu a sra. Wells, mudando de assunto. — Que acham disso? Creio que será a primeira vez que receberei um herói naval. Teremos que perguntar a ele sobre tudo… não teremos, Anna?

— Sim — disse Anna.

— O nome dele é capitão Raxworthy. Ele tem uma Cruz Vitória; espero que ele a esteja usando. Passe a manteiga, por favor.

Wells passou a manteiga. Após um momento ele disse:

— Tem o *Witness* de hoje?

— Sim, já o li; não havia nada de importante para relatar — disse a sra. Wells. — Os jornais de sexta-feira trazem sempre notícias leves.

— Onde está? — disse Wells. — O jornal.

— Oh… eu o queimei — disse a sra. Wells.

Wells encarou-a.

— Ainda é cedo — disse ele.

— Estou bastante ciente de que é ainda cedo, Crosbie! — disse ela, dando uma risadinha. — Eu o usei para acender o fogo no meu quarto, é isto.

— São nove da manhã — queixou-se Wells. — Não se queima o jornal matutino às nove da manhã. Não quando eu ainda não o li. Vou ter de sair e comprar outro.

— Poupe seu meio xelim — disse a sra, Wells. — Não passava de boataria. Nada a relatar, já lhe disse. — Ela olhou para o relógio da lareira, pela segunda vez em poucos, conforme Anna observou.

— Eu gosto de uma boataria — disse Wells. — De qualquer forma, você sabe que estou procurando um investimento. Como poderia acompanhar as ações, sem o jornal?

— Sim, bem, agora já está feito, e não vai machucar ter que esperar até amanhã. Está satisfeita de torradas, Anna?

Anna franziu ligeiramente o cenho: a sra. Wells já havia lhe perguntado isso.

— Sim, madame.

— Ótimo — disse a sra. Wells. Ela batia o pé. — Quanta diversão teremos hoje à noite! Eu amo aguardar por uma festa. E os homens navais são tão intrépidos. E tremendos contadores de histórias. Suas histórias nunca são tediosas.

Wells estava amuado.

— Você sabe que eu passo minhas manhãs lendo o jornal. Faço-o todos os dias.

— Pode acompanhar o *Leader* — disse a sra. Wells. — Ou o *Lyttelton Times* da semana passada; está na minha escrivaninha.

— Por que não queimou esse, então?

— Oh, eu não sei, Crosbie! — retrucou a sra. Wells. — Tenho certeza de que não vai lhe fazer mal algum ocupar-se de outra maneira. Leia o panfleto de algum colono. Tenho um depósito disso no escritório do térreo.

Wells sorveu seu café e com um tinido pousou sua xícara.

— Preciso da chave do cofre — anunciou ele.

Pareceu a Anna que a sra. Wells se enrijeceu ligeiramente. Ela não olhou para o marido, mas se concentrou em amanteigar sua torrada; após um momento, ela disse:

— E por quê?

— Que quer dizer, por quê? Quero olhar meu pó.

— Concordamos em esperar até um momento mais prudente para vendê-lo — disse a sra. Wells.

— Não vou vender nada. Apenas quero fazer um balanço dos meus negócios, é isso. Vistoriar meus documentos.

— Eu dificilmente os chamaria de “documentos” — disse a sra. Wells, rindo levemente.

— E de que outra maneira os chamaria?

— Oh… você faz com que pareçam tão majestosos, é isso.

— Minha patente de mineiro. Isso, por exemplo, é um documento.

— Que necessidade você teria de sua patente de mineiro?

Ele abriu uma careta.

— De que isso se trata… de uma inquisição real?

— É evidente que não.

— É o que são — disse Wells. — Documentos. E tem uma carta lá que eu gostaria de reler.

— Ora, vamos — disse a sra. Wells. — Você deve ter lido aquela coisa mais de mil vezes, Crosbie. Até mesmo eu sei de cor cada frase! “Caro rapaz, você não me conhece…”

Wells deixou cair seu punho na mesa, fazendo toda a louça pular.

— Cale a boca — disse ele.

— Crosbie! — disse a sra. Wells, em choque.

— Existem gracejos e gracejos — disse Wells. — Você passou dos limites.

Por um momento, pareceu que a sra. Wells estava prestes a fazer uma retaliação, mas ela considerou melhor. Limpou a boca com um guardanapo, recuperando a compostura.

— Perdoe-me — disse ela.

— O perdão não adianta. Eu quero a chave.

Ela tentou rir novamente.

— Realmente, Crosbie; hoje não é dia. Não com a festa naval desta noite, e tanta coisa para organizar. Vamos deixar isso para amanhã. Poderemos nos sentar juntos, eu e você…

— Não vou deixar para amanhã — disse Wells. — Me dê a chave.

Ela levantou-se da mesa.

— Infelizmente, você ouviu minha palavra final sobre esse assunto — disse ela. — Com licença.

— Com licença digo *eu*… infelizmente *você* não ouviu a *minha* palavra — disse Wells. Ele empurrou a cadeira da mesa e também se levantou. — Onde está? No seu colar?

Ela contornou a mesa, para longe dele.

— Na verdade, está num cofre no banco — disse ela. — Não mantenho uma cópia em casa. Se você esperasse apenas um…

— Bobagem — disse Wells. — Está no seu colar.

Ela deu mais um passo para longe dele, parecendo, pela primeira vez, estar alarmada.

— Por favor, Crosbie; não faça uma cena.

Ele avançou sobre ela.

— Dê.

Ela tentou sorrir, mas sua boca tremeu.

— Crosbie — disse ela novamente —, seja sensato. Nós temos…

— Dê a chave para mim.

— Você está fazendo uma cena.

— Vou fazer uma cena ainda maior. Entregue a chave.

Ela tentou rumar para a porta, mas ele foi rápido demais: suas mãos dispararam e a agarraram. Ela torceu o corpo — e por um momento eles lutaram —, e então Wells, arranhando seu corpete, encontrou o que procurava: uma fina corrente de prata, da qual pendia uma grande chave prateada. Ele a puxou, recolhendo a chave no punho, e tentou arrebentar a corrente. Rasgava-lhe o pescoço e não rompia: ela gritou. Ele tentou novamente, com mais força. Ela batia-lhe no peito com os punhos. Grunhinho, ele lutou para contê-la, ainda com a corrente envolta no punho. Ele puxou novamente.

— Crosbie — arfou ela —, *Crosbie*. — Por fim a corrente quebrou, e a chave estava em sua mão; ela soltou um soluço. Imediatamente ele se virou, ofegando rápido, e rumou para o cofre. Encaixou a chave no cadeado, chacoalhando a maçaneta várias vezes antes de o mecanismo estalar, e então a pesada porta se escancarou.

O cofre estava vazio.

— Onde está o meu dinheiro? — disse Crosbie Wells.

A sra. Wells cambaleava, suas mãos concheadas sobre o pescoço. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Se se acalmar por um momento — disse ela —, eu posso explicar.

— Quem é que precisa de calma? — disse Wells. — Fiz uma simples pergunta, apenas. Onde está minha fortuna?

— Agora, Crosbie, ouça — disse a sra. Wells. — Posso recuperá-la… a fortuna. Somente a escondi por um tempo. Em um lugar seguro. Posso pegá-la para você, mas não até amanhã. Está certo? Hoje à noite haverá muitos cavalheiros distintos visitando a casa, e não tenho tempo para… para ir… aonde eu a escondi. Simplesmente há muita coisa ainda a fazer.

— Onde estão meus documentos? — disse Wells. — Minha patente de mineiro. Minha certidão de nascimento. A carta do meu pai.

— Estão com a fortuna.

— Estão, não é. E onde é que estão?

— Não posso lhe dizer.

— Por que não, senhora Wells?

— É complicado — disse ela.

— Imaginei que fosse.

— Posso pegá-las para você.

— Pode, é?

— Amanhã. Depois da festa.

— Por que não hoje? Por que não esta manhã?

— Pode parar de me assustar — disse ela, inflamando-se. — Eu simplesmente não conseguirei hoje. Terá que esperar até amanhã.

— Você está pedindo tempo — disse Wells. — Eu me pergunto por quê.

— Crosbie, a festa — disse ela.

Wells olhou para ela por um longo momento. Então ele atravessou a sala e puxou bruscamente a corda da campainha. A criada Lucy apareceu dentro de instantes.

— Lucy — disse Wells —, vá à rua George e me compre uma cópia do *Otago Witness* de hoje. A sra. Wells parece ter queimado nossa cópia por engano.

Ouro

Em que Francis Carver recebe uma mensagem, e Staines é deixado sozinho.

O arroubo de bom humor caprichoso que induzira Emery Staines, na tarde de sua chegada a Dunedin, a encomendar um mapa astral da sra. Lydia Wells, médium, espírita, fora somente intensificado pelo próprio prognóstico, o qual, tendo sido uniformemente providencial, o enlevara a tão boa disposição, que ele se sentiu inclinado a celebrar. Acordou na manhã seguinte com uma terrível cefaleia e uma sensação culpada de compromisso; após interrogar o hoteleiro ele descobriu, para seu espanto, que contraíra com a casa uma dívida da ordem de oito libras, tendo apostado o soldo de uma quinzena numa partida de pôquer de três cartas, apenas para perder cada pêni, e mais cinco libras. As circunstâncias sob as quais ele ficara grandemente endividado eram, de alguma maneira, obscuras em sua memória, e ele implorou o hoteleiro por uma xícara de café, a crédito, a fim de que pudesse sentar-se um pouco e considerar como melhor proceder. Esse pedido foi concedido, e ele estava ainda sentado no bar três quartos de hora depois quando Francis Carver surgiu, os papéis do patrocínio nas mãos.

Carver fez sua oferta em discurso reto e sem preâmbulos. Ele forneceria capital suficiente para munir Staines com uma patente de mineiro, um embornal e uma passagem para o garimpo rentável mais próximo; ele acrescentou, casualmente, que também ficaria contente em pagar quaisquer dívidas que Staines pudesse ter incorrido em Dunedin desde sua chegada, no dia anterior. Em retorno, Staines concordaria em ceder metade da participação de sua primeira concessão de mineração, com dividendos em perpetuidade, e essa renda seria remetida, por correio privado, à conta de Carver em Dunedin.

Emery Staines soube de imediato ter sido feito de tolo. Ele recordava o suficiente das primeiras horas da noite anterior para

saber que Carver fora excessivamente solícito com ele, certificando-se de que suas apostas fossem sempre acertadas, sua companhia, sempre animada, e seu copo, sempre cheio. Ele também tinha a sensação enevoada de que a dívida de jogo fora-lhe imposta de alguma maneira, pois sua fraqueza pelas cartas era de uma espécie muito ordinária e jubilosa, e ele nunca antes havia gastado quantia de dinheiro tão alta numa única noite. Mas ele se divertia em saber que fora logrado tão logo começada sua aventura, e seu divertimento o conduzia a sentir um tipo de afeição por Carver, tal como no xadrez se sente afeição por um oponente artificioso. Ele decidiu contabilizar o negócio todo como parte da experiência e aceitou os termos de patrocínio de Carver com seu característico bom humor; mas resolveu, intimamente, ser mais cauteloso no futuro. Ter sido vencido uma vez era divertido, mas ele jurou que não seria vencido uma segunda vez.

Staines não era um tremendo conhecedor de caráter. Adorava encantar-se, e assim era muito frequentemente atraído a pessoas cujas maneiras insinuavam tragédia, romance ou mito. Se suspeitou haver uma tensão devida a algo muito ignóbil em Carver, ele concebeu essa qualidade apenas no sentido de maior fantasia e pirataria; houvesse perseguido essa impressão, teria apenas descoberto que ela o deleitava. Carver era vinte anos mais velho que Staines, e tão musculoso e moreno quanto Staines era delgado e louro. Ele se comportava como se estivesse pronto para desferir um golpe a qualquer momento, falava rispidamente e sorria muito raramente. Staines julgou-o magnífico.

Assim que o contrato tinha sido assinado, o comportamento de Carver tornou-se ainda mais ríspido. Otago, disse ele, já deixara para trás seu ápice como garimpo. Staines faria muito melhor em partir para a recém-construída cidade de Hokitika, no Oeste, onde, diziam, um homem poderia fazer fortuna num único dia. O desembarque em Hokitika, contudo, era notoriamente traiçoeiro, e dois vapores já haviam encalhado no banco de areia: por essa razão, Carver insistiu em que Staines empreendesse a travessia para a costa Oeste a bordo de uma vela, em vez de a bordo de um vapor. Caso Staines consentisse em acompanhá-lo primeiro à alfândega, em segundo aos fornecedores à rua Princes, e em

terceiro ao Banco Central, o contrato poderia ser finalizado até meio-dia. Staines consentiu, e dentro de três horas ele estava em posse de uma patente de mineiro, um embornal e uma passagem pra Hokitika na escuna *Blanche*, a qual não estava prevista para zarpar de Port Chalmers até a manhã de 13 de maio.

Ao longo das duas semanas que se seguiram, Staines e Carver se viram uma boa quantidade de vezes. Carver possuía um mês de licença em terra, enquanto a barca na qual trabalhava era consertada e calafetada novamente; ele hospedou-se, tal qual Staines, no Hawthorn Hotel à rua George. Eles desjejuavam juntos muito frequentemente, e ocasionalmente Staines acompanhava Carver em suas tarefas e compromissos na cidade, tagarelando o tempo todo. Carver não o dissuadia disso e, embora ele manifestasse muito pouco além de uma ansiedade reprimida e constante, Staines vangloriava-se de que sua presença era uma distração gratificante e muito necessária.

Emery Staines sabia muito bem que criava uma singular impressão na mente de todos aqueles que conhecia. Esse conhecimento se tornara, com o tempo, uma expectativa, cuja consequência foi acentuar ainda mais sua singularidade. Seus trejeitos exibiam uma curiosa mistura de ânsia e entusiasmo, o que quer dizer que seus entusiasmos eram sempre de uma espécie saudosa, e seus anseios, sempre entusiasmados. Ele se deleitava com coisas de natureza improvável ou impraticável, as quais buscava com o sincero contentamento de uma criança brincando. Quando falava, fazia-o de maneira original e com uma agonia idealista que era bastante para fazer sorrir quase todos os seus críticos mais rígidos; quando se calava, tinha-se a sensação, ao observá-lo, de que sua imaginação estava não obstante utilmente ocupada, pois ele com frequência suspirava ou assentia, como se em concordância com um interlocutor que ninguém exceto ele conseguia ver.

Sua disposição para ser ensolarado era, ao que parecia, inabalável; embora essa atitude não houvesse sido formada em consulta com código moral nenhum. Em geral, suas crenças eram sustentadas intuitivamente, em vez de escrupulosamente, e ele não era seletivo na escolha de sua companhia — sentindo, de sua

maneira intuitiva, que era dever de todo homem pensante expor a si mesmo a uma grande gama de caracteres, situações e pontos de vista. Ele lera extensivamente e, ainda que preferisse os românticos a todos os outros e nunca se fatigasse em discutir as propriedades do sublime, de maneira nenhuma era um estrito discípulo daquela escola ou, na verdade, de escola alguma. Uma infância solitária e sem regras, passada em sua maior parte na livraria de seu pai, havia preparado Emery Staines para um grande número de vidas possíveis, sem nunca ter que preferir uma delas. Ele poderia tanto ser visto em pijamas discutindo Cícero e Sêneca quanto em botas e calças de lã, subindo uma montanha à procura de uma vista, e em ambos os casos ele estava fadado a divertir-se muitíssimo.

Em seu vigésimo primeiro aniversário, perguntaram-lhe para onde ele desejava ir no mundo, ao que imediatamente respondeu “Otago” — sabendo que as corridas do ouro em Victoria haviam minguado e estando há muito enamorado da ideia de uma vida de prospector, a qual concebia em termos quixotescos e alquímicos. Ele via o metal brilhando, despercebido, desconhecido, sobre alguma solitária praia de alguma terra inexplorada; ele via a lua nascer cheia e amarela sobre o mar aberto; ele via a si mesmo andando a cavalo através das águas rasas do riacho, dormindo na terra nua, deitando água sobre uma caixa de eclusa de madeira, enroscando massa lêveda num graveto para assá-la nas brasas de uma fogueira. Que belo seria, pensava ele, poder dizer que a fortuna de alguém era mais velha que todas as eras do homem e da história; poder dizer que alguém havia topado com ela, que a havia arrancado da terra com as próprias mãos.

Seu pedido foi atendido: compraram-lhe devidamente uma passagem no vapor *Fortunate Wind*, com destino a Port Chalmers. No dia de sua partida, seu pai o advertiu a preservar seu juízo, praticar a gentileza e voltar para casa assim que ele visse o bastante do mundo para saber qual era seu lugar nele. Viajar para o estrangeiro, disse ele, era a melhor dos aprendizados, e era dever de um cavalheiro ver e entender o mundo. Assim que apertaram as mãos, ele presentou-o com um envelope de cédulas de dinheiro, aconselhou-o a não gastar tudo duma vez e desejou-lhe um bom

dia, quase como se o rapaz estivesse simplesmente saindo para um passeio e fosse voltar a tempo do jantar.

— O que ele faz da vida? — disse Carver.

— É magistrado — disse Staines.

— Um bom magistrado?

O rapaz suspirou, jogando um pouco a cabeça para trás.

— Oh… sim, suponho que ele seja bom. Como pintar a imagem do meu pai? Ele é um homem letrado, e é benquisto em sua profissão, mas tem uma noção excêntrica das coisas. Por exemplo: ele me diz que sua herança abrange somente seu violino e sua lâmina de barbear… dizendo que, se um homem tiver que fazer seu caminho no mundo, tudo de que precisa é um bom barbear e os recursos para fazer alguma música. Creio que ele escreveu isso em seu testamento, e repartiu todo o resto à minha mãe. Ele é um bocado peculiar.

— Hmm — disse Carver.

Eles desjejuaram juntos no Hawthorn Hotel pela última vez. Na manhã seguinte, a escuna *Blanche* estava programada para zarpar de Hokitika, e a barca *Godspeed*, recentemente calafetada e reformada, com destino a Melbourne, algumas horas depois.

— Saiba — acrescentou Staines, enquanto batia no ovo — que é a primeira vez desde meu desembarque em Dunedin que alguém me perguntou qual o ganha-pão do meu pai; mas perguntaram-me sobre onde pretendo fazer minha fortuna não menos que uma dezena de vezes, e ofereceram-me todo tipo de patrocínio, e eu nem saberia lhe dizer quantas vezes me perguntaram o que eu desejaria fazer com minha pilha de ouro, assim que eu juntasse uma quantidade razoável dela! Como é curiosa essa expressão: “razoável”. Parece vender muito pobremente a ideia.

— Sim — disse Carver, seus olhos no *Otago Witness*.

— Está aguardando alguém? — disse Staines.

— Perdão? — disse Carver, sem tirar os olhos do jornal.

— É só que você esteve lendo as notícias de navegação durante os últimos dez minutos — disse Staines — e nem sequer tocou seu café da manhã.

— Não estou aguardando ninguém — disse Carver. Ele virou uma página do jornal e começou a ler as correspondências dos

garimpos.

Eles caíram em silêncio por um tempo. Carver manteve seus olhos no jornal; Staines terminou seu ovo. Assim que Staines estava prestes a levantar-se da mesa e pedir licença, a porta da frente se abriu e um bilheteiro-postal adentrou.

— Senhor Francis Carver — chamou ele.

— Sou eu — disse Carver, levantando a mão.

Ele arrebentou o envelope e verificou brevemente o documento. Staines pôde ver, através do papel, que a carta era composta de somente uma linha de escrita.

— Espero que não sejam más notícias — disse ele.

Carver não se moveu por um longo tempo; então ele esmagou o papel na mão e arremessou, de lado, em direção à fogueira. Pegou um pêni em seu bolso e, assim que o bilheteiro-postal debandou, se voltou para Staines e disse:

— Que diz de um soberano de ouro?

— Não creio ter algum dia me dirigido a algum — disse Staines.

Carver fitou-o.

— Precisa de ajuda? — disse Staines.

— Sim. Venha comigo.

Staines seguiu seu patrocinador escadas acima. Esperou Carver destravar a porta de seus aposentos particulares e então adentrou no quarto depois dele. Ele nunca pusera os pés no quarto de Carver antes. Era muito maior que o seu, mas mobiliado de forma semelhante. Ainda carregava o cheiro cediço e corpóreo do sono: as roupas de cama de Carver estavam torcidas no meio do colchão. No centro do quarto havia uma arca com fechos de ferro. Colada ao tampo havia um conhecimento de embarque amarelado:

Destinatário Alistair Lauderback
Remetente Danforth Remessas
Portador Godspeed

— Preciso que vigie isto — disse Carver.

— O que tem aí dentro?

— Esqueça o que tem aí dentro. Preciso apenas que vigie isto até que eu volte. Em duas horas, talvez. Três horas. Tenho alguns assuntos a tratar na cidade. Terei um soberano para você.

Staines ergueu as sobrancelhas.

— Um soberano inteiro… para vigiar uma arca durante três horas? E para quê?

— Você estará me fazendo um favor — disse Carver. — Eu não me esqueço de um favor.

— Deve ser terrivelmente valioso — disse Staines.

— Para mim, é — disse Carver. — Quer o serviço ou não?

— Ora… está bem — disse Staines, sorrindo. — Como um favor. Ficarei contente.

— É melhor que tenha uma pistola — disse Carver, passando para o escritório.

Staines ficou tão atônito que riu.

— Uma pistola? — disse ele.

Carver encontrou um revólver de cartucho único, abriu sua culatra e espreitou dentro dela. Então acenou com a cabeça, recolheu-a e entregou-o a Staines.

— Devo esperar usar isto? — disse Staines, virando-a na mão.

— Não — disse Carver. — Apenas acene com ela, caso alguém entre aqui.

— Acenar com ela?

— Sim.

— Quem vai entrar aqui?

— Ninguém — disse Carver. — Ninguém vai entrar aqui.

— O que tem dentro do baú? — disse Staines novamente. — Realmente acho que devo saber. Posso guardar segredo.

Carver balançou a cabeça.

— Quanto menos souber, melhor.

— Não é caso de saber menos; é caso de não saber absolutamente nada! Sou algum tipo de cúmplice? Isto é algum tipo de assalto? É sério, senhor Carver; eu sei guardar segredos.

— Mais uma coisa — disse Carver. — Somente hoje, meu nome não é Carver. É Wells. Francis Wells. Caso alguém venha perguntar, sou Francis Wells. Esqueça o porquê.

— Meu bom Deus — disse o rapaz.

— Quê?

— É que você está sendo terrivelmente misterioso.

Carver subitamente rodeou-o.

— Se você fugir, vai configurar quebra de contrato. Tenho evidências para procurar uma indenização de qualquer forma que eu julgar devida.

— Eu não vou fugir — disse o rapaz.

— Você fica de olho nesse baú até que eu retorne, e sairá com uma moeda de uma libra. Qual é mesmo o meu nome?

— Senhor Wells — disse o rapaz.

— Concentre-se em lembrar. Voltarei em três horas.

Assim que Carver partiu, Staines pôs a pistola na escrivaninha, o cano apontando para longe, e ajoelhou-se para olhar o baú. O ferrolho fora fechado a cadeado. Ele ergueu o cadeado para examinar o recorte da fechadura — observando, para satisfação sua, que a trava era de desenho muito simples. Subitamente sorrindo, ele pegou seu canivete, abriu a lâmina e encaixou sua ponta na fechadura. Ele a forçou por cerca de um minuto antes que o mecanismo estalasse.

Cobre

Em que a desconfiança de Wells se intensifica; Anna fica alarmada; e um pacote chega na Casa dos Muitos Desejos, endereçado à sra. Wells.

Crosbie Wells leu o *Otago Witness* de cabo a rabo e em completo silêncio. Quando terminou, sacudiu o jornal, dobrou-o secamente na marca e levantou-se da cadeira. A sra. Wells estava sentada defronte a ele. Sua expressão era fria. Ele avançou sobre ela, lançou-lhe o jornal no colo — ela titubeou levemente — e então pôs as mãos nos quadris, avaliando-a.

— As chegadas de navio me saltaram aos olhos — disse ele.

Ela nada disse.

— Um nome em particular. *Active* é o nome do vapor. Chegando na alta da maré. Quando será isso? No pôr do sol.

Ela ainda nada dizia.

— Parece estranho não ter me dito — disse Wells. — Eu estive esperando a apenas o que, doze anos? Doze anos e nenhuma resposta. Todos esses anos eu estive nas terras altas, garimpando ouro. Agora, o homem em pessoa chega à cidade, você sabia disso e não fez menção alguma. Não: é pior do que ficar calada. Você planejou me enganar. Você queimou o jornal no maldito fogareiro. É uma enganação perversa, senhora Wells. É uma enganação fria.

Ela manteve a compostura.

— Está bastante certo — disse ela. — Eu nunca deveria tê-lo enganado.

— Por que o queimou?

— Não queria que as notícias estragassem a festa — disse ela. — Caso você descobrisse que ele estava chegando hoje à noite, bem poderia descer ao cais… e ele poderia tê-lo desdenhado… e você poderia ficar perturbado.

— Mas é justamente isso o que me perturbou, senhora Wells.

— O quê? — disse ela.

— A festa.

— É apenas uma festa.

— Será?

— Crosbie — disse ela —, não seja tolo. Se procura por uma conspiração, vai encontrar uma conspiração. É uma festa, e apenas isso.

— “Cavalheiros com conexões marítimas” — disse Wells. — Tipos navais. Que lhe importam tipos navais?

— Importam-me por serem homens de patente e influência considerável, porque me importo com meus negócios, e a festa fará bem aos meus negócios. Todos adoram um motivo temático. Empresta certo sabor a um evento noturno.

— O senhor Alistair Lauderback recebeu um convite, me pergunto?

— É evidente que não — disse a sra. Wells. — Por que deveria eu convidar *ele*? Nunca na vida pus os olhos nele. E de qualquer forma, como já lhe disse, foi justamente porque eu não queria ver você perturbado que queimei o jornal matutino. Está muito certo: eu não deveria, e sinto muito por tê-lo enganado. Mas a festa, eu lhe garanto, é apenas uma festa.

— E quanto à fortuna? — disse Wells. — E aos meus documentos? Como eles se encaixam nisso?

— Temo que não se encaixem — disse a sra. Wells.

— Estou pensando em dar um pulo em Port Chalmers — disse Wells. — Perto do pôr do sol. Uma bela noite para isso. Um bocado frio, talvez.

— Certamente deveria — disse a sra. Wells.

— Eu perderia a festa, é claro.

— Seria uma pena.

— Seria?

Ela suspirou.

— Crosbie — disse ela —, você está sendo muito estúpido.

Ele inclinou-se ainda mais.

— Onde está meu dinheiro, senhora Wells?

— Está num cofre no Banco Central.

— Mentirosa. Onde está?

— Está num cofre no Banco Central.

— Onde está?

— Está num cofre no Banco Central.

— *Mentirosa*.

— Insultos — disse a sra. Wells — não vão me…

Ele a estapeou, forte, no rosto.

— Você é uma mentirosa suja — disse ele —, uma ladra podre, e eu lhe chamarei de coisas piores antes de terminar isso com você.

Um perfeito silêncio se seguiu. A sra. Wells não se levantou para tocar a bochecha onde ele a estapeara. Ela permaneceu completamente imóvel — e Wells, subitamente constrangido, afastou-se dela e atravessou a sala até onde os decantadores e garrafas jaziam sobre a bandeja de prata. Ele serviu-se uma dose, bebeu-a toda e então serviu-se de outra. Anna manteve os olhos em sua guirlanda de corda, a qual se tornava disforme debaixo de seus trêmulos dedos. Ela não ousou olhar para a sra. Wells.

Justo então ouviu-se um rápido bater na porta da frente, e em seguida uma voz, chamando pela abertura:

— Um pacote para a senhora Lydia Wells.

A sra. Wells fez menção de levantar, mas Crosbie Wells gritou:

— *Não*. — Ele ficara muito avermelhado. — Você fique exatamente aí. — Ele apontou para Anna com a mão que segurava seu copo. — Você — disse ele. — Vá ver.

Ela o fez. Era uma garrafa, do tamanho de uma caneca, embrulhada em papel marrom e carimbada com a matriz do boticário à rua George.

— O que é? — gritou Wells, do andar de cima.

— É um pacote vindo do boticário — gritou Anna de volta.

Fez-se uma pausa, e então a sra. Wells disse, falando claramente:

— Oh, sei o que é. É um tônico capilar. Eu o encomendei semana passada.

Anna voltou para cima, o pacote na mão.

— Tônico capilar — disse Wells.

— Realmente, Crosbie — disse a sra. Wells —, você está ficando paranoico. — Para Anna, ela disse: — Pode pô-lo em meu quarto. Na mesa de cabeceira, por gentileza.

Wells ainda fulminava sua esposa com os olhos.

— Você não vai a lugar algum — disse ele. — Não até que me conte a verdade. Ficará aqui, exatamente aqui… onde posso ficar de olho em você.

— Neste caso, devo esperar por uma tarde muito aborrecida — disse a sra. Wells.

Crosbie Wells respondeu furiosamente, e eles continuaram disputando. Anna, feliz por ter razão para retirar-se, levou a garrafa embrulhada em papel através do corredor até a escuridão silenciosa do quarto da sra. Wells. Estava a caminho de pôr a garrafa sobre a mesa de cabeceira quando algo chamou-lhe atenção: um frasco de tônico capilar, quase da metade do tamanho da garrafa que segurava na mão, e nem um pouco parecido em suas dimensões. Franzindo o cenho, ela olhou para o pacote em sua mão — e então, num repentino impulso, escorregou o dedo por debaixo do embrulho e desfez-se do papel. A garrafa não trazia rótulo; fora arrolhada, e a rolha fora selada com cera de vela. Ela segurou-a contra a luz. Continha um líquido espesso e melado, cor de ferrugem.

— Láudano — sussurrou ela.

Wu Xing

Em que Emery Staines cumpre a ordem de Carver, e Ah Sook é enganado com eficácia.

Staines ergueu o vestido contra a luz, pensativo. Havia cinco, ao todo — um de seda alaranjada e o resto de musselina —, mas, além deles, o baú estava praticamente vazio. Qual era o sentido daquilo? Talvez tivessem algum valor sentimental para Carver… mas, caso tivessem, então por que fornecera uma pistola a Staines, para que os vigiasse? Talvez fossem mercadorias roubadas, embora não parecessem nem um pouco valiosas… ou talvez, pensou Staines, Carver estivesse ficando louco. Esse pensamento o animou; ele gargalhou alto, e então, balançando a cabeça, devolveu os vestidos à arca.

Ouviu-se uma aguda batida à porta.

— Quem é? — disse Staines.

Não houve resposta; mas após um momento o visitante bateu novamente.

— Quem é? — disse Staines de novo.

O visitante bateu uma terceira vez, mais urgentemente. Staines sentiu seu batimento cardíaco acelerar. Passou para a escrivaninha e pegou a pistola. Mantendo-a rente à coxa, caminhou até a porta, destravou-a e abriu uma fresta.

— Sim? — disse ele.

No corredor estava um homem chinês de aproximadamente quarenta anos, vestido com uma túnica e uma capa de lã.

— Francis Carver — disse ele.

Staines lembrou-se da instrução de Carver.

— Infelizmente, não há ninguém aqui com esse nome — disse ele. — Não quer dizer o senhor Wells… Francis Wells?

O homem chinês balançou a cabeça.

— Carver — disse. Ele tirou uma folha de papel de seu peito e segurou-a. Curioso, Staines a pegou. Era uma carta da penitenciária

da ilha Cockatoo agradecendo o sr. Yongsheng por sua consulta e informando-o de que, após sua soltura do cárcere, o sr. Francis Carver viajara para Dunedin, Nova Zelândia, no vapor *Sparta*. No pé da carta — e num tom de tinta muito mais escura — outra pessoa escrevera “Hawthorn Hotel”. Staines encarou a anotação por um longo tempo. Ele não sabia que Carver era um ex-presidiário; a notícia era-lhe admirável, mas ele descobriu, após mais reflexões, não ser de todo inesperada. Por fim, e com grande relutância, ele balançou a cabeça.

— Sinto muito — disse ele, devolvendo a folha de papel ao homem chinês, e sorrindo apologeticamente. — Não há ninguém chamado Francis Carver aqui.

Ferro

Em que Crosbie Wells soma dois com dois.

Uma tarde interminável transcorreu no número 35 da rua Cumberland. Juntas, Anna e a sra. Wells confeccionaram quinze guirlandas trançadas, as quais instalaram no salão térreo, vigiado por Wells, que bebia firmemente e não falava. Atrás do púlpito elas haviam construído uma “vela grande” com um remo e um lençol branco, o qual ataram com laços de barbante; atrás do bar, penduraram uma série de bandeiras oficiais marítimas. Assim que as guirlandas haviam sido dispostas, elas arranjaram os limões e a bebida à base de abetos, espevitaram as velas, poliram os copos, reabasteceram os candeeiros e espanaram — alongando cada uma das tarefas tanto quanto possível e lançando mão de toda desculpa para fazer pequenas jornadas até o andar superior e a cozinha, a fim de evitar o medonho silêncio de uma companhia amargurada.

Eles foram interrompidas, pouco após as quatro, por um vivaz bater à porta de entrada.

— Quem poderá ser? — disse a sra. Wells, franzindo o cenho. — As meninas não entram antes das sete. Eu nunca recebo visitantes a essa hora do dia.

— Eu vou atender — disse Wells.

No limiar da porta estava um homem chinês de túnica e capa de lã.

— O que temos aqui? — disse Wells. — *Você* não é um homem naval.

— Boa tarde — disse o outro. — Procuro Francis Carver.

— Quê? — disse Crosbie Wells.

— Procuro Francis Carver.

— Você disse… Carver?

— Sim.

— Nunca ouvi falar dele.

— Ele morar aqui — disse o homem chinês.

— Temo que não, companheiro. Esse lugar pertence à chamada senhora Lydia Wells. Sou o felizardo marido dela. Meu nome é Crosbie.

— Não Carver?

— Não conheço ninguém chamado Carver — disse Wells.

— Francis Carver — suplicou o homem.

— Infelizmente, não posso ajudá-lo.

O homem chinês franziu o sobrolho. Do bolso, ele retirou a mesma carta que apresentara a Emery Staines, cerca de duas horas antes. Entregou-a a Wells. As palavras “Hawthorn Hotel” haviam sido rasuradas; debaixo delas, numa caligrafia diferente, alguém havia escrito “Casa dos Muitos Desejos, rua Cumb’d”.

— Alguém lhe deu este endereço? — disse Wells.

— Sim — disse o homem chinês.

— Quem? — disse Wells.

— Capitão do porto — disse o homem chinês.

— Infelizmente, o capitão do porto lhe enganou, companheiro — disse Wells, passando a carta de volta a ele. — Não há ninguém com esse nome neste endereço. Por que o está procurando?

— Para trazer justiça — disse o homem chinês.

— Justiça — disse Wells, sorrindo. — Está certo. Bem, espero que ele a mereça. Boa sorte.

Ele fechou a porta e, de súbito, estacou a mão sobre o batente. Subitamente ele se virou e, subindo os degraus de dois em dois, retornou ao vestiário feminino no andar superior, onde o *Otago Witness* estava dobrado sobre a escrivaninha. Ele o apanhou. Após esquadrinhar as colunas durante vários minutos, ele viu, listado entre as partidas previstas para o dia seguinte:

> Cais nº 4: *Godspeed*, dest. Port Phillip. Tripulação compreende j. raxworthy (capitão), p. logan (primeiro imediato), h. petersen (segundo imediato), j. draffin (comissário de bordo), m. dewey (cozinheiro), w. collins (contramestre), e. cole, m. jerison, c. solberg, f. carver (marujos).

— Quem era? — Anna se chegara por trás dele. Segurava um castiçal de bronze em cada mão. — Era Lucy, voltando do armazém? A senhora Wells está precisando dela.

— Era um homem chinês — disse Wells.

— O que ele queria?

— Ele procurava por alguém.

— Quem?

Wells estudou-a.

— Você conhece alguém que já cumpriu pena na ilha Cockatoo?

— Não.

— Nem eu.

— Trabalhos forçados — disse Anna. — Cockatoo é para trabalhos forçados.

— Não é para os fracos, imagino.

— Quem ele procurava?

Wells hesitou, mas então disse:

— Já ouviu falar num tal Francis Carver?

— Não.

— Já viu algum ex-presidiário?

— Como eu teria conhecido algum?

— Suponho que não conheceria — disse Wells.

Fez-se uma pausa; dentro em pouco, ela disse:

— Devo dizer à senhora Wells?

— Não — disse Wells. — Fique aqui um momento.

— Vim somente para pegar isto — disse Anna, soerguendo os castiçais. — Realmente deveria voltar.

Wells enrolou o *Otago Witness* em um canudo.

— Ela é uma mulher desnaturada, Anna. Não existe nem um pingo de sentimento verdadeiro na senhora Lydia Wells: com ela, é lucro ou falência. Ela pegou meu dinheiro e ela pegará o seu, e estaremos arruinados… nós dois. Estaremos arruinados.

— Sim — disse Anna, miseravelmente. — Eu sei.

Ele brandiu o jornal enrolado.

— Sabe o que isto aqui diz? Que tem um homem chamado Carver listado como tripulante num navio de fretamento privado. Parte na maré de amanhã. Um cavalheiro com uma conexão marítima, em outras palavras.

— Suponho que isso signifique que ele estará na festa — disse Anna.

— E uma coisa mais: o capitão da embarcação. Raxworthy.

— A senhora Wells o mencionou durante o café da manhã — disse Anna.

— De fato, ela mencionou — disse Wells, batendo na perna o jornal. — Tudo começa a se encaixar. Apenas não consigo entender ainda. A imagem toda.

— O que está se encaixando?

— Durante o dia todo — explicou ele — eu me perguntei uma coisa: o que ela poderia querer com meus documentos? Minha patente de mineiro. Minha certidão de nascimento. Não tenho dúvida de que ela os roubou, tal como também roubou a fortuna; mas ela não se daria o trabalho a não ser que pudesse fazer uso deles, e que uso ela poderia ter para os documentos de um homem velho? Nenhum, eu pensei. Nesse caso, ela devia tê-los despachado, de alguma maneira. Devia tê-los passado para a frente. Mas para quem? Que tipo de homem poderia ter necessidade dos documentos de outro homem? Foi aí que me ocorreu: um homem fugindo de seu passado, pensei. Um homem com um nome manchado, que quer recomeçar com um nome melhor. Um homem buscando deixar para trás algum capítulo de sua história.

Anna esperou, franzindo o cenho.

— Mas eis uma maldita certeza — disse Wells, erguendo como um cetro o jornal enrolado. — Não sei como, e não sei por que ou para que, mas vou lhe dizer aqui e agora, pequena Anna, que hoje à noite eu vou conhecer um certo senhor Francis Carver.

Estanho

Em que Carver assume um pseudônimo, e Lauderback assina seu próprio nome.

— Wells — disse Lauderback, refreando-se.

— Boa tarde — disse Francis Carver. Ele estava sentado numa cadeira defronte ao passadiço. Havia uma pistola em sua mão.

— Que significa isso? — disse Lauderback.

— Faça o favor de entrar.

— Que significa isso? — disse ele novamente.

— Uma conversa — disse Carver.

— Mas referente a quê?

— Aconselho que entre na cabine, senhor Lauderback.

— Por quê?

Carver nada disse, mas o cano da pistola contorceu-se um pouco.

— Eu não pus os olhos nela desde que nos falamos pela última vez — disse Lauderback. — Juro por minha honra. Quando você me disse para me afastar, senhor Wells, eu me afastei. Estive em Akaroa nesses últimos nove meses. Acabo de retornar à cidade somente nesta noite… agora há pouco, na verdade; neste exato momento. Eu me mantive afastado… tal como me pediu.

— Se você diz… — disse Carver.

— Sim, eu digo! Duvida de minha palavra?

— Não.

— Então o que quer dizer com “se você diz”?

— Apenas que o jornal diz coisa diferente.

Lauderback cambaleou.

— Não tenho a menor ideia de que jornal está falando — disse ele após um momento —, mas arrisco dizer, contudo, que está aludindo ao recibo de Danforth, de alguma maneira.

— Eu estou — disse Carver.

Com um rápido olhar por sobre o ombro, Lauderback adentrou na cabine e fechou a escotilha.

— Está bem — disse ele, quando estava lá dentro. — Algo está acontecendo. Ou aconteceu.

— Sim — disse Carver.

— Diz respeito a Crosbie? — disse Lauderback. — Isso tem a ver com Crosbie?

— Ah, você sabe — disse Carver —, eu me preocupo com o velho Crosbie.

Ele não continuou. Após um momento, Lauderback disse numa voz temerosa:

— Se preocupa?

— Sim, me preocupo — disse Carver. — Um dia desses, aquele pobre homem vai beber até morrer.

Lauderback começara a suar.

— Onde está Raxworthy? — disse ele.

— Se embriagando na rua Cumberland, creio.

— E quanto ao Danforth?

— Igualmente — disse Carver.

— Eles estão na sua mão, não estão?

— Não — disse Carver. — Você é que está.

Alcatrão

Em que Carver logra concluir a escritura; Crosbie Wells empreende um contra-ataque; e o láudano faz efeito.

Quando Francis Carver bateu à porta do número 35 da rua Cumberland cerca de duas horas mais tarde, a festa naval estava em pleno andamento: ele podia ouvir os aplausos e o bater de pés ritmados e as risadas roucas. Ele bateu novamente, mais forte. A criada Lucy apareceu após sua quarta batida; assim que viu que era Carver, ela convidou-o a entrar e voou pelo corredor para chamar a sra. Wells.

— Oh, Francis — disse ela, quando o viu. — Graças a Deus.

— Deu certo — disse Carver. Ele afagou o peito, onde a escritura de venda jazia dobrada dentro de seu bolso. — Tudo assinado, em vigor a partir de já. Tenho um rapaz de olho nele, Lauderback, até amanhã de manhã. Mas duvido de que ele faça qualquer coisa.

— Você não o machucou, machucou?

— Não, ele está se sentindo muito mal consigo mesmo, apenas. O que está acontecendo aqui?

Ela baixou a voz até virar um sussurro.

— Bem — disse ela —, depois daquela horrível briga esta manhã, e um dia miserável, tivemos a sorte mais incrível. Crosbie se deitou com minha nova menina. Talvez ele tenha pensado em me contrariar, levando-a para a cama… mas não consegui pensar em nada que eu desejasse mais do que ter os dois fora do meu caminho esta noite. No momento em que ficaram a sós, mandei Lucy com um decantador novo.

— Batizado?

— É evidente.

— Quão forte?

— Usei metade da garrafa.

— Alguma coisa aconteceu?

— Não ouvi um pio — disse ela. — Nem um som.

— Está bem — disse ele. — Vou subir. Precisarei de quinze minutos.

— Ele está muito furioso. Já sabe sobre o ouro, como já lhe contei, e descobriu sobre a chegada de Lauderback. Você deve ter cautela.

— Não precisarei de cautela se ele estiver nocauteado.

— Você não vai atirar nele… Vai, Francis?

— Não esquente a cabeça com isso.

— Quero saber.

— Baterei na cabeça dele — disse Carver —, só isso.

— Não aqui!

— Não, não aqui. Eu o levarei a outro lugar.

— A menina ainda está lá em cima, veja bem. Ela pode ter descido com ele. Eu não sei.

— Eu lidarei com ela. Direi para ela sair antes que algo aconteça. Não se preocupe.

— Que devo eu fazer?

— Volte para a festa. Sirva outro drinque a Raxworthy.

Φ

Carver colou o ouvido à porta; não ouvindo nada, girou a maçaneta, muito silenciosamente. Ela abriu sem fazer ruído. O quarto estava escuro, mas no aposento além, uma pequena lamparina ardia. Havia alguém deitado: as roupas de cama estavam amontoadas, e ele pôde ver uma mancha de cabelos negros no travesseiro. Mantendo a mão no quadril, ele avançou lentamente dentro do quarto.

Ele ouviu o cicio de algo pesado cortando o ar e quase se virou — mas, antes que pudesse fazê-lo, foi golpeado atrás da cabeça e tombou de joelhos. Ele rodopiou ao redor, sua mão fechando-se em volta do cabo da pistola — mas Crosbie Wells gingou o atiçador de fogo mais uma vez, acertando-o nos nós dos dedos, e outra vez, na mandíbula. Carver encolheu-se de dor. Levantou as mãos, instintivamente, para proteger o rosto. Um quarto golpe tocou seu cotovelo, e um quinto acertou-o logo acima de sua têmpora. Ele caiu de lado, subitamente enfraquecido, no chão.

Wells avançou para a frente e tentou, com a mão livre, arrancar a pistola do cinto do homem. Carver agarrou seu braço e eles pelejaram por um momento, até que Wells o acertou mais uma vez no lado da cabeça com o atiçador. Ele perdeu a força e caiu para trás. Finalmente, Wells tomou a pistola e soltou-a do cinto; assim que estava em sua mão, ele a levantou, a nivelou com o rosto de Carver e parou um momento, ofegando. Carver grunhiu, levando os braços ao rosto. Ele estava atordoado: as luzes no quarto começaram a pulsar.

— Quem é você?

Carver espreitou-o. Havia sangue em sua boca.

Wells segurava a pistola com a mão esquerda e o atiçador com a direita. Ele levantou o atiçador, ameaçando atingi-lo novamente.

— Você é Francis Carver? Fale ou o matarei. Seu nome é Carver?

— Costumava ser — disse Carver.

— E qual é agora?

Carver sorriu largo, exibindo dentes ensanguentados.

— Crosbie Wells — disse ele.

Wells aproximou-se.

— Eu vou matá-lo — disse ele.

— Vá em frente — disse Carver, e fechou os olhos.

Wells levantou de novo o atiçador.

— Onde está minha fortuna?

— Foi embora.

— Eu perguntei onde ela está?!

— Embarcou para o estrangeiro.

— Quem a enviou? Você?

Carver abriu os olhos.

— Não — disse ele. — Você a enviou.

Wells baixou o atiçador. Ele atingiu a têmpora do outro homem e Carver desmaiou. Wells aguardou um momento para ver se ele estava fingindo, mas o desmaio era claramente verdadeiro: ele exibia o branco dos olhos, e uma de suas mãos se contorcia.

Wells largou o atiçador longe do alcance de Carver. Transferiu a pistola para a mão direita. Hesitantemente, empurrou o cano da

pistola na bochecha de Carver e o cutucou. A cabeça do homem inclinou-se para trás.

— Ele está morto? — disse Anna, da soleira. Seu rosto estava branco.

— Não. Está respirando.

Com a mão esquerda, Wells tirou da bota sua faca de caça e desembainhou a lâmina.

— Você vai matá-lo? — sussurrou Anna.

— Não.

— Que vai fazer?

Wells não respondeu. Usando sua pistola para manter firme a cabeça de Carver, ele inseriu a ponta da faca debaixo do canto externo do olho esquerdo dele. O sangue brotou instantaneamente, correndo espesso até sua bochecha. Com um súbito açoite de pulso, Wells torceu a lâmina, cortando a partir do olho até a mandíbula. Ele lançou-se para trás — mas Carver não acordou; apenas gorgolejou. Sua bochecha estava agora inundada de sangue; caía abaixo da linha da mandíbula e ensopava seu colarinho.

— “C”, de Carver — disse Wells silenciosamente, encarando-o. — É agora um homem a ser lembrado, Francis Carver. Você é agora o homem com a cicatriz.

Ele olhou para cima e encontrou os olhos de Anna. As mãos dela estavam sobre a boca; ela parecia horrorizada. Com o queixo, ele lhe indicou o decantador no aparador.

— Tome uma bebida — disse ele. — Você vai adormecer num minuto. Mas é melhor que o faça logo.

Anna relanceou o olhar para o decantador. O láudano escurecera muito levemente o uísque, dando ao líquido um brilho acobreado.

— Quanto? — disse ela.

— Tanto quanto seu estômago aguentar — disse Wells. — E então deite de lado, não de costas. De outro modo, você vai se sufocar.

— Quanto tempo vai levar?

— Quase nada — disse Crosbie Wells. Ele limpou sua faca no tapete, embainhou-a e então se levantou, pronto para partir.

— Espere. — Anna correu até o quarto de dormir. Um momento depois, ela retornou com a pepita de ouro que ele dera a ela, na tarde de seu primeiro encontro. — Aqui — disse ela, pressionando-a nas mãos dele. — Pegue. Você pode usá-la para escapar.

Contrapesos

Em que Crosbie Wells pede ajuda; um agente alfandegário fica irado; e um conhecimento de embarque é cancelado.

— Psst… Bill!

O oficial tirou os olhos de seu jornal.

— Quem é?

— É Wells. Crosbie Wells.

— Apareça onde eu possa vê-lo.

— Aqui. — Ele emergiu dentro da luz, com as palmas das mãos erguidas.

— Que você está fazendo, rastejando no escuro?

Wells deu mais um passo. Ainda com as palmas para cima, disse:

— Preciso de um favor.

— Oh?

— Preciso subir num navio antes da primeira luz do sol.

Os olhos do oficial se comprimiram.

— Com destino para onde?

— Não importa — disse Wells. — Para qualquer lugar. Apenas preciso ir tranquilamente.

— O que ganho com isso?

Wells abriu o punho esquerdo: lá, sobre a palma, estava a pepita que Anna lhe devolvera. O oficial fitou-a, fazendo uma avaliação mental de seu valor, e então disse:

— E quanto à lei?

— Estou do lado da lei — disse Wells.

— Quem está no seu encalço, então?

— Um homem chamado Carver — disse Wells.

— O que ele fez para você?

— Pegou meus documentos — disse Wells. — E uma fortuna. Ele roubou uma fortuna do meu cofre.

— Quando foi que você fez fortuna?

— Em Dunstan — disse Wells. — Cerca de um ano atrás, talvez. Quinze meses.

— E você manteve um maldito silêncio.

— Claro que sim. Nunca contei a alma alguma, a não ser Lydia.

O homem riu.

— Esse foi seu primeiro erro, então.

— Não — disse Wells —, foi meu último.

Eles se entreolharam. Dentro em breve, Bill disse:

— Pode não valer a pena. Para mim.

— Eu embarco esta noite, me escondo, viajo logo pela manhã. Você fica com essa pepita e eu fico com minha vida. Apenas isso. Você não precisa me pôr a bordo… Apenas me diga que navio está zarpando e faça vista grossa enquanto eu entrar.

O oficial sacudiu a mão. Pôs de lado seu jornal e inclinou-se para examinar a programação pregada acima de sua mesa.

— Há uma escuna com destino a Hokitika zarpando logo cedo — disse, após um momento. — A *Blanche*.

— Diga-me onde está ancorada — disse Wells. — Mostre-me uma janela. É tudo que estou pedindo, Bill.

O oficial apertou os lábios, considerando. Voltou-se para a programação, tal como se o melhor rumo de ação pudesse, de alguma maneira, estar escrito. Então seu olhar se aguçou e ele disse:

— Espere, Wells!

— Quê?

— Este inventário aqui alega ter sido autorizado por você.

Franzindo o cenho, Wells avançou.

— Deixe-me ver.

Porém Bill puxou o registro para si, afastando-o do alcance de Wells.

— Há um caixote indo para Melbourne — disse ele, esquadrinhando a anotação. — Foi carregado na *Godspeed*, e você assinou por ele. — Ele olhou para cima, repentinamente furioso. — Do que se trata tudo isso?

— Eu não sei — disse Wells. — Posso ver?

— Você está me passando uma conversa fiada — disse Bill.

— Não estou — disse Wells. — Nunca assinei essa maldita coisa.

— Seu dinheiro está naquele caixote — disse Bill. — Você está enviando seu pó para o estrangeiro, enquanto salta em Hokitika para cobrir suas pegadas, e quando estiver tudo são e salvo, você vai arremeter sobre o Tasman e se safar, sem pagar imposto nenhum.

— Não — disse Wells. — Não fui eu.

O oficial vibrou a mão, desgostoso.

— Vá embora. Fique com essa maldita pepita. Não quero fazer parte de nenhuma intriga.

Wells não disse nada por um instante. Encarou as formas escuras dos navios ancorados, as agulhas de luz partidas sobre a água, as lanternas suspensas, rangendo com o vento. Então ele disse, falando cuidadosamente:

— Não fui eu que assinei.

Bill carranqueou.

— Não — disse ele. — Não comece. Não vai me fazer de tolo.

— Minhas certidões — disse Wells. — Minha patente de mineiro, meus documentos, tudo. Estavam todos no cofre na rua Cumberland. Eu lhe juro. Este homem, Carver. Ele é um ex-presidiário. Cumpriu pena em Cockatoo. Ele pegou tudo. Não tenho nada a não ser a roupa do corpo, Bill. Francis Carver está usando meu nome.

Bill balançou a cabeça.

— Não — disse ele. — Aquele caixote não está partindo para o exterior. Eu cancelarei o inventário, logo pela manhã.

— Cancele-o agora — disse Wells. — Levarei o caixote comigo, para Hokitika. Assim, nada estará indo para o exterior, não é? Assim tudo estará dentro da lei.

O oficial olhou para o inventário e então para Wells.

— Não quero fazer parte de nenhuma negociata.

— Você não terá feito nada de errado — disse Wells. — Absolutamente. Somente configura evasão fiscal se o remeter para o estrangeiro. Vou até mesmo assinar a autorização. Vou assinar o que você quiser.

Bill não disse nada por um longo momento, e Wells soube que ele estava reconsiderando.

— Não posso por o caixote na *Blanche* — disse finalmente. — Ela partirá antes da primeira luz do sol, e Parrish já assinou a listagem de carga. Não temos tempo.

— Envie depois, então. Eu assinarei uma transferência agora mesmo. Eu lhe imploro.

— Não é preciso implorar — disse Bill, franzindo o cenho.

Wells chegou-se mais à frente e pôs a pepita sobre a mesa. Por um momento, a coisa pareceu estremecer, tal qual a agulha de uma bússola.

Bill olhou para a pepita durante longo momento. Então olhou para cima e disse:

— Não. Você fica com a pepita, Crosbie Wells. Não quero fazer parte de nenhuma intriga.

PARTE SEIS

A VIÚVA E OS LUTOS

18 DE JUNHO DE 1865

42° 43' 0" S / 170° 58' 0" L



Terra fixa

Em que Emery Staines leva seu metal ao banco; Crosbie Wells propõe uma fraude; e Staines começa, tarde demais, a duvidar de sua primeira impressão.

Emery Staines estava ainda por tirar sua sorte em Hokitika. Ele ainda não encontrara um pedaço de terra do qual gostasse o suficiente para assumir, nem, de fato, uma empresa da qual gostasse o suficiente para se unir. Acumulara uma quantia "razoável" em pó, mas a pilha havia sido coletada variegadamente, de praias tanto ao norte quanto ao sul do rio, e de diminutas ravinas do outro lado do desfiladeiro Hokitika: era um rendimento inconstante, cuja maior parcela há muito já tinha desaparecido. Staines tendia à libertinagem sempre que o tempo e o dinheiro gastos pertencessem a ele: ele preferia muito mais dormir e jantar na companhia dos outros a fazê-lo sozinho em sua tenda sob as estrelas, cujo idílio não durava, descobriu ele, além da primeira experiência. Ele não se preparara para a agrura do inverno em West Canterbury, e era muito frequentemente levado a portas fechadas pela chuva; com o mau tempo como desculpa, bebia vinho e comia carne salgada e jogava cartas toda noite, aventurando-se na manhã seguinte a tentar encher o seu lenço de ouro mais uma vez. Não fosse por seu acordo com Francis Carver, ele poderia ter continuado assim a esmo indefinidamente, ou seja, seguindo um padrão dicotômico de excesso e recuperação; mas não se esquecera das condições de seu patrocínio, segundo o qual ele seria logo obrigado a "jogar a âncora", como diziam os mineiros, e investir.

Na manhã de 18 de junho, Staines acordou cedo. Passara a noite num albergue noturno em Kaniere, uma choça de tábuas grande e baixa com uma cozinha debaixo dum telheiro e redes suspensas em fileiras. Havia uma friagem úmida no ar; enquanto se vestia, seu hálito saiu branco. Lá fora, ele pagou meio pêni por um prato de mingau, tirado de um tonel fumegante com uma concha, e

tomou-o de pé, olhando a leste, onde a cordilheira dos altos Alpes formava uma silhueta quebradiça contra o céu invernal. Quando o prato estava limpo, devolveu-o à cuba, tirou o chapéu aos camaradas e partiu para Hokitika, onde pretendia marcar uma consulta com um comprador de ouro preliminarmente a adquirir uma concessão.

Enquanto rodeava o rio em direção à restinga, ele notou um navio realizando sua faustosa aproximação gargalo do porto adentro; deslizava para dentro da enseada e parecia pairar, lateralmente ao rio, sobre as águas profundas do outro lado do banco de areia. Staines admirou a embarcação enquanto andava ao redor da longa curva do cais. Era um belo artefato de três mastros, não muito grande, com uma figura de proa talhada no formato de uma águia, seu bico, amplo e esganiçando, suas asas, estendidas. Havia uma mulher na balaustrada de bombordo: daquela distância, Staines não podia distinguir seu rosto, menos ainda sua expressão, mas ele supô-la perdida num devaneio, pois estava muito imóvel, com ambas as mãos agarrando a balaustrada, as saias açoitando as pernas, os laços de seu gorro batendo no peito. Ele se perguntou o que a preocupava — quer ela estivesse absorvida numa memória, numa cena relembrada ou num presságio, algo que ela desejava, algo que ela temia.

No Banco Central, ele tirou sua bolsinha de pelica na qual guardava o pó, e, a pedido do bancário, cedeu seu conteúdo para ser examinado e pesado. A avaliação levou certo tempo, mas o preço final oferecido era bom, e Staines deixou o edifício com uma nota de papel designada para vinte libras, dobrada dentro do bolso do colete, estreitada a seu coração.

— Pare aí, moço.

Staines se virou. Nos degraus do banco, acabado de levantar-se, estava um homem de cabelos arenosos, talvez em seus cinquenta anos de idade. Sua pele estava muito maltratada, e seu nariz, muito vermelho. Ele ostentava uma barba desigual de uma semana, cujos pelos já estavam muito brancos.

— Posso ajudá-lo? — disse Staines.

— Pode me responder duas perguntas — disse o homem. — Eis a primeira. Você é um homem da Companhia?

— Não sou um homem da Companhia.

— Está certo. Eis a segunda. Honestidade ou lealdade?

— Perdão?

— Honestidade ou lealdade — disse o homem. — Qual você valoriza mais?

— Isso é um truque?

— Uma pesquisa autêntica. Caso não se importe…

— Bem — disse Staines, franzindo ligeiramente o cenho —, é muito difícil dizer… qual vale mais. Honestidade ou lealdade. De um ponto de vista, se poderia dizer que a honestidade é um tipo de lealdade, uma lealdade à verdade… embora dificilmente se poderia dizer que a lealdade é um tipo de honestidade! Suponho que ao ser confrontado… caso eu tivesse que escolher entre ser desonesto porém leal, ou entre ser desleal porém desonesto… eu preferiria apoiar meus camaradas, ou meu país, ou minha família, em vez de apoiar a verdade. Então suponho que eu diria lealdade… em mim mesmo. Mas em relação aos outros… no caso dos outros, sinto ser muito diferente. Eu preferia bem mais ter um amigo honesto a ter um amigo que me fosse meramente leal; e *eu* seria bem mais leal a um amigo honesto que a um sicofanta. Digamos que minha resposta é condicional: em mim mesmo, valorizo a lealdade; nos outros, a honestidade.

— Isso é bom — disse o homem. — Isso é muito bom.

— É? — disse Staines, agora sorrindo. — Passei em algum tipo de teste?

— Quase — disse o homem. — Estou precisando de um favor. De boa-fé, e de acordo com suas condições. Veja…

Ele alcançou o bolso e de lá retirou uma pepita do tamanho de um cigarro curto. Ergueu-o, de modo que recebesse luz.

— Bonito, não é?

— Muito bonito — disse Staines, mas ele não mais sorria.

O homem continuou.

— Extraí esta daqui no vale Clutha. No caminho de Otago. Eu a carreguei durante um, dois meses, mas quero transformá-la em terrenos, entende… pus meus olhos num pedaço de terra… e o feitor não quer ouvir falar de nada a não ser papel-moeda. Eis o problema. Eu fui roubado. Não tenho prova de minha identidade.

Meus documentos, minha patente de mineiro. Tudo foi levado. Então não posso depositar esta pepita em meu próprio nome.

— Ah — disse Staines.

— O que preciso é de um favor. Você leva essa pepita ao banco. Diz que é sua… que a encontrou em território da Coroa. Troca-a por papel-moeda, para mim. Tudo isso não lhe tomaria mais que meia hora. Pode dizer quanto quer.

— Compreendo — disse Staines, incertamente. Ele pairou por um momento. — Seguramente — disse ele — você poderia simplesmente explicar sua situação aos colegas lá dentro. Você poderia lhes contar que foi roubado, assim como me contou.

— Não posso fazê-lo — disse o homem.

— Sempre há registros — disse Staines. — Mesmo que você não esteja com seus documentos, eles têm outras maneiras de rastrear quem você é. As notícias de navegação e aí por diante.

O homem balançou a cabeça.

— Eu trabalhava com um certificado de Otago — disse ele — e nunca passei pela alfândega quando cheguei. Não existe registro meu aqui.

— Oh — disse Staines, que começava a sentir-se muito incomodado.

O homem deu um passo.

— Estou contando uma história verídica, moço. A pepita é minha. Veio do vale Clutha. Posso lhe descrever o lugar. Desenharei um maldito mapa. Minha história é verídica.

Staines olhou novamente para a pepita.

— Alguém pode afiançá-lo? — disse ele.

— Eu não andei acenando esta coisa por aí — retrucou o homem, balançando o punho. — Que sentido isso faria? Eu já fui roubado; não serei roubado de novo. Somente uma alma na terra já tocou nessa pepita, além de mim. Uma jovem mulher chamada Anna Wetherell. *Ela* afiançaria a verdade do que lhe estou contando; mas ela está em Dunedin, entende, e não posso ficar esperando o correio.

O nome Anna Wetherell não significava nada para Staines, e ele o registrou apenas fracamente enquanto considerava a melhor maneira de se retirar. A história do homem não era nem de longe

convincente (parecia óbvio a Staines que a pepita fora roubada, e que o ladrão, temendo ser capturado, tentava agora cobrir suas pegadas empregando um terceiro homem, inocente, para transformar a evidência em dinheiro indetectável) e seu semblante não o assegurava. Ele ostentava a aparência enfadada, injetada de um homem há muito arruinado pela bebida; até mesmo à distância de vários passos, Staines podia sentir em suas roupas e em seu hálito o cheiro de bebida do dia anterior. Ganhando tempo, ele disse:

— Feitor, você diz?

O homem assentiu.

— Existe uma área a que me apeguei. No caminho de Arahura. Madeira, esse é o negócio. Cansei de ir atrás de ouro. Eu tinha uma fortuna, e agora ela foi levada, e é o fim do jogo, até o que me diz respeito. Madeira… Isso sim é trabalho honesto.

— Qual é o seu nome?

— Crosbie Wells — disse o homem.

Staines fez uma pausa.

— Wells? — disse ele.

— Isso mesmo — disse o homem. De súbito, ele abriu uma careta. — O que lhe lembra?

Staines estava se lembrando da estranha ordem que Francis Carver lhe havia dado no Hawthorn Hotel à rua George um mês antes: “Somente hoje”, ele havia dito, “meu nome é Wells. Francis Wells”.

— Crosbie Wells — repetiu Staines agora.

— Isso mesmo — disse Wells, ainda carranqueando. — Nenhum nome do meio, nenhum apelido, nenhum pseudônimo, nada a não ser o simples e velho Crosbie Wells, desde o dia mesmo em que nasci. Não posso prová-lo, é claro. Não posso provar maldição nenhuma sem meus documentos.

Staines hesitou novamente. Após um momento ele estendeu a mão e disse:

— Emery Staines.

Wells transferiu a pepita para a outra mão, e eles se cumprimentaram.

— Se importaria em dizer seu preço, senhor Staines? Eu lhe seria muito grato.

— Ouça — disse Staines subitamente. — Você porventura conhece… quero dizer, desculpe-me, mas… porventura conhece um homem chamado Francis Carver?

Pois ele ainda não conhecia a história toda do que se sucedera um dia antes de deixar Dunedin — aonde Carver fora naquela tarde, por que ele se decidira por assumir um pseudônimo, por que ele dera tamanha importância a uma pequena arca contendo nada mais que cinco vestidos ordinários.

Wells enrijeceu. Ele disse, numa voz que era renovadamente severa:

— Por quê?

— Sinto muito — disse Staines. — Talvez não seja de nenhuma importância. Apenas pergunto porque… bem, há cerca de um mês, um homem chamado Carver assumiu o seu sobrenome, somente por uma tarde… e nunca me contou por que ou para quê.

As mãos de Carver se comprimiram em punhos.

— O que Carver é seu?

— Não o conheço bem — disse Staines, recuando um passo. — Ele me emprestou algum dinheiro, apenas.

— Que tipo de dinheiro? Quanto?

— Oito libras — disse Staines.

— Quê!?

— Oito — disse Staines, e então, novamente: — Oito libras.

Wells avançou sobre ele.

— Amigos, é?

— Nem um pouco — disse Staines, recuando de novo. — Descobri depois que ele era um *pres*… que ele cumpriu dez anos de trabalhos forçados. Mas então já era tarde demais; eu já havia assinado.

— Assinado o quê?

— Um acordo de patrocínio — disse Staines.

— E ele o assinou com *meu* nome.

— Não — disse Staines, erguendo as mãos —, ele somente o usou… digo, usou o seu nome… mas não sei para quê. Veja, sinto muitíssimo em alarmá-lo…

— Foi ele — disse Crosbie Wells. — Foi ele quem roubou meus documentos. Ele me enganou por uma pilha de ouro puro. Voltou minha esposa contra mim. Tomou meu nome e meu dinheiro e tentou tirar minha vida… só que o serviço não deu certo, deu? Eu escapei. Estou aqui, ainda. Trabalhando por uma ninharia, sobrevivendo, mantendo minha cabeça baixa, olhando por cima do ombro a toda hora até ser levado completamente à loucura. *Isto* — ele brandiu a pepita — é tudo que me restou.

— Por que não leva a lei contra ele? — disse Staines. — Tudo isso soa como evidência suficiente.

Wells não respondeu de imediato. Então disse:

— Onde ele está?

— Creio que esteja ainda em Dunedin.

— Está certo disso?

— Tanto quanto posso — disse Staines. — Tenho o endereço; devo escrever a ele assim que eu fizer meu primeiro empreendimento.

— Você é *parceiro* dele. — Wells cuspiu a palavra.

— Não: sou contratado dele, é isso. Ele me emprestou oito libras, e devo devolver-lhe um investimento, em troca.

— Você é parceiro dele. Você é peão dele.

— Veja — disse Staines, novamente alarmado —, o que quer que o senhor Carver lhe tenha feito, senhor Wells, e quaisquer que sejam suas razões, não sei nada sobre elas. É verdade. Ora, se eu soubesse de algo, nunca teria mencionado seu nome agora há pouco, teria? Eu teria mantido minha boca fechada.

Wells nada disse. Eles se encararam, cada um procurando a expressão do outro. Então Staines disse:

— Eu o farei. Eu levarei sua pepita ao banco.

Marte em Câncer

Em que Carver inicia sua busca por Crosbie Wells; Edgar Clinch oferece seus serviços; e Anna Wetherell reafirma sua decisão.

A *Godspeed* cruzou o banco de areia de Hokitika no ponto mais alto da maré. O capitão Carver levou uma boa hora para negociar o tráfego na foz do rio, pois várias embarcações zarpavam e ele foi obrigado a aguardar um sinal do cais Gibson antes de poder se aproximar do quebra-mar; Anna Wetherell, de pé e sozinha no deque, tinha muito tempo para medir a vista à frente. Hokitika era menor do que ela previra, e muito mais exposta. Comparada com a cidade de Dunedin, que se enfiava embaixo do longo braço do porto de Otago e era encerrada por montanhas por todos os lados, a proximidade de Hokitika com o oceano parecia quase assustadora. Para Anna, os edifícios possuíam uma aparência soturna e abandonada, tornada miserável, de certa maneira, pelas séries de bandeirolas vermelhas e amarelas que se estendiam de lá para cá entre os telhados e os toldos dos hotéis à beira-mar.

Um ressoar súbito dirigiu sua atenção ao cais, onde um homem ruivo com bigode estava de pé no quebra-mar, balançando um sino de bronze e gritando dentro do vento. Ele claramente advertia alguma coisa, mas sua litania de recomendações era inaudível sob o repique do sino, cuja boca era grande o bastante para acolher uma fatia de pão e o badalo, tão grosso e pesado quanto uma barra de ouro. Produzia um som lastimoso, inexorável, abafado pela distância e pelo vento.

A travessia desde Dunedin assinalara a viagem inaugural da *Godspeed* sob o comando de Francis Carver, que fora tão incapacitado pelos múltiplos ferimentos incorridos na noite de 12 de maio que fracassou em cumprir a partida da *Godspeed* programada para Melbourne na tarde seguinte; ele perdera, como consequência, qualquer oportunidade para informar o capitão Raxworthy de que a propriedade do navio havia mudado. Raxworthy era pontual por

natureza e não permitiria que a partida da barca atrasasse por causa de um tripulante moroso; ele viajara como programado, não obstante uma severa cefaleia, e depois que a *Godspeed* deitou âncora em Port Chalmers, Carver nada pôde fazer a não ser esperar seu retorno. Ele passou as quatro semanas seguintes em convalescência, vigiado por uma ansiosa sra. Wells, que não conseguia olhar sem aflição para sua desfiguração facial. A ferida havia sido suturada, e os pontos, então, removidos: ela formava, agora, um feio vergão rosado, tão grosso quanto uma corda de sisal, e pregueado em ambas as extremidades. Ele tocava a cicatriz muito frequentemente com a ponta dos dedos, e passara a cobri-la com a mão sempre que falava.

Quando a *Godspeed* retornou de Port Phillip em 14 de junho, Carver encontrou-se com James Raxworthy para informá-lo de que seu mandato como capitão havia chegado ao fim. A barca fora vendida, intermediada por ele, e por ordem do novo proprietário do navio, um tal senhor Wells, o próprio Carver havia sido promovido a capitão, uma honra que lhe dava licença para debandar a tripulação de Raxworthy e convocar uma própria. O encontro entre Carver e seu antigo capitão foi longo e nem um pouco cordial; suas relações tornaram-se ainda mais tensas quando Carver descobriu que determinado item fora retirado do inventário da *Godspeed* um mês antes. Ele apelou para Raxworthy, que apenas deu de ombros: até onde podia ver, não havia ocorrido nenhuma brecha de regulamento ou de protocolo na revogação do baú. A fúria de Carver transformou-se em angústia. Ele inquiriu na alfândega, em todas as firmas de remessas ao longo do cais, em todos os albergues no distrito dos marujos. Suas consultas não deram em nada. Debruçando-se sobre as notícias de navegação do *Otago Witness* mais tarde naquela noite, ele descobriu que, além da *Godspeed*, ocorrera apenas um embarque em Port Chalmers em 13 de maio: a escuna *Blanche*, com destino a Hokitika.

— Nem chega a ser uma evidência — disse ele à sra. Wells —, mas não suporto ficar sem fazer nada. Se eu não fizer nada, ficarei louco. Ainda tenho a certidão de nascimento dele, afinal de contas, e sua patente de mineiro. Direi que meu nome é Crosbie Wells e

que perdi um caixote de transportes. Vou oferecer uma recompensa pela devolução.

— Mas e quanto ao próprio Crosbie? — disse a sra. Wells. — Há uma chance de que…

— Se eu puser os olhos nele — disse Carver —, eu vou matá-lo.

— Francis…

— Eu vou matá-lo.

— Ele deve estar esperando que você o persiga. Ele não se deixará pegar de guarda baixa… Não uma segunda vez.

— Nem eu me deixarei.

No dia anterior à partida da *Godspeed*, Anna Wetherell foi convocada ao salão térreo, onde encontrou a sra. Wells à sua espera.

— Agora que o senhor Carver recuperou sua saúde — disse a sra. Wells —, posso voltar minha cabeça a questões menos prementes, tal como a questão de seu futuro. Você não pode permanecer em meu lar nem mais um momento, senhorita Wetherell, e sabe a razão disto.

— Sim, madame — sussurrou Anna.

— Posso ter feito vista grossa à sua traição — prosseguiu a sra. Wells — e ter sofrido em silêncio, tal como é a sina de uma mulher; mas a violência provocada ao senhor Carver não posso ignorar. Sua aliança com meu marido ultrapassou o domínio da perversidade e atingiu o domínio do mal. O senhor Carver ficará desfigurado permanentemente. Na verdade, teve sorte em continuar com vida, dada a severidade dos ferimentos que suportou. Ele levará a cicatriz para sempre.

— Eu estava adormecida — disse Anna. — Não vi nada do que aconteceu.

— Onde está o senhor Wells?

— Eu não sei.

— Está me contando a verdade, senhorita Wetherell?

— Sim — disse ela. — Eu juro.

A sra. Wells levantou-se.

— O senhor Carver parte para a costa Oeste amanhã, como deve saber — disse ela, mudando de assunto —, e acontece que

tenho um conhecido em Hokitika. Dick Mannering é o nome dele. Ele vai lhe estabelecer em Hokitika como julgar adequado: você se tornará uma seguidora de acampamento, como era sua ambição original, e eu e você nunca mais cruzaremos nossos caminhos. Tomei a liberdade de custear todas as suas despesas ao longo dos dois próximos meses e de transferir a dívida a ele. Vejo que está surpresa. Talvez você creia que o álcool dá em árvores. Você crê que o álcool dá em árvores?

— Não, madame — sussurrou ela.

— Então não lhe será surpresa alguma que seu hábito de beber sozinha custou-me mais do que centavos, no mês passado.

— Não, madame.

— Evidentemente, você não é tão estúpida quanto é perversa — disse a sra. Wells —, embora, dado o alcance e o grau de sua perversidade, isso dificilmente signifique uma conquista intelectual. O senhor Mannering, devo informá-la, não é casado, então você não corre o risco de levar a desonra ao seu lar, tal como trouxe ao meu.

Anna engasgou; ela não conseguia falar. Quando a sra. Wells a dispensou, ela voou até o vestiário feminino, passou à escrivaninha, puxou o tampão do decantador de uísque batizado com láudano e bebeu direto do gargalo, em dois desesperados e lamentáveis tragos. Então ela se jogou sobre sua cama e soluçou até que o opiáceo fizesse efeito.

Anna sabia muito bem o que a aguardava em Hokitika, mas sua culpa e autocensura eram tamanhas, que ela se fortificara contra toda fatalidade iminente, como se faz com o corpo contra uma ventania. Ela poderia ter protestado um ou todos os preparativos da sra. Wells; ela poderia ter fugido à noite; ela poderia ter formado um plano de conta própria. Mas ela não possuía mais nenhuma dúvida do fato de sua condição, e ela sabia que não tardaria para que começasse a exibir. Ela precisava abandonar o lar da sra. Wells assim que possível, antes que a outra mulher adivinhasse seu segredo, e assim ela faria mediante qualquer método à mão.

Uma gaivota deu um rasante longo no cais Gibson; assim que alcançou a restinga, virou-se e começou a escalar a corrente de ar ascendente, circulando de volta para arremeter mais uma vez. Anna puxou o xale mais estreitamente sobre os ombros. Neste momento,

a *Godspeed* recebera autorização para deitar âncora. Uma corda havia sido jogada em terra firme, e as velas estavam sendo enroladas e amarradas a mando de Carver; lentamente, a barca rolou em direção ao quebra-mar. Uma pequena aglomeração de estivadores se juntara para auxiliar, e Anna, subitamente pestanejando, viu que vários deles apontavam para ela e falavam por trás das mãos. Quando perceberam que ela estava olhando, eles despiram os chapéus, fizeram mesuras e riram, levantando as calças pelas fivelas dos cintos. Anna corou. Subitamente infeliz, ela atravessou o deque até a balaustrada de estibordo, agarrou-a com ambas as mãos e, respirando profundamente, olhou por sobre a alta restinga, onde as arrebentações lançavam uma bela névoa esbranquiçada, borrando a linha do horizonte. Ela permaneceu lá até que Carver, chamando-a com um tom seco, convidou-a a descer para o cais; um certo senhor Edgar Clinch, proprietário em exercício do Gridiron Hotel, havia-lhe feito uma oferta de hospedagem, a qual Carver aceitou em nome dela.

Te-Ra-o-Tainui

Em que Crosbie Wells ruma para o vale Arahura, e o vapor Titania *naufraga no banco de areia.*

A pepita de Wells, depositada por Staines, obteve mais que cem libras em dinheiro vivo. Enquanto o comprador completava sua avaliação e o bancário fazia as notas, Staines foi interrogado por um grande número de indivíduos sobre a origem da pepita. Ele deu respostas vagas a essas perguntas, acenando a mão em direção ao leste, e mencionando marcos genéricos tais quais “uma ravina” e “uma colina”, mas suas tentativas de amenizar a extração foram infrutíferas. Quando o valor da pepita foi escrito com giz na lousa acima da mesa dos compradores, o bancário principiou uma rodada de aplausos, e os mineiros gritaram seu nome.

— Se preferir, podemos copiá-la, antes que seja fundida — disse o bancário, Frost, enquanto Staines fazia menção de partir. — Você poderia pintar a cópia de ouro e mantê-la para si… Ou poderia enviá-la para sua amada em casa, como um símbolo. É uma bela peça.

— Não preciso de uma réplica — disse Staines. — Obrigado, de qualquer forma.

— Pode querer lembrar-se dela — disse Frost. — Seu dia de maior sorte.

— Espero que meu dia de maior sorte esteja ainda por vir — disse Staines, incitando uma nova rodada de aplausos, mais admiração e propostas para “virar associado” vindas de pelo menos meia dúzia de homens. Quando se livrou da aglomeração e ganhou a rua, ele se sentiu bem mais do que um pouco aborrecido.

— Fui declarado o homem mais sortudo de Hokitika — disse ele, ao entregar a Crosbie Wells seu envelope. — Fui advertido a agarrar-me à minha sorte, a dividir minha sorte por aí, a confessar o segredo de minha sorte e não sei mais o quê. Presumo que a história que me contou não era absolutamente verdadeira, senhor

Wells; você simplesmente sabia o que aconteceria a um homem tolo o suficiente para adentrar no Banco Central com uma pepita deste tamanho, a esta hora do dia.

Wells estava sorridente.

— O homem mais sortudo de Hokitika — disse ele. — É uma promessa e tanto. Acredito que você dará conta.

— Farei meu melhor — disse o rapaz.

— Bem, sou muito grato a você — disse Wells, contando as notas de papel rapidamente e então metendo o envelope no colete. — É no vale Arahura que pretendo comprar uma terra. A cerca de dez milhas ao norte. O rio cruza a praia, você não vai passar batido. É bem-vindo a qualquer momento e por qualquer razão.

— Eu me lembrarei disto — disse Staines.

Wells fez uma pausa.

— Você ainda não acredita em minha história, acredita, senhor Staines?

— Infelizmente, não, senhor Wells.

— Talvez você dê com a língua nos dentes ao seu amigo Carver.

— Carver não é meu amigo.

— Mas talvez você deixe escapar meu nome. Uma menção casual. Apenas para checar.

— Não deixarei.

— Seria o mesmo que um assassinato, senhor Staines. Ele tem uma dívida para resolver. Ele me quer morto.

— Eu sei guardar segredo — disse Staines. — Não contarei a ninguém.

— Eu acredito — disse Wells. Ele estendeu a mão. — Boa sorte.

— Sim, boa sorte.

— Talvez eu o veja por aí.

— Talvez veja.

Staines permaneceu nos degraus do Banco Central um longo tempo após Crosbie Wells descer à rua. Ele observou o outro homem se perder no meio da multidão em direção ao escritório do feitor, onde ele galgou os degraus, tirou o chapéu e adentrou sem

olhar para trás. Quinze minutos se passaram. Staines descansou os cotovelos no corrimão e quedou-se olhando.

— Naufrágio… Um naufrágio… Um naufrágio no banco de areia!

Staines observou o pregoeiro se aproximar.

— Qual o nome da embarcação? — exclamou ele.

— *Titania* — disse o pregoeiro. — Um vapor. Encalhou.

Staines nunca ouvira falar do *Titania*.

— De onde ele vinha?

— De Dunedin, via Auckland — respondeu o pregoeiro. Quando Staines assentiu, dispensando-o, aquele continuou: — Naufrágio… Um naufrágio… Um naufrágio no banco de areia!

Finalmente, a porta do escritório do feitor se abriu e dois homens saíram: Crosbie Wells e um segundo, presumivelmente um feitor, que enfiava os braços na sobrecasaca. Eles ficaram conversando no alpendre durante vários minutos; dentro em breve, um pequeno cabriolé de dois cavalos acercou-se ruidosamente da lateral do edifício e parou para que Wells e o feitor subissem a bordo. Assim que se sentaram e as portas se fecharam, o cocheiro falou aos cavalos, e o pequeno veículo chacoalhou rumo ao norte.

Decência acidental

Em que dois fortuitos conhecidos se reencontram, e Edgar Clinch não fica satisfeito.

O senhor Edgar Clinch provou-se um guia tanto solícito quanto cuidadoso. Durante a curta caminhada desde o cais Gibson, ele emitiu um comentário constante e ricamente detalhado sobre cada coisa por que passavam: cada frente de loja, cada armazém, cada mascate, cada cavalo, cada carro, cada cartaz pendurado. As respostas de Anna foram poucas, e escassamente proferidas; ao se aproximarem do Banco Central, no entanto, ela interrompeu-lhe o palavrório com uma exclamação de surpresa.

— O que foi? — disse Clinch, alarmado.

Escorado contra o parapeito de um alpendre estava o rapaz de cabelos dourados do *Fortunate Wind*, que a fitava com uma expressão igualmente incrédula.

— É você! — exclamou ele.

— Sim — disse Anna. — Sim.

— Os albatrozes!

— Eu me lembro.

Eles olharam um ao outro timidamente.

— Que bom vê-lo novamente — disse Anna após um momento.

— É completamente acidental — disse o rapaz, descendo os degraus até a rua. — Imagine só, nós nos encontramos uma segunda vez! É claro que desejei por isso, e muito… Mas eram desejos vãos, do tipo que se faz quando estamos num estado de torpor, veja bem, ociosamente. Eu me lembro exatamente do que você disse, enquanto contornávamos as cabeças do porto, à luz da aurora. “Eu gostaria de vê-lo numa tempestade”, você disse. Pensei nisso muitas vezes, desde então; foi o discurso mais deliciosamente original.

Anna corou: não somente ela nunca ouvira ser descrita como original, como também ela certamente nunca supusera que suas

falas se qualificassem como “discursos”.

— Foi apenas uma fantasia — disse ela.

Clinch aguardava ser apresentado; ele limpou a garganta.

— Está em Hokitika há muito tempo? — disse o rapaz.

— Cheguei justamente esta manhã. Agora há pouco, na verdade… Deitamos âncora não faz uma hora.

— Tão recentemente! — O rapaz parecia ainda mais atônito, tal como se a recente chegada dela significasse que seu fortuito encontro lhe fosse ainda mais notável.

— E você? — disse Anna. — Está aqui há tempos?

— Estou há mais de um mês — disse o rapaz. De súbito, ele ficou radiante. — Como é bom vê-la, como é maravilhoso. Faz eras desde que não vejo um rosto familiar.

— Você é… um membro do acampamento? — disse Anna, corando outra vez.

— Sim; estou aqui para fazer minha fortuna, ou pelo menos para topar com ela: confesso não saber de fato a diferença. Oh! — Ele arrancou o chapéu. — Que ultrajante de minha parte. Não me apresentei ainda. Meu nome é Staines. Emery Staines.

Clinch aproveitou esta oportunidade para intervir.

— E que acha de Hokitika, senhor Staines?

— De fato gosto muito daqui — respondeu o rapaz. — É uma perfeita colmeia de contradições! Há um jornal próprio, mas nenhum café onde se possa lê-lo; há um boticário que emite receitas, mas nunca se consegue encontrar um médico, e o hospital dificilmente merece o nome que tem. As lojas nunca têm botas ou meias, e nunca as duas ao mesmo tempo, e os hotéis ao longo da rua Revell servem apenas café da manhã, embora o façam todas as horas do dia!

Anna estava sorrindo. Abriu a boca para responder, mas Clinch a atravessou.

— O Gridiron serve um jantar quente — disse ele. — Temos o prato de três pêni e o de seis, e o de seis vem com uma cerveja.

— Qual é o Gridiron? — disse Staines.

— Na rua Revell — disse Clinch, como se esse endereço fosse o bastante.

Staines virou-se para Anna.

— O que a trouxe à costa? — disse ele. — Veio a pedido de alguém? Está aqui para ganhar seu pão? Vai ficar?

Anna não queria proferir o nome de Mannering.

— Pretendo ficar — disse ela cautelosamente. — Devo me hospedar no Gridiron Hotel, com o gentil convite do senhor Clinch.

— Este sou eu — disse Clinch, estendendo a mão. — Clinch. Edgar é meu nome de batismo.

— Fico satisfeito em conhecê-lo — disse Staines, apertando-lhe brevemente a mão; então, voltando-se para Anna, ele disse: — Ainda não sei o seu nome… mas talvez eu não o pergunte logo agora. Que tal mantê-lo em segredo, de modo que eu tenha que fazer investigações e descobri-lo?

— O nome dela é Anna Wetherell — disse Clinch.

— Oh — disse o rapaz. Sua expressão subitamente cedera lugar ao aturdimento; ele olhava para Anna muito curiosamente, tal como se seu nome carregasse uma importância que ele não conseguisse, por alguma razão, articular em voz alta.

— É melhor ir andando — disse Clinch.

Ele saltou de lado.

— Oh… Sim, é claro. É melhor irem andando. Ótima manhã para vocês.

— Foi muito bom vê-lo novamente — disse Anna.

— Poderia visitá-la? — disse Staines. — Assim que estiver estabelecida?

Anna ficou surpresa e agradeceu-o; ela poderia ter dito mais, porém Clinch já a conduzia para longe, agarrando-lhe a mão onde esta estava metida, debaixo do cotovelo dele, e puxando-a firmemente para mais perto de seu peito.

Áries regido por Marte

Em que Francis Carver pede informação a Te Rau Tauwhare; mas Tauwhare, não tendo ainda feito amizade com um certo senhor Crosbie Wells, não consegue ajudá-lo.

O homem maori carregava uma clava de jade sobre o quadril, metida através do cinto à maneira que se usaria um chicote ou uma pistola. A clava fora esculpida no formato de uma pá e polida até brilhar; a pedra era verde-oliva com ondulações, entremeada com rajadas amarelas, tal como se pequenas grinaldas de kowhai houvessem sido derretidas e então prensadas num vidro.

Carver, tendo lhe transmitido sua mensagem, estava prestes a dizer adeus ao outro homem, quando a pedra refletiu a luz e pareceu subitamente clarear; curioso, ele apontou para ela, dizendo:

— Que é isso… uma pá?

— *Patu pounamu* — disse Tauwhare.

— Deixe-me ver — disse Carver, estendendo a mão. — Deixe-me segurar.

Tauwhare tirou a clava do cinto, mas não a entregou ao outro homem. Ele manteve-se perfeitamente imóvel, encarando Carver, a clava solta em sua mão, e então, subitamente, ele saltou adiante e simulou apunhalar Carver no pescoço e em seguida no peito; finalmente, ele ergueu a clava acima do ombro e baixou-a, muito lentamente, parando exatamente antes que a arma fizesse contato com a têmpora de Carver.

— Mais dura que aço — disse ele.

— É mesmo? — disse Carver. Ele não havia titubeado. — Mais dura que aço?

Tauwhare deu de ombros. Ele recuou e meteu a clava de volta no cinto; avaliou Carver durante um longo momento, o queixo erguido, a mandíbula cerrada, e então sorriu friamente e se afastou.

Sol em Gêmeos

Em que Benjamin Löwenthal percebe um erro, e Staines age por capricho.

— Maldição! — disse Löwenthal. Ele carranqueava para sua fôrma, lendo o texto tanto da direita para a esquerda quanto em sentido contrário, pois o tipo era espelhado e reverso. — Uma viúva.

— Uma o quê? — disse Staines, que acabava de entrar na oficina.

— É a chamada "viúva". Um termo tipográfico. Há palavras demais para caber numa coluna; quando uma palavra fica sobrando, esta é chamada de viúva. Maldição, maldição, maldição. Eu estava com tamanha pressa esta manhã, que deixei um homem pagar por um anúncio de duas polegadas sem contar as letras, e sua nota não cabe num quadrado de duas polegadas. Ah! Devo deixá-lo de lado e voltar depois com olhos revigorados: é a única coisa a fazer, quando se está numa trapalhada. Que posso fazer por você, senhor Staines? — Löwenthal empurrou a fôrma para o lado e, sorrindo, alcançou um trapo para limpar a tinta dos dedos.

Staines explicou que havia depositado sua "quantia razoável" naquela manhã, em troco de dinheiro em espécie.

— Pretendia investir numa concessão — explicou ele —, mas não quero fazê-lo agora… Não agora. Eu ainda… Bem, eu estou ainda às voltas com algumas ideias. Desejo saber, em vez disso, o que está sendo ofertado no acampamento. Hotéis, salões, armazéns, lojas… Qualquer coisa que esteja à venda.

— Certamente — disse Löwenthal. Ele passou para o gabinete, abriu a gaveta mais ao alto e começou a folhear os arquivos; logo extraiu uma folha de papel e entregou-a a Staines. — Aqui.

Staines esquadrinhou o documento. Quando alcançou o fim da lista, sua expressão afrouxou-se muito levemente; surpreso, ele olhou para cima.

— O Gridiron — disse ele.

Löwenthal estendeu as mãos.

— É um empreendimento bom como qualquer outro — disse ele —, e o senhor Maxwell é o dono atual; o senhor Clinch, o proprietário interino. Ambos são bons homens.

— Vou comprá-lo — disse Staines.

— Oh? — disse Löwenthal. — Devo informar ao senhor Maxwell que você gostaria de inspecioná-lo?

— Não quero inspecioná-lo — disse Staines. — Quero comprá-lo diretamente… e de imediato.

Escorpião regido por Marte

Em que Francis Carver faz um amigo no Imperial Hotel.

Carver nutria pouca esperança de que a nota que pusera no *West Coast Times* naquela manhã desse frutos. Ele duvidava de que qualquer pessoa fosse tão tola a ponto de restituir, fechado, um baú procurado, menos ainda quando uma recompensa de cinquenta libras era oferecida para a devolução daquele baú. A melhor esperança que podia alimentar era a de que o baú voltasse aberto, seu conteúdo, saqueado, e os vestidos, presumidos apenas de valor sentimental, em cujo caso o descobridor — caso ele ou ela houvesse lido o *Times* e estivesse ciente da recompensa oferecida — poderia restituí-los; mas essa contingência, pouco provável, dependia da contingência ainda mais improvável de que o baú houvesse sido enviado a West Canterbury, dentre todos os possíveis destinos no mundo! Não: o fato de que o baú fora removido do porão da *Godspeed* na noite de 12 de maio podia significar somente isto: que alguém devia ter-se apercebido da fortuna colossal que ele continha. Dificilmente teria sido retirado no último minuto, apenas para ser remetido ao acaso para outro lugar. Se havia sido Crosbie Wells quem revogara o baú no último minuto — de longe, o palpite mais provável —, então ele seguramente deixaria o país assim que fosse possível, usando o ouro para subornar os oficiais alfandegários ou, talvez, para pagar outro homem para que usasse seus documentos e seu nome. A fortuna havia desaparecido para sempre. Carver praguejou em voz alta, e, para salientar sua frustração, bateu o fundo de seu copo contra o bar.

— Amém — disse o homem mais perto dele.

Carver voltou-se para encará-lo, mas o homem acenava para o *bartender*.

— Sirva mais um drinque àquele homem — disse ele. — Vamos ambos tomar mais um. Na minha conta.

O garçom desarrolhou a garrafa de brandy e reabasteceu o copo de Carver.

— Meu nome é Pritchard — disse o homem, observando o caixeiro servir-los.

Carver fitou-o.

— Carver — disse ele.

— Eu o tomei por um marujo — disse Pritchard. — Há sal no seu casaco.

— Capitão — disse Carver.

— Capitão — disse Pritchard. — Ora, que bom para você. Nunca tive estômago para o mar. De outra forma, poderia ter voltado para casa; acontece que só de pensar na viagem, desisto. Preferiria morrer aqui a passar por aquilo novamente. Que fim de mundo desgraçado, não é?

Carver grunhiu, e ambos beberam.

— Então, é capitão — disse Pritchard dentro em pouco. — Isso é bom.

— E você? — disse Carver.

— Boticário.

Carver ficou surpreso.

— Boticário?

— O único da cidade — disse Pritchard. — Um verdadeiro autêntico, é o que sou.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Quando seus copos estavam vazios, Pritchard sinalizou de novo ao garçom, que lhes reabasteceu os copos tal como antes. Subitamente, Carver cercou-o e disse:

— O que você tem de ópio? Já possui um fornecimento?

— Infelizmente, não conseguiria ajudá-lo — disse Pritchard, balançando a cabeça. — Nada a não ser tintura, é tudo que tenho, e é ruim. Mais fraca que uísque, e o dobro da dor de cabeça. Não vai achar nada ao sul do Grey. Não se tiver uma verdadeira sede por ele. Vá ao norte.

— Eu não estou comprando — disse Carver.

PARTE SETE

DOMICÍLIO

28 DE JULHO DE 1865

42° 43' 0" S / 170° 58' 0" L



Câncer e Lua

Em que Edgar Clinch tenta exercer sua autoridade, tendo deduzido que o recente declínio de saúde de Anna deve-se muito a uma nova dependência facilitada e encorajada por seu empregador, Mannering; e Anna Wetherell, cuja obstinação de sentimentos é mais do que párea para a do próprio Clinch, não se rende a ele.

— Não tenho nada contra os chineses — disse Clinch. — Apenas não gosto do seu aspecto, é isto.

— O que importa a forma como parecem?

— Não gosto da sensação. Foi o que quis dizer. Da situação.

Anna alisou as saias do vestido — de musselina com saia creme e um busto de crochê, um dos cinco que ela comprara dos vendedores de segunda mão após o naufrágio do *Titania* algumas semanas antes. Dois dos vestidos haviam-se salpicado de bolor negro, do tipo que nenhuma sequência de lavagens removeria. Eram todos muito pesados, e os espartilhos, muito reforçados, sinais a partir dos quais ela presumiu serem relíquias de uma época mais antiga e rígida. O vendedor de salvamentos, enquanto embrulhava em papel as compras, a informara, assaz estranhamente, de que o *Titania* não transportava quaisquer passageiras mulheres no dia que afundou; ainda mais estranho era ninguém ter-se pronunciado para reivindicar aquele baú específico após a carga ter sido recuperada do naufrágio. Nenhuma das firmas de remessas parecia saber algo sobre ele. O conhecimento de embarque se tornara ilegível devido à água salgada, e o registro não listava o item pelo nome. Era certamente um mistério, concluiu o homem do salvamento. Ele esperava que ela não passasse por nenhum constrangimento ou dificuldade ao vesti-los.

Clinch pressionou.

— Como você garante domínio de si, quando está sob o efeito? Como vai se defender, caso… caso… bem, caso encontre algo… impróprio?

Anna suspirou.

— Isso não lhe diz respeito.

— Diz respeito a mim quando posso ver, tão claro quanto o dia, que ele tem ascendência sobre você e que está usando você para fazer o mal.

— Ele sempre terá superioridade sobre mim, senhor Clinch.

Clinch estava ficando chateado.

— De onde surgiu… essa sua sede? Responda-me isso! Você apenas pegou num cachimbo e pronto, já foi o bastante? Por que o fez, se não foi obrigada pelo próprio senhor Mannering? Ele sabe muito bem como deseja mantê-la: sem espaço para se movimentar, é isso. Acha que já não vi esse método antes? As outras meninas nem tocam na coisa. Ele sabe disso. Mas ele a experimentou em você. Ele a iniciou. Ele a levou lá.

— Edgar…

— O quê? — disse Clinch. — O quê?

— Por favor, me deixe em paz — disse Anna. — Não suporto isso.

O Sol de Leão

Em que Emery Staines desfruta de um demorado almoço com o magnata Mannering, o qual, ao longo do mês anterior, empreendera um resoluto esforço para cortejar sua amizade, comportando-se prefeitoralmente, tal como prefere fazer, quase como se fosse ele a autoridade que julga e felicita os triunfos dos garimpos.

— Você é um homem que veste seu próprio sucesso, senhor Staines — disse Mannering. — Eis um uniforme que me apraz.

— Temo — disse Staines — que tenham exagerado terrivelmente minha sorte.

— Modéstia sua. Foi uma tremenda descoberta, entende, aquela pepita. Eu vi o relatório do banco. Quanto alcançou… cerca de cem libras?

— Mais ou menos — disse Staines, incomodado.

— E você a extraiu no desfiladeiro, disse!

— Perto do desfiladeiro — corrigiu Staines. — Não consigo lembrar exatamente onde.

— Bem, foi um golpe de boa sorte, seja lá de onde veio — disse Mannering. — Você vai terminar esses mariscos ou podemos passar aos queijos?

— Vamos em frente.

— Cem libras! — disse Mannering, enquanto sinalizava para o garçom vir retirar os pratos. — É um grande bocado, maior que o preço do Gridiron Hotel, seja lá quanto pagou pela propriedade. Quanto pagou?

Staines crispou-se.

— Pelo Gridiron?

— Vinte libras, não foi?

Ele mal conseguia disfarçar.

— Vinte e cinco — disse ele.

Mannering esbofeteou a mesa.

— Aí é que está. Você está sentado numa pilha de dinheiro vivo e não gastou sequer um pêni em quatro semanas. Por quê? Qual é a sua história?

Staines não respondeu imediatamente.

— Sempre considerei — disse ele finalmente — que há uma grande diferença entre guardar um segredo próprio e guardar um segredo de alma alheia; e tanto considerei que queria que tivéssemos duas palavras, ou seja, uma palavra para descrever um segredo de fabricação própria e outra palavra para descrever um segredo que não se fabricou, e que talvez não se desejou, mas se escolheu guardar, da mesma maneira. Sinto o mesmo em relação ao amor; sinto que há um mundo de diferença entre o amor que se dá, ou se quer dar, e o amor que se deseja ou se recebe.

Eles permaneceram em silêncio por um momento. Então Mannering disse, rispidamente:

— O que está me dizendo é que esta não é toda a verdade.

— A sorte nunca é toda a verdade — disse Staines.

Aquário e Saturno

Em que Sook Yongsheng, tendo recentemente instalado residência na Chinatown de Kaniere, viaja para aparelhar-se de vários itens de ferragens em Hokitika, onde é observado pelo carcereiro George Shepard, tido como irmão do homem a quem fora acusado de matar e marido do verdadeiro assassino daquele homem, Margaret.

Margaret Shepard quedava na soleira da loja de ferragens, esperando seu marido finalizar suas compras e pagar; Sook Yongsheng, ainda que a menos de oito pés de distância dela, protegia-se de sua vista atrás da prateleira de produtos secos. Shepard, aproximando-se do lado da prateleira, viu-o primeiro. Ele estacou de imediato, e sua expressão se endureceu; numa voz que era assaz comum, contudo, ele disse:

— Margaret.

— Sim, senhor — sussurrou ela.

— Volte ao acampamento — disse Shepard, sem tirar os olhos de Sook Yongsheng. — Imediatamente.

Ela não perguntou o porquê; em silêncio ela se virou e saiu. Quando a porta se fechou com estrondo, a mão direita de Shepard se moveu, muito lentamente, até pousar em seu coldre. Na mão esquerda ele segurava um embrulho contendo um rolo de papel, duas dobradiças, uma bola de barbante e uma caixa de pregos de cabeça chata. Sook Yongsheng estava ajoelhado ao lado das latas de parafina, fazendo com os dedos algum tipo de cálculo; ele pusera seus pacotes a seu lado, no chão.

Shepard tinha consciência, confusamente, de que a atmosfera na loja se tornara muito calma. De algum lugar atrás dele, alguém disse:

— Algum problema, senhor?

Shepard não respondeu de imediato. Em seguida, disse:

— Vou levar isto. — Ele ergueu o embrulho e aguardou; após um momento, ouviu um sussurrar, em seguida passos hesitantes

aproximando-se, em seguida o embrulho foi levado de sua mão. Quase um minuto se passou. Sook Yongsheng continuou contando; ele não olhou para cima. Então a mesma voz disse, quase num sussurro:

— Deu um xelim e meio, senhor.

— Pode cobrar da carceragem — disse Shepard.

A longa regência de Júpiter

Em que Alistair Lauderback, acreditando que seu meio-irmão Crosbie Wells fosse meio-irmão, do lado materno, do crápula Francis Carver, e acreditando, consequentemente, que Crosbie Wells fora de alguma maneira cúmplice na chantagem sob a qual ele, Lauderback, cedera sua amada barca Godspeed*, fica perplexo em receber uma carta com carimbo de Hokitika, cujo conteúdo deixa claro que sua conclusão fora deveras falsa, uma revelação que o incita, após longa e solene contemplação, a escrever uma carta de próprio punho.*

Seria exagero dizer que a correspondência renovada enviada pelo sr. Crosbie Wells compreendesse a única razão da decisão de Alistair Lauderback em candidatar-se ao assento do Parlamento em Westland; a carta servia, no entanto, para inclinar as balanças a favor do distrito. Lauderback leu a carta seis vezes, e então, suspirando, jogou-a sobre a mesa e acendeu seu cachimbo.

West Canterbury. Junho de 1865.
Senhor você irá notar pelo carimbo que eu não mais sou residente da província de Otago mas “puxei a carroça” como se diz. Você muito provavelmente teve poucos motivos para se aventurar ao oeste das montanhas então eu devo lhe dizer que West Canterbury é um mundo distinto dos relvados do South Canterbury. O alvorecer sobre a linha costeira é um espanto escarlate & os picos nevados absorvem a cor do céu. O mato é úmido & emaranhado & a água muito límpida. É contudo um lugar solitário, e não é tranquilo, pois o canto dos pássaros é constante & muito agradável devido à sua constância. Como pode já ter adivinhado eu deixei minha antiga vida para trás. Eu estou separado de minha esposa. Eu devo lhe dizer que escondi muita coisa de minha correspondência com você por medo de que se você soubesse a verdade crua sobre meu casamento você pensasse mal de mim. Eu não lhe importunarei com os detalhes de minha fuga para esse lugar pois é uma triste história & me entristece recordá-la. Dois é bom três é demais o que é uma marca menos notável que a de outros homens mas cumpre dizer que eu aprendi minha lição. Basta desse assunto em vez disso vou falar sobre o presente & o futuro. Não pretendo mais garimpar em busca de ouro embora West Canterbury esteja resplandecendo com a preciosidade & os homens estejam fazendo fortuna todos os dias. Não eu não irei prospectar & ter minha fortuna roubada novamente. Em vez disso tentarei trabalhar no comércio de madeira. Eu fiz uma boa amizade com um homem maori Terou Tow-Faray. Esse nome em sua língua nativa significa “a centésima casa dos anos”. Que pobres nomes nós camaradas britânicos temos em comparação a estes! Eu presumo que possa ser o verso de um poema. Tow-Faray é um nobre selvagem de primeiro grau & estamos rapidamente ficando amigos. Confesso que eleva meu humor estar novamente na companhia dos homens.

Seu etcetera,
crosbie wells

Decência inerente

Em que Emery Staines presta uma visita a Anna Wetherell no Gridiron Hotel, onde lhe suplica, após certo preâmbulo, que narre sua versão da fuga de Crosbie Wells; e Anna, curiosa pela urgência e franqueza de seu apelo, não vê razão para não lhe contar a história na íntegra.

Emery Staines não reconheceu, no vestido que Anna usava, um dos cinco que ele fora incumbido de proteger, pistola na mão, no Hawthorn Hotel na tarde de 12 de maio. Ocorrera-lhe, quando primeiro a fitou, que o traje lhe caía bastante esquisito — havia claramente sido costurado para uma mulher muito mais rechonchuda que ela —, mas ele pôs o pensamento de lado tão rapidamente quanto ele lhe sobreviera. Eles se saudaram muito calorosamente, mas com mútua incerteza, e, após uma pausa desajeitada, Anna convidou-o ao salão, onde se sentaram nas cadeiras de espaldar reto defronte à lareira.

— Senhorita Wetherell — disse Staines de imediato —, há algo que gostaria de perguntar, algo terrivelmente impertinente, e deve me deter imediatamente caso não queira responder… caso não queira me satisfazer, digo… por quaisquer razões que sejam.

— Oh — disse Anna, e então inspirou, como se quisesse se fortificar, e virou o rosto de lado.

— O que foi? — disse Staines, recuando.

Abruptamente ela levantou-se da cadeira e atravessou o quarto; ela estacou um momento, respirando profundamente, seu rosto virado para a parede.

— É uma estupidez — disse ela densamente. — É uma estupidez. Não ligue. Ficarei bem em um instante.

Staines também se levantara, em aturdimento.

— Eu a ofendi? — disse ele. — Sinto muitíssimo se a ofendi… Mas, o que se passa? O que poderia estar se passando?

Anna enxugou o rosto com a mão.

— Não é nada — disse ela, ainda sem se virar. — Veio como uma surpresa, foi isso… mas foi uma estupidez pensar de outra forma. Não é culpa sua.

— O que veio como uma surpresa? — disse Staines. — Qual seria a outra forma?

— Apenas que você…

— Sim? Por favor, me diga, de modo que eu possa reformular. Por favor.

Ela por fim se recompôs e se virou.

— Pode fazer sua pergunta — disse ela, esforçando um sorriso.

— Tem certeza de que está bem?

— Muita certeza — disse Anna. — Por favor, pergunte.

— Bem, está certo — disse Staines. — Ei-la. É referente a um homem chamado Crosbie Wells.

A expressão de tormento de Anna dissolveu em uma expressão de choque.

— *Crosbie Wells*?

— Ele é um amigo em comum com você, penso eu. Pelo menos, quer dizer, ele tem minha lealdade; tenho a impressão de que ele também tem a sua.

Ela não respondeu; após estreitar os olhos a ele por um momento, disse:

— Como o conheceu?

— Não posso lhe contar exatamente — disse Staines. — Ele me pediu que mantivesse em segredo… seu paradeiro, quero dizer, e as circunstâncias de nosso encontro. Mas ele mencionou seu nome em conexão com uma pepita de ouro, com um homem chamado Francis Carver, com algum tipo de roubo; e, caso não me julgue muito impertinente, o que sou, sei que sou… então eu gostaria muito de ouvir a história completa. Não poderia dizer que é caso de vida ou morte, porque não é, e não poderia dizer que muita coisa depende de eu sabê-la, porque na verdade nada depende disso; acontece que entrei numa espécie de parceria com o senhor Carver… fui um tolo em ter entrado; sei disso somente agora, e tive a sensação, a horrível sensação de que eu estava errado sobre ele; a sensação de que ele é um patife, afinal de contas.

— Ele está aqui? — disse ela. — Crosbie. Ele está em Hokitika?

— Infelizmente, não posso lhe dizer — disse Staines.

As mãos dela se moveram até o umbigo.

— Não precisa me contar onde ele está — disse ela. — Mas preciso que leve um recado a ele. Um recado importante… dado por mim.

O ascendente

Em que Te Rau Tauwhare se recusa a mencionar a Crosbie Wells o nome de Francis Carver, muito menos a descrever as circunstâncias da breve interação entre eles um mês antes, uma omissão que se deve em parte a uma natureza profundamente privada e em outra a uma determinada astúcia quando se trata de vantagem financeira; na próxima vez que vir Francis Carver, pensa Tauwhare, ganharei um xelim fácil, talvez até mais.

Crosbie Wells havia comprado quatro placas de vidro para uma janela quadriculada, mas precisava ainda cortar o buraco e encaixar o peitoril; por enquanto, as placas haviam sido escoradas contra a parede, refletindo, fracamente, a luz bruxuleante da lamparina e a grelha quadrada do fogareiro.

— Eu conheci um homem que perdeu um braço nas inundações em Dunstan — dizia Wells. Ele se amparava em seu catre, uma garrafa de bebida em seu peito; Tauwhare sentava-se defronte, acalentando ele mesmo uma garrafa. — Foi pego numa correnteza, veja, seu braço ficou preso e não conseguiram salvá-lo. Ele tinha um nome bem comum. Smith, Stone ou algo assim. De qualquer maneira, o ponto é que ele mais tarde falou sobre isso, o incidente, e seu maior pesar, ele disse, foi que o braço que ele perdeu era um inteiro tatuado. Um navio completamente equipado, era a figura… um presente para si mesmo, após ter contornado o cabo Horn… e incomodava-o extremamente tê-lo perdido. Por alguma razão, isso ficou na minha cabeça, essa história. Perder uma tatuagem. Eu perguntei a ele se ele não poderia simplesmente tatuar o outro braço, mas ele se sentia estranho quanto a isso. Eu nunca farei isso, ele disse. Eu nunca farei isso.

— É doloroso — disse Tauwhare. — *Ta moko*.

Wells fitou-o.

— Algumas vezes é chocante — disse ele — ver a si mesmo? Depois de passar um tempo sem se encarar num espelho, digo.

Você se esquece?

— Não — disse Tauwhare. — Nunca. — Seu rosto estava nublado; a luz da lamparina realçava as linhas em volta de sua boca, dando à sua expressão uma aparência circunspecta e solene.

— Acho que eu esqueceria.

— Nós temos um ditado — disse Tauwhare. — *Taia a moko hei hoa matenga mou*.

— Eu já cortei o rosto de um homem com uma faca — disse Wells, ainda fitando-o. — Dei-lhe uma cicatriz. Bem aqui. Do olho até a boca. Sangrou como nunca. A sua doeu como nunca?

— Sim.

— Já matou algum homem, Tauwhare?

— Não.

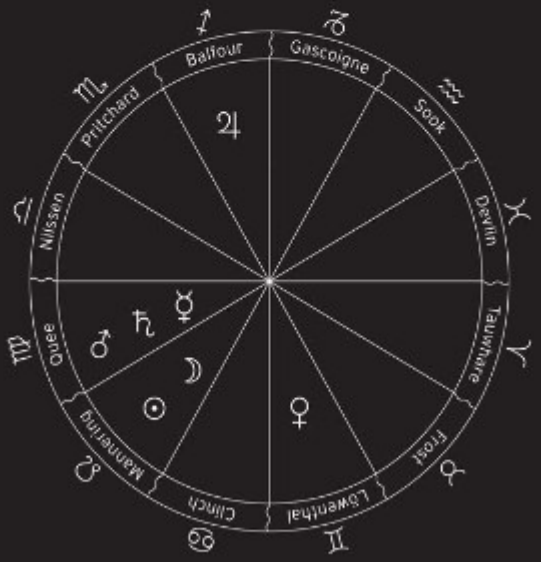
— Não — disse Wells, voltando-se para sua garrafa. — Nem eu.

PARTE OITO

A VERDADE SOBRE A AURORA

22 DE AGOSTO DE 1865

42° 43' 0" S / 170° 58' 0" L



Saturno em Virgem

Em que Quee Long leva uma queixa à lei, e George Shepard, cujo ódio pessoal a Sook Yongsheng aumentou, ao longo do tempo, até se dirigir a qualquer homem chinês, se recusa a considerá-la, uma injustiça da qual, nem então nem depois, sente remorso algum.

— Não entendo o que está dizendo.

Ah Quee suspirou. Apontou, pela terceira vez, para seu certificado de contratação, o qual jazia na mesa de Shepard entre eles. No campo assinalado “atual sítio de trabalho”, estava escrita a palavra “Aurora”.

— Esgotada — explicou ele. — Aurora concessão esgotada.

— A Aurora é uma concessão esgotada, e você trabalha na Aurora, sim. Esse tanto eu entendi.

— Mannering — disse Ah Quee. — Mannering fazer esgotada *não* esgotar.

— Mannering fazer esgotada não esgotar — repetiu Shepard.

— Muito bom — disse Ah Quee, assentindo. — Homem muito ruim.

— O que ele é, muito bom ou muito ruim?

Ah Quee franziu o cenho; então, disse:

— Homem muito ruim.

— Como ele faz a esgotada não se esgotar? Como? *Como*?

Ah Quee pegou sua bolsa e ergueu-a. Movendo-se muito deliberadamente, de modo que Shepard não perdesse a ação, ele extraiu um pêni de prata, o qual transferiu para seu bolso esquerdo. Ele aguardou um momento, e então tirou o pêni de seu bolso e devolveu-o à bolsa, tal como antes.

Shepard suspirou.

— Senhor Quee — disse ele. — Eu vejo que o prazo de seu contrato não vai expirar dentro de poucos anos; o prazo de minha paciência, contudo, expirou já faz alguns minutos. Não tenho nem os recursos nem a disposição para iniciar uma investigação nas

finanças do senhor Mannering à força de um palpite mal-articulado. Sugiro que retorne à Aurora e considere-se sortudo por ter um trabalho afinal de contas.

Júpiter em Sagitário

Em que Alistair Lauderback, tendo agora oficialmente anunciado sua intenção de se candidatar ao assento de Westland no Quarto Parlamento da Nova Zelândia, uma ambição que, em acréscimo a promover sua já ilustre carreira política, o levará pelos Alpes até a própria Westland nos meses seguintes, assim concedendo a entrevista que seu irmão bastardo havia tanto desejava, agora volta sua mente a questões mais práticas, ou, mais exatamente dizendo, roga que um velho associado volte a mente a questões práticas em nome do próprio Lauderback.

Akaroa. 22 de agosto.
Meu caro Tom —

Creio que já sabe de minha aspiração a concorrer ao assento de Westland; mas, caso esta notícia lhe seja uma surpresa, anexei um artigo do *Lyttelton Times* que explica o anúncio e minhas razões para tal, em mais detalhes do que tenho tempo aqui. Pode estar certo de que estou ansioso para ver as belas vistas de West Canterbury com meus próprios olhos. Planejo chegar a Hokitika em 15 de janeiro, uma estimativa que depende do tempo, já que vou fazer a jornada por terra, em vez de por mar, a fim de seguir e inspecionar a futura estrada Christchurch. Prefiro viajar leve, como você sabe; providenciei para que um baú com pertences pessoais seja transferido de Lyttelton nos últimos dias de dezembro. O *Virtue* poderia coletar o baú em Dunedin antes de sua partida, no dia 10 de janeiro, e transportá-lo até a costa? Como um forasteiro em West Canterbury, submeto-me ao seu conhecimento em questões de hospedagem, jantar, aluguel de carruagens, adesão a clube etcetera em Hokitika. Confio totalmente em seu bom gosto e capacidade, e permaneço,

seu etcetera,
A. LAUDERBACK

Lua nova em Leão

Em que Mannering, levando Anna Wetherell a Kaniere, percebe nela uma nova qualidade, uma severidade, uma espécie de distância; uma observação que internamente o conduz à piedade, embora, quando ele se pronuncie, cerca de três milhas depois de feita essa observação, não o faça para consolá-la, tendo as milhas passadas operado nele uma severidade própria.

— O sofrimento não servirá. O sofrimento é ruim para os negócios, seja qual for o negócio. Um homem não vai apostar nele, e um homem não vai apostar contra ele… e deve ser ou um ou outro, entende, em nosso ramo de trabalho. Você compreende?

— Sim — disse Anna. — Eu compreendo.

Ele a levava até Chinatown, onde Ah Sook a esperava com sua resina e seu cachimbo.

— Nunca nenhuma garota minha morreu, e nunca nenhuma garota minha foi espancada — disse ele.

— Eu sei — disse ela.

— Então pode confiar em mim — disse ele.

Sol em Leão

Em que Staines confia em Mannering a ponto de admitir arrepender-se de haver se submetido a um acordo de patrocínio com o sr. Francis Carver, explicando que a opinião inicial que ele, Staines, formava do caráter e da história de Carver, era e é gravemente equivocada, sendo agora sua opinião a de que Carver é um patife de primeira marca, e um patife nem um pouco merecedor de boa sorte; ao que Mannering, rindo ligeiramente, propõe uma solução um tanto quanto eletrizante, porque ignóbil.

— Há somente um crime de verdade num garimpo — disse Mannering a Staines enquanto marchavam no matagal a caminho do extremo sul da jazida Aurora. — Não ocupe sua cabeça com assassinato, roubo ou traição. Não: o crime dos crimes é a fraude. Fazer troça com as esperanças de um mineiro, entende, porque as esperanças de um mineiro são tudo que ele possui. A fraude dos mineiros tem duas variedades. Salgar uma concessão é a primeira. Apregoar uma concessão que está esgotada é a segunda.

— Qual se considera a mais grave?

— Depende do que você entende por “grave” — disse Mannering, afastando uma parreira. — Se salgar uma concessão e for pego, pode ser assassinado enquanto dorme; se apregoar uma esgotada e for pego, fica sujeito a ser linchado. A sangue-frio, a sangue quente. Você escolhe.

Staines sorriu.

— Estou prestes a fazer negócios com um homem de sangue frio?

— Pode decidir por contra própria — disse Mannering, arremessando o braço. — Aqui está: a Aurora.

— Ah — disse Staines, parando também. Ambos arfavam ligeiramente por causa da caminhada. — Ora, muito bom.

Juntos eles inspecionaram a terra. Staines notou um homem chinês, agachado a cerca de trinta jardas de distância, a bateia

frouxa nas mãos.

— Qual o contrário de uma “zarpada”? — disse Mannering dentro em pouco. — Uma “arraigada”? Uma “atenha-se ao senhor Carver”?

— Quem é aquele? — disse Staines.

— Quee — disse Mannering. — Este é um que ficará por aqui.

Staines baixou a voz.

— Ele sabe disso?

Mannering riu.

— “Ele sabe disso?” O que foi que acabei de lhe dizer? Não gosto da ideia de ser assassinado durante o sono, obrigado.

— Ele deve achar essa empreitada terrivelmente miserável.

— Não tenho a menor ideia do que aquele homem pensa — disse Mannering, despeitadamente.

Outro tipo de alvorecer

Em que Ah Quee, pondo as mãos sobre as curvas cheias de metal do corpete de Anna, faz uma curiosa descoberta, cujo significado preciso ele não vai imaginar até oito dias mais tarde, quando a alternância entre os quatro vestidos de musselina de Anna dão-lhe uma estimativa mental da dimensão das riquezas que contêm, excluindo, é evidente, o pó contido no vestido de seda laranja, o qual Anna nunca usa em Kaniere.

Anna jazia perfeitamente imóvel, os olhos fechados, enquanto Ah Quee corria as mãos sobre seu vestido. Ele tateou cada parte de seu espartilho com os dedos; delineou cada folho; pegou a pesada bainha e derramou o tecido nas mãos. Seu toque metódico pareceu ancorá-la no tempo e no espaço; ela sentiu que era imperativo que ele tocasse cada parte do vestido antes de tocá-la, e essa convicção encheu-a de uma calma lúcida e poderosa. Quando ele escorregou o braço debaixo de seus ombros para virá-la, ela aquiesceu sem emitir som algum, levando à boca as mãos moles, como um bebê, e virando o rosto em direção ao seu peito.

PARTE NOVE

TERRA MUTÁVEL

20 DE SETEMBRO DE 1865

42° 43' 0'' S / 170° 58' 0'' L



Lua crescente em Virgem

Em que Ah Quee enche sua fornalha com carvão, pretendendo fundir o restante do pó extraído do vestido de Anna e inscrever as barras fundidas com o nome da jazida à qual serve, a Aurora; e Anna, enquanto dorme, murmura sons de aflição e leva a mão à bochecha, como se tencionasse estancar uma ferida.

Quando Anna acordou, era de manhã. Ah Quee movera-a para o canto da cabana. Pusera um cobertor dobrado debaixo de sua bochecha e cobrira-a com uma capa de lã, a sua própria. Ela soube, ao acordar, que havia falado durante o sono, pois se sentia enrubescida e atormentada, e quente demais; seus cabelos estavam úmidos. Ah Quee ainda não notara que ela havia acordado. Ela jazia imóvel e o observava enquanto ele devorava seu café da manhã, examinava as unhas, assentia, cantarolava, se inclinava para atiçar os carvões.

Sol em Virgem

Em que Emery Staines, a quem Crosbie Wells narrou a história completa de sua traição pelas mãos de Francis Carver, tendo cada um ganhado a confiança e a lealdade do outro, decide, num momento, falsificar o relatório trimestral, removendo dos registros da jazida qualquer evidência da fortuna, e quase se esquecendo, ao fazê-lo, do determinado trabalhador Quee, o qual, de acordo com o protocolo e não obstante as circunstâncias de seu contrato, é, ainda assim, merecedor de uma gratificação.

Emery Staines, ao chegar no entreposto do acampamento, surpreendeu-se em ver que a caixa da Aurora estava sinalizada, significando que uma extração fora submetida. Solicitou ao vigia do ouro para destrancar a caixa. Dentro dela havia uma bela treliça de barras de ouro fundidas. Staines pegou uma das barras na mão.

— Se eu lhe pedisse para ficar de costas um momento — disse ele dentro em pouco —, enquanto eu transfiro o conteúdo desta caixa para outro lugar, qual seria seu preço?

O vigia pensou um momento, correndo os dedos acima e abaixo no cano de sua espingarda.

— Eu o faço por vinte libras — disse ele. — Esterlinas. Em espécie.

— Eu lhe darei cinquenta — disse Staines.

Um eclipse parcial do Sol

Em que Emery Staines viaja ao vale Arahura, levando à mão um saco, com a intenção de enterrar a fortuna, por um período de segurança, numa porção de terra reservada ao uso dos maoris, não tendo considerado a possibilidade de que Francis Carver pudesse em breve retornar a Hokitika para investigar por que a jazida Aurora, um investimento tão promissor, tornou-se uma verdadeira concessão esgotada.

Um tui mergulhou a cabeça no linho-da-nova-zelândia no ombro de Staines e deu seu estridente grito — soando, aos seus ouvidos, como uma estaca sendo arrastada enquanto um assovio débil entoasse uma melodia. Que som maravilhosamente esquisito! Ele estendeu a palma da mão e tocou as lâminas cerosas do linho, notando com prazer suas vívidas cores: roxo na ponta das lâminas, derretendo-se em um verde esbranquiçado no exato meio da folha.

O tui bateu asas, e fez-se o silêncio. Staines se agachou e pegou as barras fundidas. Colocou-as cuidadosamente no fundo do buraco que havia cavado. Após tê-las enterrado, ele arranjou por cima delas várias pedras achatadas, numa sequência que teria certeza de reconhecer, e então apagou suas pegadas.

Papa-tu-a-nuku

Em que, meia milha rio abaixo do local do ouro recém-enterrado, Crosbie Wells e Tauwhare sentam-se para um hangi, uma refeição que é cozida num braseiro coberto de terra e mais tarde é escavada, e as folhas em volta da carne são desembrulhadas para render um banquete úmido e ricamente aromatizado pela fumaça, pelo tanino, pelos ricos e argilosos sabores do solo.

— O que estou dizendo é que é tudo muito simples. Você com seu jade, nós com nosso ouro. Poderia ser precisamente o contrário. As corridas do jade, poderíamos chamá-las. Uma “corrida do verde”, poderíamos dizer.

Tauwhare pensou sobre isto, ainda mastigando. Após um momento ele mastigou e balançou a cabeça.

— Não — disse ele.

— Não existe diferença — insistiu Wells, alcançando outro pedaço de carne. — Você pode não gostar... Mas tem que admitir que não há diferença alguma. É somente um mineral ou outro qualquer. Uma pedra ou outra.

— Não — disse Tauwhare. Ele parecia irado. — Não é a mesma coisa.

PARTE DEZ

QUESTÕES DE SUCESSÃO

11 DE OUTUBRO DE 1865

42° 43' 0" S / 170° 58' 0" L



Prejuízo

Em que Anna Wetherell, que se recorda da agressão ocorrida na sala privada das mulheres da Casa dos Muitos Desejos em Dunedin, na noite de 12 de maio, com uma clareza apavorada e nauseante, e que se sente miserável, diariamente, ante a memória daquela agressão, uma miserabilidade não amenizada por saber que seu conluio, embora tácito, ajudou um homem inocente a escapar incólume, é surpreendida pelo surgimento do homem desfigurado em pessoa, e, num momento de fraqueza, perde a cabeça.

Francis Carver cavalgava interior adentro pela estrada de Kaniere quando divisou uma figura familiar na beira da via. Ele freou, apeou do cavalo e aproximou-se dela, percebendo que seu andar estava cambaleante, e seu rosto, muito enrubescido. Ela sorria.

— Ele fugiu — balbuciou ela. — Eu o ajudei.

Carver aproximou-se. Pôs o dedo debaixo do queixo dela e levantou seu rosto.

— Quem?

— Crosbie.

Carver imediatamente se enrijeceu.

— Wells — disse ele. — Onde ele está?

Ela deu um soluço; subitamente, pareceu assustada.

— Onde? — Ele se afastou e esbofeteou-a, forte, no rosto. — Me responda. Ele está aqui?

— Não!

— Em Otago? Canterbury? Onde?

Em desespero, ela se virou para correr. Carver apanhou-a pelo ombro, deu-lhe um puxão — mas justo então se ouviu o estampido de um tiro nas redondezas…

— Whoa! — gritou Carver, rodopiando para longe…

E o cavalo recuou.

Queda

Em que Anna Wetherell conta uma mentira para proteger Crosbie Wells, tentando, com esse ato de lealdade tardio, expiar uma traição anterior, cuja memória parcial avança e retrocede, de modo incerto, por sua mente haver sido três vezes nublada, uma pela fumaça, outra pela violência e por fim pelo opiáceo administrado pelo médico dr. Gillies, preliminarmente a um procedimento assaz infeliz, durante o qual Anna soluçou, gemeu, se arranhou, ficando tão extenuada que o dr. Gillies viu-se forçado a pedir ajuda para contê-la, e Löwenthal, normalmente um homem de certa fortitude em ocasiões de ferimentos ou perturbações, chorou copiosamente enquanto afastava-lhe as mãos do corpo.

Quando Anna abriu os olhos, Löwenthal estava de pé diante dela, numa mão um pano branco, na outra um frasco de láudano; atrás dele estava Edgar Clinch, pálido.

— Ela acordou — disse Clinch.

— Anna — disse Löwenthal. — Anna. Querida.

— Mnh — disse ela.

— Conte o que aconteceu. Conte quem foi.

— Carver — disse ela, densamente.

— Sim? — disse Löwenthal, inclinando-se.

Ela não deve trair Crosbie Wells. Ela jurou não o trair. Ela não deve mencionar seu nome.

— Carver… — disse ela novamente, sua mente entrando, saindo de foco.

— Sim?

— … era o pai — disse Anna.

O descendente

Em que Emery Staines, sabendo da agressão a Anna por intermédio de Benjamin Löwenthal, monta imediatamente seu cavalo e cavalga para o vale Arahura, a mandíbula cerrada, os olhos cravejados de lágrimas, sendo estes os sinais externos de uma perturbação emocional à qual, ao longo do curso de sua viagem, não atribui causa real, e muito menos tenta articular, haja vista que qualquer emoção poderosa pode ser imediatamente articulada ou entendida por aquele que a sofre, o qual, neste caso, ficara tão angustiado com o relato franco de Löwenthal sobre os ferimentos suportados e com o sangue que encharcava seu avental de impressor do peito até o quadril, que esqueceu carteira e chapéu nos estábulos, e, enquanto cavalgava, quase derrubou Harald Nilssen enquanto este saía da Tiegreen's Ferragens com um embrulho de papel debaixo do braço.

Wells abriu a porta. Lá sobre a soleira, contorcido, estava Emery Staines.

— O bebê faleceu — soluçou ele. — Seu bebê faleceu.

Wells ajudou-o a entrar e ouviu a história. Então pegou uma garrafa de brandy, serviu um copo a cada um, emborcaram-no, serviu outro, emborcaram-no, serviu mais um.

Quando a garrafa estava vazia, Staines disse:

— Eu darei metade a ela. Eu dividirei com ela. Eu tenho uma fortuna, secreta, enterrada na terra. Eu vou escavá-la.

Wells encarou-o. Após um tempo, ele disse:

— Quanto é a metade?

— Ora — balbuciou Staines —, diria que talvez duas mil. — Ele baixou a cabeça sobre a mesa e fechou os olhos.

Wells retirou uma lata de estanho de sua prateleira, abriu-a e puxou uma folha de papel nova e uma caneta-tinteiro.

> Neste 11º dia de outubro de 1865, uma quantia de duas mil libras deve ser entregue à senhorita anna wetherell, antigamente de New South Wales, pelas mãos do sr. emery staines, antigamente de New South Wales, como testemunhado pelo sr. crosbie wells, que a esta presidiu.

— Aqui — disse Wells. Ele assinou o próprio nome e empurrou a folha para Staines. — Assine.

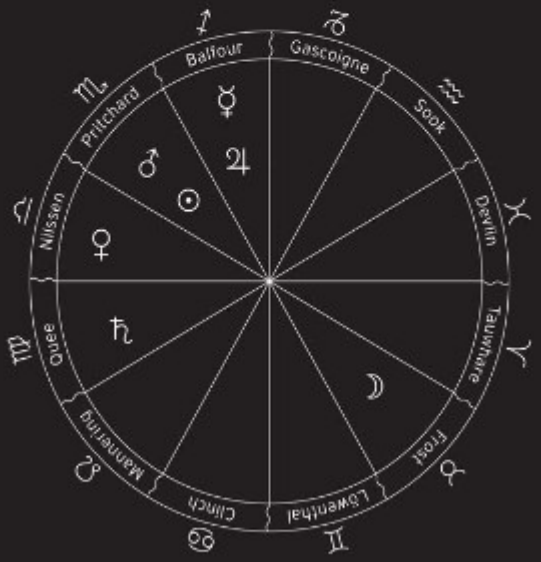
Mas o rapaz dormia.

PARTE ONZE

ÓRION SE PÕE QUANDO ESCORPIÃO ASCENDE

3 DE DEZEMBRO DE 1865

42° 43' 0" S / 170° 58' 0" L



Lua em Touro (domínio de Órion)

Em que Anna Wetherell, perdida em meditações, contabiliza suas obrigações, um projeto que dá ensejo a tamanho desconsolo, que sua mente desvia os olhos, por assim dizer, e lança-se em busca de assunto mais leve, aterrissando, inevitavelmente, sobre a forma sorridente e de olhos brilhantes de Emery Staines, cuja boa opinião ela acabou por desejar acima de todas as outras dentre seus conhecidos, um desejo reprimido tão frequentemente quanto é expressado, sabendo que sua posição fica a um mundo acima da dela, e suas perspectivas, tão brilhantes e numerosas quanto as dela são sombrias e escassas, e, presumindo que sua consideração por ela é igualmente contrária, ou seja, exatamente oposta à dela por ele, uma crença sustentada a despeito do fato de que ele a visitou três vezes desde sua recuperação, e recentemente presenteou-a com uma garrafa de brandy andaluz, a última garrafa do tipo em toda Hokitika, embora ele houvesse ficado subitamente apavorado ao vê-la pegar a garrafa de suas mãos e suplicado para tê-la de volta e retornar com outro presente mais adequado, ao que ela respondeu, honestamente, que muito se lisonjeava em receber um presente que não tentava, de nenhuma maneira, ser adequado, e de qualquer maneira, era a última garrafa do tipo em toda Hokitika, e portanto, muito mais rara e excepcional que qualquer suvenir ou bugiganga que ela já recebera.

A dívida de Anna com Mannering dobrara no último mês. Cem libras! Ela levaria uma década para ressarcir tal montante, talvez até mais, caso se considerassem as taxas de usura, o custo do ópio e o fato de que o próprio valor dela, inevitavelmente, viria a cair. Sua respiração embaçara o ângulo da janela: ela estendeu a mão para tocá-la. Havia um fragmento de algo em sua mente, um aforismo. “Uma mulher caída não tem futuro; um homem ascendido não tem passado.” Teria ouvido da boca de alguém? Ou teria cunhado a expressão por conta própria?

Sol em Escorpião

Em que Emery Staines, perdido em meditações, duvida das próprias intenções, tendo sua natural franqueza aceitado muito prontamente a realidade de seu desejo, a realidade de seu prazer, a tranquilidade com que seu prazer poderia ser obtido, expressões que não lhe causavam vergonha, mas que não obstante o faziam reconsiderar, pois ele sente, seja quais forem as diferenças entre suas respectivas posições, um certo vínculo com Anna Wetherell, uma conexão, em virtude da qual ele se sente antes menos completo do que mais completo, no sentido de que a natureza dela, sendo ao mesmo tempo oposta e de acordo com sua própria, parece iluminar aqueles aspectos internos de seu caráter que sua conduta externa não consegue ou não pode expressar, fazendo-o sentir-se tanto dividido quanto duplicado, ou, em outras palavras, duplicado quando na presença dela, e dividido quando longe dela, e como consequência torna-se repentinamente incerto quanto a essas qualidades de franqueza e de amável curiosidade com que pode ter normalmente agido, sem dúvida e sem demora; essas meditações sendo interrompidas, frequentemente, por uma observação de Joseph Pritchard — "Não fosse por sua dívida, por sua dependência, ela teria recebido uma dúzia de propostas de casamento vindas de uma dúzia de homens" — que fica retornando, incomodamente e sem variação, à sua cabeça.

Talvez ele pudesse comprá-la por toda uma noite. Pela manhã, ele poderia levá-la ao Arahura, onde lhe mostraria a fortuna que ele ali enterrara. Poderia explicar que pretendia dar-lhe exatamente metade. O propósito do presente seria anulado se ele já houvesse pagado pelo prazer de sua companhia? Talvez. Mas ele poderia suportar que outros homens conhecessem-na de uma maneira que ele, Staines, não conhecia? Ele não sabia. Triturou uma folha contra a palma da mão e então a levantou até o nariz, para cheirar o sumo.

PARTE DOZE

A VELHA LUA NOS BRAÇOS DA JOVEM LUA

14 DE JANEIRO DE 1866

42° 43' 0" S / 170° 58' 0" L



Os luminares

Em que Anna Wetherell é comprada por uma noite; Alistair Lauderback cavalga para conhecer seu irmão bastardo; Francis Carver ruma para o vale Arahura guiado por uma dica; Walter Moody desembarca em solo neozelandês; Lydia Wells gira sua roda da fortuna; George Shepard senta-se em sua carceragem, a espingarda deitada sobre os joelhos; um caixote de transportes no cais Gibson é aberto; os amantes dormem juntos; Carver desarrolha uma ampola de láudano; Moody volta o rosto a céus desconhecidos; os amantes caem no sono; Lauderback ensaia seu pedido de desculpas; Carver encontra a fortuna escavada; Lydia gira novamente sua roda; Emery Staines acorda sozinho na cama; Anna Wetherell, em busca de consolo, acende seu cachimbo; Staines cai e bate a cabeça; Anna se abala; em confusão narcótica, Staines sai noite adentro; em confusão narcótica, Anna sai noite adentro; Lauderback espia, da cordilheira, o chalé de seu irmão; Crosbie Wells bebe metade da ampola; Moody dá entrada num hotel; Staines dá um passo em falso no cais Gibson e desaba; Anna dá um passo em falso na estrada Christchurch e desaba; o tampo do caixote de transportes é pregado; Carver joga uma folha de papel no fogareiro; Lydia Wells ri longa e alegremente; Shepard sopra seu lampião; e o espírito do eremita se separa, muito suavemente, e começa sua solitária passagem para o além, para encontrar seu descanso final entre as estrelas.

— Esta noite deve ser o verdadeiro começo.

— Foi?

— Será. Para mim.

— Meu começo foram os albatrozes.

— É um bom começo; fico feliz por esse ser o seu. Esta noite será o meu.

— Devemos tê-los diferentes?

— Começos diferentes? Penso que sim.

— E existirão outros?
— Um monte de outros. Seus olhos estão fechados?
— Sim. Os seus?
— Sim. Ainda que esteja tão escuro e mal faça diferença.
— Eu me sinto... mais do que eu mesmo.
— Eu me sinto... como se um novo aposento do meu coração se abrisse.
— Ouça.
— O que foi?
— A chuva.

Agradecimentos

Sou muito grata ao apoio e ao incentivo da New Zealand Arts Foundation, do espólio de Louis Johnson, Creative New Zealand, da New Zealand Society of Authors, da família Taylor-Chehak, da família Schultz, da Iowa Arts Foundation, do departamento de inglês da University of Canterbury, do Michael King Writer's Centre, do departamento de inglês da University of Auckland, do Manukau Institute of Technology Faculty of Creative Arts e dos meus colegas e professores do Iowa Writer's Workshop. Sinto-me muito afortunada por ter encontrado abrigo na Granta, do Reino Unido, na Little, Brown, dos Estados Unidos, e na Victoria University Press, na Nova Zelândia.

Este livro não é, absolutamente, um relato factual; contudo, tenho uma dívida de inspiração com o relato da prisão de Seaview de Colin Townsend, em *Misery Hill*, e à história das corridas do ouro da Nova Zelândia de Stevan Eldred-Grigg, *Diggers, Hatters and Whores*. Também estou em dívida com os arquivos de periódicos da Biblioteca Nacional da Nova Zelândia; com os recursos astrológicos extensos e às vezes hilários de www.astro.com; e com o trabalho dos astrólogos Stella Starsky e Quinn Cox. Para mapear posições estelares e planetárias utilizei o mapa celeste interativo fornecido por www.starandtelescope.com e também pelo aplicativo *Stellarium* para Mac.

Meu amor e agradecimentos a Max Porter, Sara Holloway e Fergus Barrowman; a Philip Gwyn Jones e Reagan Arthur; a Caroline Dawnay, Olivia Hunt, Jessica Craig, Linda Shaughnessy, Sarah Thickett, Zoe Ross e Sophie Scard; e, é claro, a Emma Borges-Scott, Justin Torres, Evan James, Katie Parry e Thomas Fox Parry, cuja amizade e conversa inspiraram este livro de incontáveis maneiras. Meus sinceros agradecimentos também a XuChong Judy Guan, que traduziu trechos deste livro para o cantonês fonético; a Christine Lo, Sarah Bance, Ilona Jasiewicz e Anne Meadows, que ajudaram a editar o original; a Barbara Hilliam, que desenhou os

mapas tão lindamente; a Philip Catton, que explicou as estrelas, os planetas e a seção áurea; e a Joan Oakley, que me enviou as notícias de navegação, do outro lado do mar.

Por último e acima de tudo: a Steven Toussaint, que esteve presente em cada conjunção, cada oposição e cada aurora; que foi o Externo e o Interno; que teve fé na relação e compartilhou essa fé comigo. Não consigo medir sua influência. Obrigada — a Você.

[1] Trocadilho entre um dos significados do substantivo *drake* (pato, marreco etc.) e sir Frances Drake (1540-96), vice-almirante e corsário inglês, célebre ocupante do posto de segundo viajante a circum-navegar a Terra. (n. t.)
[2] Outra maneira pela qual os chineses, principalmente os imigrantes que trabalhavam na mineração, eram comumente chamados, devido à antiga alcunha pelo qual seu país era antigamente conhecido: Império Celeste (literalmente , ou Tiâncháo). (n. t.)
[3] A quarta virtude teologal é a diligência; opõe-se ao quarto pecado capital, a preguiça. (n. t.)
[4] Área comercial no centro de Londres hoje conhecida pela opulência e, à época, provável local de passeio dos janotas britânicos em busca dos artigos de mais fino vestuário. (n. t.)
[5] Antigo garimpeiro solitário que passava toda a vida na mineração, fixando-se em cabanas e trabalhando por conta própria, em oposição ao eventual explorador "nômade" que buscava enriquecer-se rapidamente através de parcerias empreendedoras para então regressar à terra natal. (n. t.)
[6] Distrito londrino à margem do rio Tâmisa que, à época desta narrativa, era considerado de extrema pobreza devido aos inúmeros vilarejos de imigrantes (inclusive chineses) que ali se assentavam em busca de trabalho nas docas. A região foi ainda eternizada como um dos palcos de ação do romance de Charles Dickens *Our mutual friend* (1864-1865). (n. t.)
[7] Personagem folclórica inglesa, inspirada no comerciante e político homônimo que viveu no século xiv. É representado com seu fardel de viagem; tendo vivido uma infância muito miserável, peregrina em companhia de seu gato. (n. t.)
[8] Poços de armazenamento. (n. t.)
[9] Linho-da-nova-zelândia. (n. t.)
[10] Pakeha: neozelandeses de origem europeia. (N. T.)
[11] Te Tai Poutini: costa Oeste. (N. T.)
[12] Hapu: clã; Iwi: povo. (N. T.)
[13] "Cule" é, tal como "celestiais", uma forma pejorativa de tratamento de imigrantes chineses, primeiramente utilizada para designar os escravos de origem asiática. A estes, principalmente na Índia e no Sudeste Asiático, eram dados registros de trabalho e autorizações para que pudessem andar livremente na rua, sem os quais poderiam ser detidos ou deportados. (n. t.)
[14] William Kidd (1645-1701), lendário capitão escocês tido por carrasco impiedoso, por seus tripulantes e inimigos, e por sanguinário saqueador, pela Suprema Corte de Londres, que o enforcou sob acusações de pirataria e homicídio. (n. t.)
[15] Kumara: batata-doce. (n. t.)
[16]*Whanui* e *Pou-tu-te-rangi* são nomes de constelações e/ou fenômenos astrais que influenciam na colheita. (n. t.)
[17]*Tohunga*: um tipo de sábio maori. (n. t.)
[18] Dois versos célebres do poema *A balada do velho marinheiro* (1798), de Samuel Taylor Coleridge, aqui em tradução de Alípio Correia de Franca Neto (São Paulo: Ateliê Editorial, 2006). O poema, que se inicia com o velho Marinheiro abordando um convidado numa festa de casamento ("It is an ancient Mariner,/ And he stoppeth one of three."), narra como o personagem-título, ao alvejar um albatroz que seguia de perto seu navio, desperta a ira de seus colegas, que ao pássaro atribuíam a sorte obtida até então na jornada. Eles penduram a carcaça em seu pescoço, em sinal de reprovação ("Instead of the cross, the Albatross"). (n. t.)
[19] Uma parte do nome do advogado, *fellow*, significa em inglês "companheiro", "camarada". (n. t.)
[20] Expressão jurídica em latim que significa "suicídio". (n. t.)